|  |  |
| --- | --- |
| **Palingenesia** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação - pág. 21, 305, 310** | **02 - Da alma Humana - pág. 20** |
| **03 - Espírito, perispírito e alma - pág. 194, 196** | **04 - Forças sexuais da alma - pág. 13** |
| **05 - Ide e pregai - pág. 123** | **06 - O pensamento de Emmanuel - pág. 53** |
| **07 - O ser e a serenidade - pág. 46, 79, 113** | **08 - O ser subconsciente - pág. 34, 37, 201** |
| **09 - Palingênese, a grande lei - toda a obra** | **10 - Parapsicologia hoje e amanhã - pág. 139, 143** |
| **11 - Reencarnação - toda a obra** | **12 - Resumo da Doutrina Espirita - pág. 9, 145, 182** |
| **13 - Tramas do destino - pág. 98** | **14 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**Palingenesia – COMPILAÇÃO**

**(PARA SABER MAIS,VIDE NO ÍCONE REFLEXÕES)**

**01- A reencarnação - Gabriel Delanne - pág. 21, 305, 310**

**REVISTA HISTÓRICA SOBRE A TEORIA DAS VIDAS SUCESSIVAS**

A ÍNDIA: **A doutrina das vidas sucessivas ou reencarnação é também chamada PALINGENESIA, de duas palavras gregas - Palin, de novo; gênesis, nascimento. O que há de muito notável é que desde os albores da Civilização, ela foi formulada na Índia, com uma precisão que o estado intelectual dessa época longinqua não fazia pressagiar.**

**Com efeito, desde a mais alta Antiguidade, os povosda Ásia, e da Grécia acreditavam na imortalidade da alma, e mais ainda, muitos procuravam saber se essa alma fora criada no momento do nascimento ou se existia antes. Lembrarei, ligeiramente, as opiniões dos autores que estudaram a questão.  
  
A Índia é muito provavelmente o berço intelectual da Humanidade e é interessante que se encontrem nos Vedas e no Bhagavad-Gitâ passagens como a que se segue:"A alma não nasce nem morre nunca; ela não nasceu outrora nem deve renascer; sem nascimento, sem fim, eterna, antiga, não morre quando se mata o corpo.  
  
Como poderia aquele que a sabe impecável, eterna, sem nascimento e sem fim, matar ou fazer matar alguém?Assim como se deixam as vestes gastas para usar vestes novas, também a alma deixa o corpo usado para revestir novos corpos. Eu tive muitos nascimentos e também tu, Arjuna; eu as conheço todas, mas tu não as conheces..."  
  
Aqui se afirma, na doutrina védica, a eternidade da alma e sua evolução progressiva pelas reencarnações múltiplas, as quais têm por objeto a destruição de todo o desejo e de todo o pensamento de recompensa pessoal. Com efeito, prossegue ainda o instrutor (é sempre a voz celeste que fala): "Chegadas até mim essas grandes almas que atingiram a per­feição suprema, não entram mais nessa vida perecível, morada dos males. Os mundos voltarão a Brãhma, ó Arjuna, mas aquele que me atingiu não deve mais renascer."  
  
A Pérsia e a Grécia  
Encontra-se no Masdeísmo, religião da Pérsia, uma concepção muito elevada, a da redenção final concedida a todas as criaturas, depois de haverem, entretanto, experimentado as provas expiatórias que devem conduzir a alma humana à sua felicidade final. É a condenação de um inferno eterno, que es­taria em contradição absoluta com a bondade do Autor de todos os seres.  
  
Pitágoras foi o primeiro que introduziu na Grécia a dou­trina dos renascimentos da alma, doutrina que havia conhecido em suas viagens ao Egito e à Pérsia. Ele tinha duas doutrinas, uma reservada aos iniciados, que frequentavam os Mistérios, e outra destinada ao povo; esta última deu nascimento ao erro da metempsicose. Para os iniciados, a ascensão era gradual e progressiva sem regressão às formas inferiores, enquanto que ao povo, pouco evolvido, ensinava-se que as almas ruins deviasm renascer em corpos de animais, como o expõe nitidamente, seu discípulo Timeu de Locres na seguinte passagem:**

**"Pela mesma razão é preciso estabelecer penas passageiras (fundadas na crença) da transformação das almas (ou da metempsicose), de sorte que as almas (dos homens) tímidos passam (depois da morte) para corpos de mulheres, expostas ao desprezo e as injúrias; as almas dos assassinos para os corpos de animais ferozes, a fim de aí receberem punições; as dos impudicos para os porcos e javalis; as dos inconstantes e levianos para os pássa­os que voam nos ares; a dos preguiçosos, dos vagabundos, dos ignorantes e dos loucos para a forma de animais aquáticos."  
  
É de assinalar que Heródoto, falando, entre os gregos, da doutrina dos egípcios, tivesse pressentido a necessidade da passagem da alma através da fieira animal, atribuindo-lhe, porém, um caráter de penalidade, que confirmou o erro da metempsicose. O "Pai da História" acreditava, entretanto, que as almas puras podiam evolver em outros astros do Céu. Diz-se que os hierofantes de Mitra, entre os persas, repre­sentavam as transmigrações das almas nos corpos celestes, sob o símbolo misterioso de uma escala ou escada com sete pontas, cada uma de metal diferente, que representavam os sete astros, aos quais eram dedicados os dias da semana, mas dispostos em ordem inversa, conforme relata Celso: Saturno, Vénus, Jú­piter, Mercúrio, Marte, a Lua e o Sol.  
  
Havia, pois, na antiguidade grega, dois ensinos, um para a multidão, outro para os homens instruídos, aos quais se revelava a verdade, depois que eles tinham passado pela iniciação, a que chamavam Mistérios. Aristófanes e Sófocles denominam os Mistérios de esperanças da morte. Dizia Porfírio: "Nossa alma deve ser, no momento da morte, tal como era durante os mistérios, isto é, isenta de paixões, de inveja, de ódio e de cólera." Vê-se qual era a importância moral e civilizadora dos Mis­térios. Com efeito, ensinava-se secretamente:  
  
1.° — A Unidade de Deus;  
2.° — A pluralidade dos mundos e a rotação da Terra, tal como foi afirmada mais tarde por Copérnlco e Gallleu;  
3.° — A multiplicidade das existências sucessivas da alma.  
  
Platão adota a idéia pitagórica da Palingenesla. Ele fundou-a em duas razões principais, expostas no Phedon. A primeira é que, na Natureza, a morte sucede à vida, e, sendo assim, é lógico admitir que a vida sucede à morte, porque nada pode nascer do nada, e se os seres que vemos morrer não devessem mais voltar à Terra, tudo acabaria por se absorver na morte.**

**Em segundo lugar, o grande filósofo baseia-se na reminiscência, porque, segundo ele, aprender é recordar. Ora — declara —, se nossa alma se lembra de já haver vivido, antes de descer ao corpo, por que não acreditar que, em o deixando, poderá ela animar sucessivamente muitos outros? Elevando-se ainda mais, Platão afirma que a alma, desem­baraçada de suas imperfeições, aquela que se ligou a divina virtude, torna-se, de alguma sorte, santa, e não vem mais à Terra.  
  
Mas, antes de chegar a esse grau de elevação, as almas giram durante mil anos no Hades, e, quando têm de voltar, bebem as águas do Letes, que lhes tiram a lembrança das existências passadas.  
  
A Escola Neoplatônica  
A Escola Neoplatônica de Alexandria ensina a reencarnação, precisando, ainda, as condições, para a alma, dessa evolução progressiva.  
Plotino, o primeiro de todos, trata muitas vezes de tal questão no curso de suas "Enéadas". É dogma — diz ele — de toda Antiguidade e universalmente ensinado, que, se a alma é condenada a expiá-las, recebendo punições em infernos tenebrosos; depois, é obrigada a passar a outro corpo, para recomeçar suas provas. No livro IX da segunda "Enéada", ele afirma ainda mais seu pensamento, na seguinte frase: "A providência dos deuses assegura a cada um de nós a sorte que lhe convém e que é harmónica com seus antecedentes, conforme suas vidas sucessivas."  
  
Aí já se vê toda a doutrina moderna sobre a evolução do princípio inteligente que se eleva gradativamente até o ápice da espiritualidade. Porfirio não crê na metempsicose, ainda mesmo como punição das almas perversas e, segundo ele, a reencarnação só se opera no gênero humano. Não havia pois, penas eternas para os adeptos de Pitágoras Todas as almas deviam chegar a uma redenção final próprios esforços.**

**É esta uma doutrina emlnente moral, pois que incita o homem a libertar-se voluntariamente dos vícios e das más paixões, para aproximar-se progressivamente da fonte de todas as virtudes.A justiçade Deus não é a justiça dos homens. O homem define a justiça sob o ponto de vista de sua vida atual e de seu estado presente. Deus a define relativamente às nossas existências sucessivas e universalidade de nossas vidas.**

**Assim, as penas que nos afligem, são, muitas vezes, castigos de um pecado de que a alma se tornou culpada em vida anterior. Algumas vezes, Deus nos oculta a razão delas; não devemos, porém, deixar de atribui-las à sua justiça. Assim, segundo Jâmblico, não há acaso nem fatalidade, mas , uma justiça inflexével que regula a existência de todos os seres se vêem acabrunhados de aflições, não é em virtude de uma decisão arbitrária da divindade, mas consequência inelutável das faltas cometidas anteriormente.**

**Ver-se-á, mais que volta à Terra aceita, por vezes livremente, penosas provas, não já como castigo, mas para chegar mais depressa a um grau superior de sua evolução.**

**A JUDÉIA:  
Entre os hebreus, a idéia das vidas anteriores era geralmente admitida. "Elias, diz o apóstolo S. Jaques, não era diferente do que somos; não teve um decreto de predestinação diferente do que possuímos; apenas, sua alma, quando Deus a enviou à Terra, tinha chegado a um grau muito eminente de perfeição, que lhe atraiu, em sua nova vida, graças mais eficazes e mais elevadas".**

**A crença nos renascimentos da alma encontra-se indicada de maneira velada na Bíblia ( Isaías, cap. XXIV, v 19, e Job, cap. XIV,vv 10 e 14), porém muito mais explicitamente nos Evangelhos, como é fácil verificar das passagens que se seguem. Com efeito, os judeus acreditavam que a volta de Elias à Terra devia preceder a do Messias. É esta a razão por que, nos Evangelhos, quando seus discípulos perguntaram a Jesus se Elias voltara, ele lhes respondeu afirmativamente:**

**"Elias já vio e não o reconheceram, antes fizeram-lhe tudo quanto quiseram". E os discípulos compreenderam, diz o Evangelista, que era de João que ele falava. Outra vez, tendo encontrado em seu caminho um cego de nascença, que mendigava, seus discípulos lhe perguntaram: se foram os pecados que ele cometera ou os de seus pais a causa da cegueira; acreditavam, por consequência, que ele podia ter pecado antes de haver nascido.**

**Jesus não estranha semelhantes pergunta, e sem os desenganar, como parece que o faria se estivessem em erro, contentou-se em responder-lhes: -"Não foi este homem quem pecou nem seus pais, mas é para que as obras de Deus se manifestem nele". (João, 9:2). No Evangelho de São João, um senador judeu, o fariseu Nicodemos, pede a Jesus explicações sobre o dogma da vida futura. Jesus responde: -"Em verdade, em verdade vos digo, ninguém verá o reino de Deus, sem nascer de novo".**

**Nicodemos, perturbado por esta resposta, porque a tomou em seu sentido material, indagou: "Como pode um homem nascer sendo velho?" Pode, porventura, entrar no seio de sua mãe e nascer segunda vez? Jesus respondeu: "Em verdade, em verdade vos digo, que se ninguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus; não vos maravilheis de vos dizer que é necessário nascer de novo; o espírito sopra onde quer e ouvis sua voz, mas não sabeis de onde vem nem para onde vai. -Como pode ser isto? Jesus respondeu: -Como? Sois mestres em Israel e ignorais estas coisas?".**

**Esta última observação do Cristo mostra bem que ele se surpreendeu não conhecesse um mestre em Israel a reencarnação, porque era ela ensinada como doutrina secreta aos intelectuais da época. Uma das provas que se pode apresentar é a de que existiam ensinos ocultos ao comum dos homens, e que foram compilados nas diferentes obras que constituem a "Cabala".**

**No ensino secreto, reservado aos iniciados, proclamava-se a imortalidade da alma, as vidas sucessivas e a pluralidade dos mundos habitados. Encontram-se estas doutrinas no "Zohar", redigido por Simão bem Yochai, provavelmente no ano de 121 de nossa era, mas conhecido na Europa somente em fins do século terceiro. (...)**

**04 - Forças sexuais da alma -Jorge Andréa- pág. 13**

**INTRODUÇÃO  
Nos dias de hoje, as explicações mais acessíveis sobre o destino humano recaem no espiritualismo, pela incapacidade que o setor materialista apresenta de uma resposta lógica ou, pelo menos, algo que satisfaça o pensamento inquieto do mundo moderno. O destino humano fica, assim, atado ao problema sobrevivência, onde a energética espiritual imortal, de período em período, variável com a evolução de cada ser, retorna ao mundo corpóreo, arcabouço ideal à evolução da individualidade.  
  
Sem esse pensamento ficamos em campo reduzidíssimo e sem explicações para os problemas que estão reclamando uma resposta. A individualidade açambarcaria uma totalidade, seria o ser integral construído através de imensas vivências nos campos físicos (personalidades) que ocupa. A energética espiritual, individualidade ou espírito, pelo mecanismo palingenético, será responsável pela formação de todo o arcabouço corpóreo que lhe atenderá um respectivo período.**

**O que vale dizer, ser o espírito o Élan Vital que se responsabiliza pela onda morfogenética da espécie a que pertence. Entendemos como espírito, ou zona inconsciente, a conjuntura energética que comandaria a arquitetura física através das telas sensíveis dos núcleos celulares. O espírito representaria o campo organizador biológico, encontrando nas estruturas da glândula pineal os seus pontos mais eficientes de manifestações.**

**A glândula pineal seria realmente o casulo das energias do inconsciente, a sede do espírito, pela possibilidade de ser a zona medianeira de transição entre o energético e o físico. Descartes, em sua época, já afirmava, em concordância com os filósofos de Alexandria, que a alma era o hóspede misterioso da glândula pineal. Além do mais, a biologia nos informa sobre as correlações do sexo e glândula pineal, onde alguns psicologistas perceberam os seus desvios; porém, as analises e estudos realizados ficaram na superfície do psiquismo (zona consciente), sem a devida penetração nas telas do espírito.  
  
Os grandes vórtices energéticos do inconsciente estariam nos vórtices de caráter sexual, da mais alta importância na construção evolutiva do espírito, quando devidamente conduzidos. Haverá sem­pre possibilidade de alcançarmos as dimensões superiores, em busca do que é mais divino e puro através da segura construção dessas ilhas dinâmicas do inconsciente, quando o setor sexual se expande harmoniosamente na esfera física.**

**Estando na profundidade do espírito os vórtices dinâmicos do sexo, é claro que a definição sexual de uma determinada personalidade (corpo físico) será consequência das necessidades que a individualidade (espírito ou zona inconsciente) reclama para se construir. É de tal ordem o comando energético dos vórtices que podemos denominar de sexuais, que Freud criou a sua psicologia, unicamente com eles, e Jung fez um interessante estudo de análise psicológica limitando-os a determinados setores e catalogando os responsáveis arquétipos (anima-feminino, para a personalidade masculina e animus-masculino, para a personalidade feminina), em suas naturais oposições, próprias da psicologia junguista.  
  
Entendemos que os vórtices das energias sexuais do inconsciente vêm de núcleos em potenciação (focos energéticos do inconsciente e responsáveis pela orientação da zona consciencial) como que aderidos energeticamente as emanações de uma força criativa (zona central do inconsciente ou espírito); por isso, bastante potentes, apresentando caráter construtivo, por excelência. São vórtices que se responsabilizam pelo amor em todos os graus e variedades que cada ser possa apresentar. É nessa região do inconsciente, pela sutileza das energias aí contidas, como, também, pelas máximas expres­sões do psiquismo humano, que se alojaria a essên­cia da vida, o EU, o centro da Individualidade.  
  
O despertar das "razões internas", refletidas no denominado "encontro consigo mesmo", poderá dar-se através do desenvolvimento harmônico e equilibrado do sexo. Assim, as expressões sexuais serão as mais significativas da esfera vital do ser quando ligadas, pela nobreza e qualificativos, à esfera das emoções mais puras. O sexo em seus diversos graus e matizes está ligado aos sentimentos nobres da alma, embora em suas realizações, no terreno físico, à zona consciente. A glândula pineal seria o campo medianeiro de todo esse mecanismo.**

**O vórtice espiritual das energias sexuais em suas manifestações no corpo físico, nos animais superiores até o homem, necessitariam da glândula pineal como uma zona adaptatória ou de filtragem. A glândula pineal deve ser considerada a glândula da vida psíquica; a glândula que ilumina toda a cadeia orgânica, orientando as glândulas de secreção interna através das estruturas da hipófise. Freud, no estudo da patologia psíquica, percebeu os desvios das energias do inconsciente que se dariam pelas telas da glândula pineal, porém homologou as suas pesquisas exclusivamente como resultantes das estruturas físicas cerebrais; não mergulhando na essência espiritual, os seus pensamentos limitaram-se aos símbolos e efeitos de superfície. Jung foi um pouco mais longe quando percebeu o majestoso oceano das energias do inconsciente.  
  
Seria por intermédio dessa glândula que os fatores propulsores da evolução espiritual (renúncia, uso equilibrado do sexo, tolerância, bondade, abnegação e disciplina emotiva por excelência) alcançariam índices bastante apreciáveis. A glândula pineal seria a tela medianeira onde o espírito encontraria os meios de aquisição dos seus íntimos valores, por um lado, e, pelo outro, forneceria as condições para o crescimento mental do homem, num verdadeiro ciclo aberto, inesgotável de possibilidades e potencialidades.  
  
O sexo estaria ligado às mais nobres funções de sentimentalidade, havendo verdadeira entrosagem em todos os planos da vida, onde o próprio prazer do ato sexual deve representar, quando bem dirigido, poderosa construção para o EU, tanto maior quanto mais visado for o ato procriativo. Não se pode deixar de afirmar, com razão, que a evolução espiritual estará também ligada à utilização equilibrada do sexo. Quando o prazer se rebaixa e é de-armonicamente dirigido, o sexo regride, desenvolve-se naquilo que é exclui degrada-se.   
  
Daí, a necessidade de uma educação e conduta bem orientada para não haver confusões (tão comuns pelas nossas heranças religiosas) e para não considerarmos imoral tudo que diz respeito ao sexo. Atentemos, também, que o sexo ainda não é moral devido a nossa evolução. Devemos aprender a andar corretamente em seguras direções. Ninguém nasce de espírito evoluído caminhando sem tropeços, na estrada estreita e correta da evolução. Os erros são muitas vezes necessários, porém, que sejam corrigidos imediatamente.**

**Até a queda, que vai além do erro, é admissível quando se cai "para frente" e se deseja levantar ganhando algum terreno e o aprendizado da lição. Não estamos defendendo erro das baixezas instintivas, mas, sim admitindo experiências no setor humano. O sexo bem dirigido (tendência à monogamia ou sinônimo de ascensão, de conquista evolutiva. O sexo mal dirigido (tendência à poligamia ou renúncia sem sentido, sem aplicaçao das energias acumuladas nos setores de construtivas atividades) é desarmonia e motivo de queda. Não é a renúncia e ausência de sexo físico que eleva. O sexo deve ser observado e equilibradamente utilizado nas fases da vida: mocidade, maturação e velhice. Mesmo quando não há mais necessidade do contato sexual (da complementação física), o sexo continua presente, desenvolvendo funções mais altas e com maior significado — a fase física foi suplantada. A castidade quando alcançada deverá ser sempre sem tormentos, em qualquer organização física suplantamos todas as fases do sexo, em suas harmoniosas vivências, atingiremos, na posição espiritual, degrau mais significativos, para nós desconhecidos, de uma fase supersexual. (...)**

**06 - O pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - pág. 53**

**7 - PALINGENESIA  
P. — Qual o fim objetivado com a reencarnação ?  
R. — Expiação, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a Justiça?Item 167  
Não encomendes, pois, embaraços e aversões à loja do futuro, porque, a favor de nossa pró­pria renovação, concede-nos o Senhor, cada manhã, o sol renascente de cada dia.Emmanuel  
  
O apreciador de assuntos transcendentes encontrará, em o Novo Testamento, diversas passagens em que Jesus se refere à reencarnação em termos tão claros que ninguém, em sã consciência, lhes pode atribuir ambígua interpretação. Dentre elas, é extraordinário, a nosso ver, o formoso diálogo do Celeste Benfeitor com Nicodemos, que culmina na asserção "necessário vos é nascer de novo".  
  
Deparou a reencarnação, em seu caminho, o que se nos afigura natural, tremendos obstáculos.E não temos dúvidas de que os encontrará sempre, até que se afirme, plenamente, no consenso universal, impondo-se, como já acontece esporadicamente, pelas constatações irretorquíveis. Perquirições científicas, criteriosas, umas, apaixonadas, outras.Obstáculos religiosos e objeções filosóficas. Preconceitos sócio-raciais.  
  
Barreiras humanas que ruirão, no entanto, à medida que os fatos, comprovados pela Ciência e por todos observados, desmoralizarem a negação, ridiculizarem a oposição por sistema, liquidarem as distorções de exegese. Negar a lógica da reencarnação, tentando esconder-lhe as fulgurações misericordiosas, será, no porvir, tão insensato quanto negar a presença do homem na ribalta do mundo.  
  
Ninguém pode esconder esta verdade: as idéias reencarnacionistas, por mais consentâneas com a razão, ganham terreno no pensamento humano, mercê da ampliação dos valores culturais. As indagações da Filosofia, as pesquisas da Ciência e as conjeturas da Religião vão conduzindo o espírito do homem para inequívocas, insofismáveis conclusões ligadas ao problema do Amor e da Justiça de Deus.  
  
O Pai não teria nosso carinho e nossa gratidão se, para O entendermos, não nos tivessem fornecido a chave das vidas sucessivas.  
Conceitos clássicos, a respeito da Vida, do Homem e do seu destino dentro da Eternidade não podem escapar a reformulações baseadas na filosofia espírita, levando as criaturas mais aferradas às religiões tradicionalistas, ou os céticos inveterados, a meditarem, mais profundamente, sobre problemas do cotidiano que, sem a hermenêutica reencarnacionista, jamais seriam explicados. As diversidades na paisagem humana. As diferenciações culturais.**

**O gênio e o idiota. Os desequilíbrios psicofísicos. Os seres anatomicamente bem conformados. Os fenómenos de teratologia, perene desafio à medicina. Os contrastes raciais. Sociais. Econômicos. Todas essas aparentes anomalias nos conduziriam a um Deus cruel, impiedoso, frio, pior do que os homens menos justos, não existisse a reencarnação, que a tudo aclara, que a tudo torna simples. Na mais longínqua antiguidade, encontramos o pensamento reencarnacionista iluminando civilizações.  
  
Na índia, com os Vedas, há milhares de anos. Bramanismo e Budismo dão-lhe curso glorioso. O Egito, na opinião de muitos orientalistas, absorveu do povo hindu a civilização e a fé, incorporando ao seu patrimônio cultural a pluralidade das existências. Na Grécia, a par dos poemas órficos, Platão, o amado discípulo de Sócrates, conclama: "Almas divinas! Entrai em corpos mortais; ide começar uma nova carreira. Eis aqui todos os destinos da vida. Escolhei livre­mente; a escolha é irrevogável. Se for má, não acuseis por isso a Deus." Nele encontramos, ainda, o "aprender é recordar", evidente alusão às vidas preexistentes.  
  
Na Gália, com os druidas.No Cristianismo e, mais tarde, nas mais notáveis figuras do Catolicismo: Agostinho, Gregório de Nice, Clemente de Alexandria, Orígenes e outros. Em todos, a Lei sábia, equânime, infalível, plenificada de Amor e Justiça Incorruptível, nas oportunidades de redenção e aperfeiçoamento. Vem, pois, a reencarnação, de muito longe, no tempo e no espaço.  
  
De muito longe, qual viajor incansável, consciente, a excursionar de maneira estupenda, imbatível, desafian­do os temporais do preconceito e diluindo as sombras da intolerância. O Espiritismo, desenvolvendo, em nossos dias, as ideias contidas em "O Evangelho segundo o Espiritismo" e em "O Livro dos Espíritos", através do labor mediúnico de Francisco Cândido Xavier, faz com que o princípio reencarnacionista brilhe no coração da Humanidade, empolgue consciências, ocupe lugar de excepcional relevo nas galerias culturais e no pensamento de eminentes homens do nosso século.**

**A admissão de outros planetas habitados, por exemplo, cria mais um ponto de conexão entre a Ciência clássica e o ensino palingenésico, sabido como é que a evolução, para se completar, envolve conhecimentos e virtudes que num só mundo, como a Terra, ou numa só encarnação, não podem ser obtidos. Bem pouco tempo, mesmo que centenárias fossem todas as existências, para uma bagagem, de saber e moral, que assegure ao Espírito a condição de perfeito.  
  
Almas que transitaram por aqui e por mundos equivalentes, realizam, atualmente, em planos estelares, fecundas experiências, aprimorando manifestações de Amor, no rumo da universalização para a qual estamos marchando, ao ritmo penoso de provas acerbas.  
O consenso da maioria, em nossa época, representa atualização da tese reencarnacionista. Indivíduos ferrenhos inclinam-se a aceitá-la por único recurso capaz de logicamente explicar o mundo e a vida, os seres e a evolução que lhes compete efetivar, ao preço de consecutivas experiências e laboriosas acumulações de ordem moral e cultural.  
  
Para que se harmonizem Amor de Deus e fenômenos humanos, em suas múltiplas manifestações, necessária se torna a aceitação do postulado básico, pedra angular da filosofia espírita: "Necessário vos é nascer de novo", preceito evangélico que a Doutrina dos Espíritos realça, em páginas indeléveis. Os salutares efeitos da reencarnação se fazem sentir no passo-a-passo, no dia-a-dia da existência.  
  
Nos lares que se organizam e se sustentam nas motivações reencarnacionistas, apesar da distonia de seus componentes, misericordiosamente reunidos no cadinho da vivência em comum, entre as quatro paredes de uma casa, para que se reestruture o passado. Nos grupos de trabalho que se esforçam na compreensão mútua, ao preço da contenção de impulsos, a fim de que obras respeitáveis não sofram solução de continuidade.  
  
Fenômenos os mais surpreendentes, no campo social, reformulando estruturas antigas, aclaram-se, tão logo lhes apliquemos o prisma reencarnacionista. Com a explicação das vidas e noutros mundos, em perfeito encadeamento, tudo se faz claro, tudo se torna simples. Teimam alguns homens não aceitar a reencarnação. Mas, em cada ser humano que pense com isenção, sem má-fé, nem preconceito o imperativo é formal: reencarnação, reencarnação...**

**Assim o cremos. Por ela, o triunfo espiritual de todos nós. Leiamos Allan Kardec, em o Evangelho Segundo o Espiritismo": "Com a reencarnação e o progresso a que dá lugar, todos os que se amaram na Terra e no Espaço e juntos gravitam para Deus. Se alguns fraquejam no caminho, esses retardam o seu adiantamento e a sua felicidade, mas não há para eles « perda de toda esperança". Ajudados encorajados pelos que os amam, que se sairão do lodoçal em que se enterraram.**

**Com a reencarnação, finalmente, há perpétua solidariedade entre encarnados, e desencarnados, e daí o estreitamento dos laços de afeição.Escreve o mestre lionês, em "O Livro dos Espíritos": "Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova".**

**Emmanuel concita-nos no sentido de que, entendendo a vida e os problemas a ela afetos, busquemos o farol doamor e do entendimento do bom ânimo e da paz, da solidariedade e do amparo aos que partilham, conosco, os caminhos evolutivos: "Não encomendes, pois, embaraços e aversões à loja do futuro, porque, a favor de nossa própria renovação, concede-nos o Senhor, cada manhã, o sol renascente de cada dia". O sentido de eternidade do Evangelho reside na própria afirmativa do Divino Mestre: "Passarão o céu e a terra, porém jamais passarão as minhas palavras."  
  
"O Evangelho segundo o Espiritismo", como repositório das lições morais do Cristo e pelo exame que faz, em alguns capítulos, do problema reencarnacionista, desafia o tempo. Sintetiza leis que se não derrogam. E a própria Lei de Amor que, na Terra e em todos os mundos, rege o destino das humanidades, conduzindo o Espírito imortal às culminâncias da luz. "O Livro dos Espiritos", condensando a filosofia do Espiritismo, oferece a chave explicativa dos aparentemente inexplicáveis fenômenos humanos.  
  
Emmanuel, popularizando o ensino evangélico-doutrinário, supre a humanidade, em nossos dias e para o futuro, do alimento espiritual de que tanto carecemos. O mais evidente testemunho do prestígio e atualidade desses livros é a sua preferência, pelo público brasileiro, dentre as demais obras da Codificação.  
  
Se houvesse superação de seus ensinos; ou se fossem livros que não atendessem às profundas necessidades humanas, estariam, decerto, nas prateleiras das livrarias, desestimulando os editores e entristecendo-nos a todos. Edições esgotam-se, vertiginosamente, tão logo entregues ao mercado, constituindo, inclusive, lisonjeiro registro quando surge a reclamação de que ambos estão em falta nas livrarias.  
  
E assim, exemplar a exemplar, ou aos montes, vão sendo postos à cabeceira de famílias e mais famílias, espíritas ou não, cultas ou apenas alfabetizadas, que lhes absorvem, sequiosas, todas as noites, como prelúdio do sono, o sublime conteúdo. Benditas as inteligências e os corações desencarnados que os transmitiram, para as sombras da Terra, ausentando-se, temporariamente, em missão sacrificial, dos Celestes Páramos.  
  
Nosso tributo de gratidão a Allan Kardec, valoroso missionário que os corporificou para o mundo sedento de luz. Nosso reconhecimento, na mesma dimensão, às almas generosas e lúcidas que, pelos condutos da mediunldade sublimada, dão-lhes, em nossos dias, incontestável atualidade, possibilitando caírem sobre as pepitas luminosas das obras codificadoras lições refertas de orientação e consolo.  
  
Nossas almas, em comovedora genuflexão, agradecem a Deus e a Jesus. Abençoado o formoso diálogo de Jesus com. Nicodemos e glória a "O Livro dos Espíritos", no dedicar opulentos capítulos à palingenesia.**

**09 - Palingênese, a grande lei - Jorge Andréa - toda a obra**

**Prefácio**  
**Toda idéia, antes de pertencer à ciência pelas provas analíticas que ela exige, foi fruto da inspiração numa primeira etapa, da lógica e do raciocínio em uma segunda. Somente após experiências e provas é que a ciência dá o veredito, incluindo em seu terreno a hipótese sob a forma de lei. Consideremos, também, que a ciência moderna já aceita fenômenos aparentemente subjetivos, percebidos unicamente pelos seus efeitos, embora não podendo passar pela comprovação sensorial-analítica. Nos dias de hoje, podemos asseverar que o homem, pela pobreza de seus sentidos, recebe reduzidas informações do ambiente em que vive.  
  
As páginas deste exórdio, conduzidas nas rotas da ciência, possuem, aqui e ali, conceitos novos, ainda não abordados pela biologia. São as dos ao mundo energético, impi los sentidos comuns, no entantí feitamente compreendidos.  
Alguns conceitos que abordaremos, concebidos intuitivamente, foram transformados e adaptados ao campo intelectivo, único modo possível de serem apresentados na exposição escrita. Existe igualmente conceitos outros formados através de leituras diversas, tornando-se impossível fazer detalhadas referências de suas respectivas fontes.  
  
Apesar de a Palingênese ser objeto de acurados estudos filosóficos por parte da maioria das seitas e religiões, sob o nome de reencarnação, o nosso escopo não visa a defender esta ou aquela corrente, e sim procura integrar dentro da biologia, no seu devido lugar, o fenômeno palingenético.  
  
Não desejamos que a biologia se curve perante certos fatos; por enquanto ela terá que calar, como o faz quando nos elevamos um pouco mais em face das últimas razões filosóficas. Sabemos, perfeitamente, que es­tamos escrevendo aos que "sentem" a questão; o nosso ponto de vista — o fenômeno palingenético, capítulo ainda obscuro, visa a abrir novos horizontes em busca de hodiernas visões biológicas arrecadadas à filosofia.**

**Todo aquele que vislumbra uma rota ou pensa que está caminhando em nova estrada, tem por obrigação comunicar os seus pensamentos à sociedade onde muita. Pietro Ubaldi, conhecido através de suas obras filo­sóficas, traduz a Palingênese como "uma verdade bioló­gica positiva, que hoje pertence já à ciência; é um fato objetivo independente das afirmações de qualquer esco­la ou religião."**

**Ainda mais: "está em harmonia com as leis da natureza que conhecemos, como a indestrutibilidade da substância, pela qual, se as mudanças se operam só na forma, a personalidade humana poderá mudar, mas não ser destruída. Essa teoria é a ampliação no campo moral da lei de conservação de energia, esta­belecida pêlos físicos."  
  
Consideramos a Palingênese, um processo normal, de lógica evidente e clareza meridiana. O processo palingenético em biologia, além de ser a melhor solução para os mais altos problemas da vida, é o mais completo de condições e praticamente apoiado pela ciência. Sem este conceito que abrange as idéias evolutivas de hoje, só nos resta o acaso que traduz o oposto agnóstico e penumbroso. (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **PANTEÍSMO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Análise das coisas - pág. 65** | **02 - Auto desobsessão - pág. 7, 8** |
| **03 - Ciência e espiritismo - pág. 44, 78** | **04 - Deus na Natureza - pág. 298, 299, 397** |
| **05 - Estudos Espíritas - pág. 20** | **06 - Hipnotismo e espiritismo - pág. 172** |
| **07 - Jesus nem Deus nem homem - pág. 54** | **08 - O céu e o inferno - pág. 16, 74** |
| **09 - O espírito e o tempo - pág. 161** | **10 - O Livro dos Espíritos - questão 14** |
| **11 - O ser subconsciente - pág. 48** | **12 - Obras Póstumas - pág. 196** |
| **13 - Palingênese, a grande lei - pág. 65** | **14 - Pensamento e vontade - pág. 123, 137** |
| **15 - Pureza Doutrinária - pág. 47** | **16 - Alternativas da Humanidade - pág. 35** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PANTEÍSMO – COMPILAÇÃO**

**04 - Deus na Natureza - Camille Flammarion - pág. 298, 299, 397**

**(...) Chegamos mesmo a nos perguntar como podem os adversários conciliar as duas proposições, quando, no fundo, imaginam que a alma não existe e os pensamentos não passam de produtos da substância cerebral, variáveis com as impressões recebidas. Eis ao que se reduz o homem! Abstraindo de todas as provas precedentemente acumuladas, a testificação da nossa liberdade viria, enfim, depor a favor da força pensante que nos anima.**

**— O panteísmo, fazendo da alma uma partícula da substância divina, a escraviza e arrasta, inevitavelmente, ao fatalismo absoluto. — O ateísmo, negando a existência do espírito, faz da alma a escrava da matéria e conduz, por outra via, ao mesmo fatalismo. Poderíamos, portanto, proceder por eliminação, e demonstrando a inanidade dessas doutrinas, forçar o acolhimento da nossa, como a única que concilia os diversos imperativos de nossa consciência.**

**Assim, permitiu a sorte fossem os adversários batidos em todos os quadrantes, e que a negação da personalidade ficasse presa ao pelourinho por todos os elementos de nossa convicção. Concluindo o arrazoado sobre a existência da alma, afirmamos: a dignidade humana não permite um semelhante atentado ao que constitui o seu supremo fanal, antes protesta contra essas tendências exageradas.**

**As influências exageradas atuam mais ou menos em nós, conforme a nossa sensibilidade nervosa; mas, tanto quanto a composição química do cérebro, elas não constituem o nosso valor moral e intelectual. Para arrasar essa hipótese, bem como a precedente, basta considerar a potenciali­dade da nossa força mental. Só com ela podemos afrontar todas essas influências e seguir desdenho­sos, de fronte erguida, por entre essas ações e reações ambientes.  
  
Quando a alma se acabrunha ao peso de uma dor profunda, pouco nos preocupamos com o estado do céu, que chova ou vente. Quando nos abandonamos a um enlevo de alegrías íntimas, pouco se nos dá o dia e o mês em que estamos. Quando sérios estudos nos absorvem a atenção, esquecemo-nos de jantar e até de dormir. Quardo o som das fanfarras atroa os ares e a cidade em alvoroço festeja a liberdade, não ocorre sabei se estamos em Julho ou Fevereiro.**

**Quando a pátria periclita, o pavilhão francês não se preocupa com a data e o barômetro. A vontade suserana não cogita dessas pretensas causas. As profundas emoções do coração desprezam bagatelas. Se a saúde é excelente condição para bem pensar e sentir, não quer dizer que ela só por si promova o estido da alma. Há, na vida, horas mais deliciosas que as dos mais opíparos banquetes, e nas quais se es [uecem as iguarias deleitosas aos paladares insacáveis; horas que eclipsam câmaras suntuosas, peles caras, jóias brilhantes, todos os regalos do mune o, enfim, para só nos absorvermos em gozos mais íntimos e mais vivazes...**

**Quantos, na Terra, fruíram esses momentos de felicidade, sabem que acima da esfera material existe uma região inacessível aos tormentos inferiores, onde as almas idea­listas se encontram em comunhão com a Beleza espiritual e incriada.**

**(..)A progênie dos que mutuamente se incendiaram nos tempos de João Huss e de Miguel Cervet, a nossa concepção há de parecer herética. Eles nos inquinarão de PANTEISTA, sem querer compreender que não identificamos a personalidade divina com as transformações da matéria. Hão de declarar que pretendemos que tudo é Deus e que todo o mundo se governa por si mesmo. Outros, terão a fantasia de nos qualificar de ateu e corruptor da moral evangélica, incapazes, que são, de compreender a adoração a outro Deus que não o seu.  
  
Uma terceira categoria, ainda mais radicalista e exagerada, tratará de malfeitores a quantos se deixarem levar pela idéia acima formulada. Mas, aonde iríamos parar se houvéssemos de revidar a toda essa gente? Na realidade, toda essa atoarda só significa uma coisa: que estamos caminhando para a frente.  
  
Nesta, como nas obras precedentes, os leitores poderão notar a voluntária ausência de nomenclaturas escolásticas. Houve quem nos chamasse dinamista e quem fosse além, dizendo-nos duo-dinamista. Reconhecem-nos, uns, tendências para o mais evidente animismo, enquanto outros nos rotulam de organicista. Eis, agora, o vitálismo, que nos convida a declarar francamente se a ele temos aderido. A maioria acusa-nos de ecletismo. Deixamos de parte os títulos de panteísta e teísta em contradição aos de materialista e ateu, que nos foram irrogados de campos opostos.**

**A posição de um Espírito que busca unicamente a verdade, só pode ser a de um grande isolado. Ele expõe-se a ser tratado como protestante pelos católicos, e como romancista pelos reformados; os cristãos tacham-no de herético e os filósofos averbam-no de cristão. Ao critério de cada qual, ele não pode deixar de pertencer a um sistema, a uma seita, a uma escola. Ora, francamente declaramos; a ninguém pertencemos .  
  
Porque nos privarmos de recolher o bom e combater o mau onde quer que os encontremos? Porque nos convidarem a respeitar o erro pela só razão de sua antiguidade? Porque pretender encerrar-nos num círculo de antemão preconcebido? Que significam barreiras, dogmas, bandeiras que tais? Ilusão e nada mais. Sistemas? — jamais. Apenas, e só apenas, independência absoluta na investigação e culto da verdade.  
  
O que tem prejudicado a um grande número de Espíritos é essa propensão ou essa condenação para encarrilar-se numa senda. Certo, há necessidade de seguir um método pessoal, apoiar-se em verdades tradicionalmente reconhecidas, conhecer o objeto positivo dos nossos estudos e trabalhar sem esmorecimentos na conquista do saber. Nós, porém, não nos revestimos de ouropéis fictícios, nem ocultamos o nosso céu sob uma bandeira.**

**Estudamos pouco a pouco a Natureza, através de todas as suas formas, em todos os seus aspectos, exprimindo com sinceridade o resultado do nosso estudo, sem nos preocuparmos com as palavras em disputa de pontos e vírgulas. A andorinha que volta aos penates na estação própria, singra livremente a amplidão do Espaço... Que sucederia se a obrigássemos a torcer as asas, a baixar os olhos, a levar na pata um galhardete e a rebocar consigo uma fileira de balões?  
  
A doutrina aqui professada pode considerar-se um ateísmo ontológico, o esforço do homem para conhecer o Ente absoluto. E' uma forma necessária, imposta pelo teísmo racional. O argumento extraído da Teologia prova um Deus universal, autor de todas as coisas e o argumento da Ontologia prova a infinidade de Deus. Não podemos admitir um sem outro, quaisquer que sejam as dificuldades para conciliar as respectivas conclusões.**

**Essas dificuldades decorrem da grandeza do assunto, e ainda que não podendo ir além do alcance da nossa vista, não é razão para fechar os olhos ao que se torna evidente. Trocando o vocábulo panteísmo por teísmo, confessamos, com um pastor anglicano, que o "teísmo" é, por toda parte, reconhecido como teologia da razão, razão que poderá ser impotente, mas, em definitiva, é a única que possuímos.(..)**

**05 - Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis - pág. 20**

**1 - DEUS - CONCEITO** **— Toda e qualquer tentativa para elucidar questão da Divindade redunda sempre inócua, infrutífera, traduzindo esse desejo a vã presunção humana, na incessante faina de tudo definir e entender. Acostumado ao imediatismo da vida física e suas manifestações, o homem ambiciona tudo submeter ao capricho da sua lógica débil, para reduzir à sua ínfima capacidade intelectual a estrutura causal do Universo, bem assim as fontes originárias do Criador.  
  
Desde tempos imemoriais, a interpretação da Divindade lem recebido os mais preciosos investimentos intelectivos que se possam imaginar. Originariamente confundido com a Sua Obra, mereceu temido pelos povos primitivos que legaram às Culturas posteriores a sedimentação supersticiosa das crendices em que fundamentavam tributo de adoração, transitando mais tarde para a humanização da Divindade mesma, eivada pelos sentimentos e paixões transferidos da própria mesquinhez do homem.**

**À medida, porém, que os conceitos éticos e filosóficos evoluíram, a compreensão da Sua natureza igualmente experimentou consideráveis alterações. Desde a manifestação feroz à dimensão transcendental, o conceito do Ser Supremo recebeu de pensadores e escolas de pensamento as mais diversas proposições, justificando ou negando-Lhe a realidade.  
  
Insuficientes todos os arremedos filosóficos e cultu­rais, quanto científicos, posteriormente, para uma perfeita elucidação do tema, concluiu-se pela legitimidade da Sua existência, graças a quatro grupos de considerações, capazes de demonstra-Lo de forma irretorquível e definitiva, a saber: a) cosmológicas, que O explicam como a Causa Única da sua própria causalidade, portanto real, sendo necessariamente possuidor das condições essenciais para preexistir antes da Criação e sobreexistir ao sem-fim dos tempos e do Universo; b) ontológicas, que O apresentam perfeito em todos os Seus atributos e na própria essência, explicando, por isso mesmo, a Sua existência, que, não sendo real, não justificaria sequer a hipótese do conceito, deixando, então, de ser perfeito.**

**Procedem tais argumentações desde Santo Anselmo, dos primeiros a formulá-las, enquanto que as de ordem cosmológica foram aplicadas inicialmente por Aristóteles, que O considerava o "Primeiro motor, o motor não movido, o Ato puro", consideração posteriormente reformulada por Santo Tomás de Aquino, que nela fundamentou a quase totalidade da Teologia Católica; c) teleológicas, mediante as quais o pensamento humano, penetrando na estrutura e ordem do Universo, não encontra outra resposta além daquela que procede da existência de um Criador.**

**Ante a harmonia cósmica e a beleza, quanto à grandeza matemática e estrutural das galáxias e da vida, uma resultante única surge: tal efeito procede de uma Causa perfeita e harmónica, sábia e infinita; d) morais, defendidas por Emanuel Kant, inimigo acérrimo das demais, que, no entanto, eram apoiadas por Spinoza, Bossuet, Descartes e outros gênios da fé e da razão. Deus está presente no homem, mediante a sua responsabilidade moral e a sua própria liberdade, que lhe conferem títulos positivos e negativos, conforme o uso que delas faça, do que decorrem as linhas mestras do dever e da autoridade.**

**Essa presença na inteligência humana, intuitiva, persistente, universal, faz que todos os homens de responsabilidade moral sejam conscientemente responsáveis, atestando, assim, inequivocamente, a realidade de um Legislador Absoluto, Suprema Razão da Vida.  
Olhai o firmamento e vede a Obra das Suas mãos, proclama o Salmista Davi, no Canto 19, verso primeiro, conduzindo a mente humana à interpretação teleológica, cosmológica e cosmogônica, para entender Deus.  
  
Examina a estrutura de uma molécula e o seu finalismo, especialmente diante do ADN, do ARN de recente investigação pela Ciência, que somente a pouco e pouco penetra na essência constitutiva da forma, na vida animal, e a própria indagação responde silogisticamente de maneira a conduzir o inquiridor à causa essencial de tudo: Deus! Outros grupos de estudiosos classificam os múltiplos argumentos em ordens diferentes: metafísicos, morais, históricos e físicos, abrangendo toda a gama do existente e do concebível.  
  
Desenvolvimento — Diversas escolas filosóficas do século passado desejaram padronizar as determinações divinas e a própria Divindade em linhas de fácil assimilação, na pretensão de limitarem o Ilimitado. Outras correntes de pesquisadores aferrados a cruento materialismo, na condição de herdeiros diretos do Atomísmo greco-romano, do pretérito, descendentes, a seu turno, de Lord Bacon, como dos sensualistas e cépticos dos séculos XVIII e XIX, zombando da fé ingênua e primitiva, escravizada nos dogmas ultramontanos dos religiosos do pássado, tentaram aniquilar histórica e emocionalmente a existência de Deus, por incompatível com a razão, conforme apregoavam, mediante sistemas sofistas e conclusões científicas apressadas, como se a própria razão não fosse perfeitamente confluente com o sentimento de fé, inato em todo homem, como o demonstram os multifários períodos da História.  
  
Sócrates já nominava Deus como "A Razão Perfeita", enquanto Platão O designava por "Idéia do Bem". O neoplatonismo, com Plotino, propôs o renascimento do Panteísmo, fazendo "Deus, o Uno Supremo", que reviverá em Spinoza, não obstante algumas discussões na forma de Monismo, que supera na época o Dualismo cartesiano. O monismo recebe entusiástico apoio de Fichte, Hegel, Schelling e outros, enquanto larga faixa de pensadores e místicos religiosos empenhava-se na sobrevivência do Dualismo.  
  
Mais de uma vez alardeou-se que "Deus havia morrido", proclamando-se a desnecessidade da fé como da Sua paternidade, para, imediatamente, reiteradas vezes, com a mesma precipitação, voltarem esses negadores a aceitar a Sua realidade. A personagem concebida por Nietzsche, que sai à rua difundindo haver "matado Deus", chamando a atenção dos passantes, após o primeiro choque produzido nos círculos literários e intelectuais do mundo, no passado, estimulou outras mentes à negação sistemática.**

**Fenômeno idêntico acontecera no século anterior, quando os convencionais franceses, supondo destruir Deus, expulsaram os religiosos de Paris e posteriormente de todo o país, entronizando a jovem Candeille, atormentada bailarina do Ópera, como a Deusa Razão, que deveria dirigir os destinos do pensamento intelectual de então, ante Robespierre e outros, em Notre-Dame. Logo, porém, depois de múltiplas vicissitudes, o curto período da Razão fez que Deus retornasse à França, e muitos dos seus opositores a Ele se renderam, declarando haver voltado ao Seu regaço, cabisbaixos, arrependidos, melancólicos.**

**Deus vencia, mais uma vez, a prosápia utopista da ignorância humana! Repetida a experiência no último quartel do "século das luzes", tornou a ser exilado da Filosofia e da Ciência por uns e reconduzido galhardamente por outros expoentes culturais da Humanidade.  
Novamente, ante o passo avançado da tecnologia moderna, através da multiplicidade das ciências atuais, pretende-se um Cristianismo sem Deus, uma Teologia não teísta, fundamentada em cogitações apressadas, que pretendem levar o homem à "busca das suas origens", como desejando reconduzi-lo à furna, em vez de situá-lo em a Natureza, mante-lo selvagem por incapacidade de fazê-lo sublime.  
  
Tal fenômeno reflete a apressada decadência histórica e moral das velhas Instituições, na Terra de hoje, inaugurando uma Nova Era...  
As construções sociais e econômicas em falência, as arquiteturas religiosas em soçobro, as aferições dos valores psicológicos e psicotécnicos negativamente surpreendentes, o descrédito inspirado pelos dominadores, em si mesmos dominados, pelos vencedores lamentavelmente vencidos pela inferioridade das paixões em que se consomem, precipitaram o agoniado espírito humano na "busca do nada", das formas primeiras, rompendo com tudo, como se fora possível abandonar a herança divina inata indistintamente em todas as criaturas, para tentar esquecer, apagar e confundir a inteligência com os impulsos dos instintos, num contumaz e malsinado esforço de contraditório retorno às experiências primitivistas da forma, quando ainda nas fases longevas de formações e reformações biodinâmicas. ..**

**Concomitantemente, porém, surgem figurações morais, espirituais, místicas e científicas, sofrendo os embates que a dúvida e o cepticismo impõem, resistindo, todavia, estoicamente, na afirmação da existência de Deus, apoiadas pela Filosofia e Ética espíritas, que são as novas ma­trizes da Religião do Amor, pregada e vivida por Nosso Senhor Jesus-Cristo.  
  
Conclusão — "Deus é Amor", afirmava João.  
"Meu Pai", dizia reiteradamente Jesus, conceituando-O da forma mais vigorosa e perfeita que se possa imaginar. E Allan Kardec, mergulhando as nobres inquirições filosóficas nas fontes sublimes da Espiritualidade Superior, recolheu através dos Imortais que "Deus é a Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas", em admirável síntese, das mais felizes, completando a argumentação com a asserção de que o homem deve estudar "as próprias imperfeições a fim de libertar-se delas, o que será mais útil do que pretender penetrar no que é impenetrável", concordante com o ensino do Cristo, em João: "Deus é Espírito, e importa que os que O adoram, O adorem em espírito e verdade."  
  
  
ESTUDO E MEDITAÇÃO:  
"Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus ? "Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá." Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa. (O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, questão 4.)  
  
"A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles vêem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um ente superior à Humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?"  
(A Gênese, Allan Kardec, cap. H, item 7.)**

**10 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questão 14**

**Perg. 14 - Deus é um ser distinto, ou seria, segundo a opinião de alguns, o resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?  
-Se assim fosse, Deus não existiria, porque seria efeito e não causa. Ele não pode ser, ao mesmo tempo, uma coisa e outra. Deus existe, não o podeis duvidar, e isso é o essencial.Acreditai no que vos digo e não queirais ir além. Não vos percais num labirinto, de onde não poderíeis sair. Isso não vos tornaria melhores,mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, pois, de lado, todos esses sistemas, tendes de vos desembaraçar de muitas coisas que vos tocam mais diretamente. Isto vos seria mais útil do que querer o que é impenetrável.**

**Perg. 15 - Que pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e constituiriam, pelo seu conjunto, a própria Divindade, ou seja, que pensar da doutrina panteísta?  
- Não podendo ser Deus, o homem quer pelo menos ser uma parte de Deus.**

**Perg. 16 - Os que professam esta doutrina pretendem nela encontrar a demonstração de alguns dos atributos de Deus. Sendo os mundos infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; o vácuo ou o nada não existindo em parte alguma, Deus está em toda parte, Deus estando em toda a parte, pois que tudo é parte integrante de Deus, dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente. O que se pode opor a este raciocínio?  
- A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo.**

**Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de inteligência suprema, seria em ponto grande aquilo que somos em ponto pequeno. Ora, a matéria se transformando sem cessar, Deus, nesse caso, não teria nenhuma estabilidade e estaria sujeito a todas as vicissitudes e mesmo a todas as necessidades da humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. As propriedades da matéria não podem ligar-se à idéia de Deus, sem que o rebaixemos em nosso pensamento, e todas as sutilezas do sofisma não conseguirão resolver o problema da sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos aquilo que não pode ser, e este sistema está em contradição com as suas propriedades mais essenciais, pois confunde o Criador com a criatura, precisamente como se quiséssemos que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu.  
A inteligência de Deus se revela nas suas obras, como a do pintor no seu quadro; mas as obras de Deus não são o próprio como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.**

**12 - Obras Póstumas - Allan Kardec - pág. 196**

**2° - DOUTRINA PANTEÍSTA**

**O princípio inteligente (alma), independente da matéria, está espalhando por todo o universo, mais individualiza-se em cada ser durante a vida, e volta, pela morte, à massa comum, como voltam ao oceano as águas da chuva.Consequeências: Sem individualidade e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse. As consequências morais desta doutrina são exatamente as mesmas do materialismo. Observação: Um determinado número de panteístas admite que a alma, aspirada, ao nascer, do todo universal, conserva a sua individualidade por tempo indefinido, não voltando à massa geral senão depois de ter alcançado o último grau de perfeição. As consequências desta variedade de crenças são absolutamente as mesmas que as da doutrina panteísta, propriamente dita, porque é completamente inútil todo o trabalho para adquirir conhecimentos, dos quais se perderá a consciência, aniquilando-se a alma depois de um tempo relativamente curto. Se o espírito recusa a concepção panteísta em geral, sobe de ponto a repugnância em a admitir, quando se vem dizer que, ao alcançar a ciência a perfeição suprema, perde ele o resultado do seu esforço e desaparece a individualidade.**

**16 - Alternativas da Humanidade - Durval Ciamponi - pág. 35**

**PANTEÍSMO OU IMORTALIDADE?  
O Espiritualismo, como generalidade, é a concepção filosófica daqueles que admitem existir em si alguma coisa além da matéria. Há todavia, entre eles diferentes interpretações quanto à finalidade da vida espiritual; para uns este "algo" existente em nós, enquanto vivos, retorna ao Todo depois da morte, perdendo sua individualidade; para outros este "algo", designado de alma ou princípio inteligente, mantém sua individualidade sobrevivendo depois da morte independente da existência do Todo. Têm-se, assim:**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **HOMEM** | **ESPIRITUALISMO** | **SOBREVIVÊNCIA DA ALMA?** |
| **PANTEÍSMO?** |
|  |  |
| **MATERIALISMO** | **FILOSÓFICO (nada existe além da matéria)** |
| **PSCOLÓGICO (apego a bens materiais)** |

**Examinaremos os diversos matizes para descobrir quais as diferenças e semelhanças entre estes dois galhos da árvore espiritualista, segundo as alternativas da humanidade encarnada. O homem visualiza Deus de múltiplas maneiras e, consequentemente, comporta-se de acordo com suas perspectivas em relação ao mundo espiritual.**

**Panteísmo  
A palavra panteísmo tem sua origem no grego; vem de Paní (tudo, todo) e Theos (Deus), significando pois Deus em tudo ou tudo em Deus. Diz o Aurélio no verbete panteísmo: "Doutrina; segundo a qual só Deus é real e o mundo é um conjunto de manifestações ou emanações", ou "Doutrina segundo a qual só o mundo é real, sendo Deus a soma de tudo quanto existe".  
  
Mostra ainda outros verbetes com significados semelhantes: Pantiteísmo: "Sistema filosófico, que considera e vê Deus em tudo" ou Panenteísmo: "Sistema filosófico que vê todos os seres em Deus. Forma particular que deu ao panteísmo o filósofo alemão Krause (1871 a 1832)".  
  
Registra o "Dicionário Prático", da Bíblia Sagrada, Edição Barsa, que panteísmo é "opinião filosófica segundo a qual Deus e o mundo são uma coisa só, isto é, tudo que existe ou é parte de Deus ou é o mesmo Deus. Esta Doutrina remonta à antiga filosofia indiana; o nome, porém, surgiu em 1709, tendo sido condenada por Pio IX e pelo Concílio do Vaticano. O panteísmo nega diferença infinita entre o Criador e as criaturas." (Concílio Vaticano I, 1869/.1870, que também declarou a infalibilidade papal).  
  
Diz Herculano Pires que "segundo a etimologia, e de acorde com o emprego tradicional do termo, panteísmo é uma concepção monista do mundo, que pode ser traduzida na expressão: tudo Deus. Espinosa foi o sistematizador filosófico dessa concepção.! Deus é a realidade única, da qual todas as coisas não são mais dç que emanações".  
  
Herculano fala também do chamado panteísmo materialista! segundo D'Holbach, para quem "a realidade primária é o Mundo»! e Deus é a suma do Mundo, ou seja, o resultado do conjunto dê leis universais".  
Há entre os panteístas, pois, diferentes correntes de pensamento:  
  
a) Uma única inteligência:  
Admitem estes existir apenas um único Princípio Inteligente, uma única divindade, Deus. Cada indivíduo, ao nascer, absorve uma porção dessa divindade para sustentar-lhe as ações durante a vida, mas que, ao morrer, esta centelha anímica retorna à alma universal, perdendo sua individualidade.  
Diz Kardec, "segundo estes, não haveria em todo o Universo senão uma única alma, distribuindo fagulhas para os diversos seres inteligentes durante a vida; após a morte cada fagulha volta à fonte comum..." Complementa em que esta idéia de alma mostra-se incompatível com o Espiritismo, pois ela reentrando "no Todo Universal donde saiu, e havendo progredido durante a vida, leva-lhe um elemento mais perfeito. Daí se infere que esse todo se encontraria, pela continuação profundamente modificado e melhorado".  
  
b) Deus é a soma de tudo o que existe:  
Esta questão está ligada ao LÊ ("O Livro dos Espíritos"), 15, segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo, seriam partes da Divindade e constituiriam pelo seu conjunto, a própria Divindade. Os Espíritos disseram que o homem não podendo ser Deus, quer pelo menos ser uma parle de Deus. Em díz Kardec que se assim fosse "cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é Deus ele próprio; nenhum ser superior e independente rege o conjunto".  
  
c) Deus é resultante das inteligências reunidas:  
E a questão LÊ, 14, para a qual os Espíritos responderam, "se assim fosse, Deus não existiria, porque seria efeito e não causa..."  
Alegam alguns estudiosos que Espinosa (1632/1677) era panteísta, por afirmar que Deus é a única verdadeira substância, que fora de Deus nada pode existir, ou que tudo existe em Deus. Herculano Pires, todavia, ao examinar o pensamento deste autor (LE 615 - Nota) discorda ser ele panteísta, por afirmar como Paulo: "Tudo o que existe, existe em Deus, e nada pode existir nem ser concebido sem Deus". Paulo disse (Atos, 17:28): "Nele vivemos e nos movemos e existimos".  
  
d) Panteísmo reencarnacionista:   
Certo número de panteístas, entrementes, admitem que esta centelha anímica sobreviva à morte, conservando "sua individualidade" por um tempo indefinido, numa pluralidade de existências até despojar-se das impurezas da matéria, desejos e paixões, conquistando a plena sabedoria ou iluminação, quando chegar no último grau da perfeição, perdendo sua "aparente" individualidade ou a ilusão de ser "algo" permanente. É o pensamento dos rosa-cruzes e dos budistas, por exemplo. (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **PARASITAS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Cartilhas da natureza - pág. 141** | **02 - Evolução em dois mundos - pág. 117** |
| **03 - Mediunidade & medicina - pág. 61** | **04 - Obsessão e desobsessão - pág. 50, 78** |
| **05 - Pão nosso - pág. 75** | **06 - Saúde e Espiritismo - pág. 179, 182** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PARASITAS – COMPILAÇÃO**

**02 - Evolução em dois mundos - André Luiz - pág. 117**

**"PARASITAS OVÓIDES"** **— Inúmeros infelizes, obstinados na idéia de fazerem justiça pelas próprias mãos ou confiados a vicioso apego, quando desafivelados do carro físico, envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto da calculada atenção e, auto-hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação mo-noideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porquanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ovóides, vinculados as próprias vítimas que, de modo geral, lhes aceitam, mecanicamente, a influenciação, à face dos pensamentos de remorso ou arrependimento tardio, ódio voraz ou egoísmo exigente que alimentam no próprio cérebro, através de ondas mentais incessantes.  
  
Nessas condições, o obsessor ou parasita espiritual pode ser comparado, de certo modo, à Sacculina carcini, que, provida de órgãos perfeitamente diferenciados na fase de vida livre, enraiza-se, depois, nos tecidos do crustáceo hospedador, perdendo as características morfológicas primitivas, para converter-se em massa celular parasitária. No tocante à criatura humana, o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita simbiose mórbida, absor­vendo-lhe as forças psíquicas, situação essa que, em muitos casos, se prolonga para além da morte física do hospedeiro, conforme a natureza e a extensão dos compromissos morais entre credor e devedor.  
  
PARASITISMO E REENCARNAÇÃO  
Nas ocorrências dessa ordem, quando a decomposição da vestimenta carnal não basta para consumar o resgate preciso, vítima e verdugo se equiparam na mesma gama de sentimentos e pensamentos, caindo, além-túmulo, em dolorosos painéis infernais, até que a Misericórdia Divina por seus agentes vigilantes, após estudo minucioso dos crimes cometidos, pesando atenuantes e agravantes, promove a reencamação daquele Espírito que, em primeiro lugar, mereça tal recurso.  
  
E, executado o projeto de retorno do beneficiário, a regressar do Plano Espiritual para o Plano Terrestre, sofre a mulher, indicada por seus débitos à gravidez respectiva, o assédio de forças obscuras que, em muitas ocasiões, se lhe implantam no vaso genésico por simbiontes que influenciam o feto em gestação, estabelecendo-se, desde essa hora a inicial da nova existência, ligações fluídicas através dos tecidos do corpo em formacão, pelas quais a entidade reencarnte, a partir da infância, continua enlaçada ao companheiro ou aos companheiros menos felizes, que integram com ela toda uma equipe de almas culpadas em reajuste.**

**Desenvolve-se-lhe, então, a meninice e retorna à juvenilidade das energias físicas, padecendo, porém a influência constante dos assediantes, até que, frequentemente por intermédio de uniões conjugais, em que aprovação emoldura o amor, ou em circunstâncias difíceis do destino, lhes ofereça novo corpo na Terra, para que, como filhos de seu sangue e de seu coração, lhes devolva em moeda de renúncia os bens que lhes deve, desde o passado próximo ou remoto.  
  
Em tais fatos, vamos anotar situações quase idênticas às que são provocadas pelos parasitas heteroxênicos, porquanto, se os adversários do Espíririto reencarnado são em maior número, atuam, muitos deles, à feição dos tripanossomas, tomando os filhos de suas vítimas e afins dele próprios, por hospedeiros intermediário das formas-pensamentos deploráveis que arremessam de si, alcançando em seguida, a mente dos pais ou hospedeiros definitivos, a inocular-lhes perigosos fluidos sutis, com que Ihe infernizam as almas muitas vezes até à ocasião da própria morte.**

**05 - Pão nosso - Emmanuel - pág. 75**

**32. CADÁVERES  
"Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias". (Mateus, 24:28)  
Apresentando a imagem do cadáver e das águias, referia-se o Mestre à necessidade dos homens penitentes, que precisam recursos de combate à extinção das sombras em que se mergulham.**

**Não se elimina o pântano, atirando-lhe flores. Os corpos apodrecidos no campo atraem corvos que os devoram. Essa figura, de alta significação simbólica, é dos mais fortes apelos do Senhor; conclamando os servidores do Evangelho aos movimentos do trabalho santificante.**

**Em vários círculos do Cristianismo renascente surgem os que se queixam, desalentados, da ação de perseguidores, obsessores e verdugos visíveis e invisíveis. Alguns aprendizes se declaram atados à influência deles e confessam-se incapazes de atender aos desígnios de Jesus.**

**Conviria, porém, muita ponderação, antes de afirmativas desse jaez, que apenas acusam os próprios autores. É imprescindível lembrar sempre que as aves impiedosas se ajuntarão em torno de cadáveres ao abandono. Os corvos se aninham noutras regiões, quando se alimpa o campo em que permaneciam.**

**Um homem que se afirma invariavelmente infeliz fornece a impressão de que respira num sepulcro; todavia, quando procura renovar o próprio caminho, as aves escuras da tristeza negativa se afastam para mais longe. Luta contra os cadáveres de qualquer natureza que se abriguem em teu mundo interior. Deixa que o divino sol da espiritualidade te penetre, pois, enquanto fores ataúde de coisas mortas, serás seguido, de perto, pelas águias da destruição.**

**06 - Saúde e Espiritismo - A.M.E. Brasil - pág. 179, 182**

**INFECÇÕES FLUIDICAS  
Da mesma maneira como existem infecções orgânicas, acontecem também as fluídicas, resultantes do desequilíbrio mental.O Instrutor Aniceto, em conversa com André Luiz, argumenta: "se temos a nuvem de bactérias produzidas pelo corpo doente, temos a nuvem de larvas mentais produzidas pela mente enferma, em identidade de circunstâncias. Desse modo, na esfera das criaturas desprevenidas de recursos espirituais, tanto adoecem corpos, como almas".  
  
Os homens não têm preparo quase nenhum para a vida espiritual. Em geral, não têm a mínima idéia de que "a cólera, a intemperança, os desvarios do sexo, as viciações de vários matizes, formam criações inferiores que afetam profundamente a vida íntima". E cada uma dessas viciações da personalidade produz as larvas mentais que lhe são consequentes, contaminando o meio ambiente, onde quer que o responsável pela sua produção circule ou estagie. Elas não têm forma esférica, nem são do tipo bastonete, como as bactérias biológicas, entretanto, formam colónias densas e terríveis.**

**E tal qual acontece no plano físico, o contágio também pode verificar-se na esfera psíquica. Na condição de parasitismo mental, as larvas servem de alimento habitual, porque são portadoras de vigoroso magnetismo animal. Para nutrir-se desse alimento, "bastará ao desencarnado agarrar-se aos companheiros de ignorância, ainda encarnados, qual erva daninha aos galhos das árvores, e sugar-lhes a substância vital".  
  
Dentro do estudo a que nos propomos, temos de considerar também a produção dos espíritos inferiores desencarnados. As "substâncias" destrutivas, produzidas dentro do quimismo que lhes é próprio, atingem os pontos vulneráveis de suas vítimas. Esse produtos, conhecidos como simpatinas e aglutininas mentais, têm a propriedade de modificar a essência do pensamento dos encarnados, que vertem contínuos, dos fulcros energéticos do tálamo, no diencéfalo.**

**Esse ajuste entre desencarnados e encarnados é feito automaticamente, em absoluto primitivismo nas linhas da Natureza. Os obsessores tomam conta dos neurônios do hipotálamo, "acentuando a dominação sobre o feixe amielínico que o liga ao córtex frontal, controlando as estações sensíveis do centro coronário que aí se fixam para o governo das excitações, e produzem nas suas vítimas, quando contrariados em seus desígnios, inibições de funções viscerais diversas, mediante influência mecânica sobre o simpático e o parassimpático".   
  
Temos aí um intrincado processo de vampirismo, que leva as vítimas ao medo, à guerra nervosa, alterando-lhes a mente e o corpo. É possível compreender, assim, os casos de possessos, relatados nos Evangelhos, que se curaram de doenças físicas, quando os Espíritos inferiores, que os subjugavam, foram retirados pela ação curadora de nosso mestre Jesus ou dos apóstolos.  
  
Por enquanto, os médicos estão às voltas com a extensa variedade de microorganismos patogênicos que devem combater, diuturnamente. Mas, no futuro, "a medicina da alma absorverá a medicina do corpo. Poderemos, na atualidade da Terra, fornecer tratamento ao organismo de carne. Semelhante tarefa dignifica a missão do consolo, da instrução e do alívio. Mas, no que concerne à cura real, somos forçados a reconhecer que esta pertence exclusivamente ao homem-espírito".  
  
FIXAÇÃO MENTAL  
A fixação mental representa a aderência do pensamento a um objeto (ser ou coisa), impedindo-lhe o fluxo normal e cristalizando-o de maneira que se lhe obsta qualquer modificação. Diferencia-se da concentração mental, porque, nesta, a fixação da atenção ocorre de modo deliberado, temporariamente.  
  
Nos casos de fixação mental, o indivíduo não consegue afastar a atenção de um determinado alvo, sendo a amnésia uma das consequências desse estado psicopatológico. " A idéia aflitiva ou obcecante nos corrói a vida mental, levando-nos afixação". O Espírito não se interessa por outro assunto a não ser aquele que o empolga, que é a sua própria ociosidade, a sua própria dor, ou o seu próprio ódio. Assim, paixão ou desânimo, crueldade ou vingança, ciúme ou desespero, enfim, qualquer grande perturbação interior pode imobilizar-nos por tempo indeterminado.  
  
Aprendemos com os Espíritos que quase todas as perturbações congênitas da mente estão relacionadas com as fixações que a antecederam na volta ao mundo. Aqueles que fracassaram, retornam à vida terrena fazendo parte da vasta área dos neuróticos, dos loucos, dos mutilados, dos feridos e dos enfermos de toda casta. "E só as lutas na carne vão processando a 'extroversão' indispensável à cura das psicoses de que são portadores".   
  
É preciso esclarecer que fixação mental, monoideísmo e parasita ovóide estão absolutamente imbricados, porque são estágios diferen­tes do mesmo processo. Na verdade, a fixação mental leva ao monoideísmo que, por sua vez, leva ao parasita ovóide.  
Confessamos a nossa dificuldade em classificar os processos obsessivos, porque as diferentes modalidades estão profundamente entrelaçadas. Mas, essa tentativa de classificação é um esforço inicial, e deve ser melhorada por todos quantos se dediquem ao estudo das obsessões.  
  
Recomendamos para estudo da fixação mental o Caso Antônio Olímpio. De forma resumida, podemos dizer que Antônio Olímpio assassinou os dois irmãos para apossar-se, sozinho, da herança dos pais. O crime foi praticado à noitinha, em um lago, e não foi descoberto pela polícia terrena, que considerou as mortes acidentais. Mas a cena continua a martelar diuturnamente a cabeça de Antônio Olímpio, após a sua desencarnação. O complexo de culpa faz com que reviva as cenas, repetidamente:  
  
"Emmeu pensamento (...) vejo apenas o barco no crepúsculo sinistro (...) ouvindo os brados de minhas vítimas (...) que soluçam e gargalham estranhamente (...) Ai de mim! (...) estou preso à terrível embarcação (...) sem que me possa desvencilhar (...) Quem me fará dormir ou morrer? (...)" Mesmo recolhido à Mansão Paz, posto de socorro do mundo espiritual, Antônio Olímpio permanece prisioneiro da fixação mental.  
  
PSICOPATOLOGIAS DO CORPO ESPIRITUAL (PERISPÍRITO)  
Monoideísmo  
O homem selvagem emprega a força e a astúcia para dominar os seres inferiores e a natureza à sua volta, mas não tem preparo algum para enfrentar o grande desconhecido que se descortina, para ele, após a morte física."O espetáculo da vastidão cósmica perturba-lhe o olhar e a visita de seres extraterrestres mesmo benevolentes e sábios, infunde-lhe pavor, crendo-se à frente de deuses bons ou maus, cuja natureza ele próprio se incumbe de fantasiar, na exiguidade das próprias concepções".  
  
Assim, depois do óbito, permanece, tímido, ao pé dos seus, em cuja companhia passa a viver em outras condições vibratórias, em processos variados de simbiose, ansioso por voltar à existência corpórea. Mantém-se, assim, vinculado à choça, aos seus, e "não tem outro pensamento senão voltar - voltar ao convívio revitalizante daqueles que lhe usam a linguagem e lhe comungam os interesses".  
Tal qual as bactérias que se transformam em esporos, quando as condições do meio lhe são adversas, tornando-se imóveis e resistentes ao ambiente, durante anos a fio, assim também, o espírito do selvagem perde os órgãos do corpo espiritual, que se lhe atrofiam por falta de função.  
  
Isso porque estabelece-se em seu íntimo o monoideísmo, a idéia fixa de voltar para a carne, e esse desejo eclipsa todos os demais. Dá-se, então, o que André Luiz chama de monoideísmo auto-hipnotizante, provocado por pensamento fixo-depressivo, nascido de sua inadaptação ao mundo extrafísico. Por esse processo, o desencarnado perde o seu corpo espiritual, transformando-se em ovóide, forma pela qual expressa o seu corpo mental.  
  
No monoideísmo, o núcleo da visão profunda, no centro coronário, sofre disfunção específica pela qual o Espírito contemplará tão-so-mente os quadros terríficos relacionados com as culpas contraídas. Tudo o mais ele deixa de observar. Vejamos o caso de Leonardo Pires, desencarnado há vinte anos, vive, agora, na casa da neta, Antonina. Apresenta-se como um velhinho, conforme seus últimos dias terrestres. A mente dele, porém, está fixada nos lances da última existência, em recordações que o obsecam.**

**Quando jovem, foi empregado do marechal Guilherme Xavier de Souza e, hoje, conserva a mente detida num crime de envenenamento, que cometeu quando integrava as forças brasileiras acampadas em Piraju, no Paraguai. Enciumado, sentindo-se preterido pela mulher leviana com a qual se relacionava, por causa de um colega de farda, Leonardo idealizou o crime e executou-o, utilizando vinho envenenado. Como as tropas deveriam seguir rumo ao Paraguari, o caso foi encerrado, sem maiores investigações.   
  
Leonardo seguiu em frente, convivendo por algum tempo com a mulher que fora pivô do crime, mas, de regresso ao Brasil, casou-se, deixando vários descendentes, entre os quais, Antonina. No leito de morte, reconheceu que a lembrança do crime castigava-lhe o mundo íntimo, centralizando todos os episódios apenas nesse.  
  
No além, o monoideísmo persistiu. Com o olhar de louco, segue a única imagem que se lhe vitaliza, a cada dia, na memória, ao influxo da própria consciência que se considera culpada. Como ensinam os Espíritos Reveladores a Allan Kardec : "a lei de Deus está inscrita na consciência". E ninguém pode ludibriá-la, impunemente.  
  
Parasitas Ovóides  
Há Espíritos que perdem a forma humana de apresentação do seu Perispírito, surgindo como esferas ovóides. "Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes que, por muitos anos, elegeram em centro de interesses fundamentais".**

**Inúmeros desencarnados, empolgados pela idéia de fazerem justiça com as próprias mãos ou apegados a vícios aviltantes, por repetirem infinitamente, essas imagens degradantes, acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, sofrendo, então, enormes transformações na morfologia do psicossoma. Por falta de função, os órgãos psicossomáticos ficam retraídos, e surge a forma ovóide.  
  
Atingida essa forma permanecem colados àqueles que foram seus sócios nos crimes, obedecendo à orientação das inteligências que os entrelaçam na rede do mal. Por isso servem às empreitadas infelizes nos processos de obsessão. Nas regiões inferiores, onde André Luiz esteve, em missão de paz, em companhia do instrutor Gúbio, e que estão descritas no extraordinário livro Libertação, grande número de entidades transportavam essas esferas, como se estivessem imantadas às suas próprias irradiações.  
  
O médico desencarnado explicou que esses ovóides são pouco maiores que um crânio humano, variando muito nas particularidades; alguns denunciam movimento próprio, como se fossem grandes amebas, outros parecem em repouso, aparentemente inertes, ligados ao halo vital de outras entidades. Qual a situação psíquica desses ovóides? A maioria deles dorme em estranhos pesadelos, incapazes de exteriorizações maiores.  
  
ALTERAÇÕES E DEFORMAÇÕES DO CORPO ESPIRITUAL  
Ao lado de espíritos que já conquistaram belas vestes de apresentação, encontramos outros cujos psicossomas revestem-se de verdadeiras deformidades. No livro Libertação, André Luiz teve oportunidade de constatar, de forma inesperada, um caso com essas alterações.   
  
A senhora de um médico revelava extremo cuidado com a aparência externa, apresentando-se sempre muito bem penteada e maquiada, no entanto, o médico desencarnado teve oportunidade de vê-la como autêntica bruxa, igual à dos contos infantis, quando, pela ação do sono, o seu Perispírito desprendeu-se do corpo físico. As aparências enganam.  
  
Em Evolução em Dois Mundos, André Luiz utiliza a nomenclatura corrente no mundo espiritual para designar as diversas alterações do psicossoma, consequentes a patologias mentais diferentes. Adinamia seria a queda mental no remorso; Hiperdinamia a patologia consequente aos delírios da imaginação, provocando hipo ou hipertensão no movimento circulatório das forças que o mantêm.   
  
Utiliza também a denominação Miopraxia do Centro Genésico Atonizado para designar a patologia do organismo sutil no caso do aborto provocado, que seria a arritmia do chacra responsável pela organização das energias sexuais.   
  
Em Ação e Reação, nos trabalhos de socorro da Mansão Paz, estabelecimento situado nas regiões inferiores, mas que permanece sob a jurisdição da cidade Nosso Lar, foi recolhido um desencarnado, cujo rosto era disforme, todos os traços se confundiam, qual se fosse uma esfera estranha e, além disso, seus braços e pernas eram hipertrofiados, enormes.**

**Depois de consultá-lo, o instrutor Druso afirmou que o desencarnado em questão encontrava-se sob terrível hipnose, tendo sido conduzido a essa posição por adversários temíveis, que, decerto, para torturá-lo, fixaram-lhe a mente em alguma penosa recordação. Era Antonio Olimpio, o fazendeiro que assassinara os dois irmãos e cujo crime passou despercebido da justiça humana. Sua história está também no estudo da fixação mental. (...)**

**LEMBRETE:**

**PARASITISMO ESPIRITUAL: O parasitismo espiritual (ou vampirismo) é um processo grave de obsessão que pode ocasionar sérios danos àquele que se faz hospedeiro (o obsidiado), levando-o à loucura ou até mesmo à morte. Suely C. Schubert**

**PARASITOSE ESPIRITUAL: Assim, os Espíritos que se encontram muito apegados às sensações materiais prosseguem, após o túmulo, a buscar sofregamente os gozos em que se compraziam. Para usufruí-los, vinculam-se aos encarnados que vibram em faixa idêntica, instalando-se então o comércio das emoções doentias. Por outro lado, os obsessores, por vingança e ódio, ligam-se às suas vítimas com o intuito de absorver-lhes a vitalidade, enfraquecendo-as e exaurindo-as, para conseguirem maior domínio. Idêntico procedimento têm os desencarnados que se imantam aos seres que ficaram na Terra e que são os parceiros de paixões desequilibrantes. Ressalte-se que existem aqueles que, já libertos do corpo físico, ligam-se, inconscientemente, aos seres amados que permanecem na crosta terrestre, mas sem o desejo de fazer o mal. E, mesmo entre os encarnados, pessoas existem que vivem permanentemente sugando as forças de outros seres humanos, que se deixam passivamente dominar. Essa dominação não fica apenas adstrita à esfera física, mas (...) intensifica-se durante as horas de sono. Quando mais profunda or esta sintonia maior será a vampirização. Em qualquer dos casos configura-se perfeitamente a parasitose espiritual (...) Também aqueles que se aproveitam do trabalho alheio - em regime de quase escravidão - pagando a essas criaturas salários de fome, que as colocam em condições subumanas, exercem, de certa forma, a parasitose. Suely C. Schubert**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **PARENTES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Amor e ódio - pág. 247** | **02 - Ave Cristo - pág. 14,128** |
| **03 - Calma - pág. 77** | **04 - Caminho, Verdade e Vida - pág. 139** |
| **05 - Cartas e crônicas - pág. 23** | **06 - Conduta Espírita - pág. 74** |
| **07 - Coragem - pág. 77** | **08 - Entre o céu e a Terra - pág. 258** |
| **09 - Estude e viva - pág. 351** | **10 - Falando à Terra - pág. 73** |
| **11 - Fonte Viva - pág. 92** | **12 - Jesus no lar - pág. 35** |
| **13 - Luz no lar - pág. 64, 124** | **14 - Na era do Espírito - pág. 136** |
| **15 - No mundo maior - pág. 228, 236** | **16 - Nosso Lar - pág. 90** |
| **17 - O Evangelho Seg. o Espiritismo- pág. 84, 108...** | **18 - O Livro dos Espíritos - q 203, 286,...** |
| **19 - Os mensageiros - pág. 12** | **20 - Pontos e contos - pág. 177** |
| **21 - Poetas redivivos - pág. 16** | **22 - Religião dos Espíritos - pág. 43** |
| **23 - Rumo certo - pág. 165** | **24 - Sinal verde - pág. 23** |
| **25 - Síntese de O Novo Testamento - pág. 114** | **26 - Vinha de luz - pág. 235** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PARENTES – COMPILAÇÃO**

**05 - CARTAS E CRÔNICAS - IRMÃO X - PÁG. 23**

**ÍTEM 4 - Treino para a morte:  
Preocupado com a sobrevivência além do túmulo, você pergunta, espantado, como deveria ser levado a efeito o treinamento de um homem para as surpresas da morte. A indagação é curiosa e realmente dá que pensar. Creia, contudo, que, por enquanto, não é muito fácil preparar tecnicamente um companheiro à frente da peregrinação infalível. Os turistas que procedem da Ásia ou da Europa habilitam futuros viajantes com eficiência, por lhes não faltarem os termos analógicos necessários. Mas nós, os desencarnados, esbarramos com obstáculos quase intransponíveis. A rigor, a Religião deve orientar as realizações do espírito, assim como a Ciência dirige todos os assuntos pertinentes à vida material. Entretanto, a Religião, até certo ponto, permanece jungida ao superficialismo do sacerdócio, sem tocar a profundez da alma.**

**Importa considerar também que a sua consulta, ao invés de ser encaminhada a grandes teólogos da Terra, hoje domiciliados na Espiritualidade, foi endereçada justamente a mim, pobre noticiarista sem méritos para tratar de semelhante inquirição. Pode acreditar que não obstante achar-me aqui de novo, há quase vinte anos de contado, sinto-me ainda no assombro de um xavante, repentinamente trazido da selva matogrossense para alguma de nossas Universidades, com a obrigação de filiar-se, de inopino, aos mais elevados estudos e às mais complicadas disciplinas. Em razão disso, não posso reportar-me senão ao meu próprio ponto de vista, com as deficiências do selvagem surpreendido junto à coroa da Civilização. Preliminarmente, admito deva referir-me aos nossos antigos maus hábitos. A cristalização deles, aqui, é uma praga tiranizante.**

**Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os ciapós, que se devoravam uns aos outros.  
Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão. Tenho visto muitas almas de origem aparentemente primorosa, dispostas a trocar o próprio Céu pelo uísque aristocrático ou pela nossa cachaça brasileira. Tanto quanto lhe seja possível, evite os abusos do fumo. Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina. Não se renda à tentação dos narcóticos. Por mais aflitivas lhe pareçam as crises do estágio no corpo, aguente firme os golpes da luta. As vítimas da cocaína, da morfina e dos barbitúricos demoram-se largo tempo na cela escura da sede e da inércia. E o sexo? Guarde muito cuidado na preservação do seu equilíbrio emotivo. Temos aqui muita gente boa carregando consigo o inferno rotulado de «amor».**

**Se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque. Em família, observe cautela com testamentos. As doenças fulminatórias chegam de assalto, e, se a sua papelada não estiver em ordem, você padecerá muitas humilhações, através de tribunais e cartórios. Sobretudo, não se apegue demasiado aos laços consanguíneos. Ame sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que, por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória. Não se esqueça de que, no estado presente da educação terrestre, se alguns afeiçoados lhe registrarem a presença extraterrena, depois dos funerais, na certa intimá-lo-ão a descer aos infernos, receando-lhe a volta inoportuna.**

**Se você já possui o tesouro de uma fé religiosa, viva de acordo com os preceitos que abraça. E' horrível a responsabilidade moral de quem já conhece o caminho, sem equilibrar-se dentro dele. Faça o bem que puder, sem a preocupação de satisfazer a todos. Convença-se de que se você não experimenta simpatia por determinadas criaturas, há muita gente que suporta você com muito esforço. Por essa razão, em qualquer circunstância, conserve o seu nobre sorriso. Trabalhe sempre, trabalhe sem cessar. O serviço é o melhor dissolvente de nossas mágoas. Ajude-se, através do leal cumprimento de seus deveres. Quanto ao mais, não se canse nem indague em excesso, porque, com mais tempo ou menos tempo, a morte lhe oferecerá o seu cartão de visita, impondo-lhe ao conhecimento tudo aquilo que, por agora, não lhe posso dizer.**

**07 - CORAGEM - ESPIRITOS DIVERSOS - PÁG.77**

**ÍTEM 23 - NA INTIMIDADE DOMÉSTICA: A história do bom samaritano, repetidamente estudada, oferece conclusões sempre novas. O viajante compassivo encontra o ferido anônimo na estrada. Não hesita em auxiliá-lo. Estende-lhe a mão. Pensa-lhe as feridas. Recolhe-o nos braços sem qualquer idéia de preconceito. Condu-lo ao albergue mais próximo. Garante-lhe a pousada. Olvida conveniências e permanece junto dele, enquanto necessário. Abstém-se de indagações. Parte ao encontro do dever, assegurando-lhe a assistência com os recursos da própria bolsa, sem prescrever-lhe obrigações. Jesus transmitiu-nos a parábola, ensinando-nos o exercício da caridade real, mas até agora, transcorridos quase dois milênios, aplicamo-la, via de regra, unicamente às pessoas que não nos comungam o quadro particular.**

**Quase sempre, todavia, temos os caídos do reduto doméstico. Não descem de Jerusalém para Jericó mas tombam da fé para a desilusão e da alegria para a dor, espoliados nas melhores esperanças, em rudes experiências. Quantas vezes surpreendemos as vítimas da obsessão e do erro, da tristeza e da provação, dentro de casa! Julgamos, assim, que a parábola do bom samaritano que é sempre abençoada luz na vida externa, produzirá também efeitos admiráveis, toda vez que nos decidirmos a usá-la, na vida íntima, compreendendo e auxiliando aos vizinhos e companheiros, parentes e amigos, sem nada exigir e sem nada perguntar. EMMANUEL**

**08 - ENTRE O CÉU E A TERRA - ANDRÉ LUIZ - PÁG. 258**

**(...)Guardava a impressão de haver descido a tormentoso inferno moral. Antonina sentiu por ele a piedade amorosa com que as mães se dispõem ao soerguimento espiritual dos filhos sofredores e rogou-lhe serenidade. Silva, contudo, em pranto convulsivo, era um doente que reclamava mais ampla intervenção. Atraída irresistivelmente para ele, a nobre amiga deixou de sublinhar o tratamento com a palavra "senhor" e, fazendo-se mais íntima, obtemperou, carinhosa:- Mário, quando caímos é preciso que nos levantemos, a fim de que o carro da vida, em seu movimento incessante, não nos esmague. Conhecemo-nos há dois dias, no entanto, sinto que profundos laços de fraternidade nos reúnem. Não acredito estejamos aqui juntos, obedecendo a simples acaso. Decerto, as forças que nos dirigem a existência impelem-nos aos testemunhos afetivos desta hora. Enxugue as lágrimas para que possamos ver o caminho... Compreendo o seu drama de homem rudemente provado na forja da vida, entretanto, se posso pedir-lhe alguma coisa, rogar-lhe-ia bom ânimo.**

**Fixando-o com mais doçura no olhar, prosseguiu, depois de leve pausa:- Também eu tenho lutado muito. Lutado e sofrido. Casei-me por amor e vi-me espoliada em minhas melhores esperanças. Meu marido, antes de encontrar a morte, relegou-nos a dolorosa penúria. Quando mais intensa era a nossa agonia doméstica, vi um filhinho morrer ao toque das aflitivas provações que nos flagelavam a casa... Graças a Deus, todavia, reconheço que seriamos tão-somente ignorância e miséria sem o auxílio da dor. O sofrimento é uma espécie de fogo invisível, plasmando-nos o caráter. Não se deixe abater, assim. Você está moço e as suas realizações no mundo podem ser as mais elevadas...- Mas estou certo de que sou um assassino!... -soluçou o rapaz, desacoroçoado.- Quem poderia confirmá-lo? - exclamou Antonina, com mais ternura na voz. - É indispensável recordemos que, atento à profissão, atendeu você a um menino completamente entregue ao domínio do crupe. O pequenino Júlio, à sua chegada, já estaria ofegante, sob as asas da morte.- Mas, e a impressão? e o remorso? Sinto-me derrotado, aflito... Tenho medo de mim mesmo...**

**A nobre senhora fitou o hóspede com a admirável segurança que lhe era peculiar e falou, firme:- Mário, você acredita na reencarnação da alma? E porque o interlocutor a contemplasse, com estranheza, continuou sem ouvir-lhe a resposta:- Todos somos viajores no grande caminho da eternidade. O corpo de carne é uma oficina em que nossa alma trabalha, tecendo os fios do próprio destino. Estamos chegando de longe, a revivescer dos séculos mortos, como as plantas a renascerem do solo profundo... Naturalmente, você, Amaro, Zulmira e Júlio estão recapitulando alguma tragédia que ficou distanciada no espaço e no tempo, mas viva nos corações. E, mediante o carinho de sua confissão espontânea, não duvido de minha participação em algum lance da luta que motivou os acontecimentos da atualidade. Amor e ódio não se improvisam. Resultam de nossas construções espirituais nos milênios. Provavelmente, alguma responsabilidade me compete nos serviços em cuja execução você se comprometeu. Nossa confiança imediata, nossa associação neste assunto sem qualquer base prévia, essa simpatia fraternal com que você vem a mim e o interesse com que lhe ouço a exposição me autorizam a admitir que o presente está refletindo o passado. E, em razão disso, ofereço-me para cooperar com o seu esforço de algum modo...**

**- Colaborar? - atalhou o moço, quase alucinado - é impossível... O menino está morto...Envolta nas irradiações de Clarêncio, Antonina alegou com sensatez:- E quem nos diz que Júlio não possa voltar à Terra? quem nos pronunciará incapazes de algo fazer a benefício da criancinha que partiu?- Como? como? - indagou, atônito, o infeliz.- Escute, Mário. O egoísmo não se revela feroz tão somente em nossas alegrias. Muitas vezes, comparece também, asfixiante e terrível, em nossas dores. Isso se verifica, quando em nossa mágoa pensamos apenas em nós. Você se declara delinquente, amargurado, vencido, qual se fosse um herói repentinamente arrojado do altar da admiração pública à poeira da desconsideração. Admito que concentrar demasiada atenção em culpas imaginárias é mera vaidade a encarcerarnos na angústia vazia. Enquanto lastimamos a nossa imperfeição, perdemos a hora que seria justo utilizar em nossa própria melhoria. E, modificando a inflexão de voz, que se fez algo mais firme, acrescentou:- Você já meditou no padecimento dos pais feridos pela separação? já refletiu nos sonhos maternos, despedaçados? por que não estender fraternos braços aos progenitores na sombra do infortúnio?**

**Creio na imortalidade da alma e na redenção dos nossos erros, penso que a renovação do dia é um símbolo da graça do Senhor sempre repetida em nosso caminho, para que lhe aproveitemos o tesouro de bênçãos no crescimento ou no reajuste... Por que não visitar você o lar de nossos desventurados amigos, nesta hora em que naturalmente precisam de carinho e solidariedade? É possível que a Divina Bondade esteja reservando ali algum serviço para o seu propósito de elevação. Quem sabe? A volta de Júlio pode efetuar-se. Para isso, porém, será necessário reerguer o ânimo materno...Passando da energia de conselheira à ternura de irmã, aduziu, carinhosa:- Deixaria você a outrem o privilégio de semelhante serviço?- Não tenho coragem! - lamentou o rapaz, chorando.- Não, Mário! Em ocasiões dessas, não é a coragem que nos falha e sim a humildade. Nosso orgulho neste mundo, apesar de inconsequente e vão, é por demais envolvente e excessivo. Não sabemos liberar a personalidade segregada no visco de nosso exagerado amor-próprio. Em suma, aprisionamos o coração na escura fortaleza da vaidade e não sabemos ceder...**

**Apegando-se ao socorro moral que lhe era lançado, o enfermeiro suplicou, pesaroso:- Antonina, creio em sua amizade e na elevada compreensão que flui de suas palavras. Ajude-me! não vim aqui senão rogar auxílio e discernimento. Exponha você mesma o que devo fazer. Dê-me um plano. Perdoe-me a intimidade, tenho sido um homem sem fé... Não tenho autoridades ou amigos para quem apelar... Não nos conhecemos senão há dias, mas encontrei em seu coração e em sua casa algo novo para meu pobre espírito... Suporte-me e ampare-me por amor de Deus, em cuja providência você crê com tanta sinceridade!...**

**A jovem viúva, sentindo-se verdadeiramente irmã dele, acariciou-lhe as mãos quais se fossem velhos conhecidos, e agora, igualmente em lágrimas de emotividade e reconhecimento, convidou-o a visitarem juntos o casal sofredor, na noite seguinte. Confiaria Henrique e Lisbela aos cuidados de uma parenta e seguiriam para a residência de Amaro, em companhia de Haroldo. Desejava auxiliá-lo, a ele, Mário, na justa recuperação, e, para esse fim, estimaria acompanhá-lo, de maneira a ser mais útil. O moço aceitou a gentileza, exultante. Estava convencido de que, ao lado de Antonina, encontraria uma solução. Um sorriso de reconforto assomou-lhe aos lábios e foi assim que deixamos o enfermeiro atormentado, sob a eclosão de nova e abençoada esperança.**

**09 - FONTE VIVA - EMMANUEL - PÁG. 351**

**ÍTEM 156 - PARENTES  
"Mas se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel." — Paulo. (I timóteo, 5:8.)  
A casualidade não se encontra nos laços da parentela.  
Princípios sutis da Lei funcionam nas ligações consanguíneas.  
Impelidos pelas causas do passado a reunir-nos no presente, é indispensável pagar com alegria os débitos que nos imanam a alguns corações, a fim de que venhamos a solver nossas dívidas para com a Humanidade.  
Inútil é a fuga dos credores que respiram conosco sob o mesmo teto, porque o tempo nos aguardará implacável, constrangendo-nos à liquidação de todos os compromissos.  
  
Temos companheiros de voz adocicada e edificante na propaganda salvacionista, que se fazem verdadeiros trovões de intolerância na atmosfera caseira, acumulando energias desequilibradas em torno das próprias tarefas.  
Sem dúvida, a equipe familiar no mundo nem sempre é um jardim de flores. Por vezes, é um espinheiro de preocupações e de angústias, reclamando-nos sacrifício. Contudo, embora necessitemos de firmeza nas atitudes para temperar a afetividade que nos é própria, jamais conseguiremos sanar as feridas do nosso ambiente particular com o chicote da violência ou com o emplastro do desleixo.  
  
Consoante a advertência do Apóstolo, se nos falha o cuidado para com a própria família, estaremos negando a fé.  
Os parentes são obras de amor que o Pai Compassivo nos deu a realizar. Ajudemo-los, através da cooperação e do carinho, atendendo aos desígnios da verdadeira fraternidade. Somente adestrando paciência e compreensão, tolerância e bondade, na praia estreita do lar, é que nos habilitaremos a servir com vitória, no mar alto das grandes experiências.**

**11 - ESTUDE E VIVA - ANDRÉ LUIZ E EMMANUEL - PÁG. 92**

**Na seara doméstica: Todos somos irmãos, constituindo uma família só, perante o Senhor; mas, até alcançarmos a fraternidade suprema, estagiaremos, através de grupos diversos, de aprendizado em aprendizado, de reencarnação a reencarnação. Temos, assim, no cotidiano, a companhia daquelas criaturas que mais entranhadamente se nos associam ao trabalho, chamem-se esposo ou esposa, pais ou filhos, parentes ou companheiros. E, por muito se nos impessoalizem os sentimentos, somos defrontados em família pelas ocasiões de prova ou de crises, em que nos inquietamos, gastando tempo e energia para vê-los na trilha que consideramos como sendo a mais certa. Se já conquistamos, porém, mais amplas experiências, é forçoso, a fim de ajudá-los, cultivar a bondade e a paciência com que, noutro tempo, fomos auxiliados por outros. Suportamos dificuldades e desacertos para atingir determinados conhecimentos, atravessamos tentações aflitivas e, em alguns casos, sofremos queda imprevista, da qual nos levantamos somente à custa do amparo daqueles que fizeram da virtude não uma alavanca de fogo, mas sim um braço amigo, capaz de compreender e de sustentar.  
  
Lembremo-nos, sobretudo, de que os nossos entes amados são consciências livres, quais nós mesmos. Se errados, não será lançando condenação que poderemos reajustá-los; se fracos, não é aguardando deles espetáculos de força que lhes conferiremos valor; se ignorantes, não é lícito pedir-lhes entendimento, sem administrar-lhes educação; e, se doentes, não é justo esperar testemunhem comportamento igual ao da criatura sadia, sem, antes, suprimir-lhes a enfermidade. Em qualquer circunstância, é necessário observar e observar sempre que fomos transitoriamente colocados em regime de intimidade, a fim de aprendermos uns com os outros e amparar-nos reciprocamente. À vista disso, quando o mal se nos intrometa na seara doméstica, evitemos desespero, irritação, desânimo e ressentimento, que não oferecem proveito algum, e sim recorramos à prece, rogando à Providência Divina nos conduza e inspire por seus emissários; isso para que venhamos a agir, não conforme os nossos caprichos, e sim de conformidade com o amor que a vida nos preceitua, a fim de fazermos o bem que nos compete fazer.  
  
Por nossa vez:  
Humanidades numerosas povoam os mundos siderais.  
Povoamos a Escola Terrestre.  
Espíritos marcham em gradação infinita, nos campos da evolução.  
Apresentamos os resultados de nosso esforço na vida diária.  
Muitos corações são mais felizes que o nosso.   
Almas inumeráveis esperam por nosso, auxílio.  
Ninguém vive desligado da Supervisão Divina.  
Somos examinados constantemente.  
Há criaturas no passo inicial do progresso.   
Encontramos a Perfeição Infinita, agindo e servindo à frente de todos.  
Hoje, o nosso vizinho pode ser visitado pela experiência difícil.  
Amanhã, provavelmente, será nossa vez.  
A Lei julga, imparcialmente, aqueles que costumamos julgar.  
Todavia, a mesma Lei avalia-nos os mínimos atos com integridade indefectível.  
  
11- FONTE VIVA - EMMANUEL - PÁG.92**

**ÍTEM 7 - NA OBRA REGENERATIVA:  
"Irmãos, se algum homem chegar a. ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, orientai-o com espírito de mansidão, velando por vós mesmos para que não sejais igualmente tentados." — Paulo, (GALATAS, 6:1.)  
Se tentamos orientar o irmão perdido nos cipoais do erro, com aguilhões de cólera, nada mais fazemos que lhe despertar a ira contra nós mesmos.  
Se lhe impusermos golpes, revidará com outros tantos.  
Se lhe destacamos as falhas, poderá salientar os nossos gestos menos felizes.  
Se opinamos para que sofra o mesmo mal com que feriu a outrem, apenas aumentamos a percentagem do mal, em derredor de nós.  
Se lhe aplaudimos a conduta errônea, aprovamos o crime.  
Se permanecemos indiferentes, sustentamos a perturbação.  
Mas se tratarmos o erro do semelhante, como quem cogita de afastar a enfermidade de um amigo doente, estamos, na realidade, concretizando a obra regenerativa.  
Nas horas difíceis, em que vemos um companheiro despenhar-se nas sombras interiores, não olvidemos que, para auxiliá-lo, é tão desaconselhável a condenação, quanto o elogio.  
Se não é justo atirar petróleo às chamas, com o propósito de apagar a fogueira, ninguém cura chagas com a projeção de perfume.  
Sejamos humanos, antes de tudo.  
Abeiremo-nos do companheiro infeliz, com os valores da compreensão e da fraternidade.  
Ninguém perderá, exercendo o respeito que devemos a todas as criaturas e a todas as coisas.  
Situemo-nos na posição do acusado e refutamos se, nas condições dele, teríamos resistido às sugestões do mal.   
Relacionemos as nossas vantagens e os prejuízos do próximo, com imparcialidade e boa intenção.  
Toda vez que assim procedermos, o quadro se modifica nos mínimos aspectos.  
De outro modo será sempre fácil zurzir e condenar, para cairmos, com certeza, nos mesmos delitos, quando formos, por nossa vez, visitados pela tentação.  
  
ÍTEM 38 - SE SOUBÉSSEMOS: "Pai, perdoa-lhes, porque não sa­bem o que fazem.. ." — Jesus. (Lucas, 23:34.)  
Se o homicida conhecesse, de antemão, o tributo de dor que a vida lhe cobrará, no reajuste do seu destino, preferiria não ter braços para desferir qualquer golpe.   
Se o caluniador pudesse eliminar a crosta de sombra que lhe enlouquece a visão, observando o sofrimento que o espera no acerto de contas com a verdade, paralisaria as cordas vocais ou imobilizaria a pena, a fim de não se confiar à acusação descabida.  
Se o desertor do bem conseguisse enxergar as perigosas ciladas com que as trevas lhe furtarão o contentamento de viver, deter-se-ia feliz, sob as algemas santificantes dos mais pesados deveres.  
Se o ingrato percebesse o fel de amargura que lhe invadirá, mais tarde, o coração, não perpetraria o delito da indiferença.  
Se o egoísta contemplasse a solidão infernal que o aguarda, nunca se apartaria da prática infatigável da fraternidade e da cooperação.  
Se o glutão enxergasse os desequilíbrios para os quais encaminha o próprio corpo, apressando a marcha para a morte, renderia culto invariável à frugalidade e à harmonia.  
Se soubéssemos quão terrível é o resultado de nosso desrespeito às Leis Divinas, jamais nos afastaríamos do caminho reto.  
Perdoa, pois, a quem te fere e calunia...  
Em verdade, quantos se rendem às sugestões perturbadoras do mal, não sabem o que fazem.  
  
12 - JESUS NO LAR - NÉIO LÚCIO - PÁG. 35**

**ÍTEM 6 - Os instrumentos da perfeição:  
Naquela noite, Simão Pedro trazia à conversação o espírito ralado por extremo desgosto. Agastara-se com parentes descriteriosos e rudes. Velho tio acusara-o de dilapidador dos bens da família e um primo ameaçara esbofeteá-lo na via pública. Guardava, por isso, o semblante carregado e austero. Quando o Mestre leu algumas frases dos Sagrados Escritos, o pescador desabafou. Descreveu o conflito com a parentela e Jesus o ouviu em silêncio. Ao término do longo relatório afetivo, indagou o Senhor:— E que fizeste, Simão, ante as arremetidas dos familiares incompreensivos?— Sem dúvida, reagi como devia! — respondeu o apóstolo, veemente. — Coloquei cada um no lugar próprio. Anunciei, sem rebuços, as más qualidades de que são portadores. Meu tio é raro exemplar de sovinice e meu primo é mentiroso contumaz. Provei, perante numerosa assistência, que ambos são hipócritas, e não me arrependi do que fiz. O Mestre refletiu por minutos longos e falou, compassivo:— Pedro, que faz um carpinteiro na construção de uma casa?**

**— Naturalmente, trabalha — redarguiu o interpelado, irritadiço.— Com quê? — tornou o Amigo Celeste, bem-humorado.— Usando ferramentas. Após a resposta breve de Simão, o Cristo continuou:— As pessoas com as quais nascemos e vivemos na Terra são os primeiros e mais importantes instrumentos que recebemos do Pai, para a edificação do Reino do Céu em nós mesmos. Quando falhamos no aproveitamento deles, que constituem elementos de nossa melhoria, é quase impossível triunfar com recursos alheios, porque o Pai nos concede os problemas da vida, de acordo com a nossa capacidade de lhes dar solução. A ave é obrigada a fazer o ninho, mas não se lhe reclama outro serviço. A ovelha dará lã ao pastor; no entanto, ninguém lhe exige o agasalho pronto. Ao homem foram concedidas outras tarefas, quais sejam as do amor e da humildade, na ação inteligente e constante para o bem comum, a fim de que a paz e a felicidade não sejam mitos na Terra. Os parentes próximos, na maioria das vezes, são o martelo ou o serrote que podemos utilizar a benefício da construção do templo vivo e sublime, por intermédio do qual o Céu se manifestará em nossa alma.**

**Enquanto o marceneiro usa as suas ferramentas, por fora, cabe-nos aproveitar as nossas, por dentro. Em todas as ocasiões, o ignorante representa para nós um campo de benemerência espiritual; o mau é desafio que nos põe a bondade à prova; o ingrato é um meio de exercitarmos o perdão; o doente é uma lição à nossa capacidade de socorrer. Aquele que bem se conduz, em nome do Pai, junto de familiares endurecidos ou indiferentes, prepara-se com rapidez para a glória do serviço à Humanidade, porque, se a paciência aprimora a vida, o tempo tudo transforma. Calou-se Jesus e, talvez porque Pedro tivesse ainda os olhos indagadores, acrescentou serenamente:— Se não ajudamos ao necessitado de perto, como auxiliaremos os aflitos, de longe? se não amamos o irmão que respira conosco os mesmos ares, como nos consagraremos ao Pai que se encontra no Céu? Depois destas perguntas, pairou na modesta sala de Cafarnaum expressivo silêncio que ninguém ousou interromper.   
  
15 - NO MUNDO MAIOR - ANDRÉ LUIZ - 228, 236**

**ÍTEM 17 - NO LIMIAR DAS CAVERNAS: Reunidos agora, Calderaro e eu, à comissão de trabalho socorrista que operaria nas cavernas de sofrimento, fui surpreendido pela expressão da Irmã Cipriana, que chefiava as atividades dessa natureza. Constituía-se a turma de reduzido número de companheiros: sete ao todo. Avistando-me ao lado do Assistente, perguntou Cipriana com singeleza, feitas as saudações usuais:- Pretende o irmão André seguir em nossa companhia? O abnegado amigo respondeu que o próprio Instrutor Eusébio lembrara a conveniência de minha visita aos abismos purgatoriais; esclareceu que eu me achava interessado em obter informes da vida nas esferas inferiores, para os relatar aos companheiros encarnados, auxiliando-os na preparação necessária à ciência de bem viver. A diretora ouviu, bondosa, e objetou:- Sim, a sugestão de Eusébio é valiosa, em se tratando de observações preliminares no Baixo Umbral. Como responsável, porém, pelos serviços diretos da expedição, não posso admiti-lo, por enquanto, em todas as particularidades.**

**Fixou em mim o olhar lúcido e meigo, como a lastimar a impossibilidade, e acrescentou:- Nosso estimado André não tem o curso de assistência aos sofredores nas sombras espessas. Afagou-me de leve, com a destra carinhosa, e acrescentou: - Se nos é indispensável obter difíceis realizações preparatórias, a fim de colhermos o benefício das Grandes Luzes, é-nos imprescindível a iniciação, para ministrarmos esse mesmo benefício nas "grandes trevas". Ante o meu indisfarçável desapontamento, a veneranda benfeitora continuou:- No entanto, convenhamos que o nosso irmão não se encontra, junto de nós, sem problemas substanciais a resolver. Cada situação a que somos conduzidos é portadora de ocultos ensinamentos para nosso bem. Os desígnios superiores jamais nos propõem questões de que não necessitemos, na arena das circunstâncias. Se Eusébio foi levado a sugerir esta oportunidade, é que André Luiz tem nestes sítios urgente serviço a prestar. Considerando, porém, as responsabilidades que me cabem, não posso autorizar que nos siga em todos os passos; contudo, convido o Irmão Calderaro a permanecer, em companhia do prestimoso aprendiz, no limiar das cavernas, sem descerem conosco; mesmo aí, estudioso que é, ele encontrará inesgotável material de observação, sem necessidade de enfrentar situações embaraçosas, para as quais ainda não se aprestou convenientemente...**

**Em face da solução apresentada, alegria geral voltou a confortar-nos. Agradeci, contente. Calderaro também se manifestou reconhecido. E, no júbilo dos trabalhadores que se regozijam com o ensejo de incessantemente aprender para o bem, seguimos na direção de cena medonhamente sombria. Ah! já divisara tremendos precipícios, onde entidades culposas se interpelavam umas às outras em deploráveis atitudes; vira chover faíscas chamejantes do firmamento sobre os vales da revolta; descobrira inúmera entidades senhoreadas por estranhas alucinações câmaras retificadoras; mas ali...Estaríamos acaso alcançando a "selva escura", a que se referira Alighieri, no poema imortal? Laceravam-me o coração as vozes lamentosas dispersas a se evolarem para o céu de fumo! Não, não eram lamentações apenas; à proporção que nos adiantávamos, descendo, modificava-se a gritaria; ouvíamos também gargalhadas, imprecações. Estacamos em enorme planície pantanosa, onde numerosos grupos de entidades humanas desencarnadas se perdiam de vista, em assombrosa desordem, à maneira de milhares de loucos, separados uns dos outros, ou aos magotes, segundo a espécie de desequilíbrio que lhes era peculiar.**

**Não me era possível calcular a extensão da várzea imensa, e ainda que houvesse marcos topográficos, para tal apreciação, o nevoeiro era demasiado denso para que se pudessem computar distâncias. Percorremos alguns quilómetros em plano horizontal, e, quando o terreno se inclinou, de novo, abrindo outras perspectivas abismais, Irmã Cipriana e os colegas prazenteiramente se despediram de nós, deixando-nos, ao Assistente e a mim, com o aviso de que voltariam a buscar-nos dentro de seis horas. Abraçando-me, a diretora disse, gentil:- Desejo-te, meu amigo, feliz êxito nos estudos. Certo, ao voltarmos, receberemos tuas confortadoras impressões. Sorri, encantado, a tão generosa demonstração de apreço. Logo após, Calderaro e eu nos achamos a sós na atra vastidão povoada de habitantes estranhos. As conversações em torno eram inúmeras e complexas. Pareceu-me que aquele "povo desencarnado" não se dava conta da própria situação, pelo que me foi possível ajuizar de início. Enquanto densas turbas de almas torturadas se debatiam em substância viscosa, no solo, onde andávamos, assembléias de Espíritos dementes enxameavam não longe, em intermináveis contendas por interesses mesquinhos.**

**A paisagem era francamente impressionante pelos característicos infernais que nos circundavam. Notando a displicência de muitos daqueles irmãos infelizes, não sopitei as lucubrações que me surgiam. Os grupos de infortunados agiam, ali, desconhecendo os padecimentos uns dos outros. Certos grupos volitavam a pequena altura, como bandos de corvos negrejantes, mais escuros que a própria sombra a envolvernos, ao passo que vastos cardumes de desventurados jaziam chumbados ao solo, quais aves desditosas, de asas partidas... Como explicar tudo isso? Iniciei meu interrogatório, dirigindo-me ao instrutor:- Será que estes míseros precitos nos vêem?- Alguns sim, mas não nos ligam maior importância: estão muito preocupados consigo mesmos; abrigaram no coração sentimentos rasteiros, e tardarão em se libertarem deles.-Toda esta gente permanece, porém, desamparada, entregue a si mesma? - Não - respondeu Calderaro, paciente -; funcionam por aqui, inúmeros postos de socorro e variadas escolas, em que muita gente pratica a abnegação. Os padecentes e as personalidades torturadas são atendidas, de acordo com as possibilidades de aproveitamento que demonstram. Estampou complacente expressão no rosto e considerou:**

**- As regiões inferiores jamais estarão sem enfermelros e sem mestres, porque uma das maiores alegrias dos céus é a de esvaziar os infernos. Vendo bandos de seres a se locomoverem no ar, quase a nos rentear, recordei que em nossa colônia as faculdades de volitação não eram comumente exercidas para não melindrarmos aqueles que as não possuíam desenvolvidas; mas... e ali? Criaturas de baixas condições se moviam nos ares, embora a poucos metros do solo. Calderaro, porém, explicou:- Não te surpreendas. A volitação depende, fundamentalmente, da força mental armazenada pela inteligência; importa, contudo, considerar que os voos altíssimos da alma só se fazem possíveis quando à intelectualidade elevada se alia o amor sublime. Há Espíritos perversos com vigorosa capacidade volitiva, apesar de circunscritos a baixas incursões. São donos de imenso poder de raciocínio e manejam certas forças da Natureza, mas sem característicos de sublimação no sentimento, o que lhes impede grandes ascensões. No que se refere, entretanto, às entidades admitidas à nossa colônia espiritual, ainda em grande número incapacitadas de usar tal vantagem, o fenômeno é natural. É mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivermos com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigarmos pessoas sumamente intelectuais sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quase impraticável. Neste capítulo da volitação, portanto, impende observar os ascendentes naturais, levando em conta, com a própria Natureza, que os corvos voam baixo, procurando detritos, enquanto as andorinhas se libram alto, buscando a primavera.**

**Feito o reparo, perguntei, lembrando-me das injunções terrenas: - Mas... e as necessidades de subsistência? O instrutor não se fez rogado e informou:- Nada lhes falta quanto às exigências essenciais de socorro e de manutenção, como ocorre num nosocômio da esfera carnal. O Assistente fez breve pausa e prosseguiu:- Referindo-nos ao manicômio, esclareço agora que é minha intenção, ao visitar um hospício em tua companhia, foi justamente o de preparar-te para a excursão que ora efetuamos. Temos aqui, nestas assembléias de incompreensão e dor, infindas fileiras de loucos que voluntariamente se arredaram das realidades da vida. Fixaram a mente nas zonas mais baixas do ser, e, olvidando o sagrado patrimônio da razão, cometeram faltas graves, contraindo pesados débitos. Já viste, em nossa organização espiritual de vida coletiva, irmãos sofredores convenientemente amparados; alguns ainda sofrem estranhas perturbações alucinatórias, outros são guardados à maneira de múmie perispiríticas em letargia profunda, aguardando-se-lhe o despertar; outros povoam vastas enfermarias para reerguerem espiritualmente pouco a pouco... Aqui, entanto, se congregam verdadeiras tribos de criminoso e delinquentes, atraídos uns aos outros, consoante a natureza de faltas que os identificam. Muitos são inteligentes e, intelectualmente falando, esclarecidos, mas, seu réstia de amor que lhes exalce o coração, erram de obstáculo a obstáculo, de pesadelo a pesadelo...**

**O choque da desencarnação para eles, ainda impermeáveis auxílio santificante, pela dureza que lhes assinala sentimentos, parece galvanizá-los na posição mental que se encontravam no momento do trânsito entre duas esferas, e, dessa forma, não é fácil de logo arrancá -los do desequilíbrio a que imprevidentes se precipitaram. Retardam-se, às vezes, anos a fio, obstinando-se nos erros a que se habituaram, e, vigorando impulsos inferiores pela incessante permuta de energias uns com os outros, passam, em geral, a viver, não só a perturbação própria, mas também o desequilíbrio dos demais companheiros de infortúnio. Ante o pandemônio que observávamos, o orientador continuou:- O Érebo da concepção antiga, a crepitar em eternas chamas de vingança divina, é perigosa ilusão; entretanto, os lugares purgatoriais dos desejos e das ações criminosas, aguardando as almas enodoadas pelos desvarios, constituem realidades lógicas, nas zonas espirituais do mundo. Aqui, os avarentos, os homicidas, os cúpidos e os viciados de todos os matizes se agregam em deplorável situação de cegueira íntima.**

**Formam cordões compactos, inclinando-se mais e mais para os despenhadeiros. Cada qual possui romance horrível, de angustiosos lances. Prisioneiros de si mesmos, cerram o entendimento às revelações da vida e restringem os horizontes mentais, movimentando-se em seu próprio interior, em ação exclusiva, nos impulsos primários, a cultivar o pretérito que deveriam expungir. Em melhorando, são assistidos por ativas e abnegadas congregações de socorro que aqui funcionam. Autoridades mais graduadas de nossa esfera, atendendo a imperativos superiores, improvisam tribunais com funções educativas, cujas sentenças, ressumando amor e sabedoria, culminam sempre em determinações de trabalho regenerador, através da reencarnação na Crosta Terrestre, ou de tarefas laboriosas no seio da Natureza, quando há suficiente compreensão e arrependimento nos interessados que feriram a Lei, ofendendo a si mesmos. Deste vastíssimo arsenal de alienação da mente, ensombrada de culpas, sai o maior coeficiente das reencarnações dolorosas que povoam os círculos carnais. Daqui, como de outras zonas análogas, seguem para o campo físico, mais denso, milhões de irmãos em provas ríspidas, para que se alijem dos débitos e rearmonizem o íntimo perturbado. Poucos conseguem valer-se da oportunidade terrena, no sentido de restaurar as próprias energias. É sempre fácil fugir ao caminho reto; muito difícil, porém, o retorno...**

**Nesse instante aproximou-se de nós enorme e bulhenta colméia de sofredores. Tratava-se de tenebroso agrupamento de irmãos positivamente loucos. Falavam a esmo, comentando homicídios; rememoravam com palavras cruéis cenas indescritíveis de dor e de perversidade. Nenhum deles atinou com a nossa presença. Calderaro, muito sereno, conhecendo-me a curiosidade inveterada, informou:- Estes infelizes permanecem jungidos uns aos outros em obediência a afinidades quase perfeitas, em si contidos apenas pelas leis vibratórias que os regem, quiseres, porém, entrar em relação com a história de alguns deles, sonda a mente individual do tipo que te queira maior atenção. Aproveitando um momento em que lhes amainara rixa, aproximei-me de infortunado irmão, que impressionava pela fácies macilenta. Sintonizei-me na onda mental que ele oferecia, o quadro que vi não me permitiu longa perquirição. Notei-lhe o motivo que culminara no desvario: assassinara a esposa em pavorosas circunstâncias. Contudo, o mísero não transpirava arrependimento; acariciava o desejo de rever a vítima para supliciá-la, que tantas vezes lhe fosse possível.**

**Que tragédia se ocultava, ali, naquelas tormentosas reminiscências? Atônito, ergui os olhos para o Assistente, em muda interrogação, mas, renteando-nos a fronte, levitava-se pesado grupo de seres monstruosos, fazendo ensurdecedor ruído, e logo esqueci o uxoricida que me prendera a atenção. Calderaro, percebendo-me a perplexidade, explicou: - Este bando de Espíritos miseráveis, que se movimentam como lhes é possível, é constituído de antigos negociantes terrenos, cujo exclusivo anseio foi amontoar dinheiro para satisfazer a própria cupidez, sem beneficiar a ninguém. O ouro, que transitoriamente lhes pertencia, jamais serviu para semear a gratidão num só companheiro de jornada humana. Famintos de fortuna fácil, inventaram mil recursos de monopolizar os lucros grandes e pequenos, em nada lhes interessando a paz do próximo. Foram homens de pensamento ágil, sabiam voar mentalmente a longas distâncias, garantindo êxito absoluto às empresas materiais que levavam a termo com finalidade exclusivamente egoística. Não lhes incomodava o sofrimento dos vizinhos, ignoravam as dificuldades alheias, despreocupavam-se do valor do tempo em relação ao aprimoramento da alma.**

**Queriam unicamente acumular vantagens financeiras, e nada mais. Divorciados da caridade, da compreensão e da luz divina, criaram para si mesmos o mito frio e rígido do ouro, fundindo com ele a mente vigorosa e o tacanho coação... Escravizados, agora, à idéia fixa de ganhar sempre, voar pesadamente aqui e acolá, dementados e confundidos, procurando monopólios e lucros que não mais encontrarão. Condoí-me. Quis deter alguns, confabular com eles fraternalmente, de modo a esclarecê-los; no entanto, o instrutor paralisou-me os braços, murmurando: - Que fazes? seria inútil. Impossível é reajustar, num momento, apenas com palavras, tantas mentes em desequilíbrio cruel. E, impulsionando-me para a frente, concluiu: -Vamos: consumirias muitas semanas para conhecer a paisagem de dor que se nos estende à frente, e dispomos apenas de algumas horas.**

**16 - NOSSO LAR - ANDRÉ LUIZ - PÁG. 90**

**ÍTEM 13 - NO GABINETE DO MINISTRO: Com as melhoras crescentes, surgia a necessidade de movimentação e trabalho. Decorrido tanto tempo, esgotados anos difíceis de luta, volvia-me o interesse pelos afazeres que enchem o dia útil de todo homem normal, no mundo. Incontestável que havia perdido excelentes oportunidades na Terra; que muitas falhas me assinalavam o caminho. Agora, porém, recordava os quinze anos de clínica, sentindo um certo "vazio" no coração. Identificava-me a mim mesmo, como vigoroso agricultor em pleno campo, de mãos atadas e impossibilitado de atacar o trabalho. Cercado de enfermos, não podia aproximar-me, como noutros tempos, reunindo em mim o amigo, o médico e o pesquisador. Ouvindo gemidos incessantes nos apartamentos contíguos, não me era lícita nem mesmo a função de enfermeiro e colaborador nos casos de socorro urgente. Claro que não me faltava desejo. Minha posição ali, contudo, era assaz humilde para me atrever. Os médicos espirituais eram detentores de técnica diferente. No planeta, sabia que meu direito de intervir começava nos livros conhecidos e nos títulos conquistados; mas, naquele ambiente novo, a medicina começava no coração, exteriorizando-se em amor e cuidado fraternal.**

**Qualquer enfermeiro, dos mais simples, em "Nosso Lar", tinha conhecimentos e possibilidades muito superiores à minha ciência. Inexequível, portanto, qualquer tentativa de trabalho espontâneo, por constituir, a meu ver, invasão de seara alheia. No apuro de tais dificuldades, Lísias era o amigo indicado às minhas confidências de irmão. Interpelado, esclareceu:- Por que não pedir o socorro de Clarêncio? Atendê-lo-á por certo. Peça-lhe conselhos. Ele pergunta sempre por sua pessoa e tudo fará a seu favor. Animou-me grande esperança. Consultaria o Ministro do Auxílio. Iniciando, contudo, as providências, fui informado de que o generoso benfeitor somente poderia atender na manhã seguinte, no gabinete particular. Esperei ansioso o momento oportuno. No dia imediato, muito cedo, procurei o local indicado. Qual não foi, porém, minha surpresa vendo que três pessoas lá estavam aguardando Clarêncio, em identidade de circunstâncias! O delicado Ministro do Auxílio chegara muito antes de nós e atendia a assuntos mais importantes que a recepção de visitas e solicitações.**

**Terminado o serviço urgente, começou a chamar-nos, dois a dois. Impressionou-me tal processo de audiência. Soube, porém, mais tarde, que ele aproveitava esse método para que os pareceres fornecidos a qualquer interessado servissem igualmente a outros, assim atendendo a necessidades de ordem geral, ganhando tempo e proveito. Decorridos muitos minutos, chegou-me a vez. Penetrei no gabinete em companhia de uma senhora idosa, que seria ouvida em primeiro lugar, por ordem de precedência. O Ministro recebeu-nos, cordial, deixando-nos à vontade para discorrer.- Nobre Clarêncio - começou a companheira desconhecida -, venho pedir seus bons ofícios a favor de meus dois filhos. Ah! já não tolero tantas saudades e estou informada de que ambos vivem exaustos e sobrecarregados de infortúnios, no ambiente terrestre. Reconheço que os desígnios do Pai são justos e amorosos; no entanto, sou mãe! Não consigo subtrair-me ao peso da angústia!...E a pobre criatura se desfez, ali mesmo, em copioso pranto. O Ministro, dirigindo-lhe um olhar de fraternidade, embora conservando intacta a eneifgia pessoal, respondeu, bondoso:**

**- Mas, se a irmã reconhece que os desígnios do Pai são justos e santos, que me cabe fazer?- Desejava - replicou, aflita - que me concedesse recursos para protegê-los eu mesma, nas esferas do diabo!...  
- Ah! minha amiga - disse o benfeitor amorável -, só no espírito de humildade e de trabalho é possível a nós outros proteger alguém. Que me diz de um pai terrestre que desejasse ajudar os filhinhos, mantendo-se em absoluta quietação no conforto do lar? O Pai criou o serviço e a cooperação como leis que ninguém pode trair sem prejuízo próprio. Nada lhe diz a consciência, neste sentido? Quantos bônus-hora poderá apresentar em benefício de sua pretensão? A interpelada respondeu, hesitante:- Trezentos e quatro.- É de lamentar - elucidou Clarêncio, sorrindo-, pois aqui se hospeda, há mais de seis anos, e apenas deu à colônia, até hoje, trezentos e quatro horas de trabalho. Entretanto, logo que se restabeleceu das lutas sofridas em região inferior, ofereci-lhe atividade louvável na Turma de Vigilância, do Ministério da Comunicação...**

**- Mas aquilo por lá era serviço intolerável -atalhou a interlocutora -, uma luta incessante contra entidades malfazejas. Era natural que não me adaptasse. Clarêncio continuou, imperturbável:- Coloquei-a, depois, entre os Irmãos da Suportação, nas tarefas regeneradoras.- Pior! - exclamou a senhora - aqueles apartamentos andam repletos de pessoas imundas. Palavrões, indecências, miséria...- Reconhecendo suas dificuldades - esclareceu o Ministro -, enviei-a a cooperar na Enfermagem dos Perturbados.- Mas quem os tolerará, senão os santos? -inquiriu a pedinte rebelde - fiz o possível; entretanto, aquela multidão de almas desviadas assombra a qualquer!- Não ficaram aí meus esforços - replicou o benfeitor sem se perturbar -, localizei-a nos Gabinetes de Investigações e Pesquisas do Ministério do Esclarecimento e, contudo, talvez enfadada com as minhas providências, a irmã se recolheu, delibe-radamente, aos Campos de Repouso.- Era, também, impossível continuar ali - disse a impertinente -, só encontrei experiências exaustivas, fluidos estranhos, chefes ásperos.**

**- Pois note, minha amiga - esclareceu o devotado e seguro orientador -, o trabalho e a humildade são as duas margens do caminho do auxílio. Para ajudarmos alguém, precisamos de irmãos que se façam cooperadores, amigos, protetores e servos nossos. Antes de amparar os que amamos, é indispensável estabelecer correntes de simpatia. Sem a cooperação é impossível atender com eficiência. O camponês que cultiva a terra alcança a gratidão dos que saboreiam os frutos. O operário que entende os chefes exigentes, executando-lhes as determinações, representa o sustentáculo do lar, em que o Senhor o colocou. O servidor que obedece, construindo, conquista os superiores, companheiros e interessados no serviço. E nenhum administrador intermediário poderá ser útil aos que ama, se não souber servir e obedecer nobremente. Fira-se o coração, experimente-se a dificuldade, mas, que saiba cada qual que o serviço útil pertence, acima de tudo, ao Doador Universal. Depois de pequena pausa, continuou:**

**- Que fará, pois, na Terra se não aprendeu ainda a suportar coisa alguma? Não duvido da sua dedicação aos filhos queridos, mas importa notar que haveria de comparecer por lá, como mãe paralítica, incapaz de prestar socorro justo. Para que qualquer de nós alcance a alegria de auxiliar os amados, faz-se necessária a interferência de muitos a quem tenhamos ajudado, por nossa vez. Os que não cooperam não recebem cooperação. Isso é da lei eterna. E se minha irmã nada acumulou de seu para dar, é justo que procure a contribuição amorosa dos outros. Mas, como receber a colaboração imprescindível, se ainda não semeou, nem mesmo a simples simpatia? Volte aos Campos de Repouso, onde se abrigou ultimamente, e reflita. Examinaremos depois o assunto com a devida atenção. Sentou-se a mãe inquieta, enxugando lágrimas copiosas. Em seguida, o Ministro fitou-me compassivamente è falou:- Aproxime-se, meu amigo! Levantei-me, hesitante, para conversar.(...)**

**17 - O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - ALLAN KARDEC - PÁG. 58, ...**

**CAPITULO IV - OS LAÇOS DE FAMÍLIA SÃO FORTALECIDOS PELA REENCARNAÇÃO E ROMPIDOS PELA UNICIDADE DA EXISTÊNCIA  
18. Os laços de família não são destruídos pela reencarnação, como pensam certas pessoas. Pelo contrário, são fortalecidos e reapertados. O princípio oposto é que os destrói. Os Espíritos formam, no espaço, grupos ou famílias, unidos pela afeição, pela simpatia e pela semelhança de inclinações. Esses Espiritos, felizes de estarem juntos, procuram-se. A encarnação só os separa momentaneamente, pois que, uma vez retornando à erraticidade, eles se reencontram, como amigos na volta de uma viagem. Muitas vezes, eles seguem juntos na encarnação, reunindo-se numa mesma família ou num mesmo círculo, e trabalham juntos para o seu progresso comum. Se uns estão encarnados e outros não, continuarão unidos pelo pensamento. Os que estão livres velam pelos que estão cativos, os mais adiantados procurando fazer progredir os retardários. Após cada existência, terão dado mais um passo na senda da perfeição. Cada vez menos apegados à matéria, seu afeto é mais vivo, por isso mesmo que mais purificado, não perturbado pelo egoísmo obscurecido pelas paixões. Assim, eles podem percorrer um número ilimitado de existências corporais, sem que nenhum acidente perturbe sua afeição comum.  
  
Entenda-se bem que se trata aqui de verdadeira afeição espiritual, de alma para alma, a única que sobrevive à destruição do corpo, pois os seres que se unem na Terra apenas pelos sentidos, não têm nenhum motivo para se procurarem no mundo dos Espíritos. Só são duráveis as afeições espirituais. As afeições carnais extinguem-se com a causa que as provocou; ora, essa causa deixa de existir no mundo dos Espíritos, enquanto a alma sempre existe. Quanto às pessoas que somente por interesse, nada são realmente uma pára a outra: a morte as separa na terra e no céu.  
  
19. A união e a afeição entre parentes indicam a simpatia anterior que os aproximou, cujos gostos e inclinações nada têm de comum com os dos parentes que ela não pertence à família. Dizendo isso, enuncia-se uma verdade maior do que se pensa. Deus permite essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos nas famílias, com a dupla finalidade de servirem de provas para uns e de meio de progresso para outros. Os maus se melhoram pouco a pouco, ao contato dos bons e pelas atenções que deles recebem; seu caráter se abranda, seus costumes se depuram, as antipatias desaparecem. É assim que se produz a fusão das diversas categorias de Espíritos, como se faz na Terra entre as raças e os povos.  
  
20. O medo do aumento indefinido da parentela, em conseqüência da reencarnação, é um medo egoísta, provando que não possui uma capacidade de amor suficientemente ampla, para abranger um grande número de pessoas. Um pai que tem numerosos filhos por acaso os amaria menos do que se tivesse apenas um? Mas que os egoístas se tranquilizem, pois esse medo não tem fundamento. De fato de ter um homem dez encarnações, não se segue que tenha de encontrar no mundo dos Espíritos dez pais, dez mães, dez esposas e um número proporcional de filhos e de novos parentes. Ele sempre encontrará os mesmos que foram objetos de sua afeição, que lhe estiveram ligados na Terra por diversas maneiras, e talvez pelas mesmas maneiras.  
  
21. Vejamos agora as consequências da doutrina anti-reencarnacionista. Essa doutrina exclui necessariamente a preexistência da alma, e as almas, sendo criadas ao mesmo tempo que os corpos, não existe entre elas nenhuma ligação anterior. São, pois, completamente estranhas umas às outras. O pai é estranho para o filho, e a união das famílias fica assim reduzida unicamente à filiação corporal, sem nenhuma ligação espiritual. Não haverá, portanto, nenhum motivo de vanglória por ter-se entre os antepassados algumas personagens ilustres. Com a reencarnação, antepassados e descendentes podem se conhecidos, ter vivido juntos, podem-se ter amado, e mais tarde podem reunir-se de novo para estreitarem os seus laços de simpatia.  
  
22. Isso no tocante ao passado. Quanto ao futuro, segundo dogmas fundamentais que decorrem do princípio anti-reencarnacionista, a sorte das almas está irrevogavelmente fixada após uma única existência. Essa fixação definitiva da sorte implica a negação de todo o progresso, pois se há algum progresso, não pode haver fixação definitiva da sorte. Segundo tenham elas bem ou mal vivido, vão imediatamente para a morada dos bem-aventurados ou para o inferno eterno. Ficam assim imediatamente separadas para sempre, sem esperanças de jamais se reunirem, de tal maneira que pais, mães e filhos, maridos e esposas, irmãos e amigos, não têm nunca a certeza de se reverem: é a mais absoluta rutura dos laços de família.  
Com a reencarnação, e o progresso que lhe é consequente, todos os que se amam se encontram na terra e no espaço, e juntos gravitam para Deus. Se há os que fracassam no caminho, retardam o seu adiantamento e a sua felicidade. Mas nem por isso as esperanças estão perdidas. Ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, sairão um dia do atoleiro em que caíram. Com a reencarnação, enfim, há perpétua solidariedade imtre os encarnados e os desencarnados, do que resulta o estreitamento dos laços de afeição.  
  
23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem, para o seu futuro de além-túmulo: l.a) o nada, segundo a doutrina materialista; 2.a) a absorção no todo universal, segundo a doutrina panteísta; 3.a) a conservação da individualidade, com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da Igreja; 4.a) a conservação da individualidade, com o progresso infinito, segundo a Doutrina Espírita. De acordo com as duas primeiras, os laços de família são rompidos pela morte, e não há nenhuma esperança de se reencontrarem; com a terceira, há possibilidade de se reverem, contanto que estejam no mesmo meio, podendo esse meio ser o inferno ou o paraíso; com a pluralidade das existências, que é inseparável do progresso gradual, existe a certeza da continuidade das relações entre os que se amam, e com isso o que constitui a verdadeira família.**

**PERDA DE PESSOAS AMADAS E MORTES PREMATURAS: SANSÃO Antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863  
21. Quando a morte vem ceifar em vossas famílias, leva sem consideração os jovens em lugar dos velhos, dizeis frequentemente: "Deus não é justo, pois sacrifica o que está forte e o futuro pela frente, para conservar os que já viveram longos carregados de decepções; leva os que são úteis, e deixa os que não servem para nada mais; fere um coração de mãe, privando-a inocente criatura que era toda a sua alegria." Criaturas humanas, é nisto que tendes necessidade de vos elevar para compreender que o bem está muitas vezes onde pensais ver a cega fatalidade. Por que medir a justiça divina pela medida da vossa? Podeis pensar que o Senhor dos Mundos queira, por um a capricho, infligir-vos penas cruéis? Nada se faz sem uma finalidade inteligente, e tudo o que acontece tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos atingem, sempre encontraríeis nelas a razão divina, razão regeneradora, e vossos miseráveis interesses representariam uma consideração secundária, que relegaríeis no último plano. Acreditai no que vos digo: a morte é preferível, mesmo numa encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias respeitáveis, ferem um coração de mãe, e fazem branquear antes do tempo os cabelos dos pais. A morte prematura é quase sempre um grande benefício, que Deus concede ao que se Vai, sendo assim preservado das misérias da vida, ou das seduções que poderiam arrastá-lo à perdição. Aquele que morre na flor da idade não é uma vítima da fatalidade, pois Deus julga que não lhe é útil permanecer maior tempo na Terra.  
  
É uma terrível desgraça, dizeis, que uma vida tão cheia de esperanças seja cortada tão cedo! Mas de que esperanças quereis falar? Das esperanças da Terra, onde aquele que se foi poderia brilhar, fazer sua carreira e sua fortuna? Sempre essa visão estreita, que não consegue elevar-se acima da matéria! Sabeis qual teria sido a sorte dessa vida tão cheia de esperanças, segundo entendeis? Quem vos diz, que ela não poderia estar carregada de amarguras? Considerais como nada as esperanças da vida futura, preferindo as da efêmera que arrastais pela terra? Pensais, então, que mais vale um lugar entre os homens que entre os Espíritos bem-aventurados?  
Regozijai-vos em vez de chorar, quando praz a Deus retirar um dos seus filhos deste vale de misérias. Não é egoísmo desejar ele fique, para sofrer convosco? Ah! essa dor se concebe entre não têm fé, e que vêem na morte a separação eterna. Mas vos espíritas, sabeis que a alma vive melhor quando livre de seu involucro corporal. Mães, sabeis que vossos filhos bem-amados estão bem perto; sim, eles estão bem perto; seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, vossa lembrança os inebria de contentamento; mas também as vossas dores sem razão os afligem, porque revelam uma falta de fé e constituem uma revolta contra a vontade de Deus. Vós que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações de vosso coração, chamando esses entes queridos. E se pedirdes a Deus para os abençoar, sentireis em vós mesmas a consolação poderosa que faz secarem as lágrimas, e essas aspirações sedutoras, que vos mostram o futuro prometido pelo Soberano Senhor.**

**18 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - QUESTÕES: 203, 286, 404, 414, 488, 773, 823, 934**

**PARENTESCO, FILIAÇÃO  
Perg. 203. Os pais transmitem aos filhos uma porção de sua alma, ou nada mais fazem do que lhes dar a vida animal, a que uma nova alma vem juntar depois a vida moral? — Somente a vida animal, porque a alma é indivisível. Um pai estúpido pode ter filhos inteligentes, e vice-versa.  
Perg. 204. Desde que tivemos muitas existências, o parentesco remonta às anteriores?— Não poderia ser de outra maneira. A sucessão das existências corpóreas estabelece entre os Espíritos liames que remontam às existências anteriores; disso decorrem frequentemente as causas de simpatia entre vós e alguns Espíritos que vos parecem estranhos.  
Perg. 205. Segundo certas pessoas, a doutrina da reencarnação parece destruir os laços de família, fazendo-os remontarás existências anteriores.— Ela os amplia, em vez de destruí-los. Baseando-se o parentesco em afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos precários. A reencarnação amplia os deveres da fraternidade, pois no vosso vizinho ou no vosso criado pode encontrar-se um Espírito que foi do vosso sangue.  
Perg. 205-a. Ela diminui, entretanto, a importância que alguns atribuem à filiação, porque se pode ter tido como pai um Espírito que pertencia a uma outra raça, ou que tivesse vivido em condição bem diversa.— Ê verdade; mas essa importância se baseia no orgulho. O que a maioria honra nos antepassados são os títulos, a classe, a fortuna. Há quem coraria de haver tido por avô um sapateiro honesto, e se vangloria Se descender de um gentil-homem debochado. Mas digam ou façam o que quiserem, não impedirão que as coisas sejam como são, porque Deus não regulou as leis da Natureza pela nossa vaidade.  
Perg. 206. Desde que não há filiação entre os Espíritos dos descendentes de uma mesma família, o culto dos antepassados seria uma coisa ridícula?— Seguramente não, porque devemos sentir-nos felizes de pertencer a uma família na qual se encarnam Espíritos elevados. Embora os Espíritos não procedam uns dos outros, não têm menos afeição pelos que estão ligados a eles por laços de família, porque os Espíritos são freqüentemente atraídos a esta ou àquela família por causa de simpatias ou ligações anteriores. Mas acreditai que os Espíritos de vossos antepassados não se sentem absolutamente honrados com o culto que lhes tributais por orgulho. Seu mérito não recai sobre vós senão na medida em que vos estorçais por seguir os seus bons exemplos. Somente assim a vossa lembrança lhes pode ser, não apenas agradável, mas até mesmo útil.**

**Perg. 286 - A alma, ao deixar os despojos mortais, vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos? - Imediatamente, nem sempre; pois, como já dissemos, é lhe necessário algum tempo para reconhecer o seu estado e sacudir o véu material.  
Perg. 287. Como a alma é recebida, na sua volta ao mundo dos Espíritos?— A do justo, como um irmão bem-amado e longamente esperado; a do mau, como um ser que se despreza.  
Perg. 288. Que sentimento experimentam os Espíritos impuros, à vista de outro mau Espírito que chega?— Os maus ficam satisfeitos de verem os seres à sua imagem e, como eles, privados da felicidade infinita; como acontece na Terra a um ladrão entre os seus iguais.  
Perg. 289. Nossos parentes e nossos amigos vêm, às vezes, ao nosso encontro, quando deixamos a Terra?— Sim, vêm ao encontro da alma que estimam, felicitam-na como no regresso de uma viagem, se ela escapou aos perigos do caminho, e a ajudam a se desprender dos liames corporais. E um favor concedido aos bons Espíritos, quando os que os amam vêm ao seu encontro, enquanto os que estão manchados ficam no isolamento ou cercados somente de Espíritos semelhantes a eles: é uma punição.  
Perg. 290. Os parentes e os amigos reúnem-se sempre, após a morte?— Isso depende de sua elevação e do caminho que seguem para o seu adiantamento. Se um deles está mais adiantado e marcha mais rápido que o outro, não poderão ficar juntos; poderão ver-se algumas vezes, mas não estarão sempre reunidos, a não ser quando possam marchar ombro a ombro, ou quando tiverem atingido a igualdade na perfeição. Além disso, a privação de ver os parentes e amigos é às vezes uma punição.   
  
VISITAS ESPÍRITAS ENTRE VIVOS  
Perg. 413. Do princípio de emancipação da alma durante o sono parece resultar que temos, simultaneamente, duas existências a do corpo, que nos dá a vida de relação exterior, e a da alma, que nos dá a vida de relação oculta. É isso exato?— No estado de emancipação, a vida do corpo cede lugar à da alma, mas não existem, propriamente falando, duas existências; são antes duas fases da mesma existência, porque o homem não vive ; de maneira dupla.  
Perg. 414- Duas pessoas que se conhecem podem visitar-se durante o sono?— Sim, e muitas outras, que pensam não se conhecerem, se encontram e conversam. Podes ter, sem que o suspeites, amigos em outro país. O fato de visitardes durante o sono, amigos, parentes, conhecidos, pessoas que vos podem ser úteis, é tão frequente que o realizais quase todas as noites.  
Perg. 415. Qual pode ser a utilidade dessas visitas noturnas, se, não as recordamos?— Ordinariamente, ao despertar, resta uma intuição que é quase sempre a origem de certas idéias que surgem espontaneamente, sem que se possa explicá-las, e não são mais que as idéias hauridas naqueles colóquios.  
Perg. 416. O homem pode provocar voluntariamente as visitas espíritas? Pode, por exemplo, dizer ao adormecer: Esta noite quero encontrar-me em espírito com tal pessoa; falar-lhe e dizer-lhe tal coisa?— Eis o que se passa: o homem dorme, seu Espírito desperta, e o que o homem havia resolvido o Espírito está, muitas vezes, bem longe de o seguir, porque a vida do homem interessa pouco ao Espírito, quando ele se liberta da matéria. Isto para os homens já bastante elevados, pois os outros passam de maneira inteiramente diversa a si a existência espiritual: entregam-se às suas paixões ou permanecem em inatividade. Pode acontecer, portanto, que segundo o motivo assim proposto, o Espírito vá visitar as pessoas que deseja; mas o fato de o haver desejado quando em vigília, não é razão para que o faça.  
Perg. 417. Certo número de Espíritos encarnados podem então se reunir e formar uma assembléia?— Sem nenhuma dúvida. Os laços de amizade, antigos ou novos, reúnem assim, frequentemente, diversos Espíritos, que se sentem felizes em se encontrar. Pela palavra "antigos" é necessário entender os laços de amizade contraídos em existências anteriores. Trazemos ao acordar uma intuição das idéias que haurimos nesses colóquios ocultos, mas ignoramos a fonte.  
Perg. 418. Uma pessoa que julgasse morto um de seus amigos, que na realidade não o estivesse, poderia encontrar-se com ele. em espírito e saber assim que continuava vivo? Poderia, nesse caso, ter uma intuição ao acordar?— Como Espírito, pode certamente vê-lo e saber como está. Se não lhe foi imposto como prova acreditar na morte do amigo, terá um pressentimento de que ele vive, como poderá ter o de sua morte.**

**Perg. 488 - Nossos parentes e nossos amigos, que nos precederam na outra vida têm mais simpatia por nós do que os Espíritos que nos são estranhos? - Sem dúvida, e frequentemente vos protegem como Espíritos, de acordo com o seu poder.  
Perg. 488a - São eles sensíveis à afeição que lhes conservamos? - Muito sensíveis, mas esquecem aqueles que os esquecem.**

**LAÇOS DE FAMÍLIA  
Perg. 773. Por que pais e filhos não se reconhecem, entre os animais, quando os últimos não precisam mais de cuidados?— Os animais vivem a vida material e não a moral. A ternura da mãe pelos filhos tem por princípio o instinto de conservação aplicado aos seres que deu à luz. Quando esses seres podem cuidar de si mesmos, sua tarefa está cumprida e a Natureza nada mais lhe exige. É por isso que ela os abandona, para se ocupar de outros que chegam.  
Perg. 774. Há pessoas que deduzem, do abandono das crias pelos animais, que os laços de família entre os homens não são mais que o resultado de costumes sociais e não uma lei natural. Que devemos pensar disso?— O homem tem outro destino que não o dos animais; por que, pois, querer sempre identificá-los? Para ele, há outra coisa além das necessidades físicas: há a necessidade de progresso. Os liames sociais são necessários ao progresso e os laços de família resumem os liames sociais; eis porque eles constituem uma lei natural. Deus quis que os homens, assim, aprendessem a amar-se como irmãos.   
Perg. 775. Qual seria para a sociedade o resultado do relaxamento dos laços de família?— Uma recrudescência do egoísmo.**

**PERDA DE ENTES QUERIDOS  
Perg. 934. A perda de entes queridos não nos causa um sofrimento tanto mais legítimo, quando é irreparável e independente da nossa vontade— Essa causa de sofrimento atinge tanto o rico como o pobre; é uma prova ou expiação, e lei para todos. Mas é uma consolação poderdes comunicar-vos com os vossos amigos pelos meios de que dispondes, enquanto esperais o aparecimento de outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos.  
Perg. 935. Que pensar da opinião das pessoas que consideram as comunicações de além-túmulo como uma profanação?— Não pode haver profanação quando há recolhimento e quando a evocação é feita com respeito e decoro. O que o prova é que os Espíritos que vos são afeiçoados se manifestam com prazer, sentem-se felizes com a vossa lembrança e por conversarem convosco. Profanação haveria se as evocações fossem feitas com leviandade. A possibilidade de entrar em comunicação com os Espíritos é uma bem doce consolação, que nos proporciona o meio de nos entretermos com os parentes e amigos que deixaram a Terra antes de nós. Pela evocação eles se aproximam de nós, permanecem ao nosso lado, nos ouvem e nos respondem. Não existe mais, por assim dizer, separação entre nós e eles, que nos ajudam com os seus conselhos, nos dão testemunho da sua afeição e do contentamento que experimentam por nos lembrarmos deles. É para nós uma satisfação sabê-los felizes e aprender por intermédio deles os detalhes da sua nova existência, adquirindo a certeza de um dia, por nossa vez, nos juntarmos a eles.  
Perg. 936. Como as dores inconsoláveis dos que ficaram na Terra afetam os Espíritos que partiram?— O Espírito é sensível à lembrança e às lamentações daqueles que amou, mas uma dor incessante e desarrazoada o afeta penosamente, porque ele vê nesse excesso uma falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao progresso e talvez ao próprio reencontro com os que deixou.  
Estando o Espírito mais feliz do que na Terra, lamentar que tenha deixado esta vida é lamentar que ele seja feliz. Dois amigos estão presos na mesma cadeia; ambos devem ter um dia a liberdade, mas um deles a obtém primeiro. Seria caridoso que aquele que continua preso se entristecesse por ter o seu amigo se libertado antes? Não haveria de sua parte mais egoísmo do que afeição, ao querer que o outro partilhasse por mais tempo do seu cativeiro e dos seus sofrimentos? O mesmo acontece entre dois seres que se amam na Terra. O que parte primeiro foi o primeiro a se libertar e devemos felicitá-lo por isso, esperando com paciência o momento em que também nos libertaremos. Faremos outra comparação. Tendes um amigo que, ao vosso lado, se encontra em situação penosa. Sua saúde ou seu interesse exige que vá para outro país, onde estará melhor sob todos os aspectos. Dessa maneira, ele não estará mais ao vosso lado, durante algum tempo, mas estareis sempre em correspondência com ele. A separação não será mais do que material. Ficareis aborrecido com o seu afastamento, que é para o seu bem?  
A doutrina espírita, pelas provas patentes que nos dá quanto à vida futura, à presença ao nosso redor dos seres aos quais amamos, à continuidade da sua afeição e da sua solicitude, pelas relações que nos permite entreter com eles, nos oferece uma suprema consolação, numa das causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo não há mais solidão, não há mais abandono: o mais isolado dos homens tem sempre amigos ao seu redor, com os quais pode comunicar-se.  
Suportamos impacientemente as atribulações da vida. Elas nos parecem tão intoleráveis que supomos não as poder aguentar. Não obstante, se as suportarmos com coragem, se soubermos impor silêncio às nossas lamentações, haveremos de nos felicitar quando estivermos fora desta prisão terrena, como o paciente que sofria se felicita ao se ver curado, por haver suportado com resignação um tratamento doloroso.**

**19 - OS MENSAGEIROS - ANDRÉ LUIZ - PÁG. 12**

**ÍTEM 1 - Renovação: Desligando-me dos laços inferiores que me prendiam às atividades terrestres, elevado entendimento felicitou-me o espírito. Semelhante libertação, contudo, não se fizera espontânea. Sabia, no fundo, quanto me custara abandonar a paisagem doméstica, suportar a incompreensão da esposa e a divergência dos filhos amados. Guardava a certeza de que amigos espirituais, abnegados e poderosos, me haviam auxiliado a alma pobre e imperfeita, na grande transição. Antes, a inquietude relativa à companheira torturava-me incessantemente o coração; mas, agora, vendo-a profundamente identificada com o segundo marido não via recurso outro que procurar diferentes motivos de interesse. Foi assim que, eminentemente surpreendido, observei a minha própria transformação, no curso dos acontecimentos. Experimentava o júbilo da descoberta de mim mesmo. Dantes, vivia à feição do caramujo, segregado na concha, impermeável aos grandiosos espetáculos da Natureza, rastejando no lodo. Agora, entretanto, convencia-me de que a dor agira em minha construção mental, à maneira do alvião pesado, cujos golpes eu não entendera de pronto. O alvião quebrara a concha de antigas viciações do sentimento. Libertara-me. Expusera-me o organismo espiritual ao sol da Bondade Infinita. E comecei a ver mais alto, alcançando longa distância.**

**Pela primeira vez, cataloguei adversários na categoria de benfeitores. Comecei a frequentar, de novo, o ninho da família terrestre, não mais como senhor do círculo doméstico, mas como operário que ama o trabalho da oficina que a vida lhe designou. Não mais procurei, na esposa do mundo, a companheira que não pudera compreender-me e sim a irmã a quem deveria auxiliar, quanto estivesse em minhas forças. Abstive-me de encarar o segundo marido como intruso que modificara meus propósitos, para ver apenas o irmão que necessitava o concurso de minhas experiências. Não voltei a considerar os filhos propriedade minha e sim companheiros muito caros, aos quais me competia estender os benefícios do conhecimento novo, amparando-os espiritualmente na medida de minhas possibilidades. Compelido a destruir meus castelos de exclusivismo injusto, senti que outro amor se instalava em minha alma. Órfão de afetos terrenos e conformado com os desígnios superiores que me haviam traçado diverso rumo ao destino, comecei a ouvir o apelo profundo e divino, da Consciência Universal.  
  
Somente agora, percebia quão distanciado vivera das leis sublimes que regem a evolução das criaturas. A Natureza recebia-me com transportes de amor. Suas vozes, agora, eram muito mais altas que as dos meus interesses isolados. Conquistava, pouco a pouco, o júbilo de escutar-lhe os ensinamentos misteriosos no grande silêncio das coisas. Os elementos mais simples adquiriam, a meus olhos, extraordinária significação. A colônia espiritual, que me abrigara generosamente, revelava novas expressões de indefinível beleza. O rumor das asas de um pássaro, o sussurro do vento e a luz do Sol pareciam dirigir-se à minha alma, enchendo-me o pensamento de prodigiosa harmonia. A vida espiritual, inexprimível e bela, abrira-me os pórticos resplandecentes. Até então, vivera em "Nosso Lar" como hóspede enfermo de um palácio brilhante, tão extremamente preocupado comigo mesmo, que me tornara incapaz de anotar deslumbramentos e maravilhas. A conversação espiritualizante tornara-se-me indispensável.**

**Aprazia-me, antigamente, torturar a própria alma com as reminiscências da Terra. Estimava as narrativas dramáticas de certos companheiros de luta, lembrando o meu caso pessoal e embriagando-me nas perspectivas de me agarrar, novamente, à parentela do mundo, valendo-me de laços inferiores. Mas agora... perdera totalmente a paixão pelos assuntos de ordem menos digna. As próprias descrições dos enfermos, nas Câmaras de Retificação, figuravam-se-me desprovidas de maior interesse. Não mais desejava informar-me da procedência dos infelizes, não indagava de suas aventuras nas zonas mais baixas. Buscava irmãos necessitados. Desejava saber em que lhes poderia ser útil. Identificando essa profunda transformação, falou-me Narcisa certo dia:  
  
— André, meu amigo, você vem fazendo a renovação mental. Em tais períodos, extremas dificuldades espirituais nos assaltam o coração. Lembre-se da meditação no Evangelho de Jesus. Sei que você experimenta intraduzível alegria ao contacto da harmonia universal, após o abandono de suas criações caprichosas, mas reconheço que, ao lado das rosas do júbilo, defrontando os novos caminhos que se descerram para sua esperança, há espinhos de tédio nas margens das velhas estradas inferiores que você vai deixando para trás. Seu coração é uma taça iluminada aos raios do alvorecer divino, mas vazia dos sentimentos do mundo, que a encheram por séculos consecutivos. Não poderia, eu mesmo, formular tão exata definição do meu estado espiritual. Narcisa tinha razão. Suprema alegria inundava-me o espírito, ao lado de incomensurável sensação de tédio, quanto às situações da natureza inferior. Sentia-me liberto de pesados grilhões, porém, não mais possuía o lar, a esposa, os filhos amados. Regressava frequentemente ao círculo doméstico e aí trabalhava pelo bem de todos, mas sem qualquer estímulo. Minha devotada amiga acertara. Meu coração era bem um cálice luminoso, porém, vazio. A definição comovera-me.**

**Vendo-me as lágrimas silenciosas, Narcisa acentuou:— Encha sua taça nas águas eternas daquele que é o Doador Divino. Além disso, André, todos nós somos portadores da planta do Cristo, na terra do coração. Em períodos como o que você atravessa, há mais facilidade para nos desenvolvermos com êxito, se soubermos aproveitar as oportunidades. Enquanto o espírito do homem se engolfa apenas em cálculos e raciocínios, o Evangelho de Jesus não lhe parece mais que repositório de ensinamentos comuns; mas, quando se lhe despertam os sentimentos superiores, verifica que as lições do Mestre têm vida própria e revelam expressões desconhecidas da sua inteligência, à medida que se esforça na edificação de si mesmo, como instrumento do Pai. Quando crescemos para o Senhor, seus ensinos crescem igualmente aos nossos olhos. Vamos fazer o bem, meu caro! Encha seu cálice com o bálsamo do amor divino. Já que você pressente os raios da alvorada nova, caminhe confiante para o dia!...  
  
E, conhecendo meu temperamento de homem, amante do serviço movimentado, acrescentou, generosa:— Você tem trabalhado bastante aqui nas Câmaras, onde me preparo, por minha vez, considerando o futuro próximo, na carne. Não poderei, portanto, acompanhá-lo, mas creio deve você aproveitar os novos cursos de serviço, instalados no Ministério da Comunicação. Muitos companheiros nossos habilitam-se a prestar concurso na Terra, nos campos visíveis e invisíveis ao homem, acompanhados, todos eles, por nobres instrutores. Poderia você conhecer experiências novas, aprender muito e cooperar com excelente ação individual. Porque não tenta? Antes que pudesse agradecer o alvitre valioso, Narcisa foi chamada ao interior das Câmaras, a serviço, deixando-me dominado por esperanças diferentes de quantas abrigara até então, relativamente às minhas tarefas.**

**22 - RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS - EMMANUEL - PÁG. 43**

**RENASCIMENTO - REUNIÃO PÚBLICA DE 2.3.59 - QUESTÃO N° 169: Não aguardes o lance da morte para atender, em ti mesmo, à grande renovação. Se a chama de tuas esperanças mais caras surge agora reduzida a pó e cinza, aproveita os resíduos dos sonhos mortos por adubo à nova sementeira de fé e caminha para diante, sem descrer da felicidade. Muitos desertam do quadro escabroso em que o Céu lhes permite a quitação com as Leis Divinas, deitando-lhe insultos, como se se retirassem de província infernal, mas voltarão a ele, em momento oportuno, com lágrimas de tardio arrependimento, para reajustar suas disposições, quando poupariam larga quota de tempo se lhe buscassem compreender as lições ocultas. Outros muitos fogem de entes amados, reprochando-Ihes a conduta e anatematizando-lhes a existência, qual se se ausentassem de desapiedados verdugos; no entanto, voltarão, igualmente mais tarde, a tributar-lhes paciência e carinho, a fim de curar-lhes as chagas de ignorância e ajudá-los no pagamento de débitos escabrosos, entendendo, por fim, que teriam adquirido enorme tesouro de experiência se lhes houvessem doado apoio e entendimento, perdão e auxílio justo, no instante difícil em que se mostravam desmemoriados e inconscientes.  
  
Não deixes, assim, para amanhã o trabalho bendito da caridade que te pede ação ainda hoje. O caminho de angústia e a mão do insensato despontam do pretérito, cujas dívidas precisamos solver. Desse modo, se te não é lícito possuir esse ou aquele patrimônio que te parece adequado à realização do mais alto ideal, faze da tela escura em que estagias a escola da própria sublimação, e, se não podes receber, em determinada condição, a alma que amas, no mundo consagra-lhe mesmo assim o melhor de teu culto, estendendo-lhe a bondade silenciosa, na bênção da simpatia. Não encomendes, pois, embaraços e aversões a loja do futuro, porque, a favor de nossa própria renovação concede-nos o Senhor, cada manhã, o Sol renascente de cada dia.**

**24 - SINAL VERDE - ANDRÉ LUIZ - PÁG. 17 A 26**

**ÍTEM 4 - NO RECINTO DOMÉSTICO  
Bondade no campo doméstico é a caridade começando de casa.  
Nunca fale aos gritos, abusando da intimidade com os entes queridos.  
Utilize os pertences caseiros sem barulho, poupando o lar a desequilíbrio e perturbação.  
Aprenda a servir-se, tanto quanto possível, de modo a não agravar as preocupações da família.  
Colabore na solução do problema que surja, sem alterar-se na queixa.  
A sós ou em grupo, tome a sua refeição sem alarme.  
Converse edificando a harmonia.  
É sempre possível achar a porta do entendimento mútuo, quando nos dispomos a ceder, de nós mesmos, em pequeninas demonstrações de renúncia a pontos de vista.  
Quantas vezes um problema aparentemente insolúvel pede tão somente uma palavra calmante para ser resolvido?  
Abstenha-se de comentar assuntos escandalosos ou inconvenientes.  
Em matéria de doenças, fale o estritamente necessário.  
Procure algum detalhe caseiro para louvar o trabalho e o carinho daqueles que lhe compartilham a existência.  
Não se aproveite da conversação para entretecer apontamentos de crítica ou censura, seja a quem seja.  
Se você tem pressa de sair, atenda ao seu regime de urgência com serenidade e respeito, sem estragar a tranquilidade dos outros.  
É preciso reconhecer a diversidade dos gostos e vocações daquele ou daquela que se toma para compartilhar-nos a vida.  
  
ÍTEM 5 - ENTRE CÔNJUGES  
Prossiga amando e respeitando os pais, depois da formação da própria casa, compreendendo, porém, que isso traz novas responsabilidades para o exercício das quais é imperioso cultivar independência, mas, a pretexto de liberdade, não relegar os pais ao abandono.  
Não deprecie os ideais e preocupações do outro.  
Selecione as relações.  
Respeite as amizades do companheiro ou da companheira.  
É preciso reconhecer a diversidade dos gostos e vocações daquele ou daquela que se toma para compartilhar-nos a vida.  
Antes de observar os possíveis erros ou defeitos do outro, vale mais procurar-lhe as qualidades e dotes superiores para estimulá-los ao desenvolvimento justo.  
Jamais desprezar a importância das relações sexuais com o respeito à fidelidade nos compromissos assumidos.  
Não sacrifique a paz do lar com discussões e conflitos, a pretexto de honorificar essa ou aquela causa da Humanidade, porque a dignidade de qualquer causa da Humanidade começa no reduto doméstico.  
Não deixe de estudar e aprimorar-se constantemente, sob a desculpa de haver deixado a condição de solteiro ou de solteira.  
Sempre necessário compreender que a comunhão afetíva no lar deve recomeçar, todos os dias, a fim de consolidar-se em clima de harmonia e segurança.  
  
ÍTEM 6 - EXPERIÊNCIA DOMÉSTICA  
Ordem, trabalho, caridade, benevolência, compreensão começam dentro de casa.  
A parentela é um campo de aproximação, jamais cativeiro.  
Aprendamos a ouvir sem interromper os que falam à mesa doméstica, a fim de que possamos escutar com segurança as aulas da vida.  
O lar é um ponto de repouso e refazimento, nunca mostruário de móveis e filigranas, conquanto possa e deva ser enfeitado com distinção e bom gosto, tanto quanto possível.  
Quem pratica o desperdício, não reclame se chegar à penúria.  
Benditos quantos se dedicam a viver sem incomodar os que lhe compartilhem a experiência.  
Evite as brincadeiras de mau gosto que, não raro, conduzem a desastre ou morte prematura.  
O trabalho digno é a cobertura de sua independência.  
Aconselhe a criança e ajude a criança na formação espiritual, que isso é obrigação de quem orienta, mas respeite os adultos em suas escolhas, porque os adultos são responsáveis e devem ser livres nas próprias ações, tanto quanto você deseja ser livre em suas idéias e empreendimentos.  
Se você não sabe tolerar, entender, abençoar ou ser útil a oito ou dez pessoas do ninho doméstico, de que modo cumprir os seus ideais e compromissos de elevação nas áreas da Humanidade?  
Muitos crimes e muitos suicídios são levados a efeito a pretexto de se homenagear carinho e dedicação no mundo familiar.  
  
ÍTEM 7 - PARENTES DIFÍCEIS  
Aceite os parentes difíceis na base da generosidade e da compreensão, na certeza de que as Leis de Deus não nos enlaçam uns com os outros sem causa justa.  
O parente-problema é sempre um teste com que se nos examina a evolução espiritual.  
Muitas vezes a criatura complicada que se nos agrega à família, traz consigo as marcas de sofrimento ou deficiências que lhe foram impostas por nós mesmos em passadas reencarnacões.  
Não exija dos familiares diferentes de você um comportarmento igual ao seu, porquanto cada um de nós se caracteriza pelas vantagens ou prejuízos que acumulamos na própria alma.  
Não tente se descartar dos parentes difíceis com internacões desnecessárias em casas de repouso, à custa de dinheiro, porque a desvinculação real virá nos processos da natureza, quando você houver alcançado a quitação dos próprios débitos ante a Vida Maior.  
Nas provações e conflitos do lar terrestre, quase sempre, estamos pagando pelo sistema de prestações, certas dívidas contraídas por atacado.**

**26 - VINHAS DE LUZ - EMMANUEL - PÁG. 235**

**ÍTEM 111 - SUBLIME RECOMENDAÇÃO  
"Jesus, porém, não lho permitiu, mas disse-lhe: Vai para tua casa, para os teus e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez, e como teve misericórdia de ti." — (MARCOS, 5:19.)  
Eminentemente expressiva a palavra de Jesus ao endemoninhado que recuperara o equilíbrio, ao toque de seu divino amor. Aquele doente que, após a cura, se sentia atormentado de incompreensão, rogava ao Senhor lhe permitisse demorar ao seu lado, para gozar-lhe a sublime companhia. Jesus, porém, não lho permite e recomenda-lhe procure os seus, para anunciar-lhe os benefícios recebidos. Quantos discípulos copiam a atitude desse doente que se fazia acompanhar por uma legião de gênios perversos! Olhos abertos à verdade, coração tocado de nova luz, à primeira dificuldade do caminho pretendem fugir ao mundo, famintos de repouso ao lado do Nazareno, esquecendo-se de que o Mestre trabalha sem cessar.  
  
O problema do aprendiz do Cristo não é o de conquistar feriados celestes, mas de atender aos serviços ativos, a que foi convocado, em qualquer lugar, situação, idade e tempo. Se recebeste a luz do Senhor, meu amigo, vai servir ao Mestre junto dos teus, dos que se prendem à tua caminhada. Se não possuis a família direta, possuis a indireta. Se não contas parentela, tens vizinhos e companheiros. Anuncia os benefícios do Salvador, exibindo a própria cura. Quem demonstra a renovação de si mesmo, em Cristo, habilita-se a cooperar na renovação espiritual dos outros. Quanto ao bem-estar próprio, serás chamado a ele, no momento oportuno.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PASSES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A levitação - pág. 59** | **02 - A moça da ilha - pág. 13** |
| **03 - A reencarnação - pág. 160** | **04 - Ação e reação - pág. 134, 168** |
| **05 - Ave Cristo - pág. 19** | **06 - Conduta Espírita - pág. 102** |
| **07 - Convites da vida - pág. 34** | **08 - Cromoterapia - pág. 61, 75** |
| **09 - Curso dinâmico de Espiritismo - pág. 161** | **10 - Da alma humana - pág. 111, 125** |
| **11 - Depois da morte - pág. 157** | **12 - Desobsessão -pág. 107,183** |
| **13 - Diálogo com as sombras - pág. 245** | **14 - Entre a Terra e o céu - pág. 89, 121, 127** |
| **15 - Evolução em dois mundos - pág. 201** | **16 - Libertação - pág. 192, 238** |
| **17 - Florações evangélicas - pág. 80** | **18 - Mãos de luz - pág. 28** |
| **19 - O passe espírita- toda a obra** | **20 - Mecanismos da mediunidade - pág. 159** |
| **21 - Missionários da luz - pág. 320** | **22 - No invisível - pág. 177, 181** |
| **23 - No mundo maior - pág. 176** | **24 - Passes e radiações - pág. 83, 169** |
| **25 - Pureza doutrinária - pág. 71** | **26 - Sexo e destino - pág. 168** |
| **27- Universo e vida - pág. 88** | **28 - Vida e atos dos apóstolos - pág. 143, 171** |
| **29 - Voltas que a vida dá - pág. 93** | **30 - Vozes do grande além - pág. 96** |
| **31 - Segue-me - pág. 131** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PASSES** **– COMPILAÇÃO**

**03 - A reencarnação - Gabriel Delanne - pág. 160**

**As vidas sucessivas  
Tal é o título de uma obra publicada em 1911 pelo Coronel de Rochas, antigo administrador da Escola Politécnica. O autor é muito conhecido pelas numerosas pesquisas que fez sobre a exteriorização da sensibilidade, os estados superficiais e profundos da hipnose, e, em último lugar, por suas experiências concernentes à memória pré-natal. Nesta obra, relata as experiências que realizou de 1892 a 1910, com 19 pacientes, nos quais procurou acordar, mergulhando-os em estados magnéticos, cada vez mais profundos, a lembrança de suas vidas anteriores.  
  
Seu processo consistia em fazer passes longitudinais, a fim de adormecer profundamente os pacientes, e fazer-lhes sugestões, por maneira que despertassem neles as recordações da vida atual até o nascimento; levando mais longe a experiência, procurou obter a revelação das existências que lhes teriam precedido a atual.  
  
Todos os pacientes fizeram descrições mais ou menos verossímeis de vidas anteriores. Infelizmente, na maioria dos casos, foi impossível obter a certeza dessas visões retrospectivas. O autor não procurou precisar, suficientemente, os nomes, as datas e os lugares onde se teriam desenrolado essas visões regressivas.  
  
Creio que se o Sr. de Rochas tivesse melhor conhecido e praticado as experiências do Espiritismo, teria podido tirar grande fruto de seu real poder fluídico, pedindo aos seres desencarnados que o ajudassem, e por seu turno, agindo sobre a alma do paciente, quando exteriorizada, pois que, nesse período, se produz a renovação da memória integral. Rochas não foi mais feliz em outra tentativa em sentido inverso, a de fazer prever, pêlos sensitivos, o que lhes deveria acontecer mais tarde.  
  
Para que o sonâmbulo voltasse ao estado normal, Rochas empregava passes transversais e os continuava depois do despertar, o que levava o paciente a outro estado, onde se dizia que ele previa o futuro. Creio que, neste caso, a sugestão exercida pelo magnetizador seria verdadeiramente a causa eficiente, porque a conexão entre ele e seus pacientes era sempre muito íntima, o que deixa supor que sua ação mental se transmitia àqueles com quem operava, com a maior facilidade.  
  
De Rochas faz notar, com muita justeza, que, estando as idéias de inferno e purgatório muito espalhadas em todos os meios em que foi buscar seus pacientes, é de espantar que nenhum deles lhes fizesse menção, quando se achava entre duas pretendidas encarnações.  
Vamos ver outro experimentador, mais feliz que o Sr. de Rochas, pois que, uma vez, ao menos, obteve pormenores exatos acerca de uma vida anterior de sua paciente.  
  
A médium Helena Smith  
Em seu livro "Dês Indes à Ia planète Mars", Flournoy, professor de Psicologia da Faculdade de Ciências de Genebra, fez um importante e completo estudo das faculdades de uma médium, a que ele chama Senhorinha Helena Smith. É digno de relevo que essa moça, de boa educação, de uma sinceridade e boa-fé absoluta, que se prestara, gratuitamente, durante anos, à investigação dos sábios, tivesse apresentado personificações imaginárias ao lado de outros fatos nitidamente espíritas.  
  
Em verdade, Flournoy esforçou-se por explicar todos os fenômenos pela auto-sugestão da médium, a qual, muito sensível, teria sido levada, subconscientemente, em seus sonhos, a imaginar que não se encontrava na posição social que lhe competia, de sorte que, frequentando Centros Espíritas, onde são correntes as idéias de reencarnação, teria sucessivamente e subliminalmente, isto é, durante seus períodos de inconsciência, forjado dois romances, pelo menos, relativos às suas vidas anteriores.  
  
Um dos seus romances a representa como a reencarnação da Rainha Maria Antonieta, e o outro como a mulher de um príncipe hindu, que vivia no XIV século e teria reinado no Kanara. Uma terceira criação hipnóide é relativa ao planeta Marte, de que a Srta. Smith dá descrições um tanto fantasistas; mais, ainda, ela teria feito conhecer a linguagem dos habitantes desse nosso mais próximo vizinho. (...)**

**04 - Ação e reação - André Luiz - pág. 134, 168**

**(...) Atingiríamos no plano físico pequena moradia constituída de três peças desataviadas e estreitas. O relógio acusava alguns minutos depois de zero hora. Acompanhando Silas, cuja presença deslocou diversas entidades da sombra que ali se ajuntavam com a manifesta intenção de perturbar, ingressamos num quarto humilde. Percebemos, sem palavras, que o problema era efetivamente desolador. Junto de jovem senhora agoniada e exausta, uma menina de dois a três anos choramingava, inquieta... Via-se nos olhos esgazeados e inconscientes o estigma dos que foram marcados por irremediável sofrimento ao nascer.**

**Contudo, através da preocupação indisfarçável de Silas, era fácil reconhecer que a pobre senhora era o caso mais urgente para os nossos cuidados. A infeliz, de joelhos, beijava sofregamente a pequenina, mostrando a indefinível angústia dos que se despedem para sempre. Logo após, em movimento rápido, tomou de um copo em que se encontrava beberagem cujo teor tóxico não nos deixava qualquer dúvida. Antes, porém, de colá-lo à boca em febre, eis que o Assistente lhe disse em voz segura:  
  
— Como podes pensar na sombra da morte, sem a luz da oração? A desventurada não lhe ouviu a pergunta com os tímpanos de carne, mas a frase de Silas invadiu-lhe a cabeça qual rajada violenta. Lampejaram-lhe os olhos com novo brilho e o copo tremeu-lhe nas mãos, agora indecisas. Nosso orientador estendeu-lhe os braços, envolvendo-a emfluidos anestesiantes de carinho e bondade.   
  
Marina, pois era ela a irmã para quem aflito coração materno suplicara socorro, dominada de novos pensamentos, recolocou o perigoso recipiente no lugar primitivo e, sob a vigorosa influência do diretor de nossa excursão, levantou-se automaticamente e estirou-se no leito, em prece...— «Deus meu, Pai de Infinita Bondade — implorou em voz alta —, compadece-te de mím e perdoa-me o fracasso ! Não suporto mais...**

**Sem minha presença, meu marido viverá mais tranquilo no leprosário e minha desventurada filhinha encontrará corações caridosos que lhe dispensem amor... Não tenho mais recursos... Estou doente... Nossas contas esmagam-me... Como vencer a enfermidade que me devora, obrigada a costurar sem repouso, entre o marido e a filhinha que me reclamam assistência e ternura ?...» Silas administrava-lhe passes magnéticos de prostração e, induzindo-a a ligeiro movimento do braço, fez que ela mesma, num impulso irrefletido, batesse com força no copo fatídico, que rolou no piso do quarto, derramando o líquido letal.  
  
Em lágrimas copiosas, a pobre criatura insistiu, desolada: — Ó Senhor, compadece-te de mim!. .. Reconhecendo no próprio gesto impensado a manifestação de uma força estranha a entravar-lhe a possibilidade da morte deliberada naquele instante, passou a orar em silêncio, com evidentes sinais de temor e remorso, atitude mental essa que lhe acentuava a passividade e da qual se valeu o Assistente para conduzi-la ao sono provocado.  
  
Silas emitiu forte jacto de energia fluídica sobre o córtex encefálico dela, e a moça, sem conseguir explicar a si mesma a razão do torpor que lhe invadia o campo nervoso, deixou-se adormecer pesadamente, qual se houvera sorvido violento narcótico. O Assistente interrompeu a operação socorrista e falou-nos, bondoso:— Temos aqui asfixiante problema de conta agravada. E designando a jovem mãe, agora extenuada, continuou :  
  
— Marina veio de nossa Mansão para auxiliar a Jorge e Zilda, dos quais se fizera devedora. No século passado, interpôs-se entre os dois, quando recém-casados, Impelindo-os a deploráveis leviandades que lhes valeram angustiosa demência no Plano Espiritual. Depois de longos padecimentos e desajustes, permitiu o Senhor que muitos amigos intercedessem, junto aos Poderes Superiores, para que se lhes recompusesse o destino, e os três renasceram no mesmo quadro social, para o trabalho regenerativo. Marina, a primogênita do lar de nossa irmã Luísa, recebeu a incumbência de tutelar a irmãzinha menor, que assim se desenvolveu ao calor de seu fraternal carinho, mas, quando moças feitas, há alguns anos, eis que, segundo o programa de serviço traçado antes da reencarnação, a jovem Zilda reencontra Jorge e reatam, instintivamente, os elos afetivos do pretérito. (...)**

**06 - Conduta Espírita - André Luiz - pág. 102**

**Quando aplicar passes e demais métodos da terapêutica espiritual, fugir à indagação sobre resultados e jamais temer a exaustão das forças magnéticas. O bem ajuda sem perguntar. Lembrar-se de que na aplicação de passes não se faz precisa a gesticulação violenta, a respiração ofegante ou o bocejo de contínuo, e de que nem sempre há necessidade do toque direto no paciente.**

**A transmissão do passe dispensa qualquer recurso espetacular. Esclarecer os companheiros quanto à inconveniência da petição de passes todos os dias, sem necessidade real, para que esse gênero de auxilio não se transforme em mania. É falta de caridade abusar da bondade alheia.**

**Proibir ruídos quaisquer, baforadas de fumo, vapores alcoólicos, tanto quanto ajuntamento de gente ou a presença de pessoas irreverentes e sarcásticas nos recintos para assistência e tratamento espiritual. De ambiente poluído, nada de bom se pode esperar. Interromper as manifestações mediúnicas no horário de transmissões do passe curativo. Disciplina é alma da eficiência.**

**Interditar, sempre que necessário, a presença de enfermos portadores de moléstias contagiosas nas sessões de assistência em grupo; situando-os em regime de separação para o socorro previsto. A fé não exclui a previdência.**

**Quando oportuno, adicionar o sopro curativo aos serviços do passe magnético, bem como o uso da água fluidificada do autopasse, ou da emissão de força socorrista, a distância, através da oração. O Bem Eterno é bênção de Deus à disposição de todos.**

**"E rogava-lhe muito, dizendo-lhe: - Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare, e viva". (Marcos, 5:23)**

**11 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 157**

**(..) Seja como for, o Magnetismo, repelido pelas corporações sábias, começa sob outro nome a atrair-lhe a atenção. Os resultados seriam, porém, muito mais fecundos se, ao invés de operarem sobre histéricos experimentassem sobre indivíduos são e válidos. O sono magnético desenvolve, nos passivos lúcidos, faculdades novas, um poder incalculável de percepção. O mais notável fenômeno é a visão a grande distância, sem o auxílio dos olhos.**

**Um sonâmbulo com os olhos fechados, entregar-se aos mais delicados e complicados trabalhos. Outros vêem no interior do corpo humano, discernem seus males e causas, lêem o pensamento no cérebro, penetram, sem o concurso dos sentidos, nos mais recônditos domínios, e até no vestíbulo do outro mundo. Sondam os mistérios da vida fluídica, entram em relação com os seres invisíveis, transmitem-nos seus conselhos, seus ensinos.**

**Mais adiante voltaremos a este ponto, porém desde já podemos considerar como estabelecido o fato que decorre dos estudos, das experiências de Puységur, Deleuze, du Potet e de seus inumeráveis discípulos, isto é, que o sono magnético, imobilizando o corpo, aniquilando os sentidos, restitui à liberdade o ser psíquico, centuplica-lhe os meios íntimos de percepção, e o faz entrar num mundo vedado aos seres corpóreos, mundo cujas belezas e leis nos descreve.  
  
E esse ser psíquico que, no sono, vive, pensa, age fora do corpo, que afirma sua personalidade independente por um modo especial de apreciação, por conhecimentos superiores aos que possuía no estado de vigília, que será senão a própria alma, não mais uma resultante das forças vitais dos órgãos, porém uma causa livre, uma vontade ativa, desprendida momentaneamente de sua prisão, pairando sobre a natureza inteira e gozando a integridade de suas faculdades inatas?  
  
Assim, pois, os fenômenos magnéticos tornam evidente não só a existência da alma, mas também a sua imortalidade; porque, se, durante a existência corpórea, essa alma se desliga do seu grosseiro invólucro, vive e pensa fora dele, com mais forte razão achará na morte a plenitude de uma liberdade.  
  
A ciência do Magnetismo não só nos leva a crer na existência da alma, mas também nos dá a posse de maravilhosos recursos. A ação dos fluidos sobre o corpo humano é considerável; suas propriedades são múltiplas, variadas. Fatos numerosos têm provado que, com o seu auxílio, se podem aliviar os sofrimentos mais cruéis. Os grandes missionários não curavam pela aposição das mãos? Eis todo o segredo dos seus supostos milagres.**

**Os fluidos, obedecendo a uma poderosa vontade, a um arden­te desejo de fazer o bem, penetram os organismos debilitados e suas moléculas benéficas, substituindo as que estão doentes, restituem gradualmente a saúde aos enfermos, o vigor aos valetudinários.  
Objetam que uma legião de charlatães, para explorar o Magnetismo, abusa da credulidade e da ignorância do público, exornando-se com um poder imaginário. Mas, isso é uma consequência inevitável do estado de inferio­ridade moral da Humanidade.  
  
Uma coisa nos consola desses fatos contristadores: é a certeza de que todo homem animado de simpatia profunda pelos deserdados, de verdadeiro amor pelos que sofrem pode aliviar seus semelhantes por uma prática sincera e esclarecida do Magnetismo.**

**19 - O passe espírita - Luiz Carlos de M. Gurgel - toda a obra**

**3a PARTE - CAPÍTULO I QUE É O PASSE  
Somente após os estudos preliminares vistos nas duas partes iniciais deste trabalho, principalmente os referentes ao sistema nervoso, magnetismo, fluidos e aos estados patológicos do organismo, é que temos realmente condições de melhor compreender o que é e como deve ser executado o serviço assistencial do passe.  
  
O passe é sempre, segundo a visão espírita, um procedimento fluídico-magnético, que tem como principal objetivo auxiliar a restauração do equilíbrio orgânico do paciente. Por orgânico, aqui, entenda-se a estrutura completa do indivíduo — quando desencarnado, Espírito e perispírito; quando encarnado, corpo físico, duplo etérico, perispírito e Espírito.  
  
O passe tanto pode ser aplicado por um Espírito encarnado — pessoa viva —, quanto por um Espírito desencarnado, ou ainda, pela ação conjunta de um encarnado e um desencarnado. O passe em que age isoladamente apenas o elemento encarnado é muito raro, podendo-se considerá-lo mesmo como um caso excepcional. As situações mais frequentes são, sem sombra de dúvida, ou aquela em que o passista é um Espírito desencarnado ou aquela outra em que se conjugam os esforços de um elemento encarnado e um outro desencarnado.  
  
Muitas vezes se utiliza a designação de passe magnético para os casos em que o passista é um encarnado, e, de passe espiritual, para o passe em que o passista é um desencarnado. Não adotamos estas designações, por entendermos que em ambos os casos, conscientemente ou não, o magnetismo é sempre utilizado e também porque, de uma forma ou de outra, mesmo no passe executado isoladamente por um encarnado, tem-se presente a ação de um Espírito que comanda, de fato, todo o processo, mesmo que seja o Espírito do próprio passista. Estaremos, portanto, em qualquer situação, diante de passe espiritual e magnético.  
  
Quando temos um passe aplicado por um Espírito desencarnado, agindo em parceria com um outro encarnado, estamos diante do que se costuma denominar de passe-misto. O presente trabalho destina-se precisamente a contribuir para o aperfeiçoamento do parceiro encarnado desta dupla. Para classificar os passes, quanto ao seu executor, na falta de melhores, talvez devêssemos, pois, adotar as designações: passe por desencarnado, passe por encarnado e passe-misto.  
  
Em qualquer caso, o passe é sempre utilizado visando ora ao recolhimento de fluidos prejudiciais, ora à aplicação de fluidos benfazejos. Daí serem classificados, quanto à sua finalidade específica, em: passes para retirada de fluidos e passes para concentração de fluidos, respectivamente.  
  
Conforme veremos adiante, em determinados momentos teremos que proceder à retirada e, em outros, à concentração de fluidos, relativamente ao paciente. Estes dois tipos de ação é que vão caracterizar as duas etapas bem distintas que normalmente precisam ser executadas. Uma é a etapa de retirada de fluidos — geralmente denominada fase de dispersão — e a outra a do fornecimento de fluidos — fase de doação.  
  
Devemos começar sempre com a fase de dispersão — limpeza do campo fluídico do paciente — procurando retirar todos os fluidos deletérios que o envolvam e, só depois, iniciar a fase de doação de fluidos. Se essa sequência for invertida, iremos, com certeza, nos desgastar inutilmente, pois vamos dispersar exatamente os fluidos que doamos. Essa regra básica jamais poderá ser ignorada: primeiro a dispersão e depois a imposição.  
  
Ao executarmos a dispersão como fase inicial do passe, estaremos também evitando que os fluidos a serem doados na fase subsequente venham a ser repelidos pelo envoltório fluídico do paciente, como decorrência da repulsão entre fluidos de natureza oposta — Lei Fundamental dos Fluidos. Esta fase merece, portanto, a máxima atenção. Após a doação não se deve proceder a quaisquer manobras que favoreçam a dispersão dos fluidos doados.  
  
É importante observar que, na fase de doação, os fluidos benéficos são apenas postos à disposição do paciente. Dizemos "à disposição" porque, de fato, rigorosamente falando, é isto que ocorre, pois a absorção desses fluidos poderá ou não se verificar. A absorção de fluidos depende de muitos fatores — alguns totalmente fora do controle do passista —, sendo que o mais significativo deles é, e sempre será, o estado de receptividade do paciente. Se ele se coloca na condicão adequada de receptividade, irá absorver facilmente os fluidos que o passista colocou ao seu dispor. Em caso contrário, a absorção não se processará, ou será muito reduzida.  
  
Quando o paciente se coloca em um estado mental de oposição ao trabalho do passista, principalmente abrigando sentimentos de rancor, antipatia ou descrédito, uma intensa repulsão se exercerá sobre os fluidos que estão sendo doados. Para vencer esta repulsão, será necessária uma forte e presente ação magnética do passista, dirigindo os fluidos para o paciente. E evidente que os resultados nesta situação nunca serão tão favoráveis quanto naqueles em que a ação do paciente se faz no sentido de colaborar com o trabalho do passista.  
  
PADRONIZAÇÃO DO PASSE  
Na dispersão, tanto quanto na doação de fluidos, muitos tipos diferentes de passes podem ser utilizados, cada um com suas características específicas. Assim, sempre que a casa espírita mantenha um serviço de passe à disposição dos seus frequentadores, é recomendável que se adote certa padronização com respeito à sistemática em uso pelos seus passistas. A padronização não deve ser, contudo, muito rígida. Ela deve limitar-se a estabelecer certa uniformidade quanto às técnicas e atitudes adotadas, procurando desta forma garantir a qualidade e a pureza doutrinária do serviço, além de evitar o surgimento de termos de comparação, com respeito ao desempenho dos componentes da equipe. Estas comparações são sempre extremamente prejudiciais aos passistas, aos pacientes e à instituição.  
  
CAPÍTULO II COMO APLICAR O PASSE  
Neste capítula apresentaremos os tipos de passes mais comumente utilizados hoje em dia e que, testados por passistas diversos, de diferentes instituições, sempre apresentaram resultados perfeitamente satisfatórios.  
  
O AUTOPASSE  
Ao iniciar e ao concluir a aplicação de passes, é importantíssimo que o passista proceda à limpeza do seu próprio envoltório fluídico, através do que se costuma chamar autopasse. O autopasse inical tem o objetivo de retirar componentes fluídicos inadequados que se tenham agregado ao organismo do passista, em virtude das suas atividades anteriores. No final, o autopasse, visa a libertar o passista de fluidos que tenha, inadvertidamente, captado dos pacientes.  
  
Mesmo durante o andamento do trabalho do passe, pode-se — e deve-se — recorrer ao autopasse, quando se percebe qualquer sinal de desarmonização. O autopasse é muito simples e pode ser realizado sem a necessidade de qualquer movimento, bastando ao passista mentalizar firmemente o deslocamento dos fluidos inconvenientes. Deve-se partir da região superior do corpo, imaginando-se que os fluidos prejudiciais vão se deslocando progressivamente para baixo, à proporção que vão sendo empurrados mentalmente, até "saírem" pelas extremidades inferiores do corpo.  
  
Para concluir o autopasse, deve o passista estabelecer uma ligação mental (magnética) com as regiões vibratórias superiores e imaginar que está sendo banhado por uma luminosidade suave que vai envolvendo-o lentamente, primeiro a cabeça, depois o tronco e os braços, e assim progressivamente, até atingir os pés. O passista deve procurar manter-se por alguns momentos dentro desse verdadeiro "banho restaurador", deixando que essas vibrações superiores restabeleçam seu equilíbrio e harmonia funcional.  
  
PASSE LONGITUDINAL  
Este é com certeza o passe de dispersão mais comumente utilizado. Nele o passista, através de movimentos rápidos e enérgicos, desloca as mãos, longitudinalmente, ao longo do corpo do paciente. As mãos do passista devem ser mantidas sempre a uma distância aproximada de 10 a 15 centímetros do corpo do paciente.  
  
O início do movimento ocorre na região acima da cabeça do paciente, com as mãos do passista entreabertas naturalmente. Ao finalizar cada movimento as mãos fecham-se e procede-se à sua descarga fluídica. Essa descarga é feita por meio de um movimento vigoroso para baixo em que simultaneamente se abrem as mãos distendendo-se completamente os dedos, como se procurando livrá-las de alguma coisa que tivesse a elas aderido.  
  
Ao passar as mãos ao longo do corpo do paciente, o passista deverá mentalizar que com elas está a recolher os fluidos deletérios que nele se encontrem. A descarga fluídica das mãos do passista destina-se justamente a livrá-lo desses fluidos. Com respeito ao passe longitudinal apresentamos a seguir, resumidamente, algumas observações importantes:  
  
a) Não tocar no paciente;  
  
b) Manter as mãos abertas com naturalidade, sem precisar esticar os dedos, exceto naturalmente no momento de livrar-se dos fluidos;  
  
c) Ao executar a descarga fluídica das mãos observar onde lança os fluidos, a fim de não fazê-lo sobre o próprio paciente, ou outra pessoa qualquer;  
  
d) O número de vezes que se deve repetir o movimento depende de cada caso, mas só a título de referência pode-se dizer que, geralmente, 4 a 5 vezes é o suficiente;  
  
e) Os deslocamentos das mãos devem ser feitos de modo que se procure "varrer" todo o corpo do paciente, isto é, não se deve passar as mãos sempre pelo mesmo trajeto. Todavia, caso o passista perceba a necessidade, poderá, e deverá, deter-se mais em uma dada região que em outras;  
  
f) Não há posição relativa obrigatória para o passista. Ele pode se colocar em frente, ao lado ou atrás do paciente. Tudo dependerá das circunstâncias de cada caso.  
  
PASSE TRANSVERSAL  
Para executar o passe transversal, o passista deve posicionar as mãos, abertas com naturalidade, uma em cada lado do paciente, e depois deslocá-las simultaneamente, com um movimento rápido, de modo que primeiro se aproximem e depois se afastem uma da outra. As mãos devem descrever movimentos em arcos de circunferência que podem ou não se cruzar no centro.  
  
Durante o movimento é sempre preciso mentalizar que se está a recolher, com as mãos, os fluidos agregados ao organismo do paciente. Ao atingir o ponto final do movimento, deve-se fechar as mãos e proceder às manobras de descarga fluídica já descritas no passe longitudinal. O passe transversal é de natureza dispersiva e deve ser utilizado como complemento ao passe longitudinal, podendo ser executado antes ou depois dele.  
  
Aqui também vale a recomendação de que se deve repetir os movimentos procurando percorrer todo o corpo do paciente. Alguns autores denominam de passe transversal cruzado aquele em que os arcos descritos pelas mãos do passista se cruzam, e de passe transversal simples aquele em que eles não se cruzam. Há, também, quem chame o passe transversal de passe circular.  
  
Uma variação do passe transversal é aquele em que as mãos não descrevem arcos e sim retas horizontais, isto é, as mãos apenas se aproximam e depois se afastam seguindo o mesmo caminho.  
  
IMPOSIÇÃO DE MÃOS  
A imposição de mãos é um ótimo passe com vistas à doação de fluidos. Pode ser usado sobre qualquer região do corpo do paciente, embora em geral apresente-se mais eficiente quando aplicado sobre os centros vitais, já que estes são as regiões por excelência de absorção e distribuição de fluidos no organismo.  
  
Sugerimos, como regra, se faça a aplicação do passe de imposição sobre cada um dos centros vitais do paciente, começando pelo centro coronário e finalizando pelo genésico. Para executar o passe de imposição de mãos deve-se simplemente colocar as mãos abertas, com os dedos levemente afastados, sobre a região que se pretende atingir.  
  
Na ocasião em que faz a imposição de mãos o passista deve mentalizar firmemente que está a transferir, para o paciente, os fluidos de que ele necessita para o seu restabelecimento orgânico. É este o momento do passe em que se faz necessária a máxima afinidade entre passista e paciente, para que a transferência de fluidos se faça do modo mais eficiente possível.  
  
O tempo dedicado a cada um dos centros vitais pode variar bastante de caso para caso, embora, a título de referência, se possa dizer que o tempo total utilizado para o conjunto de todos os centros não vai, em geral, além de dois a três minutos.  
  
Com o decorrer do tempo e a prática regular do serviço assistência! do passe, o passista vai desenvolvendo melhor sua sensibilidade e acaba por perceber nitidamente, durante esse tipo de passe, o escoar contínuo de fluidos que ocorre através das suas mãos e em particular das extremidades dos seus dedos. Um ligeiro calor também pode ser notado pelo passista, ao atuar sobre determinados pontos do corpo do paciente.  
  
Ao iniciar a aplicação de um passe de imposição, o passista deve sempre fazer mentalmente uma rogativa ao Alto, solicitando bênçãos curadoras para aquele paciente em especial, podendo inclusive erguer as mãos para cima como a recolher as dádivas do céu que estarão certamente a se derramar sobre ele e que, medicamento divino, deverá ser aplicado em pontos específicos do organismo enfermo, os quais, com certeza, lhe serão indicados através da intuição. (...)   
  
  
24 - Passes e radiações - Edgard Armond - pág. 83, 169**

**CAPÍTULO 9 - CLASSIFICAÇÂO DOS PASSES  
Quanto à origem dos fluidos administrados durante o tratamento espiritual, podemos dividir os passes em dois grupos: materiais e espirituais.  
  
1.1) PASSES MATERIAIS (MAGNÉTICOS)  
São os aplicados pelos operadores encarnados, que a isso se dedicam, mesmo não sendo médiuns. Consistem na transmissão, pelas mãos ou pelo sopro, de fluido animal do corpo físico do operador para o do doente. Sendo a maior parte das moléstias, desequilíbrios do ritmo normal das correntes vitais do organismo, os passes materiais tendem a normalizar esse ritmo ou despertar as energias dormentes, recolocando-as em circulação.  
  
Podem ser aplicados por qualquer pessoa e até mesmo por materialistas, desde que possuam os conhecimentos necessários e capacidade de doar fluidos. Obedecem a uma técnica determinada e, feitos empiricamente, por pessoa ignorante, tornam-se prejudiciais, produzindo perturbações de várias naturezas. Assim como sucede com toda terapêutica natural, os resultados do tratamento quase nunca são imediatos; muitas vezes só aparecem após prolongadas aplicações e perseverante esforço, antecedidos por crises mais ou menos intensas, e quase sempre de aspectos imprevisíveis.  
  
Nesta exposição, os passes se aplicam nas ajudas materiais, durante as quais, em muitos casos, os médiuns, sem perceber, doam também ectoplasma.  
  
1.2) PASSES ESPIRITUAIS  
São os realizados pelos espíritos desencarnados, através de médiuns, ou diretamente sobre o perispírito dos enfermos; o que se transfere para o necessitado não são mais fluidos animais de encarnados, mas outros, mais finos e mais puros do próprio Espírito operante, ou dos planos invisíveis, captados no momento. Os espíritas normalmente utilizam pouco as ajudas materiais, da primeira categoria, que concernem mais aos magnetizadores profissionais, e aplicam mais amplamente os passes espirituais, com auxílio dos espíritos e que por falta de conhecimentos adequados, não levam em conta as diferenças que existem entre essas duas modalidades citadas.  
  
Poder-se-ia argumentar que a divisão proposta não é correta, porque em qualquer dos casos, o passe é sempre magnético, existindo somente uma diferença de qualidade no fluido transmitido; isso em parte é verdade e é justamente a existência dessa diferença que nos permite, para melhor apresentação do assunto, fazer a divisão referida.  
  
Sabemos que, realmente, no fundo só se trata do mesmo fluido cósmico fundamental que, como já vimos, recebeu muitos nomes; tanto o espírito encarnado, no primeiro caso, como o desencarnado, no segundo, ambos doam fluidos que lhe são próprios; mas não sabemos distinguir os diferentes graus de suas manifestações e isso também justifica a divisão que propusemos atrás.  
  
Todavia, note-se que nos passes espirituais, o Espírito transmite uma combinação de fluidos, inclusive emanações de sua própria aura e o poderoso influxo de sua mente, elementos estes que, quando o Espírito é de elevada categoria, possui grande poder curativo, muito diferente e muito melhor que o que possui o magnetizador encarnado.  
  
Para todos os efeitos, fica estabelecido que os passes magnéticos se referem às curas materiais e os espirituais às perturbações de origem ou fundo espiritual. Quanto à quantidade de doentes atendidos simultaneamente os passes podem ser classificados em: individuais e coletivos.  
  
2.1) PASSES INDIVIDUAIS  
Quando as aplicações são feitas para cada atendido individualmente. Os passes padronizados são deste tipo.  
  
2.2) PASSES COLETIVOS  
Quando o número de passistas é insuficiente para atender a todos os frequentadores individualmente, pode-se lançar mão deste recurso como uma medida de emergência.  
  
Realiza-se esse trabalho com o diretor, após a prece e a preleção evangélica, pedindo a todos os passistas presentes que doem fluidos aos trabalhadores do plano espiritual e mentalizem as aplicações dos passes necessários a cada paciente.  
Quanto ao método empregado os passes podem ainda ser classificados em: padronizados e livres.  
  
3.1) PASSES PADRONIZADOS  
Estes passes foram estudados e recomendados tendo-se em vista: a) as casas espíritas de grande movimento, onde haja necessidade de atender público numeroso, quando os passes comuns livres, feitos de forma pessoal pelos médiuns ou espíritos desencarnados, não encontram possibilidades de aplicação; b) a multiplicidade de maneiras de fazê-los sendo alguns ineficientes, outros contraproducentes, outros espetaculares ou mesmo ridículos, outros muitas vezes ofensivos a certos pundonores, sobretudo femininos, tudo como resultado do despreparo individual, da ignorância ou do misticismo exagerado daqueles que os aplicam,  
  
Os passes padronizados corrigem e evitam tudo isso. Não há necessidade de incorporação de Espíritos para estes passes, conquanto esta possa haver ou deixar de haver sem que os resultados sejam alterados, porque estes dependem mais que tudo da natureza, da qualidade e da judiciosidade da aplicação dos fluidos postos em movimento nos dois Planos.  
  
Em trabalhos bem organizados, com equipes bem adestradas, eis como os passes se realizam sem incorporação: a) no Plano Espiritual o ambiente é preparado previamente, ficando saturado de fluidos curadores, quase sempre coloridos (verde, azul, etc.) e os operadores secundam e reforçam com fluidos próprios ou energias do seu ambiente (cósmicas ou naturais) as aplicações a serem feitas pelos médiuns, conforme se tornem necessárias, suprindo sempre as faltas porventura existentes. Esses fluidos e energias são projetados através dos médiuns ou diretamente sobre os doentes.**

**Em casos isolados individuais, fora do atendimento geral, quando desejam utilizar os médiuns para incorporações, os espíritos ou se restringem à padronização vigente ou aplicam os passes como o desejarem; b) no Plano Material: no ambiente já saturado de fluidos curadores, os médiuns aplicam sobre o doente um caudal formado pelos seus próprios fluidos, mais as energias captadas pelas mãos, mais as recebidas pêlos chacras, sobretudo o esplénico, mais os fluidos e energias transmitidos pelos operadores espirituais e ainda todos os recursos que conseguirem obter por simples indução.  
  
3.2) PASSES LIVRES**

**Aplicados sem método, com cada passista agindo a seu modo, impossibilitando, assim, o aperfeiçoamento dos trabalhos e, o que é pior, favorecendo a indisciplina e o aparecimento de outros vícios e defeitos mais graves, a influenciar negativamente na transmissão do passe curador.**

**CAPÍTULO 10 - O PASSE MAGNÉTICO  
A base fundamental desta aplicação é a formação de uma corrente de fluidos que, partindo do operador, veiculados pelas suas mãos ou pela boca (nos casos do sopro) transmite-se ao corpo doente. Normalmente o operador estabelece um circuito com as duas mãos, a direita representando o pólo positivo e a esquerda o negativo. Nas mulheres a polaridade é variável.  
  
A regra fundamental, para os órgãos internos (vegetativos) e aplicar a mão esquerda no plexo solar (boca do estômago)' enquanto a direita se coloca sobre a parte doente, fechando o circuito. Nos casos em que é necessário pôr em movimento o fluido vital dos centros nervosos, a mão esquerda se fixa no centro de força regional, enquanto a mão direita desliza ao longo da coluna vertebral, ou dos membros superiores ou inferiores, levando para esses pontos a corrente de força. Quando se deseja transfundir no organismo do doente energias exteriores, nos casos de fraqueza exaustão, anemias, etc., atua-se sobre os centros de força a começar pelo básico, para reativar todos os processos vitais.  
  
A ação das mãos do operador não só veicula o fluido animal próprio deste, como também movimenta o fluido do corpo doente e, ainda, as energias exteriores recebidas através dos centros de força.  
  
REGRAS GERAIS  
a) Os passes longitudinais movimentam os fluidos, os transversais os dispersam e os circulares e as imposições de mãos os concentram, o mesmo sucedendo com o sopro quente.  
  
b) Os passes longitudinais, dados ao longo do corpo, de uma região ou de um membro, distribuem aí e movimentam a energia fluídica mas, quando ultrapassam as extremidades (pés e mãos), descarregam os fluidos.  
  
c) No caso, por exemplo de uma anquilose, é necessário primeiramente concentrar fluidos em grande escala e, depois, fazê-los circular através da região afetada.  
  
d) Na esfera psíquica, esses passes longitudinais produzem adormecimento, desligamento do perispírito (sonambulismo e toda a série de fenômenos decorrentes desses estados). Os desdobramentos, por exemplo, nos médiuns que possuem essa faculdade, são facilmente provocados com esses passes.  
  
e) Toda vez que agimos para cura de moléstia localizada em órgãos internos, a ação inicial deve ser levada ao Vago-Simpático, com a mão esquerda sobre o plexo solar (região do estômago) e a direita no bulbo (região da nuca).  
  
f) Em todos os casos, ter presente que nas curas magnéticas as mãos representam os dois pólos—positivo e negativo —, através dos quais a corrente eletromagnética flui. Por isso a mão negativa, a esquerda, tanto pode ser posta sobre o solar como sobre o órgão doente, como base, enquanto a positiva, a direita, procura movimentar os fluidos pelos plexos e nervos que comandam a região ou o órgão visado.  
  
g) Ter também presente, nos casos de imposições de mãos, que o lado direito do corpo humano é positivo e o esquerdo é negativo, o primeiro produzindo efeito excitante e o segundo sedativo.  
  
h) Na cura magnética, muito raramente é necessário provocar o sono nos doentes.  
  
  
i) Em todos os casos de aglomerações de fluidos: congestões, pletoras, inflamações, etc., devem ser usados os passes transversais, que dispersam os fluidos e depois os que foram recomendados como complementares.  
  
j) No campo psíquico, estes passes transversais são de "despertamento".  
  
1) Quando se deseja proceder a um estímulo de caráter geral, seja para movimentar (longitudinais), seja para dispersar fluidos (transversais), aplicam-se passes chamados de "grande corrente", processo que consiste em levar a aplicação a todo o corpo, da cabeça aos pés. Eles distribuem uniformemente os fluidos em todo o organismo e normalizam o fluxo das correntes vitais. É dado, ficando o operador a uns 50 ou 60 cm afastado do doente.  
  
m) Para que os passes magnéticos produzam melhor efeito, é necessário que, previamente, o operador estabeleça laços fluídicos de simpatia, solidariedade e confiança entre si e o doente; qualquer sentimento de antipatia, temor ou desconfiança de qualquer deles, impedirá o fluxo natural e espontâneo dos fluidos entre ambos.  
  
Exemplo 1: inflamação dos joelhos.  
Diagnóstico primário: acumulação de fluidos no local, que requer dispersão.  
Diagnóstico geral: retenção de cristais de uratos nos tecidos e articulações, cuja movimentação produz dores manifestadas pelo doente.  
Tratamento: sopro quente para dilatar os capilares e promover circulação mais intensa do sangue no local. Passes transversais para dispersão de fluidos. Passes longitudinais em grande corrente para regularizar a circulação geral dos fluidos no organismo.**

**Exemplo 2: dores no estômago com náuseas, suores e inapetência.  
Diagóstico primário: falta de fluido no órgão, que requer passes da segunda categoria citada (concentração).  
Diagnóstico geral: espasmos da mucosa, por irregularidades na atividade do vago. Perturbação do sistema vegetativo em geral.**

**Tratamento:  
1° - Passes circulares locais;**

**2° - Sopro quente;**

**3° - Ação sobre o sistema vegetativo: mão esquerda no plexo solar e mão direita descendo pela coluna vertebral, pelos gânglios do simpático até o plexo sacral ou simplesmente permanecendo na origem do vago, no bulbo;**

**4° Passes longitudinais de grande corrente para regularizar a movimentação do fluído em todo o organismo.**

**Não há regras fixas ou procedimentos padronizados para todos os casos: o tratamento depende, em grande parte, dos conhecimentos que o operador de anatomia e fisiologia humanas. (...)**

**31 - SEGUE-ME - Emmanuel - pág. 131**

**"Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças." - (Mateus, 8:17)**

**Meu amigo, o passe é transfusão de energias fisio-psíquicas, operação de boa vontade, dentro da qual o companheiro do bem cede de si mesmo em teu benefício.**

**Se a moléstia, a tristeza e a amargura são remanescentes de nossas imperfeições, enganos e excessos, importa considerar que, no serviço do passe, as tuas melhoras resultam da troca de elementos vivos e atuantes.**

**Trazes detritos e aflições e alguém te confere recursos novos e bálsamos reconfortantes.**

**No clima da prova e da angústia és portador da necessidade e do sofrimento.**

**Na esfera da prece e do amor um amigo se converte no instrumento da Infinita Bondade para que recebas remédio e assistência.**

**Ajuda o trabalho de socorro aqui mesmo com esforço da limpeza interna.**

**Esquece os males que te apoquentam, desculpa as ofensas de criaturas que te não compreendem, foge ao desânimo destrutivo e enche-te de simpatia e entendimento para com todos os que te cercam.**

**O mal é sempre a ignorância, e a ignorância reclama perdão e auxílio para que se desfaça, em favor da nossa própria tranquilidade.**

**Se pretendes, pois, guardar as vantagens do passe que, em substância, é ato sublime de fraternidade cristã, purifica o sentimento e o raciocínio, o coração e o cérebro.**

**Ninguém deita alimento indispensável em vaso impuro.**

**Não abuses, sobretudo daqueles que te auxiliam.**

**Não tomes o lugar do verdadeiro necessitado, tão só porque os teus caprichos e melindres pessoais estejam feridos.**

**O passe exprime, também, gastos de forças e não deves provocar o dispêndio de energias do Alto com infantilidade e ninharias.**

**Se necessitas de semelhante intervenção recolhe-te à boa vontade, centraliza a tua expectativa nas fontes do suprimento divino, humilha-te, conservando a receptividade edificante, inflama o teu coração de confiança positiva.**

**E, recordando que alguém vai arcar com o peso de tuas aflições, retifica o teu caminho, considerando igualmente o sacrifício incessante de Jesus por nós todos.**

**Porque, de conformidade com as letras sagradas, "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças".**

|  |  |
| --- | --- |
| **PAZ** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Alerta - pág. 123** | **02 - Amizade - pág. 112** |
| **03 - Boa Nova - pág. 34** | **04 - Calma - toda a obra** |
| **05 - Caminho, Verdade e vida - pág. 121** | **06 - Cartas e crônicas - pág. 85** |
| **07 - Contos desta e doutras vidas - pág. 143** | **08 - Moral Espírita - pág. 50** |
| **09 - Do país da luz - vol. 4 - pág. 126** | **10 - Falando à Terra - pág. 29, 30** |
| **11 - Fonte Viva - pág. 185, 279, 305** | **12 - Livro da esperança - pág. 17, 77** |
| **13 - Mediunidade - pág. 154** | **14 - O Espírito da Verdade - pág. 44** |
| **15 - O Evangelho Seg. o Espiritismo - cap. IX** | **16 - O Livro dos Espíritos - q. 257, 671,..** |
| **17 - O Sermão da Montanha - pág. 35** | **18 - Palavras de vida eterna - pág. 107 (45)** |
| **19 - Pão Nosso - pág. 141** | **20 - Poetas redivivos - pág. 101** |
| **21 - Renúncia - pág. 20** | **22 - Seareiros de volta - pág. 173** |
| **23 - Veladores da luz - pág. 16, 33, 37** | **24 - Vinhas de luz - pág. 143, 223** |
| **25 - Leis Espirituais, pág. 95** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PAZ– COMPILAÇÃO**

**03 - BOA NOVA - HUMBERTO DE CAMPOS - PÁG. 34**

**ÍTEM 4 - A FAMÍLIA ZEBEDEU - (...) Jesus com um sorriso de benignidade acrescentou: — A paz da consciência pura e a resignação suprema à vontade de meu Pai são do meu reino; mas os homens costumam falar de uma paz que é ociosidade de espírito e de uma resignação que é vício do sentimento. Trago comigo as armas para que o homem combata os inimigos que lhe subjugam o coração e não descansarei enquanto não tocarmos o porto da vitória. Eis por que o meu cálice, agora, tem de transbordar de fel, que são os esforços ingentes que a obra reclama. E, como se quisesse pormenorizar os esclarecimentos, prosseguiu:— Há homens poderosos no mundo que morrem comodamente em seus palácios, sem nenhuma paz no coração, transpondo em desespero e com a noite na consciência os umbrais da eternidade; há lutadores que morrem na batalha de todos os momentos, muita vez vencidos e humilhados, guardando, porém, completa serenidade de espírito, porque, em todo o bom combate, repousaram o pensamento no seio amoroso de Deus. Outros há que aplaudem o mal, numa falsa atitude de tolerância, para lhe sofrer amanhã os efeitos destruidores. Os verdadeiros discípulos das verdades do céu, esses não aprovam o erro, nem exterminam os que os sustentam.**

**Trabalham pelo bem, porque sabem que Deus também está trabalhando. O Pai não tolera o mal e o combate, por muito amar a seus filhos. Vê, pois, Zebedeu, que o nosso reino é de trabalho perseverante pelo bem real da Humanidade inteira. Enquanto os dois apóstolos fitavam em Jesus os olhos calmos e venturosos, Zebedeu o contemplava como se tivesse à sua frente o maior profeta do seu povo.— Grande reino! — exclamou o velho pescador e, dando expansão ao entusiasmo que lhe enchia o coração, disse, ditoso:-Senhor! Senhor! trabalharemos convosco, prega o vosso Evangelho, aumentaremos o número dos seguidores!...Ouvindo estas últimas palavras, o Mestre elucidou, ênfase nas suas expressões: Ouve, Zebedeu! nossa causa não é a do número; verdade e do bem. É certo que ela será um dia a do mundo inteiro, mas, até lá, precisamos esmagar do mal sob os nossos pés. Por enquanto, o pertence aos movimentos da iniquidade.**

**Á mentira e a tirania exigem exércitos e monarcas, espadas e riquezas imensas para dominarem as criaturas. O amor, porém, a de toda a glória e de toda a vida, pede um e sabe ser feliz. A impostura reclama interminável defensores, para espalhar a destruição; basta, no entanto, um homem bom para ensinar a verdade de exaltar-lhe as glórias eternas, confortando a infinita legião de seus filhos. Quem será maior perante Deus? dão que se congrega para entronizar a tirania, esmagando os pequeninos, ou um homem sozinho e bem-intencionado que com um simples sinal salva uma barca de pescadores? Empolgado pela sabedoria daquelas considerações, Zebedeu perguntou: Senhor, então o Evangelho não será bom para todos? Em verdade — replicou o Mestre —, a mensagem Nova é excelente para todos; contudo, nem todos homens são ainda bons e justos para com ela. É por isso que o Evangelho traz consigo o fermento da renovação e é ainda por isso que deixarei o júbilo e a energia como se as melhores armas aos meus discípulos.**

**Exterminando o mal e cultivando o bem, a Terra será para nós um campo de batalha. Se um companheiro cair na luta, foi o mal que tombou, nunca o irmão que, para nós outros, estará sempre de pé. Não repousaremos até ao dia da vitória final. Não nos deteremos numa falsa contemplação de Deus, à margem do caminho, porque o Pai nos falará através de todas as criaturas trazidas à boa estrada; estaremos juntos na tempestade, porque aí a sua. voz se manifesta com mais retumbância. Alegrar-nos-emos nos instantes transitórios da dor e da derrota, porque aí o seu coração amoroso nos dirá: "Vem, filho meu, estou nos teus sofrimentos com a luz dos meus ensinos!" Combateremos os deuses dos triunfos fáceis, porque sabemos que a obra do mundo pertence a Deus, compreendendo que a sua sabedoria nos convoca para completá-la, edificando o seu reino de venturas sem-fim no íntimo dos corações. Jesus guardou silêncio por instantes. João e Tiago se lhe aproximaram, magnetizados pelo seu olhar enérgico e carinhoso. Zebedeu, como se não pudesse resistir à própria emotividade, fechara os olhos, com o peito oprimido de júbilo.**

**Diante de si, num vasto futuro espiritual, via o reino de Jesus desdobrar-se ao infinito. Parecia ouvir a voz de Abraão e o eco grandioso de sua posteridade numerosa. Todos abençoavam o Mestre num hino glorificador. Até ali, seu velho coração conhecera a lei rígida e temera Jeová com a sua voz de trovão sobre as sarças de fogo; Jesus lhe revelara o Pai carinhoso e amigo de seus filhos, que acolhe os velhos, os humildes e os derrotados da sorte, com uma expressão de bondade sempre nova. O velho pescador de Cafarnaum soltou as lágrimas que lhe rebentavam do peito e ajoelhou-se. Adiantando-se-lhe, Jesus exclamou:— Levanta-te, Zebedeu! os filhos de Deus vivem de pé para o bom combate! Avançando, então, dentro da pequena sala, o pai dos apóstolos tomou a destra do Mestre e a umedeceu com as suas lágrimas de felicidade e de reconhecimento, murmurando:— Senhor, meus filhos são vossos. Jesus, atraindo-o docemente ao coração, lhe afagou os cabelos brancos, dizendo:— Chora, Zebedeu! porque as tuas lágrimas de hoje são formosas e benditas!... Temias a Deus; agora o amas; estavas perdido nos raciocínios humanos sobre a lei; agora, tens no coração a fonte da fé viva!**

**06 - CARTAS E CRÔNICAS - IRMÃO X - PÁG. 85**

**ÍTEM 19 - Em torno da paz: O relógio tilintou, marcando oito horas, quando Anacleto Silva acordou na manhã clara. Lá fora, o Sol prometia calor mais intenso e a criançada disputava bagatelas como vaga chilreante de passarinhos. Anacleto estirou-se no leito, relaxando os nervos, e, porque iniciaria o trabalho às nove, antes de erguer-se tomou o Evangelho e leu nos apontamentos do Apóstolo João, capítulo catorze, versículo vinte e sete, as sublimes palavras do Celeste Amigo: A paz vos deixo, a minha paz vos dou. Não vo-la dou à maneira do mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. — «Alegro-me na certeza de que a paz do Senhor envolve o mundo inteiro. Onde estiver, receberei o amor do Cristo, que assegura a tranquilidade, em torno do meu caminho. Sei que a presença de Jesus abrange toda a Terra e que a sua influência nos governa os destinos. Desfrutarei, assim, a paz entre as criaturas. O Eterno Benfeitor está canalizando todas as mentes para a vitória da paz.**

**Por isso, ainda mesmo que os homens me ofendam, neles procurarei enxergar meus irmãos que o Divino Poder está transformando para a harmonia geral. Regozijo-me na convicção de que o Príncipe da Paz orienta as nações e que, desse modo, me garantirá o bem-estar. Recolherei do Céu a bênção da calma e permanecerei nos alicerces do entendimento e da retidão, junto da Humanidade. Louvo o Senhor pela paz que me envia hoje, esperando que Ele me sustente em sua paz, agora e em todos os dias de minha vida.» Após monologar, fervoroso, levantou-se feliz, mas, findo o banho rápido, verificou que a fina calça com que lhe cabia comparecer no escritório sofrera longo corte de faca. Subitamente transtornado, chamou pela esposa, em voz berrante. Dona Horacina veio, aflita, guardando nos braços uma pequerrucha doente. Viu a peça maltratada e alegou, triste:**

**— Que pena! Os meninos estão à solta, e eu ocupada com a pneumonia da Sônia. Longe de refletir na grave enfermidade da filhinha de meses, Anacleto vociferou:— Que pena? é tudo o que você encontra para dizer? Ignora, porventura, que esta roupa me custou os olhos da cara?A senhora, sem revidar, dirigiu-se a velho armário e trouxe-lhe um costume semelhante ao que fora dilacerado. Pouco depois, ao café, notando a ausência do leite, Anacleto reclamou, irritadiço.— Sim, sim — explicou a dona da casa —, não pude enfrentar a fila... Era preciso resguardar a pequena. Silva enguliu alguns palavrões que lhe assomavam à boca e, quando abriu a porta, na expectativa do lotação, eis que o sogro, velhinho, lhe aparece, de chapéu à destra encarquilhada, rogando, humildemente:— Anacleto, perdoe-me a intromissão; contudo, é tão grande a nossa dificuldade hoje em casa que venho pedir-lhe quinhentos cruzeiros por empréstimo...— Ora, ora. .. — respondeu o genro, evidenciando cólera injusta — onde tem o senhor a cabeça? Se eu tivesse quinhentos cruzeiros no bolso, não sairia agora para encarar a onça da vida. Nisso um carro buzinou à reduzida distância, passando, porém, de largo, sem atender-lhe ao sinal.**

**Anacleto, em desespero, bradou, contundente:— Malditos! como seguirei para a repartição? Malditos ! malditos!...Outro carro, no entanto, surgiu rápido, e Silva acomodou-se, enfim. Mas, enquanto o veículo deslizava no asfalto, confrontou a própria conduta com as afirmações que fizera ao despertar, e só então reconheceu que ele, tão seguro em exaltar a harmonia do mundo, não suportara sem guerra uma calça rasgada; tão convicto em prometer a si mesmo o equilíbrio no Senhor, não se conformara ante a refeição incompleta; tão pronto em proclamar o seu prévio perdão às ofensas humanas, não soubera acolher com gentileza a solicitação de um parente infeliz, e tão solene em asseverar-se nos alicerces do entendimento, não hesitara em descer da linguagem nobre para a que condiz com a gíria que amaldiçoa... E, envergonhado por haver caído tão apressadamente da serenidade à perturbação, começou a perceber que, entre ele e a Humanidade, surgia o lar, reclamando-lhe assistência e carinho, e que jamais receberia a paz do Cristo por fora, sem se dispor a recolhê-la por dentro.**

**07 - CONTOS DESTA E DOUTRA VIDA - IRMÃO X - PÁG. 143**

**ÍTEM 31 - A campanha da paz: Estabelecidos em Jerusalém, depois do Petencostes, os discípulos de Jesus, sinceramente empenhados à obra do Evangelho, iniciaram as campanhas imprescindíveis às realizações que o Mestre lhes confiara. Primeiro, o levantamento de moradia que os albergasse. Entremearam possibilidades, granjearam o apoio de simpatizantes da causa, sacrificaram pequenos luxos, e o teto apareceu, simples e acolhedor, onde os necessitados passaram a receber esclarecimento e consolação, em nome do Cristo. Montada a máquina de trabalho, viram-se defrontados por novo problema. As instalações demandavam expressivos recursos. Convocações à solidariedade se fizeram ativas. Velhos cofres foram abertos, canastras rojaram-se de borco, entornando as derradeiras moedas, e o lar da fraternidade povoou-se de leitos e rouparia, candeias e vasos, tinas enormes e variados apetrechos domésticos. Os filhos do infortúnio chegaram em bando.**

**Obsidiados eram trazidos de longe, velhinhos que os descendentes irresponsáveis atiravam à rua engrossavam a estatística dos hóspedes, viúvas acompanhadas por filhinhos chorosos e magricelas aumentavam na instituição, dia a dia, e enfermos sem ninguém arrastavam-se na direção da pousada de amor, quando não eram encaminhados até aí em padiolas, com as marcas da morte a lhes arroxearem o corpo enlanguescido. Complicaram-se as exigências da manutenção e efetuaram-se coletas entre os amigos. Corações generosos compareceram. Remédios não escassearam e as mesas foram supridas com fartura. Obrigações dilatadas reclamaram concurso humano. Os continuadores de Jesus apelaram das tribunas, solicitando braços compassivos que lavassem os doentes e distribuíssem os pratos. Cooperadores engajaram-se gratuitamente e formaram-se os diáconos prestimosos.**

**Criancinhas começaram a despontar na estância humilde e outra espécie de assistência se impôs, rápida. Era necessário amontoar o material delicado em que os recém-nascidos, à maneira de pássaros frágeis, pudessem encontrar o aconchego do ninho. Senhoras abnegadas esposaram compromissos. A legião protetora do berço alcançou prodígios de ternura. E novas campanhas raiavam, imperiosas. Campanhas para o trato da terra, a fim de que as despesas diminuíssem. Campanhas para substituir as peças inutilizadas pelos obsessos, quando em crises de fúria. Campanhas para o auxílio imediato às famílias desprotegidas de companheiros que desencarnaram. Campanhas para mais leite em favor dos pequeninos. Entretanto, se os apóstolos do Mestre encontravam relativa facilidade para assegurar a mantença da casa, reconheciam-se atribulados pela desunião, que os ameaçava, terrível. Fugiam da verdade. Levi criticava o rigor de Tiago, filho de Alfeu. Tiago não desculpava a tolerância de Levi. Bartolomeu interpretava a benevolência de André como sendo dissipação.**

**André considerava Bartolomeu viciado em sovinice. Se João, muito jovem, fosse visto em prece, na companhia de irmãs caídas em desvalimento diante dos preconceitos, era indicado por instrumento de escândalo. Se Filipe dormia nos arrabaldes, velando agonizantes desfavorecidos de arrimo familiar, regressava sob a zombaria dos próprios irmãos que não lhe penetravam a essência das atitudes. Com o tempo, grassaram conflitos, despeites, queixumes, perturbações. Cooperadores insatisfeitos com as próprias tarefas invadiam atribuições alheias, provocando atritos de consequências amargas, junto dos quais se sobrepunham os especialistas do sarcasmo, transfigurando os querelantes em trampolins de acesso à dominação deles mesmos. Partidos e corrilhos, aqui e ali. Cochichos e arrufos nos refeitórios, nas cozinhas enredos e bate-bocas. Discussões azedavam o ambiente dos átrios. Fel na intimidade e desprezo por fora, no público que seguia, de perto, as altercações e as desavenças.**

**Esmerava-se Pedro no sustento da ordem, mas em vão. Aconselhava serenidade e prudência, sem qualquer resultado encorajador. Por fim, cansado das brigas que lhes desgastavam a obra e a alma, propôs reunirem-se em oração, a benefício da paz. E o grupo passou a congregar-se uma vez por semana, com semelhante finalidade. Apesar disso, porém, as contendas prosseguiam, acesas. Ironias, ataques, remoques, injúrias...Transcorridos seis meses sobre a prece em conjunto, uma noite de angústia apareceu, em que Simão implorou, mais intensamente comovido, a inspiração do Senhor. Os irmãos, sensibilizados, viram-no engasgado de pranto. O companheiro fiel, rude por vezes, mas profundamente afetuoso, mendigou o auxílio da Divina Misericórdia, reconhecia a edificação do Evangelho comprometida pelas rixas constantes, esmolava assistência, exorava proteção... Quando o ex-pescador parou de falar, enxugando o rosto molhado de lágrimas, alguém surgiu ali, diante deles, como se a parede, à frente, se abrisse por dispositivos ocultos, para dar passagem a um homem.**

**À luz mortiça que bruxuleava no velador, Jesus, como no passado, estava ali, rente a eles... Era ele, sim, o Mestre!... Mostrando o olhar lúcido e penetrante, os cabelos desnastrados à nazarena e melancolia indefinível na face calma, ergueu as mãos num gesto de bênção!...Pedro gemeu, indiferente aos amigos que o assombro empolgava:— Senhor, compadece-te de nós, os aprendizes atormentados!... Que fazer, Mestre, para garantir a segurança de tua obra? Perdoa-me se tenho o coração fatigado e desditoso!...— Simão — respondeu Jesus, sem se alterar —, não me esqueci de rogar para que nos amássemos uns aos outros...— Senhor — tornou Cefas —, temos realizado todo o bem que nos é possível, segundo o amor que nos ensinaste. Nossas campanhas não descansam... Temos amparado, em teu nome, os aleijados e os infelizes, as viúvas e os órfãos...— Sim, Pedro, todas essas campanhas são aquelas que não podem esmorecer, para que o bem se espalhe por fruto do Céu na Terra; no entanto, urge saibamos atender à campanha da paz em si mesma...**

**— Senhor, esclarece-nos por piedade!... Que campanha será essa ?!...Jesus, divinamente materializado, espraiou o olhar percuciente na diminuta assembléia e ponderou, triste:— O equilíbrio nasce da união fraternal e a união fraternal não aparece fora do respeito que devemos uns aos outros... Ninguém colhe aquilo que não semeia... Conseguiremos a seara do serviço, conjugando os braços na ação que nos compete; conquistaremos a diligência, aplicando os olhos no dever a cumprir; obteremos a vigilância, empregando criteriosamente os ouvidos; entretanto, para que a harmonia permaneça entre nós, é forçoso pensar e falar acerca do próximo, como desejamos que o próximo pense e fale sobre nós mesmos...E, ante o silêncio que pesava, profundo, o Mestre rematou:— Irmãos, por amor aos fracos e aos aflitos, aos deserdados e aos tristes da Terra, que esperam por nós a luz do Reino de Deus, façamos a campanha da paz, começando pela caridade da língua.**

**09 - DOS PAÍS DA LUZ - FERNANDO LACERDA - ESPÍRITOS DIVERSOS - PÁG. 126**

**ÍTEM XXIV - Victor Hugo: A PAZ: Proclamei em tempo a extinção das fronteiras, a extinção da guerra, o reinado da paz universal no século XX. Estava cego e louco, quando sonhei a paz entre os homens, na Terra. Para haver paz no mundo era necessário não haver homens, não haver feras, não haver aves, não haver flores, não haver vida. A vida é a luta, a luta é a ambição, é a guerra. Há a guerra nas raças, nas nações, nas tribos, nas famílias, nos cérebros, nos corações. Há guerra entre os animais e entre os elementos. O homem luta, mas também luta o mar, também luta o vento, também luta o fogo. Para viver, luta a ave, luta a fera, luta o roble, luta a flor. A paz é a tranquilidade e a tranquilidade jamais existirá sobre a Terra. O movimento é a lei. O que parar entra na paz, mas entra no aniquilamento. Pois se há guerra dentro dos corações, fronteiras entre os corações, como não haverá fronteiras entre os homens e entre os povos? Foi uma linda utopia que sonhei!**

**A Paz existe: mas, como o reino do Mestre, o seu lugar não é nesse mundo. A paz reside no amor universal, mas o amor em que a paz vive é a antítese de todos os sentimentos que pululam no coração humano, como os cogumelos em montureira. O amor não é a paixão, origem de tantas guerras, origem de tantos males, que desencadeia as tempestades na vida, como o vento as desencadeia no oceano. O amor, em que a paz canta o seu hino, é o oásis onde o viandante, sequioso de bondade, mitiga a sua sede; onde o desgraçado, ansioso de perdão, encontra o seu sossego; onde o infeliz, faminto de carinho, satisfaz a sua fome. E' o céu azul que cobre o deserto da vida, onde o orgulho, o egoísmo, a vaidade, o ódio, não são estrelas que norteiam o incauto viajante humano. Todo homem ama e proclama a igualdade: mas não quer outra coisa que a desigualdade. Para ele, a igualdade consiste só em ser igual aos superiores. Trazê-los até ao seu nível, quando não pode subir até ao deles. Se não pode ser o que são os outros, deseja que os outros sejam o que ele é, mas só no respeitante àqueles que com a sua inveja consagra superiores. Com os que a sua fatuidade desdenha de inferiores, não quer igualdade. Para com estes, a igualdade é só uma palavra; para com os outros, é um direito e desenvolve a guerra, para que seja um fato.**

**Para isso luta incessantemente. Faz a guerra, como faz a intriga; semeia a morte, como espalha a desonra; destrói tronos, como aniquila famílias. Ama, despreza, ambiciona, odeia, com a idéia fixa de atingir a meta apetecida. O homem cria um âmbito ao seu cérebro e não acolhe dentro dele senão as idéias, os princípios e os fatos, que estejam acordes com a sua vontade. Forma um círculo ao seu coração, onde não deixa entrar sentimentos que se não casem com os seus, nem personalidades que lhe não satisfaçam o gosto. Organiza a casa, onde não deixa entrar senão quem quer; a família, onde não tem senão quem lhe convém; a tribo, onde não vive senão quem compartilha os mesmos interesses; a igreja, onde só comungam os mesmos crentes; as raças, onde só se aglomeram os mesmos povos, presos por laços étnicos, fatores mesológicos, secularmente conservados, e pela força dos mesmos interesses e das mesmas necessidades, artificialmente criados e desenvolvidos. Prendem-se pelas mesmas qualidades e pelos mesmos defeitos; pelas mesmas virtudes e pelos mesmos vícios. A afinidade cria-lhes a simpatia. Fora dessa afinidade está a desunião.**

**O homem põe em tudo a nota do exclusivismo. Isolado, é exclusivo dos seus pensamentos e da sua vontade; membro de qualquer grêmio, é exclusivo da sua coletividade. Fora de si ou fora do seu grêmio, considera estar o inimigo. Creio que a descrença na imortalidade é por não poder fazer dela uma pertença do seu individualismo. Foi sempre assim, através das eras. Enquanto fera, como as feras, defendia o seu patrimônio com os dentes e com as garras. Homem, fêz-se pior do que elas e passou a defendê-lo à pedra, a pau, a ferro, a pólvora e a bombas. Como se isso não bastasse, fez da palavra espada de acerado gume, da imprensa catapulta de vitupérios. Para ele, não há continentes nem mares, distâncias nem obstáculos, que impeçam a satisfação da sua vontade. O que pode conquistar, conquista; o que fica fora da garra, suprime. Suprime a alma e suprime Deus, porque lhe escapam à influência. Nega, enquanto não avassala. Na ânsia de domínio e de conquista, tem percorrido os tempos em fora, desde as selvas e as cavernas à conquista do ar, com esses enormes condores de madeira e tela.**

**A ânsia da conquista é o gérmen do progresso. Nessa ânsia está a ambição; nessa ambição, o fermento da luta. Eu disse que o homem nega, enquanto não avassala. Assim é. Há, na humanidade, como nos elementos, duas forças que se repelem e que estão condenadas, pela lei universal, a caminharem eternamente a par. São o fluxo e o refluxo; a ação e a reação; a atração e a repulsão, a simpatia e a antipatia; a inércia e o movimento. Obedecem à lei do equilíbrio, à lei da conservação. Obedecendo a essa lei, parte da humanidade, no desejo insofrido de ir plus ultra, atira-se, cega e apaixonada, aos mares desconhecidos, aos sertões ínvios, aos ares instáveis, às crateras rugidoras, aos fundos dos abismos, ao centro da terra, aos céus incomensuráveis, aos arcanos da Natureza, aos perigos dos laboratórios, à conquista da pedra filosofal, aos segredos da morte: é a ação, é o movimento, é o fluxo. A outra parte estaciona, ri, persegue, nega: é a reação, a inércia, o refluxo.**

**Enquanto a primeira se sacrifica e abnega na perscruta, a outra recolhe-se e aferra-se ao concebido e ao existente. Não crê em mais do que no que possui. Tem negado sempre, tem reagido sempre. Negou Cristo, negou Galileu, nega Deus, nega o Progresso. Mas, quando o princípio negado passa a ser um fato conquistado, apossa-se dele, avassala-o, ama-o, conserva-o, defende-o com raiva e com ciúme, como a leoa ama e defende os filhos. Enquanto os pioneiros do Infinito caminham, rastejam, voam, na busca, eternamente insatisfeita, do mais além, relegando, com desdém, ao passado, o que momentos antes era a sua suprema aspiração, os outros, herdeiros do seu trabalho, negadores estimulantes do seu ideal, ficam na adoração estática do que antes repudiaram. Como tudo está belamente organizado! Como tudo está regradamente estabelecido! Assim, como há-de deixar de existir a luta? Para ela, apura-se, constantemente, eternamente, a argúcia, o engenho, a audácia, a paciência. Semeia-se a desordem, defende-se a ordem, espalha-se a intriga, espalha-se a dissolução, o dinheiro, a desonra, a morte.**

**A luta é a paixão humana. O que não custe luta, não tem valor. A essa paixão, como a um minotauro fabuloso, o homem dá como alimento todos os seus sentimentos, todas as suas fantasias, todas as suas ilusões, toda a sua vida. Em homenagem a essa deusa de todos os tempos, ele enaltece, deslumbra, trucida, queima, arrasa. Faz-se Aníbal e faz-se Francisco de Assis; faz-se Pedro, o Eremita, e faz-se Paulo de Tarso, e faz-se Napoleão. Faz-se hipócrita como a hiena, herói como o leão, político como a raposa, paciente como o asno. Finge Demócrito, quando é Heráclito; pretende voar como ícaro, quando se sente preso como Prometeu. O homem é a maior de todas as criações de Deus. No homem, consubstanciou Ele todas as virtudes, todos os defeitos das outras criações. Tem a s2imulação e o veneno da áspide, como a agilidade e a força dos felinos; a acuidade e a audácia da águia, como a paciência e a penetração da toupeira. Tem a insídia e a traição dos mares e, como os mares, tem a limpidez e a vastidão. Possui a cólera dos vulcões e a beleza das flores; ilumina como a luz e cega como a escuridão. Igual a tudo que é grande no mundo, é mais completo, mais perfeito do que tudo, porque tem a inteligência a guiar-lhe a bondade e a maldade; a dor a corrigr-lhe eternamente a alma, a perdurar-lhe eternamente a vida. Se é mais perfeito, também é suscetível de ser mais mau.**

**A inteligência, que lhe dignifica as qualidades e quase as diviniza, também lhe apura e refina os defeitos. E — ai de mim! — sucede que é quase sempre para o mal que ela se desenvolve, numa acuidade suprema. Um cérebro inerte e pastoso, no uso das faculdades normais, toma uma feição sutil e arguta, atinge o máximo da sua potência especulativa, quando propende ao exercício do mal, em qualquer das suas infinitas manifestações. O homem na Terra, enquanto for assim, nunca terá a paz. E foi sempre assim e assim será eternamente. A paz será, pois, um eterno sonho, um simpático devaneio de espíritos altruístas que passam pela estrada da vida terrena calcando espinhos, com os olhos fitos nas estrelas que lhes sorriem do espaço infinito em que se acastelam. E' aí o produto do meio. Como o carvalho dá só glande, a terra uá só esse homem. Não peçam ao carvalho rosas, nem à terra anjos. Aí a guerra é uma consequência necessária da vida. Tudo luta para viver, até as plantas, até as aves, até as águas, até os ventos, até a morte. O homem, pois, não pode furtar-se à condição geral, ao fatal destino da missão terrena.**

**E, como não pode deixar de haver guerra, não pode deixar de haver fronteiras. A fronteira é o limite que o poder do homem não pode ultrapassar, ou, pelo menos, que não pode ultrapassar quando quer. Esse limite está posto à sua inteligência, à sua vontade, à sua ambição, aos seus interesses. E' a barreira que procura destruir a cada instante, obtendo um novo conhecimento para o seu saber, um novo estímulo para o seu querer, um novo triunfo para o seu desejo e um novo quinhão para o seu pecúlio. A fronteira de uma nação representa o limite máximo a que atingiu a expansibilidade de um povo no momento histórico em que as suas forças atingem o máximo potencial. Aí, pela energia da sua expansão e da repulsão estranha, se fixou o seu domínio temporário, esperando acontecimentos que, diminuindo uma daquelas forças, produzam o desequilíbrio que permita modificar o ser das coisas e deslocar o limite. E, como é com a fronteira das nações, na ordem física dos Estados, é com a fronteira física da família, na ordem normal das civilizações, das raças e dos cérebros.**

**Tudo obedece à lei do fluxo e refluxo, na eterna instabilidade. A mesma lei que faz girar perpetuamente os mundos, moverem-se incessantemente os mares, agitarem-se eternamente os ventos, faz girar permanentemente o sangue nas artérias, agitarem-se os pensamentos e as idéias no cérebro e os sentimentos no coração do homem. Não pode haver utopias que derruam fatos. As mais belas teorias esbarram contra a materialidade das coisas, como a luz esbarra contra a materialidade de um rochedo. O homem, que é aí material, está aí fatalmente subordinado à exigência da matéria. Não pode subtrair-se à sua ação, por mais radiantes conquistas que fantasie, por mais deslumbrantes doutrinas que o ceguem. As mais belas e grandiosas cogitações estão à mercê de uma dor intestinal.  
Pode sonhar uma era de fraternidade universal, como suprema aspiração das almas cândidas, que essa fraternidade há de encontrar sempre como obstáculo o insuperável interesse. Não poderão conjugar-se nunca, em absoluto, o interesse material de dois homens, nem de dois povos, como se não harmonizarão nunca, em absoluto, dois pontos de vista, dois gostos, duas aspirações, duas fisionomias, duas gotas de água.**

**Podem-se inventar as mais estranhas teorias, fundar as mais consoladoras religiões, desenvolver as mais sãs filosofias, acumular a mais vivificante ciência, que nunca se atingirá a aspirada perfectibilidade moral que permita relegar a luta como uma execrável recordação da animalidade, nem subverter a fronteira como um ominoso obstáculo à solidariedade humana. E não será assim, porque não pode ser assim. E' da ordem das coisas nesse mundo. Pesa sobre a Terra, como se fosse uma condenação. E' a lei da necessidade, é a origem fecunda do trabalho, a seiva rica da energia. Nunca o homem poderá desprender-se aí dessa grilheta, mau grado a todas as suas pretensões de independência. Quem for prudente e sábio tem ao seu alcance a maneira de dar-se à ilusão de vencer o meio e parecer dominar o indomável, conservando-se ao de cima dos acontecimentos, como um náufrago com um cinto de salvação se conserva sobre a crista das ondas revoltas. E' ter a virtude de regrar as suas exigências, de dominar as suas ambições, como um cavaleiro domina um cavalo e um maquinista que freio da máquina.**

**A sabedoria faz o cavalo dócil e a máquina obediente; a prudência faz a ambição razoável e a vida equilibrada. Quem não seja ambicioso não conhece o limite do seu poder, nem experimenta, com dureza, as consequências da luta. Esse não conhecerá fronteiras, porque não esbarrou com o limite além do qual não pode passar, nem conhecerá os efeitos da guerra, porque as suas exigências o não levaram a ir contender com outrem. Será modesto nas suas exigências, mas mau grado a tudo, para impor a si essa modéstia, como contrapendor da ambição, terá de estabelecer luta contra si próprio. Para que a sabedoria triunfe, tem de lutar contra a ignorância, como para que triunfe a virtude é indispensável que seja vencido o vício. Para que uma de duas forças, que entre si colidem, se imponha, tem de sair triunfante do choque. Desse choque, no homem, é que pode sair a perfeição de caráter, como da luta entre a maldade e a bondade é que pode sair a perfeição da alma. Mas sempre a luta, sempre a guerra, nos sentimentos como nos interesses, nas paixões como nas virtudes, nos homens como nas feras, nas nações como nos elementos.**

**Para que houvesse a paz entre os homens, era indispensável que não houvesse a fome. Ora, a fome é a suprema lei fisiológica da vida. Ela sobreleva a do amor, que é a da procriação; a do instinto, que é a da defesa. E' a lei da conservação do eu, é a lei da renovação individual. E' o móbil de todas as ações das organizações viventes. E' ela que faz com que a raiz de uma árvore derrube um edifício, para ir haurir alimento; que o homem seja capaz de comer a carne apodrecida de outro homem, para não morrer; que o leão entre no aduar e que as açucenas e os lírios levem as suas raízes em busca da podridão. Ela faz que no mar os peixes se devorem e nas selvas os animais se cacem. Em tudo que vive põe ela o selo do seu poder. Faz mover o homem, sob a pita do seu açoite, como o zíngaro faz dançar o urso, sob a ameaça do seu cajado. E' pela fome que se domam os leões, as focas e os homens.**

**Ora, enquanto houver células vivas, nesse mundo, há de haver a fome, porque a célula, o bacilo, o cedro e o elefante carecem de renovação constante, para se manterem. Essa renovação é a luta, sempre a luta. A fome, contorcionando os estômagos nos seus movimentos independentes de triturador mecânico, cria, incessantemente, a necessidade de buscar com que o alimentar; e é esta necessidade que impõe, como consequência irremediável, o esforço para o alcançar. Esta necessidade cria outra — a de cada um se defender do companheiro para conservar o que conquiste. Esta defesa impõe o limite onde cada um — homem ou povo — pode chegar, ou onde o deixam chegar — e aí está a fronteira — quer ela tenha a consistência espiritual de um preconceito, que se chame Honra, quer a espessura gigantesca de uma muralha da China, que se chame Força. A paz, o desconhecimento da guerra, o desaparecimento da fronteira, a unificação do idioma, a extinção da fome, só se encontrarão nas regiões da luz, que Deus destina ao homem bondoso e perfeito, como prêmio precioso à sua mais bela e mais santificada Conquista.**

**Ainda para essa conquista é indispensável a luta. E' a da guerra feita ao orgulho, à maldade, à ambição desmedida, ao vício, à vaidade à inveja, à ingratidão, a maledicência, enfim, a toda essa legião interminável de paixões e sentimentos maus que fazem arteiramente ninho no coração e no cérebro do homem incauto ou imprevidente, como as víboras sob as folhas douradas caídas no solo. Para essa luta não carece o homem da azagaia, do zulo, do raio de Vulcano, nem do couraçado inglês. Todas as armas, todos os arsenais, todos os exércitos se resumem numa fornia concreta, única base das religiões, princípio das filosofias, aspiração das ciências, a virtude das virtudes, tributo máximo do amor a Deus: — a prática do Bem!**

**14 - O ESPÍRITO DA VERDADE - ESPÍRITOS DIVERSOS - PÁG. 44**

**ÍTEM 15 - COLHER E GARGANTA: cap. IX — Item 2  
Imaginemos a língua como sendo a colher do sentimento.  
Mentalizemos o ouvido por garganta da alma.  
Tudo o que falamos é ingrediente para a digestão espiritual.  
Bondade é pão invisível.  
Gentileza é água pura.  
Otimismo é reconstituinte.  
Consolação é analgésico.  
Esclarecimento construtivo é vitamina mental.  
Paciência é antitóxico.  
Perdão é cirurgia reajustante.  
Queixa é vinagre.  
Censura é pimenta.  
Crueldade é veneno.  
Calúnia é corrosivo.  
Conversa inútil é excedente enfermiço.  
Maledicência é comida deteriorada.  
Falando, edificamos.  
Falando, destruímos.  
Falando, ferimos.  
Falando, medicamos.  
Falando, curamos.  
Disse o Divino Mestre: "Bem-aventurados os pacificadores. .."  
Usemos para com os outros o alimento da paz, porque, estendendo paz aos outros, asseguramos paz a nós mesmos. E, com a paz, conseguiremos possuir espaço e tempo terrestres, em dimensões maiores, para que aprendamos e possamos, realmente, servir.  
Hilário Silva**

**16 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - QUESTÕES: 257, 671, 789, 919, CONCL. IX**

**Perg. 789. O progresso reunirá um dia todos os povos da Terra numa só nação?— Não em uma só nação, o que é impossível, pois da diversidade dos climas nascem costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades. Assim serão sempre necessárias leis apropriadas a esses costumes e a essas necessidades. Mas a caridade não conhece latitudes e não faz distinção dos homens pela cor. Quando a lei de Deus constituir por toda parte a base da lei humana, os povos praticarão a caridade de um para outro, como os indivíduos de homem para homem, vivendo felizes e em paz, porque ninguém tentará fazer mal ao vizinho ou viver as suas expensas. A Humanidade progride por intermédio dos indivíduos que se melhoram pouco a pouco e se esclarecem; quando estes se tornam numerosos, tomam a dianteira e arrastam os outros. De tempos em tempos surgem os homens de gênio, que lhe dão um impulso; e depois, homens investidos de autoridade, instrumentos de Deus, que em alguns anos a fazem avançar de muitos séculos.**

**O progresso dos povos faz ainda ressaltar a justiça da reencarnação. Os homens de bem fazem louváveis esforços para ajudar uma nação a avançar moral e intelectualmente; a nação transformada será mais feliz neste mundo e no outro, compreende-se; mas, durante a sua marcha lenta através dos séculos, milhares de indivíduos morrem diariamente, e qual seria a sorte de todos esses que sucumbem durante o trajeto? Sua inferioridade relativa os priva da felicidade reservada aos que chegam por último? Ou também a sua felicidade é relativa? A justiça divina não poderia consagrar semelhante injustiça. Pela pluralidade das existências, o direito à felicidade é sempre o mesmo para todos, porque ninguém é deserdado pelo progresso. Os que viveram no tempo da barbárie, podendo voltar no tempo da civilização, no mesmo povo ou em outro, é claro que todos se beneficiam da marcha ascendente.**

**Mas o sistema da unicidade da existência apresenta neste caso outra dificuldade. Com esse sistema, a alma é criada no momento do nascimento, de maneira que um homem é mais adiantado que outro porque Deus criou para ele uma alma mais adiantada. Por que esse favor? Que mérito tem ele, que não viveu mais do que o outro, e geralmente menos, para ser dotado de uma alma superior? Mas essa não é a principal dificuldade. Uma nação passa, em mil anos, da barbárie à civilização. Se os homens vivessem mil anos, poderia conceber-se que, nesse intervalo, tivessem tempo de progredir; mas diariamente morrem criaturas em todas as idades, renovando-se sem cessar, de maneira que dia a dia as vemos aparecerem e desaparecerem. No fim de um milênio não há mais traços dos antigos habitantes; a nação, de bárbara que era, tornou-se civilizada; mas quem foi que progrediu? Os indivíduos outrora bárbaros? Esses já estão mortos há muito tempo. Os que chegaram por último? Mas se a sua alma foi criada no momento do nascimento, essas almas não existiriam no tempo da barbárie e é necessário admitir, então, que os esforços desenvolvidos para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar as almas imperfeitas, mas de fazer Deus criar outras almas mais perfeitas.**

**Comparemos esta teoria do progresso com a que nos foi dada pelos Espíritos. As almas vindas no tempo da civilização tiveram a sua infância como todas as outras, mas já viveram e chegam adiantadas, em consequência de um progresso anterior; elas vêm atraídas por um meio que lhes é simpático e que está em relação com o seu estado atual. Dessa maneira, os cuidados dispensados à civilização de um povo não têm por efeito determinar a criação futura de almas mais perfeitas, mas atrair aquelas que já progrediram, sejam as que já viveram nesse mesmo povo, em tempos de barbárie, sejam as que procedem de outra parte. Aí temos ainda a chave do progresso de toda a Humanidade.**

**Quando todos os povos estiverem no mesmo nível quanto ao sentimento do bem, a Terra só abrigará bons Espíritos, que viverão em união fraterna. Os maus, tendo sido repelidos e deslocados, irão procurar nos mundos inferiores o meio que lhes convém, até que se tornem dignos de voltar ao nosso meio, transformados. A teoria vulgar tem ainda esta consequência: os trabalhos de melhoramento social só aproveitam às gerações presentes e futuras; seu resultado é nulo para as gerações passadas, que cometeram o erro de chegar muito cedo e só avançaram na medida de suas forças, sob a carga dos seus atos de barbárie.Segundo a doutrina dos Espíritos, os progressos ulteriores aproveitam igualmente a essas gerações, que revivem nas condições melhores e podem aperfeiçoar-se no seio da civilização.   
  
Perg. 790. A civilização é um progresso, ou, segundo alguns filósofos, uma decadência da Humanidade!— Progresso incompleto, pois o homem não passa subitamente da infância à maturidade.  
Perg. 790-a. E' razoável condenar-se a civilização? -Condenai antes os que abusam dela e não a obra de Deus.  
Perg. 791. A civilização se depurará um dia, fazendo desaparecer os males que tenha produzido?— Sim, quando o moral estiver tão desenvolvida quanto a inteligência. O fruto não pode vir antes da flor.  
Perg. 792. Por que a civilização não realiza imediatamente todo o bem que ela poderia produzir?- Porque os homens ainda não se encontram em condições, nem dispostos a obter esse bem.  
Perg. 792-a. Não seria ainda porque, criando necessidades novas, ela excita novas paixões?- Sim, e porque todas as faculdades do Espírito não progridem ao mesmo tempo; é necessário tempo para tudo. Não podeis esperar frutos perfeitos de uma civilização incompleta.  
Perg. 793. Por que sinais se pode reconhecer uma civilização completa?- Vós a reconhecereis pelo desenvolvimento moral. Acreditais estar muito adiantados por terdes feito grandes descobertas e invenções maravilhosas; porque estais melhor instalados e melhor vestidos que os vossos selvagens; mas só tereis verdadeiramente o direito de vos dizer civilizados, quando houverdes banido de vossa sociedade os vícios que a desonram e quando passardes a viver como irmãos, praticando a caridade cristã. Até esse momento não sereis mais do que povos esclarecidos, só tendo percorrido a primeira fase da civilização.**

**A civilização tem os seus graus, como todas as coisas. Uma civilização incompleta é um estado de transição que engendra males especiais, desconhecidos no estado primitivo, mas nem por isso deixa de constituir um progresso natural, necessário, que leva consigo mesmo o remédio para aqueles males. À medida que a civilização se aperfeiçoa, vai fazendo cessar alguns dos males que engendrou, e esses males desaparecerão com o progresso moral. De dois povos que tenham chegado ao ápice da escala social, só poderá dizer-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele em que se encontre menos egoísmo, cupidez e orgulho; em que os costumes sejam mais intelectuais e morais do que materiais; em que a inteligência possa desenvolver-se com mais liberdade; em que existam mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíproca; em que os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos enraizados, porque eles são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; em que as leis não consagrem**

**18 - PALAVRAS DE VIDA ETERNA - EMMANUEL - PÁG. 107**

**NO SUSTENTO DA PAZ - "Vivei em paz uns com os outros". — Paulo. - (I TESSALONICENSES, 5:13.)  
Costumamos referir-nos à guerra, qual se ela fosse um fenômeno de teratologia política, exclusivamente atribuível aos desmandos de ditadores cruéis, quando todos somos intimados pela vida ao sustento da paz. Todos agimos uns sobre os outros e, ainda que a nossa influência pessoal se nos figure insignificante, ela não é menos viva na preservação da harmonia geral. A floresta é um espetáculo imponente da natureza, mas não se agigantou sem o concurso de sementes pequeninas. Nossa deficiência de análise, quanto à contribuição individual no equilíbrio comum, nasce, via de regra, da aflição doentia com que aguardamos ansiosamente os resultados de nossas ações, sequiosos de destaque pessoal no imediatismo da Terra; isso faz com que procedamos, à maneira de alguém que se decidisse a levantar uma casa com total menosprezo pelas pedras, tijolos, parafusos e vigas, aparentemente sem importância, quando isoladamente considerados, mas indispensáveis à construção.**

**Habituamo-nos, frequentemente, a maldizer o irmão que se fez delinquente, com absoluta descaridade para com a debilitação de caráter a que chegou, depois de longo processo obsessivo que lhe corroeu a resistência moral, quase sempre após fugirmos da providência fraterna ou da simples conversação esclarecedora, capazes de induzi-lo à vitória sobre as tentações que o levaram à falta consumada. Lideramos reclamações contra o estridor de buzinas na via pública e não nos pejamos das maneiras violentas com que abalamos os nervos de quem nos ouve. Todos somos chamados à edificação da paz que, aliás, prescinde de qualquer impulso vinculado às atividades de guerra e que, paradoxalmente, depende de nossa luta por melhorar-nos e educar-nos, de vez que paz não é inércia e sim esforço, devotamento, trabalho e vigilância incessantes a serviço do bem. Nenhum de nós está dispensado de auxiliar-lhe a defesa e a sustentação, porquanto, muitas vezes, a tranquilidade coletiva jaz suspensa de um minuto de tolerância, de um gesto, de uma frase, de um olhar...Não te digas, pois, inabilitado a contribuir na paz do mundo. Se não admites o poder e o valor dos recursos chamados menores no engrandecimento da vida, faze um palácio diante de vigorosa central elétrica e procura dotá-lo de luz e força sem a tomada.  
  
ÍTEM 46 - NA TAREFA DA PAZ - "...A minha paz vos dou..." — Jesus. - (JOÃO, 14:27.)  
Todos ambicionam a paz. Raros ajudam-na. Que fazes por sustentá-la? Recorda que a segurança dos aparelhos mais delicados depende, quase sempre, de parafusos pequeninos ou de junturas inexcedivelmente singelas. Não haverá tranquilidade no mundo, sem que as nações pratiquem a tolerância e a fraternidade. E se a nação é conjunto de cidades, a cidade é um agrupamento de lares, tanto quanto o lar é um ninho de corações. A harmonia da vida começará, desse modo, no íntimo de nossas próprias almas ou toda harmonia aparente na paisagem humana será sempre simples jogo de inércia. Comecemos, pois, a sublime edificação no âmago de nós mesmos.  
Não transmitas o alarme da crítica, nem estendas o fogo da crueldade. Inicia o teu apostolado de paz, calando a inquietação no campo do próprio ser. Onde surjam razões de queixa, sê a cooperação que restaura o equilíbrio; onde medrem espinhos de sofrimento, sê a consolação que refaz a esperança. Detêm-te na Tolerância Divina e renova para todas as criaturas de teu círculo as oportunidades do bem. Reafirma o compromisso de servir, silenciando sempre onde não possas agir em socorro do próximo. Ao preço da própria renunciação, disse-nos o Senhor:— "A minha paz vos dou". E para que a paz se faça, na senda em que marchamos, é preciso que à custa de nosso próprio esforço se faça a paz em nós, a fim de que possamos irradiá-la, em tudo, no amparo vivo aos outros.**

**ÍTEM 47 - ESTEJAMOS EM PAZ - "Paz seja convosco". — Jesus. - (JOÃO, 20:19.)  
Rujam tempestades em torno de teu caminho, tranquiliza o coração e segue em paz na direção do bem. Não carregues no pensamento o peso morto da aflição inútil. Refugia-te na cidadela interior do dever retamente cumprido e entrega à Sabedoria Divina a ansiedade que te procura, à feição de labareda invisível. Se alguém te recusa, aquieta-te e ora em favor dos irmãos desorientados e infelizes. Se alguma circunstância te contraria, asserena tua alma e espera que os acontecimentos te favoreçam. Lembra-te de que és chamado a viver um só dia de cada vez, sempre que o Sol se levante. E por mais amplas se te façam as possibilidades, tomarás uma só refeição e vestiras um só traje de cada vez nas tarefas de cada dia.  
  
Embora te atormentes pela claridade diurna, a alvorada não brilhará antes da hora prevista, e embora te interesses pelo fruto de determinada árvore, não chegarás a colhê-lo, antes do justo momento. A pretexto, porém, de garantir a própria serenidade, não te demores na inércia. Mentaliza o bem e prossegue na construção do melhor, como quem sabe que a colheita farta pede terra abençoada pela charrua. Sejam quais forem as tuas dificuldades, lembra-te de que a paz é a segurança da vida. Não nos esqueçamos de que, na hora da Manjedoura, as vozes celestiais, após o louvor aos Céus, expressaram votos de paz à Terra e, depois da ressurreição, voltando, gloriosamente, ao convívio das criaturas, antes de qualquer plano de trabalho disse Jesus aos discípulos espantados:  
— "A paz seja convosco".**

**19 - PÃO NOSSO - EMMANUEL - PÁG. 141**

**ÍTEM 65 - TENHAMOS PAZ - "Tende paz entre vós." — Paulo. - (I TESSALONICENSES, 5:13.)  
Se não é possível respirar num clima de paz perfeita, entre as criaturas, em face da ignorância e da belicosidade que predominam na estrada humana, é razoável procure o aprendiz a serenidade interior, diante dos conflitos que buscam envolvê-lo a cada instante. Cada mente encarnada constitui extenso núcleo de governo espiritual, subordinado agora a justas limitações, servido por várias potências, traduzidas nos sentidos e percepções. Quando todos os centros individuais de poder estiverem dominados em si mesmos, com ampla movimentação no rumo do legítimo bem, então a guerra será banida do Planeta. Para isso, porém, é necessário que os irmãos em humanidade, mais velhos na experiência e no conhecimento, aprendam a ter paz consigo. Educar a visão, a audição, o gosto e os ímpetos representa base primordial do pacifismo edificante.  
  
Geralmente, ouvimos, vemos e sentimos, conforme nossas inclinações e não segundo a realidade essencial. Registramos certas informações, longe da boa intenção em que foram inicialmente vazadas, e, sim, de acordo com as nossas perturbações internas. Anotamos situações e paisagens com a luz ou com a treva que nos absorvem a inteligência. Sentimos com a reflexão ou com o caos que instalamos no próprio entendimento. Eis por que, quanto nos seja possível, façamos serenidade em torno de nossos passos, ante os conflitos da esfera em que nos achamos. Sem calma, é impossível observar e trabalhar para o bem. Sem paz, dentro de nós, jamais alcançaremos os círculos da paz verdadeira.**

**24 - VINHAS DE LUZ - EMMANUEL - PÁG. 143,**

**ÍTEM 65 - CULTIVA A PAZ - "E, se ali houver algum filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz; e, se não, ela voltará para vós." — Jesus. ( lucas, 10:6.)  
Em verdade, há muitos desesperados na vida humana. Mas quantos se apegam, voluptuosamente, à própria desesperação? quantos revoltados fogem à luz da paciência? quantos criminosos choram de dor por lhes ser impossível a consumação de novos delitos? quantos tristes escapam, voluntariamente, às bênçãos da esperança? Para que um homem seja filho da paz, é imprescindível trabalhe intensamente no mundo íntimo, cessando as vozes da inadaptação à Vontade Divina e evitando as manifestações de desarmonia, perante as leis eternas. Todos rogam a paz no Planeta atormentado de horríveis discórdias, mas raros se fazem dignos dela. Exigem que a tranquilidade resida no mesmo apartamento onde mora o ódio gratuito aos vizinhos, reclamam que a esperança tome assento com a inconformação e rogam à fé lhes aprove a ociosidade, no campo da necessária preparação espiritual.  
  
Para esmagadora maioria dessas criaturas comodistas a paz legítima é realização muito distante. Em todos os setores da vida, a preparação e o mérito devem anteceder o benefício. Ninguém atinge o bem-estar em Cristo, sem esforço no bem, sem disciplina elevada de sentimentos, sem iluminação do raciocínio. Antes da sublime edificação, poderão registrar os mais belos discursos, vislumbrar as mais altas perspectivas do plano superior, conviver com os grandes apóstolos da Causa da Redenção, mas poderão igualmente viver longe da harmonia interior, que constitui a fonte divina e inesgotável da verdadeira felicidade, porque se o homem ouve a lição da paz cristã, sem o propósito firme de se lhe afeiçoar, é da própria recomendação do Senhor que esse bem celestial volte ao núcleo de origem, como intransferível conquista de cada um.**

**25 - LEIS ESPIRITUAIS - EUNILTO DE CARVALHO - PÁG. 95**

**"Busque a paz e siga-a." ( I Pedro, 3:11)**

**Todas as criaturas buscam a paz, mas poucas sabem como buscá-la e muito menos como encontrá-la. Paz não é apenas satisfação dos nossos desejos materiais,é, acima de tudo, a saúde e a alegria do Espírito.**

**A paz legítima resulta do equilíbrio entre os nossos desejos e os propósitos da vida, na posição em que nos encontramos.**

**Somos Espíritos eternos, criados por Deus, destinados à felicidade e à perfeição. A finalidade principal da vida não é acumular bens materiais, mas evoluir em todos os sentidos.**

**A vida é uma missão, e qualquer outra definição deixa a desejar.**

**Temos a missão de viver, para evoluirmos e fazermos evoluir as pessoas que nos rodeiam e até mesmo as coisas materiais que nos servem de instrumentos.**

**A paz não resulta de bens materiais, de acúmulo de dinheiro, de posição social e financeira, mas resulta, sim, da vivência em harmonia com as leis divinas.**

**Existem duas espécies de paz: a paz exterior e a paz profunda.**

**A paz exterior é a paz aparente, dependente de aquisições materiais para a sua manifestação; portanto, é temporária, é ilusória, é efêmera. A paz profunda é a paz interior, que resulta do equilíbrio, da harmonia e, sobretudo, da vivência da lei do amor.**

**Para estabelecermos a paz em nossa vida é indispensável sabermos que Deus é a fonte eterna de todos os bens, a inteligência suprema e causa primária do Universo.**

**A lei que rege os nossos destinos é a lei do amor a Deus, a todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. E nesta lei está o segredo da paz profunda, interior, eterna, real e concreta.**

**Para vivermos em paz, é necessário que a compaixão e a bondade sigam os nossos passos e que possamos assumir o compromisso de evitar a exasperação.**

**Todos os aflitos, desesperados, coléricos, trazem as marcas da ilusão, porque são vítimas da própria ilusão.**

**Para atingirmos a paz profunda é indispensável pensarmos, sentirmos e agirmos na paz, para nós e para todas as criaturas.**

**Deus é amor, e a lei que rege o Universo é a lei do amor, é a lei do equilíbrio e da harmonia.**

**Pense na harmonia e no equilíbrio dos movimentos do planeta que nos acolhe a existência; no equilííbrio e na harmonia do funcionamento dos nossos órgãos vitais para a manutenção da vida.**

**Deseje a paz em sua vida, não de maneira passiva, consciente que a paz não é indolência do corpo e sim tranqüilidade e alegria do Espírito. Pense na grandiosidade e na beleza infinita da vida, no amor de Deus, na providência divina e na harmonia da sua própria vida orgânica.**

**Desvencilhe-se dos impulsos negativos que o induzem a destruir a paz interior. Aprenda a viver com a paz aliada à disciplina. Levante-se pela manhã com tranqüilidade, formulando desejo sincero de paz para você, para seu local de trabalho, para sua famíília e para toda a humanidade.**

**Movimente-se com paz, trabalhe tranqüilo; retorne a seu lar com tranqüilidade e, ao fim do dia, agradeça a Deus pela bênção da vida, do trabalho e do progresso.**

**Aprenda a relaxar-se, induzindo o seu subconsciente a tranqüilizar todos os seus órgãos, todos os seus músculos, enfim todo o seu ser.**

**Respire profundamente e, ao insuflar seus pulmões de ar, mentalize a paz penetrando em seu ser, por meio do ar que você respira.**

**Analise sua vida de relação com todas as criaturas, sua maneira de pensar, de sentir e de agir. É inútil buscarmos a paz, acreditando na guerra, na mentira, no orgulho e na vaidade.**

**Procure, conscientemente, agir para com o próximo, utilizando a regra infalível do equilíbrio e da paz ensinada pelo Mestre dos mestres que é Jesus:**

**"Amai o próximo como a vós mesmos. Fazei aos outros o que gostaríeis que os outros vos fizessem". (Mateus. 22: 34-40)**

**Busque a paz na dignidade de pensar, de sentir e agir.**

**Associe-se ao lazer sadio para relaxar as tensões do dia-a-dia.**

**Aprenda a tranqüilizar-se em todas as circunstâncias da vida.**

**Encare-se como Espírito eterno, criado por Deus, destinado à felicidade e à perfeição, vivendo, temporariamente, no mundo físico com a finalidade de evoluir; a única maneira de evoluir é amando a Deus e o próximo.**

**Analise, detalhadamente, a sua vida. Como você pensa? Como você administra os seus sentimentos? Como você age em relação ao próximo? O que você pensa da vida, de Deus e do mundo?**

**Desenvolva a fé, a coragem, a inteligência, o bom senso, e, acima de tudo, o otimismo.**

**Sinta, deseje e busque a paz.**

**Tenha calma. O progresso necessita de ordem, harmonia e tranqüilidade. Não tenha ansiedade sobre os resultados de qualquer trabalho ou esforço.**

**Todas as vezes em que tiver oportunidade, relaxe sua mente e seu corpo, colocando-o na posição mais cômoda possível.**

**Durante o trabalho, evite a ansiedade e a precipitação. conservando o seu coração no mais profundo desejo de paz.**

**Viva na paz perfeita que resulta da absoluta confiança de que tudo acontece para o nosso bem.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PECADO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação na Bíblia - pág. 71** | **02 - Boa Nova- pág. 87** |
| **03 - O alvorecer da espiritualidade - pág. 125. 199** | **04 - O exilado - pág. 45** |
| **05 - O Livro dos Espíritos - q.764, 918, 941** | **06 - O ser e a serenidade - pág. 10** |
| **07 - Os funerais da Santa Sé - pág. 110** | **08 - Renúncia - pág. 329** |
| **09 - Senzala - pág. 180** | **10 - Pão Nosso- pág. 255** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PECADO** **– COMPILAÇÃO**

**01- A reencarnação na Bíblia - Herminio C.Miranda - pág. 71**

**QUEM PECOU?  
Vejamos, porém, de volta ao Novo Testamento, outros pontos em que a doutrina das vidas sucessivas, ainda que não explicitamente mencionada, é logicamente inferida e sem ela pouco ou nenhum sentido teria o texto.  
Este, por exemplo, em João 9:1-14:  
— Jesus, ao passar, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe seus discípulos: Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais ? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais, mas isto se deu para que as obras de Deus nele sejam manifestas.  
Mais uma vez observamos que a doutrina das vidas sucessivas era perfeitamente familiar aos discípulos, o que se evidencia na própria maneira de formular a pergunta "Foi ele quem pecou ou foram seus pais ?". Se não acreditassem numa responsabilidade preexistente, como iriam perguntar por que um cego de nascença estava sendo castigado ? Segundo o falso conceito de que para cada nascimento na carne Deus cria uma alma, como explicar que fosse punido aquele que, nascendo cego, não tivera a mínima oportunidade de pecar?   
  
Havia outra opção: estaria o cego respondendo pelos pecados de seus pais ?  
O entendimento da explicação dada pelo Cristo exige nítida compreensão do contexto em que foi formulada a pergunta. Vejamos o quadro. Ali estava um homem que nunca vira a luz do dia. Nascera cego e mendigava pelas ruas e praças de Jerusalém. Era uma figura popular, conhecida, pois se tratava de uma cidade relativamente pequena ante os padrões modernos — não mais de 100 mil habitantes, se tanto. Aliás, não é preciso imaginar ou fantasiar isso, pois o texto mesmo esclarece. "Não é este o que se assentava para mendigar?", perguntam alguns. "É ele mesmo", respondem outros. "Não é, informavam outros, mas é parecido com ele". O mendigo confirmou que era ele mesmo. A definição da sua identidade ainda ficou mais precisa quando ele se apresentou aos fariseus, indignados porque o Cristo havia curado o homem num sábado, coisa gravíssima perante a lei.**

**Mandaram chamar os pais do ex-cego, que assim falaram cautelosamente: "Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego, mas como agora vê, não sabemos. Interrogai-o, já tem idade; ele mesmo falará por si". Foi o que fizeram os fariseus. Uma convicção pode ser aqui inferida, portanto, com toda tranquilidade: o mendigo cego era razoavelmente conhecido. Jerusalém não era uma metrópole de milhões de habitantes; muitos se conheciam desde a infância até à velhice. Era sabido que aquele infeliz levara a sua vida a tatear pelas sombras e a mendigar escassas moedas que lhe garantissem um mínimo de pão e uma túnica pobre. Não tivera, sequer, oportunidade de pecar tão gravemente contra a lei divina, pelo menos naquela existência áspera e trevosa. Mas, pecado certamente havia. Jesus é claro em mais de uma passagem ao identificar o sofrimento com a culpa, a punição com o pecado. Ao curar, por exemplo, o enfermo à beira da piscina que fica junto à Porta das Ovelhas, advertiu: "Olha, estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior".  
  
Admitamos, porém, que no caso deste último não tenha ficado claramente estabelecido se ele pecou ou não naquela vida para merecer tão penosa provação. Poderia tê-lo feito, ainda que não seja comum resgatarmos numa vida os crimes cometidos naquela mesma vida. Mesmo assim, fica o conceito do erro ligado ao do sofrimento, o resgate como fatalidade ante o pecado cometido. Quanto ao cego de nascença, contudo, não há como sofismar: não era conhecido nenhum crime ou erro que justificasse a dolorosa punição da cegueira, pois já nascera cego, sem ter tido ocasião de pecar. Não era, portanto, ele — o cego daquela vida — o pecador. Muito menos seus pais, doutrina que Jesus repele enfaticamente.  
  
Em suma, a questão se coloca dentro do seguinte esquema:  
• O sofrimento decorre sempre do erro praticado. Não há sofrimento inocente, injusto, indevido.  
• Aquele homem nascera cego e não tivera oportunidade de pecar naquela vida como cego.  
• Ninguém responde pelos pecados alheios. O pecado que ele resgatava com a sua cegueira não era de seus pais, mesmo porque seria injusto inocentar pais criminosos através do sofrimento do filho tido por inocente.  
  
Uma única opção é deixada livre e esta é a que Jesus ensina: manifestava-se no episódio daquela cegueira aparentemente inexplicável em termos humanos, o mecanismo inexorável das leis divinas. Aquele espírito cometera anteriormente àquela existência, numa vida anterior e não na presente, como cego, algum erro gravíssimo que a lei divina lhe cobrava agora, a fim de levá-lo ao entendimento de que as consequências do pecado se voltam implacavelmente sobre nós mesmos, como está dito alhures no Antigo e no Novo Testamento. E não nos libertamos dos nossos erros enquanto não estiver pago o último centavo, como ficou dito em Lucas 12:59.  
  
Embora os textos sobreviventes tenham conservado apenas as sumárias observações de Jesus, é bem provável que na intimidade do grupo de discípulos mais chegados, tenha ele aprofundado o tema, explicando-o com minúcias, dado que não há registro de contestação ou pedido de explicações por parte dos apóstolos. Entendimento exatamente igual ao que foi dado ao caso do cego deve ser aplicado ao do paralítico, também de nascença, que Pedro curou nas vizinhanças da Porta Formosa, após a partida de Jesus para o Mundo Espiritual.**

**Este episódio, de uma beleza transcendental, vem narrado no Capítulo 39 dos Atos. O mendigo pedira apenas uma esmola. A resposta de Pedro, um grande e querido emotivo, é antológica:— Não tenho prata nem ouro — disse ele — mas o que tenho te dou: Em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda ! Que pecado cometera este homem? Estaria resgatando erros de seus pais? Cabe, por conseguinte,a mesma explicação dada pelo Cristo anteriormente no caso do cego de nascença: manifestava-se nele o mecanismo das leis divinas.  
  
02 - Boa Nova- Humberto de Campos - pág. 87**

**PECADO E PUNIÇÃO  
Jesus havia terminado uma de suas pregações na praça pública, quando percebeu que a multidão se movimentava em alvoroço. Alguns populares mais exaltados prorrompiam em gritos, enquanto uma mulher ofegante, cabelos desgrenhados e faces macilentas, se aproximava dele, com uma súplica de proteção a lhe sair dos olhos tristes. Os muitos judeus ali aglomerados excitavam o ânimo geral, reclamando o apedrejamento da pecadora, na conformidade das antigas tradições. Solicitado, então, a se constituir juiz dos costumes do povo, o Mestre exclamou com serenidade e desassombro, causando estupefação aos que o ouviram:  
  
— Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra! Por toda a assembléia se fez sentir uma surpresa inquietante. As acusações morreram nos lábios mais exaltados. A multidão ensimesmava-se, para compreender a sua própria situação. Enquanto isso, o Mestre pôs-se a escrever no solo despreocupadamente. Aos poucos, o local ficara quase deserto. Apenas Jesus e alguns discípulos lá se conservavam, tendo ao lado a mulher a ocultar as faces com as mãos. Em dado instante, o Mestre Divino ergueu a fronte e perguntou à infeliz: — Mulher, onde estão os teus juizes?  
  
Observando que a pecadora lhe respondia apenas com o olhar reconhecido, onde as lágrimas aljofravam num misto de agradecimento e alegria, Jesus continuou:— Ninguém te condenou? Também eu não te condeno. Vai, e não peques mais. A infeliz criatura retirou-se, experimentando uma sensação nova no espírito. A generosidade do Messias lhe iluminava o coração, em claridades vivas que lhe banhavam a alma toda. Mas, enquanto a pecadora se retirava, presa de intensa alegria, os poucos discípulos que se encontravam junto do Senhor não conseguiam ocultar a estranheza que lhes causara o seu gesto. Por que não condenara ele aquela mulher de vida censurável aos olhos de todos? Não se tratava de uma adúltera? Nesse ínterim, João se aproximou e interrogou:  
  
— Mestre, por que não condenastes a meretriz de vida infame? Jesus fixou no discípulo o olhar calmo e bondoso e redarguiu: — Quais as razões que aduzes em favor dessa condenação? Sabes o motivo por que essa pobre mulher se prostituiu? Terás sofrido alguma vez a dureza das vicissitudes que ela atravessou em sua vida? Ignoras o vulto das necessidades e das tentações que a fizeram sucumbir a meio do caminho. Não sabes quantas vezes tem sido ela objeto do escárnio dos pais, dos filhos e dos irmãos das mulheres mais felizes. Não seria justo agravar-lhe os pa­decimentos infernais da consciência pesarosa e sem rumo. — Entretanto — exclamou João, defendendo os princípios da lei antiga —, ela pecou e fez jus à punição. Não está escrito que os homens pagarão, ceitil por ceitil, os seus próprios erros?  
  
O Mestre sorriu sem se perturbar e esclareceu: — Ninguém pode contestar que ela tenha pecado; quem estará irrepreensível na face da Terra? Há sacerdotes da lei, magistrados e filósofos, que prostituíram suas almas por mais baixo preço; contudo, ainda não lhes vi os acusadores. A hipocrisia costuma campear impune, enquanto se atiram pedras ao sofrimento. João, o mundo está cheio de túmulos caiados. Deus, porém, é o Pai de Bondade Infinita que aguarda os filhos pródigos em sua casa. Poder-se-ia desejar para a pecadora humilde tormento maior do que aquele a que ela própria se condenou por tempo indeterminado? Quantas vezes lhe tem faltado pão à boca faminta ou a manifestação de um carinho sincero à alma angustiada? Raras dores no mundo serão idênticas às agonias de suas noites silenciosas e tristes. Esse o seu doloroso inferno, sua aflitiva condenação. Ê que, em todos os planos da vida, o instituto da justiça divina funciona, naturalmente, com seus princípios de compensação.  
  
Cada ser traz consigo a fagulha sagrada do Criador e erige, dentro de si, o santuário de sua presença ou a muralha sombria da negação; mas, só a luz e o bem são eternos e, um dia, todos os redutos do mal cairão, para que Deus resplandeça no espírito de seus filhos. Não é para ensinar outra coisa que está escrito na lei — "Vós sois deuses!" Porventura, não sabes que a herança de um pai se divide entre os filhos em partes iguais? As criaturas transviadas são as que não souberam entrar na posse de seu quinhão divino, permutando-o pela satisfação de seus caprichos no desregramento ou no abuso, na egolatria ou no crime, pagando alto preço pelas suas decisões voluntárias. Examinada a situação por esse prisma, temos de reconhecer no mundo uma vasta escola de regeneração, onde todas as criaturas se reabilitam da traição aos seus próprios deveres. A Terra, portanto, pode ser tida como um grande hospital, onde o pecado é a doença de todos; o Evangelho, no entanto, traz ao homem enfermo o remédio eficaz, para que todas as estradas se transformem em suave caminho de redenção.  
  
É por isso que não condeno o pecador para afastar o pecado e, em todas as situações, prefiro acreditar sempre no bem. Quando observares, João, os seres mais tristes e miseráveis, arrastando-se numa noite pejada de sombra e desolação, lembra-te da semente grosseira que encerra um gérmen divino e que um dia se elevará do seio da terra para o beijo de luz do Sol. Terminada a explicação do Mestre, o filho de Zebedeu, deixando transparecer na luz do olhar a sua profunda admiração, pôs-se a meditar nos ensinamentos recebidos. Muito tempo ainda não transcorrera depois desse acontecimento, quando Jesus subiu de Cafarnaum para Jerusalém, acompanhado por alguns de seus discípulos. Celebravam-se festas tradicionais entre os judeus. O Messias chegou num sábado, sob a fiscalização severa dos espíritos rigoristas de sua época.**

**Não foram poucos os paralíticos que o cercaram, ansiosos pelo benefício de sua virtude salvadora. Escandalizando os fanáticos, o Mestre curava e consolava, na sua jornada de gloriosa redenção. Explicando que o sábado fora feito para o homem e não o homem para o sábado, enfrentava sorridente as preocupações dos mais exigentes. Vendo tantos cegos e aleijados aglomerados à passagem, Tiago o interpelou:— Mestre, sendo Deus tão misericordioso, por que pune seus filhos com defeitos e moléstias tão horríveis?...— Acreditas, Tiago — respondeu Jesus —, que Deus desça de sua sabedoria e de seu amor para punir seus próprios filhos? O Pai tem o seu plano determinado com respeito à criação inteira; mas, dentro desse plano, a cada criatura cabe uma parte na edificação, pela qual terá de responder. Abandonando o trabalho divino, para viver ao sabor dos caprichos próprios, a alma cria para si a si­tuação correspondente, trabalhando para reintegrar-se no plano divino, depois de se haver deixado levar pelas sugestões funestas, contrárias à sua própria paz.  
  
João compreendeu que a Palavra do Messias era a confirmação dos ensinamentos que já ouvira de seus lábios, na tarde em que a multidão exigia o apedrejamento da pecadora. Afastaram-se, em seguida, do Tanque de Betsaida cujas águas eram tidas, em Jerusalém, na conta de miraculosas e onde o Mestre fizera andar paralíticos, dera vista a cegos e limpara leprosos. Na companhia de Tiago e João, o Senhor encaminhou-se para o templo, onde um dos paralíticos que ele havia curado relatava o acontecido, cheio de sincera alegria. Jesus aproximou-se dele e, deixando entrever aos seus discípulos que desejava confirmar os ensinamentos sobre pecado e punição, falou-lhe abertamente, como se lê no texto evangélico de João: — "Eis que estás são. Não peques mais, para que te não suceda coisa pior."  
  
Desde que esses ensinos foram dados, novas idéias de fraternidade povoaram o mundo, com respeito aos transviados, aos criminosos e aos inimigos, atingindo a própria organização política dos Estados. O Império Romano vulgarizara os mais nefandos processos de regeneração ou de vingança. Escravos ignorantes eram pasto das feras, nos divertimentos públicos, pelas faltas mais insignificantes nas casas dos patrícios. Só de uma vez, trinta mil desses servos, a quem se negava qualquer bem do espírito, foram crucificados numa festa, próximo aos soberbos aquedutos da Via Ápia. Os açoites humilhantes eram castigo suave.**

**Entretanto, desde a tarde em que Jesus se encontrou com a pecadora em frente da multidão, um pensamento novo entrou a dominar aos poucos o espírito do mundo. A substância evangélica do ensino inolvidável penetrou o aparelho judiciário de todos os povos. A sociedade começou a compreender suas obrigações e procurou segregar o criminoso, como se isola um doente, buscando auxiliar-lhe a reforma definitiva, por todos os meios ao seu alcance.**

**Os menores deliquentes foram amparados pelas numerosas escolas de regeneração. Todo o sistema da justiça humana evolveu para os princípios da magnanimidade, e os juízes modernos, lavrando suas sentenças, sem nunca haverem manuseado o Novo Testamento, talvez ignorem que procedem assim por ter sido Jesus o grande reformador da criminologia.**  
  
**08 - Renúncia - Emmanuel - pág. 329**

**(...) A reduzida assembléia não podia ocultar a enorme expressão de assombro. Os Davenport estavam longe de presumir, naquela jovem de atitudes tão tímidas, tais provas de conhecimento espiritual. Pela primeira vez, Cirilo ouvia um argumento que o satisfazia plenamente. Com estupefação geral, Beatriz quebrou o silêncio, dirigindo-se ao avô nestes termos:  
— Não te disse, vovô, que ela sabe muita coisa nova sobre Jesus?  
— Não diga isso, Beatriz — murmurou Alcíone toda humilde —, eu sou apenas uma curiosa das lições evangélicas. Como tínhamos em Ávila a nossa pequena igreja doméstica, a funcionar quase todas as noites, familiarizei-me com o assunto.  
— Sem dúvida — replicou Cirilo, impressionado — as tuas explicações, Alcíone, falam profundamente à alma. Os negócios materiais da minha vida sempre me criaram certa atmosfera de incompreensão para as lições do Cristo. Sempre considerei o lar fortaleza da nossa felicidade na Terra, mas nunca como base para enriquecimento de dons espirituais.  
  
— Isso é natural — prosseguiu a moça enternecida —, as forças que nos encarceram o coração nas grades de uns tantos problemas temporais, costumam ser violentas e rudes. Entretanto, Deus não se cansa de nos atrair aos seus braços misericordiosos. As circunstâncias mínimas da existência humana induzem a pensar nisso. Logo que abrimos os olhos neste mundo, encontramos pais carinhosos que nos encaminham para o bem; nossa infância, quase sempre, está cercada de sábias advertências dos preceptores, que nos orientam para a verdade. Uma idéia lógica surge, fatalmente, em nosso cérebro: tantos mensageiros de bondade viriam à nossa estrada, tão só para informar-nos o coração, sem utilidades práticas para a nossa própria edificação? Muita gente, nos mais variados credos, depõe nas mãos de seus ministros o que lhes cumpre fazer, mas isso é um erro grave. Deus nos chama pela maneira como Jesus procurou os discípulos. Para realizar a união divina é preciso marchar, na "terra" de nós mesmos, não obstante os maus dias e as noites tenebrosas!...  
  
Cirilo não podia disfarçar a admiração. Agora, sentia descortinar-se aos olhos d'alma um mundo deslumbrante, que até então não conseguira surpreender. As palavras da jovem modificavam-lhe, num minuto, todas as presunções exegéticas. Começava a sentir que a vida, sob qualquer de seus aspectos, revestia-se da mais profunda significação. No seu conceito, o homem deixava de ser um exilado em míseras trevas, que se encontraria mais tarde com Deus, ou com a punição eterna. A Terra figurava-se-lhe escola, onde cada homem recebia uma divina oportunidade, entre milhões de possibilidades sublimes e infinitas. — No templo de pregações públicas — concluía a filha de Madalena, sem afetação — poderemos receber as inspirações externas, ao passo que no culto íntimo entramos em contato com o próprio eu, recebendo divinas mensagens na consciência. Os diversos ministros religiosos têm fórmulas convencionais; nós, como sacerdotes da pró-pria iluminação, temos as expressões espontâneas da vida.  
  
Jaques engolfara-se em prolongado silêncio, como se estivesse chegando a um mundo novo de preciosas revelações. E Susana, vendo o compa­nheiro quase extático, considerou, eminentemente comovida :— Em verdade, Alcíone, teus raciocínios abrem novos horizontes ao nosso espírito. Sempre estudamos o Evangelho, mas, de minha parte, devo confessar a dificuldade em me adaptar aos ensinamentos. .. Sinto-me tão pecadora, tão humana, que cada lição me soa como rigorosa censura. Por que experimento, assim, as santas narrativas como dilacerantes acusações ? A jovem fitou-a com olhos muito lúcidos e esclareceu: — Tais impressões devem ser passageiras. O Evangelho é mensagem de salvação, nunca de tormento. Na realidade, conhecemos a extensão da nossa indigência e o grau das nossas fraquezas; mas a misericórdia divina restaria imota sem as nossas quedas e dolorosas necessidades. O Cristianismo jamais será doutrina de regras implacáveis, mas sim a história e a exemplificação das almas transformadas com Jesus, para glória de Deus.**

**Se as lições do Mestre apenas nos oferecessem motivos de condenação, onde estariam as grandes figuras evangélicas de Maria Madalena, Paulo de Tarso e tantas outras? No entanto, a pecadora transformada foi a mensageira da ressurreição; o inflexível e cruel perseguidor convertido recebeu de Jesus a missão de iluminar o gentilismo. Susana seguia a exposição, de olhos muito brilhantes. Nunca sentira tamanha impressão de bem-estar, no trato das leituras santas. Nas confissões, que nunca chegara a conjugar com a grande falta da sua vida, nada recebia dos sacerdotes, senão amargas recriminações. Os padres lhe ministravam penitências, mas nunca lhe -ofereciam roteiro seguro. Sempre dera ao altar valiosas monetárias, mas agora chegava à era indispensável cooperar, com tôas espirituais, para o próprio aperfeiçoamento.  
  
— Tuas interpretações — asseverou a senhora Davenport — são altamente consoladoras. De uns tempos para cá, venho refletindo amargurada na inutilidade de muitos ensinamentos recebidos na minha infância. Por que terei aprendido a virtude e não a cultivo a rigor? E, com tais passo a analisar as criaturas com profundo pessimismo, chegando a crer que a geral, vive negando Jesus a cada momento. Alcíone, que prestava especial aos conceitos expendidos, obtemperou:  
  
— Por infelicidade nossa é, a bagagem das nossas fraquezas nes se o Pai não desanimou e nos ensejo de nos levantarmos para o sei|i haveremos de viver em descrença sem esperança é o pior de todos os nos preocupamos sinceramente com espiritual, compreendemos a signifii: as coisas. A própria miséria lugar e a sua expressão educativa, é essencial refletirmos na extensão do Mestre. Lembremos que Pedro vezes, na hora mais cruel; que da sua sabedoria e misericordioso um nem outro foi jamais expulso presença. O mundo tem inúmeros ploradores, ociosos e devassos, mas ser examinado por um prisma difi cado é moléstia do espírito. No mentação, na falta de higiene, no dos sentidos, o corpo sofre desequilíbrios ser fatais. O mesmo se dá com a não sabemos nortear os desejos, rações, vigiar os pensamentos, que as enfermidades dessa natureza perigosas, porque exigem remédio de mais dolorosa aplicação.(...)  
  
10 - Pão Nosso- Emmanuel - pág. 255**

**122 PECADO E PECADOR  
"Amado, não sigas o mal, mas o bem. Quem faz o bem, é de Deus; mas quem faz o mal, não tem visto a Deus." — (III JoAo, 11.)  
A sociedade humana não deveria operar a divisão de si própria, como sendo um campo em que se separam bons e maus, mas sim viver qual grande família em que se integram os espíritos que começam a compreender o Pai e os que ainda não conseguiram pressenti-Lo.  
  
Claro que as palavras "maldade" e "perversidade" ainda comparecerão, por vastíssimos anos, no dicionário terrestre, definindo certas atitudes mentais inferiores; todavia, é forçoso convir que a questão do mal vai obtendo novas interpretações na inteligência humana. O evangelista apresenta conceito justo. João não nos diz que o perverso está exilado de nosso Pai, nem que se conserva ausente da Criação. Apenas afirma que "não tem visto a Deus".  
  
Isto não significa que devamos cruzar os braços, ante as ervas venenosas e zonas pestilenciais do caminho; todavia, obriga-nos a recordar que um lavrador não retira espinheiros e detritos do solo, fim de convertê-lo em precipícios. Muita gente acredita que o "homem caído" alguém que deve ser aniquilado. Jesus, no entanto não adotou essa diretriz. Dirigindo-se, amorosamente ao pecador, sabia-se, antes de tudo, defrontado por enfermo infeliz, a quem não se poderia subtrair as características de eternidade.  
  
Lute-se contra o crime, mas ampare-se a criatura que se lhe enredou nas malhas tenebrosas. O Mestre indicou o combate constante contra mal, contudo, aguarda a fraternidade legítima entre os homens por marco sublime do Reino Celeste.**  
**LEMBRETE:** **Deus que é eterno, é imutável, é imaterial, é único, é todo-poderoso, é soberanamente justo e bom criou as Leis da Natureza ou Leis Divinas, consideramos por PECADO quando transgredimos (ou nos desviamos) estas leis. Jesus disse: "Quem matar pela espada, perecerá pela espada", segundo os Espíritos nos ensinam que a todo momento Deus nos aplica a Pena de talião, seremos punidos naquilo em que pecamos nesta vida ou numa noutra. Aquele que fez sofrer o seu semelhante estará numa situação em que sofrerá o mesmo. Jesus também nos disse: "Perdoai os vossos inimigos" e a pedir a Deus que perdoe as nossas ofensas de maneira que perdoemos, ou seja, na mesma proporção em que houverdes perdoado.**

**Em suma: só teremos uma elevação quando todos os nossos atos de nossa vida corpórea constituirem a prática da Lei de Deus e compreendermos por antecipação a vida espiritual.  
  
Arrependimento, expiação e reparação constituem fases pelas quais o espírito passa, para apagar faltas e suportar as consequências de atos menos felizes praticados. O ARREPENDIMENTO conduz à EXPIAÇÃO. A esperança dá forças para aREABILITAÇÃO, mas somente a REPARAÇÃO elimina a causa e pode anular o efeito de todo o mal.**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **PECADO ORIGINAL** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação na Biblia - pág. 27** | **02 - Curso dinâmico de Espiritismo - pág. 70, 73** |
| **03 - Expiação - toda a obra** | **04 - Espiritismo para crianças - pág. 31** |
| **05 - Nas pegadas do Mestre - pág. 35, 37** | **06 - O batismo - pág. 27** |
| **07 - O céu e o inferno - 1ª parte, cap. vi, 25** | **08 - O Evangelho S.o Espiritismo - 381, cap. xxviii,19** |
| **09 - O Livro dos Espíritos - q. 122, 1019** | **10 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 91** |
| **11 - Revista Espírita 1867 - pág. 356** | **12 - Revista Espírita 1868 - pág. 330** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PECADO ORIGINAL – COMPILAÇÃO**

**09 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões: 122, 1019**

**Perg. 122 - Como podem os Espíritos, em sua origem quando ainda não têm a consciência de si mesmo, ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Há neles um princípio, uma tendência qualquer que os levemais para um lado que para outro?  
- O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo. Não haveria liberdade, se a escolha fosse provocada por uma causa estranha à vontade do Espírito. A causa não está nele, mas no exterior, nas influências a que ele cede em virtude de sua espontânea vontade. Esta é a grande figura da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação e outros resistiram.**

**Perg. 1019 - O reino do bem poderá um dia realizar-se na Terra?  
- O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons superarem os maus. Então eles farão reinar o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das leis de Deus que o homem atrairá para para a Terra os bons Espíritos e afastará os maus. Mas os maus só a deixarão quando o homem tiver banido daqui o orgulho e o egoísmo.**

**A transformação da Humanidade foi predita e chegais a esse momento em que todos os homens progressistas estão se apressando. Ela se realizará pela encarnação de Espíritos melhores que constituirão sobre a Terra uma nova geração. Então os Espíritos dos maus, que a morte ceifa diariamente, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão excluídos, porque estariam deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, cumprir missões penosas, nas quais poderão trabalhar pelo seu próprio adiantamento ao mesmo tempo que trabalharão para o adiantamento de seus irmãos ainda mais atrasados. Não vêdes na sua exclusão da Terra transformada a sublime figura do Paraíso Perdido? E no homem que veio à Terra em condições semelhantes, trazendo em si os germens de suas paixões e os traços de sua inferioridade primitiva, a figura não menos sublime do pecado original? Considerado dessa maneira, o pecado original se refere à natureza ainda imperfeita do homem que só é responsável por si mesmo e por suas próprias faltas, e não pelas de seus pais.**

**Vós todos, homens de fé e de boa vontade, trabalhai portanto com zelo e coragem na grande obra da regeneração, porque colhereis centuplicado o grão que tiverdes semeado. Infelizes dos que fecham o olhos à luz, pois preparam para si mesmos longos séculos de trevas e de decepções. Infelizes dos que colocam todas as suas alegrias nos bens deste mundo, pois sofrerão mais privações do que os gozos que destrutaram. Infelizes sobretudo os egoístas, porque não encontrarão ninguém para os ajudar a carregar o fardo das suas misérias. São Luís**

**11 - Revista Espírita 1867 - Allan Kardec - pág. 356**

**(..) "Se, ao contrário, abdicando a soberaneidade que é chamado a exercer sobre o corpo, cede ao arrastamento dos sentidos, se aceita suas condições de prazeres terrestres como único objetivo de suas aspirações, falseia a razão de ser de sua existência, longe de realizar os seus destinos, fica estacionário; ligado esta vida terrestre que, entretanto, não deveria ter sido ele senão uma condição acessória, desde que não poderia ser seu fim, o Espírito, de chefe que era, torna-se subordinado; como insensato, aceita a felicidade terrena que os sentidos lhe faz experimentar e que lhe propõem satifazer, assim nele abafado a intuição da felicidade verdadeira que lhe está reservada. Eis a sua primeira punição."  
  
No capítulo VII, do inferno, pág. 99, encontramos esta notável apreciação da morte e dos flagelos destruidores: "Seria enumerando os flagelos que passeiam sobre a terra o terror e o espanto, o sofrimento e a morte, que acreditariam poder dar a prova das manifestações da cólera divina? "Sabei, pois, ó temerários evocadores das vinganças celestes, que os cataclismos que assinalais, longe de ter o caráter exclusivo de um castigo à humanidade, são, ao contrário, um ato da misericórdia divina, que fecha a esta o abismo onde a precipitavam suas desordens, e lhe abre as vias do progresso, que a devem levar ao caminho que deve seguir para assegurar a sua regeneração.  
  
"Que são esses cataclismos, senão uma nova fase na existência do homem, uma era feliz, marcando para os povos e a humanidade inteira o ponto providencial de seu adiantamento? "Sabei, pois, que a morte não é um mal. Farol da existência do Espírito, ela é sempre, quando vem de Deus, o sinal de sua misericórdia e de sua assistência benevolente. A morte não é senão o fim do corpo, o termo de uma incarnação, e nas mãos de Deus, é o aniquilamento de um meio corruptor e vicioso, a interrupção de uma corrente funesta, à qual, num momento solene, a Providência arranca o homem e os povos.  
  
"A morte não é senão um tempo de parada na prova terrestre. Longe de prejudicar o homem, ou antes, ao Espírito, ela o chama a se recolher no mundo invisível, quer para reconhecer suas faltas e as lamentar, quer para se esclarecer e se preparar, por firmes e salutares resoluções, para retomar a prova da vida terrestre. "A morte não gela o homem de pavor porque, muito identificado à terra, não tem fé em seu augusto destino, do qual a terra não é senão a dolorosa oficina onde se deve realizar a sua depuração.  
  
"Cessai, pois, de crer que a morte seja um instrumento de cólera e de vingança nas mãos de Deus; sabei, ao contrário, que ela é ao mesmo tempo a expressão de sua misericórdia e de sua justiça, seja detendo o mau na via da iniquidade, quer abreviando o tempo de provas ou de exílio do justo sobre a terra. "E vós, ministros do Cristo, que do alto da cátedra de verdade proclamais a cólera e a vingança de Deus, e pareceis, por vossas eloquentes descrições da fantástica fornalha, atiçar as sua chamas inextinguíveis para devorar o infeliz pecador; vós qua de vossos lábios tão autorizados, deixais cair esta aterrador epígrafe: "Jamais! — Sempre!" então esquecestes as instruções de vosso divino Mestre?"  
  
Citaremos, ainda, as passagens seguintes, extraídas do capítulo sobre o pecado original. "Em vez de criar a alma perfeita, quis Deus que não fôsse senão por longos e constantes esforços que ela chega a se desprender deste estado de inferioridade nativa, e gravitar para se augustos destinos.  
  
"Para chegar a esses fins, tem ela, pois, que romper os laços que a prendem à matéria, resistir ao arrastamento dos sentido com a alternativa de sua supremacia sobre o corpo, ou da obsessão exercida sobre ela pelos instintos animais. "São destes laços terrestres que lhe importa libertar-se, que nela constituem as condições mesmas de sua inferioridade. Eles não são outros senão o pretendido pecado original, o alvéolo que cobre a sua essência divina.**

**O pecado original constitui assim, o ascendente primitivo que os instintos animais de ter exercido, de início, sobre as aspirações da alma. Tal é o estado do homem que a Gênese quis representar sob a figura simples da árvore da ciência do bem e do mal. A intervenção da serpente tentadora não é outra coisa senão os desejos da carne e a solicitação dos sentidos; o cristianismo consagrou esta alegoria como um fato real, ligando-se à existência do primeiro ano. E é sobre este fato que baseou o dogma da redenção."  
  
"Colocado neste ponto de vista, é preciso reconhecê-lo, o pecado original deve ter sido, e com efeito foi, o de toda a posterioridade do primeiro homem, e assim o será durante uma longa série de séculos, até a libertação completa do Espírito abraços da matéria, libertação que, sem dúvida, tende a realizar, mas que ainda não se fez em nossos dias. "Numa palavra, o pecado original constitui as condições da natureza humana levando os primeiros elementos de existência, com todos os vícios que ela gerou.  
  
"O pecado original é o egoísmo, é o orgulho que presidem a todos os atos da vida do homem; "É o demônio da inveja e do ciúme, que roem o seu coração; "É a ambição, que não pode saciar a avidez de lucro; "É o amor e a sede de ouro, este elemento indispensável para dar satisfação a todas as exigências do luxo, do conforto, do bem-estar, que persegue o século com tanto ardor.  
  
"Eis o pecado original proclamado pela Gênese, e que o homem sempre ocultou em si; ele não será apagado senão no dia em que, compenetrado de seus altos destinos, o homem abandonar, conforme a lição do bom La Fontaine, a sombra pela presa; no dia em que renunciar à miragem da felicidade terrena, para voltar todas as suas aspirações para a felicidade real, que lhe está reservada.  
  
"Que o homem aprenda, pois, a se tornar digno de seu título de chefe entre todos os seres criados, e da essência etérea emanada do próprio seio de seu criador e de que está cheio. Que seja forte para lutar contra as tendências de seu envoltório terreno, cujos instintos são estranhos às suas aspirações divinas e não poderiam constituir sua personalidade espiritual; que seu objetivo único seja sempre gravitar para a perfeição de seu ultimo fim, e o pecado original não existirá mais para ele."  
  
O sr. Bonnamy já é conhecido de nossos leitores, que puderam apreciar a firmeza, a sua independência de caráter e a elevação de seus sentimentos, pela notável carta que publicamos na Remita de março de 1866, no artigo intitulado: O Espiritismo e a Magistratura. Ele vem hoje, por um trabalho de alto alcance, prestar resolutamente o apoio e a autoridade de seu nome a uma causa que, na sua consciência, considera como a da humanidade.  
  
Entre os adeptos, já numerosos, que o Espiritismo conta na magistratura, o sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassone, e o sr. Bonnamy, juiz de instrução em Villeneuvesur Lot, são os primeiros que abertamente arvoraram a bandeira, o fizeram, não no dia seguinte à vitória, mas no momento luta, quando a doutrina está exposta aos ataques de seus adversários e quando seus aderentes ainda estão sob o golpe da perseguição. Os Espíritas atuais e os do futuro saberão apreciá-lo e não o esquecerão. Quando uma doutrina recebe os sufrágios de homens tão justamente considerados, é a melhor resposta as diatribes de que ela pode ser objeto.  
  
A obra do sr. Bonnamy marcará nos anais do Espiritismo, não só como primeira em data no seu gênero, mas sobretudo por sua importância filosófica. O autor aí examina a doutrina em si-mesma, discute os seus princípios, dos quais tira a Quintessência, fazendo abstração completa de toda personalidade, o que exclui qualquer pensamento de camarilha. (...)**  
**12 - Revista Espírita 1868 - Allan Kardec - pág. 201, 330**

**(..) A criatura é espiritualista desde que não é materialista, isto é, desde que admite um princípio espiritual distinto da matéria, seja qual for a idéia que faça de sua natureza e de seu destino. Os católicos, os gregos, os protestantes, os judeus, os muçulmanos, os deístas são espiritualistas, mau grado as diferenças essenciais de dogmas que os dividem.  
  
Os Espíritas fazem da alma uma idéia mais clara e mais precisa; não é um ser vago e abstrato, mas um ser definido, que reveste uma forma concreta, limitada, circunscrita. Independentemente da inteligência, que é a sua essência, ela tem atributos e efeitos especiais, que constituem os princípios fundamentais de sua doutrina.**

**Admitem: o corpo fluídico ou perispírito; o progresso indefinido da alma; a reencarnação ou pluralidade de existências, como necessidade do progresso; a pluralidade dos mundos habitados; a presença no meio de nós, das almas ou Espíritos que viveram na Terra e a continuação de sua solicitude pelos vivos; a perpetuidade das afeições; a solidariedade universal, que liga os vivos e os mortos; os Espíritos de todos os mundos e, em consequência, a eficácia da prece; a possibilidade de comunicação com os Espíritos dos que não vivem mais; no homem, a visão espiritual ou psíquica, que é um efeito da alma.  
  
Repelem o dogma das penas eternas, irremissíveis, como inconciliável com a justiça de Deus; mas admitem que a alma, depois da morte, sofra e suporte as consequências de todo o mal que praticou durante a vida, de todo o bem que poderia ter feito e não fez. Os sofrimentos são a conseqüência natural de seus atos; duram enquanto durar a perversidade ou a inferioridade moral do Espírito; diminuem à medida que ele se melhora e cessam pela reparação do mal. Esta reparação se dá nas existências corporais sucessivas   
  
Tendo sempre a sua liberdade de ação, o Espírito é, assim o próprio artífice de sua felicidade e de sua desgraça, neste mundo e no outro. O homem não é levado nem ao bem nem ao mal; realiza um e outro por sua vontade e se aperfeiçoa pela experiência. Em consequência deste princípio, os Espíritas nem admitem os demônios, predestinados ao mal, nem a criação especial de anjos, predestinados à felicidade infinita, sem terem tido o trabalho de a merecer. Os demônios são Espíritos humanos ainda imperfeitos, mas que melhorarão com o tempo; os anjos, Espíritos chegados à perfeição, depois de haverem passado, como os outros, por todos os graus da inferioridade.  
  
O Espiritismo não admite para cada um senão a responsabilidade de seus próprios atos; segundo ele, o pecado original é pessoal; consiste nas imperfeições que cada indivíduo trás ao nascer, porque ainda não se despojou delas em suas existências precedentes, e cujas consequências manifestam-se naturalmente na existência atual.  
  
Também não admite, como suprema recompensa final, a inútil e beata contemplação dos eleitos durante a eternidade; mas, ao contrário, uma incessante atividade de alto a baixo da escala dos seres, em que cada um tem atribuições proporcionais no seu grau de adiantamento.  
  
Tal é, em resumo muito certo, a base das crenças espíritas. A gente é Espírita desde o momento em que se entra nesta ordem de idéias, ainda mesmo quando não se admitissem todos os pontos da doutrina na sua integridade ou em todas as suas consequências. Por não ser Espírita completo não se é menos Espírita, o que faz que por vezes se o seja sem saber, algumas vezes sem o querer confessar e que, entre os seguidores de diferentes religiões, muitos sejam Espíritas de fato, se não se tem o nome.  
  
A crença comum para os espiritualistas é acreditar num Deus criador, e admitir que, após a morte, a alma continue a existir, sob a forma de puro Espírito, completamente destacado de toda a matéria e, também, que ela poderá com ou sem a ressurreição de seu corpo material, gozar de uma existência eterna, feliz ou infeliz.  
  
Os materialistas, ao contrário, crêem que a força é inseparável da matéria e não pode existir sem ela; assim, Deus não é para eles senão uma hipótese gratuita, a menos que seja a própria matéria; os materialistas negam com toda a sua força a concepção de uma alma essencialmente espiritual e da de uma personalidade sobrevivente à morte. (..)  
  
DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO O JUDAÍSMO**

**Deve ser interessante, para os que o ignoram, conhecer a doutrina dos Judeus relativa ao pecado original. Tiramos a explicação seguinte do jornal israelita La Fnmille de Jncob que se publica em Avignon, sob a direção do grande rabinc Benjarrún Massé; número de julho de 1868.  
  
"O dogma do pecado original está longe de se achar nc número dos princípios do Judaísmo. A lenda profunda que relata o Talmud (Nida XXXI, 2) e que representa os anjos fazendo a alma humana, no momento em que vai se encarnar num corpo terrestre, prestar o juramento de se manter pura durante sua estada neste planeta, a fim retornar pura ao Criador, é uma poética afirmação de nossa inocência nativa e de nossa independência moral da falta de nossos primeiros pais. Essa afirmação, contida nos nossos livros tradicionais, é conforme ao verdadeiro espírito do Judaísmo.  
  
"Para definir o dogma do pecado original, bastar-nos-à dizer que se toma ao pé da letra o relato da Gênese, cujo caráter lendário se desconhece, e que, partindo desse ponto de vista errado, aceitam-se cegamente todas as conseqüências daí decorrentes, sem se preocupar com a sua incompatibilidade com a natureza humana e com os atributos necessários e eternos que a razão confere à natureza divina.  
  
"Escravos da letra, afirmam que a primeira mulher seduzida pela serpente, que comeu um fruto proibido Deus, que fez o seu esposo comê-lo, e que, por esse ato revolta aberta contra a vontade divina, o primeiro homem e a primeira mulher incorreram na maldição do céu, não para si, mas para os seus filhos, mas para a sua raça, para a humanidade inteira, para a humanidade cúmplice em qualquer distância no tempo em que se encontre dos culpados, cúmplice de seu crime, do qual é, por consequência, responsável em todos os seus membros presentes e futuros.  
  
"Segundo essa doutrina, a queda e a condenação nossos primeiros pais foram uma queda e uma condenação para a sua posteridade. Daí, para o gênero humano, males inumeráveis, que teriam sido sem fim, sem a mediação de um Redentor, tão incompreensível quanto o crime e a condenação que o chamam. Assim como o pecado de um só foi cometido por todos, a expiação de um só será a expiação de todos. Perdida por um só, a humanidade será salva por um só. A redenção é a consequência inevitável do pecado original.  
  
"Compreende-se que não discutamos essas premissas com suas consequências, que para nós não são mais aceitáveis, do ponto de vista dogmático, do que do ponto de vista moral. "Nossa razão e nossa consciência jamais se acomodarão a uma doutrina que apaga a personalidade humana e a justiça divina e que, para explicar as suas pretensões, nos faz viver todos juntos na alma como no corpo do primeiro homem, ensinando-nos que, por mais numerosos que sejamos no curso das idades, fazemos parte de Adão em espírito e em matéria, que tomamos parte em seu crime, e que devemos ter nossa parte na sua condenação.  
  
"O sentimento profundo de nossa liberdade moral se recusa a essa assimilação fatal, que tiraria a nossa iniciativa, que nos acorrentaria, mau grado nosso, num pecado distante, misterioso, do qual não temos consciência, e que nos faria sofrer um castigo ineficaz, pois que, aos nossos olhos, não seria merecido.  
  
"A idéia indefectível e universal, que temos da justiça do Criador, se recusa ainda muito mais energicamente a crer no comprometimento, com a falta de um só, dos seres livres criados sucessivamente por Deus na continuação dos séculos."Se Adão e Eva pecaram, só a eles pertence a responsabilidade de seu erro; só a eles a proscrição, a sua expiação, a sua redenção por meio de esforços pessoais para reconquistar a sua nobreza.**

**Mas nós, que vimos após eles, que, como eles, fomos objeto de um ato idêntico da parte do poder criador, e que devemos, a esse título, ter um preço igual ao de nosso primeiro pai aos olhos do nosso Criador, nascemos com a nossa pureza e a nossa inocência, de que somos os únicos donos, os únicos depositários, e cuja perda ou conservação não dependem absolutamente senão de nossa vontade e das determinações do nosso livre-arbítrio.  
  
"Tal é, sobre esse ponto, a doutrina do Judaísmo, que nada poderia admitir que não fosse conforme à nossa consciência esclarecida pela razão."  
B. M.**

**LEMBRETE:**

**1° - "O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original; uns cederam à tentação, outros resistiram. Allan Kardec**

**2° - O pecado original (..) não é o que faz objeto de ensino dogmático da igreja: significa a culpa inicial do Espírito, tomado, por isso, passível de expiação por encarnações sucessivas. Leopoldo Cirne**

**3° - (...) a culpa de que o homem tem a responsabilidade, é a de suas anteriores existências que lhe cumpre extinguir por seus méritos resignação e intrepidez nas provações. Léon Denis**

**4° - (...) A criança não nasce contaminada pelo pecado original, simplesmente porque não existe o pecado original. Na perspectiva espírita, não existe nem mesmo o pecado. A criança é um espírito reencarnado que representa um projeto esperançoso de renovação traçado por Deus. Nós não precisamos salvar a ninguém, todos estamos salvos, pois somos destinados à perfeição e teremos tantas oportunidades reencarnatórias, quantas forem necessárias, para atingirmos essa meta e, dependendo do esforço que estejamos empreendendo na direção adequada, poderemos atingí-la mais ou menos rapidamente,com mais ou menos sofrimento. A predisposição é para o desenvolvimento desse potencial positivo que trazemos, quando despertamos no mundo para mais uma experiência encarnatória. Dalva Silva Souza**

**Paraíso Perdido**  
**De tempos em tempos, os Espíritos superiores trazem à Terra revelações divinas que, gradualmente, revelam ao homem aspectos da realidade espiritual. Em função do estágio evolutivo da Humanidade, toda revelação divina reveste-se necessariamente de um duplo aspecto: o aspecto divino propriamente dito, imaterial e eterno, e o aspecto humano, que interpreta o caráter divino, necessário para que a Humanidade possa recebê-la; foi o que aconteceu com o mito de Adão e Eva e o paraíso perdido, pois embora encerrando uma verdade, foi interpretado de acordo com a época.   
  
A perda do paraíso entrou para a consciência da Humanidade e aí perdurou, porque ela encerra uma verdade: quando um mundo chega ao término de sua evolução, irá desaparecer para dar lugar a inúmeros outros que se destacam da Matéria Cósmica. Os habitantes que alcançaram seu progresso total, ascendem a mundos superiores; os que se atrasaram no seu aperfeiçoamento, irão para mundos novos, menos adiantados, cumprir missões penosas, nas quais poderão trabalhar pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão para o adiantamento de seus irmãos ainda mais atrasados (LÊ, 1019).**

**Assim, a expulsão de Adão e Eva do paraíso, segundo o relato bíblico, nada mais foi do que a queda de uma raça superior aos terráqueos, exilada para a Terra, mundo ainda de expiação. De acordo ainda com este mito, a origem de todo o mal que assola a Terra está no dogma do pecado original, herdado de Adão e Eva. Na Terceira Revelação que os Espíritos trouxeram à Humanidade, já há o esclarecimento de que o mal tem suas raízes na desobediência às leis divinas de cada criatura, em razão do livre-arbítrio.**

**Considerado dessa maneira, o pecado original se refere à natureza ainda imperfeita do homem que só é responsável por si mesmo e por suas próprias faltas, e não pelas faltas dos seus pais (LÊ, 1019). Convém lembrar que até mesmo na Bíblia há referências sobre a origem do mal, quando o profeta Ezequiel diz: "... nem o pai responde pelo filho, nem o filho pelo pai, senão cada um por suas próprias obras" (Ez 18:20).  
  
Quando Jesus disse "Meu reino não é deste mundo "estava querendo dizer, em sentido figurado, que este existe só nos corações puros e desinteressados dos valores mundanos e que, portanto, poderá estar em todos os lugares onde haja o amor e a fraternidade. Mas, enquanto os homens não alcançarem a maturidade espiritual, as verdades eternas terão o véu humano a encobrir o seu verdadeiro significado.**

**Contudo, conceitos como céu, inferno, purgatório e paraíso perdido são concepções que já tiveram seu tempo e sua validade, e não mais satisfazem almas lúcidas, que se utilizam da Ciência, da Filosofia e da Moral para galgarem os degraus do saber e da virtude.   
  
Assim, enquanto algumas religiões, ao revelarem a eternidade do mal, impõem o selo da inalterabilidade aos seus postulados, já a Doutrina Espírita proclama a progressividade dos ensinos divinos e levanta o véu que descerra a verdade sobre as vidas sucessivas. Vós todos, homens de fé e de boa vontade, trabalhai portanto com zelo e com coragem na grande obra da regeneração, porque colhereis centuplicado o grão que tiverdes semeado (LÊ, 1019). Bibliografia: LÊ, 1011 a 1019 - Grupo de Estudos  
  
Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **PENSAMENTO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A crise da morte - pág. 34, 66, 95, 126** | **02 - A divina epopéia - pág. 12** |
| **03 - A força do pensamento - toda a obra** | **04 - A Gênese - cap. XIV, 13** |
| **05 - Ação e reação - pág. 56, 70** | **06 - Almas que voltam - pág. 64** |
| **07 - Antologia do Perispírito - ref. 118, 227** | **08 - Celeiro de bênçãos - pág. 29** |
| **09 - Coragem - pág. 35** | **10 - Da alma humana - pág. 226, 234** |
| **11 - Deus na natureza - pág. 217, 244** | **12 - Emmanuel - pág. 155** |
| **13 - Espírito e vida - pág. 68** | **14 - Estude e viva - pág. 128, 200** |
| **15 - Estudando a mediunidade- pág. 167** | **16 - Falando à terra - 98, 101, 147** |
| **17 - Fonte viva - pág. 179, 337** | **18 - Formas de pensamento - toda a obra** |
| **19 - Libertação - pág. 29, 84** | **20 - Mediunidade e Evolução - pág. 121** |
| **21 - Nas pegadas do Mestre - pág. 266** | **22 - Nos domínios da mediunidade - pág. 17, 117** |
| **23 - Nosso lar - pág. 203** | **24 - O consolador - pág. 44** |
| **25 - O Espírito da Verdade - pág. 101, 142** | **26 - O Evangelho S. o Espiritismo - cap. VIII, 5** |
| **27 - O fenômeno espírita - pág. 78** | **28 - O gênio céltico e o mundo invisível - pág. 225, 260** |
| **29 - O Livro dos Espíritos - q. 89, 283, 419, 456, 833** | **30 - O Livro dos Médiuns - q 282, 331, 335** |
| **31 - O pensamento de Emmanuel - pág. 29** | **32 Obras póstumas - pág. 107, 113** |
| **33 - Pão nosso - pág.41, 45** | **34 - Palingênese, a grande lei - pág. 65** |
| **35 - Pensamento e vontade- toda a obra** | **36 - Temas da vida e da morte - pág. 31, 35** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PENSAMENTO – COMPILAÇÃO**

**05 - Ação e reação - André Luiz - pág. 56, 70**

**(..) O esclarecimento se me deparava como oportuna chave para a solução de muitos enigmas, no capítulo da obsessão, em que os doentes começam atormentando a si mesmos e acabam atormentados por seres que se afinam com o desequilíbrio que lhes é próprio.  
Hilário, que observava atentamente o duelo íntimo entre a enferma prostrada e a forma-pensamento que se lhe superpunha à cabeça, falou comovido:  
  
— Lembro-me de haver manuseado, há muitos anos, na Terra, um livro da autoria de Collin de Plancy, aprovado pelo arcebispo de Paris, trazendo a descrição minuciosa de diversos demônios, e creio haver visto uma figura gravada nessa obra, semelhante à que temos sob nossa direta observação. Silas adiantou, confirmando:  
  
— Isso mesmo. É o demônio Belfegor, segundo as anotações de Jean Weier, que imprevidentes autoridades da Igreja permitiram se espalhasse nos círculos católicos. Conhecemos o livro a que se refere. Tem criado empecilhos tremendos a milhares de criaturas que inadvertidamente acolhem tais símbolos de Satanás, oferecendo-os a Espíritos bestializados que os aproveitam para formar terríveis processos de fascinação e possessão. Refletia quanto ao problema dos moldes mentais na vida de cada um de nós, quando o Assistente, certo me surpreendendo a indagação, acentuou bem-humorado:  
  
— Aqui, é fácil reconhecer que cada coração edifica o inferno em que se aprisiona, de acordo com as próprias obras. Assim, temos conosco os diabos que desejamos, segundo o figurino escolhido ou modelado por nós mesmos. O serviço assistencial, porém, exigia cautelosa atenção e, por isso, removemos a enferma para o aposento limpo e bem-posto que a esperava.  
  
Decorridos alguns minutos, voltamos ao átrio, então descongestionado e silencioso. Apenas algumas sentinelas da noite velavam, infatigáveis e atentas. Os tormentos entrevistos compeliam-me a pensar. Muito já estudara acerca de pensamento e fixação mental, todavia, a angústia daquelas almas recém-desencarnadas me infundia compaixão e quase terror. Confiei ao amigo que nos acompanhava, bondoso, a indefinível tortura de que me via objeto e o Assistente esclareceu com sabedoria:  
  
— Em verdade, estamos ainda longe de conhecer todo o poder criador e aglutinante encerrado no pensamento puro e simples, e, em razão disso, tudo devemos fazer por libertar os entes humanos de todas as expressões perturbadoras da vida íntima. Tudo o que nos escravize à ignorância e à miséria, à preguiça e ao egoísmo, à crueldade e ao crime é fortalecimento da treva contra a luz e do inferno contra o Céu.  
  
E talvez porque desejasse ardentemente mais alguma anotação, em torno do transcendente assunto, Silas ajuntou: — Recorda-se de haver lido alguma memória, alusiva às primeiras experiências de Marconi, nos albores do telégrafo sem fio? — Sim — respondi —, lembro-me de que o sábio, ainda muito jovem, se consagrou ao estudo das observações de Henrique Hertz, o grande engenheiro alemão que realizou importantes experiências sobre as ondulações elétricas, comprovando as teorias da identidade da transmissão entre a eletricidade, a luz e o calor irradiante, e sei que, certa feita, tomando-lhe o oscilador e conjugando-o com a antena de Popoff e com o receptor de Branly, no jardim da casa paterna, conseguiu transmitir sem fio os sinais do alfabeto Morse.   
  
Mas... que tem isso a ver com o pensamento? O Assistente sorriu e falou:— A referência é significativa para as nossas considerações. Além dela, volvamos à televisão, uma das maravilhas da atualidade terrestre...E acrescentou:— Reporto-me ao assunto para lembrar que na radiofonia e na televisão os eletrons que carreiam as modulações da palavra e os elementos da imagem se deslocam no espaço com velocidade igual à da luz, ou seja, a trezentos mil quilômetros por segundo.**

**Ora, num só local podem funcionar um posto de emissão e outro de recepção, compreendendo-se que, num segundo, as palavras e as imagens podem ser irradiadas e captadas, simultaneamente, depois de atravessarem imensos domínios do espaço, em fração infinitesimal de tempo. Imaginemos agora o pensamento, força viva e atuante, cuja velocidade supera a da luz. Emitido por nós, volta inevitavelmente a nós mesmos, compelindo-nos a viver, de maneira espontânea, em sua onda de formas criadoras, que naturalmente se nos fixam no espírito quando alimentadas pelo combustível de nosso desejo ou de nossa atenção.**

**Daí, a necessidade imperiosa de nos situarmos nos ideais mais nobres e nos propósitos mais puros da vida, porque energias atraem energias da mesma natureza, e, quando estacionários na viciação ou na sombra, as forças mentais que exteriorizamos retornam ao nosso espírito, reanimadas e intensificadas pelos elementos que com elas se harmonizam, engrossando, dessa forma, as grades da prisão em que nos detemos irrefletidamente, convertendo-se-nos a alma num mundo fechado, em que as vozes e os quadros de nossos próprios pensamentos, acrescidos pelas sugestões daqueles que se ajustam ao nosso modo de ser, nos impõem reiteradas alucinações, anulando-nos, de modo temporário, os sentidos sutis.  
  
E, depois de ligeira pausa, concluiu: — Eis por que, efetuada a supressão do corpo somático, no fenômeno vulgar da morte, a criatura desencarnada, movimentando-se num veículo mais plástico e influenciável, pode permanecer longo tempo sob o cativeiro de suas criações menos construtivas, detendo-se em largas faixas de sofrimento e ilusão com aqueles que lhe vivem os mesmos enganos e pesadelos.  
  
A explicação não podia ser mais clara. Calamo-nos, Hilário e eu, dominados por igual sentimento de respeito e reflexão. Silas percebeu-nos a atitude interior e generosamente convidou-nos ao descanso em que, por algumas horas, conseguiríamos repousar e... pensar.**

**09 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 35**

**10. NOSSA CASA   
A mente é a casaviva onde cada um de nós reside, segundo as nossas próprias concepções. A imaginação é o arquiteto de nosso verdadeiro domicílio. Se julgarmos que o ouro precisa erigir-se em material único adequado à nossa construção, cedo sofremos a ventania destruidora ou enregelante da ambição e da inveja, do remorso e do tédio, que costuma envolver a fortuna, em seu castelo de imprevidência.**

**Se supomos que o poder humano deve ser o agasalho exclusivo de nosso espírito, somos apressadamente defrontados pela desilusão que habitualmente assinala a fronte das criaturas enganadas pelos desvarios da autoridade. Se encontrarmos alegria na crítica ou na leviandade, naturalmente nos demoramos em cárceres de perturbação e maledicência. Moramos, em espírito, onde projetamos o pensamento.**

**Respiramos o bem ou o mal, de acordo com as nossas preferências na vida. Na Terra, muitas vezes temos a máscara física emoldurada em honrarias e esplendores, conservando-nos intimamente em deploráveis cubículos de padecimentos e trevas.**

**Só o trabalho incessante no bem pode oferecer-nos a milagrosa química do amor para a sublimação do lar interno. Por isso mesmo, disse Jesus: -"meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também". Idealizemos mais luz para o caminho.**

**Abracemos o serviço infatigável aos semelhantes e a nossa experiência, de alicerces na Terra, culminará, feliz e vitoriosa, nos esplendores do Céu. Emmanuel**

**11 - Deus na natureza - Camille Flammarion - pág. 217, 244**

**Há muito tempo que o geólogo Agassiz emitiu este conceito, frequentemente justificado: Todas as vezes que um fato novo se revela no campo da Ciência, logo o averbam de apócrifo; depois, que é contrário à religião; e, por fim, que há muito era sabido. Efetivamente, a verdade tem duas espécies de adversários: os cépticos do materialismo, e os cépticos do dogma.**

**Se, com razão, nos admiramos de ver os fisiologistas, adoradores da matéria, ousadamente proclamarem com entonos de autoridade e certeza que o homem, bem como o parque integral da vida planetária, não passam de produtos da matéria cega, com mais razão devemos estranhar ainda exista, em nossos tempos, espíritos cultos, e mesmo célebres, que se deixem ficar completamente fora do movimento das ciências fisico-químicas, a ponto de fazerem objeções mais banais ao que essas ciências apresentam ao idealismo, sem se precatarem das modificações necessárias e derivadas desse movimento em todas as concepções do humano pensamento.**

**Assim, temos ainda hoje sábios, filósofos, teólogos, metafísicos e pensadores, cujos nomes poderíamos aqui alinhar se houvesse oportunidade, que nos falam de Deus, da Providência, da prece, da alma, da vida futura e presente, das relações da Divindade com o mundo, das causas finais, da marcha dos acontecimentos, da independência do espírito, das fórmulas de culto, das entidades espirituais, etc., no mesmo sentido e nos mesmos termos da escolástica do século XVI. Os palradores anquilosados desta espécie, são ainda mais curiosos e inexplicáveis do que os precedentes.**

**Em os ouvindo afirmar, em tom magistral, as proposições mais contestáveis; em lhes observando a ignorância das rudes dificuldades que espíritos mais clarividentes tão penosamente venceram; em defrontá-los na sua verve inesgotável e na calma ingênua com que asseguram a inexpugnabilidade das suas pretensas verdades; — dir-se-ia estarem eles verdadeiramente adormecidos nesse ano memorável em que Copérnico, já moribundo, recebia o primeiro exemplar do seu De Revòlutionibus — para só acordarem hoje, na inconsciência das revoluções operadas.**

**Sendo numerosos, ai de nós! esses espíritos, e porque ainda lhes gravite em torno um número considerável de partidários, é bom dar a todos uma idéia dos fatos que lhes deveriam interessar, mostrando-lhes não ser a eles que incumbe guardar o depósito crescente do tesouro humano, uma vez que persistem adormecidos no seu triste letargo. Todos os que descrevem, minudentes, a natureza e as funções da alma; que explicam perfeitamente em que momento e por qual meio ela se incorpora no ventre materno e a portapor onde se escapa com o derradeiro suspiro; como comparece ela perante Deus e recebe, no outro mundo.**

**O prêmio ou castigo temporário ou eterno de seus atos neste mundo; que evidenciam o processo de comunicação com o Criador que a estimam completamente independente do organismo e regendo a matéria mediante idéias traz consigo ao encarnar, e que pode dominar essa matéria como coisa estranha, perseguindo o corpo com o recusar-lhe em jejuns, macerações abstinências, a satisfação das próprias necessidades que expõem minuciosamente a história da alma, puro espírito baixado à Terra como a um vale de provações; — numa palavra, enfim, todos quantos, em qualquer religião, em qualquer qualquer país gastam a sua eloquência tempo a propor soluções que nada resolvem e símbolos que nada significam; — esses, repito, devem ser convidados a meditar as observações de ano em ano carreadas pelo progresso das ciências positivas.**

**E, como essas observações precisamente a base das conclusões materialistas, temos o duplo dever de as expor preliminarmente a fim de julgar depois se as conclusões legitimamente concluídas. Em regra, os homens que encaram desdém e displicência quaisquer questões, pretendem opinar com maior segurança, simplesmente porque, não as tendo profundado, são e que existe um plano definido, uma certa lei que então não fora notada, de vez que as investigações se haviam limitado quase exclusivamente ao homem.  
Dá-se com os naturalistas o mesmo que com os homens pouco versados em Arquitetura, os quais, no meio da profusão de elementos que sobrecar­regam um estilo, não podem decifrar o plano fun­damental .  
Segundo as últimas investigações, estas cir­cunvoluções cerebrais teriam capital importância e delas trataremos antes de nos ocuparmos com as relações de peso e volume.  
Na opinião de Gratiolet, esta conformação ce­rebral é peculiar ao macaco e ao homem, e existe ao mesmo tempo nas túnicas cerebrais, quando sur­gem, uma ordem geral, uma disposição típica e co­mum às duas espécies.  
"Essa uniformidade na disposição das pregas cerebrais, no homem e nos símios, diz este fisio-logista, merece a mais acurada atenção dos filóso­fos. Há também um tipo particular de pregas nos makis, nos ursos, felinos, caninos, etc.; enfim, para todas as famílias animais. Cada qual tem suas ca­racterísticas, sua norma, e em cada grupo podemos facilmente reunir as espécies pela só confrontação das túnicas cerebrais".  
Parece que o pensamento é proporcional ao número e à irregularidade das circunvoluções. O homem, o orangotango e o chimpanzé, têm circun­voluções no lobo médio, ao passo que nas outras espécies de macacos e nos outros animais esse lobo é absolutamente liso.  
A figura desses sulcos e dos que descrevem meandros irregulares nos outros lobos, é tanto mais irregular, quanto mais caracterizado o pensamento. Os animais gregários como a foca, os elefantes,, cavalos, renas, carneiros, golfinhos, apresentam um desenho menos regular que o dos mtros animais. Deste ponto de vista, o que sobr ítudo distingue o cérebro humano do simiesco, é qi e, entre as cir-cunvoluões que se dirigem do lobc occipital para o temporal, duas há, no homem, ue não se en­contram no macaco, sendo este u n dos maiores contrastes que separam os dois cér ibros (47).  
Nas espécies animais e na huirana, a superio­ridade da inteligência parece tantc mais elevada, quanto mais sinuosas sejam as anf:-atuosidades do cérebro, mais profundos os sulcos < mais numero­sas as impressões e ramificações, a assimetria e irregularidade. As estrias, muito v síveis no cére­bro do adulto, não se evidenciam 10 da criança. O cérebro de Beethoven apresentav i anfratuosida-des duplamente mais profundas q ic os cérebros comuns (48).  
Poderão alguns anatomistas responder que grandes animais muito broncos, taiu como o asno, o carneiro, o boi, apresentam ma or número de circunvoluções que animais de ma:or inteligência quais o cão, o castor, o gato. Mas é preciso não esquecer os matemáticos e considen r que os volu­mes são, entre eles, como os cubos ios diâmetros; ao passo que as superfícies são co no os quadra­dos entre si. O volume do corpo que aumenta, cres­ce mais rapidamente que a sua super ície. Baseemo--nos num exemplo: uma esfera, con 2 metros de diâmetro, mede 12m,566 de superfíc e e 4m,188 de volume; uma esfera de 3 metros de diâmetro mede 28m,275 de superfície e 14n>,: 13 de volume. O volume do cérebro do tigre está para o seu corpo na mesma razão que o do gato;mas a perfície é proporcionalmente menor e, para atingir um igual desenvolvimento, é preciso que ela se re­traia e se enrole.  
Estas circunvoluções têm, sem dúvida, a sua importância, mas era natural se imaginasse que o peso comparativo do cérebro das diferentes es­pécies deve ter não menor importância, e que as suas variantes na espécie humana devem ser toma­das em consideração.  
De fato, parece que os seus efeitos estejam em proporção com a massa. Assim é que, na crian­ça e no velho, ele é menor que no homem maduro. A alma da criança como que se desenvolve, à me­dida que aumenta a substância cerebral.  
O peso normal de um cérebro humano é de três a três meia libras (49)  
O peso do cérebro dos cretinos desce, por ve­zes, a uma libra (453 gramas) .  
O de Cuvier pesava mais de 4 libras.  
O tamanho, a forma, o arranjo da composição do cérebro, são também invocados pêlos anatomis­tas como correlates à inteligência. (..)**

**(..) Proclamar que não há no homem mais que um produto da matéria, assimilá-lo a um composto químico e deduzir que o pensamento é uma produção química de certas combinações materiais, é um erro monstruoso. Todos sabemos que o pensamento não é ingrediente de oficina. Espírito e matéria são entidades tão estranhas uma à outra, que, todas as línguas, de todos os tempos, sempre as conceituaram diametralmente opostas.**

**As leis e forças espirituais existem independentemente das corporais. A força de vontade é bem distinta da força muscular. A ambição difere da fome, o desejo distingue-se da sede. Onde encontrareis as leis morais que regem a consciência? Que o crânio caucásico seja oval, o mongol redondo e o negro alongado, em que é que o sentir humano se associa às fibras granulares ou cilíndricas? Que têm de comum as noções de justo e injusto com o ácido carbônico? em que um triângulo, um círculo, um quadrado, podem afetar a bondade, a generosidade, a coragem?**

**Seria justo dizer que Cronwell tinha 2,231, Byron 2,238 e Cuvier 1,829 gramas de inteligência, por serem tais os pesos de seu cérebro? Na verdade, quando se procura sondar o assunto a fundo, fica-se admirado de ver que homens de pensamento tenham chegado a confundir num só objeto o mundo espiritual e o material. Também perguntamos se esses experimentalistas aprofundaram bem o sentido de suas palavras ao anunciarem proposições tais como as basilares de suas doutrinas:  
  
— Todas as faculdades que denominamos atri­butos da alma não passam de funções da substância cerebral. Os pensamentos estão para o cérebro, mais ou menos como a bílis para o fígado e a urina para os rins — A secreção do fígado, dos rins — diz outro escritor que não ousa atingir inteiramente a mes­ma comparação — verifica-se à nossa revelia e produz uma matéria palpável, ao passo que a ati-vidade cerebral não se pode verificar sem a cons­ciência integral e esta não segrega substância, mas forças.  
  
Que vem a ser segregar forças? Picaríamos gratos a quem nô-lo explicasse. Porque não segregar horas ou quilómetros? Mas, ouçamos ainda:— O que denominamos quantidade consciencial, é determinado pelos elementos constitutivos do sangue. Uma prova de que a produção de forças mentais depende diretamente de permutas químicas, está em que os produtos usados pelo sangue, e filtrados nos rins, variam segundo a natureza do trabalho cerebral.  
  
— O pensamento é um dinamismo da matéria. Movimentos materiais, ligados nos nervos a correntes elétricas, são percebidos no cérebro como sensação e esta sensação é o conhecimento de si mesmo, é a consciência. A vontade é a expressão necessária de um estado do cérebro, produzida por influências exteriores. Não há livre arbítrio. (Moleschott — "Kreislaf dês Lebens", H, 156, 181.)  
— A mesma relação existe (segundo Huschke) entre o pensamento e as vibrações elétricas dos filamentos do cérebro, qual a da cor com as vibrações do éter.— O pensamento é uma secreção do cérebro, já o dissera Cabanis há mais de meio século.— Todos os atos humanos são frutos fatais da substância cerebral, afirmava Taine ainda há pouco; vício e virtude valem por vitríolo e açúcar.  
  
A estas, juntaremos uma última proposição, que parece formulada para explicar todas as outras: é a de Nicole, quando assevera justamente que as maiores tolices encontram sempre inteligências a elas proporcionadas. Kant tivera a lembrança de substituir a realidade do mundo exterior pelas idéias puramente subjetivas do espírito, e em compensação o autor de Koerper und Geist, Sr. H. Scheffler, ensaia explicar a gênese do espírito pela matéria. Não! lhe citaremos o processo, um tanto trabalhado, mas o testemunho crítico que lhe concedeu o defensor atual do animismo, Sr. Tissot. "Nesta hipótese — di-lo este — é uma força da matéria, não uma simples força, mas uma resultante das forças simples da matéria, reunidas para (quanto mistério nestas duas palavras!) formar o organismo humano. (..)  
  
14 - Estude e viva - Emmanuel e André Luiz - pág. 128, 200**

**Na hora da crítica  
Salientamos a necessidade de moderação e equilíbrio, ante os momentos menos felizes dos ou­tros; no entanto, há ocasiões em que as baterias da crítica estão assestadas contra nós.  
Junto de amigos quanto de opositores, ouvi­mos objurgatórias e reprimendas e, não raro, tom­bamos mentalmente em revolta ou depressão.  
Azedume e abatimento, porém, nada efetuam de construtivo. Em qualquer dificuldade, irrita­ção ou desânimo apenas obscurecem situações ou complicam problemas.  
Atingidos por acusação e censura, convém es­tabelecer minucioso auto-exame. Articulemos o in­tervalo preciso, em nossas atividades, a fim de orar e refletir, vasculhando o imo da própria alma. Analisemos, sem a mínima compaixão por nós mes­mos, todos os acontecimentos que nos ditam a orien­tação e a conduta, sopesando fatos e desígnios que motivaram as advertências em lide, com rigorosa sinceridade. Se o foro íntimo nos aponta falhas de nosso lado, tenhamos suficiente coragem a fim de repará-las, seja solicitando desculpas aos ofendidos ou dilingenciando meios de sanar os prejuízos de que sejamos causadores.**

**Entanto, se nos indentificamos atentos ao dever que a vida nos atribui, que a se intenção e comportamento nos deixam seguros quanto ao caminho exato que estamos trilhando em proveito geral e não em exclusivo proveito próprio, saibamos acomodar-nos à paz e à conformidade. E, embora reclamação e tumulto nos cerquem, prossigamos adiante, na execução do trabalho que nos compete, sem desespero, e sem mágoa, convencidos de que, acima do conforto e sermos imediatamente compreendidos, vige a tranquilidade da consciência, no cumprimento de nossas obrigações**

**Três conclusões  
O tempo concedido ao Espírito para uma encarnação, por mais longo, é sempre curto, comparado ao serviço que somos chamado! Importante, assim, o aproveitamento das horas. Meditemos no gasto excessivo de forças em que nos empenhamos levianamente no trato com assuntos da repartição de outrem. Quantos milhares de minutos e de frases esbanjamos por década, sem a mínima utilidade ventilando temas e questões que não nos dizem respeito? Para conjurar essa perda inútil, reflitamos em três conclusões de interesse fundamental.**

**O que os outros pensam — Aquilo que os outros pensam é idéia deles. Não podemos usufruir-Ihes a cabeça para imprimir-lhes as interpretações que são capazes diante da vida. Um indígena e um físico contemplam a luz, mantendo conceitos absolutamente antagônicos entre si.  
  
Acontece o mesmo na vida moral. Precisamos nutrir o cérebro de pensamentos limpos, mas não está em nosso poder exigir que os semelhantes pensem como nós.  
  
O que os outros falam — A palavra dos amigos e adversários, dos conhecidos e desconhecidos, é criação verbal que lhes pertence.  
Expressam-se como podem e comentam as ocorrências do dia-a-dia com os sentimentos dignos ou menos dignos de que são portadores. Efetivamente, é dever nosso cultivar a conversação criteriosa; contudo, não dispomos de meios para interferir na manifestação pessoal dos entes que nos cercam, por mais caros nos sejam.  
  
O que os outros fazem — A atividade dos nossos irmãos é fruto de escolha e resolução que lhes cabe. Sabemos que a Sabedoria Divina não nos criou para cópias uns dos outros. Cada consciência é domínio à parte. As criaturas que nos rodeiam decerto que agem com excelentes intenções, nessa ou naquela esfera de trabalho, e, se ainda não conseguem compreen­der o mérito da sinceridade e do serviço ao próximo, isso é problema que lhes compete e não a nós.  
  
Fácil deduzir que não podemos fugir da ação nobilitante, a benefício de nós mesmos, mas não nos compete impor nas decisões alheias, que o próprio Criador deixa livres. À vista disso, cooperemos com os outros e recebamos dos outros o auxílio de que carecemos, acatando a todos, mas sem que possam pensar, falar e fazer. Em suma, respeito para os outros e obrigação para nós.**

**Ambiente espiritual  
Há, sem dúvida, uma tarefa especial, particu­larmente destinada aos espíritas, à margem das obrigações que lhes são peculiares: a formação de ambiente adequado ao trabalho edificante dos Bons Espíritos. Conscientes de que somos sustentados por legiões de instrutores, domiciliados em planos sublimes, e informados de que eles se propõem amparar a Humanidade, será justo relegar tão-somente a médiuns e fenômenos a cooperação com eles? Aliás, é necessário considerar que a mediunidade deve ser laboriosamente burilada, a fim de refleti-los, e que os fenómenos quase sempre se perdem na cinza da dúvida ou na corrente tumultuaria da discussão.   
  
Todos nós estamos convocados a colaborar com os Mensageiros do Senhor, notadamente no sentido de preparar-lhes ambiente favorável à manifestação . Para isso, principiemos pol banir do cérebro toda idéia de crueldade, violência, pessimismo, azedume. .. Diante de qualquer pessoa, sintamo-nos à frente de criatura irmã que aguarda de nossa parte o amor com que fomos quinhoados pela Providência Divina.  
  
No repouso ou na atividade no lar ou na via pública, atendamos à harmonizacão e à serenidade. Conversando, evitemos imagens de irritação ou maledicência. Fujamos de repisar comentários em torno de escândalos e crimes, detendo-nos em casos escabrosos apenas o tempo imprescindível ao esclarecimento da verdade, sem converter a sinceridade em botija de fel. Comuniquemos alegria e confiança aos que convivem conosco. Tenhamos a coragem de praticar o bem que apregoamos, buscando com diligência a ocasião de servir.  
  
Se surge o impositivo de alguma retificação, em nosso círculo de trabalho, coloquemo-nos no lugar do corrigido para que a brandura nos aconselhe, e, doando algo, situemo-nos na posição de quem recebe, para que a vaidadade não se nos insinue na plantação de solidariedade.  
  
É forçoso recordar, sobretudo, que os alicerces de qualquer ambiente espiritual começam nas forças do pensamento.  
Todos nós, os desencarnadosfe encarnados que nos vinculamos à seara espírita cristã, contamos com o apoio dos Instrutores da Vida Maior. Isso é mais que natural, ante as necessidades que nos assinalam a senda, mas não nos será lícito esquecer que eles também esperam por nosso auxílio, a fim de que possam mais amplamente auxiliar.**

**Influenciações espirituais sutis  
Sempre que você experimente um estado de espírito tendente ao derrotismo, perdurando há várias horas, sem causa orgânica ou moral de destaque, avente a hipótese de uma influeneiação espiritual sutil. Seja claro consigo para auxiliar os Mentores Espirituais a socorrer você. Essa é a verdadeira ocasião da humildade, da prece, do passe. Dentre os fatores que mais revelam essa condição da alma, incluem-se:  
  
— dificuldade de concentrar idéias em motivos otimistas;  
— ausência de ambiente íntimo para elevar os sentimentos em oração ou concentrar-se em leitura edificante;  
— indisposição inexplicável, tristeza sem razão aparente e pressentimentos de desastre imediato;  
— aborrecimentos imanifestos por não encontrar semelhantes ou assuntos sobre quem ou o que descarregá-los;  
— pessimismos sub-reptícios, irritações surdas. queixas, exageros de sensibilidade e aptidão a condenar quem não tem culpa;  
— interpretação forçada de fatos e atitudes suas ou dos outros, que você sabe não corresponder à realidade;  
— hiperemotividade ou depressão raiando na iminência de pranto;  
— ânsia de investir-se no papel de vítima ou de tomar uma posição absurda de automartírio;  
— teimosia em não aceitar, para você mesmo, que haja influenciação espiritual consigo, mas, passados minutos ou horas do acontecimento, vêm-lhe a mudança de impulsos, o arrependimento, a recomposição do tom mental e, não raro, a constatação de que é tarde para desfazer o erro consumado.  
  
São sempre acompanhamentos discretos e eventuais por parte do desencarnado e imperceptíveis ao encarnado pela finura do processo. O Espírito responsável pode estar tão inconsciente de seus atos que os efeitos negativos se fazem sentir como se fossem desenvolvidos pela própria pessoa. Quando o influenciador é consciente, a ocorrência é preparada com antecedência e meticulosidade, às vezes, dias e semanas antes do sorrateiro assalto, marcado para a oportunidade de encontro em perspectiva, conversação, recebimento de carta, clímax de negócio ou crise imprevista de serviço.  
  
Não se sabe o que tem causado maior dano à Humanidade: se as obsessões espetactilares, individuais e coletivas, que todos percebem e ajudam a desfazer ou isolar, ou se essas meio-obsessões de quase-obsidiados, despercebidas, contudo bem mais frequentes, que minam as energias de uma só criatura incauta, mas influenciando o roteiro de legiões de outras. Quantas desavenças, separações e fracassos não surgem assim ? Estude em sua existência se nessa última quinzena você não esteve em alguma circunstância com características de influeneiação espiritual sutil. Estude e ajude a você mesmo.**

**35 - PENSAMENTO E VONTADE - ERNESTO BOZZANO - TODA A OBRA**

**AS FORÇAS IDEOPLÁSTICAS**

**Nada mais importante para a pesquisa científica e a especulação filosófica, do que a demonstração apoiada em fatos, da seguinte proposição: - pode um fenômeno psicológico transformar-se em fisiológico; o pensamento pode fotografar-se e concretizar-se em materialização plástica, tanto quanto criar um organismo vivo. De outro modo falando, nada é tão importante para a Ciências e para a Filosofia, como averiguar que a "força do pensamento e a vontade" são elementos plásticos e organizadores.**

**Efetivamente, a evidência de tal fato coloca o investigador diante de um ato criador, legítimo quão verdadeiro, que o leva, consequentemente, a identificar a individualidade humana, pensante, com a Potência primordial, que tem no Universo a sua realização. Grandiosa concepção esta, do Supremo Ser, que me reservo para desenvolvermais de espaço e oportunidade. Antes de tudo, a propósito advertir que a idéia de um pensamento e de uma vontade, substanciais e objetiváveis, não é nova.**

**Os filósofos alquimistas dos séculos XVI e XVII, Vanini, Agrippa, Van Helmont, já atribuíam ao magnetismo emitido pela vontade o resultado de seus amuletos e encantamentos. O desejo realiza-se na idéia, disse-o Van-Helmont -, idéia que não é vã, mas uma idéia-força, que realiza o encantamento.**

**Aí temos, pois, já formulada com três séculos de antecedência, a famosa teoria de Fouillée sobre as "IDÉIAS-FORÇAS", e de maneira até mais completa, de vez que admitindo a objetivação. Van-Helmont chegou mesmo a formular nitidamente a teoria das "formas-pensamento", da ideoplastia, da força organizadora; ao demais, atribuindo-lhes existência efêmera, porém, ativa. É assim que, escreve ele:**

**"O que denomino ESPIRITO DO MAGNETISMO, não são espíritos que nos venham do céu e muito menos do inferno, mas provenientes de um princípio inerente à criatura humana, tal como a faísca que da pedra se desprende. Graças à vontade, o organismo também pode desprender uma pequena parcela de ESPÍRITOS que reveste forma determinada, transformando-se em SER IDEAL. A partir desse momento, esse ESPÍRITO VITAL se torna em coisa como que intermediária do ser corpóreo e dos seres incorpóreos. Assim, é que pode locomover-se à vontade, não mais submisso às limitações de tempo e espaço.**

**Mas, não se veja em tudo isso a consequência de poderes demoníacos, quando apenas se trata de uma faculdade espiritual do homem, a ele estreitamente ligada. Até aqui, hesitei no revelar ao mundo este grande mistério, graças ao qual fica o homem sabendo que tem ao alcance da mão uma energia obediente À VONTADE, ligada ao seu potencial imaginativo, capaz de atuar exteriormente e influir sobre pessoas distantes, muito distantes mesmo".**

**Convém insistir nesta circunstância, a saber: que as afirmativas de Van-Helmont a respeito das propriedades objetiváveis do pensamento e da vontade não eram meramente intuitivas, mas fundadas na observação de fenômeno incontestes, aos quais muitas vezes assistiam esses pioneiros do ocultismo, posto que maturados não fôssem os tempos para interpretar devidamente o que empiricamente constantavam.**

**Também não é menos verdade que, entre os alquimistas de há três séculos, encontramos já devidamente formuladas as propriedades dinâmicas do pensamento e da vontade, propriedades que, em nossos dias, apenas começamos a estudar com métodos rigorosamente científicos. Resta-me agora, prevenir os meus leitores de que os materiais, por mim recolhidos a propósito, são tão abundantes que um grande volume se me importa para desenvolver o assunto de modo completo.**

**Vejo-me destarte, obrigado a apresentar um resumo substancial de cada uma das categorias em que se subdivide o tema. A primeira dessas categorias é de todos familiar e por isso limitarei a esflorá-la concisamente. Refiro-me às provas de natureza indutiva, que as experiências de sugestão hipnótica podem fornecer, a prol da hipótese de um pensamento objetivável. Apenas, para bem elucidar o assunto, suponho necessário precedê-lo de algumas noções gerais, quanto à significação que devemos ligar ao vocabulário "imagens" do ponto de vista psicológico.**

**Denominamos IDÉIAS ou IMAGEM, à lembrança de uma ou de muitas sensações, simples ou associadas. Todo e qualquer pensamento não é mais que um fenômeno de memória, que se resume no despertar ou no reproduzir de uma sensação anteriormente percebido. Existem tantos agregados de imagens, quantos os sentidos que possuímos. Assim, temos grupos de imagens visuais, auditivas, táteis, olfativas, gustativas, motrizes, etc... Aí temos imagens que, ao mesmo tempo que as sensações, constituem a matéria prima de todas as operações intelectuais.**

**Memória, raciocínio, imaginação, são fenômenos psíquicos que, em última análise, consistem no grupar e coordenar imagens, em lhes apreender as conexões, constituídas, a fim de as retocar e agrupar em novas correlações, mais ou menos originais ou complexas, segundo a maior ou menor potência intelectual dos indivíduos. Taine disse: "Assim como o corpo é um polipeiro de células, assim o espírito é um polipeiro de imagens".**

**Pensava-se outrora que as idéias não tinham correlativo fisiológico, isto é, que um substrato físico não lhes foram necessário para manifestarem-se no meio físico. Hoje, pelo contrário, está provado que as idéias ocupam no cérebro as mesmas localizações das sensações. Noutros termos: está provado não ser o pensamento senão uma sensação renascente de modo espontâneo, e que, portanto, ele - o pensamento - é de natureza mais simples e mais fraca que a impressão primitiva, ainda que capaz de adquirir, em condições especiais, uma intensidade suficiente para provocar a ilusão objetiva daquilo com que sonhamos.**

**Mas, o pensamento não é unicamente a ressurreição de sensações anteriores: a faculdade imaginativa domina o homem; é graças a ela que as imagens se combinam entre si, a fim de criarem outras imagens. Por ai se prova existir na inteligência uma iniciativa individual própria, assim como relativa liberdade em face dos resultados da experiência. E isto devido a duas faculdades outras, superiores, da inteligência: - abstração e comparação. Segue-se que a imaginação, a abstração e a comparação dominam as manifestações do espírito, delas decorrendo todos os inventos e descobertas, inspirações e criações do gênio.**

**Isto posto, notarei que um primeiro índice da natureza objetivável das imagens se depara na maneira como se comportam elas nas manifestações do pensamento. Subentendido fica que nos estribamos nos conhecimentos novos sobre o assunto, os quais levam a modificar o ponto de vista até agora mantido, quanto aos modos funcionais da inteligência. Sem estes conhecimentos oriundos das investigações metapsíquicas, não poderíamos, certamente, atribuir aos diversos modismos funcionais, que realizam as imagens, tanto na vigília como no sono natural, a significação que, entretanto, de direito lhe conferimos. (...)**

**36 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. DE MIRANDA- PÁG. 31, 35**

**PENSAMENTO E EMOÇÕES:  
As emoções constituem capítulo da vida humana, que prossegue merecendo acuradas reflexões, de modo a canalizá-las com a segurança e eficiência indispensáveis aos resultados salutares para os quais se encontram na organização fisiopsíquica de cada criatura. Refletindo o estado espiritual em que transitam os homens, invariavelmente manifestam-se em desgoverno levando a paroxismos e desajustes de demorada regularização.**

**Dirigindo o comportamento, fazem que se transite de uma para outra com sofreguidão, em ânsia contínua, que termina por exaurir aquele que se lhes submetem sem o controle necessário. Estimulando o egoísmo, impõem a satisfação pessoal sob os altos custos da inquietação e da insegurança íntima, em face dos novos desejos de gozos insaciáveis, que terminam por constituir característica predominante da conduta individual.**

**Essa busca irrefreável do prazer, que se torna dependência viciosa, fomenta gozos que depois, invariavelmente, se convertem em dores. Entre as mais desgastantes, assume preponderância a ansiedade, que parece imprescindível à vida, qual ocorre com o sal para o paladar de inúmeros alimentos. Pessoas há que não passam sem os condicionamentos das emoções, vivificando a ansiedade que as consome em flamas de angústia.  
  
Mal terminam de lograr a meta perseguida e já se encontram, sôfregas, em batalhas por novas conquistas, transferindo-se de uma realização para novo desejo, com verdadeira volúpia incontrolada. As emoções alimentam-se naqueles que as agasalham e se lhes adaptam aos impositivos caprichosos. Comparemo-las a uma vela cuja finalidade é iluminar. Para o mister, ela gasta combustível, como é fenômeno natural. Preservada para os fins, oferece luz por período largo; no entanto, deixada na direção do ar canalizado, apressa o próprio consumo, e, acesa nas duas extremidades, mais rapidamente se acaba.  
  
Assim também as emoções, que têm finalidade superior, no campo da vida; quando não se submetem à disciplina, exigem carga dupla da energia na qual se sustentam, culminando por destruir a sua fonte geradora. O pensamento, porém, é o agente que as pode conduzir com a proficiência desejada, orientando-as com equilíbrio, a fim de que o rendimento seja positivo, capitalizando valores que merecem armazenados no processo iluminativo para a execução das tarefas nobres.  
  
Esse esforço propicia autoconfiança, harmonia íntima, gerando bem-estar pessoal, que extrapola a área da individualidade e se irradia beneficiando em derredor. Ninguém pode bloquear as emoções ou viver sem elas. Intentar ignorá-las ou pretender esmagá-las é empreendimento inócuo, senão negativo. Toda emoção ou desejo recalcado reaparece com maior vigor, em momentos imprevistos.  
Substituir os interesses negativos e viciosos, por outros de caráter mais gratificante quão duradouro, é o primeiro passo, nessa luta de renovação moral e educação emocional.  
  
Porque o pensamento atua no fluido que a tudo envolve, pelo seu teor vibratório produz natural sintonia com as diversas faixas nas quais se movimentam os Espíritos, na esfera física ou na Erraticidade, estabelecendo vínculos que se estreitam em razão da intensidade mantida. Essa energia fluídica, recebendo a vibração mental, assimila o seu conteúdo emocional e transforma-se, de acordo com as moléculas absorvidas, criando uma psicosfera sadia ou enfermiça em volta daquele que a emite e passa a aspirá-la, experimentando o seu efeito conforme a qualidade de que se constitui.  
  
Quando o episódio é de largo trato e o seu teor é pernicioso, culmina por afetar a organização física ou psíquica do agente desencadeador, dando acesso a processos viróticos, psicopatológicos, degenerativos em geral, obsessivos... A tudo envolvendo, essa força é neutra em si mesma; todavia, maleável e receptiva, altera a sua constituição de acordo com os elementos mentais que a interpenetram. Ao pensamento disciplinado, portanto, cabe a árdua tarefa de educar as emoções, gerando fatores de saúde, que contribuem para a harmonia interior, dando margem ao surgimento de fenômenos de paz e confiança.  
  
A ansiedade, responsável pela instabilidade comportamental e pelo humor, cede lugar, quando a fé comanda a onda mental que se dirige a Deus e se afina com as vibrações-resposta do Pensamento Divino. Outro valioso auxiliar para a empresa, é a meditação, que aprofunda os interesses e as aspirações nas realidades metafísicas, eliminando, a pouco e pouco, as impressões mais fortes das sensações primitivas, que normalmente se sobrepõem às emoções, desarticulando-às.  
  
Pensando, o Espírito estabelece o clima no qual se desenvolve e de cuja energia se nutre. Conforme fixe o pensamento, edifica ou destrói, passando de autor a vítima das próprias maquinações. Pelas afinidades de ondas mentais e interesses emocionais, reúnem-se os seres, que elaboram o habitat no qual se demoram.  
  
A direção correta e constante do pensamento esclarecido, que conhece as causas e finalidades da vida, realiza o controle das emoções, tornando os indivíduos nobres e equilibrados, que não se transtornam diante de provocações, nem se apaixonam ante as sensações, ou se descompensam enfrentando o sofrimento. A amargura e a ansiedade não os sitiam, mesmo que, de passagem, deixem ligeiros sinais que a potente luz do amor real e da certeza da fatalidade feliz do bem faz que desapareçam.**

**PENSAMENTO E PERISPÍRITO:  
Portador de expressiva capacidade plasmadora, o perispírito registra todas as ações do Espírito através dos mecanismos sutis da mente que sobre ele age, estabelecendo os futuros parâmetros de comportamento, que serão fixados por automatismos vibratórios nas reencarnações porvindouras. CORPO INTERMEDIÁRIO, entre o ser pensante, eterno (imortal), e os equipamentos físicos, transitórios, por ele se processam as imposições da mente sobre a matéria e os efeitos dela em retorno à causa geratriz.**

**Captando o impulso do pensamento e computando a resposta da ação, a ele se incorporam os fenômenos da conduta atual do homem, assim programando os sucessos porvindouros, mediante os quais serão aprimoradas as conquistas, corrigidas os erros e reparados os danos destes últimos derivados. Constituído por campos de forças mui especiais, ele irradia vibrações específicas portadoras de carga própria, que facultam a perfeita sintonia com energias semelhantes, estabelecendo áreas de afinidade e repulsão de acordo com as ondas emitidas.**

**Assim, quando por ocasião da reencarnação o Espírito é encaminhado por necessidade evolutiva aos futuros genitores, no momento da fecundação o gameta masculino vitorioso esteve impulsionado pela energia do perispírito do reencarnante, que naquele espermatozóide encontrou os fatores genéticos de que necessitava para a programática a que se deve submeter. A partir desse momento, os códigos genéticos da hereditariedade, em consonância com o conteúdo vibratório dos registos perispirituais, Vão organizando o corpo que o Espírito habitará.  
  
Como é certo que, em casos especiais, há toda uma elaboração de programa para o reencarnante, na generalidade, os automatismos vibratórios das Leis de Causalidade respondem pela ocorrência, que jamais tem lugar ao acaso. Todo elemento irradia vibrações que lhe tipificam a espécie e respondem pela sua constituição. Espermatozóides e óvulos, em consequência, possuem campo de força específico, que propele os primeiros para o encontro com os últimos, facultando o surgimento da célula ovo.  
  
Por sua vez, cada gameta exterioriza ondas que correspondem à sua fatalidade biológica, na programação genética de que se faz portador. Desse modo, o perispírito do reencarnante sincroniza com a vibração do espermatozóide que possui a mesma carga vibratória, sobre ele incidindo e passando a plasmar no óvulo fecundado o corpo compatível com as necessidades evolutivas, como decorrência das catalogadas ações pretéritas. Equilíbrio da forma ou anomalia, habilidades e destreza, ou incapacidade, inteligência, memória e lucidez, ou imbecilidade, atraso mental, oligofrenia serão estabelecidos desde já pela incidência das conquistas espirituais sobre o embrião em desenvolvimento.  
  
Sem descartarmos a hereditariedade nos processos da reencarnação, o seu totalitarismo, conforme pretendem diversos estudiosos da Embriogenia e outras áreas da ciência, não tem razão de ser. Cada Espírito é legatário de si mesmo. Seus atos e sua vida anterior são os plasmadores da sua nova existência corporal, impondo os processos de reabilitação, quando em dívida, ou de felicidade, se em crédito, sob os critérios da Divina Justiça. Certamente, caracteres físicos, fisionômicos e até alguns comportamentais resultam das heranças genéticas e da convivência em família, jamais os de natureza psicológica que afetam o destino, ou de ordem fisiológica no mapa da evolução.  
  
Saúde e enfermidade, beleza e feiúra, altura e pequenez, agilidade e retardamento, como outras expressões da vida física, procedem do Espírito que vem recompor e aumentar os valores bem ou mal utilizados nas existências pretéritas. Além desses, os comportamentos e as manifestações mentais, sexuais, emocionais decorrem dos atos perpetrados antes e que a reencarnação traz de volta para a indispensável canalização em favor do progresso de cada ser. As alienações, os conflitos e traumas, as doenças congênitas, as deformidades físicas e degenerativas, assim como as condições morais, sociais e econômicas, são capítulos dos mecanismos espirituais, nunca heranças familiares, qual se a vida estivesse sob injunções do absurdo e da inconsequência.  
  
A aparente hereditariedade compulsória, assim como a injunção moral atuante em determinado indivíduo, fazendo recordar algum ancestral, explica-se em razão de ser aquele mesmo Espírito, ora renascido no clã, para dar prosseguimento a realizações que ficaram incompletas ou refazer as que foram perniciosas. Motivo este que libera "o filho de pagar pelos pais" ou avós, o que constituiria, se verdadeiro, uma terrível e arbitrária imposição da Justiça que, mesmo na Terra, tem código penalógico mais equilibrado.  
  
Os pensamentos largamente cultivados levam o indivíduo a ações inesperadas, como decorrência da adaptação mental que se permitiu. Desencadeada a ação, os efeitos serão incorporados ao modus vivendi posterior da criatura. E mesmo quando não se convertem em atitudes e realizações por falta de oportunidade, aquelas aspirações mentais, vividas em clima interior, apresentam-se como formas e fantasmas que terão de ser diluídos por meio de reagentes de diferente ordem, para que se restabeleça o equilíbrio do conjunto espiritual.  
  
Conforme a constância mental da idéia, aparece uma correspondente necessidade da emoção. Todos esses condicionamentos estabelecem o organograma físico, mental e moral da futura empresa reencarnacionista a que o Espírito se deve submeter, ante o fatalismo da evolução. O conjunto — Espírito ou mente, perispírito ou psicossoma e corpo ou soma — é tão entranhadamente conjugado da reencamação que, em qualquer período da existência, são articulados ou desfeitos sucessivos equipamentos que procedem da ação de um sobre o outro.**

**O Espírito aspira e o perispírito age sobre os implementos materiais, dando surgimento a respostas orgânicas ou a fatos que retornam à fonte original, como efeito da ação física que o mesmo corpo transfere para o ser eterno, concedendo-lhe crédito ou débito que se incorpora à economia da vida planetária. O mundo mental, das aspirações e ideais, é o grande agente modelador do mundo físico, orgânico. Conforme as propostas daquele, têm lugar as manifestações neste.**

**Assim se compreende porque a Terra é mundo de "PROVAS E EXPIAÇÕES", considerando-se que os Espíritos que nela habitam estagiam na sua grande generalidade em faixas iniciais, inferiores, portanto, da evolução. À medida que o ser evolve, melhores condições estatui para o próprio crescimento, dentro do mesmo critério da LEI DO PROGRESSO, que realiza com mais segurança os mecanismos de desenvolvimento, de acordo com as conquistas logradas.**

**Quanto mais adiantado um povo, mais fáceis e variados são-lhes os recursos para o seu avanço. O pensamento, desse modo, é o agente de grave significado no processo natural da vida, representando o grau de elevação ou inferioridade do Espírito, que, mediante o seu psicossoma ou órgão intermediário, plasma o que lhe é melhor e mais necessário para marchar no rumo da libertação.**

**LEMBRETE:**

**1° - (...) É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual. Allan Kardec**

**2° - (..) no mundo espiritual pensamento constitui uma força criadora, por meio da qual todo Espírito existente no "plano astral" pode reproduzir em torno de si o meio de suas recordações. Ernesto Bozzano**

**3° - O veículo que conduz a prece até ao seu destinatário é o pensamento, o qual se irradia pelo infinito, através de ondulações mentais, à feição das transmissões radiofônicas ou de televisão, que, por meio das ondas eletromagnéticas, cortam o espaço a uma velocidade de 300.000 km por segundo. Rodolfo Caligaris**

**4° - (...) pensar é vibrar, é entrar em relação com o universo da qual nos pomos em sintonia com os planos da espiritualidade. Rodolfo Caligaris**

**5° - (...) é a própria essência do mundo espiritual, sendo a forma fluídica apenas o vestuário (...) Léon Denis**

**6° - O pensamento é uma radiação da mente espiritual, dotada de ponderabilidade e de propriedades quimioeletromagnéticas, constituída por partículas subdivisíveis, ou corpúsculos de natureza fluídica, configurando-se como matéria mental viva e plástica. Partindo da mente, que a elabora, essa radiação se difunde por todo o cosmo orgânico, primeiro através do centro coronário, espraiando-se depois pelo córtex cerebral e pelo sistema nervoso, para afinal atingir todas as células do organismo e projetar-se no exterior. Espírito Áureo**

**7° - O pensamento é força criadora. Ao influxo dessa força formam-se cenas, criam-se "quadros vivos", volta-se ao passado ou projeta-se no futuro, e, dependendo de sua carga emocional, são emitidas vibrações positivas ou negativas, boas ou más. Suely C. S.**

**8° - Pensamento é um atributo do Espírito. É uma reflexão, ou um processo mental, criado ou refletido de outrem. Abrange o que sentimos e o que compreendemos. É o resultado de uma operação mental, seja como fruto de um exame, ou de uma reflexão, na meditação ou na imaginação, a respeito de alguma coisa física ou metafísica. Juvanir B. de Souza**

**9° - O pensamento é, sem dúvida, força criadora de nossa própria alma e, por isto mesmo, é a continuação de nós mesmos. Através dele, atuamos no meio em que vivemos e agimos, estabelecendo o padrão de nossa influência, no bem ou no mal. André Luiz**

|  |  |
| --- | --- |
| **PENA DE MORTE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Após a tempestade - pág. 72** | **02 - Cartas e Crônicas - pág. 93** |
| **03 - Depois da morte - pág. 232** | **04 - Dos hippies aos probl.do mundo - pág. 48** |
| **05 - Espiritismo e criminologia - pág. 155** | **06 - O Livro dos Espíritos - q. 760** |
| **07 - O Mestre na Educação - pág. 110** | **08 - Religião dos Espíritos - pág. 125** |
| **09 - Revista Espírita 1866 - pág. 277** | **10 - Revista Espirita 1867 - pág. 75** |
| **11 - Sexo sublime tesouro - pág. 152** | **12 - Vida e obra de Bezerra de Menezes - pág. 53** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PENA DE MORTE – COMPILAÇÃO**

**01- Após a tempestade - pág. 72 - Pena de morte - Joanna de Ângelis**

**Em razão do crescente surto da delinqüência na sua multiplicidade chocante, que se espalha na Terra, de forma avassaladora, em que o crime se impõe desarvorado, esmagando as florações da esperança e da bondade, legisladores de toda parte voltam a interrogar e sugerir quanto à necessidade da aplicação da pena capital diante de determinados desrespeitos ao código dos direitos do homem, à sua vida e liberdade ...**

**O problema, porém, não obstante a gravidade de que se reveste, não poderá ser solucionado por processos análogos que defluem da violência do próprio crime ulteriormente pelo Estado tornado legal. Lactâncio, cognominado o Cícero cristão, já enunciava no século III que "a eliminação da vida de um homem é sempre uma afronta a Deus".**

**A vida é patrimônio por demais precioso para ser ceifada seja por quem seja. A ninguém, individual ou representativamente pelo Estado, cabe o direito de eliminar o homem, mesmo quando este delinqüiu da forma mais grotesca ou vil. Se o Estado o fizer, torna-se igual ao delinqüente que roubou à vítima sua vida.**

**Em cada criminoso vige um alienado necessitado de assistência competente de modo a reorganizar as paisagens íntimas por meio de terapêutica especializada, a fim de se tornar cidadão útil a si mesmo e à comunidade onde se encontra situado pelos impositivos da vida.**

**A tarefa que compete às leis é a de eliminar o crime, as causas que o fomentam, não o equivocado criminoso. A morte do delinqüente não devolve a vida da vítima. Ao invés da preocupação de matar, encontrar recursos para estimular a vida. Educar, reeducar, são impositivos inadiáveis; matar, não. Tenhamos tento! Não há, no Evangelho, um só versículo que apóie a pena de morte.**

**Quando o homem cai nas malhas do crime e culmina sua ação nefanda no extermínio de vidas ou atenta contra a propriedade por meios da violência, justo que seja cerceado do convívio social, a fim de tratar-se, corrigir-se, resgatar as faltas cometidas, mediante processos compatíveis com as conquistas da moderna civilização.**

**De forma alguma a pena de morte faz diminuir a incidência da criminalidade. Ao contrário, torna-a mais violenta e selvagem, fazendo que o tresloucado agressor, que sabe o destino que lhe está reservado, mais açuladas tenha as paixões destruidoras arrojando-se irremissivelmente nos dédalos das alucinações dissolventes.**

**Compete ao Estado deixar sempre acessível a porta para o ensejo de reparação ao sicário impiedoso ou ao flagelo humano que se converteu em vândalo desavisado. Se o Estado ceifa a vida de um cidadão, não tem o direito de exigir que outros a respeitem.**

**A morte não destrói a vida. Libertando-se o criminoso do domicílio carnal, intoxicado pelo ódio dos instantes finais, vincula-se psiquicamente àqueles que lhe infligiram tal punição, mantendo comunhão mental de rebeldia por meio da qual mais torpes e sombrias ficam as paisagens huumanas ...**

**Processo bárbaro, a pena de morte é tratamento da impiedade e do primitivismo que aniquila a esperança por antecipação, marcando a data da punição destruidora, fora de qualquer possibilidade redentora, que há de desaparecer da legislação terrena.**

**O criminoso não fugirá à consciência nem à injunção reparadora pelas Supremas Leis da Vida. Justo, portanto, facultar ao revel ensancha de recompor-se e reparar quanto possível os males perpetrados.**

**Nesse sentido, a Penologia dispõe de salutares programas de redenção para os transgressores da ordem e do direito, trânsfugas do dever e da responsabilidade, nossos irmãos atormentados da senda evolutiva. Obviamente a questão se situa na anterioridade da alma, no seu processo depurador. ..**

**Necessário implantar na Terra, quanto antes, as condições morais saudáveis de que nos fala o Evangelho, a fim de auxiliarmos tais espíritos enfermos que retomam para reajustarem-se, defrontando desafetos e adversários que a morte aniquilou, tornando-os irmãos e amigos.**

**Sem dúvida as condições sociais que promovem o crime e fomentam a existência dos criminosos devem merecer melhor tratamento humano, a fim de que aqueles que vivem nos escabrosos e sórdidos guetos de miséria conheçam dignidade e sejam com honradez considerados.**

**Aristóteles, na sua Política, preceituava que o homem, para ser virtuoso, necessitava possuir alguns bens do espírito, do corpo e das coisas exteriores, sem os quais germes criminógenos poderiam levá-lo ao desequilíbrio.**

**A era tecnológica, mais preocupada com os valores objetivos e os da indústria do supérfluo e da inutilidade, vem esquecendo os legítimos ideais do homem, seus pendores espirituais, suas realizações éticas, seus sonhos e ideais de enobrecimento.**

**Emulando para as aquisições de fora, facultando comodidade e prazer imediatos, faz anular a felicidade no seu sentido profundo, que independe das conquistas transitórias para as realizações essenciais e imorredouras do ser. .. Aos cristãos legítimos cabe o indeclinável labor de persistir na bondade, na eqüidade, na paciência.**

**A perseverança no amor, talvez com resultados demorados, consegue a modificação da face externa das coisas e da intimidade humana para as realizações do enobrecimento. Matar, jamais!**

**Um crime não pode ser solucionado por meio de outro, dê-se-lhe o nome ou a posição legal que se lhe queira dar: jamais terá validade moral. Diante, portanto, da agressividade, revida com a tolerância. Ante a ira, resposta com a benevolência. Junto ao ódio, dissemina o amor.**

**Ao lado da hostilidade sistemática, propõe o perdão indistinto. Perante o acusador gratuito oferece a paciência gentil, tradutora da inocência. Só o bem tem existência real e permanente. Consegue triunfar, por fim, mesmo quando aparentemente campeia e domina o mal.**

**Não engrosses as fileiras dos que, violentos, pensam em eliminar ...São capazes, também, na sua revolta, de cometer crimes equivalentes àqueles para os quais, veementemente, pedem a punição capital do infrator. Ignoras tuas forças. Não sabes como te portarias na posição daquele que agora é o algoz.**

**Esparze e semeia o amor, sim, criando condições joviais e felizes para todos, oferecendo o teu precioso contributo - mesmo que seja a coisa mais insignificante - a fim de modificar o estado atual do mundo, e o crime baterá em retirada, constituindo no futuro triste sombra do passado, conforme nos promete Jesus.**

**02 - Cartas e Crônicas - Irmão X - pág. 93**

**21 - Acerca da pena de morte  
Indaga você como apreciam os desencarnados a instituição da pena de morte, e acrescenta: — «não será justo subtrair o corpo ao espírito que se fez criminoso? será lícito permitir a comunhão de um tarado com as pessoas normais ?» E daqui poderíamos argumentar: — quem de nós terá usado o corpo como devia? quem terá atingido a estatura espiritual da verdadeira humanidade para considerar-se em plenitude de equilíbrio?  
  
A execução de uma sentença de morte, na maioria dos casos, é a libertação prematura da alma que se arrojou ao despenhadeiro da sombra. E sabemos que só a pena de viver na carne é suscetível de realizar a recuperação daqueles que se fizeram réus confessos diante dos tribunais humanos. Não vale afugentar moscas sem curar a ferida. Eliminar a carne não é modificar o espírito.  
  
Um assassinado, quando não possui energia suficiente para desculpar a ofensa e esquecê-la, habitualmente passa a gravitar em torno daquele que lhe arrancou a vida, criando os fenômenos comuns da obsessão; e as vítimas da forca ou do fuzilamento, do machado ou da cadeira elétrica, se não constituem padrões de heroísmo e renunciação, de imediato, além-túmulo, vampirizam o organismo social que lhes impôs o afastamento do veículo físico, transformando-se em quistos vivos de fermentação da discórdia e da indisciplina.  
  
O tribunal terrestre jamais decidirá, com segurança, sobre a extinção do crime, sem o concurso ativo do hospital e da escola. Sem o professor e sem o médico, O juiz de sã consciência viverá sempre atormentado pela obrigação de prender e condenar, descendo da dignidade da toga para ombrear com os que se dedicam à flagelação alheia. A função da justiça penal, dentro da civilização considerada cristã, é, acima de tudo, reeducar.  
  
Sem o entendimento fraterno na base de nossas relações uns com os outros, não nos distanciaremos do labirinto de talião, que pretende converter o mundo em eterno sorvedouro de males renascentes. Jesus, o divino libertador, veio quebrar as algemas que nos jungiam aos princípios do castigo igual à culpa. A educação é a mola do processo de redimir a mente cristalizada nas trevas.  
  
Organizar a penitenciária renovadora, onde o serviço e o livro encontrem aplicação adequada, é a solução para o escuro problema da criminalidade, entre os homens, mesmo porque o melhor desforço da sociedade, contra o delinquente, é deixá-lo viver, na reparação das próprias faltas. Cada espírito respira no céu ou no inferno que formou para si mesmo...  
  
Aqui, temos o «campo dos efeitos», e aí, no mundo, o «campo das causas». E enquanto a alma se demora no «campo das causas», há sempre oportunidade de consertar e reajustar, melhorando as consequências. Não é morrendo que encontraremos facilidade para a reconciliação. E' aprendendo com as rudes lições do educandário de matéria densa que se nos apuram as qualidades morais para a ascensão do espírito.  
  
Ninguém, pois, precisará inquietar-se, provocando essa ou aquela reivindicação pela violência. A lei da harmonia universal funciona em todos os planos da vida, encarregando-se de tudo restaurar no momento oportuno. Quanto ao ato de condenar, quem de nós se revelará em condições de exercer semelhante direito?  
  
Quantos de nós não somos malfeitores indiscutíveis, simplesmente por não encontrar a presa, no instante preciso da tentação? quantos delitos teremos perpetrado em pensamento? Só a educação, alicerçada no amor, redimir-nos-á a multimilenária noite da ignorância.  
  
Se você demonstra interesse tão grande na regeneração dos costumes, defendendo com tamanho entusiasmo a suposta legalidade da pena de morte, vasculhe o próprio coração e a própria consciência e verifique se está isento de faltas. Se você já superou os óbices da animalidade, adquirindo a grande compreensão a preço de sacrifício, estimaria saber se terá realmente coragem para amaldiçoar os pecadores do mundo, atirando-lhes «a primeira pedra».**

**03 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 232**

**XXXVI — OS ESPÍRITOS INFERIORES  
O Espírito puro traz em si próprio sua luz e sua felicidade, que o seguem por toda parte e lhe integram o ser. Assim também o Espírito culpado consigo arrasta a própria noite, seu castigo, seu opróbrio. Pelo fato de não serem materiais, não deixam de ser ardentes os sofrimentos das almas perversas. O inferno é mais que um lugar quimérico, um produto de imaginação, um espantalho talvez necessário para conter os povos na infância, porém que, neste sentido, nada tem de real. É completamente outro o ensino dos Espíritos sobre os tormentos da vida futura; aí não figuram hipóteses.  
  
Esses sofrimentos, com efeito, são-nos descritos por aqueles mesmos que os suportam, assim como outros vêm patentear-nos a sua ventura. Nada é imposto por uma vontade arbitrária; nenhuma sentença é pronunciada. O Espírito sofre as consequências naturais de seus atos, que, recaindo sobre ele próprio, o glorificam ou acabrunham. O ser padece na vida de além-túmulo não só pelo mal que fez, mas também por sua inação e fraqueza. Enfim, essa vida é obra sua: tal qual ele a produziu. O sofrimento é inerente ao estado de imperfeição, mas atenua-se com o progresso e desaparece quando o Espírito vence a matéria.  
  
A punição do Espírito mau continua não só na vida espiritual, mas, ainda, nas encarnações sucessivas que o levam a mundos inferiores, onde a existência é precária e a dor reina soberanamente; mundos que podemos qualificar de infernos. A Terra, em certos pontos de vista, deve entrar nessa categoria. Ao redor desses orbes, galés rolando na imensidade, flutuam legiões sombrias de Espíritos imperfeitos esperando a hora da reencarnação.  
  
Vimos quanto é penosa, prolongada, cheia de perturbação e angústia, a fase do desprendimento corporal para o Espírito entregue às más paixões. A ilusão da vida terrena prossegue para ele durante anos. Incapaz de compreender o seu estado e de quebrar os laços que o tolhem, nunca elevando sua inteligência e seu sentimento além do círculo estreito de sua existência, continua a viver, como antes da morte, escravizado aos seus hábitos, às suas inclinações, indignando-se porque seus companheiros parecem não mais vê-lo nem ouvi-lo, errante, triste, sem rumo, sem esperança, nos lugares que lhe foram familiares.**

**São as almas penadas, cuja presença já de há muito se tem suspeitado em certas residências, e cuja realidade é demonstrada diariamente por muitas e ruidosas manifestações. A situação do Espírito depois da morte é resultante das aspirações e gostos que ele desenvolveu em si. Aquele que concentrou todas as suas alegrias, toda a sua ventura nas coisas deste mundo, nos bens terrestres, sofre cruelmente desde que disso se vê privado. Cada paixão tem em si mesmo a sua punição. O Espírito que não soube libertar-se dos apetites grosseiros e dos desejos brutais torna-se destes um joguete, um escravo.**

**Seu suplício é estar atormentado por eles sem os poder saciar. Pungente é a desolação do avarento, que vê dispersar-se o ouro e os bens que amontoou. A estes se apega apesar de tudo, entregue a uma terrível ansiedade, a transportes de indescritível furor. Igualmente digna de piedade é a situação dos grandes orgulhosos, dos que abusaram da fortuna e de seus títulos, só pensando na glória e no bem-estar, desprezando os pequenos, oprimindo os fracos. Para eles não mais existem os cortesãos servis, a criadagem desvelada, os palácios, os costumes suntuosos. Privados de tudo o que lhes fazia a grandeza na Terra, a solidão e o abandono esperam-no no espaço. Se as massas novamente os seguem é para lhes confundir o orgulho e acabrunhá-los de zombarias.  
  
Mais tremenda ainda é a condição dos Espíritos cruéis e rapaces, dos criminosos de qualquer espécie que sejam, dos que fizeram correr sangue ou calcaram a justiça aos pés. Os lamentos de suas vítimas, as maldições das viúvas e dos órfãos soam aos seus ouvidos durante um tempo que se lhes afigura a eternidade. Sombras irônicas e ameaçadoras os rodeiam e os perseguem sem descanso. Não pode haver para eles um retiro assaz profundo e oculto; em vão, procuram o repouso e o esquecimento. A entrada numa vida obscura, a miséria, o abatimento, a escravidão somente lhes poderão atenuar os males.  
  
Nada iguala a vergonha, o terror da alma que, diante de si, vê elevar-se sem cessar as suas existências culpadas, as cenas de assassínios e de espoliação, pois se sente descoberta, penetrada por uma luz que faz reviver as suas mais secretas recordações. A lembrança, esse aguilhão incandescente, a queima e despedaça.  
  
Quando se experimenta esse sofrimento, devemos compreender e louvar a Providência Divina, que, no-lo poupando durante a vida terrena, nos dá assim, com a calma de espírito, uma liberdade maior de ação, para trabalhar­mos em nosso aperfeiçoamento. Os egoístas, os homens exclusivamente preocupados com seus prazeres e interesses, preparam também um penoso futuro. Só tendo amado a si próprios, não tendo ajudado, consolado, aliviado pessoa alguma, do mesmo modo não encontram nem simpatias nem auxílios nem socorro nessa nova vida. Insulados, abandonados, para eles o tempo corre uniforme, monótono e lento. Experimentam triste enfado, uma incerteza cheia de angústias.**

**O arrependimento de haverem perdido tantas horas, desprezado uma existência, o ódio dos interesses miseráveis que os absorveram, tudo isso devora e consome essas almas. Sofrem na erraticidade até que um pensamento caridoso os toque e luza em sua noite como um raio de esperança; até que, pelos conselhos de um Espírito, rom­pam, por sua vontade, a rede fluídica que os envolve e decidam-se a entrar em melhor caminho.  
  
A situação dos suicidas tem analogia com a dos criminosos; muitas vezes, é ainda pior. O suicídio é uma covardia, um crime cujas consequências são terríveis. Segundo a expressão de um Espírito, o suicida não foge ao sofrimento senão para encontrar a tortura. Cada um de nós tem deveres, uma missão a cumprir na Terra, provas a suportar para nosso próprio bem e elevação. Procurar subtrair-se, libertar-se dos males terrestres antes do tempo marcado é violar a lei natural, e cada atentado contra essa lei traz para o culpado uma violenta reação. O suicídio não põe termo aos sofrimentos físicos nem morais.**

**O Espírito fica ligado a esse corpo carnal que esperava destruir; experimenta, lentamente, todas as fases de sua decomposição; as sensações dolorosas multiplicam-se, em vez de diminuírem. Longe de abreviar sua prova, ele a prolonga indefinidamente; seu mal-estar, sua perturbação persistem por muito tempo depois da destruição do invólucro carnal. Deverá enfrentar novamente as provas às quais supunha poder escapar com a morte e que foram geradas pelo seu passado. Terá de suportá-las em piores condições, refazer, passo a passo, o caminho semeado de obstáculos, e para isso sofrerá uma encarnação mais penosa ainda que aquela à qual pretendeu fugir.  
  
São espantosas as torturas dos que acabam de ser supliciados, e as descrições que delas nos fazem certos assassinos célebres podem comover os corações mais duros, mostrando à justiça humana os tristes efeitos da pena de morte. A maioria desses infelizes acha-se entregue a uma excitação aguda, a sensações atrozes que os tornam furiosos. O horror de seus crimes, a visão de suas vítimas, que parecem persegui-los e trespassá-los como uma espada, alucinações e sonhos horrendos, tal é a sorte que os aguarda.  
  
Muitos, buscando um derivativo a seus males, lançam-se aos encarnados de tendências semelhantes e os impelem ao crime. Outros, devorados pelo fogo inextinguível dos remorsos, procuram, sem tréguas, um refúgio que não podem encontrar. Sob seus passos, ao seu redor, por toda parte, eles julgam ver cadáveres, figuras ameaçadoras e lagos de sangue.  
  
Os Espíritos maus sobre os quais recai o peso acabrunhador de suas faltas não podem prever o futuro; nada sabem das leis superiores. Os fluidos que os envolvem privam-nos de toda relação com os Espíritos elevados que queiram arrancá-los à sua inércia, às suas inclinações, pois isso lhes é difícil por causa de sua natureza grosseira, quase material, e do limitado campo de suas percepções; resulta daí uma ignorância completa da própria sorte e uma tendência para acreditarem que são eternos os seus sofrimentos. Alguns, imbuídos ainda de prejuízos católicos, supõem e dizem viver no inferno.**

**Devorados pela inveja e pelo ódio, muitos, a fim de se distraírem de suas aflições, procuram os homens fracos e inclinados ao mal. Apegam-se a eles e insuflam-lhes funestas aspirações. Destes excessos, porém, advêm-lhes, pouco a pouco, novos sofrimentos. A reação do mal causado prende-os numa rede de fluidos mais sombrios. As trevas se fazem mais completas; um círculo estreito forma-se e à sua frente levanta-se o dilema da reencarnação penosa, dolorosa.  
  
Mais calmos são aqueles a quem o arrependimento tocou e que, resignados, vêem chegar o tempo das provas ou estão resolvidos a satisfazer a eterna justiça. O remorso, como uma pálida claridade, esclarece vagamente sua alma, permite que os bons Espíritos falem ao seu entendimento, animando-os e aconselhando-os.**

**04 - Dos hippies aos problemas do mundo - Francisco Cândido Xavier - pág. 48**

**10 - A pena de morte  
ALMIR: A pergunta seguinte cabe a Saulo Go­mes.  
SAULO: Em pelo menos dez estados dos Estados Unidos da América do Norte, ainda no Oriente Médio, em execuções recentes, produto das guerras e aqui no Brasil, em consequência de problemas políticos, nós temos um dos mais debatidos temas do mundo jurídico universal: a pena de morte. Como vêem os espíritos que lhe iluminam e lhe acompanham, como vê, você, Chico Xavier, com a autoridade e responsabilidade a aplicação da pena de morte, por qualquer que seja o motivo em qualquer parte do mundo?  
  
CHICO XAVIER: Nosso Emmanuel que está presente nos pede considerarmos, já que a personalidade de Nosso Senhor Jesus Cristo está recebendo o enfoque de nossos pensamentos e de nossas palavras, ele nos convida a recordarmos com a máxima veneração pelas nossas leis e pelas autoridades que as expõem ele nos solicita recordarmos, na condição de cristãos, a parábola do Bom Samaritano, um ensinamento considerado antigo, mas há dentro dele uma nota de profunda significação.**

**É que, dentro da parábola, existem as qualificações, menos uma: um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu em poder de malfeitores que o feriram e o deixaram sem qualquer comiseração. Em seguida passou um religioso, que o viu e seguiu adiante. Em seguida veio um levita, que o viu também e passou adiante. Em seguida veio um samaritano, considerado homem até mesmo sem qualquer qualificação religiosa, mas era um samaritano e fez ali o papel da caridade, do amor que devemos uns aos outros.**

**Em seguida aparece um hospedeiro. Todos os que apareceram foram qualificados peio Senhor menos a vítima: a vítima era um homem. E o homem, seja quem seja, merece o nosso respeito. Os últimos, que estão nas prisões, por crimes catalogados em nosso Código Penal, eles são doentes, naturalmente que a Justiça exerce a função de medicina espiritual. Cada sentença é uma cirurgia no corpo espiritual daquele que necessitou da segregação para ser convenientemente tratado.**

**Mas, nós somos cristãos. Não podemos censurar ninguém, mas devemos pedir a Deus para que os nossos magistrados, os responsáveis pelos nossos tribunais de Justiça se compadeçam de nós e que ninguém morra em nome da Justiça. Porque nós todos somos irmãos. O cárcere que evoluiu tanto depois de Jesus. Nós temos penitenciárias que são verdadeiras escolas. Conheço pessoalmente a penitenciária de Neves, a 18 quilómetros da terra em que eu nasci, que honra o Governo do Estado de Minas Gerais.   
  
Nós devemos acreditar que a Justiça terá recursos para criar sentenças de tratamento espiritual, para segregar a nós outros, quando nós estivermos em desacordo com os princípios de fraternidade e de respeito, que nos regem uns diante dos outros. Mas a pena de morte( vide itens 760 a 766 de O Livro dos Espíritos) é alguma coisa que merece a nossa oração, pelos nossos magistrados, para que eles não percam a alma cristã, o coração cristão, que lutamos tanto para edificar.**

**Dizemos isto respeitando as determinações da Justiça em nossos tribunais. Mas a vítima era um homem, um homem que na parábola não se sabia quem era, se ele era abastado ou menos abastado, se ele era amadurecido, se era jovem, se ele era um elemento da sexualidade dita normal ou uma criatura filiada a conflitos sexuais muito grandes, nós não sabemos a que raça pertencia aquele homem, de onde é que ele vinha, a que família pertencia, o que ele buscava.**

**A vítima era um homem. E aqueles que estão considerados fora da lei são doentes que a Justiça saberá tratar, para devolver ao equilíbrio e à normalidade. Mas, a vítima, na parábola, podia ser um de nós.**  
**06 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Questões: 760 a 765**

**VII - PENA DE MORTE  
Perg. 760. - A pena de morte desaparecerá um dia da kgislação humana?   
— A pena de morte desaparecerá incontestavelmente e sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens forem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra. Os homens não terão mais necessidade de ser julgados pelos homens. Falo de uma época que ainda está muito longe de vós. O progresso social ainda deixa muito a desejar, mas seríamos injustos para com a sociedade moderna se não víssemos um progresso nas restrições impostas à pena de morte entre os povos mais adiantados e à natureza dos crimes aos quais se limita a sua aplicação. Se compararmos as garantias de que a justiça se esforça para cercar hoje o acusado, a humanidade com que o trata, mesmo quando reconhecidamente culpado, com o que se praticava em tempos que não vão muito longe, não poderemos deixar de reconhecer a via progressiva pela qual a Humanidade avança.  
  
Perg. 761. - A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar a sua própria vida; ao aplica ele esse direito, quando elimina da sociedade um membro perigoso?  
— Há outros meios de se preservar do perigo, sem matar. É necessário, aliás, abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento.  
  
Perg. 762. - Se a pena de morte pode ser banida das sociedades civilizadas, não foi entretanto uma necessidade em tempos menos adiantados?  
— Necessidade não é o termo. O homem sempre julga uma coisa necessária, quando não encontra nada melhor. Mas, à medida que se esclarece, vai compreendendo melhor o que é justo ou injusto e repudia excessos cometidos nos tempos de ignorância, em nome da justiça.  
  
Perg. 763. - A restrição dos casos em que se aplica a pena de morte é um índice do progresso da civilização?   
— Podes duvidar disso? Não se revolta o teu Espírito lendo os relatos morticínios humanos que antigamente se faziam em nome da justiça freqüentemente, em honra à Divindade; das torturas a que se submetia o condenado, e mesmo o acusado, para lhe arrancar, a peso de sofrimento, a confissão de um crime que ele muitas vezes não havia cometido? Pois bem; se tivesses vivido naqueles tempos acharias tudo natural talvez, tivesses feito o mesmo. E assim que o que parece justo numa época parece bárbaro em outra. Somente as leis divinas são eternas. As leis humanas modificam-se com o progresso. E se modificarão ainda, até que sejam colocadas em harmonia com as leis divinas. Definição perfeita da concepção espírita da moral. Os princípios verdadeiros de moral são de natureza eterna, e os costumes dos povos se modificam pela da evolução, em direção daqueles princípios. A sociologia materialista, tratando apenas dos costumes, criou o falso conceito de relatividade da moral, já em declínio, entretanto, no pensamento moderno. O homem intui cada vez de maneira mais clara as leis divinas da moral, na proporção em que progride. Os seus costumes se depuram e a sua moral se harmoniza com essas leis superiores. (N. do T.)  
  
Perg. 764. - Jesus, disse: "Quem matar pela espada, perecerá pela espada . Essas palavras não representam a consagração da pena de talião? E a morte impaste ao assassino não é a aplicação dessa pena?  
— Tomai tento! Estais equivocados quanto a estas palavras, como acerca de muitas outras. A pena de talião é a justiça de Deus; é ele quem a aplica. Todos vós sofreis a cada instante essa pena, porque sois punidos naquilo em que pecais, nesta vida ou numa noutra. Aquele que fez sofrer o seu semelhante estará numa situação em que sofrerá o mesmo. É este o sentido das palavras de Jesus. Pois não vos disse também: "Perdoai aos vossos inimigos"? E não vos ensinou a pedir a Deus que perdoe as vossas ofensas da maneira que perdoastes, ou seja, na mesma proporção em que houverdes perdoado? Compreendei bem isso.  
  
Perg. 765. - Que pensar da pena de morte imposta em nome de Deus ?  
— Isso equivale a tomar o lugar de Deus na prática da justiça. Os que agem assim revelam quanto estão longe de compreender a Deus e quanto ( têm ainda a expiar. É um crime aplicar a pena de morte em nome de Deus, e os que o fazem são responsáveis por esses assassinatos.  
  
07 - O Mestre na Educação - Pedro de Camargo (Vinícius) - pág. 110**

**25 - CLAMA SEM CESSAR  
À página 29, do livro de Amado Nervo, "Plenitud", encontramos, no capítulo intitulado "Todos têm fome", os seguintes comentários acerca da precariedade humana:"Bem sabes que neste orbe, todos têm fome: fome de pão, fome de luz, fome de paz, fome de amor.  
Este é o mundo dos famintos. A fome de pão, melodramática e ruidosa, é a que mais comove, porém não é a mais digna de comiseração.  
  
Que me dizes, por exemplo, da fome de amor? Que me dizes, daquele que deseja que o queiram, e passa pela vida, sem que ninguém lhe conceda uma migalha de carinho? E o faminto de luz? Imagina a fome de um pobre Espírito que anseia por conhecimentos e se choca sempre contra o granito que serve de pedestal à Esfinge?  
  
E a fome de paz que atormenta o peregrino inquieto, forçado a sangrar os pés e o coração por ínvios caminhos? Todos os homens têm fome, e todos nós estamos, por isso, em condições de exercer a caridade. Aprende, pois, a conhecer a fome do que te procura, tomando sempre em consideração esta advertência: com exceção da fome de pão, todas as demais se escondem. Quanto mais angustiosas, mais ocultas." Muita sabedoria esta página encerra. Notemos que a fome do corpo é uma, enquanto que a do Espírito assume várias modalidades, cada qual a mais dolorosa e de efeitos mais alarmantes e extensivos.**

**A fome de pão restringe-se ao indivíduo, não contamina terceiros, enquanto que as diversas espécies de fome espiritual generalizam suas consequências comprometendo a coletividade. Tempos atrás os jornais noticiaram um crime deveras impressionante pelas suas proporções e pela maneira trágica de que se revestiu. Um pai de família, depois de assassinar um seu patrício, eliminou a esposa e três filhos menores, suicidando-se em seguida. Notícias dessa categoria são mais ou menos comuns nestes tempos.**

**É mesmo raro o dia em que a imprensa deixa de registrar casos semelhantes. Como se explica, ou melhor, qual a causa de tais tragédias? Incontestavelmente a causa está na carência de luz, na miséria espiritual que lavra na sociedade em que vivemos; está, positivamente, no descaso em que permanece a educação dos sentimentos, a formação do caráter e da consciência moral do indivíduo. Se os protagonistas das tragédias sanguinolentas tivessem recebido desde a infância uma educação conveniente, procurando despertar em suas almas a noção da responsabilidade e o senso da justiça, por certo não se sentiriam capazes de ferir e matar.  
  
A inconsciência da responsabilidade e a incompreensão da lei de consequência armam o braço do criminoso, encorajando-o à prática dos maiores delitos. O crime, pois, sob seus aspectos variados, resulta de uma falha moral, de um nível baixo de espiritualidade, de um desequilíbrio psíquico em suma, que só a educação bem compreendida e convenientemente ministrada pode solucionar. Infelizmente, o critério generalizado sobre a educação e seus efeitos está longe de corresponder à realidade na sociedade contemporânea. Muita gente descrê do valor da educação, porque não pode verificar os seus resultados imediatos. Quer milagres.**

**A educação representa um fator natural na esfera do espírito, como sói acontecer à germinação da semente no plano terreno. Não se trata de faquirismo, mas do preparo e cultivo do solo que, após os devidos cuidados, produzirá frutos de acordo com a sementeira feita. Os homens são apressados. Querem tudo para o momento. Prever para prover, não entra em suas cogitações. Em todos os setores de atividade verifica-se o açodamento com que pretendem resolver problemas, cuja solução depende de medidas preliminares que não foram tomadas.**

**Entram em ação os processos tumultuários, imediatistas e atrabiliários, que geram confusão, dispêndios inúteis e perda de tempo. Em geral os homens querem fazer alguma coisa que os notabilize. Empreender obras, cujo remate e cujos resultados não sejam para os seus dias, não lhes interessa, considerando que a glória vai caber a outrem. Preferem sempre, por isso, semear couves a plantar carvalhos. Como pretendem combater o crime? Eliminando ou enjaulando o criminoso, o que vale dizer, incidindo em crime igual ou maior, porque premeditado e protegido pela lei. Educar o delinquente leva muito tempo, ao passo que eletrocutá-lo é coisa rápida e sumária. Vê-se logo o resultado.**

**Mas, que espécie de resultado? O estado de delinquência social, a proliferação do crime por toda parte, nos meios ditos civilizados, atestam bem a eficiência daquela medida. Alegar-se que ninguém tem o direito sobre a vida de outrem, não impressiona os legisladores da pena de morte, por isso que os homens só conhecem o direito e as leis que eles mesmos concebem e decretam. Vejamos o que diz o biologista Alexis Garrei sobre as condições da nossa civilização: "A civilização, tal como a conhecemos, não convém à humanidade; ela não tem base no conhecimento da nossa verdadeira natureza.**

**É devida ao capricho das descobertas científicas; é fruto dos apetites, das ilusões, dos desejos humanos. Embora construída por nós, ela não se adapta à nossa medida. Que remédio haverá para uma civilização tão desumana? A nossa atividade deve tomar outro rumo: o espiritual. O problema humano encontrará a sua solução no problema da infância e da juventude, pois, na criança, "existe tudo." Educar a infância é semear o bom grão; é preparar uma nova sociedade, é criar um novo mundo onde habitará a justiça; onde reinará a solidariedade, garantindo o pão para todas as bocas, e a fraternidade, a todos oferecendo ensejo de revelarem suas capacidades.**

**É tempo de reconhecermos essas verdades. O Espiritismo, tendo por escopo principal promover a transformação do indivíduo, não pode permanecer por mais tempo alheio ao processo cuja eficácia é indiscutível na melhoria individual e social: a educação que, iniciada na infância, se transforma, no adulto, em auto-educação, realizando o sábio imperativo evangélico: Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai que está nos céus.  
  
Léon Denis, o grande apóstolo da Terceira Revelação, proferiu a seguinte sentença: "O Espiritismo será o que os homens o fizerem." Esta frase do eminente e destacado filósofo, com franqueza, impressionou-me mal, durante muito tempo. Eu não me acomodava com o conceito de Denis. Achava que ele foi infeliz naquela expressão, porque, argumentava comigo mesmo: O Espiritismo é a Verdade e a Verdade é o que é e não o que os homens pretendem que seja.  
  
Mais tarde, porém, com a reserva de experiências que fui acumulando, verifiquei que Léon Denis tem toda a razão no que disse a propósito da Doutrina Espírita. Realmente, as coisas se passam neste mundo, tal qual o conceito daquele conspícuo pensador. As palavras são as vestes das idéias. Os homens as interpretam segundo os seus interesses e pendores pessoais, das suas escolas e partidos. É assim que eles mudam as vestiduras de uma idéia para outra, muito diversa, e, insistindo nessa troca, acabam conseguindo que o falso passe como verdadeiro, o irreal como pura evidência. A história humana está repleta de fatos dessa espécie.  
  
Vejamos, por exemplo, o que foi o Cristianismo no seu berço, na sua fonte pulcra e o que é nos dias que correm. Que fizeram os homens do século do Cristianismo? Jesus predicou e deu testemunho de mansuetude, de solidariedade e das relações fraternas que devem servir de norma à vida humana, Partindo da paternidade divina, irmanou raças, nações e povos, abolindo as causas de separação. Fez notar, enfaticamente, que as finalidades do Destino estão na conquista do reino de Deus, que é o da justiça, da liberdade e do amor. Sob a égide de tais postulados, Jesus afirmou: Eu venci o mundo. O que fizeram os homens, repetimos, dessa divina doutrina?**

**Abandonaram aqueles sábios preceitos, enveredaram pela estrada do despotismo, empregando a violência ao invés da mansuetude. Ao uso da razão, ao emprego da inteligência entrosada no sentimento, para resolver os seus problemas, o homem preferiu o canhão e as bombas incendiárias que arrasam cidades e talam os campos, esquecidos de que Jesus proclamara ter vencido o mundo utilizando-se, apenas, de forças espirituais.  
  
Alegam, porém, que há casos que só o canhão pode solucionar. Nada obstante, o canhão troa, sinistramente, há séculos e milênios, enchendo o espaço com o eco lúgubre do seu ronco satânico, sem jamais ter resolvido nenhum problema social. Aí estão, de pé, desafiando a sua eficácia, o pauperismo, a doença, a orfandade, a ignorância, o vício e o crime — problemas humanos estes, de ontem, de hoje e de todos os tempos, e, com estes, estão aí, também, os problemas novos — da distribuição da riqueza e da circulação das utilidades da vida. Que conseguiram os canhões? Que têm logrado os estadistas, os sociólogos, os economistas e moralistas que, justificando o emprego da força, pontificaram e pontificam até esta data?  
  
Concluímos, pois, que o Cristianismo não permaneceu o que realmente é, mas ficou sendo o que os homens o fizeram. Cumpre, agora, indagar: Que pretendem os homens fazer do Espiritismo, desviando-o de sua finalidade, precípua e verdadeira, que é, como desdobramento do Cristianismo, acender o facho da luz no interior das consciências, regenerando e reformando o homem através da Educação, tal como exemplificou o Divino Mestre em sua passagem por este mundo?  
  
Espíritas que me ouvis: Voltai vossa atenção para a escola — solução única de todos os problemas, dizendo com Jesus: Deixai vir a mim os pequeninos, porque deles é o reino dos céus.  
  
  
08 - Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 125**

**PENA DE MORTE - REUNIÃO PÚBLICA DE 10-07-59 - QUESTÃO N° 760  
Todos os fundadores das grandes instituições religiosas, que ainda hoje influenciam ativamente a comunidade humana, partiram da Terra com a segurança do trabalhador ao fim do dia.  
  
Moisés, ancião, expira na eminência do Nebo, contemplando a Canaã prometida.  
Sidarta, o iluminado construtor do Budismo, depois de abençoada peregrinação entre os homens, abandona o corpo físico, num horto florido de Kuçinagara.  
  
Confúcio, o sábio que plasmou todo um sistema de princípios morais para a vida chinesa, encontra a morte num leito pacífico, sob a vigilância de um neto afetuoso.  
  
E, mais tarde, Maomé, o criador do Islamismo, que consentiu em ser adorado pelos discípulos, na categoria de imortal, sucumbe em Medina, dentro de sólida madureza, atacado pela febre maligna.  
  
Com Jesus, entretanto, a despedida é diferente O divino fundador do Cristianismo, que define a Religião Universal do Amor e da Sabedoria, em plena vitalidade juvenil, é detido pela perseguição gratuita e trancafiado no cárcere. Ninguém lhe examina os antecedentes, nem lhe promove recursos à defensiva.  
  
Negado pelos melhores amigos, encontra-se sozinho, entre juizes astuciosos, qual ovelha esquecida em meio de chacais. Aliam-se o egoísmo e a crueldade para sentenciá-lo ao sacrifício supremo.  
  
Herodes, patrono da ordem pública, chamado a pronunciar-se em seu caso, determina se lhe dê o tratamento cabível aos histriões. Pilatos, responsável pela justiça, abstém-se de conferir-lhe o direito natural.  
  
E, entregue à multidão amotinada na cegueira de espírito, é preferido a Barrabás, o malfeitor, para sofrer a condenação insólita. Decerto, para induzir-nos à compaixão, aceitou Jesus padecer em silêncio os erros da justiça terrestre, alinhando-se, na cruz, entre os injuriados e as vítimas sem razão, de todos os tempos da Humanidade.  
  
Cristãos de todas as interpretações do Evangelho e de todos os quadrantes do mundo, atentos à exemplificação do Eterno Benfeitor, apartai o criminoso do crime, como aprendestes a separar o enfermo da enfermidade! Educai o irmão transviado, quanto curais o companheiro doente!  
  
Desterrai, em definitivo, a espada e o cutelo, o garrote e a forca, a guilhotina e o fuzil, a cadeira elétrica e a câmara de gás dos quadros de vossa penologia, e oremos, todos juntos, suplicando a Deus nos inspire paciência e misericórdia, uns para com os outros, porque, ainda hoje, em todos os nossos julgamentos, será possível ouvir, no ádito da consciência, o aviso celestial do nosso Divino Mestre, condenado à morte sem culpa: - "Quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra!".  
  
LEMBRETE:**

**1° - (...) A PENA DE MORTE é um crime (...) e os que a impõem se sobrecarregam de outros tantos assassínios. Allan Kardec**

**2° - (...) A morte como castigo para o crime exprime uma conceituação simplista da deliquência, que Jesus, há dois mil anos, situava como enfermidade da alma. O enfermo deve ser medicado, não eliminado. Richar Simonetti**

|  |  |
| --- | --- |
| **PENA DE TALIÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Boa Nova - pág. 97** | **02 - Cartas e crônicas - pág. 29** |
| **03 - De Mário a Tiradentes - pág. 177** | **04 - Entre o amor e a guerra - pág. 170** |
| **05 - Libertação- pág. 84** | **06 - O Céu e o Inferno- parte. 2 cap. 8** |
| **07 - O consolador - pág. 162** | **08 - O Livro dos Espíritos- q. 764** |
| **09 - O que é o Espiritismo - pág. 199** | **10 - Obras Póstumas - pág. 216, 218** |
| **11 - Pão Nosso - pág. 155** | **12 - Revista Espírita - 1861 - pág. 286** |
| **13 - Senzala - pág. 181** | **14 - Vozes do Grande Além - pág. 51, 259** |
| **15 - As leis morais - pág. 103** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PENA DE TALIÃO – COMPILAÇÃO**

**01- Boa Nova - Humberto de Campos - pág. 97**

**14 A LIÇÃO A NICODEMOS  
Em face dos novos ensinamentos de Jesus, todos os fariseus do templo se tomavam de inexcedíveis cuidados, pelo seu extremado apego aos textos antigos. O Mestre, porém, nunca perdeu ensejo de esclarecer as situações mais difíceis com a luz da verdade que a sua palavra divina trazia ao pensamento do mundo. Grande número de doutores não conseguia ocultar o seu descontentamento, porque, não obstante suas atividades derrotistas, continuavam as ações generosas de Jesus beneficiando os aflitos e os sofredores. Discutiam-se os novos princípios, no grande templo de Jerusalém, nas suas praças públicas e nas sinagogas. Os mais humildes e pobres viam no Messias o emissário de Deus, cujas mãos repartiam em abundância os bens da paz e da consolação. As personalidades importantes temiam-no.  
  
É que o profeta não se deixava seduzir pelas grandes promessas que lhe faziam com referência ao seu futuro material. Jamais temperava a sua palavra de verdade com as conveniências do comodismo da época. Apesar de magnânimo para com todas as faltas alheias, combatia o mal com tão intenso ardor, que para logo se fazia objeto de hostilidade para todas as intenções inconfessáveis. Mormente em Jerusalém que, com o seu cosmopolitismo, era um expressivo retrato do mundo, as idéias do Senhor acendiam as mais apaixonadas discussões. Eram populares que se entregavam à apologia franca da doutrina de Jesus, servos que o sentiam com todo o calor do coração reconhecido, sacerdotes que o combatiam abertamente, convencionalistas que não o toleravam, indivíduos abas­tados que se insurgiam contra os seus ensinos.  
  
Todavia, sem embargo das dissensões naturais que precedem o estabelecimento definitivo das idéias novas, alguns espíritos acompanhavam o Messias, tomados de vivo interesse pelos seus elevados princípios. Entre estes, figurava Nicodemos, fariseu notável pelo coração bem formado e pelos dotes da inteligência. Assim, uma noite, ao cabo de grandes preocupações e longos raciocínios, procurou a Jesus, em particular, seduzido pela magnanimidade de suas ações e pela grandeza de sua doutrina salvadora. O Messias estava acompanhado apenas de dois dos seus discípulos e recebeu a visita com a sua bondade costumeira. Após a saudação habitual e revelando as suas ânsias de conhecimento, depois de fundas meditações, Nicodemos dirigiu-se-lhe respeitoso:  
  
— Mestre, bem sabemos que vindes de Deus, pois somente com a luz da assistência divina poderíeis realizar o que tendes efetuado, mostrando o sinal do céu em vossas mãos. Tenho empregado a minha existência em interpretar a lei, mas desejava receber a vossa palavra sobre os recursos de que deverei lançar mão para conhecer o Reino de Deus! O Mestre sorriu bondosamente e esclareceu: — Primeiro que tudo, Nicodemos, não basta que tenhas vivido a interpretar a lei. Antes de raciocinar sobre as suas disposições, deverias ter-lhe sentido os textos. Mas, em verdade devo dizer-te que ninguém conhecerá o Reino do Céu, sem nascer de novo. — Como pode um homem nascer de novo, sendo velho? — interrogou o fariseu, altamente surpreendido. — Poderá, porventura, regressar ao ventre de sua mãe?  
  
O Messias fixou nele os olhos calmos, consciente da gravidade do assunto em foco, e acrescentou:— Em verdade, reafirmo-te ser indispensável que o homem nasça e renasça, para conhecer plenamente a luz do reino!...— Entretanto, como pode isso ser? — perguntou Nicodemos, perturbado.— És mestre em Israel e ignoras estas coisas? — inquiriu Jesus, como que surpreendido. — É natural que cada um somente testifique daquilo que saiba; porém, precisamos considerar que tu ensinas. Apesar disso, não aceitas os nossos testemunhos. Se falando eu de coisas terrenas sentes dificuldades em compreendê-las com os teus raciocínios sobre a lei, como poderás aceitar as minhas afirmativas quando eu disser das coisas celestiais? Seria loucura destinar os alimentos apropriados a um velho para o organismo frágil de uma criança.  
  
Extremamente confundido, retirou-se o fariseu, ficando André e Tiago empenhados em obter do Messias o necessário esclarecimento, acerca daquela lição nova. Jerusalém quase dormia sob o véu espesso da noite alta. Silêncio profundo se fizera sobre a cidade. Jesus, no entanto, e aqueles dois discípulos continuavam presos à conversação particular que haviam entabulado. Desejavam eles ardentemente penetrar o sentido oculto das palavras do Mestre. Como seria possível aquele renascimento? Não obstante os seus conhecimentos, também partilhavam da perplexidade que levara Nicodemos a se retirar fundamente surpreendido.— Por que tamanha admiração, em face destas verdades? — perguntou- lhes Jesus, bondosamente. — As árvores não renascem depois de podadas? Com respeito aos homens, o processo é diferente, mas o espírito de renovação é sempre o mesmo. O corpo é uma veste. O homem é seu dono.**

**Toda roupagem material acaba rota, porém, o homem, que é filho de Deus, encontra sempre em seu amor os elementos necessários à mudança do vestuário. A morte do corpo é essa mudança indispensável, porque a alma caminhará sempre, através de outras experiências, até que consiga a imprescindível provisão de luz para a estrada definitiva no Reino de Deus, com toda a perfeição conquistada ao longo dos rudes caminhos. André sentiu que uma nova compreensão lhe felicitava o espírito simples e perguntou: — Mestre, já que o corpo é como que a roupa material das almas, por que não somos todos iguais no mundo? Vejo belos jovens, junto de aleijados e paralíticos...— Acaso não tenho ensinado — disse Jesus — que tem de chorar todo aquele que se transforma em instrumento de escândalo? Cada alma conduz consigo mesma o inferno ou o céu que edificou no âmago da consciência. Seria justo conceder-se uma segunda veste mais perfeita e mais bela ao espírito rebelde que estragou a primeira?**

**Que diríamos da sabedoria de Nosso Pai, se facultasse as possibilidades mais preciosas aos que as utilizaram na véspera para o roubo, o assassínio, a destruição? Os que abusaram da túnica da riqueza vestirão depois as dos fâmulos e escravos mais humildes, como as mãos que feriram podem vir a ser cortadas.— Senhor, compreendo agora o mecanismo do resgate — murmurou Tiago, externando a alegria do seu entendimento. — Mas, observo que, desse modo, o mundo precisará sempre do clima do escândalo e do sofrimento, desde que o devedor, para saldar seu débito, não poderá fazê-lo sem que outro lhe tome o lugar com a mesma dívida. O Mestre apreendeu a amplitude da objeção e esclareceu os discípulos, perguntando:  
  
— Dentro da lei de Moisés, como se verifica o processo da redenção? Tiago meditou um instante e respondeu: — Também na lei está escrito que o homem pagará "olho por olho, dente por dente". — Também tu, Tiago, estás procedendo como Nicodemos — replicou Jesus com generoso sorriso. — Como todos os homens, aliás, tens raciocinado, mas não tens sentido. Ainda não ponderaste, talvez, que o primeiro mandamento da lei é uma determinação de amor. Acima do "não adulterarás", do "não cobiçarás", está o "amar a Deus sobre todas as coisas, de todo o coração e de todo o entendimento". Como poderá alguém amar o Pai, aborrecendo-lhe a obra? Contudo, não estranho a exiguidade de visão espiritual com que examinaste o texto dos profetas. Todas as criaturas hão feito o mesmo. Investigando as revelações do céu com o egoísmo que lhes é próprio, organizaram a justiça como o edifício mais alto do idealismo humano.**

**E, entretanto, coloco o amor acima da justiça do mundo e tenho ensinado que só ele cobre a multidão dos pecados. Se nos prendemos à lei de talião, somos obrigados a reconhecer que onde existe um assassino haverá, mais tarde, um homem que necessita ser assassinado; com a lei do amor, porém, compreendemos que o verdugo e a vítima são dois irmãos, filhos de um mesmo Pai. Basta que ambos sintam isso para que a fraternidade divina afaste os fantasmas do escândalo e do sofrimento. Ante as elucidações do Mestre, os dois discípulos estavam maravilhados. Aquela lição profunda esclarecia-os para sempre.  
  
Tiago, então, aproximou-se e sugeriu a Jesus que proclamasse aquelas verdades novas na pregação do dia seguinte. O Mestre dirigiu-lhe um olhar de admiração e interrogou:— Será que não compreendeste? Pois, se um doutor da lei saiu daqui sem que eu lhe pudesse explicar toda a verdade, como queres que proceda de modo contrário, para com a compreensão simplista do espírito popular? Alguém constrói uma casa iniciando pelo teto o trabalho? Além disso, mandarei mais tarde o Consolador, a fim de esclarecer e dilatar os meus ensinos. Eminentemente impressionados, André e Tiago calaram as derradeiras interrogações. Aquela palestra particular, entre o Senhor e os discípulos, permaneceria guardada na sombra leve da noite em Jerusalém; mas, a lição a Nicodemos estava dada. A lei da reencarnação estava proclamada para sempre, no Evangelho do Reino.  
  
02 - Cartas e crônicas - Irmão X - pág. 29**

**6 - Tragédia no circo  
Naquela noite, da época recuada de 177, o «concilium» de Lião regurgitava de povo.  
Não se tratava de nenhuma das assembléias tradicionais da Gália, junto ao altar do Imperador, e sim de compacto ajuntamento. Marco Aurélio reinava, piedoso, e, embora não houvesse lavrado qualquer rescrito em prejuízo maior dos cristãos, permitira se aplicassem na cidade, com o máximo rigor, todas as leis existentes contra eles. A matança, por isso, perdurava, terrível.  
  
Ninguém examinava necessidades ou condições. Mulheres e crianças, velhos e doentes, tanto quanto homens válidos e personalidades prestigiosas, que se declarassem fiéis ao Nazareno, eram detidos, torturados e eliminados sumariamente. Através do espesso casario, a montante da confluência do Ródano e do Saône, multiplicavam-se prisões, e no sopé da encosta, mais tarde conhecida como colina de Fourvière, improvisara-se grande circo, levantando-se altas paliçadas em torno de enorme arena. As pessoas representativas do mundo lionês eram sacrificadas no lar ou barbaramente espancadas no campo, enviando-se os desfavorecidos da fortuna, inclusive grande massa de escravos, ao regozijo público.  
  
As feras pareciam agora entorpecidas, após massacrarem milhares de vítimas, nas mandíbulas sanguissedentas. Em razão disso, inventavam-se tormentos novos. Verdugos inconscientes ideavam estranhos suplícios. Senhoras cultas e meninas ingênuas eram desrespeitadas antes que lhes decepassem a cabeça, anciães indefesos viam-se chicoteados até a morte. Meninos apartados do reduto familiar eram vendidos a mercadores em trânsito, para servirem de alimárias domésticas em províncias distantes, e nobres senhores tombavam assassinados nas próprias vinhas. Mais de vinte mil pessoas já haviam sido mortas.  
  
Naquela noite, a que acima nos referimos, anunciou-se para o dia seguinte a chegada de Lúcio Galo, famoso cabo de guerra, que desfrutava atenções especiais do Imperador por se haver distinguido contra a usurpação do general Avídio Cássio, e que se inclinava agora a merecido repouso. Imaginaram-se, para logo, comemorações a caráter. Por esse motivo, enquanto lá fora se acotovelavam gladiadores e jograis, o patrício Ãlcio Plancus, que se dizia descendente do fundador da cidade, presidia a reunião, a pedido do Propretor, programando os festejos.— Além das saudações, diante dos carros que chegarão de Viena — dizia, algo tocado pelo vinho abundante —, é preciso que o circo nos dê alguma cena de exceção... O lutador Setímio poderia arregimentar os melhores homens; contudo, não bastaria renovar o quadro de atletas...  
  
— A equipe de dançarinas nunca esteve melhor — aventou Caio Marcelino, antigo legionário da Bretanha que se enriquecera no saque. — Sim, sim... — concordou Ãlcio — instruiremos Musônia para que os bailados permaneçam à altura... — Providenciaremos um encontro de auroques — lembrou Pérsio Níger. — Auroques! Auroques!... — clamou a turba em aprovação.— Excelente lembrança! — falou Plancus em voz mais alta — mas, em consideração ao visitante, é imperioso acrescentar alguma novidade que Roma não conheça. .. Um grito horrível nasceu da assembléia:— Cristãos às feras! cristãos às feras! Asserenado o vozerio, tornou o chefe do conselho: — Isso não constitui novidade! E há circunstâncias desfavoráveis. Os leões recém-chegados da África estão preguiçosos...  
Sorriu com malícia e chasqueou:  
  
— Claro que surpreenderam, nos últimos dias, ten­tações e viandas que o próprio Lúculo jamais encontrou no conforto de sua casa...  
Depois das gargalhadas gerais, Álcio continuou, irônico: — Ouvi, porém, alguns companheiros, ainda hoje, e apresentaremos um plano que espero resulte certo. Poderíamos reunir, nesta noite, aproximadamente mil crianças e mulheres cristãs, guardando-as nos cárceres... E, amanhã, coroando as homenagens, ajuntá-las-emos na arena, molhada de resinas e devidamente cercada de farpas embebidas em óleo, deixando apenas passagem estreita para a liberação das mais fortes. Depois de mostradas festivamente em público, incendiaremos toda a área, deitando sobre elas os velhos cavalos que já não sirvam aos nossos jogos. .. Realmente, as chamas e as patas dos animais formarão muitos lances inéditos...  
  
— Muito bem! Muito bem! — rugiu a multidão, de ponta a ponta do átrio. — Urge o tempo — gritou Plancus — e precisamos do concurso de todos... Não possuímos guardas suficientes. .. E erguendo ainda mais o tom de voz:— Levante a mão direita quem esteja disposto a cooperar. Centenas de circunstantes, incluindo mulheres robustas, mostraram destra ao alto, aplaudindo em delírio. Encorajado pelo entusiasmo geral, e desejando distribuir a tarefa com todos os voluntários, o dirigente da noite enunciou, sarcástico e inflexível:  
— Cada um de nós traga um. . . Essas pragas jazem escondidas por toda a parte... Caçá-las e exterminá-las é o serviço da hora. ..  
  
Durante a noite inteira, mais de mil pessoas, ávidas de crueldade, vasculharam residências humildes e, no dia subsequente, ao Sol vivo da tarde, largas filas de mulheres e criancinhas, em gritos e lágrimas, no fim de soberbo espetáculo, encontraram a morte, queimadas nas chamas alteadas ao sopro do vento, ou despedaçadas pelos cavalos em correria. Quase dezoito séculos passaram sobre o tenebroso acontecimento... Entretanto, a justiça da Lei, através da reencarnação, reaproximou todos os responsáveis, que, em diversas posições de idade física, se reuniram de novo para dolorosa expiação, a 17 de dezembro de 1961, na cidade brasileira de Niterói, em comovedora tragédia num circo.**

**03 - Libertação - André Luiz - pág. 84**

**(..) Não somos distribuidores de sofrimento, e, sim, mordomos do Governo do Mundo. Nossa função é a de selecionar delinquentes, a fim de que as penas lavradas pela vontade de cada um sejam devidamente aplicadas em lugar e tempo justos. Quem abriu a boca para vilipendiar e ferir, prepare-se para receber, de retorno, as forças tremendas que desencadeou através da palavra envenenada. Quem abrigou a calúnia, suportará os gênios infelizes aos quais confiou os ouvidos.  
  
Quem desviou a visão para o ódio e para a desordem, descubra novas energias para contemplar os resultados do desequilíbrio a que se consagrou, espontaneamente. Quem utilizou as mãos em sementeiras de malícia, discórdia, inveja, ciúme e perturbação deliberada, organize resistência para a colheita de espinhos. Quem centralizou os sentidos no abuso de faculdades sagradas espere, doravante, necessidades enlouquecedoras, porque as paixões envilecen-tes, mantidas pela alma no corpo físico, explodem aqui, dolorosas e arrasadoras.**

**A represa por longo tempo guarda micróbios e monstros, segregados a distância do curso tranquilo das águas; todavia, chega um momento em que a tempestade ou a decadência surpreendem a obra vigorosa de alvenaria e as formas repelentes, libertadas, se espalham e crescem em toda a extensão da corrente. Seguidores do vício e do crime, tremei! Condenados por vós mesmos, conservais a mente prisioneira das mais baixas forças da vida, à maneira do batráquio encarcerado no visco do pântano, ao qual se habituou no transcurso dos séculos!..."  
  
Nesse ponto, o orador fez pausa e reparei os circunstantes. Olhos esgazeados pelo pavor jaziam abertos em todas as máscaras fisionômicas. O juiz, por sua vez, não parecia respeitar o menor resquício de misericórdia. Mostrava-se interessado em criar ambiente negativo a qualquer espécie de soerguimento moral, estabelecendo nos ouvintes angustioso temor. Prolongando-se o intervalo, enderecei com o olhar silenciosa interrogação ao nosso orientador, que me falou quase em segredo:  
  
- O julgador conhece à saciedade as leis mag­néticas, nas esferas inferiores, e procura hipnotizar as vítimas em sentido destrutivo, não obstante usar, como vemos, a verdade contundente.- Não vale acusar a edilidade desta colônia -prosseguiu a voz trovejante -, porque ninguém escapará aos resultados das próprias obras, quanto o fruto não foge às propriedades da árvore que o produziu.  
Amaldiçoados sejam pelo Governo do Mundo quem nos desrespeite as deliberações, baseadas, alias, nos arquivos mentais de cada um.**

**06 - O Céu e o Inferno - Allan Kardec - parte. 2 cap. 8 - Antonio B...**

**Antônio B... (Enterrado vivo — Pena de talião)  
Antônio B..., escritor de estimadíssimo merecimento, que exercera com distinção e integridade muitos cargos públicos na Lombardia, pelo ano de 1850 caiu aparentemente morto, de um ataque apoplético. Como algumas vezes sucede em casos dessa natureza, a sua morte foi considerada real, concorrendo ainda mais para o engano os vestígios da decomposição assinalados no corpo. Quinze dias depois do enterro, uma circunstância fortuita determinou a exumação, a pedido da família. Tratava-se de um medalhão por acaso esquecido no caixão. Qual não foi, porém, o espanto dos assistentes quando, ao abrir este, notaram que o corpo havia mudado de posição, voltando-se de bruços e — coisa horrível — que uma das mãos havia sido comida em parte pelo defunto.  
  
Ficou então patente que o infeliz Antônio B... fora enterrado vivo e deveria ter sucumbido de desespero e por fome. Evocado na Sociedade de Paris, em agosto de 1861, a pedido de parentes, deu as seguintes explicações:  
1. Evocação. Que quereis?  
2. A pedido de um vosso parente, nós vos evocamos com prazer e seremos felizes se quiserdes responder-nos. R. -Sim, desejo fazê-lo.  
3. Lembrai-vos dos incidentes da vossa morte? R. -Ah! Certamente que me lembro; mas por que avivar essa lembrança do castigo?  
4. Efetivamente fostes enterrado por descuido? R. -Assim deveria ser, visto revestir-se a morte aparente de todos os característicos da morte real; eu estava quase exangue. Privado de circulação do sangue. Descoloração da pele; privação do sangue.  
Não se deve, porém, imputar a ninguém um acontecimento que me estava reservado desde que nasci.  
5. Incomodam-vos essas perguntas? Será mister lhe darmos fim? R. -Não. Podeis continuar.  
6. Porque deixastes a reputação de um homem de bem, esperamos que fosseis feliz.  
R. -Eu vos agradeço, pois sei que haveis de interceder por mim. Vou fazer o possível para vos responder e, se não o puder fazer, o fará um dos vossos Guias por mim.  
7. Podeis descrever-nos as vossas sensações daquele momento?  
R. -Que dolorosa provação sentir-me encerrado entre quatro tábuas, tolhido, absolutamente tolhido! Gritar! Impossível!  
-A voz, por falta de ar, não tinha eco! Ah! Que tortura a do infeliz que em vão se esforça para respirar num ambiente limitado! Eu era como um condenado à boca de um forno, abstração feita do calor. A ninguém desejo um fim rematado por semelhantes torturas. Não, não desejo a ninguém um fim assim! Oh! Cruel punição de cruel e feroz existência! Não saberia dizer no que então pensava; apenas revendo o passado, vagamente entrevia o futuro.  
8. Dissestes — cruel punição de feroz existência... Como se pode conciliar esta afirmativa com a vossa reputação ilibada?  
R. -Que vale uma existência diante da eternidade?!  
-Certamente procurei ser honesto e bom na minha última encarnação, mas eu aceitara um tal epílogo previamente, isto é, antes de encarnar. Ah! Por que interrogar-me sobre esse passado doloroso que só eu e os bons Espíritos enviados do Senhor conhecíamos? Mas, visto que assim é preciso, dir-vos-ei que numa existência anterior eu enterrara viva uma mulher — a minha mulher, e por sinal que num fosso! A pena de talião devia ser-me aplicada. Olho por olho, dente por dente.  
9. Agradecemos essas respostas e pedimos a Deus vos perdoe o passado, em atenção ao mérito da vossa última encarnação.  
R. -Voltarei mais tarde, mas, não obstante, o Espírito de Erasto completará esta minha comunicação.  
Instruções do Guia do Médium  
Com essa comunicação podeis inferir a correlatividade e dependência Imediata das vossas existências entre si; as tribulações, as vicissitudes, as dificuldades e dores humanas são sempre as consequências de uma vida anterior, culposa ou mal aproveitada. Devo todavia dizer-vos que desfechos como este de Antônio B... são raros, visto como se assim terminou uma existência correta, foi porte-lo solicitado ele próprio, com o objetivo de abreviar a sua erraticidade e atingir mais rápido as esferas superiores. Efe-tivamente, depois de um período de perturbação e sofrimento moral, inerente à expiação do hediondo crime, ser-lhe-á perdoado este, e ele se alçará a um mundo melhor, onde o espera a vítima que há muito lhe perdoou. Aproveitai este exemplo cruel, queridos espíritos, a fim de suportardes, com paciência, os sofrimentos morais e físicos, todas as pequenas misérias da Terra.  
P. Que proveito pode a Humanidade auferir de semelhantes punições?  
R. -As penas não existem para desenvolver a Humanidade, porém para punição daqueles que erram. De fato, a Humanidade não pode ter interesse algum no sofrimento de um dos seus membros. Neste caso, a punição foi apropriada à falta. Por que há loucos, idiotas, paralíticos?-Por que morrem estes queimados, enquanto aqueles padecem as tor­turas de longa agonia entre a vida e a morte?  
-Ah! Crede-me; respeitai a soberana vontade e não procureis sondar a razão dos decretos da Providência! Deus é justo e só faz o bem.  
  
Erasto.  
Esse fato não encerra ensinamento terrível? A justiça de Deus às vezes tardia, nem por isso deixa de atingir o culpado, prosseguindo em seu aviso. É altamente moralizador o saber-se que, se grandes culpados acabam pacificamente na abundância de bens terrenos, nem por isso deixará de soar cedo ou tarde, para eles, a hora da expiação. Penas tais são compreensíveis, não só por estarem mais ou menos ao alcance das nossas vistas, mas também por serem lógicas. Cremos, porque a razão admite. Uma existência honrosa não exclui, portanto, as provações da vida, que são escolhidas e aceitas como complemento de expiação—o restante do pagamento de uma dívida saldada antes de receber o preço do progresso realizado.  
  
Considerando quanto nos séculos passados eram frequentes, mesmo nas classes mais elevadas e esclarecidas, os atos de barbárie que hoje repugnam; quantos assassínios cometidos naqueles tempos de menosprezo pela vida de outrem, esmagado o fraco pelos poderosos sem escrúpulos; então compreenderemos que muitos dói nossos contemporâneos têm de expungir máculas passadas, • tampouco nos admiraremos do número considerável de pessoas que sucumbem vitimadas por acidentes isolados ou por catástrofes coletivas.  
  
O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os preconceitos na Idade Média e dos séculos que se seguiram, legaram às gerações futuras uma dívida enorme, que ainda não está saldada. Muitas desgraças nos parecem imerecidas, somente porque apenas vemos o presente.  
  
07 - O consolador - Emmanuel - pág. 162**

**Perg. 272: Qual a significação da Lei de Talião "olho por olho, dente por dente", em face da necessidade da redenção de todos os espíritos pelas reencarnações sucessivas? - A lei de talião prevalece para todos os espíritos que não edificaram ainda o santuário do amor nos corações e que representam a quase totalidade dos seres humanos.**

**Presos, ainda, aos milênios do pretérito, não cogitaram de aceitar e aplicar o Evangelho a si próprios, permanecendo encarcerados em círculos viciosos de dolorosas reencarnações expiatórias e purificadoras. Moisés proclamou a Lei Antiga, muitos séculos antes do Senhor. Como já foi dito, o profeta hebraico apresentava a Revelação com a face divina da Justiça; mas, com Jesus, o homem do mundo recebeu o código perfeito do Amor. Se Moisés ensinava o "olho por olho, dente por dente", Jesus Cristo esclarecia que o "amor cobre a multidão dos pecados".**

**Daí a verdade de que as criaturas humanas se redimirão pelo amor e se elevarão a Deus por ele, anulando com o bem todas as forças que lhes possam encarcerar o coração nos sofrimentos do mundo.**

**08 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questão: 764**

**Perg. 764: Jesus disse: "Quem matar pela espada, perecerá pela espada". Essas palavras não representam a consagração da pena de talião? E a morte imposta ao assassino não é a aplicação desta pena?**

**-Tomai tento! Estais equivocado quanto a estas palavras, como acerca de muitas outras. A pena de talião é a justiça de Deus; é ele quem a aplica. Todo vós sofreis a cada instante essa pena, porque sois punidos naquilo em que pecais, nesta vida ou numa noutra. Aquele que fez sofrer o seu semelhante estará numa situação em que sofrerá o mesmo. É este o sentido das palavras de Jesus. Pois não vos disse também: "Perdoai aos vossos inimigos? E não vos ensinou a pedir a Deus que perdoe as vossas ofensas da maneira que perdoastes, ou seja, na mesma proporção em que houverdes perdoado! Compreendei bem isso.**

**11 - Pão Nosso - Emmanuel - pág. 155**

**72 - CONTEMPLA MAIS LONGE: "Porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão". - Jesus (Lucas, 6:38)**

**Para o esquimó, o céu é um continente de gelo, sustentado as focas. Para o selvagem da floresta, não há outro paraíso, além da caça abundante. Para o homem de religião sectária, a glória de além-túmulo pertence exclusivamente a ele e aos que se lhe afeiçoam.**

**Para o sábio, este mundo e os círculos celestiais que o rodeiam são pequeninos departamentos do Universo. Transfere a observação para o teu campo de experiência diária e não olvides que as situações externas serão retratadas em teu plano interior, segundo o material de reflexão que acolhes na ciência.**

**Se perseverares na cólera, todas as forças em torno te parecerão iradas. Se preferes a tristeza, anotarás o desalento, em cada trecho do caminho. Se duvidas de ti próprio, ninguém em teu esforço. Se te habituaste às perturbações e aos atritos, dificilmente saberás viver em paz contigo mesmo.**

**Respirarás na zona superior ou inferior, torturada ou tranquila, em que colocas a própria mente. E, dentro da organização na qual te comprazes, viverás com os gênios que invocas. Se te deténs no repouso, poderás adquirí-lo em todos os tons e matizes, e, se te fixares no trabalho, encontrarás mil recursos diferentes de servir.**

**Em torno de teus passos, a paisagem que te abriga será sempre em tua apreciação aquilo que pensas dela, porque com a mesma medida que aplicares à Natureza, obra viva de Deus, a Natureza igualmente te medirá.**

**15 - AS LEIS MORAIS - RODOLFO CALLIGARIS - PÁG. 103**

**Pode parecer à primeira vista que justiça e misericórdia sejam virtudes antagônicas, que se excluam reciprocamente. Daí a razão de muitos não compreenderem como possa Deus exercitá-las, sem que uma precise ser anulada para que a outra prevaleça.  
  
Tudo, entretanto, se torna claro quando nos lembramos de que as boas qualidades morais são filhas do Amor e que este sentimento sublime sempre encontra meios de harmonizá-las. Senão, vejamos. A Justiça exige que toda infração à Lei seja punida e desde a origem dos tempos isso tem acontecido, infalivelmente.  
  
Aliás, todos os grandes missionários religiosos que têm vindo à Terra, inspirados que foram pelo Alto, estabeleceram em seus códigos a pena de talião, ou seja, castigo igual à culpa. O "olho por olho e dente por dente", de Moisés, p. ex., e o "quem com espada fere, com espada será ferido", do Cristo, são preceitos que consagram esse princípio fundamental da Justiça.  
  
Moisés, todavia, dava ao ofendido o direito de tirar desforra, pessoalmente e na proporção da ofensa recebida, enquanto o Cristo, surgindo entre nós quando era chegado o momento de os terrícolas darem início a uma fase mais avançada de sua evolução espiritual, trouxe como missão ensiná-los a quebrar as cadeias do mal a que se jungiam pela lei de ação e reação.  
  
Introduziu nas relações humanas, então, uma nova ética: "amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio e orai pelos que vos perseguem e caluniam", exemplificando-a, ele mesmo, até às últimas consequências.  
  
Não deixou, porém, de adverti-los, mui explicitamente: "Se perdoardes aos outros as faltas que cometerem contra vós, também vosso Pai celestial vos perdoará os pecados, mas, se não lhes perdoardes quando vos tenham ofendido, tão-pouco vosso Pai celestial vos perdoará os pecados."  
  
Analisando, a fundo, estas novas regras de conduta, percebe-se conterem elas a mesma justiça da pena de talião, com a diferença de que, ao invés de "castigo igual à culpa", acenam com "prêmio igual ao merecimento". Reparemos bem:Aquele que revida ao seu ofensor com igual ofensa, está exercendo a justiça, cobrando o que lhe devem, mas, por sua vez, terá de pagar na mesma moeda toda injúria que fizer a outrem.  
  
Já aquele que perdoa as ofensas recebidas, fica com um crédito do mesmo valor na contabilidade celeste, crédito esse que será levado em conta quando lhe aconteça cometer alguma falta. E quem não está sujeito a errar? Por haver entendido perfeitamente esse mecanismo da Justiça Divina é que o colégio apostólico proclamava, amiúde: "suportai-vos uns aos outros", "tende entre vós mútua caridade", "o amor cobre uma multidão de pecados", etc.  
  
Talvez nos perguntem: no segundo caso, sendo o ofensor perdoado pelo ofendido, ficará sem a punição devida? Absolutamente! A Providência cuidará disso e, seja na mesma existência ou em outra (s) posterior (es), ele "sofrerá o que tenha feito sofrer", não porque apraza a Deus castigar os culpados, mas para que todos se corrijam, progridam e sejam felizes.  
  
E é assim, deixando-nos experimentar os funestos resultados de nossas más ações, bem como nos ensejando a oportunidade de emendar-nos através das vidas sucessivas, que Deus se revela, a um só tempo, soberanamente justo e misericordioso, como convém Àquele que é o Santo dos santos.**

**Quando transportamos para a vida prática os luminosos ensinamentos do Cristo, preferindo perdoar a usar de represálias, retribuindo ao mal com o bem, a paz e a alegria farão morada permanente em nossos corações, valendo isso dizer que já estaremos adentrando "o reino dos céus". (L.E., Cap. VI, q. 764)**

**LEMBRETE: Não podemos nos esquecer que a LEI DE TALIÃO (PENA DE TALIÃO) pertence a Deus e somos todos julgados de acordo com ela, mas, Jesus veio nos informar que não há necessidade da forma em si (se matei um homem com um tiro na cabeça, eu voltarei em uma nova encarnação na qual ele me dará um tiro na minha cabeça), que o amor e o trabalho com caridade apaga muitas faltas, embora, não nos esqueçamos que sempre deverá ser proporcional o resgate (o reajuste) de acordo com a falta cometida.**

Edivaldo Fontana

|  |  |
| --- | --- |
| **PENAS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Almas em desfile - pág. 84** | **02 - Espiritismo para crianças - pág. 29** |
| **03 - Manual e Dic. B.do Espiritismo - pág. 83** | **04 - Memórias de um suicida - pág. 227** |
| **05 - O Céu e o Inferno - pág. 68, 86, 344** | **06 - O Consolador - pág. 146** |
| **07 - O Evangelho S.o Espiritismo - Cap. XXVII,21** | **08 - O Livro dos Espíritos - 4ª.parte, cap. I** |
| **09 - O pensamento de Emmanuel - pág. 227** | **10 - O ser subconsciente - pág. 34** |
| **11 - Revista Espirita 1860 - pág. 57** | **12 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PENAS** **– COMPILAÇÃO**

**05 - O Céu e o Inferno - Allan Kardec - pág. 68, 86, 344**

**CAPITULO VI - DOUTRINA DAS PENAS ETERNAS  
Origem da Doutrina das Penas Eternas  
1 — A crença na eternidade das penas perde terreno cada dia, de tal maneira que, mesmo não sendo profeta, podemos prever o seu fim próximo. Ela tem sido combatida por argumentos tão poderosos e decisivos, que parece quase supérfluo ocuparmo-nos dela hoje, bastando que a deixássemos extinguir-se por si mesma. Não se pode, entretanto, esquecer que, por mais caduca que ela pareça, ainda permanece como o centro de resistência dos adversários das idéias novas, o ponto que eles defendem com mais ardor porque é um dos seus flancos mais vulneráveis, e porque prevêem as consequências da sua queda.  
Nesse sentido, a questão merece um exame sério.  
  
2 — A doutrina das penas eternas, como a do inferno material, teve a sua razão de ser quando podia servir de freio para os homens intelectual e moralmente pouco desenvolvidos. Da mesma maneira que eles não podiam impressionar-se muito com a idéia de penas espirituais, também não se impressionariam com penalidades temporais. Não compreenderiam mesmo a justiça das penas graduais e proporcionais, porque não estavam aptos a apreender as nuanças quase sempre sutis entre o bem e o mal, nem o valor relativo das circunstâncias atenuantes ou agravantes.  
  
3 — Quanto mais próximos do estado primitivo, mais materializados são os homens. O senso moral é o que se desenvolve mais tardiamente. Por isso mesmo só podem fazer uma idéia muito imperfeita de Deus e de seus atributos, e uma idéia igualmente vaga da vida futura. Assemelham Deus à sua própria natureza, figurando-o como um soberano absoluto, tanto mais temível quanto é invisível, como um déspota que, oculto no seu palácio, jamais se mostra ao povo.  
  
Deus só é então poderoso pela força material, porque eles não compreendem o poder espiritual. Só o concebem armado com o raio, em meio aos clarões da tempestade, semeando à sua passagem a ruina e a desolação à maneira dos conquistadores invencíveis. Um Deus de mansuetude e de misericórdia não seria Deus, mas um ser débil que não poderia fazer-se obedecer. A vingança implacável, os castigos terríveis, eternos, nada tinham de contrário à idéia que faziam de Deus, nada que lhes repugnasse a razão. Implacáveis eles mesmos nas suas lutas, cruéis para os inimigos, piedosos para com os vencidos, Deus, que lhes era superior devia ser ainda mais terrível do que eles.  
  
Para esses homens eram necessárias crenças religiosas adequadas à sua natureza ainda rude. Uma religião inteiramente espiritual, feita de amor e caridade, não poderia harmonizar-se com a brutalidade dos seus costumes e das suas paixões. Não acusemos pois Moisés por sua legislação draconiana, que era apenas suficiente para conter um povo indócil, nem de haver feito de Deus um ser vingativo. Era o necessário para a época. A suave doutrina de Jesus não poderia encontrar eco e se mostraria impotente.  
  
4 — À medida que o Espírito se desenvolveu, o véu material foi-se dissipando aos poucos e os homens se tornaram mais aptos a compreender as questões espirituais. Mas tudo isso teve de se fazer gradualmente. Quando Jesus veio já pode anunciar um Deus clemente, falar do seu reino que não era deste mundo e dizer aos homens: amai-vos uns aos outros, fazei o bom aos que vos odeiam, enquanto os antigos diziam: olho por olho e dente por dente.  
  
Mas quais eram os homens que viviam no tempo de Jesus? Seriam almas novas, criadas para ali se encarnarem? Se assim fosse, Deus teria criado no tempo de Jesus almas mais adiantadas que as do tempo de Moisés e nesse caso, em que se tornariam estas últimas? Teriam elas adormecido no embrutecimento pela eternidade? O simples bom senso repele esta suposição. Não. Eram as mesmas almas que após terem vivido sob o domínio da lei Mosaica, haviam adquirido através de muitas existências o desenvolvimento suficiente para compreenderem uma doutrina mais elevada, e que atualmente mostram-se ainda mais adiantadas, podendo receber um ensino mais completo.  
  
5 — Apesar disso, o Cristo não pode revelar aos seus contemporâneos todos os mistérios do futuro. Ele mesmo disse: tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas não as podereis compreender, é por isso que vos falo em parábolas. Quanto aos problemas morais, aos deveres das relações humanas, Ele foi bastante preciso, porque, tocando a corda sensível dos interesses materiais podia fazer-se compreender. Quanto aos outros pontos Ele se limitou a semear, sob forma alegórica, os germes que deveriam desenvolver-se mais tarde.  
  
A doutrina das penas e das recompensas futuras estava neste caso. Particularmente no tocante às penas Ele não podia romper abrutamente as concepções tradicionais. Vinha revelar aos homens novos deveres: a caridade e o amor do próximo substituindo o ódio e a vingança; a abnegação em lugar do egoísmo. Isto já era muito. Ele não podia conscientemente atenuar o medo aos castigos reservados aos prevaricadores sem enfraquecer, ao mesmo tempo, o princípio do dever.  
  
Jesus prometia o reino dos céus aos bons. Esse reino estava portanto interditado aos maus. Para onde iriam estes? Era necessária uma contraparte capaz de impressionar as inteligências demasiado materiais para compreenderem a vida espiritual. Não se deve esquecer que Jesus se dirigia ao povo, à parte menos esclarecida da população, para a qual tinha de usar imagens de certa maneira palpáveis e não idéias abstratas. Eis porque não podia entrar em detalhes supérfluos nesse terreno: bastava-lhe opor uma punição à recompensa sendo isto o suficiente naquela época.  
  
6 — Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo eterno, também os ameaçou de serem lançados na Geena. Mas o que era a Geena? Um lugar nas cercanias de Jerusalém, o depósito de lixo da cidade. Seria possível tomar-se isso ao pé da letra? Era apenas uma dessas imagens fortes de que se servia para impressionar as massas. Acontecia o mesmo com o fogo eterno. Se não fosse esse o seu pensamento, Ele estaria em contradição consigo mesmo ao exaltar a clemência e a misericórdia de Deus, porque a clemência e a inexorabilidade se negam reciprocamente. Seria pois nos enganarmos estranhamente sobre o sentido das palavras de Jesus, vermos nela a sanção do dogma das penas eternas, quando todo o seu ensino proclama a bondade do criador.  
  
Na oração dominical nos ensinou a dizer: Senhor, perdoai as nossas ofensas como perdoamos os nossos ofensores. Se o culpado não pudesse esperar nenhum perdão, seria inútil pedi-lo. Mas há condições para esse perdão? É ele uma graça, uma anulação pura e simples da pena em que se incorreu? Não. A medida desse perdão está subordinada à maneira porque perdoamos, ou seja, se não perdoamos não seremos perdoados. Fazendo do esquecimento das ofensas uma condição absoluta, Deus não podia exigir que o homem frágil fizesse o que Ele, todo-poderoso, não faria. A oração dominical é uma negação da vingança eterna de Deus.  
  
7 — Para os homens que só tinham uma noção confusa da espiritualidade da alma a idéia do fogo material não era chocante, tanto mais que ela se encontra na crença popular proveniente do inferno pagão e quase universalmente difundida. A eternidade das penas nada tinha de repugnante para criaturas submetidas desde séculos à legislação do terrível Jeová. No pensamento de Jesus o fogo eterno só podia ser uma figura. Pouco lhe importava que essa figura fosse tomada ao pé da letra, desde que devia servir de freio. Ele sabia muito bem que o tempo e o progresso se encarregariam de esclarecer o sentido alegórico, sobretudo quando, segundo a sua predição, o Espírito da Verdade viesse esclarecer todas as coisas aos homens.  
  
A consequência essencial das penas irrevogáveis é a ineficácia do arrependimento. Mas Jesus nunca disse que o arrependimento fosse inútil perante Deus. Em todas as ocasiões, pelo contrário, apresentou um Deus clemente, misericordioso, pronto a receber o filho pródigo de volta para o lar paterno. Só o mostrou inflexível para o pecador endurecido. Mas assim mesmo, se tinha o castigo numa das mãos, tinha sempre o perdão na outra, pronto a dispensá-lo ao culpado, desde que esse voltasse sinceramente a Ele. Não é verdadeira, pois, a imagem de um Deus impiedoso. Deve­mos observar também que Jesus não pronunciou contra ninguém, mesmo contra os maiores culpados, a condenação irremissível.  
  
8 — Todas as religiões primitivas, de acordo com a natureza dos povos tiveram deuses guerreiros que combatiam à frente dos exércitos. O Jeová dos Hebreus lhes proporcionava todos os meios necessários para que exterminassem os seus inimigos, e os recompensava pela vitória ou os punia pela derrota. Segundo a idéia que faziam de Deus, acreditavam honrá-lo ou apaziguá-lo com o sangue dos animais ou dos homens. Vêm daí os sacrifícios sangrentos que tiveram papel tão considerável em todas as religiões antigas.  
  
Os Judeus haviam abolido os sacrifícios humanos. Os cristãos, apesar dos ensinos do Cristo, acreditavam por muito tempo honrar ao criador entregando ao fogo e às torturas milhares daqueles que chamavam de hereges. Eram, sob outra forma, verdadeiros sacrifícios humanos, desde que o faziam para a maior glória de Deus e com a realização de cerimônias religiosas. Ainda hoje continuam invocando o Deus dos Exércitos antes dos combates e o glorificam após a vitória, e isso frequentemente pelas causas mais injustas e mais anticristãs.  
  
9 — Como o homem custa a se livrar de seus prejuízos, dos seus hábitos, das suas idéias primitivas! Quarenta séculos nos separam de Moisés e nossa geração cristã ainda conserva os traços de antigas usanças bárbaras consagradas ou pelo menos aprovadas pela religião atual! Foi necessária a pressão da opinião dos não-ortodoxos, dos que são olhados como heréticos, para se pôr fim às fogueiras e fazer compreender a verdadeira grandeza de Deus. Mas, na falta das fogueiras as perseguições materiais e morais continuaram em vigor, de tal maneira a idéia de um Deus cruel está enraizada no homem. Alimentado pelos sentimentos que lhes são inculcados na infância, poderia o homem estranhar que um Deus que lhe apresentaram honrado por atos bárbaros condene à torturas eternas, vendo sem piedade o sofrimento dos condenados?**

**Foram os filósofos, os ímpios, segundo alguns, que se escandalizaram de ver o nome de Deus profanado por atos indignos dele. Foram estes que o mostraram aos homens em toda a sua grandeza, despojando-o das paixões e da mesquinhez humana que lhe havia atribuído uma crença cega. A religião ganhou com isso em dignidade aquilo que havia perdido em prestígio exterior, porque se há menos homens apegados a ela pela forma, é maior o número dos que são mais sinceramente religiosos, pelo coração e pelos sentimentos.  
  
Mas ao lado desses, quantos foram levados, por ficarem apenas nas aparências, à negação da Providência! Por não haverem feito que as crenças religiosas acompanhassem o progresso da razão humana, os responsáveis por isso levaram uns ao deísmo, outros à incredulidade absoluta, outros ao panteísmo, o que vale dizer que o homem se fez Deus a si mesmo na falta de outro mais perfeito.  
Argumentos a favor das penas eternas  
  
10 —Voltemos ao dogma da eternidade das penas. O principal argumento que se invoca em seu favor é o seguinte. Admite-se entre os homens que a gravidade da ofensa está na razão da qualidade do ofendido. Aquela que se comete contra um soberano é considerada mais grave do que a cometida contra um simples cidadão e punida com maior severidade. Ora, Deus é mais que um soberano, pois é infinito e por isso mesmo a ofensa a ele também se torna infinita, merecendo um castigo da mesma natureza, ou seja: eterno.  
  
Refutação —Toda a refutação é um raciocínio que deve ter o seu ponto de partida, uma base em que se apoiar, premissas, numa palavra. Encontramos essas premissas nos próprios atributos de Deus. Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições. Não se pode conceber Deus sem o infinito das suas perfeições, pois sem isso ele não seria Deus, desde que poderíamos conceber um ser que possuísse o que lhe falta. Para que ele seja o único acima de todas os seres é necessário que nenhum o possa superar ou igualar seja no que for. Portanto, é necessário que ele seja infinito em todos os sentidos.**

**Os atributos de Deus, sendo infinitos, não podem aumentar nem diminuir. Sem isso, eles não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se tirássemos a Deus a mínima parcela de um só de seus atributos, não mais teríamos Deus, pois seria possível a existência de um ser mais perfeito.  
  
O infinito de uma qualidade exclue a possibilidade de existir uma qualidade contrária que a anulasse ou diminuísse. Um ser infinitamente bom não pode ter a menor parcela de maldade, e um ser infinitamente mau não pode ter a menor parcela de bondade. Isso da mesma maneira que um objeto não poderia ser absolutamente negro com a mais leve nuança de branco, nem absolutamente branco com a mínima mancha negra. Colocado esse ponto, podemos opor ao argumento acima o seguinte raciocínio:  
  
11 —Somente um ser infinito pode criar o infinito. O homem, limitado em suas virtudes, nos seus conhecimentos, nos seus poderes, nas suas aptidões, na sua própria existência terrena, só pode produzir coisas limitadas. Se o homem pudesse ser infinito no mal que pratica, também o poderia ser no bem que faz, e ele seria igual a Deus. Mas, se o homem fosse infinito no tocante ao bem, não faria nenhum mal, porque o bem absoluto é a exclusão de todo o mal.  
  
Admitindo-se que uma ofensa temporária praticada contra a divindade pudesse ser infinita, Deus, vingando-a por um castigo infinito seria infinitamente vingativo. E se ele o for, não pode ser infinitamente bom e misericordioso, pois um dos seus atributos é a limitação do outro. Se ele não for infinitamente bom não é perfeito, e se não for perfeito não é Deus.  
  
Se Deus for inexorável para o culpado arrependido, não é misericordioso, e se não é misericordioso, não é infinitamente bom.  
Porque daria Deus ao homem a lei do perdão, se ele mesmo não devesse perdoar? Disso resultaria que o homem que perdoa os seus inimigos, retribuindo-lhes o mal com o bem, seria melhor que Deus que permanece surdo ao arrependimento do seu ofensor e lhe recusa, pela eternidade, a mais leve atenuação da pena.  
  
Deus, que está em toda a parte e tudo vê, tem de ver as torturas dos condenados. Se ele for insensível aos seus clamores pela eternidade, será eternamente impiedoso, e se for impiedoso não é infinitamente bom.  
  
12 — A isto, respondem que o pecador que se arrepende antes de morrer obtém a misericórdia de Deus e que o maior culpado pode se beneficiar com a sua graça. Não pode haver dúvida quanto a isto. Concebe-se que Deus somente perdoe aos arrependidos e seja inflexível para os espíritos endurecidos. Mas se ele se mostra cheio de misericórdia para a alma que se arrepende antes de deixar o corpo, porque não faria o mesmo para aquela que se arrepende depois da morte? Qual a razão do arrependimento só ser eficaz durante a vida, representa apenas um instante e não o ser durante a eternidade? Se a bondade e a misericórdia de Deus ficam circunscritas a um determinado tempo, não são infinitas e Deus não é infinitamente bom.  
  
13 — Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é a mais inexorável nem a que deixa impunes todas as faltas, mas a que considera da maneira mais rigorosa o bem e o mal, recompensando um e punindo o outro com perfeita equidade, sem jamais se enganar.Se por uma falta passageira que resulta quase sempre da natureza imperfeita do homem, e muitas vezes decorre do meio em que ele só encontra, a alma pode ser punida eternamente, sem esperanças do abrandamento e nem de perdão, não existe nenhuma proporção entro a falta e a punição. Portanto, não há justiça.  
  
Se o culpado se volta para Deus, arrependendo-se e pedindo para reparar o mal cometido, isso equivale a um retorno ao bem, aos bons sentimentos. Se o castigo for irrevogável, esse retorno ao bem não produz efeito, desde que Deus não leva em conta o bem e não pratica a justiça. Entre os homens, o condenado que se emenda vê a sua pena comutada e às vezes perdoada. Haveria, pois, na justiça humana mais equidade que na justiça Divina!  
  
Se a condenação é irrevogável, o arrependimento é inútil. Nada podendo esperar do seu retorno ao bem, o culpado persiste no mal, de maneira que Deus não somente o condena a sofrer eternamente mas também a permanecer no mal por toda a eternidade. Não há nisso nem justiça, nem bondade.  
  
14 — Sendo infinito em todas as coisas, Deus deve conhecer tudo no passado e no futuro. Deve saber, no momento da criação de uma alma, só ela vai falir de maneira grave para ser condenada eternamente. Se não o sabe, seu saber não é infinito e nesse caso Ele não é Deus. Se o sabe, cria voluntariamente um ser condenado, desde à sua formação, às torturas sem fim, e nesse caso não é bom.  
  
Se Deus, tocado pelo arrependimento de um condenado, pode estender a ele a sua misericórdia e o retirar do inferno, não existe penas eternas e o julgamento feito pelos homens está revogado.  
  
15 — A doutrina das penas eternas, aceita de maneira absoluta, leva-nos forçosamente à negação ou a diminuição, de alguns atributos de Deus. Ela é, por conseguinte, inconciliável com a perfeição infinita, pelo que chegamos à esta conclusão: Se Deus é perfeito, a condenação eterna não existe; se ela existe, Deus não é perfeito.  
  
16 — Invoca-se ainda em favor do dogma da eternidade das penas o seguinte argumento: A recompensa concedida aos bons sendo eterna, deve ter como contraparte uma punição eterna. É justo proporcionar a punição à recompensa.  
  
Refutação — Deus teria criado a alma com o fim de fazê-la feliz ou infeliz. É evidente que a felicidade das criaturas deve ser o objetivo de sua criação, pois de outra maneira Deus não seria bom. Ela atinge a felicidade pelo próprio mérito. Conquistado o mérito, ela não pode perder o seu fruto, porque então degeneraria. A eternidade da felicidade é pois uma consequência da sua natureza imortal.  
  
Mas antes de chegar à perfeição, ela terá lutas a sustentar, combates a travar com as más paixões. Não a tendo criado perfeita, mas capaz de se aperfeiçoar , afim de que tenha o mérito de suas obras, ela pode falir. Suas quedas decorrem de sua fraqueza natural. Se ela tivesse de ser condenada eternamente por uma queda, poderíamos perguntar porque Deus não a criou mais forte.  
  
A punição sofrida pela alma é uma advertência de que ela fez o mal. Deve ter como resultado reconduzi-la ao bom caminho. Mas se a pena fosse irremissível, seu desejo de se corrigir seria inútil. Assim, o fim providencial da criação não poderia ser atingido, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros à desgraça. Se uma alma culpada se arrepende, pode tornar-se boa; podendo tornar-se boa, pode aspirar à felicidade. Deus seria justo só lhe recusasse esses meios?  
  
Sendo o bem o objetivo final da criação, a felicidade, que é o seu prêmio, deve ser eterna. Ao mesmo tempo, o castigo que é um meio de levar ao bem deve ser temporário. A mais vulgar noção de justiça, mesmo entre os homens, diz que não se pode castigar perpetuamente aquele que tem o desejo do bem e se dispõe a praticá-lo.  
  
17 — Um último argumento em favor da eternidade das penas é o seguinte:  
O temor de um castigo eterno é o freio. Se o eliminarmos, nada mais tendo a temer, o homem se entregará a todos os desregramentos.  
  
Refutação — Esse raciocínio seria justo se ao eliminarmos a eternidade das penas suprimíssemos toda e qualquer sanção penal. A situação feliz ou infeliz na vida futura decorre de uma rigorosa consequência da justiça de Deus, enquanto uma identidade de situação entre o homem bom negação dessa justiça. Pelo fato de não ser eterno, o ser menos penoso. Ele se torna tanto mais temível, quanto mais se pode aceitá-lo, e tanto mais aceitável, quanto mais racional. Uma penalidade em que não se pode crer não é um freio, e a eternidade das penas está nesse caso.  
  
A crença nas penas eternas, como já dissemos, teve a sua utilidade e a sua razão de ser em certa época. Hoje, não somente ela deixou de assustar, como acabou por semear a incredulidade. Antes de colocá-la como urna necessidade, seria necessário demonstrara sua realidade. Conviria, sobretudo que se pudesse ver a sua eficácia no exemplo daqueles que a preconizam e se esforçam para a demonstrar. Infelizmente, entre eles, são bom poucos os que provam pelos seus atos que realmente estão atemorizados. Se essa crença é impotente para reprimir o mal entre aqueles quo dizem acreditar nela, que domínio poderia ter sobre os que não acreditam?(.)**  
  
**06 - O Consolador - Emmanuel - pág. 146**

**Perg. 244 - Existem lugares de penitência no plano espiritual? E acaso poderá haver sofrimento eterno para os Espíritos inveterados no erro e na rebeldia? - Considerando a penitência em sua feição expiatória, existem numerosos lugares de provações na esfera para vós invisível, destinados à regeneração e preparo de entidades perversas ou renitentes no crime, a fim de conhecerem as primeiras manifestações do remorso e do arrependimento, etapas iniciais da obra de redenção. Quanto à idéia do sofrimento eterno, se houvesse Espíritos eternamente inveterados no crime, haveria para eles um sofrimento continuado, como seu próprio erro. O Pastor, porém, não quer se perca uma só de suas ovelhas. Dia virá em que a consciência mais denegrida experimentará, no íntimo, a luz radiosa da alvorada de Seu amor.**

**07 - O Evangelho S.o Espiritismo - Allan Kardec - Cap. XXVII,21**

**Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, nem os remorsos e o arrependimento são considerados a favor do culpado. Para ele, todo o desejo de melhorar é inútil; está condenado a permanecer eternamente no mal. Se foi condenado, entretanto, por um determinado tempo, a pena cessará no fim do prazo. Mas quem pode afirmar que ele terá então melhorado os seus sentimentos? Quem dirá que, a exemplo de muitos condenados da Terra, ao sair da prisão, ele não será tão mau quanto antes?**

**No primeiro caso, seria manter sob a dor do castigo um homem que se tornara bom, no segundo, seria agraciar aquele que continua culpado. A lei de Deus é mais previdente: sempre justa, equitativa e misericordiosa, não fixa nenhuma duração para a pena, qualquer que seja. Ela se resume assim:**

**21. "O homem sofre sempre a consequência das suas faltas; não há uma única infração à lei de Deus, que não tenha a sua punição". "A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta". "A duração do castigo, para qualquer falta, é indeterminada, pois fica subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno ao bem; assim, a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua, se a obstinação o fosse; é de curta duração, se o arrependimento vier logo".**

**Desde que o culpado chame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança. Mas o simples remorso não basta: é necessária a reparação da falta. É por isso que o culpado se vê submetido a novas provas, nas quais ele pode, sempre pela sua própria vontade, fazer o bem para a reparação anteriormente praticado".**

**"O homem é assim o árbitro constante da sua própria sorte. Ele pode abreviar o seu suplício ou prolongá-lo indefinidamente. Sua felicidade ou sua desgraça dependem da sua vontade de fazer o bem". Essa é a lei imutável e conforme a bondade e a justiça de Deus.**

**O Espírito culpado e infeliz, dessa maneira, pode sempre salvar-se a si mesmo: a lei de Deus lhe diz sob quais condições ele pode fazê-lo. O que geralmente lhe falta é a vontade, a força e a coragem. Se, pelas nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e encorajamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes que lhe faltam, em vez de solicitarmos a Deus que derrogue a sua lei, tornamo-nos instrumentos da execução dessa lei de amor e caridade, da qual ele assim nos permite participar, para darmos nós mesmos uma prova de caridade.**

**08 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - 4ª.parte, cap. I**

**III - INTERVENÇÃO DE DEUS NAS PENAS E RECOMPENSAS  
Perg. 963 - Deus se ocupa pessoalmente de cada homem? Não é ele demasiadamente grande e nós muito pequenos, para que cada indivíduo em particular tenha aos seus olhos alguma importância?  
- Deus se ocupa de todos os seres que criou, por menores que sejam; nada é demasiado pequeno para a sua bondade.  
  
Perg. 964. Deus tem necessidade de se ocupar de cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? A maioria desses atos não são para Ele insignificantes?  
— Deus tem as suas leis, que regulam todas as vossas ações. Se as violardes, a culpa é vossa. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não expende um julgamento contra ele, dizendo-lhe, por exemplo: tu és um glutão e eu te vou punir. Mas Ele traçou um limite: as doenças e, por vezes, a morte são consequências dos excessos. Eis a punição: ela resulta da infração da lei. Assim se passa em tudo.  
  
Todas as nossas ações são submetidas às leis de Deus; não há nenhuma delas, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação dessas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, não nos devemos queixar senão de nós mesmos, que nos fazemos assim os artífices de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura.  
  
Essa verdade se torna sensível pelo seguinte apólogo:"Um pai dá ao filho a educação e a instrução, ou seja, os meios para saber conduzir-se. Cede-lhe um campo para cultivar e lhe diz: Eis a regra a seguir e todos os instrumentos necessários para tornar fértil o campo e assegurar a tua existência. Dei-te a instrução para compreenderes essa regra. Se a seguires, o campo produzirá bastante e te proporcionará o repouso na velhice; se não a seguires, nada produzirá e morrerás de fome. Dito isso, deixa-o agir à vontade".  
  
Não é verdade que o campo produzirá na razão dos cuidados que se dispensar à cultura e que toda negligência redundará em prejuízo da colheita? O filho será, portanto, na velhice, feliz ou infeliz, segundo tenha seguido ou negligenciado a regra traçada pelo pai. Deus é ainda mais previdente, porque nos adverte a cada instante, se fazemos o bem ou o mal. Envia-nos Espíritos que nos inspiram, mas não os escutamos. Há ainda outra diferença e é que Deus dá ao homem um recurso, por meio das novas existências, para reparar os seus erros do passado, ao passo que o filho de que falamos não o terá, se empregar mal o seu tempo.**

**IV—NATUREZA DAS PENAS E DOS GOZOS FUTUROS  
Perg. 965 - As penas e os gozos da alma após a morte têm alguma coisa de material?  
— Não podem ser materiais, desde que a alma não é de matéria. O próprio bom senso o diz. Essas penas e esses gozos nada têm de carnal e, por isso mesmo, são mil vezes mais vivos do que os da Terra. O Espírito, uma vez desprendido, é mais impressionável: a matéria não mais lhe enfraquece as sensações. (Ver itens 237 a 257.)  
  
Perg. 966. Por que o homem faz idéias tão grosseiras e absurdas das penas e dos gozos da vida futura?  
— Inteligência ainda não suficientemente desenvolvida. A criança compreende da mesma maneira que o adulto? Aliás, isso depende também do que se tenha ensinado; é nesse ponto que há necessidade de uma reforma. Vossa linguagem é muito imperfeita para exprimir o que existe além do vosso alcance. Por isso foi necessário fazer comparações, sendo essas imagens e figuras tomadas como a própria realidade. Mas à medida que o homem se esclarece, seu pensamento compreende as coisas que a que a sua linguagem não pode traduzir.  
  
Perg. 967. Em que consiste a felicidade dos bons Espíritos?  
— Em conhecer todas as coisas; não ter ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que fazem a infelicidade dos homens. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade. Não experimentam nem as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes com o bem que fazem. De resto, a felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à sua elevação.**

**Somente os Espíritos puros gozam, na verdade, da felicidade suprema, mas nem por isso os demais são infelizes. Entre os maus e os perfeitos há uma infinidade de graus, nos quais os gozos são relativos ao estado moral. Os que são bastante adiantados compreendem a felicidade dos que avançaram mais que eles e a ela aspiram, mas isso é para eles motivo de emulação e não de inveja. Sabem que deles depende alcançá-la e trabalham com esse fito, mas com a calma da consciência pura. Sentem-se felizes de não ter de sofrer o que sofrem os maus.  
  
Perg. 968. Contais a ausência das necessidades materiais entre as condições de felicidade para os Espíritos. Mas a satisfação dessas mesmas necessidades não é para o homem uma fonte de gozos?  
— Sim, de gozos animais. E quando não podes satisfazer essas necessidades, isso é uma tortura.  
  
Perg. 969. O que se deve entender quando se diz que os Espíritos puros estão reunidos no seio de Deus e ocupados em lhe cantar louvores?  
— E uma alegoria para dar idéia da compreensão que eles têm das perfeições de Deus, pois o vêem e compreendem; mas, como tantas outras, não se deve tomá-la ao pé da letra. Tudo na Natureza, desde o grão de areia, canta, ou seja, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus. Mas não penseis que os Espíritos bem-aventurados estejam em contemplação na eternidade. Isso seria uma felicidade estúpida e monótona e, mais ainda, a felicidade do egoísta, pois a sua existência seria uma inutilidade sem fim. Eles não sofrem mais as tribulações da existência corpórea: isso já é um gozo; depois, como já dissemos, conhecem e sabem todas as coisas e empregam proveitosamente a inteligência adquirida, para auxiliar o progresso dos outros Espíritos; essa é a sua ocupação e ao mesmo tempo um gozo.  
  
Perg. 970. Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?  
— São tão variados quanto as causas que os produzem, e proporcionais ao grau de inferioridade, como os gozos são proporcionais ao grau de superioridade. Podemos resumi-los assim: cobiçar tudo o que lhes falta para serem felizes; mas não poder obtê-lo; ver a felicidade e não poder atingi-la; mágoa, ciúme, raiva, desespero, decorrentes de tudo o que os impede de ser felizes; remorsos e uma ansiedade moral indefinível. Desejam todos os gozos e não podem satisfazê-los. É isso o que os tortura.  
  
Perg. 971. A influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros é sempre boa?  
— Sempre boa de parte dos bons Espíritos, é claro. Mas os Espíritos perversos procuram desviar do caminho do bem e do arrependimento os que consideram suscetíveis de ser arrastados, e que muitas vezes eles levaram para o mal durante a vida terrena.  
97l-a. Então a morte não nos livra da tentação?  
— Não; mas a ação dos maus Espíritos é muito menor sobre outros Espíritos do que sobre os homens, pois aqueles não estão sujeitos às paixões materiais. (Ver item 996.)  
  
972. Como procedem os maus Espíritos para tentar os outros Espíritos, se não dispõem do auxílio das paixões ?  
— Se as paixões não existem materialmente, existem, entretanto, no pensamento dos Espíritos atrasados. Os maus entretém esses pensamento, arrastando suas vítimas aos lugares onde deparam com essas paixões e com tudo o que as possa excitar.  
972a - Mas para que servem essas paixões, se lhes falta o objeto real?  
— Assim é precisamente para o seu suplício: o avarento vê o ouro não pode possuir; o devasso, as orgias de que não pode participar, etc..  
  
973. Quais os maiores sofrimentos a que os maus Espíritos se verão sujeitos!  
— Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes. Os próprios Espíritos que as sofrem teriam dificuldades em vos dar uma idéia. Mas seguramente a mais horrível é o pensamento de serem condenados para sempre.  
  
O homem tem das penas e dos gozos da alma após a morte uma idéia mais ou menos elevada, segundo o estado de sua inteligência. Quanto mais ele se desenvolve, mais essa idéia se depura e se desprende da matéria; compreende as coisas de maneira mais racional e deixa de tomar ao pé da letra as imagens de uma linguagem figurada. A rarão mais esclarecida nos ensina que a alma é um ser inteiramente espiritual e por isso mesmo não pode ser afetada pelas impressões que agem apenas sobre a matéria. Mas disso não se segue que esteja livre de sofrimentos, nem que não seja punida pelas suas faltas. (Ver item 237.)  
  
As comunicações espíritas têm por fim mostrar-nos o estado futuro da alma, não mais como uma teoria mas como uma realidade. Colocam sob os nossos olhos as vicissitudes da vida de além-túmulo, mas ao mesmo tempo no-las apresentam como consequências perfeitamente lógicas da vida terrena. E embora destituídas do aparato fantástico criado pela imaginação dos homens, nem por isso são menos penosas para os que fizeram mau uso de suas faculdades. A diversidade dessas consequências é infinita, mas pode-se dizer de maneira geral: cada um é punido naquilo em que pecou. Assim é que uns o são pela incessante visão do mal que fizeram; outros pelos remorsos, o medo, a vergonha, a dúvida, o isolamento, as trevas, a separação dos seres que lhes são caros etc. (...)**

**V - PENAS TEMPORAIS:  
Perg. 983 - O Espírito que expia as suas culpas numa nova existência, não passa por sofrimentos materiais? Assim, não é exato que após a morte a alma só tem sofrimentos morais?  
- É bem verdade que, reencarnada, a alma encontra nas tribulações da vida o seu sofrimento; mas apenas o corpo sofre materialmente. Dizeis em geral que o morto já não sofre mais, mas isso nem sempre é verdade. Como Espírito, não sofre mais as dores físicas, mas segundo as faltas que tenha cometido a todas as privações da miséria; o orgulhoso, a todas as humilhações; aquele que abusa de sua autoridade e trata os seus subordinados com desprezo e dureza será forçado a obedecer a um senhor mais duro do que ele tenha sido.  
Todas as penas e tribulações da vida são expiações de faltas de outra existência, quando não se trata de consequências das faltas da existência atual. Ao sairdes daqui compreendereis bem. O homem que se crê feliz na Terra porque pode satisfazer suas paixões é o que faz menos esforços para se melhorar. Em geral ele começa a expiar essa felicidade efêmera na própria vida que leva, mas certamente a expiará numa outra existência tão material como essa.  
  
Perg. 984- As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas atuais?  
— Não. Já o dissemos: são provas impostas por Deus, ou escolhida por vós mesmos quando no estado de Espírito e antes da vossa reencarnação, para expiar as faltas cometidas numa outra existência. Porque jamais a infração das leis de Deus, e sobretudo da lei da justiça, fica impune; se a punição não é feita nesta vida, o será necessariamente em outra. E por isso que aquele que é justo aos vossos olhos, vê-se frequentemente atingido pelo seu passado. (Ver item 393.)  
  
Perg. 985. A reencarnação da alma num mundo menos grosseiro é uma recompensa?  
-E' a consequência de sua purificação. Porque à medida que os Espíritos se purificam vão se encarnando em mundos mais e mais perfeitos, até que se tenham despojado de toda matéria e lavado de todas as manchas, para gozarem eternamente da felicidade dos Espíritos puros, no seio de Deus.  
  
Nos mundos em que a existência é menos material do que neste, as necessidades são menos grosseiras e todos os sofrimentos físicos são menos vivos. Os homens não mais conhecem as más paixões que, nos mundos inferiores, os fazem inimigos uns dos outros. Não tendo nenhum motivo de ódio ou de ciúme, vivem em paz porque praticam a lei de justiça, amor e caridade. Não conhecem os aborrecimentos e os cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo e que constituem o tormento de nossa existência terrena. (Ver itens 172 e 182.)  
  
Perg. 986. O Espírito que progrediu na sua existência terrena pode, às vezes reencamar no mesmo mundo?  
— Sim, se não pôde cumprir a sua missão e ele mesmo pedir para completá-la numa nova existência. Mas isso não será mais, para ele, uma expiação. (Ver item 173.)  
  
Perg. 987.O que acontece com o homem que, sem praticar o mal, nada fez para se libertar da influência da matéria?  
— Desde que não deu nenhum passo na direção da perfeição, deve recomeçar uma existência semelhante à que deixou. Fica estacionário e é assim que pode prolongar os sofrimentos de sua expiação. (...)**

**09 - O pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - pág. 227**

**38 - ESPIRITISMO E PENAS FUTURAS  
Perg. — Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?  
Resp. — No tempo necessário a que se melhore. Sendo o estado de sofrimento ou de felicidade proporcionado ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza de seus sofrimentos dependem do tempo que ele gaste em melhorar-se. Item 1.004  
Em matéria, pois, de castigos, depois da morte, refutamos, sim, na justiça da Lei que determina realmente seja dado a cada um conforme as próprias obras. Emmanuel  
  
Estudaram os Espíritos minuciosamente, com Allan Kardec, o insigne e valoroso missionário da codificação, o tema "Das penas e gozos futuros". Surgiu, assim, com o advento do Espiritismo, numa época de intenso materialismo e de profundas transformações sociais, nova era para a humanidade estonteada. Era de esperanças e consolações.  
  
Consolações e esperanças que nenhuma outra doutrina, além do Cristianismo, por ele revivido, conseguira trazer à face planetária. Com a Doutrina dos Espíritos, que desde o século passado brilha na consciência e no coração humanos, não mais a terrível concepção de um inferno absurdamente eterno, nem, os horrores de impiedoso purgatório.  
  
E Emmanuel completa: "o Céu começará sempre em nós mesmos e o inferno tem o tamanho da rebeldia de cada um". Com o Espiritismo, o Amor de Deus passou a nova e sublime dimensão, alicerçada na magnanimidade. Cada um de nós se tornou responsável pelos próprios atos.  
  
Mensageiros de Mais Alto vieram nos falar de situações transitórias, nos círculos espirituais inferiores, destinadas aos processos de auto-retificação. É possível — sinceramente o admitimos — que o ensino do inferno e do purgatório haja cumprido, nos idos da Humanidade, sua tarefa de reprimir, pelo temor, os abusos do homem, o que, no entanto, não mais se justifica, em nossos dias, quando somos convidados pela razão consciente a refletir, e, refletindo, darmos rumo ao nosso próprio destino.  
  
Muito devemos a André Luiz no tocante a esclarecimentos sobre a vida além da morte, bem assim a outros autores, desencarnados e encarnados, cabendo-nos realçar a excelente monografia "A Crise da Morte", de Ernesto Bozzano. O ex-médico brasileiro, no entanto, vem transmitindo — de "Nosso Lar" a "Libertação" — farta literatura (seis notáveis livros) em que fornece segura orientação aos encarnados, que, antes, perguntavam, angustiados:  
  
Como será a vida do Espírito, após a morte? Para onde iremos e como iremos? O que nos estará reservado? O que faremos lá e o que de nós será feito? Haverá céu? e inferno? Com o advento do Espiritismo — o Consolador prometido —, dissiparam-se, inteiramente, as dúvidas. Monografias de notáveis escritores focalizam o assunto.  
  
Os Espíritos, atentos à argúcia filosófica de Allan Kardec, respondem às indagações, em todos os seus detalhes. Emmanuel estuda as diversas conceituações de inferno, referindo-se ao que, sobre ele, pensam hindus e chineses, egípcios e gregos, hebreus e persas, romanos e escandinavos, muçulmanos e vários setores da atividade cristã.  
  
E, ao estudar tão velho quanto palpitante tema, o esclarecido Instrutor acentua: "Disse-nos o Cristo: O Reino de Deus está dentro de vós, ao que, de acordo com ele mesmo, ousamos acrescentar: e o inferno também." André Luiz, especialmente, servindo-se da missionária mediunidade de Francisco Cândido Xavier, tornaria mais claros, ainda, os ensinos. Que não há penas eternas, di-lo a Codificação.  
  
Duvidamos, mesmo, que a idéia das penas eternas, mesmo nos círculos não-espíritas, tenha, na atualidade, sólida e convicta aceitação. Cremos nós que entre os divulgadores das penas eternas exista, já, para uso interno, a certeza de sua irrealidade. As leis humanas tendem a modificar-se e vão-se modificando sempre, com o objetivo, indisfarçável, de amparar o culpado.  
  
De dar ao criminoso oportunidade não "de sofrer", mas de "regenerar-se", a fim de que, recuperado moral e espiritualmente, seja reintegrado na sociedade. Teriam de ser as leis divinas, criadas para tornar o homem feliz, inexoráveis, punitivas, cruéis, impiedosas, contrastando com a tolerante flexibilidade das leis dos homens ?!...  
  
Em regiões sombrias do mundo espiritual, próximas à crosta terráquea, localizam-se, efetivamente, Espíritos culpados — criminosos, suicidas, hipócritas, devassos, etc. — mas "pelo tempo necessário a que se melhorem", pois que Deus nunca "obra caprichosamente". De dias, semanas, meses e anos pode ser, para o culpado, o tempo de sofrimento, segundo a natureza das faltas cometidas.  
  
Tão logo surja, porém, a bênção do arrependimento sincero, começa o Espírito a preparar-se para a etapa seguinte: a da reparação dos males que haja praticado. Criadas pela vontade do culpado as condições de reabilitação, na Espiritualidade ou na Terra, encontram os Mensageiros de Deus recursos para instilar, em sua mente arrependida, já tocada pelo desejo de felicidade e de fuga ao desespero, elevados princípios que o levarão a soerguer-se, confiante, do báratro escuro para a renovação luminosa.  
  
É profundamente humana a mensagem que o Espiritismo trouxe à Humanidade. Confortador é o ensino por ele trazido a todos os homens que lhe dediquem alguns momentos de atenção, buscando conhecer-lhe as sublimes verdades. Nada, portanto, de inferno, nem de purgatório, com suas penas eternas e seus terríveis efeitos.  
  
A Doutrina Espírita preconiza, como realidade espiritual depois da morte, regiões de sofrimento transitório, criadas pelas mentes culpadas, cuja duração estará na razão inversa do esforço do culpado para readaptar-se ao Bem, jamais condicionada ao cruel arbítrio de inexoráveis leis que o banissem das planícies da alegria e da esperança renovadora, para lançá-lo nos ignescentes labirintos do eterno desespero...**

|  |  |
| --- | --- |
| **PERCEPÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A crise da morte - pág. 57, 88** | **02 - A evolução anímica - pág. 126** |
| **03 - Allan Kardec - vol. 2 pág. 163** | **04 - Análise das coisas - pág. 108** |
| **05 - Antologia do Perispírito - ref. 946** | **06 - As aves feridas na Terra voam - pág. 23** |
| **07 - Como melhorar sua comunicação - pág. 24** | **08 - Desenvolvimento mediúnico - pág. 25** |
| **09 - Magnetismo espiritual - pág. 82** | **10 - Manual e Dic. Básico do Esp. - pág. 84** |
| **11 - Mãos de luz - pág. 24, 29, 118** | **12 - O consolador - pág. 103** |
| **13 - O Livro dos Espíritos - q. 82, 95, 182, 216, 237, 422,587** | **14 - O mestre na educação - pág. 41** |
| **15 - Parapsicologia hoje e amanhã - pág. 33** | **16 - Pérolas do além - pág. 190** |
| **17 - Psi quântico - pág. 95** | **18 - Pureza Doutrinária - pág. 38** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PERCEPÇÃO** **– COMPILAÇÃO**

**02 - A evolução anímica - Gabriel Delanne - pág. 126**

**No estudo da alma, a velha psicologia servia-se exclusivamente do senso íntimo. Afigurava-se-lhe racional, para conhecê-lo, estudar o ego pensante, em si mesmo, examinar os diferentes atos da vida do espírito, classificá-los segundo a sua natureza e examinar as relações existentes entre eles. Assim procederam todos os filósofos, da mais remota antiguidade aos nossos dias. Tal método, porém, não basta à explicação de muitos fenômenos intelectuais. Não se pode conciliar, por exemplo, a natureza da alma com a vida intelectual inconsciente, que, no entanto, forma a base do nosso espírito, visto não ser possível presumir estados inconscientes no que é, de si mesmo, consciente.  
  
Os progressos da fisiologia contemporânea evidenciaram a ligação íntima da alma com o corpo. Ficou assentado, extreme de quaisquer dúvidas, que as manifestações do Espírito encarnado são absolutamente dependentes do sistema nervoso. Ela, a fisiologia, demonstrou, com provas e contraprovas, que toda a alteração ou destruição do elemento nervoso acarretava distúrbios e mesmo supressão de manifestações intelectuais. Mais adiante, veremos que a destruição de certas partes do cérebro determina a perda da palavra articulada, do conhecimento da palavra escrita, ou paralisa a audição da palavra falada, conforme a parte do encéfalo lesada.  
Essa correlação do estado mórbido do corpo com o desaparecimento de uma fração do intelecto, e, nos casos de cura, o restabelecimento da função coincidindo com a restauração dos tecidos, é a base da doutrina materialista, que faz da alma uma função do cérebro.  
  
Não nos demoraremos no exame e confutação dessa teoria, porque há, em contradita, um fato peremptório, que demonstra haver pensamento sem cérebro, qual o da manifestação do Espírito após a morte. Entretanto, os fisiologistas, com o procurarem as bases físicas do espírito, prestaram-nos um grande serviço. Já dissemos que o perispírito é o molde do corpo. Estudar, pois, as modificações do sistema nervoso vale por estudar o funcionamento do perispírito, do qual esse sistema nervoso mais não é que uma reprodução material.  
  
A força vital que impregna simultaneamente a matéria organizada e o perispírito é o agente intermediário do corpo e da alma. Qualquer modificação na substância física produzirá modificação da força vital, que, por sua vez, modificará o perispírito, nas mesmas condições de variação que sofrerá em si mesma. E, como esta força vital necessita de um suporte, de um substrato material, é no perispírito que ela o encontra, de sorte que as alterações sobrevindas ao corpo físico poderão ser conservadas, reproduzidas, mau grado às mutações perpétuas das moléculas orgânicas.  
  
Em suma: a velha psicologia, fazendo da alma uma substância material, ficava reduzida a uma impotência absoluta para explicar a ação da alma sobre o corpo. Depois de se haver afadigado em demonstrar que uma e outro nada tinham de comum, não conseguia tornar compreensíveis as reações mútuas e incessantes. Os maiores gênios, os espíritos mais argutos, com Leibniz e Malebranchej fracassaram no tentame, por isso que ignoravam a verdadeira natureza da alma, que o Espiritismo veio revelar-nos.  
  
Os materialistas, a seu turno, negando sistematicamente a realidade da alma e limitando-se a considerá-la não mais que uma emanação, um resultado do sistema nervoso psíquico, não podem fazer compreensível o eu, o que se conhece a si mesmo — fenômeno este transcendente, que lhes escapa, dado que nada se lhe pode comparar em a natureza física. Assim, ficam reduzidos a imaginar teorias inverossímeis, quando pretendem conciliar a perpetuidade da lembrança com o renovamento incessante do organismo, ou ainda, a transformação de uma sensação em percepção.  
  
Podemos, então, desde logo, emparelhá-los com os espiritualistas, visto que nem uns nem outros explicam corretamente os fatos psíquicos, só encarando unilateralmente a questão. Pois o Espiritismo vem conciliar essas doutrinas tão antagónicas. A noção de perispírito — nunca é demais repeti-lo — não é uma inventiva humana, uma concepção filosófica adrede destinada a remover todas as dificuldades, a fim de as extinguir, mas, antes, uma realidade física, um órgão até então ignorado, e que, por sua composição física, tanto quanto pela função que exerce no homem, explica todas as anomalias que as investigações de sábios e -filósofos jamais puderam dilucidar.  
  
A indestrutibilidade e a estabilidade constitucional do perispírito fazem dele o conservador das formas orgânicas; graças a ele, compreendemos que os tecidos possam renovar-se, ocupando os novos o lugar exato dos antigos, e daí a manutenção da forma física, tanto interna como externa. Com ele, concebemos perfeitamente que uma alteração interna, como a produzida nas células nervosas pelas sensações do exterior, pode ser conservada e reproduzida, visto que a nova célula se constrói com a modificação registrada no envoltório fluídico.  
  
O princípio vital é o motor do perispírito; é ele que lhe desenvolve as energias latentes e lhe ministra atividade durante a vida. Admitida a sua realidade, compreensível se torna a evolução dos seres: nascimento, crescimento, maturidade, decrepitude, morte. Alma e perispírito não fazem mais que um todo indissolúvel, e, se nós os distinguimos, é porque só a alma é inteligente, quer e sente. O invólucro é a sua parte material, o que vale dizer passiva: é a sede dos estados conscienciais pretéritos, o armazém das lembranças, a retorta em que se processa a memória de fixação, e é nele que o espírito se abastece, quando necessita de cabedais intelectuais para raciocinar, imaginar, comparar, deduzir, etc. Também receptáculo de imagens mentais, é nele que reside, finalmente, a memória orgânica e inconsciente.  
  
O espírito é a forma ativa, o perispírito a passiva, e ambas, em seus aspectos, nos representam todo o princípio pensante. Vamos, tanto quanto possível, pôr em destaque estes caracteres particulares, e, uma vez melhor conhecida a natureza da alma, não mais ficaremos surpresos de ver desaparecerem por matizes insensíveis, pouco a pouco, os fenómenos conscientes, fundindo-se no inconsciente. Compreender-se-á melhor, então, o mecanismo da memória orgânica, e ninguém se admirará de vê-la assimilada à memória psíquica. Elas são da mesma natureza, possuem o mesmo território, formam-se pêlos mesmos processos, adquirem-se e perdem-se de igual maneira.  
  
Sensação e percepção  
Neste estudo e no subsequente, recorreremos às investigações dos cientistas contemporâneos, respigando em seus estudos, tão claros e convincentes, mas, precatando-nos para introduzir, na boa medida, o elemento perispírito, tornando, assim, compreensíveis os fenômenos, e dando-lhes uma explicação lógica, que de outra forma lhes faltaria. Distingamos, preliminarmente, a sensação da percepção. Quando um agente externo impressiona os sentidos, produz-se no aparelho sensorial uma certa alteração a que chamamos sensação. Essa modificação é transmitida ao cérebro pelos nervos sensitivos e, depois de um trajeto mais ou menos longo, chega às camadas corticais.  
  
Nesse instante, dois casos podem apresentar-se: ou bem a alma toma conhecimento da alteração sobrevinda ao organismo e dizemos que há percepção, ou bem a alma não é advertida da ocorrência, a sensação registra-se sem embargo, mas fica inconsciente. Como anteriormente observamos, essa transformação da sensação (fenômeno físico) em percepção (fenômeno psíquico) torna-se absolutamente inexplicável desde que se não admita a existência do eu, ou seja, do ser consciente. Isto posto, examinemos mais atentos os fatos sucessivos que se encadeiam, do choque inicial à percepção.  
  
Já sabemos que tudo é movimento na natureza. Os corpos que nos parecem em repouso não o estão nem exteriormente, de vez que participam do movimento da Terra, nem interiormente, de vez que as moléculas são incessantemente agitadas por forças invisíveis, que lhes dão as suas propriedades físicas particulares: estados sólidos, líquidos, gasosos e, para os sólidos, consistência, brilho, cor, etc. Também os tecidos do corpo estão em movimento, e, durante a longa travessia pelas formas inferiores, vimos como certas partes do corpo se diferenciaram pouco a pouco do conjunto, para engendrar os órgãos dos sentidos.  
  
Essas modificações fixadas no perispírito iam cada vez mais encarnando-se na substância, à medida que aumentava o número de passagens pela Terra, e nós verificamos que não foram necessários menos do que milhões de anos para graduar o organismo ao nível em que o vemos hoje. Qual a natureza das modificações produzidas? Ensaiemos demonstrar que ela reside nos movimentos. Toda sensação — visual, auditiva, tátil ou gustativa — procede, originariamente de um movimento vibratório do aparelho receptor.  
  
O raio luminoso que impressiona a retina, o som que faz vibrar o tímpano, a irritação dos nervos periféricos da sensibilidade, tudo isso se traduz por um movimento, diferente, segundo a natureza e a intensidade do excitante. O abalo propaga-se ao longo dos nervos sensitivos e, depois de um certo percurso no cérebro, chega, conforme a natureza da irritação, a uma zona especial da camada cortical, sendo aí que o movimento origina a percepção. Tocamos, aqui, no ponto obscuro, pois nenhum filósofo, nenhum naturalista pôde jamais explicar o que então ocorre.  
  
Uns, como Luys, dizem que a força exalta-se, espiritualiza-se, o que vale por nada dizer; outros se contentam em dizer que a percepção pertence ao sistema neuropsíquico, quando modificado de certa maneira, o que vale por dotar a matéria das faculdades da alma, sem que nenhuma indução o justifique. A célula nervosa é o elemento que recolhe, armazena e reage. Operará por vibrações, como a corda tensa que oscila, quando deslocada da posição de equilíbrio? Ou, antes, consistirá o fenômeno numa decomposição química do protoplasma?  
  
É questão não resolvida, mas o que há de certo é que uma alteração ocorreu. Desde então, a força vital modificou-se num certo sentido, sofreu um movimento vibratório particular, este se comunicou ao perispírito. É então que se dá o fenômeno da percepção, se a atenção for despertada. O Espírito não conhece diretamente o mundo exterior. Entaipado num corpo material, não percebe os objetos circundantes senão pelos sentidos, que lhos revelam. Ora, a luz, o som, só lhe chegam sob a forma de vibrações, diferentes segundo a cor, para a vista, e segundo a intensidade, para o som. Ele atribui um nome a tal ou qual natureza de vibrações, mas não conhece intrinsecamente a luz nem o som.  
  
Exemplificando: a luz vermelha tem vibrações diferentes, em número, da luz violeta, e desde a infância nos ensinaram que a tal espécie de vibrações chama-se vermelho, e a tal outra, violeta. Pela mesma razão, tal vibração deverá atribuir-se ao som, aos odores, aos sabores, etc.: de sorte que o espírito não vê, mas sente a vibração correspondente ao vermelho; não sente tal odor, mas percebe a vibração que o determina, e o que lhe dá a impressão de uma nota musical é o número de vibrações perispirituais que, num segundo, correspondem a esse som.  
  
O que dizemos de uma cor aplica-se a todas as cores, de modo que o globo ocular, que recebe milhões de vibrações diferentes, ao contemplar uma paisagem, ao ver uma ópera, transmite ao cérebro milhões de movimentos vibratórios, que se registram em sua substância e no seu perispírito, ao mesmo tempo e de um modo indelével. Já houve quem comparasse a célula psíquica ao fósforo, que, depois de sofrer a ação da luz, permanece luminoso na obscuridade. Nós, porém, como analogia, preferimos a comparação da placa sensível, que, impressionada pela luz, conserva para sempre, graças a uma reação química, fixo e indelével o traço da excitação luminosa.  
  
Poder-se-á superpor nessa placa uma série de imagens, e qualquer que seja o número destas, em se sobrepondo incessantemente às precedentes, não as apagarão jamais. Haverá sempre uma adição, um amontoamento de imagens e nunca uma destruição, uma extinção das primitivas pelas supervenientes. Todo mundo está de acordo em que as modificações produzidas nas células são permanentes. Maudsley diz: "Na célula modificada produz-se uma aptidão e com ela uma diferenciação do elemento, ainda que nos não assista razão para acreditar que, originariamente, esse elemento diferisse das células nervosas homólogas."  
  
Delboeuf opina: "Toda impressão deixa um traço inapagável, isto é: uma vez diversamente dispostas e forçadas a vibrar de outro modo, as moléculas jamais retornarão ao estado primitivo."E Richet: "Assim como na natureza não há, jamais, perda de energia cósmica, mas, apenas, transformação incessante, assim também nada se perde do que abala o espírito humano. "É a lei de conservação da energia, sob um ponto de vista diferente. Os mares ainda se agitam do sulco neles deixado pelas galeras de Pompeu, pois o abalo equóreo não se perdeu e apenas se modificou, difundiu-se, transformou-se em infinidade de pequenas ondas, que, a seu turno, se transmudaram em calor, em ações químicas ou elétricas.**

**Semelhantemente, as sensações que abalaram o meu espírito há 20 ou 30 anos, deixaram-me o seu sulco, ainda que esse sulco seja desconhecido de mim mesmo. Então, mesmo que não possa evocar a sua lembrança, ignorada e inconsciente em mim, posso afirmar que ela não se extinguiu e que essas velhas sensações, infinitas em número e variedades, exerceram sobre mim uma influência assaz poderosa." É fato averiguado que a repetição de palavras e frases de um idioma acaba por tornar-se uma operação automática para o espírito. Ele não mais procura palavras e frases, que lhe acorrem de si mesmas.**

**É uma verdade incontroversa, máxime em se tratando da língua materna. A memória consciente se esvanece e perde-se no inconsciente. Pois o que sucede com a linguagem ocorre com qualquer outra aquisição intelectual, seja matemática, física ou química, etc. Em todos nós, a tábua de multiplicação tornou-se automática; e, contudo, começamos por decorá-la conscientemente.  
Estas afirmativas colocam-nos justo em face do problema que assinalamos — a ressurreição das lembranças prístinas, a despeito da renovação integral e global das células. Maudsley presume que a rapidez extraordinária das permutas nutritivas do cérebro, parecendo, à primeira vista, uma causa de instabilidade, explica, ao contrário, a fixação das lembranças:  
  
"A reparação, efetuando-se sobre o trajeto modificado, serve para registrar a experiência. Não é uma simples integracão o que se dá, e sim uma reintegração. A substância restaura-se de um modo especial, o que faz com que a modalidade produzida seja, por assim dizer, incorporada ou encarnada na estrutura do encéfalo." De acordo, quanto ao resultado. Também acreditamos que os novos movimentos perispirituais, os que houverem sido determinados pela modificação da força vital da célula destruída, imprimem às células que se reformam as mesmas modificações que influenciaram as primeiras.**

**Mas, se não houver perispírito, que será que imprime nas células novas o antigo movimento? É a eterna questão: quem faz a restauração? Poder-se-á presumir não seja a célula inteiramente destruída; que o seu remanescente tomou o novo movimento e que as moléculas substituintes adotem o novo ritmo vibratório. Vamos supor que assim seja. Mas, em se dando nova permuta, haverá, necessariamente, diminuição de intensidade: 1.° por causa do tempo transcorrido; 2.° por causa da inércia das antigas moléculas a vencer. Renovada inúmeras vezes a operação — o que é tanto mais certo quanto extrema é a rapidez das permutas nutritivas —, o movimento primordial será tão fraco que se poderá dizê-lo quase desaparecido. E o que é verdade para uma célula também o é para um conjunto de células, de sorte que as sensações delas dependentes, e que, por associação, formam uma lembrança, ficarão quase apagadas na velhice do indivíduo.**

**Tais lembranças deveriam, pois, ser as primeiras a desaparecerem. Ora, o que se verifica é justamente o contrário, de vez que, nas pessoas idosas, as lembranças da infância são as mais persistentes. Em suma: se adotássemos essa hipótese, nenhuma sensação poderia conservar-se no ser, senão por tempo assaz limitado. Demonstrando-nos a experiência que assim não é, importa procurarmos outra explicação. Quando afirmamos ser no perispírito que reside a conservação do movimento, damos como prova direta a manifestação da alma após a morte.**

**Ela, a alma, se nos revela dotada de todas as faculdades e lembranças, não apenas de sua última encarnação, mas abrangendo longos períodos pretéritos. Acreditamo-nos, portanto, mais próximos de uma explicação adequada aos fatos do que aqueles que atribuem o pensamento à massa fosfórica de há muito destruída, quando a alma é imortal.  
  
Condições da percepção  
Para que uma sensação seja percebida, ou por outra, para que se torne um estado consciencial, há que notar duas condições indispensáveis, a saber: a intensidade e a duração.   
1.° — A intensidade é condição de tipo assaz variável, mas faz-se preciso um mínimo para que se verifique a percepção. Nós não ouvimos os sons muito brandos, nem temos sabores de somenos. Temos logrado meios de diminuir, graduar a intensidade, graças ao invento de aparelhos que nos aumentam os sentidos, quais o microscópio, o telescópio, o telefone, etc. É por não guardarem intensidade constante que as percepções diminuem insensivelmente, até não mais poderem ficar presentes ao espírito, caindo, assim, "abaixo dos domínios da consciência".  
  
2.° — A duração — O tempo necessário para que uma sensação seja percebida, ou por outra, para que o espírito tome conhecimento do movimento perispiritual, foi determinado há uma trintena de anos para as diversas percepções.  
A do som faz-se ao fim de 0",16 a 0",14; a do tato em 0",21 a 0",18; a da luz em 0",20 a 0",22.  
Para o mais simples ato de discernimento, o mais próximo do reflexo, temos 0",02 a 0",04.  
  
Se bem que os resultados variem conforme os experimentadores, as pessoas, as circunstâncias e a natureza dos atos psíquicos estudados, ficou, pelo menos, estabelecido que cada ato psíquico requer uma duração apreciável, e que a pretensa velocidade infinita do pensamento não passa de metáfora. Isto posto, é claro que toda ação nervosa, cuja duração seja inferior à requerida pela ação psíquica, não pode despertar a consciência. Para que uma sensação se torne consciente é imprescindível que o movimento perispiritual tenha uma certa duração, sem o que se fará o registro sem que a alma tenha dele conhecimento.  
  
Tal como o fazemos em relação à intensidade, notaremos que um ato inicialmente dificultoso, e que demanda um certo tempo, torna-se mais fácil e mais rápido, quanto mais repetido. Ao fim de muitas repetições, o tempo exigido será tão curto que o eu não mais o percebe e ele se torna, então, inconsciente.  
  
O inconsciente psíquico  
Gravam-se, portanto, no perispírito as sensações, com uma certa durabilidade. Há que observar, contudo, que elas não permanecem no campo da consciência. Desaparecem, momentaneamente, para dar lugar a outras, e tornam-se, por assim dizer — inconscientes. A mesma coisa dá-se em relação a tudo que temos visto, lido e aprendido. Por conseguinte, desde o nascimento, nossa alma cria uma reserva imensa de sensações, volições, idéias, de vez que, como veremos, o mecanismo mediante o qual a alma atua sobre a matéria é igualmente mantido no invólucro fluídico.  
  
Cada painel contemplado, cada leitura que fazemos, deixa em nós um traço. As idéias ligam-se e entrosam-se por lei de associação, que também prevalece para as sensações e percepções. O território em que se escalonam esses materiais, copiosos e multifários, é o perispírito. É nele que coabitam essas aquisições todas, sem riscos de baralhamento. Delas poder-se-ia dizer que constituem a biblioteca de cada ser pensante. É esse tesouro que denominamos — o inconsciente. Tem, portanto, o Espírito o seu armazém de idéias e sensações.  
  
Podemos compará-lo a um sábio, cujos conhecimentos estivessem escritos em livros separados, mas dispostos em ordem imutável e religando-se uns aos outros, ao mesmo tempo que representando, cada qual, uma fração de cérebro e de perispírito, por isso que um e outro são inseparáveis durante a encarnação.  
  
Quer o sábio estudar a física, por exemplo? Basta abrir — na figura da nossa comparação — o livro em que estiver inscrito o que reteve sobre essa ciência. Na realidade, o que ele faz é despertar, voluntariamente, os conhecimentos que em si jazem no estado passivo, isto é, sob a forma de ínfimos movimentos vibratórios. Faz com que voltem ao estado ativo, ou por outra: - eles revertem do inconsciente ao consciente, por um aumento de vibratilidade perispiritual, e, consequentemente, das células em que estão registrados. É uma revivscência que ocorre normalmente, mas que também pode apresentar lacunas, conforme a idade e o estado de saúde do recorrente. (...)**

**13 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões:. 82, 95, 182, 216, 237, 422, 587**

**Perg. 82 - É certo dizer que os Espíritos são imateriais?  
- Como podemos definir uma coisa, quando não dispomos de termos de comparação e usamos uma linguagem insuficiente? Um cego de nascença pode definir a luz? Imaterial não é o termo apropriado; incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito deve ser alguma coisa. É uma matéria quintessenciada, para a qual não dispondes de analogia, é tão eterizada, que não pode ser percebida pelos vossos sentidos.**

**Perg. 95 - O envoltório semi-material do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?  
- Sim, uma forma ao arbítrio do Espírito; e é assim que ele vos aparece algumas vezes, seja nos sonhos, seja no estado de vigilia, podendo tomar uma forma visível e mesmo palpável.**

**Perg. 182 - Podemos conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?  
- Nós, Espíritos, não podemos responder senão na medida do vosso grau de evolução. Quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em condições de compreendê-las, e elas os perturbariam.**

**Perg. 216 - O homem conserva, em suas novas existências, os traços do caráter moral das existências anteriores?  
- Sim, isso pode acontecer. Mas ao melhorar-se, ele se modifica. Sua posição social também pode não ser a mesma. Se de penhor ele se torna escravo, suas inclinações serão muito diferente e teríeis dificuldades em reconhecê-lo. O Espírito sendo o mesmo, nas diversas encarnações, suas manifestações podem ter, de uma para outra, certas semelhanças. Estas, entretanto, serão modificadas pelos costumes da nova posição, até que um aperfeiçoamento notável venha a mudar completamente o seu caráter, pois de orgulhoso e mau pode tornar-se humilde e humano, desde que se haja arrependido.**

**Perg. 237 - A alma, uma vez no mundo dos Espíritos, tem ainda as percepções que tinha nesta vida?  
- Sim, e outras que não possuía, porque o seu corpo era como um véu que a obscurecia. A inteligência é um atributo do Espírito, mas se manifesta mais livremente quando não tem entraves.**

**Perg. 422 - Os letárgicos e os catalépticos vêem e ouvem geralmente o que se passa em torno deles, mas não podem manifestá-lo; é pelos olhos e os ouvidos do corpo que o fazem?  
- Não, é pelo Espírito; o Espírito está consciente, mas não pode comunicar-se.**

**Perg. 422a - Por que não pode comunicar-se?  
- O estado do corpo se opõe a isso. Esse estado particular dos órgãos vos dá a prova de que existe no homem alguma coisa além do corpo, pois este não está funcionando e o Espírito continua a agir.**

**Perg. 587 - As plantas têm sensações? Sofrem quando mutiladas?  
- As plantas são fisicamente afetadas por ações sobre a matéria, mas não têm percepções; por conseguinte, não têm a sensação de dor.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PERDÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação na Bíblia - pág. 44** | **02 - Alerta - pág. 15** |
| **03 - Almas em desfile - pág. 163 (16)** | **04 - Antologia da Espiritualidade - pág. 35, 59** |
| **05 - As margens do Eufrates - pág. 199** | **06 - Ave Luz - pág. 218** |
| **07 - Boa Nova - pág. 68 (10)** | **08 - Catecismo Espírita - pág. 31 (14ª)** |
| **09 - Ceifa de Luz - pág. 21, 85** | **10 - Celeiro de Bênçãos - pág. 37, 81** |
| **11 - Chão de Flores - pág. 28, 53, 71** | **12 - Convites da vida - pág. 123** |
| **13 - Coragem - pág. 129** | **14 - Cristo espera por ti - pág. 278** |
| **15 - Depressão - pág. 131, 139** | **16 - Escrínio de Luz- pág. 113, 135** |
| **17 - Estude e Viva - pág. 157, 188** | **18 - Falando à Terra - pág. 197** |
| **19 - Florações Evangélicas - pág. 157** | **20 - Fonte Viva - pág. 303** |
| **21 - Jesus no Lar - pág. 151, 179** | **22 - Justiça Divina - pág. 79, 155** |
| **23 - Lázaro Redivivo - pág. 15** | **24 - Manual e Dic. Básico do Espiritismo - pág. 84** |
| **25 - Maria Dolores - pág. 101** | **26 - Na Seara do Mestre - pág. 172** |
| **27 - Nas pegadas do Mestre - pág. 37** | **28 - O Consolador - pág. 190** |
| **29 - O Espírito da Verdade - pág. 77, 115** | **30 - O Pensamento de Emmanuel - pág. 153** |
| **31 - Palavras de Vida Eterna - pág. 139** | **32 - Pérolas do Além - pág. 190** |
| **33 - Repositório de sabedoria - pág. 140** | **34 - Sintese de O Novo Testamento - pág. 64, 142** |
| **35 - Indulgência - pág. 42** | **36 - Refúgio - pág. 23** |
| **37 - Trevo de idéias - pág. 51** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PERDÃO– COMPILAÇÃO**

**02 - ALERTA - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG.1 - O PERDÃO DAS OFENSAS**

**O teu agressor, talvez noutra circunstância, levantará a voz em tua defesa. O teu adversário, possivelmente, em situação diferente, será o amigo que te distenderá a mão em socorro. O teu caluniador, quiçá, em posição diversa, virá em teu auxílio. O teu inimigo, certamente, passada a injunção de agora, ser-te-á devotado benfeitor. O teu acusador, superado o transe que o amargura, far-se-á o companheiro gentil da tua jornada. Perdoa-os, portanto, hoje que se voltaram contra tua pessoa, levantando dificuldades no caminho pelo qual avanças. Perdoa as suas ofensas sem impores quaisquer condições, sequer aclarando incompreensões e dirimindo equívocos. O perdão deve assentar-se no esquecimento da ofensa, no repúdio total ao mal, sem exigências.**

**Não sabes como se encontra aquele que se ergue para ferir-te, acusar-te. Ignoras como vive intimamente quem se fez inimigo revel. Desconheces a trama em que tombou o companheiro, a ponto de voltar-se contra ti. Ainda não experimentaste a dolorosa aflição que padece o outro - o que está contrário a ti e te flecha com petardos venenosos, amargurando-te as horas... É certo que nada justifica a atitude inimiga, a posição agressiva, a situação adversária. No entanto, se fosses ele, talvez agisses da mesma forma ou pior. Para evitar que isso te aconteça, exercita o perdão, preparando-te para não tombares na rampa por onde outros escorregaram..**

**Quem perdoa ofensas adquire paz e propicia paz. Quem esquece o mal de que foi vítima, vitaliza o bem de que necessita. Nunca te faças inimigo de ninguém, nem aceites o desafio dos que se te fazem inimigos, sintonizando na faixa deles. Se não conseguires superar a injunção penosa, que os teus inimigos criam, ora por eles e pensa neles com paz no coração. O inimigo é alguém que enfermou... Recorda de Jesus que, mesmo vítima indébita, perdoando, rogou ao Pai, que a todos perdoasse, porque, "eles não sabiam o que estavam a fazer".**

**07 - BOA NOVA - HUMBERTO DE CAMPOS - PÁG. 68 ÍTEM 10 - O PERDÃO**

**As primeiras peregrinações do Cristo e de seus discípulos, em torno do lago, haviam alcançado inolvidáveis triunfos. Eram doentes atribulados que agradeciam o alívio buscado ansiosamente; trabalhadores humildes que se enchiam de santas consolações ante as promessas divinas da Boa Nova. Aquelas atividades, entretanto, começaram a despertar a reação dos judeus rigoristas, que viam em Jesus um perigoso revolucionário. O amor que o profeta nazareno pregava vinha quebrar antigos princípios da lei judaica. Os senhores da terra observavam cuidadosamente as palestras dos escravos, que permutavam imenso júbilo, proveniente das esperanças num novo reino que não chegavam a compreender. Os mais egoístas pretendiam ver no profeta generoso um conspirador vulgar, que desejava levantar as iras populares contra a dominação de Herodes; outros presumiam na sua figura um feiticeiro incomum, que era preciso evitar.  
  
Foi assim que a viagem do Mestre a Nazaré redundou numa excursão de grandes dificuldades, provocando de sua parte as observações quase amargas que se encontram no Evangelho, com respeito ao berço daqueles que o deveriam guardar no santuário do coração. Não foram poucos os adversários de suas idéias renovadoras que o precederam na cidade minúscula, buscando neutralizar-lhe a ação por meio de falsas notícias e desmoralizá-lo, argumentando com informações mal alinhavadas de alguns nazarenos. Jesus sentiu de perto a delicadeza da situação que se lhe criara com a primeira investida dos inimigos gratuitos de sua doutrina; mas, aproveitou todas as oportunidades para as melhores ilações na esfera do ensinamento.  
  
No entanto, o mesmo não aconteceu a seus discípulos. Filipe e Simão Pedro chegaram a questionar seriamente com alguns senhores da região, trocando palavras ásperas, em torno das edificações do Messias. As gargalhadas irônicas, as apreciações menos dignas lhes acendiam no ânimo propósitos impulsivos de defesas apaixonadas. Não faltavam os que viam no Senhor um servo ativo do espírito do mal, um inimigo de Moisés, um assecla de príncipes desconhecidos, ou de traidores ao poder político de Ântipas. Tamanhas foram as discussões em Nazaré, que os seus reflexos nocivos se faziam sentir fortemente sobre toda a comunidade dos discípulos. Pedro e André advogavam a causa do Mestre com expressões incisivas e sinceras. Tiago aborrecia-se com a análise dos companheiros. Levi protestava, expressando o desejo de instituir debates públicos, de maneira a evidenciar-se a superioridade dos ensinos do Messias, em confronto com os velhos textos.  
  
Jesus compreendeu os acontecimentos e, calmamente, ordenou a retirada, afastando-se da cidade com tranquilo sorriso. Não obstante a determinação e apesar do regresso a Cafarnaum, a maioria dos apóstolos prosseguiu em discussão, estranhando que o Mestre nada fizesse, reagindo contra as envenenadas insinuações a seu respeito.Daí a alguns dias, obedecendo às circunstâncias ocorrentes naquela situação, Pedro e Filipe procuraram avistar-se com o Senhor, ansiosos pela claridade dos seus ensinos.  
  
— Mestre, chamaram-vos servo de Satanás e reagimos prontamente! — dizia Pedro, com sinceridade ingênua.  
— Observávamos que por vós mesmo nunca oporíeis a contradita — ajuntava Filipe, convicto de haver prestado excelente serviço ao Mestre bem-amado — e por isso revidamos aos ataques com a maior força de nossas expressões.Não obstante o calor daquelas afirmativas, Jesus meditava com uma doce placidez no olhar profundo, enquanto os interlocutores o contemplavam, ansiando pela sua palavra de franqueza e de amor.Afinal, saindo de suas reflexões silenciosas, o Mestre interrogou:  
  
— Acaso poderemos colher uvas nos espinheiros? De modo algum me empenharia em Nazaré numa contradita estéril aos meus opositores. Contudo, procurei ensinar que a melhor réplica é sempre a do nosso próprio trabalho, do esforço útil que nos seja possível. Nesse particular, não deixei de operar na minha esfera de ação, de modo a produzir resultados a nossa excursão à cidade vizinha, tornando-a proveitosa, sem desdenhar as palavras construtivas no instante oportuno. De que serviriam as longas discussões públicas, inçadas de doestos e zombarias? Ao termo de todas elas, teríamos apenas menores probabilidades para o triunfo glorioso do amor e maiores motivos para a separatividade e odiosas dissensões. Só devemos dizer aquilo que o coração pode testificar mediante atos sinceros, porque, de outra forma, as afirmações são simples ruído sonoro de uma caixa vazia.  
  
— Mestre — atalhou Filipe, quase com mágoa —, a verdade é que a maioria de quantos compareceram às pregações de Nazaré falava mal de vós! — Mas, não será vaidade exigirmos que toda gente faça de nossa personalidade elevado conceito? — interrogou Jesus com energia e serenidade. — Nas ilusões que as criaturas da Terra inventaram para a sua própria vida, nem sempre constitui bom atestado da nossa conduta o falarem todos bem de nós, indistintamente. Agradar a todos é marchar pelo caminho largo, onde estão as mentiras da convenção. Servir a Deus é tarefa que deve estar acima de tudo e, por vezes, nesse serviço divino, é natural que desagrademos aos mesquinhos interesses humanos. Filipe, sabes de algum emissário de Deus que fosse bem apreciado no seu tempo? Todos os portadores da verdade do céu são incompreendidos de seus contemporâneos. Portanto, é indispensável consideremos que o conceito justo é respeitável, mas, antes dele, necessitamos obter a aprovação legítima da consciência, dentro de nossa lealdade para com Deus.  
  
— Mestre — obtemperou Simão Pedro, a quem as explicações da hora calavam profundamente —, nos acontecimentos mais fortes da vida, não deveremos, então, utilizar as palavras enérgicas e justas? — Em toda circunstância, convém naturalmente que se diga o necessário, porém, é também imprescindível que não se perca tempo.Deixando transparecer que as elucidações não lhe satisfaziam plenamente, perguntou Filipe: — Senhor, vossos esclarecimentos são indiscutíveis; entretanto, preciso acrescentar que alguns dos companheiros se revelaram insuportáveis nessa viagem a Nazaré: uns me acusaram de brigão e desordeiro; outros, de mau entendedor de vossos ensinamentos. Se os próprios irmãos da comunidade apresentam essas falhas, como há de ser o futuro do Evangelho? O Mestre refletiu um momento e retrucou:  
  
— Estas são perguntas que cada discípulo deve fazer a si mesmo. Mas, com respeito à comunidade, Filipe, pelo que me compete esclarecer, cumpre-me perguntar-te se já edificaste o reino de Deus no íntimo do teu espírito.— É verdade que ainda não — respondeu, hesitante, o apóstolo.— De dentro dessa realidade, podes observar que, se o nosso colégio fosse constituído de irmãos perfeitos, teria deixado de ser irrepreensível pela adesão de um amigo que ainda não houvesse conquistado a divina edificação.Ambos os discípulos compreenderam e se puseram a meditar, enquanto o Cristo continuava:  
  
— O que é indispensável é nunca perdermos de vista o nosso próprio trabalho, sabendo perdoar com verdadeira espontaneidade de coração. Se nos labores da vida um companheiro nos parece insuportável, é possível que também algumas vezes sejamos considerados assim. Temos que perdoar aos adversários, trabalhar pelo bem dos dos nossos inimigos, auxiliar os que zombam da nossa fé.Nesse ponto de suas afirmativas, Pedro atalhou-o, dizendo:— Mas, para perdoar não deveremos aguardar que o inimigo se arrependa? E que fazer, na hipótese de o malfeitor assumir a atitude dos lobos sob a pele da ovelha?  
  
— Pedro, o perdão não exclui a necessidade da vigilância, como o amor não prescinde da verdade. A paz é um património que cada coração está obrigado a defender, para bem trabalhar no serviço divino que lhe foi confiado. Se o nosso irmão se arrepende e procura o nosso auxílio fraterno, amparemo-lo com as energias que possamos despender; mas, em nenhuma circunstância cogites de saber se o teu irmão está arrependido. Esquece o mal e trabalha pelo bem. Quando ensinei que cada homem deve conciliar-se depressa com o adversário, busquei salientar que ninguém pode ir a Deus com um sentimento de odiosidade no coração. Não poderemos saber se o nosso adversário está disposto à conciliação; todavia, podemos garantir que nada se fará sem a nossa boa-vontade e pleno esquecimento dos males recebidos. Se o irmão infeliz se arrepender, estejamos sempre dispostos a ampará-lo e, a todo momento, precisamos e devemos olvidar o mal. Foi quando, então, fez Simão Pedro a sua célebre pergunta:  
  
— "Senhor, quantas vezes pecará meu irmão contra mim, que lhe hei de perdoar? Será até sete vezes?" Jesus respondeu-lhe, calmamente:— Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Daí por diante, o Mestre sempre aproveitou as menores oportunidades para ensinar a necessidade do perdão recíproco, entre os homens, na obra sublime da redenção. Acusado de feiticeiro, de servo de Satanás, de conspirador, Jesus demonstrou, em todas as ocasiões, o máximo de boa-vontade para com os espíritos mais rasteiros de seu tempo. Sem desprezar a boa palavra, no instante oportuno, trabalhou a todas as horas pela vitória do amor, com o mais alto idealismo construtivo. E no dia inesquecível do Calvário, em frente dos seus perseguidores e verdugos, revelando aos homens ser indispensável a imediata conciliação entre o espírito e a harmonia da vida, foram estas as suas últimas palavras — "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!..."**

**08 - CATECISMO ESPÍRITA - ELISEU RIGONATTI - PÁG. 28 14ª. LIÇÃO: O PERDÃO**

**Sejamos misericordiosos como é misericordioso Nosso Pai que está nos céus, ensinou-nos Jesus.  
Ser misericordioso significa saber perdoar as ofensas que recebemos, o mal que nos fizerem, ou o prejuízo que nos causarem.  
A mais bela coisa que podemos mostrar a Deus é nosso coração livre de ódios ou de qualquer ressentimento contra nossos irmãos.  
Se alguém nos fizer alguma injustiça ou injúria, se não procederem bem para conosco, tenhamos a coragem necessária para perdoar e esquecer.  
  
Repilamos com todas as forças de nosso espírito as ideias de ódio ou de vingança.  
O ódio é um dos mais baixos sentimentos que um espírito pode abrigar.  
Quem guarda ódio aparta-se da caridade e afasta-se do amor. O ódio leva à vingança que é um ato mesquinho e indigno.  
Infeliz de quem odeia, infeliz de quem se vinga! Séculos de sofrimento, reencarnações dolorosas o esperam até que aprenda a transformar o ódio em amor e a vingança em perdão.  
  
O perdão consiste em não tirarmos, nem por palavras nem por atos, a mais pequena desforra da pessoa que nos ofendeu; não guardar o menor rancor e esquecer completamente a má ação que nos fez. E se um dia o nosso ofensor precisar, devemos ser os primeiros a favorecê-lo.  
  
Quem perdoa pratica a caridade duas vezes: uma vez para consigo mesmo porque fica com a consciência tranquila; e outra vez, para com seu próximo porque não o deixa ter pensamentos de ódio e lhe dá uma prova de amor.  
Perdoando nós conquistamos amigos e livramo-nos de inimigos.  
  
Devemos perdoar tantas vezes quantas formos ofendidos.  
Pedro perguntou a Jesus quantas vezes deveríamos perdoar; seriam até sete vezes? Jesus respondeu: — Não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.**

**17 - ESTUDE E VIVA - EMMANUEL E ANDRÉ LUIZ - PÁG. 156, 157 - NO EXAME DO PERDÃO**

**Observemos o ensinamento do Cristo, acerca do perdão. Note-se que o Senhor afirma, convincente:  
— «Se o vosso irmão agiu contra vós...» Isso quer dizer que Jesus principia considerando-nos na condição de pessoas ofendidas, incapazes de ofender; ensina-nos a compreender os semelhantes, crendo-nos seguros no trato fraternal. Nas menores questões de ressentimento, sujeitemo-nos a desapaixonado auto-exame.Quem sabe a reação surgida contra nós terá nascido de ações impensadas, desenvolvidas por nós mesmos ?  
  
Se do balanço de consciência estivermos em débito para com os outros, tenhamos suficiente coragem de solicitar-lhes desculpas, diligenciando sanar a falta cometida e articulando serviço que nos evidencie o intuito de reparação. Se nos sentimos realmente feridos ou injustiçados, esqueçamos o mal. Na hipótese de o prejuízo alcançar-nos individualmente e tão-somente a nós, reconheçamo-nos igualmente falíveis e ofertemos aos nossos inimigos imediatas possibilidades de reajuste. Se, porém, o dano em que fomos envolvidos atinge a coletividade, cabendo à justiça e não a nós o julgamento do golpe verificado, é claro que não nos compete louvar a leviandade. Ainda assim, podemos reconciliar-nos com os nossos adversários, em espírito, orando por eles e amparando-os, por via indireta, a fim de que se valorizem para o bem geral nas tarefas que a vida lhes reservou.  
  
De qualquer modo, evitemos estragar o pensamento com o vinagre do azedume. Nem sempre conseguimos jornadear, nas sendas terrestres, junto de todos, porquanto, até que venhamos a completar o nosso curso de autoburilamento no instituto da evolução universal, nem todos renasceremos simultaneamente numa só família e nem lograremos habitar a mesma casa.  
  
Sigamos, assim, de nossa parte, vida afora, em harmonia com todos, embora não possamos a todos aprovar, entendendo e auxiliando, desinteressadamente, aqueles diante dos quais ainda não possuímos o dom de agradar em pessoa, e rogando a Bênção Divina para aqueles outros junto de quem não nos será lícito apoiar a delinquência ou incen­tivar a perturbação.  
Memorandos:  
  
— A balança do bem não tem cópia.— A vontade adoece, mas nunca morre. - Quem compensa mal com mal, atinge males maiores.  
- O amor real transpira imparcialidade. - O sofrimento acorda o dever. - O remédio excessivo faz-se veneno.  
- Somos todos familiares de Jesus. - Nenhum enfeite disfarça a culpa. - A vida não cansa o coração humilde.  
- Toda convicção merece respeito. - Só a consciência tranquila dá sono calmo. - Emoções e idéias não existem a sós.  
- Mediunidade, na essência, é cooperação mútua. - Para o cristão não existem dores alheias, porque as dores da coletividade pertence a ele próprio.  
- Do erro nasce a correção. - Lábios vigilantes não alerdeiam vantagens. - A caridade é o pensamento vido do Evangelho.**

**19 - FLORAÇÕES EVANGÉLICAS - JOANA DE ÂNGELIS- PÁG. 157**

**PERDOAR**

**Sim, deves perdoar ! Perdoar e esquecer a ofensa que te colheu de surpresa, quase dilacerando a tua paz. Afinal, o teu opositor não desejou ferir-te realmente e, se o fez com essa intenção, perdoa ainda, perdoa-o com maior dose de compaixão e amor. Ele deve estar enfermo, credor, portanto, da misericórdia do perdão.**

**Ante a tua aflição, talvez ele sorria. A insanidade se apresenta em face múltipla e uma delas é a impiedade, outra o sarcasmo, podendo revestir-se de aspectos muito diversos.**

**Se ele agiu cruciado pela ira, sacando as armas da calúnia e da agressão, foi vitimado por cilada infeliz da qual poderá sair desequilibrado ou comprometido organicamente. Possivelmente, não irá perceber esse problema, senão mais tarde.**

**Quando te ofendeu deliberadamente, conduzindo o teu nome e o teu caráter ao descrédito, em verdade se desacreditou ele mesmo. Continuas o que és e não o que ele disse a teu respeito.**

**Conquanto justifique manter a animosidade contra a tua pessoa, evitando a reaproximação, alimenta miasmas que lhe fazem mal e se abebera da alienação com indisfarçável presunção.**

**Perdoa, portanto, seja o que for e a quem for. O perdão beneficia aquele que perdoa, por propiciar-lhe paz espiritual, equilíbrio emocional e lucidez mental.**

**Felizes são os que possuem a fortuna do perdão para a distender largamente, sem parcimônia. O perdoado é alguém em débito; o que perdoou é Espírito em lucro.**

**Se revidas o mal és igual ao ofensor, se perdoas, estás em melhor condição; mas se perdoas e amas aquele que te maltratou, avanças em marcha invejável pela rota do bem. Todo agressor sofre em si mesmo. É um Espírito envenenado, espargindo o tóxico que o vitima. Não desças a ele senão para o ajudar.**

**Há tanto tempo não experimentavas aflição ou problema - graças à fé clara e nobre que enflora em tua alma - que te desacostumaste ao convívio do sofrimento. Por isso, está considerando em demasia o petardo com que te atingiram, valorizando a ferida que podes de imediato cicatrizar.**

**Pelo que se passa contigo, medita e compreenderás o que ocorre com ele, o teu ofensor. O que te é inusitado, nele é habitual. Se não permitires a ira ou a rebeldia - perdoarás!**

**A mão que, em afagando a tua, crava nela espinhos e urze que carrega, está ferida ou se ferirá simultaneamente. Não lhe retribuas a atitude, usando estiletes de violência para não aprofundares as lacerações.**

**O regato singelo, que tem o curso impedido por calhaus e os não pode afastar, contorna-os ou pára, a fim de ultrapassá-los e seguir adiante. A natureza violentada pela tormenta responde ao ultraje reverdecendo tudo e logo multiplicando flores e grãos. E o pântano infeliz, na sua desolação, quando se adorna de luar, parece receber o perdão da paisagem e a benéfica esperança da oportunidade de ser drenado brevemente, transformando-se em jardim.**

**Que é o Consolador, que hoje nos conforta e esclarece, conduzindo uma plêiade de Embaixadores dos Céus para a Terra, em missão de misericórdia e amor, senão o perdão de Deus aos nossos erros, por intercessão de Jesus?!**

**Perdoa, sim, e intercede ao Senhor por aquele que te ofende, olvidando todo o mal que ele supõe ter-te feito ou que supões que ele te fez e, se o conseguires, ama-o, assim mesmo como ele é.**

**Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes. Mateus: 18:22**

**A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. Cap. X - ítem 4**

**20- FONTE VIVA - EMMANUEL - PÁG. 303, ÍTEM 135 -   
DESCULPA SEMPRE**

**"Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai Celestial vos perdoará." — Jesus. (MATEUS, 6:14.)  
Por mais graves te pareçam as faltas do próximo, não te detenhas na reprovação.  
Condenar é cristalizar as trevas, opondo barreiras ao serviço da luz. Procura nas vítimas da maldade algum bem com que possas soerguê-las, assim como a vida opera o milagre do reverdecimento nas árvores aparentemente mortas. Antes de tudo, lembra quão difícil é julgar as decisões de criaturas em experiências que divergem da nossa! Como refletir, apropriando-nos da consciência alheia, e como sentir a realidade, usando um coração que não nos pertence? Se o mundo, hoje, grita alarmado, em derredor de teus passos, faze silêncio e espera...A observação justa é impraticável quando a neblina nos cerca.  
  
Amanhã, quando o equilíbrio for restaurado, conseguirás suficiente clareza para que a sombra te não altere o entendimento.  
Além disso, nos problemas de crítica, não te suponhas isento dela.  
Através da nociva complacência para contigo mesmo, não percebes quantas vezes te mostras menos simpático aos semelhantes!  
Se há quem nos ame as qualidades louváveis, há quem nos destaque as cicatrizes e os defeitos.  
Se há quem ajude, exaltando-nos o porvir luminoso, há quem nos perturbe, constrangendo-nos à revisão do passado escuro. Usa, pois, a bondade, e desculpa incessantemente. Ensina-nos a Boa Nova q**ue o Amor cobre a multidão dos pecados.  
**Quem perdoa, esquecendo o mal e avivando o bem, recebe do Pai Celestial, na simpatia e na cooperação do próximo, o alvará da libertação de si mesmo, habilitando-se a sublimes renovações.**

**21 - JESUS NO LAR - NÉIO LUCIO - pág. 151, 179 - PÁG. 151, ÍTEM 35 - A NECESSIDADE DE ENTENDIMENTO**

**Um dos companheiros trazia ao culto evangélico enorme expressão de abatimento. Ante as indagações fraternas do Senhor, esclareceu que fora rudemente tratado na via pública. Vários devedores, por ele convidados a pagamento, responderam com ingratidão e grosseria. Não se internou o Cristou através da consolação individual, mas exortando evidentemente todos os companheiros, narrou benevolente:— Um grande explicador dos textos de Job possuía singulares disposições para os serviços da compreensão e da bondade, e, talvez por isso, organizou uma escola em que pontificava com indiscutível sabedoria.  
  
Amparando, certa ocasião, um aprendiz irrequieto que frequentes vezes se lamuriava de maus tratos que recebia na praça pública, saiu pacientemente em companhia do discípulo, pelas ruas de Jerusalém, implorando esmolas para determinados serviços do Templo.  
A maioria dos transeuntes dava ou negava, com indiferença, mas, numa esquina movimentada, um homem vigoroso respondeu-lhes à rogativa com aspereza e zombaria.  
  
O mestre tomou o aprendiz pela mão e ambos o seguiram, cuidadosos. Não andaram muito tempo e viram-no cair ao solo, ralado de dor violenta, provocando o socorro geral. Verificaram, em breve, que o irmão irritado sofria de cólicas mortais.  
Demandaram adiante, quando foram defrontados por um cavalheiro que nem se dignou responder-lhes à súplica, endereçando-lhes tão-sòmente um olhar rancoroso e duro.  
  
Orientador e tutelado acompanharam-lhe os passos, e, quando a estranha personagem alcançou o domicílio que lhe era próprio, repararam que compacto grupo de pessoas chorosas o aguardava, grupo esse ao qual se uniu em copioso pranto, informando-se os dois de que o infeliz retinha no lar uma filha morta.  
  
Prosseguiram esmolando na via pública e, a estreito passo, receberam fortes palavrões de um rapaz a quem se haviam dirigido. Retraíram-se ambos, em expectativa, verificando, depois de meia hora de observação, que o mísero não passava de um louco.  
Em seguida, ouviram atrevidas frases de um velho que lhes prometia prisão e pedradas; mas, decorridas algumas horas, souberam que o infortunado era simplesmente um negociante falido, que se convertera de senhor em escravo, em razão de débitos enormes.  
  
Como o dia declinasse, o respeitável instrutor convocou o discípulo ao regresso e ponderou:  
— Guardaste a lição? Aceita a necessidade do entendimento por sagrado imperativo da vida. Nunca mais te queixes daqueles que exibem expressões de revolta ou desespero nas ruas. O primeiro que nos surgiu; à frente era enfermo vulgar; o segundo guardava a morte em casa; o terceiro padecia loucura e o quarto experimentava a falência. Na maioria dos casos, quem nos recebe de mau-humor permanece em estrada muito mais escura e mais espinhosa que a nossa.  
  
E, completando o ensinamento, terminou o Senhor, diante dos companheiros espantados:  
— Quando encontrarmos os portadores da aflição, tenhamos piedade e auxiliemo-los na reconquista da paz íntima. O touro retém os chifres, por não haver atingido, ainda, o dom das asas. Reclamamos, cornumente, contra a ovelha que nos perturba o repouso, balindo, atormentada; todavia, raramente nos lembramos de que o pobre animal vai seguindo, sob laço pesado, a caminho do matadouro.  
  
PÁG. 179, ÍTEM 42 - A MENSAGEM DA COMPAIXÃO  
Dentro da noite clara, a assembléia familiar em casa de Pedro centralizara-se no exame das dificuldades no trato com as pessoas. Como estender os valores da Boa Nova? como instalar o mesmo dom e a mesma bênção em mentalidades diversas entre si? Findo o longo debate fraternal, em que Jesus se mantivera em pesado silêncio, João perguntou-lhe, preocupado: - Senhor, o que fazer diante da calúnia que nos dilacera o coração?— Tem piedade do caluniador e trabalha no bem de todos — respondeu o Celeste Mentor, sorrindo —, porque o amor desfaz as trevas do mal e o serviço destrói a ideia desrespeitosa.  
  
— Mestre — ajuntou Tiago, filho de Zebedeu —, e como agir perante aquele que nos ataca, brutalmente?  
— Um homem que se conduz pela violência — acentuou o Cristo, bondoso —, deve estar louco ou envenenado. Auxiliemo-lo a refazer-se.— Senhor — aduziu Judas, mostrando os olhos esfogueados —, e quando o homem que nos ofende se reveste de autoridade respeitável, qual seja a dum príncipe ou dum sacerdote, com todas as aparências do ordenador consciente e normal?  
— A serpente pode ocultar-se num ramo de flores e há vermes que se habituam nos frutos de bela apresentação. O homem de elevada categoria que se revele violento e cruel é enfermo, ainda assim. Compadece-te dele, porque dorme num pesadelo de escuras ilusões, do qual será constrangido a despertar, um dia. Ampara-o como puderes e marcha em teu caminho, agindo na felicidade comum.  
— Mestre, e quando a nossa casa é atormentada por um crime? como procederei diante daquele que me atraiçoa a confiança, que me desonra o nome ou me ensanguenta o lar?  
  
— Apiada-te do delinquente de qualquer classe — elucidou Jesus — e não desejes violar a Lei que o próximo desrespeitou, porque o perseguidor e o criminoso de todas as situações carrega consigo abrasadora fogueira. Uma falta não resgata outra falta e o sangue não lava sangue. Perdoa e ajuda. O tempo está encarregado de retribuir a cada criatura, de acordo com o seu esforço.  
— Mestre — atalhou Bartolomeu —, que fazer do juiz que nos condena com parcialidade?  
— Tem compaixão dele e continua cooperando no bem de todos os que te cercam. Há sempre um juiz mais alto, analisando aqueles que censuram ou amaldiçoam e, além de um horizonte, outros horizontes se desdobram, mais dilatados e luminosos.  
— Senhor — indagou Tadeu —, como proceder diante da mulher que amamos, quando se entrega às quedas morais? Jesus fitou-o, com brandura, e inquiriu, por sua vez:  
  
— Os sofrimentos íntimos que a dilaceram, dia e noite, não constituirão, por si só, aflitiva punição?  
Fêz-se balsâmico silêncio no círculo doméstico e, logo ao perceber que os aprendizes haviam cessado as interrogações, o Senhor concluiu:  
— Se pretendemos banir os males do mundo, cultivemos o amor que se compadece no serviço que constrói para a felicidade de todos. Ninguém se engane. As horas são inflexíveis instrumentos da Lei que distribui a cada um, segundo as suas obras. Ninguém procure sanar um crime, praticando outros crimes, porque o tempo tudo transforma na Terra, operando com as labaredas do sofrimento ou com o gelo da morte.**

**30 - O PENSAMENTO DE EMMANUEL - MARTINS PERALVA - PÁG. 153 ÍTEM 24 O PERDÃO:**

**P. — Poderemos utilmente pedir a Deus que perdoe as nossas faltas?  
R. — Deus sabe discernir o bem do mal; a prece não esconde as faltas. Aquele que a Deus pede perdão de suas faltas só o obtém mudando de proceder. As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras. Item 661  
A concessão paternal de Deus, no que se refere à reencarnação para a sagrada oportunidade de uma nova experiência, já significa, em si, o perdão ou a magnanimidade da Lei. Emmanuel**

**Em resposta a Pedro, o velho pescador galileu, informa o Divino Amigo que devemos perdoar não sete vezes, mas até setenta vezes sete. Em outra oportunidade, aconselha conciliação com o adversário enquanto estivermos a caminho com, ele, isto é, enquanto estivermos reencarnados. O perdão, no conceito das religiões não-reencarnacionistas, significa "apagar faltas". Limpar a alma do pecado, ou seja, do mal praticado.  
  
Eximir de responsabilidade. Nos termos do perdão teológico, aquele que ofendeu alguém e recebe absolvições humanas, fica com a estrada livre para novos desatinos. Há, como se vê, nesse tipo de perdão, visível estímulo a novos erros, novos enganos, novas ilusões. O homem sente-se, inevitavelmente, estimulado a novas quedas, novas reincidências, com fatais prejuízos ao processo evolutivo, que se retarda, no tempo.  
  
A conceituação doutrinária do Espiritismo, em torno do tema "perdão", é bem outra. Muito diversa, menos fácil, porém, inegavelmente, mais sensata, mais lógica. O perdão, segundo a Doutrina Espírita, não alarga as portas do erro; pelo contrário, restringe-as, sobremaneira, por apontar responsabilidades para quem estima a leviandade e a injúria, a crueldade e o desapreço à integridade, moral ou física, dos companheiros de luta, na paisagem terrestre.  
  
De acordo com os preceitos espíritas, não há perdão sem reparação consequente, embora os próprios Instrutores de Mais Alto lembrem a palavra evangélica, que nos incentiva à integração com o Bem, no apostolado da fraternidade, através do ensinamento "o amor cobre a multidão dos pecados", que representa a única força "que anula as exigências da Lei de Talião, dentro do Universo Infinito" (Emmanuel).  
  
O perdão que o Espiritismo e os amigos espirituais preconizam em verdade não é de fácil execução. Requer muito boa-vontade. Demanda esforço esforço continuado, persistente. Reclama perseverança. Pede tenacidade. É bem diferente do perdão teológico, que deve ter tido, em algum tempo, sua utilidade. Não se veste de roupagem fantasiosa, não se emoldura de expressões simplesmente verbais. Os postulados espíritas indicam-no por concessão de nova ou novas oportunidades de resgate e reparação dos erros praticados e dos males que deles resultaram.  
  
Elevados Mensageiros do Pai, respondendo ao Mestre lionês, afirmaram que "o arrependimento concorre para a melhoria do Espírito, mas ele tem que expiar o seu passado".Emmanuel assevera, desenvolvendo a tese doutrinária, que "a concessão paternal de Deus, no que se refere à reencarnação para a sagrada oportunidade de uma nova experiência, já significa, em si, o perdão ou a magnanimidade da Lei" ("O Consolador").  
  
André Luiz esclarece que Deus "não castiga e nem perdoa, mas o ser consciente profere para si as sentenças de absolvição ou culpa ante as Leis Divinas" ("O Espírito da Verdade"). Para a alma realmente interessada no perdão que não seja, apenas, um enunciado verbal, sem repercussões íntimas nas fontes augustas do sentimento, o ato de perdoar significa alguma coisa de grandioso e sublime, por isso mesmo difícil de executar. Não se constitui da vã afirmativa: "eu perdôo", permanecendo o coração fechado a qualquer entendimento conciliador e a mente cristalizada nas vibrações menos fraternas.  
  
Não há perdão real, legitimo, definitivo, evangélico, doutrinário, quando o ofendido não se inclina a ajudar o ofensor, a servi-lo cristãmente, a socorrê-lo nas necessidades de qualquer natureza, se preciso. As verdadeiras características do perdão com Jesus, apregoadas pelo Espiritismo, são, realmente, singulares e difíceis:  
— esquecimento do mal recebido,  
— não nos regozijarmos com os insucessos do ofensor,  
— auxiliarmos, discretamente, sempre que possível, ao adversário,  
— usarmos a delicadeza sincera, no trato com os que nos magoaram o coração ou feriram a sensibilidade,— vibrarmos, fraternalmente, em favor dos que nos desestimam.  
  
Como se observa, perdoar, segundo o Espiritismo, não é problema a resolver por meio de afirmativas apressadas, sem vivência interior. O maior beneficiário do perdão não é, como parece, aquele que o recebe, mas o que o concede. O que é perdoado, se reconforta, se reanima. O que perdoa, sinceramente, recolhe, dos Céus, as mais profusas bênçãos — bênçãos que nenhum tesouro do mundo pode substituir ou suplantar, tais como:  
— conservação da paz interior,  
— preservação da saúde,  
— alegria de transformar o adversário em amigo, pelo reconhecimento que o perdão desperta e suscita,  
— exercitação, cultivo dos mais belos sentimentos da alma humana, tais sejam, por exemplo, a humildade, o altruísmo, a nobreza moral.  
  
Quem não perdoa, permanece ligado ao adversário, encarnado ou desencarnado, pelas faixas escuras do pensamento hostil.  
Quem não perdoa, insistindo na mágoa raivosa, permite se estabeleça, entre a sua e a mente do adversário, uma ponte magnética, através da qual circulam, em regime de vaivém, de idas-e-voltas consecutivas, as vibrações do ódio e da vingança.  
Quem perdoa, liberta o coração para as mais sublimes manifestações do amor que eleva e santifica. "A alma que não perdoa, retendo o mal consigo, assemelha-se a um vaso cheio de lama e fel." "Jesus aconselhava-nos a perdoar infinitamente, para que o Amor seja em nosso Espírito como Sol brilhando em casa limpa."  
  
Maravilhosos conceitos, extraídos das obras de André Luiz!  
Aquele que perdoa dissolve, ainda hoje, e aqui mesmo, os antagonismos, nas águas puras e doces da compreensão.  
Quem não perdoa transfere para amanhã, noutras existências, em qualquer parte do Universo Ilimitado, os dolorosos reajustes, que bem se poderiam extinguir na presente reencarnação. Aquele que perdoa, transpõe os pórticos da Espiritualidade, na morte do corpo físico, com a paz na consciência, a luz no Espírito, o consolo no coração. Quem não perdoa, carrega consigo, no mundo extra-corpóreo, a sombra e o remorso.**

**35 - INDULGÊNCIA - EMMANUEL - PÁG. 42**

**PERDÃO E VIDA: Perdão é requisito essencial no erguimento da libertação e da paz. Habituamo-nos a pensar que Jesus nos teria impulsionado a desculpar "setenta vezes sete vezes" unicamente nos casos de ofensa à dignidade pessoal ou nas ocorrências do delito culposo, entretanto, o apelo do Evangelho nos alcança em áreas muito mais extensas da vida.**

**Se somamos as inquietações e sofrimentos que infligimos a nós mesmos por não perdoarmos aos entes amados pelo fato de não serem eles as pessoas que imaginávamos ou desejávamos fossem, surpreenderemos conosco volumosa carga de ressentimento que nada mais é senão peso morto, a impelir-nos para o fogo inútil do desespero. Isso ocorre em todas as posições da vida.**

**Esquecemo-nos de que nenhum ser existe imobilizado, que todos experimentamos alterações no curso do tempo e não relevamos facilmente os amigos que se modificam, sem refletir que também nós estamos a modificar-nos diante deles. Casamento, companheirismo, equipe, agrupamento e sociedade são instituições nas quais é forçoso que o verbo amar seja conjugado todos os dias.**

**Na Terra, esposamos alguém e verificamos, muitas vezes, que esse alguém não é a criatura que aguardávamos; entregamo-nos a determinados amigos e observamos que não correspondem ao retrato espiritual que fazíamos deles; ou abraçamos parentes e colegas para a execução de certos empreendimentos e notamos, por fim, que não se harmonizam com os nossos planos de trabalho e passamos a sofrer pela incapacidade de tolerar as condições e realidades que lhes são próprias.**

**Reflitamos, no entanto, que os outros se alteram à nossa frente, quase sempre na medida em que nos alterarmos para com eles. Necessário compreender que se todos somos capazes de auxiliar a alguém, ninguém, pode mudar ninguém, através de atitudes compulsórias, porquanto cada criatura é uma criação original do Criador.**

**Aceitemos quantos convivam conosco, tais quais são, reconhecendo que para manter a bênção do amor, entre nós, não nos compete exigir a sublimação alheia e sim trabalhar incessantemente e quanto nos seja possível pela própria sublimação.**

**36 - REFÚGIO - EMMANUEL - PÁG. 23**

**PROBLEMA DO PERDÃO**

**A Divina Tolerância não constitui subversão da ordem no campo da Justiça. O perdão do Senhor é sempre transformação do mal no bem, com a renovação de nossas oportunidades de luta e resgate, no grande caminho da vida.**

**Vejamos a Terra, em sua função de escola de nossos espíritos endividados e reconheceremos a Bondade Celeste atuando, de mil modos diversos, cada dia, no serviço de reajuste.**

**Aqui, as feridas do corpo apagam o incêndio que ateávamos no passado, buscando a destruição do próximo. Ali, enfermidades de diagnose obscura regeneram nossos velhos desequilíbrios do estômago ou do sexo.**

**Além, padecimentos morais inomináveis solucionam compromissos pesados, assumidos por nós mesmos, à frente dos nossos semelhantes. Acolá, na guerra fria da trincheira doméstica, antigos adversário permanecem jungidos uns aos outros, nas férreas teias das circunstâncias que lhes constrangem as almas à experiência comum.**

**Enquanto houver dívida em nossa marcha, haverá reajustamento pela dor. É que sendo Deus, Amor e Sabedoria, nossas ofensas não Lhe atingem a Magnificência e o Esplendor. Nossas faltas atiradas à face do Todo-Compassivo são como borrifos de lama arrojados ao Sol.**

**Somos, porém, descendentes de Sua Luz, e, por isso mesmos, a Justiça nos rege. A Bondade Infinita do Criador ou daqueles que O representam nos afaga e desculpa sempre, entretanto, nossa consciência jamais nos perdoa.**

**A Lei do Eterno Equilíbrio em nós, indicando-nos o caminho da Ascensão quando nos achamos quites com os seus decretos de Bênçãos ou da reabilitação, se nos constituímos seus devedores.**

**Tenhamos, desta forma, cuidado em não tisnar a alvura de nossa vestimenta interior, ou então, empenhemos nossas melhores energias por refazer-lhe a brancura, porquanto, amanhã, a vida nos pedirá contas do tempo e dos recursos que nos foram emprestados e, não nos ausentaremos do círculo escuro de nossas defecções morais, enquanto não fomos perdoados por nosso tribunal íntimo, de vez que, como criaturas de Deus, desejamos senhorear a Sublime Herança que nos é reservada, não à conta de mendigos ou mercenários da Graça Divina, mas, na posição de Filhos Redimidos de Nosso Pai Celestial.**

**37 - TREVO DE IDÉIAS - EMMANUEL - PÁG. 51, 60**

**PERDOA E VIVERÁS**

**Alguém te haverá ofendido, entretanto, se não perdoa a esse alguém, criarás em ti mesmo as desvantagens do ressentimento, que se te condensarão na própria alma, por determinado ponto enfermiço. Antes de qualquer atitude contra o suposto ofensor, considera que, provavelmente, não terá ele tido qualquer intenção de ferir-te e talvez até mesmo ignore qualquer tópico alusivo ao assunto que te aborrece.**

**Concentrando a mágoa contigo, predisporá alma e corpo à doença e ao desequilíbrio. Ainda que não queiras, o ressentimento por ti acalentado estenderá sombra e pesar, no ambiente em que vives, atingindo aqueles que mais amas.**

**Pessoa alguma consegue prever os males que surgirão nos entes queridos quando se deixam possuir pelo azedume. Recorda que amanhã, é possível que estejas necessitando do perdão de teu imaginário ofensor, por faltas mais graves que hajas cometido em momentos de exagerada impulsividade.**

**Quando não seja em teu próprio favor, talvez chegue o dia, no qual as circunstâncias te aproximarão desse ou daquele desafeto, a fim de rogar apoio, a benefício de criaturas do teu próprio círculo familiar.**

**Lembra-te, nas crises da vida, de que o ressentimento nunca rendeu paz ou felicidade para ninguém. O perdão liberta sempre e restaura, em qualquer tempo, as oportunidades favoráveis à nossa marcha nas trilhas da experiência, para que venhamos a descobrir o Reino de Deus que existe e palpita em nós mesmos.**

**Eis por que Jesus recomendou-nos a todos, através do Apóstolos "Perdoa não sete vezes, mas setenta vezes sete", o que equivale a dizer: "Perdoa e realmente viverás".**

**PERDÃO E LIBERDADE**

**Aprendamos a perdoar conquistando a liberdade de servir. É imprescindível esquecer o mal para que o bem se efetue. Onde trabalhes, guarda o entendimento fraterno, a fim de que a sombra não te algeme o espírito ao desespero.**

**Onde estiveres e onde fores, lembra-te do perdão incondicional, para que o auxílio dos outros te assegure paz à vida. É indispensável que a compreensão reine hoje entre nós, para que amanhã não estejamos encarcerados na rede das sombras.**

**A morte não é libertação pura e simples. Desencarnar-se a alma do corpo não é exonerar-se dos sentimentos que lhe são próprios. Muitos conduzem consigo, além-túmulo, uma taça de fel envenenado com que aniquilam os melhores sonhos dos que ficaram na Terra e muitos do que ficam na Terra conservam consigo, no coração, um vaso de fogo vivo com que destroem as melhores esperanças dos que demandam o cinzento portal do túmulo.**

**Não procure para tua alma o inferno invisível do ódio. Acomoda-te com o adversário ainda hoje, procurando entendê-lo e serví-lo, para que amanhã não te matricules em contendas com forças negativas.**

**Transferir a reconciliação para o caminho da morte é atormentar o caminho da própria vida. Desculpa sempre, reconhecendo que não prescindimos da paciência alheia.**

**Nem sempre somos nós a vítima real, de vez que, por atitudes imanifestas, induzimos o próximo a agir contra nós, convertendo-nos, ante os tribunais da Justiça Divina, em autores intelectuais dos delitos que passamos a lamentar indebitamente. Toda intolerância é violência. Toda aspereza avinagrada é crueldade. Quase sempre, a crítica é corrosivo do bem, impelindo-nos à revisão de nossas próprias aitudes.**

**E sabendo que encontraremos na estrada a projeção de nós mesmos, conservemos o perdão por defensor de nossa liberdade, auxiliando agora para que não sejamos depois prejudicados.**

**PERDOAR  
CARLOS FERREIRA**

**É tão bom perdoar! Sentir a vida  
Andar em mar de júbilo constante  
Ter um idéia boa a cada instante,  
Toda azul de luzes revestida.**

**Deixar nas trevas densas esquecida  
A dolorosa ofensa lancinante,  
A procurar no amor tonificante  
A recompensa, em bênção envolvida.**

**Ah! É tão ser bom! Sentir vibrando  
Na alma o eco do amor que a crença afaga,  
Tudo esquecendo e tudo abençoando...**

**Sorrir à ingratidão por simples paga.  
Perdoar... Perdoá-la, mesmo quando  
Fino punhal nos crava em viva chaga!**

|  |
| --- |
| **PERISPÍRITO** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **1 - A Agonia das religiões - pág. 63/106** | **2 - A alma é imortal - pág. 61/82/120/157/200** |
| **3 - A caminho da luz - pág. 31** | **4 - A crise da morte - pág. 66/93** |
| **5 - A evolução anímica - pág. 22/47/85/100/120** | **6 - A evolução do princípio inteligente - pág. 115** |
| **7 - A gênese - cap. XIV, 7** | **8 - A levitação - pág. 15/19/115** |
| **9 - A reencarnação - pág. 35/51/141/286** | **10 - Ação e reação - pág. 39/30/93/171/254** |
| **11 - As aves feridas na Terra voam - pág. 85** | **12 - Catecismo espírita - pág. 49 (23ª. lição)** |
| **13 - Correnteza de luz - pág. 21/25** | **14 - Depois da morte - pág. 49/73/174/207/226** |
| **15 - Emmanuel - pág. 129** | **16 - Entre o céu e a Terra - pág. 42/47/78/81** |
| **17 - Estudos Espíritas - pág. 39** | **18 - Evolução em dois mundos - pág. 12/25/29/31/138** |
| **19- Gênese da alma - pág. 86** | **20 - O céu e o inferno - 1ª. parte, cap. III, 10** |
| **21 - O consolador - pág. 35** | **22 - O Livro dos Espíritos - Q.93/135/141/150/155/187** |
| **23 - O Livro dos Médiuns - Questões: 53 a 59** | **24 - O porquê da vida - pág. 91** |
| **25 - Pureza Doutrinária - pag. 58** | **26 - Sintese de o novo Testamento - pág. 60/226/251** |
| **27 - Perispírito e corpo mental - toda a obra** | **28 - Roteiro - pág. 31** |
| **29 - O espiritismo perante a ciência - pág. 217** | **30 - Espírito, perispírito e alma - toda a obra** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PERISPÍRITO - COMPILAÇÃO**

**1 - AGONIA DAS RELIGIÕES - J. Herculano Pires - pág. 63/ 106**

**Desde o século passado, vários cientistas se empenharam na descoberta de meios para provar a existência no homem do chamado corpo espiritual ou duplo-etéreo. Em 1943 Raoul Montandon publicou na Suiça um curioso livro intitulado "De La Bête a l'Homme" (Do animal ao homem) relatando pesquisas psicológicas que mostram semelhanças significativas entre o reino animal e hominal e pesquisas científicas que provavam a existência nos animais de um corpo energético. Essas pesquisas são relatadas no capítulo intitulado "Sobrevivência animal". Várias fotografias batidas com filmes sensíveis à luz infra-vermelha, de grupos de gafanhotos e insetos morto com éter, revelavam ao lado dos animais mortos uma sombra semelhante ao corpo morto, enquanto ao lado dos que não haviam morrido, mas estavam em estado letárgico, não aparecia a mesma sombra.**

**No capítulo das fotografias psíquicas, batidas ocasionalmente ou em sessões mediúnicas experimentais, os anais espíritas apresentam impressionante volume de casos significativos, cercados de todos os recursos de garantia de autenticidade do fenômeno.**

**No caso atual das pesquisas soviéticas, com aparelhagem técnica de precisão, a demonstração da existência desse corpo extrafísico (para usarmos a expressão parapsicológica atual) foi decisiva. Os soviéticos, operando em comissão científica oficial na Universidade de Alma-Ata, no Casaquestão, fizeram experiências com moribundos e conseguiram verificar a retirada total do corpo - bioplásmico dos mortos, cujos corpos materiais só então se cadaverizavam. Não tendo sido possível fotografar esse corpo depois do seu desprendimento do cadáver, empregaram a técnica de pesquisa por meio de detectores de pulsações biológicas e verificaram, surpreendidos, que as pulsações captadas indicavam a presença do corpo - bioplásmico no ambiente.**

**A descoberta do corpo-bioplásmico constitui uma confirmação científica, proveniente do campo materialista, da teoria do perispírito. Segundo o Espiritismo, o perispírito é o corpo espiritual de que tratou o Apóstolo Paulo na I Epistola aos Coríntios. Sua função é servir ao espírito como instrumento para a sua manifestação nos planos materiais. É através dele que o espírito se liga à matéria no processo de encarnação. Durante a Vida terrena ele é o agente das atividades orgânicas. Mantém a vida do corpo e serve de campo padronizador durante o desenvolvimento deste, a partir da fecundação, regendo a formação do embrião.**

**Na morte, o perispírito se desliga progressivamente do corpo material, que só se cadaveriza com o seu desligamento total. Na maioria das pessoas o perispírito, após a morte, permanece nas proximidades do cadáver por tempo mais ou menos longo, em virtude da atração que os despojos exercem ainda sobre o espírito. Esse corpo é considerado na Doutrina Espírita como semi-material, constituido de energias materiais e espirituais em integração. É o corpo da ressurreição, conforme já afirmava o apóstolo Paulo.**

**Todas essas características do perispírito são confirmadas pela observações dos cientistas soviéticos, que consideraram esse corpo como material, constituido por um plasma físico formado de partículas atômicas. Mas um fato intrigante aparece nas pesquisas soviéticas: esse corpo só pode ser visto e fotografado enquanto está ligado ao corpo material. Uma vez desprendido, não está mais ao alcance das câmaras kirlian. Somente os detectores de pulsações biológicas podem constatar a sua presença no ambiente. As cãmaras kirlian, como já vimos, só podem agir sobre campos materiais imantados por correntes elétricas de alta frequência. Desligado do corpo material, o corpo-bioplásmico ou perispírito não oferece condições para isso. (...)**

**6 - A EVOLUÇÃO DO PRINCÍPIO INTELIGENTE - DURVAL CIAMPONI - página 117**

**13. PERISPÍRITO: A noção de perispírito tem trazido aos estudiosos da Doutrina Espírita alguma dificuldade de entendimento, dadas as diversas informações dos Espíritos e de algumas aparentes contradições existentes. A principal é a de que no perispírito estão gravadas as informações e memória das vidas passadas, o que, aparentemente, é incompatível com os dados contidos em "O Livro dos Espíritos" (perg. 187), que diz "ao passar de um mundo para outro mundo, o Espírito se reveste de matéria própria de cada um, com mais rapidez que o relâmpago; combinado com LE, 94, onde se afirma que "passando de um mundo para outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa". O que realmente muda nesta transferência de um mundo para outro e o que realmente permanece com o Espírito e como?**

**CONCEITO DE PERISPÍRITO: A conceituação de perispírito é um tanto abrangente e dá origem a interpretações mais ou menos elásticas, razão por que o seu conceito, o de duplo etéreo e a localização dos centros de forças, no conjunto, deixam margem a dúvidas para os iniciantes nos estudos da Doutrina Espírita. "O perispírito é o liame que une o Espírito à matéria do corpo;" é tomado do meio ambiente, do fluido universal; contém, ao mesmo tempo eletricidade, fluido magnético e, até um certo ponto, a própria matéria inerte. Poderíamos dizer que é a quintessenciada matéria. É o "princípio da vida orgânica", mas não o "da vida intelectual", porque esta pertence ao Espírito (LE, 257) (...)**

**Em resumo de tudo o que foi dito, temos: a - A matéria absorve e assimila o fluido vital, dando origem à vida orgânica, ou matéria animalizada (LE, 63). b - Desta associação temos a emanação de eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo. c - A união do perispírito e da matéria carnal realiza-se sob a influência do princípio vital do gérmen. d - A esta camada dos eflúvios vitais decorrentes das emanações neuropsíquicas do campo fisiológico, densificando o perispírito na região, denomina-se duplo etéreo. e - O homem é formado por três partes essenciais: corpo físico, alma e perispírito. f - Durante a vida o Espírito transmite o movimento aos órgãos por meio do fluido intermediário (perispírito). g - O corpo orgânico pode existir sem a alma, mas ela somente o abandona (rompimento dos liames que a prendem a ele), quando o corpo deixa de absorver e assimilar o fluido vital. h - Não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito. i - Após a morte do corpo carnal, a matéria decompõe-se, "retornando ao pó", e o fluido vital retorna à massa. j - Se um corpo pode existir sem a alma, uma alma, no entanto, não pode habitar um corpo sem vida orgânica. Com esta sequência de informações, podemos compreender melhor o que é perispírito e sua fundamental importância para o entendimento do conceito de vida na Doutrina Espírita, tanto para encarnados como para desencarnados.**

**7 - A GÊNESE - ALLAN KARDEC - Cap. XIV, pág. 235**

**FORMAÇÃO E PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO: 7. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou alma. Já vimos que o corpo carnal tem igualmente seu princípio nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente; pois o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal, pois, têm sua fonte no mesmo elemento primitivo; um e outro são matéria, embora sob dois estados diversos.**

**8. Os Espíritos extraem seu perispírito do ambiente onde se encontram, o que quer dizer que esse envoltório é formado dos fluidos ambientais; daí resulta que os elementos constitutivos do perispírito devem variar segundo os mundos. Sendo Júpiter indicado como um mundo muito adiantado, em relação a Terra, onde a vida corporal não tem a materialidade da nossa, os envoltórios, perispirituais ali devem ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada que na nossa Terra. Ora, do mesmo modo que não poderíamos existir naquele mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos ali não poderão penetrar com seu perispírito terrestre. Ao deixar a Terra, o Espírito aí deixa seu envoltório fluídico, e reveste um outro, apropriado ao mundo onde deve ir.**

**9. A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo à sua vontade, e por conseguinte não podem se transportar à vontade de um mundo para outro. É o caso em que o envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável em relação à matéria tangível, ainda é muito pesado, se assim se pode exprimir, em relação ao mundo espiritual, para lhes permitir saírem de seu ambiente. Será preciso classificar nesta categoria aqueles cujo perispírito é bastante grosseiro para que eles o confundam com o corpo carnal, e que, por esta razão, acreditam estar sempre vivos. Estes Espíritos, cujo número é grande, permanecem na superfície da Terra, tal como os encarnados, acreditando sempre ocupar-se com o que estão habituados; outros, um pouco mais desmaterializados, entretanto, não o são o suficiente para se elevar acima das regiões terrestres.**

**Os Espíritos superiores, ao contrário podem vir aos mundos inferiores e mesmo aí se encarnar. Dos elementos constitutivos do mundo em que entram, eles extraem os materiais do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao ambiente onde se encontram. (...)**

**13 - CORRENTEZA DE LUZ - J. RAUL TEIXEIRA - PÁG. 21, 25**

**PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO**

**Revestido o campo energético plasmador da forma por fluídos mais ou menos sutis, em consonância com o progresso alcançado pelo Espírito que dele se utiliza, o perispírito, nas suas atuações mais variadas, no terreno da vida, é portador de características próprias que o deixam melhor compreensível, em face de tudo quanto nele se observa. Estruturado ao largo dos milênios, desde os remotíssimos tempos do princípio anímico, acumulando experiências ao longo das eras, o perispírito vem refletindo a evolução lograda pelo Ser Inteligente, degrau a degrau.**

**Nessa longa marcha milenária, com o aprimoramento e a complexidade da natureza material, em virtude de ser subproduto do fluído cósmico, princípio material que tudo penetra, e da natureza espiritual pela quintessência, pela imponderabilidade que o assinala, demonstra umas tantas propriedades, importantíssimas, responsáveis por enorme gamade fenômenos de profundidade, inexplicados muitos, por causa da ignorância em torno delas. O perispírito apresenta-se como um corpo PENETRÁVEL e penetrante, ELÁSTICO, EMISSOR por excelência, PLÁSTICO, ABSORVENTE.**

**Sem embargo, é pela característica da penetrabilidade que esse envoltório do Espírito não encontra barreiras materiais que não possa ultrapassar, adentrando, assim, ambientes hermeticamente vedados, e, pela mesma razão, é atravessado sem dificuldades quaisquer em sua estrutura, pêlos corpos materiais. No aspecto da sua capacidade elástica, concebemos o porquê de estando o corpo em certo lugar, possa o Espírito deslocar-se, desprender-se, munido do seu corpo sutil, viajando para toda parte, por mais distante, quando, então, se caracterizam os fenômenos de desdobramentos, desprendimentos, conscientes ou não, dos indivíduos.  
  
Na área da irradiação, energias emitidas pela alma sempre ativa, expandem-se em determinada região que a circunscreve, sofrendo a sua natural influência, mais ou menos ampla, de conformidade com o nível de desenvolvimento intelectual e moral dessa Inteligência. É graças à sua plasticidade, entretanto, que o corpo perispiritual logra ter modificadas as suas formas externas, consoante a ação do psiquismo da Entidade Espiritual. Convertem-se em figuras dantescas, mesmo irracionais, na hipantropia, na licantropia, ou noutra qualquer expressão zoantrópica, dentro dos estados da mente enferma e culpada, grotesca, liberada do corpo somático.  
  
É, sem dúvida, em razão dessa peculiaridade que os Espíritos Nobres, que possuem méritos reconhecidos, podem mostrar-se no Além com formas joviais ou anciãs, externando aspectos variados de reencarnações próximas ou distanciadas, metamorfoseando-se de acordo com suas necessidades de trabalho ou dos desejos lúcidos. Através da capacidade absorsiva, o perispírito consegue assimilar essências materiais finas, fluídicas, encharcando-se com elas, ou penetrando-se de fluidos espirituais os mais diferenciados, que oferecem ao Espírito, temporariamente, certas sensações como se estivesse encarnado.  
  
Não é por outra causa que Entidades desencarnadas, ainda em estágios grosseiros de evolução, exigem, dos que se põem em suas faixas vibratórias, comidas e bebidas para a sua satisfação pessoal, como recompensa ou pagamento pelas ajudas que prometem prestar. Outros irmãos do Além ordenam que se executem sacrifícios de animais, pedem flores e frutos frescos, ocasiões em que podem absorver dos alimentos e do plasma sanguíneo o fluido vital que, durante algum tempo, dão à Entidade desencarnada um tipo de nutrição que a faz sentir-se humanizada, gente outra vez... Isso lhe faculta mais fácil acesso às suas presas, aos obsessos, e àqueles mesmos que lhes fazem tais ofertas e atendem a essas exigências.  
  
Necessário é que ninguém ignore que todos os que compartilham desses caprichos perniciosos de desencarnados exploradores, patrocinando-lhes esses "alimentos", são co-responsáveis pelos efeitos infelizes que daí advenham, respondendo cada um por seus atos, na relação direta da compreensão que tenham da vida e da virulência com que se hajam mancomunado a esses irmãos desditosos do Invisível.  
  
Os Espíritos não comem, nem bebem, conforme o entendimento humano comum, por faltar-lhes a aparelhagem orgânica para isso. Não obstante, absorvem as essências finas que entretém a vitalidade e gozam os prazeres mais estranhos por meio dessas propriedades valiosas que, por enquanto, não sabem valorizar.  
  
Esse corpo perispirítico, do qual tão pouco ainda se conhece no mundo, guarda em sua estrutura, curiosas, importantes e graves virtudes, graças às quais, um dia, o Espírito, livre e luminoso, alçará vôos a mais vastos e altos céus, transformando-o em "veste nupcial" gloriosa, nos tempos felizes, quando o Espírito melhor identificar-se com o Cristo que, por agora, dormita em sua intimidade, despertando, gradualmente, para a definitiva comunhão com o pensamento do Criador.**

**O PERISPÍRITO E SUAS FUNÇÕES:**

**O corpo energético por meio do qual o Espírito se expressa nos diversos campos da vida, em virtude da sua estruturação, guarda condições de participar de múltiplos fenômenos, em cada um deles determinando uma forma particular de manifestação. Pelas condições de imponderabilidade, e por representar um subproduto do fluido universal, tem capacidade de servir como laço de união entre o essencialmente espiritual, o Espírito, e o que se mostra essencialmente material, o corpo físico.  
  
Reconhecemos, então, como sendo do perispírito a responsabilidade pela organização do complexo celular, determinando, nas reencarnações humanas, a fixação das caracterizações de ordem genética, no quadro de necessidades e méritos que a Providência Celeste processa, devidamente. Na sua possibilidade plástica, é dotado da função modeladora da forma, dando-lhe, sob o comando espiritual, mental, a expressão da qual necessita para que tal forma material seja ideal para atender as necessidades diversas do reencarnante, ao consumar-se a reencarnação.  
  
Por todos os seus atributos, pelas ligações célula a célula, conduzindo para a carne os impulsos internos da alma e para esta as reações nervosas do corpo físico, o perispírito presta-se como veículo imprescindível para ajudar na exteriorização da mediunidade, nos parâmetros da Terra. É pela intermediação do perispírito, que os mais vários fenômenos da mediunidade se mostram, empolgantes uns, intrigantes outros, importantes todos...**

**Formados por substâncias que vibram ao influxo do campo eletromagnético, sobre o qual se ajustam, os fluidos perispirituais revestem a mediunidade de características sui generis. Ao aproximar-se do médium, com intenção de com ele estabelecer contato, a Entidade desencarnada, automaticamente, envolve-o nos fluidos que emite, vivificados por suas intenções, externalizando as imagens que correspondem a essas mesmas intenções.  
  
De acordo com a estrutura neurológica do medianeiro, consoante sua organização fisiológica, o perispírito faz vibrar certas zonas do sistema nervoso central, que responde na proporção de sua educação e habitualidade, e, na medida em que se dá o processo de ressonância da zona vibrada com as emissões do desencarnado comunicante, estabelece-se a interação mente desencarnada/mente encarnada. A partir de então, se a zona sensibilizada foi a da motricidade, os membros superiores e inferiores poderão ser acionados, ocorrendo fenômenos de locomoção, de escrita, bem como outros movimentos corporais. Se a área em que repercutiu a influência foi a dos olhos, ou a dos ouvidos, ou, ainda, a da fala, poderemos observar fenômenos de psicovidência, de psicoaudiência e de psicofonia, respectivamente.  
  
Nada impede, contudo, que ocorram vários desses fenômenos, de modo concomitante, como que conjugados ou mesmo interdependentes. Quanto mais intensa for a interação Espírito/ médium, mais notável se apresentará o fenômeno mediúnico, propiciando, inclusive, elementos identificadores do desencarnado, de alta expressividade. No bojo de todo e qualquer fenômeno de comunicação mediúnica, o corpo perispiritual faz-se elemento de capital importância, induzindo-nos a que, cada vez mais, o estudemos, penetrando-lhe as sutilezas, a fim de que a vida, melhor compreendida a partir daí, seja melhor vivida, ajustada ao sumo bem e à necessária saúde moral.  
  
Não olvidemos que as capacidades do perispírito, marcadas pelo bem, refletem o crescimento da alma, a sua maior identificação com as Fontes Sublimes da Vida, a fim de que se faça cooperadora da Divindade, galardoando-se para alcançar céus mais altos em seu mundo interior.**

**FENÔMENOS COM O PERISPÍRITO**

**Em virtude das sutilezas que o caracterizam, o corpo sutil da alma apresenta-se em situações as mais curiosas e belas, capazes de suscitar a nossa observação para o seu processamento, nas diversas ocorrências em que esteja envolvido. O perispírito, compondo-se de uma estrutura eletromagnética, envolvida por substâncias fluídicas que, obedecendo ao comando do Espírito, assumem configurações especiais, comporta-se como um corpo que vibra, como um todo, e com oscilações específicas em suas diversas regiões, sustentadas pela atividade dos seus mais importantes centros energéticos.  
  
Em razão de funcionar sob ação vibratória do Agente Espiritual, em torno do qual se estabelece, o perispírito emite ondas luminosas. Por causa da intensidade maior ou menor dessas vibrações, em função dessas frequências, encontraremos luminosidades mais ou menos pujantes, perpassando todas as faixas de luminescência, como consequência dos degraus evolutivos em que se acham os Espíritos.  
  
Tal luminescência, exuberante nos seres angélicos e pálidas ou inexpressivas nos de menor progresso anímico, chega quase à nulidade nas almas banais, atingindo a opacidade nos Espíritos empedernidos no mal. As Entidades sublimadas podem inibi-la, por livre iniciativa, para atender a objetivos variados na lide do bem. Podem tornar-se opacas nos misteres em que tal providência contribua para maior e melhor aproximação daqueles de mais tíbia evolução, como um dia de sol vedado por nuvens que logo esmaecem, deixando à mostra a fulgurante face solar.  
  
Não devemos desconhecer que as intensas vibrações perispirituais, além de determinarem fenômenos luminosos, propiciam também fenômenos acústicos, por meio de sons os mais diversos, desde as harmonias dúlcidas aos ruídos mais incômodos. Sabendo-se que os aromas diversos são devidos às exalações distintas das substâncias que se evolam dos corpos, é compreensível que há odores não perceptíveis ao olfato comum, como há outros de intensa atuação.  
  
Com a ação de Espíritos enobrecidos em determinados ambientes, podem eles realçar perfumes suaves não captados, mas que já existiam ali, valendo-se de seu domínio sobre os fluidos físicos, como podem também produzir sobre esses fluidos diversificados olores que vão modificando de acordo com seus interesses e sua vontade. É graças à neutralidade dos fluidos básicos que isso pode se dar.  
Por outro lado, é em função dessa mesma neutralidade que Entidades infelizes podem provocar sensações olfativas de péssimas qualidades.  
  
Não é à toa que encontramos, nos contos e histórias de todos os tempos, afirmativas de que os "demônios", onde e quando se apresentam, fazem explodir maus odores de "enxofre", que é a substância com a qual são associados os fétidos de Entidades inferiores, na escalada das perturbações, ao mesmo tempo que se fala a respeito de arrastamento de correntes pesadas pelo chão, causando pavor aos que o ouvem.  
  
Do mesmo modo, há narrativas que retratam regiões espirituais enobrecidas pelo amor e pela prática do bem, que, quando visitadas por Numes Benfeitores, projetam santificadas essências, com musicalidade celestial. Não descartamos, é certo, a possibilidade de os Espíritos, nos variados graus de evolução, poderem produzir luzes, sons ou olores, dentro das suas capacidades, valendo-se dos fluidos ectoplásmicos, nos fenômenos mediúnicos de variado porte, uma vez que a ectoplasmia pode ser trabalhada por indivíduos em diversos níveis de progresso intelectual e moral, conforme os caracteres dos grupos humanos que a eles se liguem, ou em função das necessidades de aprendizados que se imponham.  
  
Tanto a glória alvinitente dos Espíritos Egrégios, dos "santos", quanto as sombras adensadas das almas danadas, dos "demônios", produzem-se por meio dessas vibrações que, partidas do cerne do Espírito, fazem com que seu envoltório, o perispírito, pulse na mesma frequência, exteriorizando o que se passa nessa intimidade. Embora sejam fenômenos mais notados com os desencarnados, dão-se, também, com os encarnados, e podem ser percebidos pelos sentidos dilatados da mediunidade.  
  
Aplica-te, nos pensamentos e nas ações do bem, que já conheces teoricamente, a fim de que, nas lutas renovadoras, possas refletir o Cristo que, por enquanto, jaz adormecido em teu íntimo, mas que um dia será sol radioso a iluminar a Vida, a partir da tua vida.  
"Vós sois deuses". Não olvides esse ensino.  
Que brilhe, pois, a tua luz!**

**15 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 129**

**XXIV - O CORPO ESPIRITUAL  
De todos os fenômenos da vida, os que se apresentam ao raio visual da ciência humana, mantenedores do seu entretenimento, são os da assimilação e desassímilação; todavia, os que afetam mais particularmente a percepção do homem não são os da atividade vital em si mesma, consubstanciados nas sínteses orgânicas assimiladoras, mas justamente os fenômenos da morte. É um axioma fisiológico a extinção das células que constituem o suporte de todas as manifestações e apenas fazeis geralmente uma idéia da vida por intermédio desses movimentos destruidores.  
  
A VIDA CORPORAL — EXPRESSÃO DA MORTE   
Quando, no homem ou nos irracionais, um gesto se opera, a Natureza determina o desaparecimento de certa percentagem de substância da economia vital; quando a sensibilidade se exterioriza e os pensamentos se manifestam, eis que os nervos se consomem, gastando-se o cérebro em suas atividades funcionais.  
  
A vida corporal é bem a expressão da morte, através da qual efetuais as vossas observações e os vossos estudos. Não dispondes, dentro da exiguidade dos vossos sentidos, senão de elementos constatadores da perda de energia, da luta vital, dos conflitos que se estabelecem para que os seres se mantenham no seu próprio habitat. A vida, em suas causalidades profundas, escapa aos vossos escalpelos e apenas o embriologista observa, no silêncio da penumbra, infinitésima fração do fenômeno assimilatório das criações orgânicas.  
  
INACESSÍVEL AOS PROCESSOS DA INDAGAÇÃO CIENTIFICA  
Segundo os dados da vossa fisiologia, a célula primitiva é comum a todos os seres vertebrados e espanta ao embriólogo a lei organogênica que estabelece a idéia diretora do desenvolvimento fetal, desde a união do espermatozoário ao óvulo, especificando os elementos amorfos do protoplasma; nos domínios da vida, essa idéia diretriz conserva-se inacessível até hoje aos vossos processos de indagação e de análise, porquanto esse desenho invisível não está subordinado a nenhuma determinação físico-química, porém, unicamente ao corpo espiritual preexistente, em cujo molde se realizam todas as ações plásticas da organização, e sob cuja influência se efetuam todos os fenômenos endosmóticos. O organismo fluídico, caracterizado por seus elementos imutáveis, é o assimilador das forças protoplásmicas, o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie, incorporando-se, átomo por átomo, à matéria do germe e dirigindo-a, segundo a sua natureza particular.   
  
RESPONDENDO AS OBJEÇÕES   
Algumas objeções científicas têm sido atadas à teoria irrefutável do corpo espiritual preexistente, destacando-se entre elas, por mais digna de exame, a hereditariedade, a qual somente deve ser ponderável sob o ponto de vista fisiológico. Todos os tipos do reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, organizam-se segundo as disposições dos seus precedentes ancestrais, dos quais herdam, naturalmente, pela lei das afinidades, a sua sanidade ou os seus defeitos de origem orgânica, unicamente.  
  
De todos os estudos referentes ao assunto, em vossa época, salienta-se a teoria darwiniana das gêmulas, corpúsculos infinitesimais que se transmitem pela vida seminal aos elementos geradores, contendo na matéria embrionária disposição de todas as moléculas do corpo, as quais se reproduzem dentro de cada espécie. A maioria das moléstias, inclusive a dipsomania, são transmissíveis; porém, isso não implica um fatalismo biológico que engendre o infortúnio dos seres, porque inúmeros Espíritos, em traçando o mapa do seu destino, buscam, com o escolher determinado instrumento, alargar as suas possibilidades de triunfo sobre a matéria, como um fato decorrente das severas leis morais, que, como no ambiente terrestre, prevalecem no mundo espiritual, o que não nos cabe discutir neste estudo.  
  
Não obstante a preponderância dos fatores físicos nas funções procriadoras, é totalmente inaceitável e descabido o atavismo psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual, hipótese que reveste a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica.  
  
Reconhecendo-se, pois, a veracidade da argumentação de quantos aceitam a hereditariedade fisiológica nos fenômenos da procriação, representando cada ser o organismo de que provém por filiação, afastemos a hipótese da hereditariedade psicológica, porquanto, espiritualmente, temos a considerar, apenas, ao lado da influência ambiente, a afinidade sentimental.  
  
ATRAVÉS DOS ESCANINHOS DO UNIVERSO ORGÂNICO  
De todas as funções gerais que caracterizam os seres viventes, somente os fenômenos de nutrição podem ser estudados pela perquirição científica e, mesmo assim, imperfeitamente. Além das operações comuns, que se efetuam automaticamente, há uma força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica.  
  
Essa força é o que denominais princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas.  
Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.  
  
O SANTUÁRIO DA MEMÓRIA  
O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria.  
  
O PRODIGIOSO ALQUIMISTA  
Todas as células orgânicas renovam-se incessantemente; e como poderia a criatura conhecer-se entre essas continuadas transubstanciações? Para que se manifeste o pensamento — que desconhece as glândulas que o segregam, porquanto constitui a vibração do corpo espiritual dentro de sua profunda consciência — quantas células se consomem e se queimam?  
  
O cérebro assemelha-se a complicado laboratório onde o espírito, prodigioso alquimista, efetua inimagináveis associações atômicas e moleculares, necessárias às exteriorizações inteligentes. É ainda, pois, ao corpo espiritual que se deve a maravilha da memória, misteriosa chapa fotográfica, onde tudo se grava, sem que os menores coloridos das imagens se confundam entre si.**  
  
**17 - ESTUDOS ESPÍRITAS - JOANA DE ÂNGELIS - PÁG. 39**

**CONCEITO: Parte essencial do complexo humano o PERISPÍRITO ou PSICOSSOMA se constitui de variados fluidos que se agregam, decorrentes da energia universal primitiva de que se compõe cada Orbe, gerando uma matéria hiperfísica, que se transforma em mediador plástico entre o Espírito e o corpo físico.**

**Graças à sua existência, a dualidade ancestral, Espírito e Matéria, se transformou em organização trina, em considerando a essencialidade de que se faz objeto, na sustentação da vida vegetativa e orgânica, de que depende o soma, como veículo da Alma, e, simultaneamente, pelas impressões que envia à centelha encarnada, que as transforma em aquisição valiosa, decorrente da marcha evolutiva.**

**Revestimento temporário, imprescindível à encarnação e à reencarnação, é tanto mais denso ou sutil, quanto evoluído seja o Espírito que dele se utiliza. Também considerado corpo astral, exterioriza-se através e além do envoltório carnal, irradiando-se como energia específica ou aura.**

**Por mais complexos cálculos se processem as técnicas para o estudo da irradiação perispiritual ou da sua própria constituição, faltam, no momento, elementos capazes de traduzir aquelas realidades, por serem, por enquanto, de natureza desconhecida, embora existente e atuante. Não é uma condensação de caos elétrico ou de forças magnéticas, antes possui estrutura própria, maleável, em algumas circunstâncias tangível - como nas materializações de desencarnados, nas aparições dos vivos e dos mortos; atuante - nos transportes, nas levitações; ora ponderável, podendo aumentar ou diminuir o volume e o peso do corpo; ora imponderável, como ocorre nas desmaterializações e transfigurações.**

**Informe na sua natureza íntima, adquire a aparência que o Espírito lhe queira imprimir, podendo, desse modo, tornar-se visível em estado de sono ou de vigília, graças às potencialidades de que disponha o Ser que o manipula. Conhecido pelos estudiosos, desde a mais remota antiguidade, há sido identificado numa gama de rica nomenclatura, conforme as funções que lhe foram atribuidas, nos diversos períodos que duravam as investigações.**

**Desde as apreciáveis lições do Vedanta quando apareceu como MANU, mãyã e Kosha, era conhecido no Budismo esotérico por KAMA-RUPA, enquanto no Hermetismo egípcio surgiu na qualidade de KHA, para avançar, na Cabala hebraica, como manifestação de ROUACH. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento da sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais aperfeiçoado aos estudos metafísicos, nominava-o carne sutil da alma e Aristóteles, na sua exegese do complexo humano, considerava-o corpo sutil e etéreo.**

**Os neoplatônicos de Alexandria, dentre os quais Orígenes, o pai da doutrina dos Princípios, identificava-o como aura; Tertuliano, o gigante inspirado da Apologética, nele via o CORPO VITAL DA ALMA, enquanto Proclo o caracterizava como VEÍCULO DA ALMA, definindo cada expressão os atributos de que o consideravam investido. Na cultura moderna, Paracelso, no século XVI, detectou-o sob a designação de CORPO ASTRAL, refletindo as pesquisas realizadas no campo da Química e no estudo paralelo da Medicina com a Filosofia, em que se notabilizou, Leibniz, logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza pela teoria dos "átomos espirituais ou mônadas", surpreendeu-o, dando-lhe a denominação de CORPO FLUÍDICO.**

**Outros perquiridores, penetrando a sonda da investigação no passado e no presente, localizam-no na tecedura da vida humana como elemento básico da organização do ser. Perfeitamente consentâneo aos últimos descobrimentos, nas experiências de detecção por efluvioscopia e efluviografia, denominado CORPO BIOPLÁSMICO, o Apóstolo Paulo já o chamava CORPO ESPIRITUAL, conforme escreveu aos coríntios (I Epístola, 15:44), corpo corruptível, logo depois, na mesma Epístola, verso 53, ou ALMA, na exortação aos companheiros da Tessalônica (I Epístola, 5:23), sobrevivente à morte.**

**FUNÇÕES: Organizado por energias próprias e eletromagnéticas e dirigido pela mente, que o aciona conforme o estágio evolutivo do Espírito, no corpo espiritual ou PERISPÍRITO estão as matrizes reais das funções que se manifestam na organização somática. Catalisador das energias divinas, que assimila, é encarregado de transmitir e plasmar no corpo as ordens emanadas da mente e que procedem do Espírito.**

**Arquivo das experiências multifárias das reencarnações, impõe, na aparelhagem física, desde a concepção, mediante metabolismo psíquico muito complexo e sutil, as limitações, coerções, punições, ou faculta amplitude de recursos físicos e mentais, conforme as ações do estágio anterior, na carne, em que o Espírito se acumpliciou com o erro ou se levantou pela dignificação. Interferindo decisivamente no comportamento hereditário, não apenas modela a forma de que se revestirá o Espírito, desde o embrião que se lhe amolda completamente, como reproduzindo as expressões fisionômicas e anatômicas, quando da desencarnação.**

**Graças às moléculas de que se forma, responde pelas alterações da aparelhagem fisiopsíquica, no campo das necessidades reparadoras que a Lei impõe aos Espíritos calcetas. É o responsável pela irradiação da energia dos trilhões de corpúnculos celulares - essas pequenas usinas que se aglutinam ao império das radiações que lhes impõem a gravitação harmônica, na aparelhagem que constitui os diversos órgãos cuja forma e anatomia lhe pertencem, cabendo às células apenas o seu revestimento -, exteriorizando a aura e podendo, em condições especiais, modelar a distância o DUPLO ETÉREO, tornando-o tangível.**

**Graças à sua complexidade, conserva intacta a individualidade, através da esteira das reencarnações, e se faz responsável pela transmissão ao Espírito das sensações que o corpo experimenta, como ao corpo informa das emoções procedentes das sedes do Espírito, em perfeito entrosamento de energias entre os centros vitais ou de força, que controlam a aparelhagem fisiológica e psicológica e as reações somáticas, que lhes exteriorizam os efeitos do intercâmbio.**

**Nele estão sediadas as gêneses patológicas de distúrbios dolorosos quais a esquizofrenia, a epilepsia, o câncer de variada etiologia, o pênfigo...que em momento próprio favorece a sintonia com microorganismos que se multiplicam desordenadamente e tomam de assalto o campo físico ou através de sintonias próprias, ensejando a aceleração das perturbações psíquicas de largo porte. Em todo processo teratológico os fatores causais lhe pertencem. E, num vasto campo de problemas emocionais como fisiológicos, as síndromes procedem das tecelagens muito delicadas da sua ação dinâmica, poderosa.**

**Desde épocas imemoriais, a filosofia hindu, estudando as suas manifestações no ser reencarnado, relacionou-o com os chakras ou centros vitais que se encontram em perfeito comando dos órgãos fundamentais da vida, espalhados na fisiologia somática, a saber: coronário, também identificado como a "flor de mil pétalas", que assimila as energias divinas e comanda todos os demais, instalado na parte central do cérebro, qual santuário da vida superior - sede da mente -, responsável pelos processos da razão, da morfologia, do metabolismo geral, da estabilidade emocional e funcional da alma no caminho evolutivo; cerebral ou frontal, que se encarrega do sistema endocrínico, do sistema nervoso e do córtex cerebral, respondendo pela transformação dos neuroblastos em neurônios e comandando desde os neurônios às células efetoras; laríngeo, que controla os fenômenos da respiração e da fonação; cardíaco, que responde pela aparelhagem circulatória e pelo sistema emocional, sediado entre o esterno e o coração; esplênico, que se reponsabiliza pelo labor da aparelhagem hemática, controlando o surgimento e morte das hemácias, volume e atividade, na manutenção da vida; gástrico, que conduz a digestão, assimilação e eliminação dos alimentos encarregados da manutenção do corpo; genésico, que dirige o santuário da reprodução e engendra recursos para o perfeito entrosamento dos seres na construção dos ideais de engrandecimento dos seres na construção de beleza em que se movimenta a Humanidade.**

**Incorporando experiências novas e eliminando expressões primitivas, é o fator essencial para o intercâmbio medianímico entre encarnados e desencarnados.**

**MORAL E PERISPÍRITO: Refletindo o pretérito do homem, na forma de tendências no presente, liberta-se das fixações negativas ou as avoluma, consoante a direção que ao Espírito aprouver aplicar, dos recursos natos. Toda experiência venal brutaliza-o, desequilibrando-lhe os centros vitais que, posteriormente, responderão com distonias e desordens variadas, em forma de enfermidades insolúveis.**

**As ações de enobrecimento e os pensamentos superiores, quando cultivados, oferecem-lhe potencialidades elevadas, que libertam das paixões, com consequente sublimação dos sentimentos que exortam o Espírito. Não foi por outra razão que o Mestre recomendou cuidado em relação aos escândalos, às agressões mentais, morais e físicas, considerando melhor o homem entrar na Vida sem o membro escandaloso, do que com ele, como a afirmar que melhor é ser vítima do que fator de qualquer desgraça.**

**Possui todo Espírito os inestimáveis recursos para a felicidade como para a desdita, competindo-lhe moralizar-se, disciplinar-se, elevar-se, a fim de ascender à pureza, após a libertação das mazelas de que se impregnou.**

**21 - O consolador - Emmanuel - pág. 35**

**Perg. 30 - Há órgãos no corpo espiritual?  
- Dentro das leis substanciais que regem a vida terrestre, extensivas às esferas espirituais mais próximas do planeta, já o corpo físico, excetuadas certas alterações impostas pela prova ou tarefa a realizar, é uma exteriorização aproximada do corpo perispiritual, exteriorização essa que se subordina aos imperativos da matéria mais grosseira, no mecanismos das heranças celulares, as quais, por sua vez, se enquadram nas indispensáveis provações ou testemunhos de cada indivíduo.**

**22– O LIVRO DOS ESPÍRITOS – ALLAN KARDEC, Questões: 93/94/95**

**Perg. 93. - O Espírito propriamente dito vive a descoberto, ou, como pretendem alguns, envolvido por alguma substância?   
– O Espírito é envolvido por uma substância que é vaporosa para ti, mas ainda bastante grosseira para nós; suficientemente vaporosa, entretanto, para que ele possa elevar-se na atmosfera e transportar-se para onde quiser. Como a semente de um fruto é envolvida pelo perisperma, o Espírito propriamente dito é revestido de um envoltório que, por comparação, se pode chamar PERISPÍRITO.**

**Perg. 94. - De onde tira o Espírito o seu envoltório semi-material?  
-Do fluido universal de cada globo. É por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos; passando de um mundo para outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.  
94a.Dessa maneira, quando os Espíritos de mundos superiores vêm até nós, tomam um perispírito mais grosseiro.?  
-É necessário que eles se revistam da vossa matéria, como já dissemos.**

**Perg. 95. - O envoltório semi-material do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?  
-Sim, uma forma ao arbítrio do Espírito; e é assim que ele vos aparece algumas vezes, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, podendo tomar uma forma visível e mesmo palpável.**

**Perg. 135. - Há no homem outra coisa, além da alma e do corpo?  
-Há, o liame que une a alma e o corpo.  
Perg. 135a. - Qual é a natureza desse liame?  
-Semi-material, quer dizer, um meio termo entre a natureza do Espírito e a do corpo. E por isso é necessário para que eles possam comunicar-se. É por meio desse liame que o Espírito age sobre a matéria e vice-versa.**

**Perg. 155. - Como se opera a separação da alma e do corpo?  
-Desligando-se os liames que a retinham, ela se desprende.  
Perg. 155a. - A separação se verifica instantaneamente, numa transição brusca? Há uma linha divisória bem marcada entre a vida e a morte?  
-Não; a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo que fosse libertado. Os dois estados se tocam e se confundem, de maneira que o Espírito se desprende pouco a pouco dos seus liames; estes se soltam e não se rompem.  
Durante a vida, o Espírito está ligado ao corpo pelo seu envoltório material ou perispírito; a morte é apenas a destruição do corpo, e não desse envoltório, que se separa do corpo quando cessa a vida orgânica. A observação prova que no instante da morte o desprendimento do Espírito não se completa subitamente; ele se opera gradualmente, com lentidão variável, segundo os indivíduos.   
  
Para uns é bastante rápido e pode dizer-se que o momento da morte é também o da libertação, que se verifica logo após.   
Noutros, porém, sobretudo naqueles cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito mais demorado, e dura às vezes alguns dias, semanas e até mesmo meses, o que não implica a existência no corpo de nenhuma vitalidade, nem a possibilidade de retorna à vida, mas a simples persistência de uma afinidade entre o corpo e o Espírito, afinidade que está sempre na razão da preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. (...)**

**23 - O LIVRO DOS MÉDIUNS - ALLAN KARDEC, questões 53 a 59, pág. 59**

**54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que trataremos mais tarde, demonstraram a existência no homem de três componentes: 1º - a alma ou Espírito, princípio inteligente em que se encontra o senso moral; 2º - o corpo, invólucro material e grosseiro de que é revestido temporariamente para o cumprimento de alguns desígnios providenciais; 3º - o perispírito, invólucro fluídico, semimaterial, que serve de liame entre a alma e o corpo.**

**A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do envoltório grosseiro que a alma abandona. O outro envoltório desprende-se e vai com a alma, que dessa maneira tem sempre um instrumento. Este último, embora fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, apesar de não termos, até o presente, podido captá-lo e submetê-lo à análise.**

**Este segundo envoltório da alma ou perispírito existe portanto, na própria vida corpórea. É o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e através do qual o Espírito transmite a sua vontade ao exterior, agindo sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, é o fio elétrico condutor que serve para a recepção e a transmissão do pensamento. É, enfim esse agente misterioso, inapreensível, chamado fluido nervoso, que desempenha tão importante papel na economia orgânica e que ainda não se considera suficientemente nos fenômenos fisiológicos e patológicos.**

**O perispírito não é uma dessas hipóteses a que se recorre nas ciências para a explicação de um fato. Sua existência não foi somente revelada pelos Espíritos, pois resulta também de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Seja durante a sua união com o corpo ou após a separação, a alma jamais se separa do seu perispírito.**

**55.Já se disse que o Espírito é uma flama, uma centelha. Isto se aplica ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, ao qual não saberíamos dar uma forma determinada. Mas, em qualquer de seus graus, ele está sempre revestido de um invólucro ou perispírito, cuja natureza se eteriza à medida que ele se purifica e se eleva na hierarquia. Dessa maneira, a idéia de forma é para nós inseparável da idéia de Espírito, a ponto de não concebermos esta sem aquela. O perispírito, portanto, faz parte integrante do Espírito como o corpo faz parte integrante do homem. Mas o perispírito sozinho não é o Espírito, como o corpo sozinho não é o homem, pois o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua atividade.**

**28 - Roteiro - Emmanuel - pág. 31**

**6 O PERISPIRITO  
COMO será o tecido sutil da espiritual roupagem que o homem envergará, sem o corpo de carne, além da morte? Tão arrojada é a tentativa de transmitir informes sobre a questão aos companheiros encarnados, quão difícil se faria esclarecer à lagarta com respeito ao que será ela depois de vencer a inércia da crisálida. Colado ao chão ou à folhagem, arrastando-se, pesadamente, o inseto não desconfia que transporta consigo os germes das próprias asas.  
  
O perispírito é, ainda, corpo organizado que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste, além do sepulcro, demorando-se na região que lhe é própria, de conformidade com o seu peso específico. Formado por substâncias químicas que transcendem a série estequiogenética conhecida até agora pela ciência terrena, é aparelhagem de matéria rarefeita, alterando-se, de acordo com o padrão vibratório do campo interno.  
  
Organismo delicado, com extremo poder plástico, modifica-se sob o comando do pensamento. É necessário, porém, acentuar que o poder apenas existe onde prevaleçam a agilidade e a habilitação que só a experiência consegue conferir. Nas mentes primitivas, ignorantes e ociosas, semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermiço. O progresso mental é o grande doador de re­novação ao equipamento do espírito em qualquer plano de evolução. Note-se, contudo, que não nos reportamos aqui ao aperfeiçoamento interior.  
  
O crescimento intelectual, com intensa capacidade de ação, pode pertencer a inteligências perversas. Daí a razão de encontrarmos, em grande número, compactas falanges de entidades libertas dos laços fisiológicos, operando nos círculos da perturbação e da crueldade, com admiráveis recursos de modificação nos aspectos em que se exprimem. Não possuem meios para a ascese imediata, mas dispõem de elementos para dominar no ambiente em que se equilibram.  
  
Não adquiriram, ainda, a verticalidade do Amor que se eleva aos santuários divinos, na conquista da própria sublimação, mas já se iniciaram na horizontalidade da Ciência com que influenciam aqueles que, de algum modo, ainda lhes partilham a posição espiritual.  
Os "anjos caídos" não passam de grandes génios intelectualizados com estreita capacidade de sentir. Apaixonados, guardam a faculdade de alterar a expressão que lhes é própria, fascinando e vampirizando nos reinos inferiores da natureza.  
  
Entretanto, nada foge à transformação e tudo se ajusta, dentro do Universo, para o geral aproveitamento da vida. A ignorância dormente é acordada e aguilhoada pela ignorância desperta. A bondade incipiente é estimulada pela bondade maior. O perispírito, quanto à forma somática, obedece a leis de gravidade, no plano a que se afina. Nossos impulsos, emoções, paixões e virtudes nele se expressam fielmente. Por isso mesmo, durante séculos e séculos nos demoraremos nas esferas da luta carnal ou nas regiões que lhes são fronteiriças, purificando a nossa indumentária e embelezando-a, a fim de preparar, segundo o ensi­namento de Jesus, a nossa veste nupcial para o banquete do serviço divino.**

**29 - O espiritismo perante a ciência - Gabriel Delanne - pág. 217**

**QUARTA PARTE - CAPÍTULO l - QUE É O PERISPÍRITO?  
Demonstramos, nos capítulos precedentes, que a alma é imortal, isto é, que quando o corpo que ela habita, durante sua passagem na Terra, se destrói, ela não é atingida por essa transformação, conserva sua individualidade e pode ainda manifestar sua presença por intervenções físicas. Levanta-se aqui uma dificuldade. Como fazer compreender a ação da alma sobre o corpo?  
  
Segundo a filosofia e segundo os Espíritos, a alma é imaterial, por outras palavras, não tem ponto algum de contato com a matéria que conhecemos. Não se pode conceber que a alma tenha propriedades análogas às dos corpos da natureza, pois que o pensamento que dela é a imagem, a emanação, escapa a qualquer medida, a toda análise física ou química. Mas se é obrigado a tomar a palavra imaterial em seu sentido absoluto? Não, porque a verdadeira imaterialidade seria o nada; mas esta alma constitui um ser cuja existência é tal, que dela nada na Terra poderia dar uma idéia. A fim de precisar bem o nosso pensamento, desejamos instruir nossos leitores sobre o sentido desta palavra imaterial, para que ela não se preste à confusão.  
  
Pretendemos que nenhum estado da matéria pode fazer-nos compreender o da alma, e, entretanto, a Ciência chegou a resultados surpreendentes quanto à divisão da matéria. Eis o que resulta das experiências de Crookes, na Academia de Ciências. Sabe-se que esse físico tem uma teoria especial, segundo a qual as moléculas dos corpos gasosos podem mover-se por suas próprias forças, quando se lhes diminui o número, fazendo o vácuo. Para chegar a esse resultado é preciso operar com precisão extrema e empregar manipulações numerosas e complicadas. Crookes chegou a fazer o vazio de tal forma, que a pressão do ar no aparelho foi reduzida a um milionésimo de atmosfera. Nessas condições, manifestam-se os caracteres do estado radiante.  
  
Habitualmente, os fenômenos novos, em física ou química, são produzidos por adição de matéria; é curioso verificar que aqui, ao contrário, efeitos de extrema energia resultam de uma subtração de matéria; foi reduzindo-a quase a nada, rarifícando-a além do verossímel, que Crookes obteve os singulares fenômenos. Quanto mais ele retira a matéria, tanto mais surpreendente se torna a ação. É a física do nada, e fica-se tentado a perguntar se ele tem o direito de atribuir à matéria efeitos tão poderosos, quando fez tantos esforços por desembaraçar-se dela. Não deve subsistir equívoco a este respeito e não devemos julgar segundo a impressão de nossos sentidos aquilo que pode perfeitamente lhes escapar.  
  
A Natureza vai muito além de nossas sensações; é preciso, pois, pormo-nos ao abrigo de nossos erros. Quando as mais aperfeiçoadas máquinas subtraíram de um espaço fechado tanto ar, tanto gás quanto foi possível, não se segue que muito ainda não possa lá ficar.  
Crookes reduziu o conteúdo de seus tubos a um milionésimo do ar que conhecemos, e que é tão impalpável que o deslocamos a cada instante, sem ter consciência de que ele está em torno de nós. Pareceria que o milionésimo de coisa tão insignificante fosse para nós menos que nada. Esse julgamento é falso, como vamos ver.  
  
O cálculo mostra que num balão de 13 centímetros de diâmetro, como o de que se serve Crookes, cheio de ar à pressão normal, existe, pelo menos, um septilhão de moléculas. 1.000.000.000.000.000.000.000.000.000 Rarefazer esse ar ao milionésimo, é dividir por um milhão o número precedente, e ainda fica um quintilhão de moléculas. Um quintilhão! E uma cifra enorme e bem longe do nada. Para dar idéia desse número gigantesco, diz Crookes:  
  
"Tomo o balão no qual faço o vazio e o atravesso com a centelha da bobina de indução. A centelha produz um orifício microscópico, mas suficiente para que as moléculas gasosas penetrem no balão e destruam o vácuo. Suponhamos que a pequenez das moléculas seja tal que entrem no balão cem milhões por segundo. Nessas condições, quanto tempo crer-se-ia fosse preciso para que o recipiente se enchesse de ar? Uma hora, um dia, um ano, um século? Era preciso uma eternidade, um tempo tão grande que a imaginação não pode concebê-lo. Seriam necessários mais de 400 milhões de anos, um tempo tal, que, segundo as previsões dos astrônomos, o Sol teria esgotado sua energia calorífica e luminosa e já estaria há muito extinto.  
  
O cálculo é, com efeito, fácil de fazer; Crookes não se engana. Segundo Johnston Stoney, existe em um centímetro cúbico de ar um sextilhão de moléculas; o balão de Crookes, com 13 centímetros de diâmetro, encerra, portanto, 1,288,252,350,000,000,000,000,000 de moléculas de ar à pressão normal. Quando se diminui a pressão até um milionésimo de atmosfera, o balão fica contendo ainda  
1,288,252,350,000,000,000 de moléculas. Tudo volta ao primitivo estado, quando entra pelo orifício o que se havia retirado, isto é,  
1,288,251,061,747,650,000,000,000 de moléculas.  
  
Se, por hipótese, passam cem milhões por segundo, eis o tempo que duraria o desfile:12.882.510.617.476.500 segundos ou mais de 12 quatrilhões de segundos. 214.708.510.291.275 minutos ou mais de 214 trilhões de minutos. 3.578.475.171.521 horas ou mais de 3 trilhões de horas. 149.103.132.147 dias ou mais de 149 bilhões de dias. 408.501.731 anos, ou mais de 400 milhões de anos.  
Mais de 400 milhões de anos!  
  
A realidade é que o vácuo de um balão Crookes se enche em menos de hora e meia, o que prova que a exiguidade das partículas é tão grande, que devem passar por segundo, na mais fina abertura, não 100 milhões, mas 300 quintilhões. Que pequenez infinita devem ter essas partículas! Pois bem, por mais quintessenciada que seja a matéria, por minúscula e impalpável que a Ciência no-la mostre, ela é, ainda, grosseira em relação ao Espírito, que é uma essência, um ser ainda infinitamente mais sutíl. É neste sentido que entendemos a palavra imaterial, aplicada à alma; esta é de tal forma imponderável, que não pode ter nenhum ponto de contato com a matéria que conhecemos na Terra.  
  
Entretanto, constatamos no homem a ligação destes dois elementos: o corpo e a alma. Eles estão unidos de maneira íntima e reagem um sobre o outro, como o demonstra o testemunho diário dos sentidos e da consciência. Depois do que dissemos da alma, parece haver nisso contradição; ela, porém, é mais aparente do que real, porque o homem não é formado só do corpo e da alma, mas ainda de um terceiro princípio intermediário entre um e outro chamado perispírito, isto é, invólucro do Espírito.  
  
Vai compreender-se, em seguida, a necessidade desse mediador fazendo-se o paralelo entre a espiritualidade da alma e a materialidade do corpo. A alma é imaterial, porque os fenômenos que produz não se podem comparar a qualquer propriedade da matéria. O pensamento, a imaginação, a lembrança não têm forma, nem cor, nem duração, nem maleabilidade; essas produções do Espírito não estão adstritas a lei alguma que reja o mundo físico, elas são puramente espirituais, não se podem medir nem pesar. A alma escapa, por sua natureza, à destruição, pois que se manifesta, em toda sua plenitude, após a desagregação do corpo; é, pois, imaterial e imortal.  
  
O corpo é esse invólucro do princípio pensante, que vemos nascer, crescer e morrer. Os elementos que o compõem são tirados da matéria que forma o nosso Globo. Depois de demorarem certo tempo, no organismo, cedem lugar a outros que os vêm substituir. Essas operações se renovam até a morte do indivíduo; os átomos, então, que compunham, em último lugar, o corpo humano, são retomados pela circulação da vida e entram em outras combinações, em virtude da grande lei de que nada se cria, nada se perde na Natureza.  
  
Corpo e alma são, portanto, essencialmente distintos: um, notável por suas transformações incessantes; a outra, pela imutabilidade de sua essência. Apresentam qualidades radicalmente opostas, mas verificamos que vivem em perfeita harmonia e exercem influências recíprocas. O ódio, a cólera, a piedade, o amorrefletem-se no rosto e imprimem caráter particular à fisionomia. Nas emoções violentas é todo o organismo que se perturba: uma alegria súbita ou uma dor imprevista podem provocar abalos que conduzam à morte.**

**A imaginação age também sobre o físico, com grande violência; é o que demonstram as obras de medicina sobre o assunto, de sorte que, de um lado, estando bem determinados esses efeitos e, do outro, verificando-se a imaterialidade da alma, fica insolúvel para os filósofos o problema da ação mútua da alma sobre o corpo. Os maiores espíritos aplicaram-se a explicar a ação da alma sobre o corpo, mas nem Descartes, Malebranche, Spinosa ou Leibnitz ou Euler chegaram a uma explicação satisfatória desses fatos.  
  
Segundo Descartes, a alma e o corpo, por sábio desígnio da Providência, seguem, em todo o curso da vida, duas linhas paralelas, e, entretanto, sua natureza os torna estranhos um ao outro. Deus modifica a alma, conforme os movimentos do corpo, e dá movimento ao corpo em consequência das vontades da alma. Cada substância é, pois, não a causa, mas parte conjuntural dos fenômenos que se manifestam na outra. Eis por que a teoria cartesiana foi chamada pelos historiadores — a hipótese das causas ocasionais.  
  
Segundo Leibnitz, corpo e alma, vivendo separadamente, receberam tal organização, que as modificações de uma são reproduzidas no outro, mais ou menos como os ponteiros de dois relógios bem regulados, que marcam a mesma hora. Essa harmonia é mais antiga que o Mundo, tem seu fundamento na inteligência divina e daí a denominarem, conforme Leibnitz, preestabelecida. Euler, o matemático, tinha uma teoria muito mais vulgar, a do Influxo físico, que admite a ação direta e recíproca do corpo sobre a alma.  
  
Todos esses sistemas levantam graves objeções e não resistem à crítica. Como conciliar as hipóteses de Descartes e de Leibnitz com o sentimento do nosso eu, de nossa atividade pessoal; com a experiência diária do império que o homem exerce sobre a Natureza e que esta possui sobre o homem? Quem nos persuadirá, quando estendemos o braço, que não somos a causa desse movimento?  
Sabemos, por experiência, que o menor ato de nossa vontade, por fugaz que seja, se traduz por um gesto, e quando sentimos uma dor, sinal é que se produziu uma alteração orgânica, e não a intervenção de Deus para infligir à alma o sofrimento experimentado pelo corpo.  
  
As doutrinas de Descartes e Leibnitz, absolutamente insuficientes para explicar os fatos, estão, além disso, em contradição com a experiência. A doutrina do influxo físico é menos afastada do senso comum, mas deixa a desejar, porque não oferece prova alguma e avilta a alma, tirando-lhe a imaterialidade. Como se vê, o problema é espinhoso, desde que homens desse valor não puderam resolvê-lo. (...)**

**30 - ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA - HERNANI GUIMARÃES ANDRADE - toda a obra**

**Capítulo V - MODELO EM CAMADAS  
"Os verdadeiros artistas e os verdadeiros físicos sabem que o contra-senso é apenas aquilo que, visto do nosso presente ponto de vista, é ininteligível. O contra-senso é insensatez somente quando nós ainda não achamos aquele ponto de vista qual ele faz sentido". (Zukav, G. - The Dancing Wu Li Master, New York: Wiiliam Morrow, 1979, p. 140)  
  
O MODELO EM CAMADAS RiGIDAS  
O primeiro modelo do Espírito descrito anteriormente, representado simplificadamente pela figura composta por dois cones superpostos e ligados pelas suas bases, permite-nos explicar e prever diversos fatos biológicos e parapsicológicos. Além disso, ele é mais cômodo e inteligível. Entretanto mostra-se insuficiente para a interpretação dos fatos observados na regressão da memória, seja ela espontânea ou provocada por processos analíticos ou hipnóticos. o modelo que iremos propor aplica-se a todos os aspectos abrangidos pelo anterior — o dos dois cones superpostos — e serve bem para representar os casos de regressão de memória.  
  
Na regressão da memória podem ocorrer dois tipos de recordação:  
1. O paciente regride cronologicamente na idade, indo em direção à meninice, chegando às vezes a atingir a fase fetal. É a regressão mais comum, ao longo da qual o paciente vai manifestando comportamentos correspondentes as idades atingidas. Quando ele chega à idade do feto, pode apresentar várias categorias de comportamento. Alguns pacientes perdem a consciência. Outros sentem-se mergulhados em um escuro e confortável meio, como que num estado de tranquilo repouso. Há um ou outro indivíduo que consegue ultrapassar esta última fase, para sentir-se ressurgir com diferente personalidade correspondente a encarnação anterior.   
  
Teoricamente, uma vez atingida semelhante situação, ele poderia continuar a regressão, caminhando novamente em direção à meninice da vida anterior até a fase fetal, e assim por diante.  
  
Vamos, então, denominar de "regressão cronológica" a esse tipo de retorno temporal sucessivo em direção ao passado. E interessante assinalar que, durante a operação de regressão, o paciente também pode ser igualmente reconduzido a idades sucessivas, mas no sentido inverso, até o instante de despertar em seu estado de vigília normal. Seria uma "progressão cronológica". Voltaremos a tratar com mais detalhes deste processo, depois que expusermos esta primeira parte do nosso estudo.  
  
2. O paciente pode recordar-se, ou espontaneamente ou sob sugestão hipnótica, ou por outros meios, e até mesmo reviver um ou mais episódios correspondentes a suas vidas anteriores. Este fenômeno é encontrado em crianças que se recordam nítida e conscientemente de uma ou mais" vidas passadas. Em algumas delas as lembranças são tão nítidas que elas chegam a mudar de comportamento e fundir suas duas existências, como se não tivesse havido um intervalo entre uma e outra encarnação. Em nossos arquivos, no Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas—IBPT temos registrado alguns casos deste tipo físico.  
  
Ligando a face cortada superior (correspondente ao corpo astral), com a face cortada inferior (corpo vital), e atravessando a fina camada de suco, há os campos responsáveis pela coesão molecular. Estes representariam, em seu conjunto, a alma (vera-efígie biomagnética do soma) .  
  
A região compreendida entre a face superior e a face inferior superpostas (astral e vital) seria equivalente ao perispírito. Teríamos assim, conforme ensinou-nos Allan Kardec: a alma (ou Espírito encarnado), o perispírito e o corpo.  
  
Em todos eles podemos assinalar os contornos das camadas reencarnatórias pregressas. E, em cada camada, encontraremos toda a sua história pretérita, inclusive as origens arcaicas da zona embriofetal, onde se resume ontologicamente a evolução filogenética (evolução da espécie, ou então, do filum).  
  
A cúpula, repositório-síntese das experiências intelectuais, morais e psíquicas de todas as reencarnações do Espírito, esta figurada pela fração superior da cebola cortada.  
  
O corpo astral (face superior) tem a sucedê-lo, na direção positiva do eixo OT' as camadas formando a "cúpula". Esta é representada pela calota superior do bolbo seccionado. Semelhante zona corresponde à parte divina do Espírito. É a sede da superconsciência, a qual, segundo Franz Volgyesi (El Alma es lo Todo),"ultrapassa a experiência da raça e da espécie; abarca o tempo (presente, passado e futuro) e o espaço, numa unidade que vai além das possibilidades humanas comuns".  
  
Esta região do Espírito é também acessível à consciência durante seus estados alterados. Ela se manifesta sob variadas formas: inspiração, intuição, censura, lampejos de genialidade, experiências místicas, "samadi", "satori", etc. É a fonte de onde dimanam as idéias profundas, as criações artísticas, as descobertas cïentíficas teóricas e todas as demais manifestações superiores da mente humana.  
  
Na cúpula devem encontrar-se os fundamentos das premonições e profecias, pois, relativamente à "cota de tempo" ocupada pelo corpo físico, ela se projeta em direção ao futuro. Devido a este fato, achamo-nos parcialmente "mergulhados" no futuro, percebendo-o inconsciente e extra-sensorialmente até onde a cúpula permite alcançar. Quando alguma dessas informações se extravasa para a nossa percepção sensorial durante os estados alterados de consciência, diz-se que tivemos uma precognição.  
  
É possível o acesso aos conteúdos cognitivos da cúpula. Um dos métodos seria provocar-se uma "progressão cronológica", por meio de processos hipnóticos, do mesmo modo como se produz a "regressão". O outro método seria a prática usual da meditação. Quando um artista, um técnico ou um cientista exerce grande esforço intelectual para criar uma obra, alcançar uma idéia, ou resolver um problema, normalmente está executando uma operação de contacto e intercâmbio com a cúpula. O mesmo se dá com o místico que, através da cúpula, se põe em comunhão com os planos superiores da Espiritualidade.  
  
Parece que uma das finalidades das experiências reencarnatorias é desenvolver a cúpula espiritual a um ponto tal que se torne desnecessário o retorno do Espírito à vida física corpórea. Daí em diante, a evolução se faria partir da cúpula.  
  
O MODELO EM CAMADAS FLEXÍVEIS E ELÁSTICAS  
As inúmeras descrições fornecidas por pessoas que experimentaram a projeção astral, bem como por "ressuscitados" que estiveram, por qualquer razão, clinicamente mortos e conseguiram ser reavivados, sugerem aperfeiçoamentos no modelo em camadas representativo do Espírito. Do mesmo modo, as informações contidas nas obras de André Luiz, psicografadas por F.C. Xavier, dão-nos elementos complementares muito üteis para a criação de modelos cada vez mais adequados à descrição do Espírito.**

**Queremos esclarecer que nos referimos ao modelo do Espírito, resultante dos postulados desta hipótese de trabalho. Os aperfeiçoamentos do referido modelo apenas dizem respeito a alguns detalhes e visam a dar maior intuitivida-de â representação já formulada. Desse modo, devemos partir do próprio "modelo em camadas rígidas" sugerido anteriormente. :  
  
No aludido modelo, vamos considerar, separadamente, cada uma das camadas. Postulamos que cada uma delas deve corresponder a uma determinada encarnação do Espírito. Cada camada forma-se no decorrer da encarnação do indivíduo, a partir do encaixe do ápice inferior do MOB (Modelo Organizador Biológico) no ovo. A formação do embrião irá decorrer de dois fatores básicos: as informações genéticas do ovo e as condições de contorno impostas pelos campos biomagnéticos das camadas do MOB, particularmente da ultima camada imediatamente anterior.**

**O desenvolvimento do embrião, e conseqüentemente o do indivíduo, resulta da interação dos dois fatores apontados. Dá-se uma conjugação em que cada fator controla o outro. Enquanto as informações bioquímicas dos genes nos cromossomos determinam as características substanciais do indivíduo, o MOB fornece uma estrutura de campos de forças, estereomórfica e biomagnética, que orienta o crescimento dos tecidos, dentro dos padrões morfológicos peculiares à espécie à qual o indivíduo pertence. Poderíamos postular que o indivíduo tem dois contribuintes determinantes da sua composição e forma definitivas: um deles é o fator informacional genético, e o outro é o fator Psi.**

**É possível que a influência deste ultimo sobre o fator genético resulte em certas alterações com implicações muito ligeiras e quase imperceptíveis na sua constituição química. Entretanto estas pequeníssimas influências, quando somadas através de longos períodos nas sucessivas encarnações dos indivíduos, poderiam, a longo prazo, ter contribuído para a ocorrência de significantes alterações genéticas; nas espécies a que eles pertencem. Daí provavelmente surgiram as modificações evolutivas observadas nas espécies vivas.  
  
Em 1981 foi lançado um livro, A New-Science of Life, de autoria do Dr. Rupert Sheldrake, "Rosenheim Research Fellow" da "Royal Society", atualmente consultor sobre fisiologia vegetal no "International Crops Research Institute for the Semi-Arid Tropics" em Hyderabad, na Índia. A obra de Sheldrake tem como subtítulo: "The Hypothesis of Formative Causation".  
  
A "hipótese da causação formativa" postula que o Universo funciona não tanto por leis" imutáveis, como por "hábitos". Isto é, a repetição dos eventos, com o correr do tempo, acaba criando modelos em forma de "campos organizadores invisíveis". Embora tais campos não possuam energia, são, não obstante, "causativos", agindo como esquemas orientadores para futuras formas e futuros comportamentos.  
  
Devido a um processo de "ressonância mórfica", tais modelos poderão agir como modificadores da morfogênese de subsequentes sistemas similares. Assim, com o tempo, as espécies poderão sofrer lento processo de mudanças evolutivas, conforme se observa na prática. Sheldrake enfatiza que a "ressonância mórfica", embora não implique em troca energética, ocorre entre sistemas vibratórios como átomos, moléculas, cristais, organelas, células, tecidos, órgãos e organismos . "**

**Entretanto , ao passo que a ressonância depende só da especificidade da resposta a frequências particulares, a estímulos unidimensionais', a ressonância mórfica depende de modelos de vibração tridimensionais". (SHELDRAKE , R. — A New Science of Life, London: Blond & Briggs, 1981, pp. 95-96).  
  
Seria impossível resumir todo o livro do Dr. Sheldrake, nestas limitadas linhas. Mas é interessante ressaltar que as idéias do ilustre cientista britânico tiveram ampla repercussão, tendo sido divulgadas elogiosamente pelos periódicos: New Scientist, 18 de junho de 1981, pp . 766-768 e o Brain Mina Bulletin que lhe dedicou um número especial intitulado "A New Science of Life", 1981.  
  
Há anos nós sugerimos idéias similares as do Dr.R. Sheldrake, em nosso trabalho: A Teoria Corpuscular do Espírito (1958) . É com satisfação que vemos um cientista de alto nível , como o Dr. R. Sheldrake, emitir uma hipótese que se aproxima tanto da nossa. Temos absoluta certeza de que ele jamais tomou conhecimento de nosso trabalho, sendo suas idéias totalmente originais também.  
  
Relembrando estas primeiras características e propriedades emprestadas ao modelo do Espírito (quando considerado como individualidade), vamos focalizar alguns detalhes da experiência, no sentido de aperfeiçoá-lo.  
  
Um dos pontos de interesse consiste na aparência da personalidade desencarnada. Os relatos obtidos de pessoas ressuscitadas são variados e não permitem estabelecer uma regra geral para a referida questão. Uns afirmam ter sentido que ainda possuíam um corpo sutil. Outros, em menor número, apenas assinalaram que se sentiam semelhantes a um foco de consciência situado em uma espécie de substância energética globular ou amorfa.**

**Todos foram unânimes em afirmar que eram capazes de perceber os objetos de suas adjacências. As descrições que incluem a existência de um corpo sutil encaixam-se no modelo do espírito proposto anteriormente. Mas aquelas que mencionam a ausência de forma corporal humana podem ser explicadas e ter também representação adequada no "modelo em camadas flexíveis e elásticas". (...)   
  
LEMBRETE:**

**OBRAS PÓSTUMAS - ALLAN KARDEC - PÁG. 51  
  
§ l - O perispírito, princípio das manifestações  
9. Os Espíritos, como já o dissemos, têm corpo fluídico, a que se dá o nome de perispírito. A sua substância é tomada do fluido universal, ou fluido cósmico, que o constitui e o alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem.  
O perispírito é mais ou menos etéreo, segundo os mundos e o grau de adiantamento dos Espíritos. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, a sua natureza é mais grosseira e se aproxima mais da matéria bruta.  
  
10. Durante a encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito; o corpo não lhe é senão o segundo invólucro, mais grosseiro, mais resistente, apropriado às funções que lhe incumbem, e do qual o despoja a morte.  
O perispírito é o intermediário do Espírito e do corpo; é o órgão transmissor de todas as sensações. Quando elas vem do exterior, o corpo recebe a impressão, o perispírito transmite-a, e o Espírito, sensível e inteligente, recebe-a; quando o ato é da iniciativa do Espírito, pode-se dizer que este o quer, o perispírito o transmite e o corpo o executa.  
  
11. O perispírito não é encerrado no corpo como em uma caixa. É expansível por sua natureza fluídica, irradia-se e forma em torno do corpo uma espécie de atmosfera, que o pensamento e a força de vontade podem ampliar mais ou menos. Segue-se daí que pessoas separadas por distâncias podem comunicar-se pelo perispírito e transmitir inconscientemente impressões e intuições.  
  
12. O perispírito, como um dos elementos constitutivos do homem, desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas levarem em conta a influência do elemento espiritual na economia, grande passo terão dado e novos horizontes se lhes abrirão. Muitas causas de moléstias serão então descobertas, bem como poderosos meios de combatê-las.  
  
13. É por meio do perispírito que os Espíritos agem sobre a matéria inerte e produzem os diferentes fenômenos das manifestações. Não lhes é obstáculo a sua natureza etérea, porque se sabe que os mais poderosos motores são os fluidos mais rarefeitos e os imponderáveis. Não há pois que admirar ao vermos Espíritos, com o auxílio dessa alavanca, produzirem certos efeitos físicos, como sejam pancadas e ruídos de toda espécie, elevação de objetos pesados, transporte ou projeção deles no espaço. Para explicar esses fenômenos, não é preciso recorrer ao maravilhoso nem aos efeitos supernaturais.  
  
14. Os Espíritos, agindo sobre a matéria, podem manifestar-se de muitos modos diferentes: por efeitos físicos, como a deslocação de objetos e rumores; por transmissão de pensamento, pela vista, ouvido, tato, escrita, desenho, música, etc.; em uma palavra, por todos os meios pêlos quais podem entrar em relações com os homens.  
  
15. As manifestações dos Espíritos podem ser espontâneas ou provocadas.  
As primeiras dão-se inopinadamente, de súbito, e produzem-se muitas vezes em pessoas alheias às idéias espíritas. Em certos casos e, sob o império de determinadas circunstâncias, às manifestações podem ser provocadas pela vontade, sob a influência de pessoas, para aquele fim dotadas de faculdades especiais.  
  
As manifestações espontâneas dão-se em todas as épocas e em todos os países; o meio de provocá-las foi conhecido na antiguidade, mas era privilégio de algumas castas, que não o revelavam senão a raros iniciados, debaixo de condições rigorosas, ocultando-o ao vulgo, a fim de dominá-lo pelo prestígio de um poder oculto. Ele, porém, perpetuou-se através das idades, até aos nossos dias, em alguns indivíduos, embora desvirtuado pela superstição ou de mistura com práticas ridículas de magia, que contribuem para desacreditá-lo. Eram gérmens lançados cá e acolá.  
A providência tinha reservado à nossa época o conhecimento completo e a vulgarização desses fenômenos a fim de separar-lhes a liga impura e fazê-los concorrer para o aperfeiço­amento da humanidade, apta para compreendê-los e para tirar-lhes as consequências.  
  
Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **PERSONALIDADE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A evolução anímica- pág. 123, 152** | **02 - Alquimia da mente - pág. 34, 98** |
| **03 - Antologia do Perispírito - ref. 580, 738** | **04 - Convites da vida - pág. 157** |
| **05 - Correlações espírito matéria - pág. 13** | **06 - Deus na Natureza - pág. 224** |
| **07 - Dinâmica Psi - pág. 138** | **08 - Do país da luz - vol. 1 pág. 110** |
| **09 - E a vida continua - pág. 85** | **10 - Forças sexuais da alma - pág. 13** |
| **11 - Hipnotismo e espiritismo - pág. 35** | **12 - Magnetismo espiritual - pág. 182** |
| **13 - Mediunidade - pág. 111** | **14 - Mensagens de além túmulo - pág. 85** |
| **15 - No limiar do infinito - pág. 29** | **16 - O consolador - pág. 72, 127** |
| **17 - O homem novo - pág. 107** | **18 - O Livro dos Espíritos - q. 119, 188, 366** |
| **19 - O ser subconsciente - pág. 61, 78** | **20 - Palingênese, a grande lei - pág. 106** |
| **21 - Pérolas do além - pág. 192** | **22 - Ressurreição e vida - pág. 214** |
| **23 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 183** | **24 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PERSONALIDADE** **– COMPILAÇÃO**

**01- A evolução anímica - Gabriel Delanne - pág. 123, 152**

**A personalidade  
Já vimos que a memória é uma condição quase indispensável à personalidade, pois ela é que liga o estado de atualidade aos estados anteriores, e nos afirma sermos hoje o mesmo indivíduo de há vinte anos. É a memória que constitui a identidade, porquanto, ao mesmo passo que persistem as sensações presentes, surgem, por ela evocadas, as imagens antigas, que são, senão idênticas, ao menos muito análogas. Uma árvore, por exemplo, vista agora — imagem presente, atual —, desperta em nosso espírito meia dúzia de lembranças quase idênticas, embora estejamos contemplando uma outra árvore. Do mesmo modo, um barco suscitará outra meia dúzia de imagens que serão ainda idênticas, seja qual for o barco entrevisto.**

**Ainda em consequência da associação e complexão das idéias, não será preciso avistar um barco para reviver essas lembranças, que poderão aflorar da contemplação de uma praia, de um rio, de um objeto qualquer que lembre, ainda que longínqua, a idéia de barco.  
Nossa consciência está, por conseguinte, sempre presente a um certo e limitado número de imagens remotas, e sempre as mesmas, mais ou menos. Essas imagens, iterativamente reconduzidas ao mesmo ego, constituirão a personalidade do indivíduo, que se tornou estável, pela comunidade das mesmas.  
  
Se, em consequência de um estado psíquico qualquer, as imagens ordinárias e comumente presentes à consciência, se obliterarem de chofre, e se, por outro lado, aparecerem imagens até então desconhecidas, segue-se que o mesmo eu não mais se reconhece, julga-se outro e é todo um novo estado conscièncial que emerge. Emerge, porém, na mesma individualidade. Os sonâmbulos apresentam, quase sempre, esse caráter, esquecendo-se, ao despertarem, do que se passou no sono. Mas, o que prova a integridade individual é que o segundo aspecto da personalidade, isto é, o personagem sonambúlico, conhece a pessoa normal, como veremos dentro em breve.  
  
Essa falta de ligação, essa descontinuidade entre dois períodos da mesma existência psíquica, explica todos os fenômenos, desde que se tenha em vista um segundo fator da personalidade, que é o sentimento da vida. Todos temos a noção de vivermos corporalmente, como bem o demonstrou Louis Pisse em contradita à doutrina de Jouffroy, que afirmava não conhecermos o corpo senão de um modo objetivo, tal como con: pano, um móvel, etc.  
  
O médico filósofo responde: "Será mesmo verdade que absolutamente não tenhamos consciência do exercício das funções orgânicas? Se com isso quisermos dizer que se trata de uma consciência clara, distinta, de locação determinável, qual a proveniente das impressões exteriores, é evidente que a não temos; mas, isso não obsta a que tenhamos uma consciência surda inaudível, obscura e, por assim dizer, latente e análoga, por exemplo, a que provoca e acompanha os movimentos respiratórios, sensçações que, apesar de incessantemente repetidas, passam por despercebidas.  
  
"Não poderíamos, então, considerar como ressonância longínqua, fraca e confusa do trabalho vital; esse notório sentimento que, sem descontinuidade nem remissão, nos adverte da existência e atualidade do corpo? "O caso é que, as mais das vezes sem razão, se tem confundido esse sentimento com as impressões acidentais ou locais, que, na vigília, despertam, estimulam e entretém o jogo da sensibilidade.  
  
"Estas sensações, ainda que incessantes, não fazem senão aparições fugazes e transitórias no teatro da consciência, ao passo que o sentimento em apreço dura e persiste, abaixo do cenário móbil. Condillac chamava-lhe com muita propriedade, o sentimento fundamental da vida, e Maine de Biran - o sentimento da existência sensitiva. É por ele que o corpo se figura ao eu como propriedade sua, e que o Espírito se reconhece, de qualquer modo existente e íntegro, na extensão do seu organismo. Monitor perpétuo e indefectível, ele fornece à consciência, incessantemente, o controle do corpo, manifestando assim, da maneira mais íntima, o laço indissolúvel da vida psíquica e da vida fisiológica.  
  
"No estado normal de equilíbrio que caracteriza a saúde perfeita, esse sentimento é, qual dizíamos, contínuo, uniforme, sempre igual, o que lhe impede chegar ao eu no estado de sensação distinta, especial e local. Para que se torne distintamente notado, faz-se-lhe preciso adquirir uma certa intensidade. "Nesse caso, traduz-se por uma vaga sensação de bem-estar ou de indisposição geral, indicando, no primeiro caso, uma simples exaltação do ato vital fisiológico, e, no segundo a perversão patológica do mesmo ato. Mas, neste caso, também não tarda a localizar-se a forma de sensação particular.  
  
"Vezes há em que também se revela de maneira mais indi-reta, e, no entanto, bem mais evidente, que é quando vem a falhar em dada região do organismo, como, por exemplo, num mpmbro atingido de paralisia. Tal membro prende-se ainda materialmente ao agregado vivo, mas desprende-se da esfera do eu orgânico, se assim nos permitem dizer. Ele deixa de ser percebido pelo eu como propriedade sua, e o fato dessa separação, ainda que negativo, traduz-se por uma sensação positiva, particular, conhecida de quem quer que tenha experimentado o entorpecimento completo de um membro, seja pela friagem, ou por compressão nervosa.  
  
"Essa sensação não é mais que a expressão da espécie de falha, ou queda, que sofreu o sentimento universal da vida corpórea, e prova que o estado vital do membro era real, ainda que obscuramente sentido, constituindo um dos elementos parciais do sentimento geral da vida do todo orgânico."Assim, o ruído monótono da carruagem que nos conduz acaba por se tornar despercebido, mas, se a carruagem pára de súbito, logo perceberemos a cessação do ruído.  
  
"Esta analogia pode facilitar a compreensão da natureza e do modo existencial do sentimento básico da vida orgânica, que não seria, nesta hipótese, mais que uma resultante, in confuso, das impressões produzidas, em todos os pontos vivos, pelo movimento intrínseco das funções, trazido diretamente ao cérebro pelos nervos cerebro-espinais, ou, mediatamente, pelos nervos do sistema ganglionar."  
  
O que precisamos reter é que a individualidade constitui-se sobre a qual as sensações virão enxertar-se e servir-lhe de laço. O perispírito animado pela força vital é que dá à alma o sentimento intimo e profundo do eu. Sejam quais forem, mais tarde, as variações do estado consciente, sempre restará esse sentimento para reatar entre si os diferentes processos da vida mental, desde que as condições associativas de alma e corpo se mantenham invariáveis.  
  
Há uma certa tonicidade geral do sistema nervoso, mediante a qual as sensações se registram. Se essa tonicidade alterar-se, variam os mínimos de intensidade e durabilidade indispensáveis à percepção. Sem embargo, o registro faz-se, mas a alma não tem dele consciência quando retorna à tonicidade normal. Com alguns exemplos, far-nos-emos compreender melhor.  
  
As alterações da memória pela enfermidade  
Um doente foi, em pleno consultório, acometido de ataque epiléptico. Breve recobrou os sentidos, mas esquecido de haver pago de antemão a consulta médica.  
  
Outro epiléptico, caindo numa loja, levantou-se presto, e fugiu, deixando chapéu e carteira. "Só voltei a mim — dizia —, depois de percorrer um quilômetro; procurava o chapéu em todas as lojas, mas, na verdade, sem noção do que fazia. Esta, a bem dizer, só me veio uns 10 minutos depois, quando chegava à estação do caminho de ferro."  
  
Um empregado de escritório foi, em plena atividade, e sem outro qualquer distúrbio, assaltado de idéias confusas. Lembrava-se, apenas, de haver jantado no restaurante, e depois disso nada lhe ocorria. Voltou ao restaurante e lá lhe disseram que jantara, pagara e saíra bem disposto, como se nada sentisse. A obnubilação durara três quartos de hora, mais ou menos.(..)  
  
06 - Deus na Natureza - Camille Flammarion- pág. 224**

**II - A PERSONALIDADE HUMANA**

**Felizmente para as grandes e respeitáveis verdades de ordem moral, não estamos reduzidos a curvar a cabeça diante de tão grosseira conclusão. Como nos dias decantados pelo célebre autor latino das Metamorfoses, temos nascido para ficar de pé e contemplar o céu.  
Certo, poderíamos invocar aqui o testemunho imponente dos sentimentos mais profundos da natureza humana; poderíamos evidenciar, à luz meridiana, que, nestas doutrinas perniciosas não há mais lugar para a esperança, moral para a consciência, luz para os pendores do coração; bondade natural, justiça na ordem universal, consolação para o aflito e mais — que a população do globo não mais tem à sua frente nenhuma finalidade, nenhuma claridade, nenhuma lei intelectual.  
  
Rolando, por aí além, turbilhonante, levada no espaço obscuro pela rotação e translação rápidas-do globo e renovando-se a cada instante pelo nascimento e morte de seus membros, ela — a Humanidade — não passa, à superfície desse globo, de bolorento parasita cegamente desabrochado e perpetuado por forças químicas. Sim. Poderíamos, invocando o testemunho dos corações que ainda pulsam, e das almas que ainda crêem, dispor em linha de batalha os argumentos ainda vivazes da Filosofia, da Psicologia e derribar o adversário, constrangendo-o a confessar-se vencido. Todavia, como preferimos combater no mesmo terreno e com as mesmas armas, pretendendo refutá-los só em nome da Ciência de que se dizem intérpretes, apraz-nos permanecer no campo exclusivamente científico e desdenhar, qual o fazem eles, os silogismos da Psicologia.  
  
Deixamos, assim, sem resposta as seguintes proposições adversas e os comentários com que as esticam: — "As leis da Natureza são forças bárbaras, inflexíveis; não conhecem, a moral nem a benevolência." (Vogt). "À Natureza não ouve as queixas nem as preces do homem, antes as repele inexoravelmente em si mesma." (Fuerbach). "Sabemos, por experiências próprias, que Deus absolutamente não se imiscui, de qualquer forma, nesta vida terrestre." (Lutero).  
  
Aí temos conceitos bem consoladores, não é assim ? Mas, repetimos: o sentimento não é cabedal científico e por isso não entraremos nesse capítulo. Esta abstenção não nos impede, bem entendido, de convidar o leitor a meditar e decidir para que lado lhe pendem o coração e a razão. Mas, apenas do ponto de vista da observação científica e deixando de lado os pendores do coração e os imperativos da consciência — que não deixam de algo ser na história da alma — dizemos que fatos há, nos domínios da observação pura, completamente inexplicáveis na hipótese materialista.  
  
No precedente capítulo, o leitor ainda pode ficar suspenso entre as duas hipóteses, porquanto apresentamos fatos mutuamente oscilantes, que deixam o espírito indeciso, quanto ao centro de gravidade. Agora, porém, o centro de gravidade vai passar ao corpo das doutrinas espiritualistas, e os que o não seguirem muito se arriscarão a desequilibrar-se e a cair, rápido, no mais vazio dos vácuos.  
Exponhamos, em primeiro lugar, as afirmativas materialistas contra a existência da alma, e, para não falar só dos estranhos e fazer ao mesmo tempo o histórico do materialismo em nosso país, escutemos Broussais, cuja obra foi o primeiro toque de reunir dos nossos modernos epicuristas e inaugurou, em nosso século, a primeira fase desse curso pouco luminoso.  
  
Para Broussais, como para Cabanis, Locke e Condillàc, o homem é, simplesmente, o conjunto de órgãos em função. O eu, a personalidade humana não é um ser sui generis, é um fato , é um resultado, é um produto imputável a tal ou qual disposição da matéria. Inteligência e sensibilidade são funções do aparelho nervoso, mais ou menos como a transformação dos alimentos em quilo e sangue é função do aparelho digestivo, ou respiratório. A existência da alma não é mais que uma hipótese que se não funda em observação qualquer, que nenhum raciocínio autoriza, por gratuita e até mesmo destituída de senso. Reconhecer no homem mais que um sistema orgânico, é cair nos absurdos da Ontologia.  
  
Cabanis, no seu livro bem conhecido, e Destutt de Tracy, na sua análise racional das relações do físico com o moral, emitem as mesmas opiniões, mas, sob forma menos explícita. Segundo os exagerados defensores da doutrina da sensação, a pessoa humana confunde-se nas funções orgânicas. Na realidade, não existe. Todos os homens, em todos os tempos e por toda a parte, acreditaram na existência pessoal, sentiram-se viventes e pensantes; todas as línguas enunciaram, nas primeiras páginas dos anais humanos, a existência do pensamento individual, a alma, a inteligência, o espírito, não importa sob que nome (poderíamos encher uma página de nomes primitivos, arianos, sânscritos, gregos, latinos, celtas, etc., mas, uma tal nomenclatura não se faz necessária, e nossos leitores certo sabem da existência desses vocábulos). O bom senso popular, tanto quanto o génio filosófico, espontaneamente acreditaram, desde que o mundo é mundo e há seres racionais na Terra, que existe em nosso corpo algo mais que a matéria, uma consciência própria, sem a qual não existiríamos e que se comprova a si mesma, pelo só fato da certeza íntima.**

**Enfim, todos sentiram que o corpo, nem tão-pouco o mundo exterior, constituem a entidade pensante. Entretanto, a Humanidade do passado, como do presente, parece que não leva em conta a opinião dos materialistas. Felizmente para nós, eles aí estão a esclarecer-nos de ora em diante, convidando-nos a reconsiderar a ingenuidade das nossas crenças. Como bem o disse um fino espiritualista (o duque de Broglie, nos Êcrits et Discours, t. I). "Até aqui, caros amigos, dizem eles, acreditastes que existíeis e tínheis um corpo; mas, desenganai-vos, porque não eocistis e é o corpo que vos possui. Só existis na aparência, o que chamais o eu, não passa de simples vocábulo, um não sei quê, destituído de realidade e consistência; e o que realmente existe, no fundo de tudo isso, é alguma coisa de que não tendes consciência, nem ela tão-pouco a tem de vós."**

**No parecer de Broussais com os seus colegas e discípulos, o eu é o cérebro. O pensamento, todos os fenômenos inteligentes, são excitações da matéria cerebral ou, para usar a mesma linguagem do Autor — condensações da mesma matéria. E, seja de que natureza for, toda a percepção mental está neste caso. Dor, alegria, saudade, julgamento, comparação, determinação, entusiasmo, desejo, tudo é condensação. Se houver fenômenos complexos nesse laboratório do pensamento, quais uma série de raciocínios sucessivos partidos de uma impressão inicial, mesmo do exterior e culminando em ato voluntário, serão ainda condensação de condensações. Estas são o próprio pensamento, que não passa de consequência, de resultante, condensação mesma das fibras do encéfalo..." Meu Deus! Que bela coisa é a Ciência e como o Sr. Broussais possuía uma imaginação bem condensada!  
  
Sentir-se sentir, eis a fórmula e o único fato consciencial admitido por Broussais. Ora, qual o órgão que sente no organismo humano? Incontestàvelmente, o cérebro. Logo, ele é o eu e todas as percepções do pensamento não passam de excitações da substância cerebral. Coisa que parece simples, mas desafia um ligeiro reparo. Temos visto que o cérebro é massa carnosa, pesando três libras mais ou menos e composta de medula, fibras brancas ou pardas, gordura fosforada, água, albumina, etc. Ora, entre essas substâncias, qual a pensante? A água? o fósforo? a albumina? o oxigênio?**

**Se a faculdade de pensar está ligada a uma simples molécula, a um átomo real, não tendes o direito de negar a imortalidade da alma, pois, neste caso a faculdade de pensar participaria do destino do átomo indestrutível. Seria preciso, pois, admitir que esse átomo se libertou, desde logo, do movimento, para ficar imóvel, talvez no fundo da glândula pineal. Admitindo-se, agora, seja cada molécula capaz de sentir em conformidade com a natureza das sensações, esse pretenso eu já não estará no singular, mas no plural, haverá tantos eus (!) quantas moléculas cerebrais. Os léxicos não conheciam esse vocábulo e, doravante, deverão perfilhá-lo.  
  
O homem jamais suspeitara que continha em si diversas personalidades, pois os próprios gregos, com as suas múltiplas designações possíveis, não tinham visto nisso senão faculdades várias e diversas maneiras de ser de uma única e mesma alma. Mas, cada molécula é, por sua vez, um agregado de átomos, de corpos simples, diversos e diversamente combinados. Teremos, então, cada átomo a pensar agora? Eis-nos caídos na mais absurda e inimaginável das hipóteses. Essa contradição entre a unidade inconteste do ser pensante e a multiplicidade, não menos inconteste, dos elementos cerebrais, reduz a zero a pretensão de fazer da consciência pessoal uma propriedade do encéfalo.  
  
Nota curiosa: esses senhores não se precatam de que assim racionando regridem aos arqueus de Van Helmont, a pretexto de progresso. Não lhes falta mais que os espíritos animais, dos tempos de Descartes e Malebranche, para nos vermos recuados a mais de dois séculos, anteriores à origem da própria Fisiologia.  
  
Não temos no âmago da consciência a certeza da nossa unidade? Percebe-se o pensamento qual mecanismo composto de várias peças, ou como um ser simples? Todos os fenómenos ativos de nossa alma depõem a favor dessa unidade pessoal, visto como, na sua variedade e multiplicidade, estão grupados em torno de uma percepção íntima, de um julgamento e de uma faculdade de generalizações únicas. Sentimos, em nós mesmos, essa unidade pessoal, sem a qual pensamentos e atos não mais se ligariam por qualquer laço e nenhum valor teriam as nossas determinações.**

**E' esse um fato tão firmemente enraizado na consciência e tão inatacável, que as contradições aparentes que se lhe podem opor redundam, em definitivo, a seu favor. Se, por exemplo, certa faculdade de nossa alma em suas apreciações, parece poder concluir-se que há complexidade na maneira operatória do espírito. (...)**

**16 - O consolador - Emmanuel - pág. 72, 127**

**Perg. 211 - Como compreender a noção de personalidade?  
- A compreensão da personalidade, no mundo, vem sendo muito desviada de seus legítimos valores, pelos espíritos excêntricos, altamente preocupados em se destacarem no vasto mundo das letras. Entendem muitos que "ter personalidade" é possuir espírito de rebeldia e de contradição na palavra sempre pronta a criticar os outros, no esquecimento de sua própria situação. Outros entendem que o "homem de personalidade" deve sair mundo a fora, buscando posições de notoriedade em falsos triunfos, porquanto exigem o olvido pleno dos mais sagrados deveres do coração.  
Poucos se lembraram dos bens da humildade e da renúncia, para a verdadeira edificação pessoal do homem, porque, para a esfera da espiritualidade pura, a conquista da iluminação íntima vale tudo, considerando que todas as expressões da personalidade prejudicial e inquieta do homem terrestre passarão com o tempo, quando a morte implacável houver descerrado a visão real da criatura.**

**Perg. 212 - O homem sem grandes possibilidades intelectuais é sempre um homem medíocre?  
- O conceito de mediocridade modifica-se no plano de nossas conquistas universalistas, depois das transições da morte. Aí no mundo, costumais entronizar o escritor que enganou o público, o político que ultrajou o direito, o capitalista que se enriqueceu sem escrúpulos de consciência, colocados na galeria dos homens superiores, capitalista que se enriqueceu sem escrúpulos de consciência, colocados na galeria dos homens superiores. Exaltando-lhes os méritos individuais com extravagâncias louvaminheiras, muito falais em "mediocridade", em "rebanho", em "rotina", em "personalidade superior".  
Para nós, a virtude da resignação dos pais de família, criteriosos e abnegados, no extenso rebanho de atividades rotineiras da existência terrestre, não se compara em grandeza com os dotes de espírito do intelectual que gesticula desesperado de uma tribuna, sem qualquer edificação séria, ou que se emaranha em confusões palavrosas na esfera literária, sem a preocupação sincera de aprender com os exemplos da vida.  
O trabalhador que passa a vida inteira trabalhando ao Sol no amanho da terra, fabricando o pão saboroso da vida, tem mais valor para Deus que os artistas de inteligência viciada, que outra coisa não fazem senão perturbar a marcha divina das suas leis.  
Vede, portanto, que a expressão de intelectualidade vale muito, mas não pode prescindir dos valores do sentimento em sua essência sublime, compreendendo-se, afinal, que o "homem medíocre" não é o trabalhador das lides terrestres, amoroso de suas realizações do lar e do sagrado cumprimento de seus deveres, sobre cuja abnegação erigiu-se a organização maravilhosa do patrimônio mundano.  
  
Perg. 213 — Devemos acalentar a preocupação de adquirir os elementos do chamado magnetismo pessoal?  
— Essa preocupação é muito nobre, mas ninguém suponha realizá-la tão-só com a experiência da leitura de livros pertinentes ao assunto. Não são poucos os que buscam essa literatura, desejosos de fórmulas mágicas no caminho do menor esforço.  
Todavia, o que é indispensável salientar é que nenhum estudioso pode conquistar simpatia sem que haja transformado a coração em manancial de bondade espontânea e sincera. Na vida não basta saber. É imprescindível compreender. Os livros ensinam, mas só o esforço próprio aperfeiçoa a alma para a grande e abençoada compreensão. Esquecei a conquista fácil, a operação mecânica, injustificáveis nas edificações espirituais, e volvei a atenção e o pensamento para o vosso próprio mundo interior. Muita coisa aí se tem a fazer e, nesse bom trabalho, a alma se ilumina, naturalmente, aclarando o caminho de seus irmãos.  
  
Perg. 214 — Como interpretar os impulsos daqueles que acreditam na influência dos chamados talismãs da felicidade pessoal?  
— Criaturas há que, para manter sua energia espiritual sempre ativa, precisam concentrar a atenção em algum objeto tangível, visando os estados sugestivos indispensáveis às suas realizações, como esses crentes que não prescindem de imagens e símbolos materiais para admitir a eficácia de suas preces. Ficai certos, porém, de que o talismã para a felicidade pessoal, definitiva, se constitui de um bom coração sempre afeito à harmonia, à humildade e ao amor,no integral cumprimento dos desígnios de Deus.  
  
Perg. 215 — Os chamados "homens de sorte" são guiados pêlos Espíritos amigos?  
— Aquilo que convencionastes apelidar "sorte" representa uma situação natural no mapa de serviços do Espírito reencarnado, sem que haja necessidade de admitirdes a intervenção do plano invisível na execução das experiências pessoais. A "sorte" é também uma prova de responsabilidade no mecanismo da vida, exigindo muita compreensão da criatura que a recebe, no que se refere à misericórdia divina, a fim de não desbaratar o patrimônio de possibilidades sagradas que lhe foi conferido. (...)**

**18 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões: 119, 188, 366, 505 783, 917, concl. III, VII**

**Perg. 119 - Deus pode livrar os Espíritos das provas que devem sofrer para chegar à primeira ordem?  
- Se eles tivessem sido criados perfeitos, não teriam merecimento para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o mérito, sem a luta? De outro lado, a desigualdade existente entre eles é necessária à sua personalidade; e a missão que lhes cabe, nos diferentes graus, está nos desígnios da Providência, com vistas à harmonia do Universo.**

**Perg. 188 - Os Espíritos puros habitam mundos especiais, ou encontram-se no espaço universal, sem estar ligados especialmente a um globo? - Os Espíritos puros habitam determinados mundos, mas não estão confinados a eles como os homens à Terra; eles podem, melhor que os outros, estar em toda a parte.**

**Perg. 366 - Que pensar da opinião segundo a qual as diferentes faculdades intelectuais e morais do homem seriam o produto de outros tanto Espíritos diversos nele encarnados, tendo cada qual uma aptidão especial?  
- Refletindo-se a respeito, reconhece-se que é absurda. O Espírito deve ter todas as aptidões. Para poder progredir, necessita de uma vontade única. Se o homem fosse um amálgama de Espíritos, essa vontade não existiria e ele não teria individualidade, pois na sua morte todos esses Espíritos seriam como um bando de pássaros escapos da gaiola. O homem se queixa muitas vezes de não compreender algumas coisas, mas é curioso ver-se como ele multiplica as dificuldades, quando tem em mãos uma explicação muito simples e natural. Isso é ainda toma o efeito pela causa: fazer com o homem o que os pagãos faziam com Deus. Eles criam em tantos deuses quantos os fenômenos do Universo. Mas, mesmo entre eles, as pessoas sensatas não viam nesses fenômeno mais do que efeitos, tendo por causa um Deus único.**

**Perg. 505 - Os Espíritos protetores que tomam nomes comuns são sempre os de pessoas que tiveram esses nomes?  
- Não, mas de Espíritos que lhes são simpáticos, e muitas vezes vêm por ordem destes. Necessitais de um nome; então, eles tomam um que vos inspire confiança. Quando não podeis cumprir pessoalmente uma missão, enviais alguém de vossa confiança, que age em vosso nome.**

**Perg.783 - O aperfeiçoamento da Humanidade segue sempre uma marcha progressiva e lenta?  
- Há o progresso regular e lento que resulta da força das circunstâncias; mas quando um povo não avança bastante rápido, Deus lhe provoca, de tempos a tempos, um abalo físico ou moral que os transforma.**

**Perg. 917 - Qual é o meio de se destruir o egoísmo?  
- De todas as imperfeições humanas, a mais difícil e desraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o homem, ainda muito próximo da sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência; suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material, e sobretudo com a compreensão que o Espiritismo vos dá quanto ao vosso estado futuro real e não desfigurado pelas ficções alegóricas. (...)**

**Quereis, segundo dizeis, curar o vosso século de uma mania que ameaça invadir o mundo. Gostaríeis que o mundo fosse invadido pela incredulidade, que procurais propagar? Não é à ausência de qualquer crença que temos de atribuir o relaxamento dos laços de família e a maioria das desordens que minam a sociedade? Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, reergue os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Ousareis chamar a isso um mal? Duas doutrinas se enfrentam: uma, que nega o futuro, outra, que o proclama e o prova; uma, que nada explica, outra, que tudo explica e por isso mesmo se dirige à razão. Uma é sanção do egoísmo, a outra oferece uma base à justiça, à caridade e ao amor do próximo. A primeira não mostra mais do que o presente e aniquila toda a esperança, a segunda consola e mostra o vasto campo do futuro. Qual a mais preciosa?  
Certas pessoas, e entre as mais céticas, fazem-se apóstolos da fraternidade e do progresso. Mas a fraternidade supõe o desinteresse, a abnegação da personalidade; o orgulho é uma anomalia para a verdadeira fraternidade. Com que direito imporeis um sacrifício àquele mesmo a quem dizeis que com a morte tudo se acabará para ele, e que amanhã talvez nada mais seja do que uma velha máquina desarranjada e atirada fora? Que razão terá ele para se impor alguma privação? Não é muito mais natural que nos curtos instantes que lhe concedeis ele procure viver o melhor possível? Vem disso o desejo de possuir bastante para melhor gozar. Desse desejo nasce a inveja dos que possuem mais e dessa inveja ao desejo de tomar o que eles possuem vai apenas um passo. Que é o que o retém? A lei? Mas a lei não abrange todos os casos. Direis que é a consciência, o sentimento do dever? Mas em que se baseia o sentimento do dever? Esse sentimento encontra uma razão de ser na crença de que tudo acaba com a vida? Com essa crença uma única máxima é racional: cada um por si. As idéias de fraternidade, de consciência, de dever, de humanidade e mesmo de progresso não são mais do que palavras vãs. Oh, vós que proclamais semelhantes doutrinas não sabeis todo o mal que fazeis à sociedade, nem de quantos crimes assumis a responsabilidade! Mas por que falo de responsabilidade? Para o cético ela não existe; ele só presta homenagem à matéria.**

**LEMBRETE:**

**1° - Sabemos presentemente que a nossa consciência interior (individual) e a nossa consciência exterior (sensorial) são duas coisas distintas; que a nossa personalidade que é o resultado da consciência exterior, não pode ser identificada com o "eu", que pertence à consciência interior, ou, em outros tempos, o que chamamos a nossa consciência não é igual do nosso "eu". É preciso, pois, distinguir entre a personalidade e a individualidade. A pessoa é o resultado do organismo, e o organismo é o resultado temporário do princípio individual transcendente (...) Alexandre Aksakof**

**2° - Nossa consciência está (...) sempre presente a um certo e limitado número de imagens remotas, e sempre as mesmas, mais ou menos. Essas imagens, iterativamente reconduzidas ao mesmo ego, constituirão a personalidade do indivíduo, que se tornou estável, pela comunidade das mesmas. Gabriel Delanne**

**3° - A nossa personalidade é um fulcro de forças vivas, emitindo raios espirituais, em todas as direções. Francisco C. Xavier**

**4° - Entre as Teorias que advogam a causa dos fatores inconscientes, destaca-se a Psicologia Analítica de Jung, com a hipótese do inconsciente Coletivo e seus Arquétipos. A Posição Espírita vai além, ao advogar também a existência de elementos inconscientes localizados no corpo espiritual, com todo o repositório das experiências e vivências das encarnações pretéritas, além é claro, das vividas no plano espiritual. De acordo com ela, as forças dinâmicas oriundas do inconsciente espiritual tanto podem ser de natureza positiva, saudável, tais como tendências, idéias ou habilidades inatas, como de natureza morbígena. Os gênios precoces, como Wolfgang a Mozart, seriam um exemplo de vidas pregressas altamente evoluídas. Crianças portadoras de distúrbios, tais como autismo infantil, psicoses infantis, etc.. podem representar o segundo grupo (...) As Teorias da Personalidade empregam o conceito de "SELF" em sentidos diversos. Da perspectiva espírita, esse é o mais importante dos conceitos psicológicos, pois se trata da própria alma. Leopoldo Balduino**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **PERSONALISMO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Animismo e Espiritismo - pág. 22** | **02 - Caminho, Verdade e Vida - pág. 217** |
| **03 - Celeiros de bênçãos - pág. 45** | **04 - Correnteza de luz - pág. 51** |
| **05 - De Francisco de Assis para você - pág. 51** | **06 - Florações Evangélicas - pág. 151** |
| **07 - Fonte viva - pág. 231** | **08 - Mediunidade e Autoconhecimento- pág. 47** |
| **09 - Minha doce casa espírita - toda a obra** | **10 - Na Seara do Mestre - pág. 7** |
| **11 - No Mundo Maior - pág. 188** | **12 - Os mensageiros - pág. 18** |
| **13 - Pérolas do Além - pág. 192** | **14 - Respositório de sabedoria - pág. 147** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PERSONALISMO – COMPILAÇÃO**

**02 - Caminho, Verdade e Vida - Emmanuel - pág. 217**

**101 -Tudo em Deus - "Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma". - Jesus (João, 5:30)  
Constitui ótimo exercício contra a vaidade pessoal a meditação nos fatores transcendentes que regem os mínimos fenômenos da vida. O homem nada pode sem Deus. Todos temos visto personalidades que surgem dominadoras no palco terrestre, afirmando-se poderosas sem o amparo do Altíssimo; entretanto, a única realização que conseguem efetivamente é a dilatação ilusório pelo sopro do mundo, esvaziando-se aos primeiros contatos com as verdades divinas.**

**Quando aparecem, temíveis, esses gigantes de vento espalham ruínas materiais e aflições de espírito; todavia, o mesmo mundo que lhes confere pedestal projeta-os no abismo do desprezo comum; a mesma multidão que os assopra incumbe-se de repô-los no lugar que lhes compete. Os discípulos sinceros não ignoram que todas as suas possibilidades procedem do Pai amigo e sábio, que as oportunidades de edificação na Terra, com a excelência das paisagens, recursos de cada dia e bênçãos dos seres amados, vieram de Deus que os convida, pelo espírito de serviço, a ministérios mais santos; agirão, desse modo, amando sempre, aproveitando para o bem e esclarecendo para a verdade, retificando caminhos e acendendo novas luzes, porque seus corações reconhecem que nada poderão fazer de si próprios e honrarão o Pai, entrando em santa cooperação nas suas obras.**

**07 - Fonte viva - Emmanuel - pág. 231**

**101 - A cortina do "EU" - "Porque todos buscam o que é seu e não o que é do Cristo Jesus". - Paulo (Filipenses, 2:21)**  
**Em verdade, estudamos com o Cristo a ciência divina de ligação com o Pai, mas ainda nos achamos muito distantes da genuína comunhão com os interesses divinos. Por trás da cortina do "eu", conservamos lamentável cegueira diante da vida.  
Examinemos imparcialmente as atitudes que nos são peculiares nos próprios serviços do bem, de que somos cooperadores iniciantes, e observaremos que, mesmo aí, em assuntos da virtude, a nossa percentagem de capricho individual é invariavelmente enorme.**

**A antiga lenda de Narciso permanece viva, em nossos mínimos gestos, em maior ou menor porção Em tudo e em toda parte, apaixonamo-nos pela nossa própria imagem. Nos seres mais queridos, habitualmente amamos a nós mesmos, porque, se demonstram pontos de vista diferentes dos nossos, ainda mesmo quando superiores aos princípios que esposamos, instintivamente enfraquecemos a afeição que lhes consagrávamos.  
  
Nas obras do bem a que nos devotamos, estimamos, acima de tudo, os métodos e processos que se exteriorizam do nosso modo de ser e de entender, porquanto, se o serviço evolui ou se aperfeiçoa, refletindo o pensamento de outras personalidades acima da nossa, operamos, quase sem perceber, a diminuição do nosso interesse para com os trabalhos iniciados. Aceitamos a colaboração alheia, mas sentimos dificuldade para oferecer o concurso que nos compete.  
  
Se nos achamos em posição superior, doamos com alegria uma fortuna ao irmão necessitado que segue conosco em condição de subalternidade, a fim de contemplarmos com volúpia as nossas qualidades nobres no reconhecimento de longo curso a que se sente constrangido, mas raramente concedemos um sorriso de boa-vontade ao companheiro mais abastado ou mais forte, posto pelos Desígnios Divinos à nossa frente.  
  
Em todos os passos da luta humana, encontramos a virtude rodeada de vícios e o conhecimento dignificante quase sufocado pelos espinhos da ignorância, porque, infelizmente, cada um de nós, de modo geral, vive à procura do "eu mesmo". Entretanto, graças à Bondade de Deus, o sofrimento e a morte nos surpreendem, na experiência do corpo e além dela, arrebatando-nos aos vastos continentes da meditação e da humildade, onde aprenderemos, pouco a pouco, a buscar o que pertence a Jesus-Cristo, em favor da nossa verdadeira felicidade, dentro da glória de viver.**

**98 - Evita contender: Foge aos que buscam demanda no serviço do Senhor. Não estão eles à procura de claridade divina para o coração.Apenas disputam louvor e destaque no terreno das considerações passageiras. Analisando as letras apagadas, não atraem recursos necessários à própria iluminação e, sim, os meios de se evidenciarem no personalismo inferior. Combatem os semelhantes que lhes não adotam a cartilha particular, atiram-se contra os serviços que lhes não guardam o controle direto, não colaboram senão do vértice para a base, não enxergam vantagens senão nas tarefas de que eles mesmos se incumbem.**

**Estimam as longas dicussões a propósito da colocação de uma vírgula e perdem dias imensos para descobrir as contradições aparentes dos escritores consagrados ao ideal de Jesus. Jamais dispõem de tempo para os serviços da humildade cristã, interessados que se acham na evidência pessoal. Encontram sempre grande estranheza na conjugação dos verbos ajuda, perdoar e servir.**

**Fixam-se, invariavelmente, na zona imperfeita da humanidade e trazem azorragues as mãos pelo mau gosto de vergastar. Contendem acerca de todas as particularidades da edificação evangélica e, quando surgem perspectivas de acordo construtivo, criam novos motivos de perturbação. Os que se incorporam ao Evangelho Salvador, por espírito de contenda, são dos maiores e dos mais sutis adversários do Reino de Deus.**

**É indispensável a vigilância do aprendiz, a fim de que se não perca no desvario das palavras contundentes e inúteis. Não estamos convocados a querelar e, sim, a servir e a aprender com o Mestre; nem fomos chamados à entronização do "EU", mas, sim, a cumprir os desígnios superiores na construção do Reino Divino em nós.**

**11 - No Mundo Maior - André Luiz - pág. 188**

**13 - Psicose afetiva:  
Seguindo Calderaro, fomos, em plena noite, atender infortunada irmã quase suicida. Penetramos a residência confortável, conquanto modesta, percebendo a presença de várias entidades infelizes. O Assistente pareceu-me apressado. Não se deteve em nenhuma apreciação.Acompanhei-o, por minha vez, até humilde aposento, onde fomos encontrar jovem mulher em convulsivo pranto, dominada por desespero incoercível. A mente acusava extremo desequilíbrio, que se estendia a todos os centros vitais do campo fisiológico.  
  
- Pobrezinha! - disse o orientador, comovidamente -não lhe faltará a Divina Bondade. Tudo preparou de modo a fugir pelo suicídio, esta noite; entretanto, as Forças Divinas nos auxiliarão a intervir...Colocou a destra sobre a fronte da irmã em lágrimas e esclareceu:- É Antonina, abnegada companheira de luta. Órfã de pai, desde muito cedo, iniciou-se no trabalho remunerado aos oito anos, para sustentar a genitora e a irmãzinha. Passou a infância e a primeira juventude em sacrifícios enormes, ignorando as alegrias da fase risonha de menina e moça. Aos vinte anos perdeu a mãezinha, então arrebatada pela morte, e, não obstante seus formosos ideais femininos, foi obrigada a sacrificar-se pela irmã em vésperas de casamento.**

**Realizado este, Antonina procurou afastar-se, para tratar da própria vida; muito cedo, verificou, porém, que o esposo da irmãzinha se caracterizava por nefanda viciosidade. Perdido nos prazeres inferiores, entregava-se ao hábito da embriaguez, diariamente, retornando ao lar, em hora tardia, a distribuir pancadas, a vomitar insultos. Sensibilizada ante o destino da companheira, nossa dedicada amiga permaneceu em casa, a serviço da renúncia silenciosa, aliviando-lhe os pesares e auxiliando-a a criar os sobrinhos e a assisti-los. Corriam os anos, tristes e vagarosos, quando Antonina conheceu certo rapaz necessitado de arrimo, a sustentar pesado esforço por manter-se nos estudos. Identificavam-se pela idade e pela comunhão de idéias e de sentimentos. Devotada e nobre, correspondeu-lhe à simpatia, convertendo-se em abnegada irmã do jovem.**

**A companhia dele, de algum modo, projetava abençoada luz em sua noite de solidão e sacrifício ininterruptos. Repartindo o tempo e as possibilidades entre a irmã, quatro pequenos ', sobrinhos e o co-partícipe de sonhos fulgurantes, consagrava-se ao trabalho redentor de cada dia, animada e feliz, aguardando o futuro. Idealizava também obter, um dia, a coroa da maternidade, num lar singelo e pobre, mas suficiente para caber a felicidade de dois corações! para sempre unidos diante de Deus. Todavia, Gustavo o rapaz que se valeu de sua amorosa colaboração durante sete anos consecutivos após a jornada universitária sentiu-se demasiado importante para ligar sei destino ao da modesta moça. Independente e titulado,; agora, passou a notar que Antonina não era, fisicamente, a companheira que seus propósitos reclamavam.**

**Exibindo um diploma de médico e sentindo urgente necessidade de constituir um lar, com grandioso programa na vida social, desposou jovem possuidora de vultosa fortuna, menosprezando o coração leal que o ajudara nos instantes incertos. Fundamente humilhada, nossa desditosa irmã procurou-o, mas foi recebida com escarnecedora frieza. Gustavo, com presunção repulsiva, transmitiu-lhe a novidade, asperamente: Necessitava pôr em ordem os negócios materiais que lhe diziam respeito, e, por isto, escolhera melhor partido. Além disso, declarou, sua posição requeria uma esposa que não procedesse de um meio de atividades humilhantes; pretendia alguém que não fosse operária de laboratório, que não tivesse mãos calejadas, nem fios prateados na cabeça. A moça tudo ouviu debulhada em lágrimas, sem reação, e tornou à residência, ontem, minada pelo anseio de morrer, fosse como fosse.**

**Sente que as esperanças se lhe esvaneceram, esfaceladas pelo golpe inopinado, que a existência se reduz em cinza e poeira, que a renúncia abre as portas da ruína e da morte. Conseguiu certa dose de substância mortífera, que pretende ingerir ainda hoje. Dando pequeno intervalo às elucidações, recomendou-me:- Examina-a, enquanto administro os socorros iniciais. Detive-me em perquirição minuciosa, por longos minutos.  
  
Dos olhos de Antonina caíam pesadas lágrimas; no entanto, da câmara cerebral partiam raios purpúreos, que invadiam o tórax e envolviam particularmente o coração. Torturantes pensamentos baralhavam-lhe a mente. Registrando-lhe os secretos apelos, compungia ouvir-he os gritos de desespero e as súplicas ardentes. Seria crime - pensava - amar alguém com tal excesso de ternura? onde jazia a Justiça do Céu, que lhe não premiava os sacrifícios de mulher dedicada à paz doméstica? aspirava a ser alegre e feliz, como as venturosas companheiras de sua meninice; anelava a tranquilidade do matrimônio digno, com a expectativa de receber alguns filhinhos, concedidos pela Bondade Infinita de Deus! (...)**

|  |
| --- |
| **PERTURBAÇÃO ESPÍRITA** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - A GÊNESE - cap. XI, ítem 19 a 21, pág. 187** | **02 - EDUCAÇÃO MEDIÚNICA - pág. 27** |
| **03- LAMPADÁRIO ESPÍRITA - pág. 53** | **04 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - pág. 111** |
| **05 - Temas da vida e da morte - pág. 93** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA

**PERTURBAÇÃO ESPÍRITA - COMPILAÇÃO**

**01 - A GÊNESE - ALLAN KARDEC - Cap. XI, ítem 19 a 21, pág. 187**

**19. O Espiritismo nos ensina, pelos fatos que nos faculta observar, os fenômenos que acompanham essa separação; algumas vezes, ela é rápida, fácil, doce e insensível; de outras vezes, é lenta, laboriosa, horrivelmente penosa, segundo o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.**

**20. Um fenômeno particular, igualmente assinalado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Desde que este é preso pelo laço fluídico que o liga ao germe, a PERTURBAÇÃO se apodera dele; essa perturbação cresce à medida que o laço se aperta, e, nos últimos momentos, o Espírito perde toda a consciência de seu nascimento. No momento em que a criança respira, o Espírito começa a recobrar as suas faculdades, que se desenvolvem à medida que se formam e se consolidam os órgãos que devem servir para a sua manifestação.**

**21. Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, ele perde a lembrança de seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que estavam, momentaneamente, estacionadas em seu estado latente e que, em retomando a sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que o fazia precedentemente; ele renasce o que se fez pelo seu trabalho anterior, é, por isso, um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Aqui se manifesta a bondade do Criador, porque a lembrança de um passado, frequentemente penoso ou humilhante, juntando-se às amarguras de sua nova existência, poderia perturbá-lo ou entravá-lo; ele não se lembra senão daquilo que aprendeu, porque isso lhe é útil..**

**02 - EDUCAÇÃO MEDIÚNICA - PERTURBAÇÃO ESPÍRITA - pág. 27, ítem C**

**Quando se desliga do corpo, a alma passa algum tempo em estado de PERTURBAÇÃO, a qual varia de acordo com o grau de elevação moral do desencarnante. O conhecimento da Doutrina Espírita exerce grande e benéfica influência no sentido da recuperação do equilíbrio psíquico após a desencarnação, porém a prática do bem e uma consciência pura são os fatores mais decisivos para a obtenção de um despertar pacífico e sereno na pátria espiritual.**

**Em regra, a alma necessita sempre de algum tempo para readquirir o conhecimento de si mesma, voltando-lhe gradativamente a lucidez das idéias e a memória do passado, à proporção que se desvanece a influência da matéria que abandonou; a natureza da perturbação e o seu tempo de duração variam com o gênero de morte e com os caracteres dos indivíduos, podendo durar desde algumas horas até a muitos anos.**

**A maior surpresa para o Espírito que se reconhece após a desencarnação é verificar que a VIDA CONTINUA.**

**03- LAMPADÁRIO ESPÍRITA - ÍTEM 11 - TURBAÇÃO ESPIRITUAL - pág. 53.**

**O problema é de iluminação interior. Estrada ao abandono - acidente á vista. Jardim em desprezo - vitória do escalracho. Enguiço na máquina - desarranjo na tarefa. Precipitação no exame - conclusão errada na observação.**

**A questão da perturbação espiritual decorre do comportamento que se mantém durante a vilegiatura carnal. A morte, em razão disso, resulta na vida a que o homem se impõe. Turbados, há muitos, durante a vida física, limitados que se encontram por impositivos da reencarnação. Herdeiro de si mesmo, o espírito faz o legado das conquistas e prejuízos de uma existência para outra, eliminando ou adicionando forças que decorrem das ações executadas.**

**Turbados, também, há os que, vinculados ao erro e à irresponsabilidade, despertam além da morte surpreendidos pela vida. Todos, porém, em perturbação de longo curso. Da mesma forma que variam as conquistas no plano da inteligência e que cada personalidade se apresenta revestida da gama dos fatores que a produziram, a desencarnação propicia a cada espírito a paisagem que vitalizou pelo pensamento, palavras e atos que precederam ao fenômeno da morte.**

**Os condionamentos físicos e psicológicos do dia-a-dia, incorporados ao painel mental de cada criatura, prosseguem inalterados, mesmo quando se rompem os liames da matéria através da desencarnação. Pacientes em tratamento cirúrgico sempre despertam assinalados pelas impressões mentais que lhes produziram os mais fortes impactos na personalidade, mesmo quando inconscientemente.**

**No mesmo plano de raciocínio, idiossincrasias, fobias, paixões, anelos, apegos e fixações desbordam, após a morte, nas telas do perispírito, produzindo alucinações, engodos e equívocos naqueles que os cultivaram. A morte se traduz como uma mudança VIBRATÓRIA que ocorre entre dois estados da vida: físico e fluídico. Através dela se prossegue como se é. Nem deslumbramento cerúleo nem estarrecimento infernal de surpresa.**

**Os fantasmas ameaçadores da paz e os anjos propiciatórios da felicidade jazem latentes em cada transeunte que vence a barreira seletiva da desencarnação. Quem dispõe de uma lâmpada acesa para a noite consegue jornadear com segurança em relação ao caminho. Os que acendem no imo a claridade do amor pelo bem que fazem e se libertam das escamas grosseiras das viciações, libram acima e além dos acicates alucinantes da turbação espiritual.**

**Aqueles que, todavia, se fixaram nas baixas sensações e se deixaram imanar às construções celulares do organismo somático padecem, compreensivelmente, em perturbação, enquanto durem as próprias ideoplastias que alimentaram anos-a-fio. Oscila, portanto, o tempo de perturbação "post-mortem" na razão direta do refazimento e da lucidez dos sofredores desencarnados. Quando essa lucidez não ocorre e o processo de perturbação prossegue, a divina sabedoria, utilizando-se do abençoado pórtico da reencarnação, conduz de volta à Terra o espírito desajustado, sem que este o perceba, para que no aconchego de nova experiência física recomece a aprendizagem, esqueça a aflição e avance na direção do futuro.**

**Fixemos, desse modo, na mente, as imperiosas diretrizes da vida espiritual, cogitando sobre as nossas responsabilidades de homens inteligentes em trânsito pelo corpo físico, estabelecendo base de ação edificante para que a desencarnação não nos surpreenda na condição de imprevidentes ou parvos, iludidos ou perturbados.**

**04 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - III - PERTURBAÇÃO ESPÍRITA, pág. 111, perguntas 163 a 165 e 339**

**Perg. 163. Deixando o corpo, a alma tem imediata consciência de si mesma? - Consciência imediata não é o termo: ela fica PERTURBADA por algum tempo.**

**Perg. 164. Todos os Espíritos experimentam, no mesmo grau e pelo mesmo tempo, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo? - Não, pois isso depende da sua elevação. Aquele que já está depurado se reconhece quase imediatamente, porque se desprendeu da matéria durante a vida corpórea, enquanto o homem carnal, cuja consciência não é pura, conserva por muito tempo a impressão da matéria.**

**Perg. 165. O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração maior ou menor da perturbação? - Uma grande influência, pois o Espírito compreende antecipadamente a sua situação. Mas a prática do bem e a pureza de consciência são o que exerce maior influência.**

**No momento da morte, tudo, a princípio, é confuso; a alma necessita de algum tempo para se reconhecer; sente-se como ATORDOADA, no mesmo estado de um homem que saísse de um sono profundo e procurasse compreender a situação. A lucidez das idéias e a memória do passado voltam, á medida que se extingue a influência da matéria e se dissipa essa espécie de nevoeiro que lhe turva os pensamentos.**

**A duração da PERTURBAÇÃO DE APÓS MORTE é muito variável: pode ser de algumas horas, como de muitos meses e mesmo de muitos anos. Aqueles em que é menos longa são os que se identificaram durante a vida com o seu estado futuro, porque então compreendem imediatamente a sua posição. Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares, segundo o caráter dos indivíduos e sobretudo de acordo com o gênero de morte.**

**Nas mortes violentas, por suicídio, acidente, apoplexia, ferimentos etc.., o Espírito é surpreendido, espanta-se, não acredita que esteja morto e sustenta teimosamente que não morreu. Não obstante, vê o seu corpo, sabe que é dele, mas não compreende que esteja separado. Procura as pessoas de sua afeição, dirige-se a elas e não entende por que não o ouvem. Esta ilusão se mantém até o completo desprendimento do Espírito, e somente então ele reconhece o seu estado e compreende que não faz mais parte do mundo dos vivos.**

**Esse fenômeno é facilmente explicável. Surpreendido pela morte imprevista, o Espírito fica aturdido com a brusca mudança que nele se opera. Para ele, a morte é ainda sinônimo de destruição, de aniquilamento; ora, como continua a pensar, como ainda vê e escuta, não se considera morto. E o que aumenta a sua ilusão é o fato de ser ver num corpo semelhante ao que deixou na Terra, cuja natureza etérea ainda não teve tempo de verificar.**

**Ele o julga sólido e compacto como o primeiro, e quando se chama a sua atenção para esse ponto, admira-se de não poder apalpá-lo. Assemelha-se este fenômeno ao dos sonâmbulos inexperientes, que não crêem estar dormindo. Para eles, o sono é sinônimo de suspensão das faculdades; ora, como pensam livremente e podem ver, não acham que estejam dormindo. Alguns Espíritos apresentam esta particularidade, embora a morte não os tenha colhido inopinadamente; mas ela é sempre mais generalizada entre os que, apesar de doentes, não pensavam em morrer.**

**Vê-se então o espetáculo singular de um Espírito que assiste aos próprios funerais como os de um estranho, deles falando como de uma coisa que não lhe dissesse respeito, até o momento de compreender a verdade. A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem: é calma e em tudo semelhante à que acompanha um despertar tranquilo.**

**Para aquele cuja consciência não está pura é cheia de ansiedade e angústias. Nos casos de morte coletiva, observou-se que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre se revêem imediatamente. Na perturbação que se segue à morte, cada um vai para o seu lado ou somente se preocupa com aqueles que lhe interessam.**

**Perg. 339. O momento da encarnação é seguido de perturbação semelhante ao que se verifica na desencarnação? - MUITO MAIOR, E SOBRETUDO MAIS LONGA. Na morte, o Espírito sai da escravidão; no nascimento, entra nela.**

**05 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. DE MIRANDA - PÁG. 93**

**PERTURBAÇÃO NO ALÉM-TÚMULO  
Como efeito da conduta moral e das aspirações a que se vincula o Espírito, o seu estado de perturbação após a morte do corpo perdura por breve ou largo tempo, fenômeno natural quanto lógico. Quase todos os desencarnados experimentam a turbação que sucede ao desprendimento da matéria. A intensidade e o prazo variam conforme as condições de cada um.**

**As pessoas que viveram para o prazer, usufruindo sensações e gozos desenfreados, recusam-se a compreender a ocorrência liberadora, já que prosseguem fixados aos sentidos e apetites a que se vincularam, sofrendo inenarráveis angústias por não serem atendidos nos hábitos antigos, mesmo que se esforcem até quase à exaustão. Outros indivíduos, que eliminaram da mente qualquer possibilidade de sobrevivência ao cadáver, hibernam-se, experimentando inconcebíveis pesadelos que decorrem dos fenômenos biológicos em contínua transformação e que neles se impõem por tempo indeterminado.**

**Os onzenários e egoístas, os delinquentes de qualquer tipo, vêem a tragédia do mau uso que os seus herdeiros ora fazem dos bens avaramente acumulados, assim como as consciências criminosas enfrentam suas vítimas, algumas das quais as perdoam, tornando-se insuportável a presença delas. Pior ainda é-lhes a sujeição que passam a sentir sob aqueloutras que os descobriram e, também inferiores, buscam desforçar-se com agressividade, não lhes dando tempo a que recuperem, sequer, a lucidez a respeito da própria situação.  
  
Os que foram arrebatados por morte violenta, por imprevidência, precipitação ou desleixo, em atos suicidas, continuam imantados aos despojos putrescíveis por muito tempo. São os suicidas aqueles que mais penosa perturbação experimentam, como consequência da rebeldia que os alucinou, alongando-se-lhes o drama do momento final, quase que infinitamente, pela impossibilidade mental e emocional de dimensionarem o tempo. O que esperavam encerrar num gesto brusco ou mediante um programa bem elaborado, se lhes amplia insuportavelmente.  
  
A tranquilidade espiritual na ultratumba deve ser trabalhada adredemente, qual ocorre em qualquer realização, cujo clímax é o resultado de uma programação cuidadosa. Encerrando a vida biológica apenas, a morte, na condição de hábil cirurgiã, interrompe somente os laços que prendem o Espírito ao corpo físico, dependendo daquele a liberação emocional deste último. Quem jamais se preocupou com essa lei da fatalidade orgânica, sofre, com a surpresa que o assalta, as consequências do medo, das imagens fantasistas a que se acomodou e da realidade pujante da qual não se pode furtar.  
  
O inverso igualmente se dá, facultando ao homem justo e diligente, honesto e caridoso, um suave e rápido despertar, recepcionado pelos amores que o anteciparam e o aguardam felizes... De alguns minutos apenas ou de poucas horas é-lhe a duração do estado aflitivo, perturbador, ou passado em sono agradável, do qual desperta em festa de alegria pelos reencontros formosos.  
  
As enfermidades de curso longo, os sofrimentos e provações bem suportados propiciam ao Espírito o lento desprender-se dos condicionamentos mundanos, favorecendo o pensamento com projeções da vida triunfante, que constata com facilidade e rapidez. Todo e qualquer hábito longamente cultivado impregna o indivíduo, que se lhe submete, mesmo quando dele deseja libertar-se.  
  
Desse modo, determinadas viciações, longamente mantidas, exigem tempo idêntico ao da fixação para que, além do corpo, se desimpregnem do Espírito. Não há porque estranhar o fato, recordando-se que, na área da reeducação, diante de hábitos extravagantes e perniciosos, o processo é o mesmo, sempre penoso quão demorado. No que tange ao ser eterno, este fica tão condicionado e intoxicado que o processo de liberação impõe-se lento, forma, aliás, salutar de se evitarem danos mais graves.  
  
Muitos religiosos, informados equivocadamente sobre a vida espiritual, experimentam, após a morte, grande choque, por não encontrarem comitê de recepção constituído pela Divindade e por anjos, tombando, quando presunçosos, em terrível mágoa, decepção ou revolta que os transtorna por longo período, deixando-os em lamentável perturbação.  
  
Aqueles, no entanto, que tomaram conhecimento do que sucede após a matéria e não viveram em conformidade com essa crença, caem em depressão prolongada, assim que constatam a sobrevivência espiritual. Para ninguém ocorre exceção, em qualquer lugar onde se encontre. Cada Espírito, seguindo o heliotropismo divino apressa, estaciona ou retarda a marcha, não se retém indefinidamente, pois que o Amor é o mesmo e invariável para todos no processo evolutivo.  
  
Em consequência, em toda e qualquer conjuntura a misericórdia de Deus através da presença de Nobres Mentores e afeiçoados pessoais, que cooperam com o recém-desencarnado, não interferindo, porém, pela violência, na colheita que a cada qual diz respeito, em face da sua sementeira terrena. O conhecimento da vida espiritual e as ações edificantes, trabalhando o metal do caráter humano, são o passaporte e a passagem que facultam a viagem feliz, com uma chegada ditosa, sem embaraço ou impedimento travessia da aduana da morte.  
  
O homem deve sempre reservar alguns momentos diários para meditar a respeito da viagem de volta e, conscientemente, reunir a valiosa bagagem que irá conduzir, única de que se poderá utilizar ao transpor a fronteira do mundo físico. A perturbação espiritual após a morte é, porta o resultado do comportamento de cada criatura enquanto se encontra sob as imposições orgânicas.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PINEAL (GLÂNDULA)** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Forças sexuais da alma - pág. 14, 89** | **02 - Gestação sublime intercâmbio - pág. 81** |
| **03 - Lastro espiritual nos fatos cient. - pág. 32** | **04 - Mediunidade - pág. 61** |
| **05 - Mediunidade & medicina - pág. 51** | **06 - Os chacras - pág. 41** |
| **07 - Palingênese, a grande lei - pág. 63, 83, 105** | **08 - Saúde e Espiritismo - pág. 93** |
| **09 - Técnica da mediunidade - pág. 36, 92** | **10 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PINEAL (GLÂNDULA) – COMPILAÇÃO**

**01- Forças sexuais da alma - Jorge Andréa - pág. 14, 89**

**INTRODUÇÃO  
Nos dias de hoje, as explicações mais acessíveis sobre o destino humano recaem no espiritualismo, pela incapacidade que o setor materialista apresenta de uma resposta lógica ou, pelo menos, algo que satisfaça o pensamento inquieto do mundo moderno.O destino humano fica, assim, atado ao problema sobrevivência, onde a energética espiritual imortal, de período em período, variável com a evolução de cada ser, retorna ao mundo corpóreo, arcabouço ideal à evolução da individualidade.  
  
Sem esse pensamento ficamos em campo reduzidíssimo e sem explicações para os problemas que estão reclamando uma resposta. A individualidade açambarcaria uma totalidade, seria o ser integral construído através de imensas vivências nos campos físicos (personalidades) que ocupa. A energética espiritual, individualidade ou espírito, pelo mecanismo palingenético, será responsável pela formação de todo o arcabouço corpóreo que lhe atenderá um respectivo período. O que vale dizer, ser o espírito o Élan Vital que se responsabiliza pela onda morfogenética da espécie a que pertence.**

**Entendemos como espírito, ou zona inconsciente, a conjuntura energética que comandaria a arquitetura física através das telas sensíveis dos núcleos célulares. O espírito representaria o campo organizador biológico, encontrando nas estruturas da glândula pineal os seus pontos mais eficientes de manifestações. A glândula pineal seria realmente o casulo das energias do inconsciente, a sede do espírito, pela possibilidade de ser a zona medianeira de transição entre o energético e o físico. Descartes, em sua época, já afirmava, em concordância com os filósofos de Alexandria, que a alma era o hóspede misterioso da glândula pineal.**

**Além do mais, a biologia nos informa sobre as correlações do sexo e glândula pineal, onde alguns psicologistas perceberam os seus desvios; porém, as análises e estudos realizados ficaram na superfície do psiquismo (zona consciente), sem a devida penetração nas telas do espírito. Os grandes vórtices energéticos do inconsciente estariam nos vórtices de caráter sexual, da mais alta importância na construção evolutiva do espírito, quando devidamente conduzidos. Haverá sempre possibilidade de alcançarmos as dimensões superiores, em busca do que é mais divino e puro através da segura construção dessas ilhas dinâmicas do inconsciente, quando o setor sexual se expande harmoniosamente na esfera física.**

**Estando na profundidade do espírito os vórtices dinâmicos do sexo, é claro que a definição sexual de uma determinada personalidade (corpo físico) será consequência das necessidades que a individualidade (espírito ou zona inconsciente) reclama para se construir. É de tal ordem o comando energético dos vórtices que podemos denominar de sexuais, que Freud criou a sua psicologia, unicamente com eles, e Jung fez um interessante estudo de análise psicológica limitando-os a determinados setores e catalogando os responsáveis arquétipos (anima-feminino, para a personalidade masculina e animus-masculino, para a personalidade feminina), em suas naturais oposições, próprias da psicologia junguista.  
  
Entendemos que os vórtices das energias sexuais do inconsciente vêm de núcleos em potênciação (focos energéticos do inconsciente e responsáveis pela orientação da zona consciencial) como que aderidos energeticamente às emanações de uma força criativa (zona central do inconsciente ou espírito); por isso, bastante potentes, apresentando caráter construtivo, por excelência. São vórtices que se responsabilizam pelo amor em todos os graus e variedades que cada ser possa apresentar. É nessa região do inconsciente, pela sutileza das energias aí contidas, como, também, pelas máximas expressões do psiquismo humano, que se alojaria a essência da vida, o EU, o centro da Individualidade.  
  
O despertar das "razões internas", refletidas no denominado "encontro consigo mesmo", poderá dar-se através do desenvolvimento harmônico e equilibrado do sexo. Assim, as expressões sexuais serão as mais significativas da esfera vital do ser quando ligadas, pela nobreza e qualificativos, à esfera das emoções mais puras. O sexo em seus diversos graus e matizes está ligado aos sentimentos nobres da alma, embora em suas realizações, no terreno físico, à zona consciente. A glândula pineal seria o campo medianeiro de todo esse mecanismo. O vórtice espiritual das energias sexuais em suas manifestações no corpo físico, nos animais superiores até o homem, necessitariam da glândula pineal como uma zona adaptatória ou de filtragem.  
  
A glândula pineal deve ser considerada a glândula da vida psíquica; a glândula que ilumina toda a cadeia orgânica, orientando as glândulas de secreção interna através das estruturas da hipófise. Freud, no estudo da patologia psíquica, percebeu os desvios das energias do inconsciente que se dariam pelas telas da glândula pineal, porém homologou as suas pesquisas exclusivamente como resultantes das estruturas físicas cerebrais; não mergulhando na essência espiritual, os seus pensamentos limitaram-se aos símbolos e efeitos de superfície. Jung foi um pouco mais longe quando percebeu o majestoso oceano das energias do inconsciente.  
  
Seria por intermédio dessa glândula que os fa-tores propulsores da evolução espiritual (renúncia, uso equilibrado do sexo, tolerância, bondade, abnegação e disciplina emotiva por excelência) alcançariam índices bastante apreciáveis. A glândula pineal seria a tela medianeira onde o espírito encontraria os meios de aquisição dos seus íntimos valores, por um lado, e, pelo outro, forneceria as condições para o crescimento mental do homem, num verdadeiro ciclo aberto, inesgotável de possibilidades e potencialidades.  
  
O sexo estaria ligado as mais nobres funções de sentimentalidade, havendo verdadeira entrosagem em todos os planos da vida, onde o próprio prazer do ato sexual deve representar, quando bem dirigido, poderosa construção para o EU, tanto maior quanto mais visado for o ato procriativo. Não se pode deixar de afirmar, com razão, que a evolução espiritual estará também ligada à utilização equilibrada do sexo. Quando o prazer se rebaixa e é desarmonicamente dirigido, o sexo regride, desenvolve-se naquilo que é exclusivamente animalidade e degrada-se. Daí, a necessidade de educação e conduta bem orientada para não haver confusões (tão comuns pelas nossas heranças religiosas) e para não considerarmos imoral tudo o que diz respeito ao sexo.**

**Atentemos, também, que o sexo ainda não é moral devido a nossa evolução. Devemos aprender a andar corretamente em seguras direções. Ninguém nasce de espírito evoluído caminhando, sem tropeços, na estrada estreita e correta da evolução. Os erros são muitas vezes necessários, porém que sejam corrigidos imediatamente. Até a queda, que vai além do erro, é admissível quando se cai "para frente" e se deseja levantar ganhando sempre algum terreno e o aprendizado da lição.  
  
Não estamos defendendo erros e consequências das baixezas instintivas, mas, sim, admitindo experiências no setor humano. O sexo bem dirigido (tendência à monogamia ou castidade construtiva) é sinônimo de ascensão, de conquista evolutiva. O sexo mal dirigido (tendência à poligamia ou renúncia sem sentido, sem aplicação das energias acumuladas nos setores de construtivas atividades) é desarmonia e motivo de queda. Não é a renúncia e ausência de sexo físico que eleva. O sexo deve ser observado e equilibradamente utilizado nas fases da vida: mocidade, maturação e velhice.**

**Mesmo quando não há mais necessidade do contacto sexual (da complementação física), o sexo continua presente, desenvolvendo funções mais altas e com maior significado — a fase física foi suplantada. A castidade quando alcançada deverá ser sempre observada sem tormentos, em qualquer fase da vida. Quando na organização física suplantamos todas as fases do sexo, em suas harmoniosas vivências, atingiremos, na posição espiritual, degraus mais significativos, para nós desconhecidos, de uma fase supersexual.  
  
Nessa fase superior de emoções mais nobres, caracterizando uma supersexualidade, as correntes energéticas ligadas aos ajustados implementos sentimentais do espírito expandiriam-se em paroxismos desconhecidos aos sentidos animais ainda rudes; e o ser, mais bem fixado, compreenderá que na fase animal não podemos nem devemos correr o risco de impor uma "castidade sem sentido", onde os tormentos da mente estarão sempre presentes. Castidade nem sempre é ausência; castidade é ordem, é harmonia mental, é função sexual equilibrante com mente sadia e troca de vitalidade entre dois seres que se amam, com ajuda dos órgãos sexuais ou sem eles; neste último caso, utilizando as "mensagens do espírito" na ajuda real ao próximo e no dever cumprido de integral realização.  
  
Na espécie humana, quando a conjuntura sexual se desenvolve normalmente através dos órgãos sexuais, o departamento cerebral é o comandante imediato e a glândula pineal será o órgão, por excelência, de controle e direção. Desse modo, a zona consciente será o local das correspondências sexuais e, como tal, a zona dos tormentos e ansiedades quando nos encontramos em veredas incertas e desarmonizadas; portanto, não há tormentos dos órgãos sexuais e sim mentes atormentadas pelo descontrole vibratório do sexo mal dirigido.**

**No trabalho mental bem conduzido, ocupação inteligente pelas tarefas positivas que neutralizam os momentos vibratórios negativos, está o corretivo para o espírito necessitado. O espírito encarnado encontraria no corpo físico, pelo esquecimento das vidas pregressas, a possibilidade de formação de novas tendências, verdadeiros reflexos condicionados que, em se transformando em reflexos incondicionados ou do espírito, neutralizarão e apagarão os erros que, quando persistentes, constituirão fatores de retardo evolutivo.  
Sexo é vida, é evolução, quando as emoções pulsam nas asas do bem comum.**

**Sexo é luta, tormento, desequilíbrio, atraso evolutivo, quando abastardamos os sentimentos na satisfação sexual temporária animal, que não acompanha o sentido maior da vida, onde estão sempre presentes os implementos da sinceridade e trocas de afetividades.  
Pela morte do corpo, carrega o espírito, no seu estofo, toda a desarmonia que provocou e, em nova reencamação, levará na mente atribulada as tendências desequilibrantes, que somente o esforço, disciplina e bom senso podem encarregar-se do equilíbrio reconstrutivo.  
  
Daí a necessidade de impor-se, nas mentes em desalinho de ordem sexual, a disciplina corretiva para que as células sexuais, células de maior teor de vitalidade do organismo, não sejam utilizadas indevidamente (contactos sexuais sem justas razões afetivas ou renúncia sexual sem as necessárias condições); isto é, para que não haja dispersão da "seiva energética". Esta, em sendo absorvida, criaria, pela potencialidade vibratória, noutros setores, principalmente da área mental no ponto referente à abertura das janelas da inspiração, as percepções maiores dos campos do psiquismo, onde se projetam as vivências maiores da superconsciência. Isso porque, no contacto sexual, existe uma fabulosa troca de energias entre os dois elementos participantes, as quais, espalhadas por todo o corpo físico, serão aos poucos absorvidas pelo psicossoma (capa envoltora do espírito), nutrindo, dessa forma, os vórtices profundos do inconsciente; conseqüentemente, tal fato deve ser considerado um dos baluartes evolutivos do ser.  
  
Na castidade construtiva o ser haure condições e forças que logicamente reduzem as etapas reencarnatórias, pelo afastamento imediato dos compromissos ligados ao outro ser, nas imensas e quase sempre necessárias trocas de energia. Porém, nem todos se encontram em condições de efetuar a expressiva função magnética, à custa das energias vibracionais das emoções (sede da vida), realizando a felicidade tão-somente na permuta dos abraços, beijos e contactos leves de corpos, nos cumprimentos efusivos e nas criações inspirativas de toda natureza. Somente um pequeno número de indivíduos estará capacitado a realizações desse jaez, pois a maioria tem que responder pelo grau evolutivo da terra, onde a procriação só se dará através da união dos corpos físicos.  
  
Conseqüentemente, o sexo, a função sexual, no estágio em que se expresse, é sempre construtiva quando em equilibrado uso. O abuso afrouxa os centros de força do psicossoma (chacras) pelos desajustes energéticos, deixando uma verdadeira opacidade na vontade e outros setores emocionais, revelados pelos distúrbios do sistema nervoso neuro-vegetativo, não permitindo aquela claridade e harmonia, sempre presentes num espírito lúcido que avança no caminho positivo da evolução.  
  
O ser que tenta extirpar a sua energia sexual de periferia, sem tê-la vivido e suplantado devidamente, criará graves erros com profundas raízes destoantes, porquanto se está antepondo à sua própria potência de derivação. As forças sexuais representam componentes do próprio impulso criativo; se lhe fazemos cortes e desvios indevidos criaremos mecanismos outros que, por sua vez, exigirão correções. Tentar silenciar essas forças é tentar destruir o próprio indivíduo. Devemos, sim, aperfeiçoar, cada vez mais, os canais de manifestação dessas forças que, além de se encontrarem nos órgãos sexuais da zona física, também estão presentes nos campos psicológicos criativos do psiquismo de profundidade.  
  
É claro que o deságüe da energética espiritual é variável em graus e tonalidades. Enquanto uns estão nas exclusivas derivações do sexo físico, com atendimento dos sentidos e sob impacto da mente consciente, outros encontram-se nos sublimes vôos das energias criativas da alma. Enquanto uns estão frenando o sexo no corpo físico como coisa degradante, outros estão criando e bendizendo nas harmônicas forças criativas. Os primeiros estão recalcando forças que um dia explodirão com todo o cortejo patológico da sintomatologia psíquica; os segundos encontraram o caminho pelo ajustamento, naturalidade e equilíbrio de conduta.**

**Viver em harmonia a fase em que nos encontramos é como que ser aceito pela própria evolução. A atitude sadia diante da vida sexual, seja qual for a fase do ser, será sempre beleza sem degradação. A sexualidade, em si, nunca se corrompe; as atitudes humanas, com seus instintos deformados e ampliados pelo mal, são uma fonte constante de respostas negativas. O homem, quanto menos evoluído, mais o seu impulso sexual é instintivo sem o cortejo de emoções apuradas, qual acontece nos mais evoluídos. No início da evolução o homem é puro instinto, é a força abrasadora que busca escoamento.**

**Posteriormente, as vestiduras das emoções vão como que intelectualizando o instinto primitivo, dando-lhe outras conotações, fomecendo-lhe outras possibilidades. Quanto mais em baixo, mais estará guindado aos impulsos determinísticos do instinto animal. Quanto mais para cima, mais ampliação das forças sexuais em inúmeras atividades; é como se houvesse uma difusão do amor, onde os gestos nobres e a fraternidade desfraldassem a sua bandeira. Podemos dizer, também, que os jovens, mesmo os mais evoluídos dentro do panorama reencarnatório, ainda possuem os ímpetos da jovialidade de reduzidos controles em face das forças sexuais; à medida que alcançam determinada idade, onde as solicitações sexuais do corpo físico encontram-se diminuídas, possibilitam aberturas nos campos de atividades das forças sexuais de profundidade.**

**A velhice do corpo físico não significa apagamento da força sexual. Aquele que dignificou seus campos sexuais, quando na organização física, estará sempre apto para a vivência nas posições supersexuais, isto é, os campos que transcendem o sexo da zona física, onde nunca existirão perdas de energias, mas suplantação e ganho de novas potencialidades. E, assim, vai o ser vivenciando novos campos sexuais, de modo cada vez mais penetrante, mais autêntico e verdadeiro, em busca da própria alma. À medida que nos afastamos do sexo de superfície (zona física), nos integraremos no sexo de profundidade (zona espiritual). Para isso, entretanto, haverá necessidade de experienciarmos todas as fases, vivenciar todos os degraus, enfim, termos de caminhar harmonicamente, descobrindo e percebendo, no dia-a-dia, as auroras que se sucedem às madrugadas bem vividas. Desse modo, o ser mergulhará, sempre, para dentro de si mesmo e descortinará o "Cristo Cósmico" que o anima e impulsiona.  
  
Â energia sexual, em todas as suas posições de desenvolvimento, quer seja desencadeada pelo contacto sexual no corpo físico e deslocada para as construções da vida emocional, quer seja derivada para as construções artísticas por excelência, representaria sempre um combustível fabuloso que o homem poderá utilizar no caminho para Deus. A queima indevida desse combustível, em quaisquer de suas faixas, seria o desvio do caminho e perda de possibilidades aquisitivas que toda essa energética específica pode propiciar.  
  
GLÂNDULAS E HORMÔNIOS SEXUAIS  
As glândulas de secreção interna, conforme conceituação de Claude Bernard, produzem substâncias apropriadas, os hormônios, com respectivo lançamento na corrente sanguínea, a fim de exercerem influências específicas na organização física.Os mecanismos das glândulas de secreção interna estão às expensas, principalmente, da glândula hipofisária, cujos princípios influenciam nas dosagens a serem aproveitadas pelo organismo.  
  
Os hormônios são fabricados pelas glândulas em quantidades mínimas, porém com efeitos surpreendentes. Por isso é que o trabalho de uma determinada glândula endócrina sofre ativações e regulações das demais e de modo específico pelos princípios hipofisários.  
A glândula pineal, situada na zona medianeira dos órgãos encefálicos, por intermédio de seus princípios, principalmente a melantonina de constante ritmo secretório, teria uma grande influência em toda a cadeia glandular.**

**Escrevemos alhures "Com os gritos da puberdade, aos 14 anos em média, a pineal, chefiando a cadeia glandular e mais condicionada pelo desenvolvimento físico do indivíduo, seria campo de distribuição de energias vindas dos vórtices da zona espiritual. Destarte, responderia pelos mais altos fenômenos da vida — "glândula da vida espiritual" — e podendo ser elemento básico e controlador das razões afetivas, e o sexo em suas múltiplas manifestações dependeria integralmente de sua interferência.**

**"Estudos mais recentes indicam que a glândula pineal é um "relógio biológico" complicado e sensível que regula a atividade das gônadas. Os Drs. Richard J. Wurtman, de Massachusetts, e Julius Axelrod, do Instituto de Saúde Mental dos Estados Unidos, esclarecem que a pineal converte a atividade nervosa cíclica, gerada por mudanças de luz no meio ambiente, em informação endócrina."  
  
"Pelos estudos acima enumerados, percebemos a influência diretora da glândula pineal sobre a cadeia glandular do organismo. A ligação que mantém com o hipotálamo e outras zonas nobres do sistema nervoso central é evidente, como também, a influência que exerce no sistema nervoso neuro-vegetativo. Desse modo, jamais poderemos afastar a glândula pineal da participação de inúmeras funções orgânicas, direta ou indiretamente, assim como da acentuada correlação no setor psíquico.  
  
"Haveria por parte da glândula pineal, um elemento energético especializado que, por vias apropriadas, pudesse anunciar a sua presença de comando nos diversos setores orgânicos? A hipótese de uma energia atuante, dominando os departamentos anatômicos, não deve constituir absurdo; não podemos negar a existência de uma energética psíquica, dentro e fora do organismo, emitindo vibrações (psicótons). Existiria na glândula pineal um campo energético, dimensionalmente mais avançado, utilizando seus controles glandulares? As manifestações da Energética Espiritual poderiam manipular essa credenciada usina orgânica?**

**Seria a glândula pineal o ponto de maior expressão da organização física e, como tal, um abrigo para a Energética Espiritual? Haveria nessa região glandular um feliz acasalamento entre espírito e matéria? "Por que não admitir a pineal — devido à sua situação absolutamente central em relação aos órgãos nervosos, das unidades glandulares que dirige, dos elementos somáticos que influenciam, do sistema neurovegetativo que atua e controla — como sendo o Centro Psíquico, o Centro Energético, o Centro Vital, que se responsabilizaria pela ativação e controle de todos os atos orgânicos, desde os mais simples até os fenômenos mais altos da vida?   
  
"Podemos considerar a pineal como sendo a glândula da vida psíquica, a glândula que resplandece o organismo, acorda a puberdade e abre suas usinas energéticas para que o psiquismo humano, em seus intrincados problemas psicológicos, se expresse em vôos imensuráveis." Ainda não se conhece com detalhes o modo de atuação dos hormônios, embora já se saiba que eles se ligam aos chamados receptores hormonais (certas proteínas) e, para desencadearem quimicamente as suas ações, excitam determinadas zonas nobres do núcleo celular ao nível do ADN (ácido desoxirribo-nucleico) cromossômico.**

**É bem possível que os hormônios, pela sua estrutura bionergética, tenham ações específicas nos genes dos cromossomos; isto é, as substâncias dessa categoria, pela sua própria emissão vibratória, seriam absorvidas pelas camadas energéticas da organização animal, os chamados campos organizadores ou psicossoma, pelas telas dos genes cromossomiais, de modo a manter um campo mais expressivo de inter-relações. (...)**

**07 - Palingênese, a grande lei - Jorge Andréa - pág. 63, 83, 105**

**Glândula Pineal ou Epífise Aspecto Histofisiológico  
A glândula pineal ou epífise foi bastante conhecida dos antigos, fato observado através das descrições existentes. A Escola de Alexandria participou ativamente nos estudos pineais que se achavam ligados às questões de ordem religiosa. Os gregos conheciam-na por conárium e os latinos por glândula pinealis. Estes povos, em suas dissertações, localizavam na glândula pineal o centro da vida.  
  
Muito mais tarde, os trabalhos sobre a glândula se enriquece com Ambroise Pare, Vesale e tantos outros, que admitiam tratar-se ora de um gânglio linfático, ora duma verdadeira glândula com funções específicas. Maiores detalhes foram observados com os trabalhos de De Graaf, Stenon e Descartes. Este último fez interessantes e detalhada descrição, atribuindo à pineal papel relevante que se tornou conhecido até os nossos dias; para ele, a alma era o hóspede misterioso da glândula pineal.  
  
Com as pesquisas embriológicas, de anatomia comparada e posteriormente os estudos histológicos, abrem-se novas luzes, onde Faivre assinala a presença de elementos nervosos e concreções. Remak e Weigert descrevem a histogênese. Apesar do aparecimento de novos campos de trabalho, os pesquisadores deram interpretações variadas que não diferem em muitos pontos das descrições clássicas. O estudioso e competente Leydig admitia ser a glândula pineal o órgão responsável pelo "sexto sentido". No começo deste século, os estudos tomam maior incremento com observações mais aprimoradas. Em nossos dias, apesar de experimentações mais meticulosas, ainda não temos definitiva interpretação sobre sua real função; daí as divergências nas hipóteses apresentadas.  
  
As pesquisas embriológicas, em certos animais vertebrados (lacertídeos), notificaram a presença de um elemento, que denominaram olho pineal, considerado por muitos como um órgão sensorial destinado à visão de certos animais fósseis. Seria um órgão vestigiário, um órgão em regressão, cuja presença nos animais mais avançados na escala zoológica representa o resquício do olho ímpar de certos invertebrados? Inúmeras experiências foram feitas nas diversas espécies animais a respeito do olho pineal, e as conclusões são contraditórias e pouco razoáveis. Nos sáurios, apresenta-se bastante desenvolvido — o polo distai possui células altas que se expressam com biconvexidade, semelhante ao cristalino. A cavidade é comparável ao corpo vítreo; existe uma retina simplificada resultante de pigmentações: no hemisfério proximal evidencia-se um rudimento de coróide.  
  
Poderíamos pensar que o olho pineal, em vez de ser um elemento regressivo, com tendência ao desaparecimento, fosse, ao contrário, um elemento em desenvolvimento. Do olho externo e ímpar de certos animais haveria, aos poucos, nos lentos e meticulosos processos de mutações e transformações evolutivas que desconhecem o tempo, uma inflexão para o interior da caixa craniana, tomando características histológicas especiais sem perderem aquelas de sua origem. Atenderia esta formação ao controle de funções de alta relevância para o animal, tais sejam os diversos mecanismos dos instintos, com tonalidades próprias, conforme o desenvolvimento da espécie. Com o aprimoramento progressivo em relação à escala zoológica, portanto evolutivo, iria aparecendo ao lado do olho pineal o divertículo epifisário, até que no homem alcançaria, em conjunto com as parafises (formações embriológicas mais ou menos constantes) , o estado mais completo do desenvolvimento pineal.  
  
Desse modo, o olho pineal poderá ser visto como o ponto em que se iniciam os verdadeiros alicerces da glândula pineal e, como tal, o início da Individualidade Espiritual — as expressões de um EU em formação —, não existente nos invertebrados, cuja zona espiritual deve fazer parte de um conjunto próprio da espécie, sem as nuanças que caracterizam o indivíduo, o EU. (\*). Lógico seria admitir que, à medida que a escala zoológica avança, os instintos se desenvolvem atingindo os seus mais altos graus, sendo que, na espécie humana, a glândula pineal responderia pelos mecanismos da meditação e do discernimento, da reflexão e do pensamento e pela direção e orientação dos fenômenos psíquicos mais variados.  
  
(\*) — Nota: A pineal seria o órgão por onde o psiquismo profundo (espírito) se expressaria no soma. Devido a essa condição, a partir dos répteis, lacertídeos mais precisamente, podemos considerar como o início da individualização da energia espiritual; isto é, nesse momento a energia espiritual dos seres vives, que deverá ser representada por um "sincicio energético" (alma grupo das espécies), começa a ter individualidade — EU. Os deslocamentos dessa energia psíquica ou espiritual que adquiriu individualidade, quando na matéria (animais a partir dos lacertídeos) ou na dimensão que lhe é própria (desencarnação), passaria, doravante, a não mais pertencer ao patrimônio energético da espécie (sincicio energético ou alma grupo). Teria os seus limites próprios e seria um EU ou Individualidade, impulsionando na matéria a espécie e forma que lhe é afim, promovendo, desfarte, a evolução. Assim, os seres vivos, quer vegetais ou animais até determinados anfíbios, as suas respectivas essências psíquicas ou energias espirituais pertenceriam ao grupo (alma grupo), a espécie de que fazem parte. A partir dos lacertídeos, entretanto, haveria como que um desligamento no "sincicio energético", de uma série de vórtices, pontos centrais e vitais das respectivas Individualidades que se emanciparam energeticamente de suas próprias fronteiras. O EU indestrutível se afirmou, desligando-se dum determinismo compulsório para a conquista de mais um degrau evolutivo, embora ainda determinismo, bases do futuro livre arbítrio da espécie humana. Nos lacertídeos, as amiudadas reencarnações de suas energias espirituais em maturação, determinariam na massa cerebral marcos tão violentos que a estrutura química começaria a sofrer modificações no sentido do aparecimento do olho pineal, zona que evolve para a futura glândula pineal, local e sede onde mais bem se projetaria a quase totalidade dessa potente energética.  
  
A glândula pineal ou epífise, na espécie humana, ocupa uma posição central em relação aos órgãos nervosos. Está situada numa verdadeira goteira que é o leito pineal, para diante do cerebelo, acima dos tubérculos quadrigêmeos e por baixo do corpo caloso. Mede 6 a 8 mm de comprimento por 4 a 5 mm de largura e 2 a 5 mm de espessura, sendo o peso médio de 0,16 gr. Sua configuração é semelhante a uma pinha (na criança), donde o nome, tornando-se achatada no adulto, podendo ter forma triangular ou ovalar. De cor rósea. Está revestida por uma cápsula conjuntiva que, além de proteger o órgão, lhe serve de sustentação em determinados pontos, onde adere as formações vizinhas, principalmente pelo pedículo.  
  
Da periferia para o centro divisamos um tecido conjuntivo composto de fibras colágenas e elásticas, formando verdadeiras traves até o centro do órgão no seio das quais lançam-se vasos em abundância, penetrados através da cápsula por pequenos orifícios, que alcançam as partes mais nobres do órgão. Os linfáticos, igualmente, distribuem-se por toda área glandular. Esta abundante vascularização da pineal representou, para Roux e sua escola, a significação de um verdadeiro órgão glandular.  
Nas zonas de tecido conjuntivo evidenciaram-se formações celulares da micróglia, células basófilas tipo mastzellen, células arredondadas de núcleos bastante coráveis e células acidófilas paravasculares.  
  
As células pineais ainda não estão perfeitamente definidas e por isso confundem-se com as células neuróglicas. Alguns autores, entre eles Orlandi e Guardini, acham que as células pineais, não são mais do que elementos de origem nervosa. Apresentam-se com morfologia variável, arredondadas, poliédricas ou cônicas. As células neuróglicas caracterizam-se pelo aspecto lobado do núcleo, bastante grosso e rico em cromatina. O citoplasma contém ribonucleoproteína, uma fosfatase alcalina e pequena quantidade de glicógeno.  
  
As células neuróglicas parecem ser responsáveis, na sua fase protoplasmática, pelo complexo endócrino neuro-glandular; demonstram particularidades próprias, bem evidenciadas pela histoquímica que conseguiu diferençá-las de outros elementos neuróglicos semelhantes, principalmente aqueles da hipófise que até bem pouco tempo eram descritos como idênticos. Daí a importância que devemos dispensar a estas unidades de trabalho.  
  
As células ependimárias são encontradas facilmente na parte superior da glândula e com maior dificuldade no parênquima. Apresentam prolongamentos que têm origem num citoplasma bastante grande em relação ao das células pineais. No homem assinalou-se a presença de células mióides e gigantes. Verificou-se em algumas células da glândula pineal mitocôndrias. As mitocôndrias, principalmente, foram observadas em volta do centríolo, como que fornecendo energia para o trabalho ativo do centro-celular.  
  
Pigmentos melânicos, férreos e lipocromos foram distinguidos (Orlandi e Gaurdini), variando de intensidade conforme a fase de trabalho do órgão. As experiências dirigidas no sentido de determinar a função pineal se revestem da maior dificuldade, porquanto a intervenção no órgão, além de difícil, geralmente compromete zonas nervosas vizinhas. Acresça-se que é um órgão bastante vascularizado, de localização profunda, e mantendo estreitas relações com os seios venosos. Quando se consegue uma perfeita ablação da glândula pineal, às vezes subsiste uma pineal accessória e não prevista. Ao lado disso, os fatores individuais, climáticos, regímem alimentar, etc, contribuem para um resultado que deixa sempre alguma dúvida, onde a argúcia interpretativa é sempre reclamada. No homem, a observação é feita através das doenças do órgão, mais precisamente dos tumores pineais, com posteriores comprovações pela histopatologia.  
  
Daremos em síntese os resultados da pinealectomia obtidos por Thieblot e Bars como os mais credenciados. Dos efeitos da pinealectomia, em animais jovens, no ponto concernente ao desenvolvimento somático, ainda nada podemos concluir de definitivo, porquanto os resultados experimentais são absolutamente contraditórios. Sobre o desenvolvimento genital foram observadas modificações acentuadas nos animais machos e fêmeas. Nos animais machos: aumento dos testículos, com desenvolvimento da massa intersticial e das vesículas seminais, denotando franca hipertrofia com hiperatividade testicular. Nos animais fêmeas: hipertrofia ovariana, aceleração na formação do canal vaginal, engrossamento das trompas e aumento do útero. Desse modo, tanto no macho quanto na fêmea, há desenvolvimento precoce dos caracteres sexuais secundários com ativação do instinto sexual. Logo, é evidente o aparecimento da puberdade precoce.  
  
Os efeitos da pinealectomia se corrigem, em quase sua totalidade, com implantações pineais. Vimos que a pinealectomia provoca marcada hipertrofia dos órgãos genitais. Os transplantes pineais, nos animais pinealectomizados, corrigem imediatamente a hipertrofia genital devido à presença de um princípio frenador; este princípio revelou-se, com precisão, nas ratas, quando o ciclo estral se detinha com a implantação da glândula. Existe, também, um princípio estimulante que se manifesta em condições especiais, quais sejam os casos de atrofia genital, onde o princípio frenador não tem mais ação; nessa situação o princípio estimulante exerce, a miude, grandes efeitos.  
  
Inspirados nos trabalhos de Trautmenn, Goddard e Berkeley, verificou-se que, na aplicação do extrato pineal, há sempre uma acentuada resposta no jogo endócrino sexual, cujas reações deixam transparecer a existência de dois princípios: um frenador e outro estimulante. O fator estimulante responderia pela precocidade sexual que sempre aparece em primeiro lugar. Os efeitos do extrato pineal sobre a soma são, discutidos e, em parte, discrepantes. Pode-se afirmar que o extrato pineal determina uma aceleração no crescimento somático e, mais ainda, segundo Mc Cord haveria, em muitos animais, além dessa aceleração de crescimento, ligeira precocidade mental. Sobre a pele observa-se visível descoloração temporária, verdadeira contração dos melanóforos profundos, parecendo tratar-se de um fenômeno tipicamente simpático.  
  
Sobre o metabolismo o extrato pineal assinalou modificações dignas de referência. O aumento do metabolismo basal é pronunciado. Os lipídios que se desenvolvem bastante, chegando mesmo a ativar a obesidade nos animais pinealectomizados, podem ser reduzidos e controlados com o uso do extrato pineal. Buttaro e Rottini observaram, com o extrato pineal, modificações no metabolismo glucídio, determinando hiperglicemia. Para o lado dos proteicos há aumento da eliminação azotada. Quanto aos sais minerais assinalou-se de importância, o aumento da taxa de cálcio sanguíneo.  
  
As reações da glândula pineal com a cadeia glandular parece revestir-se do mais alto significado. A correlação gênito-pineal é de tal ordem, que um desequilíbrio, mesmo em uma de suas partes funcionais, reflete imediatamente na outra. Observou-se na castração, tanto testicular quanto ovariana, acentuada modificação na glândula pineal, determinando em alguns casos hiperatividade, em outros, atrofia. Diante deste aspecto oposto pode pensar-se que a correlação gênito-pineal obedece a uma íntima e desconhecida ligação. Tanto isto é verdade que as modificações fisiológicas da gravidez refletem no âmago da glândula pineal, determinando aumento dos lipídios vacoulares e das concresções calcáreas e lassidez das fibras neurológicas; tudo isso dá impressão ora de um aspecto involutivo, ora de atividade funcional marcada. Também as injeções de hormônios genitais (testosterona e foliculina) determinam modificações acentuadas no aspecto do órgão, variando de intensidade conforme as doses empregadas.  
  
Foi admitido e observado por vários autores (Izawa, Calvet e outros), a existência de um antagonismo pineal-hipofisário anterior, com marcada ação inibidora no setor hipofisário. A pinealectomia determina hipertrofia do lobo anterior da hipófise, a ponto de triplicar o seu volume total. A influência pineal vai mais além no comando das funções hipofisárias, quando modifica as características funcionais dos hormônios gonadotrópicos, influenciando profundamente o setor genésico do organismo masculino e feminino. Os estudos sobre a correlação pineal-neürohipófise são raros, de penumbrosa interpretação, o que aliás é compreensível. A glândula pineal mantém outras relações endócrinas, apresentando ligações com a tireóide, suprarrenal, pâncreas e tímus. Com todas essas glândulas deixa transparecer sua influência em maior ou menor grau.  
  
Os trabalhos de Popescu — Inotesti concluíram pela ação frenadora que a glândula pineal exerce no mecanismo insulínico. Quanto ao tímus, observa-se no homem, que os tumores da pineal impedem a regressão normal da glândula na idade oportuna. Lindenberg observou, em alguns animais, que a timectomia determinava rápida atrofia pineal. As relações entre a pineal e a tireóide são evidentes. A retirada cirúrgica de uma dessas glândulas reflete, imediatamente na outra; instala-se um violento processo, embora mais acentuado para o lado da tireóide.  
  
Nas glândulas suprarrenais, a ablação pineal ocasiona modificações no índice do colesterol e ácido ascórbico. Foi observado nos tumores pineais a presença de evidente hiperplasia córtico-suprarrenal. Pelo que acabamos de expor, a glândula pineal está interligada com todo o setor glandular do organismo. Ainda é difícil estabelecer as relações exatas entre a pineal e as demais glândulas, embora possamos asseverar, pelos trabalhos e observações conjuntas, que a pineal seria realmente a orientadora da cadeia glandular, comunicando-se com as demais glândulas direta ou indiretamente, tendo na hipófise o grande campo de suas expansões com o organismo inteiro. Não seria a neuro-hipófise mais precisamente, a zona por intermédio da qual a pineal orientaria todo seu trabalho no equilíbrio endrócrino?  
  
Há pouco tempo, semelhantemente à hipófise, foi constatado a existência de um complexo epitálamo-pineal. O hipotálamo contém determinados centros éxcito-secretores da glândula pineal e esta teria ação neuro-crínica no hipotálamo. Isto foi perfeitamente verificado às custas dos melancitos pineais (células especializadas carregadas de pigmentos melânicos), que se distribuem em grande numero ao redor dos vasos e entram em contacto direto com as fibras nervosas perivasculares. Lembre-se, no momento, a importância dos pigmentos das células nervosas nos mecanismos do psiquismo.  
  
Atualmente está demonstrada a participação do epitálamo, naturalmente com sua coligação pineal, na regulação da temperatura; no metabolismo basal; no metabolismo da água, minerais, hidratos de carbono e gorduras; em todas as funções endócrinas pela associação pineal-hipofisária; nos mecanismos do sono e da vigília; nas expressões das emoções e no equilíbrio e regulação neuro-vegetativa de todos os sistemas e aparelhos. Por intermédio da pineal, como uma verdadeira estação coordenadora, haveria o contacto entre o neuro-vegetativo e a vida de relação.  
  
Pelo exposto, podemos avaliar o valor que já se está atribuindo à glândula pineal. A complexidade do feixe epitálamo-pineal, embora ainda não completamente definido em suas relações mais íntimas, já nos deixa extrasiados diante de sua caprichosa disposição. A existência de numerosos centros ligados à função pineal dá-nos a impressão de não se tratar tão-somente de estações de comando, e sim de elementos com funções variadas ora como excitantes funcionais, ora como reguladores e mesmo como desligadores de circuitos.  
  
A neuro-regulação pineal está simultaneamente ligada às excitações neuro-vegetativas (ventriculares e coroidianas) e neuro-somáticas (olfativas, ópticas, acústicas e sensitivas gerais). As correlações epitálamo-pineal e epitálamo-hipofisária, pelas tendências atuais da ciência, permitem-nos tirar conclusões de que a pineal exerce uma ação de controle maior sobre a hipófise e, através desta, sobre todas as glândulas do organismo. É lógico que existem variabilidades de excitações na ativação de determinados setores, de acordo com as necessidades orgânicas da fórmula hormônica individual. (...)  
  
  
08 - Saúde e Espiritismo - A.M.E. Brasil - pág. 93**

**Cristais da Glândula Pineal: Semicondutores Cerebrais?  
Sérgio Felipe de Oliveira (Médico formado pela Faculdade de Medicina da USP - Pesquisador do Instituto de Ciências Biomédícas da USP (Departamento de Anatomia), diretor do Departamento de Saúde Mental da AME-SP Diretor clínico do Pineal-Mind Instituto de Saúde de São Paulo). Neste texto, abordamos alguns tópicos do que atualmente a Ciência pesquisa sobre glândula pineal em importantes universidades no mundo, procurando correlacionar com os mitos erguidos pelo pensamento místico em torno do assunto.  
  
Devemos lembrar que a pineal é uma glândula endócrina, e como toda glândula endócrina, a comunicação com o organismo é feita pelo sistema circulatório, através dos hormônios. Também os estudos imagiológicos mais modernos que fazem mapeamento cerebral e correlações de anatomia e função, como a ressonância magnética de supercondutividade quântica ou demais métodos que se utilizam de injeção de contraste na circulação no estudo das funções cerebrais, esses avanços tornam obrigatório o conhecimento da anatomia da circulação sanguínea local.  
  
É sabido que no cérebro as áreas mais irrigadas, vascularizadas, estão ligadas as áreas de maior funcionamento neuronal. Ao observarmos a riquíssima rede circulatória da glândula pineal humana podemos inferir alto grau de função. Dentre outros motivos, esse fato nos faz pensar que a glândula pineal em humanos não é meramente um órgão vestigial, mas importante estrutura da anatomia e fisiologia do cérebro. Tal observação é reforçada por importantes descobertas da cronobiologia, ou seja, o núcleo supraquiasmático e a glândula pineal respondem pela função de "relógio biológico do corpo humano". Essa descoberta da fisiologia humana moderna nos fez pensar que a pineal esteja envolvida diretamente com o processo do desenvolvimento das fases da vida humana, daí em nosso projeto estarmos estudando desde o embrião até a pessoa idosa.  
  
O nosso interesse sobre o assunto chega até o consultório psiquiátrico, pois a neurofïsiologia faz hoje importantes correlações experimentais entre a cronobiologia e as moléstias depressivas e esquizofreniformes. Por exemplo, a depressão se correlaciona com um avanço de fase do sono REM associado ao despertar precoce, relacionando o "relógio biológico"- núcleo supraquiasmático -, a glândula pineal com a fisiologia psíquica. Nos casos esquizofreniforme são conhecidos os ciclos sazonais em que ocorre a reincidência do surto psicótico. Temos assim plenamente justificada a importância do estudo desta glândula. Ainda, abordamos os seguintes tópicos referentes ao assunto.  
  
INCURSÕES NO REINO ANIMAL  
A filogênese da glândula pineal tem um interessante trajeto dos peixes, até os mamíferos e os seres humanos. Inicialmente nos peixes a pineal funciona como um fato receptor. A cabeça do peixe é translúcida e a pineal é facilmente exposta à luz. Histologicamente vamos encontrar células retinianas caracterizando a função fotorreceptora. Na evolução a anfíbios e répteis, a pineal passa a somar à função fotorreceptora as possibilidades de trandução neuroendócrina.   
  
Já nos mamíferos, o papel da fotorrecepção é deixado exclusivamente aos olhos, que faz a sua ligação com a pineal na comunicação da mensagem luminosa através de vias neuronais adrenérgicas. No homem julgamos que, além da função neuroendrócrina, a pineal esteja relacionada aos mecanismos de percepção extra-sensorial estando ligada a desconhecidos processos da Neurofisiologia da Mediunidade.  
  
ANATOMOFISIOLOGIA  
A pineal vai se relacionar com as estruturas encefálias através de vias neuronais adrenérgicas, assim como através de sua função endrócrina - a produção do hormônio Melatonina. Sua função cronobiológica a liga, via núcleo supraquiasmático, aos sistemas reticulares ativadores ou inibidores das funções corticoscerebrais. Também, por ser uma estrutura epitalâmica - é chamada pelo sinônimo epífise - está ligada aos tálamos, estrutura pela qual passam as vias neuronais sensoriais, exceto o olfato. Em seu papel endócrino vai ter ligação com o eixo hipotálamo hipofisário, no comando de todas as funções glandulares do corpo.  
  
São conhecidos experimentos que correlacionam a pineal com as funções da fisiologia sexual, com a função pancreática e com o sistema imunológico. A ligação funcional entre a pineal e glândulas sexuais é também importante campo para a neuropsicologia e a psiquiatria, pois inumeráveis patologias psíquicas se ligam a transtornos que envolvem a sexualidade, liste componente da sexualidade nos faz inferir uma atividade funcional da pineal com o sistema límbico.  
  
HISTOFISIOLOGIA  
A pineal possui células especializadas na produção hormonal, que são os pinealócitos. Também vamos encontrar neurônios, células da glia e o endotélio. As funções metabólicas dessas células estão ligadas à produção de microesferas de fosfato e carbonato de cálcio (entre outros elementos em menor concentração). Essas esferas são constituídas por camadas concêntricas (como uma cebola), e haverá tantas camadas quanto mais idade tiver a pessoa.**

**A produção desses cristais não prejudica a função da pineal, mas é a representação de sua intensa atividade. Julgamos que esses cristais estão ligados a funções desconhecidas da estrutura biomagnética cerebral. Atualmente estamos investigando mais aprofundadamente esse assunto, através de estudos tomográficos e de microcospia eletrônica.  
  
MELATONINA  
A melatonina, hormônio produzido pelos pinealócitos, é altamente lopossolúvel. Com isso, consegue penetrar em todos os tecidos do corpo, já que a membrana plasmática de todas as nossas células é fosfolipídica. Essa alta penetrabilidade da melatonina lhe confere poderes de ação em múltiplas e inumeráveis funções de nossa fisiologia. Mas, cuidado, a propaganda e o comércio desse hormônio tem feito com que as pessoas se iludam com efeitos de cura não comprovados, podendo causar doenças como a conhecida atrofia dos testículos.  
  
A melatonina é produzida a partir da serotonina, que é um neurotransmissor envolvido com infinitas funções neuropsicofisiológicas. À luz do dia temos um acúmulo de serotonina, e à noite vamos ter sua conversão em melatonina.  
Assim, esse hormônio está em maior quantidade à noite ou a baixas incidências de luz ambiental. Será que há alguma correlação disso com as atividades mediúnicas que preferencialmente se realizam na penumbra?  
  
RITMOS BIOLÓGICOS  
Existe uma regência temporal de todas as funções do corpo humano. Sem essa coordenação no tempo não existe nem forma nem função. Dentro desse sistema temporal vamos ter diversos ritmos nos sistemas biológicos, quais sejam:  
  
• ritmos circadianos - por exemplo, ciclo da vigília e sono, são os ciclos de um dia e estão relacionados à incidência luminosa dada pelo sol;  
  
• ritmos ultradianos e infradianos - respectivamente ritmos de mais que um dia e menos que um dia, é o caso da produção de hormônios corticosteróides, hormônio de crescimento e muitos outros;  
  
• ritmos mensais - obedecem ao mês lunar - por exemplo, o ciclo mentrual da mulher, também o desenvolvimento de anexos epidérmicos como cabelos e pêlos;  
  
• ritmos anuais - seguem o ano lunar - a gravidez humana é exemplo clássico.  
  
Assim temos, também, outros padrões rítmicos aqui não relatados. O comando dos ritmos biológicos do ser humano pode vir de fontes externas - chamados Zeitbergers exógenos, por exemplo o sol, a lua, o pólo magnético da Terra, a alimentação, as influências ambientais. Existem, também, comandos internos - Zeitbergers endógenos, por exemplo, estruturas genéticas. Ainda endogenamente, a mente humana pode alterar os ritmos biológicos. Assim, uma pessoa emocionalmente abalada por preocupações do trabalho ou desajustes familiares, pode alterar o ciclo de vigília e sono, não conseguindo dormir à noite, pode alterar seus ritmos hormonais promovendo um atraso menstrual e assim por diante.  
  
Em nossa hipótese espiritista, consideramos que o espírito é Zeitberger endógeno predominante, tendo no sistema genético corporal elementos de predisposição biológica que responde às suas necessidades espirituais. Vale ressaltar que o complexo pineal numa visão descartiana representa o ponto de união do espírito ao corpo. Sendo o complexo pineal elemento anatômico que responde pela função tempo e sendo o tempo uma região dimensional no espaço - quarta dimensão - há que se pensar na hipótese de que a ligação do espírito ao corpo em se dando através da quarta dimensão - dimensão espaço-tempo - tenha seu foco de ligação no "relógio biológico", o complexo pineal.  
  
A LUZ  
A partir do momento que, na evolução filogenética, a pineal perde a sua capacidade fotorreceptora transformando-se num órgão neuroendócrino, os olhos passam a responder pela função fotorreceptora. Vale dizer que a visão não vai somente estar ligada à percepção e cognição mas também se liga a funções neuroendócrinas cujo órgão efetor é a glândula pineal. A luz atinge a retina dos olhos havendo estimulação de vias nervosas que seguem o seguinte trajeto: núcleo supraquiasmático -área tuberal ventral hipotalâmica - área hipotalâmica lateral -asta intermédio lateral - gânglio simpático cervical superior -glândula pineal.  
Esta é uma via adrenérgica, isso significa que a estimulação indireta da Pineal pela luz se dá através das vias citadas, pela adrenalina.  
  
Maior incidência de luz - menor funcionamento da Pineal. Menor incidência de luz - maior funcionamento da Pineal.  
Se a Pineal é órgão da mediunidade, em hipótese, responda você: a manifestação mediúnica ocorre com mais facilidade de dia ou de noite? No claro ou no escuro? E a inspiração dos poetas, dos músicos, dos escritores, dos cientistas, ocorre com mais facilidade à luz do dia ou da noite? E as manifestações sensuais do namoro e do amor?  
  
Julgamos que essas manifestações ocorrem com mais facilidade à noite porque a Pineal está funcionando mais. À noite há, portanto, uma tendência das pessoas meditarem, refletirem. Ao refletir numa vida atribulada de angústias, culpas, orgulho, egoísmo, o que seria um momento de reflexão acaba se configurando nos estados de depressão. Essa depressão pode se expressar em estados comportamentais ou manifestar-se subclinicamente como alterações cardiocirculatórias que levam ao infarto do miocárdio, às crises hipertensivas, aos acidentes vasculares cerebrais, que conhecidamente ocorrem na madrugada após uma noite de intensa agitação emocional manifesta nos órgãos.  
  
A influência de padrões diversos de frequências luminosas - as cores - merece ser estudada observando-se os seguintes  
critérios:  
  
1) A luz é uma entidade física que impressiona a neurofisiologia cerebral - tema tratado no texto acima.  
  
2) Uma vez sendo percebida, a frequência luminosa passa a ser interpretada pela mente em um fenômeno que não é mais físico, mas sim psicológico, mental, simbólico. O simbolismo das cores promove também alterações psíquicas, emocionais, promove indução da memória, associação de fatos, os quais podem ser traduzidos em alterações psicossomáticas retornando à esfera física.  
  
3) A não incidência de luz física mas o imaginar luz e cores como em inúmeros tratamentos alternativos cromoterápicos não pode ser confundido com os mecanismos neurofisiológicos acima colocados. É um outro campo de estudos que deve ser realizado com metodologia apropriada.  
  
O MAGNETISMO  
O cérebro é uma circuitaria elétrica complexa, passível de mensuração em milivoltagem. Também expressa intenso magnetismo, já que perpendicularmente ao afluxo elétrico temos o fluxo magnético. São conhecidos os aparelhos de imageologia médica, como a ressonância nuclear magnética, ou mesmo a tomografia, que captam os campos magnéticos do cérebro, reproduzindo a imagem. Mais particularmente iremos aqui tratar dos campos magnéticos que atingem o cérebro vindo do meio externo. Vale ressaltar que o magnetismo é uma força física como imã. O que os espiritualistas e psiquistas chamam de magnetismo não é o mesmo ao qual estamos nos referindo.  
  
O cérebro recebe influências dos campos magnéticos da Terra, do Sol, da Lua e dos diversos astros do universo que alcançam a superfície da Terra. Esses campos magnéticos têm ação norteadora da migração dos animais, mas no homem essa função está latente. A influência do magnetismo em nossa fisiologia é algo que merece estudos da ciência contemporânea. O cérebro capta o magnetismo externo conhecidamente através da glândula pineal. O mecanismo celular desse processo ainda é desconhecido.  
  
O magnetismo mesmeriano corresponde às forças psíquicas e espirituais como nos passes espíritas, a água fluidificada, a água benta das igrejas, o processo de indução hipnótica, o mediunismo, enfim, envolve toda uma gama de energias não mensuráveis (ao menos no momento). Julgamos que essas energias não mensuráveis façam parte de um extremo desconhecido do espectro eletromagnético e que possivelmente tenha mecanismos de captação cerebrais ainda desconhecidos.**

**Julgamos que a pineal seja o órgão captador dessas energias sutis, pois além de trabalhar com captação de campos magnéticos, se liga à função tempo dentro de seus mecanismos cronobiológicos. Esses elementos já são bastante sutis, e a seguir na mesma linha é possível que consiga captar também o magnetismo mesmeriano.  
  
PSICOPATOLOGIA E GLÂNDULA PINEAL  
Trabalharemos este tema segundo uma ótica kardeciana sem perder a lógica científica. A memória é um conjunto de informações que são estocadas no cérebro espacial e temporalmente. Assim, algumas regiões corticais e hipocampais estocam memória, mas a temporalidade da memória, se é passado, presente ou futuro, estaria no relógio biológico representado pelo complexo pineal. Aí o complexo pineal funcionaria como um túnel do tempo, fazendo com que os fatos presentes e passados tenham uma coerência com a vida biológica da atual encarnação da pessoa.  
  
Elementos de memória de outras existências são bloqueados pelo túnel do complexo pineal. A menos que haja um processo patológico em que revivecências anímicas de outras existências consigam transpassar o túnel temporal do complexo pineal, perfazendo muitas vezes as manifestações psicóticas em complexos casos psiquiátricos. Também através de hipnose ou algumas técnicas de regressão de memória poderíamos alargar o túnel temporal do complexo pineal permitindo a anuência de memórias de vidas passadas.  
Também as possibilidades de captação de energias sutis pela glândula pineal permitiriam que as energias envolvidas no processo mediúnico de boas ou más influências espirituais atinjam a estrutura cerebral da pessoa transduzindo essas energias em patologias cerebrais orgânicas. A pineal serviu aí como um transdutor neuroendócrino e psico-espiritual.  
  
GLÂNDULA PINEAL E O DUALISMO ESPÍRITO-MATÉRIA  
O fato de a pineal funcionar como um transdutor psiconeuroendócrino, a faz uma glândula muito especial. Assim como os olhos detêm a capacidade de captar imagem, os ouvidos, o som, o tato, a geometria dos objetos, a pineal é um sensor capaz de "ver" o mundo espiritual e de coligá-lo com a estrutura biológica. É uma glândula portanto que "vive" o dualismo espírito-matéria.  
  
O eminente cientista Renée Descartes, como na introdução deste texto foi mencionado, foi o primeiro pensador a associar a glândula pineal com a visão dualista. O estudo dos mecanismos físicos envolvidos no funcionamento dessa glândula são excelentes modelos experimentais para o estudo da relação do mundo espiritual com o mundo material. Sem no entanto abordar essa questão glandular, o físico e professor da Universidade de Oxford, Roger Penrose publicou uma tese em que se utiliza do teorema de Godel para representar o ser humano como sendo uma tríade biológica, psicológica e espiritual. Vale dizer que esse eminente cientista é a representação de toda uma geração que tem feito renascer uma nova e criteriosa ciência, a ciência do espírito. Há mais de um século, Allan Kardec deu o start para esse fenômeno social e científico, retrato deste terceiro milênio. (..)**

|  |  |
| --- | --- |
| **PLANO ESPIRITUAL** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Cidade no além - toda a obra** | **02 - Como vivem os espíritos - toda a obra** |
| **03 - Gestação sublime intercâmbio - pág.31** | **04 - Manual e Dic. Bas. do Espiritismo - pág. 87** |
| **05 - Metapsíquica humana - pág. 158** | **06 - No invisível - pág. 1** |
| **07 - Pérolas do além - pág. 192** | **08 - Revista Espírita 1867 - pág. 133,160** |
| **09 - Técnica da mediunidade - pág. 149, 203** | **10 - Vozes do grande além - pág. 163, 171** |
| **11 - No mundo maior - pág. 7** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PLANO ESPIRITUAL – COMPILAÇÃO**

**01- Cidade no além - André Luiz e Lucius- toda a obra**

**ANOTAÇÕES EM TORNO DE "NOSSO LAR"**

**1 - O irmão Lucius fez quanto pôde, a fim de trazer, aos amigos domiciliados no Plano Físico, alguns aspectos de Nosso Lar, a colônia de trabalho e reeducação a que nos vinculamos na Espiritualidade, especialmente o plano piloto que lhe diz respeito. Para isto, encontrou a dedicação da médium Heigorina Cunha, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, no Brasil.  
  
2 - Terá conseguido transmitir, minuciosamente, toda a imagem do vasto contexto residencial a que nos referimos? Decerto que não, mas estamos à frente de uma realização válida pelas formas e idéias básicas que o mencionado amigo alinhou, cuidadosamente, através do intercâmbio espiritual.  
  
3 - Justo lembrar aqui os mapas que Cristóvão Colombo desenhou, por influência de Mentores e Amigos Espirituais, antes de desvelar a figura da América. Semelhantes esboços não continham a realidade total, no entanto, demonstram, até hoje, que o valoroso navegador apresentava a configuração do Novo Continente, em linhas essenciais.  
  
4 - Convém esclarecer que Nosso Lar é uma colônia-cidade, habitada por homens e mulheres, jovens e adultos, que já se desvencilharam do corpo físico. Outras colônias-cidades espirituais, porém, existem, às centenas, em torno da Terra, obedecendo às leis que lhe regem os movimentos de rotação e translação.  
  
5 - Em toda parte, depois do berço, o homem, no centro da Natureza, é defrontado pelos princípios de sequência. Depois da morte também.  
  
6 - Atendendo aos ditames da reencarnação e da desencarnação, nascem na experiência física e liberam-se dela milhares de criaturas humanas, no estado mental em que se comprazem.  
  
7 - Quantos abordam o mundo material, através do renascimento, evidenciam-se na condição em que se achavam, no Plano Espiritual, e, conseqüentemente, quantos regressam ao Plano Espiritual, procedentes do mundo, lá se revelam tal qual se encontram, seja em matéria de evolução ou seja ante a contabilidade da lei de causa e efeito.  
  
8 - Ninguém é constrangido a pensar dessa ou daquela forma, por força dos princípios universais que nos governam. Cada consciência, encarnada ou desencarnada, é livre, em pensamento, para escolher o caminho que lhe aprouver, ainda que esteja, transitoriamente, nos resultados infelizes de opções que haja feito, no passado, resultados nos quais a criatura pode amenizar ou agravar a própria situação, na pauta da conduta que adote.  
  
11 - No berço terrestre, a pessoa se reassume na família ou no grupo social em que deva reaprender lições e conclusões do pretérito, com o resgate de débitos que haja contraído, ou em que possa prosseguir nas tarefas de amor e cooperação às quais livremente se empenha.  
  
9 - Compreensível que os seres humanos transfiram para a Vida Espiritual, quando lhes ocorra a desencarnação, os ideais nobilitantes e as paixões deprimentes, os desgostos e as alegrias, a convicção e a descrença, os valores do entendimento e os desmandos da inteligência, o conhecimento deficitário e a ânsia de elevação de que se vejam possuídos.  
  
10 - Renascendo na Terra, a personalidade espiritual permanece internada no veículo físico, cercada de testes que lhe aferem o valor alcançado, com alicerces na assimilação do que já tenha realizado de melhor, em si mesma; e, desencarnando, essa mesma personalidade patenteia, claramente, o que é, como está e em que degrau evolutivo se acomoda, irradiando de si própria o clima espiritual em que se lhe apraz viver e conviver.**

**11 - No berço terrestre, a pessoa se reassume na família ou no grupo social em que deva reaprender lições e conclusões do pretérito, com o resgate de débitos que haja contraído, ou em que possa prosseguir nas tarefas de amor e cooperação às quais livremente se empenha.  
  
12 - Na desencarnação, essa mesma pessoa retoma a companhia do grupo espiritual com que se afina, de modo a continuar mentalmente estanque, como deseja, ou de maneira a colher os resultados felizes no esforço de auto-sublimação que haja desenvolvido no Plano Físico, seja pelo aperfeiçoamento realizado em si mesma ou seja pelas tarefas enobrecedoras que tenha iniciado, entre os homens, entrando naturalmente no grupo de elevação a que se promoveu.  
  
13 - Todo espírito é livre, no pensamento, para melhorar-se, melhorando o campo de vivência em que esteja, ou para complicar-se, complicando o campo de experiências a que se vincule.  
  
14 - Nas colônias cidades ou colônias-parques que gravitam em torno do Plano Físico, para domicílio transitório das inteligências desencarnadas, é natural que a luta do bem para extinguir o mal ou o desequilíbrio da mente, continue com as características que lhe conhecemos na Crosta da Terra.  
  
15 - A morte não opera milagres. O ser humano, além dela, prossegue no trabalho do auto-burilamento ou estacionário, enquanto não aceite a obrigação de renovar-se e evoluir.  
  
16 - As religiões, a filosofia e a ciência continuam, por necessidade das criaturas desencarnadas, crendo, estudando e experimentando na sustentação do progresso e do aprimoramento humano, oferecendo vastos domínios de serviço nobilitando aos seus intérpretes, cultivadores e expoentes.  
  
17 - Considerando a densidade das multidões de espíritos desencarnados, desvalidos de orientações, vítimas de paixões acalentadas por eles próprios, analfabetos da aima, desvairados pelos sentimentos possessivos, portadores de enfermidades e conflitos que eles mesmos atraem e alimentam, espíritos imaturos e desinformados, de todas as procedências, é necessário que o lar de afinidades, o templo da fé, a escola e a predicação, a prece e o reconforto, o diálogo e a instrução, o hospital e a assistência, o socorro e os tratamentos de segregação, funcionem, nas comunidades do Mais Além, com extremada compreensão de quantos lhes esposam as tarefas salvadoras.**

**18 - Para o esclarecimento gradativo dos espíritos desencarnados, que se revelam necessitados de apoio e de instrução (e contam-se por milhões), a palavra articulada, falada ou escrita, irradiada ou televisada, ainda é o processo mais rápido de comunicação, embora a telepatia e a sublimação contém, além da morte, com círculos de iniciados, cada vez mais amplos, em elevados níveis de entendimento.  
  
19 - Justo que a didática, no Mais Além, utilize a lição, o exame, a exposição prática, os cursos vários de introdução ao conhecimento  
superior, a disciplina, o apólogo, a fábula, os exemplos da história e todos os recursos outros, das artes e da literatura, que sirvam de auxílio aos companheiros necessitados de conhecimento e motivação para o bem deles próprios.  
  
20 - Nos planos imediatos à experiência física, os felizes estão sempre dispostos ao trabalho em favor dos infelizes, os mais fortes a benefício dos mais fracos, os bons em socorro dos desequilibrados e os mais sábios em apoio dos desorientados e ignorantes.  
  
21 - Nas comunidades de criaturas desencarnadas, a afinidade é o clima ideal para a união dos seres, o interesse pela ascensão do espírito aos planos superiores é a marca de todos aqueles que já despertaram para o respeito a Deus e para o amor ao próximo, o trabalho do bem é incessante, a religião não tem dogmatismo, a filosofia acata os melhores pensamentos onde se manifestem, a ciência é humanitária e o esforço pelo próprio aperfeiçoamento íntimo é impulso infatigável em todas as criaturas de boa vontade.  
  
22 - Além da morte, a vida continua e, com mais clareza, aí se vê a realidade da teologia simples que rege a evolução, em tudo o que a evolução possua em comum com a Natureza: "A cada um segundo as suas próprias obras".  
  
ANDRÉ LUIZ Uberaba, 17 de junho de 1983. (Anotações recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, Minas Gerais).  
  
I - A CIDADE "NOSSO LAR'  
  
Na vasta bibliografia mediúnica do médium Francisco Cândido Xavier, a cidade espiritual conhecida como "Nosso Lar" foi a primeira sociedade urbana da Vida Maior retratada com detalhes. Foi no livro do mesmo nome, editado pela Federação Espírita Brasileira, que o Espírito de André Luiz, relatando suas experiências, forneceu descrições pormenorizadas acerca da organização da sociedade comunitária e das edificações que lhe servem de apoio material.  
  
Conta o abnegado médium que se surpreendeu pelo inusitado das revelações e que André Luiz, a fim de que ele desse livre curso aos seus relatos, certa noite, levou-o, em desprendimento espiritual, até a cidade "Nosso Lar" para que se inteirasse da sua existência e conhecesse, pessoalmente, alguns recantos retratados no livro.  
  
Realmente, o citado livro abria campos amplos e novos à indagação daqueles estudiosos que sentissem dificuldades para entender como a vida poderia prosseguir, normalmente e sem saltos, após o desenlace físico. Difícil imaginar, ante a diversidade aparente das condições de encarnado e desencarnado, que o Espírito pudesse habitar cidades edificadas e organizadas de modo semelhante às expressões terrenas.  
  
Os Espíritos disseram a Allan Kardec (Questão n° 234 do O Livro dos Espíritos) que, no mundo espiritual, viviam em "espécies de acampamentos, de campos para se repousar de uma muito longa erraticidade, estado sempre um pouco penoso". Não se podia, é verdade, dar largas à imaginação para especular acerca do que seriam, realmente, essas espécies de acampamentos, por falta de referências mais claras que induzissem a idealização de comunidades de Espíritos habitando cidades estruturadas em edificações de natureza sólida, sobre terreno fértil à vegetação, e em tudo com estreita semelhança ao que conhecemos na Crosta.  
  
Mas, a partir das informações veiculadas por André Luiz, passado o espanto natural que as revelações causaram, reconheceu-se que não poderia ocorrer de forma diferente. Habituados, durante muitos séculos, à idealização do Céu e do Inferno, em termos sem correspondência com as expressões humanas, ainda mesmo diante das revelações contidas nas obras da Codificação, nos recusávamos a aceitar o óbvio. Se o Espírito sobrevivia ao corpo, e provas dessa sobrevivência foram abundantes a partir do surgimento da Doutrina Espírita, e se, por outro lado, os Espíritos nos asseguravam que nos reuniríamos em famílias e em agrupamentos, e que a vida continuava sem grandes mudanças depois da morte física, por que haveria de ser tão discrepante em relação aos moldes da vida terrena?  
  
Pelas recordações da vida espiritual, organizamos a vida terrena, e André Luiz nos mostra que esta é uma cópia imperfeita daquela. A partir da edição do livro, a cidade "Nosso Lar" ganhou o coração e a imaginação de todos os espíritas, que identificaram nela um modelo alentador das organizações e situações que aguardam o ser humano, após a desencarnação, e — por que não dizer? — um estímulo ao aproveitamento da existência física para conviver, depois, em comunidades idênticas ou melhores.  
  
Se a revelação trazida por André Luiz esperou oitenta e seis anos, após a edição de O Livro dos Espíritos, agora, quase quarenta anos depois do surgimento do livro Nosso Lar, o Alto nos permite mais algumas informações, ensejando-nos receber, através do trabalho mediúnico de nossa irmã Heigorina Cunha, de Sacramento, o plano piloto da cidade espiritual que é o objetivo deste livro.  
  
Tendo em vista que a cidade se divide segundo as necessidades de sua organização administrativa, permitimo-nos informar, aos que ainda não leram o livro Nosso Lar, que a Governadoria, órgão central, está assessorada pelo trabalho e organização de seis Ministérios, a saber: Ministério da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina, que atuam nas áreas que os próprios nomes definem, sendo, cada Ministério, dirigido por doze Ministros.  
  
A cidade "Nosso Lar", segundo informações veiculadas por André Luiz, foi fundada por portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI, a partir de onde se localiza, atualmente, a Governadoria. Conta que, naquele trato de terra, onde se vêem edifícios de fino lavor e onde se congregam vibrações delicadas e nobres, os fundadores encontraram "as notas primitivas dos selvícolas do país e as construções infantis de suas mentes rudimentares", devendo, à custa de "serviço perseverante, solidariedade fraterna e amor espiritual", conquistá-los e integrá-los para conseguirem seus objetivos. À época em que se pronunciou o Amigo Espiritual, a cidade contava com cerca de um milhão de habitantes. (..)  
  
11 - NO MUNDO MAIOR - ANDRÉ LUIZ - PÁG. 7**

**Na jornada evolutiva  
Dos quatro cantos da Terra diariamente partem viajores humanos, aos milhares, demandando o país da Morte. Vão-se de ilustres centros da cultura europeia, de tumultuarias cidades americanas, de velhos círculos asiáticos, de ásperos climas africanos. Procedem das metrópoles, das vilas, dos campos...  
  
Raros viveram nos montes da sublimação, vinculados aos deveres nobilitantes. A maioria constitui-se de menores de espírito, em luta pela outorga de títulos que lhes exaltem a personalidade. Não chegaram a ser homens completos. Atravessaram o maré magnum da humanidade em contínua experimentação. Muita vez, acomodaram-se com os vícios de toda a sorte, demorando voluntariamente nos trilhos da insensatez.**

**Apesar disso, porém, quase sempre se atribuíam a indébita condição de "eleitos da Providência"; e, cristalizados em tal suposição, aplicavam a justiça ao próximo, sem se compenetrarem das próprias faltas, esperando um paraíso de graças para si e um inferno de intérmino tormento para os outros. Quando perdidos nos intrincados meandros do materialismo cego, fiavam, sem justificativa, que no túmulo se lhes encerraria a memória; e, se filiados a escolas religiosas, raros excetuados, contavam, levianos e inconsequentes, com privilégios que jamais nada fizeram por merecer.  
  
Onde albergar a estranha e infinita caravana? como designar a mesma estação de destino a viajantes de cultura, posição e bagagem tão diversas? Perante a Suprema Justiça, o malgache e o inglês fruem dos mesmos direitos. Provavelmente, porém, estarão distanciados entre si, pela conduta individual, diante da Lei Divina, que distingue, invariavelmente, a virtude e o crime, o trabalho e a ociosidade, a verdade e a simulação, a boa vontade e a indiferença. Da contínua peregrinação do sepulcro, participam, todavia, santos e malfeitores, homens diligentes e homens preguiçosos.  
  
Como avaliar por bitola única recipientes heterogêneos? Considerando, porém, nossa origem comum, não somos todos filhos do mesmo Pai? E por que motivo fulminar com inapelável condenação os delinquentes, se o dicionário divino inscreve a letras de fogo as palavras "regeneração", "amor" e "misericórdia"? Determinaria o Senhor o cultivo compulsório da esperança entre as criaturas, ao passo que Ele mesmo, de Sua parte, desesperaria? Glorificaria a boa vontade, entre os homens, e conservar-se-ia no cárcere escuro da negação? O selvagem que haja eliminado os semelhantes, ajlechadas, teria recebido no mundo as mesmas oportunidades de aprender que felicitam o europeu o supercivilizado, que extermina o próximo à metralhadora? estariam ambos preparados ao ingresso definitivo no paraiso de bem-aventurança infindável tão-somente pelo batismo simbólico ou graças a tardio arrependimento no leito de morte?  
  
A lógica e o bom senso nem sempre se compadecem com argumentos teológicos imutáveis. A vida nunca interrompe atividades naturais, por imposição de dogmas estatuídos de artificia. E, se mera obra de arte humana, cujo termo é a bolorenta placidez dos museus, exige a paciência de anos para ser empreendida e realizada, que dizer da obra sublime do aperfeiçoamento da alma, destinada a glórias imarcescíveis?  
  
Vários companheiros de ideal estranham a cooperação de André Luiz, que nos tece informações sobre alguns setores das esferas mais próximas ao comum dos mortais. iludidos na teoria do menor esforço, inexistente nos círculos elevados, contavam com preeminência pessoal, sem nenhum testemunho de serviço e distantes do trabalho digno, em um céu de gozos contemplativos, exuberante de conforto melífico. Prefeririam a despreocupação das galerias, em beatitude permanente, onde a grandeza divina se limitaria a prodigiosos espetáculos, cujos números mais surpreendentes estariam a cargo dos Espíritos Superiores, convertidos em jograis de vestidura brilhante.  
  
A missão de André Luiz é, porém, a de revelar os tesouros de que somos herdeiros felizes na Eternidade, riquezas imperecíveis, em cuja posse jamais entraremos sem a indispensável aquisição de Sabedoria e de Amor. Para isto, não lidamos em milagrosos laboratórios de felicidade improvisada, onde se adquiram dotes de vil preço e ordinárias asas de cera. Somos filhos de Deus, em crescimento. Seja nos campos de forças condensadas, quais os da luta física, seja nas esferas e energias sutis, quais as do plano superior, os ascendentes que nos presidem os destinos são de ordem evolutiva, pura e simples, com indefectível justiça a seguir-nos de perto, à claridade gloriosa e compassiva do Divino Amor.  
  
A morte a ninguém propiciará passaporte gratuito para a ventura celeste. Nunca promoverá compulsoriamente homens a anjos. Cada criatura transporá essa aduana da eternidade com a exclusiva bagagem do que houver semeado, e aprenderá que a ordem e a hierarquia, a paz do trabalho edificante, são característicos imutáveis da Lei, em toda a parte. Ninguém, depois do sepulcro, gozará de um descanso a que não tenha feito juz, porque "o Reino do Senhor não vem com aparências externas".  
  
Os companheiros que compreendem, na experiência humana, a escada sublime, cujos degraus há que vencer a preço de suor, com o proveito das bênçãos celestiais, dentro da prática incessante do bem, não se surpreenderão com as narrativas do mensageiro interessado no servir por amor. Sabem eles que não teriam recebido o dom da vida para matar o tempo, nem a dadiva da fé para confundir os semelhantes, absorvidos, que se acham, na execução dos Divinos Desígnios. Todavia, aos crentes do favoritismo, presos à teia de velhas ilusões, ainda quando se apresentem com os mais respeiíáueis títulos, as afirmativas do emissário fraternal provocarão descontentamento e perplexidade.  
  
Ê natural; porém, cada lavrador respira o ar do campo que escolheu. Para todos, contudo, exoramos a bênção do Eterno, tanto para eles, quanto para nós.  
EMMANUEL  
Pedro Leopoldo, 25 de março de 1947.**

**LEMBRETE:**

**1° - (...) formado dos Espíritos desencarnados (...) o mundo espiritual ostenta-se por toda parte, em redor de nós como no Espaço, sem limite algum designado. (...) Allan kardec**

**2° - O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. Allan Kardec**

**3° - Também o mundo espiritual é assim composto de diferentes planos, evidenciando variadíssimo graus de adiantamento. (..) (..) O mundo espiritual tem suas organizações assistenciais, administrativas e científicas, seus métodos de trabalho, suas atividades, enfim, como qualquer grupamento humano condigno (...) Hermínio C. Miranda**

**4° - (...) O mundo espiritual é contigo ao nosso, apenas localizado, por assim dizer, numa outra faixa vibratória (...) Herminio C. Miranda**

**5° - (..) no "plano astral" (...) são puramente mentais as modalidades da existência, isto é, tudo que existe nesse plano é produto do poder criador do pensamento e da vontade dos Espíritos que o habitam, pensamento e vontade criadores da paisagem espiritual, da forma humana conservada pelos Espíritos que lá vivem, das vestes etéreas que os cobrem, das habitações em que lhes apraz viver, etc.. Ernesto Bozzano**

**6° - (...) "plano etéreo" que é a verdadeira morada espiritual (...) Ernest Bozzano**

**7° - O mundo invisível (...) é a continuação, o prolongamento natural do mundo visível. Em sua unidade, formam um todo inseparável, mas é no invisível que importa procurar o mundo das causas, o foco de todas as atividades, de todas as forças sutilíssimas do Cosmo (...) Léon Denis**

**8° - (...) ao redor deste nosso mundo, outro existe, de matéria mais delicada, em o qual imediatamente entram os que morrem, revestidos de um corpo etéreo, tão tangível e real, quanto o envoltório físico que traziam antes e que volta para a Terra de onde proviera (...) J. Arthur Findlay**

**9° - Esferas Espirituais: Muitos comunicantes da Vida Espiritual têm afirmado em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens jaz subdividido em várias esferas. Assim é com efeito, não do ponto de visto do espaço, mas sim sob o prisma de condições, qual ocorre no globo de matéria mais densa, cujo dorso o homem pisa orgulhosamente. (...) Encontramos, assim, na constituição natural do Planeta, desde a barisfera à ionosfera, múltiplos círculos de força e atividade na terra, na água e no ar, tanto quanto nos continentes identificamos as esferas de civilização e nas civilizações, as esferas de classe, a se totalizarem numa só faixa do espaço. André Luiz**

**10° - O Mundo Espiritual é a pátria natural de todos nós, é a verdadeira vida e a plenitude da vida do Espírito, quando liberto da matéria ele não é consequência da existência corpórea, mas, sim a sua origem, a raiz de todos os empreendimentos humanos. Tudo que, um dia, nasce através do esforço dos homens, para benefício da Humanidade, tem a sua idealização e inspiração no Plano Espiritual. Walter Barcelos**

**11° - O mundo espiritual é o grande lar, de onde se sai em viagem experimental de iluminação e para onde se retorna com os resultados insculpidos na consciência...(...) Manoel P. de Miranda**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **PLATÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Agonia das religiões - pág. 31** | **02 - A alma é imortal - 31** |
| **03 - A caminho da luz - pág. 95** | **04 - A levitação - pág. 123** |
| **05 - As margens do Eufrates - pág. 170** | **06 - Ciência e Espiritismo - pág. 76** |
| **07 - Cristianismo e Espiritismo - pág. 238** | **08 - Enfoques Científicos da D.E. - pág. 142** |
| **09 - Entre a matéria e o Espírito - pág. 16** | **10 - Estudos Espíritas - pág. 71** |
| **11 - Kardec, Jesus e a filosofia Espírita - 30, 41, 67** | **12 - Mediunidade - pág. 72** |
| **13 - O alvorecer da espiritualidade- pág. 170** | **14 - O desconhecido e os probls. psíquicos - pág. 20** |
| **15 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Intr. IV** | **16 - O exilado - 221** |
| **17 - O Livro dos Espíritos - q 1009, prolegômenos 17°** | **18 - O que é a morte - pág. 53, 57** |
| **19 - Revista espírita - 1858, 1859, 1859, 1865** | **20 - Vida de Jesus - pág. 118** |
| **21- Enciclopédia Barsa - vol. 11, pág. 77** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PLATÃO – COMPILAÇÃO**

**01 - AGONIA DAS RELIGIÕES- J. HERCULANO PIRES - PÁG. 31**

**CAPÍTULO IV - EXPERIÊNCIA NO TEMPO  
O homem realiza a experiência de Deus no tempo, ao longo de sua evolução natural. Não se pode ter uma experiência artificial de Deus em alguns minutos ou algumas horas de meditação. Essa experiência é natural — e de natureza vital — faz parte integrante da vida e da existência humana. Podemos lembrar a expressão de Descartes: A idéia de Deus no homem é a marca do obreiro na sua obra. Descartes foi o precursor de Kardec, como João Batista o foi do Cristo. Temos, assim, uma curiosa correlação histórica entre o advento do Cristianismo e o advento do Espiritismo, que se completa em numerosos outros aspectos.  
  
Lembrando a teoria da reminiscência em Platão, em que as almas nascem na Terra marcadas pela recordação do mundo das idéias, compreenderemos mais facilmente a existência da idéia inata de Deus no homem. Essa idéia inata não é apenas marca, mas também o marco inicial e o pivô em torno do qual se processa todo o desenvolvimento espiritual da criatura humana. Podemos acompanhar esse processo desde a adoração dos elementos naturais pelo homem primitivo (a partir da litolatria, adoração da pedra e de outras formações minerais) até à eclosão do monoteísmo, com a idéia do Deus Único, que Kant considerou o mais elevado conceito formulado pela mente humana. E vemos então que a idéia de Deus representa, histórica e antropologicamente, uma espécie de marca-passo de toda a evolução do homem.  
  
No episódio do Cogito, da cogitação de Descartes sobre a realidade ou não da existência, temos o momento em que ele descobre, no mais profundo de si mesmo, uma idéia estranha, que é a da existência de um Ser Absoluto e portanto absolutamente perfeito. Essa idéia não podia ter sido originada pelas suas experiências de ser relativo e imperfeito. Descartes a considerou estranha porque só poderia vir de fora dele, da existência real desse Ser Absoluto. Descobria assim que tivera uma experiência de Deus, inteiramente independente de todas as suas experiências terrenas.  
  
A importância desses fatos históricos e culturais foi negligenciada pela cultura leiga que se desenvolveu na Renascença e deu forma ao mundo moderno. O predomínio crescente das conquistas materiais da Civilização Ocidental asfixiou essas conquistas do espírito. O homem se esqueceu do significado desses fatos, desses episódios culminantes da cultura humana, e as religiões dogmáticas transformaram a idéia de Deus em simples crença desprovida de raízes experimentais. Coube ao Espiritismo restabelecer a verdade e colocar a experiência de Deus no seu devido lugar, no vasto panorama da evolução da Humanidade. Trata-se da mais importante e profunda experiência do homem, uma experiência vital que deverá levá-lo à compreensão da sua verdadeira natureza e do seu verdadeiro destino.**

**Impossível reduzi-la a uma conquista particular e eventual de algumas criaturas que hoje se entregam a práticas de meditação. Claro que com isso não pretendo negar nem diminuir o valor da meditação como disciplina mental e como recurso de elevação espiritual. Sustento apenas que a meditação é o produto e não a produtora da experiência de Deus, pois essa experiência já marcava o homem muito antes que ele houvesse adquirido o poder do pensamento abstrato e pudesse meditar. A vivência religiosa, pelo simples fato de ser vivência e não reflexão, é inerente ao homem desde o seu aparecimento no planeta. Essa é uma questão que hoje se coloca de maneira evidente.  
  
A concepção espírita vai mais longe e mais fundo, negando ao homem atual o direito de isolar-se do mundo para buscar a Deus, e portanto de buscar a Deus ou aos poderes espirituais através de processos artificiais. O meio natural de evolução, para o homem e para todas as coisas e todos os seres, é a relação. Se nos afastamos do relacionamento social e cultural para nos elevarmos, estamos nos colocando em posição errada e tomando um caminho ilusório. A busca solitária de Deus é um ato egocêntrico e preferencial.**

**O místico vulgar não mergulha em si mesmo para encontrar em Deus a relação com o mundo, como o fez Descartes, mas, pelo contrário, para desligar-se do mundo e ligar-se isoladamente a Deus. Não é guiado pelo amor à Humanidade, mas pelo amor a si mesmo. Prefere elevar-se acima dos outros para encontrar em Deus o refúgio e a fortaleza em que poderá construir e usufruir sozinho a sua felicidade particular. Prefere a fuga ao mundo, em termos de superioridade pessoal e portanto egoísta, anti-religiosa, à ligação com o mundo e com Deus para a realização da unidade global que é o objetivo da religião.**  
**02 - A ALMA É IMORTAL - GABRIEL DELANNE - PÁG. 31**

**A escola neoplatônica  
A escola neoplatônica de Alexandria foi notável de mais de um ponto de vista. Tentou a fusão dos filósofos do Oriente com a dos gregos e, dos trabalhos de Proclo, Plotino, Porfírio, Jâmblico, idéias novas surgiram sobre grande número de questões. Sem dúvida, a esses pesquisadores se pode reprochar uma tendência por demais excessiva para a misticidade; entretanto, mais do que quaisquer outros eles se aproximaram da verdade que hoje experimentalmente conhecemos.  
  
As vidas sucessivas e o perispírito faziam parte do ensino deles. Em Plotino, como em Platão, à separação da alma e do corpo se achava ligada a idéia da metempsicose, ou metensomatose (pluralidade das vidas corpóreas). "Perguntamos: qual é, nos animais, o princípio que os anima? Se é verdade, como dizem, que os corpos dos animais encerram almas humanas que pecaram, a parte dessas almas suscetivel de separar-se não pertence intrinsecamente a tais corpos; assistindo-as, essa parte, a bem dizer, não lhes está presente. Neles, a sensação é comum à imagem da alma e ao corpo, mas, ao corpo, enquanto organizado e modelado pela imagem da alma. Quanto aos animais em cujos corpos não se haja introduzido uma alma humana, esses são engendrados por uma iluminação da alma universal."   
  
À passagem da alma humana pelos corpos dos seres inferiores é aqui apresentada sob forma dubitativa. Sabemos agora que nenhum recuo é possivel na senda eterna do tornar-se, porquanto nenhum progresso seria real, se pudéssemos perder o que tenhamos adquirido pelo nosso esforço pessoal. A alma que chegou a vencer um vicio, dele se libertou para sempre; é isso o que assegura a perfectibilidade do espirito e garante a felicidade futura para o ser que soube libertar-se das más paixões Inerentes ao seu estado Inferior. Plotino afirma claramente a reencarnação, isto é, a passagem da alma de um corpo humano para outros corpos.  
  
"A crença universalmente admitida que a alma comete faltas, que as expia, que sofre punição nos infernos e passa em seguida por novos corpos. "Quando nos achamos na multiplicidade que o Universo encerra, somos punidos pelo nosso próprio desvio e pela sequência de uma sorte menos feliz."Os deuses dão a cada um a sorte que lhe convém, de harmonia com seus antecedentes, em suas sucessivas existências."   
  
Profundamente justo e verdadeiro é isto, porquanto, em nossas múltiplas vidas, defrontamos com dificuldades que temos de transpor, para chegarmos ao nosso melhoramento moral ou intelectual. Falso, porém, seria esse principio, se o aplicássemos às condições sociais, porque, então, o rico teria merecido sê-lo e o pobre se acharia aqui em punição, o que é contrário ao que se observa cotidianamente, pois podemos comprovar que a virtude não constitui apanágio especial de nenhuma classe da sociedade.  
  
"Há, para a alma, duas maneiras de ser em um corpo: verifica-se uma delas quando a alma, já se encontrando num corpo celeste, sofre uma metamorfose, isto é, quando passa de um corpo aéreo ou Ígneo a um corpo terrestre, migração a que de ordinário se chama metensomatose, porque não se vê donde vem a alma; a outra maneira se verifica quando a alma passa do estado incorpóreo a um corpo, seja qual for, e entra assim, pela primeira vez, em comunhão com o corpo. As almas descem do mundo inteligível ao primeiro céu; aí, tomam um corpo (espiritual) e, em virtude mesmo desse corpo, passam para corpos terrestres, segundo se distanciam mais ou menos do mundo inteligível."  
  
Esta doutrina Porfírio a desenvolveu longamente em sua Teoria dos Inteligíveis, onde assim se exprime:"Quando a alma sai do corpo sólido, não se separa do espírito que recebeu das esferas celestes."A mesma idéia se nos depara nos escritos de Proclo, que chama a esse espírito o veículo da alma.  
  
De um estudo atento dessas doutrinas resulta que os neo-platônicos sentiram a necessidade de um invólucro sutil para a alma, em o qual se registram, se incorporam os estados do espírito. É, com efeito, indispensável que o espírito, através de suas vidas sucessivas, conserve os progressos que realizou, sem o que, a cada encarnação, ele se acharia como na primeira e recomeçaria perpetuamente a mesma vida.  
  
14 - O DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS PSÍQUICOS - CAMILLE FLAMMARION - PÁG. 21**

**OS INCRÉDULOS - Crer que tudo se sabe é um erro profundo: O horizonte tomar por limites do mundo. LEMIERRE.  
Um grande número de homens sofrem de verdadeira miopia intelectual e, segundo a imagem precisa de Lemierre, tomam o seu horizonte pelos limites do mundo. Os fatos novos, as idéias novas os ofuscam, os horripilam. Não querem ver mudança alguma na marcha costumeira das coisas. A história do progresso dos conhecimentos humanos é para eles letra morta.  
  
A audácia dos pesquisadores, dos inventores, dos revolucionários, parece-lhes criminosa. Afigura-se-lhes, aos seus olhos, que a humanidade tenha sido sempre o que é hoje, e eles não se lembram nem da idade da pedra, nem da invenção do fogo ou das casas, das carruagens e dos caminhos de ferro, nem das conquistas do espírito, nem das descobertas da Ciência. Neles ainda se encontram alguns traços da herança dos peixes e quiçá dos moluscos.  
  
Comodamente assentados, de resto, em suas largas poltronas, esses admiráveis burgueses se conservam imperturbavelmente satisfeitos. São absolutamente incapazes de admitir o que não compreendem e nem sequer desconfiam de que nem tudo compreendem. Ignoram que no fundo da explicação de todos os fenômenos da natureza está o desconhecido, e contentam-se com simples mudanças de palavras. Por que razão cai uma pedra? "Porque a Terra a atrai." Uma resposta assim tão clara basta à sua ambição. Acreditam eles compreender. Uma fraseologia clássica os seduz, como no tempo de Molière: "ossábandtis, nequeis, nequer, potarinum quipsa miZws... eis aí justamente o que faz com que vossa filha seja muda", dizia Sganarelo.  
  
Em todos os séculos, quaisquer que sejam os graus de civilização, encontram-se desses homens simples, tranquilos, nem sempre desprovidos de vaidade, que negam candidamente as coisas inexplicáveis e que pretendem julgar a insondável organização do Universo. Tais como duas formigas, em um jardim, entretendo-se a trocar idéias sobre a história da França ou sobre a distância a que nos encontramos do Sol.  
  
Percorramos a História e edifiquemo-nos com alguns desses exemplos. A escola de Pitágoras, libertando-se das idéias comuns sobre a natureza, elevara-se até à noção do movimento diurno do nosso planeta, que poupa ao céu imenso e sem limites a obrigação absurda de girar em vinte e quatro horas em torno de um ponto insignificante. Que o sufrágio universal se revolte contra esta idéia genial, ainda se tolera: não se pode pedir a um elefante que voe até o ninho das águias. Mas a força dos prejuízos vulgares é tal que, mesmo espíritos superiores como o próprio Platão e Arquimedes,essas duas brilhantes inteligências, sentiram-se na impossibilidade de elevar-se a esta concepção, recusada até pelos astrônomos Hipparcho e Ptolomeu.**

**Este não pôde conter-se de rir a bandeiras despregadas de uma tal chocarrice. Qualifica ele a teoria do movimento da Terra de "completamente ridícula". A expressão é sobremodo pitoresca. Como que se vê o ventre de um bom monge, a sacudir-se e rebolar-se todo, diante de um gracejo desta força, panu guëldwtaton! Deus do céu, como isto é divertido! A Terra a girar! Estão doidos os pitagóricos: a cabeça deles é que gira.  
  
Sócrates bebe a cicuta por se ter libertado das superstições de seu tempo. Anaxágoras é perseguido por ter ousado ensinar que o Sol é maior que o Peloponeso. Dois mil anos mais tarde, Galileu é perseguido, a seu turno, por afirmar a grandeza do sistema do mundo e a insignificância do nosso planeta.  
  
A passos lentos avança a pesquisa da verdade, mas as paixões humanas e os cegos interesses dominadores permanecem inalteráveis.  
E a dúvida ainda perdura, apesar das provas acumuladas por toda a moderna astronomia. Não possuímos nós, em nossas bibliotecas, uma obra publicada em 1806 expressamente contra o movimento da Terra e na qual seu autor declara que jamais poderá admitir esteja ela a girar como um capão assado ao espeto?  
  
Esse intrépido capão era um homem, aliás, de bastante espírito (o que não exclui a ignorância); era um membro do Instituto, ostentando o nome de Mercier, mais conhecido por seu Tábleau de Paris e que se poderia supor dotado de um critério mais elevado e mais firme. Assistia eu, certo dia, a uma sessão da Academia das Ciências, dia esse de hilariante recordação, em que o físico Du Moncel apresentou o fonógrafo de Edison à douta assembleia. Feita a apresentação, pôs-se o aparelho docilmente a recitar a frase registrada em seu respectivo cilindro.**

**Viu-se então um acadêmico de idade madura, de espírito penetrado, saturado mesmo das tradições de sua cultura clássica, nobremente revoltar-se contra a audácia do inovador, precipitar-se sobre o representante de Edison e agarrá-lo pelo pescoço, gritando: "Miserável! nós não seremos ludibriados por um ventríloquo!" Senhor Bouillaud chamava-se este membro do Instituto. Foi isso a 11 de Março de 1878. Mais curioso ainda, é que seis meses após, a 30 de Setembro, em uma sessão análoga, sentiu-se ele muito satisfeito em declarar que, após maduro exame, não constatara no caso mais do que simples ventriloquia, mesmo porque "não se pode admitir que um vil metal possa substituir o nobre aparelho da fonação humana". Segundo esse acadêmico, o fonógrafo não era mais do que uma ilusão de acústica. (...)**

**17 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - PROLEGÔMENOS, QUESTÃO 1009**

**Perg. 1008 - A duração das penas depende da vontade do Espírito, não existindo as que lhe são impostas por um tempo determinado? - Sim, há penas que lhe podem ser impostas por determinado tempo, mas Deus, que não deseja senão o bem de sua criatura, aceita sempre o arrependimento, e o desejo de se melhorar nunca é estéril.   
Perg. 1009 - Segundo isso, as penas impostas jamais seriam eternas?  
- Gravitar para a unidade divina, esse é o objetivo da Humanidade. Para atingi-lo, três coisas lhe são necessárias: a justiça, o amor e a ciência; três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça. Pois bem: em verdade vos digo que mentis a esses princípios fundamentais ao comprometer a idéia de Deus com o exagero de sua severidade, e duplamente a comprometeis, deixando penetrar no Espírito da criatura o pensamento de que ela possui mais clemência, mansuetude, amor e verdadeira justiça do que costumais atribuir ao Ser Infinito.**

**Destruís mesmo a idéia de Inferno, tornando-a ridícula e inadmissível às vossas crenças, como o é para os vossos corações o horrendo espetáculo das execuções, das fogueiras e das torturas da Idade Média. Mas como? É quando a era das represálias cegas já foi superada pelas legislações humanas, que esperais mantê-la numa forma ideal? Oh! Crede-me, crede-me irmãos em Deus e em Jesus Cristo, crede-me ou resignai-vos a deixar perecer nas vossas mãos todos os vossos dogmas, para não permitir a sua alteração, ou então vivificai-os, abrindo-os aos benéficos eflúvios que os bons Espíritos derramam neste momento sobre eles.**

**A idéia do Inferno com suas fornalhas ardentes, com suas caldeiras ferventes pode ser tolerada ou admissível num século mitológico; mas no século dezenove não passa de vão fantasma que serve apenas para amedrontar as criancinhas e no qual estas mesmas já não acreditam, quando se tornam um pouco maiores. Persistindo nessa mitologia apavorante, engendrais a incredulidade, origem de toda a desorganização social; eis por que tremo ao ver toda uma ordem social abalada e a ruir sobre as próprias bases, por falta de sanção penal.**

**Homens de fé ardente e viva, vanguardeiros do dia da luz, ao trahalho, pois! Não para manter velhas fábulas atualmente desacreditadas, mas para reavivar e revitalizar a verdadeira sanção penal sob formas que correspondam aos vossos costumes, aos vossos sentimentos e as luzes da vossa época.  
  
Quem é, com efeito, o culpado? E aquele que por um extravio, por um falso impulso da alma se afasta do objetivo da Criação, que consiste noo culto harmonioso do belo e do bem idealizados pelo arquétipo humano, pelo homem-deus, por Jesus Cristo. Qual é o castigo? É a consequência natural decorrente desse falso Impulso; uma quantidade de dores necessárias para fazê-lo aborrecer da sua deformação, pela prova do sofrimento. O castigo é o aguilhão que excita a alma pela amargura a voltar-se para si mesma, a retornar ao caminho da salvação.**

**O objetivo do castigo não é outro senão a reabilitação. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar-Ihe toda a razão de ser. Oh! Em verdade vos digo, cessai, cessai de pôr em paralelo, na eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura; pois seria criar uma penalidade injustificável. Afirmai, ao contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas pelas transmigrações e consagrareis, pela razão ligada ao sentimento, a unidade divina.**  
**21 - ENCICLOPÉDIA BARSA - VOL. 11 - PÁG. 77**

**A - PLATÃO (427?-347?A.C.). Um dos maiores pensadores gregos, além de aristocrata abastado. Sua família, de ambos os lados, era das mais ilustres de Atenas. Do lado materno remontava, dizem, ao legislador Sólon. Era jovem quando Atenas foi derrotada. Atribuiu esse fato à democracia. Sua teoria política posterior foi a defesa de uma aristocracia que não era nem hereditária, nem nobiliárquica, mas intelectual.**

**"Os sábios", dizia, "deverão dirigir e governar, e os ignorantes deverão segui-los." Sua primeira ambição, nos diz na Epistola VII, foi a política. Provavelmente o seu pendor pela oposição o levou até Sócrates que, apesar de apolítico, atraía a simpatia dos opositores do governo do "Terror" que se apoderara de Atenas em 404 A.C. O encontro com o velho sábio grego foi algo de decisivo em sua vida. "Dava graças aos deuses por três coisas: primeiro, por ter nascido homem e não mulher, grego e não bárbaro, mas, sobretudo, por ter nascido no tempo de Sócrates."**

**Nessa época, era um jovem corpulento e desportivo: ganhara dois prêmios nos jogos ístmicos. Sua vida tomou rumo inteiramente novo depois da condenação de Sócrates (399). Achou, então, que não havia mais lugar para uma consciência honesta na política. Como amigo de Sócrates e tendo feito tudo para salvá-lo, depois de sua morte passou a ser julgado como suspeito. Preferiu, por isto, exilar-se com outros amigos em Megara. Viajou então por várias regiões, detendo-se com mais vagar no Egito, na Itália e na Sicília, estas últimas, na época, colônias gregas.**

**Estranhou a grosseira materialidade de vida existente na região. Já inteiramente dedicado ao estudo da Filosofia, volta em 387 para Atenas, onde funda sua célebre Academia, assim chamada por estar situada nos jardins do herói Academo. Essa notável instituição destinava-se à pesquisa e ao estudo sistemático da Filosofia e das Ciências. Presidiu-a até sua morte, aos 80 anos de idade. No campo científico ficou conhecido pelo interesse que tinha pela Matemática. Diz-se que havia escrito em sua entrada: "Aqui só entram os geômetras."**

**O fato é que os mais importantes trabalhos matemáticos do séc. IV A.C. foram realizados por amigos ou discípulos de Platão. Teéteto, o fundador da Geometria sólida, era membro da Academia, como o eram também os primeiros estudiosos das secções cônicas. Teéteto aparece como um jovem matemático no diálogo de Platão que leva o seu nome. Eudoxo de Cnido, autor da teoria das proporções, exposta nos Elementos, de Euclides, e inventor do método de achar áreas e volumes de figuras curvilíneas, transferiu sua escola de Cyzicus para Atenas, a fim de estabelecer melhor cooperação com Platão. A Academia, ao mesmo tempo que desenvolvia a Matemática, foi a um laço de união entre o movimento matemático iniciado por Pitágoras e o dos grandes geômetras e aritméticos de Alexandria.  
  
B - Ciências. As outras ciências também foram cultivadas na Academia, embora sem o êxito alcançado na Filosofia e na Matemática. Achavam, por exemplo, os seus estudiosos que a finalidade dos intestinos era impedir a gula, conservando em seu interior os alimentos. Espeusipo, sobrinho e sucessor de Platão na Academia, foi um copioso escritor de siderado o Nous (a inteligência) da Academia. Os poetas cômicos encontravam assunto para sátiras no interesse aí reinante pela classificação botânica.  
  
A célebre instituição não desprezou igualmente a jurisprudência e a legislação prática. Mandou três de seus melhores alunos pesquisar a legislação, até então não estudada, da Arcádia, de Elis e de Pirra. Aristóteles, no tempo em que ainda pertencia à Academia de Platão, escrevera leis para Cnido e Estagira, sua terra natal. Alexandre — conta Plutarco — ao pedir a Xenócrates informações sobre a natureza da realeza, o homem que lhe enviaram foi Délio de Éfeso, ligado intimamente a Platão e a sua instituição. A criação da Academia, como sociedade permanente para a consecução de um ideal de estudos das ciências exatas e humanas, foi a primeira concretização daquilo que se chamaria rnais tarde de Universidade.  
  
C - Sócrates e Platão. A mais importante influência filosófica que Platão teve foi, certamente, a de Sócrates, personagem quase obrigatório nos seus diálogos. Contudo, a influência do sábio foi mais uma inspiração do que uma força didática na vida de Platão. Deve-se considerar que, possuído de um ideal político, na época em que com ele conviveu, Platão não estaria interessado, provavelmente, em fazer parte do círculo dos discípulos de Sócrates, nem teria sido, talvez, considerado por aquele como um discípulo. Sócrates era amigo de vários membros preeminentes de sua família.**

**Na Epístola VII, fala dele não como de um mestre, mas como de um "velho amigo", por cuja pessoa tinha uma profunda admiração. Foi, pois, o exemplo de sua vida, o abalo de sua morte e o subsequente exílio que o aproximaram da Filosofia.  
  
D - A Obra de Platão. É uma das mais vastas da Antiguidade e, contando com as Epístolas, chega ao número de 36 trabalhos, dos quais 25 são diálogos e dois, tratados políticos, a República e as Leis. Dono de um dos melhores estilos da Grécia, Platão revela seu pensamento através de expressões e imagens perfeitas. Pelo uso do diálogo, muitos deles de grande beleza, consegue dar maior interesse dramático e vivacidade dialética aos temas de que trata. A influência de seu principal personagem, Sócrates, pode ser sentida principalmente em seus diálogos juvenis: Apologia, Críton e Eutifon.**

**Em sua idade madura, os trabalhos mais importantes são: o Protágoras, o Górgias, o Eutidemo, sobre os sofistas; o Fédon, sobre a imortalidade da alma; o Banquete, sobre a teoria da alma e o problema do amor. Seguem-se-lhes Teêteto, Sofista, Político e Parmênides, este último dos mais importantes. Em Leis deixou uma nova exposição sobre a teoria do Estado. De suas 13 cartas, a mais interessante é a sétima, aos amigos de Díon, tratando das relações que manteve com Dionísio de Siracusa.  
  
A medula do pensamento filosófico de Platão está na sua teoria das idéias, poetizada e obscurecida pelo uso da linguagem mítica. A idéia de uma coisa pode ser a "idéia geral" da classe a que a coisa pertence (a idéia de Antônio, Cláudio ou Manuel é a de homem); ou pode ser a lei ou leis de acordo com a qual ou com as quais a coisa procede (a idéia de Antônio seria a redução de toda a sua conduta a "leis naturais"); ou pode, ainda, ser o perfeito fim ou perfeito ideal para o qual possam tender a coisa e a sua classe (a idéia de João seria João idealizado). Provavelmente, para ele, a idéia é tudo - idéia, lei e ideal.  
  
Além da contingência dos fenômenos e das coisas particulares que impressionam nossos sentidos ficam as generalizações, a regularidade e a direção do evoluir, não percebidos como sensações, mas concebidos pela razão e pelo pensamento. Estas idéias, leis e ideais são mais permanentes e, por conseguinte, mais "reais" do que as coisas particulares percebidas pelos sentidos, que são mortais e contingentes. "Homem" é mais permanente que Antônio, Cláudio ou Manuel. O círculo produzido pelo movimento do lápis desaparece com o passar de uma borracha, por exemplo; mas a concepção de círculo perdura para sempre.**

**Esta árvore está de pé e aquela cai, mas as leis que determinam que os corpos caiam, e o quando e o como caiam, não tiveram começo nem terão fim. Existe, pois, um mundo de coisas perceptíveis pelos sentidos e um mundo de leis inferidas pelo pensamento. Não vemos a lei da razão inversa dos quadrados das distâncias, mas esta lei se manifesta em toda parte. Existia antes que alguma coisa material existisse e sobreviverá depois que o mundo das coisas materiais sucumbir à sua singularidade. Os sentidos, por exemplo, percebem milhares de sacos de cimento e de toneladas de ferro, mas só o engenheiro vê naquilo uma ponte.**

**Com o olhar do espírito percebe a ousada e delicada adequação daquele volume de material às leis da Mecânica, da Matemática e da Engenharia, leis estas de acordo com as quais todas as boas pontes devem ser feitas. Se elas forem violadas, a ponte cairá. Há, pois, conclui Platão, o mundo das idéias e o mundo das aparências. Quem não percebe aquelas vive como que numa caverna, onde o conhecimento se faz por meio de sombras. Afirma a existência de um mundo espiritual das idéias. Estas devem ter certo grau de realidade. Conclui, com a teoria de Sócrates, que aprender é recordar.**

**A alma, antes de encarnar, já havia, de certo modo travado conhecimento com este mundo das idéias. Quando, no decurso da vida, percebe coisas distintas, como, por exemplo, vários tipos de árvores, reconhece nelas aquilo que têm de comum, através da recordação avivada pela "idéia" preexistente. Esta teoria de Platão, encontra-se exposta no livro sétimo da República, onde narra o mito da caverna.  
  
Platão acreditava na metempsicose. Os homens covardes ou maus serão, na outra vida, mulheres. Os inocentes e simplórios, que pensam que se pode aprender Astronomia apenas olhando as estrelas, sem conhecimento das Matemáticas, serão aves. Aqueles que não possuem filosofia se tornarão animais terrestres. Os mais estúpidos se transformarão em peixes. O difícil, contudo, em Platão, é esclarecer as relações entre os mitos e os conceitos filosóficos que pretendem figurar.  
  
O trabalho mais importante de Platão é a República. Nela expõe suas idéias políticas, filosóficas, estéticas, éticas e jurídicas. O livro tem três partes. A primeira é a exposição de uma comunidade ideal (utópica), governada por filósofos. Na segunda parte, apresenta sua filosofia e, na terceira, expõe as várias constituições e formas de governo existentes, decidindo-se pela aristocracia como a melhor delas. Para se criar uma comunidade ideal, o primeiro problema é o cuidado com a educação. Esta se divide em duas partes: música e ginástica. Música possuía, então, um significado tão amplo como hoje tem cultura, e ginástica, um sentido mais extenso que o de atletismo.  
  
Sua filosofia culmina em sua ética. A idéia do Bem é, no seu modo de ver, a idéia suprema. Para sua realização deve tender todo proceder humano. O bem é um imperativo moral para todos. Para ele, há tipos fundamentais de virtude: a sabedoria ou prudência, própria da parte racional da alma; a coragem, virtude da vontade; a temperança, própria da sensibilidade; a quarta é a justiça, nascida do equilíbrio que se deve estabelecer entre todas as disposições éticas e sociais. A influência de Platão no pensamento ocidental foi muito grande. O Cristianismo primitivo abeberou-se sobretudo no Platonismo e no Neoplatonismo de Plotino.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A loucura sob novo prisma - pág. 74** | **02 - A pluralidade dos mundos habitados - pág. 287** |
| **03 - Análise das coisas - pág. 42** | **04 - Depois da morte - pág. 132** |
| **05 - Emmanuel - pág. 88, 144** | **06 - Evolução em dois mundos - pág. 96** |
| **07 - Expiação - toda a obra** | **08 - Há dois mil anos - pág. 13** |
| **09 - O consolador - pág. 56** | **10 - O Livro dos Espíritos - q. 166, 222,1010** |
| **11 - Obras póstumas - pág. 187** | **12 - Obreiros da vida eterna - pág. 50** |
| **13 - Parábolas e Ensinos de Jesus - pág. 197** | **14 - Roma e o Evangelho - pág. 56** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS** **– COMPILAÇÃO**

**02 - A pluralidade dos mundos habitados - Camille Flammarion - pág. 287**

**III - A Humanidade Coletiva**  
**As humanidades dos outros mundos e a humanidade da Terra são uma só humanidade. — O homem é o cidadão do céu. — A família humana se estende, para além de nosso globo, às terras celestes. — Parentesco universal.— Pluralidade dos Mundos e pluralidade das existências.— A eternidade futura não é outra que a eternidade atual.  
  
Nós estudamos o Universo sob seu duplo aspecto: o aspecto físico, na grandeza dos objetos e na harmonia das leis que os regem; o aspecto moral, na vida intelectual dos seres que o habitam. Os mundos percorreram sob nossos olhos o ciclo de suas revoluções imensas; eles não se apresentaram a nós em seu estado real, com os elementos que constituem sua individualidade, com as riquezas variadas que os distinguem. Em sua superfície nós reconhecemos a existência de humanidades de diferentes ordens, segundo o mundo ao qual elas pertencem.  
  
Nesse duplo quadro, a vida nos pareceu circular por toda parte, turbilhão invisível animando cada átomo de matéria. O espaço infinito que se estende acima de nossas cabeças não é mais vazio, silencioso, deserto para nós; ele não nos é mais indiferente. Ele é a arena onde se travam os pacíficos combates da Vida eterna; ele é o campo onde germinam as espigas de ouro, onde desabrocham as flores brilhantes desta vida sem fim, cuja força fecunda tem qualquer coisa de infinito, de eterno como seu Autor. Nosso espírito se engrandeceu à medida que se desenvolveu a esfera de nossas investigações, e nossos pensamentos, libertando suas asas dos laços que as prendianr à terrestre morada, voaram rumo ao céu, onde se enriqueceram com novos conhecimentos, resultado das conquistas de seu ardente progresso.**

**Nosso coração mesmo não ficou estranho a essas buscas, e mais de uma vez a sublimidade do espetáculo da natureza o tocou com uma emoção salutar. Contudo nosso espírito e nosso coração ainda não estão satisfeitos. O grande trabalho ao qual nos entregamos nos instruiu na ciência do mundo; ele nos esclareceu quanto ao valor real de nossa Terra e quanto ao de seus habitantes; ele nos isolou como tantos seres insignificantes perdidos na universalidade dos mundos; ele nos mostrou nossa miséria e nossa inferioridade. Está bem. — Mas a obra estaria inacabada se parasse aí.  
  
Não queremos estar isolados do resto do mundo; não queremos estar sentados com indiferença em meio ao vazio, e nos sentirmos estrangeiros nesta imensa cidade da criação. Nossos direitos de cidadãos estão inscritos no fundo de nossas almas e sobre nossas frontes de homens; não podemos nem queremos nos subtrair a sua voz. Aspirações legítimas se manifestam em nós: nós queremos sentir os laços desconhecidos que nos ligam à universal vida das almas. Está aí a prece invocadora que se eleva do fundo de nosso ser rumo ao céu das estrelas.  
  
Sim, vós nos aparecestes em vossa vestimenta esplêndida, astros magníficos que cintilam no éter! Nós subirmos até as regiões longínquas que percorreis nos céus; nós seguirmos as linhas sinuosas de vossas vastas órbitas; não observamos as transformações que as leis da luz e do calor operam em vossa superfície; nós assistimos aos quadros que a sábia mão da natureza faz surgir sobre vossos campos e romper o dia, no ocaso do astro-reí, ou durante vossas noites estreladas. Vimos essas coisas; compreendemos o quanto nossa habitação é pouco digna de ser comparada às vossas; julgamos melhor que intervalo nos distancia de vós, astros sublimes! Nós sentimos melhor a distância que separa nossa humanidade primitiva das humanidades gloriosas das quais sois a morada. . .  
  
Mas vós sois para nós tão estrangeiros como nós pensamos, "longínquas humanidades que seguis conosco os caminhos variados do céu! Não percorreis vós um ciclo de destinos semelhante àquele que percorremos aqui embaixo; não sois vós arrastadas ao mesmo objetivo; não vamos nós, juntos, ao mesmo fim? Respondei, "populações desconhecidas, sabeis vós se não existem outros laços de relação entre nós além desses raios luminosos que se enviam mutuamente nossas moradas? sabeis se a unidade e a solidariedade da criação não nos tocam, a cada um de nós, átomos pensantes, e se nós não devemos nos encontrar algum dia e nos reconhecermos?   
  
Aprendestes vós se nossos primeiros pais não eram irmãos antes de descerem sobre cada uma de nossas pátrias, e de nelas criar o berço de tantas famílias humanas? Dizeis-nos para que ponto somos todos levados, planetas e sóis; que lugar de repouso procuramos através dos espaços, e qual é a última morada em que devemos nos reunir? Ah, não! Vós não sois estrangeiras, brancas estrelas que cintilais docemente na noite profunda! Toda alma que se deixou absorver em vossa contemplação não pôde se defender do sentimento de simpatia que desce de vosso mágico olhar.**

**Sobretudo agora que as regiões da imortalidade se tornaram mais visíveis, desde a aurora sagrada em que a mão de Urânia afastou o véu que as cobria; agora que o céu nos apareceu em sua grandeza e sua verdade; nós nos tornamos grandes quebrando o círculo estreito dos dogmas antigos, e nossa visão se alargou subitamente, abarcando a extensão do Universo. Vós viestes a nós, ó loiras filhas do céu! Vós espalhastes sobre nossas cabeças a inspiração que as musas de outro tempo não podem mais nos dar; vós nos envolvestes! de luz, e nós compreendemos vosso ensinamento sublime.!**

**Ó noite majestosa! como teu esplendor é ainda maior ante nossos olhos desde que entrevimos a vida sob tua morte aparente! Como tuas harmonias se tornaram deliciosas! Como teu espetáculo se transfigurou diante de nossas almas! Outrora, eu me comprazi em vos contemplar no silêncio da meia-noite, ó Plêiades longínquas cuja claridade difusa nos leva para tão longe da Terra! Eu me comprazi em ver repousar sobre vós o enxame de meus pensamentos, porque vós sois uma estação brilhante do infinito dos céus. Mas hoje, que vejo em vossa múltipla irradiação tantos lares onde famílias humanas estão reunidas; hoje que nessa irradiação tão calma eu creio reconhecer os olhares de irmãos desconhecidos, o olhar talvez de seres queridos que amei tanto, e que a Morte inexorável levou para longe de mim, desse ser, sobretudo, que se foi com um sorriso nos lábios para não me deixar adivinhar seus sofrimentos, e que agora está aí, sonhando talvez ainda em algum ponto obscuro de uma terra desconhecida, lembrando com uma tristeza inexplicável nossos amores destruídos, e procurando como eu por olhares perdidos no céu...**

**Oh! Agora eu vos amo, deslumbrantes Plêiades; eu vos amo, maravilhosas Estrelas; eu vos amo como o peregrino ama as cidades de sua peregrinação, como ele ama o altar aonde se dirigem seus votos, e onde depositará um dia o beijo de suas aspirações mais caras!  
Tudo é grande agora, tudo é divino para nós. A natureza não é apenas o trono exterior da magnificência divina, ela é também a expressão visível do poder infinito, a imagem da grandeza suprema. Outrora nós consideramos a Terra que habitamos como única na natureza, e pensamos que, sendo a única expressão da vontade criadora, ela era o único objeto da complacência e do amor de seu Autor. Nossas crenças rei igiosas fundaram-se sobre esse sistema egoísta e mesquinho.  
  
Nós julgávamos então nossa humanidade importante o suficiente para ser o alvo de uma criação que dependia inteiramente de nossos destinos; para nós, o começo da Terra foi o começo do mundo; igualmente, o fim da Terra representava para nós o fim de todas as coisas. A história de nossa humanidade era a própria história de Deus; tal era o fundamento de nossa fé. Quando nosso olhar procurava sondar as regiões de nossa imortalidade futura, nós assistíamos ao fim do mundo, e o momento em que o último homem devesse desaparecer da Terra decrépita e gelada nos parecia dever marcar ao mesmo tempo a extinção do Universo atual e uma revolução geral na obra divina. Hoje, tais ideias falsas estão afastadas de nossos espíritos mais esclarecidos; nós conhecemos melhor nosso estado real.**

**Nós sabemos que a Terra não é mais que um astro obscuro, e que seu habitante é apenas um membro da imensa família que povoa a criação inteira. Nós sabemos que astros resplandecentes se apagam solitariamente um dia ou outro, e que o mundo não muda por um acontecimento tão insignificante como a morte de um sol, quanto mais pela morte de um pequeno planeta como o nosso. Nossa humanidade inteira seria destruída esta noite por um sopro mortal, e nada seria percebido nos outros mundos, nada pareceria na marcha cotidiana do Universo.  
  
Desde então as Terras que se balançam no espaço têm sido consideradas por nós como estações do céu e como as regiões futuras de nossa imortalidade. Lá está a Casa celeste de muitas moradas, e lá onde entrevemos o lugar de onde vieram nossos pais, reconhecemos aquele que habitaremos um dia. Toda crença, para ser verdadeira, deve concordar com os fatos da natureza. O espetáculo do mundo nos ensina que a imortalidade de amanhã é aquela de ontem e de hoje, que a eternidade futura não é senão a eternidade presente; eis aí nossa fé. Nosso paraíso, é o infinito dos mundos.  
  
Por isso reconhecemos com uma felicidade infinita na alma quão grande é o Deus de nossa adoração, e o quanto está elevado acima das criações do espírito humano. Do alto dos cumes eternos aonde nos levou a contemplação dos céus, a vaidade da Terra e das coisas terrestres nos aparece em seu estado real. E os povos que se degolam pela posse de um grão de poeira, os homens ambiciosos que rastejam por um pouco de ouro ou de glória, as belezas passageiras que cativam nossos corações e nos arrebatam os mais belos dias, todo interesse, toda afeição terrestre perdeu seu primeiro prestígio por nos aparecer em sua pequenez relativa.**

**Enquanto cada uma das criaturas vinha assim a ocupar diante de nossos olhos a categoria a que pertencem, o Criador, em meio a sua profunda majestade, tornava-se maior à medida que nossas concepções se desenvolviam. Também cremos, sob a inspiração da verdade, entender melhor o esplendor divino ao não defini-lo, ao não lhe atribuir forma, ao adorar simplesmente sua presença eterna, em vez de rebaixá-lo a nossas concepções grosseiras pretendendo representá-lo sob as miseráveis imagens que nos são acessíveis.  
  
O destino moral dos seres parece-nos ser do tipo intimamente ligado à ordem física do mundo, pois o sistema do mundo físico é como que a base e o vigamento do sistema do mundo moral. São duas ordens de criações necessariamente solidárias. Devemos ver todos os seres que compõem o Universo ligados entre si pela lei de unidade e solidariedade, tanto material como espiritual, que é uma das primeiras leis da natureza. Devemos saber que nada nos é estranho no mundo, e que não somos estranhos a nenhuma criatura, porque um parentesco universal nos reúne a todos.**

**Não é mais apenas a atração física dos mundos o que constitui sua unidade; não são mais apenas esses raios de luz, de calor, de magnetismo, o que estreita todos os globos do espaço em uma só rede; não são mais apenas os princípios universais da verdade que estabelecem laços indissolúveis entre as humanidades estelares; é uma lei maior que as precedentes, é a lei divina da família. Somos todos irmãos; a verdadeira pátria dos homens é o Universo infinito, ao qual todas as línguas, por um maravilhoso acordo, deram o nome de Céu — céu físico e céu espiritual. Não afirmamos com Voltaire que o habitante do sistema de Sírius ri do vermezinho de Saturno, como este ri por sua vez do animálculo da Terra.**

**Não dizemos, com Diderot: "Que se dane o melhor dos mundos, se eu não estou lá". Rendamos justiça ao plano da natureza, reconheçamos o lugar em que estamos: que a imensa solidariedade que reúne todos os mundos deixe em nós a impressão de sua grandeza. É bem verdade que o espetáculo da noite se transfigurou perante nossas almas desde que reconhecemos nessa imortalidade sem limites o teatro futuro de nossa imortalidade. O céu que admiramos, o verdadeiro céu, não nos conta apenas da glória de Deus, ele nos mostra a própria obra divina sendo executada em nossa presença.**

**A tocha da Astronomia ilumina essas regiões misteriosas, que ameaçavam nos permanecer desconhecidas, apesar dos esforços de outras ciências menos poderosas; nossas aspirações, cortadas em sua seiva pela Morte, proclamava altivamente nossa imortalidade sem nos descobrir o campo onde ela devia se estender; hoje esse campo nos está descoberto; ao infinito de nossas aspirações a Astronomia dá o infinito do Universo, e nós podemos desde agora contemplar o céu onde nossos destinos nos esperam. Eis aí a Humanidade coletiva. Os seres desconhecidos que habitam todos esses mundos do espaço, são homens partilhando um destino semelhante ao nosso. E esses homens não são estrangeiros: nós os conhecemos ou deveremos conhecê-los algum dia.**

**Eles são da nossa imensa família humana; pertencem à nossa humanidade. Ó magos da eterna verdade, apóstolos do sacrifício, pais da sabedoria, você Sócrates, que tomou a cicuta, você seu aluno, ó Platão — vocês, Fídias e Praxíteles, escultores da beleza — vocês,  
discípulos do Evangelho, João, Paulo, Agostinho — vocês, apóstolos da ciência, Galileu, Kepler, Newton, Descartes, Pascal — e vocês, Rafael e Michelangelo, cujas concepções serão sempre nossos modelos — e vocês, cantores divinos, Hesíodo, Dante, Milton, Racine; Pergolese, Mozart, Beethoven, seriam vocês imobilizados num paraíso imaginário; teriam vocês mudado de natureza; não seriam mais vocês os homens que conhecemos e admiramos, e dormiriam agora, verdadeiras múmias, eternamente assentados em seu derradeiro lugar?**

**Não, a imortalidade não seria mais que uma sombra sem atividade, e nós gostaríamos tanto da tumba quanto do Nirvana sonhado pelos budistas. É a vida eterna que queremos, não a morte eterna. A vida eterna, vocês a conquistaram, almas ilustres, não pelo trabalho de uma única existência, mas por numerosas vidas continuando uma após a outra; vocês a conquistaram não como um campo de repouso aonde se vai dormir após a batalha, mas como uma terra prometida na qual vocês entraram e onde realizam agora as obras de uma existência gloriosa.**

**Vocês desenvolvem agora as faculdades brilhantes das quais a Terra não conheceu mais que o germe, e que exigiram, para desabrochar, outros sóis mais fecundos que o nosso; vocês dão livre curso às aspirações sublimes que apenas se adivinharam nesta terra onde nenhum objeto era realmente digno de atraí-los, onde nenhuma força era capaz de sustentá-los; vocês prosseguem, enfim, na atividade incessante de seu espírito, o objetivo mais caro a cada um de vocês. É aí que vocês estão, neste céu calmo que nos domina, em meio às luzes inalteráveis que constelam o éter.**

**Nós os contemplamos daqui nessas longínquas moradas, e sentimos com amor que esses mundos silenciosos não nos são estrangeiros, como os julgamos outrora. Mais felizes que nós, que ainda somos sacudidos pelas ondas da incerteza, vocês levantaram os véus do Universo; talvez vocês percebem lá do alto nosso pequeno Sol, e distingam a pequena mancha que se chama a Terra e que reconhecem como sua antiga moradia. Talvez coloquem em ação as forças do pensamento e conheçam suas leis, e talvez escutem de seu lar a prece cheia de admiração daqueles que os veneram!  
  
Seja como for, e apesar da obscuridade que nos envolve ainda quando tentamos visitar em espírito esse mundo misterioso, devemos, discípulos fiéis da filosofia natural, nos esforçar por compreender em sua simplicidade e grandeza o ensinamento sempre unânime da natureza. Pluralidade dos mundos, pluralidade das existências: eis dois termos que se completam e iluminam um ao outro. Nós poderíamos tratar de descobrir agora se o segundo não é tão racional, tão admissível, tão sedutor mesmo quanto o primeiro; mas nós atingimos o objetivo desta obra demonstrando este.**

**Cabe ao leitor interrogar sua consciência na sinceridade das indagações de boa-fé; cabe a ele libertar sua alma de todo entrave que poderia ainda se opor à inteira manifestação de sua liberdade; cabe a ele confiar-se ao voo instintivo desta alma, que se conduzirá ela mesma às regiões luminosas da verdade.  
  
A doutrina da Pluralidade dos Mundos nos conduziu às portas de uma crença religiosa erigida sobre o verdadeiro sistema do mundo; a missão deste livro não é entrar na arena e discutir os elementos desta crença; mas então pararemos aqui, felizes e satisfeitos por termos vindo ao domínio religioso e ter-lhe aberto as portas. A Astronomia tem nas mãos as chaves deste domínio; ela assentou os fundamentos da filosofia do futuro: nós o reconhecemos com entusiasmo, e agradecemos à Ciência do Universo o ter-nos conduzido até lá. Mas não cabe a esta Ciência construir as cidades da metafísica; vieram já filósofos que se impuseram o cumprimento desta empreitada, outros virão em breve que continuarão a obra e expulsarão as últimas trevas que pesam ai nda sobre as verdadeiras ciências da teologia e da psicologia. (..)   
  
04 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 132**

**XI — A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS  
Sob que forma se desenvolve a vida imortal, e que é na realidade a vida da alma? Para responder a tais perguntas, cumpre ir à origem e examinar em seu conjunto o problema das existências. Sabemos que, em nosso globo, a vida aparece primeiramente sob os mais simples, os mais elementares aspectos, para elevar-se, por uma progressão constante, de formas em formas, de espécies em espécies, até ao tipo humano, coroamento da criação terrestre. Pouco a pouco, desenvolvem-se e depuram-se os organismos, aumenta a sensibilidade. Lentamente, a vida liberta-se dos liames da matéria; o instinto cego dá lugar à inteligência e à razão.**

**Teria cada alma percorrido esse caminho medonho, essa escala de evolução progressiva, cujos primeiros degraus afundam-se num abismo tenebroso? Antes de adquirir a consciência e a liberdade, antes de se possuir na plenitude de sua vontade, teria ela animado os organismos rudimentares, revestido as formas inferiores da vida? Em uma palavra: teria passado pela animalidade? O estudo do caráter humano, ainda com o cunho da bestialidade, leva-nos a supor isso.  
  
O sentimento da justiça absoluta diz-nos também que o animal, tanto quanto o homem, não deve viver e sofrer para o nada. Uma cadeia ascendente e contínua liga todas as criações, o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal, e este ao ente humano. Liga-os duplamente, ao material como ao espiritual. Não sendo a vida mais que uma manifestação do espírito, traduzida pelo movimento, essas duas formas de evolução são paralelas e solidárias.  
  
A alma elabora-se no seio dos organismos rudimentares. No animal está apenas em estado embrionário; no homem, adquire o conhecimento, e não mais pode retrogradar. Porém, em todos os graus ela prepara e conforma o seu invólucro. As formas sucessivas que reveste são a expressão do seu valor próprio. A situação que ocupa na escala dos seres está em relação direta com o seu estado de adiantamento. Não se deve acusar Deus por ter criado formas horrendas e desproporcionadas. Os seres não podem ter outras aparências que não sejam as resultantes das suas tendências e dos hábitos contraídos.**

**Acontece que almas, atingindo o estado humano, escolhem corpos débeis e sofredores para adquirirem as qualidades que devem favorecer a sua elevação; porém, na Natureza inferior nenhuma escolha poderiam praticar e o ser recai forçosamente sob o império das atrações que em si desenvolveu.  
  
Essa explicação pode ser verificada por qualquer observador atento. Nos animais domésticos as diferenças de caráter são apreciáveis, e até os de certas espécies parecem mais adiantados que outros. Alguns possuem qualidades que se aproximam sensivelmente das da Humanidade, sendo suscetíveis de afeição e devotamento. Como a matéria é incapaz de amar e sentir, forçoso é que se admita neles a existência de uma alma em estado embrionário.**

**Nada há aliás maior, mais justo, mais conforme à lei do progresso, do que essa ascensão das almas operando-se por escalas inumeráveis, em cujo percurso elas próprias se formam: pouco a pouco se libertam dos instintos grosseiros e despedaçam a sua couraça de egoísmo para penetrarem nos domínios da razão, do amor, da liberdade. É soberanamente justo que a mesma aprendi-zagem chegue a todos, e que nenhum ser alcance o estado superior sem ter adquirido aptidões novas.  
  
No dia em que a alma, libertando-se das formas animais e chegando ao estado humano, conquistar a sua autonomia, a sua responsabilidade moral, e compreender o dever, nem por isso atinge o seu fim ou termina a sua evolução. Longe de acabar, agora é que começa a sua obra real; novas tarefas chamam-na. As lutas do passado nada são ao lado das que o futuro lhe reserva. Os seus renascimentos em corpos carnais suceder-se-ão. De cada vez, ela continuará, com órgãos rejuvenescidos, a obra do aperfeiçoamento interrompida pela morte, a fim de prosseguir e mais avançar.**

**Eterna viajora, a alma deve subir, assim, de esfera em esfera, para o Bem, para a Razão infinita, alcançar novos níveis, aprimorar-se sem cessar em ciência, em critério, em virtude. Cada uma das existências terrestres mais não é que um episódio da vida imortal. Alma nenhuma poderia em tão pouco tempo despir-se de todos os vícios, de todos os erros, de todos os apetites vulgares, que são outros tantos vestígios das suas vidas desaparecidas, outras tantas provas da sua origem.  
  
Calculando o tempo que foi preciso à Humanidade, desde a sua aparição no globo, para chegar ao estado da civilização, compreenderemos que, para realizar os seus destinos, para subir de claridades em claridades até ao absoluto, até ao divino, a alma necessita de períodos sem limites, de vidas sempre novas, sempre renascentes. Só a pluralidade das existências pode explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das aptidões, a desproporção das qualidades morais, enfim, todas as desigualdades que ferem a nossa vista.  
  
Fora dessa lei, indagar-se-ia inutilmente por que certos homens possuem talento, sentimentos nobres, aspirações elevadas, enquanto muitos outros só tiveram em partilha tolice, paixões vis e instintos grosseiros. Que pensar de um Deus que, estabelecendo uma só vida corporal, nos houvesse dotado tão desigualmente, e, do selvagem ao civilizado, tivesse reservado aos homens bens tão desproporcionados e tão diferente nível moral? Se não fosse a lei das reencarnações, a iniquidade governaria o mundo.  
  
A influência dos meios, a hereditariedade, as diferenças de educação não bastam para explicar essas anomalias. Vemos os membros de uma mesma família, semelhantes pela carne e pelo sangue, educados nos mesmos princípios, diferençarem-se em bastantes pontos. Homens excelentes têm tido monstros por filhos. Marco Aurélio, por exemplo, foi o genitor de Cômodo; personagens célebres e estimadas têm descendido de pais obscuros, destituídos de valor moral.  
  
Se para nós tudo começasse com a vida atual, como explicar tanta diversidade nas inteligências, tantos graus na virtude e no vício, tantas variedades nas situações humanas? Um mistério impenetrável pairaria sobre esses gênios precoces, sobre esses Espíritos prodigiosos que, desde a infância, penetram com ardor as veredas da arte e das ciências, ao passo que tantos jovens empalidecem no estudo e ficam medíocres, apesar dos seus esforços.  
  
Todas essas obscuridades se dissipam perante a doutrina das existências múltiplas. Os seres que se distinguem pelo seu poder intelectual ou por suas virtudes têm vivido mais, trabalhado mais, adquirido experiência e aptidões maiores. O progresso e a elevação das almas dependem unicamente de seus trabalhos, da energia por elas desenvolvida no combate da vida. Umas lutam com coragem e rapidamente franqueiam os graus que as separam da vida superior, enquanto outras imobilizam-se durante séculos em existências ociosas e estéreis.**

**Porém, essas desigualdades, resultantes dos feitos do passado, podem ser resgatadas e niveladas nas vidas futuras. Em resumo, o ser se forma a si próprio pelo desenvolvimento gradual das forças que estão consigo. Inconsciente ao princípio, sua vida vai ganhando inteligência e torna-se consciente logo que chega à condição humana e entra na posse de si mesmo. Aí a sua liberdade ainda é limitada pela ação das leis naturais que intervêm para assegurar a sua conservação. O livre-arbítrio e o fatalismo assim se equilibram e moderam-se um pelo outro.**

**A liberdade e, por conseguinte, a responsabilidade são sempre proporcionais ao adiantamento do ser. Eis a única solução racional do problema. Através da sucessão dos tempos, na superfície de milhares de mundos, as nossas existências desenrolam-se, passam, renovam-se, e, em cada uma delas, desaparece um pouco do mal que está em nós; as nossas almas fortificam-se, depuram-se, penetram mais intimamente nos caminhos sagrados, até que, livres das encarnações dolorosas, tenham adquirido, por seus méritos, acesso aos círculos superiores, onde eternamente irradiarão em beleza, sabedoria, poder e amor!  
  
  
05 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 88, 144**

**XVI - AS VIDAS SUCESSIVAS E OS MUNDOS HABITADOS  
Alguns estudiosos, há muitos séculos, guardam as verdadeiras concepções do Universo, o qual não se encontra circunscrito ao minúsculo orbe terreno e é representado pelo infinito dos mundos, dentro do infinito de Deus. Não obstante as teorias do sistema geocêntrico, que encarava a Terra como o centro do grupo de planetas em que vos encontrais, a idéia da multiplicidade dos sóis vinha, de há muito, animando o cérebro dos pensadores da antiguidade.  
  
Apesar da objetiva dos vossos telescópios, que descortinam, na imensidade, "as terras do céu", julga-se erradamente que apenas o vosso mundo oferece condições de habitabilidade e somente nele se verifica o florescimento da vida. Infelizmente, são inúmeros os que duvidam dessa realidade inconteste, aprisionados em escolas filosóficas que pecam pelo seu caráter obsoleto e incompatível com a evolução da Humanidade, em geral.  
  
É que não reconhecem que a Terra minúscula é apenas um ponto obscuro e opaco, no concerto sideral, e nada de singular existe nela que lhe outorgue, com exclusividade, o privilégio da vida; em contraposição aos assertos dos negadores, podeis notar, cientificamente, que é mesmo, em vosso plano, o local do Universo onde a vida encontra mais dificuldade para se estabelecer.  
  
ESPONTANEIDADE IMPOSSÍVEL  
Grande é a tortura dos seres racionais que, no mundo terráqueo, buscam guarda para as suas aspirações de progresso, porquanto, do berço ao túmulo, suas existências representam grande soma de esforços combatendo com a Natureza inconstante, com as mais diversas condições climatéricas, arrasadoras da saúde e causas de um combate acérrimo da parte do homem, porque não lhe é possível viver em afinidade perfeita com a natureza submetida às mais bruscas mutações, sendo obrigado a criar a sua moradia, organizar a sua habitação, que representa, de fato, a sua escravidão primeira, impedindo-lhe uma existência cheia de harmonia e espontaneidade.  
  
O vosso mundo vos obriga a uma vida artificial, já que sois obrigados a buscar, cotidianamente, o sustento do corpo que se gasta e consome nessa batalha sem tréguas. Nele, as mais belas faculdades espirituais são frequentemente sufocadas, em virtude das mais imperiosas necessidades da matéria.  
  
HÁ MUNDOS INCONTÁVEIS  
Que se calem os que puderem descobrir a vida apenas em vossa obscura penitência de náufragos morais. Por que razão a Vontade Divina colocaria na amplidão essas plagas longínquas? Enxergar nesses mundos distantes somente objetos de estudo da vossa Astronomia é um erro; eles estão, às vezes, regulados por forças mais ou menos idênticas às que controlam a vossa vida. Em sua superfície observam-se os fenômenos atmosféricos e outros, cuja explicação é inacessível ao vosso entendimento.**

**Por que os formaria o Criador para o ermo do silêncio e do deserto? Podereis conceber cidades bem construídas, abarrotadas de tesouros e magnificências, apodrecendo sem habitantes? Há mundos incontáveis e muitos deles formados de fluidos rarefeitos, inatingidos, na atualidade, pelos vossos instrumentos de ótica.  
  
MUNDO DE EXÍLIO E ESCOLA REGENERADORA  
A Terra não representa senão um detalhe obscuro no ilimitado da Vida, região da amargura, da provação e do exílio; constituindo, porém, uma plaga de sombras, varrida, muitas vezes, pelos cataclismos do infortúnio e da destruição, deve representar, para todos quantos a habitam, uma abençoada escola, onde se regenera o Espírito culpado e onde ele se prepara, demandando glorioso porvir.  
  
Significa um dever de todo homem o trabalho próprio, no sentido de atenuar as más condições do seu meio ambiente, aplainando todas as dificuldades de ordem material e moral, porquanto a evolução depende de todos os esforços individuais no conjunto das coletividades.  
  
Forças ocultas, leis desconhecidas, esperam que a alma humana delas se utilize e, à medida que se espalhe o progresso moral, mais os homens se beneficiarão na fonte bendita do conhecimento.  
  
O ESTÍMULO DO CONHECIMENTOS  
Para a Humanidade terrestre a revelação de outras pátrias do firmamento, fragmentos da Pátria Universal, não deve constituir uma razão para desânimo de quantos se entregam aos labores profícuos do estudo. Os desequilíbrios que se verificam no orbe terreno obedecem a uma lei de justiça, acima de todas as coisas transitórias; e, além disso, a primeira obrigação de todo homem é colaborar, em todos os minutos de sua passageira existência, em prol da melhoria do seu próximo, consciente de que trabalhar a benefício de outrem é engrandecer-se.  
  
O conhecimento das condições perfeitas da vida, em outros mundos, não deve trazer abatimento aos extremistas do ideal. Semelhante verdade deve encher o coração humano de sagrados estímulos. Saudai, pois, o concerto da vida, do seio dos vossos combates salvadores!...  
  
Sóis portentosos, luzes policrômicas, mundos maravilhosos, existem embalados pelas harmonias que a perfeição eleva à Entidade Suprema!... Além do Grande Cão, da Ursa, de Hércules, outras constelações atestam a grandeza divina. Os firmamentos sucedem-se ininterruptamente nas amplidões etéreas, mas a Humanidade, para Deus, é uma só e o laço do seu amor reúne todos os seres.  
  
08 - HÁ DOIS MIL ANOS - EMMANUEL - PÁG. 13**

**De outras vezes, Emmanuel ensinava aos seus companheiros encarnados a necessidade de nossa ligação espiritual com Jesus, no desempenho de todos os trabalhos. No dia 4 de janeiro de 1939, grafafa ele esta prece, ainda com respeito às suas memórias do passado remoto: -"Jesus, Cordeiro Misericordioso do Pai de todas as graças, são passados dois mil anos e minha pobre alma ainda revive os seus dias amargurados e tristes!...**

**Que são dois milênios, Senhor, no relógio da Eternidade? Sinto que a tua misericórdia nos responde em suas ignotas profundezas...Sim, o tempo é o grande tesouro do homem e vinte séculos, como vinte existências diversas, podem ser vinte dias de provas, de experiências e de lutas redentoras.  
  
Só a tua bondade é infinita! Somente tua misericórdia pode abranger todos os séculos e todos os seres, porque em Ti vive a gloriosa síntese de toda a evolução terrestre, fermento divino de todas as culturas, alma sublime de todos os pensamentos. Diante de meus pobres olhos, desenha-se a velha Roma dos meus pesares e das minhas quedas dolorosas... Sinto-me ainda envolto na miséria de minhas fraquezas e contemplo os monumentos das vaidades humanas... Expressões políticas, variando nas suas características de liberdade e de força, detentores da autoridade e do poder, senhores da fortuna e da inteligência, grandezas efémeras que perduram apenas por um dia fugaz!...**

**Tronos e púrpuras, mantos preciosos das honrarias terrestres, togas da falha justiça humana, parlamentos e decretos supostos irrevogáveis!... Em silêncio, Senhor, viste a confusão que se estabelecera entre os homens inquietos e, com o mesmo desvelado amor, salvaste sempre as criaturas no instante doloroso das ruínas supremas... Deste a mão misericordiosa e imaculada aos povos mais humildes e mais frágeis, confundiste a ciência mentirosa de todos os tempos, humilhaste os que se consideravam grandes e poderosos!. ..  
  
Sob o teu olhar compassivo, a morte abriu suas portas de sombra e as falsas glórias do mundo foram derruídas no torvelinho das ambições, reduzindo-se todas as vaidades a um acervo de cinzas!... Ante minhalma surgem as reminiscências das construções elegantes das colinas célebres; vejo o Tibre que passa, recolhendo os detritos da grande Babilônia imperial, os aquedutos, os mármores preciosos, as termas que pareciam indestrutíveis... Vejo não as ruas movimentadas, onde uma plebe miserável espera as graças dos grandes senhores, as esmolas de trigo, os fragmentos de pano para resguardarem do frio a nudez da carne.  
  
Regurgitam os circos... Há uma aristocracia do patriciado observando as provas elegantes do Campo de Marte e, em tudo, das vias mais humildes até os palácios mais suntuosos, fala-se de César, o Augusto!...  
  
Dentro dessas recordações, eu passo, Senhor, entre farraparias e esplendores, com o meu orgulho miserável! Dos véus espessos de minhas sombras, também eu não te podia ver, no Alto, onde guardas o teu sólio de graças inesgotáveis... Enquanto o grande Império se desfazia em suas lutas inquietantes, trazias o teu coração no silêncio e, como os outros, eu não percebia que vigiavas!  
  
Permitiste que a Babel romana se levantasse muito alto, mas, quando viste que se ameaçava a própria estabilidade da vida no planeta, disseste: — "Basta! São vindos os tempos de operar-se na seara da Verdade!" E os grandes monumentos, com as estátuas dos deuses antigos, rolaram de seus pedestais maravilhosos! Um sopro de morte varreu as regiões infestadas pelo vírus da ambição e do egoísmo desenfreado, despovoando-se, então, a grande metrópole do pecado. Ruíram os circos formidandos, caíram os palácios, enegreceram--se os mármores luxuosos...  
  
Bastou uma palavra tua, Senhor, para que os grandes senhores voltassem às margens do Tibre, como escravos misérrimos!... Perambulámos, assim, dentro da nossa noite, até o dia em que nova luz brotara em nossa consciência. Foi preciso que os séculos passassem, para aprendermos as primeiras letras de tua ciência infinita, de perdão e de amor! (...)**

**10 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões: 166, 222, 1010**

**Perg. 166 - A alma que não atingiu a perfeição durante a vida corpórea, como acaba de depurar-se?  
- Submetendo-se à provade uma nova existência.  
Perg. 166a - Como se realiza ela essa nova existência? Pela sua transformação como Espírito?  
- Ao se depurar, a alma sofre sem dúvida uma transformação, mas para isso necessita da prova da vida corpórea.  
Perg. 166b - A alma tem muitas existências corpóreas?  
- Sim, todos nós temos muitas existências. Os que dizem o contrário querem manter-vos na ignorância em que eles mesmos se encontram; esse é o seu desejo.  
Perg. 166c - Parece resultar, desse princípio, que, após ter deixado o corpo, a alma toma outro. Dito de outra maneira, que ela se reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?  
- É evidente.**

**Perg. 167 - Qual é a finalidade da reencarnação?  
- Expiação, melhoramento progressivo da humanidade. Sem isto, onde estaria a justiça?  
Perg. 168 - O número das existências corpóreas é limitado, ou o Espírito se reencarna perpetuamente?  
- A cada nova existência, o Espírito dá um passo na senda do progresso; quando se despoja de todas as impurezas, não precisa mais das provas da vida corpórea.**

**Perg. 169 - O numéro das encarnações é o mesmo para todos os Espíritos?  
- Não. Aquele que avança rapidamente poupa-se das provas. Não obstante, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porque o progresso é quase infinito.  
Perg. 170 - Em que se transforma o Espírito, depois da sua última encarnação?  
- Espírito bem-aventurado; um Espírito puro.**

**Capítulo—V - CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS  
222. O dogma da reencarnação, dizem algumas pessoas, não é novo; foi ressuscitado de Pitágoras. Mas jamais dissemos que a Doutrina Espírita fosse uma invenção moderna. O Espiritismo deve ter existido desde a origem dos tempos, pois decorre da própria Natureza. Temos sempre procurado provar que se encontram os seus traços desde a mais alta Antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não é o criador do sistema da metempsicose, que tomou dos filósofos indianos e dos meios egípcios, onde ela existia desde épocas imemoriais.**

**A idéia da transmigração das almas era, portanto, uma crença comum, admitida pelos homens mais eminentes. Por que maneira chegou até eles? Pela revelação, ou por intuição? Não o sabemos. Mas, seja como for, uma idéia não atravessa as idades e não é aceita pelas inteligências mais adiantadas, se não tiver um aspecto sério. A antiguidade desta doutrina, portanto, em vez de ser uma objeção, devia ser antes uma prova a seu favor. Há, porém, como igualmente se sabe, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, a grande diferença de que os Espíritos rejeitam, da maneira mais absoluta, a transmigração do homem nos animais e vice-versa.  
  
Os Espíritos, ensinando o dogma da pluralidade das existências corpóreas, renovam uma doutrina que nasceu nos primeiros tempos do mundo e que se conservou até os nossos dias, no pensamento íntimo de muitas pessoas. Apresentam-na, porém, de um ponto de vista mais racional, mais conforme com as leis progressivas da Natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, ao despojá-la de todos os acréscimos da superstição. Uma circunstância digna de nota é que não foi apenas neste livro que eles a ensinaram, nos últimos tempos: desde antes da sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza foram obtidas, em diversas regiões, e multiplicaram-se consideravelmente depois. Seria o caso, talvez, de examinar-se, porque todos os Espíritos não parecem de acordo sobre este ponto.  
  
Examinemos o assunto por outro ângulo, fazendo abstração da intervenção dos Espíritos.. Deixemo-los de lado por um instante. Suponhamos que esta teoria nunca foi dada por eles; suponhamos mesmo que nunca se tenha cogitado disto com os Espíritos. Coloquemo-nos momentaneamente numa posição neutra, admitindo o mesmo grau de probabilidade para uma hipótese e outra, a saber: a da pluralidade e a da unicidade das existências corpóreas, e vejamos.para que lado nos levam a razão e o nosso próprio interesse.  
  
Certas pessoas repelem a idéia da reencarnação pelo único motivo de que ela não lhes convém, dizendo que lhes basta uma existência e não desejam iniciar outra semelhante. Conhecemos pessoas que, à simples idéia de voltar à Terra, ficam endurecidas. Só temos a lhes perguntar se Deus devia pedir-lhes conselho e consultar os seus gostos, para ordenar o Universo. De duas uma: a reencarnação existe ou não existe. Se existe, é inútil opor-se a ela, pois terão de sofrê-la, sem que Deus lhes peça permissão para isso. Parece-nos ouvir um doente dizer: Já sofri hoje demais e não quero tornar a sofrer amanhã. Qualquer que seja a sua má vontade, isso não o fará sofrer menos amanhã e nos dias seguintes, até que consiga curar-se.**

**Da mesma maneira, se essas pessoas devem reviver corporalmente, reviverão, tornarão a encarnar-se; perderão o tempo a protestar, o tino uma criança que não quer ir a escola ou um condenado à prisão, pois terão de passar por ela. Objeções dessa espécie são demasiado pueris para merecerem exame mais sério. Diremos, entretanto, a essas pessoas, para tranquilizá-las, que a doutrina espírita sobre a reencarnação não é tão terrível como pensam, e que se a estudassem a fundo não teriam do que se assustar. Saberiam que a situação dessa nova existência depende delas mesmas: será feliz ou desgraçada, segundo o que tiverem feito neste plano, e podem desde já elevar-se tão alto, que não mais deverão temer nova queda no lodaçal.  
  
Supomos falar a pessoas que acreditam num futuro qualquer após a morte, e não às que só têm o nada como perspectiva, ou que desejam mergulhar a sua alma no Todo Universal, sem conservar a individualidade como as gotas de chuva no oceano, o que vem a ser mais ou menos a mesma coisa, Se acreditais num futuro qualquer, por certo não admitireis que ele seja o mesmo para todos, pois qual seria a utilidade do bem? Por que reprimir-se, por que não satisfazer a todas as paixões, a todos os desejos, mesmo à custa dos outros, se isso não teria consequência?  
  
Acreditai, pelo contrário, que esse futuro será mais ou menos feliz ou desgraçado, segundo o que tivermos feito durante a vida, e tereis o desejo de que ele seja o mais feliz possível, pois deverá durar pela eternidade. Teríeis a pretensão de ser uma das criaturas mais perfeitas que já passaram pela Terra, tendo assim o direito imediato à felicidade dos eleitos? Não. Admitis, então, que há criaturas que valem mais do que vós e têm direito a uma situação melhor, sem por isso vos considerardes entre os réprobos. Pois bem: colocai-vos por um instante, pelo pensamento, nessa situação intermediária, que será a vossa, como o admitis, e suponde que alguém venha dizer-vos:**

**"Sofreis, não sois tão felizes como poderíeis ser, enquanto tendes diante de vós os que gozam de uma felicidade perfeita: quereis trocar a vossa posição com a deles ?" — "Sem dúvida!" responderíeis, "mas o que devo fazer?"— "Quase nada: recomeçar o que fizestes mal e tratar de fazê-lo melhor." — Hesitaríeis em aceitar, mesmo que fosse ao preço de muitas existências de provas? Façamos uma comparação mais prosaica. Se a um homem que, sem estar na miséria extrema, passa pelas privações decorrentes da sua precariedade de recursos, viessem dizer: "Eis uma imensa fortuna que podereis gozar, sendo porém necessário trabalhar rudemente durante um minuto".**

**Fosse ele o maior preguiçoso da Terra, e diria sem hesitar: "Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso! O que será isso, para acabar a minha vida na abundância?" Ora, o que é a duração da vida corporal em relação à eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo. Ouvimos algumas vezes este raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem o reinicio de uma série de misérias e tribulações. Acharão, por acaso, que há mais bondade em condenar o homem a um sofrimento perpétuo, por alguns momentos de erro, do que em lhe conceder os meios de reparar as sua faltas?**

**"Dois fabricantes tinham, cada qual, um operário que podia aspirar a se tomar sócio da firma. Ora, aconteceu que esses dois operários empregaram mal, certa vez, o seu dia de trabalho, e mereceram ser despedidos. Um dos fabricantes despediu o seu empregado, apesar de suas súplicas, e este, não mais encontrando emprego, morreu na miséria. O outro disse ao seu empregado: Perdeste um dia e me deves uma compensação; fizeste mal o trabalho e me deves a reparação; eu te permito recomeçar; trata de fazê-lo bem, e eu te conservarei e poderás continuar aspirando à posição superior que te prometi".**

**Seria necessário perguntar qual dos dois fabricantes foi mais humano? Deus, que é a própria clemência, seria mais inexorável que um homem? O pensamento de que a nossa sorte está para sempre fixada em alguns anos de prova, ainda mesmo quando nem sempre dependesse de nós atingir a perfeição sobre a Terra, tem qualquer coisa de pungente, enquanto a idéia contrária é eminentemente consoladora, pois não nos tira a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem admitir uma hipótese mais do que a outra, diremos que, se pudéssemos escolher, ninguém preferiria um julgamento sem apelo. Um filósofo disse que, se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo para a felicidade do gênero humano; o mesmo se poderia dizer da pluralidade das existências.**

**Mas, como dissemos, Deus não nos pede licença, não consulta as nossas preferências; as coisas são ou não são. Vejamos de que lado estão as probabilidades, e tomemos o problema sob outro ponto de vista, fazendo sempre abstração do ensinamento dos Espíritos e unicamente, portanto, como estudo filosófico. Se não há reencarnação, não há mais do que uma existência corporal, isso é evidente. Se nossa existência corporal é a única, a alma de cada criatura foi criada por ocasião do nascimento, a menos que admitamos a anterioridade da alma. Mas, neste caso, perguntaríamos o que era a alma antes do nascimento, e se o seu estado não constituiria uma existência, sob qualquer forma.**

**Não há, pois, meio-termo: ou a alma existia ou não existia antes do corpo. Se ela existia, qual era a sua situação? Tinha ou não consciência de si mesma? Se não a tinha, era mais ou menos como se nSo existisse; se a tinha, sua individualidade era progressiva ou estacionária? Num e noutro caso, qual a sua situação ao tomar o corpo? Admitindo-se, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou o que dá no mesmo, que antes da encarnação só tinha faculdades negativas, formulemos as seguintes questões:  
  
l. Por que a alma revela aptidões tão diversas e independentes das idéias adquiridas pela educação?  
  
2. De onde vem a aptidão extranormal de algumas crianças de pouca idade para esta ou aquela ciência, enquanto outras permanecem inferiores ou medíocres por toda a vida?  
  
3. De onde vêm, para uns, as idéias inatas ou intuitivas, que não existem para outros?  
  
4. De onde vêm, para certas crianças, os impulsos precoces de vícios ou virtudes, esses sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, que contrastam com o meio em que nasceram?  
  
5. Por que alguns homens, independentemente da educação, são mais adiantados que outros?  
  
6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomarmos um criança hotentote, de peito, e a educarmos, enviando-a depois aos mais renomados liceus, faremos dela um Laplace ou um Newton?  
  
Perguntamos qual a Filosofia ou a Teosofia"' que pode resolver esses problemas. Ou as almas são iguais ao nascer, ou não são: quanto a isso não há duvida. Se são iguais, por que essas tamanhas diferenças de aptidões? Dirão que dependem do organismo. Mas, nesse caso, teríamos a doutrina mais monstruosa e mais imoral. O homem não seria mais que uma máquina, joguete da matéria; não teria a responsabilidade dos seus atos; tudo poderia atribuir às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, foi Deus quem as criou assim. Então, por que essa superioridade inata, conferida a alguns? Essa parcialidade estaria conforme à sua justiça e ao amor que dedica por igual a todas as criaturas?  
  
Admitamos, ao contrário, uma sucessão de existências anteriores e progressivas, e tudo se explicará. Os homens trazem, ao nascer, a intuição do que já haviam adquirido. São mais ou menos adiantados, segundo o número de existências por que passaram ou conforme estejam mais ou menos distanciados do ponto de partida: precisamente como, numa reunião de pessoas de todas as idades, cada uma terá um desenvolvimento de acordo vom o número de anos vividos. Para a vida da alma, as existências sucessivas serão o que os anos são para a vida do corpo.**

**Reuni um dia mil indivíduos de um até oitenta anos; suponde que um véu tenha sido lançado sobre todos os dias anteriores, e que, na vossa ignorância, julgais todos eles nascidos no mesmo dia: perguntareis, naturalmente, por que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruídos e outros ainda ignorantes. Mas, se a nuvem que vos oculta o passado for afastada, se compreenderdes que todos viveram por mais ou menos tempo, tudo estará explicado. Deus, na sua justiça, não podia ter criado almas mais perfeitas e outras menos perfeitas.**

**Mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos nada tem de contrário à mais rigorosa equidade. É porque só vemos o presente e não o passado, que não o compreendemos. Este raciocínio repousa sobre algum sistema, alguma suposição gratuita? Não, pois partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade de aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral. E verificamos que esse fato é inexplicável por todas as teorias correntes, enquanto a explicação é simples, natural, lógica, por uma nova teoria. Seria racional preferirmos aquela que nada explica à outra que tudo explica?  
  
No tocante à sexta pergunta, dirão sem dúvida que o hotentote é de uma raça inferior. Então perguntaremos se o hotentote é ou não humano. Se é humano, por que teria Deus, a ele e a toda a sua raça, deserdado dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se o não é, por que procurar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita é mais ampla que tudo isso. Para ela, não há muitas espécies de homens, mas apenas homens, seres humanos cujos espíritos são mais ou menos atrasados, mas sempre susceptíveis de progredir. Isto não está mais conforme à Justiça de Deus?  
  
Vimos a alma no seu passado e no seu presente. Se a considerarmos quanto ao futuro, encontraremos as mesmas dificuldades.  
  
1. Se a existência presente deve ser decisiva para a sorte futura, qual é, na vida futura, respectivamente, a posição do selvagem e a do homem civilizado? Estarão no mesmo nível ou estarão distanciados no tocante à felicidade eterna?  
  
2. O homem que trabalhou toda a vida para melhorar-se estará no mesmo plano daquele que permaneceu inferior, não por sua culpa, mas porque não teve o tempo nem a possibilidade de melhorar?  
  
3. O homem que praticou o mal, por não ter podido esclarecer-se, é culpado por um estado de coisas que dele em nada dependeu?  
  
4. Trabalha-se para esclarecer os homens, para os moralizar e civilizar. Mas, para um que se esclarece, há milhões que morrem cada dia, antes que a luz consiga atingí-los.**

**5. Qual é a sorte destes? Serão tratados como répobros? Caso contrário, o que fizeram eles, para merecerem estar no mesmo plano que os outros? (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **PLURALIDADE DO MUNDOS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Agonia das religiões - pág. 34** | **02 - A mulher na dimensão espírita - pág. 27, 40** |
| **03 - A plural.dos mundos habitados - toda a obra** | **04 - Análise das coisas - pág. 41** |
| **05 - Boa nova - pág. 169** | **06 - Catecismo espírita - pág. 35, 16ª lição** |
| **07 - Coragem - pág. 19** | **08 - Cristo espera por ti - pág. 310** |
| **09 - Curso dinâmico de Espiritismo - pág. 86** | **10 - Depois da morte - pág. 50, 58, 221** |
| **11 - Devassando o invisível - pág. 9** | **12 - Emmanuel - pág. 89** |
| **13 - Entre a matéria e o Espírito - pág.173** | **14 - Livro da esperança - pág. 29** |
| **15 - Mensagens além túmulo - pág. 70** | **16 - O consolador - pág. 55** |
| **17 - O exilado - pág. 175** | **18 - O Livro dos Espíritos - q 55, 1011** |
| **19 - O pensamento de Emmanuel - pág. 23** | **20 - O que é o espiritismo? - pág. 193** |
| **21 - O solar de Apolo - pág. 19, 100** | **22 - Os exilados de Capela - pág. 11** |
| **23 - Religião dos Espíritos - pág. 219** | **24 - Síntese de o novo testamento - pág. 77, 164** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PLURALIDADE DOS MUNDOS – COMPILAÇÃO**

**01 - Agonia das religiões - J. Herculano Pires - pág. 34**

**CAPÍTULO - IV EXPERIÊNCIA NO TEMPO  
O homem realiza a experiência de Deus no tempo, ao longo de sua evolução natural. Não se pode ter uma experiência artificial de Deus em alguns minutos ou algumas horas de meditação. Essa experiência é natural — e de natureza vital — faz parte integrante da vida e da existência humana. Podemos lembrar a expressão de Descartes: A idéia de Deus no homem é a marca do obreiro na sua obra. Descartes foi o precursor de Kardec, como João Batista o foi do Cristo. Temos, assim, uma curiosa correlação histórica entre o advento do Cristianismo e o advento do Espiritismo, que se completa em numerosos outros aspectos.  
  
Lembrando a teoria da reminiscência em Platão, em que as almas nascem na Terra marcadas pela recordação do mundo das idéias, compreenderemos mais facilmente a existência da idéia inata de Deus no homem. Essa idéia inata não é apenas marca, mas também o marco inicial e o pivô em torno do qual se processa todo o desenvolvimento espiritual da criatura humana. Podemos acompanhar esse processo desde a adoração dos elementos naturais pelo homem primitivo (a partir da litolatria, adoração da pedra e de outras formações minerais) até à eclosão do monoteísmo, com a ideia do Deus Único, que Kant considerou o mais elevado conceito formulado pela mente humana.**

**E vemos então que a idéia de Deus representa, histórica e antropologicamente, uma espécie de marca-passo de toda a evolução do homem. No episódio do Cogito, da cogitação de Descartes sobre a realidade ou não da existência, temos o momento em que ele descobre, no mais profundo de si mesmo, uma idéia estranha, que é a da existência de um Ser Absoluto e portanto absolutamente perfeito. Essa idéia não podia ter sido originada pelas suas experiências de ser relativo e imperfeito. Descartes a considerou estranha porque só poderia vir de fora dele, da existência real desse Ser Absoluto. Descobria assim que tivera uma experiência de Deus, inteiramente independente de todas as suas experiências terrenas.  
  
A importância desses fatos históricos e culturais foi negligenciada pela cultura leiga que se desenvolveu na Renascença e deu forma ao mundo moderno. O predomínio crescente das conquistas materiais da Civilização Ocidental asfixiou essas conquistas do espírito. O homem se esqueceu do significado desses fatos, desses episódios culminantes da cultura humana, e as religiões dogmáticas transformaram a ideia de Deus em simples crença desprovida de raízes experimentais. Coube ao Espiritismo restabelecer a verdade e colocar a experiência de Deus no seu devido lugar, no vasto panorama da evolução da Humanidade.**

**Trata-se da mais importante e profunda experiência do homem, uma experiência vital que deverá levá-lo à compreensão da sua verdadeira natureza e do seu verdadeiro destino. Impossível reduzi-la a uma conquista particular e eventual de algumas criaturas que hoje se entregam a práticas de meditação. Claro que com isso não pretendo negar nem diminuir o valor da meditação como disciplina mental e como recurso de elevação espiritual. Sustento apenas que a meditação é o produto e não a produtora da experiência de Deus, pois essa experiência já marcava o homem muito antes que ele houvesse adquirido o poder do pensamento abstraio e pudesse meditar. A vivência religiosa, pelo simples fato de ser vivência e não reflexão, é inerente ao homem desde o seu aparecimento no planeta. Essa é uma questão que hoje se coloca de maneira evidente.  
  
A concepção espírita vai mais longe e mais fundo, negando ao homem atual o direito de isolar-se do mundo para buscar a Deus, e portanto de buscar a Deus ou aos poderes espirituais através de processos artificiais. O meio natural de evolução, para o homem e para todas as coisas e todos os seres, é a relação. Se nos afastamos do relacionamento social e cultural para nos elevarmos, estamos nos colocando em posição errada e tomando um caminho ilusório. A busca solitária de Deus é um ato egocêntrico e preferencial. O místico vulgar não mergulha em si mesmo para encontrar em Deus a relação com o mundo, como o fez Descartes, mas, pelo contrário, para desligar-se do mundo e ligar-se isoladamente a Deus.**

**Não é guiado pelo amor à Humanidade, mas pelo amor a si mesmo. Prefere elevar-se acima dos outros para encontrar em Deus o refúgio e a fortaleza em que poderá construir e usufruir sozinho a sua felicidade particular. Prefere a fuga ao mundo, em termos de superioridade pessoal e portanto egoísta, anti-religiosa, à ligação com o mundo e com Deus para a realização da unidade global que é o objetivo da religião.  
  
A diferença absoluta entre a posição do Cristo e a posição do Buda e das chamadas religiões orientais é precisamente essa. Enquanto o Buda abandona o mundo para buscar a Deus na solidão, o Cristo mergulha no mundo para religar os homens a Deus. A ação do Buda é subjetiva e contrária à experiência do mundo, enquanto a ação do Cristo é objetiva, considerando a experiência do mundo como necessária ao desenvolvimento da experiência de Deus no homem. Meio milhão de pessoas entregues à meditação para tentar a ligação pessoal de cada uma delas com Deus não representa um esforço coletivo de unidade — uma ação religosa — mas a simples coincidência de esforços particulares e isolados, como vemos na busca do ouro nas regiões auríferas. Não se trata, pois, de uma ação coletiva e sim de milhares de ações individuais e egoístas.  
  
Não quero de maneira alguma negar o valor espiritual do Buda, cuja posição correspondia à necessidade de orientação de uma comunidade de almas estranhas à Terra, exiladas em nosso planeta, que tinham por objetivo a volta aos seus mundos de origem. Nesse caso, a negação individual do mundo (do nosso mundo) tornava-se coletiva em virtude do objetivo comum do retorno ao paraíso perdido. A teoria espírita da migração entre os mundos — apoiada na teoria cristã das muitas moradas da Casa do Pai — é a chave indispensável à compreensão desse problema.  
  
A evolução de cada mundo atinge o momento em que a sua população se divide em dois campos bem diferenciados, como vemos hoje na Terra. Um deles evoluiu o suficiente para integrar uma humanidade planetária superior, o outro continua em estado inferior. A população desse campo inferior precisa ser transferida para outro mundo que esteja no seu nível evolutivo, a fim de que as criaturas refaçam ali o tempo perdido. Quando essa população atingir ali, no outro planeta o nível de evolução necessário, voltará ao seu mundo de origem. Nessa situação, a vivência isolada nas práticas solitárias da meditação constitui uma recapitulação de aprendizado. Era a essas almas emigradas que o Buda dirigia a sua mensagem superior, como outros haviam feito antes dele.  
  
Em nossa humanidade terrena somente a ação do Cristo — vencendo o mundo, segundo suas próprias palavras — impulsionou-nos ao aceleramento evolutivo que vem transformando a Terra não só nas áreas cristãs, mas em toda a sua extensão. O Cristianismo institucional, igrejeiro, absorvendo elementos espirituais das religiões orientais, que se opunham aos princípios de entrega ao mundo das religiões mitológicas, mergulhou no ascetismo das ordens monásticas do Oriente e no isolacionismo da concepção sócio-cêntrica de Israel.**

**As seitas cristãs fecharam-se em si mesmas, desde a comunidade apostólica do Livro de Atos dos Apóstolos, estabelecendo uma divisão arbitrária entre os escolhidos de Deus e os abandonados por Ele. A prática do batismo do espírito, do tempo de Jesus, que dava à criatura a experiência direta da realidade espiritual, converteu-se nas formas de evocação ritual e privilegiada do Espírito Santo, que dá ao crente a ilusão de uma separatividade conferida pela graça. As igrejas cristãs transformaram-se em ilhas de santidade e pureza em meio à impureza do mundo, como a Israel antiga no mundo mitológico. A experiência de Deus, pessoal e intransferível, substituiu a experiência de Deus no mundo, a vivência universal do ensino e do exemplo de Jesus.**

**É por isso que os cristãos de hoje se formalizam em grupos sócio-cêntricos fechados. Ao contrário disso, a revelação espírita considera a graça simplesmente como a força que Deus concede ao homem de boa-vontade para vencer as suas imperfeições, seja ele desta ou daquela religião ou de nenhuma delas. O batismo exclusivista e sectário é substituído pelo antigo batismo do espírito, acessível a todos, não segundo o cristério eclesiástico mas segundo o critério de Deus. (...)  
  
05 - Boa nova - Humberto de Campos - pág. 169**

**25 - A ÚLTIMA CEIA  
Reunidos os discípulos em companhia de Jesus, no primeiro dia das festas da Páscoa, como de outras vezes, o Mestre partiu o pão com a costumeira ternura. Seu olhar, contudo, embora sem trair a serenidade de todos os momentos, apresentava misterioso fulgor, como se sua alma, naquele instante, vibrasse ainda mais com os altos planos do invisível. Os companheiros comentavam com simplicidade e alegria os sentimentos do povo, enquanto o Mestre meditava, silencioso.  
  
Em dado instante, tendo-se feito longa pausa entre os amigos palradores, o Messias acentuou com firmeza impressionante:— Amados: é chegada a hora em que se cumprirá a profecia da Escritura. Humilhado e ferido, terei de ensinar em Jerusalém a necessidade do sacrifício próprio, para que não triunfe apenas uma espécie de vitória, tão passageira quanto as edificações do egoísmo ou do orgulho humanos. Os homens têm aplaudido, em todos os tempos, as tribunas douradas, as marchas retumbantes dos exércitos que se glorificaram com despojos sangrentos, os grandes ambiciosos que dominaram à força o espírito inquieto das multidões; entretanto, eu vim de meu Pai para ensinar como triunfam os que tombam no mundo, cumprindo um sagrado dever de amor, como mensageiros de um mundo melhor, onde reinam o bem e a verdade. Minha vitória é a dos que sabem ser derrotados entre os homens, para triunfarem com Deus, na divina construção de suas obras, imolando-se, com alegria, para glória de uma vida maior.  
  
Ante a resolução expressa naquelas palavras firmes, os companheiros se entreolharam, ansiosos. O Messias continuou:— Não vos perturbeis com as minhas afirmativas, porque, em verdade, um de vós outros me há de trair!... As mãos, que eu acariciei, voltam-se agora contra mim. Todavia, minhalma está pronta para execução dos desígnios de meu Pai. A pequena assembléia fez-se lívida. Com exceção de Judas, que entabulara negociações particulares com os doutores do Templo, faltando apenas o ato do beijo, a fim de consumar-se a sua defecção, ninguém poderia contar com as palavras amargas do Messias. Penosa sensação de mal-estar se estabelecera entre todos. O filho de Iscariotes fazia o possível por dissimular as suas dolorosas impressões, quando os companheiros se dirigiam ao Cristo com perguntas angustiadas:  
  
— Quem será o traidor? — disse Filipe, com estranho brilho nos olhos.— Serei eu? — indagou André ingenuamente.— Mas, afinal — objetou Tiago, filho de Alfeu, em voz alta—, onde está Deus que não conjura semelhante perigo? Jesus, que se mantivera em silêncio ante as primeiras interrogações, ergueu o olhar para o filho de Cleofas e advertiu:— Tiago, faze calar a voz de tua pouca confiança na sabedoria que nos rege os destinos. Uma das maiores virtudes do discípulo do Evangelho é a de estar sempre pronto ao chamado da Providência Divina. Não importa onde e como seja o testemunho de nossa fé.**

**O essencial é revelarmos a nossa união com Deus, em todas as circunstâncias. É indispensável não esquecer a nossa condição de servos de Deus, para bem lhe atendermos ao chamado, nas horas de tranquilidade ou de sofrimento. A esse tempo, havendo-se calado novamente o Messias, João interveio, perguntando:— Senhor, compreendo a vossa exortação e rogo ao Pai a necessária fortaleza de ânimo; mas, por que motivo será justamente um dos vossos discípulos o traidor de vossa causa? Já nos ensinastes que, para se eliminarem do mundo os escândalos, outros escândalos se tornam necessários; contudo, ainda não pude atinar com a razão de um possível traidor em nosso próprio colégio de edificação e de amizade.  
  
Jesus pousou no interlocutor os olhos serenos e acentuou:— Em verdade, cumpre-me afirmar que não me será possível dizer-vos tudo agora; entretanto, mais tarde enviarei o Consolador, que vos esclarecerá em meu nome, como agora vos falo em nome de meu Pai. E, detendo-se um pouco a refletir, continuou para o discípulo em particular:— Ouve, João: os desígnios de Deus, se são insondáveis, também são invariavelmente justos e sábios. O escândalo desabrochará em nosso próprio círculo bem-amado, mas servirá de lição a todos aqueles que vierem depois de nossos passos, no divino serviço do Evangelho. Eles compreenderão que para atingirem a porta estreita da renúncia redentora hão de encontrar, muitas vezes, o abandono, a ingratidão e o desentendimento dos seres mais queridos.**

**Isso revelará a necessidade de cada qual firmar-se no seu caminho para Deus, por mais espinhoso e sombrio que ele seja. O apóstolo impressionara-se vivamente com as derradeiras palavras do Mestre e passou a meditar sobre seus ensinos. As sensações de estranheza perduravam em toda a assembléia. Jesus, então, levantou-se e, oferecendo a cada companheiro um pedaço de pão, exclamou: — Tomai e comei! Este é o meu corpo. Em seguida, servindo a todos de uma pequena bilha de vinho, acrescentou:— Bebei! Porque este é o meu sangue, dentro do Novo Testamento, a confirmar as verdades de Deus.  
  
Os discípulos lhe acolheram a suave recomendação, naturalmente surpreendidos, e Simão Pedro, sem dissimular a sua incompreensão do símbolo, interrogou:— Mestre, que vem a ser isso?— Amados — disse Jesus, com emoção —, está muito próximo o nosso último instante de trabalho em conjunto e quero reiterar-vos as minhas recomendações de amor, feitas desde o primeiro dia do apostolado. Este pão significa o do banquete do Evangelho; este vinho é o sinal do espírito renovador dos meus ensinamentos. Constituirão o símbolo de nossa comunhão perene, no sagrado idealismo do amor, com que operaremos no mundo até o último dia. Todos os que partilharem conosco, através do tempo, desse pão eterno e desse vinho sagrado da alma, terão o espírito fecundado pela luz gloriosa do Reino de Deus, que representa o objetivo santo dos nossos destinos.  
  
Ponderando a intensidade do esforço a ser empregado e aludindo às multidões espirituais que se conservam sob a sua amorosa direção, fora dos círculos da carne, nas esferas mais próximas da Terra, o Cristo acrescentou:— Imenso é o trabalho da redenção, mesmo porque tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; mas o Reino nos espera com sua eternidade luminosa!...Altamente tocados pelas suas exortações solenes, porém, maravilhados ainda mais com as promessas daquele reinado venturoso e sem-fim, que ainda não podiam compreender claramente, a maioria dos discípulos começou a discutir as aspirações e conquistas do futuro.  
  
Enquanto Jesus se entretinha com João, em observações afetuosas, os filhos de Alfeu examinavam com Tiago as possíveis realizações dos tempos vindouros, antecipando opiniões sobre qual dos companheiros poderia ser o maior de todos, quando chegasse o Reino com as suas inauditas grandiosidades. Filipe afirmava a Simão Pedro que, depois do triunfo, todos deviam entrar em Nazaré para revelar aos doutores e aos ricos da cidade a sua superioridade espiritual. Levi dirigia-se a Tomé e lhe fazia sentir que, verificada a vitória, se lhes constituía uma obrigação a marcha para o Templo ilustre, onde exibiriam seus poderes supremos. Tadeu esclarecia que o seu intento era dominar os mais fortes e impenitentes do mundo, para que aceitassem, de qualquer modo, a lição de Jesus.  
  
O Mestre interrompera a sua palestra íntima com João, e os observava. As discussões iam acirradas. As palavras "maior de todos" soavam insistentemente aos seus ouvidos. Parecia que os componentes do sagrado colégio estavam na véspera da divisão de uma conquista material e, como os triunfadores do mundo, cada qual desejava a maior parte da presa. Com exceção de Judas, que se fechava num silêncio sombrio, quase todos discutiam com veemência. Sentindo-lhes a incompreensão, o Mestre pareceu contemplá-los com entristecida piedade.  
  
Nesse instante, os apóstolos observaram que ele se erguia. Com espanto de todos, despiu a túnica singela e cingiu-se com uma toalha em torno dos rins, à moda dos escravos mais íntimos, a serviço dos seus senhores. E como se fossem dispensáveis as palavras, naquela hora decisiva de exemplificação, tomou de um vaso de água perfumada e, ajoelhando-se, começou a lavar os pés dos discípulos. Ante o protesto geral em face daquele ato de suprema humildade, Jesus repetiu o seu imorredouro ensinamento:  
  
— Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Se eu, Senhor e Mestre, vos lavo os pés, deveis igualmente lavar os pés uns dos outros no caminho da vida, porque no Reino do Bem e da Verdade o maior será sempre aquele que se fez sinceramente o menor de todos.  
  
07 - Coragem - Espiritos Diversos - pág. 19**

**4. TUAS DIFICULDADES  
Imagina como seria difícil de suportar um educandário em que os alunos tão-somente soubessem chorar na hora do ensino. Reportamo-nos à imagem para considerar que sendo a Terra nossa escola multi-milenária, urge receber-lhe as dificuldades por lições aceitando-lhe a utilidade e o objetivo.**

**Diante dos obstáculos, ninguém precisa fixar-se no lado escuro que apresentem. Um náufrago, faminto de estabilidade, ao sabor das ondas, não se lembrará de examinar o lodo no fundo das águas, mas refletirá no melhor meio de alcançar a terra firme. Todo minuto de queixa é minuto perdido, arruinando potencialidades preciosas para a solução dos problemas, sobre os quais estejamos deitando lamentação.**

**Toda prova, seja qual for, aparece na estrada, a fim de elastecer-nos a força e aperfeiçoar-nos a experiência. Em síntese, quase toda dificuldade implica sofrimento e todo sofrimento, notadamente aqueles que não provocamos, redunda em renovação e auxílio para nós mesmos, lembrando a treva noturna, em cujo ápice começa a alvorada nova.**

**Saibamos arrostar os impedimentos da vida, sem receá-los. Cada qual deles é portador de mensagem determinada. Esse é um desafio a que entesoures paciência, aquele outro te impele à sublimação da capacidade de amar no cadinho da provação. Aprendamos, sobretudo, a decifrar os enigmas da existência, na oficina do Bem Eterno.**

**Serve e compreende. Serve e suporta. Serve e constrói. Serve e beneficia.**

**Tuas dificuldades - tuas bênçãos. Nelas e por elas, encontrarás o estímulo necessário para que não te precipites nos despenhadeiros do orgulho, e nem te encarceres nas armadilhas do marasmo, prosseguindo, passo a passo, degrau a degrau, em tua jornada de burilamento e ascensão. Emmanuel**

**10 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 50, 58, 221**

**"A essência em si escapa ao homem, dizia a doutrina pitagórica, pois ele só pode conhecer as coisas deste mundo, em que o finito se combina com o infinito. Como conhecê-las? Há entre ele e as coisas uma harmonia, uma relação, um princípio comum, e esse princípio é dado a tudo pelo Uno que, com a essência, fornece também a sua medida e inteligibilidade. "Vosso ser, vossa alma é um pequeno universo, mas está cheio de tempestades e de discórdias. Trata-se de realizar aí a unidade na harmonia. Somente então descerá Deus até vossa consciência, participareis assim do seu poder, e da vossa vontade fareis a pedra da ladeira, o altar de Hestia, o trono de Júpiter."  
  
Os pitagóricos chamavam espírito ou inteligência à parte ativa e imortal do ser humano. A alma era para eles o Espírito envolvido em seu corpo fluídico e etéreo. O destino da Psique, a alma humana, sua queda e cativeiro na carne, seus sofrimentos e lutas, sua reascensão gradual, seu triunfo sobre as paixões e sua volta final à luz, tudo isto constituía o drama da vida, representado nos Mistérios de Elêusis como sendo o ensino por excelência. Segundo Pitágoras, a evolução material dos mundos e a evolução espiritual das almas são paralelas, concordantes, e explicam-se uma pela outra. A grande alma, espalhada na Natureza, anima a substância que vibra sob seu impulso, e produz todas as formas e todos os seres.**

**Os seres conscientes, por seus longos esforços, desprendem-se da matéria, que dominam e governam a seu turno, libertam-se e aperfeiçoam-se através de existências inumeráveis. Assim, o invisível explica o visível, e o desenvolvimento das criações materiais é a manifestação do Espírito Divino. Procurando-se nos tratados de Física dos antigos a opinião deles sobre a estrutura do Universo, enfrentam-se dados grosseiros e atrasados; esses não são, porém, mais que alegorias. O ensino secreto dava, sobre as leis do Universo, noções muito mais elevadas. Diz-nos Aristóteles que os pitagóricos conheciam o movimento da Terra em torno do Sol.**

**A idéia da rotação terrestre veio a Copérnico pela leitura de uma passagem de Cícero, que lhe ensinou ter Hicetas, discípulo de Pitágoras, falado do movimento diurno do globo. No terceiro grau de iniciação aprendia-se o duplo movimento da Terra. Como os sacerdotes do Egito, seus mestres, Pitágoras sabia que os planetas nasceram do Sol, em torno do qual giram, e que cada estrela é um sol iluminando outros mundos, e que compõe, com seu cortejo de esferas, outros tantos sistemas siderais, outros tantos universos regidos pelas mesmas leis que o nosso. Essas noções, porém, jamais eram confiadas ao papel; constituíam o ensino oral comunicado sob sigilo. O vulgo não as compreenderia; considerá-las-ia como contrárias à mitologia, e, por conseguinte, sacrílegas.   
  
A ciência secreta também ensinava que um fluido imponderável se estende por toda parte, e tudo penetra. Agente sutil, sob a ação da vontade ele se modifica, se transforma, se rarefaz e se condensa segundo a potência e elevação das almas que o empregam, tecendo com essa substância o seu vestuário astral. É o traço de união entre o Espírito e a matéria, tudo gravando-se nele, refletindo-se como imagens em um espelho, seja pensamentos ou acontecimentos. Pelas propriedades deste fluido, pela ação que a vontade sobre ele exerce, explicam-se os fenômenos da sugestão e da transmissão do pensamento. Os antigos chamavam-lhe, por alegoria, véu misterioso de Isis ou manto de Cibele, que envolve tudo o que existe. Esse mesmo fluido serve de veículo de comunicação entre o visível e o invisível, entre os homens e as almas desencarnadas (...)  
  
V — A GALIA  
A Gália conheceu a grande doutrina; possuiu-a sob uma forma poderosa e original; soube dela tirar consequências que escaparam aos outros países. "Há três unidades primitivas, diziam os druidas, Deus, a Luz, e a Liberdade." Quando a índia já andava dividida em castas estacionárias, em limites infranqueáveis, as instituições gaulesas tinham por bases a igualdade de todos, a comunidade de bens e o direito eleitoral. Nenhum dos outros povos da Europa teve, no mesmo grau, o sentimento profundo da imortalidade, da justiça e da liberdade.  
  
É com veneração que devemos estudar as tendências filosóficas da Gália, porque aí encontraremos, fortemente denunciadas, todas as qualidades e também todos os defeitos de uma grande raça. Nada é mais digno de atenção e de respeito do que a doutrina dos druidas, os quais não eram bárbaros como se acreditou erradamente durante séculos.  
  
Por muito tempo, só conhecemos os gauleses pelos autores latinos e pelos escritores católicos. Mas, essas fontes devem, a justo título, ser suspeitas, pois esses autores tinham interesse direto em desacreditá-los e em desfigurar suas crenças. César escreveu os Comentários com evidente intenção de se exaltar aos olhos da posteridade. Folião e Suetônio confessam que nessa obra abundam inexatidões e erros voluntários. Os cristãos só vêem nos druidas homens sanguinários e supersticiosos; em seu culto somente encontram práticas grosseiras. Entretanto, certos padres da Igreja — Cirilo, Clemente de Alexandria e Orígenes distinguem com cuidado os druidas da multidão dos idólatras, e conferem-lhes o título de filósofos. Entre os autores antigos, Lucano, Horácio e Plorus consideravam a raça gaulesa como depositária dos mistérios do nascimento e da morte.   
  
Os progressos dos estudos célticos, a publicação das Tríades e dos cânticos bárdicos permitem-nos encontrar, em fontes seguras, uma justa apreciação de tais crenças. A filosofia dos druidas, reconstituída em toda a sua amplidão, conforma-se com a doutrina secreta do Oriente e com as aspirações dos espiritualistas modernos, pois, como estes, também afirma as existências progressivas da alma na escala dos mundos. Essa doutrina viril inspirava aos gauleses uma coragem indomável, uma intrepidez tal que eles caminhavam para a morte como para uma festa. Enquanto os romanos se cobriam de bronze e ferro, os gauleses despiam as vestes e combatiam a peito nu. Orgulhavam-se das suas feridas, e consideravam cobardia usar-se de astúcia na guerra.**

**Daí os seus repetidos reveses e a sua queda final. Tão grande era a certeza das vidas futuras que emprestavam dinheiro na expectativa de que seriam reembolsados em outros mundos. Os despojos dos guerreiros mortos, diziam, não são mais que invólucros gastos. Como indignos de atenção, eles os abandonavam no campo da batalha, o que era uma grande surpresa para os seus inimigos.  
Os gauleses não conheciam o inferno, e, por isso, Lucano, no canto primeiro da Farsália, os louva com os seguintes termos:"Para nós, as almas não se sepultam nos sombrios reinos do Érebo, mas sim voam a animar outros corpos em novos mundos. A morte não é senão o termo de uma vida. Felizes esses povos que não se arreceiam no momento supremo da vida; daí o seu heroísmo no meio de sangrentos combates, e o seu desprezo pela morte."  
  
Os gauleses eram castos, hospitaleiros e fiéis à fé jurada. Na instituição dos druidas encontraremos a mais alta expressão do gênio da Gália. Os druidas não constituíam um corpo sacerdotal, pois seus títulos equivaliam ao sábio, sapiente. Aqueles que os possuíam tinham a liberdade de escolher a sua tarefa. Alguns, sob o nome de eubages, presidiam às cerimônias do culto, porém, o maior número consagrava-se à educação da mocidade, ao exercício da justiça, ao estudo das ciências e da poesia. A influência política dos druidas era grande e tendia a realizar a unidade da Gália. No pais dos Carnutos haviam instituído uma assembléia anual, em que se reuniam os deputados das repúblicas gaulesas, e em que se discutiam as questões importantes, os graves interesses da pátria. Os druidas eram escolhidos por eleição e tinham de passar por um preparo de iniciação que exigia vinte anos de estudos.  
  
Praticava-se o culto debaixo da copa dos bosques. Os símbolos eram todos tomados da Natureza. O templo era a floresta secular de colunas inumeráveis, e sob zimbórios de verdura, onde os raios de sol penetravam com suas flechas de ouro, para irem derramar-se sobre a relva em mil tons de sombra e luz. Os murmúrios do vento, o frêmito das folhas, produziam em tudo acentos misteriosos, que impressionavam a alma e a levavam à meditação. A árvore sagrada, o carvalho, era o emblema do poder divino; o visco, sempre verde, era o da imortalidade. Por altar, tinham montões de pedra bruta. "Toda pedra lavrada é pedra profanada", diziam esses austeros pensadores. Em seus santuários jamais se encontrava objeto algum saído da mão dos homens. Tinham horror aos ídolos e às formas pueris do culto romano.  
  
A fim de que os seus princípios não fossem desnaturados ou materializados por imagens, os druidas proibiam as artes plásticas e mesmo o ensino escrito. Confiavam somente à memória dos bardos e dos iniciados o segredo da sua doutrina. Daí resultou a penúria de documentos relativos a tal época. (...)Esses sóis, que aparecem aos homens como simples lampadários, o Espírito os contempla em sua real e colossal grandeza; vê-los mais poderosos que o luminar do nosso planeta; reconhece a força de atração que os prende, e distingue ainda, em longínquas profundezas, os astros maravilhosos que presidem as evoluções.**

**Todos esses fachos gigantescos, ele os vê em movimento, gravitando, prosseguindo seu curso vagabundo, entrecruzando-se, como globos de fogo lançados no vácuo pela mão de um invisível jogador. Nós, perturbados sem cessar por vãos rumores, pelo confuso sussurro da colméia humana, não podemos conceber a calma solene, o majestoso silêncio dos espaços, que enche a alma de um sentimento augusto, de um assombro que toca as ralas do pavor. Mas o Espírito puro e bom é inacessível ao temor. Esse infinito, frio e silencioso para os Espíritos inferiores, anima-se logo para ele e o faz ouvir sua voz poderosa.**

**Livre da matéria, a alma percebe, aos poucos, as vibrações melodiosas do éter, as delicadas harmonias que descem das regiões celestes e compreende o ritmo imponente das esferas. Esse cântico dos mundos, essas vozes do infinito que soam no silêncio ela os saboreia até se sentir arrebatar. Recolhida, inebriada, cheia de um sentimento grave e religioso, banha-se nas ondas do éter, contempla as profundezas siderais, as legiões de Espíritos, sombras ligeiras que flutuam e se agitam em esteiras de luz. Assiste à génese dos mundos, vê a vida despertar-se e crescer na sua superfície, segue o desenvolvimento das humanidades que os povoam e, nesse grande espetáculo, verifica que em toda parte do Universo a atividade, o movimento e a vida ligam-se à ordem.  
  
Qualquer que seja seu adiantamento, o Espírito que acaba de deixar a Terra não pode aspirar a viver indefinidamente dessa vida superior. Adstrito à reencarnação, essa vida não lhe é senão um tempo de repouso: uma compensação aos seus males, uma recompensa aos seus méritos. Apenas aí vai retemperar-se e fortificar-se para as lutas futuras. Porém, nas vidas que o esperam não terá mais as angústias e os cuidados da existência terrestre. O Espírito elevado é destinado a renascer em planetas mais bem dotados que o nosso. A escala grandiosa dos mundos tem inúmeros graus, dispostos para a ascensão progressiva das almas, que os devem transpor cada um por sua vez.  
  
Nas esferas superiores à Terra o império da matéria é menor. Os males por esta originados atenuam-se, à medida que o ser se eleva e acabam por desaparecer. Lá, o ser humano não mais se arrasta penosamente sob a ação de pesada atmosfera; desloca-se de um lugar para outro com muita facilidade. As necessidades corpóreas são quase nulas e os trabalhos rudes, desconhecidos. Mais longa que a nossa, a existência aí se passa no estudo, na participação das obras de uma civilização aperfeiçoada, tendo por base a mais pura moral, o respeito aos direitos de todos, a amizade e a fraternidade. As guerras, as epidemias e os flagelos não têm acesso e os grosseiros interesses, causa das nossas ambições, não mais dividem os povos.  
  
Esses dados sobre as condições de habitabilidade dos mundos são confirmados pela Ciência. Pela espectroscopia já se conseguiu analisar os seus elementos constitutivos; já se pesou a sua massa, calculando seu poder de atração. A Astronomia nos mostra as estações do ano, variando de duração e intensidade, segundo a inclinação dos globos sobre sua órbita, e ensina-nos que Saturno tem a densidade do pau "bordo", Júpiter quase a da água, e que sobre Marte o peso dos corpos é menos de metade que na Terra. Ora, sendo a organização dos seres vivos a resultante das forças em ação sobre cada mundo, vemos que variedades de formas se originam desses fatos, que diferenças devem produzir-se nas manifestações da vida sobre os campos inumeráveis do espaço. (...)**  
**12 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 88, 144**

**XVI - AS VIDAS SUCESSIVAS E OS MUNDOS HABITADOS  
Alguns estudiosos, há muitos séculos, guardam as verdadeiras concepções do Universo, o qual não se encontra circunscrito ao minúsculo orbe terreno e é representado pelo infinito dos mundos, dentro do infinito de Deus. Não obstante as teorias do sistema geocêntrico, que encarava a Terra como o centro do grupo de planetas em que vos encontrais, a idéia da multiplicidade dos sóis vinha, de há muito, animando o cérebro dos pensadores da antiguidade.  
  
Apesar da objetiva dos vossos telescópios, que descortinam, na imensidade, "as terras do céu", julga-se erradamente que apenas o vosso mundo oferece condições de habitabilidade e somente nele se verifica o florescimento da vida. Infelizmente, são inúmeros os que duvidam dessa realidade inconteste, aprisionados em escolas filosóficas que pecam pelo seu caráter obsoleto e incompatível com a evolução da Humanidade, em geral.  
  
É que não reconhecem que a Terra minúscula é apenas um ponto obscuro e opaco, no concerto sideral, e nada de singular existe nela que lhe outorgue, com exclusividade, o privilégio da vida; em contraposição aos assertos dos negadores, podeis notar, cientificamente, que é mesmo, em vosso plano, o local do Universo onde a vida encontra mais dificuldade para se estabelecer.  
  
ESPONTANEIDADE IMPOSSÍVEL  
Grande é a tortura dos seres racionais que, no mundo terráqueo, buscam guarda para as suas aspirações de progresso, porquanto, do berço ao túmulo, suas existências representam grande soma de esforços combatendo com a Natureza inconstante, com as mais diversas condições climatéricas, arrasadoras da saúde e causas de um combate acérrimo da parte do homem, porque não lhe é possível viver em afinidade perfeita com a natureza submetida às mais bruscas mutações, sendo obrigado a criar a sua moradia, organizar a sua habitação, que representa, de fato, a sua escravidão primeira, impedindo-lhe uma existência cheia de harmonia e espontaneidade.  
  
O vosso mundo vos obriga a uma vida artificial, já que sois obrigados a buscar, cotidianamente, o sustento do corpo que se gasta e consome nessa batalha sem tréguas. Nele, as mais belas faculdades espirituais são frequentemente sufocadas, em virtude das mais imperiosas necessidades da matéria.  
  
HÁ MUNDOS INCONTÁVEIS  
Que se calem os que puderem descobrir a vida apenas em vossa obscura penitência de náufragos morais. Por que razão a Vontade Divina colocaria na amplidão essas plagas longínquas? Enxergar nesses mundos distantes somente objetos de estudo da vossa Astronomia é um erro; eles estão, às vezes, regulados por forças mais ou menos idênticas às que controlam a vossa vida. Em sua superfície observam-se os fenômenos atmosféricos e outros, cuja explicação é inacessível ao vosso entendimento.**

**Por que os formaria o Criador para o ermo do silêncio e do deserto? Podereis conceber cidades bem construídas, abarrotadas de tesouros e magnificências, apodrecendo sem habitantes? Há mundos incontáveis e muitos deles formados de fluidos rarefeitos, inatingidos, na atualidade, pelos vossos instrumentos de ótica.  
  
MUNDO DE EXÍLIO E ESCOLA REGENERADORA  
A Terra não representa senão um detalhe obscuro no ilimitado da Vida, região da amargura, da provação e do exílio; constituindo, porém, uma plaga de sombras, varrida, muitas vezes, pelos cataclismos do infortúnio e da destruição, deve representar, para todos quantos a habitam, uma abençoada escola, onde se regenera o Espírito culpado e onde ele se prepara, demandando glorioso porvir.  
  
Significa um dever de todo homem o trabalho próprio, no sentido de atenuar as más condições do seu meio ambiente, aplainando todas as dificuldades de ordem material e moral, porquanto a evolução depende de todos os esforços individuais no conjunto das coletividades.  
  
Forças ocultas, leis desconhecidas, esperam que a alma humana delas se utilize e, à medida que se espalhe o progresso moral, mais os homens se beneficiarão na fonte bendita do conhecimento.  
  
O ESTÍMULO DO CONHECIMENTOS  
Para a Humanidade terrestre a revelação de outras pátrias do firmamento, fragmentos da Pátria Universal, não deve constituir uma razão para desânimo de quantos se entregam aos labores profícuos do estudo. Os desequilíbrios que se verificam no orbe terreno obedecem a uma lei de justiça, acima de todas as coisas transitórias; e, além disso, a primeira obrigação de todo homem é colaborar, em todos os minutos de sua passageira existência, em prol da melhoria do seu próximo, consciente de que trabalhar a benefício de outrem é engrandecer-se.  
  
O conhecimento das condições perfeitas da vida, em outros mundos, não deve trazer abatimento aos extremistas do ideal. Semelhante verdade deve encher o coração humano de sagrados estímulos. Saudai, pois, o concerto da vida, do seio dos vossos combates salvadores!...  
  
Sóis portentosos, luzes policrômicas, mundos maravilhosos, existem embalados pelas harmonias que a perfeição eleva à Entidade Suprema!... Além do Grande Cão, da Ursa, de Hércules, outras constelações atestam a grandeza divina. Os firmamentos sucedem-se ininterruptamente nas amplidões etéreas, mas a Humanidade, para Deus, é uma só e o laço do seu amor reúne todos os seres.  
  
16 - O consolador - Emmanuel - pág. 55**

**Perg. 71 - Como julgar a posição da Terra em relação aos outros mundos?  
- A grandeza do plano sideral, onde se agita a comunidade dos sistemas, é demasiado profunda para que possamos assinar-lhe a definição com os mesquinhos formulários da Terra. No turbilhão do Infinito, o sistema planetário centralizado pelo nosso Sol é excessivamente singelo, constituindo um aspecto muito pobre da Criação. Basta lembrar que Capela, um dos nossos vizinhos mais próximos, é um sol 5.800 vezes maior que o nosso astro do dia, sem esquecermos que a Terra é 1.300.000 vezes menor que o nosso Sol. Nessas cifras grandiosas, compreendemos a extensão da nossa humildade no Universo, apiedando-nos sinceramente da situação dos conquistadores humanos de todos os matizes, os quais, no afã de açambarcarem patrimônios materiais, nos dão a impressão de ridículos e vaidosos polichinelos da vida.**

**Perg. 72 — Existem planetas de condições piores que as da Terra?  
— Existem orbes que oferecem piores perspectivas de existência que o vosso e, no que se refere a perspectivas, a Terra é um plano alegre e formoso, de aprendizado. O único elemento que aí destoa da Natureza é justamente o homem, avassalado pelo egoísmo.  
Conhecemos planetas onde os seres que os povoam são obrigados a um esforço contínuo e penoso para aliciar os elementos essenciais à vida; outros, ainda, onde numerosas criaturas se encontram em doloroso degredo. Entretanto, no vosso, sem que haja qualquer sacrifício de vossa parte, tendes gratuitamente céu azul, fontes fartas, abundância de oxigênio, árvores amigas, frutos e flores, cor e luz, em santas possibilidades de trabalho, que o homem há renegado em todos os tempos.  
  
Perg. 73 — A humanidade terrestre é idêntica à doutros orbes?  
— Nas expressões físicas, semelhante analogia é impossível, em face das leis substanciais que regem cada plano evolutivo; mas, procuremos entender por humanidade a família espiritual de todas as criaturas de Deus que povoam o Universo e, examinada a questão sob esse prisma, veremos a comunidade terrestre identificada com a coletividade universal.  
  
Perg. 74 — O homem científico poderá encarar com êxito as possibilidades de uma viagem interplanetária?  
— Pelo menos, enquanto perdurar a sua atitude de confusão, de egoísmo e rebeldia, a humanidade terrestre não deve alimentar qualquer projeto de viagem interplanetária.  
Que dizermos do homem que, sem dispor a ordem na sua própria casa, quisesse invadir a residência dos vizinhos? Se tantas vezes as criaturas terrestres têm menosprezado os bens que a Providência Divina lhes colocou nas mãos, não seria justo circunscrevê-las ao seu âmbito acanhado e mesquinho?  
O insulamento da Terra é um bem inapreciável.  
Observemos as expressões do progresso humano, movimentadas para a guerra e para a destruição, nos triunfos da força, e rendamos louvores ao Pai Celestial por não haver dilatado no orbe terreno os processos de observação das suas vaidosas criaturas.  
  
Perg. 75 — Na diversidade de suas experiências, é o Espírito obrigado a adaptar-se às condições fluídicas de cada orbe?  
— Esse é um imperativo para aquisição de seus valores evolutivos dentro das leis do aperfeiçoamento.  
  
Perg. 76 — Poderão os fenómenos da meteorologia ser controlados, mais tarde, pêlos homens?  
— Os fenômenos meteorológicos, incontroláveis pelas criaturas humanas, não o são pelos prepostos de Jesus, que buscam dispô-los de acordo com os ascendentes espirituais a serem observados em todos os processos evolutivos.  
Não olvidemos, contudo, que a Terra é uma escola.**

**23 - Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 219**

**Pluralidade dos mundos habitados  
Reunião pública de 6-11-59 Questão n° 55  
Enquanto o homem se encaminha para a Lua, estudando-a de perto, comove-nos pensar que a Doutrina Espírita se referia à pluralidade dos mundos habitados, precisamente há mais de um século. Acresce notar, ainda, que os veneráveis orientadores da Nova Revelação, guiando o pensamento de Allan Kardec, fizeram-no escrever a sábia declaração: «Deus povoou de seres vivos todos os mundos, concorrendo esses seres ao objetivo final da Providência.»  
  
Sabemos hoje que moramos na Via-Láctea — a galáxia comparável a imensa cidade nos domínios universais. Essa cidade possui mais de duzentos milhões de sóis, transportando consigo planetas, asteróides, cometas, meteoros, aluviões de poeira e toda uma infinidade de turbilhões energéticos. Entre esses sóis está o nosso, modestíssimo foco de luz, considerando-se que Sírius, um de seus vizinhos, apresenta brilho quarenta vezes maior. E, acompanhando-o, a nossa Terra, com todo o cortejo de suas orgulhosas nações, tem a importância de uma «casa nos fundos», visto que, se a Lua é satélite nosso, o Globo que nos asila é satélite pequenino desse mesmo Sol que nos sustenta.  
  
Viajando a luz com a velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo, gasta milhares de anos para atravessar, de um ponto a outro, o continente galáctico em que residimos. Mas os espelhos telescópicos do homem já conseguem assinalar a existência de milhões e milhões de outras galáxias, mais ou menos semelhantes à nossa, a se espraiarem na vastidão do Universo.  
  
Até agora, neste breve lembrete, nos reportamos simplesmente ao campo físico observável pelos homens encarnados, atreitos, como é natural, ao raio reduzido da percepção que lhes é própria, sem nos referirmos às esferas espirituais mais complexas que rodeiam cada planeta, quanto cada sistema.  
  
Nesse critério, vamos facilmente encontrar, em todos os círculos cósmicos, os seres vivos da asserção de Kardec, embora a instrumentação do homem não os divise a todos. Eles se desenvolvem através de inimagináveis graus evolutivos, cabendo-nos reconhecer que, em aludindo à pluralidade dos mundos habitados, não se deverá olvidar a gama infinita das vibrações e os estados múltiplos da matéria.  
  
Temos, assim, no Espaço Incomensurável, mundos-berços e mundos-experiências, mundos-universidades e mundos-templos, mundos-oficinas e mundos-reformatórios, mundos-hospitais e mundos-prisões. Saudamos, pois, o advento da nova era, em que o homem físico, valendo-se principalmente do rádio e do radar, do foguete e do cérebro eletrônico, pode incursionar além da Lua, auscultando, em regime de limitação. compreensível, as faixas de matéria em que psiquicamente se entrosa.  
  
E desejando-lhe paz, a fim de que prossiga em suas arrojadas e preciosas perquirições, podemos assegurar que em todos os planos a consciência acordada à luz da razão e da responsabilidade surpreenderá sempre, por base de todo aperfeiçoamento moral, o preceito do Cristo que coloca «o amor a Deus e ao próximo» como sendo o coração da vida, pulsando, invariável, no peito da Justiça Divina que manda, em toda parte, conferir a cada um segundo as próprias obras.**

|  |  |
| --- | --- |
| **POLIGAMIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- As margens do Eufrates - pág. 65** | **02 - Curso Dinâmico de Espiritismo - pág. 185** |
| **03 - E a vida continua - pág. 123** | **04 - Evolução em dois mundos - pág. 139** |
| **05 - Forças sexuais da alma - pág. 17** | **06 - Nosso Lar - pág. 207** |
| **07 - O alvorecer da espiritualidade - pág. 65** | **08 - O Livro dos Espiritos - q. 700** |
| **09 - Revista Espírita - 1858 - pág. 12** | **10 - Saúde e Espiritismo - pág. 285** |
| **11 - Sexo e destino - pág. 283** | **12 - Sexo e evolução - pág. 124, 263** |
| **13 - Sexo sublime tesouro - pág. 84** | **14 - Vida e sexo - pág. 26, 81** |
| **15 - As leis morais - pág. 79** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**POLIGAMIA** **– COMPILAÇÃO**

**04 - Evolução em dois mundos - André Luiz - pág. 139**

**POLIGAMIA E MONOGAMIA** **— O instinto sexual, então, a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos. Entretanto, quanto mais se integra a alma no plano da responsabilidade moral para com a vida, mais apreende o impositivo da disciplina própria, a fim de estabelecer, com o dom de amar que lhe é intrínseco, novos programas de trabalho que lhe facultem acesso aos planos superiores.  
  
O instinto sexual nessa fase da evolução não encontra alegria completa senão em contato com outro ser que demonstre plena afinidade, porquanto a liberação da energia, que lhe é peculiar, do ponto de vista do governo emotivo, solicita compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas.  
  
Em semelhante eminência, a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual que vertem, constantes, da Criação Divina.**

**08 - O Livro dos Espiritos - Allan Kardec - questão. 700**

**POLIGAMIA  
Perg. 700 - A igualdade numérica aproximada entre os sexos é um indício da proporção em que eles se devam unir?  
- Sim, pois tudo tem um fim na Natureza.**

**O Espiritismo é teleológico, tanto do pontode vista físico quanto do ético; as coisas materiais e os fatos morais, o mundo e o homem, tudo tem uma finalidade, mas não de ordem antropológica. Muitas vezes ela contraria ou escapa ao pensamento do homem. Isso deu motivo à reação antiteleológica da Filosofia moderna. A Ciência, por sua vez, tratando apenas do plano objetivo, não viu mais que "um ângulo do quadro da Natureza" e restringiu-se às "condições das coisas e dos fatos. Henri Bergson, porém, em L'Evolution Creatice desenvolveu a teoria do elã vital, segundo a qual todo o curso da evolução, partindo da matéria mais densa, dirige-se à liberação da consciência no homem, aparecendo este como o fim último da vida da Terra. Essa é a tese espírita da evolução, até os limites da vida terrena. Mas o Espiritismo vai além, admitindo a "escala dos mundos", pela da qual a evolução se processa no infinito, sempre com a finalidade da perfeição. (N.do T.)**

**Perg. 701 - Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, é a mais conforme à lei natural? - A poligamia é uma lei humana, cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, deve fundar-se na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há verdadeira afeição não há mais do que sensualidade.**

**Se a poligamia estivesse de acordo com a lei natural devia ser universal, o que, entretanto, seria materialmente impossível em virtude da igualdade numérica dos sexos. A poligamia deve ser considerada como um uso ou uma legislação particular, apropriada a certos costumes e que o aperfeiçoamento social fará desaparecer pouco a pouco.**

**O impulso poligâmico do homem não é um instinto biológico, mas um simples resquício das fases anteriores de sua evolução. Não sendo irracional nem controlado pelas leis naturais das espécies animais, ele tem o dever moral de refrear esse impulso e sublimar a sua afetividade por meio do amor conjugal e familiar. É pela razão e pelo livre-arbítrio que ele se controla, elevando-se conscientemente acima das exigências biológicas e das ilusões sensoriais. Se esse controle lhe parece difícil, maior é a sua necessidade de evolução nesse campo e também porque "o mérito do bem está na dificuldade", como se vê na perg. 646 (N.do T)**

**12 - Sexo e evolução - Walter Barcellos - pág. 124, 263**

**11.2 - A POLIGAMIA NO CURSO DA HISTÓRIA  
No mundo primitivo, a poligamia era um costume natural, onde os homens conviviam maritalmente com várias mulheres. Nos dia atuais, o amor livre é ainda a recordação da poligamia dos tempos primitivos, com mudança somente quanto à forma. Atualmente, devemos entender por poligamia todo relacionamento sexual da pessoa, na condição de solteiro ou de casado, do homem ou da mulher, na busca de prazeres sexuais sem responsabilidades, com variação de parceiro ou parceira. Não somente a juventude se envereda pelo mundo livre das relações sexuais, pois os adultos, quando resvalam para a prática das relações extraconjugais, estão vivendo também a poligamia. Quanto às nossas recordações poligâmicas, diz-nos o Espírito Emmanuel:  
  
"Que a tentação de retorno aos sistemas poligâmicos pode ocorrer habitualmente com qualquer pessoa, na Terra; é mais que natural — é justo. Em circunstâncias numerosas, o pretérito pode estar vivo nos mecanismos mais profundos de nossas inclinações e tendências." Na prática do amor livre, que é poligamia, dizem os Espíritos em obra básica da Codificação:  
"(...) Na poligamia, não há afeição real: há apenas sensualidade."   
  
11.3 - • Ausência dos valores do sentimento  
No amor livre, sendo a satisfação do instinto sexual o objetivo único, procura-se fazer sempre do parceiro ou parceira mero instrumento do prazer sensual. Na busca incessante das sensações inferiores, as criaturas desinteressam-se pelos valores do sentimento, os quais são os únicos que poderão formar uma união ideal, que trará a paz, a alegria e a segurança relativas para a dupla de corações. A prática do amor livre pode atender à volúpia dos desejos e sensações inferiores da criatura, mas não fará bem para a alma de ninguém, pois todo coração somente alimentará alegria, através da afeição que garanta a estabilidade emocional e psíquica.  
  
11.4 — Responsabilidade afetiva e Justiça Divina  
Quer nas relações afetivas da vida conjugal legalizada, quer na ligação amorosa, destituída de vínculos jurídicos, a responsabilidade ante a Justiça Divina é a mesma, de um para com o outro. O que as leis humanas não analisam, não exigem e não punem, a Justiça Divina, ao contrário, analisa, pesa, exige e pune com segurança e sem falhas. Há um código de Leis Divinas regendo profundamente a vida moral das criaturas humanas, desde os mínimos atos, dando a cada um de acordo com suas obras praticadas por pensamentos, sentimentos, palavras e atos.  
  
Com a prática das relações sexuais sem os valores afetivos enobrecidos, as criaturas valorizam e buscam somente o corpo físico do outro, desprezando-lhe a alma e desconhecendo as leis morais que regem este relacionamento. A criatura humana não é somente corpo físico, pois é muito mais alma, sentimento, coração e consciência.**

**E esses sagrados valores internos da pessoa que dizemos amar, nós comumente os tratamos muito mal, danificando o altar interior do parceiro sem saber que estamos realmente ferindo é a nós mesmos, através da consciência culpada. O mentor espiritual de Chico Xavier com muita sabedoria nos faz entender: "Cada Espírito detém consigo o seu íntimo santuário, erguido ao amor, e Espírito algum menoscabará o 'lugar sagrado' de outro Espírito, sem lesar a si mesmo."   
  
11.5 — No relacionamento sexual, tratamos a pessoa amada como se fosse um objeto  
A pregação sistemática do materialismo para a liberação sexual, sem compromissos e responsabilidades, está estimulando as criaturas a se tratarem mutuamente como se fossem "coisas", ou seja, a vida afetiva e sexual entre o homem e a mulher nada tem a ver com a vida pessoal de ambos. Isto é um grande engano.**

**Nenhuma criatura é um objeto, um boneco ou um autômato. Vida sexual implica participação afetiva profunda das criaturas, decretando variações múltiplas e imprevisíveis na vida sentimental, emocional e psicológica, para níveis mais elevados ou menos elevados moralmente. Crescem assustadoramente os desastres morais na vida afetiva entre o homem e a mulher, seja na união conjugal ou fora dela; em virtude do despreparo espiritual surgem os sintomas enfermiços: desentendimentos, discussões, inimizades, perseguições, crueldade, infidelidade, separação, abandono, assassínios e suicídios.  
  
No relacionamento afetivo entre o homem e a mulher, ambos são responsáveis pelos danos que venham a causar à vida íntima do outro, os quais serão cobrados, ceitil por ceitil, pela Justiça Divina. Quanto ao respeito à consciência de cada um, Emmanuel disserta:  
"Conferir pretensa legitimidade às relações sexuais irresponsáveis seria tratar 'consciências', qual se fossem 'coisas', e, se as próprias coisas, na condição de objetos, reclamam respeito, que se dirá do acatamento devido à consciência de cada um?"   
  
11.6 — Compromisso sexual cria leis do coração  
É indispensável compreendamos que qualquer comunhão afetiva e sexual cria um pacto de uma consciência para outra com responsabilidades bem definidas para ambos. Teremos que responder por todos os prejuízos físicos, financeiros e principalmente morais, psicológicos e espirituais que aplicamos ao parceiro ou à parceira, de imediato ou a longo prazo.  
  
Todo relacionamento sexual, sem o cultivo constante e crescente do amor espiritualizado, possui probabilidades de criar, mais cedo ou mais tarde, problemas gravíssimos de difícil solução. O amor-paixão não sabe caminhar todo o tempo nos trilhos da disciplina, da harmonia, do respeito, da assistência mútua e da gratidão, pois, com o desejo dominando os sentimentos, a criatura humana busca sempre a satisfação de si mesma, não se importando com a vida interior do outro. Esclarece Emmanuel:  
  
"(...) os deveres assumidos, no campo do amor, ante a luz do presente, devem prevalecer, acima de quaisquer anseios inoportunos, de vez que o compromisso cria leis do coração e não se danificarão os sentimentos alheios sem resultados correspondentes na própria vida". (...)**

**14 - Vida e sexo - Emmanuel - pág. 26, 81**

**5 - Energia sexual  
«Pergunta — E' a mesma a força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos inorgânicos ?»  
«Resposta — Sim, a lei de atração é a mesma para todos.» Item n.° 60, de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS».  
A energia sexual, como recurso da lei de atração, na perpetuidade do Universo, é inerente à própria vida, gerando cargas magnéticas em todos os seres, à face das potencialidades criativas de que se reveste. Nos seres primitivos, situados nos primeiros degraus da emoção e do raciocínio, e, ainda, em todas as criaturas que se demoram voluntariamente no nível dos brutos, a descarga de semelhante energia se opera inconsideradamente. Isso, porém, lhes custa resultados angustiosos a lhes lastrearem longo tempo de fixação em existências menos felizes, nas quais a vida, muito a pouco e pouco, ensina a cada um que ninguém abusa de alguém sem carrear prejuízo a si mesmo.  
  
À medida que a individualidade evolui, no entanto, passa a compreender que a energia sexual envolve o impositivo de discernimento e responsabilidade em sua aplicação, e que, por isso mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno, seja na criação de formas físicas, asseguradora da família, ou na criação de obras beneméritas da sensibilidade e da cultura para a reprodução e extensão do progresso e da experiência, da beleza e do amor, na evolução e burilamento da vida no Planeta.  
  
Através da poligamia, o espírito assinala a si próprio longa marcha em existências e mais existências sucessivas de reparação e aprendizagem, em cujo transcurso adquire a necessária disciplina do seu mundo emotivo. Fatigado de experimentos dolorosos, nos quais recolhe o fruto amargo da delinquência ou do desespero que haja estabelecido nos outros, reconhece na monogamia o caminho certo de suas manifestações afetivas. Atento a isso, identifica na criatura que se lhe afina com os propósitos e aspirações o parceiro ou a parceira ideais para a comunhão sexual, suscetível de lhe granjear o preciso equilíbrio e capaz de lhe revitalizar as forças com que se põe no encalço do trabalho imprescindível à própria evolução.  
  
Em nenhum caso, ser-nos-á lícito subestimar a importância da energia sexual que, na essência, verte da Criação Divina para a constituição e sustentação de todas as criaturas. Com ela e por ela é que todas as civilizações da Terra se levantaram, legando ao homem preciosa herança na viagem para a sublimação definitiva, entendendo-se, porém, que criatura alguma, no plano da razão, se utilizará dela, nas relações com outra criatura, sem consequências felizes ou infelizes, construtivas ou destrutivas, conforme a orientação que se lhe dê.**

**19 - Amor livre  
«Pergunta — Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, é mais conforme à lei da Natureza?»  
«Resposta — A poligamia é lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição dos seres que se unem. Na poligamia, não há afeição real: há apenas sensualidade.» Item n.° 701, de «O LIVRO DOS ESPÍRITOS».  
  
Comenta-se a possibilidade de legalização das relações sexuais livres, como se fora justo escolher companhias para a satisfação do impulso genésico, qual se apontam iguarias ou vitaminas mais desejáveis numa hospedaria. Relações sexuais, no entanto, envolvem responsabilidade. Homem ou mulher, adquirindo parceira ou parceiro para a conjunção afetiva, não conseguirá, sem dano a si mesmo, tão-sòmente pensar em si.  
  
Referentemente ao assunto, não se trata exclusivamente da ligação em base do matrimônio legalmente constituído. Se os parceiros da união sexual possuem deveres a observar entre si, à face de preceitos humanos, voluntariamente aceitos, no plano das chamadas ligações extralegais acham-se igualmente submetidos aos princípios das Leis Divinas que regem a Natureza. Cada Espírito detém consigo o seu íntimo santuário, erguido ao amor, e Espírito algum menoscabará o "lugar sagrado" de outro Espírito, sem lesar a si mesmo.  
  
Conferir pretensa legitimidade às relações sexuais irresponsáveis seria tratar "consciências" qual se fossem "coisas", e se as próprias coisas, na condição de objetos, reclamam respeito, que se dirá do acatamento devido à consciência de cada um? E' óbvio que ninguém se lembrará, em são juízo, de recomendar escravidão às criaturas claramente abandonadas ou espezinhadas pelos próprios companheiros ou companheiras a que se entregaram, confiantes; isso, no entanto, não autoriza ninguém a estabelecer liberdade indiscriminada para as relações sexuais que resultariam unicamente em licença ou devassidão.  
  
Instituído o ajuste afetivo entre duas pessoas, levanta-se, concomitantemente, entre elas, o impo sitivo do respeito à fidelidade natural, ante os compromissos abraçados, seja para a formação do lar e da família ou seja para a constituição de obras ou valores do espírito. Desfeitos os votos articulados em dupla, claro que a ruptura corre à conta daquele ou daquela que a empreendeu, com o aceite compulsório das consequências que advenham de semelhante resolução.  
  
Toda sementeira se acompanha de colheita, conforme a espécie. E' razoável nos lembremos disso, porquanto o autor ou autora da defecção havida, ante os princípios de causa e efeito, é considerado violador de almas, assumindo com as vítimas a obrigação de restaurá-las, até o ponto em que as injuriou ou prejudicou, ainda mesmo quando na conceituação incompleta do mundo essas criaturas tenham sido encontradas supostamente já prejudicadas ou injuriadas por alguém.  
  
O diamante no lodo não deixa de ser diamante, sem perder o valor que lhe é próprio, diante da vida. A criatura em sofrimento não deixa de ser criação de Deus, sem perder a imortalidade que lhe é própria, à frente do Universo. Que a tentação de retorno aos sistemas poli-gâmicos pode ocorrer habitualmente com qualquer pessoa, na Terra, é mais que natural — é justo. Em circunstâncias numerosas, o pretérito pode estar vivo nos mecanismos mais profundos de nossas inclinações e tendências.**

**Entretanto, os deveres assumidos, no campo do amor, ante a luz do presente, devem prevalecer, acima de quaisquer anseios inoportunos, de vez que o compromisso cria leis no coração e não se danificarão os sentimentos alheios sem resultados correspondentes na própria vida. Observem-se, nos capítulos do sexo, os desígnios superiores da Infinita Sabedoria que nos orienta os destinos e, nesse sentido, urge considerar que a Vontade de Deus, na essência, é o dever em sua mais alta expressão traçado para cada um de nós, no tempo chamado "hoje". E se o "hoje" jaz viçado de complicações e problemas, a repontarem do "ontem", depende de nós a harmonia ou o desequilíbrio do "amanhã".**

**15 - AS LEIS MORAIS - RODOLFO CALLIGARIS - PÁG. 79**

**Qual desses três estados o mais conforme à lei de Deus?  
À luz do Espiritismo, se adotado para escapar às canseiras e responsabilidades da família, o celibato a contraria frontalmente, pois revela forte egoísmo.**

**Quanto ao celibato de religiosos (praticado, aliás, desde a mais remota antiguidade, entre persas e babilônicos, monges budistas e iniciados essênios, etc.), conservado em nossos dias como uma disciplina no seio da Igreja Católica Romana, tanto em suas ordens masculinas como femininas, não há como deixar de reconhecer que foi, é e será, sempre, altamente meritório, desde que, renunciando às satisfações e ao aconchego doméstico, o (a) celibatário (a) alimente o sincero propósito de melhor servir à coletividade.**

**Com efeito, os sacrifícios daqueles sacerdotes e freiras que, observando a castidade, se mostram capazes de total devotamento ao próximo, seja na assistência espiritual, nas tarefas educacionais, nos serviços hospitares, em asilos, creches, orfanatos e em misteres outros, em que dão o máximo de si sem pensar em si, constituem exemplos grandiloquentes de amor sublimado, que os eleva muito acima da craveira comum dos terrícolas.**

**Contudo, nem assim pode o celibato ser considerado o estado ideal, dadas as condições e as finalidades da vida neste mundo. A poligamia, por sua vez, é um costume que, introduzido em certa época, por motivos econômicos (o aumento de braços para o trabalho grátis nos clãs), já não se justifica.**

**É verdade que ainda se mantém nas populações muçulmanas do Norte da África e em grande parte da Ãsia, pela predominância do apetite carnal sobre o senso moral de homens ricos, que se dão ao luxo de sustentar várias esposas e numerosa prole, mas tende a desaparecer, pouco a pouco, com o aperfeiçoamento das instituições.**

**Tanto não corresponde aos desígnios da Providência que jamais foi possível generalizar-se, face à relativa igualdade numérica dos sexos.**

**A ordem natural e inerente à espécie humana é, incontestavelmente, a monogamia, visto que, tendo por base a união constante dos cônjuges, permite se estabeleça entre ambos uma estreita solidariedade, não só nas horas de regozijo como nos momentos difíceis e dolorosos .**

**É ainda por esse modo que os pais podem dar aos filhos tudo o de que eles necessitam para um desenvolvimento normal, sem problemas de personalidade.**

**As demais formas de associação dos seres, conquanto possam ter sido autorizadas ou consentidas durante algum tempo, em determinadas circunstâncias da evolução social, de há muito que se tornaram condenáveis pelos códigos de Direito dos povos de cultura mais avançada, notadamente no mundo ocidental.**

**Forçoso concluir, então, ser o casamento monogâmico o instituto que melhor satisfaz aos planos de Deus, no sentido de preparar a família para uma convivência de paz, alegria e fraternidade, estado esse que há-de estender-se, no futuro, à Humanidade inteira.  
(L.E. - Cap. IV, q. 695 e seguintes)**

|  |
| --- |
| **PORTA ESTREITA** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - Bíblia - Lucas, 13 v 22** | **02 - Boa Nova - pág. 133/140** |
| **03 - Caminho verdade e vida - pág. 187/371** | **04 - Catecismo Espírita - pág. 107 51ª.lição** |
| **05 - Ceifa de Luz - pág. 57** | **06 - De Francisco de Assis para você - pág. 156** |
| **07 - Florações Evangélicas - pág. 29/83** | **08 - Nas pegadas do Mestre - pág. 177** |
| **09 - O Espírito da Verdade - pág. 42** | **10 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XVIII** |
| **11 - O Livro dos Espíritos - Questão 455** | **12 - O Sermão da Montanha - pág. 194** |
| **13 - Os funerais da Santa Sé - pág. 42** | **14 - Os 4 Evangelhos - v. 2 pág. 61** |
| **15 - Parábolas e Ensinos de Jesus - pág. 154** | **16 - Pérolas do Além - pág. 193** |
| **17 - Renúncia - cap. I perg. 21** | **18 - Segue-me - pág. 129** |
| **19 - Síntese de o Novo Testamento - pág. 68** | **20 - Vinhas de Luz - pág. 51** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.  
  
**PORTA ESTREITA - COMPILAÇÃO**

**05 – CEIFA DE LUZ – FRANCISCO C. XAVIER (EMMANUEL), cap. 12, pág. 58/59**

**(...) a senda estreita a que se refere Jesus é a fidelidade que nos cabe manter limpa e constante, no culto às obrigações assumidas diante do Bem Eterno.  
(...) a “porta estreita” é sempre o amor intraduzível e incomensurável de Deus.  
  
Porta larga: (...) é a paixão desregrada do “eu”.**

**09 – O ESPÍRITO DA VERDADE – FRANCISCO C. XAVIER, cap. 14, pág. 42**

**A porta estreita revela o acerto espiritual que nos permite marchar na senda evolutiva, com o justo aproveitamento das horas.  
Porta estreita – saída do erro -, entrada na renovação...  
  
A Porta Larga expressa-nos o desequilíbrio interior, com que somos forçados à dor da reparação, com lastimáveis perdas de tempo.  
Porta Larga – entrada na ilusão -, saída pelo reajuste...**  
**10 – O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC, pág. 231**

**A porta estreita.   
3. Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ela. Que estreita é a porta, e que apertado o caminho que leva para a vida, e que poucos são os que acertam com ela ! (Mateus, VII: 13-14).  
  
4. E perguntou-lhe alguém: Senhor, são poucos, então, os que se salvam? E ele lhe disse: -Porfiai por entrar pela porta estreita, porque vos digo que muitos procurarão entrar e não o poderão. E quando o pai de família tiver entrado, e fechado a porta, vós estareis de fora, e começareis a bater à porta, dizendo –Abre-nos Senhor! E ele vos responderá, dizendo: -Não sei de onde sois. Então começareis a dizer: -Nós somos aqueles que, em tua presença, comemos e bebemos, e a quem ensinaste nas nossas praças. E ele vos responderá: Não sei de onde sois; apartai-vos de mim, todos os que obrais a iniqüidade,.   
  
Ali será o choro e o ranger de dentes, quando virdes que Abraão, Isaac e Jacó, e todos os profetas, estão no Reino de Deus, e que vós ficais fora dele, excluídos. E virão do Oriente e do Ocidente, e do Setentrião e do Meio-Dia, muitos se assentarão à mesa do Reino de Deus. E então os que são os últimos serão os primeiros, e os que são os primeiros serão os últimos (Lucas, XIII: 23-30).  
  
5. A porta da perdição (A Porta Larga) é larga, porque as más paixões são numerosas e o caminho do mal é o mais freqüentado. A da salvação é estreita, porque o homem que deseja transpô-la deve fazer grandes esforços para vencer as suas más tendências, e poucos se resignam a isso. Completa-se a máxima: São muitos os chamados e poucos os escolhidos.  
  
Esse é o estado atual da Humanidade terrena, porque, sendo a Terra um mundo de expiações, nela predomina o mal. Quando estiver transformada, o caminho do bem será o mais freqüentado. Devemos entender essas palavras, portanto, em sentido relativo e não absoluto. Se esse tivesse de ser o estado normal da Humanidade, Deus teria voluntariamente condenado à perdição a imensa maioria das crianças, suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e todo bondade.  
  
Mas quais as faltas de que esta Humanidade seria culpada, para merecer uma sorte tão triste, no presente e no futuro, se toda ela estivesse na Terra e a alma não tivesse outras existências? Por que tantos escolhos semeados no seu caminho? Por que essa porta tão estreita, que apenas a um pequeno número é dado transpor, se a sorte da alma está definitivamente fixada, após a morte?**

**É assim que, com a unicidade da existência, estamos incessantemente em contradição com nós mesmos e com a justiça de Deus. Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga, iluminam-se os pontos mais obscuros da fé, o presente e o futuro se mostram solidários com o passado, e somente assim podemos compreender toda a profundidade, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.**

**14 – OS QUATRO EVANGELHOS – J.B. ROUSTAING, v. 2 , pág. 61**

**A porta estreita e o caminho difícil indicam os esforços que o Espírito encarnado tem de empregar e as penas que tem de suportar para chegar à vida eterna, isto é, para se despojar de seus vícios, para marchar pela estrada do bem, fazendo nascer no seu íntimo os sentimentos opostos aos vícios de que se for libertando.  
  
A porta larga e o caminho espaçoso, que conduzem à perdição e pela qual entram em tão grande número os homens, são o orgulho, o egoísmo, a ambição, com todos os seus derivados, a avareza, a cupidez, a inveja, a luxúria, a intemperança, a cólera, a preguiça, o materialismo, a incredulidade, a intolerância, o fanatismo, a predominância da matéria sobre o Espírito, ou mesmo a sujeição do Espírito à matéria e, de modo geral, a maldade, pela palavra ou pelos atos, sob todas as formas e em todas as gradações.**

**16 - Pérolas do Além - Emmanuel - pág. 193**

**PORTA DIVINA  
A Porta Divina não se abre a espíritos que se não divinizaram pelo trabalho incessante de cooperação com o Pai Altíssimo. E o solo do planeta, a que vos prendeis provisoriamente, representa o abençoado círculo de colaboração que o Senhor vos confia. Recolhei o orvalho celeste no escrínio do coração sedento de paz; contemplai as estrelas que nos acenam de longe, como sublimes ápices da Divindade; todavia, não olvides o campo de lutas presentes. André Luiz**

**19 – SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO – MÍNIMUS, pág. 68**

**A porta estreita (Mat., 7:13 e 14; Luc. 13:23 a 29).  
“Entrai pela porta estreita, pois que larga é a porta, e espaçoso o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ela; porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos os que acertam com ele”.  
Um homem lhe perguntou: Senhor, são poucos os que se salvam? Ao que ele respondeu: -“Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porquanto eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão”.**

**20 - Vinhas de Luz - Emmanuel - pág. 51**

**20. PORTA ESTREITA  
"Porfiai por entrar pela porta estreita, porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão-" — Jesus. (LUCAS, 13:24.)  
Antes da reencarnação necessária ao progresso, a alma estima na "porta estreita" a sua oportunidade gloriosa nos círculos carnais.  
Reconhece a necessidade do sofrimento purificador. Anseia pelo sacrifício que redime. Exalta o obstáculo que ensina. Compreende a dificuldade que enriquece a mente e não pede outra coisa que não seja a lição, nem espera senão a luz do entendimento que a elevará nos caminhos infinitos da vida.  
  
Obtém o vaso frágil de carne, em que se mergulha para o serviço de retificação e aperfeiçoamento. Reconquistando, porém, a oportunidade da existência terrestre, volta a procurar as "portas largas" por onde transitam as multidões. Fugindo à dificuldade, empenha-se pelo menor esforço.  
  
Temendo o sacrifício, exige a vantagem pessoal. Longe de servir aos semelhantes, reclama os serviços dos outros para si. E, no sono doentio do passado, atravessa os campos de evolução, sem algo realizar de útil, menosprezando os compromissos assumidos.  
  
Em geral, quase todos os homens somente acordam quando a enfermidade lhes requisita o corpo às transformações da morte. "Ah! se fosse possível voltar!..." — pensam todos.  
  
Com que aflição acariciam o desejo de tornar a viver no mundo, a fim de aprenderem a humildade, a paciência e a fé!... com que transporte de júbilo se devotariam então à felicidade dos outros!...  
  
Mas... é tarde. Rogaram a "porta estreita" e receberam-na, entretanto, recuaram no instante do serviço justo. E porque se acomodaram muito bem nas "portas largas", volvem a integrar as fileiras ansiosas daqueles que procuram entrar, de novo, e não conseguem.**

|  |  |
| --- | --- |
| **POSSESSÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - cap. xiv, 45; xv,29** | **02 - A levitação - pág. 69** |
| **03 - A mediunidade sem lágrimas - pág. 93** | **04 - Antologia do perispirito - ref. 335,441** |
| **05 - Auto desobsessão - pág. 21, 29** | **06 - Ide e pregai - pág. 57** |
| **07 - No mundo maior- pág. 108** | **08 - Nos domínios da mediunidade - pág. 260** |
| **09 - O espírito do cristianismo - pág. 260** | **10 - O Livro dos Espíritos - q. 473** |
| **11 - O Livro dos Médiuns - pág. q. 241** | **12 - O que é fenômeno mediúnico - pág. 76** |
| **13 - O que é espritismo - pág. 176** | **14 - Obras Póstumas - pág. 67** |
| **15 - Os inocentes - toda a obra** | **16 - Passes e curas espirituais - pág. 150** |
| **17 - Resumo da doutrina espírita - pág. 184** | **18 - Sexo e destino - pág. 82, 126** |
| **19 - Sobrev.e Comun.dos Espíritos - pág. 263, 294** | **20 - Vencendo a morte e a obsessão - pág. 140** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**POSSESSÃO** **– COMPILAÇÃO**

**01- A Gênese - Allan Kardec - cap. xiv, 45; xv,29**

**OBSESSÕES E POSSESSÕES.  
45. - Os maus Espíritos pululam ao redor da Terra, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos aos quais a Humanidade está exposta neste mundo. A obsessão, que é um dos efeitos desta ação, como as doenças e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como uma prova ou uma expiação, e aceita como tal.  
  
A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores sensíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica, se traduz pela obstinação de um Espírito em se manifestar com a exclusão de todos os outros.  
  
46. - Do mesmo modo que as doenças são o resultado das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o de uma imperfeição moral, que dá presa a um mau Espírito. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral, é necessário se opor uma força moral.**

**Para se preservar das doenças, fortifica-se o corpo; para se garantir da obsessão, é necessário fortificar a alma; daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar no seu próprio melhoramento, o que, o mais frequentemente, basta para desembaraçá-lo do obsessor, sem o socorro de pessoas estranhas. Esse socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque então o paciente perde, às vezes, a sua vontade e o seu livre arbítrio.  
  
A obsessão é, quase sempre, o fato de uma vingança exercida por um Espírito, e que, o mais frequentemente, tem a sua fonte nas relações que o obsidiado teve com ele numa precedente existência. Nos casos de obsessão grave, o obsidiado está como envolvido e impregnado com um fluido pernicioso, que, neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É deste fluído que é necessário desembaraçar-se; ora, um mau fluido não pode ser repelido por um mau fluido. Por uma ação idêntica à de um médium curador, no caso de doença, é necessário expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor.  
  
Isto é a ação mecânica, mas que nem sempre basta; é necessário também, e sobretudo, agir sobre o ser inteligente com o qual é preciso ter o direito de falar com autoridade, e esta autoridade não é dada senão pela superioridade moral; quanto maior é esta, tanto maior é a autoridade. Ainda não é tudo: para assegurar a libertação, é necessário levar o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desejos; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com a ajuda de instruções habilmente dirigidas, nas evocações particulares feitas com vista à sua educação moral; então pode-se ter a doce satisfação de livrar um encarnado e converter um Espírito imperfeito.**

**A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, traz o seu concurso de vontade e de prece; assim não o é quando este, seduzido pelo Espirito enganador, se ilude sobre as qualidades de seu dominador, e se compraz no erro em que este último o mergulha; porque, então, longe de secundar, ele repele toda a assistência. E o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. (O Livro dos Médiuns, cap. XXIII). Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.  
  
47. -Na obsessão, o Espírito age exteriormente com a ajuda de seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado; este último se encontra então como numa rede e constrangido a agir contra a sua vontade. Na possessão, em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; faz eleição de domicílio em seu corpo, sem, contudo, que este o deixe definitivamente, o que não pode ocorrer senão na morte. A possessão é, pois, sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, tendo em vista que a união molecular do perispírito e do corpo não se opera senão no momento da concepção. (Cap. XI, n818).  
  
O Espírito, na posse momentânea do corpo, dele se serve como de seu próprio; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, age com os seus braços, como o faria quando vivo. Não e mais como na mediunidade falante, onde o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado; é este último, ele mesmo, quem fala e age, e se foi conhecido quando vivo, será reconhecido pela sua linguagem, pela sua voz, pelos seus gestos e até pela expressão de sua fisionomia.  
  
48. - A obsessão é sempre o fato de um Espírito malfazejo. A possessão pode ser o fato de um bom Espírito que quer falar e, para fazer mais impressão sobre os seus ouvintes, empresta o corpo de um encarnado, que este lhe empresta voluntariamente, como empresta a sua roupa. Isto se faz sem nenhuma perturbação ou mal-estar, e, durante esse tempo, o Espírito se encontra em liberdade, como no estado de emancipação, e, o mais frequentemente, se coloca ao lado de seu substituto para escutá-lo.  
  
Quando o Espírito possuidor é mau, as coisas se passam de outro modo; ele não empresta o corpo, dele se apodera se o titular não tem força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade contra este, que tortura e martiriza de todas as maneiras, até querer fazê-lo perecer, seja por estrangulamento, seja empurrando-o para o fogo ou outros lugares perigosos. Servindo-se dos membros e dos órgãos do infeliz paciente, blasfema, injuria e maltrata aqueles que o cercam; entrega-se a excentricidades e atos que tem todos os caracteres da loucura furiosa.  
  
Os fatos deste gênero, em diferentes graus de intensidade, são muito numerosos, e muitos dos casos de loucura não têm outra causa. Frequentemente, a isso se juntam desordens patológicas que não são senão consecutivas, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes, enquanto subsiste a causa primeira. O Espiritismo, fazendo conhecer esta fonte de uma parte das misérias humanas, indica o meio de remediá-las: o meio é agir sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado pela inteligência.  
  
49. -A obsessão e a possessão, o mais frequentemente, são individuais, mas, às vezes, são epidêmicas. Quando uma nuvem de maus Espíritos se abate sobre uma localidade, é como quando uma tropa de inimigos vem invadi-la. Neste caso, o número de indivíduos atingidos pode ser considerável.  
  
13 - O que é espritismo - Allan Kardec - pág. 176**

**ESCOLHOS DA MEDIUNIDADE  
70. Um dos maiores escolhos da mediunidade é a obsessão, isto é, o domínio que certos Espíritos podem exercer sobre os médiuns, impondo-se-lhes sob nomes apócrifos e impedindo que se comuniquem com outros Espíritos. É também um obstáculo que se depara a todo observador novato e inexperiente que, não conhecendo os caracteres desse fenômeno, pode ser iludido pelas aparências, como aquele que, desconhecendo a medicina, pode enganar-se sobre a causa e natureza de qualquer mal.  
  
Se o estudo prévio, neste caso, é útil para o observador, mais indispensável é ao médium, a quem fornece os meios de prevenir um inconveniente que lhe poderia trazer bem desagradáveis consequências. Assim, é pouca toda a recomendação para que o estudo preceda à prática.  
  
71. A obsessão apresenta três graus principais bem característicos: a obsessão simples, n fascmação e a subjugação. No primeiro, o médium tem perfeitamente consciência de não obter coisa alguma boa; ele não se ilude acerca da natureza do Espírito que se obstina em se lhe manifestar, e do qual deseja desembaraçar-se. Este caso não oferece gravidade alguma: é um simples incômodo, do qual o médium se liberta, deixando momentaneamente de escrever. O Espírito, cansando-se de não ser ouvido, acaba por se retirar.  
  
A fascinação obsessionál é muito mais grave, porque nela o médium é completamente iludido. O Espírito que o domina apodera-se de sua confiança, a ponto de impedi-lo de julgar as comunicações que recebe, fazendo-lhe achar sublimes os maiores absurdos. O caráter distintivo deste género de obsessão é provocar no médium uma excessiva suscetibilidade e levá-lo a não acreditar bom, justo e verdadeiro senão o que ele escreve; a repelir e, mesmo, considerar mau todo conselho e toda observação crítica, preferindo romper com os amigos a convencer-se de que está sendo enganado; a encher-se de inveja contra os outros médiuns cujas comunicações sejam julgadas melhores que as suas; a querer impor-se nas reuniões espíritas, das quais se afasta quando não pode dominá-las. Essa atuação do Espírito pode chegar ao ponto de ser o indivíduo conduzido a dar os passos mais ridículos e comprometedores.  
  
72. Um dos caracteres distintivos dos maus Espíritos é a imposição; eles dão ordens e querem ser obedecidos; os bons nunca se impõem; dão conselhos, e, se não são atendidos, retiram-se. Resulta daí que a impressão que em nós produzem os maus Espíritos é sempre penosa, fatigante e muitas vezes desagradável; ela provoca uma agitação febril, movimentos bruscos e desordenados; a dos bons, pelo contrário, é calma, branda e agradável.  
  
73. A subjugação obsessional, designada outrora sob o nome de possessão, é um constrangimento físico exercido sempre por Espíritos da pior espécie e que pode ir à neutralização do livre-arbítrio do paciente. Ela se limita, muitas vezes, a simples impressões desagradáveis; porém, muitas vezes provoca movimentos desordenados, atos insensatos, gritos, palavras injuriosas ou incoerentes, de que o subjugado, às vezes, compreende o ridículo, mas não pode abster-se. Este estado difere essencialmente da loucura patológica com que erradamente a confundem, pois na possessão não há lesão orgânica alguma; sendo diversa a causa, outros devem ser também os meios de curá-la.  
A aplicação do processo ordinário das duchas e tratamentos corporais poderá, muitas vezes, determinar o aparecimento de uma verdadeira loucura, onde só havia uma causa moral.  
  
74. Na loucura propriamente dita, a causa do mal é interna; importa restituir o organismo ao seu estado normal; na subjugação, essa causa é externa, e tem-se necessidade de libertar o doente de um inimigo invisível, não lhe opondo remédios materiais, porém uma força moral superior à dele. A experiência prova que nunca, em tal caso, os exorcismos produziram resultado satisfatório: antes agravaram que minoraram a situação.  
  
Indicando a verdadeira fonte do mal, só o Espiritismo pode dar os meios de combatê-lo, fazendo a educação moral do Espírito obsessor; por conselhos prudentemente dirigidos, chega-se a torná-lo melhor e a fazê-lo renunciar voluntariamente à atormentação do enfermo, que então fica livre. (O Livro dos Méãnms, n." 279. — Revue Spvrite, fevereiro, março e junho de 1864. — La jeune obsédée de Mairmmde.)  
  
75. A subjugação obsessional é ordinariamente individual; quando, porém, uma falange de Espíritos maus se lança sobre uma povoação, ela pode apresentar caráter epidêmico. Foi um fenômeno desse gênero que se verificou ao tempo do Cristo; só um poder moral superior podia então domar esses entes malfazejos, designados sob o nome de demônios, e restituir a calma às suas vítimas.  
  
76. Um fato importante a considerar-se é que a obsessão, qualquer que seja a sua natureza, é independente da mediunidade, e que ela se encontra, de todos os graus, principalmente do último, em grande número de pessoas que nunca ouviram falar de Espiritismo.  
De fato, os Espíritos, tendo existido em todos os tempos, têm sempre exercido a mesma influência; a mediunidade não é uma causa, mas simples modo de manifestação dessa influência; pelo que podemos dizer com certeza que todo médium obsidiado sofre de um modo qualquer e, muitas vezes, nos atos mais comuns da sua vida, os efeitos dessa influência que, sem a mediunidade, se manifestaria por outros efeitos, muitas vezes atribuídos a enfermidades misteriosas, que escapam às investigações da medicina. Pela mediunidade o ente maléfico denuncia a sua presença; sem ela, é um inimigo oculto, de quem se não desconfia.  
  
77. Os que repelem tudo que não afete os nossos sentidos, não admitem essa causa oculta; mas, quando a Ciência tiver saído da senda materialista, reconhecerá na ação do mundo invisível que nos cerca, e no meio do qual vivemos, um poder que reage sobre as coisas físicas, assim como sobe as morais; será um novo caminho aberto ao progresso e a chave de grande número de fenômenos até hoje mal compreendidos.  
  
78. Como a obsessão nunca pode ser produto de um bom Espírito, torna-se um ponto essencial o saber reconhecer-se a natureza dos que se apresentam.  
O médium não esclarecido pode ser enganado pelas aparências, mas o prevenido percebe o menor sinal suspeito, e o Espírito, vendo que nada pode fazer, retira-se. O conhecimento prévio dos meios de distinguir os bons dos maus Espíritos é, pois, indispensáveis ao médium que se não quer expor a cair num laço. Ele o é também ao simples observador, que pode, por esse meio, apreciar o justo valor do que vê e ouve. (O Livro dos Médiuns, cap. XXIV)**

**LEMBRETE:**

**1° - Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseguintemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. Allan Kardec**

**2° - Dava-se outrora o nome de possessão ao império exercido por maus Espíritos, quando à influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a idéia de apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento (...) Allan kardec**

**3° - (...) a subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de possessão. É de notar-se que, nesse estado, o indivíduo tem muitas vezes consciência de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua. Allan Kardec**

**4° - O Espiritismo considera na gênese do fenômeno da possessão a faculdade mediúnica desgovernada e trata o caso pelo processo do diálogo com o Espírito possessor, buscando compreender suas razões para esclarecê-lo e libertá-lo da sua própria ignorância e confusão mental. Herminio C. Miranda**

**5° - A possessão de que falam os Evangelhos nos casos que relatam não era mais do que subjugação. Jesus se servia sempre das expressões em uso, de acordo com os preconceitos e as tradições, a fim de ser compreendido e, mais ainda, escutado. Independentemente da obsessão e da subjugação, quer corporal apenas, quer corporal e moral, há os casos a que podeis chamar possessão, em que o Espírito do obsessor se substitui ao do encarnado no seu corpo, a fim de servir-se deste como se lhe pertencera. Tais casos são muito raros. J. B. Roustaing ( É a possessão demonstrada no Catolicismo Romano)**

**6° - No caso de possessão, o domínio é mais completo. O Espírito obsessor COMO QUE SE SUBSTITUI AO DO ENCARNADO NO SEU CORPO, donde, por ASSIM DIZER, EXPULSA O OUTRO, para servir-se desse corpo, como se lhe pertencera (mas, o que há é somente um constrangimento), ficando a este ligada a vítima, apenas por um cordão fluídico, com o auxílio do perispírito.Combinando os fluídos do seu perispírito com os do perispírito do encarnado, o mau Espírito se introduz no instrumento corpóreo deste último e lhe imprime uma ação que é efeito daquela combinação fluídica. Essa substituição tanto pode dar-se no estado de vigília, como no de sonambulismo do encarnado. Antonio Luiz Sayão**

**MAIS UMA VEZ, VOLTAMOS A DIZER: " NA DÚVIDA, DEVEMOS BEBER A ÁGUA PURA", PARA ISTO SEMPRE DEVEMOS RETORNAR A FONTE, ISTO É, A CODIFICAÇÃO.**

**Edivaldo Fontana**

|  |
| --- |
| **A PRECE** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - À Luz da oração - toda a obra** | **02 - A mediunidade sem lágrimas - pág. 81** |
| **03 - A prece segundo o Evangelho - pág. 46/62/69** | **04 - A Vida alé do véu - pág. 178** |
| **05 - Ação e reação - pág. 259** | **06 - As aves feridas na Terra voam - pág. 72** |
| **07 - Boa Nova - pág. 122/127/178** | **08 - Cartas e Crônicas - pág. 13/179** |
| **09 - Catecismo Espírita - 3ª. lição, 48ª. lição** | **10 - Conduta Espírita - pág. 96** |
| **11 - Coragem - pág. 79/115** | **12 - Curso Dinâmico do Espitismo - pág. 179** |
| **13 - Depois da morte - pág. 295** | **14 - Fonte viva - pág. 161/337/339/349** |
| **15 - O Céu e o Inferno - pág. 342/354** | **16 - O Consolador - pág. 147** |
| **17 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. XXVI** | **18 - O Livro dos Espíritos - Q.323/479/658/997** |
| **19 - O Livro dos Médiuns - Q. 189** | **20 - Obras Póstumas - pág. 90** |
| **21 - Os mensageiros - pág. 78/101/129/134** | **22 - Religião dos Espíritos - pág. 83** |
| **23 - Sinal verde - pág. 114** | **24 - Sintese do Novo Testamento - pág. 147** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**A PRECE - COMPILAÇÃO**

**11 – CORAGEM – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER – pág. 79**

**Oração e atenção. 24 – Oraste, pediste. Desfaze-te, porém, de quaisquer inquietações e asserena-te para recolher as respostas da Divina Providência. Desnecessário aguardar demonstrações espetaculosas para que te certifiques quanto às indicações do Alto. Qual ocorre ao Sol que não precisa descer ao campo para atender ao talo da erva que lhe roga calor, de vez que lhe basta, para isso, a mobilização dos próprios raios, Deus conta com milhões de mensageiros que lhe executam os Excelsos Desígnios.  
  
Ora e pede. Em seguida, presta atenção. Algo virá por alguém ou por intermédio de alguma cousa doando-te, na essência, as informações ou os avisos que solicites.  
  
Em muitas circunstâncias, a advertência ou conselho, a frase orientadora ou a palavra de benção te alcançarão a alma, no verbo de um amigo, na página de um livro, numa nota singela de imprensa e até mesmo num simples cartaz que te cruze o caminho. Mais que isso. As respostas do Senhor às tuas necessidades e petições, muitas vezes, te buscam, através dos próprios sentimentos a te subirem do coração ao cérebro ou dos próprios raciocínios a te descerem do cérebro ao coração.  
  
Deus responde sempre, seja pelas vozes da estrada, pela pregação ou pelo esclarecimento da tua casa de fé, no diálogo com pessoa que se te afigura providencial para a troca de confidências, nas palavras escritas, nas mensagens inarticuladas na Natureza, nas emoções que te desabrocham da alma ou nas idéias imprevistas que te fulgem no pensamento, a te convidarem o espírito para a observância do Bem Eterno.  
  
O próprio Jesus, o Mensageiro Divino por excelência, guiou-nos a procura do Amor Supremo, quando nos ensinou a suplicar: “Pai Nosso, que estás no Céu, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como nos Céus...” E, dando ênfase ao problema da atenção, recomendou-nos escolher um lugar íntimo para o serviço da prece, enquanto ele mesmo demandava a solidão para comungar com a Infinita Sabedoria.  
  
Recordemos o Divino Mestre e estejamos convencidos de que Deus nos atende constantemente; imprescindível, entretanto, fazer silêncio no mundo de nós mesmos, esquecendo exigências e desejos, não só para ouvirmos as respostas de Deus, mas também a fim de aceitá-las, reconhecendo que as respostas do Alto são sempre em nosso favor, conquanto, às vezes, de momento, pareçam contra nós. Emmanuel**

**15 – O CÉU E O INFERNO – ALLAN KARDEC – pág. 342**

**Pergunta 10 – Vendo-se um Espírito insensível à ação da prece, será motivo para que se deixe de orar por ele?  
-Não, porquanto, cedo ou tarde, a prece poderá triunfar do seu endurecimento, sugerindo-lhe benéficos pensamentos. O mesmo sucede com certos doentes nos quais a ação medicamentosa só se torna sensível depois de muito tempo, e vice-versa.   
  
Compenetrando-nos bem de que todos os Espíritos são suscetíveis de progresso, e que nenhum é fatal e eternamente condenado, fácil nos será compreender a eficácia da prece em quaisquer circunstâncias. Por mais ineficaz que ela possa parecer-nos à primeira vista, o certo é que contém germens em si mesma, bastante benéficos, para bem predisporem o Espírito, quando o não afetem imediatamente. Erro seria, pois, desanimarmos por não colher dela imediato resultado.  
  
II PARTE – CAP. VI – pág. 353 – Espírito sofredor – Jacques Latour  
-Muito grato vos sou pela perspectiva que me trouxeste e a cujo fim glorioso sei que devo chegar quando purificado. Sofro muito, mas parece-me que os sofrimentos diminuem. Não posso acreditar que, no mundo dos Espíritos, a dor diminua pouco a pouco à força do hábito. Não. O que eu depreendo é que as vossas preces salutares me aumentaram as forças, de modo que, pelas mesmas dores, com mais resignação, eu menos sofro.  
  
O pensamento se me volve então para a última existência e vejo as faltas que teria conjurado se soubesse orar. Hoje compreendo a eficácia da prece; compreendo o valor dessas mulheres honestas e piedosas, fracas pela carne, porém fortes pela fé; compreendo enfim, esse mistério ignorado pelos supostos sábios da Terra. Preces ! palavra que por si só provoca o riso dos espíritos fortes. Aqui os espero no mundo espiritual, e, quando a venda que encobre a verdade se romper para eles, então, a seu nuto se prosternarão aos pés do Eterno a quem desprezaram e serão felizes em se humilhar para que seus pecados e crimes sejam revelados ! Hão de compreender então a virtude da prece.  
  
Orar é amar, e amar é orar ! E eles amarão o Senhor e lhe dirigirão preces de reconhecimento e de amor, regenerados pelo sofrimento. E, pois que devem sofrer, pedirão como eu peço a força necessária ao sofrimento e à expiação. Em deixando de sofrer, hão de orar ainda para agradecer o perdão merecido por sua submissão e resignação. Oremos, irmão, para que mais me fortaleça...**

**16 – O CONSOLADOR – EMMANUEL – pág. 147**

**Pergunta 245 – Se é justo esperarmos no decurso do nosso roteiro de provações na Terra, por determinadas dores, devemos sempre cultivar a prece?  
-A lei das provas é uma das maiores instituições universais para a distribuição dos benefícios divinos.  
Precisais compreender isso, aceitando todas as dores com nobreza de sentimento.  
A prece não poderá afastar os dissabores e as lições proveitosas da amargura, constantes do mapa de serviços que cada Espírito deve prestar na sua tarefa terrena, mas deve ser cultivada no íntimo, como a luz que se acende para o caminho tenebroso, ou mantida no coração como o alimento indispensável que se prepara, de modo a satisfazer à necessidade própria, na jornada longa e difícil, porquanto a oração sincera estabelece a vigilância e constitui o maior fator de resistência moral, no centro das provações mais escabrosas e mais rudes.**

**21 – OS MENSAGEIROS – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (ANDRÉ LUIZ) –**

**24. A prece de Ismália – Aniceto falou-me:  
-Na prece encontramos a produção avançada de elementos-força. Eles chegam da Providência em quantidade igual para todos os que se dêem ao trabalho divino da intercessão, mas cada Espírito tem uma capacidade diferente para receber.   
Essa capacidade é a conquista individual para o mais alto. E como Deus socorre o homem pelo homem e atende a alma pela alma, cada um de nós somente poderá auxiliar os semelhantes e colaborar com o Senhor, com as qualidades de elevação já conquistadas na vida.  
  
25 – Efeitos da oração. As luzes da prece inundaram o vasto recito. Palpitava em tudo, agora, uma claridade serena, doce, irradiante, muito diversa da luminosidade artificial. Os flocos radiosos que partiam de nós multiplicavam-se no ar, como se obedecessem a misterioso processo de segmentação, e caíam sempre sobre os corpos inanimados e enrijecidos, dando a impressão de lhes penetrarem as células mais íntimas.**

**22 - RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (EMMANUEL) – pág. 83**

**Oração e provação. Reunião pública de 11-5-59 – Questão nª. 663 –   
A oração não suprime, de imediato, os quadros da provação, mas renova-nos o espírito, a fim de que venhamos a sublimá-los ou removê-los. Repara o caminho que a névoa amortalha, quando a noite escura te distancia do Sol. Em cima, nuvens extensas furtam-te aos olhos o painel das estrelas e, em baixo, espinheiros e precipícios ameaçam-te os pés.**

**Debalde, consultarás a bússola que a treva densa embacia. Se avanças, é possível te arrojes na lama de covas escancaradas; se paras, é provável padeças o assalto de traiçoeiros animais... Faze, porém, pequenina luz, e tudo se modifica. O charco não perde a feição de pântano e a pedra mantém-se por desafio que te adverte na estrada; entretanto, podendo ver, surgirás, transformado e seguro, para seguir à frente, vencendo as armadilhas da sombra e as aperturas da marcha.  
  
Assim, também, é a oração nos trilhos da experiência. Quando a dor te entenebrece os horizontes da alma, subtraindo-te a serenidade e a alegria, tudo parece escuridão envolvente e derrota irremediável, induzindo-te ao desânimo e insuflando-te o desespero; todavia, se acendes no coração leve flama da prece, fios impoderáveis de confiança ligam-te o ser à Providência Divina.  
  
Exteriormente, em torno, o sofrimento não se desfaz da catadura sombria; a morte, ainda e sempre, é o véu de dolorosa separação; a prova é o mesmo teste inquietante e o golpe da expiação continua sendo a luta difícil e inevitável, mas estarás, em ti próprio, plenamente refeito, no imo das próprias forças, com a visão espiritual iluminada por dentro, a fim de que compreendas, acima das tuas dores, o plano sábio da vida, que te ergue dos labirintos do mundo à benção do amor de Deus.**

**23 – SINAL VERDE – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (ANDRÉ LUIZ) – pág. 118**

**50.Ante a oração. Acatemos na oração a presença da luz que nos descortina a estrada para a Vida Superior, sem prevalecer-nos dela, a fim de queixar-nos de outrem ou espancar verbalmente seja a quem seja, quando a nossa comunhão com Deus e com a Espiritualidade Superior não seja possível em lugar à parte, no silêncio do coração, conforme a recomendação de Jesus.**

**24 – SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO – MÍNIMUS – pág. 147**

**Como se deve orar (Luc., 18:9 a 14). – Propôs também a seguinte parábola a alguns que confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros: - “Subiram dois homens ao templo para orar: um fariseu, e o outro publicano. O fariseu, em pé, orava, dizendo intimamente: Ó Deus, graças te dou por não ser como os demais homens, que são ladrões, injustos, adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.**

**O publicano, porém, estando a alguma distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê benevolente comigo, pecador. –Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não o outro; porque, todo aquele que se exalta, será humilhado; mas aquele que se humilha, será exaltado”.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PRECESSÃO DOS EQUINÓCIOS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - cap. V, 11, IX, 6** | **02 - A pluralidade dos M. Habitados - pág. 221** |
| **03 - Análise das coisas - pág. 29** | **04 - As margens do Eufrates - pág. 64, 171** |
| **05 - Deus na Natureza - pág. 50** | **06 - O Espiritismo - pág. 56** |
| **07 - O fim do mundo - pág. 189** | **08 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PRECESSÃO DOS EQUINÓCIOS** **– COMPILAÇÃO**

**01- A Gênese - Allan Kardec - cap. V, 11, IX, 6**

**9. - Entretanto, uma opinião geralmente difundida nas teogonias pagãs colocava nos lugares baixos, ou seja, nas profundezas da Terra, ou abaixo, não se sabia mais, a morada dos condenados, chamada inferno, quer dizer, lugares inferiores, e, nos lugares altos, além da região das estrelas, a morada dos felizes. A palavra inferno se conserva até os nossos dias, embora tenha perdido o seu significado etimológico, desde que a geologia desalojou o lugar dos suplícios eternos das entranhas da Terra, e que a astronomia demonstrou que não há nem alto e nem baixo no espaço infinito.  
  
10. - Sob o céu limpo da Caldéia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, pôde-se observar o movimento dos astros com tanta precisão quanto o permitia a ausência de instrumentos especiais. Viu-se, primeiro, que certas estrelas tinham um movimento próprio, independente da massa, o que não permitia mais supor que estivessem pregadas na abóbada; foram chamadas de estrelas errantes ou planetas para distingui-las das estrelas fixas. Calcula-se o seu movimento e os seus retornos periódicos.  
  
No movimento diurno da abóbada estrelada, nota-se a imobilidade da estrela polar, ao redor da qual as outras descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos paralelos, mais ou menos grandes, segundo a sua distância da estrela central; esse foi o primeiro passo para o conhecimento da obliqüidade do eixo do mundo. As viagens mais longas permitiram observar a diferença dos aspectos do céu, segundo as latitudes, as estações; a elevação da estrela polar, acima do horizonte, variando com a latitude, pôs sobre o caminho da redondeza da Terra; foi assim que, pouco a pouco, se fez uma idéia mais justa do sistema do mundo.  
  
Cerca de 600 antes de J.C., Thales, de Mileto (Ásia Menor), descobre a esfericidade da Terra, a obliqüidade da eclíptica e a causa dos eclipses. Um século mais tarde, Pitágoras, de Samos, descobre o movimento diurno da Terra sobre o seu eixo, seu movimento anual ao redor do Sol, e liga os planetas e os cometas ao sistema solar. 160 anos antes de Jesus Cristo, Hiparco, de Alexandria (Egito), inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas solares, determina o ano trópico, a duração das revoluções da Lua.  
  
Por preciosas que fossem essas descobertas para o progresso da ciência, necessitaram quase 2000 anos para se popularizarem. As idéias novas, não tendo, então, para se propagarem, senão raros manuscritos, permaneceram o quinhão de alguns filósofos, que as ensinavam aos discípulos privilegiados; as massas, que ninguém cuidava de esclarecer, delas nada aproveitaram, e continuaram a nutrir-se das velhas crenças.  
  
11.- Perto do ano 140, da era cristã, Ptolomeu, um dos homens mais ilustres da escola de Alexandria, combinando as suas próprias idéias com as crenças vulgares e algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compõe um sistema que se pode chamar misto, que leva o seu nome, e que, durante quase quinze séculos, foi o único adotado no mundo civilizado. ;  
  
Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera no centro do Universo; ela se compõe de quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Era a primeira região, dita elementar. A segunda região, dita etérea, compreendia onze céus ou esferas concêntricas, girando ao redor da Terra, a saber: o céu da Lua, o de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino, e, enfim, do primeiro móvel que dá o movimento a todos os céus inferiores, e os leva a fazerem uma revolução em vinte e quatro horas. Além dos onze céus, estava o Empíreo, morada dos felizes, assim chamada do grego PYR que significa fogo, porque se acreditava essa região resplandecente de luz como o fogo.  
  
A crença em vários céus superpostos prevaleceu por longo tempo; mas, variava-se sobre o número; o sétimo era, geralmente, considerado o mais elevado; daí, a expressão: Ser arrebatado ao sétimo céu. São Paulo disse que tinha sido elevado ao terceiro céu.  
Independentemente do movimento comum, os astros tinham, segundo Ptolomeu, movimentos próprios, mais ou menos consideráveis, segundo a sua distância do centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota o conhecimento da precisão dos equinócios, que se realiza, com efeito, em 25.860. (...)  
  
REVOLUÇÕES PERIÓDICAS  
B. - Além do seu movimento anual, ao redor do Sol, que produz as estações, o seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas, que produz o dia e a noite, a Terra tem um terceiro movimento que se cumpre em 25.000 anos mais ou menos (mais exatamente 25.868 anos), e produz o fenômeno designado em astronomia sob o nome de precessão dos equinócios (cap. V, n° 11).  
Esse movimento, que seria impossível explicar em algumas palavras, sem figuras e sem uma demonstração geométrica, consiste numa espécie de balanceamento circular que se compara ao de um pião agonizante, em consequência do qual o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone cujo cimo está no centro da Terra, e as bases abraçam a superfície circunscrita pelos círculos polares; quer dizer, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.  
  
(1) A lenda indiana sobre o dilúvio conta, segundo o livro dos Vedas, que Brahma, transformado em peixe, dirigiu-se ao piedoso monarca Vaivaswata; ele lhe disse: "O momento da dissolução do Universo chegou; logo tudo o que existe sobre a Terra estará destruído. É necessário que construas um navio no qual embarcarás, depois de pegar contigo os grãos de todos os vegetais. Esperar-me-ás sobre esse navio, e eu virei a ti tendo sobre a cabeça um corno que me fará reconhecer. "O santo obedeceu; construiu um navio, nele embarcou, e o ligou, por um cabo muito forte, ao corno do peixe.**

**O navio foi arrastado durante vários anos, com uma extrema rapidez, no meio das trevas de uma tempestade pavorosa, e abordou, enfim, o cume do monte Himawat (Himalaia). Brahma recomendou em seguida a Vaivaswata para criar todos os seres e repovoar a Terra. A analogia desta lenda com o relato bíblico de Noé é evidente; da Índia passara ao Egito, como uma multidão de outras crenças. Ora, como o livro dos Vedas e anterior ao de Moisés, o relato que nele se encontra do dilúvio não pode ser uma imitação deste último. É, pois, provável que Moisés; que estudara a doutrina dos sacerdotes egípcios, hauriu o seu entre eles.   
  
  
7.-O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério ao outro, encontra-se perpendicularmente sobre o equador, o que ocorre duas vezes por ano, em torno do dia 24 de março, quando o Sol retorna ao hemisfério boreal, e em torno de 22 de setembro, quando retorna ao hemisfério austral.  
Mas, em consequência da mudança gradual na obliquidade do eixo, o que ocasiona mudança na obliqüidade do equador sobre a eclíptica, o instante do equinócio se acha, cada ano, avançado de alguns minutos (25 min. 7 seg.) Esse avanço é chamado precessão dos equinócios (do latim procedere, marchar adiante, fazer de proe, avante, ecedere, ir-se).  
  
Esses alguns minutos, com o tempo, fazem horas, dias, meses e anos; disso resulta que o equinócio da primavera, que chega agora em março, chegará, num tempo dado, em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro, e então o mês de dezembro terá a temperatura do mês de março, e março a de junho, e assim por diante até que, retornando ao mês de março, as coisas se reencontram no estado atual, o que ocorrerá em 25.868 anos, para recomeçar a mesma revolução indefinidamente (1).  
  
(1) A precessão dos equinócios conduz a uma outra mudança, que se opera na posição dos signos do zodíaco. A Terra, girando ao redor do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol se acha cada mês em face de uma nova constelação. Essas constelações são em número de doze, a saber: Carneiro, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. São chamadas constelações zodiacais ou signos do zodíaco, e elas formam um círculo no plano do equador terrestre. Segundo o mês de nascimento de um indivíduo, dizia-se que nascera sob tal signo: daí os prognósticos da astrologia. Mas, em consequência da precessão dos equinócios, ocorre que os meses não correspondem mais as mesmas constelações; um, que nasceu no mês de julho, não está mais no signo de Leão, mas no de Câncer. Assim caiu a idéia supersticiosa ligada à influência dos signos. (Cap. V, nº 9 12).  
  
(1) O deslocamento gradual das linhas isotérmicas, fenômeno reconhecido pela ciência de maneira tão positiva quanto o deslocamento do mar, é um fato material em apoio a essa teoria.   
(1) Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podem citar-se os seguintes:  
No golfo de Gasconha, entre o velho Soulac e a torre de Cordouan, quando o mar está calmo, descobre-se no fundo da água lanços de muralha: são os restos da antiga e grande cidade de Naviomagus, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que estava então ligado à costa, está agora a 12 quilômetros.  
No mar da Mancha, sobre a costa do Havre, o mar ganha, cada dia, terreno e mina as fragas de Sainte-Adresse, que desmoronam pouco a pouco. A dois quilômetros da costa, entre Sainte-Adresse e o cabo da Hève, existe o banco de Eclat, outrora a descoberto e reunido à terra firme. Antigos documentos constatam que sobre esse sítio, onde hoje se navega, havia a aldeia de Saint-Denis-chef-de-Caux. O mar, tendo invadido o terreno no século quatorze, a igreja foi engolida em 1378. Pretende-se que se lhe vêem os restos, no fundo das águas, num tempo calmo.  
  
Sobre quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar não é retido senão à força de diques, que se rompem de tempos em tempos. O antigo lago Fevo, reunido ao mar em 1225, forma hoje o golfo de Zuyderzée. Essa irrupção do oceano engoliu várias aldeias.  
Segundo isso, o território de Paris e da França será um dia de novo ocupado pelo mar, como já o foi várias vezes, assim como provam as observações geológicas. As partes montanhosas formarão as ilhas, como o são agora Jersey, Guernesey e a Inglaterra, outrora contíguos ao continente.  
  
8. - Resulta, desse movimento cônico do eixo, que os pólos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a estrela polar não será sempre a estrela polar; que os pólos estão, gradualmente, mais ou menos inclinados para o Sol, e dele recebem raios mais ou menos diretos; de onde se segue que e Islândia e a Lapônia, por exemplo, que estão sob o circulo polar, poderão, num tempo dado, receber os raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália, e que, na posição oposta extrema, a Espanha e a Itália poderiam ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante em cada renovação do período de 25.000 anos.  
  
9. - As consequências desse movimento não pôde ainda ser determinada com precisão, porque não se pôde observar senão uma fraca parte de sua revolução; não há, pois, a esse respeito, senão presunções, das quais algumas têm uma certa probabilidade.  
Essas consequências são:  
  
l° - O aquecimento e o resfriamento alternado dos pólos e, por sequência, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25.000 anos, e a sua formação de novo durante a outra metade desse período. De onde resultaria que os pólos não estariam votados a uma esterilidade perpétua, e gozariam, por seu turno, dos benefícios da fertilidade.  
  
2° - O deslocamento gradual do mar, que invade pouco a pouco as terras, ao passo que descobre outras, para abandoná-las de novo e reentrar em seu antigo leito. Esse movimento periódico, renovado indefinidamente, constituiria uma verdadeira maré universal de 25.000 anos.  
  
A lentidão com a qual se opera esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração; mas é sensível ao cabo de alguns séculos. Não pode causar nenhum cataclismo súbito, porque os homens se retiram, de geração em geração, à medida que o mar avança, e eles avançam sobre as terras de onde o mar se retirou. É a esta causa, mais que provável, que alguns sábios atribuem a retração do mar sobre certas costas e a sua invasão sobre outras.  
  
10.-O deslocamento lento, gradual e periódico do mar é um fato adquirido pela experiência, e atestado por numerosos exemplos sobre todos os pontos do globo. Tem por consequência a conservação das forças produtivas da Terra. Essa longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados por uma produção não menos longa. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formadas pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubos naturais, periodicamente renovados, e as gerações se sucedem sem se aperceberem destas mudanças.  
  
Navegar-se-á acima das regiões que se percorrem hoje em caminhos de ferro; os navios abordarão em Montmartre, no monte Valérien, nos outeiros de Saint-Cloud e de Meudon; as madeiras e as florestas, onde se passeia, serão sepultadas sob as águas, recobertas de lodo, e povoadas de peixes em lugar de pássaros.  
O dilúvio bíblico não pôde ter essa causa, uma vez que a invasão das águas foi súbita e a sua permanência de curta duração, ao passo que, de outra maneira, fora de milhares de anos, e duraria ainda, sem que os homens disso se apercebessem dessas mudanças.**

**02 - A pluralidade dos Mundos Habitados - Camille Flammarion - pág. 221**

**(..) Os Vedas ensinavam que na origem das coisas o grande Espírito perguntou, às almas que acabara de criar, que corpo preferiam, e estas almas, depois de passar em revista todos os seres, adotaram o corpo humano como refletindo a mais bela das formas. O livro dos Vedas é o mais antigo livro de cosmogonia religiosa; desde aquela antiguidade longínqua, a opinião sobre a superioridade do corpo humano não mudou.  
  
Os mais humildes entre os homens não duvidam que ao da obra-prima da criação, os reis do Universo; e quando a mente religiosa, sondando a distância que nos separa do Altíssimo, colocou sobre os degraus desta distância uma hierarquia de seres superiores, anjos ou santos, não pôde encontrar forma mais bela e mais digna dessas inteligências que não fosse a nossa forma humana divinizada. Humanizamos Indo, e até os objetos exteriores os mais estranhos, o Sol e a Lua, por exemplo, sofreram a influência desta disposição geral e foram representados sob uma figura humana.  
  
Apesar do resultado de nossos estudos, o conjunto de nossos conhecimentos não vem confirmar este julgamento, que não tem outro fundamento senão a ilusão de nossos sentidos e essa pequena dose de vaidade que cada um traz consigo, ao vir ao mundo. Ao contrário, pode-se colocar como princípio que, para avaliar sadiamente a natureza das coisas, importa antes de tudo não tomarmos a nós mesmos como ponto de comparação, e não ver os objetos em seu valor relativo frente a nós, mas tentar conhecê-los em seu valor absoluto. Este é um princípio cuja importância é preciso apreciar, e que se deve aplicar sobretudo nos estudos da ordem que consideramos aqui.  
  
Os mais sábios entre aqueles que estudaram esta questão misteriosa da habitação dos globos celestes foram aqueles que, a exemplo de Lambert em suas sábias Cartas cosmológicas, reconheceram a impossibilidade em que estamos de emitir conjeturas plausíveis sobre a forma dos habitantes dos outros mundos, e que, dóceis às lições da Natureza, compreenderam que a força vivificadora cuja influência fez germinar as gerações espontâneas na origem dos seres agiu em todos os lugares, segundo os elementos variados inerentes a cada um dos mundos.  
  
Pode-se afirmar que todo homem, qualquer que seja, que pretenda seriamente definir a humanidade de uma outra terra, caracterizar suas condições de existência, fazer conhecer seu estado físico, intelectual ou moral, explicar sua natureza e sua maneira de ser; pode-se afirmar, dizíamos, que todo homem que emite tais pretensões está no erro mais vão. Tanto quanto proclamamos com a certeza de uma convicção inabalável a verdade da pluralidade dos Mundos, igualmente repudiamos o título de colonizador de planetas. E sustentamos que, no estado atual de nossos conhecimentos, é impossível encontrar a solução do problema.  
  
Nosso estudo fisiológico mostrou o quanto as produções da Natureza cá embaixo estão em correlação com o estado da Terra, o quanto os diversos seres que habitam este mundo estão em harmonia com os meios em que vivem, e os exemplos não deixaram de estabelecer a incontestável verdade desta proposição. Aqui seria o lugar de acrescentar que as produções desta natureza podem variar e variam, segundo os degraus de uma escala incomensurável. A começar pelos mínimos detalhes de nosso organismo, não há um só que não tenha sua razão de ser e sua utilidade na economia viva, e até os apêndices que parecem os mais insignificantes, tudo tem seu papel no organismo individual.**

**Alterai um elemento na física terrestre, subtraí uma força à sua mecânica, fazei em nosso mundo uma modificação qualquer em sua natureza íntima, e eis o que resultará: as condições de habitabilidade uma vez modificadas, a habitação atual dará lugar a uma outra. Atenuai sucessivamente a intensidade da luz solar até torná-la igual, por exemplo, à que é na superfície de Urano ou de Netuno, e logo em seguida nossos olhos perderão a faculdade de ver sem ofuscamento os objetos expostos à nossa iluminação atual. Aumentai, ao contrário, esta intensidade, e não veremos mais claramente em plena luz do dia. Fazei com que o som não se propague mais no ar, e nossas gerações futuras não possuirão senão surdos-mudos, falando a linguagem dos sinais. Somos carnívoros e herbívoros ao mesmo tempo: imaginai uma transformação lenta e progressiva em nosso regime alimentar, e uma transformação correlativa se operará em nosso mecanismo orgânico.  
  
O mundo caminha por oscilações, e seus elementos variam entre dois limites extremos em torno de uma posição média, é a lei da vida; ela é reconhecida em tudo, desde a revolução do pólo terrestre em torno do pólo da eclíptica, cm 25.765 anos, até os períodos diurnos e horários da agulha imantada. Se a vida em cada globo depende da soma dos elementos especiais em cada mundo, ela varia como este mundo, entre esses limites extremos, além dos quais ela se extinguiria, e entre os quais ela sofre modificações graduais. Se a vida é inerente à própria essência da matéria, ela é suscetível de uma diversidade ainda maior que no caso precedente; pois ela aparece inevitavelmente, quaisquer que sejam as condições acidentais que sofram certos mundos ou certas regiões nos mundos.**

**Seja como for, as modificações causadas nas condições de vida reagem sobre o organismo dos indivíduos e sobre a geração das espécies. O raciocínio que sustentamos agora relativamente a essas modificações à sua influência sobre nós mesmos pode ser continuado e aplicado a todos os nossos órgãos, a todos os nossos sentidos, a todos os nossos membros, a todas as partes internas e externas de nosso corpo; pode-se assegurar que estes órgãos existem tais ou quais, em nós, porque preenchem tais ou quais papéis, e inferir que são completamente outros em outros mundos, onde as mesmas funções não podem ser preenchidas, e mesmo que não existem, onde não têm nenhum papel a desempenhar.**

**É o modo pelo qual procede a Natureza, alhures, tal como aqui; é o modo que ela seguiria, se as condições terrestres viessem a sofrer uma alteração que não fosse violenta o suficiente para destruir a habitação da Terra; é o modo que seguiu outrora para a sucessão das espécies na superfície de nosso globo durante seus períodos primitivos; e é provavelmente o modo que segue atualmente para ai manutenção da vida na Terra e nos outros mundos.  
  
Para raciocinar sobre a criação na superfície dos planetas, e para emitir alguns julgamentos sobre as formas de que a vida lá pode se revestir, seria necessário pelo menos ter um princípio absoluto como base. Com o auxílio deste princípio absoluto, poder-se-ia, dentro de certos limites, comparar e concluir. Mas que temos de absoluto, em toda a extensão dr nossos conhecimentos? Diremos melhor: o que há de absoluto na física?—Nada! O Universo tem como dimensão o espaço e o que é o espaço? — O indefinido; ou melhor, para evitar qualquer sofisma, o espaço é um infinito. Ora, em termos absolutos, não há menos espaço daqui até Roma que daqui até Sírius, pois a distância daqui até Sírius não é parte maior do infinito que a distância daqui até Roma; se, tomando Terra como ponto de partida, viajamos durante cem mil anos com a velocidade da luz rumo a um ponto qualquer do céu chegando ao termo, não teríamos avançado, na verdade, um só passo no espaço. . .**

**Sob um outro aspecto, o do tempo, consideremos a extensão absoluta da sucessão das coisas; esta extensão é a duração eterna. Ora, cem bilhões de séculos e um segundo são dois termos equivalentes na duração eterna. O absoluto não existe na física, tudo é relativo. Se, por um fenômeno qualquer, a Terra toda, com sua população, se reduzisse progressivamente ao tamanho de uma bola de bilhar; se todos os elementos que caracterizam o corpo, o peso, a densidade, a força orgânica, o movimento, a intensidade da luz e das cores, o calórico etc., se atenuassem na mesma proporção; se o sistema do mundo sofresse uma modificação proporcional a esta diminuição do globo terrestre; em uma só palavra, se todos os objetos que nossos sentidos percebem sofressem esta diminuição mantendo entre eles as mesmas relações, ser-nos-ia impossível perceber esta imensa transformação.**

**Seria um mundo dos liliputianos; as altas cadeias do Himalaia e nossas montanhas dos Alpes seriam reduzidas ao tamanho de grãos de cinza; nossos bosques, nossos parques, nossas casas, nossos apartamentos seriam menos que tudo o que conhecemos atualmente, e nós estaríamos do tamanho dos animais que chamamos de microscópicos; a Terra inteira poderia caber na mão de um homem do nosso tamanho atual; tudo seria transformado; e definitivamente, nada teria mudado para nós; nosso tamanho seria sempre de seis pés (nosso metro continuaria a ser a décima milionésima parte de um quarto do meridiano terrestre), nossas cidades e nossos campos, nossos portos e nossos navios conservariam as mesmas relações entre si.**

**Os objetos se apresentariam a nossos olhos sob o mesmo ângulo em que se apresentam atualmente, e todas as proporções continuaram as mesmas, e por mais maravilhosa que fosse, a metamorfose passaria desapercebida. Se se considera estas idéias muito ousadas, responderemos que, por um lado, são uma verdade matemática, e por outro desfrutam de uma notoriedade muito antiga em filosofia. Seria irrazoável, em nossa opinião, afirmar que elas sejam a expressão de realidades existindo em qualquer lugar do espaço: não é provável que a natureza tenha gerado esses mundos do tamanho de átomos; mas por vezes é útil apresentar exemplos exagerados para combater opiniões fundamentalmente errôneas. (...)  
  
05 - Deus na Natureza - Camille Flammarion - pág. 50   
  
(..) Esses mundos longínquos que, qual o nosso, se embalam no mesmo éter, sob o império das mesmas energias e das mesmas leis, são igualmente sedes de atividade e vida. Poderíamos apresentar este grandioso e magnífico espetáculo da vida universal como eloquente testemunho da inteligência, sabedoria e onipotência da causa annima, que houve por bem reverberar, dos primórdios da Criação, o seu mágico esplendor no espelho da Natureza criada. Mas, não é sob este prisma que desejamos aqui desdobrar o panorama das grandezas celestes. Apenas, para o teatro das leis que regem o nosso mundo, queremos convocar os negadores da inteligência criadora.  
  
Se, abrindo os olhos diante desse espetáculo, eles persistirem em sua negativa, já não teremos como nos eximir de responder-lhes, em consciência, que também duvidaremos de suas faculdades mentais. Porque, para falar com franqueza, a inteligência do Criador nos parece infinitamente mais curta e incontestável que a dos ateus franceses e estrangeiros.  
  
E, como o método positivo consiste em não julgar antes de observar os fatos, corre-nos o dever que examinar primeiro os fatos astronômicos de que falamos, e depois da interpretação com que se satisfazem os nossos antagonistas. Se, depois disso, essa sua interpretação satisfizer, subscreveremos de antemão as suas doutrinas; mas, se, ao contrário, revelar-se insensata, temos, como dever de honra e por amor à verdade, de a desmascarar e entregar ao apupo da platéia.  
  
Esqueçamos por momentos o átomo terrestre, no qual o destino nos fixou por alguns dias. Que o nosso Espírito se lance ao espaço e veja rolar diante de si o mecanismo gigantesco — mundos e mundos, sistemas após sistemas, na infinita sucessão de universos estrelados. Ouçamos, com Pitágoras, as harmonias siderais nas amplas e céleres revoluções das esferas e contemplemos, na sua realidade, esses movimentos simultaneamente vertiginosos e regulares que enfeudam as terras celestes nas suas órbitas ideais. Observamos que a lei suprema, universal, dirige estes mundos.**

**Em torno do nosso sol, centro, foco luminoso, elétrico, calorífico do sistema planetário, giram os planetas obedientes. Os mais extraordinários labores do espírito humano deram-nos a fórmula da lei, que se divide em três pontos fundamentais, conhecidos em Astronomia por leis de Képler, operoso sábio que a descobriu graças ao seu gênio, como à sua paciência, e que discutiu opiniàticamente, 17 anos, as observações do seu mestre Ticho-Brahe, antes que distinguisse sob o véu da matéria a força que a rege.  
  
Esses três pontos são:  
  
1." — Cada planeta descreve em torno do Sol uma órbita elíptica, na qual o centro do Sol ocupa sempre um dos focos.  
  
2.° — As áreas (ou superfícies) descritas pelo raio vector de um planeta em redor do foco solar são proporcionais aos tempos que levam a descrevê-las.  
  
3." — Os quadrados dos tempos de revolução planetária, em torno do Sol, são proporcionais aos cubos dos grandes eixos orbitários.  
  
A síntese destas leis integra o grande axioma que Newton foi o primeiro a formular na sua obra imortal sobre os Princípios. Neste livro, ensina-nos ele — como bem adverte Herschel — que todos os movimentos celestes são consequências da lei, isto é: — que duas moléculas materiais se atraem na razão direta do volume de suas massas e na inversa do quadrado das distâncias.  
  
Partindo deste princípio, ele explica como a atração exercida entre as grandes massas esféricas, componentes do nosso sistema, é regulada por uma lei cuja expressão é exatamente idêntica, como os movimentos elípticos dos planetas ao redor do Sol e dos satélites ao redor dos planetas, tal como os determinou Képler, se deduzem consequentes necessários da mesma lei, e como as próprias órbitas dos cometas não são mais que casos particulares dos movimentos planetários. Passando em seguida às aplicações difíceis, faz-nos ver como as desigualdades tão complicadas do movimento lunar prendem-se à ação perturbadora do Sol, assim como se originam as marés da desigualdade de atração que esses dois astros exercem sobre a Terra e o oceano que a rodeia. E demonstra-nos, enfim, como também a precessão dos equinócios não passa de consequência necessária da mesma lei.  
  
Pois é à execução dessas leis que está confiada a harmonia do sistema planetário; é a elas que os mundos devem os seus anos, as suas estações, os seus dias; é nelas que haurem a luz e o calor distribuídos em diversos graus pela fonte cintilante; é delas que derivam a eclosão da vida, a forma e ornamento dos corpos celestes. Sob a ação incoercível dessas forças colossais, os mundos se transportam no espaço com a rapidez do relâmpago e percorrem centenas de mil léguas por dia, sem parar, seguindo estritamente a rota certa e previamente traçada por essas mesmas forças.  
  
Se nos fora dado libertar-nos um momento das aparências, sob cujo império nos acreditamos em repouso no centro do Universo, e se pudéramos abranger num olhar de conjunto os movimentos que animam todas as esferas, haveríamos de ficar surpreendidos com a imponência desses movimentos. Aos nossos olhos maravilhados, enormíssimos globos turbilhonariam rápidos sobre si mesmos, pro-jetados no vácuo a toda a velocidade, quais gigantescas balas que uma força de projeção inimaginável houvesse enviado ao Infinito.   
  
Admiramo-nos desses comboios ferroviários que devoram distâncias como dragões flamantes e, no entanto, os globos celestes, mais volumosos que a nossa Terra, deslocam-se com uma rapidez que ultrapassa a das locomotivas, quanto a destas ultrapassa a das tartarugas. A terra que habitamos, por exemplo, percorre o espaço com a velocidade de seiscentos e cinquenta mil léguas por dia.   
  
Rodeando esses mundos, veríamos satélites em circulação e a distâncias diferentes, mas adstritos e submissos às mesmas leis. E todas essas repúblicas flutuantes inclinam os pólos alternativamente para o calor e para a luz, a gravitarem sobre o próprio eixo, apresentando, cada manhã, os diferentes pontos de sua superfície ao beijo do astro-rei.**

**Tiram, assim, da combinação mesma dos seus movimentos, a renovação da beleza e da juventude; renovam a fecundidade no ciclo das primaveras, dos estios, dos outonos e dos invernos; coroam de frondes as montanhas onde o vento suspira; refletem no espelho dos lagos a magia de suas paisagens; envolvem-se, às vezes, na lanugem atmosférica, fazendo dela um manto protetor, ou transformando-a em cadinho retumbante de raios e granizos; desdobram por superfícies imensas a força das ondas oceânicas, que, também por si, se alteiam sob a atração dos astros, qual seio ofegante.**

**Iluminam crepúsculos com os matizes policrômicos dos ocasos comburentes, e fremem nos seus pólos às palpitações elétricas despedidas dos leques de boreais auroras; geram, embalam e nutrem a multidão de seres que as povoam; e renovam o filão da vida desde as plantas fósseis, do passado, até o homem que pensa e sonda o futuro. Todos estes mundos, todas estas moradas do espaço, departamentos da vida, nos apareceriam quais naves bussoladas, conduzindo através do oceano celeste tripulantes que não têm a temer escolhos nem imperícias de comando, nem falta de combustível, nem fome, nem tempestades. (..)**

|  |  |
| --- | --- |
| **PREDESTINAÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - cap. XVI** | **02 - Expiação - pág. 90** |
| **03 - Ide e pregai- pág. 33** | **04 - Jesus o verbo do Pai - pág. 52** |
| **05 - Memórias de um suicida- pág. 318, 327** | **06 - No limiar do infinito- pág. 37** |
| **07 - Novas mensagens - pág. 121** | **08 - O Livro dos Espíritos - q. 334, 336, 576,** |
| **09 - O Livro dos Médiuns- pág. q. 289, 290** | **10 - O que é a morte - pág.13** |
| **11 - Obras póstumas - pág. 99** | **12 - Viver em plenitude - pág. 83** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PREDESTINAÇÃO** **– COMPILAÇÃO**

**08 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões: 334, 336, 576, 861, 868**

**Perg. 334 - A união da alma com este ou aquele corpo está predestinada, ou no último momento é que se faz a escolha?  
- O Espírito é sempre designado com antecedência. Escolhendo a prova que deseja sofrer, o Espírito pede para encarnar; Deus, que tudo sabe e tudo vê, sabe e vê com antecedência que tal alma se unirá a tal corpo.**

**Perg. 335 - O Espírito tem o direito de escolher o corpo ou somente o gênero de vida que lhe deve servir de prova?  
- Ele pode escolher também o corpo, porque as imperfeições do corpo são provas que o ajudam no seu adiantamento, se ele vencer os obstáculos encontrados; mas a escolha nem sempre depende dele, que pode pedí-la.**

**Perg. 336 - Poderia acontecer que um corpo que deve nascer não encontrase Espírito para encarnar-se nele?  
- Deus proveria isso. A criança, quando deve nascer para viver, tem sempre uma alma predestinada; nada é criado sem um desígnio.**

**Perg. 337 - A união do Espírito com determinado corpo pode se imposta por Deus?  
- Pode ser imposta, da maneira que as diferentes provas, sobretudo quando o Espírito ainda não está apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação, o Espírito pode ser constrangido a se unir ao corpo de uma criança que, por seu nascimento e pela posição que terá no mundo, poderá tornar-se para ele um meio de castigo.**

**Perg. 576 - Os homens incumbidos de missão importante são predestinados a elas, antes do nascimento, e têm conhecimento disso?  
-Às vezes sim, mas na maioria das vezes o ignoram. Só têm um vago objetivo ao vir para a Terra; sua missão se desenvolve após o nascimento e segundo as circunstâncias. Deus os impulsiona pela via em que devem cumprir os seus desígnios.**

**Perg. 861 - O homem que comete um assassinato sabe, ao escolher a sua existência, que se tornará assassino?  
- Não. Sabe apenas que, ao escolher uma vida de lutas, terá a probabilidade de matar um de seus semelhantes, mas ignora se o fará ou não porque depende quase sempre de tomar a deliberação de cometer o crime. Ora, aquele que delibera sobre uma coisa é sempre livre de a fazer ou não. Se o Espírito soubesse com antecedência que, como homem, devia cometer um assassínio, estaria predestinado a isso. Sabei, então, que não há ninguém predestinado ao crime e que todo crime, como todo e qualquer ato, é sempre o resultado da vontade e do arbítrio.**

**LEMBRETE:**

**1° - PREDESTINAÇÃO s.f. a - Ato ou efeito de predestinar; b - teol. Desígnio de Deus, pelo qual conduz os eleitos para o bem-aventurança eterna, por oposição à qualidade ou condição de precito.**

**2° - PREDESTINADO: Adj. a - Determinado de antemão; fadado. b - Eleito de Deus; s.m Aquele a quem Deus predestinou a bem-aventurança; santo.**

**3° - PREDESTINAR: v. tr. dir. a - Destinar antes; b - teol. Eleger (Deus) desde toda a eternidade para a bem-aventurança eterna ou para a realização de grandes coisas.**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **PREMONIÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A matéria psi - pág. 34** | **02 - A mediunidade e a lei - pág. 204** |
| **03 - A vida além do véu - pág. 204** | **04 - Allan kardec - vol. 3 pág. 114** |
| **05 - Animismo ou espiritismo - pág. 103, 218** | **06 - Antônio de Pádua - pág. 111** |
| **07 - Confidências de um inconfidente - pág. 27** | **08 - Da alma humana - pág. 100** |
| **09 - Enigmas da psicometria - pág. 71, 111** | **10 - Entre a matéria e o Espírito - pág. 154** |
| **11 - Estamos no além - pág. 65** | **12 - Caridade - pág. 123** |
| **13 - Gestação sublime intercâmbio- pág. 121** | **14 - Hipnotismo e espiritismo - pág. 20** |
| **15 - História do Espiritismo - pág. 260** | **16 - Joana D'Arc - pág. 50** |
| **17 - Mãos de luz - pág. 216** | **18 - O Consolador - pág. 90** |
| **19 - O Espiritismo - pág. 112** | **20 - O Espirito do Cristianismo - pág. 151** |
| **21 - O Livro dos Espíritos - q. 411** | **22 - O que é a morte? - pág. 74, 119** |
| **23 - Saúde e espiritismo - pág. 88** | **24 - Síntese de o novo testamento - pág. 33, 35** |
| **25 - Vida e atos dos apóstolos - pág. 188, 229** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PREMONIÇÃO** **– COMPILAÇÃO**

**21 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questão. 411**

**O Espírito encarnado, nos momentos em que se desprende da matéria e age como Espírito, conhece a época de sua morte?  
- Muitas vezes a pressente, e às vezes tem dela um consciência bastante clara, o que lhe dá, no estado de vigília, a sua intuição. É por isso que algumas pessoas prevêem às vezes a própria morte com grande exatidão.**

**23 - Saúde e espiritismo - A.M.E. Brasil - pág. 88**

**Através da emancipação completa da alma, o rei Abimeleque tomou conhecimento de que a mulher, Sara, que tinha tomado, era casada com Abraão. Através do sonho, foi exortado a devolvê-la ao marido;  
b) Gênesis 28:12: Sonho de Jacó: Jacó, filho de Isaque e de Rebeca, irmão gêmeo de Esaú, deitou-se para dormir e sonhou com uma escada, cuja base estava fincada na terra e o topo no céu, na qual os mensageiros de Deus subiam e desciam por ela.A seguir, ouviu as recomendações de lave;  
  
c) Gênesis 31:24: Sonho de Labão: Através de sonho, Labão, o arameu, foi admoestado pelo Senhor a não fazer mal a Jacó, o qual retornava à terra de seus pais, fugindo de Labão;  
  
d) Gênesis 37:5: primeiro Sonho de José (filho de Jacó): José foi um excelente médium projetor consciente de precognição. Em sonho, isto é, com a consciência plenamente projetada, ficava conhecendo fatos vindouros. No primeiro sonho, José com apenas 17 anos de idade, ao lado de seus irmãos, viu feixes enfileirados que rodeavam e saudavam o seu feixe;  
  
e) segundo Sonho de José: Gênesis 37:9: Visão simbólica do sol, a lua e de onze estrelas se inclinando perante ele.  
Na realidade, em ambas as projeções, teve acesso ao tempo futuro, sabendo-se que espaço e tempo são dimensões que se inter-relacionam, constituindo o "continuam espaço-tempo" de Einstein.  
  
Realmente, a premonição concretizou-se. José foi outorgado governador do Egito pelo Faraó. Protege a sua família, livrando-a da fome e sendo reverenciado por todos os irmãos;  
  
f) Gênesis 41:7: Sonho do Faraó, interpretado por José. Desta vez, o projetor precognitivo é o Faraó, com dois sonhos proféticos que não sabia explicar. No primeiro, sete vacas magras e feias comiam sete vacas gordas e formosas. No segundo, sete espigas de milho mirradas devoravam sete espigas grandes e cheias.  
  
José interpretou os sonhos, dizendo que no Egito seguir-se-ão sete anos de grande abundância e logo após sete anos de fome intensa.  
Devido à decifração da premonição do monarca, José foi incumbido de administrar a terra, tendo guardado a quinta parte da farta colheita para suprir o período de escassez. Segundo Emmanuel, em O Consolador (FEB), questão 49, as visões proféticas, durante o desdobramento, são "sempre organizadas pelos mentores espirituais de elevada hierarquia, obedecendo a fins superiores";  
  
g) I Reis 3:5: Sonho de Salomão: No inicio do seu reinado, em Gibeom, apareceu o Senhor ao monarca de noite em sonhos. O rei pede que lhe seja concedida sabedoria. Seu pedido foi aceito e, independentemente de não terem sido solicitadas, recebeu também riquezas, glória e longevidade;  
  
e) Daniel 2:31: Sonho de Nabucodonosor: O rei de Babilônia, no segundo ano de mandato, teve um sonho. Contudo, não sabendo interpretá-lo, chamou todos os adivinhos caldeus, os quais não conseguiram explicá-lo.  
  
Trata-se de mais um caso de projeção precognitiva, oferecendo-se o profeta para resolver o impasse. Diz a Bíblia que "foi revelado o mistério a Daniel numa visão da noite" (Daniel 12:19), isto é, em desdobramento. Pois bem, através do profeta, tomou-se conhecimento de acontecimentos futuros de mais de dois mil e quinhentos anos. Para aprofundamento na explicação desse sonho tão fascinante, recomendo a leitura do Cap. IX, do livro Atualidade Espírita, da Casa Editora O Clarim.  
  
Interessante frisar que as leis antigas (Deuteronômio 13:1-5, Jeremias 23:32 e Zacarias 10:2) eram severas, punindo com a morte os projetores ("sonhadores") que estimulavam o culto aos deuses, professando o politeísmo. Parapsicólogos materialistas, tentando negar o desdobramento e a existência do princípio espiritual imortal, relatam que as sensações, vivenciadas por aqueles que se projetam, não passam de meras alucinações.  
  
Alguns setores científicos da área da Psiquiatria abordam alguns casos patológicos ligados ao fenômeno da autoscopia, que é a faculdade e o ato de o indivíduo se ver diante de si, como a imagem refletida no espelho, estando a consciência situada no corpo físico.  
Essa aparição para si mesmo pode ser encontrada em pacientes portadores de alcoolismo crônico, epilepsia, enxaqueca, esquizofrenia, lesões cerebrais (infecciosas, traumáticas, vasculares, neoplásicas), intoxicação por drogas etc. Todos os autores que lidam com a projeção da consciência sabem que para haver produção da OBE (Out-of-the-Body Experiencé) existem causas naturais e forçadas.  
  
As doenças, os estados pré-agônicos, os choques orgânicos ou físicos violentos, a anoxia e o uso de drogas podem desencadear o desdobramento. Contudo, as sensações experimentadas pelos projetores são inesquecíveis, profundas, não podendo ser explicadas por fugazes alucinações, estando das pelos projetores são inesquecíveis, profundas, não podendo ser explicadas por fugazes alucinações, estando a consciência, ao contrário da autoscopia, fora da vestimenta somática.  
  
Os relatos são unânimes, ressaltando a transformação interior para o bem, o desejo de viver melhor a vida e a superação da tanatofobia (medo da morte). É claro que se as alucinações fossem causa do processo, as vivências logo seriam esquecidas e não deixariam traços tão marcantes. Ainda por cima, existem provas irrefutáveis e insofismáveis atestando a veracidade do fenômeno da emancipação completa da alma.  
  
Pelo menos, três exemplos pessoais podem ser descritos, à guisa de ilustração:  
1) A mãe de d. Elza Vilar, em estado pré-agônico devido à doença neoplásica disseminada, apresentava momentos de inconsciência intercalados com rápidos segundos de lucidez.  
Durante um tempo de recuperação fugaz dos sentidos, disse que o seu marido (já desencarnado) estava com ela e passeavam muito.   
  
A filha ficou um pouco intrigada com esse relato, porém achava que a mãe estava fantasiando. Todavia, em outra oportunidade, a doente lhe fez uma admoestação, dizendo-lhe que o pai a levou para rever a fazenda e a encontrou totalmente abandonada e estragada. A filha ficou perplexa, desde que realmente a propriedade rural fora posta de lado devido à doença materna. O fato era inteiramente desconhecido pela doente, já que seu conhecimento lhe traria muita tristeza e desânimo.  
  
2) Outro caso bem elucidativo e contrário à tese da alucinação é o de Edmundo Vasques. Moribundo, devido a um tumor neoplásico pulmonar devastante, em um momento de acuidade mental, bem exaltado, censura a esposa por não lhe ter comunicado a morte de um parente próximo, cujo espírito, segundo ele, estava ali presente, informando-lhe do ocorrido; O fato realmente sucedera e o doente o ignorava.  
  
3) O autor destas linhas já teve a oportunidade de experimentar diversos desdobramentos conscientes. Contudo, um deles merece registro e divulgação, desde que os fatos vivenciados receberam a devida comprovação, assegurando-me mais uma vez da certeza da imortalidade. Sentia-me leve e ágil, fortemente amparado nos braços por duas entidades, invisíveis ao meu olhar. De imediato, avistei à minha frente o pai de um dos meus ex-colegas de Faculdade, por sinal pessoa extremamente boa e generosa.  
  
Infelizmente, mostrava-se muito triste e, para minha surpresa, comunicava-me a sua morte. Atônito, ao meu lado, estava o seu filho, meu colega, que não captava a presença querida do pai, sr. José. Contudo, após alguns momentos de diálogo, no qual o amigo deu-me notícia da desencarnação do genitor, observei uma cena indescritível: os dois abraçavam-se emocionados, debulhados em pranto, em um encontro memorável de dois seres que muito se amam e estavam parcialmente distanciados pela morte.  
  
Embora tivesse a certeza do desdobramento, por me sentir duplo, tendo a noção do meu corpo físico adormecido no leito, acordei um tanto descrente, acreditando que tudo passara de um sonho comum. Porém, nesse mesmo dia, por volta das 14 horas, encontro-me com um antigo vizinho do sr. José, que me relata o fato de o mesmo ter morrido há três dias. Perplexo, narrei-lhe meu "sonho" e saí rapidamente à procura da viúva, d. Marília, a qual, emocionada, me recebeu muito carinhosamente, dizendo-me ter igualmente "sonhado" com o marido aquela noite.  
  
Tomei conhecimento, então, do motivo da tristeza que abatia o coração do amigo, um caso íntimo que já o desgastava desde antes de sua desencarnação. Duas semanas após, novamente desdobrado, vi-me diante do sr. José, irradiando jovialidade e felicidade. Confirmava mais uma vez sua desencarnação e, prontamente, repliquei com uma brincadeira, dizendo-lhe que se estivesse morto não poderia estar ali a conversar comigo. Notei, nesse momento, um fenómeno inusitado: eu estava aparentemente sério, enquanto galhofava, contudo sentia o corpo físico sorrir na cama. Foi uma grande experiência vivida por mim.  
  
Logo após abracei efusivamente o sr. José. Feliz, ali estava a locar em um "defunto vivo", comprovando a realidade de que a morte não interrompe a vida. Acordando, mais uma vez visitei d. Marília, que me confirmava que os problemas familiares estavam agora sanados, sendo esse motivo pelo qual seu esposo lograra alcançar a paz.  
  
Dessa experiência marcante, ressalto a comprovação de um fato (desencarnação), ao qual desconhecia, como também o porquê da tristeza que inicialmente abatera o companheiro desencarnado. Depois, o reencontro inesquecível com ele, abraçando-o efusivamente, e a corroboração de que a questão de âmbito íntimo havia sido resolvida a contento.**

**Agradeço a Deus o ensejo de participar de tão enriquecedora experiência, a qual, além de me proporcionar mais uma prova da sobrevivência do Espírito, me deu a chance de rever um velho e querido amigo. O desdobramento ou projeção da consciência contribui, sobremaneira, para que o homem se conscientize da realidade do Plano Espiritual e se veja como um ser imortal, filho de Deus que é Amor, um cidadão do Universo, em busca da perfeição, iluminado pelas estrelas incomensuráveis do Pai.  
  
24 - Síntese de o novo testamento - Mínimus - pág. 33, 35**

**Predição do nascimento de João. (Luc., 1:1 a 25) '  
Tendo muitas pessoas empreendido escrever a história dos fatos desenrolados entre nós, guiando-se pelo que nos transmitiram aqueles que os observaram desde o começo, com seus próprios olhos, e foram os ministros da palavra, pareceu-me conveniente, excelentíssimo Teófilo, depois que investiguei exatamente todas essas coisas, desde o início, narrar-vos toda a série delas, a fim de que conheçais a verdade da doutrina em que fostes instruído.  
  
Sob o reinado de Heródes, rei da Judéia, havia um sacerdote chamado Zacarias, da classe sacerdotal de Abias; sua mulher pertencia à raça de Aarão e se chamava Isabel. Ambos eram justos aos olhos de Deus e obedeciam aos mandamentos e ordens do Senhor, de modo irrepreensível. Não tinham filhos por ser Isabel estéril e estarem ambos em idade avançada.  
  
Desempenhando Zacarias suas funções de sacerdote perante Deus, na ordem da sua turma, sucedeu que, tirada a sorte, conforme o costume entre os sacerdotes, lhe tocou entrar no santuário do Senhor para queimar o incenso, enquanto a multidão, do lado de fora, orava no momento em que se queimava a resma. À direita do altar de incensamento, um anjo do Senhor apareceu de pé a Zacarias. Ao vê-lo, Zacarias ficou todo perturbado e o temor se apoderou dele.**

**O anjo, porém, lhe disse: "Não tenhas medo, Zacarias, porquanto a tua súplica foi ouvida e Isabel, tua mulher, te dará um filho a quem chamarás João. Exultarás com isso de alegria e muitos rejubilarão com o seu nascimento; pois que ele será grande aos olhos do Senhor; não beberá vinho nem bebida alguma inebriante; será cheio do Espírito-Santo desde o seio materno; converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor Deus deles; e irá à frente do Senhor, no Espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo dedicado."**

**Disse Zacarias ao anjo: "Como me certificarei disso, sendo já velho e estando minha mulher em idade avançada?" — Respondeu-lhe o anjo: "Sou Gabriel, sempre presente diante de Deus, e fui enviado para te falar e te anunciar esta boa nova. Vais ficar mudo e não poderás mais falar até ao dia em que estas coisas acontecerem, visto não haveres acreditado nas minhas palavras que a seu tempo se cumprirão."  
  
O povo esperava Zacarias e se admirava que estivesse demorando no santuário. Mas, quando ele saiu sem poder falar, todos compreenderam que tivera uma visão no santuário, pois que lhes dava a entender isso por sinais, e continuou mudo. Decorridos os dias do seu ministério sacerdotal, voltou para casa. Tempos depois, Isabel, sua mulher, concebeu; e se ocultou durante cinco meses, dizendo: "Esta a graça que o Senhor me concedeu quando se dignou de tirar-me do opróbrio diante dos homens."  
  
Predição do nascimento de Jesus. (Luc., 1:26 a 36)  
Estando Isabel no sexto mês de gravidez, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a Nazaré, cidade da Galiléia, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de David, e essa virgem se chamava Maria. O anjo, aproximando-se dela, disse-lhe: "Eu te saúdo, ó cheia de graça; o Senhor é contigo." Ela, porém, ao ouvi-lo, se perturbou muito e pôs-se a pensar no que significaria aquela saudação. O anjo lhe disse: "Nada temas, Maria, porquanto caíste em graça perante Deus.**

**E' assim que conceberás no teu ventre, e de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono do seu pai David; remará eternamente sobre a casa de Jacob, e o seu reino não terá fim." Então, disse Maria ao anjo: "Como sucederá isso, se não conheço varão?" — O anjo respondeu: "O Espírito-Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra, e, por isso, o que há-de nascer será chamado santo, Filho de Deus.**

**Também tua parenta Isabel concebeu na velhice um filho e está no sexto mês de gravidez, ela que era chamada estéril; pois a Deus nada é impossível." Então Maria disse: "Aqui está a serva do Senhor, faça-se em mim conforme às tuas palavras." E o anjo se afastou dela.  
  
Visita de Maria a Isabel. Cântico de Maria.(Luc., 1:39 a 56)   
Naqueles dias, pôs-se Maria apressadamente a caminho das montanhas, indo a uma cidade de Judá. Entrando na casa de Zacarias, saudou a Isabel. Sucedeu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criança lhe saltou no ventre e ela ficou cheia do Espírito-Santo, exclamando em alta voz: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Que fiz para merecer visitada pela mãe do meu Senhor? — Sim, pois mal me chegaram aos ouvidos as palavras com que me saudaste, a criança saltou de alegria dentro de mim. Bem-aventurada aquela que acreditou se cumprirá o que lhe foi falado da parte do Senhor."  
  
Disse então Maria: "Minha alma glorifica o Senhor e meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador, porque pôs os olhos na humildade da sua serva. Doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque o Poderoso me fez grandes coisas — santo é o seu nome. A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre os que o temem; manifestou poder com o seu braço; dissipou os que tinham pensamentos orgulhosos no coração; depôs dos tronos os poderosos e elevou os humildes; cumulou de bens os famintos e despediu os ricos com as mãos vazias; socorreu a Israel, seu servo, lembrando-se de misericórdia, conforme falou aos nossos pais, a Abraão e à sua posteridade na sucessão dos séculos". — Maria ficou em companhia de Isabel cerca de três meses, depois voltou para sua casa.  
  
Nascimento de João. - (Luc., 1:57 a 66)  
Entrementes, chegou a época em que Isabel havia de dar à luz e lhe nasceu um filho. Seus vizinhos e parentes, tendo sabido que o Senhor lhe concedera uma grande misericórdia, congratularam-se com ela. No oitavo dia, como trouxessem o menino para a circuncisão, e quisessem pôr-lhe o nome de Zacarias, dando-lhe o nome do pai, Isabel lhes disse: "Não, o seu nome será João." —   
  
Responderam-lhe: -"Não há na vossa família quem tenha esse nome." Por acenos, perguntaram ao pai do menino como queria que este se chamasse. Zacarias pediu uma tabuinha e escreveu: — "João é o seu nome" — fato que encheu de espanto a todos os presentes. No mesmo instante se lhe abriu a boca, soltou-se-lhe a língua e ele começou a falar, bendizendo a Deus. Todos os que residiam nas vizinhanças se encheram de temor; a notícia dessas maravilhas se espalhou por toda a região montanhosa da Judéia; e todos os que as ouviram narrar guardaram delas lembrança e diziam entre si: "Que virá a ser um dia este menino?" — pois que sobre ele estava a mão do Senhor.**

**25 - Vida e atos dos apóstolos - Cairbar Schutel \_ pág. 188, 229**

**OS APÓSTOLOS DE JESUS  
Logo após haver iniciado a sua vida pública, no desempenho da singular missão que o Supremo Senhor lhe concedera, Jesus deliberou escolher entre os homens que eram do seu conhecimento, doze discípulos, para o acompanharem, de cidade em cidade, onde teria que anunciar a Vinda do Reino de Deus Eram muitos os que O seguiam para ouvir as suas sublimei parábolas, as suas prédicas cheias de amor e de doçura.  
  
Certa noite Ele afastou-se deles para descansar e, bem cedo, subiu ao monte para orar, orar fora do bulício humano e pôr-se em íntima comunicação com o Alto, cujos mensageiros o auxiliavam na sua tarefa. De volta, os discípulos esperavar receber, todos eles, aquele pão do Céu que tanto saciava sua fome de entendimento, justamente numa época semelhai! à que atravessamos, em que a fé se havia retirado dos coraçõe O Mestre, após lhes haver dado a Paz, como era do seu costume, chamou-os e julgou por bem, segundo diz o Evangelista Lucas, nomear definitivamente os doze que O teriam de seguí-lo. E deu-lhes o nome de Apóstolos, que quer dizer pregadores, exemplificadores da Fé.**

**Foram eles: Simão, quem deu o nome de Pedro, e André seu irmão; Tiago e Joã Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscarióte. Após isso, desceu com eles e os demais discípulos a um lugar, onde uma multidão de pessoas vindas da Judeu Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidon, ali se achavam para ouvi-lo e serem curados de suas enfermidades. Subiu com os doze a um pequeno monte e lhes anunciou as aventuranças reservadas aos que buscam a Deus; curou 05 enfermos que ali se achavam e expeliu os Espíritos malignos que atormentavam os obsediados.  
  
O Mestre lhes quis dar uma lição de como eles, apóstolos, deveriam agir, para bem cumprirem a sua tarefa. O trabalho dos apóstolos durante a vida corpórea de Jesus, foi nulo. Só depois de haverem recebido o Espírito, após a explosão de Pentecostes, é que eles entraram em ação para o desempenho da grande tarefa. É que o homem, por si mesmo nada pode fazer. Sem o auxílio de Deus, que constitui sua Igreja Triunfante, que paira nas alturas para dirigir as altas regiões e ministrar luzes e forças à Igreja Militante, pessoa alguma deste mundo, em que ainda predominam as trevas e o desamor, tem poder para fazer ou desfazer, ou guiar as massas à Espiritualidade.  
  
Temos exemplos frisantes desta Verdade, e o próprio Jesus a referendou, quando Ele, o maior Espírito que baixou à Terra, disse: "Por Mim mesmo nada posso fazer; é o Pai que faz em Mim as obras que vedes; a minha Palavra não é minha, mas do Pai que me enviou".  
Mas passado o Pentecostes todos os escolhidos pelo Mestre, com exceção de Judas Iscariote que faliu em sua missão, cedendo, num momento de fraqueza, às injunções inferiores, todos os demais fizeram o que lhes foi possível para a difusão do grande Ideal a eles outorgado.  
  
E por falar em Judas Iscariote, não deixemos passar em branco essa individualidade que seguiu a Jesus, com os outros onze, por três anos consecutivos. No Evangelho não se encontra a sua genealogia, certamente porque, tendo ele procedido tal como procedeu, com deslealdade e traição, deixou de merecer a consideração dos Evangelistas. O historiador Josefo diz que o seu apelido, Iscariote, vem da cidade donde ele era natural — Carioth ou Keriote. Foi um fraco, mas não era um Átila, um Nero, que foram portejados pelo sacerdotalismo do seu tempo. E como o progresso é infinito, longe de pensarmos na condenação perene de Judas, cremos antes que, restabelecido agora das suas enfermidades morais, esteja reintegrado no Apostolado, batalhando pela grande Causa, já muito conhecida, e pela qual também ele deu a sua vida num momento de arrependimento extremo do mal que havia praticado.  
  
Lancemos um olhar de simpatia para esse Apóstolo; não nos esqueçamos que Jesus o tem amparado com o manto do seu perdão, e que apesar de prever a tragédia que se ia desenrolar e na qual seria a vítima cruenta, nunca negou a Judas o pão e o vinho. A época em que nos achamos é de grandes cometimentos e Judas não pode deixar de ser um arauto nessa grande luta em que a Luz se empenha em extinguir as trevas que empanam o nosso planeta.  
  
E a prova da nossa asserção se não viesse pela lógica da Doutrina que o Nazareno nos anunciou, viria pela Mensagem belíssima de Judas, recebida na Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil, no dia 12 de setembro de 1916, por um médium bem desenvolvido, mensagem comprovada por um vidente, que viu, no momento de ser escrita a comunicação, um homem de barbas e cabelos pretos, trajando vestes brancas, muito alvas. O Espírito apresentou-se circundado de um grande halo de luz azul-claro que contornava outra luz de um azul-escuro aveludado. Em torno do Espírito, espalhados, flutuavam flocos de luz verde, sendo deslumbrante o efeito da aparição.  
  
Eis a Mensagem: -Judas, meus bons amigos, volta hoje ao mundo para declarar perante os homens as verdades que lhe foram inspiradas por Nosso Senhor Jesus Cristo — o grande e amado Mestre — a quem, num momento de cegueira, de trevas e extrema fraqueza, traiu, vendendo-O aos inimigos. Jesus, meus bons amigos, o Messias, aquele que foi enviado por DEUS para salvar o Mundo onde viveis hoje, já perdoou a Judas Iscariote a sua fraqueza e cegueira. DEUS,: em sua misericórdia infinita, concedeu, pela boca de seu Filho amado, o perdão àquele que foi outrora infiel, traidor, perjuro, falso e criminoso discípulo do Messias, que jamais deixou de lamentar e compadecer-se da fraqueza e miséria de seu discípulo.  
  
Venho, meus bons amigos, em nome do meu Querido Mestre — o Salvador do Mundo — dizer-vos alguma coisa que vos interessa.  
Compareço à vossa presença, a fim de restabelecer a verdade desvirtuada, falseada pelos homens interessados em se conservar no caminho do erro e da mentira. Estou diante de vós, meus bons amigos, para me confessar agradecido pelas imensas provas de amor que me foram dispensadas por DEUS e por Nosso Senhor Jesus Cristo.  
  
Apareço aqui, perante vós, meus companheiros e amados irmãos, para penitenciar-me dos erros que pratiquei e, ao mesmo tempo, entoar hinos à Infinita Sabedoria e à pureza imaculada desse Mestre admirável, à incomparável bondade desse coração todo feito de doçuras e de amor! Venho cantar hosanas à sublime sabedoria do Criador e erguer uma prece, na qual todos vós deveis acompanhar-me, pois, nesta oração subiremos até junto do Pai Celestial e de Jesus, que, nesta hora, estendem as vistas misericordiosas sobre este planeta atrasado, mundo de expiações e sofrimentos, de lágrimas e de dores.  
  
Dizei comigo, meus queridos irmãos: -"Jesus, nosso Salvador, Filho de DEUS e luz sublime que clareia o nosso caminho, que nos guia na Terra e na Eternidade! Senhor, aqui estão os teus filhos, tendo à frente aquele que no Mundo errou profundamente, o maior de todos os criminosos que pisaram a superfície deste planeta; aqui estamos todos nós, Senhor! Tendo à nossa frente o mais pérfido e infiel dos teus discípulos; aqui nos achamos todos nós, de pé, junto do mais fraco criminoso dos teus filhos — Judas Iscariote!  
  
Nós, Senhor, somos também fracos, praticamos grandes erros, pesam sobre nós imensas culpas, grandes pecados nos obrigam a curvar a fronte diante de Ti, Senhor! Temos, Jesus, a nossa alma coberta de chagas, o nosso coração envenenado pelos mais impuros sentimentos que nele temos alimentado; sentimos o nosso espírito combalido ao rever o nosso passado espiritual, cheio de crimes e faltas graves; somos, Senhor, ainda escravos da matéria, sentindo as entranhas devoradas pelos desejos pecaminosos, a alma presa, agrilhoada à matéria que a retém na superfície da Terra, de onde não poderá desprender-se para as luminosas regiões sem primeiro expurgar-se das impurezas e das máculas que os pecados deixaram sobre ela e onde os vícios produziram sulcos profundos, as misérias da carne lançaram vestígios que dificilmente se apagarão!  
  
Temos, bom Jesus, as mãos tintas do sangue dos nossos irmãos, os pés cheios de lama pútrida dos antros e dos monturos por onde caminhamos durante longo tempo; conservamos também nas mãos o azinhavre da moeda a troco da qual vendemos a nossa consciência, atraiçoamos os nossos irmãos; guardamos ainda nos lábios os sinais das nossas abjeções, da impureza das paixões que alimentamos em nossos corações; trazemos estampados na fronte os estigmas das nossas baixezas, das podridões, misérias e devassidões a que nos entregamos na vida; conservamos nos olhos os traços das nossas crueldades, o brilho das volúpias e prazeres criminosos que durante esta existência terrena temos desfrutado.  
  
O nosso corpo, Senhor, é o livro onde se acha escrita a história dos nossos abusos e das nossas transgressões; a nossa alma, Jesus, é o espelho onde neste instante se refletem todos os nossos atentados às leis de DEUS, todas as violações do Teu Evangelho; a nossa consciência é, nesta hora, sudário onde se acha estampada a tua efígie, mas tão apagada que dificilmente a reconhecemos. Senhor Jesus! Querido e adorado Mestre! Todos os nossos pecados se acham gravados em nosso espírito; todas as nossas culpas estão desenhadas na nossa consciência, que nos acusa diante de Ti e de Teu Pai!  
  
São grandes as nossas faltas, imensos os nossos pecados, infinitos os nossos erros, mas na Tua bondade há sempre lugar para todos os perdões; em Tua Alma existem grandes reservas de misericórdia e tolerância; no Teu incomensurável coração há um transbordar constante de piedade e de amor para os que sofrem, que gemem e choram, os fracos, os infelizes e os pecadores, como nós! Recebe, portanto, bom Jesus, esta prece que te oferecemos e que é pronunciada pelos lábios mais impuros que já existiram sobre a Terra, ditada pela consciência mais sombria que palpitou num ser humano, traçada pela mão mais criminosa que já existiu neste planeta; prece nascida da alma mais culpada que este mundo conheceu até hoje, o espírito mais fraco e criminoso dos que se têm encarnado na Terra.  
  
Aceita, Senhor, bom Jesus, a prece que Judas, o traidor de ontem, o falso e o pérfido de outros tempos, nos faz recitar neste momento na Tua presença para que possamos, como ele, alcançar o nosso perdão, merecer da Tua bondade a graça de recebermos do Teu Pai a mesma luz e a mesma paz que Ele concedeu ao mais cruel, ao mais criminoso e infame dos seus filhos! Ouve, Jesus, a nossa prece e dá-nos o que deste a Judas pelo mal que ele Te fez, pela traição que praticou contra a Tua pessoa divina, pelo ultraje que infligiu a Ti, no momento mais doloroso da Tua vida de Missionário, de Redentor, de Salvador do Mundo e Filho de DEUS!  
  
Tu, que tiveste em Tua Alma a grandeza, a doçura e o amor para perdoar a esse falso e perjuro discípulo, Senhor, perdoa-nos também a nós, cujos erros, cujas faltas, crimes e pecados estão mui distantes do crime e do pecado daquele que se acha à nossa frente, nesta hora de luto e de dor, para render graças à infinita misericórdia de DEUS e o imenso e inesgotável manancial de doçuras, carinhos, afetos, pureza e imenso amor — o coração de Jesus! Perdoa-nos, Senhor! Salva-nos, Jesus!" Eu direi também:  
  
"Meu Jesus! Meu Salvador! Se mereci o Teu perdão e a Tua misericórdia, os meus irmãos podem também merecê-los, pois diante de Judas, a Humanidade inteira, com todos os seus crimes, os seus pecados e as suas misérias, é santa, inocente como a mais inocente das criancinhas que brincam na superfície da Terra! Perdoa, portanto, Senhor, a Humanidade, como perdoaste ao maior dos traidores!" Dissemos que a Igreja Triunfante é que opera por intermédio da Igreja Militante aqui na Terra, e narramos os nomes dos doze Apóstolos escolhidos por Jesus!  
  
Mas é preciso compreender que, após a descida do Espírito, esses Apóstolos se multiplicaram e substituíram-se com o desaparecimento de uns e a velhice de outros. Foram, depois, muitos os que formaram o grande Colégio Apostólico.  
É difícil dar os nomes de todos eles, mas deixaremos registrados nesta despretensiosa obra aqueles que mais se salientaram e cuja fé de ofício chegou ao nosso conhecimento. Por enquanto relembraremos, numa breve notícia biográfica, os que compuseram os doze, como representantes das Doze Tribos de Israel.  
  
LEMBRETE:**

**1° - (...) Advindo a relativa liberdade motivada pelo sono, poderemos lembrar-nos de muita e os fatos a se realizarem em futuro próximo serão vistos com maior ou mentor clareza, e, ao despertamos, teremos sonhado o que então virá a ser considerado o aviso, ou a premonição. É evidente que tais possibilidades derivam de uma faculdade psíquica que possuímos, espécie de mediunidade, pois a premonição não existe no mesmo grau em todas as criaturas, embora seja disposição comum a qualquer ser humano, a qual, se bem desenvolvida, poderá conceder importantes revelações e provas do intercâmbio humano-espiritual (...) Yvonne A. Pereira**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **PRESCIÊNCIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação- pág. 253** | **02 - Antologia do perispirito- ref. 326** |
| **03 - Crônicas de um e de outro- pág. 46** | **04 - Magnetismo Espiritual - pág. 254** |
| **05 - O consolador - pág. 90** | **06 - O desconhecido e os probl.psíquicos - pág. 39** |
| **07 - O Espírito do Cristianismo - pág. 151** | **08 - O Livro dos Espíritos - q. 411,454a, 577, 868** |
| **09 - O que é a morte - pág. 74, 119** | **10 - Parapsicologia hoje e amanhã - pág. 147** |
| **11 - Revista Espírita - 1861, 1863, pág. 33, 318** | **12 - Síntese de o novo testamento - pág. 33, 35** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PRESCIÊNCIA** **– COMPILAÇÃO**

**01- A reencarnação - Gabriel Delanne - pág. 253**

**REENCARNAÇAO ANUNCIADOS ANTECIPADAMENTE  
Existem casos em que a reencarnação íoi predita com bastante exatidão, para que se lhe pudesse verificar a realidade. — A clarividência do médium não basta para explicar essa premonição. — Exemplos de crianças que dizem à sua mãe que voltarão. — Um duplo anúncio de reencarnacão. — Lembrança de uma canção aprendida na vida precedente. — Um caso quase pessoal. — Uma ata de Lyon, do grupo Nazaré. — O caso de Engel. — Os dois casos contados por Bouvier. — O de Reyles. — O caso Jaffeux. — História da menina Alexandrina, narrada pelo Dr. Samona.  
  
Vimos nos capítulos precedentes que a lei das vidas sucessivas não se nos apresenta mais como simples teoria filosófica, visto que se pode apoiar em fatos experimentais, como os que se obtêm produzindo-se em pacientes apropriados a regressão da memória, que é levada além do nascimento atual.  
  
Essa memória latente, que repousa no subconsciente, pode, por vezes, remontar até a consciência normal e produzir os clarões de reminiscência, que levantam um véu no panorama do passado. Nas crianças-prodígio a ressurreição dos conhecimentos anteriores se manifesta com tanto brilho, que é impossível deixar de ver aí o despertar de conhecimentos pré-natais.  
  
Discuti as hipóteses lógicas às quais poderíamos recorrer para explicar esses casos, sem fazer intervir a reencarnacão; mostrei que elas eram insuficientes. Desejo, agora, passar em revista certo número de narrativas, nas quais os Espíritos, que deviam voltar, íizeram saber previamente, e de diíerentes maneiras, a intenção de retomarem um corpo terrestre.  
  
Por vezes, essas afirmações foram acompanhadas de informes precisos, referentes ao sexo e às circunstâncias nas quais se produziria a volta ao mundo. Examinarei se será possível atribuir todas essas narrativas a simples premonições ou se, pelo contrário, nelas se deve ver a intervenção de seres independentes dos médiuns.  
  
Essa prova resultará, em certos casos, da concordância que existe entre a predição que o Espírito faz do seu próximo retorno, entre nós, e, dado o renascimento, da lembrança que esse Espírito conserva de sua vida anterior. São esses diferentes aspectos do fenômeno, que vou passar agora em revista.  
  
Começo reproduzindo um artigo da "Revue Spirite" de 1875, página 330.  
Só a evidente sinceridade do narrador me leva a ter em conta o seu testemunho, porque a mãe, o que é lamentável, não se fez conhecer, e ignoramos se era espiritista. Como quer que seja, eis o fato:  
  
"NOVA PROVA DA REENCARNAÇAO  
27 de agosto de 1875 Sr. Leymarie.  
Ê com satisfação que venho trazer ao seu conhecimento uma nova prova, bem evidente, da lei da reencarnação. A 23 do corrente, estava em um ônibus com a Sra. Fagard. Seu marido, nosso amigo, não pôde achar lugar no imperial. Uma senhora jovem e distinta colocara-se perto de nós; tinha nos joelhos uma encantadora menina de 15 meses, alegre, jovial, que me estendia seus bracinhos róseos. Hesitava em toma-la, porque receava desagradar a mãe, mas, vendo-lhe um sorriso aprovador, segurei a atraente menina.   
  
Era gentil e graciosa; nessa idade as crianças são adoráveis e aquela tinha tanta amabilidade, que logo havia a disposição de estimá-la. Disse à senhora: — Não há dúvida de que deve adorá-la. — O senhor, amo-a muito. Depois, ela tem um duplo título a esse amor. Ficará espantado se eu lhe disser que é a segunda vez que sou mãe da mesma criança; minhas estranhas palavras são a expressão da verdade, porque não estou louca, nem alucinada, e não digo nada sem provas certas. Vou explicar-me.  
  
Possuía uma deliciosa filhinha, que a morte me arrebatou aos 5 anos e meio; em seus últimos momentos, esse anjinho, vendo-me as lágrimas e o profundo desespero, disse-me essas memoráveis palavras: "Mãezinha, não te aflijas assim, tem coragem; eu não parto para sempre, voltarei num domingo do mês de abril."  
  
Pois bem, no mês de abril e num domingo, pus no mundo a minha pequena Ninie, que o senhor tem a bondade de acariciar. Todos os que conheceram a primeira Ninie, a reconhecem na segunda. Ela só diz as palavras: papá, mamã, e na última semana, julgue a minha felicidade, a minha grande surpresa, abracei-a, pensando na outra, e lhe dizia: — Es tu a Ninie? E ela respondeu: — Sim, sou eu. Posso duvidar, senhor?  
  
— Não, senhora; seria preciso uma grande teimosia para não compreender que foi o mesmo Espirito que voltou a esse corpo encantador. Deus teve a bondade de preveni-la, eis tudo. Se os homens estudassem, compreenderiam esses fatos naturais e seu inestimável valor.  
  
Não lhe pude dar outras explicações, porque ela desceu; lamento não lhe haver pedido o nome e a morada. Esperemos que estas linhas lhe cheguem às mãos e que ela queira confirmar as minhas palavras, que afirmo, sob palavra de honra, serem a verdade. Com todo respeito, seu servidor Floux Mary. Escragnolle Doria. 5, rue Vauvilliers, Plaily, Oise."  
É interessante, se é exata a narrativa, que a criança tivesse, antes de morrer, a premonição exata do dia em que voltaria de novo à sua cara mãezinha.(..)**

**05 - O consolador - Emmanuel - pág. 90**

**Perg. 143 - Deve-se acreditar na influência oculta de certos objetos, como jóias, etc. que aparecem acompanhados de uma atuação infeliz e fatal?  
- Os objetos, mormente os de uso pessoal, têm a sua história viva e, por vezes, podem constituir o ponto de atenção das entidades perturbadas, de seus antigos possuidores no mundo; razão por que parecem tocados, por vezes, de singulares influências ocultas, porém, nosso esforço deve ser o da libertação espiritual, sendo indispensável lutarmos contra os fetiches, para considerar tão-somente os valores morais do homem na sua jornada para o Perfeito.**

**Perg. 144 - Os fenômenos premonitórios atestam a possibilidade da presciência com relação ao futuro? - Os Espíritos de nossa esfera não podem devassar o futuro, considerando essa atividade uma característica dos atributos do Criador Supremo, que é Deus.Temos de considerar todavia, que as existências humanas estão subordinadas a um mapa de provas gerais, onde a personalidade deve movimentar-se com o seu esforço para a iluminação do porvir, e, dentro desse roteiro, os mentores espirituais mais elevados podem organizar os fatos premonitórios, quando convenham à demonstração de que o homem não se resume a um conglomerado de elementos químicos, de conformidade com a definição do materialismo dissolvente.**

**08 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões:. 411, 454a, 577, 868**

**Perg. 411 - O Espírito encarnado, nos momentos em que se desprende da matéria e age como Espírito, conhece a época de sua morte?  
- Muitas vezes a pressente, e às vezes tem dela uma consciência bastante clara, o que lhe dá, no estado de vigília, a sua intuição. É por isso que algumas pessoas prevêem a própria morte com grande exatidão.**

**Perg. 454 - Pode-se-ia atribuir a uma espécie de dupla vista a perspicácia de certas pessoas que, sem nada terem de extraordinário, julgam as coisas com mais precisão do que as outras?- É sempre a alma que irradia mais livremente e julga melhor do que sob o véu da matéria.**

**Perg. 454a - Esta faculdade pode, em certos casos, dar presciência das coisas?  
- Sim; ela dá também os pressentimentos, porque há muitos graus desta faculdade, e o mesmo indivíduo pode ter todos os graus ou não ter mais do que alguns.**

**Perg. 577 - Quando um homem faz uma coisa útil, é sempre em virtude de uma missão anterior e predestinada ou pode ter recebido uma missão não prevista?  
- Nem tudo o que um homem faz é consequência de uma missão predestinada; ele é frequentemente o instrumento de que um Espírito se serve para fazer executar alguma coisa que considera útil. Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro, que ele escreveria se estivesse encarnado, procura o escritor mais apto a compreender o seu pensamento e a executá-lo: dá-lhe então a idéia e o dirige na execução. Assim, este homem não veio à Terra com a missão de fazer essa obra. Acontece o mesmo com alguns trabalhos de arte e com as descobertas. Acrescentemos ainda que, durante o sono do corpo, o Espírito encarnado comunica-se diretamente com o Espírito errante, e que se entendem sobre a execução.**

**Perg. 868 - O futuro pode ser revelado ao homem?  
- Em princípio, o futuro lhe é oculto, e só em casos raros e excepcionais Deus lhe permite a sua revelação.**

**11 - Revista Espírita - AllanKardec - 1861, 1863, pág. 33, 318**

**REVISTA ESPÍRITA 1861 - PÁG. 33- MÉDIUM: SR. ALFRED DIDIEB  
É curioso ver surgir, no meio do materialismo, um grupo de homens de boa fé, propagando o Espiritismo. Sim: é no meio das mais profundas trevas que Deus lança a luz e no momento em que ele é mais esquecido, que melhor se mostra. Semelhante ao ladrão sublime de que fala o Evangelho, e que virá julgar o mundo no momento em que este menos esperar. Mas Deus não vem a vós para vos surpreender: ao contrário, vem prevenir-vos de que essa grande surpresa, que deve em empolgar os homens ao morrerem, deve ser para eles funesta ou feliz.   
  
Deus me enviou para o meio de uma sociedade corrupta. Graças à clarividência, algumas dessas revelações que em meu tempo pareciam tão maravilhosas, hoje se afiguram muito naturais. Todas essas lembranças para mim não passam de sonhos e — louvado seja Deus! — o despertar não foi penoso. Nasceu o Espiritismo, ou antes, ressuscitou em vosso tempo; o magnetismo era do meu tempo. Crede que as grandes luzes precedem os grandes clarões. O autor do Dlable Amoureux vos lembra que já teve a honra de conversar convosco e sentir-se-á feliz em continuar suas relações amistosas.  
CAZOTTE  
  
Na sessão seguinte foram dirigidas ao Espírito de Cazotte as seguintes perguntas:— Vindo espontaneamente na última vez, tivestes a gentileza de nos dizer que voltaríeis de boa vontade. Aproveitamos o oferecimento para vos dirigir algumas perguntas, se assim o quiserdes.  
1.ª— A história do famoso jantar, na qual predissestes a sorte que aguardava cada um dos convivas é inteiramente verídica?  
— Ela é verdadeira no sentido de que a predição não foi feita numa mesma noite, mas em vários jantares, no fim dos quais eu me divertia em meter medo aos meus convivas, por meio de sinistras revelações.  
  
2.' — Conhecemos os efeitos da segunda vista e compreendemos que, dada essa faculdade, tivésseis podido ver coisas distantes mas que se passavam no momento. Como pudestes ver coisas futuras, que ainda não existiam e vê-las com precisão? Poderíeis, ao mesmo tempo, dizer-nos como vos foi dada tal precisão? Falastes simplesmente como inspirado, sem nada ver, ou o quadro dos acontecimentos que anunciastes se vos apresentou como uma imagem? Tende a bondade de descrever isto o melhor que puderdes para a nossa instrução.  
  
— Há na razão do homem um instinto moral que o impele a predizer certos acontecimentos. É certo que eu era dotado de muitíssima clarividência, mas sempre humana, para os acontecimentos que então se passaram. Acreditais, porém, que o bom senso, ou o correto julgamento das coisas terrenas vos possam detalhar, com anos de antecedência, esta ou aquela circunstância? Não. Aliava-se à minha natural sagacidade uma qualidade sobrenatural: a segunda vista. Quando eu revelava às pessoas que me cercavam os terríveis abalos que deveriam ocorrer, evidentemente eu falava como um homem de bom senso e de lógica; quando, porém, eu via pequenos detalhes dessas circunstâncias vagas e gerais, quando eu via, visivelmente, esta ou aquela vítima, então não falava mais como um simples homem dotado, mas como um inspirado.  
  
3.' — Independentemente desse fato, tivestes, durante a vida, outros exemplos de previsão?  
— Sim. Estas eram todas mais ou menos sobre o mesmo assunto. Mas, por passatempo, eu estudava as ciências ocultas e me ocupava muito de magnetismo.  
  
4.' — Essa faculdade de previsão vos acompanhou no mundo dos Espíritos? Isto é, após a morte ainda prevedes certos acontecimentos?  
— Sim; esse dom me ficou muito mais puro.  
  
OBSERVAÇÃO: Poder-se-ia ver aqui uma contradição com o princípio que se opõe à revelação do futuro. Com efeito, o futuro nos é oculto por uma lei muito sábia da Providência, pois que tal conhecimento prejudicaria o nosso livre arbítrio e nos levaria à negligência do presente pelo futuro. Ademais, por nossa oposição, poderíamos entravar certos acontecimentos necessários à ordem geral. Quando, porém, essa comunicação nos pode impelir a facilitar a realização de uma coisa, Deus pode permitir a sua revelação, nos limites assinados por sua sabedoria.**

**REVISTA ESPÍRITA 1863 - PÁG. 318  
LIVRE ARBÍTRIO e PRECIÊNCIA DIVINA \* (THIONVILLE, 5 DE JANEIRO DE 1863. MÉDIUM: DR. R...)  
Há uma grande lei que domina tudo no universo: a lei do progresso. É em virtude dessa lei que o homem, criatura essencialmente imperfeita, deve, como tudo quanto existe em nosso globo, percorrer todas as fases que o separam da perfeição. Sem dúvida Deus sabe quanto tempo cada um levará para chegar ao fim; como, porém, todo progresso deve resultar de um esforço tentado para o realizar, não haveria nenhum mérito se o homem não tivesse a liberdade de tomar este ou aquele caminho.**

**Com efeito, o verdadeiro mérito não pode resultar senão de um trabalho operado pelo Espírito para vencer uma resistência mais ou menos considerável. Como cada um ignora o número de existências que consagrou ao seu adiantamento moral, ninguém pode prejulgar nesta grande questão, e é sobretudo aí que brilha de maneira admirável a infinita bondade de nosso Pai celeste que, ao lado do livre arbítrio que nos conferiu, nada obstante semeou em nosso caminho postes indicadores que iluminam os desvios.**

**É, pois, por um resto de predomínio da matéria que muitos homens se obstinam em ficar surdos às advertências que lhes chegam de todos os lados, e preferem gastar em prazeres enganadores e efêmeros uma vida que lhe havia sido concedida para o avanço de seu espírito. Não se poderia afirmar, sem blasfêmia, que Deus tenha querido a infelicidade de suas criaturas, desde que os infelizes expiam sempre, tanto uma vida anterior mal empregada, quanto sua recusa a seguir o bom caminho, quando este lhe era mostrado claramente.  
  
Assim, depende de cada um abreviar a prova que deve sofrer; e, por isto, os guias seguros, bastante numerosos, lhe são concedidos, para que seja inteiramente responsável por sua recusa de seguir seus conselhos; e ainda, neste caso, existe um meio certo de abrandar uma punição merecida, dando sinais de sincero arrependimento e recorrendo à prece, que jamais deixa de ser ouvida, quando feita com fervor. O livre arbítrio existe pois, muito realmente no homem, mas com um guia: a consciência.  
  
Vós todos que tendes acesso ao grande foco da nova ciência, não negligencieis de vos penetrar das eloquentes verdades que ela vos revela, e dos admiráveis princípios que são a sua consequência; segui-os fielmente: é aí, sobretudo, que brilha o vosso livre arbítrio.  
Pensai, por um lado, nas consequências fatais que para vós arrasta a recusa de seguir o bom caminho, como nas magníficas recompensas que vos aguardam caso obedeçais às instruções dos bons Espíritos: é aí que brilhará, por sua vez, a preciência divina.  
  
Em vão se esforçam os homens em busca da verdade por todos os meios que julgam ter na ciência; esta verdade que lhes parece escapar os contorna sempre e os cegos não a percebem.  
  
Espíritos sábios de todos os tempos, aos quais é dado levantar a ponta do véu, não negligencieis os meios que vos são oferecidos pela Providência! Provocai nossas manifestações; fazei que delas aproveitem todos os vossos irmãos menos bem aquinhoados que vós; inculcai em todos os preceitos que vos chegam do mundo espírita, e tereis bem merecido, porque tereis contribuído em larga parte para a realização dos desígnios da Providência.  
ESPÍRITO FAMILIAR**

**REVISTA ESPÍRITA 1864 - PÁG. 129**

**TEORIA DA PRECIÊNCIA  
Como é possível o conhecimento do futuro? Compreendem-se as previsões dos acontecimentos que são consequência do estado presente, mas não dos que nenhuma relação têm com eles e, ainda menos, os que são atribuídos ao acaso. Diz-se que as coisas futuras não existem; que ainda estão no nada. Então como saber se acontecerão? Contudo são muito numerosos os exemplos de predições realizadas, de onde concluir-se que aí se passa um fenômeno cuja chave não se tem, pois não há efeito nem causa. Essa causa, que tentaremos achar, ainda é o Espiritismo, também chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá e, além disso, mostrar-nos-á que o próprio fato das predições não sai das leis naturais.  
  
Como comparação, tomemos um exemplo nas coisas usuais e que auxiliará a compreender o princípio que teremos de desenvolver. Suponhamos um homem colocado no alto de uma montanha, considerando a vasta extensão da planície. Nessa situação pouco será o espaço de uma légua, e facilmente poderá ele abarcar que um golpe de vista todos os acidentes do terreno, do começo no fim da estrada. O viajante que, por primeira vez, percorro essa estrada, sabe que marchando chegará ao fim. Isto ó simples previsão da consequência de sua marcha.**

**Mas os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os riachos a transpor, as matas a atravessar, os precipícios onde pode cair, os ladrões pastados para o assalto, as hospedarias onde poderá descansar, tudo Isto independe de sua pessoa: é para ele desconhecido o futuro, porque sua vista não vai além do pequeno círculo que o envolve. Quanto a duração, mede-a pelo tempo consumido em percorrer o caminho. Tirai-lhes os pontos de referência e apaga-se a duração. Para o homem que está na montanha e que acompanha o viajante com o olhar, tudo isto é presente. Suponhamos esse homem descendo ao viajante e que lhe diga:**

**"Em tal momento encontrareis essa coisa; sereis atacado e socorrido." Ele predirá o futuro. O futuro é para o viajante; para o homem da montanha é o presente. Agora se sairmos do círculo das coisas puramente materiais e, por pensamento, entrarmos no domínio da vida espiritual, veremos esse fenômeno reproduzir-se em escala muito maior. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; para ele apagam-se espaço e tempo. Mas a extensão e a penetração de sua vista são proporcionais à sua depuração e à sua elevação na hierarquia espiritual; em relação aos Espíritos inferiores, são como o homem armado de poderoso telescópio, ao lado do que tem os olhos nus.**

**Nestes últimos a vista é circunscrita, não só porque dificilmente podem afastar-se do globo a que estão ligados, mas porque a grossura de seu perispírito vela as coisas afastadas, como a garoa para os olhos do corpo. Compreende-se, porque, conforme o grau de perfeição, um Espírito possa abarcar um período de alguns anos, alguns séculos e, até, de milhares de anos, porque o que é um século ante a eternidade? Ante ele os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente, como os incidentes da estrada do viajante; vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os acontecimentos que, nesse período são o futuro para o homem da terra, para ele são o presente.**

**Poderia ele, pois, vir dizer-nos com certeza: Tal coisa acontecerá em tal momento, porque vê essa coisa como o homem da montanha vê o que espera o viajor na estrada. Se não o diz, é porque o conhecimento do futuro seria nocivo ao homem; entravaria o seu livre arbítrio; parallzá-lo-ia no trabalho que deve realizar para o seu progresso. Sendo-lhe desconhecidos o bem e o mal que o esperam, o são para a sua provação.  
  
Se uma tal faculdade, mesmo restrita, pode estar nos atributos da criatura, a que grau de poder deve ela elevar-se no Criador, que abarca o infinito? Para ele o tempo não existe; o começo e o fim do mundo são o presente. Nesse imenso panorama, que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?  
  
Contudo, como deve o homem concorrer para o progresso geral, e certos acontecimentos devem resultar de sua cooperação, em certos casos pode ser útil que pressinta esses acontecimentos, a fim de lhes preparar o caminho e estar pronto para agir quando chegar o momento. Eis por que, às vezes, Deus permite seja levantada a ponta do véu; mas é sempre com um fim útil e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. Assim, essa missão pode ser dada, não a todos os Espíritos, pois alguns não conhecem o futuro melhor que os homens, mas a alguns Espíritos suficientemente adiantados para isto. Ora, é de notar que essas espécies de revelações sempre são feitas espontaneamente e jamais, ou, pelo menos, muito raramente, em resposta a uma pergunta direta.  
  
Essa missão pode ser igualmente concedida a certos homens, e eis por que maneira. Aquele a que é confiado o trabalho de revelar uma coisa oculta pode recebê-la, mau grado seu, como inspiração pêlos Espíritos que a conhecem; então a transmite maquinalmente, sem se dar conta. Além disso, sabe-se que, quer durante o sono, quer em vigília, nos êxtase da dupla vista, a alma se desprende e possui em grau mais ou menos grande as faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito adiantado, se, como os profetas, tiver recebido a missão especial para esse efeito, goza, nesses momentos de emancipação da alma, da faculdade de abarcar, por si-mesmo, um período mais ou menos extenso e vê, como os presentes, os acontecimentos desse período.**

**Então pode revelá-los imediatamente, ou lhes conservar a memória ao despertar. Se os acontecimentos deverem ser mantidos em segredo, Ale perderá a sua lembrança ou conservar apenas uma vaga Intuição, bastante para o guiar ínstintivamente. É assim que hoje se vê essa faculdade desenvolver-se providencialmente em certas ocasiões, nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções e que a maioria das seitas perseguidas tiveram numerosas videntes; é ainda assim que se vêem grandes capitães marchar resolutamente contra o inimigo, com a certeza da vitória; homens de gênio, como, por exemplo, Cristóvão Colombo, seguir um objetivo, por assim dizer predizendo o momento que o atingir. É que viram esse objetivo, que não é desconhecido para o seu Espírito.  
  
Todos os fenômenos cuja causa era desconhecida foram revelados maravilhosos. A lei segundo a qual estes se realizam, uma vez conhecida, eles entraram na ordem das coisas naturais. o dom da predição não é sobrenatural, como não o são muitos outros fenômenos: repousa nas propriedades da alma e na lei das relações entre os mundos visível e invisível, que o Espiritismo vem dar a conhecer. Mas como admitir a existência de um mundo invisível, se se não admitir a alma, ou se se não admitir sua individualidade após a morte? O incrédulo que nega a preciência é consequente consigo mesmo. Resta a saber se o é com a lei natural.  
  
A teoria da preciência talvez não resolva de modo absoluto Iodos os casos que a previsão do futuro possa apresentar, mas não se pode desconvir que ela estabelece o seu princípio fundamental. Se se não pode tudo explicar é pela dificuldade, para o homem, de colocar-se nesse ponto de vista extra-terrestre; por sua mesma inferioridade, seu pensamento, incessantemente arrastado para o caminho da vida material, muitas vezes é impotente para se destacar do solo. A esse respeito muitos homens são como as aves novas, cujas asas, demasiadamente fracas, não lhes permitem elevar-se no ar, ou como aqueles cuja vista é demasiado curta para ver ao longe, ou, enfim, como aqueles a quem falta um sentido para certas percepções. Entretanto, com alguns esforços e o hábito da reflexão, lá chegam: os Espíritas, mais facilmente que os outros, porque, melhor que os outros, podem identificar-se com a vida espiritual, que compreendem.  
  
Para compreender as coisas espirituais, isto é, para fazer delas uma idéia tão clara quanto a que fazemos de uma paisagem que está aos nossos olhos, falta-nos, realmente, um sentido, exatamente como a um cego falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e da visão à distância. Assim, só por um esforço da imaginação é que o conseguimos, auxiliados por comparações tiradas das coisas familiares. Mas as coisas materiais só idéias muito imperfeitas nos podem dar das coisas espirituais. É por isso que não se deveriam tomar essas comparações ao pé da letra e, por exemplo, crer, no caso de que se trata, que a extensão das faculdades de perspectiva dos Espíritos depende de sua elevação efetiva, e que eles necessitem estar numa montanha, ou acima das nuvens, para abarcar o tempo e o espaço.**

**Essa faculdade é inerente ao estado de espiritualização ou, se se quiser, de desmaterialização. Por outras palavras, a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, embora muito imperfeitamente, ao da visão de conjunto do homem sobre a montanha. Esta comparação apenas objetivava mostrar que acontecimentos que estão no futuro para uns, estão no presente para outros e, assim, podem ser preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.  
  
Para gozar dessa percepção o Espírito não precisa, então, transportar-se para um ponto qualquer no espaço; o que está na terra, ao nosso lado, pode possuí-la em sua plenitude, como se estivesse a milhares de léguas, ao passo que nada vemos fora do horizonte visual. Não se produzindo a visão nos Espíritos da mesma maneira e com os mesmos elementos que no homem, seu horizonte visual é bem outro. Ora, aí está precisamente o sentido que nos falta para o conceber; ao lado do incarnado, o Espírito é como um vidente ao lado de um cego.  
  
Além disso, é necessário imaginar-se que essa percepção não se limita à extensão, mas compreende a penetração em todas os coisas. É, repetimo-lo, uma faculdade inerente e proporcionada ao estado de desmaterialização. Essa faculdade é amortecida pela encarnação, mas não é completamente anulada, porque a alma não está encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado a possui em razão do avanço do Espírito, posto que sempre em menor grau do que quando inteiramente desprendido. É o que dá a certos homens um poder de penetração que outros falta completamente, uma justeza maior no golpe de vista moral, uma compreensão mais fácil das coisas extra-materiais. Não só o Espírito percebe, mas se recorda do que viu no estado de Espírito; e essa lembrança é como um quadro que retrata em sua mente. Na encarnação ele vê, mas vagamente como que através de um véu; no estado de liberdade vê e percebe claramente. O princípio da visão não está fora de si, mas em si.**

**É por isso que não necessita de nossa luz exterior. Pelo desenvolvimento moral, o círculo das idéias e da concepção se alarga; pela desmaterialização gradual do perispírito, este purifica dos elementos grosseiros, que alteram a delicadeza das percepções; de onde é fácil compreender que a extensão do todas as faculdades segue o progresso do Espírito. É o grau da extensão das faculdades do Espírito que, na encarnação, o torna mais ou menos apto para conceber as coisas espirituais. Contudo, essa aptidão não é consequência necessária ao desenvolvimento intelectual; não a dá a ciência vulgar.**

**É por isso que se vêm homens de grande inteligência e grande saber, tão cegos para as coisas espirituais quanto outros o são para as coisas materiais. São refratários porque não os compreendem; isto é porque seu progresso ainda não foi feito neste sentido, ao passo que se vêem pessoas de inteligência e instrução vulgares as apreender com a maior facilidade, o que prova que tinham a sua intuição prévia. A faculdade de mudar de ponto de vista e de olhar do alto só dá a solução do problema da preciêncïa; é, além disso, chave da verdadeira fé, da fé sólida.**

**É também o mais poderoso elemento de força e de resignação, porque daí a vida terrena, aparecendo como um ponto na imensidade, compreendendo pouco valor das coisas que, vistas debaixo, parecem tão importantes. Os incidentes, as misérias, as vaidades da vida apequenam à medida que se desenrola o imenso e esplêndido horizonte do futuro. O que assim vê as coisas deste mundo pouco ou nada é atingido pelas virtudes e, por isto mesmo, tão feliz quanto o pode ser aqui em baixo. É preciso, pois, salientar os que concentram seus pensamentos na estreita esfera terrena, porque sente em toda a sua força, o contra-golpe de todas as tribulações que, como tantos aguilhões, os ferem incessantemente. (...)   
  
12 - Síntese de o novo testamento - Mínimus - pág. 33, 35**

**Síntese de Os Evangelhos - Predição do nascimento de João. (Luc., 1:1 a 25)  
Tendo muitas pessoas empreendido escrever a história dos fatos desenrolados entre nós, guiando-se pelo que nos transmitiram aqueles que os observaram desde o começo, com seus próprios olhos, e foram os ministros da palavra, pareceu-me conveniente, excelentíssimo Teófilo, depois que investiguei exatamente todas essas coisas, desde o início, narrar-vos toda a série delas, a fim de que conheçais a verdade da doutrina em que fostes instruído.  
  
Sob o reinado de Herodes, rei da Judéia, havia um sacerdote chamado Zacarias, da classe sacerdotal de Abias; sua mulher pertencia à raça de Aarão e se chamava Isabel. Ambos eram justos aos olhos de Deus e obedeciam aos mandamentos e ordens do Senhor, de modo irrepreensível. Não tinham filhos por ser Isabel estéril e estarem ambos em idade avançada.  
  
Desempenhando Zacarias suas funções de sacerdote perante Deus, na ordem da sua turma, sucedeu que, tirada a sorte, conforme o costume entre os sacerdotes, lhe tocou entrar no santuário do Senhor para queimar o incenso, enquanto a multidão, do lado de fora, orava no momento em que se queimava a resina. À direita do altar de incensamento, um anjo do Senhor apareceu de pé a Zacarias.   
  
Ao vê-lo, Zacarias ficou todo perturbado e o temor se apoderou dele. O anjo, porém, lhe disse: "Não tenhas medo, Zacarias, porquanto a tua súplica foi ouvida e Isabel, tua mulher, te dará um filho a quem chamarás João. Exultarás com isso de alegria e muitos rejubilarão com o seu nascimento; pois que ele será grande aos olhos do Senhor; não beberá vinho nem bebida alguma inebriante; será cheio do Espírito-Santo desde o seio materno; converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor Deus deles; e irá à frente do Senhor, no Espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo dedicado." Disse Zacarias ao anjo: "Como me certificarei disso, sendo já velho e estando minha mulher em idade avançada?"**

**— Respondeu-lhe o anjo: "Sou Gabriel, sempre presente diante de Deus, e fui enviado para te falar e te anunciar esta boa nova. Vais ficar mudo e não poderás mais falar até ao dia em que estas coisas acontecerem, visto não haveres acreditado nas minhas palavras que a seu tempo se cumprirão."  
  
O povo esperava Zacarias e se admirava que estivesse demorando no santuário. Mas, quando ele saiu sem poder falar, todos compreenderam que tivera uma visão no santuário, pois que lhes dava a entender isso por sinais, e continuou mudo. Decorridos os dias do seu ministério sacerdotal, voltou para casa.  
  
Tempos depois, Isabel, sua mulher, concebeu; e se ocultou durante cinco meses, dizendo: "Esta a graça que o Senhor me concedeu quando se dignou de tirar-me do opróbrio diante dos homens." '  
  
Predição do nascimento de Jesus. (Luc., 1:36 a 38)  
Estando Isabel no sexto mês de gravidez, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a Nazaré, cidade da Galiléia, a uma virgem desposada (1) com um varão chamado José, da casa de David, e essa virgem se chamava Maria. O anjo, aproximando-se dela, disse-lhe: "Eu te saúdo, ó cheia de graça; o Senhor é contigo." Ela, porém, ao ouvi-lo, se perturbou muito e pôs-se a pensar no que significaria aquela saudação. O anjo lhe disse:**

**-"Nada temas, Maria, porquanto caíste em graça perante Deus. E' assim que conceberás no teu ventre, e de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono do seu pai David; reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e o seu reino não terá fim." Então, disse Maria ao anjo: "Como sucederá isso, se não conheço varão?" — O anjo respondeu: "O Espírito-Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra, e, por isso, o que há-de nascer será chamado santo, Filho de Deus.**

**Também tua parenta Isabel concebeu na velhice um filho e está no sexto mês de gravidez, ela que era chamada estéril (2); pois a Deus nada é impossível." Então Maria disse: "Aqui está a serva do Senhor, faça-se em mim conforme ás tuas palavras." E o anjo se afastou dela. (1) Noiva, prometida em casamento. (2) Que era chamada, isto é, que julgavam estéril.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PRESSENTIMENTOS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Antologia do Espírito - ref. 327** | **02 - Mecanismos da Mediunidade - pág. 21** |
| **03 - Médium quem é que não é - pág. 105** | **04 - Na sombra e na Luz - pág. 63** |
| **05 - O desconhecido e os problemas psíquicos - pág. 40** | **06 - O Livro dos Espíritos - q 221, 404, 411, 454** |
| **07 - O Livro dos Médiuns - q 184** | **08 - Obras Póstumas - pág. 63** |
| **09 - Oferenda - pág. 189** | **10 - Reencarnação e vida - pág. 89** |
| **11 - Revista Espírita - 1858, 1861, 1866** | **12 - Vida e Atos dos Apóstolos - pág. 188** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PRESSENTIMENTOS – COMPILAÇÃO**

**06 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC**

**QUESTÕES: 221 - É uma lembrança retrospectiva que deve o homem, mesmo no estado de selvagem, o sentimento instintivo da existência de Deus e pressentimento da vida futura? - É uma lembrança que ele conserva daquilo que sabia como Espírito, antes de encarnar; mas o orgulho frequentemente abafa esse sentimento.  
Questão: 221a - É a mesma lembrança que se devem certas crenças respectivas à doutrina espírita encontrada em todos os povos? - Esta doutrina é tão antiga quanto ao mundo. É por isso que a encontramos por toda a parte, e é esta uma prova da sua veracidade. O Espírito encarnado, conservando a intuição do seu estado de Espírito, tem a consciência instintiva do mundo invisível. Mas quase sempre ela é falseada pelos preconceitos, e a ignorância mistura a ela a superstição.  
Questão: 404: Que pensar da significação atribuida aos sonhos? - Os sonhos não são verdadeiros, como entendem os ledores da sorte, pelo que é absurdo admitir que sonhar com uma coisa anuncia outra. Eles são verdadeiros no sentido de apresentarem imagens reais para o Espírito, mas que, frequentemente, não têm relação com o que se passa na vida corpórea. Muitas vezes, ainda, como já dissemos, são uma recordação. Podem ser, enfim, algumas vezes, um PRESSENTIMENTO do futuro, se Deus o permite, ou a visão do que se passa no momento em outro lugar, a que a alma se transporta. Não tendes numerosos exemplos de pessoas que aparecem em sonhos para advertir parentes e amigos do que lhes está acontecendo? O que são estas aparições, senão a alma ou o Espírito dessas pessoas que se comunicam com a vossa? Quando adquiris a certeza de que aquilo que vistes realmente aconteceu, não é isso uma prova de que a imaginação nata tem com o fato, sobretudo se o ocorrido absolutamente não estava no vosso pensamento durante a vigília?  
  
Questão 411: O Espírito encarnado, nos momentos em que se desprende da matéria e age como Espírito, conhece a época de sua morte? - Muitas vezes a PRESSENTE; e às vezes tem dela uma consciência bastante clara, o que lhe dá, no estado de vigília, a sua intuição. É por isso que algumas pessoas prevêem às vezes a própria com grande exatidão.  
Questão: 418 - Uma pessoa que julgasse morto um de seus amigos, que na realidade não o estivesse, poderia encontrar-se com ele em espírito e saber assim que continua vivo? Poderia, neste caso, ter uma intuição ao acordar? - Como Espírito, pode certamente vê-lo e saber como está. Se não lhe foi imposto como prova acreditar na morte do amigo, terá um PRESSENTIMENTO de que ele vive, como poderá ter o de sua morte.  
Questão 454: Poder-se-ia atribuir a uma espécie de DUPLA VISTA a perspicácia de certas pessoas que, sem nada terem de extraordinário, julgam as coisas com mais precisão do que as outras? - É sempre a alma que irradia mais livremente e julga melhor do que sob o véu da matéria.  
Questão 454a: Esta faculdade pode, em certos casos, dar a presciência das coisas? - Sim, ela dá também os PRESSENTIMENTOS, porque há muitos graus desta faculdade, e o mesmo indivíduo pode ter todos os graus ou não ter mais do que alguns.  
  
ÍTEM VII - PRESSENTIMENTOS: Questão 522: O pressentimento é sempre uma advertência do Espírito protetor? - O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos deseja o bem. É TAMBÉM A INTUIÇÃO DA ESCOLHA ANTERIOR: É A VOZ DO INSTINTO. O Espírito, antes de encarnar, tem conhecimento das fases principais da sua existência, ou seja, do gênero de prova a que irá ligar-se. Quando estas têm um caráter marcante, ele conserva uma espécie de impressão em seu foro íntimo, e essa impressão, que é a voz do instinto, desperta quando chega o momento, tornando-se PRESSENTIMENTO.  
Questão 523: Os pressentimentos e a voz do instinto têm sempre qualquer coisa de vago; na incerteza,o que devemos fazer? - Quando estás em dúvida, invoca o teu bom Espírito, ou ora a Deus, nosso soberano Senhor, para que te envie um de seus mensageiros, um de nós.  
Questão 857: Há homens que enfrentam os perigos de combates com uma certa convicção de qua sua hora não chegou, há algum fundamento nesta confiança? - Com muita frequência o homem tem o pressentimento do seu fim, como o pode ter o de que ainda não morrerá. Esse pressentimento lhe é dado pelos seus Espíritos Protetores, que desejam advertí-lo para que esteja pronto a partir, ou reerguem a sua coragem nos momentos para que se faça mais necessário. TAMBÉM LHE PODE VIR DA INTUIÇÃO DA EXISTÊNCIA POR ELE ESCOLHIDA, ou da missão que aceitou e sabe que deve cumprir.**

**08 - OBRAS PÓSTUMAS - ALLAN KARDEC - PÁG. 63**

**Médium de Pressentimentos: Pessoas há que, em dadas circunstâncias, têm uma imprecisa intuição das coisas futuras. Essa intuição pode provir de uma espécie de dupla vista, que faculta se entrevejam as consequências das coisas presentes; mas, doutras vezes, resulta da comunicações ocultas, que fazem de tais pessoas uma variedade dos médiuns inspirados.**

**9 - OFERENDA - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 189**

**PRESSENTIMENTOS**

**Antes de suceder o fato, ondas vibratórias atingem aqueles que serão seus protagonistas. Irradiações dos sucessos em desdobramentos sempre alcançam os que são móveis ou partícipes dos mesmos. As ondas mentais disparadas na direção das pessoas, atingem-nas, não poucas vezes.**

**As faixas vibratórias, nas quais o psiquismo se demora, emitem as informações de que se carregam, sendo captadas por outras mentes. Todos esses tipos de registro podem ser tomados na conta de PRESSENTIMENTOS. Todavia, o pressentimento diferencia-se de premonição como da telepatia. Mais se liga à profecia, caracterizando-se por uma certa ascensão afetiva ou sentimental.**

**Nebulosos ou nítidos, os pressentimentos anunciam ocorrências que sucederão, estabelecendo um intercâmbio entre a fonte geradora e a mente receptiva. Misericódia divina, essa percepção, a fim de premunir o homem com os recursos da coragem e da resignação para os acontecimentos que não pode mudar, favorecendo com forças, a fim de modificar as ocorrências que podem e devem ser alteradas; auxiliando com expectativas felizes, a fim de oferecer júbilos nos momentos dos sucessos futuros.**

**Certamente, nem sempre as informações são recebidas com a necessária clareza, de modo a bem definir o que está por suceder. No entanto, o homem probo, o cristão, sabe que vivendo num mundo de intercâmbios eleva-se, mediante a prece ao Criador, e procura sintonizar com os seus Benfeitores Espirituais, que providenciarão os valores de que se enriquecerá, de modo a capacitar-se para o tentame.**

**Quando não seja possível melhor clarificar a questão, eles ampararão o tutelado, inspirando-lhe soluções que, noutras circunstâncias, não ocorreriam. Na dúvida, ora. Na certeza, ora. Em qualquer situação, ora. Entre fazer ou não praticar o bem, realizá-lo.**

**Na perspectiva de um dissabor, examina melhor a realidade do fato e age, tendo em vista o bem geral. Tuas ações, tua vida. Conforme agires hoje, escreverás a história do teu futuro.**

**Paulo pressentia o que o aguardava em Jerusalém e, advertido das dores que o esperavam, desceu à Capital de Israel para testemunhar o amor a Jesus, oferecendo-se como carta-viva da Boa Nova.**

**Os discípulos, advertidos quanto aos martírios que os aguardavam, pressentiam a hora, mas não recuavam, já que dessa atitude resultavam bênçãos para os que viriam depois.**

**Estevão, no primeiro encontro com Saulo, pressentiu as dores que iria experimentar, não obstante, orando, entregou-se ao sacrifício. Jesus conhecia todas as fraquezas dos companheiros; apesar disso, amou-os com dedicação total, confiando-lhes as tarefas de preparação do futuro.**

**Quando pressinta algo afligente, não te entregues a um sofrimento antecipado. Unge-te da paz, que deflui da prece, e aguarda, confiante.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PRINCÍPIO ANÍMICO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A alma é imortal - pág. 136,147, 256, 275** | **02 - A evolução anímica - toda a obra** |
| **03 - A reencarnação - pág. 36, 192** | **04 - Animismo ou Espiritismo - toda a obra** |
| **05 - Antologia do Perispírito - ref. 544, pág. 575** | **06 - Ciência e Espiritismo - 47, 142, 146** |
| **07 - Correnteza de luz - pág. 97** | **08 - Do País da Luz - vol. 1 pág. 39** |
| **09 - Estudando a Mediunidade- pág. 188** | **10 - Estudos Espíritas - pág. 137** |
| **11 - Magnetismo espiritual - pág. 182** | **12 - Mecanismos da mediunidade - pág. 163** |
| **13 - Mediunidade - pág. 79** | **14 - No mundo maior - pág. 123** |
| **15 - O espírito e o tempo - pág. 27** | **16 - O Livro dos Espíritos - q 372** |
| **17 - O que é a morte - pág 53** | **18 - Obras Póstumas - pág. 92** |
| **19 - Pureza Doutrinária - pág. 37** | **20 - Redescoberta do cristianismo - pág. 17** |
| **21 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 66** | **22 - Rumos libertadores - pág. 139** |
| **23 - Vampirismo - pág. 88, cap. ix** | **24 - Xenoglossia - pág. 44** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PRINCÍPIO ANÍMICO – COMPILAÇÃO**

**NOTA: Em primeiro lugar em face de dificuldades encontradas e sentidas pelos internautas, vamos procurar explanar sobre o ANIMISMO.**  
  
**ANIMISMO: Fenômenos psíquicos inconscientes se produzidos fora dos limites da esfera corpórea do médium, ou extramediúnicos (transmissão do pensamento, telepatia, telecinesia, movimentos de objetos sem contato, materialização). Temos aqui a manifestação culminante do desdobramento psíquico; os elementos da personalidade transpõem os limites do corpo e manifestam-se, a distância, por efeitos não somente psíquicos, porém ainda físicos e mesmo plásticos, e indo até à plena exteriorização ou objetivação, provando por esse meio que um elemento psíquico pode ser, não somente um simples fenômeno de consciência, mas ainda um centro de força substancial pensante e organizadora, podendo também, por conseguinte, organizar temporariamente um simulacro de órgão, visível ou invisível, e produzindo efeitos físicos. Alexandre Aksakof**

**Para maior brevidade, proponho designar pela palavra ANIMISMO todos os fenômenos intelectuais e físicos que deixam supor uma atividade extracorpórea ou a distância do organismo humano, e mais especialmente todos os fenômenos mediúnicos que podem ser explicados por uma ação que o homem vivo exerce além dos limites do corpo. Alexandre Aksakof**

**(...) existência latente de faculdade de significação espiritual na subconsciência humana (...) Ernesto Bozzano**

**Animismo é o fenômeno pelo qual a pessoa arroja ao passado os próprios sentimentos, "de onde recolhe as impressões de que se vê possuída" Martins Peralva**

**(...) O automatismo mental, ou seja, o animismo é a obsessão da própria mente e poderá ocasionar consequências desagradáveis para quem a cultiva. Yvonne A. Pereira**

**(..) de acordo com Aksakof, haveria aqui uma exteriorização de elementos da própria personalidade do sensitivo, provocando efeitos psíquicos, físicos ou plásticos. Aqui o pensamento Aksofiano se aproxima muito da Escola Fluidista de Mesmer. Segundo ele, o fenômeno da bicorporeidade atribuída a Santo Antônio seria um exemplo extremo de animismo. Aksakof usa o termo animismo por ser derivado de "anima" ou alma, que não seria o eu individual, que pertence ao espírito, porém, apenas o envoltório ou corpo fluídico desse "eu" espiritual. Allan Kardec usa aqui o termo perispírito. A. Luiz usa psicossoma, e Hellenback denomina-o metaorganismo (...) Leopoldo Balduíno**

**Com efeito, Animismo e Espiritismo representam o duplo aspecto pelo qual se apresenta a mesma fenomenologia, que provém de uma causa única, constituída pelo espírito humano, na sua dupla fase de existência: a encarnada e a desencarnada. Ernesto Bozzano**

**01 - A ALMA É IMORTAL - GABRIEL DELANNE- PÁG. 136, 147, 256, 275**

**A - ESTUDOS EXPERIMENTAIS SOBRE O DESPRENDIMENTO DA ALMA HUMANA  
  
Uma ciência só se acha verdadeiramente constituída quando pode verificar, por meio da experiência, as hipóteses que os fatos lhe sugerem. O Espiritismo tem direito ao nome de ciência, porque não se há limitado à simples observação dos fenômenos naturais que revelam a existência da alma durante a encarnação terrena e depois da morte. Todos os processos empregou ele para chegar à demonstração de suas teorias e pode dizer-se que o magnetismo e a ciência pura lhe serviram de poderosos auxiliares para firmar a exatidão de seus ensinos.  
  
Os numerosos exemplos registrados, do desdobramento da alma, mostraram que havia de ser possível a reprodução experimental de tais fenômenos. Grande número de pesquisas feitas nesse sentido e coroadas de êxito confirmaram essa possibilidade. Deu-se a denominação de animismo à ação extracorpórea da alma; mas, semelhante distinção é puramente nominal, pois que tais manifestações são sempre idênticas, quer durante a vida, quer após a morte.  
  
Com efeito, a ação da alma, fora das limitações em que o corpo a encerra, não se traduz apenas por fenômenos de transmissão do pensamento ou de aparições; pode também assinalar-se por deslocamentos de objetos materiais, que lhe atestam a presença. Acham-se então os assistentes diante de fatos iguais aos que a alma desencarnada produz.  
  
É esta uma observação da mais alta importância, mas a que não se tem dispensado bastante atenção. Se, verdadeiramente, o Espírito de um homem que vive na Terra, saindo momentaneamente do seu invólucro corpóreo, pode fazer que uma mesa se mova, de maneira a ditar uma comunicação por meio de um alfabeto convencional; se o Espírito de um encarnado é capaz de atuar sobre um médium escrevente, para lhe transmitir seus pensamentos; se, enfim, é possível se obtenha o molde da personalidade exteriorizada desse indivíduo, ocioso se torna atribuir esses mesmos fenômenos a outros fatores, que não a almas desencarnadas, quando são observados nas manifestações espíritas, isto é, nas em que impossível se revela a intervenção de um ser vivo.  
  
Segundo o método científico, desde que bem definidos ficam os efeitos de uma causa, basta depois se observem os mesmos efeitos, para haver a certeza de que a causa não mudou. Regra idêntica se deve aplicar no estudo dos fenômenos do Espiritismo. Pois que a alma humana tem o poder de agir fora do seu corpo, isto é, quando se acha no espaço, lógico é se admita que do mesmo poder dispõe ela depois da morte, se sobrevive integralmente e se se põe em comunicação com um organismo vivo, análogo ao que possuía antes de morrer.**

**Ora, sabemos, por testemunhos autênticos, que ela conserva um corpo real, mas fluídico; que nada perdeu de suas faculdades, pois que as exerce como outrora; logo, se os fatos observados de animismo são inteiramente semelhantes aos do Espiritismo, é que a causa é a mesma, ou seja, a alma em nós encarnada. Esta relação de causa e efeito, que assinalamos nos casos de telepatia, vamos criá-la voluntariamente, de sorte a não ser mais possível atribuírem-se ao acaso, ou a coincidências fortuitas, os fenômenos que produzirmos.**

**Numa palavra, procederemos experimentalmente, tendo em mira obter resultados previstos de antemão. Se as previsões se realizarem, é que são exatas as hipóteses segundo as quais as pesquisas se intentaram. Vejamos, pois, as experiências que já não permitem dúvidas sobre a possibilidade de a alma sair do seu envoltório corporal. Elas são múltiplas e variadas, como mostraremos. Voltemos, por um instante, aos Phantasms of the living, a fim de extrairmos daí a narrativa seguinte, em que a manifestação é consecutiva à vontade de aparecer num lugar determinado.  
  
B - Aparição voluntária  
  
É interessante este caso, porque duas pessoas viram a aparição voluntária do agente. A narrativa foi copiada de um manuscrito do Sr. S. H. B. que o transcrevera de um diário em que ele próprio relatava os fatos que lhe sucediam cotidianamente."Certo domingo do mês de novembro de 1881, à noite, tendo acabado de ler um livro em que se falava do grande poder que a vontade humana é capaz de exercer, resolvi, com todas as minhas forças, aparecer no quarto de dormir situado na frente do segundo andar da casa de Hogarth Road, 22, Kensington.**

**Nesse quarto dormiam duas pessoas de minhas relações: as Srtas. L. S. V. e C. E. V., de 25 e 11 anos de idade. Eu, na ocasião, residia em Kildare Gardens, 23, a uma distância de mais ou menos três milhas de Hogarth Road, e não falara a nenhuma das duas senhoritas da experiência que ia tentar, pela razão muito simples de que a idéia dessa experiência me viera naquela mesma noite de domingo, quando me ia deitar. Era meu intento aparecer-lhes à uma hora da madrugada e estava decidido a manifestar a minha presença.  
  
"Na quinta-feira seguinte fui visitar as duas jovens e, no curso da nossa palestra (sem que eu fizesse qualquer alusão à minha tentativa), a mais velha me relatou o seguinte episódio: "No domingo anterior, à noite, vira-me de pé junto de sua cama e ficara apavorada. Quando a aparição se encaminhou para ela, gritou e despertou a irmãzinha, que também me viu. "Perguntei-lhe se estava bem acordada no momento e ela me afirmou categoricamente que sim. Perguntando-lhe a que horas se passara o fato, respondeu que por volta de uma hora da manhã.  
  
"A meu pedido, escreveu um relato do ocorrido e o assinou."Era a primeira vez que eu tentava uma experiência desse gênero e muito me impressionou o seu pleno e completo êxito."Não me limitara apenas a um poderoso esforço de vontade; fizera outro, de natureza especial, que não sei descrever. Tinha a impressão de que uma influência misteriosa me circulava pelo corpo e também a de que empregava uma força que até então me fora desconhecida, mas que, agora, posso acionar, em certos momentos, a meu bel-prazer.  
S. H. B." Acrescenta o Sr. B...:  
  
"Lembro-me de haver escrito a nota que figura no meu diário, quase uma semana depois do acontecido, quando ainda conservava muito fresca a lembrança do fato."A Srta. Vérity narra assim o episódio:"Há quase um ano, um domingo à noite, em nossa casa de Hogarth Road, Kensington, vi distintamente o Sr. B... em meu quarto, por volta de uma hora da madrugada. Achava-me inteiramente acordada e fiquei aterrada. Meus gritos despertaram minha irmã, que também viu a aparição. Três dias depois, encontrando-me com o Sr. B... ., referi-lhe o que se passara. Só ao cabo de algum tempo, recobrei-me do susto que tive e conservo tão viva a lembrança da ocorrência, que ela não poderá apagar-se da minha mente.  
L. S. vérity."  
Respondendo a perguntas nossas, disse a Senhorita Vérity: "Eu nunca tivera nenhuma alucinação."  
São características muitas circunstâncias desta narrativa e nos vão facilitar emitamos a nossa opinião.**  
  
**03 - A REENCARNAÇÃO - GABRIEL DELANNE -PÁG. 36, 192  
  
A - APARIÇÃO DE VIVOS  
  
Resumi, no 1.° volume da obra — "As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos" — certo número de exemplos autênticos, os quais demonstram que, durante a vida, a alma pode sair do seu corpo físico para mostrar-se ao longe com um segundo corpo idêntico ao primeiro, e, em certos casos, capaz de gozar, temporariamente, as mesmas propriedades. Não se trata aqui de teorias mais ou menos contestáveis: é a própria Natureza que fala.  
  
Entre cem outras provas, citemos a referida pelo ilustre jornalista inglês W. Stead (8); ele viu, durante mais de uma hora, o duplo materializado de uma de suas amigas que, durante esse tempo, estava deitada em seu quarto.O sósia tinha força suficiente para empurrar uma porta, manter um livro e caminhar. O duplo era de tal forma idêntico ao corpo carnal, que os assistentes não duvidaram estar em presença da aparição materializada de um vivo.  
  
Existem muitos outros casos semelhantes e não seria demais chamar a atenção dos pesquisadores para essas manifestações espontâneas. Aqui não é necessário o médium. O Espírito encontra em seu próprio organismo as forças suficientes para dar a seu corpo espiritual as aparências da matéria. Ora, para caminhar, para manter um livro é preciso que o fantasma esteja organizado. É indispensável que ele tenha aparelhos extrafisiológicos que gozem o mesmo papel dos membros carnais. A dama de Stead segurava, com sua mão fantástica, o livro que lhe ofereceram, exatamente como o faria com sua mão ordinária; é um fato e não uma hipótese.  
  
Assim também, quando o fantasma de um passageiro escrevia numa ardósia a indicação que devia salvar o navio em perigo, onde seu corpo físico se achava adormecido, ele agia como o teria feito para escrever na vida normal; possuía um órgão de preensão, que lhe permitia sustentar o giz. Dirigia os movimentos do lápis, imprimindo-lhe as mudanças de direção necessárias para produzir o grafismo. Em uma palavra, havia uma verdadeira duplicata do corpo físico e ela devia estender-se às minudências da constituição anatômica, pois que os atos executados são os mesmos.  
  
Lembrarei, igualmente, que o duplo da Sra. Fay, na célebre experiência de Crookes e Varley, apareceu entre as cortinas do gabinete, tendo na mão um livro, que deu a um assistente, enquanto seu corpo de carne e osso, em letargia, era percorrido por uma corrente elétrica, o que assegurava não se haver ele movido. A dedução que se impõe, imediatamente, ao espírito, é que existe em cada um de nós um segundo corpo, perfeitamente se-melhante ao primeiro, que dele pode separar-se e, momentaneamente, substituí-lo, a fim de permitir que a alma exteriorizada entre em relação com o mundo exterior.**

**Falando da bilocação de Afonso de Liguori, que assistia o Papa Clemente XIV, em seus últimos momentos em Roma, enquanto seus servidores o viam, no mesmo dia, em sua cela de Arienzo, na Província de Nápoles, escreveu Durand de Gros, médico de alta envergadura filosófica:"Se o fato em causa, e os fatos ou pretendidos fatos semelhantes, descritos diariamente nas publicações da telepatia cientifica, são verificados, são provados; se, em uma palavra, força é admiti-los, ainda que nos custe, uma consequência me parece decorrer daí, com a mais límpida, a mais irresistível evidência — a de que a Natureza física aparente está associada a uma Natureza física oculta, que lhe é funcionalmente equivalente, posto que de diferente constituição.  
  
Ê que o organismo vivo que vemos e que a Anatomia disseca tem igualmente por forro, se o forro não é ele próprio, um organismo oculto, sobre o qual não exercem ação nem o escalpelo nem o microscópio e que, nem por isso, deixa de estar provido — e talvez o esteja melhor que o outro — de todos os órgãos necessários ao duplo efeito, que é a inteira razão de ser da organização vital: recolher e transmitir à consciência as impressões do exterior e colocar a atividade psíquica em condições de se exercer no mundo circunjacente e, por seu turno, modificá-la.  
  
Sob forma lapidar, é esta a conclusão a que não mais poderemos escapar. Com efeito, em seu último livro "Do Inconsciente ao Cons­ciente", o Dr. Geley foi levado também às seguintes conclusões, depois de haver assinalado as obscuridades do ensino filosófico oficial:"Ê preciso e basta — disse ele — para tudo compreender, o mistério da forma específica, o desenvolvimento embrionário e pós -embrionário, a constituição e a manutenção da personalidade, as reparações orgânicas e os demais problemas gerais da Biologia, admitir uma noção, que não é nova, certamente, mas encarada de modo novo — a de um dinamismo superior ao organismo e que o acondiciona.   
  
Não se trata, somente, da idéia diretora de Claude Bernard, espécie de abstração, de entidade metafísico-biológica incompreensível, mas de uma noção concreta, a de um dinamismo diretor e centralizador, que domina, assim, as contingências intrínsecas, as reações químicas do meio orgânico, como as influências ambientes do meio exterior."Allan Kardec, há mais de setenta anos, ensinava essa duplicação do organismo, verificada hoje com o luxo de precauções que o método científico exige.  
  
Se, com efeito, o escalpelo e o microscópio são impotentes para revelar a existência do perispírito, a fotografia, de uma parte, pode revelar a presença do fantasma exteriorizado de um vivo, mesmo invisível à vista, do que temos exemplos perfeitamente autênticos, como, de outra parte, as experiências do Coronel de Rochas nos fazem presenciar o êxodo da sensibilidade e da motricidade do paciente em experiência.  
  
Esses fenômenos objetivos fazem, felizmente, intervir a experiência num domínio que parecia reservado, exclusivamente, à observação, tirando, ao mesmo tempo, qualquer sombra de incerteza sobre a verdadeira causa. Em todo o caso, é a alma humana e só ela que intervém, porque, quando é preciso obter desdobramentos experimentais, escolhe-se o lugar, o tempo, as condições, e pode o agente, por vezes, lembrar-se do que se produziu, quando o viam a distância. Ele tem a sensação de ser transportado ao lugar onde foi visível, e não se engana, porque pode descrever com exatidáo as coisas desconhecidas que se encontravam nos lugares que visitou anormalmente. (...)**

**09 - ESTUDANDO A MEDIUNIDADE - MARTINS PERALVA- PÁG. 188**

**A - Animismo  
  
Revestem-se de profunda sabedoria e oportunidade as palavras do Assistente Aulus, no capítulo «Emersão do passado», quando afirma que muitos espíritas «vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem».  
  
Efetivamente essa é a verdade. Muitos companheiros se mostram incapazes de remover os obstáculos criados pelo animismo, destruindo, assim, magnífica oportunidade de ajudarem elementos que, buscando os centros espíritas nessas condições, poderiam, posteriormente, contribuir em favor dos necessitados .  
  
Que é Animismo? Essa pergunta deve ser colocada em primeira plana, no presente capítulo, como ponto de partida para as nossas singelas considerações. Animismo é o fenômeno pelo qual a pessoa arroja ao passado os próprios sentimentos, «de onde recolhe as impressões de que se vê possuída».  
  
A cristalização da nossa mente, hoje, em determinadas situações, pode motivar, no futuro, a manifestação de fenômenos anímicos, do mesmo modo que tal cristalização ou fixação, se realizada no passado, se exterioriza no presente. A lei é sempre a mesma, agora e em qualquer tempo ou lugar. Muitas vezes, portanto, aquilo que se assemelha a um transe mediúnico, com todas as aparências de que há a interferência de um Espírito, nada mais é do que o médium, naturalmente o médium desajustado, revivendo cenas e acontecimentos recolhidos do seu próprio mundo subconsciencial, fenômeno esse motivado pelo contacto magnético, pela aproximação de entidades que lhe partilharam as remotas experiências.  
  
No fenômeno anímico o médium se expressa como se ali estivesse, realmente, um Espírito a se comunicar. O médium nessas condições deve ser tratado «com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam». Por isso, a direção de trabalhos mediúnicos pede, sem nenhuma dúvida, muito amor, compreensão e paciência — virtudes que, somadas, dão como resultado aquilo que os instrutores classificam como «TATO FRATERNO», a fim de que não sejam prejudicados os que em tais condições se encontram.  
  
Se o dirigente de sessões mediúnicas não é portador de sincera bondade, acreditamos que pouco ou nenhum benefício receberá o médium no agrupamento. O médium inclinado ao animismo é um vaso defeituoso, que «pode ser consertado e restituído ao serviço», pela compreensão do dirigente, ou destruído, pela sua incompreensão. Reajustado, pacientemente, com os recursos da caridade evangélica, pode transformar-se em valioso companheiro . Incompreendido, pode ser vitimado pela obsessão.  
  
Nos fenómenos psíquicos, comuns nos agrupamentos mediúnicos, há, por conseguinte, de se fazer a seguinte distinção:  
a) — Fatos anímicos,  
b) — Fatos espiríticos.  
Fatos anímicos são, como já acentuamos, aqueles em que o médium, sem nenhuma ideia preconcebida de mistificação, recolhe impressões do pretérito e as transmite, como se por ele um Espírito estivesse comunicando. Fatos espiríticos, ou mediúnicos, propriamente ditos, são aqueles em que o médium é, apenas, um veículo a receber e transmitir as idéias dos Espíritos desencarnados ou... encarnados.  
  
O estudo e a observação ajudam-nos a fazer tal distinção. Uma pessoa encarnada também pode determinar uma comunicação mediúnica, isto é, fazer que o sensitivo lhe assimile as ondas mentais e as reproduza pela escrita ou pela palavra. Em face da lei de sintonia, pessoas adormecidas igualmente podem provocar comunicações mediúnicas, uma vez que, enquanto dormimos, nosso Espírito se afasta do corpo e age sobre terceiros, segundo os nossos sentimentos, desejos e preferências.  
  
Voltemos, porém, às considerações em torno da necessidade de os dirigentes e colaboradores do setor mediúnico se munirem de recursos evangélicos, a fim de que as tarefas assistenciais, a seu cargo, apresentem aquele sentido edificante e construtivo que é de se alme­jar nas atividades espiritistas cristãs. Vejamos a conclusão de André Luiz, ante as ponderações de Aulus e o exame do caso da senhora objeto da assistência do grupo do irmão Raul Silva: «Mediünicamente falando, vemos aqui um processo de autêntico animismo. Nossa amiga supõe encarnar uma personalidade diferente, quando ape­nas exterioriza o mundo de si mesma.»  
A fixação mental — assunto abordado no capítulo próprio, neste livro — provoca o animismo.  
  
Imaginemos, agora, o que pode ocorrer se uma criatura em tais condições busca um núcleo mediúnico onde apenas funciona o intelectualismo pretensioso, seguido da doutrinação periférica, sem o menor sentido de fraternidade ! Ao invés de compreensão, tal criatura encontrará, sem dúvida, a ironia e a má vontade, acompanhadas, via de regra, do comentário maledicente. Ao invés de companheiros interessados no seu reajustamento, encontrará verdugos fantasiados de doutrinadores.  
  
Ao invés do socorro que se faz indispensável, ver-se-á defrontada, impiedosamente, por companheiros, às vezes até bem intencionados, que, em nome da «verdade», ou melhor, das «suas verdades», não lhe compreenderão o aflitivo problema. Ouçamos o Assistente Aulus: «Por isso, nessas circunstâncias, é preciso armar o coração de amor, a fim de que possamos auxiliar e compreender. Um doutrinador sem TATO FRATERNO apenas lhe agravaria o problema, porque, a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno, ao invés de socorro providencial. Primeiro é preciso remover o mal, para depois fortificar a vítima na sua própria defesa.»  
  
O doutrinador usará sempre do carinho fraterno, fazendo que as suas palavras, dirigidas ao Espírito do próprio médium, levem o melhor que a sua alma possa oferecer. A consolação e a prece, seguidas do esclarecimento edificante, são os recursos aplicáveis ao caso. Recorramos ao livro «Nos Domínios da Mediunida-de», reproduzindo-lhe alguns tópicos relativos ao assunto: «Solucionados diversos problemas alusivos ao programa da noite, eis que uma das senhoras enfermas cai em pranto convulsivo, exclamando:— Quem me socorre ? quem me socorre ?!... E comprimindo o peito com as mãos, acrescentava em tom comovedor:— Covarde! porque apunhalar, assim, uma indefesa mulher? serei totalmente culpada? meu sangue condenará o seu nome infeliz. ..»  
  
Lembremos que André Luiz e Hilário, em companhia do Assistente Aulus, visitam o grupo dirigido pelo irmão Raul Silva, e que a cena acima descrita aparece no capítulo «Emersão do passado». Notemos que todos os indícios revelam, à primeira vista, as características de uma comunicação mediúnica; contudo, estamos apenas diante de um autêntico fenômeno de animismo. A senhora enferma, com a mente cristalizada no pretérito, identifica-se com cenas desagradáveis, às quais está diretamente ligada. «Ante a aproximação de antigo desafeto, que ainda a persegue de nosso plano, revive a experiência dolorosa que lhe ocorreu, em cidade do Velho Mundo, no século passado.»  
  
E' ainda Aulus quem explica:«Sem dúvida, em tais momentos, é alguém que volta do pretérito a comunicar-se com o presente, porque, ao influxo das recordações penosas de que se vê assaltada, centraliza todos os seus recursos mnemônicos tão somente no ponto nevrálgico em que viciou o pensamento. Para o psiquiatra comum é apenas uma candidata à insulinoterapia ou ao eletrochoque; entretanto, para nós, é uma enferma espiritual, uma consciência torturada, exigindo AMPARO MORAL E CULTURAL para a renovação íntima, única base sólida que lhe assegurará o reajustamento definitivo.»  
  
Esse amparo moral, a que alude o Assistente, podemos defini-lo como paciência, carinho e consolo. O cultural ser-lhe-á ministrado pelo estudo evangélico e doutrinário que, além do esclarecimento, operar--Ihe-á a modificação dos centros mentais, reajustando-lhe a mente. E, concluindo, é oportuno perguntemos: Podem os serviços mediúnicos prescindir do Evangelho e da Doutrina?  
A resposta cada um a encontrará na própria consciência ...**

**10 - ESTUDOS ESPÍRITAS - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 137**

**A - MEDIUNIDADE  
  
Conceito — Faculdade orgânica, a mediunidade se encontra, em quase todos os indivíduos, não constituindo patrimônio especial de grupos nem privilégio de castas; é inerente ao espírito que dela se utiliza, encarnado ou desencarnado, para o ministério do intercâmbio entre diferentes esferas de evolução. A mediunidade tem caracterís­ticas próprias por meio das quais, quando acentuadas, facultam vigoroso comércio entre homens e Espíritos, entre as criaturas reciprocamente, bem como entre os próprios Espíritos.  
  
O médium (do latim médium) é aquele que serve de instrumento entre os dois pólos da vida: física e espiritual."Médium é o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados", conforme acentuou o Espírito Erasto, em memorável comunicação sobre a mediunidade dos animais, e inserta em "O Livro dos Médiuns", capítulo XXII, item 236.  
  
Todavia, entre os Espíritos já desencarnados médiuns também os há, que exercem o labor, facultando que Entidades de mais elevadas Esferas possam comunicar-se com aqueles que se encontram na retaguarda da evolução, e recebam nesses encontros o auxílio, o impulso estimulador para, a seu turno, ascenderem.  
  
Mais difundido o exercício da mediunidade através das comunicações dos desencarnados com os encarnados, tal faculdade se faz a porta por meio da qual se abrem os horizontes da imortalidade, propiciando amplas possibilidades para positivar a indestrutibilidade da vida, não obstante o desgaste da transitória indumentária fisiológica. Natural, aparece espontaneamente, mediante constrição segura, na qual os desencarnados de tal ou qual estágio evolutivo convocam à necessária observância de suas leis, conduzindo o instrumento mediúnico a precioso labor por cujos serviços adquire vasto patrimônio de equilíbrio e iluminação, resgatando, simultaneamente, os compromissos negativos a que se encontra enleado desde vidas anteriores.  
  
Outras vezes surge como impositivo provacional mediante o qual é possível mais ampla libertação do próprio médium, que, em dilatando o exercício da nobilitação a que se dedica, granjeia consideração e títulos de beneme­rência que lhe conferem paz. Sem dúvida, poderoso instrumento pode converter-se em lamentável fator de perturbação, tendo em vista o nível espiritual e moral daquele que se encontra investido de tal recurso.  
  
Não é uma faculdade portadora de requisitos morais. A moralização do médium libera-o da influência dos Espíritos inferiores e perversos, que se sentem, então, impossibilitados de maior predomínio por faltarem os vínculos para a necessária sintonia. Por isso, sendo um inato recurso do espírito, reponta em qualquer meio e em todo indivíduo, aprimorando-se ou se convertendo em motivo de perturbação ou enfermidade, de acordo com a direção que se lhe dê desenvolvimento — Em todos os tempos a mediunidade revelou ao homem a existência do Mundo Espiritual, donde todos procedemos e para onde, após o fenômeno morte, todos retornamos.  
  
Nos períodos mais primitivos da cultura ética da Humanidade, a mediunidade exerceu preponderante influência, porquanto, através dos sensitivos, nominados como feiticeiros, magos, adivinhos e mais tarde oráculos, pítons, taumaturgos, todos médiuns, contribuindo decisivamente na formação do clã, da tribo ou da comunidade em desenvolvimento, revelando preciosas lições que fomentavam o crescimento do grupo social, impulsionando-o na direção do progresso.  
  
Nem sempre, porém, eram bons os Espíritos que produziam os fenômenos, o que redundava, por sua vez, demorados estágios na barbárie, no primitivismo dos que lhes prestavam culto...À medida que os conceitos culturais e éticos evoluíam, a mediunidade experimentou diferente compreensão. Nos círculos mais adiantados das civilizações orientais e logo depois greco-romana, a faculdade mediúnica lobrigou relevante projeção, merecendo considerável destaque nas diversas comunidades sociais do passado.  
  
No entanto, com Jesus, o Excelso Médium de Deus, que favoreceu largamente o intercâmbio entre os dois mundos em litígio: o espiritual e o material, foi que a mediunidade recebeu o selo da mansidão e a diretriz do amor, a fim de se transformar em luminosa ponte, através da qual passaram a transitar os viandantes do corpo na direção da Vida abundante e os Imortais retornando à Terra, em incessante permuta de informações preciosas e inspiração sublime. O Cristianismo, nos seus primeiros séculos, desde a Ressurreição até o Concílio de Nicéia (5) (NOTA: Concílio de Nicéia — Primeiro Concilio ecumênico, realizado no ano 325, na cidade de Constantinopla, que condenou a doutrina arianista, o livre exercício da mediunidade e outros pontos mantidos pelos cristãos primitivos, do que redundou constituir-se marco inicial da desagregação e decomposição do Cristianismo nas suas legitimas bases de que se fizeram paradigmas Jesus, os discípulos e os seus sucessores), se fez um hino de respeito e exaltação à Imortalidade.  
  
Depois, enflorescendo incontáveis apóstolos, encarr­gados de reacenderem as claridades da fé, a mediunidade foi a fonte inexaurível que atendia a sede tormentosa dos séculos, trazendo a "água viva" da Espiritualidade enquanto ardiam as chamas da inquietação e do despotismo, destruindo esperanças, anatematizando, pervertendo ideais...Os médiuns experimentaram duro cativeiro, demorada perseguição, e a mediunidade foi considerada maldição, exceção feita apenas a uns poucos dotados que receberam ainda em vida física compreensão e respeito de alguns raros espíritos lúcidos do seu tempo.  
  
Desde que os intimoratos expoentes da Vida jamais recearam nortear o homem, utilizaram-se da mediunidade, às vezes, com o vigor da verdade exprobrando os erros e os crimes onde quer que se encontrassem. Todos aqueles, porém, que se encontravam equivocados em relação ao bem e à justiça, por ignorância ou propositadamente, ante a impossibilidade de silenciar o brado que lhes chegava do além-túmulo, providenciavam destruir os veículos, em inútil esforço de conseguirem apoio às irregularidades e intrujices de que se faziam servos submissos.  
  
Hoje, porém, após a documentação kardequiana, inserta na Codificação, a mediunidade abandonou as lendas e ficções, os florilégios do sobrenatural e do miraculoso, superando as difamações de que foi vítima, para ocupar o seu legítimo lugar, recebendo das modernas ciências psíquicas, psicológicas e parapsicológicas o respeito e o estudo que lhe desdobram os meios, contribuindo com abençoados recursos de que a Psiquiatria se pode utilizar, como outros ramos das Ciências, para solucionar um sem número de problemas físicos, emocionais, psíquicos, sociais que afligem a moderna e atormentada sociedade.  
  
Conclusão — Ao exercício da mediunidade com Jesus, isto é, na perfeita aplicação dos seus valores a benefício da criatura, em nome da Caridade, é que o ser atinge a plenitude das suas funções e faculdades, convertendo-se em celeiro de bênçãos, semeador da saúde espiritual e da paz nos diversos terrenos da vida humana, na Terra.  
Mediumato — eis o ápice do correto exercício da faculdade mediúnica em cuja ação o médium já não vive, antes nele vive o Cristo insculpindo-lhe a felicidade sem jaca de que se adorna, em prol do Mundo Melhor porque todos laboramos.**  
 **15 - O ESPÍRITO E O TEMPO- J. HERCULANO PIRES - PÁG. 27**

**HORIZONTE AGRÍCOLA: ANIMISMO E CULTO DOS ANCESTRAIS  
RACIONALIZAÇÃO ANÍMICA - Quando estudamos o "horizonte agrícola", ou seja, o mundo das primeiras formas sedentárias de vida social, vemos o animismo tribal desenvolver-se no plano da racionalização. Estamos naquele momento hegeliano, e por isso mesmo dialético, em que a razão se desenrola no processo histórico, entendido este como o progresso do homem na Terra. A domesticação de animais e de plantas, a invenção e o emprego de instrumentos, a criação da riqueza, processam-se de maneira simultânea com o aumento demográfico e o desenvolvimento mental do homem.  
  
E precisamente do desenvolvimento mental que vai surgir uma consequência curiosa: o aprofundamento da crença tribal nos espíritos, num sentido de personalização, envolvendo os aspectos e os elementos da natureza. A experiência concreta, que deu ao homem primitivo o conhecimento da existência dos espíritos, alia-se agora ao uso mais amplo das categorias da razão. As duas formas gerais de racionalização do Universo, que aparecem nesse momento, e que devem constituir a base de todo o processo de racionalização anímica, são a concepção da Terra-Mãe e a do Céu-Pai. Essas formas aparecem bem nítidas no pensamento chinês, que conservou até os nossos dias os elementos característicos do "horizonte agrícola". O céu é o deus-pai, que fecunda a Terra, deusa-mãe.  
  
Em algumas regiões, como podemos ver no estudo da civilização egípcia, há uma inversão de posições: o céu é mãe e a terra é o pai. Essa inversão não tem outra significação que a de maior importância da terra ou do céu para a vida das tribos. Quando as inundações do Nilo não dependem das chuvas locais, não parecem provir do céu, mas das próprias estranhas da terra. Esta encarna, então, o poder fecundante, cabendo ao céu, tão-somente, o papel materno de proteger as plantações. Os estudos materialistas confundem o problema da racionalização com o da experiência concreta da sobrevivência. Tomam, pois, a Nuvem por Juno, ao concluírem que o homem primitivo atribui à terra e ao céu uma feição humana, unicamente para tornar o mundo exterior acessível à compreensão racional.**

**Os estudos espíritas mostram que há uma distinção a fazer-se, nesse caso. O processo de racionalização decorre da experiência concreta, e por isso mesmo não pode ser encarado de maneira exclusivamente abstraia. Procuremos esclarecer isto. De um lado, temos a experiência concreta, constituída pelos contatos do homem com realidades objetivas. De outro lado, temos o processo da racionalização do mundo, ou seja, de enquadramento dos aspectos e dos elementos da natureza nas categorias da razão ou categorias da experiência. Da mesma maneira porque o contato do homem com o espaço físico lhe fornece uma medida para aplicar às coisas exteriores - a categoria espacial, o conceito de espaço - assim também o contato com os fenômenos espirituais lhe fornece uma medida espiritual, que é conceito de espírito.  
  
Este conceito é usado no processo de racionalização, como qualquer outro. Mas é absurdo querermos negar os fatos concretos que deram origem à categoria racional, ou querermos atribuir a essa categoria uma origem abstraia, diferente das outras. Somos levados, assim, a concluir que o animismo do "horizonte agrícola" apresenta três aspectos distintos, quando encarados sob a luz do Espiritismo. Temos primeiramente o aprofundamento do animismo tribal na personalização da natureza que chamaremos Fetichismo, com os fetiches básicos da Terra-Mãe e do Céu-Pai. Depois, temos a fusão da experiência e da imaginação, com o desenvolvimento mental do homem, no progresso natural do Mediunismo.**

**Dessa fusão vai nascer a mitologia popular, impregnada de magia. E em terceiro lugar encontramos a primeira forma de religião antropomórfica, consequência da experiência concreta de que fala Bozzano, com o culto dos ancestrais. Deuses-lares, manes e deuses-locais, como os deuses dos "nomos" egípcios, por exemplo, são entidades reais e não forma de racionalização. Nos deuses dos "nomos" egípcios, ou seja das religiões do antigo Egito, temos já o momento de transição dos deuses reais para o processo de racionalização.  
  
A transição se efetua por uma maneira bastante conhecida. É um processo de fusão, que encontramos ao longo de todo o desenvolvimento espiritual do homem. O Fetichismo se funde com o Culto dos Ancestrais, através do Mediunismo. Os fetiches, como a Terra e o Céu, misturam-se aos ancestrais, identificam-se a eles, na imaginação em desenvolvimento. A mente rudimentar não sabe ainda fazer distinções precisas. Assim, por exemplo, Osíris, que foi um antepassado e como tal recebeu um culto familiar, transforma-se numa personificação da terra, com o seu poder de fecundação, ou no próprio Nilo, cuja águas sustentam a vida. A projeção anímica se realiza, nesse caso através de uma experiência concreta. A mitologia nasce da história, pois a existência histórica de Osíris é convertida em mito, pela necessidade de racionalização do mundo. Nada melhor que os estudos de "sir" James Prazer sobre o mito de Osíris, para nos mostrar isso.  
  
Kardec esclarece este problema, ao comentar a pergunta 521 de O Livro dos Espíritos, afirmando: "Os antigos haviam feito desses Espíritos divindades especiais. As Musas não eram mais do que personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das ar­tes, como chamavam pêlos nomes de lares e penates os Espíritos protetores da família. Entre os modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países , tem também os seus patronos, que não são mais do que os Espíritos Superiores, mas com outros nomes." Ao fazerem dos Espíritos "divindades especiais", como assinala Kardec, os antigos procediam à racionalização do mundo, o que não quer dizer que os Espíritos fossem apenas "formas racionais". Essas formas, pelo contrário, decorriam de fatos concretos, de realidades naturais.  
  
Como vemos ao tratar do animismo primitivo e seu desenvolvimento no "horizonte agrícola", não podemos negar a existência real dos espíritos, a pretexto de explicar o mecanismo do processo de racionalização. Este mecanismo torna-se mesmo inexplicável, quando lhe suprimimos a base concreta dos fatos, como dizia Bozzano, na qual se encontram os espíritos comunicantes. Vê-se claramente a distorção da realidade, a guinada do pensamento para os rumos do absurdo, quando os cientista materialistas tentam explicar o proces­so de racionalização, ignorando as experiências mediúnicas do homem primitivo. O Espiritismo restabelece a verdade, ao mostrar a importância do mediunismo no desenvolvimento humano. (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **PRINCÍPIO INTELIGENTE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação na Bíblia - pág. 79** | **02 - Atualidade de Allan kardec - pág. 30** |
| **03 - Mediunidade e medicina - pág. 36, 40** | **04 - O Livro dos Espíritos - q. 23, 79, 605, 728** |
| **05 - O ser e a serenidade - pág. 77** | **06 - Saúde e Espiritismo - pág. 35, 171, 360** |
| **07 - Agonia das religiões - pág. 55** | **08 - A reencarnação - pág. 73** |
| **09 - A evolução do princípio inteligente - obra toda** | **10 - Curso dinâmico de Espiritismo - pág. 16** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PRINCÍPIO INTELIGENTE – COMPILAÇÃO**

**01- A reencarnação na Bíblia - Herminio C. Miranda - pág. 79**

**O PROBLEMA DA PREEXISTÊNCIA  
Creio oportuno tratar aqui esta questão pela sua íntima conexão com a da reencarnação.  
De fato, admitida a existência do espírito como princípio inteligente do universo, conceito que é da essência mesma de todos os sistemas espiritualistas de pensamento, três aspectos fundamentais presidem à movimentação do ser nos dois planos da vida: preexistência, reencarnação e sobrevivência à morte corporal.  
  
Qualquer que seja a corrente religiosa a que esteja filiado, nenhum cristão convicto deixará de admitir dois deles: existência e sobrevivência. O próprio objeto da prática religiosa é cuidar da alma aqui na terra para que ela tenha um destino póstumo satisfatório. Não há o que discutir aqui. Já divergem um tanto entre si os cristãos tradicionais quanto a essa destinação mas não em substância, porque é praticamente unânime entre eles a aceitação do céu para premiar os bons e do inferno para punir os maus.**

**A partir deste ponto, as coisas se complicam porque são muitos os que caracterizam o céu como graça que Deus concede a quem entender e não como resultante de uma conquista por esforço pessoal na prática do bem. Contornaremos aqui esses aspectos que, embora importantes, nos levariam longe demais para o escopo deste trabalho.  
  
Enquanto a sobrevivência do espírito é ponto pacífico e pressupõe logicamente sua existência, já a reencarnação parece assustar os novos doutores da lei, modernos Nicodemos, para os quais a pergunta de Jesus continua a ressoar através dos séculos: "És mestre e ignoras isso?".  
  
Lamentavelmente, são esses "mestres" despreparados, dogmáticos e bloqueados no conceito de uma só vida que vêm dificultando às multidões a que pretendem ensinar a visão de uma realidade infinitamente mais inteligente e racional, expressa, aliás, com toda clareza nos textos que temos diante de nós, mas que tantos se recusam a ver. Como explicar essa obstinação em não querer ver?   
  
Haverá, por certo, inúmeras razões de ordem pessoal, mas creio que não seria absurdo resumi-las todas numa só, ainda que revestida de mil disfarces: acomodação. Há em nós todos um receio atávico do desconhecido, o pânico ante o desmoronamento de certas estruturas interiores laboriosamente construídas no correr dos anos. Por um momento, parece que o solo vai faltar sob nossos pés.   
  
"Meu Deus!" E se essa história de reencarnação for mesmo verdadeira ? Já imaginou que reviravolta na minha vida ?". Para esses não importa a verdade e sim o pequeno universo interior, que precisa continuar bem arrumadinho para não se ter necessidade de pensar.  
Assim, esses quatro princípios se acham tão íntima e solidamente interligados que só mesmo um lamentável e teimoso erro de avaliação insiste em mantê-los separados; aceitando dois — existência e sobrevivência — e rejeitando dois — preexistência e reencarnação.  
  
Vejamos o encadeamento da idéias: o espírito existe. Temos a palavra respeitável do Antigo Testamento e o testemunho inequívoco do Cristo de que ele se reencarna. Ora, se ele nasce de novo, de volta à carne, é porque aqui já esteve em outras oporturnidades, em outras existências. Logo, ele, não apenas sobrevive à morte do corpo como também preexiste à nova vida na carne. Seria um insulto à inteligência do leitor razoavelmente informado mostrar aqui que Antigo e Novo Testamentos ensinam a doutrina da sobrevivência. Teríamos que transcrever praticamente toda a Bíblia, de vez que essa é a temática básica de tudo quanto ali está, do Gênese ao Apocalipse.**

**O que, porém, nem todos observem é que, tanto quanto a doutrina das vidas sucessivas, a Bíblia ensina também — e não poderia deixar de fazê-lo sem tornar-se incoerente— a da preexistência do ser. Relacionemos alguns exemplos— Antes que eu te formasse no ventre, te conheci; e antes que saísses da madre, te santifiquei: um profeta para as nações te constituí (Jer. 1 :5).  
  
Alguma dúvida? O Espírito é convocado para uma importante missão de profeta entre os homens e tudo é programado no mundo espiritual antes mesmo que o corpo físico que lhe seria destinado começasse a ser gerado no ventre daquela que seria sua mãe. Já nasceu, pois, "santificado", isto é, com as condições necessárias ao exercício de suas faculdades mediúnicas — também chamadas de profetismo — que, como sabemos, possuem um componente físico, ou seja, um apoio no organismo.  
  
— Eu era um menino bom, dotado de uma boa alma; — escreve o autor de Sabedoria (8:19-20) — como era bom, vim para um corpo incontaminado. Sem muito comentário: foi destinado àquele bom espírito, um corpo sadio. — Pensas porventura que um homem já morto tornará a viver? —escreve Jó em 14:14 — Todos os dias em que agora combato, espero até que chegue a minha mudança.  
  
Que outra coisa estaria ele esperando com aquela mudança senão a oportunidade de uma nova existência, ou seja, a mudança de personalidade dentro do contexto da mesma individualidade ?— Jeová chamou-me desde o ventre, desde as entranhas de minha mãe fez menção do meu nome; fez minha boca como uma espada aguda, na sombra de sua mão me escondeu (Isaias 49:1-2).  
  
Tanto quanto a Jeremias, também a Isaias é atribuída — antes de nascer — a tarefa da profecia, ou seja, da mediunidade. Seu nome foi escolhido, pois sabiam os poderes espirituais do destemor daquele Espírito, da coragem moral de que necessitaria para seus pronunciamentos e, por isso, investiam-no dos necessários poderes e davam-lhe a competente cobertura espiritual (a espada aguda na boca e a mão de Deus a protegê-lo).  
  
— Tu, porém, irás em paz para teus pais — diz o Senhor a Abraão mergulhado em profundo sono, ou melhor, em transe —; serás sepultado numa boa velhice. Na quarta geração voltarão para cá, porque a medida da iniquidade dos Amoreus ainda não está cheia (Gen. 15:15-16). Os espíritos encarnados que ali estavam combatendo os amoreus voltariam em outra existência para continuar o combate, pois o adversário ainda não teria sido vencido. Isto, porém, somente ocorreria na quarta geração, a partir daquela, ou seja, os mesmos espíritos em outros corpos dentro de um século e pouco.  
  
Quanto à Rebeca, diz Gênese 25:22-26: — Os filhos lutavam no ventre dela; e ela disse: Se e' assim, por que vivo eu ? E foi consultar Jeová. Respondeu-lhe Jeová: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço. Cumpridos que foram os dias para ela dar à luz, eis que gêmeos estavam no seu ventre.  
  
Notável episódio esse. Rebeca, grávida, desespera-se ante a aflição que lhe causava a rivalidade que percebe entre os dois espíritos cujos corpos físicos estavam em gestação no seu ventre. Recorrendo ao Espírito que falava em nome de Jeová, qual a orientação que recebe ? Que os espíritos que ali estavam eram realmente rivais e que vinham para a carne destinados a fundar e liderar dois povos distintos. E que, ao contrário do que seria de esperar-se, segundo a melhor tradição judaica, o mais jovem teria a primazia sobre o mais velho.  
  
Assim foi. Nasceram, viveram, realizaram as tarefas para as quais estavam destinados antes de se reencarnarem. A rivalidade foi real, mas um dia se reconciliaram como conta Gênese 33:3-4. Nos Salmos 139:15-16, escreve seu autor: — Não te era oculta a minha forma. Quando fui feito às ocultas e primorosamente tecido nas profundezas da terra, os teus olhos viram a minha substância, ainda informe, e no teu livro foram escritos os dias, todos os dias que foram ordenados, quando nenhum deles ainda existia.  
  
Antes de vir para o mundo da forma, da matéria densa, a existência é planejada, segundo a tarefa espiritual que o ser tem a realizar aqui na terra entre os seres humanos. No Capítulo 37 de sua portentosa obra, Ezequiel descreve uma visão dramática. Foi levado em transe para um local onde contemplava um campo coberto de ossos humanos ressequidos. O Espírito lhe pergunta: "Você acha que esses ossos possam reviver?"  
  
— Eu, pois, profetizei como o Senhor me tinha mandado e, enquanto eu profetizava, ouviu-se um ruído, depois fez-se um rebuliço: os ossos aproximavam-se uns dos outros, pondo-se cada um na sua juntura. Olhei e eis que se formaram sobre eles nervos e carnes para os revestir e a pele se estendeu por cima, mas eles não tinham espírito. Então, disse-me o Senhor: Profetiza ao espírito, profetiza, filho do homem e dize ao espírito: Isto o Senhor Deus diz: Espírito, vem dos quatro ventos, sopra sobre estes mortos e revivam. Profetizei, pois, como o Senhor me tinha ordenado; o espírito entrou neles e viveram; levantaram sobre seus pés; era um exército numeroso ao extremo.  
  
Dificilmente o texto poderia ser mais claro e objetivo no contexto da antiqufssima linguagem, de origem nitidamente mediúnica. O médium em transe tem a visão antecipada do preparo de grande número de seres que retornam à carne para prosseguir a luta em favor do povo de Israel. Mais uma vez observamos que os espíritos reencarnantes não são criados especificamente para aqueles corpos físicos; são, ao contrário, convocados de toda a parte (dos quatro ventos) espíritos já existentes e se ligam aos corpos que o profeta viu em formação diante de seus olhos.**

**Lembramos novamente que as palavras espírito, sopro, alento, vento traduzem todas o termo grego pneuma. O texto utilizado nesta citação é o da tradução do Padre Mattos Soares (Edições Paulinas). Já na versão dos beneditinos belgas (Edição Ave Maria), em lugar de "o espírito entrou neles e viveram", está escrito: "e daí a pouco o espírito penetrava neles. Retornando à vida, eles se levantaram" etc . . .  
  
Assim é. Nenhum espírito foi criado para o corpo de João Batista — reencarnou-se ali o espírito preexistente de Elias. Nenhum espírito novo foi criado para os corpos em gestação de Jeremias ou Isaías — entidades de elevada condição chamaram seus espíritos, atribuíram-lhes missão específica no mundo e os enviaram a nascer em corpos o que estavam em formação ou prestes a iniciarem o processo de gestação. Nenhum espírito foi criado no ato, para animar os corpos de Esaú e Jacó — seus espíritos foram convocados, a despeito de uma óbvia rivalidade, também preexistente, e incumbidos da árdua tarefa de darem início a duas novas nações ou povos e, eventualmente, se reconciliarem, como o fizeram.  
  
Não pretendemos aqui esgotar o assunto nem recolher todas as citações possíveis, pois há inúmeras outras, como mais esta, por exemplo, em Isaías 48:8:— ... porque eu sabia que procedeste mui perfidamente, e foste chamado transgressor desde o ventre. Como poderia um ser humano arcar com a acusação e ser considerado transgressor antes de nascer? Não há saída possível senão a de que ele vivera antes outras existências e nelas cometera erros e crimes. Já vinha para vida na carne com culpas a resgatar, como todos nós.**

**04 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões: 23, 79, 605, 728**

**Perg. 23 - Que é espírito?  
- O princípio inteligente do Universo.**

**Perg. 79 - Uma vez que há dois elementos gerais do Universo: o inteligente e o material, podemos dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente como os corpos inertes são formados do material?  
-É evidente. Os Espíritos são individualizações do princípio inteligente, como os corpos são individualizações do princípio material; a época e a maneira dessa formação é que desconhecemos.**

**Perg. 605 - Se considerarmos todos os pontos de contato existentes entre o homem e os animais, não poderíamos pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita; e que, se ele não tivesse esta última, poderia viver, mas, como os animais? Dizendo de outra maneira: o animal é um ser semelhante ao homem, menos a alma espírita? Disso resultaria que os bons e os maus instintos do homem seriam o efeito da predominância de uma ou de outra dessas duas almas?  
- Não, o homem não tem duas almas, mas o corpo tem os seus instintos, que resultam da sensação dos órgãos. Não há no homem senão uma dupla natureza: a natureza animal e a espiritual; pelo seu corpo, participa da natureza dos animais e dos seus instintos; pela sua alma, participa da natureza dos Espíritos.**

**Perg. 605a - Assim, além das suas próprias imperfeições, de que o Espírito deve despojar-se, deve ele lutar contra a influência da matéria?  
- Sim, quanto mais inferior é ele, mais apertado são os laços entre o Espírito e a matéria. Não o vedes? Não, o homem não tem duas almas; a alma é sempre única, um ser único. A alma do animal e a do homem são distintas entre si, de tal maneira que a de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas se o homem não possui uma alma animal, que por suas paixões o coloque no nível dos animais, tem o seu corpo, que o rebaixa frequentemente a esse nível, porque o seu corpo é um ser dotado de vitalidade, que tem instintos, mas ininteligentes e limitados ao interesse de sua conservação.**

**Perg. 728 - A destruição é uma da Natureza?  
- É necessário que tudo se destrua, para renascer e se regenerar; porque isso a que chamais de destruição não é mais que a transformação, cujo objetivo é a renovação e o melhoramento dos seres vivos.**

**Perg. 728a - O instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos com fins providenciais?  
- As criaturas de Deus são os instrumentos de que ele se serve para atingir os seus fins. Para se nutrirem, os seres vivos se destroem entre si, e isso com o duplo objetivo de manter o equilíbrio da reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e de utilizar os restos do invólucro exterior. Mas é apenas o invólucro que é destruído, e esse invólucro não é mais do que acessório, não a parte essencial do ser pensante, pois este é o princípio inteligente, indestrutível, que se elabora por meio das diferentes metamorfoses por que passa.**  
  
**07 - Agonia das religiões - J. Herculano Pires - pág. 55**

**CAPÍTULO - VII DO PRINCÍPIO INTELIGENTE  
Tratei até agora da relação direta do pensamento de Deus com a matéria. Essa relação é necessária, da mesma maneira que é necessária a relação direta do pintor com o quadro que ele executa, e portanto do trabalho que ele realiza no quadro, orientado pelo seu pensamento. Na verdade, o seu pensamento se projeta no quadro e ali se materializa, passa do plano do inteligível para o plano do sensível. Ao completar sua obra, cessa a relação direta ou ativa, mas permanece a relação passiva ou indireta. Assim, a relação direta caracteriza o ato de pintar, ou de criar.**

**Pode-se alegar a existência de intermediários: as mãos, a palheta e o pincel, a tinta. Mas convém lembrar que todos esses instrumentos fazem parte da obra em execução, sobre a qual o pensamento do pintor atua diretamente. Na ação de Deus sobre a matéria o processo é o mesmo. O pensamento divino aglutina a matéria, dando-lhe estrutura, através da qual temos a passagem do pensamento do plano do inteligível para o plano do sensível. Uso a divisão de Platão neste sentido: o inteligível é o intelecto divino e o sensível é o plano do sensório, das sensações humanas.**

**Dessa maneira, Deus materializa o seu pensamento para atingir a sensibilidade do campo material em que o homem vai ser criado. No fiat ou ato inicial da criação temos a ação direta e ativa do pensamento divino estruturando a matéria. Uma vez formada essa estrutura, surge um elemento novo que é designado pela expressão princípio inteligente. O pensamento divino ligado à matéria adquire autonomia, sem com isso desligar-se da fonte que o alimenta. Transforma-se na mônada, elemento básico e estrutural da matéria, de que são compostas as próprias partículas atômicas.**

**A palavra mônada procede de Pitágoras, foi empregada por Platão como idéia e desenvolvida modernamente por Leibniz e Renouvier como uma substância inteiramente simples (pura indivisível e refratária a qualquer influência exterior. A mônada é dotada de uma força interior que a transforma, de potencialidades que se desenvolvem continuamente e de capacidade de percepção e vontade. As mônadas são diferentes entre si no tocante a essas potências internas.  
  
Estas correlações filosóficas são necessárias para entender-se o que é o princípio inteligente da concepção espírita. Trata-se, como se vê, do princípio básico de toda a realidade, responsável pela formação dos reinos da Natureza, pelo desenvolvimento da vida e de todas as faculdades vitais e anímicas dos seres. O admirável poder de intuição dos gregos captou não só a existência dos átomos, como também a das mônadas, que a Ciência atual já está conseguindo atingir nas profundezas da misteriosa estrutura da matéria, na pesquisa sobre as partículas atômicas.**

**A teoria espírita do princípio inteligente é explicada de maneira sintética no "O Livro dos Espíritos". No item 23 dessa obra lemos o seguinte: Que é o espírito? É o princípio inteligente do Universo. Seguem-se outras explicações nas quais a inteligência se define como um atributo essencial do espírito. Geralmente confundimos a substância (espírito) com a inteligência, que é seu atributo.  
  
Colocado assim o problema, parece-me explicada a razão pela qual os Espíritos Superiores não esmiuçaram essa questão fundamental. Na própria tradição filosófica, desde bem antes da era cristã, já dispúnhamos dos elementos necessários de intuições capazes de nos fornecerem os dados para uma equação futura. Faltava-nos, porém, o desenvolvimento, que só mais tarde poderia ocorrer, das pesquisas científicas em profundidade.**

**Atualmente já podemos compreender com mais clareza a dinâmica do processo criador. A teoria filosófica da mônada, que antes poderia ser considerada como simples hipótese inverificável, adquire hoje a condição de uma teoria científica ao alcance da comprovação pela pesquisa. Teorias como a do físico inglês Dirac, por exemplo, segundo a qual o Universo está mergulhado num oceano de elétrons livres, ou a dos físicos soviéticos, de que esse oceano parece ser de uma luz violácea proveniente dos primórdios da criação, mostram-nos as possibilidades novas que as pesquisas espaciais estão abrindo nesse campo. O mesmo se pode dizer da teoria dos campos de força que preenchem todo o espaço sideral.  
  
E evidente que, diante dessas novas posições conceptuais, toda a nossa cultura entra em crise, prenunciando o advento de um novo mundo. A inteligência humana se abre para dimensões mais amplas e profundas da realidade universal, exigindo a reformulação de conceitos e estruturas culturais envelhecidas. Não podemos mais pensar em Deus como uma figura humana, nem do ponto de vista formal, nem do substancial. Só podemos considerá-lo como o Ser Absoluto, como a Inteligência Suprema, mas assim mesmo sem lhe atribuir nenhuma das limitações humanas.**

**Os teólogos do Cristianismo Ateu, da Teologia Radical da Morte de Deus, sentem isso na própria pele, mas faltam-lhes os dados para uma equação mais positiva do problema. Divagam através de suposições ameaçadoras e caem irremediavelmente num torvelinho de contradições. Se tivessem a humildade de consultar a Filosofia Espírita, essa pedra rejeitada da parábola evangélica, encontrariam nela a pedra angular do novo edifício a construir.  
  
O Espírito a que a Bíblia se refere em numerosos tópicos e que nos Evangelhos toma o nome de Espírito Santo é o Espírito de Deus em sua manifestação universal. A Criação tem dois aspectos, o material e o espiritual. O sopro de Deus é o espírito criado no fiat e o homem de barro, o Adão terreno, o ápice da criação nos mundos em desenvolvimento, como a Terra. O sopro de Deus nas ventas do homem de barro, para infundir-lhe o princípio da vida e da inteligência, é a ligação do espírito com a matéria na formação da mônada. No pensamento divino todo o quadro da criação estava presente desde o princípio. E tudo era perfeito.**

**A perfeição do ideal constituía o modelo da realidade (o mundo da rés, das coisas) que devia projetar-se no Infinito. Por isso, as mônadas diferenciadas, com características específicas, seriam semeadas no espaço para a germinação lenta, mas segura e contínua, dos conteúdos essenciais de cada uma delas. A mônada é a semente do ser, da criatura humana e divina que dela surgirá nas dimensões da temporalidade.  
  
Não se pode conceber, em nossa relatividade humana, mais grandiosa e perfeita concepção do ato criador. Podemos perguntar porque Deus, que é o supremo poder, precisa do tempo para realizar essa obra gigantesca. Mas o Espiritismo ensina que a nossa relatividade decorre de necessidades nossas e não de Deus. O que para nós são séculos e milênios, para Deus pode ser apenas aquele instante que, para Kierkegaard, era o encontro do tempo com a eternidade. Um instante de profundidade e extensão imensas, que resume para o homem todas as suas existências nas duas dimensões do Universo que hoje nos são acessíveis: a espiritual e a material.  
  
É, sem dúvida, espantoso pensar, como Gustave Geley, que tudo quanto consideramos inconsciente, desde o grão de areia aos mundos que giram em torno dos sóis, possui a potencialidade da consciência em desenvolvimento no seu interior. Mas quando compreendemos que a mônada, síntese de espírito e matéria, é uma unidade infinitesimal, sobre a qual se apoia toda a realidade — o que corresponde à concepção atômica da Ciência em nossos dias — nossa mente começa a abrir-se para um entendimento superior. Se o poder do átomo nos espanta, a potencialidade da mônada nos aturdiria.**

**E ambos esses poderes nada mais são do que fragmentos do poder de Deus. Quando pensamos nisso, a teoria do princípio inteligente começa a revelar-nos a grandeza da doutrina espírita. E no entanto os seus fundamentos estão nos princípios evangélicos, sobre os quais milhares de teólogos, filósofos, místicos e pregadores escreveram e falaram sem cessar, numa catadupa de páginas e palavrórios ao longo de dois mil anos! Essa opacidade da inteligência humana, esse embotamento da capacidade de compreensão poderia fazer-nos descrer das potencialidades do princípio inteligente se não soubéssemos que o instinto gregário do homem o leva a" imitação e à repetição dos papagaios.**

**Quando Kardec se atreveu, utilizando-se de todos os recursos de sensatez e equilíbrio, apoiando-se na cultura do Século XIX — para não provocar reações precipitadas que lhe prejudicariam a obra — a publicar "O Livro dos Espíritos", todos os anátemas da Religião, da Ciência e da Filosofia caíram sobre ele como as bombas norte-americanas sobre o Vietnã. Somente agora se abre uma perspectiva favorável, em todos aqueles campos reacionários, para uma possível compreensão do seu gigantesco trabalho de reposição das coisas em seus lugares. Mas então aparecem os que pretendem reformar, atualizar e tecnilizar as suas obras ao invés de estudá-las e aprofundar-lhes o sentido. Isso nos prova quanto necessitamos do tempo para que a mônada oculta se abra e se atualize em nós.  
  
Todas as coisas têm sua origem no mundo das idéias, como Platão, levado pelas mãos de Sócrates, percebeu claramente. Nos planos superiores do Universo não se usa a linguagem articulada das hipóstases inferiores. Fala-se do pensamento, na linguagem telepática pura. Sócrates descobriu essa linguagem ao encontrar o conceito no fundo de cada palavra. Podemos assim conceber que a linguagem de Deus seja puramente mental. Na mente divina a idéia do Universo delineia-se perfeita, mas a projeção dessa idéia no plano inferior da matéria tem de vencer os obstáculos e as resistências da materialidade. Foi o que Hegel viu e descreveu com precisão em sua teoria estética, mostrando a luta do belo para se sobrepor, no tempo, às imperfeições materiais.  
  
O mesmo se dá com o princípio inteligente, que, para vencer a opacidade da matéria, para inteligenciá-la, segundo Kardec, tem de lutar na temporalidade. Mas, podemos perguntar, porque Deus não fez em condições transparentes a matéria, ao invés de opaca? O Espiritismo explica que a matéria se torna transparente na proporção em que visualizamos os planos superiores, de tal maneira que a confundimos com o espírito. Isso nos mostra que a técnica dos contrastes desaparece naquilo que Buda chamou de Nirvana e que a nossa apoucada inteligência considerou como o Nada.**

**Kant teve razão ao localizar os limites da razão humana no momento em que cessam as contradições dialéticas. Mas nesse momento, nessa linha divisória entre o mundo real e o mundo ideal, começa a razão angélica. Os homens transformados em anjos — não com asas nem com estrelas na fronte — mas com a mente e o coração purificados, passam a ver e a compreender a realidade pela intuição direta e global. Nesse momento descobrem a perfeição do Universo, aquela perfeição que, desde o princípio, estava na concepção ideal de Deus, mas que nas hipóstases materiais tornava-se irreconhecível como a Vénus de Milo coberta de terra e lama quando a arrancaram do subsolo.  
  
O próprio tempo desaparece nesse momento. Não há mais necessidade do véu de ísis da temporalidade para encobrir a verdade das coisas e dos seres. Mergulhamos no eterno, que não é estático e inerte como o supomos, mas tem a dinâmica e a lucidez de que o pensamento nos pode dar um vago exemplo. Kardec verificou, em suas pesquisas espíritas, que a esquematização do sensório humano, com a divisão das faculdades sensoriais em órgãos específicos e rigidamente localizados no corpo, não existe para os espíritos libertos das impressões materiais. Os espíritos percebem, vêem e sentem de maneira global, por todo o seu ser em sintonia com toda a realidade. As deslocalizações e transferências das sensações nas práticas hipnóticas comprovam, em nosso plano, a veracidade dessa descoberta efetuada nas suas pesquisas mediúnicas. Seu ensaio sobre a sensação nos espíritos, que se encontra no livro básico da doutrina, é uma peça de esclarecimento lúcido e didático desse problema.  
  
As pesquisas atuais da Parapsicologia, que até agora só puderam refazer o caminho percorrido por Kardec, representam uma confirmação da validade das suas afirmações de mais de um século. Apesar disso, e no interesse inferior da defesa de posições sectárias, toda uma multidão de falsos cientistas se empenha na tarefa ingrata de desmentir o Espiritismo através de capciosos argumentos temperados na panela da mentira ou nos caldeirões da trapaça diabólica. Mas nada disso impedirá que a verdade triunfe, pois a verdade é, existe por si mesma e não pede licença a nenhum censor religioso ou ateu para se revelar como ela é, aos olhos de todos os que se fizerem dignos dela.**

**08 - A reencarnação - Gabriel Delanne - pág. 73**

**Passagem do princípio inteligente pela serie animal  
Na multidão inumerável dos organismos inferiores, o princípio anímico só existe em estado impessoal difuso, porque o sistema nervoso não está ainda diferenciado; os seres são surdos, cegos, mudos: trata-se dos zoófitos; desde, porém, que ele faz sua aparição nos anelados, começam a especificar-se as propriedades comuns e vemos produzirem-se as distinções pela formação dos órgãos sensórios.  
  
À medida que o sistema nervoso adquire mais importância, as manifestações instintivas, que se limitavam à procura da nutrição, variam e apresentam uma complexidade sempre crescente. Eis, segundo Leuret, como se faz a progressão:  
  
1.° — Notam-se, nos animais que parecem estabelecer uma transição com a classe inferior, instintos exclusivamente limitados à busca da nutrição (anelídeos: sanguessugas).  
2.° — Sensações mais extensas e mais numerosas, ardor extremo pela geração, voracidade, crueldade cega (crustáceos: lagostim).  
3.° — Sensações mais extensas, construção de um domicílio, voracidade, astúcia, artimanha (aracnideos: aranha).  
4.° — Enfim, sensações mais extensas, construção de um domicílio, vida de relação, sociabilidade (insetos: formigas, abelhas).  
  
Nos vertebrados, se tomarmos sempre como base o desenvolvimento do sistema nervoso e mais particularmente do cérebro, como criterium da inteligência, veremos, segundo Leuret, que o encéfalo, tomado como unidade, está em relação ao peso do corpo:  
  
1. Nos peixes como l está para ............. 5.668  
2. Nos répteis como l está para ............. 1.321  
3. Nos pássaros como l está para ............ 212  
4. Nos mamíferos como l está para ........... 186  
  
Há, pois, progressão contínua do encéfalo, quando passa de uma ramificação à que lhe é imediatamente superior, mas com a condição de que a pesada abrace cada grupo tomado em bloco e não tal ou qual espécie tomada separadamente. É fato hoje bem demonstrado que o progresso na série animal se realiza, não em linha reta e sobre uma só linha, mas em linhas desiguais e paralelas.  
  
Diz-se que o cérebro humano é a tal ponto desenvolvido, que nenhum ser poderá ser comparado a nós, ainda que de longe, pelas dimensões e peso do encéfalo. É verdade, mas a diferença não é tal que baste para constituir um novo reino. O cérebro de um macaco, de um cão ou de um gato representa, em seu conjunto, quase a disposição geral do cérebro humano. A anatomia comparada demonstrou, perfeitamente, a analogia das diferentes partes. Sem entrar em pormenores, basta assinalar que o anatomista que bem estudou o cérebro de um macaco conhece de maneira passavelmente exata a anatomia do cérebro do homem.  
  
As circunvoluções constituem no aparelho cerebral do ser humano — diz Richet — o elemento de maior importância; e é sobretudo pelas circunvoluções que o cérebro do homem difere do cérebro dos outros vertebrados. Entretanto, distingue-se no encéfalo do cão o plano primitivo e o esboço das complicadas e profundas circunvoluções do homem adulto. Passando do animal ao homem, o órgão se aperfeiçoa, aumenta, diferencia-se, mas conserva-se o mesmo órgão.  
  
Não nos espantemos, pois, de descobrir nos vertebrados o esboço do que será mais tarde a alma humana. Não devemos esperar ver nos animais uma inteligência ou sentimentos comparáveis em intensidade ao que se observa no homem, mas o que neles devemos encontrar, se é verdadeira a evolução anímica, é o gérmen de todas essas faculdades. A experiência o confirma precisamente.   
  
Os numerosos estudos consagrados às faculdades animais estabelecem que neles se nota, sob o ponto de vista intelectual: a atenção, o julgamento, a memória, a imaginação, a abstração, o raciocínio; uma linguagem de ação e uma linguagem de voz. Os sentimentos passionais se afirmam pelo amor conjugal, pelo amor materno, por vezes, pelo amor do próximo, a simpatia, o ódio, o desejo da vingança, a sensibilidade ao motejo. Os sentimentos morais, muito pouco desenvolvidos, podem ser observados nas manifestações do sentimento do justo e do Injusto, e pelo remorso.  
  
Enfim, os sentimentos sociais se verificam entre os que Vivem em tropa, por efeito de serviços mútuos, de solidariedade mesmo de verdadeira fraternidade. "Quando os animais se batem — diz o religioso Agassiz —, quando se associam para um fim comum; quando se advertem do perigo; quando vêm em socorro um do outro; quando mostram tristeza e alegria, manifestam movimentos da mesma natureza daqueles que se inscrevem entre os atributos morais do homem.**

**A graduação das faculdades morais nos animais superiores e no homem é de tal forma imperceptível que, para negar aos animais certo senso de responsabilidade e de consciência, é preciso exagerar desmesuradamente a diferença que há entre o homem e eles." (..)**

**09 - A evolução do princípio inteligente - Durval Ciamponi - obra toda**

**1- INTRODUÇÃO  
Há muito tempo alguns hebreus passaram a acreditar na existência de um só Deus no meio de uma humanidade praticamente politeísta. Hoje, quatro mil anos depois, noventa por cento dos homens estão convencidos de que o monoteísmo é uma verdade absoluta.  
  
Há muito tempo também, entre os descendentes dos hebreus, um homem, Jesus, disse que não poderia ver o reino de Deus senão aquele que nascesse de novo, revelando no Ocidente o que outros já admitiam no Oriente. Hoje, dois mil anos depois, sessenta por cento da população humana, ou mais, aceitam a reencarnação e a realidade espiritual interferindo na vida humana, como uma lei natural. Esse convencimento dos homens deve-se cada vez mais à sua tomada de consciência do Mundo dos Espíritos e de suas revelações progressivas aos encarnados.  
  
A estas duas coordenadas associa-se uma terceira que revela a evolução da alma humana pelos reinos inferiores da criação. Não faz muito tempo que isto aconteceu. Embora já se tenham passado 142 anos do início do Espiritismo, poucos homens compreendem como isto é possível.  
  
A aquisição do conhecimento da verdade por toda a humanidade processa-se morosamente — é insensível mas incessante —, principalmente porque há oposição firmada em preconceitos tidos como verdades e artigos de fé, superstições e misticismos nascidos da ignorância. Os ensinamentos dos Espíritos sempre foram decisivos para que o homem compreendesse a realidade da vida depois da morte. Suas revelações foram colocadas progressivamente e na medida em que o homem pudesse compreendê-las.  
  
Jesus, por exemplo, sabia que a pluralidade das existências era uma lei natural, mas não a impôs ao homem. Poderia ter falado mais claramente, repetitivamente, mas não o fez. Qual seria a razão? O homem não pode ser violentado em suas convicções, obrigado a crer no mundo espiritual, mas descobri-lo por sua própria razão. A revelação, por isso, é apenas um sinal, um indicativo, um farol que o ajudará a pensar, até que, por si, descubra toda a verdade. Foi assim na primeira, com o monoteísmo, está sendo assim na segunda, com a reencarnação, e começa ser assim na terceira, com a evolução do princípio inteligente através dos reinos da natureza.  
  
Dizem os Espíritos que eles foram criados simples e ignorantes por Deus, isto é, sem conhecimento. Através das encarnações são submetidos a provas e missões; passam pelas expiações para serem esclarecidos e progressivamente aproximar em-se da perfeição, pelo conhecimento da verdade. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais prontamente ao seu destino; outros não conseguem sofrê-las sem lamentação, e assim permanecem, por sua culpa, distanciados da perfeição e da felicidade prometida (LÊ, 115).  
  
Esta progressão dos Espíritos certamente não se faz numa única existência nem também somente no reino hominal, porquanto ensinam os Espíritos que a alma humana antes de despontar para a vida, como homem, viveu uma série de existências num período anterior à Humanidade (LÊ, 606 e 607).  
  
Este progresso da alma é a terceira grande coordenada revelada aos homens, ainda antes de compreenderem bem a segunda, pois desta é consequência. Pesquisando, todavia, nossa origem perguntamos: De onde viemos? Por quais caminhos passamos? Onde está o início da história de uma alma?  
  
Os Espíritos, na Codificação, revelaram esta verdade, mas, qual Jesus, não foram incisivos nesta grande coordenada da evolucão do princípio espiritual desde sua criação. Kardec, tampouco, seja por sugestão dos Espíritos ou por seu próprio livre-arbítrio, preferiu manter-se à distância desta análise ou, como disse Herculano Pires: "Kardec se esquivou a esse problema, embora os Espíritos o tenham colocado em algumas passagens". Também aqui a revelação não é para ser acreditada, mas para ser analisada, pesquisada e compreendida pelos homens, para que possam descobrir entre os meandros de sua caminhada os elos de seu passado.  
  
O espírito humano poderá um dia, daqui a centenas de milênios, aproximar-se da grandeza de Deus e assemelhar-se a Ele, depois de atingir e superar o reino angélico, porque esta é a sua destinação divina. Aqui nos lembramos de Nicolau, da cidade de Cusa, que dizia ser a sabedoria divina simbolizada por um círculo e o conhecimento relativo dos homens por polígonos inscritos neste mesmo círculo. O polígono poderá ter milhões de lados mas nunca chegará a igualar-se ao círculo, à verdade absoluta.  
  
Esqueçamos, todavia, este futuro tão longínquo, e coloquemos os pés nos dias atuais. De onde viemos? As indicações dos Espíritos são de que permeamos os reinos inferiores da natureza. Os Espíritos têm uma visão panorâmica do mundo espiritual bem mais ampla que os homens. Sabem e têm plena consciência de que Deus é a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas; sabem e têm plena consciência de que a progressão das almas se faz dentro da pluralidade dos mundos habitados; sabem mas não têm plena consciência de onde vieram, porquanto até eles ainda investigam esta origem e nos aconselham a não nos perdermos nos seus labirintos, porquanto nossa inteligência ainda é limitada.  
  
Não queremos nos perder mas nem por isso deixaremos de investigar. Um dia, o homem terá de saber sua origem, por conseguinte é preciso começar a analisar, ainda que para levantar problemas e não soluções. Os espíritas e os Espíritos investigam, mas as dúvidas persistem. Alguns dizem que a criação do homem se deu no reino hominal; outros, que sua origem está no reino animal; outros, no reino vegetal; outros, no protoplasma; outros, no reino mineral, e, por fim, outros, que a origem está em reinos ainda desconhecidos do homem.**

**Se juntarmos a estas, a idéia das igrejas dogmáticas, de que a criação da alma se dá na concepção, então teremos diferentes alternativas do homem em relação à sua origem, isto é, o momento de criação de sua alma. Quem estará certo no meio destas alternativas? A verdade é uma só, temos certeza disso, mas quem está com ela?  
  
Estamos convencidos de que a ciência acadêmica dos homens se convencerá primeiro da segunda grande coordenada, depois de descobrir a existência dos Espíritos. Não aceitou a realidade espiritual com as práticas mediúnicas, seja de efeitos intelectuais ou de efeitos físicos; negou-se a compreendê-la e a aceitá-la com as experiências paranormais; nega o espírito nos estudos da vida depois da morte nas pesquisas médicas; não aceita os diferentes casos de reencarnações comprovados e nem tampouco confere autenticidade à regressão de memória que atinge vivências passadas.  
  
Nos dias que correm, uma grande esperança parece estar ligada a transcomunicação instrumental (TCI), não pelas vias do vidicom ou spiricom, gravação de vozes, ligações telefônicas ou caminhos de aparentes efeitos físicos, mas através de uma central de captação, qual antena de televisão, captando as transmissões dos Espíritos aos homens. Este é o caminho que parece marcar o encontro entre a Ciência e o Espiritismo, entre os homens e os Espíritos. Depois disso, a ciência acadêmica provavelmente aceitará Deus; derrubará os dogmas e começará a investigar a gênese espiritual como já fez com a gênese orgânica.  
  
As grandes coordenadas evolutivas foram dadas aos homens por meio de revelações divinas, mas o homem somente as compreendeu ou as compreenderá quando pensar e repensar a respeito delas, descobrir-lhes as relações de causas e efeitos, porque somente assim, ele, enquanto homem, se libertará da influência da matéria, de suas paixões e sensações inferiores, marchando com a Terra, na direção dos mundos Celestes ou Superiores.  
  
2 - CONCEITUANDO PRINCÍPIO INTELIGENTE  
Nossa intenção ao escrever alguns comentários a respeito da evolução anímica é trazer ao público algumas nuanças pouco conhecidas e, às vezes, mal interpretadas dos ensinamentos dos Espíritos. Traz-se à discussão alguns pormenores até agora pouco esclarecidos pelos amigos espirituais, numa tentativa de todos reunidos encontrarem o fio da meada deste novelo complexo que associa a genealogia da alma à gênese orgânica através dos reinos da natureza.  
  
Antes de iniciar este estudo propriamente dito, analisaremos alguns conceitos não bem compreendidos entre os estudantes da Doutrina e algumas vezes mal empregados. São eles: Espírito, espírito, princípio espiritual, princípio inteligente e alma.  
Que é alma?  
  
A conceituação dada pelos Espíritos (Questão 134 de "O Livro dos Espíritos"), de que a alma é o Espírito encarnado, tem levado muitos estudiosos da Doutrina a uma interpretação restritiva do conceito alma, geralmente empregado por Kardec, na Codificação.  
  
Kardec utilizou em sentido genérico, nos seus trabalhos, as palavras espírito, princípio espiritual, princípio inteligente e alma como sinônimos, isto é, o ser inteligente, e a palavra Espírito, para indicar o ser extracorpóreo da esfera espiritual, o que tem levado alguns a pequenas confusões doutrinárias.  
  
Assim, em sentido amplo, alma é o ser pensante, o ser inteligente, e em sentido restrito é o Espírito encarnado. Na questão 23, os Espíritos respondem que o espírito (com letra minúscula) é o princípio inteligente do Universo. Há neste item a identificação conceitual do que é princípio material e princípio espiritual, distintos um do outro, e acima de ambos, Deus, o Criador de tudo o que existe.  
  
Na questão 76 Kardec esclarece, em nota, que "a palavra Espírito (com letra maiúscula) é empregada para designar os seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente universal. Muitos estudantes da Doutrina não percebem esta diferença e empregam os termos inadequadamente, às vezes. A palavra Espírito deverá ser empregada para designação dos espíritos desencarnados, pois em tais condições são seres compostos de corpo espiritual mais o princípio inteligente, ou alma, ou princípio espiritual.  
  
Estudiosos há que não distinguindo bem a diferença entre um conceito e outro escrevem ora tudo minúsculo ora tudo maiúsculo, deixando ao leitor descobrir se se fala da entidade extracorpórea ou do princípio espiritual em si. Estudiosos há que confundem princípio inteligente com inteligência. Esta é um atributo do espírito. A resultante de um processo de desenvolvimento progressivo do ser através dos milênios. Nestas condições é correto afirmar-se que o rato e o homem são princípios inteligentes, isto é, princípios espirituais em evolução, apenas em diferentes graus evolutivos, ou em diferentes níveis de inteligência, porquanto esta é um atributo daqueles.  
  
No jornalismo costuma-se escrever, muitas vezes, para uniformidade de linguagem, a palavra Espírito com letra minúscula, confundindo o leitor, que deverá distinguir se se trata da entidade habitante do mundo espiritual ou não. No LÊ, 134 e 135, os Espíritos empregaram a palavra alma em seu sentido restrito, quando afirmam que a alma é "um Espírito encarnado" ou que "as almas não são mais do que os Espíritos", antes de se ligarem ao corpo físico.  
  
A repetição destes conceitos de alma, nestas questões, leva muitos estudantes a raciocinarem tomando os significados ao pé-da-letra. Kardec bem chama a atenção no comentário da questão 139, onde deixa clara a utilização da palavra em, pelo menos, três significados distintos:  
  
1.° — centelha anímica emanada do Grande Todo; princípio da vida ou princípio vital do qual cada ser absorve uma porção e que devolve ao todo após a morte; é a tese panteísta.  
  
2.° — uma centelha divina, ou ser moral distinto da matéria que conserva sua individualidade após a morte:  
  
3 ° — "É a este ser que se chama igualmente alma, e nesta acepção pode-se dizer que a alma é um Espírito encarnado."  
  
Como se observa, Kardec conhecia bem a diferença entre os conceitos da palavra alma, empregados na Codificação, ora como Espírito encarnado, ora como princípio inteligente. Até à questão 76, Kardec sempre falou em espírito (letra minúscula) como sendo o princípio inteligente e a partir daí em Espírito, como o ser extracorpóreo, e alma como o Espírito encarnado. Foi uma opção didática utilizada pelos Espíritos para facilitar a compreensão humana habituada ao conceito dogmático e vigente.  
  
O emprego de alma, como Espírito encarnado, portanto, está intimamente associado ao conceito comum empregado pelos homens, segundo o qual, somos formados de duas partes, corpo e alma, isto é, alma que tem origem ou vem do mundo espiritual, criada por Deus, e corpo físico formado pelos homens na concepção.  
  
Outra razão fundamental para que os Espíritos empregassem em "O Livro dos Espíritos" o conceito de alma em sentido restrito, como o Espírito encarnado, foi para deixar claro que o ser espiritual que existe no homem preexiste ao momento da concepção, vive como homem e subsiste depois de sua morte, caracterizando a pluralidade das existências. Como consequência desse entendimento querem eles, os Espíritos, dizer que a alma do homem não foi criada no momento da concepção, mas já preexistia no mundo espiritual com o nome de Espírito. Nestas condições, a encarnação ou reencarnação torna-se uma lei natural para todas as almas, inclusive como foi para Jesus, e não mais um mistério sagrado, neste caso, como ensinam as Igrejas dogmáticas.  
  
Se Jesus era antes de nascer e encarnou; todas as demais almas, também existindo antes, podem seguir a mesma lei natural. Assim emprega-se a palavra alma, como Espírito, para dizer que ela era o Espírito, antes de unir-se ao corpo (LÊ, 134b), ou como disse Kardec na Introdução ao LÊ, item VI: "A alma tinha a sua individualidade antes da encarnação e a conserva após a separação do corpo".  
  
Os Espíritos, na questão 144, ainda advertem que "a palavra alma tem aplicação tão elástica que cada um a interpreta de acordo com as suas fantasias". Convém, pois, distinguir nitidamente quando se emprega a palavra alma, no sentido de Espírito encarnado ou no sentido de espírito, princípio inteligente.  
  
É evidente que quando falamos que "a alma dos homens sofre pelas consequências de suas vidas anteriores", estamos a dizer que:  
a) quem sofre é o ser pensante, o princípio espiritual ou inteligente existente no homem; e  
b) os Espíritos encarnados reajustam-se em função de um passado delinquente.  
Como consequência tem-se a palavra alma empregada nos dois sentidos.  
  
Os escritores espíritas, pelo menos, deveriam empregar corretamente os termos Espírito, espírito ou alma em seus escritos tanto em jornais como em livros, para não levar confusão aos iniciantes estudiosos da Doutrina Espírita. Não é fácil aplicar corretamente o termo desejado, mas com cuidado acertaremos sempre. A palavra alma, por exemplo, é mais vezes empregada como ser moral ou princípio inteligente, distinto do perispírito, do que como Espírito (soma de ambos) encarnado.  
  
Aqueles que estão presos ao conceito restrito de alma, como Espírito encarnado, sugerimos repensar, porquanto Kardec foi mais longe. Conseqüentemente, princípio espiritual, espírito, princípio inteligente, alma são empregados praticamente como sinônimos. Emmanuel, André Luiz e outros Espíritos escritores, por intermédio de Chico Xavier, empregam corretamente os termos em seus significados específicos, em sentido genérico, igualmente como Kardec. Exemplos:  
  
I — KARDEC  
a) Na Revista Espírita, março/1866, item IV, diz: "A natureza íntima da alma, isto é, do princípio inteligente, fonte do pensamento, escapa completamente às nossas investigações";  
b) Em "O Que é o Espiritismo", cap. II, item 14: "A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o homem. A alma e o perispírito, separados do corpo, constituem o ser a que chamamos Espírito. Alma é assim um ser simples; o Espírito, um ser duplo, e o homem, um ser triplo. Seria, portanto, mais exato reservar a palavra alma para designar o princípio inteligente, e a palavra Espírito para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico. Mas, como não se pode conceber o princípio inteligente sem ligação material, as palavras alma e Espírito são no uso comum indiferentemente empregadas uma pela outra".  
  
H —EMMANUEL em:  
a) Fonte Viva:  
Lição 81: "Cada espírito provisoriamente encarnado, no círculo humano, goza de imensas prerrogativas, quanto à difusão do bem..."; ,  
Lição 85: "Assim, também, na aquisição de vida eterna, é imprescindível que nos desfaçamos de indumentária asfixiante do espírito";  
Lição 108: "Nossa alma, é sempre núcleo de influência para os demais."  
  
b) Emmanuel:  
Cap. XXVII: "Muitos espíritos, afeitos ao tradicionalismo intransigente e rotineiro, são incapazes de conceber a estrada ascensional do progresso..."  
Cap. XXVIII: "Por todos os recantos da Terra, fazem-se ouvir, nos tempos que correm, as vozes dos Espíritos..."  
Por princípio inteligente, alma, princípio espiritual, espírito, designamos o ser criado por Deus, simples e ignorante, para evoluir, cocriando eternamente pelo trabalho, pela pratica do amor e da sabedoria.   
  
Em síntese, precisa o estudante, ao analisar um texto, procurar o verdadeiro significado da palavra empregada para não se confundir; cabe ao escritor utilizar o melhor termo possível para refletir sua idéia, pois do contrário, nem o escritor transmite seu pensamento nem o leitor o compreenderá. No final surgem os debates à busca de uma solução. Alguns, apegando-se ao "pé-da-letra", engrossam o grupo dos fundamentalistas; outros, apegando-se ao "espírito" da palavra, juntam-se aos liberais da interpretação. Foi por isso que os Espíritos disseram a Kardec (LE, 139), "Por que não tendes vós uma palavra para cada coisa". (...)**

**10 - CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO - J. HERCULANO PIRES - PÁG. 16**

**III — AS LIGAÇÕES DO HOMEM COM A TERRA  
A pesquisa antropológica e a psicológica confirmam a conhecida expressão de Camões nos Lusíadas: o homem, esse bicho da terra, tão pequeno. O mito de Adão e Eva peca pela distorção histórica, constatando que o homem já era uma realidade cultural no mundo. Adão e Eva nasceram tarde demais, forjados pela mitologia judaica retardatária e sociocêntrica. (Veja-se o livro Adão e Eva, nesta série). Mas a verdade é que o homem não surgiu na Terra como um ser decaído.**

**Pelo contrário, brotou das entranhas do planeta, num parto genésico, produto da elaboração das leis naturais. E isso em corpo e espírito, segundo a tese da evolução criadora de Bergson. Feito do limo da Terra, na expressão bíblica, a origem divina do homem não está no milagre fantástico do fiat mas na remota insuflação das mônadas no cosmo — embrionário e caótico. A teoria científica da evolução considera o homem como um todo evolutivo de natureza material, rejeitando a independência da sua essência espiritual.   
  
Darwin afirma que o homem resulta simplesmente da evolução das espécies animais, é um animal que desenvolveu a razão. A posição espírita de Alfred Russell Wallace, colega de Darwin foi simplesmente rejeitada pela Ciência. Hoje o preconceito materialista foi superado no meio científico mais avançado, com os últimos avanços da Física Nuclear. A concepção espírita do homem volta a predominar e a Parapsicologia sustenta, através de suas pesquisas, que é um ser duplo, que possui um conteúdo extrafísico, segundo a cautelosa expressão de Rhine. A Ciência Espírita confirmou a sua validade científica e a eficácia dos seus métodos de pesquisa.  
  
As ligações do homem com a terra são de ordem genésica e se desenvolveram numa sequência evolutiva complexa. O esquema dessa sequência esclarece a expressão de Léon Denis que já mencionamos:  
a) reino mineral — a alma dorme na pedra o sono preparatório das suas vibrações atômicas ocultas;  
b) reino vegetal — a alma sonha na germinação de um mundo mágico de fibras, folhas, flores e frutos, tentando livrar-se do chão e projetar-se às alturas. O vento movimenta suas folhas e ramos e as raízes penetram no solo atraídas pelos veios d'água subterrâneos, movimentadas pelo tropismo que também atrai folhas e ramos na direção da luz, nos primeiros ensaios da motilidade. O vegetal é doação, como observou Hegel, o momento em que as energias monádicas se abrem para a doação de si mesmas ao mundo, numa antecipação do altruísmo humano.  
  
c) reino animal — a estrutura monádica, aberta no vegetal em doação de si mesma, retrai-se para centralizar no centro monádico (espécie de núcleo atômico) o controle geral de sua estrutura, desprendendo-se do chão e assumindo a responsabilidade instintiva da sua motilidade, da sua capacidade de movimentar-se sozinha. As formas da motilidade se multiplicam segundo as especificações do desenvolvimento das potencialidades da mônada:  
  
— o rastejar, quase sempre acompanhado do escavar, na conservação dos automatismos de defesa e proteção adquiridas nas fases típicas da movimentação das raízes no subsolo;  
— o andar, desenvolvimento da capacidade de equilíbrio sobre o solo, com apoio em garras, patas, movimentação muscular, prenunciando o aparecimento dos bípedes;  
— o saltar, primeira tentativa de libertar-se da força da gravidade, prenunciando o vôo, com reminiscências inconscientes do equilíbrio das ramagens no alto, sopradas pelo vento;  
— o nadar, forma de equilíbrio provinda das primeiras sensações aquáticas no fundo dos mares, lagos e rios, exigindo o domínio das correntes líquidas na flutuação, prenúncio do equilíbrio do vôo no ar;  
— o voar, forma sintética de todas as modalidades de equilíbrio, em que todas as energias da motilidade entram em ação, libertando o ser nascente da necessidade de apoios ligados à superfície do Solo ou da água, levitações de um futuro distante em que ele terá de se projetar nas dimensões superiores do Cosmos e nas hipóstases dos mundos espirituais.  
  
O nadar e o voar marcam o início e o fim das experiências da motilidade, segundo o esquema infinito de desenvolvimento das potencialidades da mônada, ou seja, do princípio inteligente que é a matéria prima do ser. O esboço esquemático que apresentamos é apenas um esboço geral, desprovido das minúcias que só uma investigação mais profunda poderia nos dar, para termos uma visão grandiosa do plano divino de elaboração ou formação do Ser, da síntese final do gigantesco processo ontogênico, apresentada na criatura humana superior. As implicações éticas desse processo, para uma consciência esclarecida e ponderada, são suficientes para classificar de boçais todas as teorias que pretendem estabelecer sistemas políticos e sociais que aviltam a dignidade humana em favor de interesses mesquinhos.  
  
Por outro lado, essa visão espírita do processo genético reduz à condição de um fabulário ingênuo, típico das civilizações agrárias e pastoris, toda a mitologia bíblica, sobre a qual as Igrejas Cristãs fundaram as suas teologias. A Palavra de Deus nunca foi pronunciada em nenhuma língua humana, mas na linguagem monádica das leis irreversíveis que regem o Infinito, desde as constelações atômicas de um grão de areia até às galáxias superiores. Deus não fala em palavras, fala em mônadas. Suas frases não são escritas em nenhuma língua inexpressiva dos planos inferiores, e suas frases não estão sujeitas à exegese das mentes relativas. Cada palavra da linguagem divina é um ser e cada frase é um mundo, cada discurso uma constelação com milhões de anos-luz de extensão. Não obstante, nosso pensamento pode compreender essa linguagem divina, se tivermos essa virtude tão simples e tão difícil que se chama simplicidade e florece na humildade.  
  
A Terra e o Homem formam uma unidade, pois as nossas ligações com o planeta foram estabelecidas na Gênese. Mas a Terra não é apenas o planeta material que nos suporta. Espinosa, cujas ligações com o Espiritismo são flagrantes na Ética, ensinou a existência da Natureza Naturata e da Natureza Naturans. Tudo o que temos no plano natural exterior são efeitos produzidos pelas causas profundas da Natureza invisível. As duas Naturezas, que Platão chamou de Sensível e Inteligível se interpenetram. Hoje a Ciência reconhece, embora ainda de maneira incipiente, que os mundos de matéria e antimatéria são interpenetrados.**

**Nessa interpenetração dinâmica o homem é um point d'optique, um ponto visual em que o Sistema do Mundo se reflete por inteiro. As duas Naturezas do Mundo se revelam no homem como alma e corpo. Nossa alma se liga à Alma da Terra (Natura Naturans) e nosso corpo se liga ao corpo da Terra (Natura Naturata). Por isso, ao morrer, nosso corpo retorna à terra de que nasceu e nosso espírito não voa para mundos distantes, mas permanece imantado ao domicílio terreno. Só quando o espírito atingiu e ultrapassou os limites da evolução terrena tem o direito de elevar-se aos mundos superiores. As condições desses mundos não são acessíveis aos espíritos que ainda se encontram imantados ao pó da Terra.  
  
Além dos motivos genésicos da nossa imantação ao solo e à atmosfera terrena, às hipóteses ou esferas da erraticidade, temos ainda:  
a) os compromissos e as dívidas que contraímos, em encarnações sucessivas, com pessoas e comunidades, e que só se apagam com os resgates e as reparações que teremos de enfrentar em novas reencarnações;  
b) as afeições que nos prendem a criaturas que continuam em trânsito no planeta;  
c) os trabalhos e deveres que geralmente protelamos em encarnações sucessivas e que aumentam na proporção do nosso desleixo, quando não os somamos a novas protelações;  
d) as exigências da consciência no tocante a realizações mal acabadas ou negligenciadas por interesses imediatistas;  
e) o menosprezo com que enfrentamos as exigências do nosso aprendizado no plano moral e cultural, deixando de adquirir os elementos indispensáveis à convivência com espíritos elevados.  
  
Podemos examinar nós mesmos, no momento presente, as nossas condições no tocante a esses pontos, para daí concluir se estamos ou não em condições de pleitear — como no episódio evangélico dos Filhos de Zebedeu — um lugar além dos limites planetários. Mas se não tivermos a humildade necessária para esse balanço, é melhor nos abstermos de fazê-lo, para não alimentar com a nossa vaidade e o nosso orgulho os motivos de nossa imantação à Terra. Os espíritos errantes de que trata Kardec são precisamente os que ainda não conseguiram determinar a sua localização num plano superior. Esses espíritos permanecem errando entre o chão do planeta e as esferas espirituais da Terra.**

**Vão e voltam em sucessivas reencarnações, como os encarnados que erram pelos caminhos do mundo sem se fixarem em nenhum lugar. Plotino afirmava, no Neoplatonismo, que somos em geral almas viajoras, incapazes de permanecer no mundo espiritual. Sentimos a atração da matéria — esse visgo que prende o espírito, segundo Kardec — e nos precipitamos em novas encarnações no plano terreno. Por isso Jesus insistiu na necessidade do desapego em tudo o que fazemos. Nossa tendência a nos apegarmos afetivamente às coisas e aos seres retarda a nossa evolução e nos mantém na erraticidade, muitas vezes através de reencarnações que são cópias das anteriores. A repetição excessiva das mesmas condições gera os sofrimentos cada vez mais penosos, forçando-nos a avançar.  
  
O Alto não deseja que nos tornemos anjos antes do tempo, mesmo porque isso é impossível. Nossa evolução é regida por leis inflexíveis. É inútil pretendermos avançar além das nossas forças. Mas é também inútil querermos continuar indefinidamente na Terra. Na fase atual de transição da vida planetária — que também evolui sem cessar — estamos todos acuados pelas forças da evolução e temos de atender às exigências da consciência e às instituições dos espíritos benevolentes, para não ficarmos sujeitos às migrações em mundos inferiores. Essas migrações são forçadas, mas não constituem castigo nem condenação.**

**São medidas administrativas, como as tomadas nas escolas em que haja reprovações em massa. Os espíritos que não progrediram não estão em condições de permanecer no planeta que evoluiu e são enviados a outros planetas de grau inferior, para refazerem o aprendizado, depois do que poderão voltar ao planeta de origem. Os mundos são solidários, ensina Kardec, pois neles evolui a Humanidade Cósmica.**

|  |
| --- |
| **PRINCÍPIO VITAL** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - Evolução Anímica - pág. 33/185/225** | **02 - A Gênese - cap. X, 16** |
| **03 - A Levitação - pág. 17** | **04 - Alquimia da mente - pág. 42** |
| **05 - Animais nossos irmãos - pág. 38** | **06 - Antologia do Perispírito - ref. 618/982** |
| **07 - Auto desobsessão - pág. 5/13** | **08 - Como vivem os Espíritos - pág. 20** |
| **09 - Da alma humana - pág. 168** | **10 - Deus na natureza - pág. 311** |
| **11 - Dramas da obsessão - pág. 166** | **12 - Emmanuel - pág. 132** |
| **13 - Entre a matéria e o Espírito - pág. 35** | **14 - Morte, Renascimento, Evolução - pág. 51** |
| **15 - Na sombra e na luz - pág.85** | **16 - O Livro dos Espíritos - Intr. II, VI, q.60/135/139** |
| **17 - O passe - cap. 4 pág. 60** | **18 - O passe Espírita - parte 2, pág. 73** |
| **19 - Os Mensageiros - pág. 215** | **20 - Pensamento e vontade - pág. 123/137** |
| **21 - Pureza Doutrinária - pág. 56** | **22 - Saúde e Espiritismo - pág. 55** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PRINCÍPIO VITAL - COMPILAÇÃO**

**01 - Evolução Anímica - Gabriel Delanne - pág. 33/185/225**

**A força vital  
Até aqui só temos estudado o funcionamento da vida, a maneira pela qual o organismo vivo entra em conflito com o seu meio ambiente, mas nada sabemos ainda da natureza mesma dessa vida. Se compreendemos como, por exemplo, se exercem as funções digestivas, cumpre notar que é num aparelho vivo que elas se operam, isto é, num organismo que produziu, por processos peculiarmente seus, as matérias necessárias a essa combinação química, e, se as leis de afinidade são as mesmas no laboratório vivo como no mundo exterior, não deixa de ser por processos particulares, inteiramente diferentes dos que agem sobre a matéria bruta, que a vida opera.  
  
Eis, a propósito, o que diz Claude Bernard, juiz competente nestes assuntos:"Posto que os fenômenos orgânicos, manifestados pelos elementos dos tecidos, estejam todos submetidos às leis gerais da físico-química, não deixam, contudo, de completar-se com o concurso de processos vitais peculiares à matéria organizada, e, neste sentido, diferem, constantemente, dos processos minerais que produzem os mesmos fenômenos nos corpos brutos. Esta última proposição fisiológica, tenho-a como fundamental. O erro dos físico-quimistas procede de não haverem feito essa distinção e acreditarem preciso religar os fenômenos apresentados por seres viventes, não apenas às mesmas leis, mas também aos mesmos processos e formas pertinentes aos corpos brutos."   
  
Tem, pois, a vida um modo especial, vivente, de proceder, para manter o seu funcionamento; existe no ser organizado algo inexistente nos corpos inorgânicos, algo operante por métodos particulares, sui generis, e que não só fabrica, como repara os órgãos. A esse algo chamamos força vital.  
  
Essa observação tem sido feita por muitos naturalistas. Stahl imaginou, para explicar a vida, uma força vital extrínseca à matéria viva, seja uma espécie de substância imaterial — a alma —, causa fundamental da vida e dos movimentos que se lhe prendem. Foi partindo da falsa idéia de que as forças naturais estão em antagonismo com o corpo vivo que ele acreditou residir nessa força anímica a faculdade de resistência às influências destrutivas. Nada obstante haverem Descartes e Van Helmont sustentado doutrinas análogas, Stahl desenvolveu e levou tão longe a sua teoria que deve ser olhado como o fundador do animismo em fisiologia.  
  
Stahl estabelecera uma diferença radical entre os fenômenos da natureza bruta e os da natureza viva. Conservaram esse fato interessante, mas abandonaram a teoria da alma. Não houve como deixar de recorrer a uma outra força fundamental, da qual dependem todas as manifestações de vida, nos vegetais como nos animais, designada por força ou princípio vital. Essa força, que rege todos os fenômenos vitais, dá irritabilidade às partes contrateis de animais e plantas, ou seja, como vimos, a propriedade de serem afetadas pelos irritantes exteriores.  
  
Admitiam, nos animais, a alma de Stahl, que, combinada ao princípio vital, presidia aos fenômenos intelectuais. Essa teoria teve como principais defensores, na França, Barthez; e, na Alemanha, Hufeland e Blumenbach. A força vital de que falamos liga-se a esta última forma de ver, pois, de fato, cremos que haja uma força de natureza especial, que provê a matéria organizada do que inexiste na matéria bruta: — a irritabilidade; ela diverge, porém, desde logo, porque nós não vemos nessa força mais do que uma modificação da energia, ainda desconhecida, modalidade da força universal, quais o calor, a eletricidade, a luz. Não fazemos dessa força uma entidade imaterial, surgida ao acaso, sem antecedentes, ou melhor, uma criação sobrenatural.  
  
Diferimos também dos vitalistas em não vermos entre os animais e o homem mais do que uma diferença de grau, não de natureza. Tudo o que existe na Terra provém de inumeráveis modificações da força e da matéria. A força vital deve entrar no quadro das leis gerais, e a nós compete evidenciar a sua presença nos seres vivos.  
  
Flourens parece compartilhar dessa opinião quando escreve: "Acima de todas as propriedades particulares e determinadas, há uma força, um princípio geral, comum, que todas as propriedades particulares implicam e de que se fazem presumidas, e o qual, sucessivamente, pode ser isolado, destacado de cada uma, sem deixar de existir. Que princípio será esse? Seja qual for, é essencialmente uno. Há uma força geral e una, da qual todas as forças particulares mais não são que expressões ou modalidades."   
  
Por que se morre?  
Com Claude Bernard, temos constatado a originalidade de processos da matéria organizada para fabricação das substâncias necessárias ao funcionamento vital, atribuindo essas propriedades aos órgãos dotados de uma virtude especial, inencontrável nos corpos brutos. A existência de uma força animante do organismo torna-se, porém, mais evidente ainda, ao examinarmos a evolução de todos os seres vivos.  
  
Tudo o que tem vida nasce, cresce e morre. É fato geral que quase não padece exceção. Mas, por que morrer? Excetuando-se os casos de acidentes, ou de enfermidades que destroem irremediavelmente os tecidos, como se dá que, mantendo constantes as mesmas condições gerais, indispensáveis ao entretenimento da vida, isto é, a água, o ar, o calor e os alimentos, o ser depereça até à dissociação total?  
  
Dizer que os órgãos se gastam é indicar apenas uma fase da evolução, é demonstrar um fato. Neste caso, pergunta-se: mas, por que se gastam os órgãos, e por que se mantém perfeitos na idade viril, do mesmo passo que aumentam de energia na juventude? (...)  
  
CAPÍTULO V - A FORÇA VITAL  
No capítulo I procuramos evidenciar a existência real da força vital, independente das forças físico-químicas que regem o organismo. Nossa concepção difere dos velhos animistas e vitalistas, por não conceituarmos o princípio vital uma entidade distinta das forças naturais, e sim, apenas, uma forma de energia que até agora não se conseguiu isolar, o que o futuro, contudo, logrará fazer. A Natureza opera sempre em continuidade nas manifestações sucessivas que perfazem o conjunto dos fenômenos terrestres.  
  
Já no reino mineral se torna possível encontrar o traço de uma futura vida orgânica. O cristal é quase um ser vivente, visto que difere completamente da matéria amorfa, tendo as moléculas orientadas por uma ordem geométrica, fixa e, portanto, uma tal ou qual individualidade. Nele existem os primeiros lineamentos da reprodução, visto como a mínima de suas parcelas, mergulhada num soluto idêntico, permitirá o desenvolvimento regular e indefinido dessa partícula, constituindo um cristal semelhante ao primeiro. Não há, finalmente, uma só parte do seu bloco, cuja avaria não se possa reparar.  
  
A seguinte experiência não comporta qualquer dúvida: O Sr. Loir toma de um cristal de alúmen, octaédrico (sulfato de alumínio e potássio), mutila-lhe os seis vértices, mais ou menos profundamente, e lima, depois, as doze arestas. Isto feito, mergulha o octaedro de alúmen de potassa — que é incolor — em solução saturada de alúmen de cromo (sulfato de alumínio e cromo) — que é violeta. Ao fim de alguns dias, verificou que os seis vértices e as doze arestas se reconstituíram perfeitamente por meio do alúmen de cromo dissolvido.**

**Era um octaedro perfeito, com vértices e arestas violeta. Terminada a reparação das fraturas, deixando-se o octaedro na dissolução violeta, começará, então, a formar-se uma camada em suas faces. Este depósito jamais se forma enquanto as fraturas dos vértices e arestas não estiverem reparadas, o que vale dizer — enquanto a forma geométrica não for absolutamente restabelecida.  
  
Com isto, certo, muito falta para que estejamos fronteando um ser vivo. Trata-se, na verdade, de rudimentar esboço. A matéria é ainda muito rígida; precisa maleabilizar-se; e a Natureza vai pedir essa maleabilidade aos compostos ternários e quaternários do carbono.  
  
À medida que aumentam esses elementos, a coordenação molecular, o grupamento dos átomos e as proporções de sua agregação vão-se tornando necessariamente mais complexas, e, se os elementos químicos forem dotados de propriedades favoráveis — quais uma forte afinidade química, por exemplo —, eclodirão matérias proteiformes engendrando fenômenos de natureza semelhante a dos fenômenos que caracterizam a vida, ou seja, uma extrema instabilidade do edifício molecular, uma agregação íntima muito frouxa, a faculdade de entrar em diversos estados sob a ação dos agentes externos, ou, por outra — uma tendência sempre progressiva de adaptação ao meio.  
  
É precisamente o que se dá com os seres animados. A mais ínfima das células contém, não diferenciados, os caracteres todos da vida. Possui, em primeiro lugar, o movimento espontâneo, que o cristal jamais teve; depois, a faculdade de assimilar a matéria e desenvolver-se, não já por justaposição, como no cristal, mas, por integração e transformação do alimento, do qual só absorve o assimilável; em terceiro lugar, a reprodução opera-se de motu próprio, segmentando-se ao atingir um certo volume e seguindo a parte segmentada a viver, por seu turno, e a formar uma segunda célula. Finalmente, temos a característica única e distintiva, que é a da evolução celular.  
  
Apoiemo-nos nesta última característica, visto ser a que traça a linha divisória, absoluta, entre a matéria organizada e a matéria bruta.  
À primeira vista, parece que a morte seja a coisa mais fácil de explicar. Diariamente, vemos morrerem os seres animados, isto é, deixarem de si um cadáver incapaz de prosseguir em suas funções, desde que os abandona esse algo a que chamamos vida. Mas, por que se dá isso? Por que os alimentos que desenvolveram e fortaleceram o corpo não continuam a sustentá-lo? Por que cessou, num dado tempo, o crescimento, ao invés de prosseguir indefinidamente?**

**Problemas são estes, insolúveis para a ciência atual, visto que a noção de usura dos órgãos perdeu o sentido, depois das modernas descobertas. Outrora, acreditava-se que o corpo humano era formado dos mesmos elementos, desde o nascimento até a morte; e nada fora mais compreensível do que a usura orgânica, utilizada por tanto tempo: hoje, porém, sabemos de fonte segura que essa crença não mais se justifica. O corpo humano, longe de ser fixo, imutável em sua composição, varia constantemente, renova-se integralmente e essa renovação decresce à proporção que a idade aumenta.  
  
Ora, tendo nós constatado que as variações não poderiam provir do perispírito, por ser este inalterável; nem da matéria, por ser inerte, é lógico que só ao desaparecimento da força vital podemos atribuir a morte. Vejamos, pois, como se transmite essa força.  
  
O nascimento .  
Primeiro, vamos ver as condições materiais do nascimento, e depois procuraremos determinar o coeficiente de influência cabível a cada um dos fatores já estudados, separadamente, quais sejam: a matéria física, a força vital e a alma revestida do seu perispírito. No gérmen que deve constituir mais tarde o indivíduo — gérmen formado pelo ovo fecundado —, reside uma potência inicial, resultante da soma das potências vitais dos genitores no instante da procriação.  
  
Empregando a linguagem da mecânica, poder-se-ia dizer que o gérmen encerra uma energia potencial que se transforma em energia atual para o curso todo da existência. É uma força assaz variável, essa, segundo a natureza dos seus componentes. Se os genitores se encontram no vigor da idade, possuindo ambos uma vida intensa, o gérmen acumula em si uma grande energia latente; mas, se ao invés, a vida está em declínio, num ou em ambos os genitores —, ultrapassado um certo limite, não mais se transmite e a fecundação não se dará. Entre esses extremos podem existir todas as graduações de potência germinal.  
  
A força vital é, portanto, uma energia de capacidade variável, conforme a sua intensidade primitiva, e também segundo as circunstâncias em que se desenvolve. Poder-se-ia, grosseiramente, representá-la pelos diferentes estados de energia condensada em uma mola. A mola, comprimida, contém a força a restituir, quando se distender. De começo, ela vence as resistências e aumenta de poder, mas chega o momento em que a energia se iguala à resistência, até que esta se torna preponderante. A mola distendeu-se, desapareceu-lhe a força. Esta força, originariamente potencial, transformou-se insensivelmente em energia atual, até que seja completamente usada. E tanto que o seja sobrevêm a morte.**

**(...)Convém chamemos, aqui, a atenção do leitor para um ponto muito importante, em se tratando de fenômenos vitais, que é a extrema complexidade resultante da união de vários elementos. Importa, neste caso, precatarmo-nos da simplicidade de uns tantos conceitos, como este — tal causa, tal efeito, na causa deve haver, no mínimo, quanto haja nos efeitos. Isso é exato, mas, para os casos em que não entrem componentes outros que os de ordem puramente mecânica. A vida, porém, resulta não só de considerações semelhantes, mas, também, de misturas, de combinações chamadas catalíticas, em química, que são de ordem físico-química e que escapam a toda e qualquer determinação rigorosa.  
  
Conforme uma observação profunda de Stuart Mill, todas as vezes que um efeito é o resultado de várias causas (e nada é mais frequente na natureza), podem apresentar-se dois casos: ora o efeito é produzido por leis mecânicas, ora por leis químicas. No caso das leis mecânicas, cada uma das causas se encontra no efeito complexo, como se elas somente houvessem agido: o efeito das causas concorrentes é, precisamente, a soma das partes separadas de cada uma. Na química, pelo contrário, a combinação de duas substâncias produz uma terceira, cujas propriedades são inteiramente diferentes das duas outras, quer as tomemos separadamente ou em conjunto.  
  
Assim, o conhecimento das propriedades do enxofre (S) e do oxigênio (O) não nos dispensa de estudar as do ácido sulfúrico (H SÓ ). É que as propriedades dos corpos dependem dos movimentos atômicos de cada uma das substâncias em jogo, e, quando a combinação é perfeita, o corpo dela resultante toma um movimento atômico inteiramente diverso do peculiar aos seus componentes. O peso da matéria resultante é igual ao dos corpos que entram na composição, mas as propriedades são de ordem dinâmica, até agora inacessível a toda e qualquer previsão.  
  
Nos fenômenos vitais a complexidade é muito maior que nos fatos químicos, propriamente ditos, e eis por que existe, muitas vezes, tão grande desproporção entre a causa e o efeito.  
  
Resumo  
No momento de encarnar, o perispírito une-se, molécula a molécula, à matéria do gérmen. Possui este uma força vital, cuja energia mais ou menos vigorosa, transformando-se em energia atual durante a existência, determina a longevidade do indivíduo. Esse gérmen também contém gêmulas modificadoras do organismo, em virtude das leis da hereditariedade, ou melhor — a força vital, modificada pelos pais, transmite as disposições orgânicas da progenitura. É, pois, sob a influência da força vital, que o perispírito desenvolve as suas propriedades funcionais.  
  
A evolução vital do gérmen recapitula, de um modo rápido, as conformações ancestrais que a raça experimentou. Assim como o duplo fluídico encerra, sob a forma de movimentos, o traço indelével de todos os estados da alma após o nascimento, assim também o gérmen material contém em si a impressão indefectível de todos os sucessivos estados do perispírito.  
  
A idéia diretriz que determina a forma está, por conseguinte, contida no fluido vital, e o perispírito dele se impregnando, nele se transfundindo, a ele unindo-se intimamente, materializa-se o bastante para tornar-se o diretor, o regulador, o suporte da energia vital modificada pela hereditariedade. É graças a ele que o tipo individual se forma, desenvolve-se, conserva-se e se destrói.  
  
Eis por que o perispírito é o decalque ideal do corpo, a rede fluídica estável através da qual passa a torrente de matéria flutuante, que a cada instante destrói e reconstrói todo o organismo. É ao perispírito que o Espírito deve a conservação de sua identidade física e moral, visto ser possível ligar o tão profundo quão persistente sentido do ego à matéria em constante renovação.  
  
O que torna essa força invencível com a certeza de sermos sempre nós mesmos, desde que nascemos, até à morte, é a memória. Ora, as moléculas do corpo renovam-se, foram em todos nós renovadas milhares de vezes no curso da vida, e, assim sendo, ela — a memória, visto que só ela persiste, não pode haver-se como propriedade do que é de si mesmo instável, isto é, a matéria. A memória é atributo do invariável, do invólucro fluídico — o perispírito. Também verificamos no homem instintos específicos, ou seja, privativos da raça.  
  
É coisa que não nos deve surpreender, visto que a alma, com o -seu invólucro, não atinge o período humano senão quando apta para dirigir um corpo humano. Portanto, os instintos primordiais são os mesmos para todos; mas, outros há, individuais, que dependem dos progressos particulares, realizados autonomicamente, de sorte que a reação aos estímulos exteriores varia conforme a natureza particular de cada um.  
  
A transmissão dos pendores orgânicos permite-nos compreender porque os Espíritos encarnam antes nuns que noutros meios; é que eles buscam os elementos adequados ao desenvolvimento de tais ou quais faculdades. As afinidades fluídicas têm, portanto, grande importância no ato do nascimento. Se, igualmente, admitirmos a evolução por grupos, teremos demonstrado que os Espíritos não podem encarnar onde desejam. Um selvagem, cujo desenvolvimento intelectual e moral seja muito inferior à média atingida nos povos civilizados, não poderá colher aí um corpo físico, já que suas afinidades constrangem-no a regressar ao seu ambiente, até que tenha progredido o bastante para harmonizar o invólucro fluídico com um meio mais elevado.  
  
Todos os seres evoluem por gradações insensíveis, por transições imperceptíveis; mas, se quisermos avaliar o caminho percorrido, basta comparar os extremos de uma série: o selvagem e o homem civilizado, para vermos a diferença que separa o homem contemporâneo do seu ancestral quaternário.  
  
Temos visto que as disposições mórbidas são transmissíveis, e que, não sendo o espírito engendrado pelos genitores, nem por isso deixa de ser coagido, no exercício de suas faculdades, à mercê de uma organização defeituosa.  
  
É uma das mais dolorosas provações. Sucede, às vezes, que a loucura não é real, não se radica no organismo, é produzida por Espíritos obsessores, cuja influência vai da obsessão à subjugação. Nestes casos é que podemos considerar o Espiritismo um benefício social. Ele pode ir ao encontro de milhares de criaturas, pobres vítimas enclausuradas nos manicômios, e que, de simples obsidiados que são, acabam realmente loucos, quando atirados a tais ambientes.  
  
02 - A GÊNESE – ALLAN KARDEC, cap. 6, item 18, pág. 116**

**(…) dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme a condição deste, princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, vegetal, animal ou qualquer outra – portanto não há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais – sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração.  
  
(...) é cabível se admita que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. (cap. 11, item 5, pág. 208)**

**“Ele tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o espírito e a matéria”.  
(..) É ele que (..) dá movimento e atividade (aos seres orgânicos) e os distingue da matéria inerte, porquanto o movimento da matéria não é a vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá.( O Livro dos Espíritos, parte 1, cap. 4, pág. 60)**

**05 – ANIMAIS NOSSOS IRMÃOS – EURÍPEDES KUHL, ( edição de 2003, pág. 34**

**Sabemos hoje que no átomo há incrível e permanente movimentação, pelo que morte, no sentido lato da palavra não existe! Os seres vivos, quando deles se ausenta o Princípio Vital, desagregam-se molecularmente, permanecendo, contudo, a pujante vida atômica dos seus compostos.  
  
O estado latente da matéria, orgânica ou inorgânica, não importa, é que proporciona condições para a geração da Vida, seja no mundo que for. À vida atômica, sempre presente em tudo, alia-se outra forma de energia a que Kardec denominou de “Princípio Vital”.  
  
Princípio Vital: é o princípio energético pelo qual os elementos constitutivos se agrupam, em formas simétricas, o que explica a repetência das mesmas formas nos seres de uma mesma espécie – plantas e animais.  
  
O aspecto mais importante do Princípio Vital é o fato de ser comum a todas as espécies orgânicas, vegetais e animais, enquanto vivas. Sua existência é indiscutível, conquanto sua natureza não possa ser cientificamente definida. Mecanismo pelo qual a Vida se processa, certamente de forma infinita e eterna como tudo o que provém de Deus, o Princípio Vital nos permite deduzir que, ante o que a Natureza nos mostra, o Supremo Arquiteto do Universo criou sempre – antes, agora, depois – incessantemente.**

**12 – EMMANUEL – FRANCISCO C. XAVIER, cap. 24, pág. 132-133**

**(...) há uma força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica.  
  
Essa força é o que denominais princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas.**

**O principio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas.  
  
Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.**

**16 – O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC, INTR, 2 - Cap. IV – Princípio Vital**

**II - ALMA, PRINCÍPIO VITAL E FLUÍDO VITAL  
Há outra palavra sobre a qual igualmente devemos entender-nos, porque é uma das chaves de toda doutrina moral e tem suscitado numerosas controvérsias por falta de uma acepção bem determinada: é a palavra ALMA. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada qual faz desse vocábulo. Uma língua perfeita, em que cada idéia tivesse a sua representação por um termo próprio, evitaria muitas dicussões; com um palavra cada coisa todos se entenderiam.**

**Segundo uns, a alma é o princípio da vida orgânica material; não tem existência própria e se extingue com a vida: é o puro materialismo. Neste sentido, e por comparação, dizem de um instrumento quebrado, que não produz mais som, que ele não tem alma. De acordo com esta opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.  
  
Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal de que cada ser absorve uma porção. Segundo estes, não haveria em todo o Universo senão uma única alma, distribuindo fagulhas para os diversos seres inteligentes durante a vida; após a morte, cada fagulha volta à fonte comum, confundindo-se no todo, como os córregos e os rios retornam ao mar de onde saíram. Esta opinião difere da precedente em que, segundo esta hipótese, existe em nós algo mais do que matéria, restando qualquer coisa após a morte; mas é quase como se nada restasse, pois não subsistindo a individualidade não teríamos mais consciência de nós mesmos. De acordo com esta opinião, a alma universal seria Deus e cada ser uma porção da Divindade; é esta uma variedade do Panteísmo.  
  
Segundo outros, enfim, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva a sua individualidade após a morte. Esta concepção é incontestavelmente a mais comum, porque, sob um nome ou outro, a idéia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra em estado de crença instintiva e independente de qualquer ensinança, entre todos os povos, qualquer que seja o seu grau de civilização. Essa doutrina, para a qual a alma é causa e não efeito, é a dos espiritualistas.  
  
Sem discutir o mérito dessas opiniões, e não considerando senão o lado linguístico da questão, diremos que essas três aplicações da palavra alma constituem três ideias distintas, que reclamariam, cada uma, um termo diferente. Essa palavra tem, portanto, significação tríplice, e cada qual está com a razão, segundo o seu ponto de vista, ao lhe dar uma definição; a falha se encontra na língua, que não dispõe de mais de uma palavra para três idéias. Para evitar confusões, seria necessário restringir a acepção da palavra alma a uma de suas idéias.**

**Escolher esta ou aquela é indiferente, simples questão de convenção, e o que importa é esclarecer. Pensamos que o mais lógico é tomá-la na sua significação mais vulgar e, por isso, chamamos alma ao ser imaterial e individual que existe em nós e sobrevive ao corpo. Ainda que este ser não existisse e não fosse mais que um produto da imaginação, seria necessário um termo para designá-lo.**

**Na falta de uma palavra especial para cada uma das duas outras idéias, chamaremos:  
Princípio vital, o princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua fonte, que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas ao homem. A vida podendo existir sem a faculdade de pensar, o princípio vital é coisa distinta e independente. A palavra vitalidade não daria a mesma idéia. Para uns, o principio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em dadas circunstâncias; segundo outros, e essa idéia é mais comum, ele se encontra num fluido especial, universalmente espalhado, do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como vemos os corpos inertes absorverem a luz.**

**Este seria então o fluido vital que, segundo certas opiniões, não seria outra coisa senão o fluido elétrico animalizado, também designado por fluido magnético, fluido nervoso etc. Seja como for, há fatos incontestáveis, pois resultam da observação, e são que os seres orgânicos possuem uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos, e que ela independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; enfim, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e pensamento há uma dotada de um senso moral especial, que lhe dá incontestável superioridade perante as outras, e que é a espécie humana.  
  
Compreende-se que, com uma significação múltipla, a alma não exclui o materialismo nem o panteísmo. Mesmo o espiritualista pode muito bem entender a alma segundo uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto, ao qual dará qualquer outro nome. Assim, essa palavra não representa uma opinião: é um Proteu, que cada qual ajeita a seu modo, o que dá origem a tantas disputas intermináveis.  
  
Evitaríamos igualmente a confusão, mesmo empregando a palavra alma nos três casos, desde que lhe ajuntássemos um qualificativo para especificar a maneira pela qual a encaramos, ou a aplicação que lhe damos. Ela seria então um termo genérico, representando ao mesmo tempo o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, que se distinguiriam pelo atributo, como o gás, por exemplo, que se distingue ajuntando-se-lhe as palavras hidrogênio, oxigênio e azoto.**

**Poderíamos dizer, e talvez fosse o melhor, a alma vital, para designar o princípio da vida material, a alma intelectual, para o princípio da inteligência, e a alma espírita, para o princípio da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto é questão de palavras, mas questão muito importante para nos entendermos. Dessa maneira, a alma vital seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a alma intelectual seria própria dos animais e dos homens, e a alma espírita pertenceria somente ao homem.  
  
Acreditamos dever insistir tanto mais nestas explicações, quanto a Doutrina Espírita repousa naturalmente sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. Devendo repetir frequentemente a palavra alma no curso desta obra, tínhamos de fixar o sentido em que a tomamos, a fim de evitar qualquer engano. (...)  
  
Os seres orgânicos são os que trazem em si mesmos uma fonte de atividade íntima, que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se e morrem; são providos de órgãos especiais para a realização dos diferentes atos da vida e apropriados às necessidades de sua conservação. Compreendem os homens, os animais e as plantas. Os inorgânicos são os que não possuem vitalidade nem movimentos próprios, sendo formados apenas pela agregação da matéria: os minerais, a água, o ar, etc..  
Questão 60 – É a mesma força que une os elementos materiais nos corpos orgânicos e inorgânicos? –Sim, a lei de atração é a mesma para todos.  
  
Questão 61 – Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e dos inorgânicos? –É sempre a mesma matéria, mas nos corpos orgânicos é animalizada.  
Questão 62 – Qual é a causa da animalização da matéria? –Sua união com o princípio vital.   
Questão 63 – O princípio vital é propriedade de um agente especial, ou apenas da matéria organizada; numa palavra, é um efeito ou uma causa? –É uma e outra coisa. A vida é um efeito produzido pela ação de a um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é vida, da mesma forma que a matéria não pode viver sem ele. É ele que dá vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.  
  
Questão 64 – Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital formará um terceiro? –É um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas tem a sua fonte nas modificações da matéria universal. É um elemento, para vós, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, são elementos primitivos, pois todos procedem de um mesmo princípio.  
Questão 65 – O princípio vital reside num dos corpos que conhecemos? –Ele tem como fonte o fluido universal; é o que chamais fluido magnético ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o liame entre o espírito e a matéria.  
  
Questão 66 – O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos? –Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e a atividade e os distingue da matéria inerte: pois o movimento da matéria não é a vida; ela recebe esse movimento, não o produz.  
  
O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo, impulsionado pela atividade íntima ou princípio vital, que neles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo em que o agente vital impulsiona os órgãos, a ação destes entretém e desenvolve o agente vital, mais ou menos como o atrito produz o calor.**

**17 – O PASSE – JACOB MELO, cap. 4, pág. 60**

**(...) é o “toque mágico” propiciador da vida, o “interruptor” vital que faz a interligação de um “campo” específico chamado “fluido vital” com elemento(s) proveniente(s) do outro “campo” (Princípio Espiritual).**

**18- O PASSE ESPÍRITA – LUIZ CARLOS DE M. GURGEL, parte 2, págs. 73, 74-75**

**O FLUIDO VITAL, também chamado de PRINCÍPIO VITAL, é uma forma modificada do fluido cósmico universal. Ele é o elemento básico da vida. Vida aqui considerada no sentido atribuído pela ciência, que se caracteriza pelos fenômenos do nascimento, crescimento, reprodução e morte. Observe que nessa categoria, evidentemente, não se incluem os Espíritos, já que não satisfazem, pelo menos, às duas últimas condições – reprodução e morte (...).  
  
Apesar de já contarmos, ao nascer, com certa quantidade de fluido vital, o nosso corpo precisa ser constantemente suprido deste fluido, em razão da sua constante utilização, principalmente nos processos ligados ao metabolismo. É, contudo, característica dos seres vivos a capacidade de produzir fluido vital, continuamente, a partir do fluido cósmico universal, como também a capacidade de absorvê-lo diretamente, a partir dos próprios alimentos.**

**Uma outra possibilidade de absorção do fluido vital é através da transfusão fluídica., Kardec refere claramente essa possibilidade quando afirma que “O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro”. É justamente essa propriedade, característica do fluido vital, um dos fundamentos em que se baseia o passe (...).  
  
Os seres do mundo espiritual, por não possuírem fluido vital, é que necessitam do nosso concurso, como indispensável, para muitas das tarefas assistenciais a que se propõem.**

**Em "A Gênese", Kardec assegura que (...) pela morte, o princípio vital se extingue". De fato é a existência, ou não, de fluido vital que distingue um corpo vivo de outro sem vida. A diferença entre uma árvore viva e um pedaço de madeira é justamente a presença do fluido vital na primeira e sua ausência na segunda.  
  
Apesar de já contarmos, ao nascer, com certa quantidade de fluido vital, o nosso corpo precisa ser constantemente suprido deste fluido, em razão da sua constante utilização, principalmente nos processos ligados ao metabolismo. É, contudo, característica dos seres vivos a capacidade de produzir fluido vital, continuamente, a partir do fluido cósmico universal, como também a capacidade de absorvê-lo diretamente, a partir dos próprios alimentos. Uma outra possibilidade de absorção do fluido vital é através da transfusão fluídica. Kardec refere claramente essa possibilidade quando afirma que: "O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro." É justamente essa propriedade, característica do fluido vital, um dos fundamentos em que se baseia o passe.  
  
No mesmo capítulo da obra de Kardec citada acima encontramos ainda a informação: "A quantidade de fluido vital não é a mesma em todos os seres orgânicos: varia segundo as espécies, e não é constante no mesmo indivíduo, nem nos vários indivíduos de uma mesma espécie." Realmente, na infância, a capacidade de processar o fluido cósmico para a produção do fluido vital é muito acentuada.**

**Essa capacidade se mantém mais ou menos inalterada durante a juventude, mas a partir de certa idade ela torna-se bastante reduzida, fato este que leva a uma diminuição progressiva da vitalidade do indivíduo, levando ao envelhecimento geral do organismo. A morte ocorre quando o organismo perde a capacidade de produzir e reter uma certa quantidade mínima de fluido vital — morte natural —, ou quando uma lesão mais séria no corpo físico provoca uma taxa de escoamento desse fluido em quantidades superiores à sua capacidade de produção — morte acidental.  
  
Os seres do mundo espiritual, por não possuírem fluido vital, é que necessitam do nosso concurso, como indispensável, para muitas das tarefas assistenciais a que se propõem.  
  
FLUIDOS ESPIRITUAIS  
"A qualificação de fluidos espirituais não é rigorosamente exata, pois que, em definitivo, se trata sempre de matéria mais ou menos quintessenciada. Nada há de realmente espiritual senão a alma ou princípio inteligente. Eles são assim designados por comparação, e sobretudo em razão de sua afinidade com os Espíritos."  
  
Apesar da advertência de Kardec que transcrevemos acima, costuma-se agrupar, sob o título de fluidos espirituais, os fluidos emitidos pelos Espíritos e característicos do mundo espiritual, todos eles originados, em última análise, a partir do fluido cósmico universal. Os fluidos ditos espirituais sãe produzidos a partir de uma transformação que sofre o fluido cósmico universal por ação do magnetismo associado aos pensamentos e sentimentos do Espírito, quer esteja ele encarnado ou desencarnado. O magnetismo "polariza" o fluido cósmico, dando-lhe propriedades características novas.**

**De um modo figurativo, é como se nos encontrássemos imersos em água límpida — o fluido cósmico — e passássemos a desprender do nosso organismo uma tintura qualquer — os nossos pensamentos e sentimentos — que iria tingindo a água ao nosso derredor. A cor da tinta liberada representaria os nossos sentimentos e pensamentos do momento.  
  
Nas obras da Codificação, encontramos ainda que a diversidade de modos intangíveis pelas quais o fluido universal pode apresentar-se chega a ser maior que o número de substâncias tangíveis que conhecemos, logo a diversidade de fluidos aqui agrupados é enorme. Cada uma dessas modalidades, embora tendo a mesma origem, constitui um fluido distinto, com propriedades e características bem específicas.  
  
Os fluidos espirituais podem ser produzidos por qualquer entidade espiritual, mesmo que encarnada. Assim, cada um de nós está continuamente emitindo vários tipos diferentes de fluidos para o ambiente que nos envolve, sempre caracterizados pelos nossos pensamentos e sentimentos. Os fluidos espirituais podem, portanto, ser de ódio, de inveja, de ciúme, de prepotência, de orgulho, de amor, de simpatia, de pena, ... e, por sua vez, podem agir sobre outras pessoas com efeitos irritantes, excitantes, tônicos, soporíferos, calmantes, reparadores ...  
  
COMO OS FLUIDOS SE MOVIMENTAM \*  
Agora que sabemos da existência de tão vasta quantidade de tipos diferentes de fluidos, vamos procurar identificar os fatores principais que determinam seus deslocamentos, isto é, pesquisar como eles se comportam após serem produzidos e lançados no meio ambiente. Será que ficam permanentemente em torno da pessoa que os produziu? Será que podem ser atraídos ou repelidos por ação da nossa vontade?  
  
Para obtermos respostas a essas perguntas, reportemo-nos, mais uma vez, às obras da Codificação. Em "A Gênese" vamos encontrar: "Os fluidos se unem em razão da semelhança de sua natureza; os fluidos dissemelhantes se repelem; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o azeite e a água." Assim, em outras palavras, podemos dizer que: Fluidos do mesmo tipo se atraem e fluidos de tipos opostos se repelem. A esta assertiva passaremos a denominar Lei Fundamental dos Fluidos.  
  
Se meditarmos um pouco vamos observar que a Lei Fundamental dos Fluidos, conforme acima apresentada, é de uma sabedoria realmente superior. Veja-se que se o nosso espírito é levado, por exemplo, a emitir vibrações magnéticas de harmonia, através de uma ação consciente ou não, estas vibrações irão agir sobre o fluido cósmico universal, que estamos continuamente a absorver, modificando-o, de modo a produzir fluidos polarizados em harmonia. Através deste mecanismo, colocamo-nos na condição de verdadeira fonte de fluidos de harmonia.  
  
Esses fluidos, liberados pelo nosso organismo, vão se acumulando em torno de nós e, ao cabo de alguns momentos nos envolverão completamente. Neste estado, em vista da Lei Fundamental dos Fluidos, passaremos a atrair outros fluidos de harmonia — mesmo tipo — existentes no ambiente.  
  
De modo análogo ocorrerá quando as vibrações magnéticas originadas do nosso espírito torem, por exemplo, de ódio, inveja, ou qualquer outro sentimento. Assim conclui-se que somos bombardeados, inexoravelmente, pelo mesmo tipo de fluido que estamos a emitir. Em resumo, ao nos colocarmos na condição psíquica necessária para produção de um determinado tipo de fluído, estaremos nos colocando, na condição vibratória própria para atrair, e absorver, aquele mesmo tipo de fluído. Este é um exemplo perfeito que serve para demonstrar a ação da Lei de Causa e Efeito, pois estaremos recebendo exatamente aquilo que estamos a dar, inclusive na mesma intensidade. (...)  
  
19 – OS MENSAGEIROS – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER, pág. 215**

**(...) Aquele campo amigo e hospitaleiro caracterizava-se por ambiente muito diverso. Não mais as emanações pesadas da cidade grande, mas o vento leve, embalsamado de suavíssimos perfumes. Refletia eu na bondade do Senhor, que nos oferecia recursos novos, quando Aniceto voltou a dizer:  
  
-A Natureza nunca é a mesma em toda a parte. Não há duas porções de terra com climas absolutamente iguais. Cada colina, cada vale, possui expressões climatéricas diferentes. É forçoso reconhecer, porém, que o campo, em qualquer condição, no circulo dos encarnados, é o reservatório mais abundante de princípios vitais. Em geral, todos nós, os cooperadores espirituais, estimamos o ar da manhã, quando a atmosfera permanece igualmente em repouso, isenta dos glóbulos de poeira convertidos em microscópicos balões de bacilos e de outras expressões inferiores.   
  
-Assim me explico, porque na floresta temos uma densidade forte, pela pobreza das emanações, em vista da impermeabilidade ao vento. Aí, o ar costuma converter-se em elemento asfixiante, pelo excesso de emissões dos reinos inferiores da Natureza. Na cidade, a atmosfera é compacta e o ar também sufoca, pela densidade mental das mais baixas aglomerações humanas. No campo, desse modo, temos o centro ideal...**

|  |
| --- |
| **PROGRESSÃO ESPÍRITA** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - Educação Mediúnica - pag. 18** | **02 - No Limiar do Amanhã - pág. 19** |
| **02- O Livro dos Espíritos - perg. 114 a 127** |  |

**01 - EDUCAÇÃO MEDIÚNICA - PÁG. 18**

**Deus criou todos os espíritos simples e ignorantes, e a cada um deu todas as possibilidades de progredir, dentro de suas determinadas missões a fim de que todos possam, por seu próprio esforço e merecimento, subir na escala evolutiva para atingir a perfeição, que representará a pura e eterna felicidade. Uns aceitam, submissos, as provas por que devem passar e chegam mais depressa à meta, porém outros só as suportam com murmurações, retardando dessa forma o seu progresso.**

**Os espíritos, em sua origem, seria como as crianças, ignorantes e inexperientes, que só adquirem os conhecimentos de que necessitam à proporção que avançam em idade através das diferentes fases da vida; a diferença, porém, é que a vida do homem tem fim, enquanto que a vida do espírito é infinita. Todos os espíritos se tornarão perfeitos, e a perfeição será por eles alcançada em mais ou menos tempo, conforme o desejo que têm de atingí-la e a submissão que testemunham à vontade de Deus.**

**À proporção que avançam, mais capazes se tornam e melhor se protegem contra as quedas ou violações à lei divina, porém também se tornam mais responsáveis por suas ações. Os espíritos jamais perdem o conhecimento e as conquistas já realizadas, porém, em face de desvios e violações grave à lei, poderão ficar ESTACIONÁRIOS por tempo mais ou menos longo e com o esquecimento temporário e a incapacidade de fazer uso dos direitos anteriormente conquistados; contudo, tão logo desejem, por esforço de sua vontade, poderão readquirir a plena posse das faculdades e reassumir o lugar que lhes compete, através da expiação e resgate de suas faltas.**

**O LIVRE-ARBÍTRIO se desenvolve à medida que o espírito adquire consciência de si mesmo. Os espíritos possuem, desde o princípio, iguais aptidões tanto para o bem como para o mal; em qualquer ponto da escala o espírito enfrenta sempre dois caminhos e compete-lhe fazer a escolha, recebendo, de acordo com a sua situação, influências de outros espíritos, igualmente nos dois sentidos: do bem e do mal, às quais cederá livremente, com tanto mais responsabilidade quanto mais alto estiver situado na escala.**

**Assim, podendo fazer a escolha do caminho livremente, cada um tem o mérito de suas obras, pelas quais responderá. Aliás, o Divino Mestre já nos advertia a todos de que seríamos julgados pelas nossas obras. Desde o princípio os espíritos poderão seguir francamente o caminho do bem ou do mal, existindo entre esses dois extremos opostos inúmeras graduações, constituindo a maioria os que ocupam os graus intermediários.**

**Todos porém, na sucessão intérmina dos acontecimentos, alcançarão o grau supremo da perfeição, dentro de mais ou menos longa duração. Deus nos vê de igual maneira, e a todos nos quer com igual amor. Os chamados maus são os que sucumbiram, e por isso mesmo recebem constantes apelos para a volta ao bom caminho, que terão de trilhar, como todos, fatalmente.**

**Os espíritos são criados iguais e progridem mais ou menos rapidamente em inteligência e em moralidade, utilizando-se do livre arbítrio, que será tanto mais amplo quanto mais alta for a sua posição evolutiva.**

**02 - NO LIMIAR DO AMANHÃ - JOSÉ HERCULANO PIRES - A EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO - pág. 19**

**"Se existem mundos melhores do que este, por que vivemos aqui? Deus tem os seus privilegiados, que vivem em mundos melhores?" O senhor está encarando o problema dentro de uma concepção estreitamente humana, que respeita, inclusive, o condicionamento social em que nós vivemos. Não. Deus não é um chefe político. Deus não é um administrador de empresas, que possa ter os seus privilegiados. Deus é a suprema inteligência do Universo, causa primária de todas as coisas. Ele é o Criador. Ele impulsiona na sua criação o desenvolvimento de todas as criaturas num mesmo e único sentido.**

**Nós todos temos de evoluir, de progredir. Mas se aqui estamos na Terra e outras criaturas habitam mundos superiores, é porque ainda não atingimos, na nossa evolução, a condição necessária para habitar esses mundos mais elevados. A vida é uma ascensão contínua. Bastaria isso para nos mostrar a sua grandeza e a grandeza do poder de Deus. Nós subimos, desde os planos inferiores da criação, através da evolução, e quando chegamos ao homem, nós partimos para o Mundo superior, o que no Espiritismo chamamos de angelitude, quer dizer, o Plano dos anjos.**

**Os anjos não são mais do que homens evoluidos. Os Espíritos humanos depurados, aperfeiçoados, que se desprenderam dos planos inferiores da criação e conseguiram desenvolver as suas potencialidades internas, a sua inteligência, a sua afetividade, a sua vontade, num Plano extremamente superior, extremamente elevado. As religiões os chamam de anjos, mas para nós espíritas, esses anjos são os Espíritos puros, elevados, que já desenvolveram os seus sentimentos.**

**Na proporção em que os Espíritos se elevam, eles passam a habitar mundos superiores. Mas ninguém está privado de habitar esses mundos. Todos caminhamos para lá.**

**" Por quê temos que renascer neste mundo? Não progrediremos melhor nos planos espirituais onde, segundo o Espiritismo, tudo é melhor? - A evolução é um progresso contínuo. Nós temos que conceber o problema, não apenas através da nossa concepção humana das coisas. Precisamos ir um pouco além. Precisamos compreender que estamos lidando com um processo universal, cósmico e que todo o Cosmo está implicado neste processo.**

**Assim, quando estamos aqui na Terra passando por uma evolução necessária, é porque o nosso Espírito, dotado de potências que ainda não foram desenvolvidas, precisa, na vida terrena, dos choques da vida material, do contato, ainda, com as condições dos reinos inferiores, de que ele partiu. O senhor pode ler na Bíblia aquele trecho alegórico, bastante importante, que diz assim: "Deus fez o homem do barro e da terra".**

**Ora, esta expressão nos coloca diante de uma verdade, que o Espiritismo comprova pela experiência. Deus tira o Espírito humano do Princípio Inteligente do Universo, que é um motivo de organização e de estruturação de todas as formas de matéria, desde o reino mineral até o reino hominal. Assim sendo, esse Princípio Inteligente tem potências que vão sendo desenvolvidas, através desses reinos.**

**Portanto, se ainda estamos aqui na Terra é porque não estamos em condições, não poderíamos viver num mundo superior, onde nossa inteligência, a nossa sensibilidade, não estariam em condições de se relacionarem com as coisas circundantes. Não teríamos sensibilidade para captarmos as sutilezas deste mundo, para percebermos as coisas que nele existem e para convivermos com os seus habitantes.**

**É por isso que continuamos a nos preparar na Terra até que atinjamos a condição necessária, para subirmos a mundos mais elevados.**

**03 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - VII**

**V—DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS  
Perg. 96. Os Espíritos são todos iguais, ou existe entre eles alguma hierarquia?  
— São de diferentes ordens, segundo o grau de perfeição a que tenham chegado.  
Perg. 97. Há um número determinado de ordens ou de graus de perfeição entre os Espíritos?   
— E' ilimitado o número dessas ordens, pois não há entre elas uma linha de demarcação, traçada como barreira, de maneira que se pode multiplicar ou restringir as divisões, à vontade. Não obstante, se considerarmos os caracteres gerais, poderemos reduzi-las a três ordens principais.  
  
Na primeira ordem, podemos colocar os que já chegaram à perfeição: os Espíritos puros. Na segunda, estão os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é a sua preocupação. Na terceira, os que estão ainda na base da escala: os Espíritos imperfeitos, que se caracterizam pela ignorância, o desejo do mal e todas as más paixões que lhes retardam o desenvolvimento.  
  
Perg. 98. Os Espíritos da segunda ordem só têm o desejo do bem, ou terão também o poder de o fazer?  
— Eles têm esse poder, de acordo com o grau de sua perfeição. Uns possuem a ciência; outros a sabedoria e a bondade. Todos, entretanto ainda têm provas a sofrer.  
  
Perg. 99. Os Espíritos da terceira ordem são todos essencialmente maus ?  
— Não; uns não fazem bem nem mal, outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo. Há ainda Espíritos levianos ou estouvados, mais travessos do que malignos, que se comprazem mais na malícia do que na maldade, encontrando prazer em mistificar e causar pequenas contrariedades, das quais se riem.  
  
VI—ESCALA ESPÍRITA  
100. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES. A classificação dos Espíritos funda-se no seu grau de desenvolvimento, nas qualidades por eles adquiridas e nas imperfeições de que ainda não se livraram. Esta classificação nada tem de absoluta; nenhuma categoria apresenta caráter bem definido, a não ser no conjunto; de um grau a outro a transição é insensível, pois, nos limites as diferenças se apagam, como nos reinos da Natureza, nas cores do arco-íris ou ainda nos diferentes períodos da vida humana. Pode-se, portanto, formar um número maior ou menor de classes, de acordo com a maneira por que se considerar o assunto.**

**Acontece o mesmo que em todos os sistemas de classificação científica: os sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cómodos para a inteligência; mas, sejam como forem, nada alteram quanto à substância da Ciência. Os Espíritos, interpelados sobre isto, puderam, pois, variar quanto ao número das categorias, sem maiores consequências. Houve quem se apegasse a esta contradição aparente, sem refletir que eles não dão nenhuma importância ao que é puramente convencional. Para eles, o pensamento é tudo; deixam-nos os problemas da forma, da escolha dos termos, das classificações, em uma palavra, dos sistemas.  
  
Ajuntemos ainda esta consideração, que jamais se deve perder de vista: entre os Espíritos, como entre os homens, há os que são muito ignorantes, e nunca será demais estarmos prevenidos contra a tendência a crer que eles tudo sabem, por serem Espíritos. Toda classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que têm conhecimentos limitados são como os ignorantes deste mundo, incapazes de apreender um conjunto e formular um sistema; eles não conhecem ou não compreendem senão imperfeitamente qualquer classificação; para eles todos os Espíritos que lhes sejam superiores são dê primeira ordem, pois não podem apreciar as suas diferenças de saber, de capacidade e de moralidade, como entre nós faria um homem rude em relação a homens ilustrados.**

**E aqueles mesmos que sejam capazes, podem variar nos detalhes, segundo os seus pontos de vista, sobretudo quando uma divisão nada tem de absoluto. Linneu, Jussieu, Tournefort tiveram cada qual o seu método, e a Botânica não se alterou por isso. E que eles não inventaram nem as plantas, nem os seus caracteres, mas apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos e as classes. Foi assim que procedemos. Nós também não inventamos os Espíritos nem os seus caracteres. Vimos e observamos; julgamos pelas suas palavras e os seus atos, e depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos nos dados que eles nos forneceram.  
  
Os Espíritos admitem, geralmente, três categorias principais ou três grandes divisões. Na última, aquela que se encontra na base da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão ao mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo de praticar o bem: são os Espíritos bons. A primeira, enfim, compreende os Espíritos puros, que atingiram o supremo grau de perfeição.  
  
Esta divisão nos parece perfeitamente racional e apresenta caracteres bem definidos; não nos resta senão destacar, por um número suficiente de subdivisões, as nuanças principais do conjunto. Foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas benevolentes instruções jamais nos faltaram.  
  
Com a ajuda deste quadro, será fácil determinar a ordem e o grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos com os quais podemos entrar em relação e, por conseguinte, o grau de confiança e de estima que eles merecem. Esta é, de alguma maneira, a chave da Ciência espírita, pois só ela pode explicar-nos as anomalias que comunicações apresentam, esclarecendo-nos sobre as irregularidades intelectuais e morais dos Espíritos.**

**Observaremos, entretanto, que os Espíritos não pertencem para sempre e exclusivamente a esta ou àquela classe; o seu progresso se realiza gradualmente e, como muitas vezes se efetua mais num sentido que noutro, eles podem reunir as características de várias categorias, o que é fácil avaliar por sua linguagem e seus atos.(...)**  
  
**PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS, pág. 93, PERGUNTAS 114 a 127.**

**Perg. 114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que procuram melhorar-se: - Os Espíritos mesmos se melhoram; melhorando-se, passam de uma ordem inferior para uma superior.**

**Perg. 115. Uns Espíritos foram criados bons e outros, maus? - Deus criou todos os Espíritos simples e IGNORANTES, ou seja, SEM CONHECIMENTO. Deu a cada um deles uma missão, com o fim de os esclarecer e progressivamente conduzir à perfeição, pelo conhecimento da verdade, e para os aproximar dele. A felicidade eterna e sem perturbações, eles a encontrarão nessa perfeição. Os Espíritos adquirem o conhecimento passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais prontamente ao seu destino; outros não conseguem sofrê-las sem lamentação, e assim permanecem, por sua culpa, distanciados da perfeição e da felicidade prometida.**

**Perg.115a. Segundo isto, os Espíritos, na sua origem, se assemelhariam a crianças, ignorantes e sem experiência, mas que vão adquirindo pouco a pouco os conhecimentos que lhes faltam, ao percorrer as diferentes fases da vida? - Sim, a comparação é justa; a criança rebelde permanece ignorante e imperfeita; seu menor ou maior aproveitamento depende da sua docilidade. Mas a vida do homem tem fim, enquanto a dos Espíritos se estende ao infinito.**

**Perg. 116. Há Espíritos que ficarão perpetuamente nas classes inferiores? - Não; todos se tornarão perfeitos. Eles mudam, embora devagar, porque, como já dissemos uma vez, um pai justo e misericordioso não pode banir eternamente os seus filhos. Querias que Deus, tão grande, tão justo e tão bom, fosse pior que vós mesmos?**

**Perg.117. Depende dos Espíritos apressar o seu avanço para a perfeição? - Certamente. Eles chegam mais ou menos rapidamente, segundo o seu desejo e a sua submissão à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa que uma rebelde?**

**Perg. 118. Os Espíritos podem degenerar? - Não. À medida que avançamos, compreendem o que os afasta da perfeição. Quando o Espírito conclui uma prova, adquiriu conhecimento e não mais o perde. Pode permanecer estacionário, mas não retrogradar.**

**Perg. 119. Deus pode livrar os Espíritos das provas que devem sofrer para chegar à primeira ordem? - Se eles tivessem sido criados perfeitos, não teriam merecimento para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o mérito, sem a luta? De outro lado, a desigualdade existente entre eles é necessária à sua personalidade; e a missão que lhes cabe, nos diferentes graus, está nos desígnios da Providência, com vistas à harmonia do Universo.**

**Como na vida social todos os homens podem chegar aos primeiros postos, também poderíamos perguntar por que motivo o soberano de um país não faz de cada um de seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são superiores; por que todos os alunos não são professores. Ora, entre a vida social e a espiritual existe a diferença de que a primeira é limitada e nem sempre permite a escalada de todos os seus degraus, enquanto a segunda é indefinida e deixa a cada um possibilidade de se elevar ao posto supremo.**

**Perg. 120. Todos os Espíritos passam pela fieira do mal, para chegar ao bem? - Não pela fieira do mal, mas pela da ignorância.**

**Perg. 121. Por que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros do mal? - Não têm eles o LIVRE-ARBÍTRIO? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, ou seja, tão aptos para o bem quanto para o mal; os que são maus, assim se tornaram por sua vontade.**

**Perg. 122. Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm a consciência de si mesmos, ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Há neles um princípio, uma tendência qualquer que os leve mais para um lado que para o outro? - O Livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo. Não haveria liberdade, se a escolha fosse provocada por uma causa estranha à vontade do Espírito. A causa não está nele, mas no exterior, nas influências a que ele cede em virtude de sua espontânea vontade. Esta é a grande figura da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação e outros resistiram.**

**Perg. 122a. De onde vem as influências que se exercem sobre ele? - Dos Espíritos imperfeitos que procuram envolvê-lo e dominá-lo, e que ficam felizes de o fazer sucumbir. Foi o que se quis representar na figura de Satanás. 122.b - Esta influência só se exerce sobre o Espírito na sua origem? - Segue-o na vida do Espírito, até que ele tenha de tal maneira adquirido o domínio de si mesmo, que os maus desistam de obsidiá-lo.**

**Perg. 123. Por que Deus permitiu que os Espíritos pudessem seguir o caminho do mal? - Como ousais pedir a Deus conta dos seus atos? Pensais poder penetrar os seus desígnios? Entretanto, podeis dizer: A sabedoria de Deus se encontra na liberdade de escolha que concede a cada um, porque assim cada um tem o mérito de suas obras.**

**Perg. 124. Havendo Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do bem absoluto, e outros, o do mal absoluto, haverá gradações, sem dúvida, entre esses dois extremos? - Sim, por certo, e constituem a grande maioria.**

**Perg. 125. Os Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros? - Sim. mas as eternidades serão mais longas para eles. Por esta expressão, as eternidades, devemos entender a idéia que os Espíritos inferiores fazem da perpetuidade dos seus sofrimentos, cujo termo não lhes é dado ver. Essa idéia se renova em todas as provas nas quais sucumbem.**

**Perg. 126. Os Espíritos que chegam ao supremo grau, depois de passarem pelo mal, têm menos mérito que os outros, aos olhos de Deus? - Deus contempla os extraviados com o mesmo olhar, e ama a todos do mesmo modo. Eles são chamados maus porque sucumbiram; antes não eram mais que simples Espíritos.**

**Perg. 127. Os Espíritos são criados iguais quanto ás faculdades intelectuais? - São criados iguais, mas não sabendo de onde vêm, é necessário que o LIVRE-ARBÍTRIO se desenvolva. Progridem mais ou menos rapidamente, tanto em inteligência como em moralidade.**

**Os Espíritos que seguem desde o princípio o caminho do bem, nem por isso, são Espíritos perfeitos; se não têm más tendências, não estão menos obrigados a adquirir a experiência e os conhecimentos necessários à perfeição. Podemos compará-los a crianças que, qualquer que seja a bondade dos seus instintos naturais, têm necessidade de desenvolver-se, de esclarecer-se, e não chegam sem transição da infância à maturidade. Assim como temos homens que são bons e outros que são maus, desde da infância, há Espíritos que são bons ou maus, desde o princípio, com a diferença capital de que a criança traz os seus instintos formados, enquanto o Espírito, na sua formação, não possui mais maldade que bondade. Ele tem todas as tendências e toma uma direção ou outra em virtude do seu livre-arbítrio.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PROTOPLASMA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A caminho da luz - pág. 26** | **02 - A crise da morte - pág. 122** |
| **03 - A evolução do Princ.Inteligente - pág. 76** | **04 - A reencarnação - pág. 62** |
| **05 - Alquimia da mente - pág. 50** | **06 - Atualiadade de Kardec - pág. 39** |
| **07 - Antologia da perispírito - ref. 1017** | **08 - Ide e pregai- pág. 121** |
| **09 - Pérolas do Além - pág. 198** | **10 - Universo e vida - pág. 44** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PROTOPLASMA** **– COMPILAÇÃO**

**01- A caminho da luz - Emmanuel - pág. 26**

**OS PRIMEIROS HABITANTES DA TERRA  
Dizíamos que uma camada de matéria gelatinosa envolvera o orbe terreno em seus mais íntimos contornos. Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos.  
  
Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminóides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos. Com o escoar incessante do tempo, esses seres primordiais se movem ao longo das águas, onde encontram o oxigênio necessário ao entretenimento da vida, elemento que a terra firme não possuía ainda em proporções de manter a existência animal, antes das grandes vegetações ; esses seres rudimentares somente revelam um sentido — o do tato, que deu origem a todos os outros, em função de aperfeiçoamento dos organismos superiores.  
  
A ELABORAÇÃO PACIENTE DAS FORMAS  
Decorrido muito tempo, eis que as amebas primitivas se associam para a vida celular em comum, formando-se as colônias de infusórios, de polipeiros, em obediência aos planos da construção definitiva do porvir, emanados do mundo espiritual onde todo o progresso da Terra tem a sua gênese.  
  
Os reinos vegetal e animal parecem confundidos nas profundidades oceânicas. Não existem formas definidas nem expressão individual nessas sociedades de infusórios; mas, desses conjuntos singulares, formam-se ensaios de vida que já apresentam caracteres e rudimentos dos organismos superiores.  
  
Milhares de anos foram precisos aos operários de Jesus, nos serviços da elaboração paciente das formas. A princípio, coordenam os elementos da nutrição e da conservação da existência. O coração e os brônquios são conquistados e, após eles, formam-se os pródromos celulares do sistema nervoso e dos órgãos da procriação, que se aperfeiçoam, definindo-se nos seres.  
  
AS FORMAS INTERMEDIÁRIAS DA NATUREZA  
A atmosfera está ainda saturada de umidade e vapores, e a terra sólida está coberta de lodo e pântanos inimagináveis.  
Todavia, as derradeiras convulsões interiores do orbe localizam os calores centrais do planeta, restringindo a zona das influências telúricas necessárias à manutenção da vida animal.  
  
Esses fenômenos geológicos estabelecem os contornos geográficos do globo, delineando os continentes e fixando a posição dos oceanos, surgindo, desse modo, as grandes extensões de terra firme, aptas a receber as sementes prolíficas da vida.  
Os primeiros crustáceos terrestres são um prolongamento dos crustáceos marinhos. Seguindo-lhes as pegadas, aparecem os batráquios, que trocam as águas pelas regiões lodosas e firmes.  
  
Nessa fase evolutiva do planeta, todo o globo se veste de vegetação luxuriante, prodigiosa, de cujas florestas opulentas e desmesuradas as minas carboníferas dos tempos modernos são os petrificados vestígios.  
  
OS ENSAIOS ASSOMBROSOS  
Nessa altura, os artistas da criação inauguram novos períodos evolutivos, no plano das formas. A Natureza torna-se uma grande oficina de ensaios monstruosos. Após os répteis, surgem os animais horrendos das eras primitivas. Os trabalhadores do Cristo, como os alquimistas que estudam a combinação das substâncias, na retorta de acuradas observações, analisavam, igualmente, a combinação prodigiosa dos complexos celulares, cuja formação eles próprios haviam delineado, executando, com as suas experiências, uma justa aferição de valores, prevendo todas as possibilidades e necessidades do porvir.  
  
Todas as arestas foram eliminadas. Aplainaram-se dificuldades e realizaram-se novas conquistas. A máquina celular foi aperfeiçoada, no limite do possível, em face das leis físicas do globo. Os tipos adequados à Terra foram consumados em todos os reinos da Natureza, eliminando-se os frutos teratológicos e estranhos, do laboratório de suas perseverantes experiências. A prova da intervenção das forças espirituais, nesse vasto campo de operações, é que, enquanto o escorpião, gémeo dos crustáceos marinhos, conserva até hoje, de modo geral, a forma primitiva, os animais monstruosos das épocas remotas, que lhe foram posteriores, desapareceram para sempre da fauna terrestre, guardando os museus do mundo as interessantes reminiscências de suas formas atormentadas. (...)**

**02 - A crise da morte - Ernesto Bozzano - pág. 122**

**Do mesmo modo que todos os Espíritos que se comunicam, foi, afinal, impressionada, sobretudo, no meio espiritual. Deteve-se mesmo, mais demoradamente do que a maior parte dos outros Espíritos, a descrever maravilhas desse poder. Sua descrição é importante e instrutiva, porque contribui para que melhor se compreendam certas modalidades do fenômeno, que pareciam obscuras e embaraçosas à nossa inteligência limitada. Aludo aos esclarecimentos dados pela entidade, acerca da sábia colaboração por meio da qual os "Espíritos" operam, para criar o meio geral comum, evitando assim a confusão caótica das iniciativas pessoais.  
  
Resta-nos tomar em consideração a revelação última da entidade transmissora da mensagem: a que diz respeito às supremas esferas espirituais, donde os Espíritos muito elevados que as habitam enviariam os "germes da vida" aos mundos do Universo, empregando o poder criador do pensamento. — Que se deve pensar disto?**

**Responderei que, se atentarmos na impotência inata da cienciazinha humana, que jamais conseguirá penetrar o grande mistério das origens da vida dos mundos; se considerarmos que a mentalidade humana permanecerá eternamente na impossibilidade de saber como é que uma mônada inerte de protoplasma se vitalizou repentinamente, tornando-se uma "ameba", ou transformando-se num "líquen" — teremos que convir em que se pode tomar em consideração a fecunda sugestão da entidade de quem procede a comunicação. Segundo ela, haveria entidades espirituais muito elevadas que, pelo seu pensamento criador, engendrariam "fluxos vitais".**

**Estes, atingindo os mundos e saturando-lhes o protoplasma primitivo, lhe transmitem os germes da vida vegetativa que, graças a um processos evolutivo muito lento, a se realizar no meio físico, através dos quatro reinos da Natureza, acaba por engendrar a sensibilidade, depois a motricidade, em seguida o instinto animal, os primeiros albores da inteligência e, por fim, a inteligência consciente de si mesma. É assim que se chegaria à criação de uma individualidade pensante...  
  
Paremos aí. Nada impede se haja de aceitar esta solução do grande enigma, tanto mais que, tudo bem considerado, fora desta explicação, nunca se chegará a formular qualquer coisa de racional sobre o problema das origens. Contrariamente, aceita que seja esta solução, se bem ela não nos ponha em condições de penetrar o Incognoscível, levar-nos-á, entretanto, a uma compreensão do mistério, bastante, ao que nos parece, a satisfazer e repousar o espírito. Com efeito, este começo de solução se fundaria num fato conquistado pela Ciência, isto é, que o pensamento humano já dispõe da potencialidade de objetivar formas que ficam gravadas na chapa fotográfica e se materializam e, muitas vezes, se organizam.**

**O primeiro e maior obstáculo racional que se encontra, para aceitar a solução de que se trata, estaria então vencido. Para aceitá-la, bastaria deduzir dali que a potencialidade criadora do pensamento, tal qual se manifesta em a natureza humana, é de natureza evolutiva no meio espiritual e perfectível além de todo alcance do entendimento humano. É claro que, se se admite a sobrevivência, este postulado não só é legítimo, mas também racionalmente necessário.**

**Dever-se-ia, pois, inferir daí que o fato, experimentalmente demonstrado, da potencialidade criadora do pensamento no meio terrestre oferece base suficientemente firme à concepção de que se cogita e assim a torna cientificamente e filosoficamente legítima. Em outros termos: Tendo-se em conta que a ciência oficial não dispõe de uma base experimental qualquer, por onde possa orientar-se na pesquisa das origens da Vida no Universo; tendo-se em conta que se chegaria a encontrar, na experiência humana, essa base experimental, contanto que se aceite, a título de hipótese de trabalho, a explicação que deu a personalidade mediúnica em questão - segue-se que, até prova em contrário, se está no dever de considerar legítima essa solução parcial do grande mistério. (...)  
  
03 - A evolução do Princípio Inteligente - Durval Ciamponi - pág. 76**

**Protoplasma  
O cientista Oparim escreveu em seu livro "A Origem da Vida", cap. IV, que "todo organismo animal ou vegetal, os corpos das bactérias, amebas, dos diversos fungos e dos outros organismos primitivos são constituídos pelo protoplasma, substrato material no qual se desenrolam os fenômenos vitais. O protoplasma assemelha-se à massa viscosa semilíquida, acinzentada, em cuja composição, além da água, entram, sobretudo, proteínas, outras substâncias orgânicas e sais minerais.**

**Não se trata, porém, de simples mistura dessas substâncias. O protoplasma possui uma organização muito complexa que se expressa, em primeiro lugar, por uma estrutura e uma constituição determinadas, uma certa disposição espacial entre as partículas de substâncias que o compõem e, em segundo lugar, por uma certa ordem de regularidade dos processos físicos que nele se passam."  
  
André Luiz, em "Evolução em Dois Mundos", cap. III, fala que "dessa geléia verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações... Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído".  
  
Essa geléia é formada de matéria orgânica e não de matéria inorgânica, conquanto ambas participem do reino mineral, em sentido genérico. Os dicionários e os cientistas hoje, entretanto, quando se re-ferem ao mineral associam-no tão somente à matéria inorgânica, sem vida, o que gera para os estudantes da Doutrina confusão sem conta. Quando analisamos a evolução da alma através dos reinos mineral, vegetal e animal, genericamente, acaba-se caindo em mal-entendidos, principalmente por causa das subdivisões neles contidas.  
  
Exemplo: se eu falar que o pensamento contínuo começou no reino animal, estarei certo genericamente, mas incorreto em sentido estrito, pois ele começou no homem, animal racional, e não nos irracionais. Da mesma forma, se eu falar que as primeiras manifestações do princípio inteligente estão no mineral, estarei correto genericamente, mas errado em sentido estrito, pois todos os ensinamentos dos Espíritos mostram que ele começou no protoplasma, matéria orgânica, e não na matéria inorgânica.  
  
Hoje a Ciência já não fala mais em reino mineral, como no tempo de Kardec, mas em Reino Inorgânico e Reino Orgânico, e nós, estudantes da Doutrina, devemos tomar cuidado para não cairmos em confusão. A Ciência adequou-se à Doutrina que já mostrava a diferença entre ambos (LÊ, 585).  
  
Numa análise mais profunda das questões 43 a 47, formuladas por Kardec, e das respostas dos Espíritos, conforme anotamos no capítulo 6, verificaremos ser impossível a vida no reino inorgânico, em sentido absoluto. Ao se admitir ser válida a informação de que a "Terra continha os germes que esperavam o momento favorável para desenvolver-se" e que "a espécie humana se achava entre os elementos orgânicos do globo terrestre", seria contradizer a evolução das espécies, de acordo com a Ciência, a gênese orgânica, e a gênese espiritual conforme o Espiritismo.  
  
Devemos lembrar que o termo Terra, empregado pelos Espíritos, tem dupla significação: Terra (mundo físico) e Terra (mundo extrafísico). Quando disseram que a Terra continha os germes, estavam a dizer da Terra (mundo físico), onde a matéria inorgânica, em estado de fusão, daria oportunidade ao surgimento da orgânica pela combinação de seus elementos com os princípios orgânicos, face às novas condições de pressão, temperatura, radiação solar etc.  
  
Se não fosse assim, não teria sentido a afirmação de que "pouco a pouco apareceram os seres vivos", ou que antes da formação da Terra (mundo físico) os elementos orgânicos (princípios inteligentes) estavam em estado fluídico no espaço, entre os Espíritos, ou em outros planetas, esperando a criação da Terra, para começarem uma nova existência sobre um novo globo. ? Destas informações dos Espíritos, pode-se concluir que:  
  
1.° — Existe matéria inorgânica, sem a presença de princípio inteligente, onde predomina a força de atração para sua organização;  
  
2.° — Existe matéria orgânica, sem a presença de princípio inteligente, onde predomina a força de atração para sua organização;  
  
3.° — Existe matéria orgânica, com a presença do princípio inteligente, onde, além da força de atração da matéria, há também o comando do espírito para a organização da matéria, segundo seus interesses ou de acordo com as necessidades de seu corpo espiritual.  
  
Estas condições nos levam ao seguinte raciocínio: se as mônadas estavam no espaço e foram vertidas para suas vivências na Terra, é porque não estavam na Terra (mundo físico), conseqüentemente, não deveriam estar na matéria inorgânica, em fusão, nem na orgânica (protoplasma), antes de sua chegada. Era necessário o surgimento da matéria orgânica, para que o princípio espiritual pudesse iniciar sua vivência na Terra.  
  
Este pensamento está de acordo com as informações de Kardec ("A Génese", XI, 10) quando disse: "Tendo a matéria que ser o objeto do trabalho do Espírito (por Espírito aqui se entende alma, princípio inteligente) para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse agir sobre ela; por isso é que ele veio habitar a matéria, como o lenhador habita a floresta. Desde que a matéria deva ser ao mesmo tempo a finalidade e o instrumento de trabalho, Deus, em vez de ligar o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todos os impulsos de sua vontade, e de se prestar a todos os seus movimentos".  
  
O Codificador nesta passagem deixa bem claro seu pensamento, dizendo que a evolução do princípio inteligente começa na matéria orgânica e não na inorgânica. Poder-se-ia argumentar que Kardec fala do Espírito, enquanto homem encarnado, mas da lição tira-se uma lei que está em toda a Codificação: o princípio inteligente associa-se à matéria por intermédio do princípio vital, valendo-lhe esta regra para qualquer estágio de evolução em que se encontra.  
  
Enfim, repetimos as palavras de André Luiz: "o espírito mais sábio não se animaria a localizar, com afirmações dogmáticas, o ponto onde termina a matéria e começa o espírito". E também as informações de Emmanuel (3): "É lícito considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável, chegando-se dessa forma a estabelecer a unidade substancial do Universo. Dentro, porém, desse monismo fïsico-psíquico, perfeitamente conciliável com a doutrina dualista, faz-se preciso considerar a matéria como o estado negativo e o espírito como o estado positivo dessa substância. O ponto de integração dos dois elementos estreitamente unidos em todos os planos do nosso relativo conhecimento, ainda não o encontramos".  
  
Conclusão, o homem pode apresentar suas hipóteses na busca constante para descobrir a melhor resposta para a origem da vida, mas sempre esbarrará em questões irrespondíveis, até não trabalhar em conjunto com os Espíritos. Enquanto não temos maiores informações dos Amigos Espirituais, optamos pela origem dos seres vivos na Terra, a partir do reino orgânico, como diz Emmanuel, (4): "O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos.**

**Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminóides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos". Conclui Emmanuel: "esses seres rudimentares somente revelam um sentido — o do tato, que deu origem a todos os outros, em função de aperfeiçoamento dos organismos superiores".  
  
Porém, pode-se dizer que o princípio inteligente precisa da matéria para sua evolução, da mesma forma que a escultura precisa da pedra onde dorme, até que dali seja tirada pelo escultor. Sem o princípio material, o espiritual não poderia se autoburilar, utilizando o cinzel do instinto primeiramente, depois de seu livre-arbítrio.  
Bibliografia:  
  
1. — GABRIEL DELANNE. A Evolução Anímica, cap. I, 4." Edição, FEB, Rio de Janeiro - RJ. 1976  
2. — ANDRÉ LUIZ (Espírito). No Mundo Maior, cap 4. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. 6.a Edição FEB, Rio de Janeiro - RJ. 1973  
3. — EMMANUEL (Espírito). Emmanuel, cap. XXXIII. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. 11." Ed., Edição FEB, Rio de Janeiro - RJ, 1986  
4. — EMMANUEL (Espírito). A Caminho da Luz, cap. II. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Edição FEB, Rio de Janeiro - RJ, 1975  
  
LEMBRETE:**

**1° - Assim se denomina o conteúdo vivo da célula, o que constitui a sua parte essencial, o que nela verdadeiramente vive (...) O protoplasma é o agente de todas as reconstituições orgânicas, isto é, de todos os fenômenos íntimos de nutrição. Além disso, o protoplasma contrai-se sob a ação dos excitantes, e preside, assim, aos fenômenos da vida de relação. Gabriel Delanne**

**2° - É no seio tépido dos mares primitivos, sob a ação da luz, do calor e de uma pressão hoje difícil, se não impossível de reproduzir-se, que se formou essa massa viscosa chamada protoplasma, primeira manifestação da vida inteligente, que deve desenvolver-se progressiva e paralelamente, e produzir a inumerável multidão de formas vegetais e animais, para chegar, após uma série de séculos ou milênios, à obra tão pacientemente perseguida: - a aparição do ser consciente - o homem. Gabriel Delanne**

**3° - (...) O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos (...) (...) substância viscosa, acinzentada, translúcida, possuindo extraordinária uniformidade tanto nas células animais como vegetais (...) É no complexo proteínico de protoplasma que a Ciência procura hoje descobrir as propriedades últimas dessa coisa indefinível que se chama vida (...) O protoplasma era, na verdade, um fluído composto de água, proteína, açúcares, gorduras, sais,...e, o que é de decisiva importância de mônadas espirituais, destacadas pelos prepostos crísticos, dos cristais onde completavam seu estágio de individuação. Por isso, o protoplasma encerrava o gérmen da vida - o princípio espiritual que iria ensaiar seus primeiros movimentos no íntimo das células albuminóides (...) Espírito Áureo**

**4° - (...) os espíritos que cooperaram com o Cristo, nos primórdios da organização planetária, encontraram, no protoplasma, o ponto de início para a sua atividade realizadora, tomando-o como base essencial de todas as células vivas do organismo terrestre. Emmanuel**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **PSICOMETRIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação - pág. 201** | **02 - Alquimia da mente - pág. 93** |
| **03 - Ciência e espiritismo - pág. 125** | **04 - Cromoterapia - pág. 55** |
| **05 - Da alma humana - pág. 63, 206** | **06 - Desenvolvimento mediúnico - pág. 46** |
| **07 - Devassando o invisível - pág. 188, 191** | **08 - Enigmas da psicometria - toda a obra** |
| **09 - Estudando a mediunidade - pág. 201** | **10 - Estudos sobre mediunidade - pág. 80** |
| **11 - Hipnotismo e espiritismo - pág. 100** | **12 - Hipnotismo e mediunidade - pág. 192** |
| **13 - Lázaro redivivo - pág. 165, 215** | **14 - Magnetismo espiritual - pág. 124, 225** |
| **15 - Mãos de luz - pág. 64** | **16 - Mecanismos da mediunidade - pág. 157** |
| **17 - Mediunidade - pág. 58** | **18 - Ressurreição e vida - pág. 240** |
| **19 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 175** | **20 - Xenoglossia - pág. 53** |
| **21 - Os enigmas da psicometria- toda a obra** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PSICOMETRIA** **– COMPILAÇÃO**

**01- A reencarnação - Gabriel Delanne - pág. 201**

**Reminiscências que parecem provocadas pela visão de certos lugares  
Sabe-se que existem pessoas chamadas psicômetras, que têm a faculdade de reconstituir cenas do passado quando se lhes põe nas mãos um objeto qualquer, que teria sido associado àquelas cenas. Uma pedra de um sarcófago egípcio, por exemplo, evoca a idéia do Egito e de cenas funerárias que ali se desenrolaram.  
  
Parece que, em condições particulares, quando certas pessoas reconhecem, repentinamente, cidades ou regiões que nunca viram, esses novos lugares exercem sobre elas uma ação análoga à experimentada pelos psicômetras, mas com a diferença de que são lembranças íntimas que se evocam, absolutamente pessoais. Ê uma forma particular da renovação do passado, que se apresenta frequentemente, por maneira a atrair seriamente a atenção.  
Eis alguns exemplos interessantes, ligados diretamente a nosso estudo. Cito em primeiro lugar a narrativa do Major Wellesley Tudor Polé. ("Pearson Magazine", agosto de 1919.)  
  
Visões retrospectivas  
"O Major Wellesley Tudor narra a impressão profunda que sentiu, visitando o templo de Karnak, no Egito. Este lhe pareceu saturado de uma atmosfera mística e de fluidos magnéticos. Viu ele retratar-se-lhe diante dos olhos uma antiga procissão dos sacerdotes do Amon-Rá. Um em particular, diz ele, atraiu a minha atenção; era louro, com olhos azuis, e diferia completamente de seus companheiros.  
  
Esse indivíduo parecia familiar ao major. Não sei por que— declara o major —, via passar a procissão, que torneava O pilar quebrado onde nos tínhamos colocado, e meus olhos eram sempre atraídos pelo padre de cabelos louros. Quando ficou dlante de mim, estendeu os braços em minha direção, e tive a impressão da que ele era eu mesmo. Veio-me a certeza, e tornei-me Inconsciente do que me rodeava. O resto da visão não nos interessa mais,"  
  
Parecerá, por esta descrição, que o Major Wellesley teve uma espécie de alucinação retrospectiva, a qual lhe permitiu reconhecer-se em um dos antigos sacerdotes do templo. A ação psicométrica do meio é aqui muito provável. O mesmo se dá com os dois casos seguintes. (De Rochas, "Lês Viés Successives", pág. 314.)  
  
Um clérigo  
"Há uma dezena de anos, visitei Roma pela primeira vez. Em muitas ocasiões, fui tomado, na cidade, por uma onda de reconhecimentos. As Termas de Caracala, a Via Apia, as catacumbas de S. Calisto, o Coliseu, tudo me parecia familiar. Parece evidente a causa: renovava-se o conhecimento do que eu tinha visto nos quadros, nas fotografias. Isto pode ser explicado no que toca aos edifícios, não, porém, no que diz respeito aos labirintos obscuros, aos subterrâneos das catacumbas.  
  
Alguns dias mais tarde, fui a Tivoli. Ainda aí a localidade me foi familiar, como o teria sido em minha própria paróquia. Por uma torrente de palavras, que me subiam espontaneamente aos lábios, descrevi o lugar, tal como ele era nos antigos tempos. Nunca lera nada, entretanto, a respeito de Tivoli; nunca vira gravuras que o representassem; conhecia sua existência, apenas, de alguns dias, e achava-me, no entanto, servindo de guia e historiador a um grupo de amigos, os quais concluíram que eu havia feito um estudo especial do lugar e seus arredores.  
  
Em seguida, a visão do meu Espírito começou a enfraquecer. Parei como um colegial que esqueceu o tema, e não pude dizer mais nada. Foi como um mosaico que tivesse caído aos pedaços. Em outra ocasião, encontrei-me com um companheiro, noa arredores de Leatherhead, onde, até então, nunca pusera os pés. A região era inteiramente nova, tanto para mim, como para meu amigo. No curso da palestra, observou este:  
  
— Dizem que há uma antiga estrada romana, em alguma parte destas paragens, mas ignoro se se encontra deste lado de Leatherhead ou do outro. Respondi logo: — Sei onde ela está. E mostrei-a a meu amigo, absolutamente convencido de que a tinha encontrado, o que de fato sucedeu. Tinha a sensação de me haver achado outrora nesse mesmo caminho, a cavalo, coberto de uma armadura. Esses episódios fazem-me falar sobre o assunto, com amigos, e grande número deles me declaram que já experimentaram sensações idênticas.  
  
A três milhas e meia, a oeste do lugar onde moro, encontra-se uma fortaleza romana, em estado quase perfeito de conservação.  
Um eclesiástico que veio visitar-me, desejou ver essas ruínas. Disse-me ter a lembrança clara de haver vivido nesse lugar, onde fora investido de um cargo de caráter sacerdotal, no tempo da ocupação romana. Impressionou-me a sua insistência em visitar uma torre, que caíra, sem perder a forma. Havia um buraco no ápice — acrescentava ele —, no qual se costumava colocar um mastro, e aí os archeiros se faziam içar em uma espécie de barquinha, protegida com couro; de lá podiam ver os chefes gorlestonianos entre seus homens e atirar contra eles. Achamos, com efeito; o buraco indicado."  
  
Curiosa coincidência  
Lê-se na "Light", de 1916, pág. 374, a narrativa seguinte, que lhe íoi transmitida por uma revista mensal — "A Londrina". Esta última declara que a narrativa é de primeira mão e autêntica. "A. .. é um artista romano, muito conhecido, que durante a última guerra residia em Roma. Pertence a uma antiga família e ocupava um posto elevado na legação de seu pais. Alistou-se em um Regimento de Cavalaria.  
  
Um dia, em que estava em manobras no Condado de Berkshire, cavalgava ao lado do capitão e subia áspera colina, cujo aspecto lhe era como que vagamente familiar, o que disse ao capitão. — Conhece, pois, a região? — perguntou-lhe este. — Não — repondeu A... —, nunca vim a Berkshire, mas, não sei por que, parece que conheço esta colina e mesmo a que está situada além. Sei que há, ainda, uma pequena montanha, em forma de cone, e coroada por um bosquezinho. Em seguida o terreno desce rapidamente e vai ter a um plano nivelado. — E exato — declarou o capitão, que era natural de Berkshire —, e desejo saber como você podia saber isto, pois que nada se pode ver daqui.  
  
Depois, mudou a conversa e A... esqueceu o incidente. No ano seguinte, fizeram-se escavações no ápice da colina e ai descobriram um monumento de pedra, que trazia uma inscrição em memória da Segunda Legião daciana. Os dácios eram súditos dos romanos quando estes ocuparam a Grã-Bretanha. Liam-se na pedra os nomes dos que ali tombaram. Entre eles encontrava-se o de um antepassado de A... A inscrição era em latim. Simples coincidência que permitiria a A... do primeiro golpe de vista, descrever a paisagem que lhe era desconhecida, e que ainda estava oculta a seus olhares, ou se trata de um caso de reminiscência, espécie de olhar lançado para trás, através dos séculos? Eu dei - diz o narrador - os nomes exatos aos diretores da revista, mas não estou autorizado a reproduzí-los. (...)  
  
09 - Estudando a mediunidade - Martins Peralva - pág. 201**

**XXXIX - Psicometria  
Segundo a definição do Assistente Áulus, a palavra «psicometria» designa a faculdade que têm algumas pessoas de lerem «impressões e recordações ao contacto de objetos comuns». Psicometria é, também, faculdade mediúnica. Faculdade pela qual o sensitivo, tocando em determinados objetos, entra em relação com pessoas e fatos aos mesmos ligados.  
  
Essa percepção se verifica em vista de tais objetos se acharem impregnados da influência pessoal do seu possuidor. Toda pessoa, ao penetrar num recinto, deixa aí um pouco de si mesma, da sua personalidade, dos seus sentimentos, das suas virtudes, dos seus defeitos. A psicometria não é, entretanto, faculdade comum em nossos círculos de atividade, uma vez que só a possuem pessoas dotadas de «aguçada sensibilidade psíquica». E a nossa atual condição espiritual, ainda deficitária, não permite esses admiráveis recursos perceptivos.  
  
Quando tocamos num objeto, imantamo-lo com o fluido que nos é peculiar. E se, além do simples toque ou uso, convertermos inadvertidamente esse objeto, seja um livro, uma caneta, uma jóia ou, em ponto maior, uma casa ou um automóvel em motivo de obsessiva adoração, ampliando, excessivamente, as noções de posse ou propriedade, o volume de energias fluídicas que sobre o mesmo projetamos é de tal maneira acentuado que a nossa própria mente ali ficará impressa.  
  
Em qualquer tempo e lugar, a nossa vida, com méritos e deméritos, desfilará em todas as suas minúcias ante o «radar» do psicômetra.  
Há um belo estudo de Ernesto Bozzano intitulado «Enigmas da Psicometria», através de cuja leitura nos defrontamos com impressionantes narrativas, algumas delas abrangendo fases remotas da organização planetária terrestre.  
  
O processo pelo qual é possível, ao psicômetra, entrar em relação com os fatos remotos ou próximos, pode ser explicado de duas maneiras principais, a saber:  
a} — Uma parte dos fatos e impressões é retirada da própria aura do objeto;  
b} — Outra parte é recolhida da subconsciência do seu possuidor mediante relação telepática que o objeto psicometrado estabelece com o médium.  
  
Não tem importância que o possuidor esteja encarnado ou desencarnado. O psicômetra recolherá do seu subconsciente, esteja ele onde estiver, as impressões e sentimentos com que gravou, no objeto, a própria vida. Bozzano demonstra que não são, apenas, as pessoas os únicos seres psicometráveis. Além do elemento humano, temos:  
a) — Os animais,  
b) — Os vegetais,  
c} — Objetos inanimados, metais, etc., etc.  
  
O filósofo italiano menciona, na obra citada, extraordinários fenômenos de psicometria por meio do contacto com a pena de um pombo, o galho de uma árvore, um pedaço de carvão ou de barro. Poder-se-á indagar: E se o objeto psicometrado teve, no curso dos anos, diversos possuidores ? Com a vida de qual deles o médium entrará em relação? Explica Bozzano, com irresistível lógica, que o médium entrará em relação com os fatos ligados àquele (possuidor) cujo fluido se evidenciar mais ativo em relação com o sensitivo.  
  
A esse aspecto do fenômeno psicométrico, Bozzano denominou de «afinidade eletiva». Pela psicometria o médium revela o passado, conhece o presente, desvenda o futuro. No tocante à relação com o passado e o presente, qualquer explicação é desnecessária, uma vez que a alínea «a» nos dá satisfatória resposta: o objeto, móvel ou imóvel, impregnado da influência pessoal do seu dono, conserva-a durante longo tempo e possibilita o recolhimento das impressões. E quanto ao futuro? Devemos esperar essa pergunta.  
  
Aos que a formularem, recomendamos a leitura da alínea «b». Outra parte é recolhida da subconsciência do seu possuidor, mediante a relação telepática que o objeto psicometrado estabelece com o médium. Essa resposta pede, todavia, um complemento explicativo. Ei-lo: Toda criatura humana tem o seu Carma, palavra com que designamos a lei de Causa e Efeito, em face do qual, ao reingressarmos «nas correntes da vida física», para novas experiências, trazemos impresso no perispírito — molde do corpo somático — um quadro de inelutáveis provações.  
  
A nossa mente espiritual conhece tais provações e permite que o psicômetra estabeleça relação com essas vicissitudes, prevê-las, anunciá-las e, inclusive, fixar a época em que se verificarão. Como vemos, não há nisso nenhum mistério. E' como se o sensitivo lesse, na mente do possuidor do objeto, o que lá já está escrito com vistas ao futuro. Tudo muito simples, claro e lógico. Nenhum atentado ao bom-senso.  
  
Apesar de os diversos temas mediúnicos nos terem levado, algumas vezes, a certas explicações de natureza por assim dizer «técnica», elucidativas do mecanismo dos fenômenos, não é este, todavia, o objeto fundamental do livro que procuramos escrever, mais com o coração do que com o cérebro. Desejamos dar aos assuntos mediúnicos feição e finalidade evangélicas. A nossa intenção é de que este trabalho chegue aos núcleos assistenciais do Espiritismo Cristão por mensagem de cooperação fraterna, de bom ânimo para os desiludidos, de esperança para os que sofrem, de reabilitação para os que rangem os dentes «nas trevas exteriores»...  
  
Assim sendo, compete-nos extrair, das considerações expedidas em torno de tão belo quão admirável tema — Psicometria —, conclusões de ordem moral que fortaleçam o nosso coração para as decisivas e sublimes realizações na direção do Mais Alto. O conhecimento da psicometria faz-nos pensar, consequentemente, nos seguintes imperativos:  
a) — Não nos apegarmos, em demasia, aos bens materiais;  
b) — Combatermos o egoísmo que assinala a nossa vida, com a consequente diminuição das exigências impostas a familiares, amigos e conhecidos .  
  
Em capítulo precedente tivemos ensejo de relacionar o fato daquela senhora que, desencarnada havia muito, «não tinha força» para afastar-se do próprio domicílio, ao qual se sentia presa pelas recordações dos familiares e dos objetos caseiros. Em «Nos Domínios da Mediunidade», no estudo da psicometria, temos o episódio de uma jovem que, há cerca de 300 anos, acompanha um espelho a ela ofertado por um rapaz em 1700.  
  
Vamos trazer para as nossas páginas parte do relato de André Luiz, a fim de colocarmos o leitor em relação com a ocorrência. A narrativa é de André Luiz, quando em visita a um museu: «Avançamos mais além. Ao lado de extensa galeria, dois cavalheiros e três damas admiravam singular espelho, junto do qual se mantinha uma jovem desencarnada com expressão de grande tristeza. Uma das senhoras teve palavras elogiosas para a beleza da moldura, e a moça, na feição de sentinela irritada, aproximou-se tateando-lhe os ombros.»  
  
Acrescenta André Luiz que, à medida que os visitantes encarnados se retiravam para outra dependência do museu, a moça, que não percebia a presença dos três desencarnados, mostrou-se «contente com a solidão e passou a contemplar o espelho, sob estranha fascinação». Com a mente cristalizada naquele objeto, nele polarizou todos os seus sonhos de moça, esperando, tristemente, que da França regressasse o jovem que se foi...Gravou no espelho a própria vida... E enquanto pensar no espelho, como síntese de suas esperanças, junto a ele permanecerá. Exemplo típico de fixação mental. Relativamente a pessoas, o fenômeno é o mesmo.  
  
Apegando-nos, egoística e desvairadamente, aos que nos são caros ao coração, corremos o risco de a eles nos imantarmos e sobre eles exercermos cruel escravização, consoante vimos no capítulo «Estranha obsessão». Enquanto os nossos sentimentos afetivos não assinalarem o altruísmo, a elevação, a pureza e o espírito de renúncia peculiares ao discípulo sincero do Evangelho, o nosso caminho será pontilhado das mais desagradáveis surpresas, estejamos na libré da carne ou no Mundo dos Espíritos.  
  
Amar sem idéia de recompensa; ajudar sem esperar retribuição; pensar nos próprios deveres com esquecimento de pretensos direitos; servir e passar — EIS O ELEVADO PROGRAMA que, realizado na medida das possibilidades de cada um, constituirá penhor de alegria e paz, felicidade e progresso, neste e no plano espiritual. Reconhecendo, com toda a sinceridade, a nossa incapacidade de, por agora, executar tal programa, forte demais para a nossa fraqueza, podemos, contudo, esforçar-nos no sentido do gradativo afeiçoamento a ele, considerando a oportuna advertência de Emmanuel:  
  
«Se o clarim cristão já te alcançou os ouvidos, aceita-lhe as claridades sem vacilar.» Ainda Emmanuel recorda que «as afeições familiares, os laços consanguíneos e as simpatias naturais podem ser manifestações muito santas da alma, quando a criatura se eleva no altar do sentimento superior; contudo, é razoável que o Espírito não venha a cair sob o peso das inclinações próprias». «O equilíbrio é a posição ideal.» «A fraternidade pura é o mais sublime dos sistemas de relações entre as almas.»  
  
Colocando Jesus-Cristo no vértice das nossas aspirações, aprenderemos, com o Bem-aventurado Aflito da Crucificação, a amar sem exigências, a servir com alegria, a conservar a liberdade da nossa mente e a paz do nosso coração. Aceitando-o, efetivamente, como Sol Espiritual que aquece, com o seu Amor, desde o Princípio, a Terra inteira, a ninguém escravizaremos. E a única escravização a que nos submeteremos será à do dever bem cumprido...  
  
  
16 - Mecanismos da mediunidade - André Luiz - pág. 143**  
**20 - PSICOMETRIA  
Mecanismo da psicometria - Expondo algumas anotações em torno da psicometria, considerada nos círculos medianímicos por faculdade de perceber o lado oculto do ambiente e de ler impressões e lembranças, ao contacto de objetos e documentos, nos domínios da sensação a distância, não é demais traçar sintéticas observações acerca do pensamento, que varia de criatura para criatura, tanto quanto a expressão fisionómica e as marcas digitais.  
  
Destacaremos, assim, que, em certos indivíduos, a onda mental a expandir-se, quando em regime de "circuito fechado", na atenção profunda, carreia consigo agentes de percepção avançada, com capacidade de transportar os sentidos vulgares para além do corpo físico, no estado natural de vigília.  
  
O fluido nervoso ou força psíquica, a desarticular-se dos centros vitais, íncorpora-se aos raios de energia mental exteriorizados, neles configurando o campo de percepção que se deseje plasmar, segundo a dileção da vontade, conferindo ao Espírito novos poderes sensoriais.  
  
Ainda aqui, o fenômeno pode ser apreendido, guardando-se por base de observação as experiências do hipnotismo comum, nas quais o sensitivo -muitas vezes pessoa em que a força nervosa está mais fracamente aderida ao carro fisiológico - deixa escapar com facilidade essa mesma força, que passa, de pronto, ao impacto espiritual do magnetizador. O hipnotizado, na profundez da hipnose, pode, então, libertar a sensibilidade e a motricidade, transpondo as limitações conhecidas no cosmo físico.  
  
Nestas ocorrências, sob a sugestão do magnetizador, o "sujet", com a energia mental de que dispõe, desassocia o fluido nervoso de certas regiões do veículo carnal, passando a registrar sensações fora do corpo denso, em local sugerido pelo hipnotizador, ou impede que a mesma força circule em certo membro - um dos braços por exemplo -, que se faz praticamente insensível enquanto perdure a experiência, até que, ao toque positivo da vontade do magnetizador, ele mesmo reconduza o próprio pensamento revitalizante para o braço inerte, restituindo-lhe a energia psíquica temporariamente subtraída.  
  
Psicometria e reflexo condicionado - Nas pessoas dotadas de forte sensibilidade, basta o reflexo condicionado, por intermédio da oração ou da centralização de energia mental, para que, por si mesmas, desloquem mecanicamente a força nervosa correspondente a esse ou àquele centro vital do organismo fisiopsicossomático, entrando em relação com outros impérios vibratórios, dos quais extraem o material de suas observações psicométricas.  
  
Aliás, é imperioso ponderar que semelhantes faculdades, plenamente evidenciadas nos portadores de sensibilidade mais extensamente extroversível, esboçam-se, de modo potencial, em todas as criaturas, através das sensações instintivas de simpatia ou antipatia com que se acolhem ou se repelem umas às outras, na permuta incessante de radiações.  
  
Pela reflexão, cada Inteligência pressente, diante de outra, se está sendo defrontada por alguém favorável ou não à direção nobre ou deprimente que escolheu para a própria vida.  
  
Função do psicômetra - Clareando o assunto quanto possível, vamos encontrar no médium de psicometria a individualidade que consegue desarticular, de maneira automática, a força nervosa de certos núcleos, como, por exemplo, os da visão e da audição, transferindo-lhes a potencialidade para as próprias oscilações mentais.  
  
Efetuada a transposição, temos a idéia de que o medianeiro possui olhos e ouvidos a distância do envoltório denso, acrescendo, muitas vezes, a circunstância de que tal sensitivo, por autodecisão, não apenas desassocia os agentes psíquicos dos núcleos aludidos, mas também opera o desdobramento do corpo espiritual, em processo rápido, acompanhando o mapa que se lhe traça às ações no espaço e no tempo, com o que obtém, sem maiores embaraços, o montante de impressões e informações para os fins que se tenha em vista.  
  
Interdependência do médium. - Como em qualquer atividade coletiva entre os homens, é forçoso convir que médium algum pode agir a sós, no plano complexo da psicometria. Igualmente, aí, o sensitivo está como peça interdependente no mecanismo da ação. E como é fartamente compreensível, se os companheiros desencarnados ou encarnados da operação a realizar não guardam entre si os ascendentes da harmonização necessária, claro está que a onda mental do instrumento mediúnico somente em circunstâncias muito especiais não se deixará influenciar pelos elementos discordantes, invalidando-se, desse modo, qualquer possibilidade de êxito nos tentames empreendidos.  
  
Nesse campo, as formas-pensamentos adquirem fundamental importância, porque todo objeto deliberadamente psicometrado já foi alvo de particularizada atenção.  
  
Quem apresenta ao psicômetra um pertence de antepassados, na maioria das vezes já lhe invocou a memória e, com isso, quando não tenha atraído para o objeto o interesse afetivo, no Plano Espiritual, terá desenhado mentalmente os seus traços ou quadros alusivos às reminiscências de que disponha, estabelecendo, assim, recursos de indução para que as percepções ultra-sensoriais do médium se lhe coloquem no campo vibratório correspondente.  
  
Caso de desaparecimento - Noutro aspecto, imaginemos que determinado objeto seja conduzido ao sensitivo para ser psicometrado, com vistas a certos objetivos. Para clarear a asserção, suponhamos que uma pessoa acaba de desaparecer do quadro doméstico, sem deixar vestígio. Buscas minuciosas são empreendidas sem resultado. Lembra-se alguém de tomar-lhe um dos pertences de uso pessoal. Um lenço por exemplo. A recordação é submetida a exame de um médium que reside a longa distância, sem que informe algum lhe seja prestado.  
  
O médium recolhe-se e, a breve tempo, voltando da profunda introspecção a que se entregou, descreve, com minúcias, a fisionomia e o caráter do proprietário, reporta-se ao desaparecimento dele, explana sobre pequeninos incidentes em torno do caso em lide, esclarece que o dono desencarnou, de repente, e informa o local em que o cadáver permanece. Verifica-se a exatidão de todas as notas e, comumente, atribui-se ao psicômetra a autoria integral da descoberta.  
  
Entretanto, analisado o episódio do Plano Espiritual, outras facetas ele revela à visão do observador. Desencarnado o amigo a que aludimos, afeições que ele possua na esfera extrafísica interessam-se em ajudá-lo, auxílio esse que se estende, naturalmente, à sua equipe doméstica. Pensamentos agoniados daqueles que ficaram e pensamentos ansiosos dos que residem na vanguarda do Espírito entrecruzam-se na procura movimentada.  
  
Alguém sugere a remessa do lenço para investigações psicométricas e a solução aparece coroada de êxito. Os encarnados vêem habitualmente apenas o sensitivo que entrou em função, mas se esquecem, não raro, das Inteligências desencarnadas que se lhe incorporam à onda mental, fornecendo-lhe todos os avisos e instruções, atinentes ao feito.  
  
Agentes induzidos - Todos os objetos e ambientes psicometrados são, quase sempre, francos mediadores entre a esfera física e a esfera extrafísica, à maneira de agentes fortemente induzidos, estabelecendo fatores de telementação entre os dois planos.  
Nada difícil, portanto, entender que, ainda aí, prevalece o problema do merecimento e da companhia.  
  
Se o consulente e o experimentador não se revestem de qualidades morais respeitáveis para o encontro do melhor a obter, podem carrear à presença do sensitivo elementos desencarnados menos afins com a tarefa superior a que se propõem, e, se o intermediário humano não está espiritualmente seguro, a consulta ou a experiência resulta em fracasso perfeitamente compreensível.  
  
Nossas anotações, demonstrando o extenso campo da influenciação dos desencarnados, em todas as ocorrências da psicometria, não excluem, como é natural, o reconhecimento de que a matéria assinala sistemas de vibrações, criados pelos contactos com os homens e com os seres inferiores da Natureza, possibilitando as observações inabituais das pessoas dotadas de poderes sensoriais mais profundos, como por exemplo na visão, através de corpos opacos, na clarividência e na clariaudiência telementadas, na apreensão críptica da sensibilidade e nos diversos recursos radiestésicos que se filiam notadamente aos chamados fenômenos de telestesia.**

**21 - OS ENIGMAS DA PSICOMETRIA - ERNESTO BOZZANO - TODA A OBRA**

**Pois que a psicometria não passa de uma das modalidades da clarividência, a esta pertencem, também, os seus enigmas. É natural, portanto, que, ao falarmos de uma, levado sejamos a tratar da outra. De qualquer modo, para não ampliar demasiado o assunto, limitar-nos-emos a versar exclusivamente o tema da psicometria, que contém os principais enigmas a resolver. De resto, as suas modalidades próprias lhe conferem um caráter especial, que permitem considerá-las à parte. As modalidades segundo as quais se estabelece a conexão entre o sensitivo e a pessoa ou meio concernente ao objeto "psicometrado", distinguem, efetivamente, a psicometria das outras formas de clarividência.**

**No sonambulismo provocado, é o próprio operador que estabelece a relação entre o sensitivo e a pessoa ou o meio colimados. Na ausência de operador, é o consulente que, por sua presença, faculta a ligação entre o sensitivo e ele próprio consulente ou a pessoa e o meio distantes. Na clarividência utilizada por quiromância, cartomancia, visão do cristal, os diversos objetos ou processos empregados podem considerar-se como simples "estímulantes", próprios para suscitar o estado psicológico favorável ao desembaraço das faculdades subconscientes.**

**Na psicometria, muito pelo contrário, parece evidente que os objetos apresentados ao sensitivo, longe de atuarem como simples "estimulantes", constituem verdadeiros intermediários adequados, que, à falta de condições experimentais favoráveis, servem para estabelecer a relação entre a pessoa ou meio distantes, mercê de uma "influência" real, impregnada no objeto, pelo seu possuidor. Esta "influência", de conformidade com a hipótese psicométrica, consistiria em tal ou qual propriedade da matéria inanimada para receber e reter, potencialmente, toda espécie de vibrações e emanações físicas, psíquicas e vitais, assim como se dá com a substância cerebral, que tem a propriedade de receber e conservar em latência as vibrações do pensamento.  
  
Após as experiências recentes e decisivas de Edmond Duchatel e do Dr. Osty nos domínios da psicometria, não é mais possível duvidar da realidade dessa "influência" pessoal, absorvida pelos objetos e percebida pelos sensitivos. O que ainda se não sabe é se a influência em apreço contém virtualmente a história do dono do objeto — história suscetível de ser psicometricamente evocada pelos sensitivos em seus mínimos pormenores, tal como afirmam alguns experimentadores. Sem embargo, ao menos no que diz com a influência de pessoas vivas, tudo concorre para demonstrar que tal latitude de poderes é, em grande parte, imaginária.  
  
A influência pessoal registrada pelos objetos não exerce, realmente, outro papel que o de estabelecer a relação com a pessoa ou meio distantes, que se tenha em vista psicometrar. Essa influência fornece uma pista ao piscômetra e lhe permite segui-la. Daí resultaria que as descrições e revelações verídicas, obtidas graças à relação psicométrica, longe de serem diretamente extraídas da "influência" contida nos objetos psicometrados, seriam alcançadas por meio das faculdades clarividentes e telepáticas do sensitivo e orientadas, isto sim, pela "influência" persistente nos objetos. Todavia, apresso-me a acrescentar que esta limitação de poderes da psicometria (dos quais acabo de tratar unicamente do ponto de vista das "influências" de natureza humana registradas pelos objetos), não eliminaria a hipótese dos professores Buchanan e Denton, mediante a qual o objeto seria, por si mesmo, capaz de revelar minuciosamente a sua própria história.**

**Não. A minha observação tende apenas à limitação da hipótese, modificando-lhe a significação. Os informes obtidos, graças à análise psicométrica, constituiriam, em todo o caso, uma questão de "relações" estabelecidas por um meio que não seria material propriamente dito, tal como provaremos depois. Aqui, assenta o problema mais importante da fenomenologia psicométrica. O fato de penetrar os segredos biográficos da matéria, inanimada, permaneceria bem mais misterioso, mesmo que se operasse com o concurso das relações com um "meio" que não fosse matéria, precisamente. Em torno deste enigma maior, outros enigmas surgem não menos perturbadores.  
  
Porque, de fato, tudo parece demonstrar que os sensitivos entram, às vezes, em relação com os reinos vegetal e animal, a tal ponto se identificando com a "influência" contida no objeto psicometrado, que dir-se-ia apropriarem-se das sensações, dos entendimentos, das vibrações e sensações rudimentares dos organismos ou substâncias estudados. Assim, da mesma forma por que a "influência" deixada num objeto por pessoa viva tem a virtude de pôr o sensitivo em relação com a subconsciência dessa pessoa, assim também a mesma "influência", deixada nos objetos por uma pessoa falecida, teria o poder de pôr o sensitivo em relação com o Espírito do falecido. Esta última suposição parecerá bem menos inconcebível que as até agora enunciadas, pois é uma premissa menor, consequência lógica da premissa maior.  
  
Outras modalidades, não menos enigmáticas, apresentam-se na fenomenologia psicométrica e haveremos de as examinar, à proporção que ressaltarem dos respectivos fatos. Antes de entrar propriamente no assunto, importa consagrar alguns parágrafos para estabelecer a solidez da assertiva que acabamos de formular e segundo a qual provado está que os objetos presentes ao sensitivo não atuam unicamente à maneira de simples estimulantes, mas contêm, de fato, uma influência pessoal humana, capaz de colocar o sensitivo em relação com o dono do objeto. Neste propósito, assinalaremos que o objeto apresentado ao sensitivo não serve praticamente para evocar a história de uma personalidade humana, senão quando tenha sido tocado e utilizado por essa personalidade; do contrário, deixaria de provocar no sensitivo qualquer associação de natureza humana e poderia, ao invés, provocar outras, concernentes ao objeto material em si, e como tal.  
  
Daí resulta que essa diferença de associações não poderia realizar-se, se realmente não existisse uma impregnação fluídico-humana dos objetos. No caso de objeto utilizado por diversas pessoas, facultado fica ao sensitivo poder exercer sucessivamente a sua influência sobre cada uma dessas pessoas, inclusive o ambiente em que elas viveram; mas, o grande caso é que não suscita, jamais, qualquer evocação de pessoas absolutamente estranhas ao objeto, o que constitui um índice probante de que os fluidos humanos, absorvidos pela matéria inanimada, são geralmente os agentes evocadores das impressões psicométricas. Quando o objeto tenha pertencido a diversas pessoas, nota-se, por vezes, erros de orientação, muito instrutivos. Assim, por exemplo, num caso citado por Duchatel, o consulente apresenta ao sensitivo uma carta, propondo-se obter esclarecimentos a respeito do remetente e obtém, ao invés, informações precisas e abundantes sobre o destinatário.  
  
Este fato pode, talvez, ser atribuído à existência de uma lei de afinidade eletiva, em virtude da qual o fluido do destinatário se evidenciasse mais ativo em relação com o sensitivo, do que o fluido do remetente. Daí, o seguir-se que, para explicar os fatos, somos levados em todos os casos a admitir a existência de um fluido pessoal humano ligando-se aos objetos. É uma conclusão esta corroborada por tantas circunstâncias, tendentes todas a demonstrá-la, que a podemos considerar como definitivamente adquirida pela ciência. Penso não ser necessário estribar em longos argumentos a outra afirmativa concernente à real função das "influências humanas" contidas nos objetos, isto é: estabelecer a correlação do sensitivo e do dono do objeto. É uma conclusão inconteste, que resulta dos fatos, pois, do contrário, o sensitivo deveria tirar do objeto apontamentos exclusivamente concernentes ao período durante o qual o consulente estivesse de posse do mesmo objeto.**

**Entretanto, muito pelo contrário, o que acontece é que o sensitivo frequentemente revela incidentes ocorridos antes ou depois de haver o consulente usado o objeto; e vai mesmo mais longe às vezes, isto é: — ultrapassa o passado e o presente, para aventurar-se pelo futuro. E daí, uma prova indiscutível de que em tais circunstâncias ele, sensitivo, utiliza as faculdades de sua clarividência no subconsciente da pessoa presente ou ausente, com a qual se acha em relação psicométrica, e não no objeto psicometrado. Tudo quanto vimos de dizer refere-se aos casos de influência humana, registrada pelos objetos. Por legítimas, até certo ponto, poderíamos haver estas mesmas conclusões, nos casos de objetos ligados a influências animais. Já quando se trata de organismos vegetais, desprovidos de uma subconsciência suscetível de ser explorada, elas são menos admissíveis. Por outro lado, impossível fora concluir do mesmo modo, em se tratando de objetos estremes de toda influência humana, animal ou vegetal e que, não obstante, revelassem ao sensitivo acontecimentos mais ou menos genéricos de sua história geológica, paleozóica e arqueológica.  
  
Efetivamente, nestes casos, não há como fugir a esta interrogação: onde poderia o sensitivo haurir as suas informações, senão no próprio objeto ou em um meio transcendental relacionado ao objeto? O problema permanece assaz misterioso e de solução duvidosa, como evidenciaremos no momento dado. Agora, para elucidar o assunto, compete-nos apresentar exemplos, prevenindo o leitor de que não nos é possível classificá-los, pois muitas vezes os incidentes contidos num caso particular pertencem a diferentes categorias de fatos. Forçoso é pois resignarmo-nos a dispô-los da melhor forma possível, negligenciando os métodos normais da classificação científica. Entre os exemplos dignos de interesse, notar-se-á, mais especialmente, os obtidos por intermédio da Srta. Edith Hawthorne, há tempos já falecida, na idade de 39 anos. Criatura bexigosa e enfermiça, o seu precário estado de saúde não a impedia de se dedicar a obras de caridade e filantropia.  
  
Animada de uma compassividade extrema para com as crianças abandonadas, tinha ela fundado um instituto ("The Tiny Tim Guild"), destinado a crianças atrofiadas e raquíticas, ao qual consagrava todo o tempo disponível nos últimos anos de sua existência. Do seu admirável espírito de sacrifício, eis como depõe uma testemunha: "Genial, a sua intuição nos cuidados para vivificar uma laringe ou uma língua atrofiadas. Nesses trabalhos, era de uma paciência sem limites, a fim de conseguir um tratamento eficaz, e tão suave, e tão carinhoso, a ponto de o transformar em distração alegre para os pequeninos enfermos. E a Srta. Hawthorne estava firmemente convencida de que as influências do mundo espiritual assistiam-na em sua tarefa. A seu ver, os processos engenhosos que imaginava, e mediante os quais cada utensílio se adaptava expressamente a cada paciente, eram-lhe sugeridos pelos Invisíveis."  
  
Esta presunção não é inverossímil, tendo-se em vista as faculdades mediúnicas notáveis, que ela revelou nesse período de sua vida. Em suas experiências psicométricas a Srta. Hawthorne deu provas de uma capacidade de investigação realmente científica. No intuito de eliminar toda a possibilidade de sugestão involuntária ou de leitura do pensamento, procurava obter de lugares longínquos objetos desconhecidos para os psicometrar, registrando logo de seguida a impressão que lhe dava cada objeto e comunicando-se com o seu remetente, a fim de consignar este as próprias observações, de confronto com o documento psicométrico. Algumas destas notícias biográficas permitirão apreciar melhormente o valor científico da série de experiências feitas por seu intermédio e publicadas, em parte, na revista inglesa "Light", de 1903 a 1904.  
  
I Caso — Extraído de "Light" (1903, pág. 214). Edith Hawthorne escreve: A experiência, a seguir, foi feita com o Sr. Samuel Jones (16. Askew Bridgeroad, Dudley, Worcestershires), com quem mantenho correspondência bastante assídua. Dei-lhe preferência porque todas as pessoas de minha intimidade sabem que eu e o Sr. Jones nunca nos vimos, e que jamais pisei no condado em que ele reside. Pedi a esse senhor que me enviasse amostras diversas, de qualquer natureza, das quais eu tudo deveria ignorar, exceto o número de ordem que me habilitasse a distingui-las. Ao receber essas amostras, impunha-me anotar imediatamente as impressões que cada uma me suscitava, à proporção que as ia segurando entre as mãos, a fim de expedir, de seguida, essas impressões escritas ao Sr. Jones, que lhes aditaria o respectivo comentário, atinente à autenticidade das minhas notas psicométricas. (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **RADIAÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Antologia do perispírito - ref. 940** | **02 - Ciência e Espiritismo - pág. 86** |
| **03 - Desenvolvimento mediúnico - pág. 21** | **04 - Dic. Encic. Ilustrado - pág. 231** |
| **05 - Hipnotismo e Espiritismo - pág. 172** | **06 - Mãos de luz - pág. 202, 287** |
| **07 - Mediunidade - pág. 171** | **08 - Memórias de um suicida - pág. 85, 117** |
| **09 - Os funerais da Santa Sé - pág. 241** | **10 - Universo e Vida - pág. 69, 90** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**RADIAÇÃO** **– COMPILAÇÃO**

**09 - Os funerais da Santa Sé - Guerra Junqueiro - pág. 241**

**Mesmo depois de proclamada a República, quando seu nome andava nas combinações para a presidência, nem assim teve orgulho fátuo, e continuou subindo as escadarias dos ministérios para pedir quase que exclusivamente em favor de campônios, para defender direitos ameaçados de humildes lavradores, principalmente pêlos de Barca de Alva, a quem se afeiçoara devido à abnegação com que trabalharam nas paludosas terras adquiridas pelo Poeta. Era muitas vezes a tiritar com febre que preparavam os futuros vinhedos que tantos cuidados deram a Guerra Junqueiro, vítima também das sezões do local.  
  
De uma feita, telegrafou a António José de Almeida, recusando projetada manifestação e dizendo-lhe que em torno do seu nome, ele, Guerra Junqueiro, queria paz, silêncio, esquecimento. Quando se proclamou a República, Junqueiro esteve para ser nomeado ministro plenipotenciário na Espanha. Em tal sentido, chegou mesmo a dar uma entrevista ao "Imparcial", de Madrid.  
  
Optando depois pela Legação na Suíça, Guerra Junqueiro o fez no confessado intuito de escrever a sua anunciada obra filosófica — "Unidade do Ser", o que não realizou durante a permanência no cargo, 1911-1913, talvez porque, aparentemente, lhe faltasse o sossego de espírito necessário, de vez que se preocupava bastante com as coisas de Portugal, inclusive com os seus interesses particulares ligados às colheitas de Barca de Alva, às quais não deixava de assistir.  
  
Foi a única função pública que exerceu, não aceitando depois nenhuma outra. E tê-la-ia, porque o verdadeiro marco inicial da vitória republicana nasceu de uma atitude de Guerra Junqueiro, por ocasião das eleições para deputados, em 26 de novembro de 1899.  
Estando a cidade do Porto sob cordão sanitário, devido a um surto de peste bubônica, ainda assim foram procedidas as eleições. Guerra Junqueiro escreveu vibrantíssimo e belo manifesto em favor dos candidatos republicanos, que foram eleitos.  
  
Predestinado a realizar a renovação religiosa do seu tempo, Guerra Junqueiro, com a intuição iluminada das verdades que deviam constituir as muralhas a assentar sobre as ruínas dos erros e fetichismos destruídos, investiu de alvião (com esse alvião simbólico de que tanto falam agora seus versos mediúnicos) contra o edifício dos velhos preconceitos.  
  
Ele não visava a Igreja do Cristo, de instituição divina, mas o arremedo criado pelas deturpações meio pagãs, infiltradas por meio de ritos na antiga e majestosa simplicidade do culto cristão. Ele não alvejava os homens sinceros e bons, que fulgem singulares no meio do mercantilismo religioso de todos os tempos, porém, apenas os que faziam do Evangelho de Jesus a tabuleta reclamista destinada a atrair e explorar os ignorantes e os crédulos.  
  
Dentro do clero português distinguia e homenageava as figuras dignas de respeito pelas virtudes pessoais, e, quando houve de emitir opinião sobre as reformas políticas que atingiam a Igreja Católica, pleiteou um regímen de liberdade à altura de uma organização que assegurasse o saneamento do clero nacional. Por intermédio de Bernardino Machado tudo envidou para que a chamada lei da separação da igreja ficasse escoimada dos defeitos que os ódios lhe haviam introduzido; mas, ouvindo as suas paixões e interesses, os políticos e o clero se desavieram e lutaram acesamente.  
  
Quando surgiu a lei Afonso Costa (decreto de 20-4-1911), e foi publicado o protesto coletivo dos bispos portugueses (22 de maio), Guerra Junqueiro, que havia profligado duramente tal lei — classificando-a de estúpida —, disse sem embargo, do clero: "Os padres são de lama, e o Afonso Costa supôs que fossem de coisa mais imunda e malcheirosa." Mas essas suas opiniões radicais sobre os vícios e corruptelas do catolicismo romano em Portugal não sofriam de exagero, nem tinham, como alguns supunham, eiva de ódios pessoais.  
Um episódio, narrado pelo insuspeitíssimo Dr. Cândido de Figueiredo, o erudito filólogo, dará testemunho em favor das atitudes profligantes de Guerra Junqueiro.  
  
O ilustre escritor e gramático foi, como se sabe, casado em primeiras núpcias com a poetisa setubalense, Mariana Angélica de Andrade. Para realizar o consórcio, o Dr. Cândido de Figueiredo houve de anular as ordens eclesiásticas menores que havia recebido, e como o processo dependesse de encaminhamento ao papa, e de grandes dispêndios, o interessado dirigiu-se a um velho amigo, o Bispo de Viseu, Alves Martins, o qual prometeu auxílio pronto no caso, enviando para Roma informações categóricas sobre a justiça da pretensão.**

**Disse depois o Bispo a Cândido de Figueiredo: — Você tem razão, e Roma não lhe deve recusar o Breve de dispensa. Mas, se você fosse rico, devia ir lá pessoalmente, porque, creia uma coisa: se você levasse consigo uma burra de dinheiro, traria de lá licença para casar... com a própria burra. Foi contra esse clero romanizado que Guerra Junqueiro escreveu as sátiras tremendas da "Velhice do Padre Eterno".  
  
Foi desse clero amoldado aos processos inescrupulosos do Vaticano que Guerra Junqueiro disse (a propósito da agitação dos católicos romanos contra a lei da separação da Igreja do Estado): "O padre português não tem convicções. Em se tratando da barriga, tanto lhe faz que as pessoas da Santíssima Trindade sejam 3 ou 300..."  
  
Guerra Junqueiro possuía ignotas intuições geniais, fruto da sua mediunidade, despercebida dele próprio. Assim, dentro da cerebração de poeta, fulgiam idéias novas, levando-o a cogitações de ordem científica, que, afinal, coincidiam com os problemas mais transcendentes da vida, e que procurou, em vão, deixar solucionados. Lançando nos versos as teses das verdades eternas que regem a vida do Espírito, sentiu que precisava fixar em trabalho de maior fôlego e sólida base científica as conclusões filosóficas decorrentes das ideias gerais contidas nessas rimas. Leu, estudou afincada-mente, reunindo a mais completa biblioteca sobre Biologia então existente em Portugal.  
  
Concebeu escrever a "Unidade do Ser", e para isso coligiu apontamentos que encheram 4.000 folhas de papel almaço. Não chegou a realizar o intento; mas, quando vierem a lume esses escritos, ver-se-á decerto a potência das concepções, e talvez quanto perdeu o mundo na irrealização de tal propósito instrutivo e revelador. Muita gente ignora que as hoje vitoriosas teorias sobre o poder curativo dos raios ultravioleta tiveram em Guerra Junqueiro um indiscutível precursor. Em 1898, quando seus vinhedos foram atacados pela infecção da "maromba", começou a estudar os meios profiláticos então em uso, verificando a ação mais ou menos fulminante das cores do espectro solar sobre os parasitas dos vegetais. E desde logo, de experiência em experiência, chegou à verdade daquele seu verso que falava nas pulverizações balsâmicas da luz...  
  
E descobriu que os raios ultravioleta eram os mais enérgicos e eficientes no combate, na ação bactericida. O Dr. Bettencourt Rodrigues ("Medicina e Médicos", ed. Lúmen, Lisboa, 1922, cap. XXTC) dá detalhada notícia dos estudos precursores de Guerra Junqueiro, e transcreve trechos epistolares que atestam a sólida cultura científica do Poeta. Desses estudos tirou importantes conclusões sobre a ação radioativa, tendo publicado importante artigo, em 1904, em "La Revue", de Paris, sobre o "Rádio e a radiação universal", e, em 1910, a "Teoria de certas ações radiobiológicas". Compareceu mesmo a um conclave científico, em Paris, onde expôs as notáveis convicções a que havia chegado sobre esses problemas da alta indagação científica.  
  
Invulgar era a cultura filosófica de Guerra Junqueiro, e se os frutos do profundo estudo que fizera não vieram a lume, foi porque ele perquiria o problema do Além, em busca da fórmula que resolvesse a grande equação da vida espiritual, universalizada, não se preocupando que o mundo lhe conhecesse os irrevelados trabalhos atestantes da cultura científica que acumulara. Aqueles que conheceram e supuseram Guerra Junqueiro apenas — poeta, precisam saber que, sem abandonar as musas, seu intelecto se enriqueceu de valiosos cabedais cientí-fico-filosóficos, tornando-o digno de figurar, se o quisesse, entre os homens de ciência da época.  
  
Em seu cérebro germinaram e abortaram sínteses admiráveis, que ele teria desenvolvido magistralmente, se houvesse conhecido as doutrinas que explicam as incógnitas de tais sínteses (fórmulas das verdades universais) e que o Poeta não conseguiu encontrar. "A vida — é o Amor e a Dor. Procurar as suas leis, e/s tudo. Hoje a verdadeira definição da — Matéria é: associação de energias (radiação universal, desassociação dos átomos).**

**A ciência futura será portanto o estudo das energias cósmicas. O homem é o universo reduzido. Se cada um pudesse deixar-se narrar, teríamos a mais maravilhosa história do mundo. Na criatura, a razão é nada; o que é grande é o inconsciente." O Espiritismo ter-lhe-ia dado a explanação dessas verdades, que ele angustiadamente, em vão, buscou durante toda a vida. Mas, por um estranho, misterioso, inexplicável eclipse espiritual, Guerra Junqueiro não admitia o Espiritismo, e considerava as experiências célebres de William Crookes frutos de ilusão, por inverossímeis.  
  
Curiosa incoerência de concepção, decerto, porque Guerra Junqueiro tem versos e conceitos, idéias e afirmativas, que são lidimamente espíritas, externadas em linguagem que o próprio Allan Kardec teria empregado. Mais ainda: nas conclusões filosóficas atingidas por Guerra Junqueiro só existe um vácuo, que o seu saber, as suas perquirições não conseguiram preencher: a sucessão das vidas. Colocada nesse imenso vazio a doutrina da Reencar-nação, Guerra Junqueiro teria chegado triunfante à meta almejada, teria compreendido — como e por que — o "Prometeu" se desacorrenta, se liberta e segue o "Caminho do Céu".  
  
Mas, verdade, verdade, os altos e recônditos desígnios se realizam sempre, e a seu tempo, e a razão de todas as coisas nos é dada, na hora exata. Aparentemente, é estranho, inexplicável que Guerra Junqueiro não realizasse a sua tarefa total, deixando inacabada a porção mais admirável, mais fecunda, mais evangelizadora da sua obra poética.  
  
Ele, que viera pregar um Evangelho rimado a toda a gente, não pôde escrever, vivo na Terra, os versículos do seu novo testamento cristão simbolizado naquelas cruzes de que falam quatro versos dos que deixou rascunhados no "Prometeu" (sermão de S. Paulo):  
Cruzes, cruzes sem fim, de cedro ou de granito, de topo em topo e monte em monte e serra em serra, como braços de angústia abraçando o infinito, como punhais de dor apunhalando a terra...(..)**

**10 - Universo e Vida - Espírito Áureo - pág. 69, 90**

**V - ENERGIA E EVOLUÇÃO  
Façamos agora ligeira interrupção no curso normal de nosso estudo, para algumas considerações oportunas, relativas à energia, no campo da evolução.  
1. ENERGIA MENTAL  
A desagregação atômica por meio de explosão nuclear é apenas uma das formas de conversão da matéria em energia. A Natureza utiliza permanentemente muitos outros processos para essa transformação, sendo a radiação um dos mais estudados pelo homem terreno. A ciência oficial de nossos dias já conhece algo sobre as propriedades da matéria e da energia, quando elas são conversíveis entre si, o que importa dizer: da mesma natureza essencial. Existem, porém, aspectos elementares da estrutura da energia que permanecem desconhecidos da ciência terrestre. Esta lhe identifica variadas formas de manifestação, mas ainda ignora por completo suas formas não conversíveis em matéria, embora já comece a desvendar os segredos da antimatéria.  
  
Inclui-se dentre os mais comuns e constantes tipos de energia não adensável-a energia mental propriamente dita, da qual o pensamento é a mais elevada expressão. No entanto, ela é capaz de agir sobre as diversas formas de energia reconversível, de impressioná-las e transformá-las, através de radiações de potência ainda não humanamente detectável, mas de alto e efetivo poder, traduzível em fenômenos eletromagnéticos inapreciáveis.  
  
Essa é basicamente a energia que organiza o tecido perispiritual e, de resto, todos os campos vibratórios que envolvem o espírito humano e nos quais este se movimenta nas dimensões extrafísicas. É também ela o fulcro de que se origina a energização das idéias, corporificando-as em formas-pensamentos, suscetíveis, como já sabem os pesquisadores do psiquismo, de serem temporárias, mas poderosamente vivificadas, dirigidas e até mesmo materializadas, através dê processos de densificação bem mais comumente utilizados do que vulgarmente se presume.  
  
É, contudo, bem mais importante assinalarmos o fato de que essa energia mental retrata sempre, como imagens vivas, as emoções e os sentimentos do Espírito humano, encarnado ou desencarnado, condensando e expressando automaticamente, e com rigorosa exati-dão, toda e qualquer emoção ou sentimento de qualquer ente espiritual, sob as mais nítidas e diferenciadas características de forma, cor, som, densidade, peso específico, velocidade, frequência vibratória e capacidade de permanência.  
  
Isso significa que as emoções e os sentimentos humanos impregnam e magnetizam o campo energético das vibrações do pensamento, por via de um processo de superenergização, no qual uma espécie de energia mais quintessenciada e poderosa ativa, colora e qualifica outra espécie de energia, sem com ela fundir-se ou confundir-se, e sem que haja entre elas a possibilidade de mútua conversão.  
  
Jean-Jacques Rousseau percebeu isso intuitivamente, embora de modo evidentemente imperfeito, quando afirmou a precedência do sentimento sobre a razão. Foi, entretanto, o Divino Mestre quem revelou tal verdade de forma inconfundível, ao alicerçar todo o seu ensino e exemplificação no sentimento do Amor — resumo, como explicou, de "toda a Lei e de todos os Profetas".  
  
Os estudos de Darwin sobre a evolução das espécies abriram caminho a grandes avanços do conhecimento humano no campo da hierarquia das complexidades, que acompanham os processos de aprimoramento dos organismos. Sabe-se hoje que essa crescente complexidade é consequência de funções novas, nascidas de novas necessidades e geradoras de novos poderes. É também assim na ordem da evolução anímica, onde o Espírito, ao desenvolver a sua própria mente, amplia e diversifica sua estrutura, seu espaço e seu tempo individuais, crescendo para Deus, no seio do Universo Infinito.  
  
Quanto mais o ser espiritual se sublima, mais recursos desenvolve, em formas cada vez mais altas e nobres de energia sutil, tanto mais poderosas e excelsas, quanto menos densas e mais diferenciadas das formas materializáveis de energia.  
  
Eis por que o Espiritismo Evangélico sobrepõe o esforço de santificação, isto é, de sublimação moral dos sentimentos humanos, a todo e qualquer processo de evolução meramente intelectiva. É que o aprimoramento da inteligência, sob todas as formas, sendo embora imperativo inderrogável da Eterna Lei, é mais fácil de ser realizado, e de modo menos suscetível a erros e quedas, quando produzido sob o ascendente do sentimento enobrecido, que é a força diretriz de todas as energias e potencialidades do Espírito.  
  
2. RADIAÇÕES LUMINOSAS  
Mesmo que potentes radiações luminosas, que são ondas eletro-magnéticas, incidam sobre um corpo, delas este somente reterá a quantidade que lhe permitir o seu próprio poder de absorção, embora também seja verdade que parte do poder absorvente de qualquer material depende igualmente do comprimento de onda da radiação incidente.  
  
No campo psicoperispirítico, prevalece realidade similar, pois o poder de atuação energética de um espírito sobre outro subordina-se a dupla condição, isto é, ao comprimento de onda da radiação luminosa do atuante e à capacidade de absorção do atuado, sendo fundamental não perdermos de vista que em todos os fenômenos desse tipo o regime inelutável é o das trocas, cujo escopo natural é sempre o do equilíbrio.  
  
Explicaremos noutro capítulo por que razão nos referimos à atuação energética de natureza luminosa, de um espírito sobre outro, mas adiantamos que a luz é a mais nobre das formas de energia. Precisaremos, porém, considerar mais detidamente esse assunto, pois também a luz apresenta variações importantes de tipo e natureza, na hierarquia dos valores do Universo. Retomando, porém, o que dissemos no parágrafo anterior, assinalamos que é aquele o princípio que preside à capacidade de ajudar ou de ferir, e a de ser alguém ajudado ou ferido.**

**Na Natureza, a justiça se realiza de forma automática e perfeita, nos exatos termos do nível evolutivo de cada ser e dos seres que com ele se relacionam. O poder de Deus é onímodo, onipresente e eternamente atuante no Universo, porque está nele imanente, não podendo ser traído ou alterado por nenhuma força e por nenhum ser da Criação.  
  
Define-se também, em face dessa realidade, o princípio do mérito, porquanto o poder de dar e receber, de agir e de sofrer ação, de auxiliar e de ser auxiliado é sempre rigorosa, natural e automaticamente limitado pela real condição evolutiva de cada ser. Vale considerar, neste capítulo, que as radiações eletromagnéticas chamadas de energia radiante não compreendem tão-só a energia da luz visível, senão também as radiações gama, ultravioleta e infravermelha, as ondas de rádio, os raios X e a energia calorífica irradiada.  
  
Assim não fosse, qualquer pessoa poderia ver, a olho nu, no mundo dos encarnados, o próprio halo, ou campo eletromagnético, e o das demais pessoas, identificando de pronto a condição espiritual de cada um, pela simples coloração de sua luz, embora a atmosfera vital de cada ser esteja também impregnada de outras importantes qualidades dinâmicas.  
  
Cumpre, aliás, ter-se em conta que o mundo particular de cada indivíduo é, de certo modo, o que a Física atual denomina, a nosso ver impropriamente, de sistema isolado, que é, por definição, aquele que não troca energia com outro sistema. Ressalvando que somente noutro capítulo examinaremos esse tema, de magna importância, por estar ligado intimamente ao princípio da conservação da energia, deixamos claro que a idéia do sistema isolado não tem, nesta nossa comparação, nenhum sentido de isolamento real ou de refrangibilidade.**

**Visa apenas a dar idéia dum pequeno universo individuado, pois cada ser é realmente como um pequeno mundo a mover-se no grande sistema de seres a que pertence. Dissemos que o mundo particular de cada indivíduo é, de certo modo, um sistema isolado, porque, em se tratando do espírito encarnado e do desencarnado ainda presos às faixas da evolução terrestre, a lei da equivalência de matéria e energia, expressa na fórmula einsteiniana E = me2, onde E é a quantidade de energia equivalente à massa m, sendo c a velocidade da luz, se aplica plenamente.  
  
Como temos, aqui, de ser concisos, deixaremos para mais tarde outras considerações. No entanto, como falamos, linhas acima, em energia calorífica irradiada, ou seja, calor transmitido por meio de irradiação, lembramos que a propagação do calor de um corpo para outro pode processar-se sem que haja necessidade de meio material, bastando se observe, nesse particular, que o calor do Sol, emitido a milhões de quilômetros de distância, chega à Terra depois de atravessar vastas regiões não ocupadas por matéria. Com maior razão, a luz espiritual, a manifestar-se na irradiação das mentes angélicas, prescinde de qualquer veículo material para espraiar-se e atuar em todas as dimensões do Universo.  
  
3. TRANSFORMADORES DE ENERGIA  
Exposto às radiações luminosas do Sol, o silício puro absorve fótons que removem os seus elétrons atômicos, os quais, liberados, produzem uma corrente elétrica. Esse processo de funcionamento das baterias solares faz lembrar, de algum modo, aspectos infinitamente superiores, mas até certo ponto tecnicamente assemelhados, da evolução. Submetidos aos raios da experiência, os espíritos compostos, isto é, não puros, que se movem nas faixas da evolução terrestre, absorvem progressivamente quanta de luz, que vão removendo elementos da carga psíquica do ser, os quais, liberados, geram, através das correntes elétricas que produzem, campos magnéticos específicos.  
  
Estruturando desse modo a própria aura, os espíritos criam a atmosfera psíquica que os envolve e penetra; atmosfera carregada de eletricidade e magnetismo, de raios, ondas e vibrações. Trata-se de efetivo e poderoso campo de forças, gerado por circuitos eletro-magnéticos fechados, nos quais se fazem sentir os parâmetros de resistência, indutância e capacitância, asseguradores de compensação, equilíbrio e acúmulo de energias de sustentação.  
  
É assim que o campo de forças da própria aura delimita o mundo individual de cada espírito; mas não somente o delimita, como também o caracteriza, porque possui peso específico determinado, densidade própria e condições peculiares de coloração, sonoridade, velocidade eletrônica e ritmo vibratório. A mente espiritual é o seu fulcro, sua geratriz e seu núcleo de comando, através de todas as transformações que experimenta, inclusive as que decorrem das reciclagens biológicas provocadas pelos fenômenos da morte física, da reencarnação, da ovoidização, da regressão temporal e outros.  
  
É, ainda, através de sua aura que o espírito assimila, armazena e exterioriza os princípios cósmicos de que fundamentalmente se alimenta, funcionando nisso como transformador por excelência de energia, para si e para os seus semelhantes, pois cada espírito respira e vive em faixas vibratórias comuns a todas as mentes a que se liga, no plano evolutivo que lhe é próprio. Em verdade, cada espírito é qual complexa usina integrante de vasta rede de outras inúmeras usinas, cujo conjunto se auto-sustenta, como um sistema autônomo, a equilibrar-se no infinito mar da evolução.  
  
Via das trocas incessantes que dinamicamente se processam nesses circuitos de energia viva, manifestam-se os fenômenos da afinidade e os da mediunidade espontânea, a produzirem estímulos de influenciação, fecundação ideológica e atração psíquica, responsáveis pela sequência evolucionária dos sistemas anímicos, no seio da vida universal. Ninguém, portanto, se prejudica a si mesmo sem lesar a todos quantos se lhe associam na grande economia da vida; e, do mesmo modo, todo aquele que se melhora, enriquece e ascende, beneficia direta e eficazmente a todos os seus companheiros de jornada espiritual.  
  
O fenômeno do eco não se restringe à reflexão de um som; é também, na esfera dos pensamentos e dos sentimentos, repercussão de idéias e emoções, na geração infinita de recursos novos e de forças vivas, de efeitos certos, seja nas semeaduras de dor, seja nas plantações sublimes de alegria.  
  
4. TEMPO E VELOCIDADE  
Só as poderosíssimas energias de natureza divina que estruturam a mente espiritual são capazes de renovar-se sem desagregar-se,  
assegurando vida eterna individuada ao espírito e garantindo-lhe permanência e evolução infinitas. Tudo mais, no universo das formas e das substâncias, se transforma contínua e estruturalmente, sob a tensão das forças pulsantes que impõem inestancável renovação, através de processos dinâmicos de desagregação e de sempre novas agregações elementais que respondem pela conservação, em regime de equilíbrio de trocas, de todos os tipos e estados da energia.  
  
Entendido isso, pode-se compreender que, se a morte não existe no Universo, em termos de niilismo, existe nos de transmutação incessante, significando sempre o fim de cada processo temporal, fim que é também, em si mesmo, novo começo, na química das transformações. Havendo, pois, para tudo quanto é temporal, começo e fim, há, igualmente, para tudo quanto é temporal, nascimento e morte. Daí podermos dizer que o tempo é, por definição, a trajetória de uma onda eletromagnética, do seu nascimento até a sua morte. Por isso ele é uma das dimensões fixas do nosso Universo, porque estável é, em nosso plano, a velocidade das ondas eletromagnéticas.  
  
O tempo, porém, somente pode existir em sistemas isolados, ou fechados, e tem a natureza de cada sistema. Como tudo, no macro e no microcosmo, e em todos os Universos, são sistemas, somente em termos de Divindade podemos imaginar a intemporalidade absoluta, que é o conceito extremado e perfeito de eternidade. Fora disso, no mundo das mensurações, qualquer que seja o nível, o tempo existirá, com suas cargas eletromagnéticas identificáveis, dimensionáveis, limitadas e, portanto, sujeitas a sofrer a ação das ondas mentais superiores.  
  
A rigor, cada mente, à medida que se expande ou se contrai, em sua marcha evolutiva, estrutura e dimensiona o seu espaço e o seu tempo, na exata correspondência dos ritmos vitais que lhe são próprios. É claro que, assim como só pouco a pouco o espírito vai-se libertando dos automatismos, à medida que desenvolve valores conscienciais e capacidade de autogoverno, também se acomodará inconscientemente ou semi-inconscientemente às suas faixas de tempo e espaço, até atingir estágios superiores de conhecimento e poder.  
  
Cada ser vive e atua em faixas próprias de frequência vibratória, na comunhão com os seus afins, forjando a própria economia energética na incessante permuta de forças alimentares, transformadoras e conservadoras, dos mais diferentes tipos e condições. Articulando tecidos de força que o envolvem, o espírito constrói, através de sinergias funcionais, o cosmo individual em que se move e por cujo equilíbrio responde. E como a energia é tão suscetível de sublimar-se como de degenerar, pode a mente provocar, mesmo inconscientemente, não apenas explosões nucleares incontroladas em sua própria aura, mas igualmente implosões atômicas destruidoras em seu corpo espiritual, criando pus energético, com que intoxica o seu mundo individual e contamina as noures a que se ajusta.**

**É com essa lama psicofísica, dotada de forças físico-químicas e eletromagnéticas degeneradas, que inteligências pervertidas constróem a argamassa de regiões e até de impérios infernais, onde a matéria mental apodrecida e a energia de baixo teor vibratório obedecem a princípios de equilíbrio corrompidos por diferenciações inomináveis, sob o comando de mentes enlouquecidas no mal. É bem verdade que, agindo em nome do Amor Divino, o Pensamento Crístico intervém diretamente, de ciclo em ciclo, provocando desastres eletromagnéticos desintegradores dessas construções e gerando condições constritivas que forçam a eclosão de circunstâncias regeneradoras em multidões de espíritos prisioneiros dessas esferas fluídicas infelizes; mas, sem embargo disso, o tempo agiria por si mesmo, no esgotamento, embora a longuíssimos prazos, desses fulcros insólitos de degenerescência.  
  
Opostamente a tudo isso, a ação contínua de ondas mentais de alta frequência provoca desintegrações em cadeia, suscetíveis de aniquilar o corpo espiritual dos seres que alcançam as mais altas faixas da evolução terrestre, determinando maior velocidade ao seu pensamento, que passa a vibrar em ritmos ainda insuspeitados pela ciência terrestre, que julga serem os 300 mil quilômetros por segundo a velocidade constante de qualquer espécie de luz. Se isso é verdadeiro no que tange a todos os tipos de ondas eletromagnéticas conhecidas pelo homem, também é certo que, no reino das vibrações supracósmicas, atuam ondas mentais de insuspeitada curteza, emanadas de mentes angélicas e crísticas, cuja frequência vibratória escapa inteiramente à nossa capacidade atual de investigação.  
  
5. CIÊNCIA E VIDA  
Não temos a menor pretensão de parecer que sabemos mais ou melhor seja o que for, mas é preciso reconhecer que, defrontando realidades de outro nível, não podemos limitar-nos a premissas e conceituações ainda condicionadoras da ciência oficial, que, por exemplo, só pode considerar, até agora, como fontes luminosas, os objetos visíveis. Vivendo em plano vibratório diferenciado, é natural tenhamos outra visão da realidade global, naturalmente muito limitada, porém significativamente mais ampla.  
  
E, todavia, com grande interesse que acompanhamos o desenvolvimento da ciência terrestre, e, ainda agora, saudamos o advento da electronografia, dos cientistas Dumitrescu e Camarzan, louvando--Ihes o esforço para analisar os diversos campos elétricos e magnéticos do corpo humano. São realmente valiosos os progressos que têm sido obtidos pelos pesquisadores terrestres, sendo de nosso dever assinalar, com alegria, o êxito dos cientistas Valentina e Semyon Kirlian, da Universidade Alma Ata, que conseguiram fotografar as radiações luminosas a que os parapsicólogos atuais denominam bioplasma.**

**Novos dados, de outros setores da Física, continuarão a abrir campos de interesse à aplicação humana e certamente não se limitarão à descoberta de "superátomos" pesados, como os que receberam, recentemente, os números atômicos 116, 124 e 126, descobertos pelos físicos Gentry e Cahill, da equipe do Professor Dirac, no Instituto de Pesquisas de Tallahassee, na Flórida. Nosso desiderato é chamar a atenção para outros ângulos e consequências daquilo que o saber humano vai conquistando, na Terra, de sorte a auxiliar os companheiros em romagem na crosta planetária, no seu esforço para entender sempre melhor as realidades do espírito imortal.  
  
Assim, se é certo que a Mecânica Quântica já assentou idéias nítidas sobre a dupla natureza ondulatória-corpuscular da luz, cujas ondas há muito se verificou serem transversais e não longitudinais; se também já está claro que é na variação alternada das intensi-dades dos vetores campo elétrico e campo magnético que consistem as vibrações luminosas, e que circuitos elétricos oscilantes emitem ondas eletromagnéticas invisíveis; se já se sabe, além disso, que a emissão e a absorção de energia se fazem pulsativamente, por múltiplos inteiros da quantidade fundamental a que Planck denominou de quantum e que Einstein rebatizou de fóton, quando se trata de luz; apesar de tudo isso, ainda é estranho ao conhecimento da Física oficial que, além das faixas de frequências das ondas conhecidas por radiações ultravioleta, radiações X, radiações gama e radiações cósmicas, pulsam no Universo as radiações mentais, as angélicas, as crísticas e, sobretudo, as radiações divinas.**

**No entanto, são estas últimas as criadoras, alimentadoras, impulsionadoras e equilibradoras de tudo quanto existe. Para o homem terrestre comum, luz são as ondas eletromagnéticas visíveis, cujo comprimento varia entre 8000 A e 4000 A, dependendo do observador. Para os técnicos, são todas as radiações eletro-magnéticas conhecidas, visíveis ou não ao olho humano, desde as infravermelhas até as cósmicas. Para nós, estudantes desencarnados de modesta hierarquia, são todas as oscilações eletromagnéticas que vão das aquém-infravermelhas até as além-cósmicas.  
  
Quando a Física constata que só nos meios homogêneos, e nunca nos anisótropos, a luz se propaga em linha reta em todos os sentidos; quando ressalta que, se o índice de refração do meio variar continuamente, o raio luminoso pode encurvar-se; nós acrescentamos que, mesmo quando o espírito guarda, nos tecidos da alma, barreiras de interceptação infensas à luz do bem, a divina claridade não deixa de abençoar-lhe o mundo íntimo, porque a Sabedoria Celeste dispôs que a interceptação de alguns raios de um feixe luminoso não impede que os demais prossigam livremente o seu trajeto.**

**Isto posto, entendemos que somente quando o espírito terrestre atinge o grande equilíbrio evolutivo, sua aura consegue constituir-se em meio isótropo, onde a luz espiritual pode propagar-se, com a mesma velocidade, em todas as direções. Não ficamos, porém, nessas assertivas, pois importa considerar que, sem que sua livre adesão o coloque em condições de beneficiar-se com a luz espiritual com que a Divina Bondade permanentemente o atinge, nenhum espírito se furta às próprias trevas. Ao encontrar a superfície de separação de dois meios, o raio luminoso pode refratar-se, mas pode também ocorrer a reflexão total, e, neste último caso, nem sequer passa de um meio para outro.  
  
Chegamos, desse modo, a uma conclusão de sentido moral, que é o que acima de tudo nos importa, pois o conhecimento puro e simples, descomprometido com os augustos propósitos do Senhor, para nada de bom aproveita. Essencialmente, a Lei de Deus, que  
dirige a Vida em todos os planos do Universo, é uma só e puramente Amor.  
  
  
6. IDÉIAS E EMOÇÕES  
O homem terrestre um dia aprenderá que uma onda eletro-magnética não se constitui apenas de eletricidade e magnetismo, mas igualmente de forças que, à falta de melhor terminologia, chamaremos de transcendentais. São essas forças que lhe qualificam a natureza e, independentemente da frequência vibratória, definem-Ihe o teor. Aprenderá, ainda mais, que as ondas eletromagnéticas são, na verdade, veículos dessas forças transcendentais; e, mais ainda, que não existem ondas eletromagnéticas que não estejam carregadas dessas forças.  
  
Para efeito didático, podemos considerar essas forças transcendentais como sendo de duas ordens distintas: as ideais, ou neutras, e as emocionais, que podem ser, tanto umas como outras, positivas ou negativas, isto é, integradoras ou desintegradoras. As ideais estão sempre presentes em qualquer onda eletromagnética, qualquer que seja a sua natureza. Naturalmente não mencionamos as forças divinas, ou plasma divino, que é a própria fonte da vida e o fluido sustentador dos Universos, porque nossos humílimos conhecimentos nada podem conceber, por enquanto, sobre o que alguns imaginam ser o pensamento de Deus.  
  
Quanto às forças ideais, expressam-se no pensamento, que é onda eletromagnética emitida pela mente, de modo direto nos seres incorpóreos; ou através do cérebro, quando se trata de seres humanos, encarnados ou desencarnados. Cremos desnecessário esclarecer que as forças ideais, quando carregadas de emoção, tornam-se ideo-emotivas, traduzindo cargas de emoção dotadas de ativo poder.  
  
Quando, por conseguinte, se fala da força do amor, ou da força do ódio, não se está falando de ficções, e sim de ativíssimas realidades. Sentimento é força que se irradia; força viva, cujo poder, maior ou menor, depende do comprimento da onda mental que a conduz.  
  
Enganam-se, portanto, os que supõem que o poder da ação se reduz aos atos físicos visíveis. Pensar é agir, falar é movimentar forças vivas, de consequências por vezes inimagináveis. Compor um artigo, uma carta, um poema ou uma música, produzir um som ou simplesmente divagar idéias, tudo isso é atuar, agir, fazer, emitir e captar forças, agregar e desagregar formas mentais, participar da economia da vida, seja para o bem ou seja para o mal. (..)**

|  |  |
| --- | --- |
| **REAJUSTE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação na Bíblia - pág. 45** | **02 - Após a tempestade - pág. 79** |
| **03 - Confidências de um inconfidente - pág. 166** | **04 - Do país da Luz - vol. 1 pág. 218** |
| **05 - Encontro de paz - pág. 97** | **06 - Estudando a Mediunidade - pág. 114** |
| **07 - Laços Eternos - toda a obra** | **08 - O Espírito da Verdade - pág. 102** |
| **09 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. XII, 5** | **10 - Pão Nosso - pág. 77** |
| **11 - Pedaços do cotidiano - pág. 161** | **12 - Pérolas do além - pág. 20** |
| **13 - Reparando erros - toda a obra** | **14 - Intervalos - pág. 104** |
| **15 - Mãos unidas - pág. 48** | **16 - Vozes do Grande Além- 59** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**REAJUSTE** **– COMPILAÇÃO**

**01- A reencarnação na Bíblia - Herminio C. Miranda - pág. 45**

**O REAJUSTE  
Se o erro não for resgatado em uma existência, é claro que o será em outra, não no inferno por uma condenação eterna, igualmente inadmissível da parte de Deus, nem na penitenciária provisória do purgatório, mas numa oportunidade subsequente, aqui mesmo, onde e quando for possível reunir as condições exigidas para o exercício do ajuste perante a lei desrespeitada.  
  
Cada um responde inapelavelmente, pois, pelos seus erros, cuja responsabilidade é intransferível. Seria muito cômodo, mas desastroso para o equilíbrio ético do universo, que cada um pudesse cometer à vontade seus crimes e deixá-los para serem resgatados, na dor, pelos seus descendentes.  
  
Pode-se argumentar aqui: "sim, mas para estes há o inferno, onde o sofrimento é eterno". Novamente errado. Em primeiro lugar, porque isto se choca frontalmente com a doutrina do amor e do perdão que Jesus ensinou repetidamente. Se ao homem ele recomendou que perdoasse setenta vezes sete, como admitir que Deus não perdoe uma só vez, por mais grave que seja a ofensa ? Por outro lado, o perdão divino não nos põe a salvo da responsabilidade pelo crime cometido.**

**O perdão é realmente divino, como diz o provérbio, mas a lei exige de cada um o resgate, o reparo, e a consciência nos impele à aceitação, ainda que relutante, dos sofrimentos decorrentes e que, muitas vezes, ficaram como opção final e única aberta à nossa libertação e pacificação. A bondade de Deus está não apenas em conceder invariavelmente o perdão, mas também em proporcionar as oportunidades de ajuste.**

**Resta, ainda, outro aspecto importante e nem sempre lembrado: por que cobrar com a "punição eterna" o pecado que, afinal de contas, seria resgatado por netos e bisnetos? E mais ainda: se o criminoso tem o seu crime cobrado aos seus descendentes, infere-se que está redimido e, portanto, poderia ser encaminhado ao céu... Veja, pois, o leitor a que escalada de incongruências nos leva uma premissa falsa, uma única, ou seja, a de que nossos descendentes podem pagar pelos nossos erros.**

**06 - Estudando a Mediunidade - Martins Peralva - ág. 114**

**XX - Reajustamento  
O capítulo «Forças viciadas» registra interessantíssimas observações de André Luiz numa casa de pasto igual a tantas outras que se espalham por todas as cidades, onde o fumo e o álcool, aliados a indébitos prazeres e a condenáveis excessos, contribuem para que muita gente permaneça longos anos sob o guante de entidades vampirizantes. «A casa de pasto regurgitava...Muita alegria, muita gente.  
  
As emanações do ambiente produziam em nós indefinível mal-estar. Junto de fumantes e bebedores inveterados, criaturas desencarnadas, de triste feição, se demoravam expectantes. Algumas sorviam as baforadas de fumo arremessadas ao ar, ainda aquecidas pelo calor dos pulmões que as expulsavam, nisso encontrando alegria e alimento. Outras aspiravam o hálito de alcoólatras impenitentes.»  
  
Como preâmbulo aos nossos comentários, bastam as transcrições acima. Por elas podemos concluir quanto à influência, benéfica ou maléfica, dos ambientes que frequentamos. Milhares de criaturas encarnadas, homens e mulheres, ficam, sem que disso se apercebam, à mercê de tais entidades, dominadas, como vivem, pelo álcool e pelo fumo.**

**Como o objetivo essencial deste livro é o de focalizar assuntos relacionados com o mediunismo, lembramos a importância ambiencial para o obreiro da seara mediúnica. O médium que preza a faculdade que Deus lhe concedeu e que deseja converter-se em servidor operoso, não deve habituar-se aos ambientes viciosos, onde os frequentadores, encarnados e desencarnados, pela expressão inferiorizada dos seus sentimentos, constituam ameaça ao seu equilíbrio interior.  
  
Mesmo aqueles medianeiros que se caracterizam por relativa segurança, sofrem os reflexos vibratórios de semelhantes ambientes.  
Devemos considerar que é o médium, em tese, uma criatura falível, igual a todos nós. A circunstância, mesma, de ter mais apurada sensibilidade, torna-o mais acessível às influenciações psíquicas .  
  
A «casa mental» do medianeiro deve estar sempre custodiada pelo amor e pela sabedoria, pela moral e pela compreensão. Somente o obreiro que já se realizou a si mesmo, através da faculdade bem desenvolvida e cristãmente educada, saberá resguardar-se com êxito. Somente o medianeiro portador de apreciáveis valores morais poderá, sem prejuízos, neutralizar as influenciações perniciosas.  
  
Recorrendo ao Evangelho, fonte de toda a sabedoria, mencionaremos, por oportuna, aquela passagem em que Jesus, estando em Betsaida, cura um cego e depois lhe recomenda, incisivo: «Absolutamente não entres na aldeia.» O médium que deseja preservar o seu equilíbrio, deve ser cuidadoso na escolha dos ambientes que lhe convêm.  
  
Sempre que possível, seria de toda a conveniência que o trabalhador da seara mediúnica preferisse os seguintes ambientes:  
a ) — O próprio lar, que ele deve converter num santuário de compreensão;  
b) — Os grupos espíritas bem orientados, onde Jesus e Kardec sejam permanente bússola;  
c) — O convívio com companheiros sinceros e cheios de boas intenções;  
d) — Reuniões com pessoas bem intencionadas e de sentimentos elevados, onde as conversações edificantes contribuam para a manutenção do seu equilíbrio íntimo.  
  
Somente o imperativo do serviço assistencial deve levar o médium a ambientes mal assistidos. Somente o imperativo da fraternidade deve justificar a presença do obreiro do mediunismo cristão em ambientes duvidosos, onde as paixões e os sentimentos inferiores constituam o "dolce far niente" dos seus frequentadores. O médium, a benefício de si mesmo e da obra, deve escolher ambientes onde as suas forças morais se consolidem e os propósitos superiores lhe sejam estímulo ao estudo e ao trabalho com Jesus.  
  
Conhecemos companheiros com apreciáveis qualidades de abnegação e boa vontade que, tentando ajudar em determinados ambientes, passaram a ser vítimas de entidades cruéis, das quais, para se desvencilharem, muito esforço e muita oração foram necessários. Guardando no coração a fragilidade que constitui, ainda, o nosso apanágio, foram terrivelmente envolvidos pelas forças viciadas, em cujos domínios quiseram penetrar .  
  
Somente os vanguardeiros valorosos, que já se fizeram portadores de valiosas aquisições espirituais, devem comparecer à retaguarda, onde hostes tenebrosas implantam o seu reinado de sombra. Em primeiro lugar, a autopreparação pelo trabalho comum e pela renovação. Em segundo, os grandes encargos que pedem experiência e fortaleza.  
  
Consoante acentuamos no início deste capítulo, há milhares de criaturas prisioneiras dessas entidades. São os fumantes e bebedores impenitentes que se entregam, desordenadamente, ao vício. São os que se entregam a condenáveis excessos em qualquer setor da atividade humana. Os que bebem passam a ser, na oportuna definição de um nosso confrade, «canecos de Espíritos».  
  
Os que fumam passam a ser, naturalmente, alimentadores de entidades infelizes que se comprazem, jubilosas, em sorver-lhes «as baforadas de fumo arremessadas ao ar, ainda aquecidas pelo calor dos pulmões». E assim permanecem até que um dia, fustigados pela Dor, dominados pela exaustão e vencidos pela monotonia de uma existência tristemente vegetativa, despertam para um tipo de vida mais consentânea com a dignidade da pessoa humana.  
  
A Misericórdia Divina funciona, desde o princípio, junto a todas as criaturas. «Chegará o dia em que a própria Natureza lhes esvaziará o cálice.» «Há mil processos de reajuste.» Para melhor compreensão do estudo, segundo a diretiva que traçamos para este trabalho, organizamos o gráfico seguinte, no qual apresentamos modestos apontamentos relativos ao modo pelo qual a criatura será compelida, mais cedo ou mais tarde, ao necessário reajuste :**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **PROCESSOS  DE  REAJUSTE** | **COERCITIVOS** | **CANSAÇO** |
| **AFLIÇÕES** |
| **SOFRIMENTO** |
| **CÁRCERE** |
|  |  |
| **EXPONTÂNEOS** | **BOA VONTADE** |
| **ACANHAMENTO** |
| **ESFORÇO** |
|  |  |
| **EXPIATÓRIOS** | **MONGOLISMO** |
| **PARALISIA** |
| **HIDROCEFALIA** |
| **CEGUEIRA** |
| **IDIOTISMO** |

**Em certos casos, nos processos que denominamos de «coercitivos», a própria criatura se cansará, um dia, da monotonia de uma vida superficial, para não dizer de uma vida futilizada. Como decorrência do reconhecimento da inutilidade do sistema de vida, sobrevirão, fatalmente, o esgotamento e o cansaço. O homem despertará, então, ante a realidade de sua destinação superior, dentro da Eternidade.  
  
Essa destinação falar-lhe-á, em silêncio, no altar da própria consciência, do imperativo de valorização do tempo que o Senhor da Vida lhe concedeu, com a atual experiência reencarnatória. Então, sob o amparo de abnegados servidores do Cristo, iniciará, esperançoso, o trabalho de auto-renovação... De modo geral, entretanto, as aflições e sofrimentos são sempre os grandes amigos da criatura fútil ou desviada.  
  
As grandes provas, as lutas acerbas, em que colhemos aquilo que semeamos, funcionam, testemunhando a harmonia da Lei Divina, à maneira de abençoadas trombetas concitando-nos à grande batalha contra nós mesmos, a fim de vencermos os inimigos que pelejam contra o nosso coração, querendo perturbar a marcha ascensional do Espírito eterno.  
  
A guisa de exemplificação, sugerimos a leitura do capítulo «Proteção educativa», do livro «Pontos e Contos», de Irmão X. Quantas vezes, também, entre as grades de uma prisão, almas empedernidas se reajustam devidamente, retornando depois à sociedade, de onde foram banidas, agora, entretanto, na condição de elementos regenerados e úteis!  
  
Como vemos, diversos e variados são os fatores psicológicos que cooperam nos serviços de reajuste espiritual, libertando milhares de criaturas da nefasta influenciação de Espíritos menos esclarecidos. Referindo-nos aos processos coercitivos, catalogamos, em síntese, o cansaço e o sofrimento, a aflição e o cárcere.  
  
Entre os espontâneos, lembramos a boa vontade, a vergonha e o esforço do próprio indivíduo. Algumas vezes o sentimento de dignidade dirige-se à consciência do homem transviado, compelindo-o à compostura e ao reajuste. Entre os processos expiatórios, mencionamos as re-encarnações dolorosas, expressando-se por vários tipos de enfermidades, todas elas inibitórias da plena manifestação da inteligência.  
  
Sugerimos, como exemplo, profundamente elucidativo, a leitura, ainda, no livro «Pontos e Contos», do capítulo «Grande cabeça». O mongolismo, a paralisia, a hidrocefalia, a cegueira e o idiotismo são formas compulsórias de reajustes expiatórios . Criaturas que abusaram da relativa liberdade que o Senhor da Vida lhes concedeu, voltam, depois, ao vaso físico, pela reencarnação, em situações realmente dolorosas, a fim de que, no capítulo do sofrimento, aprendam a valorizar o tesouro da vida.**

**08 - O Espírito da Verdade - Espíritos Diversos - pág. 102**

**41 - A TOMADA ELÉTRICA - Cap. VIII — Item 7  
De volta à reencarnaçao, em breve tempo, sou trazido ao vosso recinto de oração e fraternidade por benfeitores e amigos para que algo vos fale de minha história — amargo escarmento aos levianos do ouvido e aos imprudentes da língua. Sem ornato verbal de qualquer natureza, em minha confissão dolorosa, passo diretamente ao meu caso triste, à maneira de um louco que retorna ao juízo, depois de haver naufragado na vileza de um pântano.  
  
Há alguns anos, em minha derradeira romagem na Terra, era eu simples comerciário de hábitos simples. Com pouco mais de trinta anos, desposei Marina, muito mais jovem que eu, e, exaltando a nossa felicidade, construímos nosso paraíso doméstico, numa casa pequena de movimentado bairro do Rio.  
  
Nossa vida modesta era um cântico de ventura, entretecido de esperanças e preces; todavia, porque fosse, de ordinário, desconfiado e inquieto, amava minha esposa com doentia paixão. Marina era muito moça, quase menina... Estimava as cores festivas, o cinema, a vida social, a gargalhada franca e, por guardar temperamento infan-til, a curto espaço teve o nome enliçado à maledicência que fustiga a felicidade, como a sombra persegue a luz.   
  
Em torno de nós, fez-se o "disse-me-disse". Se tomávamos um bonde, éramos logo objeto de olhares assustadiços, enquanto se cochichava, lembrando-se-nos o nome... Se passávamos numa praça, éramos, quase sempre, seguidos de assovios discretos... Começaram para mim os recados escusos, os telefonemas inesperados, as cartas anônimas e os conselhos de família, reunindo várias acusações.  
  
— "Marina desertara dos compromissos do lar."— "Marina era ingrata e infiel."— "Marina respirava numa poça de lama." — "Marina tornara-se irregular." Muita vez, minha própria mãe, zelosa de nosso nome, chamava-me a brios, indicando-me providências. Amigos segredavam-me anedotas irreverentes com sentido indireto.  
  
Lutas enormes do sentimento ditavam-me desesperados conflitos. Acabou-se em casa a alegria espontânea. Debalde, a companheira se inocentava, alertando-me o coração; entretanto, densas trevas possuíam-me o raciocínio, induzindo-me a criar assombrosos quadros em torno de faltas inexistentes.  
  
Como se eu fora puro, exigia pureza em minha mulher. Qual se fosse santo, reclamava-lhe santidade. Deplorável cegueira humana! Foi assim que, numa tarde inesquecível para o remorso que me vergasta, tilintou o telefone, buscando-me para aviso. Três horas da tarde... Anuncia-me alguém ao cérebro atormentado que um estranho se achava em meu aposento íntimo. Desvairado, tomei de um revólver e busquei minha casa.  
  
Sem barulho, penetrei nossa câmara e, de olhos embaciados no desespero, vi Marina curvada, ao lado de um homem que se curvava igualmente a dois passos de nosso leito. Não tive dúvida e alvejei-os, agoniado... Vi-lhes o sangue a misturar-se, enquanto me deitavam olhares de imensa angústia, e, porque não pudesse, eu mesmo, resistir a tamanha desdita, estilhacei meu crânio, com bala certa, caindo, logo após, para acordar no túmulo, agarrado a meu corpo, mazelento e fedentinoso, que servia de engorda a vermes famintos.  
  
Em vão, busquei desvencilhar-me do arcabouço de lama, a emparedar-me na sombra. Gargalhadas irônicas de Espíritos infelizes cercavam -me a prisão. Descrever minha pena é tarefa impossível no vocabulário dos homens, porque o verbo dos homens não tem bastante força para pintar o inferno que brame dentro da alma.  
  
Por muito tempo, amarguei meu cálice de aflição e pavor, até que mãos amigas me afastaram, por fim, do cárcere de lodo. Vim, então, a saber que Marina, sem culpa, fora sacrificada em minhas mãos de louco. Esposa abnegada e inocente que era, simplesmente pedira a um companheiro da vizinhança consertasse, em nosso quarto humilde, a tomada elétrica desajustada, a fim de passar a roupa que me era precisa para o dia seguinte.  
  
Transido de vergonha e enojado de mim, antes de suplicar perdão às minhas pobres vítimas, implorei, humilhado, a prova que me espera...E é assim que, falando às almas descuidadas que cultivam na Terra o vício da calúnia, venho dizer a todas, na condição de um réu, que para me curar da própria insensatez roguei ao Pai Celeste e me foi concedida a bênção de meio século de doença e martírio, luta e flagelação na dor de um corpo cego. Julio  
  
09 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - cap. XII, 5**

**5.OS INIMIGOS DESENCARNADOS  
O espírita tem ainda outros motivos de indulgência para com os inimigos. Porque sabe, antes de mais nada, que a maldade não é o estado permanente do homem, mas que decorre de uma imperfeição momentânea, e que, da mesma maneira que a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom. Sabe ainda que a morte só pode livrá-lo da presença material do seu inimigo, e que este pode perseguí-lo com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra.**

**Assim, a vingança assassina não atinge o seu objetivo, mas, pelo contrário, tem por efeito produzir maior irritação, que pode prosseguir de uma existência para outra. Cabia ao Espiritismo provar, pela experiência e pela lei que regem as relações do mundo visível com o mundo invisível, que a expressão: "extinguir o ódio com o sangue" é radicalmente falsa, pois a verdade é que o sangue conserva o ódio do além-túmulo. Ele dá, por conseguinte, uma razão de ser efetiva e uma utilidade prática ao perdão, bem como à máxima do Cristo: "Amai os vossos inimigos".**

**Não há coração tão perverso que não se deixe tocar pelas ações, mesmo a contragosto. O bom procedimento não dá, pelo menos, nenhum pretexto a represálias, e com ele se pode fazer, de um inimigo, um amigo antes e depois da morte. Com o mau procedimento, ele se irrita e é então que serve de instrumento à justiça de Deus, para punir aquele que não perdoou.  
  
6. Pode-se, pois, ter inimigos entre os encarnados e os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações, a que tantas pessoas estão expostas, e que representam uma variedade das provas da vida. Essas provas, como as demais, contribuem para o desenvolvimento e devem ser aceitas com resignação, como uma consequência da natureza inferior do Globo terrestre: se não existissem homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao redor da Terra.**

**Se devemos portanto, ter indulgência e benevolência para os inimigos encarnados, igualmente as devemos ter para os que estão desencarnados. Antigamente, ofereciam-se sacrifícios sangrentos para apaziguar os deuses infernais, que nada mais eram do que os Espíritos maus. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo vem provar que esses demônios, que não são mais do que as almas de homens perversos, que ainda não se despojaram dos seus instintos materiais; que não se pode apaziguá-los senão pelo sacrifício dos maus sentimentos, ou seja, pela caridade; e que a caridade não tem apenas o efeito de impedí-los de fazer o mal, mas também de induzí-los ao caminho do bem e contribuir para a sua salvação.**

**É assim que a máxima: "Amai os vossos inimigos não fica circunscrita ao círculo estreito da Terra e da vida presente, mas integra-se na grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.**

**10 - Pão Nosso - Emmanuel - pág. 77**

**33. TRABALHEMOS TAMBÉM**

**"E dizendo: Varões, por que fazeis essas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões". - Atos, 14:15  
O grito de Paulo e Barnabé ainda repercute entre os aprendizes fiéis. A família cristã muita vez há desejado perpetuar a ilusão dos habitantes de Listra. Os missionários da Revelação não possuem privilégios ante o espírito de testemunho pessoal no serviço. As realizações que poderíamos apontar por graça ou prerrogativa especial, nada mais exprimem senão o profundo esforço deles mesmos, no sentido de aprender e aplicar com Jesus.**

**O Cristo não fundou com a sua doutrina um sistema de deuses e devotos, separados entre si; criou vigoroso organismo de transformação espiritual para o bem supremo, destinado a todos os corações sedentos de luz, amor e verdade. No Evangelho, vemos Madalena arrastando dolorosos enganos, Paulo perseguindo ideais salvadores, Pedro negando o Divino Amigo, Marcos em luta com as próprias hesitações; entretanto, ainda aí, contemplamos a filha de Magdala, renovada no caminho do Redentor, o grande perseguidor convertido em arauto da Boa Nova, o discípulo frágil conduzido à glória espiritual e o companheiro vacilante transformado em evangelista da Humanidade inteira.**

**O Cristianismo é fonte bendita de restauração de alma para Deus. O mal de muitos aprendizes procede da idolatria a que se entregam, em derredor dos valorosos expoentes da fé viva, que aceitam no sacrifício a verdadeira fórmula de elevação; imaginam-nos em tronos de fantasia e rojam-se-lhes aos pés, sentindo-se confundidos, inaptos e miseráveis, esquecendo que o Pai concede a todos os filhos as energias necessárias à vitória.**

**Naturalmente, todos devemos amor e respeito aos grandes vultos do caminho cristão; todavia, por isto mesmo, não podemos olvidar que Paula e Pedro, como tantos outros, saíram das fraquezas humanas para os dons celestiais e que o Planeta Terreno é uma escola de iluminação, poder e triunfo, sempre que buscamos entender-lhe a grandiosa missão.**

**14 - INTERVALOS - EMMANUEL - PÁG. 103**

**RETIFICAR: Corrige amando para que a chama de teu auxílio não se apague ao golpe rijo do desespero. Não prescindirás da bondade e da tolerância na retificação dos elementos mais simples. O próprio ato de remendar a peça de roupa humilde, recuperada para servir-te, reclama desvelo justo.**

**Lembra-te de que o cirurgião recorre à anestesia para atender ao órgão doente e recorda que o artista trabalhando a pedra obscura, não a golpeia sem amor, a fim de que o buril, manejado com sabedoria e ternura, dela arranque a obra-prima que lhe expressará o sonho de perfeição e beleza.**

**Se realmente amas aquele que a sombra afeia e desfigura, não cobrí-lo-ás de impropérios e maldições, porquanto, condenar quem já é de si mesmo desorientado e infeliz é o mesmo que precipitar o viajante inseguro no abismo das trevas ou acelerar a agonia do enfermo arrrojando-o ao visco da morte.**

**Não basta sentir o veneno do mal e perceber-lhe a influência. É imprescindível descobrir o antídoto do bem para administrá-lo, sem alarme, na hora certa.**

**Diante dos corações que reconheces transviados em pedregoso caminho, estende em silêncio os braços amigos para que a fraternidade exalte o ministério da salvação, sem os remoques da crueldade que apenas conseguem piorar as moléstias do espírito, assim como a imprudência do enfermeiro alarga a ferida que as suas mãos se propunham a curar.**

**Guarda a certeza de que à frente do nevoeiro não vale gritar para que a sombra se extinga. É necessário o socorro da paciência com a firme disposição de acender nova luz.**

**15 - MÃOS UNIDAS - EMMANUEL - PÁG. 48**

**RESGATE E RENOVAÇÃO: A reencarnação não seria caminhada redentora se já houvesse atendido a todas as exigências do aprimoramento espiritual. Enquanto na escola, somos chamados ao exercício das lições. Ante a Lei do Renascimento, surpreenderás no mundo dificuldades e lutas, espinhos e tentações.**

**Reencontrarás afetos que a união de milênios tornou inesquecível, mas igualmente rentearão contigo velhos adversários, não mais armados pelos instrumentos do ódio aberto, e sim trajados noutra roupagem física, devidamente acolhidos à tua convivência dificultando-te os passos, através da aversão oculta.**

**Saberás o que seja tranquilidade a amenidade do clima social que te envolve com os mais elevados testemunhos de apreço e respirarás, muitas vezes, no ambiente convulsionado de provações entre as paredes fechadas do reduto doméstico. Entenderás, porém, que somos trazidos a viver, uns à frente dos outros, para aprender a amar-nos reciprocamente como filhos de Deus.**

**Perceberás, pouco a pouco, segundo os princípios de causa e efeito, que as mãos que te apedrejam são aquelas mesmas que ensinastes a ferir o próximo, em outras eras, quando o clarão da verdade não te havia iluminado o discernimento e reconhecerás nos lábios que te envenenam com apontamentos caluniosos aqueles mesmos que adestrastes na injustiça, entre as sendas do passado, a fim de te auxiliarem no louvor à condenação.**

**Ergues-te hoje sobre a estima dos corações com os quais te harmonizaste pelo dever nobremente cumprido, entretanto, sofres o retorno das crueldades que te caracterizavam em outras épocas por intermédio das ciladas e injúrias que te espezinham o coração.**

**Considera, porém, o apelo do amor a que somos convocados dia por dia e dissolve na fonte viva da compaixão o fel da revolta e a nuvem do mal. Aceita no educandário da reencarnação a trilha de acesso ao teu próprio ajustamento com a vida, amando, entendendo e servindo sempre.**

**Se alguém te compreende, ama e abençoa. Se alguém te injuria, abençoa e ama ainda. Seja qual seja o problema, nunca lhe conferirás solução justa se não te dispuseres a amar e abençoar. Onde estiveres, ama e abençoa sem restrições ante a consciência tranquila e conquistarás sem delongas o domínio do bem que vence todo mal.**

**16 - VOZES DO GRANDE ALÉM - ESPÍRITOS DIVERSOS - PÁG. 59**

**RESGATE**

**Meus amigos: o texto que nos serviu de meditação nesta noite foi aquele das palavras de nosso Divino Mestre: -"Concilia-te depressa como teu adversários, enquanto estás a caminho com ele". Certamente por isso determinam nossos orientadores algo vos fale de minha agoniada experiência. Há dois anos, precisamente, tomei contacto convosco. Nessa época, não passava de um infeliz psicopata, fora do corpo físico.Triste duende da aflição na noite da angústia, carregava comigo todos os remanescentes da queda moral a que me despenhara.  
  
Com o auxílio da palavra edificante e da oração fervorosa, senti que o Evangelho do Cristo me transformava...Clareou-se-me a vida íntima e, amparado por braços amigos, fui conduzido a uma instituição de saúde espiritual. Por dez meses consecutivos, submeti-me a tratamento.  
  
Revigorado, compareci diante de observadores e analistas de nosso plano, junto dos quais o serviço de socorro iniciado em vosso templo, a meu benefício, encontrou a continuação necessária. Subordinado a operações magnéticas, minha memória religou-se ao passado próximo e revi-me na existência última, encerrada há trinta anos.  
  
Nos primeiros lustros do século corrente, era eu um rapaz egoísta e leviano, amigo da aventura e adversário do trabalho. Desposei uma jovem rica e inexperiente, com o simples propósito de surripiar-lhe a herança, já que o velhinho, que me seria sogro por alguns dias, abeirava-se do sepulcro, por ocasião de meu matrimônio.  
  
Filha única e órfã de mãe, após o decesso do genitor minha mulher viu-se dona de considerável fortuna, que tratei de chamar a mim.  
Valendo-me de uma procuração que me permitia atuar com plenos poderes, vendi-lhe as propriedades e reuni, em meu nome, a importância de novecentos contos de réis, e abandonei-a, fugindo para a Europa.  
  
A volúpia do ouro e do prazer entonteceu-me a consciência. Por cinco anos, mantive-me entre o jogo e a dissipação, até que, finalmente, a miséria e a tuberculose me bateram à porta. Esmagado por atrozes desilusões, regressei ao Brasil, no entanto, surpreendido, vim a saber que minha esposa, «capaz de resistir à extrema pobreza a que fora por mim relegada, confiara-se ao prostíbulo, encontrando a morte num asilo de moléstias contagiosas, poucos dias antes de minha volta ao Rio.  
  
Foi, então, que o remorso terminou a obra que a moléstia começara. Em tempo breve, as aflições conscienciais me deslizaram do vaso físico. Fantasma do arrependimento e da culpa, deambulei sem consolo nas trevas de minha própria vida mental.  
  
Não encontrava outras visões que não fossem aquelas de minha companheira a acusar-me ou de meus erros a se erguerem, indefinidamente, diante de meus olhos. Sofri muito, até que o socorro divino me atingisse o coração desarvorado.  
  
Tornando ao governo próprio e acordado para os deveres do reajuste, vi-me imbuído da sincera disposição de recuperar-me. Esperançoso, perguntei por meu futuro, mas nossos Instrutores foram unânimes em declarar que ninguém avança sem saldar suas dívidas.  
  
Atordoado, perguntava a mim mesmo por onde recomeçar. A verdade, porém, surgia clara aos meus olhos. A esposa desprezada era meu credor número um... Busquei-a, ansiosamente, contudo, mais infortunada que eu mesmo, permanece ainda anestesiada na delinquência, imantada a cúmplices de ações reprováveis, em furnas tenebrosas das regiões inferiores.  
  
Ela, porém, é o meu credor principal, e, em razão disso, é o ponto básico de minha restauração. Implorei o socorro da Compaixão Divina e, por intermédio daqueles heróis da beneficência que nos assistem, obtive permissão para nova romagem de luta, junto daquela que espezinhei.  
  
Tomá-la-ei sob minha responsabilidade e transpor­tá-la-ei para o cadinho da experiência humana, em meus braços, inconsciente qual se encontra. Renasceremos juntos no berço carnal, amparados por um coração materno que já se dispôs a recolher-nos. Seremos irmãos gêmeos, filhos de um parto duplo. Ser-lhe-ei o guardião,o tutor e o amigo.**

**Em plena meninice, sofrerá ela as inibições orgânicas que, pouco a pouco, interná-la-ão num leito de amargura em que possa retificar os desequilíbrios perispiríticos e, assegurando-lhe a manutenção e o consolo, atenderei à regeneração de que necessito. Conquistarei dificilmente o pão de cada dia para nós ambos.  
  
Renunciarei a quaisquer vantagens nas lides materiais. Nem aspirações mundanas realizadas, nem sonhos de felicidade atendidos, no aprendizado novo que me cabe desenvolver.  
  
Envergarei a túnica do operário desfavorecido e sacrificado, para descobrir no trabalho a essência da redenção. E, devotado e contente, montarei guarda à companheira que caiu por minha culpa.  
  
Ser-me-á irmã torturada e querida, por quem devo adiar a concretização de qualquer esperança, no que se refira à minha ventura pessoal. Entretanto, não lhe sou devedor de simples patrimônio moral, mas, perante as Leis Divinas, devo-lhe, ainda, dinheiro terrestre em moeda brasileira.  
  
Compete-me restituir-lhe a importância que lhe pertencia, acrescida com juros de mora, que pagarei, vintém por vintém, até que nos desvencilhemos do cárcere de nossos débitos, recuperando, enfim, a oportunidade de progredir que, formosa, nos sorria no alvorecer deste século.**

**Minha palavra, pois, nesta noite, é um adeus e um agradecimento, constituindo igualmente, em nome das Leis de Deus, uma lição que devemos aproveitar. "Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele". Quem puder compreender, compreenda, porque o tempo funciona para nós todos, dentro dos mesmos princípios.**

**Envolvendo, assim, os nossos benfeitores em meu agradecimento, espero abraçar-vos, de novo, amanhã, em Plena Eternidade. Que Deus vos abençoe.**

**P. Brandão**

|  |
| --- |
| **REDENÇÃO** |

**I – Definição: O que é Redenção?**

**A – Literal: - Ato ou efeito de remir ou redimir;**

**- Auxílio que livra alguém de transe aflitivo;  
- Adquirir de novo, resgatar;  
- Tirar do cativeiro, do poder alheio;  
- Reabilitar, livrar-se de.**

**B) Teologia: - Resgate da humanidade pela morte de Jesus Cristo: o mistério da Redenção;**

**- Livrar das penas do inferno, expiar;  
- O resgate do gênero humano por Jesus Cristo.**

**C) Doutrina Espírita:**

**– Nós, espíritas temos que compreender que a verdadeira REDENÇÃO nasce dentro de nós. Nós só nos redimiremos quando compreendermos conscientemente pelo raciocínio (fé raciocinada) que todos os sofrimentos, provas, expiações são necessárias para a nossa evolução espiritual. Então é necessário que entendamos que estamos subordinados ao princípio da Reencarnação na Terra ou em outros mundos, tantas vezes quanto se fizerem necessárias. Lembre-se do ditado: “O trabalho dignifica o homem”, trabalhando ou expiando teremos graves tarefas de recapitulação e corrigendas para que possamos ter uma consciência tranqüila.   
  
– Somente o nosso sofrimento pouco ou muito não é o suficiente para resgatar os nossos compromissos não cumpridos nas existências anteriores, é preciso que tenhamos o coração aberto e saibamos transformar estas dores em esperanças e ensinamentos. Lembre-se: Jesus disse: “Bem aventurados os aflitos, porque eles serão consolados”, existe uma compensação que espera os que sofrem e a resignação que nos faz bendizer o sofrimento como o prelúdio da cura.**

**– Não adianta chorarmos a vida inteira, manter-nos nela o desespero e a inconformação, para sermos felizes devemos nos valer da provação como recurso de trabalho convertendo a tribulação em alegria e a dificuldade em lição. Lembre-se: Tomai conhecimento dos vossos deveres, e ponde todo o vosso amor em aproximar essa alma de Deus: é essa a missão que vos está confiada e da qual recebereis a recompensa, se a cumprirdes fielmente.**

**– Jesus disse: “Se alguém lhe bater na face esquerda, vire e dê a direita”. Não basta só bendizer as mãos que nos ferem, é necessário que façamos algo a fim de que se renovem para o entendimento e para a prática do bem, devemos nos conformar e procurar dar bons exemplos.  
Lembre-se: Jesus disse que não devemos retribuir o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que tende a reduzir-lhe o orgulho; que é mais glorioso para ele ser ferido que ferir, etc..**

**– Nós espíritas, ao dizermos à verdade, sofremos o escárnio dos outros e por isso achamos que não devemos trabalhar mais para a expansão de nossa doutrina. Nós devemos ser abnegados dando continuidade a nossa persistência, possibilitando o aproveitamento e estender o benefício a todos.**

**– Vivem nos injuriando diariamente e ficamos normalmente inertes, mas, não é o suficiente para que nos desenvolvamos espiritualmente, é necessário que usemos de compaixão e bondade com aqueles que nos perseguem e intensificar o nosso trabalho em favor do próximo. Lembre-se: Amai os vossos inimigos, fazei bem ao que vos odeia, e orai pelo que vos perseguem e caluniam, para serdes filhos de vosso Pai, que está nos céus, o qual faz nascer o sol sobre os bons e os maus, e vir a chuva sobre os justos e os injustos.**

**– Não adianta só sofrermos a ingratidão e ficarmos reclamando. Ela (a ingratidão) é sempre resultado da ignorância e para que ela nos ajude em nossa caminhada é necessário que plantemos o entendimento e a fraternidade em nosso meio (da incompreensão). Lembre-se: A ingratidão é um dos frutos mais imediatos do egoísmo, e revolta sempre os corações virtuosos. Devemos sempre nos lembrarmos que para nos dirigirmos à Deus, só existe uma senha – a caridade. Não há caridade sem esquecimento das ofensas e das injúrias, não há caridade com ódio e sem perdão.**

**– Quase sempre exigimos o máximo dos outros na construção da nossa felicidade mas, é necessário que devemos dar uma retribuição em atividades e encargos de sacrifício Isto quer dizer: exigimos muito dos outros e damos muito pouco de nós mesmos.**

**– No Plano Espiritual de comum acordo com os nossos irmãos Espíritos assumimos compromissos (de sermos maridos, termos filhos, etc.) mas ao chegarmos na Terra encarnados, nos esquecemos de tudo. A regeneração pela qual ansiamos espera por nossa fidelidade aos nossos compromissos assumidos, em suma, devemos ser mais compreensivos, termos um melhor entendimento como reflexo de espíritas que somos.**

**–Sempre reclamamos que o fardo que carregamos é muito pesado. Mas para que este sofrimento nos sirva para o reajuste da alma, cabe-nos a obrigação de transformá-los em testemunhos de fé e serviço ao próximo (que nada mais é que a prática do bem). Lembre-se: Remontando à fonte dos males terrenos, reconhece-se que muitos são a conseqüência natural do caráter e da conduta daqueles que os sofrem. Quantos homens caem por conta da própria culpa ! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição.**

**– Quando nos arrependemos dos nossos erros e faltas cometidas, só é o primeiro passo de nossa reabilitação. Mas ele será nulo se não resolvermos nos corrigir com humildade e paciência na execução dos deveres que a vida nos recomenda, isto é, a nossa persistência na prática do bem.**

**– Nós devemos sempre aproveitar o auxílio que nossos irmãos desencarnados nos oferecem para que possamos ter uma evolução moral na Terra. Devemos nos espelhar em seus exemplos vivificantes. Eles tem vindo como encarnados durante todos os tempos dando-nos exemplos maravilhosos cada um ao seu modo entregando-nos a chave da evolução.**

**CONCLUSÃO: Se Deus tivesse liberado o homem do trabalho físico, seus membros seriam atrofiados; se o livrasse do trabalho intelectual, seu espírito permaneceria na infância, nas condições instintivas do animal. Eis porque ele fez do trabalho uma necessidade. É pelo nosso trabalho persistente, abnegado em favor do próximo (encarnado e desencarnado) em cada reencarnação nossa, que nos redimiremos, nos evoluiremos, mas, devemos nos lembrar sempre que: “FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO’, mas, tem que ser aquela Caridade com fé; fazer o bem e não ver a quem; ela não pode ser fria; deve vir do coração; não pode ser orgulhosa; tem que ser aquela que só pensa em socorrer os necessitados sem pedir nada em troco.**

TRABALHO DO GRUPO DE ESTUDOS - LIVRO: LEIS DE AMOR: DE EMMANUEL

**LEMBRETE:**

**1° - Nós, que conhecemos a vontade suprema, temos que lhe seguir o roteiro. Não devemos pensar no deus que concede, mas no Pai que educa; não no deus que recompensa, sim no Pai que aperfeiçoa. Daí se segue que a nossa batalha pela redenção tem ser perseverante e sem trégua. Humberto de Campos.**

|  |
| --- |
| **REENCARNAÇÃO** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - A Gênese - Cap. XI, 33, 34** | **02 - À luz da oração - pág. 65** |
| **03 - A Reencarnação - pág. 158/243/261** | **04 - Animais nossos irmãos - pág. 83** |
| **05 - Perispírito - pág. 184** | **06 - Boa Nova - pág. 98** |
| **07 - Catecismo Espírita - pág. 28 - 13ª. lição** | **08 - Cinquenta e duas lições C.E.- pág. 26** |
| **09 - Depois da Morte - pág. 80/245** | **10 - Devassando o Invisível - pág. 100** |
| **11 - Emmanuel - pág. 42** | **12 - Entre o Céu e a Terra - pág. 53/63/169** |
| **13 - Espírito, perispírito e alma - pág. 98/194** | **14 - Estude e Viva - pág. 128/178** |
| **15 - Estudos Espíritas - pág. 69** | **16 - Lampadário Espírita - pág. 45/65** |
| **17 - Manual e Dicionário Básico do Esp. - pág. 94** | **18 - Na era do Espírito - pág. 158** |
| **19 - Na sombra e na luz - pág. 103** | **20 - Nascer e renascer - pág. 15** |
| **21 - O Céu e o Inferno - pág. 411** | **22 - O Consolador - pág. 35/72** |
| **23 - O grande Enigma - pág. 190** | **24 - O Livro dos Espíritos - perg. 166,1010** |
| **25 - Reencarnação e evolução... - toda a obra** | **26 - Religião dos Espíritos - pág. 61** |
| **27 - Indulgência - pág. 28** | **28 - No porta lda luz - pág. 23** |
| **29 - Falando à Terra - pág. 93** | **30 - Oferenda - pág. 39, 119** |
| **31 - Reencarnação no Brasil - toda a obra** | **32 - Temas da vida e da morte - pág. 13** |
| **33 - Você e a reencarnação - toda a obra** | **34 - Passos da vida - pág. 40** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**REENCARNAÇÃO – COMPILAÇÃO**

**01 - A GÊNESE - ALLAN KARDEC, cap. XI, ítem: 33 e 34**

**A GÊNESE ESPIRITUAL  
33.O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da Lei do Progresso. Sem a reencarnação como explicar a diferença que existe entre o estado social atual e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que o corpo, as que nascem hoje são também todas novas, tão primitivas como aquelas que viviam há mil anos; acrescentemos que não haveria, entre elas, nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que seriam completamente independentes umas das outras; por que, pois, as almas de hoje seriam melhor dotadas por Deus do que as suas predecessoras? Por que compreendem melhor?**

**Por que têm instintos mais depurados, costumes mais doces? Por que têm intuição de certas coisas sem havê-las aprendido? Desafiamos a sair daí, a menos que se admita que Deus criou almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a idéia de uma soberana justiça. Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em tempos recuados; que puderam ser bárbaras como o seu século, mas que progrediram; que à cada nova existência elas trazem o que adquiriram em existências anteriores; que, consequentemente as almas dos tempos civilizados são almas não criadas mais perfeitas, mas que se aperfeiçoaram, elas mesmas, com o tempo, e tereis a única explicação plausível da causa do progresso social.**

**34.Algumas pessoas pensam que as diferentes existências da alma se cumprem de mundo a mundo, e não sobre um mesmo globo, onde cada Espírito não aparece senão uma única vez. Esta doutrina seria admissível, se todos os habitantes da Terra estivessem no mesmo nível intelectual e moral; não poderiam então progredir senão indo para um outro mundo, e a sua reencarnação sobre a Terra seria inútil; ora, Deus nada faz de inútil.**

**Desde o instante em que ali se encontrarem todos os graus de inteligência e de moralidade, desde a selvageria que ladeiam o animal até a mais avançada civilização, ela oferece um campo vasto de progresso; perguntar-se-ia por que o selvagem seria obrigado a procurar alhures o grau acima dele, quando o encontra ao seu lado, e assim de passo em passo; por que o homem avançado não pudera fazer as suas primeiras etapas senão em mundos inferiores, então que os análagos de todos esses mundos estão ao seu redor, que há diferentes graus de adiantamento, não somente de povo a povo, mas no mesmo povo e na mesma família?**

**Se assim fora, Deus teria feito alguma coisa de inútil, colocando lado a lado o ignorante e o sábio, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, ao passo que é precisamente esse contato que faz os retardatários avançarem? Não há, pois, mais necessidade de que esses homens mudem de mundo em cada etapa, como não o há para algum estudante mudar de colégio em cada classe; longe disso ser uma vantagem para o progresso, seria um entrave, porque o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a visão dos graus superiores, e a possibilidade de reparar seus erros no meio e sob o olhar daqueles que ofendeu, possibilidade que é, para ele, o mais poderoso meio de avanço moral.**

**Depois de uma curta coabitação, os Espíritos se dispersam e se tornam estranhos uns aos outros, os laços de família e de amizade, não tendo o tempo de se consolidarem, romper-se-iam. Ao inconveniente moral se juntaria um inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas, as condições de existência, variam segundo os mundos; sob esse aspecto, não há dois mundos que sejam perfeitamente idênticos. Nossos tratados de física, de química, de anatomia, de medicina, de botânica, etc.. para nada serviriam nos outros mundos, e todavia, o que aqui se aprende não está perdido; não só isso desenvolve a inteligência mas as idéias que se haurem ajudam a adquirir outras novas.**

**Se o Espírito não fizesse senão uma aparição, frequentemente de curta duração, no mesmo mundo, a cada migração, encontrar-se-ia em condições todas diferentes; operaria, cada vez, sobre elementos novos, com forças e segundo leis desconhecidas para ele, antes que tivesse tempo de elaborar os elementos conhecidos, de estudá-los, de exercê-los. Isso seria, cada vez, uma nova aprendizagem a fazer, e essas mudanças incessantes seriam um obstáculos ao seu progresso.**

**O Espírito deve, pois, permanecer sobre o mesmo mundo até que haja adquirido a soma de conhecimentos e o grau de perfeição que esse mundo comporta. Que os Espíritos deixem, por um mundo mais avançado, aquele sobre o qual nada podem mais adquirir, isso deve sê-lo e isso é; tal é o princípio. Se há os que o deixam antes, sem dúvida, é por causas individuais que Deus pesa em sua sabedoria.**

**Tudo tem um objetivo na criação, sem o que Deus não seria nem prudente, nem sábio; ora, se a Terra não deve ser senão uma única etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade haveria para as crianças que morrem em tenra idade, o virem passar aqui alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante so quais nada poderiam adquirir? Ocorre o mesmo para os idiotas e os cretinos. Uma teoria não é boa senão com a condição de resolver todas as questões que se lhe ligam.**

**A questão das mortes prematuras tem sido uma pedra de tropeço para todas as doutrinas, exceto para a Doutrina Espírita, a única que a resolveu de modo racional e completo. Para aqueles que perfazem sobre a Terra uma carreira normal, há, para o seu progresso, uma vantagem real em se encontrar no próprio meio, para aí continuar o que deixou inacabado, frequentemente, na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que pode fazer, ou para sofrer-lhe a pena de talião.**

**08 - 52 LIÇÕES DE CATECISMO ESPÍRITA - ELISEU RIGONATTI - 13ª. LIÇÃO -   
  
A REENCARNAÇÃO - pág. 26  
A finalidade de nossa existência é conseguirmos a perfeição. Um espírito para ser perfeito precisa possuir todas as virtudes e saber aplicá-las; precisa também conhecer todas as ciências e todas as artes e utilizá-las para o bem.**

**Uma encarnação não é suficiente para que alcancemos a sabedoria e a pureza dos espíritos superiores. Deus nos concede permissão para reencarnarmos muitas vezes até que tenhamos atingido o grau de espíritos puros. Em cada encarnação nós aprendemos um pouquinho mais e ao mesmo tempo corrigimos os erros de nossas encarnações anteriores.**

**REENCARNAR-SE SIGNIFICA NASCER DE NOVO. Quando nascemos o nosso corpo espiritual se une ao corpo material. Todos nós já nascemos muitas vezes e muitas outras vezes nasceremos até que consigamos ser perfeitos. As nossas encarnações não se passam todas na Terra. A Terra é uma das pequeninas escolas do reino de Deus. Quando tivermos aprendido tudo o que aqui se ensina, encarnaremos em mundos mais adiantados.**

**Durante o tempo em que estamos reencarnados, nós nos esquecemos de nossas vidas passadas; quando morremos, isto é, desencarnamos, nós nos lembraremos de todas elas. A lembrança do passado atrapalharia a nossa vida de hoje; por isso Deus, em sua infinita misericórdia, nos faz esquecer temporariamente o que fomos antigamente.**

**No momento de reencarnar deixamos de viver no mundo espiritual e começamos a viver no mundo material em que estamos. Para que possamos aprender tudo, em cada encarnação vivemos de um modo diferente. Em uma encarnação seremos pobres; em outra, ricos; em algumas seremos professores, pedreiros, mecânicos, costureiras, etc...**

**É pelas muitas encarnações que nós nos instruimos, moralizamos e procuramos novos meios de progresso. Deus aproveita as reencarnações para exercer sua justiça. Todos os que se entregam aos vícios e praticam o mal terão reencarnações de sofrimentos. As vidas dolorosas são o resultado do mal feito em existências passadas. Todos os que praticam o bem terão reencarnações felizes.**

**11 - EMMANUEL - EMMANUEL - pág. 42 - O que significam as reencarnações.**

**Cada encarnação é como se fora um atalho nas estradas da ascensão. Por esse motivo, o ser humano deve amar a sua existência de lutas e de amarguras temporárias, porquanto ela significa uma bênção divina, quase um perdão de Deus. A golpes de vontade persistente e firme, o Espírito alcança elevados pontos na sua escalada, nos quais não mais estacionará no caminho escabroso, mas sentirá cada vez mais a necessidade de evolução e de experiência, que o ajudarão a realizar em si as perfeições divinas.**

**14 - Estude e Viva -Emmanuel e André Luiz - pág. 128/178**

**Através da reencarnação  
Fora melhor que não existissem na Terra pe­dintes e mendigos, na expectativa do agasalho e do pão. Se é justo deplorar o atraso moral do Planeta que ainda acalenta privação e necessidade, examinemos a nós mesmos, quando nos inclinamos para a ambição desvairada, e verificaremos que a penúria, através da reencarnação, é o ensinamento que nos corrige os excessos.  
  
Fora melhor não víssemos mutilados e enfermos, suplicando alívio e remédio. Se é compreensível lastimar as condições da estância física, que ainda expõe semelhantes quadros de sofrimento, observemos o pesado lastro de animalidade que conservamos no próprio ser e reconheceremos que sem as doenças do corpo, através da reencarnação, seria quase impossível aprimorar as faculdades da alma.  
  
Fora melhor não enxergássemos crianças infelizes, suscitando angústia no lar ou piedade na via pública. Se é natural comover-nos diante de problemas assim dolorosos, meditemos nos ódios e aversões, conflitos e contendas, que tantas vezes carregamos para além do sepulcro, transformando-nos, depois da morte, em Espíritos vingativos e obsessores, e agradeceremos às Leis Divinas que nos fazem abatidos e pequeninos, através da reencamacão, entregando-nos ao amparo e ao arbítrio daqueles mesmos irmãos a quem ferimos noutras épocas, a fim de que nós, carecentes de tudo na infância, até mesmo da comiseração maternal que nos alimpe e conserve o organismo indefeso, venhamos, por fim, a aprender que a Eterna Sabedoria nos ergueu para o amor imperecível na Vida Triunfante  
  
Terra bendita! Terra, que tanta vez malsinamos nos dias de infortúnio ou nos momentos de ignorância, nós te agradecemos as dores e as aflições que nos ofereces, por espólio de nossos próprios erros, e rogamos a Deus nos fortaleça nos propósitos de reajuste e aperfeiçoamento, para que, um dia, possamos retribuir-te, de benefícios que nos tens prodigalizado de milênios, através da reencarnação!...**

**15 - ESTUDOS ESPÍRITAS - JOANNA DE ÂNGELIS - ÍTEM RENASCER - pág. 69**

**Conceito: Conhecida como PALINGENESIA entre os povos da Antiguidade e ora denominada METENSOMATOSE pelos modernos investigadores, a reencarnação significa "o retornar do espírito ao corpo tantas vezes quantas se tornem necessárias para o AUTOBURILAMENTO", libertando-se das paixões e adquirindo experiências superiores, sublimando as expressões do instinto ao tempo em que desenvolve a inteligência e penetra nas potencialidades transcendentes da intuição. É o RENASCIMENTO no corpo físico.**

**A REENCARNAÇÃO é a mais excelente demonstração da Justiça Divina, em relação aos infratores das Leis, na trajetória humana, facultando-lhes a oportunidade de ressarcirem numa os erros cometidos nas existências transatas. A evolução é impositivo da Lei de Deus, incessante, inquestionável. Nessa Lei não existe o repouso, o letargo das forças, a inércia. Por toda parte e sempre o impositivo da evolução, o imperativo do progresso.**

**Desde a mais débil expressão anímica que a vida, dormente, sonha e espera, até a angelitude em que fomenta e frui a felicidade e o amor, o progresso se faz imperioso. O estacionamento, a parada, representaria o caos. Ininterruptamente as conquistas que se acumulam, jazendo, às vezes, embrionárias ou adormentadas, num ciclo carnal, se desenvolvem noutro; ou, quando entorpecidas transitoriamente na investidura somática, se desdobram, valiosas, além da constrição celular.**

**A reencarnação enseja, mediante processo racional, a depuração do espírito que evolve, contribuindo simultaneamente para o aperfeiçoamento e a sutilidade da própria organização física, nos milênios contínuos da evolução. Aceita logicamente por uns e anatematizada por outros, dentre os mais eminentes religiosos e pensadores da Humanidade, tem as suas bases assentes nos impositivos da Sabedoria de Nosso Pai que tudo estabeleceu em diretrizes consentâneas com as necessidades da Sua Obra.**

**Estruturada em princípios igualitários a todos concedidos em circunstâncias equivalentes, estatui como base o amor e esparze a misericórdia, em convites de excelsa probidade, para os náufragos das realizações malogradas, que têm necessidade de recomeço para avançarem na direção do êxito que a todos nos aguarda.**

**Histórico: Revelada pelos Espíritos - seus lídimos divulgadores - desde os primórdios das experiências nos Santuários da iniciação esotérica do passado longínquo, constitui o alicerce das Religiões do pretérito, que nela hauriram para os seus adeptos, norteando-os com segurança pelas trilhas da elevação.**

**Pode-se afirmar que a sua é a história da evolução do pensamento religioso, que nas imarcescíveis nascentes da mediunidade encontrou a informação segura dos sucessivos renascimentos, como eficiente veículo de evolução. Na Índia, desde remotíssima antiguidade, de que nos dão notícias os Vedas e o Bhagavad-Gitã, o conhecimento da reencarnação era sobejamente divulgado através dos cantos imortais da formação moral e cultural do homem.**

**Difundida amplamente entre os orientais, foi Pitágoras quem a introduziu na cultura grega, após tê-la absorvido dos esoteristas egípcios e persas, nas contínuas viagens realizadas, que visavam buscar melhores informações para o enigma da vida nos seus multifários mistérios. Não obstante oferecessem os egípcios uma concepção especial, através do que consideravam a METEMPSICOSE, ou reencarnação do espírito humano em forma animal, subentende-se que tal concepção era consequência de errônea interpretação do fenômeno da ZOANTROPIA, decorrente da perturbação espiritual em que muitas Entidades infelizes se apresentavam nos Cultos, traduzindo as punições que experimentavam por deformação do uso das funções orgânicas e psicológicas engendrando auto-suplícios apenas transitórios, na Erraticidade.**

**Neste sentido, mesmo Heródoto, o "pai da História", ensinando a Doutrina das Vidas Sucessivas, supunha que a Metempsicose fosse uma punição necessária ao espírito calceta, o que, se assim o fora, violaria a lei incessante da evolução com um retrocesso à fase animal. Sófocles como Aristófanes adotaram a crença na reencarnação.**

**Platão divulgou-a, fundamentando o seu ensino nas informações pitagóricas. Posteriormente, os neoplatônicos, tais Orígenes, Tertuliano, Jâmblico Pórfiro, discípulo e herdeiro de Plotino, consideravam a reencarnação como sendo o único meio capaz de elucidar os problemas e enigmas com que defrontavam no exame da Filosofia e na interpretação das necessidades humanas.**

**Virgílio e Ovídio, os eminentes pensadores romanos, impregnaram-se das suas excelentes lições, difundindo-as largamente. Os druidas apoiavam todos os seus ensinos na justiça da PALINGENESIA. Os hebreus aceitavam-na, adotando-a sob o nome de Ressurreição, de que a Bíblia nos dá reiteradas confirmações.**

**Nas experiências medievais, em que a cultura se deteve esmagada, fez-se que desaparecesse temporariamente, apesar de cultuada por alguns raros estudiosos, para que Allan Kardec, ainda pela revelação dos Espíritos, novamente trouxesse à Terra, na mais comovente demonstração confirmativa do Consolador, consoante o prometera Jesus. Muitos pensadores medievais adotaram a conceituação das vidas sucessivas, entregando-se às pesquisas mediante as quais não poucas vezes pagaram o atrevimento com a própria vida, em se considerando a intolerância e ignorância então vigentes em torno dos problemas espirituais.**

**Incontáveis pessoas se hão surpreendido em face das lembranças das vidas passadas, em que mergulham inconscientemente, experimentando nas evocações os estados emocionais característicos das personagens que antes animaram. Da sistemática recordação, com os sucessivos mergulhos de distonias de várias ordens, perturbando-se, sem conseguirem estabelecer os limites entre os fatos de uma e de outra existência: a do passado, que retorna vigorosa, e a do presente, que se vai submetendo ao impositivo da outra.**

**Na vida infantil, porque o espírito ainda se encontra em processo de fixação total nas células, apropriando-se do campo somático, a pouco e pouco, surgem frequentemente nos diversos campos da Arte, da Filosofia, da Ciência e da Religião os que externam precocidade surpreendente, revelando conhecimentos superiores aos do tempo em que vivem ou recordando os ensinamentos aprendidos anteriormente.**

**A memória da aprendizagem e dos fatos não se perde nunca, pois que esta não é patrimônio das células cerebrais, que as traduzem, estando incorporada ao perispírito, que a fixa, acumulando as experiências das múltiplas existências, mediante as quais o Espírito evolute, nas diversas faixas que se lhe fazem necessárias.**

**Crianças houve que foram capazes de se expressar corretamente em diversos idiomas, desde os dois anos de idade, sem os terem aprendido. Incontáveis crianças também revelaram pendor musical, compondo e interpretando peças clássicas antes que pudessem segurar um violino, ou dispor de mobilidade para uma oitava no teclado de um piano. Escultores deslumbraram seus mestres em plena idade infantil.**

**Assim também, matemáticos, astrônomos, físicos modernos evocam da última reencarnação quanto aprenderam e agora retornam a ampliar, ainda mais, as suas aquisições para serem aplicadas a serviço da Humanidade. No passado, Jean Baratier, que desencarnou com a idade de dezenove anos, vítima de "cansaço cerebral", falava corretamente diversos idiomas. Aos nove anos escreveu um dicionário, com larga complexidade etimológica.**

**William Hamilton com apenas três anos estudou o hebraico. Mais tarde, aos doze anos, conhecia 12 idiomas que falava corretamente. Outros - como no caso de Jaques Criston, que conseguia discutir utilizando-se do latim, grego, árabe, hebraico, sobre as mais diversas questões, com tranquilidade - fizeram-se célebres. Henri de Hennecke, com dois anos, expressava-se em três línguas. Volumosa é a lituratura sobre o assunto, não somente na xenoglossia como em diversos ramos do Conhecimento.**

**As evocações das vidas passadas independem da idade em que podem ocorrer. Naturalmente que na primeira infância são mais repetidas as lembranças da reencarnação anterior, pela facilidade com que o espírito, não totalmente interpenetrado pelas células físicas, conserva a memória das ocorrências guardadas. No presente, as experiências de regressão da memória, pela hipnologia, vêm trazendo larga e valiosa contribuição ao estudo da reencarnação, pelas largas possibilidades de comprovação de que se podem dispor, ampliando grandemente o campo das observações e provas.**

**REENCARNAÇÃO DE JESUS: Foi Jesus, indubitavelmente, quem melhor afirmou a necessidade da reencarnação, a fim de que o homem possa atingir o Reino de Deus. Em seu diálogo com Nicodemos asseverou iniludivelmente que o retorno à organização física para reparar e aprender, nascendo "do corpo e do espírito repetindo as experiências que a necessidade impõe para a própria redenção. Não obstante Nicodemos interrogar: como tal seria possível, retornar ao ventre materno?, o Senhor assegurou-o, interrogando-o, a seu turno: como seria crível que ele, doutor em Jerusalém, ignorasse aquilo, que era conhecido pelos estudiosos e profetas?!**

**Interpretou-se por longos anos, erradamente, que o batismo produziria o renascimento do homem. O Senhor, porém, foi incisivo quanto ao retorno à vida física. Os modernos conhecimentos científicos atestam que as primeiras formas de vida, desde a concepção, se fazem em ambiente aquoso, seja a própria constituição do gameta feminino como o masculino, de cuja fusão (água) nasce o novo corpo, que, adquirindo personalidade diversa da que possuía antes (espírito), recomeça o cadinho purificador, expungindo males e sublimando experiências para "entrar no Reino dos Céus".**

**Posteriormente, respondendo às perguntas dos discípulos, ao descer do Tabor, após a Transfiguração, reiterou que o Elias esperado, "aquele que havia de vir, já viera", facultando aos discípulos que entenderam ser de "João Batista que Ele falara". Somente pela reencarnação e não através da ressurreição João Batista poderia ser Elias, o Profeta querido de Israel.**

**Considerando a severidade com que Elias tratara os adoradores do deus Baal, mandando-os passar a fio de espada, pela espada padeceu, ao impositivo das paixões de Herodíades e do terrível medo do reizete Heródes. Jesus não modificou nem o ensino dos profetas nem o estabelecido pela Lei Antiga. Antes adotou-os, acrescentando a sublime Lei do Amor, como sendo a única que poderia facultar ao homem a paz e a felicidade almejadas, propiciando-lhes desde a Terra o sonhado Reino dos Céus.**

**Através da reencarnação mais se afirmam os laços de família, generalizando-se o amor em caráter universalista, em detrimento do egoísmo decorrente dos laços do sangue e da carne. Os Espíritos recomeçam as jornadas interrompidas onde melhor encontram as condições para a melhoria íntima, volvendo aos mesmos sítios da consanguinidade, quando ali podem usufruir benefícios de reajustamento familial ou de maior progresso espiritual. Esquecendo-se temporariamente das razões matrizes do amor ou do ódio, como do impositivo do resgate nas aflições e dores de vários portes, o Espírito frui a bênção de ter diminuídos os móveis através dos quais fracassou ou se permitiu fascinar, reencetando as tarefas, por tendências, afinidades ou desagrados que motivaram aproximação ou repulsa das pessoas com as quais é convidado a viver.**

**Sejam quais forem, porém, os motivos da simpatia ou da antipatia, a cada um cabe superar as dificuldades e vencer as animosidades, a fim de lograr êxito no empreendimento reencarnacionista, sem o que todo tentame redundaria como improfícuo, senão pernicioso. O transitório esquecimento do passado facilita os recomeços, ensejando mais amplas possibilidades ao entendimento e à cordialidade. Lembrasse-se o Espírito dos motivos da antipatia ou do amor, vincular-se-ia apenas aos seres simpáticos, afastando-se daqueles por quem se sentiu prejudicado, complicando, indefinidamente, a libertação das causas infelizes do fracasso.**

**Assim, o filho revel retorna na condição de pai, a esposa ultrajada volve como mãe abnegada, o criminoso odiento reinicia ao lado da vítima antiga, o infrator da existência física, autocida, reencarna com as limitações que ocasionou, mediante o atentado perpetrado contra organização somática. A cerebração mal aplicada redunda em idiotia irreversível e a impiedade, o ultraje, o abuso de qualquer natureza constroem o suplício da miséria, física ou moral, como medida educadora de que necessita o defraudador.**

**Merece considerar, ainda, que em cada dia surgem oportunidades novas que facultam ao homem fazer e refazer, aprimorando-se sem cessar, olvidando o mal e adicionando o bem às próprias aquisições com que se prepara para a libertação íntima e intransferível. Por isso é a atual oportunidade, para cada um que se encontra no labor da carne, bênção de realce que não pode ser malbaratada sem consequências lamentáveis, de que só tardiamente compreenderá em toda sua complexidade.**

**Seja qual for a situação em que te encontres, agradece a Deus a atual conjuntura expiatória ou provacional, utilizando-te do tempo com sabedoria e discernimento, de modo a construíres o futuro, desde que o presente se te afigure afligente ou doloroso. O que hoje possuis vem de ontem, podendo edificar para o amanhã, através do uso que faças das faculdades ao teu alcance. Qualquer corpo, mesmo quando mutilado ou limitado, assinalado por enfermidades ultrizes e rigorosas, constitui concessão superior que a todos cabe zelar e cultivar, desdobrando recursos e entesourando aquisições, mediante os quais poderá planar logo mais nas Regiões Felizes, livre dos retornos dolorosos e recomeços difíceis.**

**16 - LAMPADÁRIO ESPÍRITA - JOANNA DE ÂNGELIS - pág. 45, 65**

**9. RENOVAÇÃO E REENCARNAÇÃO - pág. 45 - A poda renova a planta. O filtro depura a água. O fogo retempera os metais. A luta dignifica o homem. O sofrimento purifica o espírito. A reencarnação é abençoado e valioso ensejo para sublimação, na longa jornada da imortalidade. O atrito gasta arestas. O instrumento no uso gasta-se. A atividade gasta as energias. A reencarnação gasta as dívidas cármicas pela aplicação da atividade bem orientada que se deve imprimir ao labor da própria santificação.**

**O amor renova as expressões da coragem. A dor mensura a fragilidade humana. A esperança estimula nos embates renhidos. A alegria espalha bênçãos. A tristeza convida à meditação. A reencarnação é expressiva doação divina para o enobrecimento do espírito em evolução. A chuva abençoa com a abundância. O sol abençoa com a luz e o calor. A noite abençoa com a oportunidade do repouso. A reencarnação abençoa a vida com a renovação de propósitos, o mecanismo de "fazer" ou "deixar de fazer", na elaboração da felicidade intransferível e inalienável para todos nós.**

**"A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si. A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades".**

**Se os percalços se acumulam no teu caminho, levando-te à exastão na luta; se as aflições te povoam a mente, aniquilando tua paz; se os sofrimentos se dilatam, impossibilitando-te a atividade ordeira; se o cansaço invencível te prende nas amarras do desânimo; se as inquietações te ameaçam a estrutura do equilíbrio quase em colapso; se as dores morais se sucedem incessantes sem te oferecerem trégua para a recuperação da paz, agradece, assim mesmo, o favor imerecido da reencarnação que fruis, coroando-te com as fortunas do céu para os resgates da terra, e renova-te, embora sejam duros os golpes da peleja.**

**Em momento algum te deixes mergulhar nos torpes estados da blasfêmia ou da irritabilidade, da impaciência ou da ira, do desespero ou da malversação do tempo e das possibilidades do corpo e da mente. Em situação nenhuma te permitas a rebeldia ou o descoroçoamento na árdua viagem carnal. Ora e ora, medita e medita.**

**Sucedendo à saúde, a enfermidade aflige, mas após ela a libertação faculta a plenitude do refazimento e da renovação de paisagens, e bendirás todas as dificuldades que te assinalaram a reencarnação benfeitora quando, tudo concluído, chegares, de volta, à vida verdadeira.**

**14.NECESSIDADE DA REENCARNAÇÃO - pág. 65. "As luas têm sido cruéis. Dificuldades me assinalam os passos em todo lugar. Sofro em demasia." - Clamam, com irreflexão, aqueles que jornadeiam, desatentos, a trilha evolutiva. "Acompanho a marcha do progresso e constato que o êxito a coroar tantas cabeças não me alcança. Creio que em breve desistirei da luta". - Rebelam-se os companheiros do labor diário, em pleno campo redentor.**

**"Fracassos me seguem nos melhores empreendimentos, conduzindo-me a desespero infrene. A dor é comensal dos meus dias. Que fazer?" - Refletem, de mente desalinhada, os que se distanciam da fé racional e se consomem em interrogações aflitivas. No entanto, todos esses que seguem, sob aparente amargura, aprendem na enxerga da aflição a valorizar os tesouros divinos que malbarataram por leviandade ou loucura. Recomeçam pelos sítios em que desertaram da vida, fixando experiências que a rebeldia, mal contida, ainda hoje transforma em novos cardos a se lhe cravarem nos tecidos sutis da alma.**

**Tem paciência diante da aflição punitiva ou libertadora. Não recolhas à análise deprimente dos fatos ou das oportunidades. Enquanto contabilizas desditas, olvidas a claridade estelar espargindo luminosidade, seja durante o dia, seja na escuridade da noite. Tudo são lições. O desgosto de agora transformar-se-á em proveitosa experiência de amanhã. Caminho percorrido - local identificado. Afervora-te ao exame do trabalho sem a desarmonia ansiosa dos resultados que temes. O que hoje parece insucesso logo mais se converterá em dadivoso bem.**

**A reencarnação significa precioso ensejo de sublimar e superar, registrando como bênçãos nos refolhos da alma as experiências de libertação do imediatismo e da extravagância. É expressivo o retorno à carne para refazimento das experiências deixadas à margem; tantas se fazem necessárias quantas as oportunidades de evoluir, até chegar à perfeição.**

**Nunca se nos deparam os mesmos recursos no roteiro da vida, nas mesmas condições. Não pisarás duas vezes as águas do mesmo rio. Embora retornes ao local da véspera, as águas que fluem não são as mesmas. A oportunidade, conquanto se nos apresente assinalada pelo nosso desagrado, representa preciosa dádiva. Transforma, portanto, a dor em cântico de júbilo. Cada etapa vencida é vitória conquistada a marcar os teus triunfos sobre as próprias lutas, incessantemente até conquistares a paz em plenitude.**

**Não fôssem os dissabores, e os estímulos para as tarefas desapareceriam. A reencarnação ficaria destituída de valor se não BURILASSE os espíritos quando do retorno iluminativo. O pavio que não arde, conserva-se; todavia, não espalha luz. a lâmina que não se consome, no uso, não vai além de ornamento a pesar na economia das utilidades.**

**Nasce e renasce o espírito em diversos círculos para conquistar e reconquistar afetos, alargando os horizontes da fraternidade entre todas as criaturas, de modo a que o Reino de Deus não se transforme em oásis fechado de felicidade grupal, distante da Humanidade inteira. Com propriedade, portanto, anotou o Codificador do Espiritismo que "a reencarnação, aliás, precisa ter um fim útil".**

**Ascendamos através das lutas diárias nesse "estado transitório" da encarnação, calcando óbices e superando dificuldades, de tal modo que esta oportunidade significativa para os que se encontram revestidos da organização carnal constitua a ponte que leva ao planalto da vida melhor, sem sombra, sem dor, sem desespero, fazendo-os vencedores das paixões e da morte, verdadeiramente espíritos felizes.**

**17 - MANUAL E DICIONÁRIO BÁSICO DE ESPIRITISMO - ARIOVALDO CAVERSAN - pág. 94**

**Volta do Espírito à vida corpórea, num outro corpo físico, que nada tem a ver com o anterior. Essa volta se dá em função de trabalho e aprendizagem, tendo em vista o seu próprio desenvolvimento moral e intelectual e para o progresso do mundo material. O desenvolvimento espiritual depende exclusivamente do bom emprego do livre arbítrio e de saber cumprir e suportar os encargos que o espírito assumiu, as expiações de faltas passadas e as atribulações e dificuldades da vida presente.**

**A reencarnação pode dar-se imediatamente, ou após longa permanência do espírito no plano espiritual. Os laços de afinidade e de afeição dos espíritos, ficam preservados com a reencarnação. As separações físicas são apenas momentos na vida do espírito. Na vida corporal, geralmente, reunem-se numa mesma família espíritos amigos, que trabalham juntos para seu adiantamento. Na vida espiritual, os espíritos se reunem em grupos ou em famílias, pelas afeições, simpatias e inclinações.**

**Assim, constantes mudanças de um plano para outro fazem com que espíritos amigos se separem apenas temporariamente uns dos outros. A reencarnação é um meio indispensável para a purificação do espírito, pelas oportunidades de trabalho e estudo, pelas provas e expiações na vida corporal e pelas missões de melhoramento progressivo da Humanidade.**

**A cada nova existência corporal, adianta-se o espírito na senda do progresso pessoal. A possibilidade da reencarnação é uma expressão da bondade e da justiça de Deus para com os espíritos inferiores, que foram criados simples e ignorantes, porém com o destino de evolução e instrução. Através da reencarnação, podem os espíritos dar prosseguimento ou concluir o que não conseguiram realizar na encarnação anterior e/ou resgatar erros através de novas provações.**

**Para os espíritos em evolução, a reencarnação é uma fonte de certeza e esperança de um futuro venturoso, pois sua sorte não fica eternamente decidida em apenas uma existência material. Pela reencarnação, a justiça divina fica patente e as desigualdades dos indivíduos explicadas.**

**ENCARNAÇÃO: Concessão de Deus aos Espíritos, como meio de fazê-los chegar à perfeição, na medida em que se forem instruindo nas lutas e tribulações da vida corporal e trabalhando em prol do progresso material. O espírito assume um novo corpo carnal em expiação, evolução ou missão. É o perispírito que torna possível a encarnação, por ser semimaterial. O perispírito permite ao espírito unir-se ao corpo físico.**

**23 - O grande Enigma - Léon Denis - pág. 190**

**A Vida. - As Idades da Vida. - A Morte**

**A lei circular preside a todos os movimentos do mundo; rege as evoluções da Natureza, as da história da Humanidade. Cada ser gravita em um círculo, cada vida descreve um circuito, toda a história huumana se divide em ciclos. Os dias, as horas, o ano e os séculos rolam na órbita do Espaço e do Tempo, e renascem, porque seu fim, se há um fim, é precisamente o de voltar ao princípio. Os ventos, as nuvens, as águas, as flores e a luz seguem o mesmo destino. Os ventos voltam de novo, pelas mesmas órbitas, para as cavernas misteriosas donde procedem.**

**O vapor sobe para as alturas; forma nuvens, verdadeiros oceanos suspensos sobre nossas frontes. As nuvens que plainam no espaço, mares imensos e móveis, fundem-se em chuvas, e tornam a ser os rios e os regatos que já foram. Assim, o Ródano, o Rena, o Danúbio e o Volga já têm rolado acima de nossas cabeças antes de correr a nossos pés. É esta a lei, a lei da Natureza e da Humanidade. Todo ser já existiu; renasce e sobe, evolve assim em uma espiral, cujas órbitas vão aumentando cada vez mais, e é por isso que a História vai tomando um caráter universal: é o corso e ricorso de que fala o filósofo italiano, Gianbattista Vico.**

**Uma vez colocados esses princípios, consagremos esta meditação a estudar as idades da vida humana: a mocidade, a idade madura, a velhice, à luz dessa grande lei, sendo a morte sua coroação e apoteose. Desses estudos surgirá o grande princípio espiritualista da reencarnação, o único que explica o mistério do ser e do seu destino. É preciso renascer - é esta a lei comum do destino humano, que também evolve em um círculo de que Deus é o centro. "Ninguém - dizia Jesus a Nicodemos -, ninguém verá o reino de Deus - isto é, não compreenderá a lei de seu destino - se não renascer da água e do espírito."**

**A reencarnação está claramente expressa nessas palavras, e Jesus repreende a Nicodemos "ser mestre em Israel e desconhecer essas coisas". Quantos, entre nossos mestres contemporâneos, são passíveis da mesma censura! Há muitos que se contentam com a noção superficial da vida, e nunca se sentem tentados a olhar para o fundo! É tão fácil negar as coisas para fugir ao dever e ao trabalho de estudar e compreender!**

**O positivista jamais encara o problema da origem, nem o dos fins; contenta-se com o momento presente e o explora da melhor maneira. Muitos homens, mesmo inteligentes, agem igual, àquele. Por seu lado, o católico limita-se a crer no que manda a Igreja, que faz da vida um mistério do começo ao fim, pondo-lhe alguns milagres no meio; e quando estas duas palavras são pronunciadas: milagre, mistério! todos se inclinam, todos se calam, todos crêem. Por outra parte, os universitários só acreditaram, durante muito tempo, nos dados da experimentação. Para eles, tudo que não figurasse em seus programas era destituído de valor. Nunca os ídolos de Bacon tiveram tantos adoradores. A ciência oficial, também, há meio século vem apenas contribuindo com diminuto progresso para o pensamento moderno.**

**Entretanto, o médico dos nossos dias, tão ligado, até então, aos sistemas materialistas da Escola, começa a sacudir o jugo; e é das fileiras da Medicina atual que saem os doutores mais autorizados e mais competentes do Espiritualismo.**

**A próxima geração será mais feliz e ainda melhor dotada. Cresce uma mocidade, que não surge de nenhum pedagógico e só se instrui na grande escola da Natureza e da consciência íntima. Esta será verdadeiramente a mocidade livre, isto é, independente de qualquer educação factícia, de qualquer método empírico e convencional. Ela ouve as verdadeiras vozes; a voz interior, a voz subliminal do ser, a voz que explica o homem ao homem e resolve o teorema do destino com a clareza que lhe é possível.**

**É para essa sociedade de amanhã que escrevo estas páginas; dedico-as aos iniciados e aos avisados, àqueles que, segundo a palavra do Mestre, têm olhos de ver e ouvidos de ouvir. Voltemos, pois, à lei circulatória da vida e do destino, isto é, à doutrina da reencarnação. Resumiremos ligeiramente a exposição científica, porque nosso fim não é fazer trabalho dogmático, senão apenas nos entregarmos às efusões platônicas sobre a vida, suas fases, sobre o destino e sobre a morte, que a remata aparentemente, para lhe permitir retome o seu novo curso.**

**O nascimento. - A união da Alma e do corpo começa com a concepção e só fica completa na ocasião do nascimento. É o invólucro fluídico que liga o Espírito ao gérmen; essa união se vai apertando cada vez mais, até tornar-se completa, e isto se dá quando a criança vê a luz do dia terrestre. No intervalo da concepção ao nascimento, as faculdades da Alma vão, pouco a pouco, sendo aniquiladas pelo poder sempre crescente da força vital recebida dos geradores, que diminui o movimento vibratório do perispírito, até o momento em que o Espírito na criança fica inteiramente inconsciente. Esta diminuição vibratória do movimento fluídico produz a perda da lembrança das vidas anteriores, de que breve trataremos.**

**O Espírito na criança dormita em seu invólucro material, e, à medida que se aproxima o nascimento, suas idéias se apagam, e, assim, o conhecimento do passado, de que não tem mais consciência quando abre os olhos à luz do dia. Essa consciência só voltará quando, pela desmaterialização final ou pelas influências profundas da exteriorização, na hipnose, a Alma retomar seu movimento vibratório e encontrar seu passado e o mundo adormecido de suas recordações. Eis a verdadeira gênese da vida humana.**

**As aquisições do passado são latentes em cada Alma: as faculdades não se destroem; têm raízes no inconsciente e sua aparência depende do progresso anteriormente capitalizado, dos conhecimentos, das impressões, das imagens, do saber e da experiência. É o que constitui o "caráter" de cada indivíduo vivo e lhe dá as aptidões originais e proporcionais a seu grau de evolução.**

**A criança adquire de seus pais apenas a força vital, à qual é preciso ajuntar certos elementos hereditários. Por ocasião da encarnação, o perispírito se une, molécula por molécula, à matéria do gérmen. Nesse gérmen, que deve mais tarde constituir o indivíduo, reside uma força inicial, que resulta da soma dos elementos de vida do pai e da mãe, no momento da geração. Esse gérmen contém uma energia potencial maior, ou menor, que, transformando-se em energia ativa, durante o período total da vida, determina o grau de longevidade do ser.**

**É, pois, sob a influência dessa força vital, emanada dos geradores, que, por sua vez, a recebem dos antepassados, que o perispírito desenvolve suas propriedades funcionais. Assim, o duplo fluídico reproduz, sob a forma de movimentos, o traço indelével de todos os estados da Alma, desde seu primeiro nascimento; por outra parte, o gérmen material recebe a impressão de todos os estados sucessivos do perispírito: há aí um paralelismo vital absolutamente lógico e harmonioso. Torna-se assim o perispírito o regulador e o apoio da energia vital modificada pela hereditariedade. É por aí que se forma o tipo individual de cada um. Ele é o "mediador plástico" do filósofo escocês Wordsworth, a tessitura fluídica permanente, através da qual passa a torrente da matéria fluente que destrói e reconstrói incessantemente o organismo vivo. É a armadura invisível que sustém interiormente a estátua humana.**

**O perispírito é o princípio de identidade física e moral que mantém, indefectível, no meio das vicissitudes do ser móvel e mutável, o princípio do "eu" consciente. A memória que nos dá a certeza íntima de nossa identidade pessoal é a irradiação reflexa desse perispírito. Tal é a origem de nossa vida. Em realidade, somos unicamente filhos de nós próprios. Os fatos aí estão para confirmar tal asserção. Os filósofos do século XVIII, com seu sistema da alma, comparada a uma tábua rasa, sobre a qual nada ainda existe escrito, estão, pois, enganados. Os doutores do generacionismo estariam mais perto da verdade; exageraram, entretanto, o alcance de sua doutrina, e assim suas conclusões.**

**Cada encarnação perispiritual introduz, sem dúvida, modalidades novas na alma da criança, que reedita sua vida; mas, encontra o terreno já cultivado para isso. Platão tinha razão quando dizia: - "Aprender é recordar-se." Assim se explicam os fenômenos de cultura e a fisiologia dos grandes gênios de que fala a História: a ciência dominante de Pico de la Mirandola; a intuição de Pascal, reconstituindo, aos treze anos de idade, os teoremas de Euclides; Mozart, compondo, com a idade de doze anos, uma de suas obras mais célebres.**

**Pode suceder, entretanto, que as leis de hereditariedade embaracem a manifestação do gênio, porque o Espírito molda o seu corpo, mas só se pode servir dos elementos postos à sua disposição por essa hereditariedade. O que acabamos de dizer basta, por enquanto, para justificar cientificamente a doutrina luminosa das vidas sucessivas. Responderemos, em poucas palavras, à objeção dos que não cessam de redizer que, se nossas vidas fossem múltiplas, delas conservaríamos, pelo menos, uma vaga lembrança.**  
**Já vimos como e - por que - se perde, na ocasião do nascimento, a memória do passado. Esse eclipse parcial e momentâneo das existências anteriores é absolutamente necessário para conservarmos intacta, aqui, em nosso mundo, a liberdade. Se delas nos recordássemos com muita facilidade, haveria confusão na ordem lógica e fatal do destino; e o Mestre disse em seu Evangelho: "Infeliz daquele que, tendo posto a mão na charrua, olhar para trás." Traçar um sulco firme e seguro, exige olhar para diante e fixar unicamente o futuro.**

**A obliteração do passado, entretanto, não é, nem absoluta, nem definitiva. O perispírito, que registrou todos os conhecimentos, todas as sensações, todos os atos, acorda; sob a influência do hipnotismo, as vozes profundas do passado se fazem ouvir. Assemelhamo-nos às árvores milenárias das florestas. Seus lustros e decênios estão inscritos nos círculos concêntricos da casca secular; assim, cada idade de nossas existências sucessivas deixa uma zona inalterável sobre o perispírito, que retraça fielmente os matizes mais imperceptíveis do passado e os atos mais aparentemente apagados da vida mental e de nossa consciência.**

**Mas é notadamente à hora da morte que o perispírito, prestes a desprender-se, sente despertar na memória as visões adormecidas das existências transatas. Atesta-o a experiência de cada dia. Por um médico amigo, ouvimos dizer que, em sua mocidade, estando a ponto de afogar-se, no momento em que começava a asfixia todos os quadros de sua vida se desenrolaram no pensamento em sucessão retrógrada, com pormenores, e acompanhados de sensação de bem ou de mal, em cada um dos atos de sua vida inteira. Era o julgamento espiritual que começava. Esse julgamento, sabe-se, não é mais que o balanço instantâneo da consciência, que faz pronunciemos, nós mesmos, o veredicto que nos fixa a sorte no novo mundo onde vamos ingressar.**

**Agora que conhecemos a lei da existência e a doutrina científica da encarnação, ser-nos-á mais fácil compreender as vicissitudes da viagem terrestre, as idades pelas quais passamos e o papel que cada degrau da vida humana vem ter na economia harmoniosa do seu conjunto. Aparecer-nos-ão, assim, a adolescência, a idade madura e a velhice sob o verdadeiro aspecto; debaixo dessa luz elevada do Espiritualismo, saberemos melhor apreciar e compreender. Morrer para reviver, reviver para morrer e para viver ainda, tal é a lei única e universal. O nascimento e a morte são os pórticos luminosos ou obscuros, sob os quais é preciso passemos, para entrar no templo do destino.**

**Fato estranho! essa ciência profunda da origem das coisas, essa gênese do ser, essa lei do destino, a antigüidade as conhecia e as compreendia infinitamente melhor que nós outros. O que mal começamos a restabelecer e provar cientificamente, já o sabiam, por intuição e iniciação, a Grécia, o Egito, o Oriente. Formava o fundo dos mistérios Ísicos e de Elêusis, espécie de representação dramática da reencarnação das Almas, da sua entrada no Hades, depuração e transmigração sucessivas.**

**Essas festas duravam três dias e traduziam, em uma trilogia comovente, todo o mistério deste mundo e do Além. No fim das iniciações solenes, os sábios eram sagrados por toda a vida, e os povos, a quem só se deixava ver a parte simbólica e hieroglífica de tais verdades esotéricas, pressentiam-nas, sob o revestiimento do símbolo, e guardavam assim o verdadeiro sentido da vida. Hoje, esse sentido, nós o perdemos. O Cristianismo primitivo, o de Jesus e o dos Apóstolos, possuía-o ainda. A partir do dia em que o espírito grego, em sua sutileza, criou a Teologia, o senso esotérico desapareceu e a virtude secreta dos ritos hieráticos evaporou-se, qual se fosse a virtude de um sal insípido. A escolástica sufocou a primeira revelação sob suas montanhas de silogismos e argumentos especiosos e sofísticos.**

**A mitologia pagã possuía, no mais elevado grau, a inteligência das origens e a noção da gênese vital. Sob a forma de mitos poéticos, transpirava a verdade inicial, tal qual sob a casca da árvore se revela a seiva da vida. É à luz do Espiritualismo que desejo estudar as diversas fases da vida humana, ligando-as e comparando-as às estações alternadas que se sucedem no tempo.**

**Igual a Maurice de Guérin, o iluminado e iniciado que morreu jovem, tal como ocorre a todos "os amados dos deuses", queríamos poder também "penetrar os elementos interiores das coisas, remontar o raio das estrelas e a corrente dos ríos e da vida, até ao imo dos mistérios de sua geração; ser admitido, enfim, pela grande Natureza, no mais retirado de suas divinas moradas, isto é, ao ponto de partida da vida universal. Lá nos supreenderia, certamente, a causa primeira do movimento, e ouviríamos o primeiro cântico dos seres, em sua matinal frescura".**

**Esses dons intuitivos são, em certos homens, uma das formas mais elevadas da mediunidade. A mediunidade, pode-se dizer, é - una - em seu princípio e multiforme em suas manifestações: é a verdadeira iniciação íntima, o misterioso idioma com que o mundo superior se comunica com a Alma, com o pensamento daqueles que escolheu para correspondentes na Terra . Meditemos, pois, a essa luz e nessas disposições, sobre o mistério da vida humana e as harmoonias secretas que presidem às suas fases sucessivas e às diferentes idades, verdadeiras estações da Alma, que dão, cada uma por sua vez, suas flores e seus frutos.**

**Os poetas têm cantado a mocidade com a opulência de seus dons, o brilho de suas cores, os surtos de sua força, o encanto de sua graça e de sua beleza... "A mocidade é semelhante às florestas" diz ainda Maurice de Guérin, em seu imortal Centauro -, às florestas verdejantes, atormentadas pelos ventos; ela mostra, por todos os lados, as ricas dádivas da vida; profundo murmúrio penetra sempre em sua folhagem." A imagem é bela e bela principalmente pela sua justeza e verdade.**

**O que caracteriza a mocidade é a opulência, a plenitude da vida, a superabundância das coisas, o impulso para o futuro. A dedicação, a necessidade de amar, de nos comunicarmos, caracteriza esse período da vida em que a Alma, novamente ligada a um corpo cujos elementos são novos e fortes, se sente capaz de empreender vasta carreira e se promete a si mesma grandes esperanças. A mocidade tem capital importância, porque é a primeira orientação para o destino; nela o esquecimento do passado é completo; este não existe mais, e todas as suas potências estão voltadas para o futuro. Eis por que os moralistas e os educadores concentraram sua experiência e seus esforços nesse prefácio da vida humana, do qual dependerá todo o livro. "A esperança da seara está na semente", dizia Leibniz; a promessa dos frutos está igualmente contida no sorriso das flores.**

**O Cristianismo monacal e medieval falseou completamente a noção da vida e da educação. Preconizando a fealdade física e o desprezo do corpo, não compreendeu que a Alma talha seu corpo, tal qual Deus forma a Alma, e que o corpo deve trazer a assinatura de ambos, firma que deve ser a assinatura da Beleza. Enquanto o nosso século ou o que se seguir não tiver corrigido esse erro, nada terão feito para o verdadeiro progresso do mundo. Embelezai os corpos, se quiserdes semear as Almas e aplainar o caminho do destino. Não esqueçais, ó futuros educadores de povos, que a fealdade é um elemento mórbido.**

**Torna-se, pois, necessário, refazer completamente a educação da mocidade, se desejarmos acelerar as vitórias e o progresso do século por vir. É preciso que tudo em torno dessa juventude: homens e coisas, artes, ciências, literatura, tudo lhe fale de grandiosidade, nobreza, força, glória e beleza. Quando a mocidade antiga ia concorrer anualmente às festas gloriosas da Olimpíada, desde que punha o pé na cidade célebre, era empolgada pela magia fascinadora da Beleza. Os edifícios, com sua impecável simetria; o Forum, com suas soberbas estátuas, representando ora a formosura de Hércules, ora a de Apolo; o concurso religioso do povo; a majestade dos templos; a harmoniosa organização da festa; as coroas de mirto e louro, que faziam já recender o orgulho da viitória; tudo falava aos efebos vindos das extremidades da Ática para lutar no stadium: "Ó jovens" sede felizes, sede grandes, sede belos, sede fortes!" Um pouco mais além, no santuário de Olímpia, Zeus de Fídias, radiante de imortal beleza, consagrava, com seu gesto divino, essa lição solene e harmoniosa das coisas.**

**É preciso ressuscitar essa disciplina da antigüidade sagrada, se quisermos refazer a juventude e a força da Humanidade. Tudo repousa hoje na ciência oficial - para método, na democracia - para princípio social. Eis precisamente que ambas estão ameaçadas. A ciência materialista esvai-se na dissecação e na análise; decompõe em lugar de criar, disseca em lugar de agir. Por outra parte, a democracia, em suas obras vivas, traz já os germens da decadência. Preconiza a mediocridade em todos os gêneros; proscreve o gênio e desconfia da força; o século XX começou com esse balanço intelectual e moral, impotente e doloroso. O erro foi de tomar a ciência por ideal e a democracia por fim, enquanto que ambas são meios, apenas.**

**A mocidade de amanhã deverá reagir vigorosamente contra essas duas idolatrias; - a de hoje já começa a fazê-lo. Há, entre os nossos jovens, alguns Espíritos de elite, iniciados, esclarecidos da primeira hora, que desbravam o caminho e preparam o êxodo e a marcha do Espírito para o futuro. São os espiritualistas de bom quilate, os que sabem que lá, onde sopra o Espírito, é que está a verdadeira bondade. Será a divisa da legião nova, isto é, da mocidade livre, liberta das peias de falsas disciplinas, da mocidade que se interroga e se ausculta a si própria, que ouve as vozes íntimas e procura compreender seu destino, estudando o mistério e a lei da evolução.**

**Será o "reino do Espírito" a que as Almas amantes da Altura aspiram. Certamente, o fim ainda está longe de ser atingido; é preciso pulverizar muitos ídolos, cujo pedestal é rebelde ao martelo do demolidar; entretanto, tudo nos orienta para esse termo, entrevisto pelos pensadores, para além dos horizontes de nossa idade: uma força para aí nos conduz, assim qual impele um bate e o vento do mar largo; e esperamos, antes de morrer, poder saudar de longe a terra prometida, que o sol futuro iluminará com sua glória matinal e suas fecundas claridades.**

**A Idade madura é, em realidade, a idade de ouro da vida, porque é a época da colheita, o messidor, em que a maturação se opera no coração, no espírito, em todo o ser. As exuberâncias da mocidade são aclaradas, à semelhança das aléias, das abertas que o lenhador traçou na opulência da floresta. As ilusões e os sonhos brilhantes se desvanecem, sob a bruma dourada que outrora recobria as coisas; vêem-se aparecer as linhas graves, as formas austeras da realidade.**  
**Os que nos rodeiam não têm mais na fronte a auréola poética que nossa imaginação criadora lhes havia colocado; o próprio amor nos revelou alguns de seus desfalecimentos, talvez mesmo traições; enfim, demonstrou-nos que a própria virtude não é, por vezes, mais que uma palavra. Nesse período da vida, uma grande desgraça ameaça a maior parte dos homens: o cepticismo. Infeliz daquele que se deixa invadir por essa larva malsã, que neutraliza todas as forças da maturidade! É, então, bem ao contrário, que o homem deve redobrar de ânimo, revelar em si o santo entusiasmo da mocidade. Felizes daqueles cujo coração guardou a fé dos primeiros dias!**

**Sem dúvida, a idade madura é menos prática, menos primaveril que a adolescência; as flores decaíram do seu colorido e perfume; mas os frutos, igualando-se aos dos ramos de uma árvore, começam a aparecer na extremidade da Alma. Na mocidade, sente-se o homem engrandecer; sente-se amadurecer no meio da vida, e é esta uma das mais nobres e mais produtivas paragens da evolução humana. A idade madura é, por excelência, o período da plenitude; é o rio que corre com toda a força e espalha pelas campinas a riqueza e a fecundidade.**

**Nas Almas evoluídas, ricas do capital acumulado nas vidas anteriores, as grandes obras são escritas ou esboçadas na mocidade; o gênio é adolescente, podemo-nos exprimir assim. A maior parte dos grandes homens da História sentiram desde sua primeira mocidade subir ao horizonte do pensamento a estrela que um dia lhes iluminaria a glória e a imortalidade.**

**Cristóvão Colombo era ainda criança, e já o visitavam as visões do Novo Mundo; Rafael era imortal antes de ter atingido a segunda mocidade. Milton contava 12 anos de idade, quando germinou em seu pensamento a primeira idéia do Paraíso Perdído. Mas, para a maioria dos homens - porque o gênio é a exceção - o talento, só, é a regra ordinária. É na maturidade da vida, no meio da floresta, como se exprimia o Dante, que se realizam, tanto os grandes pensamentos, quanto as grandes obras. A arte da vida consiste em preparar a idade madura, qual o trabalhador prepara, apressadamente, a colheita.**

**Dever-se-ia fazer durar muito tempo, bastante tempo, esse período medieval de nossa existência, em que a vida perispiritual esplende em sua pujança, possui todo o poder radiante e vibratório; e, por isso, se torna necessário conservar ,o mais tempo possível um alimento essencial de ação e de trabalho: sangue puro, sistema nervoso disciplinado, corpo vigoroso e são: essa 'mens sana ín corpore sano', de que fala o sábio, e que é o equilíbrio perfeito da vida física, intelectual e moral. Compreende-se, então, quanto a harmonia e a ordem do ser humano são coisas difíceis de organizar e conquistar.**

**Quantas mocidades brilhantes e cheias de promessa caem em abril, a exemplo do que ocorre com as flores! O grande inimigo da idade madura, e assim o da vida inteira, é o egoísmo. O homem se diminui e mata pela necessidade de gozar. As paixões carnais e cerebrais calcinam o homem pelas duas extremidades, se assim se pode dizer: esvaziam o cérebro e o coração. O sangue não rejuvenesce com presteza necessária a retardar a velhice; e é assim que, antes do prazo real, a morte chega. É preciso dar para reaver, e o sacrifício se torna elemento conservador, pois, diz o Mestre: "aquele que tem muito cuidado em guardar a vida, por essa mesma razão a compromete e perde". "Não há ninguém que viva tanto na Terra, quanto aquele que está sempre prestes a morrer." "Eles te chamam, tu foges - diz o poeta à morte -; eu quero viver, tu vens."**

**A idade madura é o verão de nossa existência terrena; a exemplo da estação estival, é feita de ardores, cheia de luz; o nascer do sol é logo manhã; o poente é radioso, e as noites alumiadas suntuosamente pelas estrelas. Sente-se aí a criatura feliz com o viver; tem a consciência de sua força, e dela sabe servir-se. É quando atinge física e moralmente o ponto culminante da Beleza. Porque há uma beleza na idade madura, e esta é a verdadeira. Um de nossos erros está em crer que a beleza da mocidade é a única senhora da vida; falta-lhe, entretanto, o elemento principal; a força, resultante do equil íbrio geeral e harmonioso do ser.**

**A idade mediana é a idade da vitória; a adolesscência revela a rosa e o mirto; à maturidade da vida se reservam os lauréis. O trabalho, a inspiração e o amor reúnem-se para lhe tecer as coroas: é a hora solene em que os troféus vêm colocar-se a seus pés. Todas as divindades favoráveis lhe sorriem, todos a favorecem. A Fortuna viril e o gênio tutelar da Pátria convidam-na a sacrificar em seus altares.**

**A velhice é o outono da vida; no último declíínio, a vida está no inverno. Somente com o pronunnciar esta palavra - velhice -, sente-se já o frio que sobe ao coração; a velhice, segundo o modo de ver comum dos homens, é a decrepitude, a ruína; ela recapitula todas as tristezas, todos os males, todas as dores da vida; é o prelúdio melancólico e aflitivo do último adeus. Há aí um grave erro. Em regra geeral, nenhuma fase da vida humana é inteiramente deserdada dos dons da Nat.ureza, e muito menos das bênçãos de Deus. Por que o derradeiro quartel da "existência, o que precede imediatamente a coroação do destino, será mais triste que os outros? Seria uma contradição - e esta não pode existir na obra divina - onde tudo é harmonia comparável à da composição viva de um concerto impecável.**

**Ao contrário, a velhice é bela, é grande, é santa. Vamos estudá-la um instante, à luz pura e serena do Espiritualismo. Cícero escreveu um eloqüente tratado sobre a velhice. Sem dúvida, tornamos a encontrar nessas célebres páginas alguma coisa do gênio harmonioso desse grande homem; é, no entanto, uma obra puramente filosófica, e que só contém vistas frias, uma resignação estéril e abstrações puras. Precisamos colocar-nos em outro ponto de vista, para compreender e admirar a peroração augusta da existência terrestre.**

**A velhice recapitula todo o livro da vida; resume os dons das outras épocas da existência, sem as ilusões, nem as paixões, nem os erros. O ancião viu o nada de tudo quanto deixa; entreviu a certeza de tudo o que há de vir; é um vidente. Sabe, crê, vê, espera. Em torno da fronte, coroada de cabeleira branca qual a faixa hierática dos antigos pontífices, paira majestade sacerdotal. À falta de reis, entre certos povos, eram os velhos que governavam.**

**A velhice é ainda, e apesar de tudo, uma das belezas da vida, e certamente uma de suas mais altas harmonias. Diz-se muitas vezes: que belo velho! Se a velhice não tivesse estética especial, por que tal exclamação? Entretanto, é preciso não esquecer de que, em nossa época, "há - já o dizia Chateaubriand - muiitos velhos, o que não é a mesma coisa, e - poucos anciães!" O ancião, com efeito, é bom, indulgente, estima e encoraja a mocidade; seu coração não envelheceu. Os velhos, porém, são ciumentos, malévolos e severos; e, se nossas gerações novas perdem o culto de outrora pelos antepassados, não é, precisamente, porque os velhos deixaram de ter a alta serenidade, a benevolência amável que fazia, primitivamente, a poesia dos antigos lares?**

**A velhice é santa, pura quanto a primeira infância; por isso, aproxima-se de Deus e vê mais claro e mais longe nas profundezas do Infinito. Ela é, em realidade, um começo de desmaterialização. A insônia, característico ordinário dessa idade, disso oferece a prova material. A velhice assemelha-se à vigília prolongada, à vigília da eternidade, e o velho é uma espécie de sentinela avançada, na extrema fronteira da vida; já tem um pé na terra prometida e vê a outra margem, a segunda vertente do destino. Daí, essas ausências estranhas, essas distrações prolongadas, que costumamos tomar por enfraquecimento mental e que são, em realidade, explorações momentâneas no Além, isto é, fenômenos de expatriação passageira. Eis o que nem sempre se compreende. A velhice, tem-se dito muitas vezes, é a tarde da vida, é a noite. A tarde da vida, em verdade; mas, há tardes belas e poentes com reflexos de apoteose. . É a noite; mas, a noite é tão bela, com o seu ornato de constelações!**

**Igual à noite, a velhice tem suas vias-lácteas, suas estradas brancas e luminosas, reflexo esplêndido de longa vida, cheia de virtude, de bondade, de honra! A velhice é visitada pelos Espíritos do Invisível, tem iluminações instintivas; um dom maravilhoso de adivinhação e profecia; é a mediunidade permanente, e seus oráculos são o eco da voz de Deus. Eis por que são duplamente santas as bênçãos do ancião. Devem-se guardar no coração os últimos transportes do ancião que morre, qual o eco longínquo de uma voz amada de Deus e respeitada pelos homens.**

**A velhice, quando é digna e pura, assemelha-se ao nono livro da Sibila que, por si só, vale o preço de todos os outros, porque os recapitula e, resumindo todo o destino humano, anula os outros livros. Prossigamos nossa meditação sobre a velhice, e estudemos o trabalho interior que nela se estabelece. "De todas as histórias - diz-se - a mais bela é a das Almas." Isso é verdade. É belo penetrar nesse mundo interior, e surpreender as leis do pensamento, os movimentos secretos do amor. A Alma do ancião é uma cripta misteriosa, esclarecida pela alba inicial do sol do outro mundo.**

**De igual forma que as antigas iniciações se davam nas salas profundas das pirâmides, longe do olhar e do ruído dos mortais, abstratos e inconscientes, paralelamente, na cripta subterrânea da velhice dão-se as iniciações sagradas, que preludiam as revelações da morte. As transformações, ou melhor, as transfigurações operadas nas faculdades da Alma, pela velhice, são admiráveis. Esse trabalho interior resume-se em uma única palavra: a simplicidade. A velhice é eminentemente simplificadora de tudo. Simplifica, a princípio, o lado material da vida; suprime todas as necessidades irreais, as mil necessiidades artificiosas que a mocidade e a idade madura nos tenham criado e que faziam, de nossa existência complicada, verdadeira escravidão, servidão, tirania. Já o dissemos acima: - é um começo de espiritualização.**

**Dá-se o mesmo trabalho de simplificação na inteligência. As coisas adquiridas tornam-se mais transparentes; no fundo de cada palavra, encontra-se a idéia, entrevê-se Deus. O ancião tem uma faculdade preciosa: a de esquecer. Tudo que lhe foi fútil, supérfluo na vida, apaga-se; só conserva na memória, qual o fundo de um cadinho, o que foi substancial. A fronte do velho não tem mais a atitude altiva e provocadora da mocidade, a da idade viril; ela pende, sob o peso do pensamento, lembrando um fruto maduro.**

**O ancião curva a testa e inclina-se sobre o coração. Procura converter em amor tudo quanto lhe resta de faculdades, de vigor, de lembranças. A velhice não é uma decadência: é realmente um progresso, caminhada avante para o termo; e esse título é uma das bênçãos do Céu. A velhice é o prefácio da morte; é o que a torna santa, igual à vigília solene que faziam os iniciados antigos, antes de levantar o véu que cobria os mistérios. A morte é, pois, uma iniciação. Todas as religiões e todas as filosofias têm tentado explicar a morte; bem poucas lhe têm conservado o verdadeiro caráter.**

**O Cristianismo divinizou-a; seus santos encararam-na nobremente, seus poetas cantaram-na por uma libertação. Entretanto, os santos do Catolicismo só viram nela a exoneração da servidão da carne, o resgate do pecado, e, por isso mesmo, os ritos funerários da liturgia católica espalham uma espécie de terror sobre essa peroração, aliás, tão natural, da existência terrestre. A morte é, simplesmente, um segundo nascimento; deixamos o mundo pela mesma razão por que nele entramos, segundo a ordem da mesma lei.**

**Algum tempo antes da morte, um trabalho siilencioso se executa. A desmaterialização já está começada. Poderiam verificá-la por certos sinais, quantos rodeiam o moribundo, se não estivessem distraidos pelos fatos externos. A moléstia goza aqui de papel considerável. Ela acaba em alguns meses, em algumas semanas, em alguns dias, apenas, o que o lento trabalho da idade havia preparado: é a obra de "dissolução" de que fala o Apóstolo Paulo. Essa palavra dissolução é muito significativa: indica nitidamente que o organismo se desagrega, e que o perispírito se "desliga" do resto da carne em que estava envolvido.**

**Que se passou nesse momento supremo, a que todas as línguas chamam "agonia", isto é, o último combate? Pressente-se, adivinha-se. Um grande poeta moribundo traduziu tal instante solene neste verso: "É este o combate do dia e da noite." Com efeito, a Alma entra em um estado crepuscular, está no limite extremo, na fronteira dos dois mundos e é visitada pelas visões iniciais daquele em que vai entrar. O mundo que deixa, envia-lhe os fantasmas da lembrança e todo um cortejo de Espíritos lhe aparece do lado da aurora. Ninguém morre só, pela mesma forma que ninguém nasce só. Os invisíveis que o conheceram, que o amaram, que o assistiram aqui, em nosso orbe, vêm ajudar o moribundo a desembaraçar-se das úlltimas cadeias do cativeiro terrestre.**

**Nessa hora solene, as faculdades aumentam; a Alma, já meio desprendida, dilata-se; começa a entrar em sua atmosfera natural, a retomar a vida vibratória normal, e é por isso que, nesse momento, se revelam, em alguns agonizantes, fenômenos curiosos de mediunidade. A Bíblia está cheia dessas revelações supremas. A morte do patriarca Jaco é o tipo perfeito da desmaterialização e de suas leis. Os doze filhos estão reunidos em torno do leito, formando uma viva coroa funerária. O ancião recolhe-se- e, depois de reconstituir o passado, as lembranças, profetiza a cada um deles o futuro da família e de sua raça.**

**A vista se lhe estende mais longe ainda: percebe na extremidade dos tempos aquele que deve um dia recapitular toda a mediunidade secular do velho Israel: o Messias, e mostra, por último rebento de sua raça, aquele que resumirá toda a glória da posteridade de Jacó. Nenhum Faraó, em seu orgulho, morreu com tanta grandeza quanto esse velho obscuro e ignorado, que expirava a um canto da terra de Gessen.**

**Voltemos ao ato da morte. A desmaterialização está completa; o perispírito se desprende do invólucro carnal, que vive ainda algumas horas, talvez, de uma vida puramente vegetativa. Assim, os estados sucessivos da personalidade humana desenrolam-se em ordem inversa àquela que preside ao nascimento. A vida vegetativa, com que o ser havia começado no seio maternal, é agora a última a extinguir-se; a vida intelectual e a vida sensitiva são as duas primeiras que partem:**

**Que se passa então? O Espírito, isto é, a Alma e seu envoltório fluídico e, por conseqüência, o eu leva a última impressão moral e física que teve na Terra, e a conserva durante um tempo mais ou menos prolongado, conforme o grau respectivo de sua evolução. Eis por que convém rodear a agonia dos moribundos de palavras doces e santas, de pensamentos elevados, porque são estes últimos gestos, essas últimas imagens que se imprimem nas folhas do livro subliminal da consciência; é a linha última que o morto lerá desde sua entrada no Além, ou antes, desde quando tiver consciência de seu novo modo de ser.**

**A morte é, pois, em realidade, uma passagem, uma transição e uma translação. Se devemos tomar à vida moderna uma imagem, comparemo-la a um túnel. Com efeito, a Alma avança no desfiladeiro da morte, mais ou menos lentamente, segundo seu grau de desmaterialização e espiritual idade. As Almas superiores, que sempre viveram nas altas esferas do pensamento e da virtude, atravessam essa obscuridade com a rapidez do trem expresso que desemboca, em um instante, na plena luz do vale, mas é esse um privilégio de pequeno número de Espíritos evoluídos; são os eleitos e os sábios.**

**Não falaremos aqui dos criminosos, dos seres animalizados, de instintos grosseiros, que viveram, ou antes, vegetaram toda uma existência nos pântanos do vício e na enxurrada do crime. Para estes é a noite, a noite cheia de terríveis pesadelos. Temos dificuldade, entretanto, em crer que as fronteiras do Além e os caminhos da vida errática estejam povoados desses seres terríveis a que os ocultistas chamam - elementais. Só se poderiam ver aí símbolos e imagens, reflexos de paixões, vícios, crimes que os perversos cometeram na Terra.**

**Encaremos aqui, apenas, as vidas ordinárias, as existências que seguem tranqüilamente as fases lógicas do seu destino. É a condição comum da maior parte dos mortais. A Alma entrou na sombria galeria: aí fica em obscuridade, ou antes, em uma penumbra próxima da luz. É o crepúsculo do Além. Os poetas, com muita felicidade, têm pintado esse estado e descrito esse meio-dia, esse claro-escuro do mundo extraterrestre. Aqui, as analogias entre a vida e a morte são impressionantes. A criança permanece muitos dias sem fixar a luz e sem ter conhecimento do que a rodeia; seus olhos ainda não se abriram, e assim a irradiação do pensamento.**

**O recém-nascido no mundo invisível fica, também ele, algum tempo sem tomar conhecimento do seu modo de ser e de seu destino. Ele ouve, ao mesmo tempo, os murmúrios próximos ou remotos dos dois mundos; entrevê movimentos e gestos, que não poderia precisar, nem definir. Meio entrado na quarta dimensão, perde a noção precisa da terceira, na qual havia até então evolvido. Não dá mais tento, nem da quantidade, nem do número, nem do espaço, nem do tempo, pois que seus sentidos que, quais outros tantos instrumentos de óptica, o ajudavam a calcular, a medir, a pesar, se fecharam de repente, qual uma porta para sempre condenada. Que estado estranho, esse da Alma, que tateia, cega, nas estradas do Além! E, no entanto, esse estado é real.**

**Nesse momento, as influências magnéticas da prece, das lembranças, do amor, podem gozar um papel considerável e apressar o advento das claridades reveladoras que vão iluminar essa consciência ainda adormecida, essa Alma "em trabalhos" do seu destino. A prece, nesse caso, é uma verdadeira evocação; é o grito de apelo à Alma indecisa e flutuante. Eis por que o esquecimento dos mortos e a negligência de seu culto são reprováveis e nos acarretam mais tarde olvidos semelhantes.**

**Esse período de transição, entretanto, e essa parada no túnel da morte são absolutamente necessários, em preparo da visão de luz que deve suceder à obscuridade. É preciso que o sentido psíquico se vá adaptando proporcionalmente ao novo foco que o vai esclarecer. Uma passagem súbita, sem transição nenhuma desta vida à outra, seria um deslumbramento que produziria perturbação prolongada. Natura non facit saltus, disse o grande Lineu; essa lei rege igualmente os graus progressivos do desprendimento espiritual.**

**É preciso que a visão da Alma se engrandeça, que a ave noturna, impossibilitada de encarar a auurora, fortaleça as pupilas, e possa, igual à águia, olhar de face o Sol, com olhar intrépido. Esse trabalho de preparação executa-se progressivamente, durante a demora, mais ou menos prolongada, no túnel que precede a vida errática propriamente dita. Pouco a pouco, vai a luz sendo feita; a princípio muito pálida, alba inicial que se ergue sobre a crista dos montes; depois, à alba sucede a aurora; aqui, a Alma entrevê o mundo novo em que habita; ela pode ler em si mesma, e se compreende, graças a uma luz sutil que a penetra em toda a sua essência. Gradualmente, todo o seu destino, com as vidas anteriores, e, antes de tudo, com a noção consciente e reflexa da última, vai revelando-se, qual em um clichê cinematográfico vibratório e animado. O Espírito, então, compreende o que é, onde está e o que vale.**

**As Almas, por instinto infalível, vão para a esfera proporcionada a seu grau de evolução, à sua faculdade de iluminação, à sua aptidão atual de perfectibilidade. As afinidades fluídicas conduzem-na, qual doce mas imperiosa brisa que impele um batel, para outras Almas similares, com as quais vai unir-se em uma espécie de amizade, de parentesco magnético; e, assim, a vida, uma vida verdadeiramente social, mas de grau superior, reconstitui-se, tal qual outrora na Terra, porque a Alma humana não poderia renunciar à sua natureza. A estrutura íntima, sua faculdade de irradiação, lhe impõe a sociedade que merece.**

**No Além, as famílias, os grupos de Almas e os círculos de Espíritos reformam-se segundo as leis de afinidade e simpatia.O purgatório é visitado pelos anjos, dizem os místicos teólogos. O mundo errático é visitado, dirigido, harmonizado pelos Espíritos superiores, dizemos nós. Aqui, em nosso orbe terráqueo, entre os eleitos pelo gênio, pela santidade e pela glória, houve e haverá sempre iniciadores. São predestinados, missionários que receberam por encargo fazer progredir o mundo na Verdade e na Justiça, com o preço de seus esforços, de suas lágrimas e, algumas vezes, de seu sangue.**

**As altas missões da Alma jamais cessam. Os Espíritos sublimes, que têm instituído e melhorado seus semelhantes na Terra, continuam em mundo superior, em quadro mais vasto, seu apostolado de luz e sua redenção de amor. Conforme dissemos no início destas páginas, é assim que a História eternamente recomeça e se torna cada vez mais universal. A lei circulatória que preside ao eterno progresso dos Estados e dos mundos, desenrola-se sem cessar em esferas e mundos cada vez mais engrandecidos; tudo recomeça no Alto, em virtude da mesma lei que faz tudo evolver no plano inferior. Todo o segredo do Universo aí está.**

**As Almas, a quem a consciência acusa de haver falhado na última existência, compreenderam a necessidade de reencarnar, e preparam-se para isso. Tudo se agita, tudo se move nessas esferas, sempre em vibração, sempre em movimento. É a atividade incessante, ininterrupta, progressiva, eterna. O trabalho dos povos na Terra nada é, em comparação com esse labor harmonioso do Universo. Lá em cima, nenhum empecilho material, nenhum obstáculo carnal faz parar os surtos, nem entibia ou enfraquece o vôo. Nenhuma hesitação, nenhuma ansiedade, nenhuma incerteza. A Alma vê o fim, sabe os meios, precipita-se no sentido em que se deve dirigir.**

**Quem nos poderá descrever a harmonia dessas inteligências puras, o esforço dessas vontades firmes, o impulso desses amores mais fortes que a morte?**

**Que linguagem poderá jamais descrever a comunhão sublime e fraternal desses Espíritos que mantêm entre si diálogos ardentes quanto o é a luz, sutis quanto o são os perfumes, onde cada vibração magnética tem eco no próprio imo de Deus? Tal é a vida celeste; tal é a vida eterna; são essas perspecctivas que a morte abre definitivamente diante do Esspírito! 6 homem! compreende, pois, teu destino, sê altivo e feliz de viver; não blasfemes da lei de amor e beleza que abre diante de ti caminhos tão amplos e radiosos! Aceita a vida tal qual é, com as suas fases, alternativas, vicissitudes; ela é o prefácio, o prelúdio de uma outra vida mais elevada, onde plainarás qual águia na imensidade, depois de haveres penosamente rastejado em um mundo material e imperfeito.**

**Não é, pois, com um hino fúnebre que devemos acolher a morte, e sim com um cântico de vida, porque não é o astro da tarde que se ergue cruel, mas a estrela radiosa da verdadeira manhã. Canta, ó alma, o hino triunfal, o hosana do novo século, no qual tudo irá nascer para destinos mais gloriosos. Sobe sempre mais alto na pirâmide infinita da luz; e, semelhante ao herói da legenda do Excelsior, vai fixar tua tenda nos Tabores radiosos do Incomensurável, do Eterno!**  
 **24 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC, cap. IV, Pluralidade das existências, ítem I - Da reencarnação**

**Perg. 166. A alma que não atingiu a perfeição durante a vida corpórea, como acaba de depurar-se? - Submetendo-se à prova de uma nova existência.**

**Perg. 166a. Como realiza ela essa nova existência? Pela sua transformação como Espírito? - Ao se depurar, a alma sofre sem dúvida uma transformação, mas para isto necessita da prova da vida corpórea.**

**Perg. 166b. A alma tem muitas existências corpóreas? - Sim, todos nós temos muitas existências. Os que dizem o contrário querem manter-vos na ignorância em que eles mesmos se encontram; esse é o seu desejo.**

**Perg. 166c. Parece resultar, desse princípio, que, após ter deixado o corpo, a alma toma outro. Dito de outra maneira, que ela se reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender? É evidente.**

**Perg. 167. Qual é a finalidade da reencarnação? - Expiação, melhoramento progressivo da humanidade. Sem isto, onde estaria a justiça?.**

**Perg. 168. O número das existências corpóreas é limitado, ou o Espírito se reencarna perpetuamente? - A cada nova existência, o Espírito dá um passo na senda do progresso; quando se despoja de todas as suas impurezas, não precisa mais das provas da vida corpórea.**

**Perg. 169. O número das encarnações é o mesmo para todos os Espíritos? - Não. Aquele que avança rapidamente poupa-se das provas. Não obstante, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porque o progresso é quase infinito.**

**Perg. 170. Em que se transforma o Espírito, depois da sua última encarnação? - Espírito bem-aventurado; um Espírito Puro.**

**II-JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO: Perg. 171. Sobre o que se funda o dogma da reencarnação? -Sobre a justiça de Deus e a revelação, pois não nos cansamos de repetir: um bom pai deixa sempre aos filhos uma porta aberta ao arrependimento. A razão não diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna aqueles cujo melhoramento não dependeu deles mesmos? Todos os homens não são filhos de Deus? Somente entre os homens egoístas é que se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão.**

**Todos os Espíritos tendem à perfeição, e Deus lhes proporciona os meios de consegui-la com as provas da vida corpórea. Mas, na sua justiça, permite-lhes realizar, em novas existências, aquilo que não puderam fazer ou acabar numa primeira prova. Não estaria de acordo com a equidade, nem segundo a bondade de Deus, castigar para sempre aqueles que encontraram obstáculos ao seu melhoramento, independentemente de sua vontade, no próprio meio em que foram colocados.**

**Se a sorte do homem fosse irrevogavelmente fixada após a sua morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança e não os teria tratado com imparcialidade. A doutrina da reencarnação, que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia da justiça de Deus com respeito aos homens de condição moral inferior; a única que pode explicar o nosso futuro e fundamentar as nossas esperanças, pois oferece-nos o meio de resgatarmos os nossos erros por meio de novas provas. A razão assim nos diz, e é que os Espíritos nos ensinam.**

**O homem que tem a consciência da sua inferioridade encontra na doutrina da reencarnação uma consoladora esperança. Se crê na justiça de Deus, não pode esperar que, por toda a eternidade, haja de ser igual aos que agiram melhor do que ele. O pensamento de que essa inferioridade não o deserdará para sempre do bem supremo, e de que ele poderá consquistá-lo por meio de novos esforços, ampara-o e reanima a sua coragem. Qual é aquele que, no fim da sua carreira, não lamenta ter adquirido demasiado tarde uma experiência que já não pode aproveitar? Pois esta experiência tardia não estará perdida: ele a aproveitará numa nova existência.**

**26 - RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS - EMMANUEL - ÍTEM REENCARNAÇÃO - QUESTÃO Nº 617 - pág. 61**

**REENCARNAÇÃO nem sempre é sucesso expiatório, como nem toda luta no campo físico expressa punição. Suor na oficina é acesso à competência. Esforço na escola é aquisição de cultura. Porque alguém se consagre hoje à Medicina, não quer isso dizer que haja ontem semeado moléstias e sofrimentos.**

**Muitas vezes, o Espírito, para senhorear o domínio das ciências que tratam do corpo, voluntariamente lhe busca o trato difícil, no rumo de mais elevada ascensão. Porque um homem se dedique presentemente às atividades da engenharia, não exprime semelhante escolha essa ou aquela dívida do passado na destruição dos recursos da Terra.**

**Em muitas ocasiões, o Espírito elege esse gênero de trabalho, tentando crescer no conhecimento das leis que regem o plano material, em marcha para mais altos postos na Vida Superior. Entretanto, se o médico ou o engenheiro sofrem golpes mortais no exercício da profissão a que se devotam, decerto nela possuem serviço reparador que é preciso atender na pauta das corrigendas necessárias e justas.**

**TODA RESTAURAÇÃO EXIGE DIFICULDADES EQUIVALENTES. Todo valor evolutivo reclama serviço próprio. Nada existe sem preço. Por esse motivo, se as paixões gritam jungidas aos flagelos que lhes extinguem a sombra, as tarefas sublimes fulgem ligadas às renunciações que lhes acendem a luz.**

**À vista disso, não te habitues a medir as dores alheias pelo critério de expiação, porque, quase sempre almas heróicas que suportam o fogo constante das grandes dores morais, no sacrifício do lar ou nas lutas do povo, apenas obedecem aos impulsos do bem excelso, a fim de que a negação do homem seja bafejada pela esperança de Deus.**

**Recorda que, se fosse arrebatado ao Céu, não tolerarias o gozo estanque, sabendo que os teus filhos se agitam no torvelinho infernal. De imediato, solicitarias a descida aos tormentos da treva para ajudá-los na travessia da angústia..**

**Lembra-te disso e compreenderás, por fim, a grandeza do Cristo que, sem débito algum, condicionou-se às nossas deficiências, aceitando, para ajudar-nos, a cruz dos ladrões, para que todos consigamos, na glória de seu amor, soerguer-nos da morte no erro à bênção da Vida Eterna.**

**27 - INDULGÊNCIA - EMMANUEL - PÁG. 28**

**Sem a chave da REENCARNAÇÃO, a vida inteira reduzir-se-ia a escuro labirinto. De existência a existência, no mundo, nossa individualidade imperecível sofre o desgaste da imperfeição, assim como o aprendiz, de curso a curso, na escola, perde o fardo da ignorância. Compreendendo semelhante verdade, saibamos valorizar o tempo, no espaço terrestre, realizando integral aproveitamento da oportunidade que o Senhor nos concede, entre as criaturas, acumulando em nós as riquezas do Conhecimento Superior e os tesouros da sublimação pelo aprimoramento de nossas qualidades morais.**

**Lembremo-nos de que nunca iludiremos a vigilância da lei. Na Terra, a organização judiciária corrige tão-somente os erros espetaculares, expressos nos crimes ou nos desregramentos que compelem os missionários da ordem a drásticas atitudes, segregando a deliquência na penitenciária ou no hospital, derradeiros limites do desequilíbrio a que se acolhem os trânsfugas sociais.**

**Todavia, é imperioso reconhecer que todas as nossas falhas são registradas em nós mesmos, constrangendo a Justiça Eterna a providências de reajuste em nosso favor, no instituto universal da reencarnação, que dispõe de infinitos recursos para o trabalho regenerativo.**

**De mil modos, ilaqueamos no corpo físico a atenção dos juízes humanos, nos delitos ocultos, exercitando a perversidade com inteligência, oprimindo os outros com suposta humildade, ferindo o próximo com virtudes fictícias, estragando o equipamento corpóreo sem qualquer consideração para com os empréstimos divino e, sobretudo, explorando os irmãos de luta com manifesto abuso de nossos poderes intelectuais...**

**No entanto, por isso mesmo também, renascemos sob doloroso regime de sanções, dilacerados por nós mesmos, nas possibilidades que outrora desfrutávamos e que passam a sofrer frustrações aflitivas. Moléstias do corpo e impedimentos do sangue, mutilações e defeitos, inquietações e deformidades, fobias complexas e deficiências inúmeras constituem pontos de corrigenda do nosso passado que hoje nos restauram à frente do futuro.**

**Cultivemos, desse modo, o coração nobre no vaso da consciência reta para que a planta de nossa vida se levante para o Hálito de Deus porquanto basta a boa vontade na sementeira do amor que o Mestre nos legou para que a multidão de nossos débitos seja coberta e esquecida pela Divina Misericórdia, possibilitando o soerguimento de nosso espírito, até agora arrojado ao lodo de velhos compromissos com a sombra, na subida vitoriosa para a Luz Imortal.**

**Enquanto alimentamos o mal em nossos pensamentos, palavras e ações, estamos sob os choques de retorno das nossas próprias criações, dentro da vida.**

**28 - NO PORTAL DA LUZ - EMMANUEL - PÁG. 23**

**PERANTE A REENCARNAÇÃO: Não perderás tempo, reclamando contra a vida. Na hipótese de que te empenhes realmente pela aquisição do conhecimento espírita, reflete na lei da reencarnação. És um espírito eterno envergando temporária forma física, à maneira de um servidor vestindo uniforme de trabalho, francamente deteriorável e passageiro.**

**Observa os próprios hábitos e tendências e perceberás o que foste nas existências passadas. Analisa os que te rodeiam, no círculo doméstico-social e identificarás com que te comprometeste para sanar os próprios débitos ou traçar a própria senda de elevação.**

**Estuda o quadro que te emoldura as atividades e anotarás de que ponto deves partir em demanda à melhoria. Sobretudo, é preciso ponderar que se ninguém nasce para o mal, muito menos renascerá para reconstituí-lo ou reafirmá-lo.**

**Um aluno repete o currículo de lições no objetivo de ganhar a frente, não para acomodar-se à retaguarda. Convence-te de que retornamos à Terra com o fim de ampliar os valores do bem, cada vez mais.**

**Indispensável corrigir-nos naquilo que erramos. Replantar dignamente a leira do destino que relegamos outrora ao relaxamento. Levantar aqueles que impelimos à queda. Amar os que aborrecemos.**

**Acender alegria nos corações que encharcamos de lágrimas. Estás hoje no lugar e na posição em que podes claramente doar à vida, na pessoa dos outros, tudo aquilo que és capaz de sentir, pensar, falar ou fazer de melhor.**

**29 - FALANDO À TERRA - ESPÍRITOS DIVERSOS - PÁG. 93**

**Por meio afeito esteja o aprendiz da Revelação Nova aos enunciados da fé que o reconforta e educa para a grande transição, a morte é sempre um caminho surpreendente. Sabemos que a reencarnação nos enforma na carne e que, antes de qualquer operação biológica no renascimento, já vivemos na pátria espiritual, quase sempre no mesmo ponto em que se verifica o nosso reingresso; entretanto, quem não experimentaria o deslumbramento do novo despertar?**

**O pássaro encarcerado na gaiola, em escuro porão, por muitos e muitos anos, em se vendo inesperadamente libertado, contempla os quadros da natureza livre, estuante de imenso júbilo, como se o vento e o sol, o rio e o arvoredo lhe fossem preciosas descobertas. Em verdade, sentir-se-ia enfraquecido e incapaz de sem auxílio sustentar-se na floresta enorme, viciado, como se encontra, com o alpiste e o bebedouro diariamente colocados no artificial domicílio de arame.  
  
É o nosso caso.  
Por muito que nos disponhamos a encarar, face a face, as realidades da morte, atravessamos os pórticos da vida nova, de coração aos pulos e a passos vacilantes. A paisagem dos mundos felizes e a residência dos eleitos ficam ainda muito distantes... A visão pormenorizada de toda a existência humana, no estado de liberdade de nosso corpo espiritual, quadro que mereceu de Bozzano apontamentos valiosos e especiais, começa por reintegrar-nos na posse de nós mesmos. Enquanto a caridade dos irmãos mais velhos nos auxilia a libertação da grade orgânica do mundo, a memória como que retira da câmara cerebral, às pressas, o conjunto das imagens que gravou em si mesma, durante a permanência na carne, a fim de incorporá-las, definitivamente, aos seus arquivos eternos.  
  
Sem capacidade para definir o fenômeno introspectivo, devo apenas registrar a impressão de que a vida efetua um movimento de recuo, dentro de nós mesmos. Em pensamento, voltamos da hora derradeira do envoltório somático ao berço que nos viu ressurgir na Terra e aí somos geralmente surpreendidos por extensa barragem de sombra, estabelecida pelo choque de retorno da alma às correntes da vida física, que raros espíritos desencarnados conseguem transpor de imediato. Para mim, igualmente, o obstáculo foi dificílimo.  
  
De peito e braços hirtos, embora os afeiçoados me certificassem do desprendimento, aflito, mas imóvel, assisti ao desenrolar de minha existência última, com todo o séquito de meus atos, palavras e pensamentos, como se a minha vida fosse uma película cinematográfica projetada, ao inverso, na tela de minha consciência. Tudo claro, eficiente e rápido. Atingido, porém, o instante exato em que reapareciam as horas da meninice, intraduzível turvação mental me absorveu o raciocínio...  
  
Debati-me, inquieto, buscando clarear as minhas reminiscências e precisar-lhes os contornos; no entanto, incoercível vacuidade me assaltou o pensamento expectante e caí num repouso inconsciente e profundo, qual trabalhador fatigado, após longo dia de estafante labor. Quando acordei, convenci-me de haver reconquistado o equilíbrio total. O leito alvo, em amplo e bem arejado aposento, obrigou-me a refletir na hospitalização. Quis movimentar-me, mas não pude. Meu corpo me parecia chumbado ao lençol farto e macio. Tentei erguer as mãos, no gesto instintivo do enfermo que, ávido, procura a campainha de chamada; contudo, meus braços desobedeceram, como se fossem de bronze.  
  
Examinei a sala, assombrado. Enquanto as paredes se achavam revestidas de uma substância acetinada, de tom róseo, o teto arqueado exibia um painel de repousante beleza, do qual sobressaía um campo de lírios prateados e abertos, proporcionando a real sensação de vitalidade e perfume. A contemplação do quadro, que se desdobrava no alto, pareceu reanimar-me. Leve sopro de renovação fortaleceu-me o íntimo. Poderia falar? — pensei. Que espécie de enfermidade me deprimia? Não sentia dores físicas, e, entretanto, extremo abatimento me anulava todas as forças. Tentei gemer e consegui. O meu "ai" arfante cortou o ar em dolorido apelo.**

**Aproximou-se alguém, e, então, pude ver a meu lado graciosa mensageira de ternura fraterna. Indubitavelmente, seria uma colaboradora da enfermagem. Intrigou-me sua veste, estranha para mim, mas depressa não mais liguei a essa particularidade, inebriado pelo carinho espontâneo e pela bondade sem afetação com que passou a confortar-me. Acariciando-me a cabeça quase imóvel, chamou-me irmão e pronunciou palavras de estímulo que me aliviaram todo o ser. O contacto daquela mão de enfermeira, tocada de boa-vontade, parecia inocular-me fluidos revigorantes.  
  
Noutra ocasião, talvez eu não tivesse notado, mas, agora, surpreendia em mim, sem dúvida em razão de meu pronunciado enfraquecimento, certa receptividade magnética que, em outras circunstâncias, me passaria despercebida. Reconheci essa minha virtude, reparando que a jovem assistente projetava sobre mim, intencionalmente ou não, copiosa chuva de forças reconfortantes que eu, num impulso firme da vontade, procurava acumular na região da voz, tentando a fala. A intimidade com a literatura espiritualista me favorecia as operações naturais do pensamento.  
  
Doente e enfraquecido qual me achava, não seria justo aproveitar as energias que me repassavam o campo orgânico? Sendo a vontade o elemento determinador nos fenômenos magnéticos, não poderia, de minha parte, valer-me dela na aquisição de recursos com que me fosse possível rearticular a palavra? Desejei, então, instintivamente, transformar a garganta num aspirador vigoroso para fixar as energias flutuantes em minhas cordas vocais. Iniciei o exercício silencioso e recebi a impressão nítida de que os fluidos emitidos pela enfermeira se condensaram no ponto indicado por minha mente e, findos alguns instantes de expectação, meus lábios se moveram e as palavras surgiram entrecortadas.  
  
— Minha irmã — indaguei, com dificuldade —, onde estou? que aconteceu? A interpelada, muito gentil, declarou que eu me achava abatido e aconselhou-me serenidade. Perguntei pelos meus familiares, pelos amigos, pelo médico da casa e pelas drogas que deveria tomar, melhorando o timbre de voz à proporção que me adiantava na experiência nova. A jovem sorriu e informou: — Chamarei o amigo que o aguarda na ante-sala. É companheiro que lhe espera o despertar. Retirou-se, lépida, e percebi que minha resistência decresceu.  
  
Agora, sozinho, experimentei monologar, mas não fui além de algumas frases que para outros seriam ininteligíveis. O abatimento quase completo voltou a imperar sobre mim. Decorridos alguns minutos, regressava a jovem, fazendo-se acompanhada de alguém. Era um cavalheiro maduro, alto, de rosto pletórico, corpo bem fornido e passo firme. Abeirou-se de mim com simpatia, e, quando aplicou a destra sobre a minha fronte, renovei o processo mental de absorção da força que ele me trazia e o meu revigoramento não se fez esperar. Pousei nele os olhos, agora mais seguros, e reconheci-o. Confrangeu-se-me o coração no peito. Era Lameira de Andrade.  
  
Até ali me sentira tão naturalmente instalado naquela casa como se estivesse num hospital terrestre comum, julgando-me reintegrado no aparelho físico; mas... e a presença de Lameira que eu sabia desencarnado desde muito?!... Refleti na possibilidade de estar sendo agraciado por dons mediúnicos e dirigi-me a ele, tentando tranqüilizar-me: — Obrigado, meu irmão, obrigado!... Não contava com uma clarividência assim, tão avançada... Despendi na observação toda a minha força mental. O visitante ouviu-me as frases "impronunciadas", sorriu, franco, e acentuou:  
  
— Você já dormiu bastante e deve sabê-lo. Acha-se num hospital de emergência. Você, Romeu, está desencarnado. A inopinada revelação me golpeou profundamente. O coração, como se fora lanhado por invisível chicote, bateu precipite no tórax. Aturdi-me. Apalpei o leito, as vestes, a mim mesmo: tudo tangível, adensado, concreto. Intraduzível sensação de asfixia começou a entontecer-me, experimentando eu o mal-estar da criatura encarnada ao sentir o sangue afluir-lhe à cabeça. Aflitivas perguntas vagavam em meu ser. Como teria sido aquilo? e meus interesses na Terra? meus serviços inacabados? A sumária declaração do companheiro perturbara-me.  
  
Recordei a desenvoltura com que nos habituamos a doutrinar os irmãos desencarnados na experiência comum, e somente aí senti brotar em meu íntimo a verdadeira piedade por todos os que são arrebatados à realidade da morte, na ignorância do Além. Lameira percebeu-me o constrangimento e informou, prestativo: — Meu caro, com a transição pelo túmulo nada se acaba, mas tudo se modifica, se nos achamos efetivamente empenhados no verdadeiro aperfeiçoamento. Agora, as oportunidades são outras; as do mundo foram interrompidas. O que você fez está feito.**

**Talvez porque meus olhos se nublassem de pranto, aditou em voz firme:— Não cultive qualquer estado mental deprimente. Onde a matéria é mais leve, a vibração espiritual é mais importante. Lembrei-me de antigos estudos e esforcei-me. Logrei concentrar, de novo, as minhas energias e, mais confortado, perguntei por meus familiares de outro tempo, estranhando não me houvessem recebido ali, no recomeço da vida nova. Com a mesma calma, o prestimoso companheiro explicou, delicadamente:— Nem todos podem retornar, com o êxito desejável, à comunhão com o círculo doméstico. Há emoções violentas que nos prejudicam, sem que apercebamos isso. A planta frágil exige proteção. Adaptação e crescimento são imperativos artigos da Lei. Espere.  
  
E contou que inúmeros irmãos desprevenidos, quando se rebelam contra o socorro assistencial de que me via rodeado, são naturalmente atraídos para velhos círculos de luta, escravizando-se a sensações que não mais se justificam, e passando a viver em longo processo de vampirismo natural. A palestra do amigo, reportando-se a paisagens sombrias e a almas atormentadas, quando me afligiam os meus próprios cuidados, acabou por levar-me a indefinível abatimento. Assaltou-me a dispnéia dos asmáticos.  
  
Lameira compreendeu tudo, silenciou como quem ora sem palavras e começou a aplicar-me passes na região do baço. Vi-lhe as mãos, despedindo brilhantes raios róseos, arrancando, ao contacto de minha epiderme, fios tênues de uma substância azul-violácea. Pouco a pouco, reparei que forças novas me invadiam, como se eu fora emperrada máquina repentinamente lubrificada e restituída, com êxito, às suas funções normais.**

**Terminada a intervenção magnética e surpreendido ante o milagroso efeito, pude sentar-me, amparando-me nos braços do amigo que se acomodou ao meu lado, com o sorriso do colaborador vitorioso e feliz. — Aqui — esclareceu, bondoso —, o passe é uma transfusão de energias, com resultados imediatos, quase milagrosos. E porque eu indagasse sobre o tempo em que me cabia esperar a restauração plena, ponderou: — Romeu, em nossas atividades comuns na Terra, clareamos a vida, mas somente por fora; com a lâmpada sublime dos conhecimentos espiritualistas e, da existência tiramos todos os proveitos, assim como o pomicultor avarento ou ignorante colhe os frutos da árvore sem lhe auscultar as necessidades e sem sequer uma nota de reconhecimento aos serviços que ela lhe presta, supondo-se o credor absoluto de suas vantagens preciosas. É assim, meu amigo, que desencarnamos...**

**Tão plenos de confiança no Céu, quanto vivíamos alvoroçados com as revelações na Terra, mas vazios de espiritualidade santificante. Fez breve pausa, como se quisesse dar algum repouso à minha atenção, e prosseguiu: — E por mostrarmos aqui o que realmente somos, bastas vezes não passamos de mendigos ou de cegos, com o poder de pronunciar lindas palavras, mas sem irradiar ondas de simpatia ou de edificação aos outros seres. Na esfera que deixamos para trás, usávamos o corpo denso quase sempre sem lhe analisar a grandeza; o coração, o cérebro, os pulmões, o fígado, o baço, os rins, sustentados por glândulas de recursos sutis, não vivem à mostra, no veículo que baldeamos no túmulo, como trapo velho; e, no entanto, desempenham funções básicas em nossa comunhão com os ensinamentos preciosos do plano carnal.**

**Valemo-nos desses órgãos quase sem nenhuma consideração para com os reais benefícios que nos prestam; e, se algum dia nos recordamos deles, é, com frequência, quando destrambelham, irritados ou enfermos, geralmente por nossa própria culpa. Em muitas ocasiões, antes dos quarenta anos de idade, no corpo físico, desequilibramos o aparelho circulatório, impondo-lhe comoções violentas da nossa cólera destrutiva, viciamos as células cerebrais com o provocar e manter pensamentos perturbadores, ulceramos o estômago, ingurgitamos o fígado ou obstruímos os rins com alimentação imprópria ou com tóxicos vários, despendendo anos e anos em reparos do carro físico, os quais nem sempre se levam a termo por nos surpreender a morte antes do integral reajustamento.  
  
As elucidações pareciam impregnadas de virtudes calmantes para as minhas chagas mentais, porque, enquanto eu lhes dedicava a minha atenção, doce alívio me penetrava...Lameira interrompeu-se, fitou-me longamente e, como se quisesse imprimir maior significação às palavras, modificou o tom de voz, prosseguindo, delicado:— Imagine semelhante situação aplicada à nossa alma. Nosso corpo espiritual encerra também potentes núcleos de energia, que, entretanto, não vivem expostos à visão externa, qual acontece ao veículo de carne. São centros de força, destinados à absorção e à transmissão de poderes divinos, quando conseguimos harmonizá-los com as grandes leis da vida. Localizam-se nas regiões do cérebro, do coração, da laringe, do baço e do baixo-ventre. Não importa que a ciência do mundo os desconheça por enquanto.**

**O conhecimento humano avança por longos e pedregosos trilhos. A circulação do sangue e a nutrição das células só agora vão recebendo alguma claridade nas observações cotidianas, e os processos da geração constituem ainda quase um enigma para os investigadores da vida renascente. Não é de estranhar, portanto, que a inteligência mediana da Terra ainda ignore o profundo e romplexo mecanismo da alma.**

**Percebeu Lameira a imensa atenção com que seguia as palavras e, provavelmente condoído de minha prostração, acentuou:— Aliás, quero esclarecer-lhe que, com esta minha minuciosa explicação, desejo apenas salientar que raramente desencarnamos em condições satisfatórias. À proporção que nos desenvolvemos em conhecimento, cresce nossa capacidade de pensar, e quem pensa gera determinadas forças e as irradia. Para estilo mais conciso, recorra à simbologia, sempre valiosa em qualquer lição. Imaginemos o fruto verde e o fruto maduro. O primeiro demorar-se-á em longo estádio preparatório, elaborando a polpa, ainda sem expressão de utilidade; o segundo já se oferece pronto a quantos queiram aproveitar-lhe a carne e renovar-lhe as virtudes na sementeira, ou em benefício de seres inferiores que vivem na terra. A imagem é pálida e insuficiente, mas serve para confronto rudimentar.**

**Enquanto a mente da criatura transita nas zonas selvagens, sob os fluidos condensados da carne, ou sem não possui recursos de autoprojeção, em face do círculo restrito em que vibra; mas, se nossa razão amadurece o campo do pensamento se alarga, projetando a distância nossa influência individual. É natural que a força emitida nos alcance em primeiro lugar. Se o benfeitor é o primeiro a envolver-se nas irradiações do bem que produz, o homem incauto, que despede as negras correntes do mal, é também o primeiro a sofrer-lhes o efeito. Assim é muito especialmente depois da morte, temos nossa organização espiritual ligada às nossas próprias criações.**

**Quase sempre, acordamos com os centros de força viciados pelos quadros mentais a que por muitos e muitos anos demos origem e sustento. As possibilidades de imaginar e de desejar aumentam-nos a responsabilidade. Somos na Terra, dentro da esfera da razão, frutos amadurecidos que, sem proveito integral para os demais, em vista de nossa constante fuga ao trabalho, nos intoxicamos, dando  
pasto a elementos viciosos que deveríamos reconhecer incompatíveis com a nossa atual posição. Dispondo de tantos recursos de serviço, sem a devida aplicação, assemelhamo-nos também, de algum modo, ao poço de águas estagnadas, que desenvolve microorganismos prejudiciais, ao invés de semear benefícios, e somos habitualmente surpreendidos pela morte nessa lnconveniente situação.**

**Os grandes ensinamentos das religiões são fórmulas que, aplicadas nas experiências de cada dia, operam a higiene e a iluminação de nossa alma, rumo aos degraus superiores. Todavia, enquanto permanecemos no corpo, infinita é a nossa distração. Invariavelmente dispostos a ensinar o bom caminho aos outros, dele nos afastamos, sempre que a virtude nos peça algo contra os nossos desejos. Valendo-me da pausa natural de sua palavra carinhosa e fluente, arrisquei: - Quer dizer então que... Lameira não me deixou terminar. Tornando à frase convincente, esclareceu:  
  
— Quer dizer que para cá voltamos à semelhança de máquinas desarranjadas à oficina. Vícios do pensamento, inclinações nocivas não combatidas, desequilíbrios nervosos não extintos, sentimentos de culpa imanifestos, hábitos deprimentes, impulsos não educados, excessivo apego a objetos, situações e paisagens materiais ainda arraigadas, acidentes íntimos de mágoa ou de revolta, paixões ocultas, e verdadeira mole de outros fenômenos corruptores do sentimento — nos obrigam a lamentável demora na viagem, constrangendo-nos à perda de muito tempo que poderia ser utilizado em nossa própria ascensão.  
  
Notando-me a expressão de amargura no olhar inquiridor, prosseguiu, comovido:— Não acredite seja você o único a experimentar as dificuldades do ressurgimento. Lutei muito, por minha vez, e ainda me encontro em reajuste, satisfazendo certos compromissos que, desprevenido, assumi. Somos extensa fileira de trabalhadores em transição. Nem na extrema vanguarda, nem de todo para trás. Muitíssimos anos exige a obra da restauração, e nem poderia ser de outro modo. Ainda assim, meu amigo, cabe-nos render graças a Deus, porque milhões de pessoas, embora já sem o veiculo da carne, permanecem aferradas à matéria, com o risco as maiores desilusões para a necessária libertação.  
  
Tais instruções calaram-me fundamente no espírito. Recordei a leitura das mensagens e dos apontamentos de André Luiz e concluí, pela experiência direta, enfrentava, por minha vez, os duros tempos do conserto próprio. Desdobraram-se os dias entre a aflição e a saúde amenizadas, de alguma sorte, pelas novas amizades me floriram a estrada de alegrias surpreendentes. Lameira foi para mim um cicerone bondoso e amigo vigilante. Pouco a pouco, reconheci que recebemos no Além o que realmente criamos para nós mesmos, em contato com as criaturas. Tudo o que é nosso em nós demora. O amor encontra, depois da morte, aqueles a que se consagra ou aquilo a que se devotou.  
  
O ódio convive com as imagens horrendas que a si mesmo gerou e das quais se alimenta."É assim que me restauro; e, guardando intacto o velho ideal de aprender e servir, no trabalho de engrandecimento da vida imperecível, eis-me de retorno companheiros de luta, oferecendo-lhes o relatório de minhas surpresas iniciais na Espiritualidade. Saibam, destarte, que o corpo de sangue e ossos é simplesmente sombra da nossa entidade real e que todas as nossas virtudes ou vícios a nós se atrelam além da Terra; pelo que, de cada qual depende o caminho aberto ou o desfiladeiro sombrio na sublime romagem para a Luz.**

**Romeu A. Camargo**

**30 - OFERENDA- JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 39, 119**

**GRAÇA E REENCARNAÇÃO**

**Toda vez em que se aborda o tema de reencarnação, os mais ferrenhos estudiosos dos Evangelhos, que se detêm na forma da mensagem antes que no seu conteúdo, opõem à necessidade do nascer de novo na carne, a que se referiu Jesus, a concessão da "graça", como mecanismo de salvação, em decorrência da divina misericórdia do Pai.**

**A salvação pela graça, sem dúvida, constitui uma dádiva arbitrária, que viola as leis do equilíbrio universal, a uns beneficiando, em detrimento de outros, em flagrante injustiça por parte do Soberano Criador. Igualmente, o conceito apresentado, em referência ao "sangue de Cristo" salvando as criaturas, deve ser entendido como a lição preciosa que o Mestre nos deu, demonstrando que, mesmo Ele, sendo puro, não se furtou ao holocausto da própria vida, num extremo ato de amor, a fim de que nos não evadamos à doação plena e total, quando chegado o momento do sacrifício pessoal.**

**Ensejar-se a um endividado revel a oportunidade de resgatar os débitos, constitui-lhe uma graça. Conceder-lhe, ao trânsfuga do dever o ensejo de reabilitação, torna-se para ele uma graça imerecida. Facultar-se, ao enfermo, recursos de renovação e saúde é-lhe uma graça auspiciosa.**

**Proporcionar-se, ao delinquente, o afastamento da sociedade, a reeducação e o retorno à comunidade, torna-se-lhe uma graça bendita. Agraciar-se, porém, o agressor esquecendo-lhe a vítima, é um ato de injustiça. Liberar-se o algoz, sem facultar o mesmo a quem lhe padeceu a perversidade, faz-se uma forma de estimular o crime.**

**O amor e a justiça cooperam em favor da reabilitação do devedor, que liberta a consciência da engrenagem do erro, encontrando a felicidade anelada. O amor verdadeiro não beneficia uns, olvidando outros. "Nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou se perderá" - disse Jesus. Isto equivale a afirmar que todos se salvarão mediante as conquistas realizadas durante as sucessivas existências.**

**A reencarnação é a graça que o Pai concede aos que se comprazem no erro e na delinquência, a fim de desfrutarem a salvação, essa conquista que nos cumpre lograr a esforço próprio e com sacrifício pessoal.**

**A vida é unica, no seu processo de crescimento e perfeição, em que o berço e o túmulo representam portas de entrada e de saída para cada existência física. A carne nasce, morre e renasce inúmeras vezes, inclusive numa mesma existência corporal, mas a vida não cessa nunca.**

**Utiliza-te, portanto, da concessão feliz dos renascimentos físicos, a fim de cresceres em direção ao bem e à libertação de que o Mestre te acena, enquanto te aguarda, reabilitando-te dos erros cometidos, evitando incidir em outros e edificando-te no bem para o bem de todos.**

**VIAGEM DA REENCARNAÇÃO**

**Na abençoada jornada que encetas sob as bênçãos da reencarnação, utiliza-te de todas as ensanchas para o ministério do progresso espiritual, tua meta maior. Considera a vilegiatura carnal como sendo uma estrada quilometrada com objetivos definidos e meta bem caracterizada.**

**À semelhança de qualquer rota, o seu curso se desdobra por paisagens límpadas e encantadoras, a claro céu ensolarado, sob intempéries vigorosas e sobre solos assinalados por problemas que impossibilitam o acesso... Cada quilômetro vencido representa uma etapa anual de conquista laboriosa.**

**Da mesma forma que o viajante comum se preocupa para a excursão, precatando-se contra as prováveis dificuldades, armando-se de previdência para enfrentar os trâmites difíceis e as possíveis ocorrências, no movimento reencarnacionista, igualmente, faz-se indispensável que medidas acautelatórias, de natureza preventiva ou reparadora, sejam colocadas em pauta e examinadas.**

**Nem sempre o avanço se fará com rapidez ou facilidade. Aqui, é um caminho impérvio, onde os problemas se multiplicam impeditivos, podendo, sem embargo, a penates, ser contornado. Ali, estão penhascos ameaçadores, cujos declives exigem embreagens e freios regulados, mediante os quais se poderá vencer o perigo.**

**Além, se encontram pontes caídas sobre cursos d'água que, todavia, se farão transpostos, através de outros recursos. Há sempre desafios; entretanto sempre se dispõem de soluções para equacionamento dos óbices. Pelo caminho humano, em que o Espírito avança no rumo da Vida Maior, repontam, também, surpresas desagradáveis, incidentes e testes que medirão a capacidade de resistência quanto de discernimento de cada viajante...**

**Os problemas servem para avaliar as aquisições morais, enquanto facultam que as conquistas amealhadas sejam colocadas a prova. No curso da evolução, por onde o Espírito transita para o grande norte, aparecem, providenciais, túneis que facilitam o acesso às metas buscadas.**

**Ao invés da montanha desafiadora ou do abismo aparvalhante, a técnica, no mundo, consegue abreviar as distâncias abrindo passagens subterrâneas. Nelas, todavia, se defronta a questão das trevas, que são contornadas mediante os recursos das luzes artificiais ou das aberturas estratégicas, na direção da claridade...**

**O túnel moral, que intimida, mas facilita o processo da evolução, deve ser configurado como as provações, os graves momentos de dor, os testemunhos... O cristão decidido utiliza-se da prece - verdadeiro canal que traz do Alto as claridades indispensáveis para que se esbatam as sombras - perseverando no avanço.**

**Outras vezes pode acender também as luminescências da resignação e da coragem, que se assemelham à força elétrica, para vencer a escuridão aterradora... Não te olvides, jamais, que, por mais sombria se te apresenta a rota ou o túnel, por onde rumas, há claridade aguardando à frente, convidativa.**

**Não te avassalem os injustificáveis receios, nem te assomem os estresses alucinantes, não te facultes inquietações indesculpáveis... Enquanto se está na Terra nada há em definitivo, ninguém está em segurança total. A relatividade do corpo, os impositivos da evolução, os dados fornecidos pelo passado para a elaboração do programa presente e do futuro são os responsáveis pelas conjunturas de cada momento, e as surpresas são mapeamentos que reprogram atividades e realizações para o futuro.**

**Ninguém se considere, em razão disso, vitorioso, enquanto no corpo... Quase sempre uma viagem exitosa, até certo ponto, pode interromper-se por tempo indeterminado, no último quilômetro. Vigia e trabalha. Ora e serve. Confia e sê fiel ao bem. Sofre e liberta-te da constrição do erro. Insiste e não desanimes.**

**Jesus, nosso Modelo Perfeito, somente ao concluir a Sua tarefa entre nós, do alto do madeiro em que jazia crucificado, se considerou vitorioso ao bradar: - "Pai, em tuas mãos entrego o meu Espírito".**

**Quando tudo estiver consumado, poderás considerar-te vitorioso na tua viagem da reencarnação, por haveres logrado alcançar a meta perseguida que é a libertação total e plena.**

**31 - REENCARNAÇÃO NO BRASIL - HERNANI GUIMARÃES ANDRADE - TODA A OBRA**

**A REENCARNAÇÃO E SUA PESQUISA CIENTÍFICA:   
CONCEITO**

**Reencarnar quer dizer nascer de novo, voltando-se outra vez à vida carnal. Equivale ao termo RENASCIMENTO, mais usado em certas filosofias religiosas orientais que adotaram como dogma. Nossa cultura ocidental contemporânea, fortemente baseada em princípios materialistas ou em religiões em que a idéia da reencarnação é considerada doutrina herética, praticamente desconhece o que seja o NOVO NASCIMENTO após a morte do corpo físico.**

**Uma vez que se negue a realidade da sobrevivência da alma, "ipso facto" do espírito, ou então que se creia em um céu e um inferno eternos como destino final dos que morrem, a reencarnação torna-se sem sentido e incompreensível. Entretanto, ela sempre constituíu a crença básica de quase todos os sistemas religiosos e filosóficos da antiguidade, inclusive do Judaísmo, de onde provieram as religiões judaíco-cristãs mais difundidas no Ocidente, e que hoje não aceitam mais o dogma da reencarnação.**

**Recentemente, observa-se o despertamento de um grande interesse pelas filosofias religiosas do Oriente, especialmente pela Vedanta e pelo Buddhismo. Esta volta ao pensameno oriental parece uma natural reação provocada pela insatisfação e sensação de vazio produzidas pelas atuais filosofias materialistas. O homem começa a sentir-se insatisfeito pelo imediatismo egoísta, pelo hedonismo, pela insegurança crescente, pela ansiedade permanente e pela luta sem sentido que vêm caracterizando o nosso atual sistema. Falta-lhe uma explicação coerente para a razão de ser de um viver tumultuário e sem paz nem objetivo definido. Todos se sentem saturados, quase exaustos, desta peleja inútil, cujo fim seria o vácuo além-túmulo após uma vida efêmera e intranquila.**

**Os cientistas, particularmente os físicos mais avançados, estão descobrindo que, no tocante ao conhecimento em relação à natureza do Universo e à realidade última da matéria, chegaram praticamente ao mesmo ponto alcançado, há séculos, pelos meditadores orientais, mestres das seitas vedantinas e budistas.**

**A reencarnação inclui-se entre os ensinamentos das filosofias religiosas do Oriente. Por isso a idéia de renascimento passou a interessar aos ocidentais também. Nos Estados Unidos, já há um certo número de pessoas que aceita tranquilamente a reencarnação. A Teosofia, nascida das doutrinas hinduístas (brahmavidya ou paravidya = sabedoria suprema) teve muita influência neste particular, não só na América como nos demais países da lingua inglesa. Aqui no Brasil, a difusão das idéias reencarnacionistas deve-se sobretudo ao Espiritismo Kardecista.**

**Mesmo assim, são muitos os ocidentais que ainda não aceitam, ou então ignoram, o que seja a reencarnação. É lógico que tais pessoas estejam também mal informadas acerca das pesquisas sérias, de natureza rigorosamente científica, que se vêm fazendo acerca do renascimento, em várias partes do mundo.**

**REFERÊNCIAS:  
São numerosíssimos as obras e os trabalhos publicados no mundo, há vários anos, tratando da reencarnação. Alguns, em número reduzidíssimo, procuram desacreditar a idéia do renascimento, mas normalmente deixam de apresentar evidências sérias, experimentais ou observacionais, que dêem apoio às suas argumentações. Estas em sua quase maioria são baseadas em dogmas de fé, opiniões pessoais ou de "autoridades" escolhidas pela natureza de suas opiniões, obviamente simpáticas à negação da tese reencarnacionista.**

**O número de livros e outros trabalhos favoráveis à idéia da reencarnação é grande. Alguns relatam os casos principalmente em forma anedótica, preocupando-se moderadamente com a discussão e demonstração dos mesmos. Outros versam preferencialmente sobre a argumentação de apoio à tese reencarnacionista, apresentando alguns fatos como evidência de sustentação. As obras relatando os casos obtidos por processos de regressão por meio de hipnose, ou de outros vêm sendo levados a efeito sobretudo por psiquiatras ou psicólogos clínicos.**

**Finalmente, há trabalhos baseados, em sua maioria, na recordação espontânea manifestada na infância. Estes pacientes, tão logo chegam à idade em que aprendem a falar, passam espontaneamente a relatar fatos que ocorreram com eles em uma vida anterior. Essas crianças têm-se mostrado as melhores fontes de evidência a favor da idéia da reencarnação. Há, também, bons casos de recordação aflorando em adultos.**

**Entre os melhores trabalhos acerca dos casos de pessoas com recordações de vidas anteriores, colocam-se os do Dr. Ian Stevenson, médico psiquiatra e professor na Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos da América. Desde 1961, ele tem viajado por diversos países do Oriente (Índia, Burma, Tailândia, Ceilão, Turquia, Líbano, Sri Lanka) e do Ocidente (Alaska, Canadá, Estados Unidos, Brasil, etc) à procura de casos de reencarnação. Além de inúmeros trabalhos publicados em periódicos especializados e também leigos (The Journal of Nervous and Mental Dísease), Dr. Steven lançou como parte dos proceedings da "American Society for Psychical Research", vol. XXVI, setembro 1966, o livro que se tornou um clássico no gênero: Twenty Cases Suggestive of Reincarnation, traduzido para o português sob o título Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação; São Paulo: Editora Difusora Cultural, 1970.**

**Esta obra e mais quatro outras foram, posteriormente, lançadas pela "University Press of Virginia, Charlottesville, USA", formando uma coleção de cinco volumes, no formato de 18,5 x 26 cm cada um. Esta série será ampliada com a edição de mais outros futuros trabalhos. Não entramos em mais detalhes no concernente às referências, para não fugirmos demais ao principal objetivo desta obra, o qual é relatar os casos de reencarnação pesquisados no Brasil.**

**A PESQUISA**

**O método de investigação deste tipo de evidência não usa nem a hipnose, nem a regressão de memória. Embora estes processos possam produzir resultados válidos na pesquisa da reencarnação, normalmente são evitados quando se trata de recordações espontâneas, especialmente as afloradas na primeira infância. A obtenção de dados evidenciais é feita mediante coleta de informações fornecidas pelo próprio paciente e pelas pessoas - parentes ou estranhos - que presenciaram os fatos ou declarações feitas pelo paciente, durante sua meninice. Estes depoimentos são cuidadosamente tomados em separado, registrados e comparados uns com os outros.**

**Sempre que possível, a criança é conduzida ao local onde ela afirma ter vivido, a fim de fazer os reconhecimentos, usam-se vários métodos de registro,, tais como notas escritas, gravações, fotografias e até filmagens. Formulários previamente preparados são utilizados na coleta das informações, de maneira a não deixar dados importantes escaparem sem registro. Há muitas informações complementares que se tornam utilíssimas para o estudo aprofundado da reencarnação. Entre tais dados, podemos citar os seguintes: local e natureza dos ferimentos recebidos pela personalidade anterior, caso tenha sofrido morte violenta; duração do período de intermissão (tempo decorrido entre o desencarne e o novo nascimento); fatos ocorridos durante a intermissão; se o reencarne do paciente foi precedido de avisos ou sonhos anunciadores; características físicas e psicológicas da personalidade prévia e da atual; sexo da personalidade anterior; a causa mortis é um dado importante, pois pode ter influência na saúde e comportamento da personalidade atual. Todos os dados são relevantes e, por isso, os questionários costumam ser extensos e minuciosos. (...)**

**NOTA: O autor expõem oito casos que sugerem renascimento no Brasil.**

**32 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. DE MIRANDA - PÁG. 13, 19**

**REENCARNAÇÃO - DÁDIVA DE DEUS  
Como é compreensível, a planificação para reencarnações é quase infinita, obedecendo a critérios que decorrem das conquistas morais ou dos prejuízos ocasionais de cada candidato. Na generalidade, existem estabelecidos automatismos que funcionam sem maiores preocupações por parte dos técnicos em renascimento, e pelos quais a grande maioria de Espíritos retorna à carne, assinalados pelas próprias injunções evolutivas.**

**Ao lado desse extraordinário automatismo das leis da reencarnação, há programas e labores especializados para atender finalidades específicas, na execução de tarefas relevantes e realizações enobrecedoreas, que exigem largo esforço dos Mentores encarregados de promover e ajudar os seus pupilos, no rumo do progresso e da redenção.**

**Sem nos desejarmos deter em pormenores dos casos especiais, referentes aos missionários do Amor e aos abnegados cultores da Ciência e da Arte, os candidatos em nível médio de evolução, antes de serem encaminhados às experiências terrenas, requerem a oportunidade, empenhando os melhores propósitos e apresentando os recursos que esperam utilizar, a fim de granjearem a bênção do recomeço, na bendita escola humana...**

**Examinados por hábeis e dedicados programadores, que recorrem a técnicas mui especiais de avaliação das possibilidades apresentadas, são submetidos a demorados treinamentos, de acordo com o serviço a empreender, com vistas ao bem-estar da Humanidade, após o que são selecionados os melhores, diminuindo, com esse expediente, a margem do insucesso. Os que não são aceitos, voltam a cursos de especialização para outras atividades, especialmente de equilíbrio, com que se armam de forças para vencer as más inclinações defluentes das existências anteriores que se malograram, bem como para a aquisição de valiosas habilidades que lhes repontarão, futuramente, no corpo, como tendências e aptidões.**

**Concomitantemente, de acordo com a ficha pessoal que identifica o candidato, é feita a pesquisa sobre aqueles que lhe podem oferecer guarida, dentro dos mapas cármicos, providenciando-se necessários encontros ou reencontros na esfera dos sonhos, se os futuros genitores já estão no veículo físico, ou diretamente quando se trata de um plano elaborado com grande antecedência, no qual os membros do futuro clã convivem, primeiro, na Erraticidade, donde partem já com a família adrede estabelecida...**

**Executada a etapa de avaliação das possibilidades e a aproximação com a necessária anuência dos futuros pais, são meticulosamente estudados os mapas genéticos de modo a facultarem, no corpo, a ocorrência das manifestações físicas como psíquicas, de saúde e doença, normalidade ou ou idiotia, lucidez e inteligência, memória e harmonia emocional, duração do cometimento corporal e predisposições para prolongamento ou antecipação da viagem de retorno, ensejando, assim, probabilidades dentro do comportamento de cada aluno à aprendizagem terrena...**

**Fenômenos do determinismo são estabelecidos com margem a alternâncias do uso do livre-arbítrio, de modo a permitir uma ampla faixa de movimentação com certa independência emocional em torno do destino, embora sob controles que funcionam automaticamente, em consonância com as leis do equilíbrio geral. São travados debates entre o futuro reencarnante e os seus fiadores espirituais, com a exposição das dificuldades a enfrentar e dos problemas a vencer, nascendo e se desdobrando a euforia e a esperança em relação ao futuro.**

**Em clima de prece, entre promessas de luta e coragem, sob o apoio de abnegados Instrutores, o Espírito mergulha no oceano compacto da psicosfera terrena e se vincula à célula fecundada, dando início a novo compromisso. Os que amam, na Espiritualidade, ficam expectantes e interessados pelos acontecimentos, preocupados pelos sucessos que se darão,e buscando interceder nas horas graves, auxiliando nos momentos mais difíceis, encorajando sempre...**

**A REENCARNAÇÃO, porém, que leva a parcial esquecimento das responsabilidades, em razão da imantação celular que se faz, é sempre cometimento de grande porte e alta gravidade. Conseguindo o êxito do renascimento, continua o intercâmbio, durante a primeira infância, com os Amigos da retaguarda espiritual e, à medida que o corpo absorve o Espírito ou este se assenhoreia daquele, vão-se apagando as lembranças mais próximas enquanto ressumam as fixações mais fortemente vivas no ser, dando nascimento às tendências e paixões que a educação e a disciplina moral devem corrigir a benefício do educando.**

**Nunca cessam, em momento algum, os socorros inspirativos que procedem da esfera espiritual, em contínuas tentativas pelo aproveitamento integral do valioso investimento a que o Espírito se propôs. O retorno é feito, quase sempre, com altos índices de fracasso, com agravamento de responsabilidades; de insucesso, em decorrência da invigilância e da indolência, dando margem à amargura e à perturbação; de perda do tentame, graças à fatuidade e aos graves comprometimentos do pretérito, de que não se conseguiram libertam...**

**Pode-se compreender a preocupação afetuosa dos Benfeitores Espirituais que acompanham os seus pupilos, à medida que estes se afastam da sua influência benéfica e se transferem espontaneamente de área vibratória, entregando-se aos envolvimentos perniciosos e destrutivos. Instam, esses nobres cooperadores do bem, para que os seus protegidos retornem ao roteiro traçado, usando de mil recursos sutis, ou de interferências mais vigorosas, tais como as enfermidades inesperadas, os acidentes imprevistos, as dificuldades econômicas, a carência afetiva, de modo a despertarem do anestésico da ilusão os que se enovelaram nos fios da leviandade ou se intoxicaram pelo bafio do orgulho, do egoísmo, da cólera...**

**A REENCARNAÇÃO é o maior investimento da vida ao Espírito em processo evolutivo, o qual, sem ela, padeceria a hipertrofia de valores intelecto-morais, pela falta do ensejo da convivência com aqueles que se lhe vinculam pelo amor santificado, pelo amor asselvajado das paixões dissolventes, ou pelo amor enlouquecido no ódio, na violência, na perseguição... A conjuntura carnal constitui valiosa aprendizagem para a fixação dos recursos mais elevados do bem e do progresso na escalada inevitável da evolução.**

**Sem dúvida, o parcial olvido dos compromissos assumidos responde por alguns fatores do insucesso, mas, ao mesmo tempo, isto constitui a mais expressiva concessão do amor do Pai, evitando que se compliquem os fenômenos da animosidade e do ressentimento, das mágoas e das preferências exclusivistas, que tenderiam a reunir os afins nos gostos e afetos, produzindo um clima de desprezo e agressão contra aqueles que se lhes opusessem.**

**Como jamais retrograda o Espírito, no seu processo evolutivo, os insucessos não atingem as conquistas, que permanecem, agravando, isto sim, o programa de responsabilidades de que se desobrigará, quando falharem as provações remissoras, mediante as expiações redentoras que serão utilizadas como terapêutica final. Todas as conquistas da inteligência - e sempre são logradas novas etapas, nesse campo, em cada reencarnação - permanecem, embora as aquisições morais, mais lentas, porém mais importantes, somente através de sacrifício e renúncia, de amor e devotamento conseguem ser alcançadas.**

**Com as luzes projetadas pelo Espiritismo, na atualidade, o empreendimento da reencarnação adquire hoje mais amplo entendimento pelos homens, que reconhecem a sua procedência espiritual, identificando-a e, por sua vez, preparando-se para o retorno à vida que estua e nela se encontra, inevitavelmente, seja no corpo ou fora dele.**

**REMINISCÊNCIAS E CONFLITOS PSICOLÓGICOS  
O processo da reencarnação está a exigir estudos acurados por embriogenistas, biólogos e psicólogos, de modo a poderem penetrar nos seus meandros, que lhes permanecem ignorados, o que dá margem, nessas áreas de estudo, quando diante de determinados acontecimentos, a opiniões sem fundamentação, porque destituídas do conhecimento das causas, cujos efeitos contemplam. Iniciando-se, no momento da fecundação, alonga-se o processo reencarnatório até a adolescência do ser, quando, a pouco a pouco, atinge a plenitude. (Consultado o Espírito Manoel P. Miranda, este esclareceu, por intermédio de Divando Franco, que mesmo terminado aos 7 anos o processo reencarnatório, este se vai fixando, lentamente, até o momento da transformação da glândula pineal, na sua condição de veladora do sexo).**

**As impressões mais fortes das experiências passadas fixam-se no corpo em formação, através de deficiências físicas ou psíquicas, saúde e inteligência, de acordo com o tipo de comportamento que caracteriza o estado evolutivo do Espírito. Estabelecidos os programas cármicos referentes às necessidades de cada ser, outros fatores contribuem, durante a gestação e o parto, para ulteriores fenômenos psicológicos no reencarnante.**

**Graças à simpatia ou animosidade que o vinculam aos futuros genitores, estes reagem de forma positiva ou não, envolvendo o filho em ondas de ternura ou revolta que o mesmo assimila, transformando-se essas impressões em fobias ou desejos que exteriorizará na infância e poderá fixar, indelevelmente, na idade adulta. Porque lúcido, acompanhando o mergulho na organização física, percebe-se desejado ou reprochado, registrando os estados familiares, bem como os conflitos domésticos do meio onde irá viver.**

**Vezes ocorrem, em que o pavor se torna tão grande, que o Espírito desiste da reencarnação ou, em desespero, interrompe inconscientemente o programa traçado, resultando em aborto natural a gestação em andamento. Os meses de ligação física com a mãe são, também, de vinculação psíquica, em que o recomeçante em sofrimento pede apoio e amparo, ou, se ditoso, roga ternura para o fiel cumprimento do plano feliz que se encontra em execução.**

**Adicionando-se às LEIS DO MÉRITO os fenômenos emocionais dos futuros pais, esses resultarão em heranças, que fazem pressupor semelhanças com o clã, estudadas pelas modernas leis da genética. - Tal pai, tal filho - afirma o refrão popular, demonstrando a força dos genes e cromossomos nos códigos da hereditariedade. A verdade, porém, é diversa. Se ocorrem semelhanças físicas e até psicológicas, estas adquiridas mediante convivência familiar, o mesmo não se dá nos campos moral e intelectual.**

**O Espírito é o herdeiro das próprias conquistas passadas, graças às quais se expressa no campo da atividade nova. No entanto, os comportamentos familiares influem sobre a conduta do reencarnante, que se impregna - especialmente quando se trata de Espírito imperfeito - dos conflitos e das vibrações perniciosas que lhe irão influenciar profundamente o procedimento.**

**Reações de várias ordens se manifestarão na criança, como resultantes da insegurança que experimenta no berço novo, desdobrando-se em rebeldia e insatisfação, nervosismo e incapacidade intelectual, durante a infância e a adolescência, com agravantes para o futuro, caso o amor dos pais não interrompa a caudal das reminiscências infelizes. O auxílio do psicólogo, a terapia cuidadosa ajudam no mecanismo de reajustamento da criança, todavia, aos pais cumprem a tarefa maior, assistindo e amparando o filhinho temeroso e desconfiado, necessitado de segurança e tranquilidade.**

**Não nos referimos aqui ao capítulo adicional das obsessões, que exercem forte interferência no quadro complexo da reencarnação, respondendo por graves injunções no comportamento infantil. Detemo-nos, apenas, nas reminiscências, ora do domínio do inconsciente atual, que irrigam a consciência com temores e conflitos, produzindo estados de desequilíbrio, que poderiam ser evitados. Enurese noturna, irritabilidade, pavores de toda espécie, timidez, ansiedade encontram nas ocorrências da vida fetal, em relação à mãe e aos demais familiares, muitas das suas causas.**

**Não obstante, é possível minimizar-lhes as consequências, através de uma atitude firme e afetuosa dos pais, particularmente da mãe, utilizando-se do sono do filhinho para infundir-lhe coragem e anular-lhe as impressões negativas, envolvendo-o em amor e conversando com ele, com sincero carinho, transmitindo-lhe a confiança de que romperá a barreira invisível das dificuldades, enfim, alcançando-lhe o íntimo.**

**Desde que ainda não esteja concluída a reencarnação, o Espírito ouvirá e entenderá as sugestões positivas que lhe são apresentadas, o amor que lhe é oferecido, toda a gama de afeição que lhe é destinada. Quantas vezes um conflito sexual não se originará, na criança em face da decepção da mãezinha que esperava um varão e recebeu uma menina, ou vice-versa, e, vítima, de imaturidade, declara o desagrado, explodindo em pranto injustificado, assim chocando o recém-chegado, que lhe recebe o rechaço, vindo a exteriorizá-lo, mais tarde, em forma de conflito!?**

**Sempre é tempo de reconsiderar-se a atitude, reconciliando-se com o ser menosprezado, graças ao grau de amor e à força do bem que se coloque no relacionamento afetivo lúcido, quando o mesmo estiver dormindo, portanto, em situação receptiva. O inconsciente receberá as novas informações, que serão arquivadas, e ressumarão, posteriormente, de forma agradável e cordial, estruturando a personalidade infanto-juvenil e proporcionando-lhe mais amplas aquisições que logrará com o tempo, conduzido por aqueles a cujo lado recomeça a caminhada redentora.**

**Mesmo na adolescência, quando não se soube agir antes, deve-se tentar recuperar o filho, reconquistá-lo, conversando com ele, em estado de sono, perseverando-se em um relacionamento tranquilo e gentil, também durante a fase em que esteja desperto, agindo com amor ao invés de reagindo com ira ou zombaria, quando o mesmo apresente seus conflitos, suas dificulddes...**

**Não será o ato de falar, pura e simplesmente, mas empatia, o contributo da emoção afetuosa com os quais a palavra se carregue, para alcançar a finalidade a que se destina. Por fim, é necessário que a carga de certeza do êxito se faça presente, conforme enunciou Jesus: "Tudo é possível àquele que crê", para que os resultados felizes coroem a empresa do amor.**

**34 - PASSOS DA VIDA - ESPÍRITOS DIVERSOS - EMMANUEL - TEMPO E REENCARNAÇÃO - PÁG. 40**

**Considera a tua ação e o modo pelo qual a exerces, a fim de que a paz te abençoe a vida. Surpreendeste o amigo de quem tiveste mágoa por algum desentendimento ... Reflete na carreira dos dias e esquece o conflito que te perturba.Entretanto, faze algo mais. Envolve-o nas melhores vibrações do sorriso fraterno para que o vejas tranqüilo.**

**Guardaste a obrigação de saldar essa ou aquela dívida ... Pensa na velocidade das horas e dentro das possibilidades de que disponhas, proocura resgatá-la. Não te circunscreva, porém, a isso. Oferece ao credor a tua mensagem de gratidão e alegria por te haver esperado.**

**Conservas a intenção de auxiliar alguém ou de levar a alguém o testemunho de tua confiança e carinho ... Medita na rapidez dos minutos e não atrases a manifestação afetiva, que te nasce do íntimo. Vai, todavia, mais além. Ajuda a pessoa a quem beneficias para que se convença de que assim procedes, por verdadeira fraternidade, sem a menor idéia de recompensa.**

**Encontraste o adversário que te criou inúmeros contratempos, hoje faminto de amizade e compreensão ... Observa a brevidade do tempo e não lhe negues a mão de companheiro. Realiza, entretanto, algo mais. Dá-lhe a bênção da palavra generosa, por certidão viva de teu respeito.**

**Em tudo o que seja tarefas a realizar, opiniões a emitir, providências a compor e questões a resolver, recorre ao amor para que o amor te inspire e age sem delongas na demonstração da tua capacidade de compreender e servir porque, em verdade, os minutos da REENCARNAÇÃO se escoam, vertiginosos, e realmente não sabes, quanto ao tempo que a reencarnação te reserva, se estás vendo e ouvindo essa ou aquela pessoa e fazendo isso ou aquilo pela última vez.**

**Emmanuel**

|  |  |
| --- | --- |
| **REGENERAÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - cap. XVIII,27** | **02 - Alerta - pág. 67** |
| **03 - Bezerra de Menezes, pág. 92** | **04 - Catecismo Espírita - pág. 39, 18ª lição** |
| **05 - Convites da vida - pág. 156** | **06 - Florações Evangélicas - pág. 24** |
| **07 - No mundo maior - pág. 41, 108** | **08 - Nosso Lar - 26,31** |
| **09 - O Espírito e o Tempo - pág. 171** | **10 - O Exilado - pág. 173, 178** |
| **11 - O problema do ser do destino e da dor - pág. 77** | **12 - Ressurreição e vida - pág. 49** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**REGENERAÇÃO** **– COMPILAÇÃO**

**01- A Gênese - Allan Kardec - cap. XVIII,27**

**25. - Não foi o Espiritismo que criou a renovação social, foi a maturidade da Humanidade que fez dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, pelas suas tendências progressivas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo está, mais que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador; é por isso que dele é contemporâneo.**

**Chegou no momento em que poderia ser útil, porque para ele também os tempos são chegados; mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis; inevitavelmente teria sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que tinham, não experimentavam ainda a necessidade daquilo que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das idéias que fermentam, encontra o terreno preparado para recebê-los; os Espíritos, devido à dúvida e a incerteza, amedrontados com o abismo que se abre diante deles, o acolhem como uma âncora de salvação e uma suprema consolação.  
  
26.-O número de retardatários, sem dúvida, é ainda muito grande, mas o que podem contra a onda que se levanta, senão lançar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que se levanta, ao passo que eles desaparecem com a geração que se vai cada dia a largos passos. Até lá, defenderão o terreno passo a passo há, pois, uma luta inevitável, mas uma luta desigual, porque é a do passado decrépito que cai em farrapos, contra o futuro juvenil; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, porque os tempos marcados por ele estão chegados.  
  
A GERAÇÃO NOVA  
27. - Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é necessário que ela não seja povoada senão por bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que não quererão senão o bem. Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração se cumprirá entre aqueles que a habitam; aqueles que fazem o mal pelo mal, e que o sentimento do bem não toca, não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque lhe trariam de novo a perturbação e a confusão, e seriam um obstáculo ao progresso.**

**Eles irão expiar o seu endurecimento, uns nos mundos inferiores, os outros entre as raças terrestres atrasadas, que serão o equivalente de mundos inferiores, onde levarão os seus conhecimentos adquiridos, e terão por missão fazê-las avançar. Serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar, entre eles, a justiça, a paz, a fraternidade.  
  
A Terra, no dizer dos Espíritos, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas.  
Tudo se passará, pois, exteriormente como de hábito, com esta única diferença, mas esta diferença é capital, que uma parte dos Espíritos que nela se encarnam não se encarnarão nela mais. Em uma criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e levado ao mal, que se encarnaria, esse será um Espírito mais avançado e levado ao bem.  
  
Trata-se, pois, bem menos de uma geração corpórea do que de uma nova geração de Espíritos, e é nesse sentido, sem dúvida, que o entendia Jesus quando dizia: "Eu vos digo, em verdade, que esta geração não passará sem que esses fatos tenham se cumprido." Assim, aqueles que esperarem ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais e maravilhosos, serão decepcionados.  
  
28. - A época atual é de transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, e que cada uma se assinala já, no mundo, pelos caracteres que lhe são próprios. As duas gerações que se sucedem têm idéias e vistas inteiramente opostas. À natureza das disposições morais, mas sobretudo das disposições intuitivas e inatas, é fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.  
  
A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, unidas ao sentimento inato do bem e das crenças espiritualistas, o que é o sinal indubitável de um certo grau de adiantamento anterior. Ela não será composta, pois, exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as idéias progressistas, e aptos a secundar o movimento regenerador.  
  
O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados, é primeiro, a revolta contra Deus pela recusa de reconhecer algum poder superior à Humanidade; a propensão instintiva às caixões degradantes, aos sentimentos anti-fratemos do egoísmo, do orgulho, da inveja, do ciúme; enfim, o agarramento por tudo o que é material: a sensualidade, a cupidez, a avareza.  
  
São esses vícios, dos quais a Terra deve ser purgada pelo afastamento daqueles que se recusam se emendar, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade, e que os homens de bem sofrerão sempre por seu contato. Quando a Terra deles estiver livre, os homens caminharão sem entraves para um futuro melhor, que lhes está reservado neste mundo, por preço de seus esforços e de sua perseverança, esperando que uma depuração, ainda mais completa, lhes abra a entrada dos mundos superiores.  
  
29. - Por essa emigração dos Espíritos, não é necessário entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra, e relegados a mundos inferiores. Muitos, ao contrário, nele retornarão, porque muitos cederam ao arrastamento de circunstâncias e do exemplo; a aparência neles era pior do que o fundo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corpóreo, a maioria verá as coisas de um modo muito diferente do que quando vivos, assim como temos disso numerosos exemplos.**

**Nisso, serão ajudados por Espíritos benevolentes que se interessam por eles, e que se apressam em esclarecê-los e mostrar-lhes o falso caminho que seguiram. Pelas nossas preces e nossas exortações, nós mesmos podemos contribuir para seu melhoramento, porque há solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos. A maneira pela qual se opera a transformação é muito simples, e, como se vê, ela é toda moral e em nada se desvia das leis da Natureza.  
  
30. - Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores, ou os antigos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante que tragam melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam, assim, duas categorias, segundo as disposições naturais: de uma parte, os Espíritos retardatários que partem, da outra os Espíritos progressistas que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará, pois, em um povo, em uma raça ou no mundo inteiro, em razão daquela das duas categorias que tiver a preponderância.  
  
31. - Uma comparação vulgar fará compreender melhor ainda o que se passa nesta circunstância. Suponhamos um regimento composto, em grande maioria, de homens turbulentos e indisciplinados: estes ali levarão sem cessar uma desordem que a severidade da lei penal terá frequentemente dificuldade para reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque serão os mais numerosos; eles se sustentam, se encorajam e se estimulam pelo exemplo. Os que sejam bons são sem influência; seus conselhos são desprezados; são escarnecidos, maltratados pelos outros, e sofrem com esse contato. Não está aí a imagem da sociedade atual?  
  
Suponhamos que são retirados esses homens do regimento um por um, dez por dez, cem por cem, e que sejam substituídos na mesma medida por um número igual de bons soldados, mesmo por aqueles que foram expulsos, mas que se emendaram seriamente: ao cabo de algum tempo, ter-se-á sempre o mesmo elemento, mas transformado; a boa ordem ali terá sucedido à desordem, Assim o será com a Humanidade regenerada.  
  
32. - As grandes partidas coletivas não têm somente por objetivo ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, desembaraçando-a das más influências e dando mais ascendência às idéias novas. É porque muitos, apesar de suas imperfeições, estão maduros para essa transformação, que muitos partem a fim de irem se retemperar numa fonte mais pura. Ao passo que se tivessem permanecido no mesmo meio e sob as mesmas influências, teriam persistido em suas opiniões e na sua maneira de ver as coisas.**

**Uma permanência no mundo dos Espíritos basta para lhes abrir os olhos, porque ali vêem o que não podiam ver sobre a Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista poderão, pois, retornar com idéias inatas de fé, tolerância e de liberdade. Em seu retorno, encontrarão as coisas mudadas, e suportarão o ascendente do novo meio onde terão nascido. Em lugar de fazer oposição às idéias novas, delas serão os auxiliares.  
  
33. - A regeneração da Humanidade não tem, pois, absolutamente necessidade da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação nas suas disposições morais; esta modificação se opera em todos aqueles que a ela estão predispostos, quando são subtraídos à influencia perniciosa do mundo. Aqueles que retornam, então, não são sempre outros Espíritos, mas, frequentemente, os mesmos Espíritos pensando e sentindo de outro modo.  
  
Quando esse melhoramento é isolado e individual, passa despercebido, e sem influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é diferente quando se opera simultaneamente em grandes massas; porque, então, segundo as proporções, em uma geração, as idéias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas.  
  
É o que se nota quase sempre depois dos grandes abalos que dizimam as populações. Os fragelos destruidores não destróem senão o corpo, mas não atingem o Espírito; eles ativam o movimento de vai-e-vem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, e por consequência um movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de notar-se que, em todas as épocas da história, as grandes crises sociais foram seguidas de uma era de progresso.  
  
34.- É um desses movimentos gerais que se opera neste momento, e que deve trazer o remanejamento da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque elas devem apressar a eclosão de novo germes. São folhas de outono que caem, e às quais sucederão novas folhas cheias de vida, porque a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas idades. As folhas mortas da Humanidade caem levadas pelas rajadas e golpes de vento, mas para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.  
  
35.-Para um materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis, uma vez que, segundo ele, aniquilam os seres sem retorno. Mas para aquele que sabe que a morte não destrói senão o envoltório, eles não têm as mesmas consequências, e não lhe causam o menor medo; compreende-lhe o objetivo, e sabe também que os homens não perdem mais morrendo em conjunto do que morrendo isoladamente, uma vez que, de uma forma ou de outra, é necessário sempre lá chegar.  
  
Os incrédulos rirão dessas coisas, e as tratarão por quimeras; mas digam o que disserem, eles não escaparão à lei comum; cairão a seu turno, como os outros, e, então, o que será deles? Eles dizem: Nada! Mas viverão a despeito de si mesmos, e serão, um dia, forçados a abrir os olhos.**

**02 - Alerta -Joanna de Ângelis - pág. 67**

**"Jesus, que veio à Terra exclusivamente para viver e ensinar o amor, sem qualquer culpa, nasceu em modesta gruta, passou pelo carreiro de inumeráveis injunções e partiu numa cruz, sob apupos e malquerenças, volvendo, no entanto, Sol Divino que é, em, insuperável madrugada que dura até hoje, para que ninguém reclame, nem se revolte, nem se inconforme ante as ocorrências dolorosas do mundo. . ."  
  
21. COM FÉ E PERSEVERANÇA   
Que estes são dias de transição moral e de crescimento espiritual do planeta, não tenhas dúvidas. Face à circunstância não te surpreendas com a paisagem emocional aflitiva que se apresenta entre os homens em toda parte. Angústia e insatisfação gerando situações lamentáveis, enquanto a violência e a agressividade produzindo loucura e crime. Não apenas isto.**

**Estados d'alma inquietantes dominam larga faixa da Humanidade, como decorrência de fatores sócio-econômicos e psicológicos, que atestam a precariedade dos valores sobre os quais foi erguido o aparente sucesso da inteligência, ora aplicada nas conquistas externas sem o apoio do sentimento voltado para o bem. Outrossim, neste momento, é mais ostensivo o intercâmbio, inconsciente, embora, com os Espíritos desencarnados e em aturdimento.  
  
As complexas cargas de informações negativas, deprimentes, açulam os desajustes de varias espécies, e o apressar das horas conclama ao prazer excessivo, em detrimento da paz lavrada em base do dever retamente cumprido e do amor superiormente vivido.  
Surgem momentos em que supões não mais poder suportar a situação desesperadora. Todos se te parecem adversários ou se te afiguram ingratos.  
  
Fazes rápida avaliação das tuas atividades e a colheita se te apresenta de pequena monta ao que consideras um grande investimento de tua parte. A mente descontrolada nega-se a fixar os ensinos edificantes e a afetividade recusa-te alargar o campo das relações, receando apodos, rejeições, abandonos...Tens estado a considerar, apenas, o que é prejudicial sem te dares conta de que, insensivelmente, sintonizas com aqueles cujo comportamento lamentas, merecendo desconsideração.  
  
Em todo processo de crescimento surgem situações não esperadas, por melhor se programem os desdobramentos dos fatores propiciatórios a tal fatalidade. Cumpre, porém, não te permitires colheita de azedume nem rescaldo de pessimismo. A nau humana não se encontra no oceano do progresso, à matroca, rumando para o soçobro. . .Jesus comanda o destino da Terra e as soberanas Leis de Deus velam pela destinação gloriosa da Criação.  
  
Sai da colocação negativa e segue a marcha do amor. Há emoções de santificação em renúncias e sacrifícios conjugados para a felicidade geral. Contribui com a tua quota de bondade e de otimismo, acendendo luzes antes que deblaterando nas sombras ajudando, ao invés de reivindicares auxílio; esclarecendo, em vez de reclamares contra a ignorância; desculpando, sem excogitares de receber compreensão; edificando o amor nas almas, ao invés de demolires com os camartelos do mal-estar e da revolta.  
  
Tem em mente que, inobstante a noite escura, o Sol prossegue brilhando, sustentando a vida e mantendo o equilíbrio gravitacional do Sistema, apesar de não ser visto. Prossegue, portanto, com fé e perseverança.  
  
  
09 - O Espírito e o Tempo - J. Herculano Pires - pág. 171**

**MUNDO DE REGENERAÇÃO  
l. HUMANIDADE CÓSMICA - Aquilo que há cem anos parecia uma simples utopia, ou alucinação de um visionário, hoje já se tornou admitido até mesmo pelos mais fortes redutos da tradição terrena. A evolução acelerou-se de tal forma, no transcorrer deste século, a partir da publicação de O Livro dos Espíritos, que o sonho de uma humanidade cósmica parece preste a mostrar-nos a sua face real, através das conquistas da ciência. Nossos primeiros voos nas vastidões espaciais alargaram as perspectivas da vida humana, ao mesmo tempo que as investigações do cosmo modificaram a posição dos cientistas e dos próprios setores religiosos mais tradicionais. Admite-se a existência de mundos habitados, em nosso sistema e fora dele, e a possibilidade do estabelecimento de um próximo intercâmbio entre as esferas celestes.  
  
O Livro dos Espíritos já afirmava, desde meados do século dezenove, que o cosmos está povoado de humanidades. E Kardec inaugurou as relações interplanetárias conscientes, através das comunicações mediúnicas, obtendo informações da vida em outros globos do nosso próprio sistema solar. Na secção "Palestras Familiares de Além-Túmulo", da "Reveu Spirite", Kardec publicou numerosas conversações com habitantes de outros planetas, alguns deles, como Mozart e Pallissy, emigrados da Terra para mundos melhores. Todo o capítulo terceiro da primeira parte de O Livro dos Espíritos refere-se ao problema da criação e da formação dos mundos, contendo, do item 55 ao 58, os períodos anunciadores da "Pluralidade dos Mundos".  
  
Os Espíritos afirmaram a Kardec que todos os mundos são habitados. A audácia da tese parece temerária, e está ainda muito longe de ser admitida. Mas é evidente que em parte já está sendo aceita por todo o mundo civilizado. Por outro lado, a condição fundamental para a sua aceitação já foi também admitida: a de que as formas de vida variam ao infinito, de mundo para mundo, uma vez que a  
constituição dos próprios globos é também a mais variada possível. Hoje, nos países cientificamente mais adiantados, como os Estados Unidos e a Rússia, fazem-se experiências de laboratório para o estudo da astrobiologia. As sondas espaciais, por sua vez, demonstraram a existência de vida microscópica nas mais distantes regiões do espaço, e o exame de aerólitos vem demonstrando que as pedras estelares trazem para a terra restos de fósseis desconhecidos.  
  
Concomitantemente com esses progressos, na própria Terra as investigações científicas se ampliaram, revelando através da Física, da Biologia e da Psicologia, novas dimensões da vida. A Física Nuclear, a Biônica, a Cibernética e a Parapsicologia modificam a nossa posição diante dos problemas do mundo e da vida. Os parapsicólogos demostram a existência de um substrato extrafísico na mente humana, e portanto na constituição do homem, ao mesmo tempo que os físicos nucleares revelam a natureza energética da matéria. Nossas concepções vão sendo impulsionadas irresistivelmente além do domínio físico, em todos os sentidos. A humanidade múltipla, de natureza cósmica, habitando dimensões desconhecidas, já não parece mais uma utopia ou uma simples alucinação.  
  
No item 55 de O Livro dos Espíritos encontramos esta afirmação, em resposta à pergunta de Kardec sobre a habitabilidade de todos os mundos; "Sim, e o homem terreno está bem longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o Universo somente para eles". No item 56 vemos esta antecipação: "a constituição dos diferentes mundos não se assemelha." E no item 57, a explicação de que os mundos mais distantes do sol tem outras fontes de luz e calor, que ainda não conhecemos.  
  
A tese da pluralidade dos mundos habitados leva-nos imediatamente ao conceito de solidariedade cósmica. No item 176 encontramos a afirmação de que: "todos os mundos são solidários". Esta solidariedade se traduz pelo intercâmbio reencarnatório. Os espíritos mudam de globos, de acordo com as necessidade ou conveniência de seu processo evolutivo. Essas migrações, entretanto, não são feitas ao acaso, mas segundo as leis universais da evolução. Cada mundo se encontra num determinado grau de aperfeiçoamento. Suas portas serão franqueadas aos espíritos, na proporção em que estes vão, por sua vez, atingindo graus superiores em sua evolução pessoal. Como os homens nas relações internacionais, espíritos superiores podem reencarnar-se em mundos inferiores, cumprindo missões civilizadoras. Da mesma maneira, espíritos, de mundos inferiores podem estagiar em mundos superiores se estiverem em condições para isso, e voltar aos seus globos, para ajudá-los a melhorar.  
  
A humanidade cósmica é solidária, e a civilização cósmica é infinitamente superior ao nosso pobre estágio terreno, de que tanto nos vangloriamos. Há mundos de densidade física fora do alcance dos nossos sentidos, habitados por humanidades que nos pareceriam fluídicas, e que não obstante são, no plano em que se encontram, concretas e definidas. Humanidades felizes, que se utilizam de corpos leves e habitam regiões paradisíacas, numa estrutura social em que prevalecem o bem, o amor, a paz, o perfeito entendimento entre as criaturas. Humanidades livres da escravidão dos instintos animais e dos corrosivos morais do egoísmo e do orgulho, que infelicitam os mundos inferiores.  
  
"A vida dos Espíritos, no seu conjunto, segue as mesmas fases da vida corpórea", ensina Kardec, no comentário que faz no item 191 de O Livro dos Espíritos. Os espíritos passam gradativamente "do estado de embrião ao de infância, para chegarem, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que nesta não existe o declínio nem a decrepitude da vida corpórea". Assim, as concepções geocêntricas de céu e inferno, como prêmio ou castigo eternos de uma curta existência num pequeno mundo inferior, são substituídas pela compreensão copérnica da vida universal e do progresso infinito para todas as criaturas. Bastaria esta rápida visão da humanidade cósmica para nos mostrar como ainda estamos, infelizmente, distantes de uma assimilação perfeita da Doutrina Espírita. Quando conseguirmos compreender integralmente esta cosmo-sociologia e suas imensas consequências, estaremos à altura do Espiritismo.  
  
2. DESTINAÇÃO DA TERRA - Os Espíritos explicam, no capítulo terceiro da primeira parte de O Evangelho Segundo o Espiritismo: "A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores é antes relativa que absoluta. Um mundo é inferior ou superior em relação ao que esta abaixo ou acima dele, na escala progressiva". A medida cósmica é a evolução. "Embaixo" e "em cima" são expressões graduais, e não locais. A Terra já foi um mundo inferior, quando habitado pela humanidade primitiva que nela se desenvolveu. O seu progresso foi ainda incentivado por migrações de espíritos, realizadas em massa, no momento em que um mundo distante conseguiu subir na escala, dos mundos. Seus "resíduos evolutivos" foram então transferidos para o nosso planeta. Criaturas superiores aos habitantes terrenos, exilados na Terra, deram-lhe extraordinário impulso evolutivo. Assim, ela passou de mundo primitivo para a categoria de mundo de expiações e provas.  
  
Essa é a condição atual da Terra. Mas é, também, a condição que ela está preste a deixar, a fim de elevar-se à categoria de mundo de regeneração. Vejamos, porém, como explicar o nosso estágio atual. Ensina O Evangelho Segundo o Espiritismo, no capítulo citado: "A superioridade da inteligência de um grande número de habitantes indica que ela não é um mundo primitivo destinados à encarnação de Espíritos ainda saídos das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles revelam são a prova de que já viveram, e de que realizaram algum progresso. Mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o índice de uma grande imperfeição moral. Eis porque Deus os colocou numa terra ingrata, para ai expiarem as sua faltas, através de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que mereçam passar para um mundo mais feliz".  
  
Ao mesmo tempo, Espíritos ainda na infância evolutiva, e Espíritos de um grau intermediário, mesclam-se às coletividades em expiação. Representamos uma mistura de exilados e população aborígine. Os antigos habitantes do mundo primitivo convivem com os imigrantes civilizadores. Mas estes mesmos civilizadores ainda são bastante imperfeitos, e realizam a sua missão expiando as faltas cometidas em outros mundos. A explicação prossegue: "A terra nos oferece, portanto, um dos tipos de mundos expiatórios, de que as variações são infinitas mas que tem por caracter comum o de servirem de lugar de exílio para os Espíritos rebeldes à lei de Deus. Nesses mundos, os Espíritos têm de lutar ao mesmo tempo com a perversidade dos homens e contra a inclemência da natureza, duplo e penoso trabalho, que desenvolve simultaneamente as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, na sua bondade, transforma o próprio castigo em proveito do progresso do Espírito".  
  
Esta bela comunicação é assinada por Santo Agostinho, que usa o título de santo para fins de identificação. A seguir, com a mesma assinatura, temos uma mensagem sobre a condição do mundo em que o nosso planeta se transformará: o mundo de regeneração. Este mundo, explica o Espírito: "serve de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes". São, portanto, simplesmente escala de aperfeiçoamento na cadeia universal dos mundos. Prossegue a informação espiritual: "Nesses mundos, sem dúvida o homem está ainda sujeito às leis que regem a matéria. A humanidade experimenta as vossas sensações e os vossos desejos, mas livres das paixões desordenadas que vos escravizam." Estas frases traduzem uma bem-aventurança com que há muito sonhamos: "A palavra amor está gravada em todas as frontes; uma perfeita equidade regula as relações sociais".  
  
Não estamos diante de uma humanidade perfeita, mas apenas de um grau de evolução superior ao nosso. O homem ainda é falível, sujeito a se deixar levar por resíduos do passado, arriscando-se a cair de novo em mundo expiatórios para enfrentar provas terríveis. Quem não verifica o realismo desta descrição, comparando o nosso desenvolvimento atual com o nosso passado, e verificando as diretrizes do progresso terreno? Os Espíritos não anunciam uma transição miraculosa, mas uma transformação progressiva do mundo, que já esta em plena realização. Nosso mundo de regeneração será mais ou menos feliz, segundo a nossa capacidade de construí-lo. O homem terreno atingiu o grau evolutivo que lhe permite responder plenamente pelas suas ações. Deus respeita o seu livre-arbítrio, para que eles possa aumentar a sua responsabilidade.  
  
No mesmo capítulo citado, e com a mesma assinatura espiritual encontramos ainda estes esclarecimentos. "Acompanhando o progresso moral dos seres vivos, os mundos por eles habitados progridem materialmente. Quem pudesse seguir um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos da sua constituição, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas através de graus insensíveis para cada geração, e oferecer aos seus habitantes uma morada mais agradável, à medida que eles mesmos avançam na via do progresso. Assim marcham paralelamente o progresso do homem, o dos animais seus auxiliares, dos vegetais e das habitações, porque nada é estacionário na natureza. Quanto esta idéia é grande e digna do Criador! E quanto, ao contrário, é pequena e indigna de seu poder, a que concentra a sua solicitude e a sua providência sobre o imperceptível grão de areia da Terra e restringe a humanidade aos poucos homens que a habitam!"  
  
Esta concepção cósmica não é grandiosa apenas no seu aspecto exterior, mas também e principalmente no seu sentido subjetivo, e, portanto, profundo. O que mais se afirma, em toda a sua extensão, é o princípio de liberdade e de responsabilidade humana. Os Espíritos, que são as criaturas humanas, encarnadas ou não, aparecem como os artífices do se próprio destino pessoal e coletivo, e como os demiurgos platônicos que modelam os mundos. Deus lhes oferece a matéria-prima das construções, mas são eles os que constróem, com inteira liberdade - dentro das limitações naturais das condições de vida em cada plano - cometendo crimes ou praticando atos de justiça, bondade e heroísmo para colherem os resultados de suas próprias ações.  
  
O sentido ético dessa concepção é revolucionário. Deus não está, diante dela, em nenhuma das duas posições clássicas do pensamento filosófico e religioso: nem como o Ato Puro de Aristóteles, indiferente ao Mundo, nem como o Jeová humaníssimo da Bíblia, comandando exércitos e dirigindo as ações humanas. Só mesmo a síntese cristã do Deus-Pai, velando paternalmente pelos filhos, corresponde à sua grandeza. E é justamente essa síntese que se corporifica na idéia de Deus da concepção espírita. Mas, como até hoje, o Deus-Pai do Cristianismo não se efetivou entre os homens, o Espiritismo o apresenta em novas dimensões, promovendo a sua revolução ética no mundo em transição.  
  
3. ORDEM MORAL - É precisamente a revolução ética do Espiritismo que estabelecerá a ordem moral do mundo de regeneração. Aquilo que hoje chamamos ordem social, porque baseada nas relações de sociedades que implicam transações utilitárias, será de tal maneira modificada, que poderemos mudar a sua designação. A humanidade regenerada, embora ainda não tenha atingido a perfeição relativa dos mundos felizes viverá numa estrutura de relações de tipo moral. Os valores pragmáticos serão substituídos naturalmente pelos valores morais, porque o homem não mais valerá pelo que possui, em dinheiro, propriedades ou poder político, mas pelo que revela em capacidade intelectual e aprimoramento espiritual.  
  
A dinâmica social da caridade, que o Espiritismo hoje desenvolve ativamente, em nosso mundo de provas e expiações, tem por finalidade romper o egocentrismo social dos indivíduos atuais, para em seu lugar fazer desabrochar o altruísmo moral que caracterizará o cidadão do futuro. Mesmo no meio espírita, muitas pessoas não compreendem o sentido da filantropia espírita, entendendo que ela se confunde com os remendos de consciência das esmolas dos ricos. A verdade, porém, é que a caridade é o único antídoto eficaz do egoísmo, esse corrosivo psíquico, que envenena os espíritos e toda a sociedade. A prática da caridade é o aprendizado necessário do altruísmo, é o treinamento moral das criaturas em expiação e prova, com vistas ao mundo de regeneração.  
  
Vemos no item 913 de O Livro dos Espíritos essa colocação precisa do problema: "Estudai todos os vícios, e vereis que no fundo de todos existe o egoísmo. Por mais que lutais contra eles, não chegareis a extirpá-los, enquanto não os atacardes pela raiz, enquanto não lhes houverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços tendam para esse fim, porque nele se encontra a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral, deve extirpar do seu coração todo sentimento de egoísmo, porque, o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade; ele neutraliza todas as outras qualidades."  
  
Mas a prática da caridade não pode limitar-se à criação de serviços de assistência. A caridade espírita não é paternalista, mas fraterna. Não pode traduzir-se em protecionismo, mas em ajuda mútua: a mão que distribui não socorre apenas, porque também recebe. Só há uma paternidade: a de Deus. Sob ela, desenvolve-se a fraternidade humana, com deveres e direitos recíprocos. No capítulo XV de O Evangelho Segundo o Espiritismo, item 5, encontramos esta exposição do problema: "caridade e humanidade são as únicas vias de salvação; egoísmo e orgulho, as de perdição". Este princípio é formulado em termos precisos nas seguintes frases: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu entendimento, e ao teu próximo, como a ti mesmo: toda a lei e os profetas se resumem nesses dois mandamentos."**

**E para que não houvesse equívoco na interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta-se: "E eis o segundo mandamento semelhante ao primeiro." Quer dizer que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar ao próximo, nem amar ao próximo sem amar a Deus, de maneira que tudo o que se faz contra o próximo, contra Deus se faz. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: "Fora da caridade não há salvação."  
  
O Livro dos Espíritos, em seu item 917, dá-nos a chave dessa relação, explicando: "De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o homem ainda muito próximo da sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a material, e sobretudo com a compreensão que o Espiritismo vos dá, quanto ao vosso estado futuro real, não desfigurado pelas ficções alegóricas.**

**O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, as usanças e as relações sociais. O egoísmo se funda na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo bem compreendido, repito-o, faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma, perante a imensidade. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao fazer ver a personalidade que de fato ela é, ele combate necessariamente o egoísmo". (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **REGRESSÃO DE MEMÓRIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Alquímia da mente - pág. 111** | **02 - Antologia do perispírito - ref. 710** |
| **03 - Caminhos da divulgação esp. - pág. 45** | **04 - Ciência e Espiritismo - pág. 128** |
| **05 - Correntes de luz- pág. 165, 171** | **06 - Da alma humana - pág. 84, 100, 200, 215** |
| **07 - Dramas da obsessão - pág. 41** | **08 - Espírito, perispírito e alma - pág. 90, 115** |
| **09 - Gestação, sublime intercãmbio - pág. 117** | **10 - Grilhões partidos- pág. 18, 199** |
| **11 - Lastro Esp. nos fatos científicos - pág. 133** | **12 - Mãos de luz - pág. 45** |
| **13 - Médium quem é quem não é - pág. 44** | **14 - Nas voragens do pecado - pág. 270** |
| **15 - No limiar do infinito - pág. 40** | **16 - O exilado - pág. 49, 64, 90, 109** |
| **17 - Palingênese, a grande lei - pág. 140** | **18 - Pureza doutrinária - pág. 80** |
| **19 - Recordações da mediunidade - pág. 51, 55, 62** | **20 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 159, 187** |
| **21 - Saúde e Espiritismo - pág. 99, 138, 169, 263** | **22 - Tambores de Angola - pág. 46** |
| **23 - Vozes do Grande Além - pág. 170** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**REGRESSÃO DE MEMÓRIA** **– COMPILAÇÃO**

**08 - Espírito, perispírito e alma - Hernani Guimarães de Andrade- pág. 90, 115**

**Capítulo V - MODELO EM CAMADAS  
"Os verdadeiros artistas e os verdadeiros físicos sabem que o contra-senso é apenas aquilo que, visto do nosso presente ponto de vista, é ininteligível. O contra-senso é insensatez somente quando nós ainda não achamos aquele ponto de vista qual ele faz sentido". (Zukav, G. - The Dancing Wu Li Master, New York: Wiiliam Morrow, 1979, p. 140)  
  
O MODELO EM CAMADAS RiGIDAS  
O primeiro modelo do Espírito descrito anteriormente, representado simplificadamente pela figura composta por dois cones superpostos e ligados pelas suas bases, permite-nos explicar e prever diversos fatos biológicos e parapsicológicos. Além disso, ele é mais cômodo e inteligível. Entretanto mostra-se insuficiente para a interpretação dos fatos observados na regressão da memória, seja ela espontânea ou provocada por processos analíticos ou hipnóticos. o modelo que iremos propor aplica-se a todos os aspectos abrangidos pelo anterior — o dos dois cones superpostos — e serve bem para representar os casos de regressão de memória.  
  
Na regressão da memória podem ocorrer dois tipos de recordação:  
1. O paciente regride cronologicamente na idade, indo em direção à meninice, chegando às vezes a atingir a fase fetal. É a regressão mais comum, ao longo da qual o paciente vai manifestando comportamentos correspondentes as idades atingidas. Quando ele chega à idade do feto, pode apresentar várias categorias de comportamento. Alguns pacientes perdem a consciência. Outros sentem-se mergulhados em um escuro e confortável meio, como que num estado de tranquilo repouso.**

**Há um ou outro indivíduo que consegue ultrapassar esta última fase, para sentir-se ressurgir com diferente personalidade correspondente a encarnação anterior. Teoricamente, uma vez atingida semelhante situação, ele poderia continuar a regressão, caminhando novamente em direção à meninice da vida anterior até a fase fetal, e assim por diante. Vamos, então, denominar de "regressão cronológica" a esse tipo de retorno temporal sucessivo em direção ao passado.  
  
E interessante assinalar que, durante a operação de regressão, o paciente também pode ser igualmente reconduzido a idades sucessivas, mas no sentido inverso, até o instante de despertar em seu estado de vigília normal. Seria uma "progressão cronológica". Voltaremos a tratar com mais detalhes deste processo, depois que expusermos esta primeira parte do nosso estudo.  
  
2. O paciente pode recordar-se, ou espontaneamente ou sob sugestão hipnótica, ou por outros meios, e até mesmo reviver um ou mais episódios correspondentes a suas vidas anteriores. Este fenômeno é encontrado em crianças que se recordam nítida e conscientemente de uma ou mais" vidas passadas. Em algumas delas as lembranças são tão nítidas que elas chegam a mudar de comportamento e fundir suas duas existências, como se não tivesse havido um intervalo entre uma e outra encarnação. Em nossos arquivos, no Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas—IBPT temos registrado alguns casos deste tipo.  
físico.  
  
Em outras circunstâncias, as recordações emergem acompanhadas de sintomas mórbidos, periódicos ou permanentes, alguns com apresentação de sinais orgânicos tais como cicatrizes, dermatoses, disfunções, deformidades e doenças congênitas, etc. São marcas reencarnatórias de nascença - "birthmarks" - citadas nos trabalhos dos pesquisadores de casos de reencarnação.**

**Outras vezes as lembranças são inconscientes e se traduzem sob o aspecto de neuroses, psicoses, fobias, preferências, temores infundados, símbolos, sonhos recorrentes, etc.. Parece que as experiências estão encapsuladas na intimidade do indivíduo e se extravasam em ocasiões particularmente propícias.**

**Estas revivescências estranhas, que parecem pertencer a um outro "arquivo mnemônico", podem também ser trazidas à tona por processos artificiais, tais como a hipnose, a análise, etc... A diferença com relação ao primeiro tipo de regressão é que o paciente vai atingir diretamente um dado "lugar" do seu "banco de memorias pregressas", sem exigir uma sucessividade temporal, passo a passo, como na "regressão cronológica".**

**Para esse tipo de regressão, propomos o nome de "regressão cronotópica". Resumindo o que acabamos de expor, temos então dois tipos de regressão de memória: "regressão cronológica" e "regressão cronotópica". Ambas podem consistir apenas em uma rememoração pura e simples, ou em uma revivescência vigílica ou onírica e, em certas circunstâncias, inconsciente. Há casos em que as lembranças podem ser acompanhadas de sintomas fisiológicos, marcas externas visíveis, ou mudanças profundas de comportamento e até de estado de consciência. (...)**

**(...) Ligando a face cortada superior (correspondente ao corpo astral), com a face cortada inferior (corpo vital), e atravessando a fina camada de suco, há os campos responsáveis pela coesão molecular. Estes representariam, em seu conjunto, a alma (vera-efígie biomagnética do soma) .  
  
A região compreendida entre a face superior e a face inferior superpostas (astral e vital) seria equivalente ao perispírito. Teríamos assim, conforme ensinou-nos Allan Kardec: a alma (ou Espírito encarnado), o perispírito e o corpo.  
  
Em todos eles podemos assinalar os contornos das camadas reencarnatórias pregressas. E, em cada camada, encontraremos toda a sua história pretérita, inclusive as origens arcaicas da zona embriofetal, onde se resume ontologicamente a evolução filogenética (evolução da espécie, ou então, do filum).  
  
A cúpula, repositório-síntese das experiências intelectuais, morais e psíquicas de todas as reencarnações do Espírito, esta figurada pela fração superior da cebola cortada.  
  
O corpo astral (face superior) tem a sucedê-lo, na direção positiva do eixo OT' as camadas formando a "cúpula". Esta é representada pela calota superior do bolbo seccionado. Semelhante zona corresponde à parte divina do Espírito. B a sede da superconsciência, a qual, segundo Franz Volgyesi (El Alma es Io Todo),"ultrapassa a experiência da raça e da espécie; abarca o tempo (presente, passado e futuro) e o espaço, numa unidade que vai além das possibilidades humanas comuns".  
  
Esta região do Espírito é também acessível à consciência durante seus estados alterados. Ela se manifesta sob variadas formas: inspiração, intuição, censura, lampejos de genialidade, experiências místicas, "samadi", "satori", etc. É a fonte de onde dimanam as idéias profundas, as criações artísticas, as descobertas cïentíficas teóricas e todas as demais manifestações superiores da mente humana.  
  
Na cúpula devem encontrar-se os fundamentos das premonições e profecias, pois, relativamente à "cota de tempo" ocupada pelo corpo físico, ela se projeta em direção ao futuro. Devido a este fato, achamo-nos parcialmente "mergulhados" no futuro, percebendo-o inconsciente e extra-sensorialmente até onde a cúpula permite alcançar. Quando alguma dessas informações se extravasa para a nossa percepção sensorial durante os estados alterados de consciência, diz-se que tivemos uma precognição.  
  
É possível o acesso aos conteúdos cognitivos da cúpula. Um dos métodos seria provocar-se uma "progressão cronológica", por meio de processos hipnóticos, do mesmo modo como se produz a "regressão". O outro método seria a prática usual da meditação. Quando um artista, um técnico ou um cientista exerce grande esforço intelectual para criar uma obra, alcançar uma idéia, ou resolver um problema, normalmente está executando uma operação de contacto e intercâmbio com a cúpula. O mesmo se dá com o místico que, através da cúpula, se põe em comunhão com os planos superiores da Espiritualidade.  
  
Parece que uma das finalidades das experiências reencarnatorias é desenvolver a cúpula espiritual a um ponto tal que se torne desnecessário o retorno do Espírito à vida física corpórea. Daí em diante, a evolução se faria partir da cúpula. (...)**

**17 - Palingênese, a grande lei - Jorge Andréa - pág. 140  
  
Os Alicerces da Palíngênese.  
A idéia palingenética que atravessou a humanidade com todos os matizes das respectivas épocas, nos dias de hoje desloca-se francamente da filosofia, em busca dos capítulos da biologia. Acreditamos, mesmo, que esse será o caminho pela necessidade lógica de explicar hoje muitos fenômenos da vida. É claro que essas idéias se estribam nas judiciosas pesquisas e experimentos de Crookes, Mayer, Hodgson, Geley, Scherenk-Notzing, Delanne, Flammarion, Osty, Bozzano e muitos outros.**

**Vilela em seu livro "O destino humano", disse que "... a doutrina palingenética tem um poder de síntese tão maravilhoso que equilibra o sentimento e a razão numa harmonia superior. Ela impõe-se ao nosso espírito com a lucidez imperiosa dum axioma e a intuição profunda — visão divina — que o pensamento não sabe modelar, nem a palavra pode" traduzir. Essa demonstração encontra-se cada um dentro de si".  
  
A palingênese, pela lógica que encerra, é de grande aceitação nos dias de hoje, quando a compreensão humana atinge horizontes mais amplos. Uma ideia que suporta milénios, e fazendo parte das civilizações mais antigas da terra, e penetrando intelectualidades de elite, tem que possuir em sua essência um estofo de perfeição e poderosos alicerces com algo interessante e real. Isto, seria tão racional, tão pleno de lógica, praticamente respondendo por uma prova dentro do campo filosófico.  
  
A palingênese é assunto tão antigo que as várias civilizações reconheciam-na como verdade, não só nos setores da religião, mas também da filosofia. Nos papéis dos egípcios as vidas sucessivas representam assunto costumeiro. Nos Upanichads e no Bhagavad Gitã são alicerces do pensamento. Herodoto, em suas descrições, tratava o assunto com familiaridade Os essênios, os chineses e japoneses, os escandinavos e os germanos, desde que se organizaram como povo, tinham a palingênese como natural e lógica.**

**Na Kabala e no Talmude, a ideia paligenética é baseada em seus conceitos religiosos. No próprio Alcorão e no Evangelho, a palingênese é assunto fartamente divulgado e perfeitamente compreensível. No Evangelho de João existe expressiva passagem (3:3) da visita de Jesus a Nicodemus: "Não pode ver o reino de Deus, senão aquele que renascer de novo". Mais adiante (3:7) "Não te maravilhes por eu te dizer: importa-vos nascer outra vez".  
  
Os filósofos gregos de maior envergadura, inclusive a escola pitagórica, tinham a palingênese como verdade e conceito definido, único capaz de elevar as razões filosóficas do destino humano. Em Ovídio e Cícero o fenómeno reencarnatório é ventilado com naturalidade e razão pura. Os filósofos mais recentes como Hume, Leibnitz, Schelling, Schopenhauer, escritores como Goethe e todos os pensadores que no século passado construíram as bases do espiritualismo, com trabalhos de honesta comprovação, apoiam a palingênese, não só como fenómeno aceitável, mas, principalmente, como necessidade lógica  
  
O fenômeno palingenético oferece condições que traduzem a evolução como infinita, sem privilégios, de conquista lenta e harmoniosa, sendo a dádiva de todos pelas aquisições adquiridas através os tempos. A palingênese é o único processo que assegura o porquê da imortalidade da alma, a razão da pluralidade das existências e dos mundos com suas imensas formas e moldes evolutivos. Com isso, em nosso planeta, alcança todos os reinos da natureza, com as nuanças que lhe são próprias. Do mineral ao vegetal e ao animal, a palingênese é a palavra uni-ficante e de ordem, única capaz de explicar a razão de ser da vida em seus multifaces aspectos. Disseram com muita justeza que o espírito acorda no mineral, sonha no vegetal, desperta os instintos no animal e adquire razão no hominal.  
  
Somente a palingênese poderia explicar o desequilíbrio e divergênica das condições dos nascimentos, com toda a sequência de fatos sociais que se impõem. Todo ser será justificado em face das suas próprias obras. As experiências, realizações, emoções positivas ou negativas, faltas, tudo enfim repercutirá no próprio EU.**

**O resultado estará ligado à conduta de cada um e para que a evolução se positive, só o trabalho e esforço tem sentido e significado reais. Não importa como uma bandeira religiosa possa oferecer a salvação; esta representa, exclusivamente, a aquisição de cada um nas realizações e cumprimento de deveres. O aspecto externo, o que aparenta, o que se diz e afirma, nada representa em face do que se faz e do que se constrói e cria.  
  
A desigualdade dos seres só poderá ser explicada como escala evolutiva e todos, sem privilégios nem ex-ceções, passarão pêlos mesmos roteiros e oportunidades, não importando a época, porquanto a eternidade não poderá ser medida nem avaliada com a nossa mente finita; só haverá sentido nas obras criadas e realizadas. Quem nada fez, ou trabalhou com potências negativas, continuará rastejando, aguardando as realizações e su-plantações de todas as condições do plano onde se encontra. A evolução de cada ser, em busca de um ideal, só poderá existir com a divergência de degraus evolutivos  
  
— Os que ensinam e administram encontram-se ao lado dos que obedecem; estes, por sua vez, serão os orientadores do porvir. Da zona espiritual aos neurônios da zona consciencial, portanto dos núcleos em potenciação aos centros cerebrais, existiriam as necessárias informações e influências para que o indivíduo encarnado pudesse desenvolver, no sentido de melhora, os instintos adquiridos e, cada vez mais, ampliar positivamente, por absorção, os seus vórtices espirituais. Apesar de tudo, essa influência interna oriunda do Espírito não daria absolutamente, à zona consciencial, a lembrança de suas atividades.**

**O esquecimento pregresso do encarnado, este bem maior da vida, seria um véu equilibrante evitando as naturais desarmonias se participássemos de outras vivências; nossa atual cerebração não suportaria tamanha carga de emoções impedindo novas construções psicológicas.  
  
Isto porque, no estágio evolutivo de nível inferior em que nos encontramos ainda, este proceder é praticamente um bem, uma proteção, pela nossa capacidade de avaliação dos horizontes e alcances da vida. Todas as atividades têm consequências e os esquecimentos temporários determinados pelas vivências nas personalidades, longe de serem interpretados como fator negativo, reforçam e sustentam a moral palingenética.  
  
Vem corroborar, no caráter moral da questão, as divergências nas aptidões humanas, onde anotamos casos de génios precoces, cuja única explicação seria a continuação de condições adquiridas em etapas anteriores, jamais como resultado direto da herança cromos-sômica. Se a herança fosse exclusivamente resultado do jogo cromossomial paterno e materno, os génios, os gran dês dotados de aptidões, seriam aqueles que apresentariam um sentido prolífico maior.**

**No caso, a natureza possuiria o esquema de suas defesas, os mecanismos para que a evolução se afirmasse, cada vez mais, protegendo o que fosse melhor. Assim, os inteligentes, os artistas, os mais capacitados seriam os vanguardeiros da procriação, o que realmente não acontece. Os mais prolíficos são os menos dotados. Isto seria contrário ao sapiente e conhecido poder do aproveitamento da evolução.  
  
Ainda nessas mesmas ideias, os jovens são os que possuem melhores condições procriativas em comparação com os mais velhos. Entretanto, os mais velhos apresentam melhores aptidões, até mesmo em dose superlativa em comparação com os jovens, na herança dos caracteres psicológicos, intelectuais e experiências morais. A evolução terá que se valer e aproveitar outros mecanismos, outros caminhos seguros, a fim de conservar seus valores; a chave explicativa estaria na palingênese, onde não haverá perda, por menor que seja, no precessamento da herança.  
  
Mozart, aos 4 anos, executa sonatas e aos 11 anos torna-se compositor. Miguel Angelo, aos 8 anos, foi dado como completo na arte da pintura pelo seu mestre. Pascal, aos 13 anos, já era conhecido matemático e geômetra. Victor Hugo revelou-se, literariamente, aos 13 anos. Listz, menino ainda, já era considerado grande intérprete da música; aos 14 anos havia produzido uma pequena ópera. Hermógenes, aos 15 anos, ensinava retórica a Marco Aurélio. Leibnitz, aos 8 anos, conhecia o latim sem mestre e, aos 12, grego. Gauss resolvia, aos 3 anos, alguns problemas de matemática.**

**Giotto, criança ainda, traçava esboços plenos de arte e beleza, e Rembrandt já era pintor antes de aprender a ler. Aos 10 anos Pie de Ia Mirandola, era respeitado pêlos conhecimentos que possuía do latim, do grego, do hebraico e do árabe. Trom-betti, que conhecia perto de 300 línguas, entre dialetos e idiomas, aos 12 anos manuseava com facilidade o alemão, francês, latim, grego e hebraico. Van de Kefkhore, falecido aos 11 anos, deixou 350 quadros dignos de apreciação artística. O talento musical de Beethoven fora reconhecido aos 10 anos. Pepito de Ariola, aos 4 anos, tocava áreas com maestria e foi objeto de estudo pelo professor Richet.  
  
A prova científica é o marco de que não podemos prescindir jamais, porque a palingênese explica todas as dúvidas biológicas e, mais do que isto, amplia os conceitos e dá um sentido harmonioso às questões científicas. Dizia Geley que a palingênese é provavelmente um fenómeno verdadeiro: 1) está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais e sem contradizer nenhum deles; 2) dá a chave de uma variedade imensa de enigmas psicológicos; 3) está apoiada em demonstração positiva.  
  
Se colocarmos o fenómeno palingenético no mecanismo evolutivo, a vida passa a nos dar um sentido de grandeza e finalidade. À aquisição do espírito humano deve representar a elaboração de milhões de milénios em experiências variadas e desconhecidas, não ficando fora do quadro as vivências nos minerais, nos vegetais e animais. "O homem e o seu cérebro atual não representam o remate da evolução, mas um estágio intermediário entre o passado, carregado de recordações animais, e o futuro, rico de promessas mais altas. Tal é o destino humano (Leconte de Nouy)".  
  
A prova científico-experimental da palingênese, a de maior importância, teria um aspecto duplo. O primeiro, ligado à fenomenologia mediúnica com todas suas nuanças, cujos relatos e estudos os psicologistas e biologistas não tem o direito de desconhecer. Hoje, os fatos, mediúnicos estão sendo revisados e mais bem adaptados aos conhecimentos hodiernos em virtude, principalmente, da queda que os audaciosos postulados materialistas tem sofrido com a apresentação da matéria como energia concentrada. Os fatos e manifestações mediúnicas estão fartamente registrados por toda história dos povos que constituíram civilizações.**

**Em nossa épcca da história contemporânea, Allan Kardec, o sistematizador, em cuidadosos estudos, oferece à humanidade o significado integral da mediunidade. William James, pai da pragmática, concita aos investigadores à verificação de fatos e relatos dignos de fé. O professor Ochorowicz, da Universidade de Lemberg, rendeu-se diante os estudos e experiências sobre materializações realizados por William Crookes, os quais combatia fervorosamente. Masucci e Wallace ficam vencidos diante as realidades da vida espiritual. César Lombroso aceita a imortalidade, com a palingênese, após longas e minuciosas experiências.  
  
O segundo aspecto da prova experimental, foi-nos dado com o valioso auxílio da hipnose, no campo ainda pouco explorado das regressões de memória, porém consolidado com organizadas e detalhadas experiências de vários pesquisadores. A regressão de memória, utilizada com valor científico pela hipnose, foi consequência das observações de pacientes que reviviam, espontaneamente, cenas e quadros pretéritas, devidamente cpmprovados, fenómeno esse denominado por Pitres de ecmnésia.**

**Com esse acervo de fatos, nasce a pesquisa de regressão de memória, atingindo etapas palingenéticas pretéritas, com auxílio da hipnose, cabendo como citação primeira as experiências de Fernando Colavida, em 1887. Flournoy, professor de psicologia em Genebra, deu interessantes contribuições aos estudos em apreço. Charles Lancelin, Cor-nillier, Leon Denis, comprovam os fatos e aumentam a causuística. Pierre Janet estuda a fenomenologia e refere fatos de interesse, embora combatendo-os.  
  
Albert de Rochas, fazendo experiências sobre a exteriorização da motricidade e sensibilidade, penetrou o terreno das regressões de memória, onde catalogou, de 1892 a 1910, 19 casos. Suas pesquisas não estão fora de crítica e podemos mesmo asseverar que os seus casos, apesar do critério científico desenvolvido, não podem ser enquadrados cientificamente por falta de melhores dados. O problema da regressão de memória, perfeitamente comprovado, não está eivado de dificuldades nem erros de interpretação, onde certos e determinados pacientes, possuidores das qualidades de criptestesia e clarividência, podem absorver pensamentos de outras pessoas presentes ou ressuscitar cenas e quadros, se condições de psicometria forem evidentes.**

**Gabriel Delanne, com apuro científico, retraía bem o ângulo das dificuldades neste setor: 'Somos obrigados, nestas pesquisas, a estar em guarda, em primeiro lugar, contra uma simulação sempre possível, se temos que lidar com indivíduos profissionais; em segundo lugar, mesmo com sonâmbulos perfeitamente honestos, convém desconfiar de sua imaginação, que corre muitas vezes livremente, forjando histórias mais ou menos verídicas, a que o professor Flournoy deu o nome de romances subliminais. Essa espécie de personificação de indivíduos imaginários foram frequentemente produzidas, entre outros, pelo professor Richet, que as designou com o nome de objetivação de tipos; sabemos que, por auto-sugestão, é possível a um paciente, mergulhado naquele estado, imaginar-se tal ou qual personagem e compô-lo com tão grande luxo de atitudes, que pareceria estarmos realmente diante de uma individualidade verdadeira".  
  
Apesar disso, não podemos deixar de dar o valor experimental e científico de alguns casos que traduzem perfeitamente essas ideias. Nesse grupo podemos incluir os experimentos de Flournoy, professor de psicologia em Genebra, com a médium Helena Smith, donde obteve provas inconcussas da reencarnação pela regressão de memória; os experimentos de Russel Davis, o caso de Laura Raynaud relatado pelo Dr. Gaston Durville, de Katherine Bates e da senhora Spapleton, citados, ao lado de muitos outros, por Leon Denis. Deixaremos de relatar casos similares de outros observadores por não apresentarem provas satisfatórias. Em nossos estudos de hipnose experimental e terapêutica temos tido comprovação de fatos dessa natureza.**

**Estamos pesquisando e tentando aperfeiçoar os métodos e condutas antigas, com finalidade de apreciarmos, nas regressões, melhor penetração nas zonas profundas do inconsciente ou zona espiritual sem as costumeiras interferências, motivos de erróneas interpretações, muito comuns nos sujet "mal preparados" por hipnoses sem ajustada direção. Nossos estudos, por enquanto, estão em fase inicial, sem os alicerces que desejamos, e a título ilustrativo transcreveremos uma de nossas observações correspondendo a uma das fases de nosso trabalho em 1964: A. M. branco, 38 anos de idade, casado, comerciário. Tem 2 filhos sadios. Cônjuge também sadio.  
  
Há 5 anos vem apresentando crises alérgicas, caracterizadas por rinite e prurido cutâneo de intensidade média. O prurido, comumente, desencadeia-se pelo calor, acompanhando placas urticariformes. A rinite persiste em qualquer situação, com maior ou menor intensidade. Esses sintomas alérgicos diminuem e quase desaparecem nos dias que se sucedem ao trabalho mediúnico que desenvolve, semanalmente. Consideremos, também, que as manifestações alérgicas respondem bem com o uso de antialérgicos comuns, embora, com a supressão da medicação novamente se instalem.  
  
Nada digno de registro para o lado dos órgãos e aparelhos em geral.  
Pressão arterial: Mx= 130 Mn= 80  
Exames de sangue e ur.ina nos limites da normalidade.  
Tipo psicológico: Extrovertido normal.  
  
O paciente possui intensa labilidade do sistema neuro-vegetativo que, no nosso entender, explica o afloramento da sintomatologia alérgica e, principalmente, a sensibilidade mediúnica de que é portador. Os seus trabalhos mediúnicos vêem se desenvolvendo há dois anos, em sessões semanais, cujos detalhes e mecanismos tem sido avaliado de modo acurado.  
  
No caso em parfcular, sentimos que a hipnose seria um método valioso, pela possibilidade de exteriorização de energias da organização espiritual, a fim de melhorar os costumeiros deságues dessas energias pelo sistema neuro-vegetativo, como vem acontecendo ao paciente, sob forma de sintomas alérgicos (nossa interpretação) . Temos observado que a labilidade do sistema neuro-vegetativo encontra no trabalho mediúnico bem orientado, verdadeiro campo de equilíbrio. Mais ainda, o harmonizado e bem conduzido campo da mediunidade, poderá suplantar manifestações de energias des-toantes desencadeadas pelo psiquismo profundo.  
  
Aos primeiros sinais de hipnose com o observado, encontramos grande facilidade de aplicação do método, por ser ótimo sujet; a nosso ver, em virtude de sua sensibilidade mediúnica. Na 3^ sessão hipnótica já havia penetração segura na zona inconsciente ou espiritual e, no desenvolver do processo, todos os passos foram positivos, sem falha sequer de algum deles.  
  
A positividade de todos os passos hipnóticos, que por si só nos dá condições de uma hipnose segura e profunda, permitiu que lançássemos mão do processo de regressão de memória, onde haveria possibilidade de boa catarse mental, realmente realizada pelo próprio paciente e de acordo com suas normas psicológicas, sem violações de qualquer natureza.  
  
Nesta situação, o realizador do método (o hipno-tista) apenas orienta o processo e a conduta para que o Censor — zonas energéticas de defesa na região espiritual — desperte o mecanismo de exteriorização de energias necessitadas de expansão, retidas e contidas nos arquivos da alma. Quando essas energias, como que comprimidas, não encontram deságues normais em suas manifestações, tentam a exteriorização, de forma desarmônica e desordenada, através da tela consciencial e corpo físico, sob a forma costumeira de sintomas patológicos.**

**Com isso, podemos explicar o aparecimento, sem causa justificada, de inúmeros sintomas e quadros clínicos mentais, muitas vezes renitentes e inexoráveis. As sessões de hipnose foram semanais, obedecendo a um ritmo ajustado, para que, em cada novo encontro, fôssemos apagando as naturais resistências com sugestões construtivas e preparando a zona consciente na recepção de energias dormitantes e vividas, sem fixação das emoções dessas vivências pretéritas.  
  
Eis como se desenvolveu o método, embora não esteja ainda concluído o trabalho de pesquisa que desejamos alcançar. Os passos hipnóticos foram anotados e avaliados por sinais: uma cruz= levemente positivo; duas cru-zes= regularmente positivo; três cruzes= positividade integral. Não faremos comentário dos respectivos passos hipnóticos e as razões da conduta utilizada, por não haver interesse imediato nesta descrição:  
  
1ª Sessão — Início do processo hipnótico: relaxação hipnoidéia com exposição do método e sua finalidade construtiva.  
— Catalepsia das pálpebras: xxx  
— Catalepsia braquial: xxx  
- Relaxamento profundo e inibição dos movimentos voluntários: xxx  
- Movimentos automáticos: xxx  
- Indução do sono: xxx  
- Fenômeno da anestesia: xxx  
- Sinal hipnogênico - despertar - novo sono com sinal hipnogênico: xxx  
- Amnésia leve: x  
- Despertar com sugestões construtivas. Paciente com ótima disposição.  
- Duração da sessão: 40'. (...)**

**21 - Saúde e Espiritismo - A.M.E. Brasil - pág. 99, 138, 169, 263**

**Regressão de Memória e Traumas da Vida - Intra-Uterina  
Consequências - Juliane Prieto Peres \* e Maria Júlio, Prieto Peres \*\*\*( Psicóloga clínica especializada em TRVP. Membro didata do Instituto Nacional de Terapia de Vivências Passadas. Cursos deformação em TVP no INTVP, com Maria Julia Peres no Brasil, com Moriris Nederton, RogerVuger, Edite Fiore e outros. Tem ministrado cursos de TRVP em vários Estados do Brasil, em Lisboa e Porto. Curso de especialização em Arte Terapia pela Faculdade de Artes Plásticas de São Paulo. Cursos de Hipnose com Ernest Rossi. Cursos de Programação Neurolingüistica pelo Instituto de Comunicações Neurolingüísticas. Trabalho Espírita na área mediúnica, pedagógica e assistencial).  
  
A Terapia Regressiva Vivencial Peres, (TRVP) ou Terapia Regressiva a Vivências Passadas - Técnica Peres foi sistematizada pela médica Maria Júlia Pereira de Moraes Prieto Peres em mais de 15 anos de experiência no assunto, quando além do aprendizado no trabalho pessoal com seus clientes, contou com a colaboração de sugestões e críticas construtivas de colegas, com leituras constantes em bibliografia internacional e viagens para fins didáticos, mantendo-se em constante atualização.  
  
Essa técnica diferencia-se das demais por atender somente a objetivos terapêuticos, não satisfazendo, portanto, curiosidades pessoais. E, como uma psicoterapia, mantém neutralidade na área religiosa, respeitando a interpretação que o paciente faz em relação ao conteúdo aflorado na vivência, e trabalhando essa vivência segundo as crenças do paciente.  
  
Na TRVP, as sessões têm sempre a duração de duas horas. Após uma cuidadosa entrevista inicial, se for indicada a aplicação da TRVP, o terapeuta procede às sessões de anamnese, quando há um extenso e minucioso levantamento de toda sua história. Somente então as suas sessões de regressão são iniciadas. Em uma sessão de regressão, o processo se inicia pela indução a estado modificado de consciência, através do relaxamento físico e mental do paciente. Faz a conexão com o inconsciente, detectando traumas do passado que constituem a etiologia de seu problema atual.  
  
Em uma situação traumática, muitas vezes a mente faz um registro distorcido da realidade. Ela grava determinado padrão de comportamento e passa a repeti-lo, numa tentativa de se defender da possibilidade de passar novamento por aquele trauma. O indivíduo vai se acostumando, se habituando a fazer isso, até que chega em um ponto que não se lembra mais quando criou esse padrão, como e porque o está repetindo. Só tem consciência de seu problema, que se manifesta através de sintomas e características especiais.  
  
Através das vivências da regressão de memória (TRVP), a pessoa tem a oportunidade de se conscientizar daqueles traumas do passado que lhe causaram o problema atual. Ela revivencia aquele fato traumático, liberando o conteúdo emocional e organo-sensorial correspondente, extravasando e se distanciando daquela emoção, através de uma catarse integrativa.  
  
Após todas as vivências da regressão de uma sessão de regressão, obtém-se do paciente o momento mais traumático, em que se estabeleceu uma decisão de vida (padrão negativo de comportamento), que está causando desajustes atuais. Nesse momento, o paciente tem a chance de modificar esse registro negativo que vem repetindo, criando uma redecisão com propostas de respostas mais adequadas para a auto-resolução de seus conflitos.  
  
Essa técnica introduz a desprogramação das emoções vinculadas às lembranças traumáticas, e a programação positiva, que reforça a substituição dos pensamentos, sentimentos e sensações traumáticas por padrões mais saudáveis, baseados em sua redecisão. Segue-se o retorno, pelo qual o paciente é conscientizado de sua situação no tempo e no espaço, no aqui e agora (nome, data e local da sessão) e de seu estado de vigília. Em seguida, há a finalização, quando o cliente é incentivado a permanecer em profundo equilíbrio emocional e mental.  
  
Em sessão subsequente, o terapeuta trabalha com o paciente integrando-o e elabora o conteúdo aflorado em regressão, conduzindo-o a refletir sobre analogias entre os traumas vivenciados e o problema que está em pauta. Trabalha os recursos do paciente para desenvolver os primeiros passos práticos, comportamentais, no sentido de sua transformação, utilizando-se dos intrumentos adquiridos na vivência regressiva. É preciso aprender a lidar com essa ferramenta nova e isso exige um treinamento para levar à prática, ao hábito desse novo comportamento.  
  
Muitas vezes, o padrão negativo, que está gerando o problema, vem sendo repetido há muito tempo, estando enraizado. Essa mudança é árdua e exige um investimento intenso, através da vontade e do trabalho diário do paciente consigo mesmo, no sentido da autopercepção, exercício e utilização dos recursos adquiridos na vivência regressiva.  
  
Essa técnica é vivenciada e explicada nos Cursos de Formação e Especialização em TRVP, que constam de 16 módulos teóricos e prático-vivenciais, em que todos os participantes, somente médicos e psicólogos, passam por experiências de terapeuta, paciente, observador, relator, assistente e questionador dos processos regressivos ocorridos durante o curso.  
  
A Terapia Regressiva a Vivências Passadas ou Terapia Vivencial Peres trabalha com lembranças traumáticas de algum período do passado, que pode referir-se a um fato traumático ocorrido na semana passada, ano passado, adolescência, infância, nascimento, vida intra-uterina, concepção ou um conteúdo que, segundo o modelo reencarnatório, pode ser focalizado como em vidas passadas. Esse conteúdo pode ser considerado como uma manifestação do inconsciente e como tal tem um sentido e uma relação com o problema trabalhado. Existem, também, muitos outros modelos explicativos para a regressão da memória.  
  
REGRESSÃO ÁVIDA INTRA-UTERINA  
O assunto aqui tratado é especificamente a regressão à Vida Intra-Uterina (VIU), ou seja, quando um trauma de VIU origina um problema, uma dificuldade, um transtorno futuro, mais, ou quando este trauma é um evento reforçador de um problema já existente. A criança antes do nascimento é um ser dotado de sentimentos, de lembranças e de consciência, portanto, tudo o que lhe acontece nos nove meses de gestação tem grande importância na formação e na estruturação da personalidade.  
  
O feto pode ver (sensibilidade à luz), ouvir, degustar, entender e aprender num nível primitivo. Ele é capaz de manifestar sentimentos menos elaborados que os adultos, mas bem reais. Ele pode acionar uma ou outra tendência, conforme as mensagens que recebe no útero (que, de alguma forma vão sendo moldadas). A principal fonte dessas mensagens é a mãe. O feto capta os pensamentos, sentimentos e sensações da mãe, que interferem de modo significativo em sua forma de ser.  
  
Pesquisadores como os médicos Thomas Verny, Dominik Purpura, David Chamberlain Stanislaw Grof, e outros, descobriram que existe uma ligação intra-uterina muito complexa, gradativa e sutil quanto à estrutura racional que se estabelece após o nascimento. A ligação entre mãe e filho, que se estabelece após o nascimento, é o desenvolvimento e a consequência do que a precedeu.  
  
Existe uma comunicação fisiológica, psicológica e extra-sensorial entre mãe e feto. As perturbações do bebê são provocadas tanto pelas consequências psicológicas quanto pelas consequências físicas da ansiedade, depressão, aflições, medo e estresse. O que traz uma repercussão mais profunda na criança não são as preocupações menores da mãe, mas uma ansiedade crônica ou uma ambivalência perturbadora dos pensamentos e dos sentimentos em relação à maternidade. Por exemplo, um sentimento negativo, intenso e duradouro de rejeição à criança pode deixar uma cicatriz profunda.  
  
Perdas afetivas, mortes, separações, choques emocionais, grandes catástrofes, acidentes, agressões etc., podem gerar desajustes emocionais no paciente, que variam de acordo com a forma e com a intensidade com que ele registrou aquele fato traumático. Podem ainda esgotar as reservas emocionais da mulher grávida a ponto de torná-la incapaz de se comunicar com o filho que carrega. E ele percebe isso.  
  
No ambiente familiar, o pai também tem influência muito importante sobre o feto. O estresse do pai, por exemplo, tem uma repercussão direta sobre o filho em formação, e também Indireta através da mãe. Uma discussão entre os pais, e o desajuste familiar, também podem perturbar intensamente o ser que está no útero materno.  
  
Traumas em Vida Intra-uterina, dependendo das heranças que aquele ser traz, podem gerar diferentes transtornos futuros como: insegurança, dificuldade de relacionamento, transtornos depressivos, transtornos ansiosos (na tentativa de satisfazer o outro para ser amado), personalidade dependente etc.  
  
O feto tem necessidades intelectuais e afetivas mais primitivas que as nossas, mas que realmente existem, como as de querer se sentir amado e desejado. Esse sentimento tem uma repercussão importante na segurança e auto-confïança. Emoções positivas de alegria e espera contribuem de maneira importante no desenvolvimento afetivo da criança sadia. Se considerarmos o modelo reencarnatório, que é apenas um dos modelos explicativos da regressão da memória, podemos perceber que essa criança apresenta um passado muitas vezes tumultuado com esta família, trazendo vivências de inimizade. Esse passado pode ser mais ou menos aflorado dependendo dos estímulos por ela vivenciados.  
  
A criança dentro do útero pode manifestar um comportamento de rejeição em relação à mãe, como resposta a um sentimento de rejeição da mãe em relação a ela. Ou a criança pode manifestar um sentimento espontâneo de rejeição àquela mãe, aquela família, àquela condição financeira, cultural, social, racial, sentimento este que pode levar a desânimo, tristeza, falta de motivação, revolta, depressão, insegurança, ansiedade, dificuldade de relacionamento em geral ou especificamente entre mãe e filho.  
  
COMO ACONTECE ESSA COMUNICAÇÃO?  
A criança percebe uma ação ou pensamento da mãe e seu cérebro transforma isso imediatamente em uma emoção e comanda o seu corpo a um conjunto de reações. Se a mãe sente medo, ansiedade, depressão ou estresse, ela desencadeia uma descarga hormonal, que se for intensa e contínua, pode trazer nessa criança uma predisposição a esse sentimento. Se a atenção da mãe está completamente absorvida pela sua tristeza, por uma perda e se ela se fecha em si mesma, é provável que sua criança sofra profundamente. O feto não dispõe de recursos suficientes para tolerar essa sobrecarga.  
  
Um consumo excessivo de tabaco, álcool e de medicamentos, ingestão excessiva de alimentos ou privação alimentar, insônia ou hipersônia também são formas de comunicação materna, que prejudica fisicamente o feto e, emocionalmente, traduzem de modo indireto a sua ansiedade. Mesmo sem estar em perigo, no momento em que o feto percebe a aflição materna, ele pode reagir com vigorosos pontapés. O feto reage diante do crescimento da taxa de adrenalina produzida pela mãe e em "solidariedade" à aflição da mãe.  
  
Portanto, a ameaça mais grave ao feto é a reação emocional da mãe a longo prazo e quando suas necessidades físicas ou psicológicas são ignoradas. Ele não exige nada de extraordinário, tudo o que quer é um pouco de amor e de atenção, e quando os obtém, tudo o mais, mesmo a formação da ligação com sua mãe, acontece automaticamente.  
  
A formação da ligação entre mãe e feto exige tempo, amor e compreensão para que ela exista e funcione de maneira satisfatória. A criança antes do nascimento possui recursos resistentes para fazer durar uma emoção materna. Mas ela não pode se comunicar sozinha. Se a mãe bloqueia a comunicação afetiva, ela fica desamparada.  
  
Segundo a medicina tradicional, a criança, antes de dois anos, é incapaz de ter lembranças porque seu sistema nervoso não está completamente mielinizado (a mielina é uma substância que envolve a fibra nervosa) e não pode assim transmitir mensagens. Porém, pesquisadores descobriram que a falta de mielina retarda a condução de impulsos nervosos, mas não os impede de passar.  
  
Também a psiquiatria tradicional afirmava que a criança antes de dois anos era incapaz de pensar. Porém, hoje sabemos que mesmo antes do nascimento, os esquemas de memória estão delineados e que eles seguem modelos reconhecíveis. Nesse estágio, o cérebro da criança e seu sistema nervoso estão suficientemente desenvolvidos para que isso seja possível, e o fato de a lembrança desse período ter uma forma e um contorno identificáveis, que pode ser acionada através da regressão de memória, vem confirmar a hipótese de que antes do nascimento o cérebro já tem um funcionamento semelhante ao adulto.  
  
No fim da décima segunda semana, o feto está inteiramente formado e nesse período aparecem os primeiros sinais da ativldade cerebral. A partir do terceiro trimestre de gestação, o cérebro já tem um funcionamento semelhante ao do adulto. A partir do sexto mês após a concepção, o sistema nervoso central da criança é capaz de receber, tratar e codificar as mensagens; a memória neurológica já está funcionando.  
  
Muitas lembranças escapam à memória voluntária, talvez pelo processo em que intervém o neuropolipeptídeo ocitocina, produzida pelas mulheres no momento do parto, e que controlam o ritmo das contrações do útero nessa ocasião e fluem para a circulação da criança. A ocitocina produzida em grande quantidade provoca a amnésia em animais de laboratório. Talvez essa possa ser uma explicação para as lembranças anteriores desaparecerem durante o nascimento.  
  
A capacidade de recuperar essas memórias de vida intra-uterina, mais tarde, está ligada à produção de hormônio adreno-corticotropina ou ACTH, que ajuda a fixar as lembranças. Quando uma mulher grávida ou que está dando à luz se sente tensa, sofre pressão ou medo, libera hormônios do estresse (cortizol), e a substância que regula seu fluxo é o ACTH, como acontece em qualquer pessoa que sinta medo ou ansiedade. A gestante nessa situação libera muito hormônio que chega à circulação sanguínea da criança e ajuda a conservar uma imagem mental do sentimento de sua mãe e seus efeitos sobre si.  
  
No processo de Terapia Regressiva Vivencial Peres trabalha-se com um tema de cada vez, com uma série de regressões focalizando esse tema, nos diferentes períodos de vida do paciente. Entre uma regressão e outra, trabalha-se aquele conteúdo que aflorou na regressão, com o objetivo de conduzir o paciente e elaborá-lo. Essas sessões de elaboração e integração tem extrema importância para o paciente poder aproveitar da melhor forma possível aquela vivência, e utilizá-la em seu dia-a-dia na solução de seus problemas fazendo a relação entre os pensamentos, sentimentos, sensações e comportamentos vivenciados na regressão com suas características atuais.**

**Nessa série de regressões, é importante focalizar alguns períodos de vida, significativos, como idade adulta, adolescência, infância, nascimento, vida intra-uterina e supostas vidas passadas; momentos importantes em que a pessoa pode ter criado um padrão de comportamento negativo ou pode ter reforçado um padrão que já existia. Então, a vida intra-uterina sempre será vivenciada em regressão, em cada problema que o paciente trabalhar.  
  
Existem algumas fases importantes no período gestacional, como: momentos e circunstâncias que precedem a concepção; suspeita da gravidez e confirmação da gravidez; período subsequente da gestação; momentos que precedem o nascimento.  
Exemplos clínicos de regressão à VIU.  
  
1) E.EG. Mulher, 40 anos, solteira, engenheira. Queixa-se de depressão desde a adolescência. Sua mãe havia tido um aborto espontâneo, seis meses antes de engravidar dela. Parto difícil e demorado, quando a mãe sente medo e desespero. Paciente com dificuldade de relacionamento afetivo com os homens porque não aceitava-se como mulher. Dificuldade de relacionamento com a mãe, por sentir-se rejeitada por ela, e rejeitá-la também.  
  
Tema: Depressão  
Vivências regressivas: Vivência sua mãe se contorcendo de dor, assustada. Sente-se como em um turbilhão. Vai se sentindo apertada. Sente que algo está dando errado. Sente-se fraca e com a respiração difícil. Tudo escuro. Mãe está com medo. A paciente diz que tem a impressão de estar cometendo suicídio. Tem um sentimento de fracasso. Mãe tem medo de engravidar. Sente vontade de ajudá-la a não ter medo, mas também tem um impulso de não querer nascer como mulher, porque acha que vai sofrer muito. Sente revolta contra essa condição e medo de enfrentar a vida num corpo feminino.**

**Não quer estar ali, sente-se contrariada. A paciente diz perceber que a mãe pressente que ela não quer estar ali e sente medo e insegurança. Diz que acha que transmite esses sentimentos para a mãe. Diz sentir provocar seu próprio abortamento, por não querer nascer, pelo medo de passar por todo sofrimento de novo; tem a sensação de fracasso e de culpa. Sente que aproveita o medo da mãe e provoca sensações desagradáveis no corpo dela, através de movimentos bruscos e desordenados, que fazem com que a mãe aumente seu medo. Percebe sua mãe sonhando com um parto mau sucedido e sente que esse sonho exerce influência sobre ela.  
  
E, ao mesmo tempo, também sente medo. A mãe vai ficando perturbada, descontrolada emocionalmente, deixa de ter cuidados com o próprio corpo e acaba tendo um abordo espontâneo.  
Momento mais traumático: Abortamento  
  
Decisão: Eu me destruí. Sinto culpa por ter destruído essa chance.  
Relação com o tema repressão: Não mereço viver. Sentimento de culpa e de fracasso.  
Autopunição através da depressão.  
  
Redecisão: Eu aceito, valorizo e agradeço pela minha vida.  
Mais ou menos um terço dos abortos espontâneos são clinicamente inexplicáveis; a mãe tem boa saúde e é fisicamente capaz de carregar uma criança em seu útero, mas suas dificuldades são emocionais. O pesquisador T.Verny concluiu que o temor ou o sentimento de sua responsabilidade e o medo de pôr no mundo uma criança anormal aumentam, organicamente, o risco de aborto espontâneo.  
  
Através da TRVP percebemos que a mãe pode provocar um aborto espontâneo inconscientemente, através da falta de cuidado físico e emoções desequilibradas. Uma parte da responsabilidade pela gravidez também é do feto, que garante o bom funcionamento endócrino da gravidez e desencadeia uma parte das inúmeras mudanças físicas, pelas quais passa o corpo da mãe, para assegurar seu desenvolvimento e sua alimentação antes do nascimento. Ele produz substâncias, contribuindo ativamente para sua sobrevivência.  
  
Em outra regressão, essa paciente vivenciou novamente a vida intra-uterina, com a mesma mãe, agora na gestação da vida atual. Entrou em contato com uma sensação de que sempre deve estar alerta, porque tem a impressão de que vai acontecer alguma coisa ruim. A mãe sente medo de abortar novamente e a paciente, na vivência dentro do útero, sente medo de morrer antes de nascer e medo de se movimentar. Fica imóvel com medo de assustá-la. Sentimento de culpa por estar desencadeando mal-estar em sua mãe. Sensação de angústia como se tivesse perdido tempo.  
  
Nessa vivência, surgiu um aspecto de depressão, medo, revolta, culpa. Sua depressão estava intimamente relacionada à revolta contra a própria vida, ou contra o próprio corpo feminino, situação financeira, cultura, raça etc., fazendo com que ela entrasse num processo de vitimização, sentimento de injustiça, desânimo, falta de motivação pela vida, tristeza. Essa paciente apresenta uma doença auto-imune, que pode ser melhor compreendida num processo de autopunição pela sua parcela de responsabilidade pelo aborto. Tinha também pesadelos, nos quais via-se girando num meio de um turbilhão.  
  
Depois de esgotado o tema da depressão, essa mesma paciente trabalhou a dificuldade em aceitar-se como mulher e vivenciou em regressão um outro aspecto da vida intra-uterina: seus pais desejavam um filho do sexo masculino. Não queria decepcioná-los porque sabia que ela não era quem eles gostariam que fosse. Não queria nascer. Desenvolve então um padrão: "Vou ser forte como um homem para satisfazê-los, para conquistar o amor deles". Em algumas regressões anteriores, a paciente vivenciou cenas em que ela própria entendeu como, em vidas passadas, em que era um homem, fez sofrer muitas mulheres, tratando-as como um ser inferior.  
  
2) H.I.J. Mulher, 48 anos, divorciada, empresária. Queixa-se de insegurança, manifestada por medos, há 17 anos. Tema: Insegurança  
Vivências regressivas: Aos 2 meses. Mãe está tomando algo ruim para abortá-la, sente desconforto na garganta e no nariz. "Ë para eu morrer, eu não quero morrer". Sente a boca amarga. Percebe-se intoxicada fisicamente e pelo sentimento da mãe. Manifesta raiva da mãe por ela rejeitar sua gravidez. Depois sente alívio por não ter morrido.  
  
Diz que identifica pensamentos do tipo: "o mundo é ruim". Percebe que a mãe está passando fome porque sente uma fraqueza, uma queda da sua vitalidade. Aos 3 meses. Sente que seu pai também quer matá-la. Pai bate na mãe e ela se percebe como se estivesse apanhando também. Apresenta dor no corpo e fica toda encolhida. Sente-se rejeitada.  
  
Tem medo de nascer e continuar apanhando. "Tenho que ficar encolhida", "Tenho que ficar quieta". Quer dizer para o pai que ela quer viver e dá um chute. Diz sentir-se como se estivesse chorando por dentro, como se estivesse saindo a tristeza de dentro dela, através do seu coração. A mãe sente-se também rejeitada pelo pai.  
  
Aos 4 meses. Chora. "Ninguém me quer". Encolhe-se toda. Mãe está triste e quer morrer. Ouve a mãe dizer: "O que eu fiz para merecer isso?" Mãe refere-se a dificuldades financeiras, desprezo de sua família, mas a paciente diz que sente como se referisse a ela. Sentimento de querer dar forças à mãe. Sente que precisa morrer. Momento mais trumático: Tentativa da mãe em provocar abortamento.  
  
Decisão: "Se nem meus pais me querem, ninguém mais vai me querer. Não sou digna do amor de ninguém".  
  
Redecisão: "Eu me valorizo e me aproximo das pessoas, com amor".  
A paciente estava fixada no sentimento de vítima, acreditando que ninguém poderia querê-la; ela também afastava-se das pessoas e foi necessário em seu processo psicoterápico trazer a responsabilidade para ela mesma; para se tornar mais ativa, indo em direção às pessoas e melhorando sua auto-estima.  
  
Seu sentimento de rejeição fazia com que nenhum afeto fosse suficiente, e fazia com que a paciente criasse uma defesa de também rejeitar os pais e sentir raiva deles. Ela apresentava um problema sério de relacionamento com os pais e com as pessoas em geral, pela insegurança, timidez e sentimento de incapacidade. Tinha uma personalidade independente por ter a auto-estima comprometida.  
Após as sessões de regressão e da prática de suas redecisões, seus problemas foram plenamente solucionados.  
  
CONCLUSÃO  
Uma ligação intra-uterina sólida constitui a melhor proteção da criança contra os perigos do mundo externo. Através desses conhecimentos, mães e pais dispõem de uma oportunidade rica de participar da formação da personalidade de seu filho antes do nascimento, acionando suas tendências mais positivas, registrando nos níveis físico e espiritual, e incentivando nesse novo ser, sentimentos éticos de interesse e compreensão pelo outro, de trabalho e doação.  
Fica clara a responsabilidade dos pais de estimularem intelectual e afetivamente o novo ser, desde o início de sua vida intra-uterina, contribuindo para desenvolver suas melhores tendências, ensinando sentimentos positivos, inibindo e diluindo as suas dificuldades.**

**23 - Vozes do Grande Além - Espíritos Diversos - pág. 170**

**40 - COMPANHEIRO DE REGRESSO  
Não obstante residir no Rio de Janeiro, onde fazia parte do antigo "Grupo Regeneração", Antônio Sampaio Júnior era membro efetivo do "Grupo Meimei", desde a hora da fundação. Por duas a três vezes, anualmente, vinha a Pedro Leopoldo, reconfortando-nos com o seu apoio e com a sua presença. Era ele a personificação da fé viva, da generosidade, do bom humor. Infundia-nos coragem nas horas mais difíceis e esperança nos obstáculos mais duros.  
  
Desencarnado subitamente, em outubro de 1955, deixou-nos as melhores recordações. Foi nosso abnegado e inesquecível Sampaio o amigo que compareceu no horário destinado à instrução, em nossa casa, na fase terminal da reunião, na noite de 22 de março de 1956, transmitindo-nos a confortadora mensagem que passamos a transcrever.  
  
Meus amigos: Louvado seja Nosso Senhor Jesus-Cristo. Sou o Sampaio, de volta ao nosso grupo. Dou, de imediato, o meu cartão de visita para que o pensamento de vocês me ajude a falar com segurança. Reconheço-me ainda como o pássaro vacilante a arrastar-se fora do ninho, movimentando-me qual convalescente em recuperação depois de moléstia longa. Mesmo assim, venho agradecer-lhes as preces com que me ajudam.  
  
Recebam todos o meu reconhecimento por essa dádiva de carinho, porque assim como, para apreciar verdadeiramente um remédio, é preciso haver sofrido uma enfermidade grave, para reconhecer, de fato, o valor de uma oração, é necessário haver deixado o corpo da Terra. Por outro lado, nossos Benfeitores permitiram amavelmente que eu lhes falasse, por haver prometido a mim mesmo trazer-lhes alguma notícia, depois da grande passagem.  
  
Escusado será dizer que me lembrei dos irmãos de ideal na última hora... Não houve tempo, contudo, para qualquer recomendação. A morte arrebatou-me a vestimenta de carne, assim como a faísca elétrica derruba a árvore distraída. Quanto a dizer-lhes, porém, com franqueza, o que me sucedeu, devo afirmar-lhes que, por enquanto, me sinto tão ignorante do fenômeno da morte, assim como, quando estava junto de vocês, desconhecia totalmente o processo de meu nascimento na esfera física.  
  
Creio mesmo que, em minhas atuais condições, guardar a lembrança de que sou o Sampaio já é demais...Posso, em razão disso, apenas notificar-lhes que acordei num leito muito limpo, acreditando-me em casa. O corpo não se modificara. Em minha imaginação, retomava a luta cotidiana em manhã vulgar... Mas quando vi minha mãe ao pé de mim, quando seus olhos me falaram sem palavras, ah! meus amigos, o meu deslumbramento deve ter sido igual ao do prisioneiro que se vê, repentinamente, transferido de um cárcere de trevas para a libertação em plena luz.  
  
Graças a Deus, entendi tudo!... Abracei mãe Antoninha com as lágrimas felizes de uma criança que retorna ao colo materno... Rebentava em mim, naquela hora, uma saudade penosamente sofrida, com muito choro represado no coração. Que palavras da Terra descreveriam meu júbilo? Ainda nos braços de minha mãe, compreendi que o Espiritismo no caminho humano é assim como a alfabetização de nossa alma para a vida eterna, pois não precisei de argumento algum para qualquer explicação a mim mesmo.  
  
Entretanto, cessada que foi aquela primeira explosão de alegria, recordei o Sampaio carnal e vigorosa dor oprimiu-me o peito. Minhas velhas contas com a angina pareciam voltar. A dispnéia assaltou-me de improviso, mas nova expressão de ventura aguardava-me o sentimento. Nosso Dr. Bezerra veio ter comigo e pude beijar-lhe as mãos. Sabem lá o que seja isso?  
  
Bastou que sua destra carinhosa me visitasse a fronte, para que o velho trapo de carne fosse esquecido... Desde esse instante, vi-me à maneira do colegial satisfeito em nova escola. Mãe Antoninha informou-me de que um hospital-educandário me havia admitido. Meu tratamento restaurador obedeceu aos passes magnéticos e à linfoterapia, palavra nova em minha boca. Termas enormes recolhem os enfermos, cada qual segundo as suas necessidades.  
  
Por minha vez, de cada mergulho na água benfazeja e curativa, regressava sempre melhor, até que minhas forças se refizeram de todo. Regularmente recuperado, pude voltar, em companhia de nossos Benfeitores, às minhas casas inesquecíveis de trabalho e de fé, o «Regeneração» e o «Meimei». Graças a Jesus, tenho escutado o Evangelho com outros ouvidos e aprendido a nossa Doutrina com novo entendimento. Tenho agora livros e livros ao meu dispor.  
  
Muitos companheiros são trazidos ao nosso hospital, em terrível situação. Não se alfabetizaram para o continuísmo da existência e sofrem muito, requisitando o concurso de magnetizadores que lhes extraem as recordações, quais médicos arrancando tumores internos de vísceras doentes. Essas recordações projetam-se fora deles para que compreendam e se aquietem. Mas, por felicidade deste criado de vocês, venho tomando contacto com a memorização, muito vagarosamente.  
  
É imprescindível muita precaução para que nosso Espírito, despojado da matéria densa, não penetre de surpresa nos domínios do passado, habitualmente repleto de reminiscências menos dignas, que podem perturbar muitíssimo os nossos atuais desejos. Via de regra, no mundo, sentimo-nos sequiosos pelo conhecimento do pretérito. Aqui, suplicamos para que esse conhecimento seja adiado, reconhecendo que, na maioria dos casos, ele nos alcança qual ventania tumultuosa, abalando os alicerces ainda frágeis das boas idéias que conseguimos assimilar.  
  
Por esse motivo, sou agora um aprendiz de mim mesmo, agindo com muita cautela para não estorvar a proteção que estou recebendo.  
«Tudo aqui é como aí», hoje percebo melhor o sentido da pequena mensagem que recebemos juntos: «Tudo aqui é como aí, mas aí não é como aqui.» Nossas vestes, utilidades e alimentos, no plano de recém-desencarnados em que me encontro, embora mais sutis, são aproximadamente análogos aos da Terra.  
  
Tenho perguntado a muitos amigos, com quem posso trocar idéias, quanto à formação das coisas que servem à nossa nova moradia... Todos abordam o assunto, de maneira superficial, como acontece no mundo, onde um químico discorre sobre a água, um botânico expõe teorias quanto à natureza das plantas ou um médico leciona sobre o corpo humano... Mas, no fundo, o químico estuda o hidrogênio e o oxigênio sem conhecer-lhes a origem, o botânico fala da planta, incapaz de penetrar-lhe o segredo, e o médico avança desassombrado em torno da constituição do corpo humano, ocultando com terminologia complicada o enigma da simples gota de sangue.  
  
Aqui também, na faixa de luta em que me encontro, apenas sabemos que a matéria se encontra em novo estado. Dinamizada especificamente para nossos olhos, para nossos ouvidos e para as nossas necessidades, como na Terra surge graduada para as exigências e problemas da escola humana. Não me alongarei, porém, neste assunto. Somente aspiro a algum contacto com vocês para dizer-lhes que o velho amigo está reconhecido e satisfeito.  
  
Desfruto hoje a alegria do paralítico que recobrou os movimentos, do cego que tornou à claridade, da criança embrutecida que alcançou o princípio da própria educação. Sinto-me outro, contudo devo afirmar-lhes que a desencarnação exige grande preparo a fim de que seja uma viagem tranquila. Tudo aqui sobrevive. Os hábitos, os desejos, as inclinações, as boas idéias e os pensamentos indignos reaparecem conosco, além-túmulo, tanto quanto as qualidades nobres ou deprimentes ressurgem, acordadas em nós, na experiência física, depois do repouso noturno, cada manhã.  
  
Dois flagelos ainda agora me atormentam: o costume de fumar e a conversação sem proveito. Tenho sido carinhosamente auxiliado para que me liberte de semelhantes viciações. Com respeito ao fumo, o verdadeiro prejudicado sou eu próprio, no entanto, a palavra inútil impõe-me o remorso do tempo perdido pela desatenção.  
  
Apesar de tudo, estou renovado e otimista, esperando continuar estudando o Evangelho, para que eu possa transferir-me, do hospital-educandário em que ainda me vejo, para o trabalho ativo, porquanto, aprendendo a viver em regime de utilidade para os outros, estarei cooperando em favor de mim mesmo. Que Jesus seja louvado!  
Antônio Sampaio Júnior**

|  |  |
| --- | --- |
| **RELIGIÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A agonia das religiões - toda a obra** | **02 - A caminho da luz - pág. 55, 81** |
| **03 - A Gênese- cap. XIII,18** | **04 - A plur. dos mundos habitados - pág. 15, 275** |
| **05 - A renascença da alma - pág. 45** | **06 - A vida além do véu - pág. 45** |
| **07 - Análise das coisas - pág. 132, 173** | **08 - Boa Nova - pág. 114, 195** |
| **09 - Caminho, Verdade e vida - pág. 53, 59, 89** | **10 - Caminhos da divulg. Espírita - pág. 21** |
| **11 - Cartas e Crônicas - pág. 22** | **12 - Cartilha da Natureza - pág. 173** |
| **13 - Ceifa de luz - pág. 140** | **14 - Ciência e espiritismo - pág. 72, 98** |
| **15 - Conduta Espírita - pág. 87** | **16 - Contos desta e doutra vida - pág. 99** |
| **17 - Curso Dinâmico de Espiritismo - pág. 58, 153, 176** | **18 - Da alma humana - pág.182** |
| **19 - Depois da morte - pág. 19,25** | **20 - Emmanuel - pág. 26,35, 143** |
| **21 - Entre a Terra e o céu - pág. 68** | **22 - Estude e viva - pág. 68** |
| **23 - Evolução em dois mundos - pág. 155** | **24 - Falando à Terra - pág. 132** |
| **25 - História do espiritismo - pág. 149** | **26 - Jesus no Lar - pág. 103, 139** |
| **27 - Justiça Divina - pág. 11, 71** | **28 - Mecanismos da mediunidade - pág. 175** |
| **29 - O Consolador - pág. 157, 171** | **30 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. I,8** |
| **31 - O Livro dos Espíritos - q.655, 838, 982** | **32 - O que é espiritismo - pág. 131** |
| **33 - Pão nosso - pág. 37,58, 85** | **34 - Religião dos Espíritos - pág. 11** |
| **Por ser muito extensa a lista de bibliografia, analisaremos somente estes.** | |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**RELIGIÃO** **– COMPILAÇÃO**

**02 - A caminho da luz - Emmanuel - pág. 55, 81**

**IX - AS GRANDES RELIGIÕES DO PASSADO  
As primeiras organizações religiosas  
As primeiras organizações religiosas da Terra tiveram, naturalmente, sua origem entre os povos primitivos do Oriente, aos quais enviava Jesus, periodicamente, os seus mensageiros e missionários. Dada a ausência da escrita, naquelas épocas longínquas, todas as tradições se transmitiam de geração a geração através do mecanismo das palavras. Todavia, com a cooperação dos degredados do sistema da Capela, os rudimentos das artes gráficas receberam os primeiros impulsos, começando a florescer uma nova era de conhecimento espiritual, no campo das concepções religiosas.  
  
Os Vedas, que contam mais de seis mil anos, já nos falam da sabedoria dos "Sastras", ou grandes mestres das ciências hindus, que os antecederam de mais ou menos dois milênios, nas margens dos rios sagrados da Índia. Vê-se, pois, que a idéia religiosa nasceu com a própria Humanidade, constituindo o alicerce de todos os seus esforços e realizações no plano terráqueo .  
  
AINDA AS RAÇAS ADAMICAS  
Não podemos, porém, esquecer que Jesus reunira nos espaços infinitos os seres proscritos que se exilaram na Terra, antes de sua reencarnação geral na vizinhança dos planaltos do Irã e do Pamir.  
  
Obedecendo às determinações superiores do mundo espiritual, eles nunca puderam esquecer a palavra salvadora do Messias e as suas divinas promessas. As belezas do espaço, aliadas à paisagem mirífica do plano que foram obrigados a abandonar, viviam no cerne das suas recordações mais queridas.**

**As exortações confortadoras do Cristo, nas vésperas de sua dolorosa imersão nos fluidos pesados do planeta terrestre, cantavam-lhes no íntimo os mais formosos hosanas de alegria e de esperança. Era por isso que aquelas civilizações antigas possuíam mais fé, colocando a intuição divina acima da razão puramente humana.**

**A crença, como íntima e sagrada aquisição de suas almas, era a força motora de todas as realizações, e todos os degredados, com os mais santos entusiasmos do coração, falaram d'Ele e da sua infinita misericórdia. Suas vozes enchem todo o âmbito das civilizações que passaram no pentagrama dos séculos sem-fim e, apresentado com mil nomes, segundo as mais variadas épocas, o Cordeiro de Deus foi guardado pela compreensão e pela memória do mundo, com todas as suas expressões divinas ou, aliás, como a própria face de Deus, segundo as modalidades dos mistérios religiosos.  
  
A GÊNESE DAS CRENÇAS RELIGIOSAS  
A gênese de todas as religiões da Humanidade tem suas origens no seu coração augusto e misericordioso. Não queremos, com as nossas exposições, divinizar, dogmaticamente, a figura luminosa do Cristo, e sim esclarecer a sua gloriosa ascendência na direção do orbe terrestre, considerada a circunstância de que cada mundo, como cada família, tem seu chefe supremo, ante a justiça e a sabedoria do Criador.  
  
Fora erro crasso julgar como bárbaros e pagãos os povos terrestres que ainda não conhecem diretamente as lições sublimes do seu Evangelho de redenção, porquanto a sua desvelada assistência acompanhou, como acompanha a todo tempo, a evolução das criaturas em todas as latitudes do orbe. A história da China, da Pérsia, do Egito, da índia, dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos está alumiada pela luz dos seus poderosos emissários. E muitos deles tão bem se houveram, no cumprimento dos seus grandes e abençoados deveres, que foram havidos como sendo Ele próprio, em reencarnações sucessivas e periódicas do seu divinizado amor.**

**No Manava-Darma, encontramos a lição do Cristo; na China encontramos Fo-Hi, Lao-Tsé, Confúcio; nas crenças do Tibete, está a personalidade de Buda e no Pentateuco encontramos Moisés; no Alcorão vemos Maomet. Cada raça recebeu os seus instrutores, como se fosse Ele mesmo, chegando das resplandecências de sua glória divina.  
  
Todas elas, conhecendo intuitivamente a palavra das profecias, arquivaram a história dos seus enviados, nos moldes de sua vinda futura, em virtude das lembranças latentes que guardavam no coração, acerca da sua palavra nos espaços, tocada de esclarecimento e de amor.  
  
A UNIDADE SUBSTANCIAL DAS RELIGIÕES  
A verdade é que todos os livros e tradições religiosas da antiguidade guardam, entre si, a mais estreita unidade substancial. As revelações evolucionam numa esfera gradativa de conhecimento. Todas se referem ao Deus impersonificável, que é a essência da vida de todo o Universo, e no tradicionalismo de todas palpita a visão sublimada do Cristo, esperado em todos os pontos do globo. Os vários povos do mundo traziam de longe as suas concepções e as suas esperanças, sem falarmos das grandes coletividades que floresciam na América do Sul, então quase ligada à China pelas extensões da Lemúria, e da América do Norte, que se ligava à Atlântida.**

**Não é, porém, nosso propósito estudar aqui outras questões que se não refiram à superioridade do Cristo e à ascendência do seu Evangelho, nestes apontamentos despretensiosos. Citando, porém, todos os povos antigos do planeta, somos compelidos a recordar, igualmente, as grandes civilizações pré-históricas, que desabrocharam e desapareceram no continente americano, de cujos cataclismos e arrasamentos ficaram ainda as expressões interessantes dos incas e dos astecas, que, como todos os outros agrupamentos do mundo, receberam a palavra indireta do Senhor, na sua marcha coletiva através de augustos caminhos.  
  
AS REVELAÇÕES GRADATIVAS  
Até à palavra simples e pura do Cristo, a Humanidade terrestre viveu etapas gradativas de conhecimento e de possibilidades, na senda das revelações espirituais. Os milênios, com as suas experiências consecutivas e dolorosas, prepararam os caminhos d'Aquele que vinha, não somente com a sua palavra, mas, principalmente, com a sua exemplificação salvadora. Cada emissário trouxe uma das modalidades da grande lição de que foi teatro a região humilde da Galiléia.  
  
E' por esse motivo que numerosas coletividades asiáticas não conhecem a lição direta do Mestre, mas sabem do conteúdo da sua palavra, em virtude das próprias revelações do seu ambiente, e, se a Boa Nova não se dilatou no curso dos tempos, pelas estradas dos povos, é que os pretensos missionários do Cristo, nos séculos posteriores aos seus ensinos, não souberam cultivar a flor da vida e da verdade, do amor e da esperança, que os seus exemplos haviam implantado no mundo: — abafando-a nos templos de uma falsa religiosidade, ou encarcerando-a no silêncio dos claustros, a planta maravilhosa do Evangelho foi sacrificada no seu desenvolvimento e contrariada nos seus mais lídimos objetivos.  
  
PREPARAÇÃO DO CRISTIANISMO  
As lições da Palestina foram, desse modo, precedidas de laboriosa e longa preparação na intimidade dos milênios. Os sacerdotes de todas as grandes religiões do passado supuseram, nos seus mestres e nos seus mais altos iniciados, a personalidade do Senhor, mas temos de convir que Jesus foi inconfundível .  
  
Â luz significativa da história, observamos muitas vezes, nos seus auxiliares ou instrumentos humanos, as características das vulgaridades terrestres. Alguns foram ditadores de consciências, enérgicos e ferozes no sentido de manter e fomentar a fé; outros, traídos em suas forças e desprezando os compromissos sagrados com o Salvador, longe de serem instrumentos do Divino Mestre, abusaram da própria liberdade, dando ouvidos às forças subversivas da Treva, prejudicando a harmonia geral.  
  
O CRISTO INCONFUNDÍVEL  
Mas Jesus assinala a sua passagem pela Terra com o selo constante da mais augusta caridade e do mais abnegado amor. Suas parábolas e advertências estão impregnadas do perfume das verdades eternas e gloriosas. A manjedoura e o calvário são lições maravilhosas, cujas claridades iluminam os caminhos milenários da humanidade inteira, e sobretudo os seus exemplos e atos constituem um roteiro de todas as grandiosas finalidades, no aperfeiçoamento da vida terrestre.**

**Com esses elementos, fez uma revolução espiritual que permanece no globo há dois milênios. Respeitando as leis do mundo, aludindo à efígie de César, ensinou as criaturas humanas a se elevarem para Deus, na dilatada compreensão das mais santas verdades da vida. Remodelou todos os conceitos da vida social, exemplificando a mais pura fraternidade.**

**Cumprindo a Lei Antiga, encheu-lhe o organismo de tolerância, de piedade e de amor, com as suas lições na praça pública, em frente das criaturas desregradas e infelizes, e somente Ele ensinou o "Amai-vos uns aos outros", vivendo a situação de quem sabia cumpri-lo.  
Os Espíritos incapacitados de o compreender podem alegar que as suas fórmulas verbais eram antigas e conhecidas; mas ninguém poderá contestar que a sua exemplificação foi única, até agora, na face da Terra.  
  
A maioria dos missionários religiosos da antiguidade se compunha de príncipes, de sábios ou de grandes iniciados, que saíam da intimidade confortável dos palácios e dos templos; mas o Senhor da semeadura e da seara era a personificação de toda a sabedoria, de todo o amor, e o seu único palácio era a tenda humilde de um carpinteiro, onde fazia questão de ensinar à posteridade que a verdadeira aristocracia deve ser a do trabalho, lançando a fórmula sagrada, definida pelo pensamento moderno, como o coletivismo das mãos, aliado ao individualismo dos corações - síntese social para a qual - e que, desprezando todas as convenções e honrarias terrestres, preferiu não possuir pedra onde repousasse o pensamento dolorido, a fim de que aprendessem os seus irmãos a lição inesquecível do "Caminho da Verdade e da Vida".  
  
03 - A Gênese - Allan Kardec - cap. XIII,18**

**O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES**

**18. Pretender que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que seja a chave da abóboda do edifício cristão, é sustentar uma tese perigosa; fazendo-se repousar as bases do cristianismo sobre a base única do maravilhoso, é dar-lhe um apoio frágil do qual as pedras se destacam a cada dia.**

**Esta tese, de que eminentes teólogos se fizeram defensores, conduz direto a esta conclusão de que, num tempo dado, não haverá mais religião possível, nem mesmo a religião cristã, se o que é considerado sobrenatural for demonstrado natural; porque será em vão amontoar argumentos, não se chegará a manter a crença de que um fato é miraculoso, quando está provado que ele não o é; ora, a prova de que um fato não é uma exceção, nas leis naturais, é quando ele pode ser explicado por estas mesmas leis, e que, podendo se reproduzir por intermédio de um indivíduo qualquer, cessa de ser o privilégio dos santos.**

**Não é o sobrenatural que é necessário às religiões, mas bem o princípio espiritual, que se confunde erradamente com o maravilhoso, e sem o qual não há religião possível. O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto de vista mais elevado; dá-lhe uma base mais sólida do que os milagres, são as leis imutáveis de Deus, que regem o princípio espiritual, como o princípio material; esta base desafia o tempo e a ciência, porque o tempo e a ciência virão sancioná-la.  
  
Deus não é menos digno de nossa admiração, de nosso reconhecimento, de nosso respeito, por não ter derrogado as suas leis, grandes sobretudo por sua imutabilidade. Elas não têm necessidade do sobrenatural para render a Deus o culto que lhe é devido; não é a Natureza bastante imponente, por si mesma, e falta-lhe acrescentar para provar o poder supremo?**

**A religião encontrará tanto menos incrédulos quando for, em todos os pontos, sancionada pela razão. O cristianismo nada tem a perder com essa sanção; ao contrário, não pode, com isso, senão ganhar. Se alguma coisa pôde prejudicá-lo, na opinião de certas pessoas, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.  
  
19. - Tomando-se a palavra milagre em sua acepção etimológica, no sentido de coisa admirável, teremos, sem cessar, milagres aos nossos olhos; nós os aspiramos no ar e os pisamos sob os nossos passos, porque tudo é milagre na Natureza. Quer se dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito, uma idéia do poder de Deus?**

**E necessário mostrar-lhes a sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, segundo o meio onde está chamado a viver; é necessário mostrar-lhes a ação de Deus no rebento da erva, na flor que desabrocha, no Sol que a tudo vivifica; é necessário mostrar-lhes a sua bondade na sua solicitude por todas as criaturas, tão ínfimas que sejam, a sua previdência na razão de ser de cada coisa, da qual nenhuma é inútil, do bem que sai sempre do mal aparente e momentâneo.**

**Fazei-os compreender, sobretudo, que o mal real é a obra do homem, e não a de Deus; não procureis amedrontá-los pelo quadro das chamas eternas, nas quais acabam por não acreditar e que lhes fazem duvidar da bondade de Deus; mas encorajai-os pela certeza de poderem se resgatar um dia e reparar o mal que puderam fazer; mostrai-lhes as descobertas da ciência como a revelação das leis divinas, e não como a obra de Satanás.**

**Ensinai-os, enfim, a lerem no livro da Natureza, sem cessar aberto diante deles; neste livro inesgotável onde a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas em cada página; então compreenderão que um Ser tão grande, se ocupando de tudo, velando por tudo, prevendo tudo, deve ser soberanamente poderoso.**

**O lavrador ve-lo-á em traçando seus sulcos, e o infortunado p abençoará em suas aflições, porque a si mesmos dirão: Se sou infeliz, foi por minha falta. Então, os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos sobretudo, bem melhor do que se cressem em pedras que suam o sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e vertem lágrimas.**

**08 - Boa Nova - Humberto de Campos - pág. 114, 195**

**17 - JESUS NA SAMARIA  
Descendo Jesus, de Jerusalém para Cafarnaum, seguido de alguns dos discípulos, nas suas habituais jornadas a pé, alcançou a Samaria, quando o crepúsculo já se fazia mais sombrio. Filipe, André e Tiago, estando com muita fome, deixaram o Mestre a repousar junto de uma pequena herdade e demandaram o lugarejo mais próximo, em busca de alimentos.  
  
O Messias, olhando em torno de si, reconheceu que se encontrava ao lado da fonte de Jacó. Envolvida nos revérberos do Sol que ia ceder lugar às sombras da noite que se aproximavam, uma mulher acercou-se do antigo poço e observou que o Mestre lhe ia ao encontro, com a bela e costumeira placidez do seu semblante, e lhe pedia de beber. — Como, sendo tu judeu, me pedes um favor a mim, que sou samaritana? — interrogou, surpreendida.  
  
Jesus descansou na interlocutora o olhar tranquilo e redarguiu:— Os judeus e samaritanos terão, porventura, necessidades diversas entre si? Bem se vê que não conheces os dons de Deus, porquanto, se houvesses guardado os mandamentos divinos, compreenderias que te posso dar da água viva.— Que vem a ser essa água viva? — inquiriu a samaritana, impressionada. — Onde a tens, se a água aqui existente é apenas a deste poço?! Acaso serias maior do que o nosso pai Jacó que no-lo deu desde o princípio?  
  
— Mulher, a água viva é aquela que sacia toda sede; vem do amor infinito de Deus e santifica as criaturas. E, envolvendo a samaritana no doce magnetismo de seu olhar, continuou: — Este poço de Jacó secará um dia. No leito de terra, onde agora repousam suas águas claras, a serpente poderá fazer seu ninho. Não sentes a verdade de minhas afirmativas, ante a tua sede de todos os dias? Não obstante levares cheio o cântaro, voltarás logo mais ao poço, com uma nova sede. Entretanto, os que beberem da água viva estarão eternamente saciados.**

**Para esses não mais haverá a necessidade material que se renova a cada instante da vida. Perene conforto lhes refrescará os corações, através dos caminhos mais acidentados, sob o Sol ardente dos desertos do mundo!...  
A mulher escutava, presa de funda impressão, aquelas palavras que lhe chegavam ao santuário do espírito, com a solenidade de uma nova revelação. — Senhor, dá-me dessa água! — exclamou interessada.  
  
— Mas, ouve! — disse-lhe Jesus. E o Mestre passou a esclarecê-la sobre fatos e circunstâncias íntimas de sua vida particular, explicando-lhe o que se fazia necessário para que a sagrada emoção do amor divino lhe iluminasse a alma, afastando-a de todas as necessidades penosas da existência material. Observando que não havia segredos para Jesus, a samaritana chorou e respondeu:  
  
— Senhor, agora vejo que és de fato um profeta de Deus. Meu espírito está cheio de boa-vontade e, desde muito, penso na melhor maneira de purificar minha vida e santificar os meus atos. Entretanto, é tal a confusão que observo em torno de mim, que não sei como adorar a Deus. Os meus familiares e vizinhos afirmam que é indispensável celebrar o culto ao Todo-Poderoso neste monte; os judeus nos combatem e asseveram que nenhuma cerimônia terá valor fora dos muros de Jerusalém. As discórdias nesta região têm chegado ao cúmulo. Ainda há pouco tempo, um judeu feriu um dos nossos, por causa das suas opiniões acerca da comida impura. Já que tenho a felicidade de ouvir as tuas palavras, ensina-me o melhor caminho.  
  
O Mestre observou-a, compadecido, e exclamou:— Tens razão. As divergências religiosas têm implantado a maior desunião entre os membros da grande família humana. Entretanto, o Pastor vem ao redil para reunir as ovelhas que os lobos dispersaram. Em verdade, afirmo-te que virá um tempo em que não se adorará a Deus nem neste monte, nem no templo suntuoso de Jerusalém, porque o Pai é Espírito e só em espírito deve ser adorado. Por isso, venho abrir o templo dos corações sinceros para que todo culto a Deus se converta em íntima comunhão entre o homem e o seu Criador!  
  
Suave silêncio se fez entre ambos. Enquanto Jesus parecia sondar o invisível com o seu luminoso olhar, a samaritana meditava. Daí a alguns instantes, acompanhados de grande número de populares, chegavam os discípulos, admirando-se todos de encontrarem o Messias em conversação íntima com uma mulher. Nenhum deles, todavia, aventurou qualquer observação menos digna ou imprudente. Observando que o Messias se preparava para retirar-se em busca da aldeia mais próxima, a samaritana, eminentemente impressionada com as suas revelações, solicitou a presença de todos os seus familiares e vizinhos, a fim de que o conhecessem e lhe ouvissem a palavra.  
  
Tiago e André haviam trazido pão e algumas frutas e insistiam com Jesus para que se alimentasse. O Mestre, porém, aproveitou o instante para mais uma vez ensinar o caminho do Reino, com as suas palavras amigas, compondo parábolas singelas. Muita gente se aglomerara para ouvi-lo. Eram viajantes que demandavam regiões diferentes, a par de grande grupo de samaritanos de opiniões exaltadas. A enorme assembléia se pôs a caminho, mas o Messias continuou espalhando as suas promessas de esperança e de consolação.  
  
Nesse ínterim, Filipe consultou os companheiros e, aproximando-se de Jesus, rogou-lhe carinhosamente:— Mestre, por favor, aceitai um pouco de pão! É indispensável cuidardes do sustento! Descansai e comei!...— Não te preocupes, Filipe — disse o Messias, com reconhecimento —, não tenho fome. Aliás, recebo um alimento que talvez os meus próprios discípulos ainda não puderam conhecer.  
— Qual? — atalhou o apóstolo, com interesse.— Antes de tudo, meu alimento é fazer a vontade daquele Pai misericordioso e justo que a este mundo me enviou, a fim de ensinar o seu amor e a sua verdade. Meu sustento é realizar a sua obra.  
  
— É verdade — observou o discípulo, olhando a multidão que os acompanhava —, vedes melhor os corações e não podemos perder esta oportunidade de divulgação da Boa Nova. Levaremos para Cafarnaum mais este triunfo, porque é incontestável que obtivestes aqui, entre os samaritanos, um dos nossos maiores êxitos!... Tiago e André ouviam, silenciosos, o diálogo. Às palavras entusiásticas do apóstolo, o Mestre sorriu e acrescentou:  
  
— Não é isso propriamente o que me interessa. O êxito mundano pode ser uma ondulação de superfície. O de que necessitamos, em todas as situações, é entender o que o Pai deseja de nós. Como todo o seu anelo é o do bem, eu trabalho, mas sem me prender ao anseio das vitórias imediatas. E, dirigindo o olhar para a turba compacta de seus seguidores, exclamou para os companheiros:— Acaso poderemos admitir que já somos compreendidos? Calemo-nos por alguns instantes, a fim de ouvirmos a opinião dos que nos seguem os passos.  
  
Fez-se silêncio entre ele e os três discípulos, de modo que podiam ouvir distintamente os diálogos travados entre os que os acompanhavam.— Acreditas que seja este homem o Cristo prometido? — perguntava um samaritano de boa figura aos seus amigos. — De minha parte, não aceito semelhante impostura. Este nazareno é um explorador da piedade popular.— É certo — concordava o interpelado —, mesmo porque, em sua terra, não chega a valer um denário. Pelos próprios parentes é tido como inimigo do trabalho e há quem duvide da sua preguiçosa cabeça.  
  
— É um louco de boa aparência — dizia uma mulher idosa para a filha —, pelo menos essa é a opinião que já ouvi de habitantes de Cafarnaum; entretanto, cá para mim, acredito seja um grande velhaco. Por que se meteu com pescadores, quando alega ser tão sábio? Por que não se transfere para Jerusalém, ou mesmo para o Tiberíades? Bem sabe a razão disso. Lá encontraria homens cultos que lhe confundiriam a presunção. Mais próximo de Jesus, um rapaz sentenciava em voz discreta:  
  
— Quando chegamos, foi ele achado sozinho com uma mulher. Que te parece esta circunstância? — perguntava a um companheiro de caminhada. — Certamente desejava salvá-la a seu modo... — replicou com malicioso riso o inquirido. Num grupo vizinho, falava-se acaloradamente:— Este homem é um espertalhão orgulhoso — dizia, convicto, um velhote —, só faz milagres junto das grandes multidões, para que sintam virtudes sobrenaturais nas suas mágicas.  
  
— E não tem caridade — acrescentou outro —, pois ainda há pouco tempo, quando o procuraram em Cafarnaum para um sinal do céu, fugiu para o monte, sob o pretexto de fazer orações. A noite começava a cair de todo. No alto já brilhavam as primeiras estrelas. Jesus sentou-se com os discípulos, à margem do caminho, para um momento de repouso.  
  
André, Tiago e Filipe estavam espantados com o que tinham visto e ouvido. Aparentemente o Mestre fora aureolado de imenso êxito; entretanto, verificaram a profunda incompreensão do povo. Foi então que Jesus, com a serenidade de todos os instantes, os esclareceu cheio da sua bondade imperturbável:  
  
— Não vos admireis da lição deste dia. Quando veio, o Batista procurou o deserto, nutrindo-se de mel selvagem. Os homens alegaram que em sua companhia estava o espírito de Satanás. A mim, pelo motivo de participar das alegrias do Evangelho, chamam-se glutão e beberrão. Esta é a imagem do campo onde temos de operar. Por toda parte encontraremos samaritanos discutidores, atentos aos êxitos e referências do mundo. Observai a estrada para não cairdes, porque o discípulo do Evangelho não se pode preocupar senão com a vontade de Deus, com o seu trabalho sob as vistas do Pai e com a aprovação da sua consciência.  
  
29 - OS QUINHENTOS DA GALILÉIA  
Depois do Calvário, verificadas as primeiras manifestações de Jesus no cenáculo singelo de Jerusalém, apossara-se de todos os amigos sinceros do Messias uma saudade imensa de sua palavra e de seu convívio. A maioria deles se apegava aos discípulos, como querendo reter as últimas expressões de sua mensagem carinhosa e imortal.  
  
O ambiente era um repositório vasto de adoráveis recordações. Os que eram agraciados com as visões do Mestre se sentiam transbordantes das mais puras alegrias. Os companheiros inseparáveis e íntimos se entretinham em longos comentários sobre as suas reminiscências inapagáveis.  
  
Foi quando Simão Pedro e alguns outros salientaram a necessidade do regresso a Cafarnaum, para os labores indispensáveis da vida.  
Em breves dias, as velhas redes mergulhavam de novo no Tiberíades, por entre as cantigas rústicas dos pescadores. Cada onda mais larga e cada detalhe do serviço sugeriam recordações sempre vivas no tempo. As refeições ao ar livre lembravam o contentamento de Jesus ao partir o pão; o trabalho, quando mais intenso, como que avivava a sua recomendação de bom ânimo; a noite silenciosa reclamava a sua bênção amiga.  
  
Embebidos na poesia da Natureza, os apóstolos organizavam os mais elevados projetos, com relação ao futuro do Evangelho. A residência modesta de Cefas, obedecendo às tradições dos primitivos ensinamentos, continuava a ser o parlamento amistoso, onde cada um expunha os seus princípios e as suas confidências mais recônditas. Mas, ao pé do monte onde o Cristo se fizera ouvir algumas vezes, exalçando as belezas do Reino de Deus e da sua justiça, reuniam-se invariavelmente todos os antigos seguidores mais fiéis, que se haviam habituado ao doce alimento de sua palavra inesquecível. Os discípulos não eram estranhos a essas rememorações carinhosas e, ao cair da tarde, acompanhavam a pequena corrente popular pela via das recordações afetuosas.  
  
Falava-se vagamente de que o Mestre voltaria ao monte para despedir-se. Alguns dos apóstolos aludiam às visões em que o Senhor prometia fazer de novo ouvida a sua palavra num dos lugares prediletos das suas pregações de outros tempos. Numa tarde de azul profundo, a reduzida comunidade de amigos do Messias, ao lado da pequena multidão, reuniu-se em preces, no sítio solitário. João havia comentado as promessas do Evangelho, enquanto na encosta se amontoava a assembléia dos fiéis seguidores do Mestre.**

**Viam-se, ali, algumas centenas de rostos embevecidos e ansiosos. Eram romanos de mistura com judeus desconhecidos, mulheres humildes conduzindo os filhos pobres e descalços, velhos respeitáveis, cujos cabelos alvejavam da neve dos repetidos invernos da vida. Nesse dia, como que a antiga atmosfera se fazia sentir mais fortemente. Por instinto, todos tinham a impressão de que o Mestre voltaria a ensinar as bem-aventuranças celestiais.**

**Os ventos recendiam suave perfume, trazendo as harmonias do lago próximo. Do céu muito azul, como em festa para receber a claridade das primeiras estrelas, parecia descer uma tranquilidade imensa que envolvia todas as coisas. Foi nesse instante, de indizível grandiosidade, que a figura do Cristo assomou no cume iluminado pelos derradeiros raios do Sol. Era Ele. Seu sorriso desabrochava tão meigo como ao tempo glorioso de suas primeiras pregações, mas de todo o seu vulto se irradiava luz tão intensa que os mais fortes dobraram os joelhos.**

**Alguns soluçavam de júbilo, presas das emoções mais belas de sua vida. As mãos do Mestre tomaram a atitude de quem abençoava, enquanto um divino silêncio parecia penetrar a alma das coisas. A palavra articulada não tomou parte naquele banquete de luz imaterial; todos, porém, lhe perceberam a amorosa despedida e, no mais íntimo da alma, lhe ouviram a exortação magnânima e profunda:  
  
— "Amados — a cada um se afigurou escutar na câmara secreta do coração —, eis que retomo a vida em meu Pai para regressar à luz do meu Reino!... Enviei meus discípulos como ovelhas ao meio de lobos e vos recomendo que lhes sigais os passos no escabroso caminho. Depois deles, é a vós que confio a tarefa sublime da redenção pelas verdades do Evangelho. Eles serão os semeadores, vós sereis o fermento divino. Instituo-vos os primeiros trabalhadores, os herdeiros iniciais dos bens divinos. Para entrardes na posse do tesouro celestial, muita vez experimentareis o martírio da cruz e o fel da ingratidão. ..**

**Em conflito permanente com o mundo, estareis na Terra, fora de suas leis implacáveis e egoístas, até que as bases do meu Reino de concórdia e justiça se estabeleçam no espírito das criaturas. Negai-vos a vós mesmos, como neguei a minha própria vontade na execução dos desígnios de Deus, e tomai a vossa cruz para seguir-me.  
  
"Séculos de luta vos esperam na estrada universal. É preciso imunizar o coração contra todos os enganos da vida transitória, para a soberana grandeza da vida imortal. Vossas sendas estarão repletas de fantasmas de aniquilamento e de visões de morte. O mundo inteiro se levantará contra vós, em obediência espontânea às forças tenebrosas do mal, que ainda lhe dominam as fronteiras. Sereis escarnecidos e aparentemente desamparados; a dor vos assolará as esperanças mais caras; andareis esquecidos na Terra, em supremo abandono do coração.**

**Não participareis do venenoso banquete das posses materiais, sofrereis a perseguição e o terror, tereis o coração coberto de cicatrizes e de ultrajes. A chaga é o vosso sinal, a coroa de espinhos o vosso símbolo, a cruz o recurso ditoso da redenção. Vossa voz será a do deserto, provocando, muitas vezes, o escárnio e a negação da parte dos que dominam na carne perecível. "Mas, no desenrolar das batalhas incruentas do coração, quando todos os horizontes estiverem abafados pelas sombras da crueldade, dar-vos-ei da minha paz, que representa a água viva. Na existência ou na morte do corpo, estareis unidos ao meu Reino.**

**O mundo vos cobrirá de golpes terríveis e destruidores, mas, de cada uma das vossas feridas, retirarei o trigo luminoso para os celeiros infinitos da graça, destinados ao sustento das mais ínfimas criaturas!... Até que o meu Reino se estabeleça na Terra, não conhecereis o amor no mundo; eu, no entanto, encherei a vossa solidão com a minha assistência incessante. Gozarei em vós, como gozareis em mim, o júbilo celeste da execução fiel dos desígnios de Deus.**

**Quando tombardes, sob as arremetidas dos homens ainda pobres e infelizes, eu vos levantarei no silêncio do caminho, com as minhas mãos dedicadas ao vosso bem. Sereis a união onde houver separatividade, sacrifício onde existir o falso gozo, claridade onde campearem as trevas, porto amigo, edificado na rocha da fé viva, onde pairarem as sombras da desorientação. Sereis meu refúgio nas igrejas mais estranhas da Terra, minha esperança entre as loucuras humanas, minha verdade onde se perturbar a ciência incompleta do mundo!...  
  
"Amados, eis que também vos envio como ovelhas aos caminhos obscuros e ásperos. Entretanto, nada temais! Sede fiéis ao meu coração, como vos sou fiel, e o bom ânimo representará a vossa estrela! Ide ao mundo, onde teremos de vencer o mal! Aperfeiçoemos a nossa escola milenária, para que aí seja interpretada e posta em prática a lei de amor do Nosso Pai, em obediência feliz à sua vontade augusta!"  
  
Sagrada emoção senhoreara-se das almas em êxtase de ventura. Foi então que observaram o Mestre, rodeado de luz, como a elevar-se ao céu, em demanda de sua gloriosa esfera do Infinito. Os primeiros astros da noite brilhavam no alto, comol flores radiosas do Paraíso. No monte galileu, cinco centenas de corações palpitavam, arrebatados por intraduzível júbilo. Velhos trêmulos e encarquilhados desceram a encosta, unidos uns aos outros, como solidários, para sempre, no mesmo trabalho de grandeza imperecível. Anciãs de passo vacilante, coroadas pela neve das experiências da vida, abraçavam-se às filhas e netas, jovens e ditosas, tomadas de indefinível embriaguez dalma.**

**Romanos e judeus, ricos e pobres confraternizavam, felizes, adivinhando a necessidade de cooperação na tarefa santa. Os antigos discípulos, cercando a figura de Simão Pedro, choravam de contentamento e esperança. Naquela noite de imperecível recordação, foi confiado aos quinhentos da Galiléia o serviço glorioso da evangelização das coletividades terrestres, sob a inspiração de Jesus-Cristo. Mal sabiam eles, na sua mísera condição humana, que a palavra do Mestre alcançaria os séculos do porvir.**

**E foi assim que, representando o fermento renovador do mundo, eles reencarnaram em todos os tempos, nos mais diversos climas religiosos e políticos do planeta, ensinando a verdade e abrindo novos caminhos de luz, através dos bastidores eternos do Tempo. Foram eles os primeiros a transmitir a sagrada vibração de coragem e confiança aos que tombaram nos campos do martírio, semeando a fé no coração pervertido das criaturas.**

**Nos circos da vaidade humana, nas fogueiras e nos suplícios, ensinaram a lição de Jesus, com resignado heroísmo. Nas artes e nas ciências, plantaram concepções novas de desprendimento do mundo e de belezas do céu e, no seio das mais variadas religiões da Terra, continuam revelando o desejo do Cristo, que é de união e de amor, de fraternidade e concórdia.  
  
Na qualidade de discípulos sinceros e bem-amados, desceram aos abismos mais tenebrosos, redimindo o mal com os seus sacrifícios purificadores, convertendo, com as luzes do Evangelho, à corrente da redenção, os espíritos mais empedernidos. Abandonados e desprotegidos na Terra, eles passam, edificando no silêncio as magnificências do Reino de Oeus, nos países dos corações e, multiplicando as notas de seu cântico de glória por entre os que se constituem instrumentos sinceros do bem com Jesus-Cristo, formam a caravana sublime que nunca se dissolverá.  
  
09 - Caminho, Verdade e vida - Emmanuel - pág. 53, 59, 89**

**21 - MAR ALTO  
"E, quando acabou de falar, disse a Simão: Fazê-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar."   
Este versículo nos leva a meditar nos companheiros de luta que se sentem abandonados na experiência humana. Inquietante sensação de soledade lhes corta o coração. Choram de saudade, de dor, renovando as amarguras próprias. Acreditam que o destino lhes reservou a taça da infinita amargura.**

**Rememoram, compungidos, os dias da infância, da juventude, das esperanças crestadas nos conflitos do mundo. No íntimo, experimentam, a cada instante, o vago tropel das reminiscências que lhes dilatam as impressões de vazio. Entretanto, essas horas amargas pertencem a todas as criaturas mortais.**

**Se alguém as não viveu em determinada região do caminho, espere a sua oportunidade, porquanto, de modo geral, quase todo Espirito se retira da carne, quando os frios sinais de inverno se multiplicam em torno.**

**Em surgindo, pois, a tua época da dificuldade, convence-te de que chegaram apra tua alma os dias de serviço em "mar alto", o tempo de procurar os valores justos, sem o incentivo de certas ilusões da experiência material. Se te encontras sozinho, se te sentes ao abandono, lembra-te de que, além do túmulo, há companheiros que te assistem e esperam carinhosamente.**

**O Pai nunca deixa os filhos desamparados, assim, se te vês presentementes sem laços domésticos, sem amigos certos na paisagem transitória do Planeta, é que Jesus te enviou a pleno mar da experiência, a fim de provares tuas conquistas em supremas lições.**

**24 - FILHOS PRÓDIGOS  
"E caindo em si, disse: Quantos jornaleiros de meu têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!". - Lucas, 15:17  
Examinando-se a figura do filho pródigo, toda gente idealiza um homem rico, dissipando possibilidades materiais nos festins do mundo. O quadro, todavia, deve ser ampliado, abrangendo as modalidades diferentes. Os filhos pródigos não respiram somente onde se encontra o dinheiro em abundância. Acomodam-se em todos os campos da atividade humana, resvalando de posições diversas.**

**Grandes ciestistas da Terra são perdulários da inteligência, destilando venenos intelectuais, indignos das concessões de que foram aquinhoados. Artistas preciosos gastam, por vezes, inutilmente, a imaginação e a sensibilidade, através de aventuras mesquinhas, caind, afinal, nos desvãos do relaxamento e do crime.**

**Em toda parte, vemos os dissipadores de bens, de saber, de tempo, de saúde, de oportunidades...São eles que, contemplando os corações simples e humildes, em marcha para Deus, possuídos de verdadeira confiança, experimentam a enorme angústia da inutilidade e, distantes da paz íntima, exclamam desalentados:**

**-"Quantos trabalhadores pequeninos guardam o pão da tranquilidade, enquanto a fome da paz me tortura o espírito!". O mundo permanece repleto de filhos pródigos e, de hora a hora, milhares de vozes proferem aflitivas exclamações iguais a esta.**

**39 - CONVITE AO BEM  
"Mas, quando fores convidado, vai". - Jesus (Lucas, 14:10)  
Em todas as épocas, o bem constitui a fonte divina, suscetível de fornecer-nos valores imortais. O homem de reflexão terá observado que todo o período infantil é conjunto de apelos ao sublime manancial. O convite sagrado é repetido, anos a fio. Vem através dos amorosos pais humanos, dos mentores escolares, da leitura salutar, do sentimento religioso, dos amigos comuns.**

**Entretanto, raras inteligências atingem a juventude, de atenção fixa no chamamento elevado. Quase toda gente ouve as requisições da natureza inferior, olvidando deveres preciosos. Os apelos, todavia, continuam...**

**Aqui, é um livro amigo, revelando a verdade em silêncio; ali, é um companheiro generoso que insiste em favor das realidades luminosas da vida... A rebeldia, porém, ainda mesmo em plena madureza do homem, costuma rir inconscientemente, passando, todavia, em marcha compulsória, na direção dos desencantos naturais, que lhe impõem mais equilibrados pensamentos.**

**No Evangelho de Jesus, o convite ao bem reveste-se de claridades eternas. Atendendo-o, poderemos seguir ao encontro de Nosso Pai, sem hesitações. Se o clarim cristão já te alcançou os ouvidos, aceita-lhe as clarinadas sem vacilar. Não esperes pelo aguilhão da necessidade. Sob a tormenta, é cada vez mais difícil a visão do porto.**

**A maioria dos nossos irmãos na Terra caminha para Deus, sob o ultimato das dores, mas não aguardes pelo açoite de sombras, quando podes seguir, calmamente, pelas estradas claras do amor.**

**11 - Cartas e Crônicas - Irmão X - pág. 22**

**4 - TREINO PARA A MORTE  
Preocupado com a sobrevivência além do túmulo, você pergunta, espantado, como deveria ser levado a efeito o treinamento de um homem para as surpresas da morte. A indagação é curiosa e realmente dá que pensar. Creia, contudo, que, por enquanto, não é muito fácil preparar tecnicamente um companheiro à frente da peregrinação infalível.**

**Os turistas que procedem da Ásia ou da Europa habilitam futuros viajantes com eficiência, por lhes não faltarem os termos analógicos necessários. Mas nós, os desencarnados, esbarramos com obstáculos quase intransponíveis. A rigor, a Religião deve orientar as realizações do espírito, assim como a Ciência dirige todos os assuntos pertinentes à vida material. Entretanto, a Religião, até certo ponto, permanece jungida ao superficialismo do sacerdócio, sem tocar a profundez da alma.  
  
Importa considerar também que a sua consulta, ao invés de ser encaminhada a grandes teólogos da Terra, hoje domiciliados na Espiritualidade, foi endereçada justamente a mim, pobre noticiarista sem méritos para tratar de semelhante inquirição.  
  
Pode acreditar que não obstante achar-me aqui de novo, há quase vinte anos de contado, sinto-me ainda no assombro de um xavante, repentinamente trazido da selva matogrossense para alguma de nossas Universidades, com a obrigação de filiar-se, de inopino, aos mais elevados estudos e às mais complicadas disciplinas.  
  
Em razão disso, não posso reportar-me senão ao meu próprio ponto de vista, com as deficiências do selvagem surpreendido junto à coroa da Civilização.  
  
Preliminarmente, admito deva referir-me aos nossos antigos maus hábitos. A cristalização deles, aqui, é uma praga tiranizante. Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamóios e os ciapós, que se devoravam uns aos outros.  
  
Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão. Tenho visto muitas almas de origem aparentemente primorosa, dispostas a trocar o próprio Céu pelo uísque aristocrático ou pela nossa cachaça brasileira.  
  
Tanto quanto lhe seja possível, evite os abusos do fumo. Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina. Não se renda à tentação dos narcóticos. Por mais aflitivas lhe pareçam as crises do estágio no corpo, aguente firme os golpes da luta. As vítimas da cocaína, da morfina e dos barbitúricos demoram-se largo tempo na cela escura da sede e da inércia.  
  
E o sexo? Guarde muito cuidado na preservação do seu equilíbrio emotivo. Temos aqui muita gente boa carregando consigo o inferno rotulado de «amor». Se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de-nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque.  
  
Em família, observe cautela com testamentos. As doenças fulminatórias chegam de assalto, e, se a sua papelada não estiver em ordem, você padecerá muitas humilhações, através de tribunais e cartórios. Sobretudo, não se apegue demasiado aos laços consanguíneos. Ame sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que, por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória.**

**Não se esqueça de que, no estado presente da educação terrestre, se alguns afeiçoados lhe registrarem a presença extraterrena, depois dos funerais, na certa intimá-lo-ão a descer aos infernos, receando-lhe a volta inoportuna. Se você já possui o tesouro de uma fé religiosa, viva de acordo com os preceitos que abraça. E' horrível a responsabilidade moral de quem já conhece o caminho, sem equilibrar-se dentro dele.  
  
Faça o bem que puder, sem a preocupação de satisfazer a todos. Convença-se de que se você não experimenta simpatia por determinadas criaturas, há muita gente que suporta você com muito esforço. Por essa razão, em qualquer circunstância, conserve o seu nobre sorriso. Trabalhe sempre, trabalhe sem cessar.  
  
O serviço é o melhor dissolvente de nossas mágoas. Ajude-se, através do leal cumprimento de seus deveres . Quanto ao mais, não se canse nem indague em excesso, porque, com mais tempo ou menos tempo, a morte lhe oferecerá o seu cartão de visita, impondo-lhe ao conhecimento tudo aquilo que, por agora, não lhe posso dizer.**

**15 - Conduta Espírita - André Luiz - pág. 87**

**23 - PERANTE OS PROFITENTES DE OUTRAS RELIGIÕES  
Estimar e reverenciar os irmãos de outros credos religiosos. O sarcasmo não edifica. Não exasperar-se em oportunidade alguma, ainda mesmo pretextando defesa dos postulados religiosos que lhe alimentam o coração, a fim de evitar o vírus da cólera e as incursões das forças inferiores no próprio íntimo.**

**A exasperação leva ao desequilíbrio e à queda. Aproveitar o tempo e as energias, fugindo às discussões estéreis em torno das origens da Vida e do Universo ou sobre tópicos fundamentais do Espiritismo. Espíritos existem que se esforçam para não crer em sua própria existência.**

**Em nenhuma circunstância, pretender conduzir alguém ou alguma instituição, dessa ou daquela prática religiosa, à humilhação e ao ridículo. O Sol, em nome de Deus, ilumina o passo de todas as criaturas. Suportar construtivamente as manifestações constantes de cultos exóticos e estranhos à simplicidade e pureza do Espiritismo, oferecendo, tanto quanto possível, auxílio e cooperação, sem pretensiosas exigências aos companheiros que a tais cultos se prendem.**

**Muitos irmãos distantes serão, em futuro próximo, excelentes cultores da Doutrina Espírita. A título de preservar o corpo doutrinário do Espiritismo, ou de defender a Verdade, não faltar com a compreensão espírita nem agarrar-se a conceituações radicais e inamovíveis. Quando apaixonado e desmedido, o zelo obscurece a razão.**

**Sistematicamente, não impor ou forçar a transformação religiosa dos irmãos alheios à fé que lhe consola o coração. Toda imposição. em matéria religiosa, revela fanatismo.**

**Silenciar todo impulso a polêmicas com irmãos aprisionados a caprichos de natureza religiosa. Discussão, em bases de ironia e azedume, é pancadaria mental.**

**"Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros para que não sejais condenandos." - (Tiago, 5:9)**

**19 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 19,25**

**PARTE PRIMEIRA - CRENÇAS E NEGAÇÕES  
l — AS RELIGIÕES. A DOUTRINA SECRETA  
Quando se lança um golpe de vista sobre o passado, quando se evoca a recordação das religiões desaparecidas, das crenças extintas, apodera-se de nós uma espécie de vertigem ante o aspecto das sinuosidades percorridas pelo pensamento humano. Lenta é sua marcha. Parece, a princípio, comprazer-se nas criptas sombrias da fndia, nos templos subterrâneos do Egito, nas catacumbas de Roma, na mete-luz das catedrais; parece preferir os lugares escuros à, atmosfera pesada das escolas, o silêncio dos claustros às claridades do céu, aos livres espaços, em uma palavra ao estudo da Natureza.  
  
Um primeiro exame, uma comparação superficial das crenças e das superstições do passado conduz inevitavelmente à dúvida. Mas, levantando-se o véu exterior e brilhante Que ocultava as massas os grandes mistérios, penetrando-se nos santuários da idéia religiosa, achamo-nos em presença de um fato de alcance considerável. As formas materiais, as cerimônias extravagantes dos cultos tinham por fim chocar a imaginação do povo. Por trás desses véus, as religiões antigas apareciam sob aspecto diverso, revestiam caráter grave e elevado, simultaneamente científico e filosófico. Seu ensino era duplo: exterior e público de um lado, interior e secreto de outro, e, neste último caso, reservado somente aos iniciados. Conseguiu-se, não há muito, reconstituir esse ensino secreto, após pacientes estudos e numerosas descobertas epigráficas.**

**Desde então, dissiparam-se a obscuridade e a confusão que reinavam nas questões religiosas; com a luz, fez-se a harmonia. Adquiriu-se a prova de que todos os ensinos religiosos do passado se ligam, porque, em sua base, se encontra uma só e mesma doutrina, transmitida de idade em idade a uma série ininterrupta de sábios e pensadores.  
  
Todas as grandes religiões tiveram duas faces, uma aparente, outra oculta. Está nesta o espírito, naquela a forma ou a letra. Debaixo do símbolo material, dissimula-se o sentido profundo. O Bramanismo, na índia, o Hermetismo, no Egito, o Politeísmo grego, o próprio Cristianismo, em sua origem, apresentam esse duplo aspecto. Julgá-las pela face exterior e vulgar é o mesmo que apreciar o valor moral de um homem pelos trajos. Para conhecê-las, é preciso penetrar o pensamento íntimo que lhes inspira e motiva a existência; cumpre desprender do seio dos mitos e dogmas o princípio gerador que lhes comunica a força e a vida. Descobre-se, então, a doutrina única, superior, imutável, de que as religiões humanas não são mais que adaptações imperfeitas e transitórias, proporcionadas às necessidades dos tempos e dos meios.  
  
Em nossa época, muitos fazem uma concepção do Universo, uma idéia da verdade, absolutamente exterior e material. A ciência moderna, em suas investigações, tem-se limitado a acumular o maior número de fatos, e, depois, a deduzir daí as suas leis. Obteve, assim, maravilhosos resultados, porém, por tal preço, ficar-lhe-á sempre inacessível o conhecimento dos princípios superiores e das causas primitivas. As próprias causas secundárias escapam-lhe. O domínio invisível da vida é mais vasto do que aquele que é atingido pelos nossos sentidos: lá reinam essas causas de que somente vemos os efeitos.  
  
Na antiguidade tinham outra maneira de ver, e um proceder muito diferente. Os sábios do Oriente e da Grécia não desdenhavam observar a natureza exterior, porém era sobretudo no estudo da alma, de suas potências íntimas, que descobriam os princípios eternos. Para eles, a alma era como um livro em que se inscrevem, em caracteres misteriosos, todas as realidades e todas as leis. Pela concentração de suas faculdades, pelo estudo profundo e meditativo de si mesmos, elevaram-se até à Causa sem causa, até ao princípio de que derivam os seres e as coisas. As leis inatas da inteligência explicavam-lhes a harmonia e a ordem da Natureza, assim como o estudo da alma lhes dava a chave dos problemas da vida.  
  
A alma, acreditavam, colocada entre dois mundos, o visível e o oculto, o material e o espiritual, observando-os, penetrando em ambos, é o instrumento supremo do conhecimento. Conforme seu grau de adiantamento ou de pureza, reflete, com maior ou menor intensidade, os raios do foco divino. A razão e a consciência não só guiam nossa apreciação e nossos atos, mas também são os mais seguros meios para adquirir-se e possuir-se a verdade.  
  
A tais pesquisas era consagrada a vida inteira dos iniciados. Não se limitavam, como em nossos dias, a preparar a mocidade com estudos prematuros, insuficientes, mal dirigidos, para as lutas e deveres da existência. Os adeptos eram escolhidos, preparados desde a infância para a carreira que deviam preencher, e, depois, levados gradualmente aos píncaros intelectuais, de onde se pode dominar e julgar a vida. Os princípios da ciência secreta eram-lhes comunicados numa proporção relativa ao desenvolvimento das suas inteligências e qualidades morais.**

**A iniciação era uma refundição completa do caráter, um acordar das faculdades latentes da alma. Somente quando tinha sabido extinguir em si o fogo das paixões, comprimir os desejos impuros, orientar os impulsos do seu ser para o Bem e para o Belo, é que o adepto participava dos grandes mistérios. Obtinha, então, certos poderes sobre a Natureza, e comunicava-se com as potências ocultas do Universo.  
  
Não deixam subsistir dúvida alguma sobre tal ponto os testemunhos da História a respeito de Apolônio de Tiana e de Simão, o Mago, bem como os fatos, pretensamente miraculosos, levados a efeito por Moisés e pelo Cristo. Os iniciados conheciam os segredos das forças fluídicas e magnéticas. Este domínio, pouco familiar aos sábios dos nossos dias, a quem se afiguram inexplicáveis os fenômenos do sonambulismo e da sugestão, no meio dos quais se debatem impotentes em conciliá-los com teorias preconcebidas, esse domínio, a ciência oriental dos santuários havia explorado, e estava possuidora de todas as suas chaves.**

**Nele encontrava meios de ação incompreensíveis para o vulgo, mas facilmente explicáveis pêlos fenômenos do Espiritismo. Em suas experiências fisiológicas, a ciência contemporânea chegou ao pórtico desse mundo oculto conhecido dos antigos e regido por leis exatas. Ainda bem perto está o dia em que a força dos acontecimentos e o exemplo dos audaciosos constrangê-la-ão a tal. Reconhecerá, então, que nada há aí de sobrenatural, mas, ao contrário, uma face ignorada da Natureza, uma manifestação das forças sutis, um aspecto novo da vida que enche o infinito.  
  
Se, do domínio dos fatos, passarmos ao dos princípios, teremos de esboçar desde logo as grandes linhas da doutrina secreta. Ao ver desta, a vida não é mais que a evolução, no tempo e no espaço, do Espírito, única realidade permanente. A matéria é sua expressão inferior, sua forma variável. O Ser por excelência, fonte de todos os seres, é Deus, simultaneamente triplo e uno — essência, substância e vida — em que se resume todo o Universo. Daí o deísmo trinitário que, da índia e do Egito, passou, desfigurando-se, para a doutrina cristã.**

**Esta, dos três elementos do Ser, fez as pessoas. A alma humana, parcela da grande alma, é imortal. Progride e sobe para o seu autor através de existências numerosas, alternativamente terrestres e espirituais, por um aperfeiçoamento contínuo. Em suas encarnações, constitui ela o homem, cuja natureza ternária — o corpo, o perispírito e a alma —, centros correspondentes da sensação, sentimento e conhecimento, torna-se um microcosmo ou pequeno mundo, imagem reduzida do macrocosmo ou Grande-Todo.**

**Eis por que podemos encontrar Deus no mais profundo do nosso ser, interrogando a nós mesmos na solidão, estudando e desenvolvendo as nossas faculdades latentes, a nossa razão e consciência. Tem duas faces a vida universal: a involução ou descida do Espírito à matéria para a criação individual, e a evolução ou ascensão gradual, na cadeia das existências, para a Unidade divina.  
  
Prendia-se a esta filosofia um feixe inteiro de ciências: a Ciência dos Números ou Matemáticas Sagradas, a Teogonia, a Cosmogonia, a Psicologia e a Física. Nelas, os métodos indutivo e experimental combinavam-se e serviam-se reciprocamente de verificação, formando, assim, um todo imponente, um edifício de proporções harmônicas.  
  
Este ensino abria ao pensamento perspectivas suscetíveis de causarem vertigem aos espíritos mal preparados, e por isso era somente reservado aos fortes. Se, por verem o infinito, as almas débeis ficam perturbadas e desvairadas, as valentes fortificam-se e medram. É no conhecimento das leis superiores que estas vão beber a fé esclarecida, a confiança no futuro, a consolação na desgraça. Tal conhecimento produz benevolência para com os fracos, para com todos esses que se agitam ainda nos círculos inferiores da existência, vítimas das paixões e da ignorância; inspira tolerância para com todas as crenças.**

**O iniciado sabia unir-se a todos e orar com todos. Honrava Brahma na índia, Osíris em Mênfis, Júpiter na Olímpia, como pálidas imagens da Potência Suprema, diretora das almas e dos mundos. É assim que a verdadeira religião se eleva acima de todas as crenças e a nenhuma maldiz. O ensino dos santuários produziu homens realmente prodigiosos pela elevação de vistas e pelo valor das obras realizadas, uma elite de pensadores e de homens de ação, cujos nomes se encontram em todas as páginas da História.**

**Daí saíram os grandes reformadores, os fundadores de religiões, os ardentes propagandistas: Krishna, Zoroastro, Hermes, Moisés, Pitágoras, Platão e Jesus; todos os que têm posto ao alcance das multidões as verdades sublimes que fazem sua superioridade. Lançaram aos ventos a semente que fecunda as almas, promulgaram a lei moral, imutável, sempre e em toda parte semelhante a si mesma. Mas, não souberam os discípulos guardar intacta a herança dos mestres. Mortos estes, os seus ensinos ficaram desnaturados e desfigurados por alterações sucessivas.**

**A mediocridade dos homens não era apta a perceber as coisas do espírito, e bem depressa as religiões perderam a sua simplicidade e pureza primitivas. As verdades que tinham sido ensinadas foram sufocadas sob os pormenores de uma interpretação grosseira e material. Abusou-se dos símbolos para chocar a imaginação dos crentes, e, muito breve, a idéia máter ficou sepultada e esquecida sob eles. A verdade é comparável às gotas de chuva que oscilam na extremidade de um ramo. Enquanto aí ficam suspensas, brilham como puros diamantes aos raios do Sol; desde, porém, que tocam o chão, confundem-se com todas as impurezas.**

**O que nos vem de cima mancha-se ao contacto terrestre. Até mesmo ao seio dos templos levou o homem as suas concupiscências e misérias morais. Por isso, em cada religião, o erro, este apanágio da Terra, mistura-se com a verdade, este bem dos céus. Pergunta-se algumas vezes se a religião é necessária. A religião (do latim religare, ligar, unir), bem compreendida, deveria ser um laço que prendesse os homens entre si, unindo-os por um mesmo pensamento ao princípio superior das coisas.**

**Há na alma um sentimento natural que a arrasta para um ideal de perfeição em que se identificam o Bem e a Justiça. Este sentimento, o mais nobre que poderemos experimentar, se fosse esclarecido pela Ciência, fortificado pela razão, apoiado na liberdade de consciência, viria a ser o móvel de grandes e generosas ações; mas, manchado, falseado, materializado, tornou-se, muitas vezes, pelas inquietações da teocracia, um instrumento de dominação egoística.  
  
A religião é necessária e indestrutível porque se baseia na própria natureza do ser humano, do qual ela resume e exprime as aspirações elevadas. É, igualmente, a expressão das leis eternas, e, sob este ponto de vista, tende a confundir-se com a filosofia, fazendo com que esta passe do domínio da teoria ao da execução, tornando-se vivaz e ativa. Mas, para exercer uma influência salutar, para voltar a ser um incitante de progresso e elevação, a religião deve despojar-se dos disfarces com que se revestiu através dos séculos. Não são os seus elementos primordiais que devem desaparecer, mas, sim, as formas exteriores, os mitos obscuros, o culto, as cerimônias.**

**Cumpre evitar confundir coisas tão dessemelhantes. A verdadeira religião é um sentimento; é no coração humano, e não nas formas ou manifestações exteriores, que está o melhor templo do Eterno. A verdadeira religião não poderia ser encerrada dentro de regras e ritos acanhados; não necessita de sacerdotes nem de fórmulas nem de imagens. Pouco se inquieta com simulacros e modos de adorar; só julga os dogmas por sua influência sobre o aperfeiçoamento das sociedades. Abraça todos os cultos, todos os sacerdócios, eleva-se bastante e diz-lhes: A Verdade ainda está muito acima!  
  
Entretanto, deve-se compreender que nem todos os homens se acham em vias de atingir esses píncaros intelectuais. Eis por que a tolerância e a benevolência são coisas que se impõem. Se, por um lado, o dever convida-nos a desprender os bons espíritos dos aspectos vulgares da religião, por outro, é preciso nos abstermos de lançar a pedra às almas sofredoras, lacrimosas, incapazes de assimilar noções abstratas, mas que encontram arrimo e conforto na sua cândida fé.  
  
Verifica-se, porém, que, de dia para dia, diminui o número dos crentes sinceros. A idéia de Deus, outrora simples e grande nas almas, foi desnaturada pelo temor do inferno, e perdeu seu poder. Na impossibilidade de se elevarem até ao absoluto, certos homens acreditaram ser necessário adaptar à sua forma e medida tudo o que queriam conceber. Foi assim que rebaixaram Deus ao nível deles próprios, atribuindo-lhe as suas paixões e fraquezas, amesquinhando a Natureza e o Universo, e, sob o prisma da ignorância, decompondo em cores diversas os argênteos raios da verdade.**

**As claras noções da religião natural foram obscurecidas a bel-prazer. A ficção e a fantasia engendraram o erro, e este, preso ao dogma, ergueu-se como um obstáculo no meio do caminho. A luz ficou velada para aqueles que se acreditavam seus depositários, e as trevas, com que pretendiam envolver os outros, fizeram-se em si próprios e ao seu redor. Os dogmas perverteram o critério religioso, e o interesse de casta falseou o senso moral. Daí um acervo de superstições, de abusos e práticas idólatras, cujo espetáculo lançou tantos homens na negação. A reação, porém, anuncia-se.**

**As religiões, imobilizadas em seus dogmas como as múmias em suas faixas, agora agonizam, abafadas em seus invólucros materiais, enquanto tudo marcha e evolve em torno delas. Perderam quase toda a influência sobre os costumes, sobre a vida social, e estão destinadas a perecer. Mas, como todas as coisas, as religiões só morrem para renascer. A idéia que os homens fazem da Verdade modifica-se e dilata com o decorrer dos tempos. Eis por que as religiões, manifestações temporárias, vistas parciais da eterna Verdade, tendem a transformar-se desde que já tenham cumprido a sua tarefa, e não mais correspondam aos progressos e às necessidades da Humanidade.**

**À medida que esta caminha, são precisas novas concepções, um ideal mais elevado, e isso só poderá ser encontrado nas descobertas da Ciência, nas intuições crescentes do pensamento. Chegamos a uma época da História em que as religiões encanecidas aluem-se por suas bases, época em que se prepara uma renovação filosófica e social. O progresso material e intelectual desafia o progresso moral.  
  
Na profundeza das almas agita-se um mundo de aspirações, que faz esforços por tomar forma e aparecer à vida. O sentimento e a razão, essas duas grandes forças imperecíveis como o Espírito humano, de que são atributos, forças hostis até hoje e que perturbavam a sociedade com os seus conflitos, semeando por toda parte a discórdia, a confusão e o ódio, tendem, finalmente, a se conciliarem. A religião deve perder seu caráter dogmático e sacerdotal para tornar-se científica; a ciência libertar-se-á dos baixios materialistas para esclarecer-se com um raio divino.**

**Surgirá uma doutrina, idealista em suas tendências, positiva e experimental em seu método, apoiada sobre fatos inegáveis. Sistemas opostos na aparência, filosofias contraditórias e inimigas, o Espiritismo e o Naturalismo, entre outras, acharão, afinal, um terreno de reconciliação. Síntese poderosa, ela abraçará e ligará todas as concepções variadas do mundo e da vida, raios dispersos, faces variadas da Verdade.  
  
Será a ressurreição, sob forma mais ampla e a todos acessível, dessa doutrina que o passado conheceu, será o aparecimento da religião natural que renascerá simples, sem cultos nem altares. Cada pai será sacerdote em sua família, ensinará e dará o exemplo. A religião passará para os atos, para o desejo ardente do bem; o holocausto será o sacrifício de nossas paixões, o aperfeiçoamento do Espírito humano. Tal é a doutrina superior, definitiva, universal, no seio da qual serão absorvidas, como os rios pelo oceano, todas as religiões passageiras, contraditórias, causas frequentes de dissidência e dilaceração para a Humanidade.**

|  |  |
| --- | --- |
| **RENÚNCIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Boa Nova - pág. 81, 134** | **02 - Caminho, verdade e vida -pág. 29,51,163,213** |
| **03 - Convites da vida- pág. 162** | **04 - Entre a terra e o céu - pág. 210** |
| **05 - Estante da vida - pág. 65** | **06 - Fonte viva - pág. 87,99,129,167,205** |
| **07 - Forças sexuais da alma- pág. 17** | **08 - Instruções psicofônicas - pág. 19** |
| **09 - Maria Dolores - pág. 55** | **10 - Missionários da Luz - pág. 24** |
| **11 - O amor venceu - pág. 131** | **12 - O Espírito da Verdade - pág. 142** |
| **13 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. XXIII,4** | **14 - Oferenda - pág. 170** |
| **15 - Os mensageiros - pág. 36** | **16 - Pão nosso - pág. 65, 77** |
| **17 - Parnaso de Além túmulo - pág. 245** | **18 - Pérolas do além - pág. 210** |
| **19 - Pontos e contos - cap. 1, 10-20** | **20 - Renúncia - toda a obra** |
| **21 - Roteiro - pág. 121** | **22 - Veladores da luz - pág.33** |
| **23 - Vinhas de luz - pág. 27** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**RENÚNCIA** **– COMPILAÇÃO**

**01- Boa Nova - Humberto de Campos - pág. 81, 134**

**12 - AMOR E RENÚNCIA  
O manto da noite caía de leve sobre a paisagem de Cafarnaum e Jesus, depois de uma das grandes assembléias populares do lago, se recolhia à casa de Pedro em companhia do apóstolo. Com a sua palavra divina havia tecido luminosos comentários em torno dos mandamentos de Moisés; Simão, no entanto, ia pensativo como se guardasse uma dúvida no coração. Inquirido com bondade pelo Mestre, o apóstolo esclareceu:  
  
— Senhor, em face dos vossos ensinamentos, como deveremos interpretar a vossa primeira manifestação, transformando a água em vinho, nas bodas de Caná? Não se tratava de uma festa mundana? O vinho não iria cooperar para o desenvolvimento da embriaguez e da gula? Jesus compreendeu o alcance da interpelação e sorriu.— Simão — disse ele —, conheces a alegria de servir a um amigo?  
Pedro não respondeu, pelo que o Mestre continuou:  
  
— As bodas de Caná foram um símbolo da nossa união na Terra. O vinho, ali, foi bem o da alegria com que desejo selar a existência do Reino de Deus nos corações. Estou com os meus amigos e amo-os a todos. Os afetos dalma, Simão, são laços misteriosos que nos conduzem a Deus. Saibamos santificar a nossa afeição, proporcionando aos nossos amigos o máximo da alegria; seja o nosso coração uma sala iluminada onde eles se sintam tranquilos e ditosos. Tenhamos sempre júbilos novos que os reconfortem, nunca contaminemos a fonte de sua simpatia com a sombra dos pesares! As mais belas horas da vida são as que empregamos em amá-los, enriquecendo--Ihes as satisfações íntimas.  
  
Contudo, Simão Pedro, manifestando a estranheza que aquelas advertências lhe causavam, interpelou ainda o Mestre, com certa timidez:— E como deveremos proceder quando os amigos não nos entendam, ou quando nos retribuam com ingratidão? Jesus pôs nele o olhar lúcido e respondeu:— Pedro, o amor verdadeiro e sincero nunca espera recompensas. A renúncia é o seu ponto de apoio, como o ato de dar é a essência de sua vida.**

**A capacidade de sentir grandes afeições já é em si mesma um tesouro. A compreensão de um amigo deve ser para nós a maior recompensa. Todavia, quando a luz do entendimento tardar no espírito daqueles a quem amamos, deveremos lembrar-nos de que temos a sagrada compreensão de Deus, que nos conhece os propósitos mais puros. Ainda que todos os nossos amigos do mundo se convertessem, um dia, em nossos adversários, ou mesmo em nossos algozes, jamais nos poderiam privar da alegria infinita de lhes haver dado alguma coisa!...  
  
E com o olhar absorto na paisagem crepuscular, onde vibravam sutis harmonias, Jesus ponderou, profeticamente:— O vinho de Caná poderá, um dia, transformar-se no vinagre da amargura; contudo, sentirei, mesmo assim, júbilo em sorvê-lo, por minha dedicação aos que vim buscar para o amor do Todo-Poderoso. Simão Pedro, ante a argumentação consoladora e amiga do Mestre, dissipou as suas derradeiras dúvidas, enquanto a noite se apoderava do ambiente, ocultando o conjunto das coisas no seu leque imenso de sombras.  
  
Muito tempo ainda não decorrera sobre essa conversação, quando o Mestre, em seus ensinos, deixou perceber que todos os homens, que não estivessem decididos a colocar o Reino de Deus acima de pais, mães e irmãos terrestres, não podiam ser seus discípulos. No dia desses novos ensinamentos, terminados os labores evangélicos, o mesmo apóstolo interpelou o Senhor, na penumbra de suas expressões indecisas:— Mestre, como conciliar estas palavras tão duras com as vossas anteriores observações, relativamente aos laços sagrados entre os que se estimam?! Sem deixar transparecer nenhuma surpresa, Jesus esclareceu:  
  
— Simão, a minha palavra não determina que o homem quebre os elos santos de sua vida; antes exalta os que tiverem a verdadeira fé para colocar o poder de Deus acima de todas as coisas e de todos os seres da criação infinita. Não constitui o amor dos pais uma lembrança da bondade permanente de Deus? Não representa o afeto dos filhos um suave perfume do coração?! Tenho dado aos meus discípulos o título de amigos, por ser o maior de todos.  
  
O Evangelho — continuou o Mestre, estando o apóstolo a ouvi-lo atentamente — não pode condenar os laços de família, mas coloca acima deles o laço indestrutível da paternidade de Deus. O Reino do Céu no coração deve ser o tema central de nossa vida. Tudo mais é acessório. A família, no mundo, está igualmente subordinada aos imperativos dessa edificação. Já pensaste, Pedro, no supremo sacrifício de renunciar? Todos os homens sabem conservar, são raros os que sabem privar-se. Na construção do Reino de Deus, chega um instante de separação, que é necessário se saiba suportar com sincero desprendimento.**

**E essa separação não é apenas a que se verifica pela morte do corpo, muitas vezes proveitosa e providencial, mas também a das posições estimáveis no mundo, a da família terrestre, a do viver nas paisagens queridas, ou, então, a de uma alma bem-amada que preferiu ficar, a distância, entre as flores venenosas de um dia!...  
  
Ah! Simão, quão poucos sabem partir, por algum tempo, do lar tranquilo, ou dos braços adorados de uma afeição, por amor ao reino que é o tabernáculo da vida eterna! Quão poucos saberão suportar a calúnia, o apodo, a indiferença, por desejarem permanecer dentro de suas criações individuais, cerrando ouvidos à advertência do céu para que se afastem tranquilamente!... Como são raros os que sabem ceder e partir em silêncio, por amor ao reino, esperando o instante em que Deus se pronuncia!**

**Entretanto, Pedro, ninguém se edificará, sem conhecer essa virtude de saber renunciar com alegria, em obediência à vontade de Deus, no momento oportuno, compreendendo a sublimidade de seus desígnios. Por essa razão, os discípulos necessitam aprender a partir e a esperar onde as determinações de Deus os conduzam, porque a edificação do Reino do Céu no coração dos homens deve constituir a preocupação primeira, a aspiração mais nobre da alma, as esperanças centrais do espírito!...  
  
Ainda não havia anoitecido. Jesus, porém, deu por concluídas as suas explicações, enquanto as mãos calosas do apóstolo passavam, de leve, sobre os olhos úmidos. Dando o testemunho real de seus ensinamentos, o Cristo soube ser, em todas as circunstâncias, o amigo fiel e dedicado. Nas elucidações de João, vemo-lo a exclamar:— "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; tenho-vos chamado amigos, porque vos revelei tudo quanto ouvi de meu Pai!" E, na narrativa de Lucas, ouvimo-lo dizer, antes da hora extrema:— "Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes da minha paixão."  
  
Ninguém no mundo já conseguiu elevar, à altura em que o Senhor as colocou, a beleza e a amplitude dos elos afetivos, mesmo porque a sua obra inteira é a de reunir, pelo amor, todas as nações e todos os homens, no círculo divino da família universal. Mas, também, por demonstrar que o reino de Deus deve constituir a preocupação primeira das almas, ninguém como ele soube retirar-se das posições, no instante oportuno, em obediência aos desígnios divinos. Depois da magnífica vitória da entrada em Jerusalém, é traído por um dos discípulos amados; negam-no os seus seguidores e companheiros; suas idéias são tidas como perversoras e revolucionárias; é acusado como bandido e feiticeiro; sua morte passa por ser a de um ladrão.  
  
Jesus, entretanto, ensina às criaturas, nessa hora suprema, a excelsa virtude de retirar-se com a solidão dos homens, mas com a proteção de Deus. Ele, que transformara toda a Galiléia numa fonte divina; que se levantara com desassombro contra as hipocrisias do farisaísmo do tempo; que desapontara os cambistas, no próprio templo de Jerusalém, como advogado enérgico e superior de todas as grandes causas da verdade e do bem, passa, no dia do Calvário, em espetáculo para o povo, com a alma num maravilhoso e profundo silêncio.**

**Sem proferir a mais leve acusação, caminha humilde, coroado de espinhos, sustendo nas mãos uma cana imunda à guisa de cetro, vestindo a túnica da ironia, sob as cusparadas dos populares exaltados, de faces sangrentas e passos vacilantes, sob o peso da cruz, vilipendiado, submisso. No momento do Calvário, Jesus atravessa as ruas de Jerusalém, como se estivesse diante da humanidade inteira, sem queixar-se, ensinando a virtude da renúncia por amor do Reino de Deus, revelando por essa a sua derradeira lição.**

**02 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 29, 51, 163, 213, 323**

**7 - TUDO NOVO  
"Assim é que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo". - Paulo (Coríntios,5:17)  
É muito comum observarmos crentes inquietos, utilizando recursos sagrados da oração para que se perpetuem situações injustificáveis tão-só porque envolvem certas vantagens imediatas para suas preocupações egoísticas. Semelhante atitude mental constitui resolução muito grave.**

**Cristo ensinou a paciência e a tolerância, mas nunca determinou que seus discípulos estabelecessem acordo com os erros que infelicitam o mundo. Em face dessa decisão, foi à cruz e legou o último testemunho de não-violência, mas também de não acomodação com as trevas em que se compraz a maioria das criaturas.**

**Não se engane o crente acerca do caminho que lhe compete. Em Cristo tudo deve ser renovado. O passado delituoso estará morto, as situações de dúvida terão chegado ao fim, as velhas cogitações do homem carnal darão lugar a vida nova em espírito, onde tudo signifique sadia reconstrução para o futuro eterno.**

**É contra-senso valer-se do nome de Jesus para tentar a continuação de antigos erros. Quando notarmos a presença de um crente de boa palavra, mas sem o íntimo renovado, dirigindo-se ao Mestre como um prisioneiro carregado de cadeias, estejamos certos de que esse irmão pode estar à porta do Cristo, pela sinceridade das intenções; no entanto, não conseguiu, ainda, a penetração no santuário de seu amor.**

**18 - PURIFICAÇÃO ÍNTIMA  
"Alimpai as mãos, pecadores; e, vós de duplo ânimo, purificai os corações". - (Tiago, 4:8)  
Cada homem tem a vida exterior, conhecida e analisada pelos que o rodeiam, e a vida íntima da qual somente ele próprio poderá fornecer o testemunho.**

**O mundo interior é a fonte de todos os princípios bons ou maus e todas as expressões exteriores guardam aí os seus fundamentos. Em regra geral, todos somos portadores de graves deficiências íntimas, necessitadas de retificação. Mas o trabalho de purificar não é tão simples quanto parece.**

**Será muito fácil ao homem confessar a aceitação de verdades religiosas, operar à adesão verbal a ideologias edificantes...Outra coisa, porém, é realizar a obra da elevação de si mesmo, valendo-se da autodisciplina, da compreensão fraternal e do espírito de sacrifício.**

**O apóstolo Tiago entendia perfeitamente a gravidade do assunto e aconselhava aos discípulos alimpassem as mãos, isto é, retificassem as atividades do plano exterior, renovassem suas ações ao olhar de todos, apelando para que se efetuasse, igualmente, a purificação do sentimento, no recinto sagrado da consciência, apenas conhecido pelo aprendiz, na soledade indevassável de seus pensamentos.**

**O companheiro valoroso do Cristo, contudo, não se esqueceu de afirmar que isso é trabalho para os de duplo ânimo, porque semelhante renovação jamais se fará tão-somente à custa de palavras brilhantes.**

**74 - MÃOS LIMPAS  
"E Deus pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias". - (Atos, 19:11)  
O Evangelho não nos diz que Paulo de Tarso fazia maravilhas, mas que Deus operava maravilhas extraordinárias por intermédio das mãos dele. O Pai fará sempre o mesmo, utilizando todos os filhos que lhe apresentarem mãos limpas. Muitos espíritos, mais convencionalistas que propriamente religiosos, encontraram nessa notícia dos Atos uma informação sobre determinados privilégios que teriam sido concedidos ao Apóstolo.**

**Antes de tudo, porém, é preciso saber que semelhante concessão não é exclusiva. A maioria dos crentes prefere fixar o Paulo santificado sem apreciar o trabalhador militante. Quanto custou ao Apóstolo a limpeza das mãos? Raros indagam relativamente a isso.**

**Recordemos que o amigo da gentilidade foram rabino famoso em Jerusalém, movimentara-se entre elevados encargos públicos, detivera dominadoras situações; no entanto, para que o Todo-Poderoso lhe utilizasse as mãos, sofreu todas as humilhações e dispôs-se a todos os sacrifícios pelo bem dos semelhantes.**

**Ensinou o Evangelho sob zombaria e açoites, aflições e pedradas. Apesar de escrever luminosas epístolas, jamais abandounou o tear humilde até à velhice do corpo.**

**Considera as particularidades do assunto e observava que Deus é sempre o mesmo Pai, que a misericórdia divina não se modificou, mas pede mãos limpas para os serviços edificantes, junto à Humanidade. Tal exigência é lógica e necessária, pois o trabalho do altíssimo deve resplandecer sobre os caminhos humanos.**

**99 - PROMETER  
"Prometendo-lhes liberdade, senso eles mesmos servosda corrupção." - (II Pedro, 2:19)  
É indispensável desconfiar de todas as promessas de facilidades sobre o mundo. Jesus, que podia abrir os mais vastos horizontes aos olhos assombrados da criatura, prometeu-lhe a cruz sem a qual não poderia afastar-se da Terra para colocar-se ao seu encontro.**

**Em toda parte, existem discípulos descuidados que aceitam o logro de aventureiros inconscientes. É que ainda não aprenderam a lição viva do trabalho próprio a que foram chamados para desenvolver atividade particular.**

**Os fazedores de revoluções e os donos de projetos absurdos prometem maravilhas. Mas, se são vítimas da ambição, servos de propósitos inferiores, escravos de terríveis enganos, como poderão realizar para os outros a liberdade ou a elevação de que se conservam distantes?**

**Não creias em salvadores que não demonstrem ações que confirmem a salvação de si mesmos. Deves saber que foste criado para gloriosa ascensão, mas que só é fácil descer. Subir exige trabalho, paciência, perseverança, condições essenciais para o encontro do amor e da sabedoria.**

**Se alguém te fala em valor das facilidades, não acredites; é possível que o aventureiro esteja descendo. Mas quando te façam ver perspectivas consoladoras, através do suor e do esforço pessoal, aceita os alvitres com alegria. Aquele que compreende o tesouro oculto nos obstáculos, e dele se vale para enriquecer a vida, está subindo e é digno de ser seguido.**

**12 - O Espírito da Verdade - Espíritos Diversos - pág. 142**

**59 - RENÚNCIA - Cap. XXIII — Item 5  
Se teus pais não procuram a intimidade do Cristo, renuncia à felicidade de vê-los comungar contigo o divino banquete da Boa Nova, e ajuda teus pais.  
Se teus filhos permanecem distantes do Evangelho, renuncia ao contentamento de sentir-lhes o coração com o teu coração na senda redentora, e ajuda teus filhos.  
  
Se teus amigos não conseguem, ainda, perceber o amor de Jesus, renuncia à ventura de guardá-los no calor de tua alma, ante o Sol da Verdade, e ajuda teus amigos.  
Renúncia com Jesus não quer dizer deserção. Expressa devotamento maior.  
Nele mesmo, o Senhor, vamos encontrar o sublime exemplo.  
  
Esquecido de muitos e por muitos relegado às agonias da negação, nem por isso se afastou dos companheiros que lhe deram as angústias do amor-não-amado.  
Ressurgindo da cruz, ele, que atravessara sozinho os pesadelos da ingratidão e as torturas da morte, volta ao convívio deles e lhes diz confiante:— "Eis que estarei convosco, até ao fim dos séculos."  
EMMANUEL  
  
60 - VOZES DO EVANGELHO - Cap. XI — Item 2  
Destaque o lado bom dos seres e das coisas. "Examine tudo e retenha o melhor." Não valorize o erro. "Vença o mal com o bem.'  
Auxilie sem exigência. "Perdoe setenta vezes sete vezes."  
Fuja à impertinência. "Não se queixem uns contra os outros, para que não sejam condenados."  
Não se irrite. "Faça todas as coisas sem murmurações nem contendas."  
  
Não se imponha. "Os discípulos do Senhor se conhecem por muito se amarem".  
Não pressione a ninguém. "Atende bem para a lei da liberdade".  
Olvide a falta alheia. "Lance mão do arado sem olhar para trás."  
Renuncie em silêncio. "O cristão existe para servir e não para ser servido".  
Use a bondade incansável. "Todas as suas ações sejam feitas com caridade".**

**André Luiz**

**14 - Oferenda - Joanna de Ângelis - pág. 170**

**O PROBLEMA DA RENUNCIA  
"Quem quer que, tendo posto a mão na charrua, olhar para trás, não está apto para o reino de Deus. " Lucas 9-62.  
O agricultor diligente padece as injunções do clima áspero, as dificuldades do solo, a adversidade das pragas na sua gleba, a fim de que a sementeira de hoje se faça bênção de colheita futura, renunciando a comodidades e repouso. O oleiro toma do barro pegajoso e modela-o, na antevisão da peça de utilidade que surgirá, renunciando à limpeza e ao conforto momentâneos.  
  
O artesão experimenta a rudeza do trato com o material de que se serve, pensando no objeto que plasma, renunciando à placidez do descanso e da ociosidade. O desbravador das terras e mares experimenta as difíceis injunções do meio, pensando nos benefícios futuros do esforço, renunciando à família, à civilização...  
  
Em todo ideal de engrandecimento humano, a renúncia é impositivo indispensável. O problema da renúncia está no significado que se empresta ao móvel central que a inspira. Atitude de sabedoria é renunciar ao imediato prazer que passa breve, pela satisfação mediata, que não tem termo.  
  
Perfeitamente natural, que no empreendimento espiritual se cumpra a exigência da renúncia a determinados objetivos, a fim de lograr mais relevantes metas. O homem, no mundo, não poucas vezes vê-se constrangido a renunciar uma aquisição para lograr outra. Significativo é o esforço, quando tomado em função de valores éticos expressivos, evitando frustrações e desaires.  
  
Renuncia ao amor-próprio, a fim de viveres a fraternidade legítima. Renuncia à maledicência, em considerando as próprias ulcerações morais que trazes ocultas. Renuncia ao ódio, tendo em vista a necessidade do perdão. Renuncia à comodidade, renovando-te pelo trabalho na caridade fraternal.  
  
Renuncia à inveja, precatando-te contra a loucura. Renuncia aos triunfos transitórios logrados a qualquer preço, sobrepondo-lhes as esperanças e consolações espirituais que te aguardam. Renuncia ao orgulho antes que te envenenes interiormente. Renuncia à sensualidade, edificando no imo o templo ao amor puro.  
  
Renuncia aos alheios caprichos e retentivas familiares ante o chamado de Jesus e dá-te em regime de abnegação, se possível, de totalidade... O patriota segue ao clima da guerra, renunciando aos vínculos da família, buscando preservar a paz.  
  
Renuncia-se aos liames da consanguinidade quando se inicia a construção de nova família pelos laços matrimoniais. Sobrepondo-se à excelência da vida futura, as renúncias do trânsito carnal nada significam, antes constituindo emulação para o labor que se abraça em Espírito.  
  
Arma-te de coragem e investe tuas forças na renúncia, no silêncio, no trabalho edificante, na ação da caridade e renuncia, renuncia sempre que possível. Quem renuncia possui; quem frui deve.  
  
"Quem quer que, tendo posto a mão na charrua, olhar para trás - asseverou o Senhor - não está apto para o reino de Deus." Jesus, o Mestre por Excelência, renunciando aos enganosos e sedutores triunfos da Terra, que O não fascinaram, lecionou que a verdadeira ventura consiste na superação das humanas conjunturas, para demonstrar a grandeza da paz sem conflito e da felicidade sem jaça.  
  
16 - Pão nosso - Emmanuel - pág. 65, 77**

**27 - ESMAGAMENTO DO MAL  
"E o Deus de paz esmagará em breve a Satanás debaixo dos vossos pés. - Paulo (Romanos, 16:20)  
Em toda parte do Planeta se poderá reconhecer a luta sem tréguas, entre o bem e o mal. Manifesta-se o grande conflito, sob as mais diversas formas, e, no turbilhão de seus movimentos, muitas almas sensíveis, de modo invariável, conservam-se na atitude de invocação aos gênios tutelares para que estes venham à arena combater os inimigos que as atordoam, prostrando-os de vez.**

**Solicitar auxílio ou recorrer à lei da cooperação representam atos louváveis do Espírito que identificaa própria fraqueza, contudo, insistir para que outrem nos substitua no esforço, que somente a nós outros cabe despender, demonstra falsa posição, suscetíveis de acentuar-nos as necessidades.**

**Satanás, representando o poder do mal, na vida humana, será esmagado por Deus; todavia, Paulo de Tarso define, com bastante clareza, o local da vitória divina. O triunfo supremo verificar-se-á sob os pés do homem.**

**Quando a criatura, pela própria dedicação ao trabalho iluminativo, se entregar ao Pai, sem reservas, efetuando-lhe a vontade sacrossanta, com esquecimento do velho egoísmo animal, apreendendo a grandeza de sua posição de espírito eterno, atingirá a vitória sublime.**

**O Senhor Todo-Paternal já se entregou aos filhos terrestres, mas raros filhos se entregaram a Ele. Indispensável, pois, não esquecer que o mal não será eliminado, a esmo, e sim debaixo dos pés de cada um de nós.**

**33 - TRABALHEMOS TAMBÉM  
"E dizendo: Varões, por que fazeis essas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões." - (Atos, 14:15)  
O grito de Paulo e Barnabé ainda repercute entre os aprendizes fiéis. A família cristã muita vez há desejado perpetuar a ilusão dos habitantes de Listra. Os missionários da Revelação não possuem privilégios ante o espírito de testemunho pessoal no serviço.**

**As realizações que poderíamos apontar por graça ou prerrogativa especial, nada mais exprimem senão o profundo esforço deles mesmos, no sentido de aprendere aplicar com Jesus.**

**O Cristo não fundou com a sua doutrina um sistema de deuses e devotos, separados entre si; criou vigoroso organismo de transformação espiritual para o bem supremo, destinado a todos os corações sedentos de luz, amor e verdade.**

**No Evangelho, vemos Madalena arrastando dolorosos enganos, Paulo perseguindo ideais salvadores, Pedro negando o Divino Amigo, Marcos em luta com as próprias hesitações; entretanto, ainda aí, contemplamos a filha de Magdala, renovada no caminho redentor, o grande perseguidor convertido em arauto da Boa Nova, o discípulo frágil conduzido à glória espiritual e o companheiro vacilante transformado em evangelista da Humanidade inteira.**

**O Cristianismo é fonte bendita de restauração da alma para Deus. O mal de muitos aprendizes procede da idolatria a que se entregam, em derredor dos valorosos expoentes da fé viva, que aceitam no sacrifício a verdadeira fórmula de elevação; imaginam-nos em tronos de fantasia e rojam-se-lhes aos pés, sentindo-se confundidos, inaptos e miseráveis, esquecendo que o Pai concede a todos os filhos as energias necessárias à vitória.**

**Naturalmente, todos devemos amor e respeito aos grandes vultos do caminho cristão; todavia, por isto mesmo, não podemos olvidar que Paulo e Pedro, como tantos outros, saíram das fraquezas humanas para os dons celestiais e que o Planeta Terreno é uma escola de iluminação, poder e triunfo, sempre que buscamos entender-lhe a grandiosa missão.**

**21 - Roteiro - Emmanuel - pág. 121**

**29 - ALÉM DA MORTE  
O REINO da vida, além da morte, não é domicílio do milagre. Passa o corpo, em trânsito para a natureza inferior que lhe atrai os componentes, entretanto, a alma continua na posição evolutiva em que se encontra. Cada inteligência apenas consegue alcançar a periferia do círculo de valores e imagens dos quais se faz o centro gerador. Ninguém pode viver em situação que ainda não concebe.  
Dentro da nossa capacidade de autoprojeção, erguem-se os nossos limites.  
  
Em suma, cada ser apenas atinge a vida, até onde possa chegar a onda do pensamento que lhe é próprio. A mente primitivista de um mono, transposto o limiar da morte, continua presa aos interesses da furna que lhe consolidou os hábitos instintivos. O índio desencarnado dificilmente ultrapassa o âmbito da floresta que lhe acariciou a existência.  
  
Assim também, na vastíssima fauna social das nações, cada criatura dita civilizada, além do sepulcro, circunscreve-se ao círculo das concepções que, mentalmente, pode abranger. A residência da alma permanece situada no manancial de seus próprios pensamentos.  
Estamos naturalmente ligados às nossas criações. Demoramo-nos onde supomos o centro de nossos interesses.  
  
Facilmente explicável, assim, a continuidade dos nossos hábitos e tendências, além da morte. A escravidão ou a liberdade residem no imo de nosso próprio ser. Corre a fonte, sob a emanação de vapores da sua própria corrente. Vive a árvore rodeada pelos fluidos sutis que ela mesma exterioriza, através das folhas e das resinas que lhe pendem dos galhos e do tronco.  
  
Permanece o charco debaixo da atmosfera pestilencial que ele mesmo alimenta, e brilha o jardim, sob as vagas do perfume que produz. Assim também â Terra, com o seu corpo ciclópico, arrasta consigo, na infinita paisagem cósmica, o ambiente espiritual de seus filhos. Atravessado o grande umbral do túmulo, o homem deseducado prossegue reclamando aprimoramento.  
  
A criatura viciada continua exigindo satisfação aos apetites baixos. O cérebro desvairado, entre indagações descabidas, não foge, de imediato, ao poço de obscuridades em que se submergiu. E a alma de boa-vontade encontra mil recursos para adiantar-se na senda evolutiva, amparando o próximo e descobrindo na felicidade dos outros a própria felicidade.**

**Em razão das leis que nos governam a vida, nem sempre o mensageiro que regressa do país da morte procede de planos superiores e nem a mediunidade será sinônimo de sublimação. Determinadas inteligências desencarnadas se comunicam com determinados instrumentos mediúnicos. Os habitantes de outras esferas buscam no mundo aqueles com os quais simpatizam e a mente encarnada aceita a visita das entidades com as quais se afina.**

**A necessidade do Evangelho, portanto, como estatuto de edificação moral dos fenômenos espíritas, é impositivo inadiável. Com a Boa Nova, no mundo abençoado e fértil da nossa Doutrina de luz e amor, possuímos a estrada real para a nossa romagem de elevação.**  
  
**23 - Vinhas de luz - Emmanuel - pág. 27**

**8 - MARCAS  
"Desde agora ninguém me moleste, porque trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus". - Paulo (Gálatas, 6:17)  
Todas as realizações humanas possuem marca própria. Casas, livros, artigos, medicamentos, tudo exibe um sinal de identificação aos olhos atentos. Se medida semelhante é aproveitada na lei de uso dos objetos transitórios, não se poderia subtrair o mesmo princípio, na catalogação de tudo o que se refira à vida eterna.**

**Jesus possui igualmente os sinais d'Ele. A imagem utilizada por Paulo de Tarso, em suas exortações aos gálatas, pode ser mais extensa. As marcas do Cristo não são apenas as da cruz, mas também as de sua atividade na experiência comum.**

**Em cada situação, o homem pode revelar uma demonstração do Divino Mestre. Jesus forneceu padrões educativos em todas as particularidades da sua passagem pelo mundo. O Evangelho no-lo apresenta nos mais diversos quadros, junto ao trabalho, à simplicidade, ao pecado, à pobreza, à alegria, à dor, à glorificação e ao martírio.**

**Sua atitude, em cada posição da vida, assinalou um traço novo de conduta para os aprendizes. Todos os dias, portanto, o discípulo pode encontrar recursos de salientar suas ações mais comuns com os registros de Jesus.**

**Quando termine cada dia, passa em revista as pequeninas experiências que partilhaste na estrada vulgar. Observa os sinais com que assinalaste os teus atos, recordando que a marca do Cristo é, fundamentalmente, aquela do sacrifício de si mesmo para o bem de todos.**

|  |  |
| --- | --- |
| **RESIGNAÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Alerta - pág. 64** | **02 - Allan Kardec - vol. 3 pág. 192** |
| **03 - Boa Nova - pág. 34** | **04 - Convites da vida - pág. 165** |
| **05 - Do país da Luz - vol. 22, pág.; vol. 3 pág. 21** | **06 - Espírito e vida - pág. 28** |
| **07 - Estude e viva - pág. 190** | **08 - Expiação - toda a obra** |
| **09 - Florações evangélicas - pág. 109, 30** | **10 - Justiça Divina- pág. 115,151** |
| **11 - Mensagens de além túmulo - pág. 35** | **12 - O amor venceu - pág. 130** |
| **13 - O cavaleiro de Numiers - pág. 49** | **14 - O Espírito da Verdade - pág. 63, 117, 155** |
| **15 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. V,12** | **16 - Pedaços do cotidiano - pág. 71** |
| **17 - Pontos e Contos - pág. 105** | **18 - Relicário de luz - pág. 139** |
| **19 - Renúncia - pág. 91, 180** | **20 - Rumos Doutrinários - pág. 34** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**RESIGNAÇÃO** **– COMPILAÇÃO**

**01- Alerta - Joanna de Ângelis - pág. 64**

**20. INCONFORMISMO E REVOLTA  
  
— "Não me conformo!" — Explodem, revoltados, aqueles que da vida somente esperam vantagens e recompensas, quando surpreendidos por acontecimentos que lhes parecem desastrosos e trágicos. — "Deus é injusto!" — Proferem, estentóricos, os que se supõem credores apenas de receber dádivas, embora desassisados, da vda somente retiram lucros e comodidades.  
  
— "Não mereço isto!" — Bradam, desatinados, quantos são colhidos pelo que denominam infortúnios e desgraças, que os desarvoram.  
— "Não creio em mais nada!" — Estridulam as pessoas tomadas por insucessos desta ou daquela natureza, que afinal, se fossem examinadas com seriedade e reflexão, constituiriam ocasião iluminativa, roteiro de felicidade. O homem teima em permanecer anestesiado pela ilusão, sem dar-se conta, conscientemente, da fragilidade da organização carnal de que se encontra temporariamente revestido.**

**Cada um, por isso mesmo, a si se concede privilégios e se faculta méritos que não possui. Examinassem melhor a vida, verificariam que as ocorrências do trivial, que atingem os outros, a eles também alcançarão, procurando preparar-se para enfrentar com dignidade quaisquer injunções ou dissabores, que são igualmente transitórios.  
  
— "Prefiro não saber." — Informam as pessoas passadistas, quando convidadas ao exame da vida menos densa.— "Não consigo acreditar." — Escusam-se as criaturas invitadas ao esclarecimento imortalista, como se estivessem indenes ao fenômeno da cessação da vida biológica.— "Irei aproveitar o meu tempo, gozando." — Justificam-se os imediatistas ante qualquer referência à meditação, à caridade, ao sacrifício. . .  
  
É natural que, visitados por acontecimentos não habituais no canhenho das suas conveniências, derrapem no inconformismo, no desespero, na alucinação. A ação inexorável do tempo, entretanto, aguarda todos e modela-os, submetendo-os. Mesmo quando se pretende fugir da situação a que se vai arrojado, cai-se na realidade da vida, que predomina em toda parte.  
  
Recebe o insucesso como fenômeno normal nos tentames do teu processo evolutivo. Não te consideres inatingível. Acostuma-te à fragilidade do corpo e às necessidades de crescimento como espírito que és. Nenhuma dor te alcança sem critério superior de justiça. Sofrimento algum no teu campo emocional, que se não acabe, deixando o resultado do seu trânsito. Utiliza-te das ocorrências que trazem dor, para crescer, e não te apresentes inconformado.**

**Jesus, que veio à Terra exclusivamente para viver e ensinar o amor, sem qualquer culpa, nasceu em modestra gruta, passou pelo carreiro de inumeráveis injunções e partiu numa cruz, sob apupos e maquerenças, volvendo, no entanto, Sol Divino que é, em insuperável madrugada que dura até hoje, para que ninguém reclame, nem se revolte, nem se inconforme ante as ocorrências dolorosas do mundo...**

**03 - Boa Nova - Humberto Campos- pág. 34**

**4 - A FAMÍLIA ZEBEDEU  
Na manhã que se seguiu à primeira manifestação da sua palavra defronte do Tiberíades, o Mestre se aproximou de dois jovens que pescavam nas margens e os convocou para o seu apostolado. — Filhos de Zebedeu — disse, bondoso —, desejais participar das alegrias da Boa Nova?!Tiago e João, que já conheciam as pregações do Batista e que o tinham ouvido na véspera, tomados de emoção se lançaram para ele, transbordantes de alegria:— Mestre! Mestre! — exclamavam felizes.  
  
Como se fossem irmãos bem-amados que se encontrassem depois de longa ausência, tocados pela força do amor que se irradiava do Cristo, fonte inspiradora das mais profundas dedicações, falaram largamente da ventura de sua união perene, no futuro, das esperanças com que deveriam avançar para o porvir, proclamando as belezas do esforço pelo Evangelho do Reino. Os dois rapazes galileus eram de temperamento apaixonado. Profundamente generosos, tinham carinhosas e simples, ardentes e sinceras as almas. João tomou das mãos do Senhor e beijou-as afetuosamente, enquanto Jesus lhe acariciava os anéis macios dos cabelos.**

**Tiago, como se quisesse hipotecar a sua solidariedade inteira, aproximou-se do Messias e lhe colocou a destra sobre os ombros, em amoroso transporte. Os dois novos apóstolos, entretanto, eram ainda muito jovens e, em regressando a casa com o espírito arrebatado por imensa alegria, relataram a sua mãe o que se passara. Salomé, a esposa de Zebedeu, apesar de bondosa e sensível, recebeu a notícia com certo cuidado. Também ela ouvira o profeta de Nazaré nas suas gloriosas afirmativas da véspera. Pôs-se então a ponderar consigo mesma: não estaria próximo aquele reino prometido por Jesus? Quem sabe se o filho de Maria não falava na cidade em nome de algum príncipe?**

**Ah! o Cristo deveria ser o intérprete de algum desconhecido ilustre que recrutava adeptos entre os homens trabalhadores e mais fortes. A quem seriam confiados os postos mais altos, dentro da nova fundação? Seus filhos queridos bem os mereciam. Precisava agir, enquanto era tempo. O povo, de há muito, falava em revolução contra os romanos e os comentadores mais indiscretos anteviam a queda próxima dos Ântipas. O novo reinado estava próximo e, alucinada pelos sonhos maternais, Salomé procurou o Messias no círculo dos seus primeiros discípulos.  
  
— Senhor — disse, atenciosa —, logo após a instituição do teu reino, eu desejaria que os meus filhos se sentassem um à tua direita e outro à tua esquerda, como as duas figuras mais nobres do teu trono. Jesus sorriu e obtemperou com gesto bondoso:— Antes de tudo, é preciso saber se eles quererão beber do meu cálice!...A genitora dos dois jovens embaraçou-se. Além disso, o grupo que rodeava o Messias a observava com indiscrição e manifesta curiosidade. Reconhecendo que o instante não lhe permitia mais amplas explicações, retirou-se apressada, colocando o seu velho esposo ao corrente dos fatos.  
  
Ao entardecer, cessado o labor do dia, Zebedeu acompanhado pelos dois filhos procurou o Mestre em casa de Simão. Jesus lhes recebeu a visita com extremo carinho, enquanto o velho galileu expunha as suas razões, humilde e respeitoso.— Zebedeu — respondeu-lhe Jesus —, tu, que conheces a lei e lhe guardas os preceitos no coração, sabes de algum profeta de Deus que, no seu tempo, fosse amado pelos homens do mundo?— Não, Senhor.— Que fizeram de Moisés, de Jeremias, de Jonas? Todos os emissários da verdade divina foram maltratados e trucidados, ou banidos do berço em que nasceram. Na Terra, o preço do amor e da verdade tem sido o martírio e a morte.  
  
O pai de Tiago e de João ouvia-o humilde e repetia: — Sim, Senhor. E Jesus, como se aproveitasse o momento para esclarecer todos os pontos em dúvida, continuou: — O reino de Deus tem de ser fundado no coração das criaturas; o trabalho árduo é o meu gozo; o sofrimento o meu cálice; mas, o meu Espírito se ilumina da sagrada certeza da vitória. — Então, Senhor — exclamou Zebedeu, respeitoso — o vosso reino é o da paz e da resignação que os crentes de Elias esperavam! Jesus com um sorriso de benignidade acrescentou:  
  
— A paz da consciência pura e a resignação suprema à vontade de meu Pai são do meu reino; mas os homens costumam falar de uma paz que é ociosidade de espírito e de uma resignação que é vício do sentimento. Trago comigo as armas para que o homem combata os inimigos que lhe subjugam o coração e não descansarei enquanto não tocarmos o porto da vitória. Eis por que o meu cálice, agora, tem de transbordar de fel, que são os esforços ingentes que a obra reclama. E, como se quisesse pormenorizar os esclarecimentos, prosseguiu:  
  
— Há homens poderosos no mundo que morrem comodamente em seus palácios, sem nenhuma paz no coração, transpondo em desespero e com a noite na consciência os umbrais da eternidade; há lutadores que morrem na batalha de todos os momentos, muita vez vencidos e humilhados, guardando, porém, completa serenidade de espírito, porque, em todo o bom combate, repousaram o pensamento no seio amoroso de Deus. Outros há que aplaudem o mal, numa falsa atitude de tolerância, para lhe sofrer amanhã os efeitos destruidores. Os verdadeiros discípulos das verdades do céu, esses não aprovam o erro, nem exterminam os que os sustentam. Trabalham pelo bem, porque sabem que Deus também está trabalhando. O Pai não tolera o mal e o combate, por muito amar a seus filhos. Vê, pois, Zebedeu, que o nosso reino é de trabalho perseverante pelo bem real da Humanidade inteira.  
  
Enquanto os dois apóstolos fitavam em Jesus os olhos calmos e venturosos, Zebedeu o contemplava como se tivesse à sua frente o maior profeta do seu povo.— Grande reino! — exclamou o velho pescador e, dando expansão ao entusiasmo que lhe enchia o coração, disse, ditoso:— Senhor! Senhor! trabalharemos convosco, pregaremos o vosso Evangelho, aumentaremos o número dos vossos seguidores!...Ouvindo estas últimas palavras, o Mestre elucidou, pondo ênfase nas suas expressões:  
  
— Ouve, Zebedeu! nossa causa não é a do número; é a da verdade e do bem. É certo que ela será um dia a causa do mundo inteiro, mas, até lá, precisamos esmagar a serpente do mal sob os nossos pés. Por enquanto, o número pertence aos movimentos da iniquidade. À mentira e a tirania exigem exércitos e monarcas, espadas e riquezas imensas para dominarem as criaturas. O amor, porém, essência de toda a glória e de toda a vida, pede um coração e sabe ser feliz. A impostura reclama interminável fileira de defensores, para espalhar a destruição; basta, no entanto, um homem bom para ensinar a verdade de Deus e exaltar-lhe as glórias eternas, confortando a infinita legião de seus filhos.**

**Quem será maior perante Deus? A multidão que se congrega para entronizar a tirania, esmagando os pequeninos, ou um homem sozinho e bem--intencionado que com um simples sinal salva uma barca cheia de pescadores? Empolgado pela sabedoria daquelas considerações, Zebedeu perguntou: — Senhor, então o Evangelho não será bom para todos?— Em verdade — replicou o Mestre —, a mensagem da Boa Nova é excelente para todos; contudo, nem todos os homens são ainda bons e justos para com ela. É por isso que o Evangelho traz consigo o fermento da renovação e é ainda por isso que deixarei o júbilo e a energia como as melhores armas aos meus discípulos. Exterminando o mal e cultivando o bem, a Terra será para nós um glorioso campo de batalha.**

**Se um companheiro cair na luta, foi o mal que tombou, nunca o irmão que, para nós outros, estará sempre de pé. Não repousaremos até ao dia da vitória final. Não nos deteremos numa falsa contemplação de Deus, à margem do caminho, porque o Pai nos falará através de todas as criaturas trazidas à boa estrada; estaremos juntos na tempestade, porque aí a sua voz se manifesta com mais retumbância. Alegrar-nos-emos nos instantes transitórios da dor e da derrota, porque aí o seu coração amoroso nos dirá: "Vem, filho meu, estou nos teus sofrimentos com a luz dos meus ensinos!"**

**Combateremos os deuses dos triunfos fáceis, porque sabemos que a obra do mundo pertence a Deus, compreendendo que a sua sabedoria nos convoca para completá-la, edificando o seu reino de venturas sem-fim no íntimo dos corações. Jesus guardou silêncio por instantes. João e Tiago se lhe aproximaram, magnetizados pelo seu olhar enérgico e carinhoso. Zebedeu, como se não pudesse resistir à própria emotividade, fechara os olhos, com o peito oprimido de júbilo. Diante de si, num vasto futuro espiritual, via o reino de Jesus desdobrar-se ao infinito.**

**Parecia ouvir a voz de Abraão e o eco grandioso de sua posteridade numerosa. Todos abençoavam o Mestre num hino glorificador. Até ali, seu velho coração conhecera a lei rígida e temera Jeová com a sua voz de trovão sobre as sarças de fogo; Jesus lhe revelara o Pai carinhoso e amigo de seus filhos, que acolhe os velhos, os humildes e os derrotados da sorte, com uma expressão de bondade sempre nova. O velho pescador de Cafarnaum soltou as lágrimas que lhe rebentavam do peito e ajoelhou-se. Adiantando-se-lhe, Jesus exclamou:  
  
— Levanta-te, Zebedeu! os filhos de Deus vivem de pé para o bom combate! Avançando, então, dentro da pequena sala, o pai dos apóstolos tomou a destra do Mestre e a umedeceu com as suas lágrimas de felicidade e de reconhecimento, murmurando:— Senhor, meus filhos são vossos. Jesus, atraindo-o docemente ao coração, lhe afagou os cabelos brancos, dizendo:— Chora, Zebedeu! porque as tuas lágrimas de hoje são formosas e benditas!... Temias a Deus; agora o amas; estavas perdido nos raciocínios humanos sobre a lei; agora, tens no coração a fonte da fé viva!  
  
  
07 - Estude e viva - André Luiz e Emmnauel - pág. 190**

**Resignação e resistência  
  
De fato, há que se estudar a resignação para que a paciência não venha a trazer resultados contraproducentes .  
Um lavrador suportará corajosamente aguaceiro e granizo na plantação, mas não se acomodará com gafanhoto e tiririca.  
Habitualmente, falamos em tolerância como quem procura esconderijo à própria ociosidade. Se nos refestelamos em conforto e vantagens imediatas, no império da materialidade passageira, que nos importam desconforto e desvantagens para os outros ?  
  
Esquecemo-nos de que o incêndio vizinho é ameaça de fogo em nossa casa e, de imprevisto, irrompem chamas junto de nós, comprometendo-nos a segurança e fulminando-nos a ilusória tranquilidade .  
Todos necessitamos ajustar a resignação no lugar certo.  
  
Se a Lei nos apresenta um desastre inevitável, não é justo nos desmantelemos em gritaria e inconformação. Ê preciso decisão para tomar os remanescentes e reentretecê-los para o bem, no tear da vida.  
Se as circunstâncias revelam a incursão do tifo, não é compreensível cruzar os braços e deixar campo livre aos bacilos.  
  
Sempre aconselhável a revisão de nossas atitudes no setor da conformidade.  
Como reagimos diante do sofrimento e diante do mal?  
Se aceitamos penúria, detestando trabalho, nossa pobreza resulta de compulsório merecimento.  
  
Civilização significa trabalho contínuo contra a barbárie.  
Higiene expressa atividade infinitamente repetida contra a imundície.  
Nos domínios da alma, todas as conquistas do ser, no rumo da sublimação, pedem harmonia com ação persistente para que se preservem.  
  
Paz pronta ao alarme. Construção do bem com dispositivo de segurança.  
Serenidade é constância operosa; esperança é ideal com serviço.  
Ninguém cultive resignação diante do mal declarado e removível, sob pena de agravá-lo e sofrer-lhe a clava mortífera.  
Estudemos resignação em Jesus-Cristo. A cruz do Mestre não é um símbolo de apassivamento à frente da astúcia e da crueldade e sim mensagem de resistência contra a mentira e a criminalidade mascaradas de religião, num protesto firme que perdura até hoje.**

**09 - Florações evangélicas - JOANNA DE ÂNGELIS - pág. 109, 30**

**RESIGNAÇÃO  
Na atual conjuntura intelectual do planeta e considerando-se o clima de rebeldia que irrompe virulenta por toda a parte, a resignação para os aficcionados da violência e do prazer é manifestação patológica que tipifica as personalidades anômalas.**

**Diante do conceito disparatado e frágil, muitos se auto-afirmam pelos desmandos, quando convidados às paisagens da reflexão, pelo sofrimento, gerando males muito mais danosos do que aqueles dos quais pretendem fugir.**

**Porque os seus planos colimam resultados diversos aos que aguardavam, atiram-se ao desalento, quando não partem para as reações abastardantes da crueldade ou do cinismo.**

**Se as enfermidades chegam, exasperam-se, bandeando para a revolta, intoxicando-se interiormente com as emanações venenosas do inconformismo. Quando os insucessos lhes drenam as ambições desmedidas, desgarram-se para os "sonhos róseos" dos estupefacientes e barbitúricos.**

**Diante das necessárias provações que os colocariam nas corretas engrenagens da máquina da vida, vituperam, ferozes, e se destroçam nos abusos do sexo e do álcool, em dissipações inomináveis a que se arrojam. Suas resistências são todas comandadas pelos impulsos da ira ou da insatisfação, distantes das reações construtivas da inteligência que discerne, lógica e produz.**

**A resignação para eles é cobardia moral, no entanto fogem à realidade até que a desencarnação os surpreende tardiamente com as realidades verdadeiras da vida, das quais se afastaram, encetando a partir daí longos períodos de sombra, dor e desassossego inimagináveis.**

**Tu, que ouviste a voz da mansuetude do Cristo e que te encorajaste face à grandeza da Sua vida, resigna-te, fortalecendo o ânimo, ante qualquer cometimento que te produza dor e que seja rotulado como desgraça ou infortúnio. Nada ocorre por capricho pernicioso da vida. Recebemos conforme damos, assim como colhemos consoante a qualidade dos grãos que ensementamos.**

**Resignação significa coragem e força na voragem do desespero. Somente os cristãos autênticos e os homens possuidores de elevados ideais se fazem capazes de resignar-se, quando o desalento e a alucinação já se apossaram de outros seres. Os que se encastelam nas chacinas e nos desvãos da anarquia, dizendo-se superiores, são meninos medrincas, que não dispõem de energias para se reorganizaraem e prosseguirem na atitude reta.**

**Se te convidam ao revide - resigna-te e ora. Se te convocam ao ódio - resigna-te e confia. Se te afrontam com agressões - resigna-te e agradece a Deus. Os dias, sempre inevitavelmente, se sucedem para bons e maus, e ninguém se eximirá jamais ao amanhã que a todos alcança, refletindo na claridade forte e pujante do tempo a manifestação - resposta dos nossos atos nas mesmas expressões com que desde hoje as produzimos.**

**Resignação, também, é vida, e vida abundante, na direção da vida eterna. Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados que eu vos aliviarei. Mateus: 11-28.**

**O sentimento do dever cumprido vos dará repouso ao espírito e resignação. O coração bate então melhor, a alma se asserena e o corpo se forra aos desfalecimentos, por isso que o corpo tanto menos forte se sente, quanto mais profundamente golpeado é o espírito. O Espírito de Verdade (Havre, 1863) - Cap. VI - ítem 8.**

**10 - Justiça Divina - Emmanuel - pág. 115, 151**

**Por nos mesmos - Reunião pública de 11-8-61 19 Parte, cap. VII, Ítem 18  
Quando a morte do corpo terrestre nos conduz à sociedade dos Espíritos, muitas vezes somos cercados pelo amor puro, a mergulhar-nos em divino clarão. Antigos afetos, que o tempo não nos riscou da memória, ressurgem, de improviso, envolvendo-nos na melodia da ventura ideal; amigos, a quem supúnhamos haver servido com algum pequenino gesto beneficente, repontam do dia novo, descerrando-nos os braços; sorrisos espontâneos, por flores de carinho, desabrocham em semblantes nimbados de esplendor.  
  
Quase sempre, contudo, ai de nós!... Reconhece-mo-nos no festival da alegria perfeita, à feição de lodo movente, injuriando o carro solar. Quanto mais a bondade fulgura em torno, mais nos oprime o peso da frustração. Temos o peito, qual violino de barro, que não consegue responder ao arco de estrelas que nos tange as cordas desafinadas, e, do coração, semelhante a címbalo morto, apenas arrancamos lágrimas de profundo arrependimento para chorar.  
  
Lamentamos então as lutas recusadas e as oportunidades perdidas! Deploramos a passada rebeldia, ante os apelos do bem que nos teriam conquistado merecimento, e a fuga deliberada aos testemunhos de humildade que nos haveriam propiciado renovação. Sentimo-nos amparados por indizíveis exaltações de claridade e ternura; no entanto, por dentro, carregamos ainda remorso e necessidade.  
  
É assim que nos excluímos, por nós mesmos, da assembléia gloriosa, suplicando o retorno às arenas do mundo, até que a reencarnação nos purifique, nas aquisições de experiência e valor. Alma que choras na teia física, louva o tronco de sofrimento a que te encontras temporariamente agrilhoada na Terra! Abençoa os espinhos que te laceram.  
  
Abençoa o pranto que te lava os escaninhos do ser. Executa com paciência o trabalho que a vida te pede, porque, um dia, os companheiros amados que te precederam na vanguarda de luz estarão contigo, em preces de triunfo, a desatarem-te as últimas algemas, de modo a que lhes partilhes os cânticos de vitória, na grande libertação.**

**JORNADA ACIMA - Reunião pública de 13-10-61 19 Parte, cap. VI, item 13  
  
Ergue a flama da fé na imortalidade, e caminha! Os que desertaram da confiança gritar-te-ão impropérios, entrincheirados na irresponsabilidade que lhes serve de esconderijo. Demagogos do desânimo, dirão, apressados, que o mundo nunca se desvencilhará da lei de Caim; que os tigres da inteligência continuarão devorando os cordeiros do trabalho; que a mentira, na História, prosseguirá entronizando criminosos na galeria dos mártires; que a perfídia se anteporá, indefinidamente, à virtude; que a mocidade é carne para canhões e prostíbulos; que as mães amamentam para o sepulcro; que as religiões são fábulas piedosas para consumo de analfabetos; que as tenazes da guerra te constringirão a cabeça, sufocando-te a voz no silêncio do horror...**

**Tentarão, decerto, envolver-te na nuvem do pessimismo, induzindo-te a esquecer o presente e o futuro, na taça de tranquilidade e prazer em que anestesiam o pensamento. Contudo, reflete levemente e perceberás que os trânsfugas do dever, acolhidos à negação e infantilizados no medo, simplesmente desfrutam a paz dos entrevados e a alegria dos loucos.  
  
Ora por eles, nossos irmãos que ainda não amadureceram o entendimento para a altura da vida, e segue adiante. Na escuridão mais espessa, acende a chama da prece, e, onde todos se sentirem desalentados, fala, sem revolta, a palavra de esperança que desenregele os corações mumificados no desconsolo. Um gesto de bondade sobre a agonia de alguém que oscila, à beira do abismo, e uma gota de bálsamo espremida com amor numa ferida que sangra bastam, muitas vezes, para renovar multidões inteiras.  
  
Sobretudo, nos mais aflitivos transes da provação, não percas a paciência. Não consegues emendar os companheiros desarvorados, mas podes restaurar a ti mesmo.  
  
Embora contemplando assaltos e violências, ruínas e escombros, avança jornada acima, apagando o mal e fazendo o bem. Criatura alguma, na Terra, escapará da grandeza fatal da justiça e da morte; no entanto, sabemos todos que a justiça, por mais dura e terrível, é sempre a resposta da Lei às nossas próprias obras, e que a morte, por mais triste e desconcertante, é sempre o toque de ressurgir.  
  
  
14 - O Espírito da Verdade - Espíritos Diversos - pág. 63, 117, 155**

**25 - FAZENDO SOL - Cap. V — Item 18  
Amanheceste chorando pelos que te não compreendem. Amigos duetos rixaram contigo. Nos mais amados, viste o retrato da ingratidão. Aspiravas a desentranhar o carinho nos corações queridos, com a pureza e a simplicidade da abelha que extrai o néctar das flores sem alterá-las, e, porque não conseguiste, queres morrer...  
  
Não te encarceres, porém, nos laços do desespero. Afirmas-te à procura do amor, mas não te recordas daqueles para quem o teu simples olhar seria assim como o sorriso da estrela, descerrado nas trevas. Mostram a cabeça encanecida, à feição de nossos pais, são irmãos semelhantes a nós ou são jovens e crianças que poderiam ser nossos filhos... Contudo, estiram-se em leitos de pedra ou refugiam-se em antros, fincados no solo, quais se fossem proscritos atormentados.  
  
Não te pedem mais que um pão, a fim de que se lhes restaurem as energias do corpo enfermo, ou uma palavra de esperança que lhes console a alma dorida. Não percas o tesouro das horas, na aflição sem proveito. Podes ser, ainda hoje, o apoio dos que esmorecem, desalentados, ou a luz dos que jazem nas sombras; podes estender o cobertor agasalhante sobre aqueles a quem a noite pede perdão por ser longa e fria, aliviar o suplício dos companheiros que a moléstia carcome ou dizer a frase calmante para os que enlouqueceram de sofrimento...  
  
Sai, pois, de ti mesmo para conhecer a glória de amar!... Perceberás, então, que a existência na Terra é apenas um dia na eternidade, aprendendo a iluminá-la de amor, como quem anda fazendo sol, nos caminhos da vida, e encontrarás, mais tarde, em cânticos de alegria, todos aqueles que te não amam agora, amando-te muito mais, por te buscarem a luz no instante do entardecer.  
MEIMEI  
  
48 RENASCER E REMORRER - Cap. V — Item 12  
Usufruímos na Espiritualidade o continente sem limites de onde viemos; no Universo Físico, o mar sem praias em que navegamos de quando em quando, e, na Vida Eterna, o abismo sem fundo em que desfrutamos as magnificências divinas. No trajeto multimilenário de nossas experiências, aprendemos, entre sucessivos transes de nascimento e desencarnação, a alegria de viver, descobrindo e reconhecendo a necessidade e a compensação do sofrimento, sempre forjado por nossas próprias faltas.  
  
Já renascemos e remorremos milhões de vezes, contraindo e saldando obrigações, assinalando a excelsitude da Providência e o valor inapreciável da humildade, para saber, enfim, que toda revolta humana é absurda e impotente. Se as lutas do burilamento moral não têm unidade de medida, a ação do amor é infinita na solução de todos os problemas e na medicação de todas as dores. Tolera com paciência as inevitáveis, mas breves provas de agora, para que te rejubiles depois.  
  
Nos compromissos espirituais, todos encontramos solvibilidade através do esforço próprio. Aproveitemos a bênção da dor na amortização dos débitos seculares que nos ferreteiam as almas, perseverando resignadamente no posto de sentinelas do bem, até que o Senhor mande render-nos com a transformação pela morte. Sempre trazemos dívidas de lágrimas uns para com os outros.  
  
Vive, assim, em paz com todos, principalmente junto aos irmãos com os quais a tua vida se entrecomunica a cada instante, legando, por testamento e fortuna, atos de amor e exemplos de fé, no fortalecimento dos espíritos de amigos e descendentes. Se há facilidade para remorrer, há dificuldades para renascer. As portas dos cemitérios jamais se fecham; contudo, as portas da reencarnação só se abrem com a senha do mérito haurido nas edificações incessantes da caridade.  
  
As dores iguais criam os ideais semelhantes. Auxiliemo-nos mutuamente. O Evangelho — o livro-luz da evolução — é o nosso apoio. Busquemos a Jesus, lembrando-nos de que o lamento maior, o desesperado clamor dos clamores, que poderia ter partido de seus lábios, na potência de mil ecos dolorosos, jamais chegou a existir...  
LINS DE VASCONCELLOS  
  
66 COM VOCÊ MESMO - Cap. V — Item I3  
Meu amigo, você clama contra as dificuldades do mundo, mas será que você já pensou nas facilidades em suas mãos? Observemos.  
Você concorre, em tempo determinado, para exonerar-se da multa legal, com expressiva taxa pelo consumo de luz e força elétricas; todavia, a usina solar que lhe fornece claridade, calor e vida, nem é assinalada comumente pela sua memória...  
  
Você salda, periodicamente, largas contas relativas ao gasto de água encanada; no entanto, nem se lembra da gratuidade da água das chuvas e das fontes a enriquecer-lhe os dias... Você estipendia na feira, com apreciáveis somas, todo gênero alimentício que lhe atenda ao paladar; contudo, o oxigênio — elemento mais importante a sustentar-lhe o organismo — é utilizado em seu sangue sem pesar-lhe no orçamento com qualquer preocupação...  
  
Você resgata com a loja novos débitos, cada vez que renova o guarda-roupa, e, apesar disso, nunca inventariou os bens que deve ao corpo de carne a resguardar-lhe o espírito... Você remunera o profissional especializado pela adaptação de um só dente artificial; entretanto, nada despendeu para obter a dentadura natural completa...  
  
Você compra a drágea medicamentosa para leve dor de cabeça; todavia, recebe de graça a faculdade de articular, instante a instante, os mais complicados pensamentos. .. Você gasta quantias estimáveis para assistir a esse ou àquele espetáculo esportivo ou à exibição de um filme; contudo, guarda sem sacrifício algum a possibilidade de contemplar o solo cheio de flores e o céu faiscante de estrelas...  
  
Você paga para ouvir simples melodia de um conjunto orquestral; no entanto, ouve diariamente a divina música da natureza, sem consumir vintém... Você desembolsa importâncias enormes para adquirir passagens e indenizar hospedarias, sempre que se desloca de casa; não obstante, passa-lhe despercebido o prêmio vultoso que recebeu com o próprio ingresso na romagem terrestre...  
  
Não desespere e nem se lastime... Atendamos à realidade, compreendendo que a alegria e a esperança, expressando créditos infinitos de Deus, são os motivos básicos da vida a erguer-se, cada momento, por sinfonia maravilhosa.  
ANDRÉ Luiz  
  
15 - O Evangelho S.o Espiritismo - Allan Kardec - cap. V,12**

**MOTIVOS DE RESIGNAÇÃO  
12. Pelas palavras: Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados, Jesus indica, ao mesmo tempo, a compensação que espera os que sofrem e a resignação que nos faz bendizer o sofrimento, como o prelúdio da cura. Essas palavras podem, também, ser traduzidas assim: deveis considerar-vos felizes por sofrer, porque as vossas dores neste mundo são as dívidas de vossas faltas passadas, e essas dores, suportada pacientemente na Terra, vos poupam séculos de sofrimentos na vida futura.**

**Deveis, portanto, estar felizes por Deus ter reduzido vossas dívidas, permitindo-vos quitá-las no presente, o que vos assegura a tranquilidade para o futuro. O homem que sofre é semelhante a um devedor de grande soma, a quem o credor dissesse: "Se me pagares hoje mesmo centésima parte, darei quitação do resto e ficarás livre; se não, perseguir-te até que pagues o último centavo." O devedor não ficai feliz de submeter-se a todas as privações, para se livrar da dívida, pagando somente a centésima parte da mesma? Em vez de queixar-se do credor, não lhe agradeceria?  
  
É esse o sentido das palavras: "Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados." Eles são felizes porque pagam suas dívidas, e porque, após a quitação, estarão livres. Mas se, ao procurar quitá-las de um lado, de outro se endividarem, nunca se tornarão livres. Ora, cada nova falta aumenta a dívida, pois não existe uma única falta, qualquer que seja, que não traga consigo a própria punição, necessária e inevitável. Se não for hoje será amanhã; se não for nesta vida, será na outra. Entre essas faltas, devemos colocar em primeiro lugar a falta de submissão à vontade de Deus, de maneira que, se reclamamos das aflições, se não as aceitamos com resignação, como alguma coisa que merecemos, se acusamos a Deus de injusto, contraímos uma nova dívida, que nos faz perder benefícios do sofrimento.**

**Eis por que precisamos recomeçar, exatamente como se, a um credor que nos atormenta, enquanto pagamos as contas, vamos pedindo novos empréstimos. Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem é semelhante um trabalhador que comparece no dia de pagamento. A uns, dirá o patrão: "Eis a paga do teu dia de trabalho." A outros, aos felizes da Terra, aos que viveram na ociosidade, que puseram a sua felicidade na satisfação do amor-próprio e dos prazeres mundanos, dirá: "Nada tendes a receber, porque já recebestes o vosso salário na Terra. Ide e recomeçai a vossa tarefa."  
  
13. O homem pode abrandar ou aumentar o amargor das provas, pela maneira de encarar a vida terrena. Maior é o sofrimento, quando o considera mais longo. Ora, aquele que coloca no ponto de vista da vida espiritual, abrange na sua visão a vida corpórea, como um ponto no infinito, compreendendo a brevidade, sabendo que esse momento penoso passa bem depressa.**

**A certeza de um futuro próximo e mais feliz o sustenta e encoraja, em vez de lamentar-se, ele agradece ao céu as dores que o fazem avançar. Para aquele que, ao contrário, só vê a vida corpórea, esta parece interminável, e a dor pesa sobre ele com todo o seu peso. O resultado da maneira espiritual de encarar a vida é a diminuicão de importância das coisas mundanas, a moderação dos humanos, fazendo o homem contentar-se com a sua posição, sem invejar a dos outros, e sentir menos os seus reveses e decepções. Ele adquire, assim, uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo como à da alma, enquanto com a inveja, o ciúme e a ambição, entrega-se voluntariamente à tortura, aumentando as misérias e as angústias de sua curta existência.**

**20 - RUMOS DOUTRINÁRIOS - INDALÍCIO MENDES - A RESIGNAÇÃO É FORÇA ESPIRITUAL - PÁG. 34**

**Constitui assunto interessante o problema da resignação.**

**Para muitos, resignar-se significa adotar atitude passiva em face da vida, renunciar a qualquer espírito de reação justa e digna, numa tentativa de reequilíbrio moral ou material, conforme o caso. Entre a resignação ativa e a resignação passiva, é grande a distância. Há necessidade de penetrar bem o sentido evangélico dessa atitude de conformação, para bem se assimilar o legítimo pensamento de Jesus. Aqueles que, iludidos por errôneas interpretações dadas ao Cristianismo do Cristo, não puderam ainda vislumbrar as fulgurações do pensamento cristão, ficaram estacionados na letra dos textos, incapazes de perceber a expressão do espírito que ela encobre. Jesus jamais pregou o desânimo e a passividade. Sempre foi sereno na fé, corajoso na serenidade e senhor de si. Em ocasião alguma deixou de reagir, ainda mesmo quando desdobrava sobre seus atos o manto diáfano da resignaação. Pode parecer paradoxal o que dizemos, mas a verdade é que Jesus ensinou às criaturas que a resignação não é o desânimo, assim como a reação não é a revolta nem o desespero. Sua passagem pela Terra foi maravilhoso exemplo de energia fecunda e de atividade realizadora.**

**Através da bela linguagem parabólica, confirmou sua dinâmica atividade no trabalho pela iluminação do espírito humano. Sua ação foi sempre positiva, ainda mesmo quando, no suplício da cruz, convocou as últimas energias que lhe restavam naquele transe supremo, para em sublime forma de resignação ativa, pedir a Deus que perdoasse aos que o sacrificaram, porque não sabiam o que estavam fazendo. E os séculos têm provado que, efetivamente, eles ignoravam a enormidade do crime que consumaram no Gólgota sombrio ...**

**Nós, os espíritas, há muito que nos habituamos a ver e a sentir o Mestre longe da macabra visão da cruz, mas em toda a plenitude do seu poder espiritual, tal como ele deve ser visto e deve ser sentido: visto através da sua legítima posição no Evangelho, realizando a semeadura dos preciosos ensinamentos que ficaram como inestimável tesouro da Humanidade, e sentido pelo coração, consoante o caminho do estudo e da meditação. Jesus não filosofou, pregando teorias complexas ou confundindo os que o ouviram e aqueles que, ainda hoje, se rejubilam com as lições evangélicas, em complicadas dissertações. Não foi confuso na explanação metafísica dos seus ensinamentos: foi simples e claro. Tão simples e tão claro que soube usar da linguagem que, simultaneamente, chega ao cérebro e ao coração dos homens de boa vontade.**

**Ao indicar ao homem o rumo da resignação, não estabeleceu itinerário para a passividade. Tanto assim que - apontemos apenas um exemplo - na parábola da ovelha perdida, perguntou: "Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixa as noventa e nove e vai aos montes procurar a que se extraviou? Se acontecer achá-la, em verdade vos digo que se regozija mais por causa desta, do que pelas noventa e nove que não se extraviaram." Deixemos de parte a interpretação comum dada a esse trecho evangélico e apreciemos outro aspecto dessa linda parábola. Se Jesus houvesse feito da passividade na forma de resignação, o homem se conformaria com o extravio da ovelha e ficaria satisfeito por ainda poder contar com noventa e nove. Entretanto, Jesus apontou como fato saliente da parábola a particularidade de o homem haver deixado as noventa e nove e por-se a caminho, nos montes, em busca da ovelha perdida. Em vez da resignação passiva, a energia realizadora.**

**Precisamos aprender a resignação evangélica, tão longe da passividade e do desânimo que marcam, geralmente, o raciocínio dos que não se detêm no exame sereno de tão delicado problema da vida humana. A resignação consciente é uma modalidade de ação. O homem resigna-se em face do irremediável. Enquanto não se capacita de que tudo está consumado, deve lutar sadiamente pela recuperação de sua ovelha perdida. Mesmo a conformação em face do fato irremediável, sua atitude não deve ser de estéril desalento. É prova de perfeita identificação com os princípios espirítico-evangélicos, o cultivo da coragem em face das vicissitudes.**

**Em "O Evangelho segundo o Espiritismo", lê-se numa comunicação do Espírito de Lázaro (Paris, 1863): "A doutrina de Jesus ensina, em todos os seus pontos, a obediência e a resiggnação, duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, se bem que os homens erradamente as confundem com a negação do sentimento e da vontade. A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração, forças ativas ambas, porquanto carregam o fardo das provações, que a revolta insensata deixa cair. O pusilânime não pode ser resignado, do mesmo modo que o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes que a antiguidade material desprezava."**

**É dever da criatura humana reagir nobremente em face das vicissitudes. É essencial não confundir resignação com covardia. Esta é uma "resignação" compulsória. imposta pela incapacidade de convocar todas as energias para enfrentar corajosamente as situações graves. A verdadeira resignação é serena e consciente. Ela resume o controle da situação em que se vê envolvida a criatura, dando-lhe meios de raciocinar e aceitar o fato consumado, desde que, efetivmnente, não possua elementos para desfazê-lo. Mesmo assim, a resignação, e não o desânimo, pode revestir-se do caráter ativo, reagindo. Como reagir? Fortalecendo-se na prece e exemplificando as lições evangélicas, com o fito de superar a provação que lhe foi imposta pela lei cármica.**

**Em outro ponto do Evangelho, Jesus ensina que a resignação não deve ser passiva. Na parábola do amigo importuno, demonstra que este conseguiu ser atendido em virtude da insistência com que procedeu, indiferente à negativa inicial que encontrara. Se não, vejamos: "Se um de vós tiver um amigo e for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, porque um amigo meu acaba de chegar a minha casa de uma viagem, e nada tenho para lhe oferecer; e se do interior o outro lhe responder: Não me incomodes, a porta já está fechada, eu e meus filhos estamos deitados; não posso levantar-me para vos dar. Digo-vos: Embora não se levante para lhos dar por ser seu amigo, ao menos por causa da sua importunação se levantará e lhe dará quantos pães precisar." Se o solicitante se resignasse com a primeira negativa e se retirasse, teria assumido uma resignação passiva. Entretanto, insistiu, pôs energia para reagir contra o obstáculo e, afinal, triunfou. O mesmo acontece, na vida comum. Muitas vezes, somos feridos por um golpe sério e ficamos como que atordoados. Se o que aprendemos no Espiritismo possui força dentro de nós, começamos a reagir, realizando esforços para conter o desespero que, de outro modo, de nós se apossaria. Essa reação benéfica deixa um lastro de serenidade que nos permitirá, ainda que paulatinamente, reconquistar o domínio de nós mesmos. Ainda que em face do irremediável, temos o recurso da reação através da prece.**

**Portanto, é falso o conceito de que resignar-se alguém constitui entregar-se ao desânimo, numa atitude passiva. Está no Evangelho: "O homem pode suavizar ou aumentar o amargor de suas provas, conforme a marcha por que encare a vida terrena. Tanto mais sofre ele, quanto mais longa se lhe afigura a duração do sofrimento." A resignação real não exclui a possibilidade de a criatura reagir para sobrepor-se à desventura. Tudo depende, evidentemente, da preparação espiritual de cada um, das reservas morais que possua para resguardar-se do desânimo que precede ou sucede ao desespero, quando este parece em condições de adquirir forma. Esclarece o Espírito de Lacordaire (Havre, 1863, em "O Evangelho segundo o Espiritismo"):**

**"Quando o Cristo disse: 'Bem-aventurados os aflitos, '0 reino dos céus lhes pertence' , não se referia, de modo geral, aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer jazam sobre a palha. Mas, ah! Poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, desde que vos falte coragem. A prece é um apoio para a alma; porém, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Todos sabemos que o Pai não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcional às forças, como a recompensa o será à resignação e à coragem. Mais opulenta será a recompensa, do que penosa a aflição. Cumpre, porém, merecê-la, e, para isso, é que a vida se apresenta cheia de tribulações."**

**A Doutrina Espírita, que vem de Jesus, pois é o Consolador Prometido pelo Mestre, prova exuberantemente que a resignação em face das vicissitudes não deve estar isenta da coragem para reagir contra o desânimo. Se assim não fora, as oportunidades proporcionadas pela reencarnação não teriam lugar na vida humana e na vida espiritual. Entretanto, em cada encarnação o Espírito enfrenta possibilidades magníficas de reagir contra os erros do passado, preparando-se para as alvoradas de luz do futuro. Seja qual for a situação, a criatura humana pode amparar-se na resignação ativa, buscando para si mesma, no Evangelho ou na Doutrina codificada por Allan Kardec, o bálsamo para as suas dores, o refrigério para as suas tribulações, a luz que lhe iluminará a trajetória.**

**Para aqueles que possuem o coração puro e o espírito humilde, as dificuldades da caminhada serão progressivamente atenuadas. Já o disse Jesus: "Bem-aventurados os que têm puro o coração, porque verão a Deus." O caminho mais curto para alcançar a humildade é a resignação consciente, a resignação que reage pela fé, pela energia que fortalece a compreensão do destino humano e pelo trabalho de reerguimento, após cada vicissitude, que revigoriza a trajetória espiritual.**

**Bem mais fácil é àqueles que não estão alanceados pela dor dar conselhos sobre a resignação; bem mais difícil se torna a recomposição rápida dos que são surpreendidos pelo sofrimento, se seu espírito não se encontra fecundado pelas sublimes lições do Evangelho. Os ensinamentos de Jesus não são expressões supérfluas de uma literatura mística. Eles representam o conteúdo de uma sabedoria que se consolidou no exemplo do Mestre, através do apodo dos ignorantes, das injúrias dos maus, das injustiças dos poderosos, da traição dos pusilânimes e do ódio dos que se enfermaram em cultos incompatíveis com os princípios de amor, de paz e de caridade. Sabedoria que se fortaleceu com a sinceridade dos crentes, com a prece dos que compreenderam os ensinos e as lágrimas daqueles que tiveram sua sensibilidade solicitada no testemunho das horas de amarga provação.**

**A resignação consciente é a arma da criatura que tem fé, pois que nela se resguarda das tempestades do desespero. Nos momentos cruciais da dor é que se evidencia a potencialidade da fé. Nem foi por outro motivo que Jesus, nas bem-aventuranças a que se referiu no Sermão da Montanha, o poema por Ele composto com o sentimento, disse: "Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados." Essa consolação se estende a todos, indistintamente, mas aqueles que possuem a virtude da resignação consciente, da resignação ativa, são os que mais depressa recebem o conforto do Alto. Portanto, não se diga que o Cristianismo do Cristo prega o desânimo, porque, na verdade, ele institui a coragem moral como base da obra cristã, ao lado do amor e da caridade. Resignar-se conscientemente é compreender os desígnios da Vida e aceitá-los como se aceita a Verdade. A resignação consciente não despreza a luta pela própria recuperação, não abandona a energia estimulada pela fé racional. Ela trabalha, ativa-se, dinamiza-se, quer através da prece, quer através das ações verticais, porque é uma força espiritual positiva. Não é desalento, mas paciência e confiança nas leis que regem a vida humana e a vida espiritual. Resignação é força, é coragem e, sobretudo, fé, quando não se desvitaliza na passividade doentia nem se destrói no desespero inútil. Resignação consciente significa compreensão lúcida. Foi para os que sabem resignar-se, sem se perderem no tremedal da desesperação, que o Cristo Jesus ensinou à Humanidade, no episódio maravilhoso do "Sermão da Montanha":**

**"Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; bem-aventurados os misericordioosos, porque eles alcançarão misericórdia; bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; bem-aventurados os que têm sido perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que existiram antes de vós."**

**Os humildes de espírito sabem, intuitivamente, a importância da resignação esclarecida, porque esta decorre da sua própria humildade, o mesmo sucedendo quanto aos mansos e limpos de coração. Os que choram realizam a prece das lágrimas, mas não devem permitir que estas afoguem a capacidade de reagir, a fim de não se tornarem presas inermes do desalento. Os que têm fome e sede de justiça, os perseguidos e injuriados podem e devem colocar-se espiritualmente em condições de salvaguardar os direitos que deles são próprios, fugindo à violência, mas fortalecendo-se intimamente para resistir às iniqüidades. Os bem-aventurados e misericordiosos, os pacificadores e os justos, estes já se encontram tocados pela graça divina, tanto que externam, pelos atos e pelas palavras, o prêmio que já lhes condecora o espírito.**

**A resignação tem seu poder espiritual. Todavia, é preciso não permitir que ela se azinhavre ao contacto com o desânimo, porque este é um aspecto da resignação passiva e inútil, enquanto a reconquista do ânimo, a luta pela recuperação da esperança, significam um aspecto da resignação ativa e útil, porque consciente. Entendendo-se assim a resignação, nela encontraremos meios de atenuar, pelo menos, as provações da vida terrena, evitando nos abismemos na desesperança e na desorientação. Peçamos sempre ao Alto que nos dê, nas ocasiões propícias, essa elevada compreensão, a fim de que não falhemos no testemunho.**

|  |  |
| --- | --- |
| **RESPONSABILIDADE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A clarividência - pág. 90** | **02 - A reencarnação na Bíblia - pág. 52, 63** |
| **03 - A sombra do olmeiro - pág. 114** | **04 - Caminho, verdade e vida - pág. 29, 81, 225** |
| **05 - Cartas e crônicas - pág. 35** | **06 - Celeiros de bênçãos - pág. 75** |
| **07 - Ciência e Espiritismo - pág. 122** | **08 - Coragem - pág. 107** |
| **09 - Depois da morte - pág. 238** | **10 - Diálogo com as sombras - pág. 57** |
| **11 - Encontro marcado - pág. 160** | **12 - Escrínio de Luz - pág. 48, 52** |
| **13 - Estudos Espíritas - pág. 172** | **14 - Evolução em dois Mundos - pág. 73, 155** |
| **15 - Fonte viva - pág. 387** | **16 - Mecanismos da mediunidade - pág. 140** |
| **17 - Novas mensagens - pág. 39** | **18 - Os mensageiros - pág. 36,52** |
| **19 - Pão Nosso - pág. 17** | **20 - Passos da vida - pág. 14** |
| **21 - Pontos e contos - pág. 15** | **22 - Religião dos Espíritos - pág. 85** |
| **23 - Segue-me - pág. 149** | **24 - Rumos liberdadores - pág. 32, 44** |
| **25 - Sexo e evolução - pág. 123** | **26 - Universo e vida - pág. 52** |
| **27 - Vinha de Luz - pág. 17** | **28 - Vozes do Grande Além - pág. 163** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**RESPONSABILIDADE** **– COMPILAÇÃO**

**02 - A reencarnação na Bíblia - Hermínio C. Miranda - pág. 52, 63**

**INOCENTES E CULPADOS  
Isso, aliás, não está apenas no Decálogo; confirma-se em outros pontos, como ainda mostraremos. Em Êxodo 34, por exemplo, conta-se como foi que Moisés recebeu, pela segunda vez, o Decálogo. Segundo sabem os leitores da Bíblia, ele havia partido as tábuas da lei num impulso de cólera, ao ver, em seu retorno, que sua gente havia recaído na idolatria. Lembremo-nos de que, se o documento fosse de sua elaboração pessoal, ele não precisaria voltar ao monte para tornar a recebê-lo na solidão, como o fez — bastaria reescrevê-lo de memória ou à vista de suas anotações pessoais. Lá chegando, tem novamente a visão espiritual. Vejamos.  
  
— Passando Jeová por diante dele, proclamou: Jeová, Jeová, Deus misericordioso e clemente, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado; e que de maneira alguma terá por inocente o culpado, visitando a iniquidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta geração. Dificilmente poderia ser mais bem expressa a doutrina da responsabilidade pessoal. A frase é inequívoca: "de maneira alguma terá por inocente o culpado".   
  
Isto nos leva à recíproca que tem de ser igualmente verdadeira pelo princípio da analogia: o inocente não será de maneira alguma responsabilizado pela falta alheia. É, assim, incongruente e contraditório concluir o período dizendo que até à terceira ou à quarta geração filhos e netos responderão pelos erros dos pais e avós.  
  
E voltamos a lembrar: ainda que isto fosse aceitável, como admitir esse outro absurdo que é o inferno para castigar os que erraram se pelo mesmo erro são punidos os descendentes? E se Deus perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, como diz o texto, porque vai cobrá-los aos netos e bisnetos? E se até a quarta geração os crimes dos pais não estiverem resgatados pelos descendentes, caducaria o crime, prescreveria a falta ? Ficariam todos isentos, perdoados, redimidos, purificados? E aqueles que não têm descendentes?  
Certamente, não pode ser esse o espírito do texto.  
  
Lamentavelmente, como vemos, ficam os textos com as marcas das preferências dogmáticas de seus tradutores ou manipuladores. Ao tomar a Bíblia para consulta, o leitor precavido precisa saber preliminarmente se a versão é católica, protestante, ortodoxa ou o que seja, para saber como posicionar-se. Seria altamente desejável que expoentes da erudição bíblica, linguística e histórica se reunissem para elaborar um texto limpo, confiável, neutro, expurgado de conotações sectárias, fiel aos documentos originais. Que cada leitor o interpretasse a seu modo, mas que o texto básico fosse um só. Ao que vemos desde remotos tempos, nem mesmo versões obtidas no âmbito da mesma corrente religiosa concordam entre si e, algumas vezes, sequer a mesma versão é coerente consigo própria.  
  
Vamos a um exemplo. A tradução dos originais hebraico, aramaico e grego feita pelos monges beneditinos de Maredsous (Bélgica) e que o Centro Bíblico Católico verteu em português está nesse caso. Tenho diante de mim a 21ª edição da Editora Ave Maria, S. Paulo, 1975 e que diz, em Êxodo 20:5-6, o seguinte: — Eu sou o Senhor teu Deus, um Deus zeloso que vingo a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam, mas uso de misericórdia até à milésima geração com aqueles que me amam e guardam meus mandamentos.  
  
O texto nada diz sobre as famigeradas gerações da "vingança", podendo prestar-se, sob esse aspecto, à missão da doutrina das vidas sucessivas. Pelo menos não menciona ele a expressão "até a terceira ou quarta geração". Já a coisa fica outra quando o texto é repetido em Êxodo 34:7, que está assim redigido: — Javé, Javé, Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade, que conserva sua graça até mil gerações, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não tem por inocente o culpado, porque castiga o pecado dos pais nos filhos e nos filhos de seus filhos, até à terceira e à quarta geração.  
  
Aí estão, de novo, todas as contradições de um Deus compassivo, misericordioso e bondoso que perdoa o erro, que identifica o culpado e, no entanto, castiga os inocentes que por infelicidade nasceram aí pela terceira ou quarta geração ... Era de supor-se, por outro lado, que pelo menos na questão vital das gerações os textos (Êxodo 20 e Êxodo 34) deveriam estar acordes, sem criar mais conflitos num trecho já bastante conflitado pela deformação.  
  
Em suma: se, para Deus, o culpado não pode ser inocentado, como admitir-se que seja castigado o pecado por ele cometido na pessoa de filhos e netos ? A simples e elementar verdade, portanto, está em que precisamente porque Deus perdoa, mas não inocenta o culpado, é que este mesmo culpado e não outro irá renascer na terceira ou na quarta geração para responder pela sua falta. Nada mais, nada menos do que isso. O resto é sofisma ou, então, aquela dificuldade de perceber a verdade que Jesus identificou claramente nos que se tinham por doutos e entendidos. Há mais, porém. Ao profetizar sobre a nova aliança, Jeremias declara, enfático:  
  
— Naqueles dias não dirão mais: Os pais comeram as uvas verdes e os dentes dos filhos se embotaram. Mas cada um morrerá pela sua iniquidade; todo o homem que comer uvas verdes, a esse é que lhe ficarão botos os dentes. Uso novamente o texto da American Bible Society, tradução brasileira, atualizando apenas a grafia. A citação é Jeremias 31:29-30.  
  
Não há dúvida, portanto, de que muitos interpretavam erroneamente o Decálogo. Aqueles que não tinham preparo suficiente para relacionar a passagem com a doutrina das vidas sucessivas, ficavam sem outra opção que não a de interpretá-la literalmente. É certo, porém, que sempre houve quem soubesse extrair do texto seu exato sentido. Seja como for, o profeta prevê uma época em que — diante de uma nova mensagem ou revelação, a que chama de Nova Aliança (a Doutrina Cristã, naturalmente) — não haveria mais dúvida de que cada um responde pelos seus atos e nunca pelos alheios.  
  
Já na tradução do padre Mattos Soares esse texto foi colocado logo abaixo de um subtítulo escolhido com muita propriedade e acerto: Responsabilidade individual. Foram aí utilizados dois conceitos fundamentais para caracterizar a situação. De fato, o que existe aí, em primeiro lugar, é a definição de responsabilidade perante a lei divina. E, em segundo lugar, o fato de que essa responsabilidade é pessoal, individual, intransferível. Ninguém pode esperar que seus crimes sejam resgatados por outrem — e logo filhos e netos ? E — repetimos — quem não tiver descendência? Se alguém comete erros deliberadamente, confiando nessa esdrúxula teoria de que "os outros" vão pagá-los, não pode ser uma pessoa responsável.  
  
O que o texto pretende deixar bem claro, portanto, como que dirimindo qualquer dúvida de interpretação, é que não são os filhos que respondem pelos desatinos dos pais: se estes comerem uvas verdes os seus próprios dentes ficarão prejudicados e não os dos filhos. Para melhor caracterização do problema e precisamente para indicar que a interpretação antiga está errada, diz claramente o profeta: "não dirão mais" aquele absurdo e sim que cada um responde pelo que faz. Quem praticou a iniquidade morrerá por ela e, portanto, não a deixará para ninguém, da mesma forma que quem comeu uvas verdes, esse mesmo é que terá seus dentes danificados.  
  
Ninguém ignora o elevado índice de acidez da uva verde e, por conseguinte, sua ação prejudicial sobre o esmalte dos dentes. Não é absurdo supor-se que o uso imoderado de uvas verdes possa resultar em prejuízo dos dentes a ponto de torná-los botos, ou seja, rombos, desgastados. Seria ridículo ensinar que um come a uva verde e os dentes dos outros é que vão sofrer. Trata-se, pois, de mais uma das maneiras de definir, com toda clareza e em linguagem de fácil entendimento e acesso, o conceito da responsabilidade pessoal de cada um pelas consequências de seus erros.  
  
DEFINIÇÃO PRECISA DA RESPONSABILIDADE PESSOAL  
Com essas considerações em mente, vamos, pois, ao exame do texto. Segundo se infere, havia uma parábola entre os judeus que se convertera em provérbio, e que, aliás, continha uma inverdade, atribuindo a responsabilidade pelo pecado à alma do inocente e não à do pecador.  
  
Vêm a seguir os exemplos. O homem bom (justo) poderá contar sem vacilações com o reconhecimento de sua bondade e retidão — ou seja, sua justiça, ou melhor ainda, sua justeza. Se, porém, seu filho for um mau elemento, responderá pelos seus próprios erros, isto é, "o seu sangue cairá sobre ele". Ele mesmo e não outrem.  
  
Se, por sua vez, este filho mau tiver um filho bom e que, mesmo ante o exemplo maléfico do seu pai, proceder corretamente, o que sucederá ? O pai não se livrará, por isso, dos seus erros, enquanto ele, o filho bom, terá o prêmio da sua bondade, nada tendo a responder pelas faltas do pai.  
  
Há mais ainda: a culpa não é irremissível, imperdoável, eterna. Desde que o ímpio se corrija e se dedique à prática do bem, ficará recuperado. Na linguagem simbólica do texto, "nenhuma das suas transgressões que cometeu, será lembrada contra ele". Mas, atenção !, o prêmio continua merecido pela "justiça que praticou" ou seja, pelo bem que fez e não pelo mal que deixou de praticar.  
  
Da mesma forma, aquele que sempre foi bom e, de repente, descamba para a prática do mal, é prontamente responsabilizado pelos erros que cometer. Ele próprio e não outra pessoa. Até mesmo o homem bom, que se voltar para a iniquidade, responderá por ela como qualquer ímpio. O que antes fizera de bom não o isenta de tal responsabilidade, porque certifica nele a persistência de tendências más ainda não superadas.  
  
A idéia básica de toda essa longa exposição, portanto, é a de que somos julgados segundo nossos atos: "Portanto, ó casa de Israel, vos julgarei cada um conforme os seus caminhos". Prestaram bem atenção? Cada um de acordo com os seus caminhos ou atos e não pelo que outros tenham feito. O que comeu a uva verde, esse mesmo é que terá seus dentes estragados, não os seus filhos ou netos.  
Figuremos, porém, o caso mais comum daqueles que não tiveram o bom senso e a disposição de se utilizar das oportunidades de conversão à prática do bem.**

**Seja porque se comprazem no erro, seja porque, depois do esforço sobre-humano para serem bons, recaíram na prática do mal ou, ainda, porque tenham praticado crime grave já nos últimos momentos da vida terrena, sem tempo de corrigirem-se. Que fazer dessas multidões de seres em falta ?  
  
Já vimos que Deus está disposto a esquecer os erros daquele que se regenera, desde que ele se confirme na prática do bem. Já vimos também que Deus não deseja a morte do pecador, ou seja, a sua condenação, mas que ele renuncie ao erro. E se Deus não o deseja, hão de ser colocados ao alcance do pecador todos os recursos de que ele necessitar para recuperar-se, deixando para sempre de pecar.**

**Como, porém, entender tais oportunidades de recuperação no contexto de uma só vida na carne ? Como poderia o Pai desejar que o pecador se salve sem proporcionar-lhe os meios para fazê-lo? Não há, pois, como sofismar ante o esquema básico que se resume a seguir:  
  
• Cada um responde pelos seus erros e tem o mérito de suas virtudes.  
• Não há sofrimento inocente, nem recompensa imerecida por herança, contágio, ou por procuração. A cada um segundo suas obras.  
• As oportunidades de reajuste são proporcionadas a todos indistintamente.  
• O processo evolutivo — uma condição cósmica - exige um mecanismo de reajuste moral que é precisamente o das vidas sucessivas.**

**03 - A sombra do olmeiro - Um jardineiro - pág. 114**

**— Jardineiro — disse-me o "rishi", em voz terna como a mais doce oferenda — a vida é constante permuta... É o reflexo dos nossos sentimentos e ações. Proporciona água à planta, e ela retribuirá com flores e frutos. Semeia sobre o pântano e este servirá como fonte de benefícios... Planta, Jardineiro, lírios e rosas no coração de teus semelhantes, e cultiva-os com o mesmo amor que dedicas aos teus gerânios. Destes recebes flores; daqueles receberás aquilo que inspirarem tuas ações...  
  
As palavras do "rishi" eram como flores que se abriam em nossas almas, perfumando-as. Em silêncio, eu o escutava.— Não negues nunca, Jardineiro, as flores do jardim das virtudes, mesmo aos que desconhecem a plenitude do bem, desse bem que é sempre caminho florido que conduz a Deus. Oferta à vida o que de melhor e mais nobre houver em ti, e age sempre em sentido vertical, para o mais alto, eternizando tuas obras no tempo e no espaço. Trabalha, Jardineiro, para o futuro, não pelo presente tão só...  
  
E o "rishi" falou-nos de um homem que cultivava a terra, a plantar um trigal, e vivia debruçado sobre a enxada, desde que amanhecia até o por do sol, quando, somente então, juntava-se à família no aconchego do lar. O tempo que fizesse, lá estava o cultivador entregue ao seu trabalho, indifertente à chuva, vento, calor ou frio.  
  
Aquela atividade contínua despertou a atenção de um viajante que ali sempre passava. Um dia este se aproximou, curioso, e perguntou: — Homem, não descansas nessa lida? Estás velho e cansado, por que não abandonas esta enxada para repousar um pouco? O cultivador, apenas erguendo a vista da terra, respondeu:  
  
— Porque amo meu trabalho, senhor... Sem ele, como viveria? Amo a terra, este solo que me dá sustento para os meus. Sim, estou velho e cansado... Por isto devo andar mais depressa; disponho de pouco tempo e muito resta ainda que fazer. — Vejo — falou o homem — que a terra recompensa teu amor. O trigal está viçoso, as espigas abundantes. Será bem produtiva a colheita.  
  
— A terra sempre é generosa com quem a ama. Porém, não sou eu que faço a colheita, mas minha mulher e os filhos. Eu apenas planto.  
O homem despediu-se e seguiu caminho. Passados alguns dias, a vida o levou em viagem para terras distantes, onde permaneceu muito tempo.  
  
Ao retornar, passando na mesma estrada, encontrou o camponês ainda ocupado com seu trigal, a cultivar a terra. Era uma tarde sem sol, fria e cinzenta, em que a própria Natureza parece desanimada e sombria. O viajante aproximou-se do camponês, e viu que estava envelhecido, com aspecto cansado e triste. Além disso, vestia-se de luto. — Perdeste algum ente querido? — perguntou o homem, depois de o cumprimentar.  
  
— Perdi, senhor... — respondeu o cultivador, com voz pausada. Perdi minha família. A febre levou a todos em poucas semanas... Agora, estou sozinho. O viajante comoveu-se com a dor daquele camponês simples e humilde, tão dedicado ao trabalho, ferido tão rudemente pelo destino. No entanto, falou-lhe, sem refletir: — Se morreu toda tua família, por que continuas nesse trabalho exaustivo? Abandona a enxada, bom homem, e descansa.  
  
— Não posso fazer isto, senhor... Deus me levou a família, mas deixou-me a terra entregue aos meus cuidados. Como iria abandoná-la?  
Ainda irrefletidamente, voltou a indagar o homem:— Mas, sem mulher e filhos, quem há de colher agora o trigo que plantaste? O cultivador respondeu, com serenidade:  
  
— Todos que necessitam. E são tantos, senhor... Surpreso com aquelas palavras, o viajante silenciou alguns instantes. Depois, olhando o camponês, concluiu em tom afetuoso: — Tens razão, bom camponês... Pena que sejam poucos os que assim plantam, como tu, e muitos os que na vida apenas se movimentam à espera da colheita...  
  
Mas a tarde escurecia, logo seria noite... O viajante despediu-se, retornou à estrada. O cultivador continuou em seu trabalho, sem olhar a tarde que morria no horizonte. O cansaço já lhe pesava no corpo, invadia-lhe a alma. Breve iria dormir, descansar as mãos calejadas... E breve despertaria em um trigal de luz.**

**04 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 29, 81, 225**

**7. TUDO NOVO  
"Assim é que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo." - Paulo (II Coríntios, 5:17)  
É muito comum observarmos crentes inquietos, utilizando recursos sagrados da oração para que se perpetuem situações injustificáveis tão-só porque envolvem certas vantagens imediatas para suas preocupações egoísticas. Semelhante atitude mental constitui resolução muito grave.  
  
Cristo ensinou a paciência e a tolerância, mas nunca determinou que seus discípulos estabelecessem acordo com os erros que infelicitam o mundo. Em face dessa decisão, foi à cruz e legou o último testemunho de não-violência, mas também de não-aco-modação com as trevas em que se compraz a maioria das criaturas.  
  
Não se engane o crente acerca do caminho que lhe compete. Em Cristo tudo deve ser renovado. O passado delituoso estará morto, as situações de dúvida terão chegado ao fim, as velhas cogitações do homem carnal darão lugar a vida nova em espírito, onde tudo signifique sadia reconstrução para o futuro eterno. É contra-senso valer-se do nome de Jesus para tentar a continuação de antigos erros.  
  
Quando notarmos a presença de um crente de boa palavra, mas sem o íntimo renovado, dirigindo-se ao Mestre como um prisioneiro carregado de cadeias, estejamos certos de que esse irmão pode estar à porta do Cristo, pela sinceridade das intenções; no entanto, não conseguiu, ainda, a penetração no santuário de seu amor.**

**33. RECAPITULAÇÕES  
"Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus". -(João, 12:43)  
Os séculos parecem reviver com seus resplendores e decadência. Fornece o mundo a impressão dum campo onde as cenas se repetem constantemente. Tudo instável.**

**A força e o direito caminham com alternativas de domínio. Multidões esclarecidas regressam a novas alucinações. O espírito humano, a seu turno, a seu turno, considerado insuladamente, demonstra recapitular as más experiências, após alcançar o bom conhecimento.**

**Como esclarecer a anomalia? A situação é estranhável porque, no fundo, todo homem tem sede de paz e fome de estabilidade. Importa reconhecer, porém, que, no curso dos milênios, as criaturas humanas, em múltiplas existências, têm amado mais a glória terrena que a glória de Deus.**

**Inúmeros homens se presumem redimidos com a meditação criteriosa do crepúsculo, mas...e o dia que já se foi? Na justiça misericordiosa de suas decisões, Jesus concede ao trabalhador hesitante uma oportunidade nova. O dia volta. Refunde-se a existência. Todavia, que aproveita ao operário valer-se tão-somente dos bens eternos no crepúsculo cheio de sombras?**

**Alguém lhe perguntará: que fizeste da manhã clara, do Sol ardente, dos instrumentos que te dei? Apenas a essa altura reconhece a necessidade de gloriar-se no Todo-Poderoso. E homens e povos continuarão desfazendo a obra falsa para recomeçar o esforço outra vez.**

**105. NEM TODOS  
"E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar." - (Lucas, 9:28)  
Digna de notar-se a atitude do Mestre, convidando apenas Simão e os filhos de Zebedeu para presenciarem a sublime manifestação do monte, quando Moisés e outro emissário divino estariam em contacto direto com Jesus, aos olhos dos discípulos.**

**Por que não convocou os demais companheiros? Acaso Filipe ou André não teriam prazer na sublime revelação? Não era Tomé um companheiro indagador, ansioso por equações espirituais? No entanto, o Mestre sabia a causa de suas decisões e somente Ele poderia dosar, convenientemente, as dádivas do conhecimento superior.**

**O fato deve ser lembrado por quantos desejem forçar a porta do plano espiritual. Certo, o intercâmbio com esse ou aquele núcleo de entidades do Além é possível, mas nem todos estão preparados, a um só tempo, para a recepção de responsabilidades ou benefícios. Não se confia, imprudentemente, um aparelho de produção preciosa, cujo manejo dependa de competência prévia, ao primeiro homem que surja, tomado de bons desejos.**

**Não se atraiçoa impunemente a ordem natural. Nem todos os aprendizes e estudiosos receberão do Além, num pronto, as grandes revelações. Cada núcleo de atividade espiritualizante deve ser presidido pelo melhor senso de harmonia, esforço e afinidade. Nesse míster, além dasboas intenções é indispensável a apresentação da ficha de bons trabalhos pessoais.**

**E, no mundo, toda gente permanece disposta a querer isso ou aquilo, mas raríssimas criaturas se prontificam a servir e a educar-se.   
  
  
05 - Cartas e crônicas - Irmão X - pág. 35**

**7 - Consciência espírita  
Diz você que não compreende o motivo de tanta autocensura nas comunicações dos espíritas desencarnados. Fulano, que deixou a melhor ficha de serviço, volta a escrever, declarando que não agiu entre os homens como deveria; sicrano, conhecido por elevado padrão de virtudes, regressa, por vários médiuns, a lastimar o tempo perdido... E você acentua, depois de interessantes apontamentos: «Tem-se a impressão de que os nossos confrades tornam, do Além, atormentados por terríveis complexos de culpa. Como explicar o fenômeno?»  
  
Creia, meu caro, que nutro pessoalmente pelos espíritas a mais enternecida admiração. Infatigáveis construtores do progresso, obreiros do Cristianismo Redivivo. Tanta liberdade, porém, receberam para a interpretação dos ensinamentos de Jesus que, sinceramente, não conheço neste mundo pessoas de fé mais favorecidas de raciocínio, ante os problemas da vida e do Universo. Carregando largos cabedais de conhecimento, é justo guardem eles a preocupação de realizar muito e sempre mais, a favor de tantos irmãos da Terra, detidos por ilusões e inibições no capítulo da crença.  
  
Conta-se que Allan Kardec, quando reunia os textos de que nasceria «O Livro dos Espíritos», recolheu-se ao leito, certa noite, impressionado com um sonho de Lutero, de que tomara notícias. O grande reformador, em seu tempo, acalentava a convicção de haver estado no paraíso, colhendo informes em torno da felicidade celestial.  
  
Comovido, o codificador da Doutrina Espírita, durante o repouso, viu-se também fora do corpo, em singular desdobramento. . . Junto dele, identificou um enviado de Planos Sublimes que o transportou, de chofre, a nevoenta região, onde gemiam milhares de entidades em sofrimento estarrecedor. Soluços de aflição casavam-se a gritos de cólera, blasfêmias seguiam-se a gargalhadas de loucura. Atônito, Kardec lembrou os tiranos da História e inquiriu, espantado:  
  
— Jazem aqui os crucificadores de Jesus? — Nenhum deles — informou o guia solícito. — Conquanto responsáveis, desconheciam, na essência, o mal que praticavam. O próprio Mestre auxiliou-os a se desembaraçarem do remorso, conseguindo-lhes abençoadas reencarnações, em que se resgataram perante a Lei.  
  
— E os imperadores romanos? Decerto, padecerão nestes sítios aqueles mesmos suplícios que impuseram à Humanidade. ..— Nada disso. Homens da categoria de Tibério ou Calígula não possuíam a mínima noção de espiritualidade. Alguns deles, depois de estágios regenerativos na Terra, já se elevaram a esferas superiores, enquanto que outros se demoram, até hoje, internados no campo físico, à beira da remissão.  
  
— Acaso, andarão presos nestes vales sombrios — tornou o visitante — os algozes dos cristãos, nos séculos primitivos do Evangelho?  
— De nenhum modo — replicou o lúcido acompanhante —, os carrascos dos seguidores de Jesus, nos dias apostólicos, eram homens e mulheres quase selvagens, apesar das tintas de civilização que ostentavam... Todos foram encaminhados à reencarnação, para adquirirem instrução e entendimento.  
  
O codificador do Espiritismo pensou nos conquistadores da Antiguidade, Atila, Aníbal, Alarico I, Gengis Khan.. . Antes, todavia, que enunciasse nova pergunta, o mensageiro acrescentou, respondendo-lhe à consulta mental: — Não vagueiam, por aqui, os guerreiros que recordas. .. Eles nada sabiam das realidades do espírito e, por isso, recolheram piedoso amparo, dirigidos para o renascimento carnal, entrando em lides expiatórias, conforme os débitos contraídos...  
  
— Então, dize-me — rogou Kardec, emocionado —, que sofredores são estes, cujos gemidos e imprecações me cortam a alma? E o orientador esclareceu, imperturbável: — Temos junto de nós os que estavam no mundo plenamente educados quanto aos imperativos do Bem e da Verdade, e que fugiram deliberadamente da Verdade e do Bem, especialmente os cristãos infiéis de todas as épocas, perfeitos conhecedores da lição e do exemplo do Cristo e que se entregaram ao mal, por livre vontade. .. Para eles, um novo berço na Terra é sempre mais difícil...  
  
Chocado com a inesperada observação, Kardec regressou ao corpo e, de imediato, levantou-se e escreveu a pergunta que apresentaria, na noite próxima, ao exame dos mentores da obra em andamento e que figura como sendo a Questão número 642, de «O Livro dos Espíritos»: «Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?», indagação esta a que os instrutores retorquiram:**

**«Não; cumpre-lhe fazer o bem, no limite de suas forças, porquanto responderá por todo o mal que haja resultado de não haver praticado o bem.» Segundo é fácil de perceber, meu amigo, com princípios tão claros e tão lógicos, é natural que a consciência espírita, situada em confronto com as idéias dominantes nas religiões da maioria, seja muito diferente.**

**08 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 107**

**34. NO DOMÍNIO DAS PROVAS  
Imaginemos um pai que, a pretexto de amor, decidisse furtar um filho querido de toda relação com os reveses do mundo.Semelhante rebento de tal devoção afetiva seria mantido em sistema de exceção. Para evitar acidentes climáticos inevitáveis, descansaria exclusivamente na estufa, durante a fase de berço e, posto a cavaleiro de perigos e vicissitudes, mal terminada a infância, encerrar-se-ia numa cidadela inexpugnável, onde somente prevalecesse a ternura paterna, a empolgá-lo de mimos.**

**Não frequentaria qualquer educandário, a fim de não aturar professores austeros ou sofrer a influência de colegas que não lhe respirassem o mesmo nível; alfabetizado, assim, no reduto doméstico, apreciaria unicamente os assuntos e heróis de ficção que o genitor lhe escolhesse.  
  
Isolar-se-ia de todo contato humano para não arrostar problemas e desconheceria todo o noticiário ambiente para não recolher informações que lhe desfigurassem a suavidade da vida interior. Candura inviolável e ignorância completa. Santa inocência e inaptidão absoluta.  
  
Chega, porém, o dia em que o progenitor, naturalmente vinculado a interesses outros, se ausenta compulsoriamente do lar e, tangido pela necessidade, o moço é obrigado a entrar na corrente da vida comum.  
  
Homem feito, sofre o conflito da readaptação, que lhe rasga a carne e a alma, para que se lhe recupere o tempo perdido e o filho acaba enxergando insânia e crueldade onde o pai supunha cultivar preservação e carinho.  
  
A imagem ilustra claramente a necessidade da encarnação e da reencarnação do espírito nos mundos inumeráveis da imensidade cósmica, de maneira a que se lhe apurem as qualidades e se lhe institua a responsabilidade na consciência.  
  
Dificuldades e lutas semelham materiais didáticos na escola ou andaimes na construção; amealhada a cultura ou levantado o edifício, desaparecem uns e outros.  
  
Abençoemos, pois, as disciplinas e as provas com que a Infinita Sabedoria nos acrisolam as forças, enrijando-nos o caráter.  
Ingenuidade é predicado encantador na personalidade, mas se o trabalho não a transfigura em tesouro de experiência, laboriosamente adquirido, não passará de flor preciosa a confundir-se no pó da terra, ao primeiro golpe de vento.  
  
EMMANUEL**

**09 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 238**

**XXXIX — JUSTIÇA, SOLIDARIEDADE, RESPONSABILIDADE  
Tanto no moral como no físico, tudo se encadeia e liga no Universo. Na ordem dos fatos, desde o mais simples ao mais complexo, tudo é regulado por uma lei; cada efeito se prende a uma causa e cada causa engendra um efeito que lhe é idêntico. Daí, no domínio moral, o princípio de justiça, a sanção do bem e do mal, a lei distributiva, que dá a cada um segundo as suas obras. Assim como as nuvens formadas pela vaporização solar se resolvem fatalmente em chuva, assim também as consequências dos atos praticados recaem inevitavelmente sobre seus autores.**

**Cada um desses atos, cada uma das volições do nosso pensamento, segundo a força que os impulsiona, executa sua evolução e volta com os seus efeitos, bons ou maus, para a fonte que os produziu. O mal, do mesmo modo que o bem, torna ao seu ponto de partida em razão da afinidade de sua substância. Há faltas que produzem seus efeitos mesmo no curso da vida terrena. Outras, mais graves, só fazem sentir suas consequências na vida espiritual e, muitas vezes até, nas encarnações ulteriores.  
  
A pena de talião nada tem de absoluto, mas não é menos verdade que as paixões e malefícios do ser humano produzem resultados, sempre idênticos, aos quais ele não pode subtrair-se. O orgulhoso prepara para si um futuro de humilhações, o egoísta cria o vácuo ou a indiferença, e duras privações esperam os sensuais. É a punição inevitável, o remédio eficaz que deve curar o mal em sua origem. Tal lei cumprlr-se-á por si própria, sem haver necessidade de alguém constituir-se algoz dos seus semelhantes.  
  
O arrependimento, em ardente apelo à misericórdia divina, pondo-nos em comunicação com as potências superiores, devem emprestar-nos a força necessária para percorrermos a via dolorosa, o caminho de provas delineado pelo nosso passado; porém, nada, a não ser a expiação, apagará as nossas faltas. Só o sofrimento, esse grande educador, poderá reabilitar-nos.  
  
A lei de justiça não é mais que o funcionamento da ordem moral universal, as penas e os castigos representam a reação da Natureza ultrajada e violentada em seus princípios eternos. As forças do Universo são solidárias, repercutem e vibram unissonamente. Toda potência moral reage sobre aquele que a infringir e proporcionalmente ao seu modo de ação. Deus não fere a pessoa alguma; apenas deixa ao tempo o cuidado de fazer dimanar os efeitos de suas causas. O homem é, portanto, o seu próprio juiz, porque, segundo o uso ou o abuso de sua liberdade, torna-se feliz ou desditoso.**

**Às vezes, o resultado de seus atos faz-se esperar. Vemos neste mundo criminosos calcarem sua consciência, zombarem das leis, viverem e morrerem cercados de respeito, ao mesmo tempo que pessoas honestas são perseguidas pela adversidade e pela calúnia! Daí, a necessidade das vidas futuras, em cujo percurso o princípio de justiça encontra a sua aplicação e onde o estado moral do ser encontra o seu equilíbrio. Sem esse complemento necessário, não haveria motivo para a existência atual, e quase todos os nossos atos ficariam sem punição.  
  
Realmente, a ignorância é o mal soberano donde procedem todos os outros. Se o homem visse distintamente a consequência do seu modo de proceder, sua conduta seria outra. Conhecendo a lei moral e sua aplicação inevitável, não mais tentaria transgredi-la, do mesmo modo que nada faz por opor-se à gravitação natural dos corpos ou a outra qualquer lei física.  
  
Essas idéias novas ainda mais fortalecem os laços que nos unem à grande família das almas. Encarnadas ou desencarnadas, todas as almas são irmãs. Geradas pela grande mãe, a Natureza, e por seu pai comum, que é Deus, elas perseguem destinos análogos, devendo-se todas um mútuo auxílio. Por vezes, protegidas e protetoras, coadjuvam-se na marcha do progresso, e, pelos serviços prestados, pelas provas passadas em comum, fazem desabrochar em si os sentimentos de fraternidade e de amor, que são uma das condições da vida superior, uma das modalidades da existência feliz.  
  
Os laços que nos prendem aos irmãos do espaço ligam-nos mais estreitamente ainda aos habitantes da Terra. Todos os homens, desde o mais selvagem até o mais civilizado, são Espíritos semelhantes pela origem e pelo fim que têm de atingir. Em seu conjunto, constituem uma sociedade, cujos membros são solidários e na qual cada um trabalhando pelo seu melhoramento particular participa do progresso e do bem geral.**

**A lei de justiça, não sendo mais que a resultante dos atos, o encadeamento dos efeitos e das causas, explica-nos por que tantos males afligem a Humanidade. A história da Terra é uma urdidura de homicídios e de iniquidade. Ora, todos esses séculos ensanguentados, todas essas existências de desordens reúnem-se na vida presente como afluentes no leito de um rio. Os Espíritos que compõem a sociedade atual nada mais são que homens de outrora, que vieram sofrer as consequências de suas vidas anteriores, com as res-ponsabilidades daí provenientes.**

**Formada de tais elementos, como poderia a Humanidade viver feliz? As gerações são solidárias através dos tempos; vapores de suas paixões envolvem-nas e seguem-nas até ficarem completamente purificadas. Essa consideração faz-nos sentir mais intensamente ainda a necessidade de melhorar o meio social, esclarecendo os nossos semelhantes sobre a causa dos males comuns e criando em torno de nós, por esforços coletivos, uma atmosfera mais sã e pura. Enfim, o homem deve aprender a medir o alcance de seus atos, a extensão de sua responsabilidade, a sacudir essa indiferença que fecunda as misérias sociais e envenena moralmente este planeta, onde talvez tenha de renascer muitas vezes.**

**É necessário que um influxo renovador se estenda sobre os povos e produza essas convicções onde se originam as vontades firmes e inabaláveis. É preciso também todos saberem que o império do mal não é eterno, que a justiça não é uma palavra vã, pois ela governa os mundos e, sob o seu nível poderoso, todas as almas se curvam na vida futura, todas as resistências e rebeliões se anulam.  
  
Da idéia superior de justiça dimanam, portanto, a igualdade, a solidariedade e a responsabilidade dos seres. Esses princípios unem-se e fundem-se em um todo, em uma lei única que domina e rege o Universo inteiro: o progresso na liberdade. Essa harmonia, essa coordenação poderosa das leis e das coisas não dará da vida e dos destinos humanos uma idéia maior e mais consoladora que as concepções niilistas ou do nada?**

**Nessa imensidade, onde tudo é regido por leis sábias e profundas, onde a equidade se mostra mesmo nos menores detalhes, onde nenhum ato útil fica sem proveito, nenhuma falta sem castigo, nenhum sofrimento sem compensação, o ser sente-se ligado a tudo que vive. Trabalhando para si e para todos, desenvolve livremente suas forças, vê aumentarem suas luzes e multiplicarem sua felicidade.  
  
Comparem-se essas perspectivas com as insípidas teorias materialistas, com esse universo horrível onde os seres se agitam, sofrem e passam, sem afeições, sem rumo, sem esperança, percorrendo vidas efêmeras, como pálidas sombras, saídas do nada, para sumirem-se na noite e no silêncio eterno. Digam qual dessas concepções oferece mais possibilidades de sustentar o homem em suas dores, de modificar seu caráter, e de arrastá-lo para os altos cimos!  
  
  
13 - Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis - pág. 172**

**23. EDUCAÇÃO   
CONCEITO: CONCEITO — A educação é base para a vida em comunidade, por meio de legítimos processos de aprendizagem que fomentam as motivações de crescimento e evolução do indivíduo. Não apenas um preparo para a vida, mediante a transferência de conhecimentos pelos métodos da aprendizagem. Antes é um processo de desenvolvimento de experiências, no qual educador e educando desdobram as aptidões inatas, aprimorando-as como recursos para a utilização consciente, nas múltiplas oportunidades da existência.  
  
Objetivada como intercâmbio de aprendizagens, merece considerá-la nas matérias, nos métodos e fins, quando se restringe à instrução. Não somente a formar hábitos e desenvolver o intelecto, deve dedicar-se a educação, mas, sobretudo, realizar um continuum permanente, em que as experiências por não cessarem se fixam ou se reformulam, tendo em conta as necessidades da convivência em sociedade e da auto-realização do educando.  
  
Os métodos na experiência educacional devem ser consentâneos às condições mentais e emocionais do aprendiz. Em vez de se lhe impingir, por meio do processo repetitivo, os conhecimentos adquiridos, o educador há de motivá-lo às próprias descobertas, com ele crescendo, de modo que a sua contribuição não seja o resultado do "pronto e concluído", processo que, segundo a experiência de alguns, "deu certo até aqui".  
  
Na aplicação dos métodos e escolha das matérias merece considerar as qualidades do educador, sejam de natureza intelectual ou emocional e psicológica, como de caráter afetivo ou sentimental. Os fins, sem dúvida, estão além das linhas da escolaridade. Erguem-se como permanente etapa a culminar na razão do crescimento do indivíduo, sempre além, até transcender-se na realidade espiritual do porvir. A criança não é um "adulto miniaturizado", nem uma "cera plástica", facilmente moldável.  
  
Trata-se de um espírito em recomeço, momentaneamente em esquecimento das realizações positivas e negativas que traz das vidas pretéritas, empenhado na conquista da felicidade. Redescobrindo o mundo e se reidentificando, tende a repetir atitudes e atividades familiares em que se comprazia antes, ou através das quais sucumbiu.  
  
Tendências, aptidões, percepções são lembranças evocadas inconscientemente, que renascem em forma de impressões atraentes, dominantes, assim como limitações, repulsas, frustrações, agressividade e psicoses constituem impositivos constritores ou restritivos — não poucas vezes dolorosos — de que se utilizam as Leis Divinas para corrigir e disciplinar o rebelde que, apesar da manifestação física em período infantil, é espírito relapso, mais de uma vez acumpliciado com o erro, a ele fortemente vinculado, em fracassos morais sucessivos.  
  
Ao educador, além do currículo a que se deve submeter, são indispensáveis os conhecimentos da psicologia infantil, das leis da reencarnação, alta compreensão afetiva junto aos problemas naturais do processo educativo e harmonia interior, valores esses capazes de auxiliar eficientemente a experiência educacional.  
  
As leis da reencarnação quando conhecidas, penetradas necessariamente e aplicadas, conseguem elucidar os mais intrincados enigmas que defronta o educador no processo educativo, isto porque, sem elucidação bastante ampla, nem sempre exitosas, hão redundado as mais avançadas técnicas e modernas experiências. A instrução é setor da educação, na qual os valores do intelecto encontram necessário cultivo.  
  
A educação, porém, abrange área muito grande, na quase totalidade da vida. No período de formação do homem é pedra fundamental, por isso que ao instituto da família compete a indeclinável tarefa, porquanto pela educação, e não pela instrução apenas, se dará a transformação do indivíduo e conseqüentemente da Humanidade.  
  
No lar assentam os alicerces legítimos da educação, que se trasladam para a escola que tem a finalidade de continuar aquele mister, de par com a contribuição intelectual, as experiências sociais... O lar constrói o homem. A escola forma o cidadão.  
  
DESENVOLVIMENTO — A escola tradicional fundamentada no rigor da transmissão dos conhecimentos elaborava métodos repetitivos de imposição, mediante o desgoverno da força, sem abrir oportunidades ao aprendiz de formular as próprias experiências, mediante o redescobrimento da vida e do mundo.  
  
O educador, utilizando-se da posição de semideus, fazia-se um simples repetidor das expressões culturais ancestrais, asfixiando as germinações dos interesses novos no educando e matando-as, como recalcando por imposição os sentimentos formosos e nobres, ao tempo em que assinalava irremediavelmente de forma negativa os que recomeçavam a vida física sob o abençoado impositivo da reencarnação. Expunha-se o conhecimento, impondo-o.  
  
Com a escola progressiva, porém, surgiu mais ampla visão, em torno da problemática da educação, e o educando passou a merecer o necessário respeito, de modo a desdobrar possibilidades próprias, fomentando intercâmbios experienciais a benefício de mais valiosa aprendizagem. Não mais a fixidez tradicional, porém os métodos móveis da oportunidade criativa.  
  
Atualizada através de experiências de liberdade exagerada — graças à técnica da enfática da própria liberdade —, vem pecando pela libertinagem que enseja, porquanto, em se fundamentando em filosofias materialistas, não percebe no educando um espírito em árdua luta de evolução, mas um corpo e uma mente novos a amarzenarem num cérebro em formação e desenvolvimento a herança cultural do passado e as aquisições do presente, com hora marcada para o aniquilamento, após a transposição do portal do túmulo...  
  
Nesse sentido, conturbadas e infelizes redundaram as tentativas mais modernas no campo educacional, produzindo larga e expressiva faixa de jovens desajustados, inquietos, indisciplinados, quais a multidão que ora desfila, com raras exceções, a um passo da alucinação e do suicídio.  
  
Inegavelmente, na educação a liberdade é primacial, porém com responsabilidade, a fim de que as conquistas se incorporem nos seus efeitos ao educando, que os ressarcirá quando negativos, como os fruirá em bem-estares quando positivos.  
  
Nesse sentido, nem agressão nem abandono ao educando. Nem severidade exagerada nem negligência contumaz. Antes, técnicas de amor, através de convivência digna, assistência fraternal e programa de experiências vívidas, atuantes, em tarefas dinâmicas.  
  
ESPIRITISMO E EDUCAÇÃO — Doutrina eminentemente racional, o Espiritismo dispõe de vigorosos recursos para a edificação do templo da educação, porquanto penetra nas raízes da vida, jornadeando com o espírito através dos tempos, de modo a elucidar recalques, neuroses, distonias que repontam desde os primeiros dias da conjuntura carnal, a se fixarem no carro somático para complexas provas ou expiações.  
  
Considerando os fatores preponderantes como os secundários que atuam e desorganizam os implementos físicos e psíquicos, equaciona como problemas obsessivos as conjunturas em que padecem os trânsfugas da responsabilidade, agora travestidos em roupagem nova, reencetando tarefas, repetindo experiências para a libertação.  
  
A educação encontra no Espiritismo respostas precisas para melhor compreensão do educando e maior eficiência do educador no labor produtivo de ensinar a viver, oferecendo os instrumentos do conhecimento e da serenidade, da cultura e da experiência aos reiniciantes do sublime caminho redentor, através dos quais os tornam homens voltados para Deus, o bem e o próximo.  
  
ESTUDO E MEDITAÇÃO:  
(...) A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as Inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação (...) (O Livro dos Espíritos,Allan Kardec, questão 917)**

**"Desde pequenina, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior. A estudá-los devem os pais aplicar-se. Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho (...)" - O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. XIV,9)  
  
14 - Evolução em dois Mundos - André Luiz - pág. 73, 155**

**Palavra e responsabilidade  
LINGUAGEM ANIMAL — Aperfeiçoando as engrenagens do cérebro, o princípio inteligente sentiu a necessidade de comunicação com os semelhantes e, para isso, a linguagem surgiu entre os animais, sob o patrocínio dos Gênios Veneráveis que nos presidem a existência.   
De início, o fonema e a mímica foram os processos indispensáveis ao intercâmbio de impressões ou para o serviço de defesa, como, por exemplo, o silvo de vários répteis, o coaxar dos batráquios, as manifestações sonoras das aves e o mimetismo de alguns insetos e vertebrados, a se modificarem subitamente de cor, preservando-se contra o perigo.  
  
Contudo, à medida que se lhe acentuava a evolução, a consciência fragmentária investia-se na posse de mais amplos recursos. O lobo grita pelos companheiros na sombra noturna, o gato encolerizado mostra fúria característica, miando raivosamente, o cavalo relincha de maneira particular, expressando alegria ou contrariedade, a galinha emite interjeições adequadas para anunciar a postura, acomodar a prole, alimentar os pintinhos ou rogar socorro quando assustada, e o cão é quase humano, em seus gestos de contentamento e em seus ganidos de dor.  
  
INTERVENÇÕES ESPIRITUAIS — É assim que, atingindo os alicerces da Humanidade, o corpo espiritual do homem prias, sob a assistência dos Instrutores do Espírito, recebendo intervenções sutis nos petrechos da fonação para que a palavra articulada pudesse assinalar novo ciclo de progresso.  
  
O laringe, situado acima da traquéia e adiante da faringe, consubstanciado num esqueleto cartilaginoso, urdido em fibras e ligamentos, com uma seleta de pequenos músculos, sofre, nas mãos sábias dos Condutores Espirituais, à maneira de um órgão precioso entre os dedos de cirurgiões exímios no serviço de plástica, delicadas operações no curso dos séculos, para que os músculos mencionados se façam simétricos e para que se vinculem, tão destros quanto possível, à produção fisiológica da voz.  
  
Em sua contextura interna aglutina-se uma mucosa ciliada que se destina ao trabalho de lançamento do som e que verte pelos estreitamentos, transformando-se em pavimentosa-estratificada na borda livre das cordas vocais verdadeiras.  
  
Fora da ação das cordas vocais, o laringe revela no pescoço movimentos de ascensão e descensão, elevando-se na expiração e na deglutição e baixando na inspiração, na sucção e no bocejar, salientando-se no corpo qual perfeito instrumento de efeitos musicais.  
  
MECANISMO DA PALAVRA — Com o extremo carinho de vagarosa confecção, os Técnicos da Espiritualidade Superior compõem a cartilagem situada em plano inferior, a cricóide, que representa um anel modificado da traquéia, sustentando uma placa na parte posterior, sobre a qual, no bordo superior e de ambos os lados da linha média, se apoiam as duas aritenóides, que se permitem, assim, a conjunção ou o afastamento entre si. Cada uma possui na base uma apófise: a interna, vocal, em que está inserida a parte posterior da corda vocal verdadeira do mesmo lado, e a outra, que é externa, muscular.**

**Com a mesma habilidade, os Técnicos tecem a cartilagem localizada na região anterior ou cartilagem üreóide, a destacar-se sob a pele no chamado Pomo-de-Adão, em suas lâminas verticais que se conjugam na linha mediana, traçando um ângulo diedro que se volta para a retaguarda e onde se fixam as cordas vocais verdadeiras, cartilagem essa que, por baixo, se une com o anel da cricóide, e, por cima, com o osso hióide, através de membranas e ligamentos, o qual fornece apoio para a implantação do laringe.  
  
Acima das cordas vocais verdadeiras, surgem as cordas vocais falsas a limitarem com a parede os ventrículos laterais de Morgagni. Todos os músculos que garantem o movimento das cordas são pares, exceto o ari-aritenóideo, assegurando as funções da glote vocal e formando, com avançado primor de previsão e eficiência, a abóbada de precioso condicionamento, onde a pressão do ar pode fazer-se com segurança para separar as cordas vocais em serviço.  
  
LINGUAGEM CONVENCIONAL — Aprende então o homem, com o amparo dos Sábios Tutores que o inspiram, a constituição mecânica das palavras, provindo da mente a força com que aciona os implementos da voz, gerando vibrações nos músculos torácicos, incluindo os pulmões e a traquéia como num fole, e fazendo ressoar o som no laringe e na boca, que exprimem também cavidades supraglótícas, para a criação, enfim, da linguagem convencional, com que reforça a linguagem mímica e primitiva, por ele adquirida na longa viagem através do reino animal.  
  
A esse modo natural de exprimir-se por gestos e atitudes silenciosos, em que derrama as suas forças acumuladas de afetividade e satisfação, desagrado ou rancor, em descargas fluídico-eletromagnéticas de natureza construtiva ou destrutiva, superpõe a criatura humana os valores do verbo articulado, com que acrisola as manifestações mais íntimas, habilitando-se a recolher, por intermédio de sinalética especial na escala dos sons, a experiência dos irmãos que caminham na vanguarda e aprendendo a educar-se para merecer esse tipo de assistência que lhe outorgará o estado de alegria maior, ante as perspectivas da cultura com que a vida lhe responde às indagações.  
  
PENSAMENTO CONTÍNUO — Com o exercício incessante e fácil da palavra, a energia mental do homem primitivo encontra insopitável desenvolvimento, por adquirir gradativamente a mobilidade e a elasticidade imprescindíveis à expansão do pensamento que, então paulatinamente, se dilata, estabelecendo no mundo tribal todo um oceano de energia sutil, em que as consciências encarnadas e desencarnadas se refletem, sem dificuldade, umas às outras.  
  
Valendo-se dessa instituição de permuta constante, as Inteligências Divinas dosam os recursos da influência e da sugestão e convidam o Espírito terrestre ao justo despertamento na responsabilidade com que lhe cabe conduzir apropria jornada... Pela compreensão progressiva entre as criaturas, por intermédio da palavra que assegura o pronto intercâmbio, fundamenta-se no cérebro o pensamento contínuo e, por semelhante maravilha da alma, as idéias-relâmpagos ou as idéias-fragmentos da crisálida de consciência, no reino animal, se transformam em conceitos e inquirições, traduzindo desejos e idéias de alentada substância íntima.  
  
Começando a fixar o pensamento em si mesmo, fatigando-se para concatená-lo e exprimi-lo, confiou-se o homem a novo tipo de repouso — a meditação compulsória, ante os problemas da própria vida —, passando a exteriorizar, inconscientemente, as próprias idéias e, com isso, a desprender-se do carro denso de carne, desligando as células de seu corpo espiritual das células físicas, durante o sono comum, para receber, em atitude passiva ou de curta movimentação, junto do próprio corpo adormecido, a visita dos Benfeitores Espirituais que o instruem sobre as questões morais. O continuísmo da idéia consciente acende a luz da memória sobre o pedestal do automatismo.  
  
LUTA EVOLUTIVA — Entre a alma que pergunta, a existência que se expande, a ansiedade que se agrava e o Espírito que responde ao Espírito, no campo da intuição pura, esboça-se imensa luta.  
  
O homem que lascava a pedra e que se escondia na furna, escravizando os elementos com a violência da fera e matando indiscriminadamente para viver, instado pelos Instrutores Amigos que lhe amparam a senda, passou a indagar sobre a causa das coisas...**

**Constrangido a aceitar os princípios de renovação e progresso, refugia-se no amor-egoísmo, na intimidade da prole, que lhe entretém o campo íntimo, ajudando-o a pensar.  
  
Observa-se tocado por estranha metamorfose. Vê, instintivamente, que não mais se poderia guiar pela excitabilidade dos seus tecidos orgânicos ou pelos apetites furiosos herdados dos animais...  
  
Desligado lentamente dos laços mais fortes que o prendiam às Inteligências Divinas, a lhe tutelarem o desenvolvimento, para que se lhe afirmem as diretrizes próprias, sente-se sozinho, esmagado pela grandeza do Universo. A idéia moral da vida começa a ocupar-lhe o crânio.  
  
O Sol propicia-lhe a concepção de um Criador, oculto no seio invisível da Natureza, e a noite povoa-lhe a alma de visões nebulosas e pesadelos imaginários, dando-lhe a idéia do combate incessante em que a treva e a luz se digladiam. Abraça os filhinhos com enternecimento feroz, buscando a solidariedade possível dos semelhantes na selva que o desafia.  
  
Mentaliza a constituição da família e padece na defesa do lar. Os porquês a lhe nascerem fragmentários, no íntimo, insuflam-lhe aflição e temor.  
  
Percebe que não mais pode obedecer cegamente aos impulsos da Natureza, ao modo dos animais que lhe comungam a paisagem, mas sim que lhe cabe agora o dever de superar-lhes os mecanismos, como quem vê no mundo em que vive a própria moradia, cuja ordem lhe requisita apoio e cooperação.  
  
NASCIMENTO DA RESPONSABILIDADE — A idéia de Deus iniciando a religião, a indagação prenunciando a Filosofia, a experimentação anunciando a Ciência, o instinto de solidariedade prefigurando o amor puro, e a sede de conforto e beleza inspirando o nascimento das indústrias e das artes, eram pensamentos nebulosos torturando-lhe a cabeça e inflamando-lhe o sentimento.  
  
Nesse concerto de forças, a morte passou a impor-lhe angustiosas perquirições e, enterrando os seus entes amados em sepulcros de pedra, o homem rude, a iniciar-se na evolução de natureza moral, perdido na desértica vastidão do paleolítico, aprendeu a chorar, amando e perguntando para ajustar-se às Leis Divinas a se lhe esculpirem na face imortal e invisível da própria consciência.  
  
Foi, então, que, em se reconhecendo ínfimo e frágil diante da vida, compreendeu que, perante Deus, seu Criador e seu Pai, estava entregue a si mesmo. O princípio da responsabilidade havia nascido.  
Pedro Leopoldo, 16-2-58.  
  
  
15 - Fonte viva - Emmanuel - pág. 387**

**174. MÃOS ESTENDIDAS  
"Estende a tua mão. E ele a estendeu e foi-lhe restituída a sua mão, sã como a outra."- (Marcos, 3:5)  
Em todas as casas de fé religiosa, há crentes de mãos estendidas, suplicando socorro... Almas aflitas revelam ansiedade, fraqueza, desesperança e enfermidades do coração.**

**Não seremos todos nós, encarnados e desencarnados, que algo rogamos à Providência Divina, semelhantes ao homem que trazia a mão seca? Presos ao labirinto por nós mesmos, eis-nos a reclamar o auxílio do Divino Mestre... Entretanto, convém ponderar a nossa atitude.**

**É justo pedir e ninguém poderá cercear quaisquer manifestações da humildade, do arrependimento, da intercessão. Mas é indispensável examinar o modo de receber. Muita gente aguarda a resposta materializadade Jesus.**

**Esse espera o dinheiro, aquele conta com a evidência social de improviso, aquele outro exige a imediata transformação das circunstâncias no caminho terrestre... Observemos, todavia, o socorro do Mestre ao paralítico.**

**Jesus determina que ele estenda a mão mirada e, estendida essa, não lhe confere bolsas de ouro nem fichas de privilégio. Cura-a. Devolve-lhe oportunidade de serviço.**

**A mão recuperada naquele instante permanece tão vazia quanto antes. É que Cristo restituía-lhe o ensejo bendito de trabalhar, conquistando sagradas realizações por si mesmo; recambiava-o às lides redentoras do bem, nas quais lhe cabia edificar-se e engrandecer-se.**

**A lição é expressiva para todos os tempos da comunidade cristã. Quando estenderes tuas mãos ao Senhor, não esperes facilidades, ouro, prerrogativas.. Aprende a receber-lhe a assistência, porque o Divino Amor te restaurará as energias, mas não te proporcionará qualquer fuga às realizações do teu próprio esforço.**

**19 - Pão Nosso - Emmanuel - pág. 17**

**3. O ARADO  
"E Jesus lhe disse: Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus." - (Lucas, 9:62)  
Aqui, vemos Jesus utilizar na edificação do Reino Divino um dos mais belos símbolos. Efetivamente, se desejasse, o Mestre criaria outras imagens. Poderia reportar-se às leis do mundo, aos deveres sociais, aos textos da profecia, mas prefere fixar o ensinamento em bases mais simples.**

**O arado é aparelho de todos os tempos. É pesado, demanda esforço de colaboração entre o homem e a máquina, provoca suor e cuidado e, sobretudo, fere a terra para que produza. Constrói o berço das sementeiras e, à sua passagem, o terreno cede para que a chuva, o sol e os adubos sejam convenientemente aproveitados.**

**É necessário, pois, que o discípulo sincero tome lições com o Divino Cultivador, abraçando-se ao arado da responsabilidade, na luta edificante, sem dele retirar as mãos, de modo a evitar prejuízos graves à "terra de si mesmo".**

**Meditemos nas oportunidades perdidas, nas chuvas de misericórdia que caíram sobre nós e que se foram sem qualquer aproveitamento para nosso espírito, no sol de amor que nos vem vivificando há muitos milênios, nos adubos preciosos que temos recusado, por preferirmos a ociosidade e a indiferença.**

**Examinemos tudo isto e reflitamos no símbolo de Jesus. Um arado promete serviço, disciplina, aflição e cansaço; no entanto, não se deve esquecer que, depois dele, chegam semeaduras e colheitas, pães no prato e celeiros guarnecidos.**

**22 - Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 85**

**RESPONSABILIDADE E DESTINO  
Reunião pública de 15.5.59 - Questão n° 470  
O Criador, que estabelece o bem de todos como lei para todas as criaturas, não cria Espírito algum para o exercício do mal. A criatura, porém, na Terra ou fora da Terra, segundo o princípio de responsabilidade, ao transviar-se do bem, gera o mal por fecundação passageira de ignorância que ela mesma, atendendo aos ditames da consciência, extirpará do próprio caminho, em tantas existências de abençoada reparação, quantas se fizerem indispensáveis.  
  
Deus concede ao homem os agentes da nitroglicerina e da areia e inspira-lhe a formação da dinamite, por substância explosiva capaz de auxiliá-lo na construção de estradas e moradias, mas o artífice do progresso, quase sempre, abusa do privilégio para arrasar ou ferir, adquirindo dívidas clamorosas em sementeiras de ódio e destruição; empresta-lhe a morfina por alcalóide beneficente, a fim de acalmar-lhe a dor.**

**Entretanto, enfermo amparado, em muitas ocasiões escarnece do socorro divino, transformando-o em corrosivo entorpecente das próprias forças, com que prejudica as funções de seu corpo espiritual em largas faixas de tempo; galardoa-o com o ferro, por elemento químico flexível e tenaz, de modo a ajudá-lo na indústria e na arte, todavia, o servo da experiência, em muitas circunstâncias, converte-o no instrumento da morte, a desajustar-se em compromissos escusos, que lhe reclamam agonia e suor, em séculos numerosos.**

**Dá-lhe o ouro por metal nobre, suscetível de enriquecer-lhe o trabalho e desenvolver-lhe a cultura, mas o mordomo da posse nele talha, frequentemente, o grilhão de sovinice e miséria em que se amesquinha a si mesmo; e confere-lhe a onda radiofônica para os serviços da verdadeira fraternidade entre os povos, mas o orientador do intercâmbio, por vezes, nela transmite notas macabras, em que promove o aniquilamento de populações indefesas, agravando-se em débitos aflitivos para o futuro.  
  
É assim que o Supremo Senhor nos cede os dons inefáveis da vida, como sejam as bênçãos do corpo e da alma e os tesouros do amor e da inteligência. Do uso feliz ou infeliz de semelhantes talentos, resultam para nós vitória ou derrota, felicidade ou infortúnio, saúde ou moléstia, harmonia ou desequilíbrio, avanço ou retardamento nos caminhos da evolução.  
  
Examina, pois, a ti mesmo e encontrarás a extensão e a natureza de tua dívida, pela prova que te procura ou pela tentação que padeces, porque o bem verte, puro, de Deus, enquanto que o mal é obra que nos pertence — transitório fantasma de rebeldia e ilusão que criamos, ante as leis do destino, por conta própria.**

**23 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. MIRANDA**

**1 - DESTINO E RESPONSABILIDADE**

**O primeiro e mais imediato efeito da fé que assenta sobre as bases da razão é a consciência da responsabilidade.**

**Não tendo o homem senão uma visão estreita da vida, limitada aos curtos horizontes da existência terrena, as suas aspirações tornam-se de breve período e pequena extensão, tendo em vista o término que se anuncia ante o advento da morte.**

**Pelo contrário, considerando o corpo como sendo uma veste de rápida duração e elaborado para a sua finalidade transitória, embora fundamental ao progresso da alma, dilatam-se as ambições e transferem-se para o futuro, através de um fenômeno natural, sem acomodação ao conformismo, as metas que não podem, de imediato, ser alcançadas.**

**Os estímulos para a luta fazem-se mais poderosos e as realizações constituem vitórias logradas no dia-a-dia da existência corporal. Por outro lado, os sofrimentos perdem a aparência primitiva e revelam-se como desafios que são colocados ao longo do caminho do progresso, com a finalidade de promover o indivíduo e facultar-lhe a aquisição de valores que, sem esses testes e imposições, permaneceriam adormecidos.**

**Semeador diligente e responsável, o homem ciente dos seus deveres não tem pressa, tampouco retarda a marcha, porquanto sabe que há época para preparar o solo, ensementá-lo, cuidar das débeis plântulas até que elas respondam corretamente através do fatalismo que lhes jaz inato. Não tem, desse modo, a presunçosa preocupação de colher em solo não semeado, assim como não pretende resultados antes do tempo adequado. Cada ação se dá no seu momento próprio.**

**O que antes se lhe afigurava enigma ou injustiça, cede lugar a uma ordem natural, com O conhecimento da qual tudo se aclara e revela.**

**A criança frágil e macerada, enferma e mutilada no corpo ou na mente, não foi criada, como ser algum, no momento do seu nascimento, nem ali se encontra para punir os genitores ou ancestrais mais recuados, cuja conduta arbitrária ou equívoca ensejasse a rude expiação. Pelo contrário, carpe o próprio ser os seus desatinos que foram transferidos de uma para outra existência corporal, qual ocorre com o aluno rebelde e incapaz, que a beneficio dele mesmo como da sociedade, no educandário, ao invés de ser promovido, o que seria uma injustiça, é conservado na mesma classe para revisar os assuntos não assimilados e aprender o que lhe permite a ascensão a outro nível.**

**Cumprido o áspero período de recuperação e reparação dos erros, aquele ser prisioneiro na dor se liberta e volve à sua individualidade, que reúne todas as suas conquistas prosseguindo em novas etapas de progresso sem o sinete da aflição ou o limite expiatório.**

**No intervalo entre uma e outra reencarnação, reintegrado nos seus valores intelecto-morais, mantém como pondência mediúnica com os afetos que permanecem no corpo, animando-os e impulsionando-os ao progresso, mediante o qual volverão mais tarde a reunir-se, felizes, em grupos familiares ou fraternais.**

**Recuperando a lucidez após a morte do corpo físico, compreende a necessidade da provação anterior a que foi submetido, bem como as razões que ligaram os seus pais ao quadro de dor, podendo explicar-lhes tais sucessos e armá-los de valor para procedimentos futuros.**

**A ignorância, a falta de discernimento, as limitações são corporais, logo superadas após a libertação do cárcere orgânico no qual esteve por breve ou largo período para a redenção educativa.**

**Pais e filhos crucificados nas traves invisíveis das enfermidades físicas, psíquicas ou morais são comparsas dos mesmos delitos, novamente reunidos para a renovação de propósitos, através do ressarcimento dos débitos que ficaram após a morte anterior e que não foram saldados.**

**As leis fomentadoras do progresso reúnem os incursos nos mesmos códigos da Justiça e os trazem aos sítios onde delinqüiram, de modo que, juntos outra vez, recomponham a paisagem moral danificada, soerguendo os que ficaram vitimados pela sua tirania ou insensibilidade.**

**Seria um absurdo, se fosse diferente o comportamento da Divina Sabedoria, brindando a esses seres infelizes da Terra com os desajustes nos quais se estorcegam, não houvesse para eles uma causa anterior ou se lhes concedesse após a morte o paraíso para cuja conquista nada fizeram, tendo-se em vista a impossibilidade em que se encontram para realizá-lo. Deixá-los à própria sorte em qualquer lugar de dor eterna, após tanto sofrimento, constituiria, da mesma forma, aberração maior.**

**Não se depurasse o criminoso através da reencarnação, e permaneceriam nele as marcas ultrizes dos seus desvarios, resultado da sua imperfeição espiritual, que as experiências sucessivas no corpo logram aprimorar, libertando-o da inferioridade.**

**Assim, as inteligências que se compraziam na luxuria e na tirania retornam nas patologias da idiotia, assim como os suicidas que esfacelaram o crânio, esmigalhando o cérebro, volvem nas expressões da excepcionalidade, do mongolismo, da hidrocefalia, vinculados àqueles que, de alguma forma, se fizeram comparsas da delinqüência a que se entregaram.**

**Os quadros complexos das enfermidades que dilaceram os homens restauram-lhes a dignidade perdida e despertam-nos para a valorização dos recursos da vida, que são malbaratados quase sempre com leviandade e prepotência, revolta e presunção, que o egoísmo comanda, soberano.**

**Às vezes, ficam surpresas muitas pessoas que são aquinhoadas com mensagens afetuosas dos filhos de tenra idade, já desencarnados, de doentes e limitados mentais, como de analfabetos, que ora se expressam com fluidez e correção, preocupados em identificar-se e auxiliar os familiares e amigos que permaneceram na Terra.**

**Guarde-se na mente que tais dificuldades e prejuízo: pertencem ao corpo, impostos pelo Espírito necessitado de expiar e de reparar faltas, jamais do ser eterno que após a recuperação moral, assume o controle dos seus triunfos e pode expressar-se sem os impositivos constritores do processo de reeducação a que esteve submetido.**

**Ciente dessa realidade lógica e normal, a responsabilidade assume o comando dos atos atuais do homem, os resultados do seu empreendimento, em face das realizações que se permite.**

**Não se trata de uma utopia, senão do prosseguimento das atividades que a morte não interrompe, da mesma forma que os planos acalentados antes do berço, após este se desdobram em operações de grave significado para a vida e que vão tomando corpo, à medida que as oportuniidades e os meios se apresentam.**

**Essa visão responsável da vida confere ao sofrimento o valor que tem: concitar o Espírito endividado ao resgate ou estimulá-lo à conquista de novos títulos de enobrecimento de que necessita para ser feliz.**

**Não entendendo a linguagem silenciosa, embora operante, do amor e da beleza, em toda parte presentes, o homem não se pode furtar à reflexão, ao exame, quando colhido pela dor ou recambiado ao leito pela provação, ou impedido de seguir conforme lhe apraz, através da expiação que surge, no momento e que menos espera, como a cegueira repentina, a paralisia progressiva sem aparente causa lógica, a hemiplegia ou a paraplegia, a incapacidade para o matrimônio, a reviravolta econômica, que o leva à escassez de recursos, ou os dramas morais, os tormentos emocionais e psíquicos que estrugem de um para outro momento, alterando completamente a programação estabelecida ou o curso dos acontecimentos agradáveis no qual se encontrava.**

**Em tudo, porem, se apresenta a providencial sabedoria de Deus demonstrando a fugacidade da organização física ante a perenidade da vida em si mesma.**

**A fé, racionalmente adquirida, responsabilizando o homem, é farol que lhe ilumina o passo em qualquer circunstância, apontando-lhe o rumo seguro por onde segue.**

**2 - MEDO E RESPONSABILIDADE**

**O medo é agente de males diversos, que dizimam vidas e deformam caracteres, alucinando uns, neurotizando outros, gerando insegurança e timidez ou levando a atos de violência irracional.**

**Originário no Espírito enfermo, pode ser examinado como decorrência de três causas fundamentais:**

**a) conflitos herdados da existência passada, quando os atos reprováveis e criminosos desencadearam sentimentos de culpa e arrependimento que não se consubstanciaram em ações reparadoras;**

**b) sofrimentos vigorosos que foram vivenciados no além-túmulo, quando as vítimas que ressurgiram da morte açodaram as consciências culpadas, levando-as a martírios inomináveis, ou quando se arrojaram contra quem as infelicitou, em cobranças implacáveis;**

**c) desequilíbrio da educação na infância atual, com o desrespeito dos genitores e familiares pela personalidade em formação, criando fantasmas e fomentando o temor, em virtude da indiferença pessoal no trato doméstico ou da agressividade adotada.**

**Em qualquer dos processos referidos, nos quais se origina o medo, este é uma reminiscência que toma corpo na mente e assoma, dominador, culminando por prevalecer ante qualquer decisão ou empenho de quem lhe experimenta a injunção.**

**Remanescente da encarnação passada, libera os clichês arquivados no inconsciente profundo, estabelecendo alienações auto-obsessivas, em mecanismo punitivo, de que o ser sente necessidade como forma de minorar os efeitos danosos dos atos irresponsáveis e arbitrários praticados.**

**Não obstante, tal mecanismo de redenção em nada libera o culpado, embora o leve a dores e angústias inomináveis, porque destituído do caráter recuperador dos prejuudicados ou de reparação dos delitos perpetrados.**

**Se procedente das experiências sofridas fora do corpo, quando na Erraticidade inferior, as recordações pavorosas criam condicionamentos viciosos que atemorizam, fixando-as mais, e, ao mesmo tempo, produzindo instabilidade em relação a quaisquer programas de ação, que se apresentam como áreas perigosas, para a mente em desconcerto, impedindo o rompimento da cortina invisível que se lhe faz obstáculo.**

**Nascente, na vida atual, em face da família castradora e rude, é ainda o Espírito endividado constrangido a recomeçar a vilegiatura evolutiva, no meio social de que necesssita, a fim de desenvolver os valores da submissão, da autodisciplina e da humildade, lamentavelmente transformados em medo.**

**O medo torna o homem irresponsável, fraco e pusilâmine.**

**Provação de grave resultado é instrumento para edificação interior por parte da consciência comprometida.**

**O medo é tão cruel que, diante de enfermidades irreversíveis e problemas graves de alto porte, induz a sua vítima à morte pelo suicídio, numa forma extravagante de expressar o medo de morrer sob sofrimento demorado desse modo gerando mais rudes aflições a se estenderem por tempo indeterminado.**

**Cultivado, torna-se fator asfixiante que responde por terríveis prejuízos morais, sociais, mentais e humanos.**

**É muito complexa a sua órbita de atuação.**

**Alguns heróis lograram sucessos nos seus empreendimentos, sofrendo-lhe o impulso, enquanto traidores e desertores não lhe puderam resistir à indução.**

**Na raiz de muitos males encontramo-lo presente. Indispensável combatê-lo com urgência, assim seja notada a sua presença mórbida.**

**Iniciando por pequenos tentames de atividade relevante, a vítima do medo reconstrói-se interiormente, adquirindo confiança que a encoraja a experiências mais expressivas, portanto, mais difíceis.**

**Passando, de imediato, a assumir responsabilidade diante dos deveres e atuando com persistência, adquire segurança íntima que a leva a resgatar os seus atentados contra a Consciência Cósmica.**

**Se fracassa numa empresa, não se intimida, pois compreende que o insucesso é exercício para futuros êxitos e que ninguém é tão perfeito e hábil que não experimente um que outro problema equivalente.**

**O novo hábito de desincumbir-se das tarefas nobres cria condicionamentos positivos que se vão incorporando ao modus operandi até fazer-se automatismo na área das realizações.**

**O medo recua, na razão direta em que a disposição de atuar se faz mais forte, da mesma maneira que o inverso é verdadeiro.**

**Herança moral jacente no Espírito, a este compete o dever de considerar frontalmente a questão e empenhar-se por vencê-lo.**

**O instinto de conservação da vida induz, muitas vezes, o homem ao medo racional, compreensível, que assuume o comportamento de cuidado, evitando a precipitação, a imprevidência.**

**Extrapolando, porém, tal condição normal e natural, é gerador de vários distúrbios e conflitos que se instalam e revelam na conduta.**

**Transfere-se de uma vida para outra esse adversário do progresso humano, permanecendo até quando a firme decisão de elevar-se e ser feliz propele o Espírito à luta sem quartel para superá-lo.**

**A "parábola dos talentos", narrada por Jesus, confirma a nossa assertiva, quando um dos detentores dos recursos, ao invés de os aplicar, por medo enterrou-os, não logrando multiplicá-los, como sucedeu com os demais, recebendo, em conseqüência, o reproche do amo, que os tomou e os ofereceu a quem houvera feito aplicação com proveito e destemor.**

**A consciência da responsabilidade é o antídoto para o medo, do que se infere que o desejo de agir, para recuperar-se, comanda a vontade e desarticula as engrenagens maléficas que o desequilíbrio fomentou.**

**O medo deve ser combatido com todos os valiosos recursos ao alcance, desde a oração à ação feliz.**

|  |
| --- |
| REENCARNAÇÃO |

**1 - REENCARNAÇÃO:**

**01 - REENCARNAÇÃO - DÁDIVA DE DEUS - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P.DE MIRANDA**

**Como é compreensível, a planificação para reencarnações é quase infinita, obedecendo a critérios que decorrem das conquistas morais ou dos prejuízos ocasionais de cada candidato.**

**Na generalidade, existem estabelecidos automatismos que funcionam sem maiores preocupações por parte dos técnicos em renascimento , e pelos quais a grande maioria de Espíritos retorna à carne, assinalados pelas próprias injunções evolutivas.**

**Ao lado desse extraordinário automatismo das leis da reencarnação, há programas e labores especializados para atender finalidades específicas, na execução de tarefas relevantes e realizações enobrecedoras, que exigem largo esforço dos Mentores encarregados de promover e ajudar os seus pupilos, no rumo do progresso e da redenção.**

**Sem nos desejarmos deter em pormenores dos casos especiais, referentes aos missionários do Amor e aos abnegados cultores da Ciência e da Arte, os candidatos em nível médio de evolução, antes de serem encaminhados às experiências terrenas, requerem a oportunidade, empenhando os melhores propósitos e apresentando os recursos que esperam utilizar, a fim de granjearem a bênção do recomeço, na bendita escola humana ...**

**Examinados por hábeis e dedicados programadores, que recorrem a técnicas mui especiais de avaliação das possibilidades apresentadas, são submetidos a demorados treinamentos, de acordo com o serviço a empreender, com vistas ao bem-estar da Humanidade, após o que são selecionados os melhores, diminuindo, com esse expediente, a margem de insucesso. Os que não são aceitos, voltam a cursos de especialização para outras atividades, especialmente de equilíbrio, com que se armam de forças para vencer as más inclinações defluentes das existências anteriores que se malograram, bem como para a aquisição de valiosas habilidades que lhes repontarão, futuramente, no corpo, como tendências e aptidões.**

**Concomitantemente, de acordo com a ficha pessoal que identifica o candidato, é feita a pesquisa sobre aqueles que lhe podem oferecer guarida, dentro dos mapas cármicos, providenciando-se necessários encontros ou reencontros na esfera dos sonhos, se os futuros genitores já estão no veículo físico, ou diretamente, quando se trata de um plano elaborado com grande antecedência, no qual os membros do futuro clã convivem, primeiro, na Erraticidade, donde partem já com a família adrede estabelecida ...**

**Executada a etapa de avaliação das possibilidades e a aproximação com a necessária anuência dos futuros pais, são meticulosamente estudados os mapas genéticos de modo a facultarem, no corpo, a ocorrência das manifestações físicas como psíquicas, de saúde e doença, normalidade ou idiotia, lucidez e inteligência, memória e harmonia emocional, duração do cometimento corporal e predisposições para prolongamento ou antecipação da viagem de retorno, ensejando, assim, probabilidades dentro do comportamento de cada aluno à aprendizagem terrena ...**

**Fenômenos do determinismo são estabelecidos com margem a alternâncias decorrentes do uso do livre-arbítrio, de modo a permitir uma ampla faixa de movimentação com certa independência emocional em torno do destino, embora sob controles que funcionam automaticamente, em consonância com as leis do equilíbrio geral.**

**São travados debates entre o futuro reencarnante e os seus fiadores espirituais, com a exposição das dificuldades a enfrentar e dos problemas a vencer, nascendo e se desdobrando a euforia e a esperança em relação ao futuro.**

**Em clima de prece, entre promessas de luta e coragem, sob o apoio de abnegados Instrutores, o Espírito mergulha no oceano compacto da psicosfera terrena e se vincula à célula fecundada, dando início a novo compromisso.**

**Os que o amam, na Espiritualidade, ficam expectantes e interessados pelos acontecimentos, preocupados pelos sucessos que se darão, e buscando interceder nas horas graves, auxiliando nos momentos mais difíceis, encorajando sempre ...**

**A reencarnação, porém, que leva a parcial esquecimento das responsabilidades, em razão da imantação celular que se faz, é sempre cometimento de grande porte e alta gravidade.**

**Conseguido o êxito do renascimento, continua o intercâmbio, durante a primeira infância, com os Amigos da retaguarda espiritual e, à medida que o corpo absorve o Espírito ou este se assenhoreia daquele, vão-se apagando as lembranças mais próximas enquanto ressumam as fixações mais fortemente vivas no ser, dando nascimento às tendências e paixões que a educação e a disciplina moral devem corrigir a benefício do educando.**

**Nunca cessam, em momento algum, os socorros inspirativos que procedem da esfera espiritual, em contínuas tentativas pelo aproveitamento integral do valioso investimento a que o Espírito se propôs.**

**O retorno é feito, quase sempre, com altos índices de fracasso, com agravamento de responsabilidades; de insucesso, em decorrência da invigilância e da indolência, dando margem à amargura e à perturbação; de perda do tentame, graças à fatuidade e aos graves comprometimentos do pretérito, de que não se conseguiram libertar. ..**

**Pode-se compreender a preocupação afetuosa dos Benfeitores Espirituais que acompanham os seus pupilos, à medida que estes se afastam da sua influência benéfica e se transferem espontaneamente de área vibratória, entregando-se aos envolvimentos perniciosos e destrutivos.**

**Instam, esses nobres cooperadores do bem, para que os seus protegidos retornem ao roteiro traçado, usando de mil recursos sutis, ou de interferências mais vigorosas, tais como as enfermidades inesperadas, os acidentes imprevistos, as dificuldades econômicas, a carência afetiva, de modo a despertarem do anestésico da ilusão os que se enovelaram nos fios da leviandade ou se intoxicaram pelo bafio do orgulho, do egoísmo, da cólera .**

**Outras vezes, recorrem a outros amigos e benfeitores, a favores da vida e a ajudas que lhes facilitem a marcha, perseverando até quando, rechaçados, ficam a distância, aguardando ..**

**A reencarnação é o maior investimento da vida ao Espírito em processo evolutivo, o qual, sem ela, padeceria a hipertrofia de valores intelecto-morais, pela falta do ensejo da convivência com aqueles que se lhe vinculam pelo amor santificado, pelo amor asselvajado das paixões dissolventes, ou pelo amor enlouquecido no ódio, na violência, na perseguição .**

**A conjuntura carnal constitui valiosa aprendizagem para a fixação dos recursos mais elevados do bem e do progresso na escalada inevitável da evolução.**

**Sem dúvida, o parcial olvido dos compromissos assumidos responde por alguns fatores do insucesso, mas, ao mesmo tempo, isto constitui a mais expressiva concessão do amor do Pai, evitando que se compliquem os fenômenos da animosidade e do ressentimento, das mágoas e das preferências exclusivistas, que tenderiam a reunir os afins nos gostos e afetos, produzindo um clima de desprezo e agressão contra aqueles que se lhes opusessem.**

**Como jamais retrograda o Espírito, no seu processo evolutivo, os insucessos não atingem as conquistas, que permanecem, agravando, isto sim, o programa de responsabilidades de que se desobrigará, quando falharem as provações remissoras, mediante as expiações redentoras que serão utilizadas como terapêutica final.**

**Todas as conquistas da inteligência - e sempre são logradas novas etapas, nesse campo, em cada reencarnação - permanecem, embora as aquisições morais, mais lentas, porém mais importantes, somente através de sacrifício e renúncia, de amor e devotamento conseguem ser alcançadas.**

**Com as luzes projetadas pelo Espiritismo, na atualidaade, o empreendimento da reencarnação adquire hoje mais amplo entendimento pelos homens, que reconhecem a sua procedência espiritual, identificando-a e, por sua vez, preparando-se para o retorno à vida que estua e nela se encontra, inevitavelmente, seja no corpo ou fora dele.**

**2 - REMINISCÊNCIAS E CONFLITOS PSICOLÓGICOS**

**O processo da reencarnação está a exigir estudos acurados por embriogenistas, biólogos e psicólogos, de modo a poderem penetrar nos seus meandros, que lhes permanecem ignorados, o que dá margem, nessas áreas de estudo, quando diante de determinados acontecimentos, a opiniões sem fundamentação, porque destituídas do conhecimento das causas, cujos efeitos contemplam.**

**Iniciando-se, no momento da fecundação, alonga-se o processo reencarnatório até a adolescência do ser, quando, a pouco e pouco, atinge a plenitude.**

**As impressões mais fortes das experiências passadas fixam -se no corpo em formação, através de deficiências físicas ou psíquicas, saúde e inteligência, de acordo com o tipo de comportamento que caracteriza o estado evolutivo do Espírito.**

**Estabelecidos os programas cármicos referentes às necessidades de cada ser, outros fatores contribuem, durante a gestação e o parto, para ulteriores fenômenos psicológicos no reencarnante. (NOTA: Consultado o Espírito Manoel P. de Miranda, este esclareceu, por intermédio de Divaldo Franco, que mesmo terminado aos 7 anos o processo reencarnatório, este se vai fixando, lentamente, até o momento da transformação da glândula pineal, na sua condição de veladora do sexo).**

**Graças à simpatia ou animosidade que o vinculam aos futuros genitores, estes reagem de forma positiva ou não, envolvendo o filho em ondas de ternura ou revolta que o mesmo assimila, transformando-se essas impressões em fobias ou desejos que exteriorizará na infância e poderá fixar, indelevelmente, na idade adulta.**

**Porque lúcido, acompanhando o mergulho na organização física, percebe-se desejado ou reprochado, registando os estados familiares, bem como os conflitos domésticos do meio onde irá viver.**

**Vezes ocorrem, em que o pavor se torna tão grande, que o Espírito desiste da reencarnação ou, em desespero, interrompe inconscientemente o programa traçado, resultando em aborto natural a gestação em andamento.**

**Os meses de ligação física com a mãe são, também, de vinculação psíquica, em que o recomeçante em sofrimento pede apoio e amparo, ou, se ditoso, roga ternura para o fiel cumprimento do plano feliz que se encontra em execução.**

**Adicionando-se às leis do mérito os fenômenos emocionais dos futuros pais, esses resultarão em heranças, que fazem pressupor semelhanças com o clã, estudadas pelas modernas leis da genética.**

**- Tal pai, qual filho - afirma o refrão popular, demonstrando a força dos genes e cromossomos nos códigos da hereditariedade.**

**A verdade, porém, é diversa.**

**Se ocorrem semelhanças físicas e até psicológicas, estas adquiridas mediante convivência familiar, o mesmo não se dá nos campos moral e intelectual.**

**O Espírito é o herdeiro das próprias conquistas passadas, graças às quais se expressa no campo da atividade nova.**

**No entanto, os comportamentos familiares influem sobre a conduta do reencarnante, que se impregna - especialmente quando se trata de Espírito imperfeito - dos conflitos e das vibrações perniciosas que lhe irão influenciar profundamente o procedimento.**

**Reações de vária ordem se manifestarão na criança, como resultantes da insegurança que experimenta no berço novo, desdobrando-se em rebeldia e insatisfação, nervosismo e incapacidade intelectual, durante a infância e a adolescência, com agravantes para o futuro, caso o amor dos pais não interrompa a caudal das reminiscências infelizes.**

**O auxílio do psicólogo, a terapia cuidadosa ajudam no mecanismo de reajustamento da criança, todavia, aos pais cumpre a tarefa maior, assistindo e amparando o filhinho temeroso e desconfiado, necessitado de segurança e tranqüilidade.**

**Não nos referimos aqui ao capítulo adicional das obsessões, que exercem forte interferência no quadro complexo da reencarnação, respondendo por graves injunções, no comportamento infantil.**

**Detemo-nos, apenas, nas reminiscências, ora do domínio do inconsciente atual, que irrigam a consciência com temores e conflitos, produzindo estados de desequilíbrio, que poderiam ser evitados.**

**Enurese noturna, irritabilidade, pavores de toda espécie, timidez, ansiedade encontram nas ocorrências da vida fetal, em relação à mãe e aos demais familiares, muitas das suas causas.**

**Não obstante, é possível minimizar-lhes as conseqüências, através de uma atitude firme e afetuosa dos pais, particularmente da mãe, utilizando-se do sono do filhinho para infundir-lhe coragem e anular-lhe as impressões negativas, envolvendo-o em amor e conversando com ele, com sincero carinho, transmitindo-lhe a confiança de que romperá a barreira invisível das dificuldades, enfim, alcançando-lhe o íntimo.**

**Desde que ainda não esteja concluída a reencarnação, o Espírito ouvirá e entenderá as sugestões positivas que lhe são apresentadas, o amor que lhe é oferecido, toda a gama de afeição que lhe é destinada.**

**Quantas vezes um conflito sexual não se originará, na criança, em face da decepção da mãezinha que esperava um varão e recebeu uma menina, ou vice-versa, e, vítima de imaturidade, declara o desagrado, explodindo em pranto injustificado, assim chocando o recém-chegado, que lhe recebe o rechaço, vindo a exteriorizá-lo, mais tarde, em forma de conflito!?**

**Sempre é tempo de reconsiderar-se a atitude, reconcialiando·se com o ser menosprezado, graças ao grau de amor e à força do bem que se coloque no relacionamento afetivo lúcido, quando o mesmo estiver dormindo, portanto, em situação receptiva.**

**O inconsciente receberá as novas informações, que serão arquivadas, e ressumarão, posteriormente, de foma agradável e cordial, estruturando a personalidade infanto-juvenil e proporcionando-lhe mais amplas aquisições que logrará com o tempo, conduzido por aqueles a cujo lado recomeça a caminhada redentora.**

**Mesmo na adolescência, quando não se soube agir antes, deve-se tentar recuperar o filho, reconquistá-lo, conversando com ele, em estado de sono, perseverando-se em um relacionamento tranqüilo e gentil, também durante a fase em que esteja desperto, agindo com amor ao invés de reagindo com ira ou zombaria, quando o mesmo apresente seus conflitos, suas dificuldades ...**

**Não será o ato de falar, pura e simplesmente, mas a empatia, o contributo da emoção afetuosa com os quais a palavra se carregue, para alcançar a finalidade a que se destina.**

**Por fim, é necessário que a carga de certeza do êxito se faça presente, conforme enunciou Jesus: "Tudo é possível àquele que crê" , para que os resultados felizes coroem a empresa do amor.**

**3 - RESSURREIÇÃO VERSUS REENCARNAÇÃO**

**01 - O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - ALLAN KARDEC - pág. 54**

**4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Somente os Saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nela. As idéias dos judeus sobre essa questão, como sobre muitas outras, não estavam claramente definidas, porque só tinham noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo.**

**Eles acreditavam que um homem podia reviver, sem terem uma idéia precisa da maneira por que isso se daria e, designavam pela palavra RESSURREIÇÃO o que o espiritismo chama, mais justamente, de REENCARNAÇÃO. Com efeito, a ressurreição supõe o retorno à vida do próprio cadáver, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já estão há muito dispersos e consumidos.**

**A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas num outro corpo, novamente constituído, que nada tem a ver com o antigo. A palavra ressurreição podia, assim, aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos demais profetas. Se, portanto, segundo sua crença, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João tinha sido visto criança e seus pais eram conhecidos. João podia ser, pois, Elias reencarnado, mas não ressuscitado.**

**5. "E havia um homem dentre os Fariseus, por nome Nicodemos, senador dos Judeus. Este, uma noite, veio buscar Jesus, e disse-lhe: -Rabi, sabemos que és mestre, vindo da parte de Deus, porque ninguém pode fazer estes milagres, que tu fazes, se Deus não estiver com ele, Jesus respondeu e lhe disse: -Na verdade, na verdade te digo que não pode ver o Reino de Deus, senão aquele que renascer de novo. Nicodemos lhe disse: - Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode entrar no ventre de sua mãe e nascer outra vez? Respondeu-lhe Jesus: -Em verdade, em verdade te digo que quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus.**

**O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te maravilhes de eu te dizer que te importa nascer de novo. O Espírito sopra onde quer, e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde ele vem; nem para onde vai. Assim é todo aquele que é nascido do Espírito. Perguntou Nicodemos: -Como se pode fazer isto? Respondeu Jesus: -Tue és mestre em Israel, e não sabes estas coisas? Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e damos testemunho do que vimos, e tu, com tudo isso, não recebes o nosso testemunho. Se quando eu te tenho falado das coisas terrenas, ainda assim não me crês, como crerias se eu falasse das celestiais? (João, III: 1-12)**

**6. A idéia de que João Batista era Elias, de que os profetas podiam reviver na Terra, encontra-se em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acimas reproduzidas (nº. 1,2,3). Se essa crença fosse um erro, Jesus deixaria de combatê-la, como fez com tantas outras. Longe disso, porém, ele a sancionou com toda a sua autoridade, e a transformou num princípio, fazendo-a condição necessária, quando disse: -Ninguém pode ver o Reino dos Céus, se não nascer de novo. E insistiu, acrescentando, Não te maravilhes de eu ter dito que é ncessário nasceres de novo.**

**7. Estas palavras: "Se não renascer da água e do Espírito", foram interpretradas no sentido de regeneração pela água do batismo. Mas o texto primitivo diz simplesmente: Não renascer da água e do Espírito, enquanto, em algumas traduções, a expressão Espírito foi substituída por "do Espírito Santo", o que não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários feitos sobre o Evangelho, assim como um dia será constatado sem equívoco possível.**

**8. Para compreender o verdadeiro sentido dessas palavras, é necessário reportar à significação da palavra "água", que não foi empregada no sentido específico. Os antigos tinham conhecimentos imperfeitos sobre as ciências físicas, e acreditavam que a Terra havia saído das águas. Por isso consideravam a água como o elemento gerador absoluto. É assim que encontramos no Gênesis: "O Espírito de Deus era levado sobre as águas", "flutuava sobre as águas", "que o firmamento seja feito no meio das águas", "que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar, e que o elemento árido apareça", "que as águas produzam animais viventes, que nadem na água, e pássaros que voem sobre a terra e debaixo do firmamento".**

**Conforme essa crença, a água se transformara no símbolo da natureza material, como o Espírito o era da natureza inteligente. Estas palavras: "Se o homem não renascer da água e do Espírito", ou "na água e no Espírito", significam pois: "Se o homem não renascer com o corpo e a alma". Neste sentido é que foram compreendidas no princípio.**

**Esta interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: "O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito". Jesus faz aqui uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. "O que é nascido da carne é carne", indica claramente que o corpo procede apenas do corpo e que o Espírito é independente dele.**

**9. "O Espírito sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai", é uma passagem que se pode entender pelo Espírito de Deus que dá a vida a quem quer, ou pela alma do homem. Nesta última acepção, a sequência: "mas não sabes de onde vem nem para onde vai", significa que não se sabe o que foi nem o que será o Espírito. Se, pelo contrário, o Espírito, ou alma fosse criado com o corpo, saberíamos de onde ele vem, pois conheceríamos o seu começo. Em todo caso, esta passagem é a consagração do princípio da preexistência da alma, e, por conseguinte, da pluralidade das existências. (..)**

**16. Não é, pois, duvidoso, que sob o nome de ressurreição, princípio da reencarnação fosse uma das crenças fundamentais do judeus, e que ela foi confirmada por Jesus e pelos profetas, de maneira formal. Donde se segue que negar a reencarnação é renegar as palavras do Cristo. Suas palavras, um dia, constituirão autoridade sobre este ponto, como sobre muitos outros, quando forem meditada sem partidarismo.**

**17. A essa autoridade, de natureza religiosa, virá juntar-se, no plano filosófico, a das provas que resultam dos fatos. Quando dos efeitos se quer remontar às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, uma condição inerente à Humanidade, em uma palavra, como uma lei da natureza. Ela se revela pelos seus resultados, de maneira por assim dizer material, como motor oculto se revela pelo movimento que produz. Somente ela pode dizer ao homem de onde ele vem, para onde vai, porque se encontra na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as injustiças aparentes da vida.**

**Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade da existências, a maior parte das máximas do Evangelho são ininteligíveis, e por isso têm dado motivo a interpretações tão contraditórias. Esse princípio é a chave que deve restituir-lhes o verdadeiro sentido.**

**LIMITES DA ENCARNAÇÃO  
24. Quais são os limites da encarnação? São Luís, Paris, 1859  
- A encarnação não tem propriamente falando, limites nitidamente traçados, se por isto se entende o envoltório que constitui o corpo do Espírito, pois a materialidade desse envoltório diminui à medida que o Espírito se purifica. Em certos mundos, mais avançados que a Terra, ele já se apresenta menos compacto, menos pesado e menos grosseiro, e, conseqüentemente, menos sujeito a vicissitudes.   
  
Num grau mais elevado, desmaterializa-se e acaba por se confundir com o perispírito. De acordo com o mundo a que o Espírito é chamado a viver, ele se reveste do envoltório apropriado à natureza desse mundo.  
  
O perispírito mesmo sofre transformações sucessivas. Eteriza-se mais e mais, até a purificação completa, que constitui a natureza dos Espíritos puros. Se mundos especiais estão destinados, como estações, aos Espíritos mais avançados, estes não ficam sujeitos a eles, como nos mundos inferiores: o estado de libertação que já atingiram lhes permite viajar para toda a parte, onde quer que sejam chamados pelas missões que lhes foram confiadas.  
  
Se considerarmos a encarnação do ponto de vista material, tal como a vemos na Terra, podemos dizer que ela se limita aos mundos inferiores. Depende do Espírito, portanto, libertar-se mais ou menos rapidamente da encarnação, trabalhando pela sua purificação.  
  
Temos ainda a considerar que, no estado de erraticidade, ou seja, no intervalo das existências corporais, a situação do Espírito está em relação com a natureza do mundo a que o liga o seu grau de adiantamento. Assim, na erraticidade, ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido, segundo for mais ou menos desmaterializado.  
  
A NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO  
25. A encarnação é uma punição, e somente os Espíritos culpados é que lhe estão sujeitos? SÃO LUÍS Paris, 1859  
A passagem dos Espíritos pela vida corpórea é necessária, para que eles possam realizar, com a ajuda do elemento material, os propósitos cuja execução Deus lhes confiou. É ainda necessária por eles mesmos, pois a atividade que então se vêm obrigados a desempenhar ajuda-os a desenvolver a inteligência.**

**Deus, sendo soberanamente justo, deve aquinhoar equitativamente a todos os seus filhos. Ë' por isso que Ele concede a todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de ação. Todo o privilégio seria uma preferência, e toda preferência uma injustiça. Mas a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, no princípio da existência, como primeira prova do uso que farão do seu livre arbítrio.**

**Os que executam essa tarefa com zelo, sobem rapidamente, e de maneira menos penosa, os primeiros degraus da iniciação, e gozam mais cedo do resultado do seu trabalho. Os que, ao contrário, fazem mau uso da liberdade que Deus lhes concede, retardam o seu progresso. E é assim que, por sua obstinação, podem prolongar indefinidamente a necessidade de se reencarnarem. E é então que a encarnação se torna um castigo.  
  
26. Observação. — Uma comparação vulgar nos fará melhor compreender esta diferença. O estudante não atinge os graus superiores, sem ter percorrido a série de classes que o levam até lá. Essas classes, por mais trabalho que exijam, são o meio de atingir o fim, e não uma punição. O estudante laborioso abrevia a caminhada, encontrando menos dificuldades. Acontece o contrário com aquele que ,a negligência e a preguiça obrigam a repetir certas classes. Não é, porém, o estudo que constitui uma punição, mas a obrigação de recomeçá-lo em cada classe.  
  
É o que se passa com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está quase no começo da vida espiritual, a encarnação é um meio de desenvolver a inteligência. Mas, para o homem esclarecido, em que o senso moral está largamente desenvolvido, e que se vê obrigado a repetir as etapas de uma vida corporal cheia de angústias, enquanto já podia ter atingido O fim, é um castigo, pela necessidade em que se acha de prolongar a sua permanência nos mundos inferiores e infelizes. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente para o seu progresso moral, pode não somente abreviar a duração de sua encarnação material, mas franquear de uma vez os graus intermediários, que o distanciam dos mundos superiores.  
  
Os Espíritos não poderiam encarnar-se uma só vez num mesmo globo, ou passar suas diferentes existências em diferentes esferas? Esta opinião seria admissível, se todos os homens estivessem, na Terra, exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças existentes entre eles, desde o selvagem até o homem civilizado, revelam os graus que têm de percorrer. A encarnação, aliás, deve ter uma finalidade útil. Ora, qual seria a finalidade das encarnações efêmeras, das crianças que morrem em tenra idade?**

**Teriam sofrido sem qualquer proveito, nem para elas nem para os outros? Deus, cujas leis são todas soberanamente sábias, nada faz de inútil. Pelas reencarnações no mesmo globo, quis que os mesmos Espíritos se ponham de novo em contato, tendo nssim ocasião de reparar as suas faltas recíprocas. E tendo em conta as suas relações anteriores, quis, ainda, fundar sobre uma base espiritual os laços de família, apoiando numa lei natural os princípios de solidariedade, fraternidade e igualdade.**

|  |  |
| --- | --- |
| **RESSURREIÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A agonia das religiões - pág. 24, 84, 106** | **02 - A Gênese - cap. XV, 37** |
| **03 - Análise das coisas - pág. 130** | **04 - Antologia do perispírito - ref. 453,903** |
| **05 - Antônio de Pádua - pág. 77, 113** | **06 - Boa Nova - pág. 147(22)** |
| **07 - Caminho, Verdade e vida - pág. 149, 151** | **08 - Celeiro de bênçãos - pág. 23** |
| **09 - Curso Dinâmico de Espiritismo - pág. 109** | **10 - Falando à Terra - pág. 46, 178** |
| **11 - Lázaro redivivo - pág. 141, 220** | **12 - Mediunidade - pág. 38** |
| **13 - Nas pegadas do Mestre - pág. 186** | **14 - O espírito do cristianismo- pág. 100, 173** |
| **15 - O Evangelho Seg. o Espiritismo - cap. 4,4** | **16 - O fim do mundo - pág. 104** |
| **17 - O Livro dos Espíritos - q136, 1010** | **18 - O Redentor - pág. 159** |
| **19 - O solar de Apolo - pág. 90** | **20 - Parábolas e ensinos de Jesus - pág. 313** |
| **21 - Pedaços do Cotidiano - pág. 43** | **22 - Pérolas do Além - pág. 209** |
| **23 - Reencarnação - pág. 34, 46** | **24 - Ressurreição e vida - pág. 178** |
| **25 - Síntese de O Novo Testamento - pág. 136, 164** | **26 - Vida e atos dos apóstolos - pág. 146, 155** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**RESSURREIÇÃO – COMPILAÇÃO**

**01 - A AGONIA DAS RELIGIÕES - J. HERCULANO PIRES - PÁG. 24**

**(...)As práticas místicas do passado provaram mal a sua eficácia. Do Oriente ao Ocidente, multidões de gerações de crentes desfilaram sem cessar, através dos milênios, pelos templos de todas as religiões, convictas de haverem alcançado a salvação pessoal, enquanto hordas ferozes e exércitos em guerras de extermínio brutal cobriam o mundo de ruínas, cadáveres inocentes, sangue e lágrimas. Os que ouviram Deus em audiência particular não se recusaram a pegar em armas para estraçalhar seus irmãos considerados como réprobos e infiéis. Santos Bispos e Padres, pastores calvinistas, crentes populares, fidelíssimos e humildes, não acenderam suas lâmpadas votivas para iluminar as noites trevosas. Preferiram acender fogueiras inquisitórias e, quando o sol raiava, submeter piedosamente os hereges à morte redentora do garrote-vil, réplica religiosa à guilhotina profana.**

**Lembro-me do episódio histórico de Jerônimo de Praga. Depois de haver assistido, pelas grades da prisão, seu mestre João Huss ser queimado vivo em praça pública, foi também glorificado com a graça especial de uma fogueira semelhante. No momento em que as chamas começavam a iluminar a sua figura estranha, caridosamente amarrada ao palanque do suplício (para salvação de sua alma rebelde) viu uma pobre velhinha aproximar-se da fogueira com uma acha de lenha e atirá-la ao fogo. Era a sua contribuição piedosa para a salvação do ímpio. Jerônimo exclamou apenas "Santa simplicidade!" Pouco depois estava reduzido a cinzas, para glória de Deus, e suas cinzas foram lançadas ritualmente nas águas do Reno. Todas as formas de culto, todos os ritos, todos os sacramentos, todas as cerimônias religiosas, todos os cilícios foram empregados nos milênios sombrios do fanatismo religioso, para a salvação da Humanidade. E eis que agora chegamos a um tempo de descrença generalizada, de materialismo e ateísmo oficializados de hipocrisia pragmática erigida em sustentáculo das religiões fracassadas.**

**Deus falava diretamente com seu servo Moisés no deserto, falava-lhe cara a cara ordenando matanças coletivas, genocídios tenebrosos destruição total dos povos que impediam o acesso dos hebreus à terra dos cananeus, que seria tomada a fio de espada. Deus continua falando em particular a seus servos em nossos dias, para a sustentação das igrejas enquanto o Diabo não perde tempo e alicia milhões de almas perdidas para as práticas do terrorismo, para a matança de crianças e criaturas inocentes, para assaltos e estupros em toda a face da Terra. A experiência de Deus sustenta os crentes privilegiados e sustenta suas igrejas salvacionistas. E enquanto não chega a salvação, católicos e protestantes matam-se gloriosamente nas lutas fraticidas da Irlanda, em plena era das mais brilhantes conquistas da inteligência humana. Que estranha experiência é essa, que não revela os seus frutos, que não prova a sua eficácia? Deus estaria, acaso, demasiado velho para não perceber a inutilidade dos seus métodos de salvação pessoal em audiências privadas? E os seus servidores, os clérigos investidos de autoridade divina para implantar na Terra o Reino do Céu, porque não avisam o velho monarca da inutilidade milenarmente provada de sua técnica de conta-gotas?**

**Não seria mais certo tentarmos a revisão dos conceitos religiosos que nos deram a herança de tantos fracassos e tão espantosa expansão do materialismo e do ateísmo no mundo? Todas as grandes religiões afirmam a onipresença de Deus no Universo. Não obstante, todas consideram o mundo (criado por Deus) como profano, região em que as trevas dominam e o Diabo faz a incessante caçada das almas de Deus. É curioso lembrar que nos tempos mitológicos o mundo era considerado sagrado, a vida uma bênção, os prazeres naturais e as leis da procriação eram graças concedidas pelos deuses aos homens. O monoteísmo judaico, desenvolvido pelo Cristianismo, impregnou o mundo com a onipresença de Deus e o mundo tornou-se profano. Se Deus está presente num grão de areia, numa folha de relva, num fio dos nossos cabelos e numa pena das asas de um pássaro, como, apesar dessa impreg­nação divina, o homem se defronta com a impureza do mundo? Por que estranho motivo necessitamos de ritos especiais para purificar a inocência de uma criança, se Deus está presente no seu olhar puro e límpido, no seu choro, na meiguice do seu rostinho ainda não marcado pelo fogo das paixões terrenas? E porque precisa o cadáver de recomendação, com aspersão de água benta, se aressurreição dos mortos se faz, como ensina o Apóstolo Paulo na I Epístola aos Coríntios e como Jesus exemplificou na sua própria morte, no corpo espiritual e não no corpo material?**

**São esses e outros muitos problemas acumulados nos erros milenares dos teólogos que levam o homem contemporâneo à descrença e ao materialismo, ao ateísmo e ao niilismo. São todos esses erros que colocam as religiões em crise e as levarão à morte sem ressurreicão. Considerando-se, porém, esse estranho panorama religioso da Terra numa perspectiva histórica, à luz da razão, compreende-se facilmente que os erros de ontem, até hoje sustentados pelas religiões, foram úteis e necessários nos tempos de ignorância, em que os problemas espirituais não podiam ser colocados em termos racionais. Há justificativas válidas para o passado religioso, mas não justificativas possíveis para o seu presente contraditório e absurdo. A tese, mais do que absurda, do Cristianismo Ateu, com que teólogos rebeldes procuram hoje remendar as vestes esfarrapadas das igrejas, só vem acrescentar maior confusão ao momento de agonia das religiões envelhecidas.**

**O problema da experiência de Deus poderia ser resolvido com um mínimo de reflexão. Se Deus está em nós, e por isso somos deuses em potência, segundo a própria expressão evangélica, porque necessitamos de uma busca artificial de Deus para termos a experiência da sua realidade? Se fomos criados por Deus e se Deus pôs em nós a sua marca, como afirmou Descartes — a idéia de Deus em nós, que é inata — já não trazemos, ao nascer, a experiência de Deus? E se, no desenvolver da vida humana, o homem nada mais faz do que cumprir um desígnio de Deus, assistido pelos Anjos Guardiães, porque tem ele de buscar a Deus através de uma prática artificial e egoísta, procurando preservar-se sozinho num mundo em que a maioria se perde irremediavelmente? Moisés supunha ter ouvido o próprio Deus no Sinai, mas o Apóstolo Paulo explicou que Deus lhe falara através de mensageiros, que são anjos. As pessoas que buscam hoje a experiência de Deus em audiência privada serão mais dignas do que Moisés, não estarão sujeitas a ouvir a voz de um anjo, que tanto pode ser bom quanto mau, pois as próprias igrejas admitem que os anjos decaídos andam à solta pela Terra procurando roubar para o Inferno as almas de Deus? Quem estará livre, na sua piedosa tarefa de salvar-se a si mesmo, de ser tentado pelo Diabo, que tentou o próprio Jesus nas suas meditações solitárias no Deserto?**

**As práticas místicas do passado não servem para a era da razão, em que nos encontramos na antevéspera da era do espírito. Orar e meditar é evidentemente um exercício religoso respeitável e necessário em todos os tempos. A oração nos liga aos planos superiores do espírito e a meditação sobre questões elevadas desenvolve a nossa capacidade de compreensão espiritual. Mas o dogma da experiência de Deus através de um pretensioso colóquio direto e pessoal com a Divindade é uma proposição egoísta e vaidosa. Se Deus é o Absoluto e nós somos relativos, a humildade não nos aconselha a ter mais cautela em nossas relações pessoais com a Divindade? São muitos os casos de perturbações mentais, de obsessões perigosas, de lamentáveis desequilíbrios psíquicos decorrentes de exageradas pretensões das criaturas humanas no campo das práticas religiosas. A História das Religiões é marcada por terríveis experiências nesse sentido. Basta lembrarmos os casos de perturbações coletivas em conventos e mosteiros da Idade Média, onde os excessos de misticismo transformaram criaturas piedosas em vítimas de si mesmas, sujeitando-as não raro à própria condenação da igreja a que pertenciam e a que procuravam servir.**

**Os dogmas de fé, que formam a estrutura conceptual das igrejas, são as pedras de tropeço do seu caminho evolutivo. Partindo do princípio de que a Revelação Divina é a própria palavra de Deus dirigida aos homens, as igrejas se anquilosaram em seus dogmas intocáveis, pois a exegese humana não poderia alterar as ordenações ao próprio Deus. Na verdade, a alteração se verificou em vários casos, apesar disso, mas decisões conciliares puseram a última pá de cimento nos erros cometidos. As estruturas eclesiásticas tornaram-se rígidas e as igrejas confirmaram, no seu espírito, a ossatura de pedra de suas catedrais. Vangloriam-se ainda hoje da sua imutabilidade, num mundo em que tudo evolui sem cessar. Os resultados dessa atitude ilusória e pretensiosa só poderiam ser nefastos, como vemos atualmente no lento e doloroso processo de agonia das religiões. Incidiram assim no pecado do apego, contra o qual os Evangelhos advertiram os homens. Apegaram-se de tal maneira à própria vida, que perderam a vida em abundância que Jesus prometeu aos que se desapegassem. As liberalidades atuais chegaram demasiado tarde.**

**A palavra dogma é grega e seu sentido original é opinião. Adquiriu em filosofia e religião o sentido de princípio doutrinário. Nas Escrituras religiosas aparece algumas vezes com o sentido de édito ou decreto de autoridades judaicas ou romanas. Entre o dogma religioso e o filosófico há uma diferença fundamental. O dogma religoso é de fé, princípio de fé que não pode ser contraditado, pois provém da Revelação de Deus. O dogma filosófico é racional, dogma de razão, ou seja, princípio de uma doutrina racionalmente estruturada. O sentido religioso superou os demais por motivo das consequências muitas vezes desastrosas da sua rigidez e imutabilidade. Se falarmos, por exemplo, em dogmática, esse termo é geralmente entendido como designando a estrutura dos dogmas fundamentais de uma religião. Por isso, a adjetivação de dogmática, que implica também o masculino, como nas expressões: pessoa dogmática, posição dogmática ou homem dogmático, significa intransigência de opiniões.(...)**

**06 - BOA NOVA - HUMBERTO DE CAMPOS - PÁG.147**

**ÍTEM 22 - A MULHER E A RESSURREIÇÃO: As águas alegres do Tiberíades se aquietavam, lentamente, como tocadas por uma força invisível da Natureza, quando a barca de Simão, conduzindo o Senhor, atingiu docemente a praia. O velho apóstolo, abandonando os remos, deixava transparecer nos traços fisionômicos as emoções contraditórias de sua alma, enquanto Jesus o observava, adivinhando-lhe os pensamentos mais recônditos.— Que tens tu, Simão? — perguntou o Mestre, com o seu olhar penetrante e amigo. Surpreendido com a palavra do Senhor, o velho Cefas deu a perceber, por um gesto, os seus receios e as suas apreensões, como se encontrasse dificuldade em esquecer totalmente a lei antiga, para penetrar os umbrais da idéia nova, no seu caminho largo de amor, de luz e de esperança.— Mestre — respondeu com timidez —, a lei que nos rege manda lapidar a mulher que perverteu a sua existência.  
Conhecendo, por antecipação, o pensamento do pescador e observando os seus escrúpulos em lhe atirar uma leve advertência, Jesus lhe respondeu com brandura: — Quase sempre, Simão, não é a mulher que se perverte a si mesma: é o homem que lhe destrói a vida. — Entretanto — tornou o apóstolo, respeitosamente —, os nossos legisladores sempre ordenaram severidade e rispidez para com as decaídas. Observando os nossos costumes, Senhor, é que temo por vós, acolhendo tantas meretrizes e mulheres de má vida, nas pregações do Tiberíades...**

**— Nada temas por mim, Simão, porque eu venho de meu Pai e não devo ter outra vontade, a não ser a de cumprir os seus desígnios sábios e misericordiosos. Assim falou o Mestre, cheio de bondade, e, espraiando o olhar compassivo sobre as águas, levemente encrespadas pelo beijo dos ventos do crepúsculo, continuou, num misto de energia e doçura:— Mas, ouve, Pedro! A lei antiga manda apedrejar a mulher que foi pervertida e desamparada pelos homens; entretanto, também determina que amemos os nossos semelhantes, como a nós mesmos. E o meu ensino é o cumprimento da lei, pelo amor mais sublime sobre a Terra. Poderíamos culpar a fonte, quando um animal lhe polui as águas? De acordo com a lei, devemos amar a uma e a outro, seja pela expressão de sua ignorância, seja pela de seus sofrimentos. E o homem é sempre fraco e a mulher sempre sofredora!...O velho pescador recebia a exortação com um brilho novo nos olhos, como se fora tocado nas fibras mais íntimas do seu espírito.— Mestre — retrucou, altamente surpreendido —, vossa palavra é a da revelação divina. Quereis dizer, então, que a mulher é superior ao homem, na sua missão terrestre?**

**— Uma e outro são iguais perante Deus — esclareceu o Cristo, amorosamente — e as tarefas de ambos se equilibram no caminho da vida, completando-se perfeitamente, para que haja, em todas as ocasiões, o mais santo respeito mútuo. Precisamos considerar, todavia, que a mulher recebeu a sagrada missão da vida. Tendo avançado mais do que o seu companheiro na estrada do sentimento, está, por isso, mais perto de Deus que, muitas vezes, lhe toma o coração por instrumento de suas mensagens, cheias de sabedoria e de misericórdia. Em todas as realizações humanas, há sempre o traço da ternura feminina, levantando obras imperecíveis na edificação dos espíritos. Na história dos homens, ficam somente os nomes dos políticos, dos filósofos e dos generais; todos eles são filhos da grande heroína que passa, no silêncio, desconhecida de todos, muita vez dilacerada nos seus sentimentos mais íntimos ou exterminada nos sacrifícios mais pungentes. Mas, também Deus, Simão, passa ignorado em todas as realizações do progresso humano e nós sabemos que o ruído é próprio dos homens, enquanto que o silêncio é de Deus, síntese de toda a verdade e de todo o amor.**

**Por isso, as mulheres mais desventuradas ainda possuem no coração o gérmen divino, para a redenção da humanidade inteira. Seu sentimento de ternura e humildade será, em todos os tempos, o grande roteiro para a iluminação do mundo, porque, sem o tesouro do sentimento, todas as obras da razão humana podem parecer como um castelo de falsos esplendores. Simão Pedro ouvia o Mestre, tomado de profundo enlevo e santificado fervor admirativo.— Tendes razão, Senhor! — murmurou, entre humilde e satisfeito.— Sim, Pedro, temos razão — replicou Jesus, com bondade. E será ainda à mulher que buscaremos confiar a missão mais sublime na construção evangélica dentro dos corações, no supremo esforço de iluminar o mundo. O apóstolo do Tiberíades ouvira as derradeiras palavras do Divino Mestre, tomado de surpresa. Conservou-se, no entanto, em silêncio, ante o sorriso doce do Messias. Muito distante, o último beijo do Sol punha um reflexo dourado no leque móvel das águas que as correntes claras do Jordão enriqueciam. Simão Pedro, fatigado do labor diário, preparou-se para descansar, com sua alma clareada pelas novas revelações da palavra do Senhor, as quais, cheias de luz e esperança divinas, dissipavam as obscuridades da lei de Moisés.**

**Dois dias eram passados sobre o doloroso drama do Calvário, em cuja cruz de inominável martírio se sacrificara o Mestre, pelo bem de todos os homens. Penosa situação de dúvida reinava dentro da pequena comunidade dos discípulos. Quase todos haviam vacilado na hora extrema. O raciocínio frágil do homem lutava por compreender a finalidade daquele sacrifício. Não era Jesus o poderoso Filho de Deus que consolara os tristes, ressuscitara mortos, sarara enfermos de doenças incuráveis? Por que não conjurara a traição de Judas com as suas forças sobrenaturais? Por que se humilhara assim, sangrando de dor, nas ruas de Jerusalém, submetendo-se ao ridículo e à zombaria? Então, o emissário do Pai Celestial deveria ser crucificado entre dois ladrões?! Enquanto essas questões eram examinadas, de boca em boca, a lembrança do Messias ficava relegada a plano inferior, olvidada a sua exemplificação e a grandeza dos seus ensinamentos. O barco da fé não soçobrara inteiramente, porque ali estavam as lágrimas do coração materno, trespassado de amarguras. O Messias redivivo, porém, observava a incompreensão de seus discípulos, como o pastor que contempla o seu rebanho desarvorado.**

**Desejava fazer ouvida a sua palavra divina, dentro dos corações atormentados; mas, só a fé ardente e o ardente amor conseguem vencer os abismos de sombra entre a Terra e o Céu. E todos os companheiros se deixavam abater pelas idéias negativas. Foi então, quando, na manhã do terceiro dia, a ex-pecadora de Magdala se acercou do sepulcro com perfumes e flores. Queria, ainda uma vez, aromatizar aquelas mãos inertes e frias; queria, uma vez mais, contemplar o Mestre adorado, para cobri-lo com o pranto do seu amor purificado e ardoroso. No seu coração estava aquela fé radiosa e pura que o Senhor lhe ensinara e, sobretudo, aquela dedicação divina, com que pudera renunciar a todas as paixões que a seduziam no mundo. Maria Madalena ia ao túmulo com amor e só o amor pode realizar os milagres supremos. Estupefata, por não encontrar o corpo, já se retirava entristecida, para dar ciência do que verificara aos companheiros, quando uma voz carinhosa e meiga exclamou brandamente aos seus ouvidos:— Maria!...Ela se supôs admoestada pelo jardineiro; mas, em breves instantes reconhecia a voz inesquecível do Mestre e lhe contemplava o inolvidável sorriso. Quis atirar-se-lhe aos pés, beijar-lhe as mãos num suave transporte de afetos, como faziam nas pregações do Tiberíades; porém, com um gesto de soberana ternura, Jesus a afastou, esclarecendo:**

**— Não me toques, pois ainda não fui a meu Pai que está nos céus!...Instintivamente, Madalena se ajoelhou e recebeu o olhar do Mestre, num transbordamento de lágrimas de inexcedível ventura. Era a promessa de Jesus que se cumpria. A realidade da ressurreição era a essência divina, que daria eternidade ao Cristianismo. A mensagem da alegria ressoou, então, na comunidade inteira. Jesus ressuscitara! O Evangelho era a verdade imutável. Em todos os corações pairava uma divina embriaguez de luz e júbilos celestiais. Levantava-se a fé, renovava-se o amor, morrera a dúvida e reerguera-se o ânimo em todos os espíritos. Na amplitude da vibração amorosa, outros olhos puderam vê-lo e outros ouvidos lhe escutaram a voz dulçorosa e persuasiva, como nos dias gloriosos de Jerusalém ou de Cafarnaum. Desde essa hora, a família cristã se movimentou no mundo, para nunca mais esquecer o exemplo do Messias. A luz da ressurreição, através da fé ardente e do ardente amor de Maria Madalena, havia banhado de claridade imensa a estrada cristã, para todos os séculos terrestres. É por isso que todos os historiadores das origens do Cristianismo param a pena, assombrados ante a fé profunda dos primeiros discípulos que se dispersaram pelo deserto das grandes cidades para pregação da Boa Nova, e, observando a confiança serena de todos os mártires que se têm sacrificado na esteira infinita do Tempo pela idéia de Jesus, perguntam espantados, como Ernest Re-nan, numa de suas obras:— Onde está o sábio da Terra que já deu ao mundo tanta alegria quanto a carinhosa Maria de Magdala?  
  
16 - O FIM DO MUNDO - CAMILLE FLAMMARION - PÁG. 104**

**CAPITULO VI - A crença no fim do mundo através dos tempos : "Je vis dans Ia nuée un clairon monstrueux. Et cê clairon semblait, au seuil profond dês cieux. Calme, attendre lê souffle immense de 1'Archange". VICTOR HUMO, ia Trompette du Jugement.  
Importa fazer aqui ligeira pausa no turbilhão dos acontecimentos que nos empolgam, a fim de comparar esta nova expectativa do fim do mundo a todas as precedentes, bosquejando a traços rápidos a história curiosa desse evento, através de todos os tempos. De resto, no mundo inteiro, em todas as línguas, não se falava, agora, de outra coisa. Os discursos dos eminentes sacerdotes prosseguiram na capela Sixtina e desfecharam na interpretação resumida pelo cardeal arcebispo de Paris, quanto ao dogma — Credo resurrectionem camis. O sequente et vitam alternam ficara tacitamente relegado à perspicácia dos futuros astrônomos e psicólogos. Esses discursos haviam, de algum modo, historiado a doutrina cristã do fim do mundo, em todos os tempos. Estudo curioso, por isso que representa ao mesmo tempo a história do pensamento humano, em face do seu próprio e definitivo destino. Julgamos, assim, dever aqui expô-lo em capítulo especial. Deixamos por instantes o papel de narrador do século XXV, para regressar à nossa época e resumir a crença dos tempos anteriores.**

**Séculos houve, de fé ardente e profunda, nos quais — importa considerar —, fora da doutrina cristã, todas as religiões abriram a mesma porta para o desconhecido, no extremo limite da jornada terrena. E' a porta do Dante na Divina Comédia, posto que todas não- houvessem imaginado, para além dessa porta simbólica, o paraíso, o inferno e o purgatório dos cristãos. Zoroastro e o Zendavestá ensinavam que o mundo devia perecer de ignição. A mesma idéia se encontra na epístola de S. Pedro. Parecia que as tradições de Noé e do Deucalião indicavam uma primeira destruição pela água e a segunda pelo elemento contrário. Entre os Romanos, Lucrécio, Cícero, Virgílio, Ovídio, têm a mesma linguagem e anunciam a destruição final pelo fogo. No capítulo anterior, vimos que, no pensamento de Jesus, a geração a que se dirigia não deveria morrer antes da catástrofe anunciada. São Paulo, o verdadeiro fundador do Cristianismo, apresenta a crença na ressurreição e no próximo fim do mundo, como dogma fundamental da nova Igreja. E chega mesmo a repeti-lo oito ou nove vezes, em sua 1ª Epístola aos Coríntios.**

**Infelizmente para o profeta, os discípulos, aos quais assegurara que não morreriam antes do advento, sucumbiram uns após outros, de morte comum. São Paulo, que não conhecera pessoalmente a Jesus, mas que era o mais ativo apóstolo da igreja nascente, acreditava vivesse ele mesmo até o dia da grande aparição. Contudo, todos faleceram e o predito fim do mundo, com a volta definitiva do Messias, não se realizou. Nem por isso a crença desapareceu. Deixava-se, apenas, de interpretar à letra a predição do Mestre, para buscar-lhe o espírito. Contudo, nãa deixou de ser um grande golpe na crença evangélica.. . Passaram a amortalhar piedosamente os mortos, a encerrá-los em sarcófagos, sobre os quais inscreviam epitáfios que diziam ali dormirem eles até o dia da ressurreição. Jesus deveria voltar "breve", a fim de julgar "os vivos e os mortos". A senha de identificação dos cristãos era Maran atha, que se traduz por —o Senhor virá. Os apóstolos Pedro e Paulo morreram, provavelmente, no ano 64, durante a horrível carnificina ordenada por Nero, após o incêndio de Roma, engendrado por ele e depois atribuído aos cristãos, para ensejar-se o gozo de novos suplícios. S. João escreveu o Apocalipse em 69. Uma onda de sangue se espalha sob o reinado do verdugo. Dir-se-ia que o martírio era o galardão da virtude.**

**O Apocalipse parece escrito no âmbito da alucinação coletiva e prefigura em Nero o anticristo, precursor da volta do Messias. Surgem os prodígios de toda a parte Cometas, estrelas cadentes, chuva de sangue, monstros, tremores de terra, fome, peste e, sobretudo, a guerra dos Judeus e a queda de Jerusalém. Nunca— poder-se-á talvez dizer — se acumularam tantos horrores em tão curto período de anos. (64 a 69). Porque o mesmo Senhor do céu descerá com algazarras, e com voz de Arcanjo, e com a trombeta de Deus: e os que em Cristo morreram, primeiro ressuscitarão: — Depois nós outros, que ficarmos vivos, seremos com eles juntamente arrebatados, "saindo" ao encontro do Senhor em o ar: e assim estaremos sempre com o Senhor. — Assim, que uns aos outros consolai-vos com estas palavras. A pequena igreja de Jesus parecia estar completamente dispersada. Em Jerusalém fora, impossível permanecer. O Terror de 1793 e a Comuna de 1871 nada representam ao lado da guerra civil da Judéia. A família de Jesus teve de fugir da cidade santa. Jaques, irmão de Jesus, fora assassinado. Falsos profetas surgiam para que se completasse a profecia. O Vesúvio elaborava a tremenda erupção de 79, e já em 63 Pompéia tinha sido abalada, por um tremor de terra.**

**Patentes estavam, pois, todos os prenúncios do fim do mundo. O Apocalipse o confirma, Jesus vai repontar num trono de nuvens, os mártires serão os primeiros a ressuscitar. O anjo julgador aguarda apenas a ordem de Deus. Mas, após a tempestade veio a bonança, terminou a guerra dos Judeus, o templo de Jerusalém não mais se reconstruirá, Nero sucumbe com a revolução de Galba, Vespasiano e Tito promovem a paz (ano 71) e... o mundo não acabou. Impôs-se, desde então, uma nova interpretação evangélica. O advento do Cristo foi procrastinado para quando se consumasse a derrocada do velho mundo romano, oferecendo, assim, tal ou qual margem aos comentadores. A catástrofe final permanecia como infalível, mesmo próxima, in novíssimo die, embora atufada de nuvens imprecisas, que lhe tiram todo o sentido literal, e mesmo espiritual, das profecias. Não obstante, continua-se a esperar. Santo Agostinho consagra o XX capítulo de a Cidade de Deus (ano 426), a pintar a renovação do mundo, a ressurreição, o juízo final e a Nova Jerusalém. O livro XXI reporta-se à descrição do fogo eterno. O bispo de Cartago, diante do fracasso de Roma e do império, presume assistir ao primeiro ato do drama. (...)  
  
17 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - QUESTÕES - 136, 1010**

**Perg. 136 - A alma é independente do princípio vital? - O corpo não é mais que o envoltório, sempre o repetimos.  
Perg. 136a - O corpo pode existir sem a alma? - Sim, e não obstante, desde que o corpo deixa de viver, a alma o abandona. Antes do nascimento, não há uma união decisiva entre a alma e o corpo, ao passo que, após o estabelecimento dessa união, a morte do corpo, rompe os liames que a unem a ele, e a alma o deixa. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo sem vida orgânica.**   
 **Perg. 1010 - O dogma da ressurreição da carne é a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos ?— Como quereis que seja de outro modo? Dá-se com essa expressão o que se dá como tantas outras, que só parecem desarrazoadas aos olhos de certas pessoas que a tomam ao pé da letra e por isso são levadas a incredulidade. Dai-lhe, porém, uma interpretação lógica e esses a que chamais livres-pensadores a admitirão sem dificuldades, precisamente porque raciocinam. Não vos enganeis, esses livres-pensadores nada mais procuram do que crer; eles têm, como os outros, mais talvez do que os outros, ansiedade pelo futuro, mas não podem admitir o que é absurdo para a Ciência. A doutrina da pluralidade das existências se conforma a justiça de Deus; somente ela pode explicar o que sem ela é inexplicável. Como quereríeis que esse princípio não estivesse na religião!  
  
Perg. 1010a. - Então a Igreja, pelo dogma da ressurreição da carne, ensina a doutrina da reencamação? - Isso é evidente. Essa doutrina é a consequência de muitas coisas passaram despercebidas e que não se tardará a compreender nesse ido; dentro em pouco se reconhecerá que o Espiritismo ressalta a-cada passo do próprio texto das Escrituras Sagradas. Os Espíritos não vêm, portanto, subverter a religião, como pretendem alguns, mas vêm, pelo contrário, confirmá-la, sancioná-la por meio de provas irrecusáveis. E corno é chegado o tempo de substituir a linguagem figurada, falam sem alegorias, dando às coisas um sentido claro e preciso que não possa ser objeto de nenhuma falsa interpretação. Eis porque dentro de algum tempo tereis mais pessoas sinceramente religiosas e crentes do que as tendes hoje. São Luís.  
  
A Ciência demostra a impossibilidade da ressurreição segundo a idéia vulgar. Se os despojos do corpo humano permanecessem homogêneos, embora dispersados e reduzidos a pó, ainda se conceberia a sua reunião em determinado tempo; mas as coisas não se passam assim. O corpo é formado por elementos diversos; oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas vão servir à formação de novos corpos, e isso de tal maneira que a mesma molécula, por exemplo, de carbono, entrará na composição de muitos milhares de corpos diferentes (não falamos senão dos corpos humanos, sem contar os dos animais). Dessa maneira um indivíduo pode ter em seu corpo moléculas que pertenceram aos homens dos primeiros tempos. E essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis nos vossos alimentos provêm talvez do corpo de um indivíduo que conhecestes, e assim por diante. Sendo a matéria de quantidade definida e suas transformações em número indefinido, como poderia cada um desse corpos reconstituir-se com os seus mesmos elementos? Há nisso uma impossibilidade material. Não se pode, portanto, racionalmente admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbolizando o fenômeno da reencarnação. E então nada há que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da Ciência.**

**25 - SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO - MÍNIMUS - PÁG. 136, 164**

**A ressurreição de Lázaro. (Jo., 11:1 a 57; 12:9 a 11)  
Estava doente um homem chamado Lázaro, da aldeia de Betânia, onde residiam Maria e Marta, sua irmã. Maria era a que derramara bálsamo perfumado sobre o Senhor e lhe enxugara os pés com os seus cabelos. Lázaro, o que estava enfermo, era seu irmão. Suas irmãs mandaram dizer a Jesus: — Senhor, eis que está doente aquele a quem amas. — Ao receber a notícia, disse Jesus: — "Esta doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado". Ora, Jesus estimava a Marta e a sua irmã e a Lázaro. Entretanto, sabendo-o doente, demorou-se ainda dois dias no lugar onde estava. Depois, passado esse tempo, disse a seus discípulos: — "Voltemos para a Judeia". — Perguntaram-lhe os discípulos: — Mestre, ainda agora queriam os judeus apedrejar-te, e voltas para lá? — Respondeu Jesus: — "Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se alguém andar de noite, tropeça, porque lhe falta a luz".**

**— Falou-lhes assim e depois lhes disse: — "Nosso amigo Lázaro dorme profundamente, mas vou despertá-lo do seu sono". — Observaram-lhe, então, os discípulos:— Senhor, se ele dorme, ficará bom. Jesus tinha falado da morte de Lázaro; mas eles supunham que falasse do repouso do sono. Disse-lhes, pois, Jesus abertamente: — "Lázaro morreu; e por vossa causa eu me alegro de não me achar lá, para que creais; mas vamos ter com ele". Disse então Tomé, chamado Dídimo, aos seus condiscípulos: — Vamos também nós, para morrermos com ele. Ao chegar, Jesus o encontrou já com quatro dias de túmulo. Ora, Betânia distava de Jerusalém cerca de três quilômetros; e muitos judeus tinham vindo ter com Marta e Maria para as consolar da morte de seu irmão. Marta, quando soube que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro, ficando Maria em casa. Disse então Marta a Jesus:— Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. E mesmo agora sei que tudo o que pedires a Deus, Deus o concederá. — Respondeu-lhe Jesus: — "Teu irmão há-de ressurgir". — Eu sei, replicou Marta, que ele há-de ressuscitar na ressurreição, no último dia.**

**— Disse-lhe Jesus: — "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá; crês isto ?" — Sim, Senhor — respondeu ela — eu já creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo. — Tendo dito isto, foi ela chamar a Maria, sua irmã, e lhe disse em particular: — Está aí o Mestre e te chama. Ela, ouvindo isto, levantou-se rapidamente e foi ter com ele, pois Jesus ainda não havia entrado na aldeia,—mas permanecia no lugar onde Marta o encontrara. Os judeus que estavam com Maria, em sua casa, a consolá-la, vendo-a levantar-se depressa e partir, seguiram-na, pensando que ela ia ao túmulo para ali chorar. Quando Maria chegou ao lugar onde estava Jesus, ao vê-lo, se lhe lançou aos pés, dizendo: — Senhor, se tivesses estado aqui, não teria morrido meu irmão. Vendo Jesus que ela chorava e que os judeus que com ela tinham vindo também choravam, gemeu em espírito, inquietou-se e perguntou: — "Onde o pusestes?" — Eles lhe responderam: — Senhor, vem e vê. Jesus chorou. Os judeus, então, diziam: — Vede como ele o amava! — Mas alguns deles disseram: — Não podia este homem, que abriu os olhos ao cego, fazer que estoutro não morresse? — Jesus, gemendo outra vez em si mesmo, foi ao túmulo; era este uma gruta, a cuja entrada estava posta uma pedra.**

**Jesus disse: — "Tirai a pedra". — Disse-lhe Marta, irmã do morto: — Senhor, ele já cheira mal, pois que está morto há quatro dias. — Respondeu-lhe Jesus: — "Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?" — Tiraram, então, a pedra. Jesus, levantando os olhos, disse: — "Pai, graças te dou por me teres ouvido. Eu bem sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa desta multidão que me cerca, a fim de crerem que tu me enviaste". — Tendo assim falado, bradou em voz alta: — 'Lázaro, sai para fora". Saiu aquele que estivera morto, ligados os pés e as mãos com faixas, e envolto o seu rosto num sudário. — Disse-lhes Jesus: — "Desatai-o e deixai-o ir". — Muitos dos judeus que vieram ter com Maria e viram o que fizera Jesus, creram nele. Alguns deles, porém, foram ter com os fariseus e lhes contaram o que Jesus tinha feito. Então os principais sacerdotes e os fariseus convocaram uma reunião do sinédrio e disseram: — Que faremos nós, pois que esse homem faz muitos sinais? Se o deixarmos assim, todos crerão nele; e virão os romanos e nos tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação. Caifás, porém, um dentre eles, sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: — Vós nada sabeis, nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não pereça toda a nação.**

**Ora, ele não disse isto de si mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus havia de morrer pela nação; e não somente pela nação, mas também para unificar os filhos de Deus que se dispersaram. Desde aquele dia resolveram tirar-lhe a vida e a de Lázaro. Por isso, já não andava Jesus abertamente entre os judeus, mas retirou-se dali para uma região próxima do deserto, para uma cidade chamada Efraim, e aí ficou com os discípulos. Estando próxima a Páscoa dos judeus, muitos daquela região subiram a Jerusalém, antes da Páscoa, para se purificarem. Procuravam a Jesus e perguntavam uns aos outros, no templo: — Que vos parece? Não virá ele à festa? — Ora, os principais sacerdotes e os fariseus tinham dado ordens para que, se alguém soubesse onde ele estava, o denunciasse, para o prenderem .**

**Filhos da ressurreição.- (Mat., 22:23 a 33; Mar., 12:18 a 27; Luc., 20:27 a 40)  
Naquele dia vieram alguns saduceus, homens que negam a ressurreição, e lhe fizeram esta pergunta: — Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer sem deixar filhos, seu irmão casará com a viúva e dará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro, depois de casado, morreu, e, não havendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; do mesmo modo também o segundo e o terceiro, até ao sétimo. Depois de todos eles, morreu a mulher. Na ressurreição, quando tornarem a viver, de qual deles será a mulher? pois os sete casaram com ela. — Respondeu-lhes Jesus: — "Os filhos deste mundo se casam e dão-se em casamento; mas aqueles que forem julgados dignos de alcançar o mundo vindouro e a ressurreição dentre os mortos, não se casam nem se dão em casamento; pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos dos Céus, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. Mas que os mortos ressuscitam, Moisés o indicou na passagem a respeito da sarça, onde se diz que o Eterno é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob. Ora, Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; pois todos vivem para ele". Alguns dos escribas disseram: — Mestre, falaste bem. — Ouvindo isto, o povo se admirava da sua doutrina. E não ousaram mais perguntar-lhe coisa alguma.**

|  |  |
| --- | --- |
| **SABEDORIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A educação segundo o Espiritismo - pág. 74** | **02 - A sombra do olmeiro - pág. 9** |
| **03 - A vida além do véu - pág. 104** | **04 - Allan Kardec - vol. 1 pág. 93** |
| **05 - Análise das coisas - pág. 153, 184** | **06 - Calma - pág. 90** |
| **07 - Ciência e Espiritismo - pág. 74** | **08 - Convites da vida - pág. 175** |
| **09 - Do país da luz - vol, 1, vol, 2, pág. 75, 57** | **10 - Espírito, perispírito e alma - pág. 205** |
| **11 - Falando à Terra - pág. 179** | **12 - Guardiães da verdade - pág. 42** |
| **13 - Jesus no lar - pág. 47, 71** | **14 - Luz acima - pág. 28** |
| **15 - Mãos de Luz - pág. 70** | **16 - Minha doce casa Espírita - pág. 46, 126** |
| **17 - Na era do Espírito - pág. 65** | **18 - O batismo - pág. 3** |
| **19 - O espiritismo - pág. 129** | **20 - O exilado - pág. 31** |
| **21 - O livro dos Espíritos - Introd. VII** | **22 - O mestre na educação - pág. 33, 89** |
| **23 - O que é a morte - pág. 58** | **24 - O ser e a serenidade - pág. 117** |
| **25 - Pão nosso - pág. 39** | **26 - Pérolas do além - pág. 213** |
| **27 - Poesias póstumas - pág. 457** | **28 - Poetas redivivos - pág. 49** |
| **29 - Renúncia - pág. 200** | **30 - Segue-me - pág. 89, 91** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SABEDORIA** **– COMPILAÇÃO**

**13 - Jesus no lar - Néio Lúcio - pág. 47, 71**

**9. O MENSAGEIRO DO AMOR  
Falava-se na reunião, com respeito à preponderância dos sábios na Terra, quando Jesus tomou a palavra e contou, sereno e simples: -"Há muitos anos, quando o mundo perigava em calamitosa crise de ignorância e perversidade, o Poderoso Pai enviou-lhe um mensageiro da ciência, com a missão de entregar-lhe gloriosa mensagem de vida eterna. Tomando forma, nos círculos da carne, o esclarecido obreiro fez-se professor e, sumamente interessado em letras, apaixonou-se exclusivamente pelas obras da inteligência, afastando-se, enojado, da multidão inconsciente e declarando que vivia numa vanguarda luminosa, inacessível à compreensão das pessoas comuns.**

**Observando-o incapaz de atender aos compromissos assumidos, o Senhor Compassivo providenciou a viagem de outro portador da ciência que, decorrido algum tempo, se transformou em médico admirado. O novo arauto da Providência refugiou-se numa sala de ervas e beberagens, interessando-se tão-sòmente pelo contacto com enfermos importantes, habilitados à concessão de grandes recompensas, afirmando que a plebe era demasiado mesquinha para cativar-lhe a atenção.**

**O Todo-Bondoso determinou, então, a vinda de outro emissário da ciência, que se converteu em guerreiro célebre. Usou a espada do cálculo com mestria, pôs-se à ilharga de homens astuciosos e vingativos e, afastando-se dos humildes e dos pobres, afirmava que a única finalidade do povo era a de salientar a glória dos dominadores sanguinolentos. Contristado com tanto insucesso, o Senhor Supremo expediu outro missionário da ciência, que, em breve, se fez primoroso artista.**

**Isolou-se nos salões ricos e fartos, compondo música que embriagasse de prazer o coração dos homens provisoriamente felizes e afiançou que o populacho não lhe seduzia a sensibilidade que ele mesmo acreditava excessivamente avançada para o seu tempo. Foi, então, que o Excelso Pai, preocupado com tantas negações, ordenou a vinda de um mensageiro de amor aos homens. Esse outro enviado enxergou todos os quadros da Terra, com imensa piedade.**

**Compadeceu-se do professor, do médico, do guerreiro e do artista, tanto quanto se comoveu ante a desventura e a selvageria da multidão e, decidido a trabalhar em nome de Deus, transformou-se no servo diligente de todos. Passou a agir em benefício geral e, identificado com o povo a que viera servir, sabia desculpar infinitamente e repetir mil vezes o mesmo esforço ou a mesma lição. Se era humilhado ou perseguido, buscava compreender na ofensa um desafio benéfico à sua capacidade de desdobrasse na ação regeneradora, para testemunhar reconhecimento à confiança do Pai que o enviara.**

**Por amar sem reservas os seus irmãos de luta, em muitas situações foi compelido a orar e pedir o socorro do Céu, perante as garras da calúnia e do sarcasmo; entretanto, entendia, nas mais baixas manifestações da natureza humana, dobrados motivos para consagrar-se, com mais calor, à melhoria dos companheiros animalizados, que ainda desconheciam a grandeza e a sublimidade do Pai Benevolente que lhes dera o ser.  
  
Foi assim, fazendo-se o último de todos, que conseguiu acender a luz da fé renovadora e da bondade pura no coração das criaturas terrestres, elevando-as a mais alto nível, com plena vitória na divina missão de que fora investido. Houve ligeira pausa na palavra doce do Messias e, ante a quietude que se fizera espontânea no ruidoso ambiente de minutos antes, concluiu ele, com expressivo acento na voz:  
  
— Cultura e santificação representam forças inseparáveis da glória espiritual. A sabedoria e o amor são as duas asas dos anjos que alcançaram o Trono Divino, mas, em toda parte quem ama segue à frente daquele que simplesmente sabe.**

**15. O MINISTRO SÁBIO**

**Mateus discorria, solene, sobre a missão dos que dirigem a massa popular, especificando deveres dos administradores e dificuldades dos servos. A conversação avançava, pela noite a dentro, quando Jesus, notando que os aprendizes lhe esperavam a palavra amiga, narrou, sorridente:**

**- Um reino existia, em cuja intimidade apareceu um grande partido de adversários do soberano que o governava. Pouco a pouco, o espírito de rebeldia cresceu em certas famílias revoltadas e, a breves semanas, toda uma província em desespero se ergueu contra o monarca, entravando-lhe as ações.  
  
Naturalmente preocupado, o rei convidou um hábil juiz para os encargos de primeiro ministro do país, desejoso de apagar a discórdia; mas o juiz começou a criar quantidade enorme de leis e documentos escritos, que não chegaram a operar a mínima alteração. Desiludido, o imperante substituiu-o por um doutrinador famoso. O tribuno, porém, conduzido à elevada posição, desfez-se em discursos veementes e preciosos que não modificaram a perturbação reinante.  
  
Continuavam os inimigos internos solapando o prestígio nacional, quando o soberano pediu o socorro de um sacerdote que, situado em tão nobre posto, amaldiçoou, de imediato, os elementos contrários ao rei, piorando o problema. Desencantado, o monarca trouxe um médico à direção dos negócios gerais, mas tão logo se viu em palácio, partilhando as honras públicas, o novo ministro afirmou, para conquistar o favor régio, que o partido de adversários da Coroa se constituía de doentes mentais, e fez disso propaganda tão ruinosa que a indisciplina se tornou mais audaciosa e a revolta mais desesperada.  
  
Pressentindo o trono em perigo, o soberano substituiu o médico por um general célebre, que tomou providência drástica, arregimentando forças armadas nas regiões fiéis e mobilizando-as contra os irmãos insubmissos. Estabeleceu-se a guerra civil. E quando a morte começou a ceifar vidas inúmeras, inclusive a do temido lidador militar que se converteu em primeiro ministro do reino, o imperante, de alma confrangida, convidou um sábio a ocupar-se do posto então vazio.**

**Esse chegou à administração, meditou algum tempo e deu início a novas atividades. Não criou novas leis, não pronunciou discursos, não censurou os insurretos, não perdeu tempo em zombaria e nem estimulou qualquer cultura de vingança. Dirigiu-se em pessoa à região conflagrada, a fim de observar-lhe as necessidades.  
  
Reparou, aí, a existência de inúmeras criaturas sem teto, sem trabalho e sem instrução, e erigiu casas, criou oficinas, abriu estradas e improvisou escolas, incentivando o serviço e a educação, lutando, com valioso espírito de entendimento e fraternidade, contra a preguiça e a ignorância.  
  
Não transcorreu muito tempo e todas as discórdias do reino desapareceram, porque a ação concreta do bem eliminara toda a desconfiança, toda a dureza e indecisão dos espíritos enfermiços e inconformados.  
  
Mateus contemplava o Senhor, embevecidamente, deliciando-se com as idéias de bondade salvadora que enunciara a Jesus, respondendo-lhe à atenção com luminoso sorriso, acrescentou para finalizar:  
  
— O ódio pode atear muito incêndio de discórdia, no mundo, mas nenhuma teoria de salvação será realmente valiosa sem o justo benefício aos espíritos que a maldade ou a rebelião desequilibraram. Para que o bem possa reinar entre os homens, há de ser uma realidade positiva no campo do mal, tanto quanto a luz há de surgir, pura e viva, a fim de expulsar as trevas.  
  
21 - O livro dos Espíritos - Allan Kardec- Introd. VII**

**—A CIÊNCIA E O ESPIRITISMO  
A oposição das corporações científicas é, para muita gente, senão uma prova, pelo menos uma forte presunção contrária. Não somos dos que levantam a voz contra os sábios, pois não queremos dar motivo a nos chamarem de estouvados; temo-los, pelo contrário, em grande estima e já ficaríamos muito honrados se fôssemos contados entre eles. Entretanto, sua opinião não poderia representar, em todas as circunstâncias, um julgamento irrevogável.  
  
Quando a Ciência sai da observação material dos fatos e trata do apreciá-los e explicá-los, abre-se para os cientistas o campo da conjecturas: cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer, e o sustenta encarniçadamente. Não vemos diariamente as opiniões mais contraditórias serem preconizadas e rejeitadas, repelidas com erros absurdos e depois proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente.  
  
No tocante às coisas evidentes, a opinião dos sábios é justamente digna de fé, porque eles as conhecem mais e melhor que o vulgo. Mas no tocante a princípios novos, a coisas desconhecidas, a sua maneira de ver não é mais do que hipotética, porque eles não são mais livres de preconceitos que os outros. Direi mesmo que o sábio terá, talvez, mais preconceitos que qualquer outro, pois uma propensão natural o leva a tudo subordinar ao ponto de vista de sua especialidade: o matemático não vê nenhuma espécie de prova, senão por meio de uma demonstração algébrica, o químico relaciona tudo com a ação dos elementos, e assim por diante. Todo homem que se dedica a uma especialidade escraviza a ela as suas idéias.**

**Afastai-o do assunto e ele quase sempre se confundirá, porque deseja tudo submeter ao seu modo de ver; é esta uma consequência da fragilidade humana. Consultarei, portanto, de bom grado e com absoluta confiança, um químico sobre uma questão de análise; um físico sobre a força elétrica; um mecânico sobre a força motriz; mas eles me permitirão, sem que isto afete a estima que lhes devo por sua especialização, que não tenha em melhor conta a sua opinião negativa sobre o Espiritismo do que a de um arquiteto sobre questões de música.  
  
As ciências comuns se apoiam nas propriedades da matéria, que pode ser experimentada e manipulada à vontade; os fenômenos espíritas se apoiam na ação de inteligências que têm vontade própria e nos provam a todo instante não estarem submetidas ao nosso capricho. As observações, portanto, não podem ser feitas da mesma maneira, num e noutro caso. No Espiritismo elas requerem condições especiais e outra maneira de encará-las: querer sujeitá-las aos processos ordinários de investigação, seria estabelecer analogias que não existem. A Ciência propriamente dita, como Ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo: não lhe cabe ocupar-se do assunto, e seu pronunciamento a respeito, qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria.  
  
O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, independente de sua condição de sábios. Querer, porém, deferir a questão à Ciência seria o mesmo que entregar a uma assembléia de físicos ou astrônomos a solução do problema da existência da alma. Com efeito, o Espiritismo repousa inteiramente sobre a existência da alma e o seu estado após a morte. Ora, é supinamente ilógico pensar que um homem deve ser grande psicólogo pelo simples fato de ser grande matemático ou grande anatomista. O anatomista, dissecando o corpo humano, procura a alma e, porque não a encontra com o seu bisturi, como se encontrasse um nervo, ou porque não a vê evolar-se como um gás, conclui que ela não existe. Isto, em razão de colocar-se num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se daí que ele esteja com a razão, contra a opinião universal? Não. Vê-se, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.  
  
Quando as crenças espíritas estiveram vulgarizadas, quando forem aceitas pelas massas, — o que, a julgar pela rapidez com que se propagam, não estaria muito longe, — dar-se-á com elas o que se tem dado com todas as idéias novas que encontraram oposição: os sábios se renderão à evidência. Eles as aceitarão individualmente, pela força das circunstâncias. Até que isso aconteça, seria inoportuno desviá-los de seu trabalhos especiais para constrangê-los a ocupar-se de coisa estranha que não está nas suas atribuições nem nos seus programas.**

**Enquanto isso, os que, sem estudo prévio e aprofundado da questão, pronunciam-se pela negativa e zombam dos que não concordam com a sua opinião esquecem que o mesmo aconteceu com a maioria das grandes descobertas que honram a Humanidade. Arriscam-se a ver os seus nomes aumentando a lista dos ilustres negadores das idéias novas, inscritos ao lado dos membros da douta assembléia que, em 1752, recebeu com estrondosa gargalhada o relatório de Franklin sobre os pára-raios, julgando indigno de figurar entre as comunicações da pauta, e daquela outra que fez a França perder as vantagens da navegação a vapor ao declarar o sistema de Fulton um sonho impraticável. Não obstante, eram questões de alçada da Ciência.**

**Se essas assembléias, que contavam com os maiores sábios do mundo, só tiveram zombaria e sarcasmo para as idéias que ainda não compreendiam e que alguns anos mais tarde deviam revolucionar a Ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos possa ser melhor aceita?  
  
Esses erros lamentáveis não tirariam aos sábios, entretanto, os títulos com que, noutros assuntos, conquistam o nosso respeito. Mas é necessário um diploma oficial para se ter bom senso? E fora das cátedras acadêmicas não haverá mais do que tolos e imbecis? Basta olhar para os adeptos da doutrina espírita, para se verse entre eles só existem ignorantes e se o número imenso de homens de mérito que a abraçaram permite que a releguemos ao rol das simples crendices. O caráter e o saber desses homens autorizam-nos a dizer: pois se eles o afirmam, deve pelo menos haver alguma coisa.  
  
Repetimos ainda que, se os fatos de que nos ocupamos estivessem reduzidos ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física do fenômeno seria do domínio da Ciência; mas desde que se trata de uma manifestação fora do domínio das leis humanas, escapa à competência da Ciência material, porque não pode ser explicada por números, nem por forças mecânicas. Quando surge um fato novo, que não se enquadra em nenhuma Ciência conhecida, o sábio, para o estudar, deve fazer abstração de sua ciência e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, que não pode ser feito com idéias preconcebidas.  
  
O homem que considere a sua razão infalível está bem próximo do erro; mesmo aqueles que têm as mais falsas idéias apoiam-se na própria razão e é por isso que rejeitam tudo quanto lhes parece impossível. Os que ontem repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade hoje se orgulha, apelaram a esse juiz para as rejeitar. Aquilo que chamamos razão é quase sempre o orgulho mascarado, e quem quer que se julgue infalível coloca-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, portanto, aos que são bastante ponderados para duvidar do que não viram e, julgando o futuro pelo passado, não acreditam que o homem tenha chegado ao apogeu nem que a Natureza lhes tenha virado a última página do seu livro.  
  
25 - Pão nosso - Emmanuel - pág. 39**

**14 - PÁGINAS  
"Mas a sabedoria que vem do alto é primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia." — (TIAGO, 3:17.)  
Toda página escrita tem alma e o crente necessita auscultar-lhe a natureza. O exame sincero esclarecerá imediatamente a que esfera pertence, no círculo de atividade destruidora no mundo ou no centro dos esforços de edificação para a vida espiritual.  
  
Primeiramente, o leitor amigo da verdade e do bem analisar-lhe-á as linhas, para ajuizar da pureza do seu conteúdo, compreendendo que, se as suas expressões foram nascidas de fontes superiores, aí encontrará os sinais inequívocos da paz, da moderação, da afabilidade fraternal, da compreensão amorosa e dos bons frutos, enfim.  
  
Mas, se a página reflete os venenos sutis da parcialidade humana, semelhante mensagem do pensamento não procede das esferas mais nobres da vida. Ainda que se origine da ação dos Espíritos desencarnados, supostamente superiores, a folha que não faça benefício em harmonia e construção fraternal é, apenas, reflexo de condições inferiores.  
  
Examina, pois, as páginas de teu contacto com o pensamento alheio, diariamente, e faze companhia àquelas que te desejam elevação. Não precisas das que se te figurem mais brilhantes, mas daquelas que te façam melhor.  
  
30 - Segue-me - Emmanuel - pág. 89, 91**

**A SABEDORIA DO ALTO  
"Mas a sabedoria que vem do Alto é pura, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia". (Tiago, 3:17)  
Se o conhecimento da fé gerou veneno para a tua palavra, a desvairar-se em ataques e críticas, a pretexto de preservar a verdade, guarda contigo bastante cautela, porque não é com rixosas interpretações que te farás embaixador da Espiritualidade Sublime.  
  
A inspiração da Vida Superior manifesta-se sem qualquer artifício. Quem fala, em nome do Senhor, não necessita de longos e complicados discursos. É apaziguante e benevolente, sem qualquer recurso à força. É moderado, sem inclinar-se ao desequilíbrio.  
  
É compreensivo, sem alardear superioridade contundente. É repleto de entendimento e carinho, frutificando em bênçãos de alegria e reconforto para os que se aproximem da fonte em que se exterioriza. Não se apaixona, nem finge.  
  
Compreende as criaturas, no plano em que cada uma se coloca, exerce a bondade, em todas as ocasiões, cultiva a paciência nos obstáculos e distribui o coração, entre a energia que constrói e a gentileza que estimula. A sabedoria do Alto plasma os verdadeiros valores da educação.  
  
Os orientadores do mundo satisfazem a inteligência e enriquecem o patrimônio intelectual. Jesus Cristo, contudo, aprimora o sentimento. A universidade ilustra o cérebro.  
  
O Evangelho aperfeiçoa o coração. Se desejas, pois, conservar contigo a riqueza espiritual que desce do Plano Superior, caminha, entre os homens, aplicando as lições de Jesus, no esforço de cada dia.**

**OS SÁBIOS REAIS  
"Quem dentre vós é sábio e entendido mostre por seu bom trato as suas obras em mansidão de sabedoria". (Tiago, 3:13)  
Milhares de pessoas senhoreiam os tesouros da instrução, multiplicando títulos, no campo social, para fugirem, incompreensivelmente, do trabalho e da fraternidade.  
  
Aqui temos um bacharel que, por haver conquistado um diploma profissional, declara-se incapaz de efetuar a limpeza da própria roupa, quando necessário; ali vemos uma jovem musicista que, por haver atravessado os salões de um conservatório, afirma-se inabilitada para servir as refeições no próprio lar.**

**Além, observamos um negociante inteligente que, por haver explorado a confiança alheia, recolhe-se nos castelos da finança segura, asseverando-se entediado do contato com a multidão, que lhe conferiu a prosperidade. Mais adiante notamos religiosos de vários matizes que, depois de se declararem consolados e esclarecidos pela fé, começam a ironizar os irmãos infelizes ou ignorantes que, em nome de Deus, lhes aguardam os testemunhos de bondade e de amor.  
  
Na vida espiritual, todavia, os verdadeiros sábios são conhecidos por ângulos diferentes. Os verdadeiros amigos da luz revelam-se através da generosidade pessoal. Sabem que o isolamento é orgulho, que a violência é crueldade, que a exigência descabida é serviço da treva, que o sarcasmo é perturbação...**

**Reconhecem que a sabedoria é paternidade espiritual, cheia de compreensão e carinho, e, por isso, sem qualquer humilhação a ninguém, auxiliam a todos, indistintamente, acendendo, com amor, na escura ignorância que os cercam, a luz abençoada que brilhará, vitoriosa, amanhã.  
  
SOMENTE ASSIM  
"Nisto é glorificado meu Pai que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos". - Jesus (João, 15:8)  
Em nossas aflições, o Pai é invocado. Nas alegrias, é adorado. Na noite tempestuosa, é esperado com ânsia. No dia festivo, é reverenciado solenemente.  
  
Louvado pelos filhos reconhecidos e olvidado pelos ingratos, o Pai dá sempre, espalhando as bênçãos de sua bondade infinita entre bons e maus, justos e injustos. Ensina o verme a rastejar, o arbusto a desenvolver-se e o homem a raciocinar.  
  
Ninguém duvide, porém, quanto à expectativa do Supremo Senhor a nosso respeito. De existência em existência, ajuda-nos a crescer e a servi-lo, para que, um dia, nos integremos, vitoriosos, em seu Divino Amor e possamos glorificá-lo.  
  
Nunca chegaremos, contudo, a semelhante condição, simplesmente através dos mil modos de coloração brilhante dos nossos sentimentos e raciocínios.  
  
Nossos ideais superiores são imprescindíveis, mas, no fundo, assemelham-se às flores mais belas e perfumosas da árvore. Nossa cultura é, sem dúvida, indispensável, todavia, em essência, constitui a robustez do tronco respeitável. Nossas aspirações elevadas são preciosas e necessárias, contudo representam as folhas vivas e promissoras.  
  
Todos esses requisitos são imperativos da colheita. Assim também ocorre nos domínios da alma. Somente é possível glorificar o Pai quando nos abrimos aos seus decretos de amor universal, produzindo para o bem eterno.  
  
Por isso mesmo, o Mestre foi claro em sua afirmação. Que nossa atividade, dentro da vida, produza muito fruto de paz e sabedoria, amor e esperança, fé e alegria, justiça e misericórdia, em trabalho pessoal digno e constante, porquanto somente assim o Pai será por nós glorificado e, só nessa condição, seremos discípulos do Mestre Crucificado e Redivivo.**

**LEMBRETE:**

**1° - (...) significa (...) tanto a superioridade intelectual quanto moral. Indica, ainda, que, na ausência desse valor nos investidos de autoridade, a subordinação estaria comprometida, não seria legítima e, por isso mesmo, não exigível (...) Ney Lobo**

**2° - (...) é o conhecimento divino, puro e inalienável, que a alma vai armazenando no seu caminho, em marcha para a vida imortal. Emmanuel**

**3° - (...) Toda sabedoria, sem a bondade, é como luz que não aquece, ou como flor que não perfuma (...) Humberto de Campos**

**4° - (...) A sabedoria espiritual é filha das grandes e abençoadas revelações das almas (...) Francisco C. Xavier**

**5° - Sabedoria e amor são as duas asas da alma para o vôo supremo às esferas supremas da Divindade. Francisco C. Xavier**

**Edivaldo**

|  |  |
| --- | --- |
| **SACRIFÍCIOS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A plural. dos mundos habitados - pág. 250** | **02 - Boa Nova - pág. 194** |
| **03 - Caminho, verdade e vida - pág. 92, 183, 267** | **04 - Cinquenta anos depois - pág. 230** |
| **05 - De Mário a Tiradentes - pág. 45** | **06 - Estante da vida - pág. 65, 182** |
| **07 - Florações Evangélicas - pág. 99** | **08 - Guardiães da verdade - pág. 23** |
| **09 - Hipnotismo e mediunidade - pág. 240** | **10 - O alvorecer da espiritualidade - pág. 23** |
| **11 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. X, 7** | **12 - O Livro dos Espíritos - q. 669** |
| **13 - O martírio dos suicidas - pág. 166** | **14 - Pão nosso - pág. 17, 107** |
| **15 - Pérolas do Além - pág. 213** | **16 - Pureza doutrinária - pág. 19** |
| **17 - Tambores de Angola - pág. 133** | **18 - Veladores da luz - pág. 129** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SACRIFÍCIOS** **– COMPILAÇÃO**

**01- A pluralidade dos mundos habitados - Camille Flammarion - pág. 250**

**(..) Essa lei de morte tem, além disso, um triste complemento em nossa espécie, complemento não fatal, esperamos. Os homens, que já estão à frente do combate perpétuo que os seres vivos travam sobre a Terra, levaram ao extremo essa lei desastrosa virando-a contra eles mesmos; e desde a origem das sociedades, entre as civilizações mais avançadas ou em meio à barbárie, a Guerra, iníqua e insensata, tomou as rédeas das nações humanas.**

**— Crê-lo-eis vós, populações pacíficas do espaço! O homem chegou aqui a tal aberração, que fez dessa Guerra uma deusa, e a adora! Sim, os habitantes da Terra contemplam com veneração este Moloch esfomeado; e, por uma convenção mútua, dão a palma das honras e o diadema da glória aos mais cruéis entre eles, cuja habilidade na carnificina é maior! Eis aí nosso mundo! Glória àquele que amontoa cadáveres nas planícies tingidas de vermelho; glória àquele que enche deles as valas; glória àquele cujo um frenético recruta o maior número de tigres ao redor de seu estandarte sangrento, e faz marchar hordas de carrascos sobre o ventre de nações dilaceradas!  
  
Este estado de coisas que nos domina, que há muito tempo se tornou necessário, porque foi consagrado por nossas instituições políticas, que têm sua origem na lei do mais forte; este estado de coisas é inerente a nossa espécie, cujas necessidades materiais são imperiosas. As primeiras. tribos selvagens que o historiador encontra na origem de todas as nações só puderam subsistir, como os animais, pelo direito da eleição natural, ou seja, pela conquista dos elementos de sua existência.**

**Antes de saber falar, antes de haver imaginado alguma arte, antes mesmo de haver pensado, esses povos deviam fazer a guerra contra os animais e contra os homens, no momento em que lhes fosse necessário assegurar-se da propriedade de um território; essa guerra ora ofensiva, ora defensiva, cujo único objetivo era fornecer aos combatentes os meios de uma vida segura, fundou os primeiros direitos e os primeiros poderes.**

**As tribos cresceram, mudaram de território, inquietas com os flagelos da natureza e atraídas pelo atrativo de uma vida mais feliz; elas se sucederam, estabeleceram a pátria e a nacionalidade, e, longe de abandonar entre os apetites primitivos a guerra em que nasceram, cada qual alimentou este monstro devorador que devia com a idade tornar-se ainda maior e mais terrível. Há muito tempo, as ilações, chegadas à maturidade, armaram a guerra por orgulho e ambição; nossas necessidades primitivas estão satisfeitas mas nossa antiga barbárie permaneceu, agravada pelos refinamentos de uma ciência odiosa.**

**Assim, os vícios de nossa humanidade têm sua origem na própria organização do nosso mundo; a natureza humana está solidariamente ligada a natureza terrestre; se esta fosse superior ao que é presentemente, a primeira teria a mesma superioridade. Não hesitamos em imputar, a essa lei de morte que governa nosso mundo, a causa primeira do vício social de que falamos. Se essa lei terrível não existisse, a humanidade teria vivido desde o primeiro dia no seio da tranquilidade e da felicidade.  
  
A maioria dos males que nos afligem encontraria sua causa primeira no estado de inferioridade de nosso mundo. Indo ao fundo da questão, reconhece-se que nossos vícios particulares, como nossos vícios sociais, não teriam nenhuma razão de ser sobre uma terra que não os provocasse. Se a propriedade, ao menos passageira, dos elementos de nossa existência não nos fosse necessária; se nosso planeta alime tasse seus filhos sem lhes impor condições tão rigorosas, sem submetê-los a tantos sacrifícios, ninguém jamais sonharia em arrebatar objetos gratuitos, o roubo não teria nascido; e com o roubo, a mentira, o assassínio e todos os vícios que têm se princípio na cupidez não teriam aparecido sobre a Terra.  
  
Estando todas as coisas solidárias na natureza, nosso regime, material de um lado, não pode ser espiritual do outro; e enquanto os apetites grosseiros dominavam nosso corpo, todas as paixões de nossa alma deviam ressentir-se disso Então se as mais nobres aspirações de nossa inteligência não podem ter livre curso sob a influência do invólucro terrestre que pesa sobre nós desde o nosso nascimento, todo o nosso ser se encontra absorvido, e é a nosso estado original (estado intimamente modelado pela constituição física do globo) que devemos nos remeter para encontrar a origem de nossas necessidades, nossos desejos e nossas paixões primitivas. Não é nos vícios provenientes da própria civilização que si poderia encontrar ainda um princípio original em nosso estado natural.   
  
Recapitule-se a soma das diversas paixões humanas, desde o fogo dominador do amor físico ao gelo da avareza valetudinária, e será possível encontrar facilmente seu germe nas necessidades inerentes à nossa organização terrestre. Voltemos à lei fundamental da existência, a nossa e a de todos os seres vivos sobre a Terra, a lei que quer que mendiguemos nosso alimento aos restos de outros seres, e que só possamos viver sob a condição de desenterrar as plantas e mandar matar os animais. Pensar-se-á que essa lei é necessária, e que faz parte da ordem absoluta não ser possível viver sem vítimas? Pensar-se-á que em todo os mundos o homem seja forçado a matar e devorar para manter a sua existência? Tal opinião nos pareceria absolutamente falsa.   
  
Por um lado, seria um fenômeno tão extraordinário que certos corpos fossem constituídos de tal maneira que seu organismo trouxesse em si mesmo as condições de uma longa existência? Por outro lado, seria uma suposição muito estranha, imaginar atmosferas alimentícias, atmosferas compostas de elementos nutritivos que se assimilariam a corpos organizados de acordo com as condições delas?  
  
Tão logo se represente o estado da humanidade em tais mundos, onde os homens seriam dispensados das grosseiras necessidades, inerentes à nossa organização terrestre, e que colocam tantos obstáculos ao trabalho de nossas inteligências; tão logo se transporte a esses mundos afortunados onde o homem levaria uma vida mais nobre e generosa, onde as inteligências agiriam com todo o seu poder de ação, com toda a sua liberdade, e tão logo se deixa cair em seguida sobre nosso pobre planeta, onde se travam os combates incessantes da vida contra a morte, compreende-se que alto grau de superioridade esses mundos teriam recebido com relação ao nosso, e quanto os seres que os habitariam estariam elevados acima dos filhos da Terra.  
  
Graças à organização de nosso aparelho pulmonar, nosso sangue se renova incessantemente sem que o saibamos; não precisamos fazer uma refeição de oxigênio para manter a identidade da composição química do nosso sangue, que uma circulação perpétua reconduz das extremidades ao coração; então a atmosfera é mesmo, aqui, um elemento de nossa subsistência, uma parte do alimento de nosso sistema corporal. Não pode acontecer que nos mundos inferiores a respiração difira da nossa e seja forçada a um tipo de alimentação periódica? Reciprocamente, não pode acontecer que nos mundos superiores essa respiração, modificada e completada, seja suficiente para alimentar todo o organismo humano? (...)**

**02 - Boa Nova - Humberto de Campos - pág. 194**

**30. MARIA  
Junto da cruz, o vulto agoniado de Maria produzia dolorosa e indelével impressão. Com o pensamento ansioso e torturado, olhos fixos no madeiro das perfídias humanas, a ternura materna regredia ao passado em amarguradas recordações. Ali estava, na hora extrema, o filho bem-amado.  
  
Maria deixava-se ir na corrente infinda das lembranças. Eram as circunstâncias maravilhosas em que o nascimento de Jesus lhe fora anunciado, a amizade de Isabel, as profecias do velho Simeão, reconhecendo que a assistência de Deus se tornara incontestável nos menores detalhes de sua vida. Naquele instante supremo, revia a manjedoura, na sua beleza agreste, sentindo que a Natureza parecia desejar redizer aos seus ouvidos o cântico de glória daquela noite inolvidável.**

**Através do véu espesso das lágrimas, repassou, uma por uma, as cenas da infância do filho estremecido, observando o alarma interior das mais doces reminiscências. Nas menores coisas, reconhecia a intervenção da Providência celestial; entretanto, naquela hora, seu pensamento vagava também pelo vasto mar das mais aflitivas interrogações.   
  
Que fizera Jesus por merecer tão amargas penas? Não o vira crescer de sentimentos imaculados, sob o calor de seu coração? Desde os mais tenros anos, quando o conduzia à fonte tradicional de Nazaré, observava o carinho fraterno que dispensava a todas as criaturas. Frequentemente, ia buscá-lo nas ruas empedradas, onde a sua palavra carinhosa consolava os transeuntes desamparados e tristes. Viandantes misérrimos vinham a sua casa modesta louvar o filhinho idolatrado, que sabia distribuir as bênçãos do Céu.**

**Com que enlevo recebia os hóspedes inesperados que suas mãos minúsculas conduziam à carpintaria de José!... Lembrava-se bem de que, um dia, a divina criança guiara a casa dois malfeitores publicamente reconhecidos como ladrões do vale de Mizhep. E era de ver-se a amorosa solicitude com que seu vulto pequenino cuidava dos desconhecidos, como se fossem seus irmãos. Muitas vezes, comentara a excelência daquela virtude santificada, receando pelo futuro de seu adorável filhinho.  
  
Depois do caridoso ambiente doméstico, era a missão celestial, dilatando-se em colheita de frutos maravilhosos. Eram paralíticos que retomavam os movimentos da vida, cegos que se reintegravam nos sagrados dons da vista, criaturas famintas de luz e de amor que se saciavam na sua lição de infinita bondade. Que profundos desígnios haviam conduzido seu filho adorado a cruz do suplício?  
  
Uma voz amiga lhe falava ao espírito, dizendo das determinações insondáveis e justas de Deus, que precisam ser aceitas para a redenção divina das criaturas. Seu coração rebentava em tempestades de lágrimas irreprimíveis; contudo, no santuário da consciência, repetia a sua afirmação de sincera humildade: vontade do Senhor!"   
  
— "Faça-se na escrava a vontade do Senhor!" De alma angustiada, notou limite dos padecimentos inenarráveis. Alguns dos populares mais exaltados multiplicavam as pancadas, enquanto as lanças riscavam o ar, em ameaças audaciosas e sinistras. Ironias mordazes eram proferidas a esmo, dilacerando-lhe a alma sensível e afetuosa.  
  
Em meio de algumas mulheres compadecidas, que lhe acompanhavam o angustioso transe, Maria reparou que alguém lhe pousara as mãos, de leve, sobre os ombros. Deparou-se-lhe a figura de João que, vencendo a pusilanimidade criminosa em que haviam mergulhado os demais companheiros, lhe estendia os braços amorosos e reconhecidos. Silenciosamente, o filho de Zebedeu abraçou-se àquele triturado coração maternal. Maria deixou-se enlaçar pelo discípulo querido e ambos, ao pé do madeiro, em gesto súplice, buscaram ansiosamente a luz daqueles olhos misericordiosos, no cúmulo dos tormentos.**

**Foi aí que a fronte do divino supliciado se moveu vagarosamente, revelando perceber a ansiedade daquelas duas almas em extremo desalento.— "Meu filho! Meu amado filho!..." — exclamou a mártir, em aflição diante da serenidade daquele olhar de melancolia intraduzível. O Cristo pareceu meditar no auge de suas dores, mas, como se quisesse demonstrar, no instante derradeiro, a grandeza de sua coragem e a sua perfeita comunhão com Deus, replicou com significativo movimento dos olhos vigilantes:  
  
— "Mãe, eis aí teu filho!..." — E dirigindo-se, de modo especial, com um leve aceno, ao apóstolo, disse: — "Filho, eis aí tua mãe!" Maria envolveu-se no véu de seu pranto doloroso, mas o grande evangelista compreendeu que o Mestre, na sua derradeira lição, ensinava que o amor universal era o sublime coroamento de sua obra.**

**Entendeu que, no futuro, a claridade do Reino de Deus revelaria aos homens a necessidade da cessação de todo egoísmo e que, no santuário de cada coração, deveria existir a mais abundante cota de amor, não só para o círculo familiar, senão também para todos os necessitados do mundo, e que no templo de cada habitação permaneceria a fraternidade real, e para que a assistência recíproca se praticasse na Terra, e sem serem precisos os edifícios exteriores, consagrados a uma solidariedade claudicante. Por muito tempo, conservaram-se ainda ali, em preces silenciosas, até que o Mestre, exânime, fosse arrancado à cruz, antes que a tempestade mergulhasse a paisagem castigada de Jerusalém num dilúvio de sombras.  
  
Após a separação dos discípulos, que se dispersaram por lugares diferentes, para a difusão da Boa Nova, Maria retirou-se para a Batanéia, onde alguns parentes mais próximos a esperavam com especial carinho. Os anos começaram a rolar, silenciosos e tristes, para a angustiada saudade de seu coração. Tocada por grandes dissabores, observou que, em tempo rápido, as lembranças do filho amado se convertiam em elementos de ásperas discussões, entre os seus seguidores.**

**Na Batanéia, pretendia-se manter uma certa aristocracia espiritual, por efeito dos laços consanguíneos que ali a prendiam, em virtude dos elos que a ligavam a José. Em Jerusalém, digladiavam-se os cristãos e os judeus, com veemência e acrimônia. Na Galiléia, os antigos cenáculos simples e amoráveis da Natureza estavam tristes e desertos.  
  
Para aquela mãe amorosa, cuja alma digna observava que o vinho generoso de Cana se transformara no vinagre do martírio, o tempo assinalava sempre uma saudade maior no mundo e uma esperança cada vez mais elevada no céu. Sua vida era uma devoção incessante ao rosário imenso da saudade, às lembranças mais queridas. Tudo que o passado feliz edificara em seu mundo interior revivia na tela de suas lembranças, com minúcias somente conhecidas do amor, e lhe alimentavam a seiva da vida.  
  
Relembrava o seu Jesus pequenino, como naquela noite de beleza prodigiosa, em que o recebera nos braços maternais, iluminado pelo mais doce mistério. Figurava-se-Ihe escutar ainda o balido das ovelhas que vinham, apressadas, acercar-se do berço que se formara de improviso. E aquele primeiro beijo, feito de carinho e de luz? As reminiscências envolviam a realidade longínqua de singulares belezas para o seu coração sensível e generoso. Em seguida, era o rio das recordações desaguando, sem cessar, na sua alma rica de sentimentalidade e ternura. Nazaré lhe voltava à imaginação, com as suas paisagens de felicidade e de luz.**

**A casa singela, a fonte amiga, a sinceridade das afeições, o lago majestoso e, no meio de todos os detalhes, o filho adorado, trabalhando e amando, no erguimento da mais elevada concepção de Deus, entre os homens da Terra. De vez em quando, parecia vê-lo em seus sonhos repletos de esperança. Jesus lhe prometia o júbilo encantador de sua presença e participava da carícia de suas recordações.  
  
A esse tempo, o filho de Zebedeu, tendo presentes as observações que o Mestre lhe fizera da cruz, surgiu na Batanéia, oferecendo àquele espírito saudoso de mãe o refúgio amoroso de sua proteção. Maria aceitou o oferecimento, com satisfação imensa. E João lhe contou a sua nova vida. Instalara-se definitivamente em Éfeso, onde as idéias cristãs ganhavam terreno entre almas devotadas e sinceras. Nunca olvidara as recomendações do Senhor e, no íntimo, guardava aquele título de filiação como das mais altas expressões de amor universal para com aquela que recebera o Mestre nos braços veneráveis e carinhosos.  
  
Maria escutava-lhe as confidências, num misto de reconhecimento e de ventura. João continuava a expor-lhe os seus planos mais insignificantes. Levá-la-ia consigo, andariam ambos na mesma associação de interesses espirituais. Seria seu filho desvelado, enquanto receberia de sua alma generosa a ternura maternal, nos trabalhos do Evangelho. Demorara-se a vir, explicava o filho de Zebedeu, porque lhe faltava uma choupana, onde se pudessem abrigar; entretanto, um dos membros da família real de Adiabene, convertido ao amor do Cristo, lhe doara uma casinha pobre, ao sul de Éfeso, distando três léguas aproximadamente da cidade. A habitação simples e pobre demorava num promontório, de onde se avistava o mar.**

**No alto da pequena colina, distante dos homens e no altar imponente da Natureza, se reuniriam ambos para cultivar a lembrança permanente de Jesus. Estabeleceriam um pouso e refúgio aos desamparados, ensinariam as verdades do Evangelho a todos os espíritos de boa-vontade e, como mãe e filho, iniciariam uma nova era de amor, na comunidade universal. Maria aceitou alegremente.  
  
Dentro de breve tempo, instalaram-se no seio amigo da Natureza, em frente do oceano. Éfeso ficava pouco distante; porém, todas as adjacências se povoavam de novos núcleos de habitações alegres e modestas. A casa de João, ao cabo de algumas semanas, se transformou num ponto de assembléias adoráveis, onde as recordações do Messias eram cultuadas por espíritos humildes e sinceros.  
Maria externava as suas lembranças. Falava dele com maternal enternecimento, enquanto o apóstolo comentava as verdades evangélicas, apreciando os ensinos recebidos. Vezes inúmeras, a reunião somente terminava noite alta, quando as estrelas tinham maior brilho. E não foi só. (...)**

**03 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 92, 183, 267**

**39 - ENTRA E COOPERA  
"E ele, tremendo e atónito, disse: Senhor, que queres que eu faça? Respondeu-lhe o Senhor: — Levanta-te e entra na cidade e lá te será  
dito o que te convém fazer." — (ATOS, 9:6.)  
Esta particularidade dos Atos dos Apóstolos reveste-se de grande beleza para os que desejam compreensão do serviço com o Cristo.  
Se o Mestre aparecera ao rabino apaixonado de Jerusalém, no esplendor da luz divina e imortal, se lhe dirigira palavras diretas e inolvidáveis ao coração, por que não terminou o esclarecimento, recomendando-lhe, ao invés disso, entrar em Damasco, a fim de ouvir o que lhe convinha saber?**

**É que a lei da cooperação entre os homens é o grande e generoso princípio, através do qual Jesus segue, de perto, a Humanidade inteira, pelos canais da inspiração. O Mestre ensina os discípulos e consola-os através deles próprios. Quanto mais o aprendiz lhe alcança a esfera de influenciação, mais habilitado estará para constituir-se em seu instrumento fiel e justo.  
  
Paulo de Tarso contemplou o Cristo ressuscitado, em sua grandeza imperecível, mas foi obrigado a socorrer-se de Ananias para iniciar a tarefa redentora que lhe cabia junto dos homens.  
  
Essa lição deveria ser bem aproveitada pelos companheiros que esperam ansiosamente a morte do corpo, suplicando transferência para os mundos superiores, tão-somente por haverem ouvido maravilhosas descrições dos mensageiros divinos.**

**Meditando o ensinamento, perguntem a si próprios o que fariam nas esferas mais altas, se ainda não se apropriaram dos valores educativos que a Terra lhes pode oferecer. Mais razoável, pois, se levantem do passado e penetrem a luta edificante de cada dia, na Terra, porquanto, no trabalho sincero da cooperação fraternal, receberão de Jesus o esclarecimento acerca do que lhes convém fazer.**

**84 - LEVANTEMO-NOS  
"Levantai-vos, vamo-nos daqui." — Jesus. (JOÃO, 14:31.)  
Antes de retirar-se para as orações supremas no Horto, falou Jesus aos discípulos longamente, esclarecendo o sentido profundo de sua exemplificação. Relacionando seus pensamentos sublimes, fez o formoso convite inserto no Evangelho de João:— "Levantai-vos, vamo-nos daqui."  
  
O apelo é altamente significativo. Ao toque de erguer-se, o homem do mundo costuma procurar o movimento das vitórias fáceis, atirando-se à luta sequioso de supremacia ou trocando de domicílio, na expectativa de melhoria efêmera. Com Jesus, entretanto, ocorreu o contrário.  
  
Levantou-se para ser dilacerado, logo após, pelo gesto de Judas. Distanciou-se do local em que se achava a fim de alcançar, pouco depois, a flagelação e a morte.**

**Naturalmente partiu para o glorioso destino de reencontro com o Pai, mas precisamos destacar as escalas da viagem... Ergueu-se e saiu, em busca da glória suprema.**

**As estações de marcha são eminentemente educativas: -Getsêmani, o Cárcere, o Pretório, a Via Dolorosa, o Calvário, a Cruz constituem pontos de observação muito interessantes, mormente na atualidade, que apresenta inúmeros cristãos aguardando a possibilidade da viagem sobre as almofadas de luxo do menor esforço.**

**126. ÍDOLOS  
"Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos". - (Atos, 15:29)  
Os ambientes religiosos não perceberam ainda toda a extensão do conceito de idolatria. Quando nos referimos a ídolos, tudo parece indicar exclusivamente as imagens materializadas nos altares de pedra. Essa é, porém, a face mais singela do problema. Necessitam os homens exterminar, antes de tudo, outros ídolos mais perigosos, que lhes perturbam a visão e o sentimento.**

**Demora-se a alma, muitas vezes, em adoração mentirosa. Refere-se o versículo às "coisas sacrificadas aos ídolos", e o homem está rodeado de coisas da vida. Movimentando-as, a criatura enriquece o patrimônio evolutivo. É necessário, no entanto, diferenciar as que se encontram consagradas a Deus das sacrificadas aos ídolos.**

**A ambição de alcançar os valores espirituais, de acordo com Jesus, chama-se virtude; o propósito de atingir vantagens transitórias no campo carnal, no plano da inquietação injusta, chama-se insensatez.**

**Os "primeiros lugares", que o Mestre nos recomendou evitemos, representam ídolos igualmente. Não consagrar, portanto, as coisas da vida e da alma ao culto do imediatismo terrestre, é escapar de grosseira posição adorativa.**

**Quando te encontres, pois, preocupado com os insucessos e desgostos, no círculo individual, não olvides que o Cristo, aceitando a cruz, ensinou-nos o recurso de eliminar a idolatria mantida em nosso caminho por nós mesmos.**

**04 - Cinquenta anos depois - Emmanuel - pág. 230**

**(...) Enquanto o coração de Júlia Spinter se sentia tocado das mais dolorosas emoções, o velho e orgulhoso censor exclamava convictamente: - Sim, Helvídio, vamos procurar o traidor quanto antes, a fim de o exterminar, sejam quais forem as consequências; mas, devias ter aniquilado a filha, pois o sangue deve compensar os prejuízos da vergonha, segundo os nossos códigos de honra!... Mas, enfim, ela estará moralmente morta para sempre. Depois de eliminarmos Lólio Urbico, faremos que as cinzas de Célia venham de Cápua para serem recolhidas em Roma, ao jazigo da família.  
  
Ao passo que as duas senhoras, mãe e filha, ficavam no aposento, sucumbidas, consolando-se reciprocamente e rogando a proteção dos deuses para a tragédia inesperada e dolorosa, Fábio e Helvídio dirigiram-se apressadamente para o Capitólio, a fim de exterminarem o inimigo, como se o fizessem a uma serpente imunda e venenosa.Todavia, uma surpresa, tão grande quanto a primeira, os esperava.  
  
No palácio do prefeito dos pretorianos o movimento era desusado e estranho. Antes de atingirem o átrio, os dois patrícios foram informados de que Lólio Urbico havia falecido minutos antes, acreditando-se que se tratava de um suicídio. A morte do marido constava do programa sinistro de Cláudia, agora dona de opulento patrimônio financeiro, porquanto, desse modo, não ficaria voz alguma que pudesse elucidar Helvídio Lucius, quanto à infâmia que a antiga plebéia acreditava haver atirado ao nome de sua esposa.   
  
Além disso, alta madrugada, Sabina tomara de um dos pergaminhos em branco, assinados pelo prefeito, e escreveu, com perfeita imitação caligráfica, um bilhete lacônico, no qual se confessava enfarado da vida, e rogava a Flávio Cornélio, amigo de todos os tempos, perdoasse o dano moral que lhe causara. Penetrando, aturdidos, na casa do inimigo morto, Fábio e Helvídio foram abordados por Cláudia Sabina, que lhes apareceu lacrimosa, naquela manhã trágica.  
  
Depois de se lastimar, comentando a tétrica resolução do esposo em desertar da vida, Sabina entregava ao censor o último bilhete de Urbico, que dizia grafado pelo marido à última hora, deixando transparecer curiosidade a respeito daquele pedido de perdão, injustificável e estranho. Desejava, assim, conhecer os primeiros resultados do trabalho tenebroso de Hatéria, esperando ansiosamente, dos lábios de Helvídio ou de alguma alusão de Fábio, as informações indiretas que o seu espírito vingativo ansiosamente aguardava.  
  
O censor e o genro, entretanto, receberam o suposto bilhete de Urbico com secura e indiferença. E como era preciso dizer alguma coisa em face daquele imprevisto, Fábio Cornélio acrescentou: - Guardarei este bilhete como prova do seu desequilíbrio mental nos últimos momentos, pois só assim se justifica este pedido. E agora, minha senhora - acentuou enigmaticamente para Cláudia, que o ouvia com atenção -, há de perdoar a nossa ausência, porquanto cada qual tem os seus infortúnios...  
  
O velho patrício estendia-lhe as mãos em despedida, mas, sentindo a sua curiosidade fundamente aguçada por aquelas expressões, a antiga plebéia interrogou com interesse, como a provocar algum esclarecimento de Helvídio Lucius, que se fechara em mutismo enigmático. - Infortúnios? Mas que desejais dizer com isso? Pretendeis abandonar-me nesta situação? Qual a razão de sairdes assim, desta casa, quando o cadáver de um amigo e chefe exige testemunhos de veneração e amizade? Porventura aconteceu algo de grave a Alba Lucínia?...  
  
Notava-se que a última pergunta transpirava um sentido misterioso. Ela esperava que Helvídio lhe falasse da sua tragédia doméstica, dos seus profundos desgostos conjugais, da infidelidade da esposa, conforme previa e decorria dos seus planos. Seu coração bastardo aguardava que o homem amado, naquele instante, iria dispensar-lhe as atenções amorosas tão ardentemente aneladas naqueles últimos meses, em que os seus sentimentos mesquinhos haviam acariciado tão grandes esperanças. O tribuno, porém, mantinha-se impassível, como se tivesse os lábios petrificados.  
  
Fábio Cornélio, todavia, sem trair a fibra orgulhosa, esclarecia Sabina nestes termos: - Minha filha vai bem, graças aos deuses, mas também nós acabamos de ser feridos no mais íntimo do coração! Um emissário da Campânia nos trouxe, esta manhã, a dolorosa notícia da morte repentina de minha neta solteira, que se encontrava junto da irmã, numa estação de repouso. Esta a razão que nos impede prestar ao prefeito as derradeiras homenagens, porquanto vínhamos justamente comunicar-lhe a imediata partida para Cápua, a fim de promover o transporte das cinzas!...  
  
Dito isso, os dois homens despediram-se secamente, saindo a passo firme, no burburinho dos amigos e dos servos apressados, que emulavam no patentear a Lólio Urbico a bajulação derradeira. Ante a cena enigmática, Sabina deixava vagar o pensamento em conjeturas. Hatéria ter-se-ia esquecido de cumprir cegamente as suas ordens? Que ocorrera com a rival, cujas notícias a deixavam perplexa, quando tudo premeditara com tanta segurança? Os preconceitos sociais, contudo, as obrigações daquela hora extrema, que a sua própria maldade havia provocado, não lhe permitiam correr como louca no encalço da cúmplice, fosse onde fosse, para matar a curiosidade.  
  
Enquanto o seu espírito se perdia em divagações ansiosas, Fábio Cornélio e o genro dirigiam-se ao Imperador, obtendo a necessária licença para a precisa viagem a Campânia, cedendo-se-lhes, incontinenti, uma galera confortável que os receberia em Ostia, de modo a abreviar a viagem o mais possível. Naquela mesma tarde, a embarcação saía do porto mencionado, conduzindo a família ao seu destino, salientando-se que Helvídio Lucius não se esquecera de levar Hatéria com os outros serviçais de sua confiança.  
  
Enquanto o patriciado romano rende homenagens ao prefeito dos pretorianos e a galera de Helvídio se afasta conduzindo em seu bojo quatro corações angustiados, sigamos a jovem cristã nas suas primeiras horas de amargura e sacrifício. Saindo da casa paterna, Célia atravessou ruas e praças, receosa de encontrar alguém que a reconhecesse no seu doloroso caminho... Conchegava o pequenino de encontro ao coração, como se ele fora seu próprio filho, tal o enternecimento que a sua figurinha lhe inspirava.(...)**

**11 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - cap. X, 7**

**O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL A DEUS  
7. Portanto, se estás fazendo a tua oferta diante do altar, e te lembrar aí que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali a tua oferta diante do altar, e vai te reconciliar primeiro com teu irmão, e depois virás fazer a tua oferta. (Mateus, V:23-24).**

**8. Quando Jesus disse: "Vai te reconciliar primeiro com teu irmão, e depois viras fazer a tua oferta", ensinou que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o dos próprios ressentimentos; que antes de pedir perdão ao Senhor, é preciso que se perdoe aos outros, e que, se algum mal se tiver feito contra um irmão, é necessário tê-lo reparado.**

**Somente assim a oferenda será agradável, porque proveniente de um coração puro de qualquer mau pensamento. Ele materializa esse preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais, e era necessário conformar as suas palavras aos costumes do povo. O cristão não oferece prendas materiais, pois que espiritualizou o sacrifício, mas o preceito não tem menos força para ele.**

**Oferecendo sua alma a Deus, deve apresentá-la purificada. Ao entrar no templo do Senhor, deve deixar lá fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão. Só então sua prece será levada pelos anjos aos pés do Eterno. Eis o que ensina Jesus por essas palavras: "Deixa ali a tua oferta diante do altar, e vai te reconciliar primeiro com teu irmão", se queres ser agradável a Deus.**

**14 - Pão nosso - Emmanuel - pág. 17, 107**

**3 - O ARADO  
"E Jesus lhe disse: Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus."— (LUCAS, 9:62.)  
Aqui, vemos Jesus utilizar na edificação do Reino Divino um dos mais belos símbolos. Efetivamente, se desejasse, o Mestre criaria outras imagens. Poderia reportar-se às leis do mundo, aos deveres sociais, aos textos da profecia, mas prefere fixar o ensinamento em bases mais simples.  
  
O arado é aparelho de todos os tempos. É pesado, demanda esforço de colaboração entre o homem e a máquina, provoca suor e cuidado e, sobretudo, fere a terra para que produza. Constrói o berço das sementeiras e, à sua passagem, o terreno cede para que a chuva, o sol e os adubos sejam convenientemente aproveitados.**

**É necessário, pois, que o discípulo sincero tome lições com o Divino Cultivador, abraçando-se ao arado da responsabilidade, na luta edificante, sem dele retirar as mãos, de modo a evitar prejuízos graves à "terra de si mesmo".  
  
Meditemos nas oportunidades perdidas, nas chuvas de misericórdia que caíram sobre nós e que se foram sem qualquer aproveitamento para nosso espírito, no sol de amor que nos vem vivificando há muitos milênios, nos adubos preciosos que temos recusado, por preferirmos a ociosidade e a indiferença.  
  
Examinemos tudo isto e refutamos no símbolo de Jesus. Um arado promete serviço, disciplina, aflição e cansaço; no entanto, não se deve esquecer que, depois dele, chegam semeaduras e colheitas, pães no prato e celeiros guarnecidos.  
  
48 - COMPREENDAMOS  
"Sacrifícios, e ofertas, e holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem te agradaram." — Paulo. (HEBREUS, 10:8.)  
O mundo antigo não compreendia as relações com o Altíssimo, senão através de suntuosas oferendas e pesados holocaustos. Certos povos primitivos atingiram requintada extravagância religiosa, conduzindo sangue humano aos altares.  
  
Tais manifestações infelizes vão-se atenuando no cadinho dos séculos; no entanto, ainda hoje se verificam lastimáveis pruridos de excentricidade, nos votos dessa natureza. O Cristianismo operou completa renovação no entendimento das verdades divinas; contudo, ainda em suas fileiras costumam surgir absurdas promessas, que apenas favorecem a intromissão da ignorância e do vício.  
  
A mais elevada concepção de Deus que podemos abrigar no santuário do espírito é aquela que Jesus nos apresentou, em no-Lo revelando Pai amoroso e justo, à espera dos nossos testemunhos de compreensão e de amor.  
  
Na própria Crosta da Terra, qualquer chefe de família, consciencioso e reto, não deseja os filhos em constante movimentação de ofertas inúteis, no propósito de arrefecer-lhe a vigilância afetuosa. Se tais iniciativas não agradam aos progenitores humanos, caprichosos e falíveis, como atribuir semelhante falha ao Todo-Misericordioso, no pressuposto de conquistar a benemerência celeste?  
  
É indispensável trabalhar contra o criminoso engano. A felicidade real somente é possível no lar cristão do mundo, quando os seus componentes cumprem as obrigações que lhes competem, ainda mesmo ao preço de heróicas decisões. Com o Nosso Pai Celestial, o programa não é diferente, porque o Senhor Supremo não nos pede sacrifícios e lágrimas e, sim, ânimo sereno para aceitar-lhe a vontade sublime, colocando-a em prática.**

**LEMBRETE:**

**1° - "O sacrifício é a prova máxima por que passam os Espíritos que se encaminham para Deus, pois por meio dele se redimem das derradeiras faltas, inundando-se de luminosidade inextinguíveis (...) Amália Domingo Soler**

**2° - (...) o melhor sacrifício ainda não é o da morte pelo martírio, ou pelo infamante opróbrio dos homens, mas aquele que se realiza com a vida inteira, pelo trabalho e pela abnegação sincera, suportando todas as lutas na renúncia de nós mesmos, para ganhar a vida eterna de que nos falava o Senhor em suas lições divinas. Irmão X**

**3° - Sacrificar-se é crescer, quem cede para os outros adquire para si mesmo. Francisco C. Xavier**

**4° - O sacrifício é a lei de elevação. Francisco C. Xavier**

**5° - O exercício permanente da renúncia divina leva ao sacrifício da própria vida pela Humanidade. É a renúncia profunda da alma que coloca todos os valores do coração a serviço dos semelhantes, para construir a felicidade de todos. Seu coração não vive mais para si, não consegue projetar desejos para si, pois coloca o amor à Humanidade em primeiro lugar. É incansável nos seus trabalhos, multiplica suas forças físicas, morais e espirituais, a fim de ser útil sempre. Tendo tudo para acolher-se ao bem próprio, procura, acima de tudo, o bem para todos. É aquela alma que, podendo exigir, não exige, podendo pedir não pede, podendo complicar em busca de seus justos direitos, não complica. Não pára de servir em circunstância alguma.**

**Transforma a dor da incompreensão das criaturas mais queridas em um cântico de humildade. Suas dores já não são dores, pois transubstanciou-as na doce alegria de servir com DEUS pela alegria dos semelhantes. A maior manifestação de sacrifício pela Humanidade, em todos os tempos da Terra, é inegavelmente a personalidade divina de Jesus-Cristo. Walter Barcelos**

Edivaldo Fontana

|  |  |
| --- | --- |
| **SEDE DA ALMA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Antônio de Pádua - pág. 165** | **02 - Auto desobsessão - pág. 12** |
| **03 - Deus na Natureza - pág. 214, 228, 311** | **04 - Estudos espíritas - pág. 43** |
| **05 - Forças sexuais da alma - pág. 14** | **06 - Gestação sublime intercâmbio - pág. 82** |
| **07 - Hipnotismo e espiritismo - pág. 255** | **08 - Mãos de luz - pág. 228** |
| **09 - O Livro dos Espíritos - q. 141 a 146** | **10 - O que é espiritismo - pág. 194** |
| **11 - Obreiros da vida eterna - pág. 211** | **12 - Palingênese, a grande lei - pág. 63, 76, 85** |
| **13 - Saúde e espiritismo - pág. 58** | **14 - Vozes do grande além - pág. 74** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SEDE DA ALMA – COMPILAÇÃO**

**03 - Deus na Natureza - Camille Flammarion - pág. 214, 228, 311**

**(...)  
Alberto, um anatomista de Bonn, dissecou cérebros de pessoas que se haviam entregado a trabalhos intelectuais durante alguns anos, e achou em todos uma substância muito consistente e a massa parda, bem como os sulcos, assaz desenvolvidos. Se, por outro lado, observamos com Spurzein, Gall e Laváter, que a cultura das faculdades superiores do espírito se nos imprime no crânio e no semblante; se visitarmos o Museu de Antropologia de Paris e notarmos, através da coleção de crânios do abade Frère, que os progressos da Civilização redundaram na elevação da parte anterior e na depressão da occipital, poderemos tirar destes fatos uma conclusão diametralmente oposta à dos adversários, para afirmar que o pensamento rege a substância cerebral.  
  
Não temos aí, claro como o dia, o trabalho do espírito sobre a matéria? E as conclusões não derivam de si mesmas para abrir passagem triunfal à nossa doutrina? A propósito de conclusões, não podemos eximir-nos de admirar a facilidade com que se pode tirar dos mesmos fatos conclusões inteiramente contrárias: tudo depende da disposição de espírito e haveria que desesperar dos progressos da teoria, se a maioria dos homens tivesse o caráter mal formado. Verificariam, por exemplo, em experiências com alienados, que alguns haviam recuperado a consciência e a razão pouco antes de morrer.**

**Concluíram os espiritualistas que as almas desses infelizes voltavam, após longo isolamento, ao conhecimento de si mesmas e ao predomínio do corpo, sendo-lhes permitido, nesse transe supremo, abrirem os olhos da consciência ao passarem desta para a outra vida. Os materialistas, ao invés, aproveitaram o fato pró domo sua, alegando que a aproximação da morte liberta o cérebro das influências tórpidas e mórbidas do corpo. Mais do que se imagina, a própria Anatomia fisiológica se embaraça, no concernente à loucura em relação com o estado do cérebro.**

**Enquanto uns, como os citados, muito vêem; outros, não menos hábeis, nada encontram. Assim, o alienista Leuret declara que nenhuma alteração cerebral se encontra, senão nos casos em que a demência é precedida de qualquer outra enfermidade, e que essas alterações são tão variáveis e diferentes que não autorizam apresentadas, afirmativamente, como verdadeiras causas. Assim também, a propósito das anfratuosidades há pouco referidas, poder-se-ia não ver mais que efeitos. Quando nossos adversários acrescentam que os casos de demência protestam contra a existência da alma, não estão melhor aparelhados para defender o seu sistema. Duas hipóteses se apresentam para explicar a loucura. Ou há, ou não há uma lesão no cérebro.**

**No primeiro caso, a falha do instrumento não demonstra a inexistência do artista; e, no segundo, o problema fica pertencendo à ordem mental. Melhor ainda: o primeiro caso pode enquadrar-se no segundo, se admitirmos, qual sugere a experiência, que a loucura — seja a causada por uma dor súbita, por um grande susto ou por desesperação profunda — tem, em todos estes casos, sua fonte no ser mental, que reage contra o estado normal do cérebro e lhe acarreta qualquer alteração. Ainda aqui, é evidente, que quem sofre é o ser pensante, a determinar no organismo um distúrbio correspondente ao sofrimento. E de fato, tem-se verificado que as alterações só se encontram nas loucuras antigas, com se o espírito aí fora o que é por toda a parte — o movimentador da substância.  
  
Por outro lado, enquanto os adversários deduzem da descrição anatômica do cérebro que a faculdade de pensar não é mais que propriedade de movimentos do conjunto, nós vemos, na multiplicidade mesma desses movimentos, uma submissão do cérebro à grande lei da divisão do trabalho, por dar a cada órgão a sua função, de acordo com a respectiva situação, estrutura, composição, forma, peso, tamanho. Vemos, nessa variedade de efeitos, um argumento a prol da independência da alma, de vez que a hipótese desses fisiologistas não pode, de maneira alguma, conciliar uma tal complexidade dinâmica do cérebro com a simplicidade necessária e reconhecida, do ser intelectual. Falaremos, daqui a pouco, especialmente da simplicidade do ser pensante, pois que nos resta algo dizer ainda, sobre as relações de cérebro e alma.  
  
As comparações de crânios encontrados em antigos cemitérios de Paris, desde quando o prefeito de Napoleão III promoveu a remodelação da cidade, e, em particular, a diferença entre crânios das valas comuns e dos túmulos particulares, estabeleceram novamente que os indivíduos votados às ciências e artes possuem uma capacidade cerebral maior que a dos simples operários. As mesmas escavações revelaram que a capacidade craniana dos parisienses aumentara, de Filipe-Augusto para cá. A capacidade craniana do negro livre é maior que a do escravo. Eis um fato significativo que poderia (em dada circunstância) ser invocado a favor da liberdade.  
  
Tendo provas de que as impressões exteriores influem no pensamento, temo-las por igual de que o pensamento domina os próprios sentidos. Quantas criaturas não vemos por aí, cujo cérebro e cujo corpo padecem enfermidade lenta e rebelde, arrostando uma existência de misérias e dores e conservando, sem embargo, fortaleza de ânimo, e guardando a flor da virtude, sobranceiras à torrente de lodo que as arrasta, e vencendo pela grandeza do caráter os elos da adversidade? Negaríeis, também, que haja dores morais que residem, lacerantes, nas profundezas insondáveis da alma?**

**— Dores íntimas, não causadas por acidentes físicos, nem por enfermidade exterior, nem por alteração do cérebro, mas, tão só, por uma causa incorpórea, qual a perda de um pai, a morte de um filho, a infidelidade de um ente amado, a ingratidão de um protegido, a traição de um amigo; ou ainda pelo quadro de um infortúnio, pela derrota de uma causa justa, pelo contágio de idéias malsãs; por multidão de causas, enfim, que nada têm de comum com o mundo da matéria e não se medem geométrica e quimicamente, mas constituem o domínio do mundo intelectual?  
  
Não vemos assim, mesmo sob o seu aspecto físico, a influência do espírito sobre o corpo? As paixões refletem-se no semblante. Se empalidecemos de medo, é que este sentimento, manifestando-se por um movimento do cérebro, retrai os vasos capilares da face. Se a cólera ou a vergonha purpureiam-nos o rosto, é que os movimentos engendrados dilatam os ditos vasos, conforme o indivíduo. Mas aqui, é ainda o espírito que desempenha o principal papel. Se alguma vez corastes à impressão subitânea de um olhar feminino (não há desdouro em confessá-lo), não sentistes que a indiscreta impressão se transmitia ao cérebro por intermédio dos olhos e daí descia ao coração para remontar ao rosto?  
  
Procurai analisar essa sucessão, e mesmo que não coreis tomado de qualquer súbito temor, aplicai a mesma análise e concluireis que, sem o quererdes, as impressões vos passam céleres pela mente, antes que se traduzam exteriormente. O mesmo se verifica com os sentimentos; é no peito e não na cabeça que uma inexprimível sensação de plenitude ou de vácuo se manifesta, quando, em certas horas de melancolia, o pensamento se nos desprende e voa para o ser amado, Mas, como essa sensação não se produz senão depois de pensarmos, é evidente que, ainda aqui, o espírito representa o papel primacial. Sob outros aspectos, um súbito terror se comunica ao coração e acelera ou retarda o pulso, podendo mesmo -paralisá-lo numa síncope.**

**A tristeza e a alegria produzem lágrimas. O trabalho mental fatiga o cérebro, o sangue se empobrece, a fome se faz sentir. Todas estas, e grande número de observações outras, induzem-nos a crer que o pensamento, ser imaterial, tem sede no cérebro, o qual lhe serve tanto para receber os despachos do mundo exterior como para levar-lhe suas ordens. E de resto, nós já sabemos que o cérebro e a medula mais não são que poderosos feixes de fibras nervosas, nervos que partem desse veio, irradiando em todos os sentidos para a superfície do corpo, e nos quais existe uma corrente análoga à corrente elétrica. Os nervos são fios telegráficos que transmitem à consciência as impressões do interior, enquanto os músculos executam as ordens do cérebro.**

**Ora, Dubois-Reymond mostrou que toda atividade nervosa manifestada nos músculos, a título de movimento, e no cérebro a título de sensação, é seguida de uma alteração da corrente neuro-elétrica. Mas dizer, com o mesmo Dubois, que a consciência não passa de produto da transmissão desses movimentos, é cometer uma ingenuidade, como se pretendêssemos que a correspondência telegráfica diariamente trocada entre os gabinetes de Londres e Paris tivessem por causa a passagem de uma nuvem tempestuosa, ou de uma bobina de indução para o manipulador, e que o receptor de si mesmo recambiasse a resposta dos despachos inteligentes. Proclamar que não há no homem mais que um produto da matéria, assimilá-lo a um composto químico e deduzir que o pensamento é uma produção química de certas combinações materiais, é um erro monstruoso.  
  
Todos sabemos que o pensamento não é ingrediente de oficina. Espírito e matéria são entidades tão estranhas uma à outra, que, todas as línguas, de todos os tempos, sempre as conceituaram diametralmente opostas. As leis e forças espirituais existem independentemente das corporais. A força de vontade é bem distinta da força muscular. A ambição difere da fome, o desejo distingue-se da sede. Onde encontrareis as leis morais que regem a consciência? Que o crânio caucásico seja oval, o mongol redondo e o negro alongado, em que-é que o sentir humano se associa às fibras granulares ou cilíndricas? Que têm de comum as noções de justo e injusto com o ácido carbônico?**

**Em que um triângulo, um círculo, um quadrado, podem afetar a bondade, a generosidade, a coragem? Seria justo dizer que Cronwell tinha 2,231 Byron 2,238 e Cuvier 1,829 gramas de inteligência, por serem tais os pesos de seu cérebro? Na verdade, quando se procura sondar o assunto a fundo, fica-se admirado de ver que homens de pensamento tenham chegado a confundir num só objeto o mundo espiritual e o material. (...)**

**04 - Estudos espíritas - Joanna de Ângelis - pág. 43**

**5 - CORPO SOMÁTICO  
  
CONCEITO — Genericamente, corpo é toda e qualquer quantidade de matéria, limitada, que impressiona os sentidos físicos, expressando-se em volume, peso... Aglutinação de moléculas — orgânicas ou inorgânicas — que modelam formas animadas ou não, ao impulso de princípios vitais, anímicos e espirituais. Estágio físico por onde transita o elemento anímico na longa jornada em que colima a perfeição, na qualidade de espírito puro...  
  
O corpo humano, em razão de mutações, transformações, adaptações, condicionamentos filogenéticos e mesológicos, serve de domicílio temporário ao espírito que, através dele, adquire experiências, aprimora aquisições, repara erros, sublima aspirações. Alto empréstimo divino, é o instrumento da evolução espiritual na Terra, cujas condições próprias para as suas necessidades fazem que a pouco e pouco abandone as construções grosseiras e se sutilize, conseguindo plasmar futuros contornos e funções futuras, mediante o comportamento a que vai submetido no suceder dos tempos. Por enquanto, serve também de laboratório de experiências pelas quais os Construtores da Vida, há milênios, vêm desenvolvendo possibilidades superiores para culminarem em conjunto ainda mais aprimorado e sadio.  
  
Formado por trilhões e trilhões de células de variada constituição, apresenta-se como o mais fantástico equipamento de que o homem tem notícia, graças à perfeição dos seus múltiplos órgãos e engrenagens, alguns dos quais, auto-suficientes, como o aparelho circulatório, que elabora até mesmo o de que se faz preciso para o seu funcionamento e produtividade. Atendido por notáveis complexos elétricos e eletrônicos, é auto-reparador, dispondo dos mais perfeitos arquivos de microfotografia, nos centros da memória, que, se pudessem ser equiparados a uma construção com as atuais técnicas de miniaturízação com que se elaboram os computadores, esses departamentos mnemônicos ocupariam uma área de aproximadamente 160.000 quilômetros cúbicos, tão-somente para os bilhões de informações de uma única reencarnação...**

**Ele pode, no entanto, mediante o perispírito que lhe vitaliza muitas evocações, reter e traduzir programações referentes a incontáveis jornadas pretéritas do Espírito em ascensão para Deus. Aparelhado para as diversas atividades que se lhe fazem mister, dispõe do quanto lhe é imprescindível para as transformações e renovações que o mantêm com equipagem em funcionamento harmônico. Qualquer ultraje que sofra se lhe imprime por processos muito sutis, incorporando-o aos tecidos constitutivos da sua eficiência em gravames e ofensas que o transtornam, como cobrador honesto junto ao condutor leviano que o dirige em regime inadiável de urgência...  
  
A sua valorização através das aspirações nobres vitaliza-o e equilibra-o com imperceptíveis melhoramentos que o mantêm e sustentam. No conjunto endocrínico, por exemplo, sincroniza os mais perfeitos sistemas de elaboração de hormônios de que se tem conhecimento. O cérebro — ainda por desbravar — só paulatinamente vai sendo utilizado, dispondo de áreas ainda não acionadas, que são reservas formidandas para o futuro do homem... Preciosas redes de capilares, microscópicos, colocados nas junções das artérias e das veias são deslumbrantes implementos de integração perfeita, realizando a sustentação das células, ajudando a eliminação dos tóxicos e sustentando os diversos departamentos vitais com o oxigênio salutar.**

**Não obstante a sua insignificância aparente, são peças porosas que facultam ao oxigênio penetrá-los num sentido, enquanto por outro eliminam os produtos colaterais nitrogenados do metabolismo proteínico, culminando pelo preciosismo com que deixa passar uma substância aquosa que renova o banho líquido de que se nutrem as células, graças ao qual sobrevivem e se multiplicam... Os departamentos dos sentidos, em câmaras excepcionais, recebem, traduzem e respondem todas as mensagens que lhes chegam, com a velocidade do pensamento, catalogando e descrevendo informações novas com que enriquece o patrimônio das suas aquisições.   
  
Mesmo quando, conscientemente, a memória não procede aos registros ou os sentidos parecem não os captar, a maquinaria sublime os anota e transfere para o subconsciente, que os armazena em depósitos especiais, dotados da capacidade de trazê-los de volta, oportunamente, ao celeiro da consciência atual sob estímulos próprios... Preservá-lo é mais do que dever — significa elevado compromisso de que ninguém se liberará levianamente ante a própria e a Consciência Cósmica, que tudo rege e conduz com suprema sabedoria e perfeição.  
  
HISTÓRICO — Modernos biólogos e geneticistas fascinados com as conquistas do engenho atual, diante do corpo, sugerem, precipitados uns, levianos outros, alterações singulares e sonham com as possibilidades de poderem intervir, a golpe de audácia, na sua estrutura, interferindo no processo genético, por meios artificiais, em busca de resultados surpreendentes... Interpretando erradamente o conceito do Cristo de que somos deuses, pretende o homem, que crê, brincar de divindade, ele que, brincando, fomenta a guerra, a destruição, o egoísmo, por ainda não saber, sequer, brincar como homem. Os não crentes se refugiam na negação e propõem aventuras.  
  
Difícil uma análise histórica, em síntese sobre o homem, um exame da sua organização somática pelos milênios incontáveis, desde as formas primárias em que a vida se manifestou no Orbe quando os "fascículos de luz" da Divindade começaram a adensar-se nas manifestações iniciais da matéria viva...O naturalista honesto, no entanto, fixado à complexa documentação paleontológica, embriológica, como a da Anatomia Comparada, apresenta o lêmure como o mais velho espécime conhecido, dentre os símios, do qual surgiu o platirrino, e, posteriormente, o catarrino que, em se bifurcando, deu origem ao antropopiteco, o erectus, que serviu de tronco ao ramo de que nasce o homem.  
  
Antes, porém, distintas raças serviram de moldes ascendentes para a formação paulatina da organização do Homo sapiens. Foram elas as de Grimaldi (demonstrada através de dois esqueletos negróides, que foram descobertos na Riviera Italiana, próximo a Grimaldi); as do Cro-Magnon (quando encontraram os ossos de quatro homens, dolicocéfalos, com expressiva estatura, que teriam habitado grande parte da Europa. Esse achado ocorreu no ano de 1868, na Dordonha, próximo a Eyzies, na França); e as de Chancelade (consideradas como do período Magdaleniano, que teria dado origem aos esquimós). Não obstante os antropólogos divergirem entre si, apresentando novos grupos e subgrupos em que sustentam as teorias esposadas, são aquelas as melhormente aceitas pela generalidade dos estudiosos do assunto.  
  
Em 1950 Mayr sugeriu uma nova classificação para os hominídeos fósseis, simplificando, assim, as anteriores num único Homo, que se distribuiu em 3 classes: transvaalensis, erectus e sapiens, facultando novas pesquisas e valiosas anotações corroboradoras. De Lineu, a Cuvier, a Blumenbach, as classificações se estereotiparam, cabendo ao sábio de Gõttingen, baseado na Antropologia Física, poder oferecer maior contribuição ao pensamento moderno, especialmente através dos estudos craniológicos, a que empregou seus melhores esforços... Simultaneamente, desde os primórdios do pensamento filosófico, o problema da evolução mereceu as mais expressivas contribuições.**

**Com Heráclito, firmou-se o conceito dialético do Mundo, inspirado na filosofia grega, que tudo reduzia a incessantes transformações, mediante as quais as espécies vivas eram mutáveis. Lucrécio, ao apresentar o seu De Natura Rerum descreveu poeticamente a Natureza e se tornou o precursor legítimo do Darwinismo, por meio da "seleção natural" e da "luta pela vida". Mais tarde, Buffon afirmou os princípios evolucionistas em oposição ao fixismo criacionista, facultando a Lamarck estabelecer a teoria dos seres vivos, donde se originou o Transformismo. Darwin, porém, culminou as pesquisas, já iniciadas, tornando-se o grande sistematizador e legítimo expositor da "concepção transformista da Natureza".  
  
Hegel, simultaneamente, estabeleceu uma dialética concorde com tais princípios, em bases idealistas, cabendo a Spencer uma visão mais ampla da evolução, que definiu como sendo "Uma integração da matéria e uma dissipação concomitante do movimento, durante a qual a matéria passa de uma homogeneidade indefinida e incoerente a mesmo tempo, o movimento mantido e uma transformação paralela." O pensamento hegeliano sustentou a teoria do materialismo dialético, então vigente. Logo depois, a teoria mutacionista propôs conceitos por meio dos quais as mutações, que seriam rápidas transformações, se fariam transmitir por hereditariedade, nunca, porém, provocadas pela ação mesológica, assim podendo facilitar, promover ou impedir as mesmas mutações, fazendo surgir, então, novos caracteres e ensejando a "seleção natural" darwiniana, na qual alguns caracteres sobreviveriam, enquanto outros desapareceriam.   
  
Os favoráveis à sobrevivência da espécie seriam, então, mantidos pela hereditariedade...Indubitavelmente que os conceitos evolucionistas não podem hoje ser negados, graças à monumental comprovação da Ciência atual, nos vários campos em que se expressa. Merece examinar, porém, que ao princípio espiritual, nas sucessivas reencarnações, se deve a transmissão às formas mais grosseiras, das necessidades psíquicas, que impõem o surgimento de órgãos e caracteres novos a se transmitirem por hereditariedade e se fixarem, prosseguindo o processus evolutivo incessantemente.  
  
A princípio, o Espírito se encontrava em atrasada expressão, utilizando-se da forma símio em transição para fixar-lhe implementos novos, desde que a função precede o órgão e aquela procede do Espírito, que modela as formas próprias, de que precisa para crescer e produzir experiências não conhecidas.  
A medida que as formas se aprimoravam, Espíritos mais bem credenciados impuseram-lhe atributos outros que constituíram, através dos milênios múltiplos e sucessivos, o corpo que hoje ainda serve de temporária morada para as edificações das futuras formas, com que a Humanidade progredirá no porvir, sob condições mais felizes, seguras e harmônicas. Ao Espírito, que é o ser, se devem as exteriorizações somáticas que constituem o não ser.  
  
CONCLUSÃO — Vasilhame sublime, é o corpo humano o depositário das esperanças e o veículo de bênçãos, que não pode ser desconsiderado levianamente. Seja cárcere sombrio — na limitação em que retém o Espírito déspota, que dele se vale para a expiação; seja conjunto harmônico de formas — na distinção de traços com que faculta o aproveitamento das oportunidades; seja grabato de meditação — nas constrições paralíticas em que impõe profundas reflexões morais; seja cela de alucinação — nos desvarios da mente ultrajada; seja celeiro de sabedoria — no qual se edificam os monumentos da Cultura, da Arte, do Pensamento, da Ciência, da Fé, do Amor —, é sempre o santuário de recolhimento que o Excelso Criador nos concede, a fim de galgarmos os degraus da escada ascensional, desde as baixadas primeiras aos esplendores espirituais que nos estão destinados. Amá-lo, preservá-lo e utilizá-lo com nobreza é a tarefa que nos cabe desempenhar incessantemente, sem cansaço, para o próprio bem.  
  
ESTUDO E MEDITAÇÃO:  
"O homem surgiu em muitos pontos do globo ?  
"Sim e em épocas várias, o que também constitui uma das causas da diversidade das raças. Depois, dispersando-se os homens por climas diversos e aliando-se os de uma aos de outras raças, novos tipos se formaram."   
A - Estas diferenças constituem espécies distintas? - Certamente que não; todos são da mesma família. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto são motivo para que elas deixem de formar uma só espécie? ( O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, questão 53).**

**09 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - q. 141 a 146**

**Perg. 141 - Há qualquer coisa de certo na opinião dos que pensam que a alma é externa e envolve o corpo?  
- A alma não está encerrada no corpo, como o pássaro numa gaiola. Ela irradia e se manifesta no exterior, como a luz através de um globo de vidro ou como o som em redor de um centro sonoro. É por isso, que se pode dizer que ela é externa, mas não como um envoltório do corpo. A alma tem dois envoltórios: um, sutil e leve, o primeiro, que chamas perispírito; o outro, grosseiro, material e pesado que é o corpo.**

**Perg. 142 - Que dizer da teoria segundo a qual, na criança, a alma vai se completando a cada período da vida?  
- O Espírito é apenas um: inteiro na criança, como no adulto; são os órgãos, instrumentos de manifestação da alma, que se desenvolvem e se completam. Isto é ainda tomar o efeito pela causa.**

**Perg. 143 - Por que todos os Espíritos não definem a alma da mesma maneira?  
- Os Espíritos não são todos igualmente esclarecidos sobre essas questões. Há Espíritos ainda limitados, que não compreendem as coisas abstratas, como as crianças entre vós. Há também Espíritos pseudo-sábios que, para se imporem, como acontece ainda entre vós, fazem rodeios de palavras. Além disso, mesmo os Espíritos esclarecidos podem exprimir-se em termos diferentes, que no fundo têm o mesmo valor, sobretudo quando se trata de coisas que a vossa linguagem é incapaz de esclarecer; há então necessidade de figuras, de comparações, que tomais pela realidade.**

**Perg. 144. Que se deve entender por alma do mundo ?   
— O princípio universal da vida e da inteligência, de que nascem as individualidades. Mas os que se servem dessa expressão, frequentemente não se entendem. A palavra alma tem aplicação tão elástica que cada um a interpreta de acordo com as suas fantasias. Têm-se às vezes atribuído uma alma à Terra, e por ela é necessário entender o conjunto dos Espíritos abnegados que dirigem as vossas ações no bom sentido, quando os escutais, e que são de certa maneira os lugares-tenentes de Deus junto ao vosso globo.**

**Perg. 145. Como é que tantos filósofos antigos e modernos têm longamente discutido sobre a Ciência psicológica, sem chegar à verdade?  
Esses homens eram os precursores da doutrina espírita eterna, e prepararam o caminho. Eram homens e puderam enganar-se, porque tomaram pela luz as suas próprias ideias; mas os seus mesmos erros, por meio dos prós e contras de suas doutrinas, servem para evidenciar a verdade. Aliás, entre esses erros se encontram grandes verdades, que um estudo comparativo vos fará compreender.  
  
Perg. 146. A alma tem, no corpo, uma sede determinada e circunscrita?  
— Não. Mas ela se situa mais particularmente na cabeça, dos grandes gênios e de todos aqueles que usam bastante o pensamento; e no coração dos que sentem bastante, dedicando todas as suas ações à humanidade.  
  
Perg. 146-a. Que pensar da opinião dos que situam a alma num centro vital?  
— Que o Espírito se encontra de preferência nessa parte do vosso organismo, que é o ponto a que se dirigem todas as sensações. Os que a situam naquilo que consideram como o centro da vitalidade, a confundem com o fluido ou princípio vital. Não obstante, pode-se dizer que a sede da alma se encontra mais particularmente nos órgãos que servem para as manifestações intelectuais e morais.  
  
10 - O que é espiritismo - Allan Kardec - pág. 194**

**Perg. 108 - Qual é a sede da alma?  
- A alma não está, como geralmente se crê, localizada num particular do corpo; ela forma como o perispírito um conjunto fluídico, penetrável, assimilando-se ao corpo inteiro, com o qual ela constitui um ser complexo, do qual a morte não é, de alguma sorte, mais que um desdobramento. Podemos figuradamente supor dois corpos semelhantes na forma, um encaixado no outro confundidos durante a vida e separados depois da morte. Nessa ocasião um deles é destruído, ao passo que o outro subsiste. Durante a vida a alma age mais especialmente sobre os órgãos do pensamento e do sentimento. Ela é, ao mesmo tempo, interna e externa, isto é, irradia exteriormente, podendo mesmo isolar-se do corpo, transportar-se ao longe e aí manifestar sua presença, como o provam a observação e os fenômenos sonambúlicos.  
  
13 - Saúde e espiritismo - A.M.E. Brasil - pág. 58**

**A ativação e despertamento dos chacras permitiriam o conhecimento e a entrada em dimensões mais altas, conferindo poder para suportar e dar vida às mais baixas dimensões. Essa conversão de energia é também destacada por Vivekananda. O homem tende a lançar a energia sexual originária da ação animal para o cérebro a fim de armazená-la ali em forma de energia espiritual (Ojas). "Todos os bons pensamentos, toda oração converte uma parte daquela energia em Ojas e ajuda a dar-nos poder espiritual" (1985:46).  
b) Centros de consciência.  
  
Os chacras, além de centros energéticos, são centros de consciência. Geralmente, pensamos no cérebro como único centro onde a nossa consciência está ancorada. A Filosofia Yogue sabe que esta não é a única forma de consciência. Os chacras são penetrados por energias sutis e cada um desses pontos torna-se sede da consciência, sede da alma. Essa visão psicológica dos chacras como centros foi admitida por Jung não só em seus Fundamentos de Psicologia Analítica (1972:26), como em conversa com Miguel Serrano (1970:71.Conf. Jung, 1996:85). Segundo Jung, o centro da consciência sofreu variações na história da humanidade, chamando a atenção que, ainda hoje, os índios Pueblos situavam no coração o centro de consciência (1972:6s). M. Vera Bührmann (cit. por Dossey, 1989:85) reproduz a assertiva de um nativo da tribo xhosa, da África do Sul, Mongezi Tiso:**

**"Os brancos pensam que o corpo todo é controlado pelo cérebro. Temos uma palavra, umbelini [os intestinos]: estes é que controlam o corpo. Meus umbelini me dizem o que vai acontecer: você nunca experimentou isso?". Jung chegou mesmo a indicar o grau de consciência que teria cada um deles, como veremos abaixo. A referência aos chacras como centros de consciência, permite-nos entender melhor uma passagem de O Livro dos Espíritos, que, literalmente entendida, já se mostrava defasada na época de sua recepção. Na questão de n° 146, Allan Kardec registrou o ensinamento dos Espíritos sobre a sede da alma:  
  
"146 - A alma tem uma sede determinada e circunscrita corpo?  
R. - Não, mas ela está mais particularmente na cabeça dos grandes génios, em todos aqueles que pensam muito, e no coração naqueles que sentem muito e cujas ações dizem respeito a toda a humanidade.  
- Que se deve pensar da opinião daqueles que colocam a alma num centro vital?  
R - Quer dizer que o Espírito habita de preferência nessa parte do vosso organismo, pois que ali desembocam todas as sensações.   
  
Aqueles que a colocam no que eles consideram como o centro de vitalidade a confundem com o fluido ou princípio vital. Pode, todavia, dizer-se que a sede da alma está mais particularmente nos órgãos que servem às manifestações intelectuais e morais." Modernas pesquisas estão a indicar a existência de mais de um cérebro. Além do cérebro anatômico, encerrado no crânio, existe um outro cérebro funcional, constituído de tecidos e substâncias que desempenham funções semelhantes às daqueloutro. O sangue que percorre todo o organismo produz substâncias idênticas às produzidas pelo cérebro anatômico, entre as quais endorfinas, analgésicos naturais, possuindo as suas células centros receptores de hormônios e substâncias químicas, idênticos aos que o cérebro possui.  
  
Por outro lado, substâncias que pareciam ser exclusivas do trato intestinal G-I, foram descobertas também no cérebro anatômico: o polipipeptídeo intestinal vasoativo (PIV), a colecistoquinina (CCK-8), a gastrina, a substância P, a neurotensina, encefalinas, a insulina, o glucagon, a bombesina, a secretina, a somatostatina, o hormônio liberador de tirotrofina (HLT) etc. (vide Larry Dossey, 1989:87).  
Dossey reporta-se às pesquisas pioneiras de Candale B. Pert, assinalando que "cada sítio receptor que ela tem observado no cérebro também é encontrado nos monócitos, um tipo de célula branca do sangue, que tem um papel fundamental no sistema imunológico" (idem:86). Além disso, ela verificou que certas substâncias químicas que afetam a emoção também controlam o trajeto e a migração dos monócitos.  
  
A equipe de Pert notou que essas células do sistema imunológico não possuem apenas receptores para vários neuropeptídeos que controlam o estado de espírito no cérebro como também sintetizam essas substâncias; e que todo o revestimento do trato intestinal, do esôfago até o intestino grosso, está forrado de células que contêm neuropeptídeos e seus receptores. "Parece-me inteiramente possível para mim" diz Pert, "que a abundância de receptores seja a razão por que o grande número de pessoas sente emoções nos intestinos - elas tem sensações nos intestinos'" (idem:86). Há muito mais, e o livro de Larry Dossey deverá ser consultado.**

**Mas o que terá isto a ver com o duplo etérico, o corpo astral etc.? É preciso não esquecer que o reconhecimento de um cérebro funcional, extracraneano, conduz-nos a estabelecer não somente uma mente não-localizada, como ainda mais a reconhecer paralelamente a função dos chacras como centros de consciência. Isto ainda fica mais claro quando afirma André Luiz que o "corpo espiritual, que dá forma aos elementos celulares, está fortemente radicando no sangue". Essa lição coincide com a de Rudolf Streiner,o criador do Antroposofia: "o sangue é, praticamente, o fluido vital". (...)   
  
14 - Vozes do grande além - Diversos Espíritos - pág. 74**

**16 - AUTOFLAGELAÇÂO  
Depois de prolongada ausência, o Espírito Dias da Cruz compareceu em nosso grupo, na noite de 29 de setembro de 1955, e, controlando as faculdades do médium, pronunciou notável estudo em torno da autoflagelacão, estudo esse que passamos a apresentar.  
Meus amigos:  
Embora não nos seja possível, por enquanto, apreciar convosco a fisiologia da alma, como seria desejável, de modo a imprimir ampla clareza ao nosso estudo, para breve comentário, em torno da flagelação que muitas vezes impomos, inadvertidamente, a nós mesmos, imaginemos o corpo terrestre como sendo a máquina da vida humana, através da qual a mente se manifesta, valendo-se de três dínamos geradores, com funções específicas, não obstante extremamente ligados entre si por fios e condutos, de variada natureza.  
  
O ventre é o dínamo inferior. O tórax é o dínamo intermediário. O cerebelo é o dínamo superior. O primeiro recolhe os elementos que lhe são fornecidos pelo meio externo, expresso na alimentação usual, e fabrica uma pasta aquosa, adequada à sustentação do organismo. O segundo recebe esse material e, combinando-o com os recursos nutritivos do ar atmosférico, transmuta-o em líquido dinâmico.  
  
O terceiro apropria-se desse líquido, gerando correntes de energia incessante. No dínamo-ventre, detemos a produção do quilo. No dínamo-tórax, presenciamos a metamorfose do quilo em glóbulo sanguíneo. No dínamo-cerebelo, reparamos a transubstanciação do glóbulo sanguíneo em fluido nervoso. Na parte superior da região cerebral, temos o córtex encefálico, representando a sede do espírito, algo semelhante a uma cabine de controle, ou a uma secretária simbólica, em que o «eu» coordena as suas decisões e produz a energia mental com que governa os dínamos geradores a que nos reportamos.  
  
O ser humano, desse modo, em sua expressão fisiológica, considerado superficialmente, pode ser comparado a uma usina inteligente, operando no campo da vida, em câmbio de emissão e recepção. Concentramos, assim, força mental em ação contínua e despendemo-la nos mínimos atos da existência, através dos múltiplos fenômenos da atenção com que assimilamos as nossas experiências diuturnas, atuando sobre as criaturas e coisas que nos cercam e sendo por elas constantemente influenciados.  
  
Toda vez, contudo, em que nos tresmalhamos na cólera ou na crueldade, contrariando os dispositivos da Lei de Deus, que é amor, exteriorizamos correntes de enfermidade e de morte, que, atingindo ou não o alvo de nossa intemperança, se voltam fatalmente contra nós, pelo princípio inelutável da atração que podemos observar no imã comum.  
  
Em nossas crises de revolta e desesperação, de maledicência e leviandade, provocamos sobre nós verdadeira tempestade magnética que nos desorganiza o veículo de manifestação, seja nos círculos espirituais em que nos encontramos, ou, na Terra, enquanto envergamos o envoltório de matéria densa, sobre a qual os efeitos de nossas agressões mentais, verbais ou físicas, assumem o caráter de variadas moléstias, segundo o ponto vulnerável de nossa usina orgânica, mas particularmente sobre o mundo cerebral em que as vibrações desvairadas de nossa impulsividade mal dirigida criam doenças neuro-psíquicas, de diagnose complexa, desde a cefalalgia à meningite e desde a melancolia corriqueira à loucura inabordável.  
  
Toda violência praticada por nós, contra os outros, significa dilaceração em nós mesmos. Guardemo-nos, assim, na humildade e na tolerância, cumprindo nossos deveres para com o próximo e para com as nossas próprias almas, porque o julgamento essencial daqueles que nos cercam, em verdade, não nos pertence.  
  
Desempenhando pacificamente as nossas obrigações, evitaremos as deploráveis ocorrências da autoflagelação, em que quase sempre nos submergimos nas trevas do suicídio indireto, com graves compromissos. Preservando-nos, pois, contra semelhante calamidade, não nos esqueçamos da advertência do nosso Divino Mestre no versículo 41, do capítulo 26, das anotações do apóstolo Mateus: — «Orai e vigiai, para não entrardes em tentação.»  
Dias da Cruz**

|  |  |
| --- | --- |
| **SELVAGENS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A clarividência - pág. 84** | **02 - A evolução anímica - pág. 58** |
| **03 - Antologia do perispírito - ref. 1048** | **04 - Ciência e Espiritismo - pág. 123** |
| **05 - Cólera e SIDA/AIDS a realidade - pág. 192** | **06 - Como vivem os Espíritos - pág. 100** |
| **07 - Hipnotismo e Espiritismo - pág. 93, 117** | **08 - Hipnotismo e mediunidade - pág. 173, 379** |
| **09 - Metapsíquica humana - pág. 138** | **10 - O homem visível e invisível - pág. 87** |
| **11 - O Livro dos Espíritos - q. 6, 191, 273, 509, 637, 755,849** | **12 - O que é a morte - pág. 75, 93,135** |
| **13 - Pérolas do além - pág. 197** | **14 - Pureza Doutrinária - pág. 46** |
| **15 - Redescoberta do cristianismo - pág. 16** | **16 - Revista Espírita 1859 - pág. 150** |
| **17 - Revista Espírita 1864 - pág. 241** | **18 - Voltei - pág. 107** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SELVAGENS** **– COMPILAÇÃO**

**02 - A evolução anímica - Gabriel Delanne - pág. 58**

**OS SELVAGENS  
Ao lado da civilização, vegetam seres degredados, que mal poderemos chamar homens. (A sordícia dos Diggers ultrapassa tudo o que se pode imaginar. O mesmo sucede com os selvagens da baía de Motka, (Ilhas Quadro e Vancouvert), que acumulam diante de suas tocas toda a espécie de imundicias. Diz Kolben, referindo-se aos Hotentotes, que nenhum mamífero é mais porco. Algumas tribos são indomáveis e de extrema ferocidade. Dalloux conta, dos Abora, que eles não podem habitar a dois, na mesma lura sem se destruirem, e que a si mesmos se comparam com os tigres).**

**Entre essas tribos caracterizadas por inferioridade inaudita, costuma dar-se preeminência aos Diggers (Pau-Entaw), índios repelentes, de uma selvajaria extrema, que habitam cavernas da Serra Nevada e são julgados pelos naturalistas mais fidedignos como inferiores, de alguns graus, ao orangotango. O missionário A.L. Krapf, que viu de perto os Dokos do Sul de Kafa e Qurage, na Abissínia, conta que estes selvagens têm todos os traços físicos de grande inferioridade.  
  
Não sabem fazer fogo nem cultivar o solo. Sementes e raízes, arrancadas à unha, constituem a alimentação usual, e felizes se consideram quando podem pilhar um rato, um lagarto, uma serpente. Assim, erram pelas florestas, incapazes de construir uma choça, abrigando-se sob o arvoredo. Ignoram, mais ou menos, o pudor e apenas toleram efêmeros laços familiares, tão certo como as mães abandonarem o filho, ao termo da lactação.   
  
Os Tarungares (Papuas da Costa Oriental) visitados pelo Dr. Meyer, são de um selvagismo inaudito. Completamente nus e privados de todo sentimento moral, antropófagos inveterados, chegam, por vezes, a exumar cadáveres a fim de os devorar. Que diríamos nós se os macacos assim procedessem?  
  
Os Weddas do Ceilão são de pequena estatura, de um tipo abjeto, a fisionomia repulsiva, bestial. A conformação craniana apresenta traços que a aproximam da dos macacos: — nariz chato, prognatismo agudo, à feição de focinho, dentadura saliente. Vivem como animais e mal se abrigam em furnas rupestres, quando faz mau tempo. Tal como os Boschimans, também constróem uma espécie de ninho. O missionário Moffat informa que esses ninhos se assemelham aos dos Antropóides. De fato, sabemos que o orangotango de Sumatra e de Bornéu agasalha-se, em noites frias, construindo um ninho de folhagem.**

**O sábio e consciencioso naturalista Burmeister opina que muitos selvagens do Brasil se comportam como animais, privados de qualquer inteligência superior. O doutor Avé-Lallement, que, na sua viagem ao norte do Brasil, em 1859, teve ocasião de observar várias tribos ameríndias, compara esses selvagens aos macacos domesticados. "Adquiri — afirma ele — a convicção de existirem também macacos bímanos."  
  
Esta comparação, talvez um tanto exagerada, ressalta, nada obstante, de quase todas as narrativas dos viajantes. O célebre explorador W. Baker diz dos Kytches e dos Latoukas, (africanos) que eles mal se diferenciam dos brutos. Verdadeiros macacos — acrescenta La Gironnière, ao percorrer as montanhas de Luçon (uma das Filipinas), ficou impressionado com o caráter simiesco dos Aetas, cuja voz e gestos dir-se-iam de perfeitos macacos. Darwin, na viagem do "Beagle", chegou a espantar-se quando avistou os Fueguinos.  
  
"Ao contemplar tais seres — escreve —, é difícil acreditar sejam nossos semelhantes e conterrâneos... À noite, cinco ou seis criaturas dessa espécie, nuas e mal protegidas das intempéries de um clima horrível, deitam-se no solo úmido, encolhidas sobre si mesmas e confundidas como verdadeiros brutos."  
  
Aí temos como é insignificante a diferença do homem para o macaco. Distingue-se o nosso ramo por qualquer coisa de verdadeiramente especial? A história natural e a filosofia demonstram que, nem do ponto de vista físico, nem do intelectual, não há diferença essencial. Que, entre o mais inteligente dos animais — o macaco, e o mais embrutecido dos homens haja diferenças, ninguém o negaria, ou o macaco seria um homem.  
  
Tais diferenças, contudo, não passam de graduações ascendentes de um mesmo princípio, que vai progredindo à proporção que anima organismos mais desenvolvidos. Estabeleçamos claramente, com exemplos, essa grande verdade.  
  
Similitude dos organismos humano animal  
Já sabemos que os elementos componentes dos tecidos de todos os seres vivos são substancialmente idênticos na composição, e, assim, que a carne de um animal, seja qual for, não se distingue da nossa. O esqueleto dos vertebrados não varia sensivelmente. A noção de um tipo uniforme tornou-se hoje banal. Sabemos todos que há sempre vértebras encimadas de um crânio mais ou menos volumoso, dois membros articulados ao tórax, dois outros à bacia: isso, tanto no homem como no macaco, na águia como na rã.  
  
Sob esse aspecto considerada, a semelhança é tal, que, por mais estranhável que pareça, poder-se-ia conceber viver um homem com um coração de cavalo ou de cachorro. A circulação sanguínea far-se-ia em um, como em outro. Poderíamos atribuir ao homem um pulmão de vitelo, a respirar com a mesma faculdade peculiar ao seu pulmão. O sangue, que nos parece elemento capital da vida, apresenta a mesma identidade no boi, no carneiro, no homem, e os médicos legistas ainda não encontraram método seguro que lhes permita dizer, com certeza, se a nódoa sanguínea de um pano é de origem humana ou animal.  
  
Coração, pulmão, fígado, estômago, sangue, olhos, nervos, músculos, ossatura, é tudo análogo no homem como nos vertebrados. Há menos diferença entre um homem e um cão, do que entre um crocodilo e uma borboleta. Diariamente as descobertas dos naturalistas estabelecem, sobre bases mais sólidas, esta profunda verdade que Aristóteles — grande mestre de coisas naturais — magistralmente exprimiu: a natureza não dá saltos. Perpétuas transições ocorrem entre os seres vivos.  
  
Do homem ao macaco, deste ao cão; da ave ao reptil e deste ao peixe; do peixe ao molusco, ao verme, ao mais ínfimo dos colocados nas fronteiras extremas do mundo orgânico com o mundo inanimado, nenhuma passagem é brusca. O que se dá é sempre uma degradação insensível. Todos os seres se tocam, formam uma formam uma cadeia de vida, que só nos parece interrompida pelo desconhecimento das formas extintas ou desaparecidas.**

**Nessa hierarquia dos seres, o homem reivindica o primeiro lugar a que tem, certo, incontestável direito; mas, isso não o coloca fora da série, e quer simplesmente dizer que ele é o mais aperfeiçoado dos animais. Não só é impossível fazer do homem um ser destacado do reino animal, como devemos conceituá-lo também ligado aos seres inferiores, visto que, entre animais e vegetais, não há delimitação concebível.  
  
Certo, o vulgar bom senso, como diz Charles Bonnet, distinguirá sempre um gato de uma roseira; mas, se quisermos avançar no estudo dos processos vitais que diferenciam o animal da planta, havemos de ver que não existem mais caracteres próprios do animal que faltem à planta. Porque, de um lado, há plantas que, como as algas, se reproduzem por meio de corpúsculos agilíssimos, e, de outro lado, animais que, no decurso de longa existência permanecem imóveis, aparentemente insensíveis, sem terem mesmo, como a sensitiva, a faculdade de subtrair-se às hostilidades exteriores.Ao homem é impossível viver de maneira diferente dos outros animais.  
  
O sangue lhe circula do mesmo feitio, o ar é respirado nas mesmas proporções, mercê de idêntico mecanismo. Os alimentos são da mesma natureza, transformados nas mesmas vísceras, mediante as mesmas operações químicas, pois, como temos visto, as condições indispensáveis à manutenção da vida são idênticas para todos os seres. O nascimento não é fenômeno particular. Nos primeiros períodos de vida fetal, é impossível distinguir o embrião humano do canino, ou de outro qualquer vertebrado.  
  
A monera que haja de produzir o "rei da criação" é, originariamente, composta de um simples protoplasma, como a de qualquer vegetal. A morte é também a mesma para toda a série orgânica. Idêntica nas causas, como nos resultados, ou seja, a desorganização da matéria viva, em retorno ao grande laboratório da natureza.  
  
Resumindo: reconhecemos, com os sábios, que, por seus caracteres físicos, o homem em nada se distingue do animal, e que vã tem resultado a tentativa para estabelecer uma linha divisória que lhe permita atribuir-se um lugar privilegiado na criação. Resta-nos examinar se as faculdades intelectuais e morais são de natureza particular e se bastam para criar um abismo intransponível entre a animalidade e a humanidade. (...)**

**11 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões: 6, 191, 273, 509, 637, 755, 849**

**Perg. 6 - O sentimento íntimo da existência de Deus, que trazemos conosco, não seria efeito da educação e o produto de idéias adquiridas?  
- Se assim fosse, por que os vossos selvagens também teriam esse sentimento?**

**Perg. 191 - As almas dos nosso selvagens estão no estado de infância?  
- Infância relativa, pois são almas já desenvolvidas. Dotada de paixões.**

**Perg. 273 - Um homem pertecente a uma raça civilizada poderia, por expiação, reencarnar-se numa raça selvagem?  
- Sim, mas isso depende do gênero de expiação. Um senhor que tenha sido duro para os seus escravos, poderá tornar-se escravo e sofrer os maus tratos que inflingiu a outros. Aquele que mandou numa época, pode em outra existência, obedecer aos que se curvaram ante a sua vontade. É uma expiação, se ele abusou do poder, e Deus pode determiná-la. Um bom Espírito pode, para os fazer avançar, escolher uma vida de influência entre esses povos. Então se trata de uma missão.**

**Perg. 509 - Os homens no estado selvagem ou de inferioridade moral têm igualmente seus Espíritos protetores, e nesse caso esses Espíritos são de uma ordem tão elevada como os dos homens adiantados?  
- Cada homem tem um Espírito que vela por ele, mas as missões são relativas ao seu objeto. Não dareis a uma criança que aprende a ler um professor de Filosofia. O progreso do Espírito familiar segue o do Espírito protegido. Tendo um Espírito superior que vela por vós, podeis também vos tornar o protetor de um Espírito que vos seja inferior, e o progresso que o ajudardes a fazer contribuirá para o vosso adiantamento. Deus não pede ao Espírito mais do que aquilo que comporte a sua natureza e o grau que tenha atingido.**

**Perg. 637 - O selvagem que cede ao seu instinto, comendo carne humana, é culpado?  
- Eu disse que o mal depende da vontade. Pois bem: o homem é tanto mais culpado, quanto melhor sabe o que faz.  
As circunstâncias dão ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem comete, frequentemente, faltas que, sendo embora decorrentes da posição em que a sociedade o colocou, não são menos repreensíveis; mas a responsabilidade está na razão dos meios que ele tiver para compreender o bem e o mal. É assim que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpável, aos olhos de Deus, que o selvagem que se entrega aos instintos.**

**Perg. 755 - Como se explica que nas civilizações mais adiantadas existam criaturas às vezes tão cruéis como os selvagens?  
- Da mesma maneira que numa árvore carregada de bons frutos existem os temporão. Elas são, se quiseres, selvagens que só têm da civilização a aparência, lobos extraviados em meio de cordeiros. Os Espíritos de uma ordem inferior, muito atrasados, podem encarnar-se entre homens adiantados com a esperança de também se adiantarem; mas, se a prova for muito pesada, a natureza primitiva reage.**

**Perg. 849 - Qual é, no homem em estado selvagem, a faculdade dominante: o instinto ou o livre-arbítrio?  
- O instinto, o que não o impede de agir com inteira liberdade em certas coisas. Mas, como a criança, ele aplica essa liberdade às suas necessidades e ela se desenvolve com a inteligência. Por conseguinte, tu, que és mais esclarecido que um selvagem, és também mais responsável que ele pelo que fazes.**

**16 - Revista Espírita 1859 - Allan Kardec - pág. 150**

**O LIVRO DOS ESPÍRITOS ENTRE OS SELVAGENS  
Sabíamos que O LIVRO DOS ESPÍRITOS tem leitores simpáticos em todas as partes do mundo; mas com certeza não teríamos suspeitado encontrá-lo entre os selvagens da América do Sul, não fosse uma carta que nos chegou de Lima, há poucos meses, a qual nos pareceu interessante publicar em tradução integral, à vista do fato significativo que a mesma encerra e cujo alcance facilmente se compreende. Tem a carta um comentário, que dispensa qualquer reflexão de nossa parte.  
  
"Excelentíssimo Senhor Allan Kardec.  
Desculpai-me por não vos escrever em francês; compreendo esta língua pela leitura, mas não a escrevo corretamente inteligivelmente. Há mais de dez anos frequento os povos aborígines que habitam a encosta oriental dos Andes, nestas regiões americanas dos confins do Peru.**

**Vosso Livro aos Espíritos, que adquiri numa viagem a Lima, acompanha-me nestas solidões. Não vos admireis que eu diga tê-lo lido com avidez e que o releio continuamente. Também não viria tomar o vosso tempo com tão pouco, se não fossem certas informações que vos devem interessar e se não desejasse receber os conselhos que espero de vossa bondade, pois não duvido que os vossos sentimentos humanos sejam de acordo com os sublimes princípios de vosso livro.  
  
Estes povos que chamamos selvagens o são menos do que geralmente se pensa. Se se disser que moram em cabanas e não em palácios; que não conhecem as nossas artes e as nossas ciências; que ignoram a etiqueta da gente civilizada, serão verdadeiramente selvagens. Mas em relação à inteligência, encontramos entre eles idéias de uma justeza admirável, uma grande finura de observação e sentimentos nobres e elevados.**

**Compreendem com maravilhosa facilidade e têm um Espírito incomparavelmente menos tardo que os camponeses da Europa, desprezam aquilo que lhes parece inútil, em relação à simplicidade que lhes basta ao gênero de vida. A tradição de sua mitiga independência é entre eles sempre viva, razão por que tem uma insuperável aversão aos seus conquistadores: mas, se odeiam a raça em geral, ligam-se aos indivíduos que lhes inspiram uma confiança absoluta.**

**É a essa confiança que devo a sorte de viver na sua intimidade; e, quando me acho em seu meio, sinto-me em maior segurança do que nas grandes cidades. Quando os deixo ficam tristes e me fazem prometer voltar. Quando volto, toda a tribo está em festa. Estas explicações se faziam necessárias pelo seguinte:  
  
Disse-vos que tinha comigo o Livro dos Espiritas. Um dia Inventei de traduzir algumas passagens e fiquei muito surpreendido de ver que eles o compreendiam melhor do que eu supunha, dadas certas observações muito judiciosas que faziam. Eis um exemplo.  
  
A idéia de reviver na Terra lhes parece absolutamente natural. Um dia um deles me perguntou: Quando nós morrermos poderemos renascer entre os Brancos?  
  
-Certamente, respondi. -Então serás, talvez, um dos nossos parentes? É possível. - Com certeza é por isto que és bom para nós e nós te amamos. - Também é possível. -Então quando encontramos um Branco não lhe devemos fazer mal, porque talvez seja um dos nossos irmãos.**

**Certamente vos admirais, como eu, de tal conclusão de um selvagem e do sentimento de fraternidade que nele brotou. Aliás, para eles não é nova a idéia dos Espíritos: está em suas crenças e eles estão persuadidos de que é possível conversar com os parentes mortos, que nos vêm visitar. O importante é disso tirar partido para os moralizar; e não creio que seja impossível, pois ainda não têm os vícios de nossa civilização.**

**É para isto que necessito dos vossos conselhos e da vossa experiência. A meu ver, não há razão para supor que só podemos influenciar as criaturas ignorantes falando-lhes aos sentidos. Ao contrário, penso que será entretê-las nessas idéias estultas e lhes desenvolver as inclinações para as superstições. Penso que o raciocínio terá sempre um domínio duradouro, quando nos soubermos colocar no nível das inteligências.**

**Aguardando a resposta com que, espero, me obsequiareis, recebei, etc. Don Fernando Guerrero.**

**17 - Revista Espírita 1864 - Allan Kardec - pág. 241**

**QUESTÕES E PROBLEMAS DESTRUIÇÃO DOS ABORÍGENES DO MÉXICO  
Escrevem-nos de Bordeaux:  
"Lendo no Civilisateur, de Lamartine, as cartas de Cristóvão Colombo sobre o estado do México no momento da descoberta chamou-nos particularmente a atenção a seguinte passagem: "A natureza, diz Colombo, ali é tão pródiga que a propriedade não criou o sentimento de avareza ou de cupidez. Esses homens parecem viver numa idade de ouro, felizes e tranquilos em meio de jardins abertos sem limites, que não são nem cercados fossos, nem divididos por palissadas, ou defendidos por muros. Agem lealmente um para com o outro, sem leis, sem livros, sem juizes. Olham como um homem mau aquele que se alegra em prejudicar a outro. Este horror dos bons contra os maus parece ser toda a sua legislação.  
  
"Sua religião é apenas o sentimento de inferioridade, o reconhecimento e o amor ao Ser Invisível que lhes havia prodigalizado a vida e a felicidade. "Não há no universo melhor nação nem melhor país; amam aos vizinhos como a si-mesmos; têm sempre uma linguagem suave e graciosa e o sorriso de ternura nos lábios. É verdade que andam nus, mas vestidos de candura e de inocência."  
  
"Conforme este quadro, esses povos eram infinitamente superiores, não só aos seus invasores, mas o seriam ainda hoje, se comparados a países mais civilizados. Os Espanhóis nada tomaram de suas virtudes e os contaminaram com os seus vícios; em troca de sua acolhida, não lhes trouxeram senão a escravidão e a morte. Esses infelizes foram, em grande parte, exterminado e o pouco que deles resta se perverteu ao contacto dos conquistadores. "Ante esses resultados, pergunta-se:  
  
"Onde o progresso, e que benefício moral foi colhido de tanto sangue derramado? Não teria sido melhor que a velha Europa tivesse ignorado o Novo Mundo, tão feliz antes dessa descoberta? "A essa pergunta, assim respondeu meu guia espiritual: "Nós te responderíamos com prazer, se teu Espírito estivesse em estado de tratar, neste momento, de assunto tão sério, que requer alguns desenvolvimentos espírito-filosóficos. Dirige-te a Kardec. Esta ordem de idéias já foi debatida, mas a ela voltar-se-á de maneira mais lúcida do que poderias fazê-lo, porque sempre tens o espírito e o ouvido à espreita. É uma consequência de tua posição atual e tens que te submeter."  
  
Disto ressalta uma primeira instrução: é que não basta ser médium, mesmo formado e desenvolvido, para, à vontade, obter comunicações sobre o primeiro assunto surgido. Aquele fez suas provas mas, no momento, seu Espírito, fortemente e penosamente preocupado com outras coisas, não podia ter a calma necessária, e assim que mil circunstâncias podem opor-se ao exercício da faculdade mediúnica. Nem por isso a faculdade deixa de subsistir, mas nada é sem o concurso dos Espíritos, que lhe dão, ou recusam, conforme julgam conveniente e isto, muitas vezes no Interesse do médium.  
  
Quanto a pergunta principal, eis a resposta dada na Sociedade de Paris: (8 DE JULHO DE 1864. — MÉDIUM: SR. D'AMBEL) "Sob as aparências de uma certa bondade natural, e com costumes mais doces que virtuosos, os Incas viviam despreocupadamente, sem progredir nem se elevar. A essas raças primitivas faltava a luta; e se batalhas sangrentas não os dizimavam; se uma ambição individual ali não exercia uma pressão soberana para lançar aquelas populações a conquistas, elas não eram menos atingidas pelo perigoso vírus que conduzia sua raça à extinção.**

**Era preciso retemperar as fontes vitais desses Incas abastardados, dos quais os Aztecas representavam a decadência fatal, que deveria ferir todos aqueles povos. Se a essas causas inteiramente fisiológicas, juntarmos as causas morais, notaremos que o nível das ciências e das artes ali tinha igualmente ficado em prolongada infância. Havia, pois, utilidade de pôr esses países pacíficos no nível das raças ocidentais. Hoje se julga a raça desaparecida, porque se fundiu com a dos conquistadores espanhóis. Dessa raça cruzada surgiu uma nação nova e vivaz que, por um vigoroso impulso, não tardará a atingir os povos do velho continente. Que resta de tanto sangue derramado? perguntam de Bordeaux.**

**Para começar, o sangue derramado não foi tão considerável quanto se poderia crer. Ante as armas de fogo e alguns soldados de Pizarro, toda a região invadida submeteu-se como ante semi-deuses, saídos das águas. É quase um episódio da mitologia antiga e essa raça indiana é, sob vários aspectos, semelhante às que defendiam o Tosão de Ouro."  
  
A essa judiciosa explicação acrescentaremos algumas reflexões. Do ponto de vista antropológico, a extinção das raças é um fato positivo. Do ponto de vista da filosofia, ainda é um problema. Do ponto de vista da religião, o fato é inconciliável com a justiça de Deus, se se admitir para o homem uma única existência corpórea para decidir seu futuro para a eternidade. Com efeito, as raças que se extinguem são sempre raças inferiores às que as sucedem; podem ter na vida futura uma posição idêntica a das raças mais aperfeiçoadas?**

**O simples bom senso repele esta idéia, pois do contrário o trabalho que fazemos para nos melhorarmos seria inútil, e valeria o mesmo para ficarmos selvagens. A não pré-existência da alma forçosamente implica, para cada raça, a criação de novas almas, mais perfeitas, ao sairem das mãos do Criador, hipótese inconciliável com o princípio de toda justiça. Ao contrário, se admitirmos um mesmo ponto de partida para todas e uma sucessão de existências progressivas, tudo se explica.  
  
Na extinção das raças, geralmente não se leva em conta senão o ser material, único que se destroi, enquanto se esquece o ser espiritual, que é indestrutível e apenas muda de vestimenta, porque a primeira não estava mais em relação com o seu desenvolvimento moral e intelectual. Suponhamos toda a raça negra destruída; não será destruída senão a vestimenta negra. Mas o Espírito, que vive sempre, revestirá, de começo, um corpo intermediário entre o negro e o branco e, mais tarde, um corpo branco. É assim que o ser, colocado no último degrau da humanidade, atingirá, num tempo dado, a soma das perfeições compatíveis com o estado do nosso globo.  
  
Assim, não se deve perder de vista que a extinção das raças só atinge o corpo e em nada afeta o Espírito. Longe de sofrer com isto, ganha o Espírito um instrumento mais aperfeiçoado, provido de cordas cerebrais e respondendo a um maior número de faculdades. O Espírito de um selvagem, encarnado no corpo de um sábio europeu não seria mais sábio e não saberia o que fazer de seu instrumento, cujas cordas inativas atrofiar-se-iam; o Espírito de um sábio, encarnado no corpo de um selvagem, aí seria como um grande pianista ante um plano ao qual faltassem muitas cordas. Esta tese foi desenvolvida num artigo da Revista do abril de 1862, sobre a perfectibilidade da raça negra.  
  
Sem a menor dúvida, a raça branca caucásica é que ocupa o primeiro lugar na terra. Mas atingiu o apogeu da perfeição? Todas as faculdades da alma não estão nela presentes? Quem ousaria dizê-lo? Suponhamos, então, que, progredindo continuamente, os Espíritos desta raça acabassem por se encontrar num apêrto, a raça desapareceria, para dar lugar a outra, de uma organização provida mais ricamente. Assim o quer a lei do progresso. Já não se vêem, na própria raça branca, nuanças muito marcadas, como desenvolvimento moral e intelectual? Podemos ficar certos que os mais adiantados absorverão os outros.**

**O desaparecimento das raças opera-se de duas maneiras: numas, pela extinção natural, em consequência de condições climatéricas e do abastardamento, quando ficam isoladas; outras, pelas conquistas e pela dispersão, que determinam cruzamentos. Sabe-se que da raça negra e da raça branca saiu uma raça Intermediária, muito superior à primeira, e que é como que uma amostra para os Espíritos desta. Depois, a fusão do sangue traz a aliança dos Espíritos, dos quais os mais avançados ajudam o progresso dos outros. A respeito, quem pode prever as últimas consequências da última guerra da China?**

**As modificações que se vão produzir nesse longínquo país estacionário, os novos elementos fisiológicos e psicológicos levados para lá? Em alguns séculos talvez não seja mais reconhecível do que o México de hoje, comparado com o do tempo de Colombo. Quanto aos indígenas do México, diremos como Erasto, que não havia entre eles costumes antes doces do que virtuosos e acrescentaremos que, sem dúvida, muito poetizada sua pretensa idade de ouro. Ensina-nos a história da conquista que se guerreavam entre si, o que não indica um grande respeito pelos direitos dos vizinhos. Sua idade de ouro era a da infância; hoje, estão no ardor da juventude; mais tarde atingirão a Idade viril.**

**Se ainda não têm a virtude dos sábios, adquiriram a inteligência que a ela os conduzirá, quando estiverem maduras pela experiência. Mas são necessários séculos para a educação dos povos; ela não se opera senão pela transformação de seus elementos constitutivos. A França seria o que é hoje sem a conquista dos Romanos? E os bárbaros ter-se-iam civilizado senão tivessem invadido a Gália? A sabedoria gauleza e a civilização romana, unidas ao vigor dos povos do Norte fizeram o povo francês atual.  
  
Sem dúvida é penoso pensar que o progresso por vezes precisa da destruição. Mas é preciso destruir as velhas cabanas substituindo-as por casas novas, mais belas e cômodas. Ali é preciso levar em conta o estado atrasado do globo, onde humanidade está apenas no progresso material e intelectual. Quando entrar no do progresso moral e espiritual, as necessidades morais ultrapassarão as necessidades materiais. Os homens serão governados segundo a justiça e não mais tenham que reivindicar seu lugar à força. Então a guerra e a destruição não mais terão razão de ser. Até lá, a luta é consequência de sua inferioridade moral.  
  
Vivendo mais material que espiritualmente, o homem não encara as coisas senão do ponto de vista atual e material e, por isso, limitado. Até agora, ignorou que o papel capital á do Espírito: viu os seus efeitos, mas não conheceu as causas o por isto que, durante tanto tempo, desencaminhou-se nas ciências, nas suas instituições, e nas suas religiões. Ensinando-lhe a participação do elemento espiritual em todas as coisas mundo, o Espiritismo alarga o seu horizonte e muda o curso de suas idéias. Abre a era do progresso moral.**

|  |  |
| --- | --- |
| **SEXO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A luz da oração - pág. 26** | **02 - A queda dos véus - pág. 111** |
| **03 - A reencarnação - pág. 243, 261** | **04 - Ação e reação - pág. 203** |
| **05 - Alquimia da mente - pág. 203** | **06 - Após a tempestade - pág. 35** |
| **07 - As aves feridas na Terram voam - pág. 54** | **08 - Cartas e crônicas - pág. 23** |
| **09 - Chão de flores - pág. 54** | **10 - Como vivem os Espíritos - pág. 58** |
| **11 - Contos desta e doutra vida - pág. 173** | **12 - Convites da vida- pág. 15, 32 60** |
| **13 - Coragem - pág. 84** | **14 - Curso Dinâmico de espiritismo - pág. 21, 139** |
| **15 - Da alma humana - pág. 62** | **16 - Dos Hippies aos problemas do mundo - pág. 99** |
| **17 - Depoimentos vivos - pág. 17** | **18 - Estudos Espíritas - pág. 151** |
| **19 - Evolução em dois mundos - pág. 48, 138, 193, 205** | **20 - Forças sexuais da alma - toda a obra** |
| **21 - Lampadário espirita - pág. 161** | **22 - O Consolador - pág. 73, 99, 111** |
| **23 - O pensamento de Emmanuel - pág. 93, 97, 171** | **24 - Palingênese, a grande lei - pág. 57, 77** |
| **25 - Religião dos Espíritos - pág. 133** | **26 - Saúde e Espiritismo - pág. 57, 66, 277** |
| **27 - Sexo e destino - pág. 264** | **28 - Sexo e evolução - toda a obra** |
| **29 - Sinal verde - pág. 103** | **30 - Vida e sexo - pág. 9, 25, 105** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

|  |
| --- |
| [**O SEXO ALÉM DA MORTE**](file:///C:\Documents%20and%20Settings\User\Desktop\COMUNIDADE\site\temas\osexoalemdamorte\o%20sexo%20alem%20da%20morte.htm) |

**SEXO** **– COMPILAÇÃO**

**08 - Cartas e crônicas - Irmão X - pág. 23**

**4. TREINO PARA A MORTE  
Preocupado com a sobrevivência além do túmulo, você pergunta, espantado, como deveria ser levado a efeito o treinamento de um homem para as surpresas da morte. A indagação é curiosa e realmente dá que pensar. Creia, contudo, que, por enquanto, não é muito fácil preparar técnicamente um companheiro à frente da peregrinação infalível.**

**Os turistas que procedem da Ásia ou da Europa habilitam futuros viajantes com eficiência, por lhes não faltarem os termos analógicos necessários. Mas nós, os desencarnados, esbarramos com obstáculos quase intransponíveis. A rigor, a Religião deve orientar as realizações do espírito, assim como a Ciência dirige todos os assuntos pertinentes à vida material. Entretanto, a Religião, até certo ponto, permanece jungida ao superficialismo do sacerdócio, sem tocar a profundez da alma.  
  
Importa considerar também que a sua consulta, ao invés de ser encaminhada a grandes teólogos da Terra, hoje domiciliados na Espiritualidade, foi endereçada justamente a mim, pobre noticiarista sem méritos para tratar de semelhante inquirição.  
  
Pode acreditar que não obstante achar-me aqui de novo, há quase vinte anos de contado, sinto-me ainda no assombro de um xavante, repentinamente trazido da selva matogrossense para alguma de nossas Universidades, com a obrigação de filiar-se, de inopino, aos mais elevados estudos e às mais complicadas disciplinas.  
  
Em razão disso, não posso reportar-me senão ao meu próprio ponto de vista, com as deficiências do selvagem surpreendido junto à coroa da Civilização. Preliminarmente, admito deva referir-me aos nossos antigos maus hábitos. A cristalização deles, aqui, é uma praga tiranizante.  
  
Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os ciapós, que se devoravam uns aos outros.  
  
Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão. Tenho visto muitas almas de origem aparentemente primorosa, dispostas a trocar o próprio Céu pelo uísque aristocrático ou pela nossa cachaça brasileira. Tanto quanto lhe seja possível, evite os abusos do fumo. Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina.  
  
Não se renda à tentação dos narcóticos. Por mais aflitivas lhe pareçam as crises do estágio no corpo, aguente firme os golpes da luta. As vítimas da cocaína, da morfina e dos barbitúricos demoram-se largo tempo na cela escura da sede e da inércia. E o sexo? Guarde muito cuidado na preservação do seu equilíbrio emotivo. Temos aqui muita gente boa carregando consigo o inferno rotulado de «amor».  
  
Se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de-nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque.  
  
Em família, observe cautela com testamentos. As doenças fulminatórias chegam de assalto, e, se a sua papelada não estiver em ordem, você padecerá muitas humilhações, através de tribunais e cartórios. Sobretudo, não se apegue demasiado aos laços consanguíneos. Ame sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que, por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória.**

**Não se esqueça de que, no estado presente da educação terrestre, se alguns afeiçoados lhe registrarem a presença extraterrena, depois dos funerais, na certa intimá-lo-ão a descer aos infernos, receando-lhe a volta inoportuna. Se você já possui o tesouro de uma fé religiosa, viva de acordo com os preceitos que abraça. E' horrível a responsabilidade moral de quem já conhece o caminho, sem equilibrar-se dentro dele.  
  
Faça o bem que puder, sem a preocupação de satisfazer a todos. Convença-se de que se você não experimenta simpatia por determinadas criaturas, há muita gente que suporta você com muito esforço. Por essa razão, em qualquer circunstância, conserve o seu nobre sorriso.  
  
Trabalhe sempre, trabalhe sem cessar. " O serviço é o melhor dissolvente de nossas mágoas. Ajude-se, através do leal cumprimento de seus deveres. Quanto ao mais, não se canse nem indague em excesso, porque, com mais tempo ou menos tempo, a morte lhe oferecerá o seu cartão de visita, impondo-lhe ao conhecimento tudo aquilo que, por agora, não lhe posso dizer.**

**13 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 84**

**25 - ABENÇOA TAMBÉM  
Diante das vozes e dos braços que te amparam na enfermidade, coopera com os instrumentos da cura, abençoando a ti mesmo.  
Em qualquer desajuste orgânico, não condenes o corpo.  
O operário há de amar enternecidamente a máquina que o ajuda a viver, lubrificando-lhe as peças e harmonizando-lhe os implementos, se não deseja relegá-la à inutilidade e à secura.  
  
Abençoa teu coração. É o pêndulo infatigável, marcando-te as dores e alegrias.  
Abençoa teu cérebro. É o gabinete sensível do pensamento.  
Abençoa teus olhos. São companheiros devotados na execução dos compromissos que a existência te confiou.  
  
Abençoa teu estômago. É o servo que te alimenta.  
Abençoa tuas mãos. São antenas no serviço que consegues realizar.  
Abençoa teus pés. São apoios preciosos em que te sustentas.  
  
Abençoa tuas faculdades genésicas. São forças da vida pelas quais recebeste no mundo o aconchego do lar e o carinho de mãe.  
Eis que Deus te abençoa, a cada instante, no ar que respiras, no pão que te nutre, no remédio que refaz, na palavra que anima, no socorro que alivia, na oração que consola...  
  
Junto das células doentes ou fatigadas, não empregues o fogo da tensão, nem o corrosivo do desespero.  
Abençoa também  
  
EMMANUEL**

**14 - Curso Dinâmico de espiritismo - J. Herculano Pires - pág. 21, 139**

**IV — SEXO E GENÉTICA NO ESPIRITISMO  
Falar em sexo é falar em moral, porque o sexo se tornou, na cultura religiosa, o pivô de todos os sistemas morais. Nas civilizações agrárias e pastoris o problema sexual, embora carregado pelos tabus da selva, não se deixou esmagar por essa carga. A moral das primeiras civilizações revelou-se, de modo geral, muito aberta em relação ao sexo, chegando mesmo a encará-lo como sagrado. Na remota Suméria e mesmo nas civilizações teocráticas a era fálica desenvolveu-se de maneira espantosa. O falo, ou, como dizia Rilke, o membro da geração, era objeto de culto religioso.**

**O ato sexual era considerado sagrado. Podemos ver na Bíblia que a civilização agrária judaica foi, durante os primeiros tempos, bastante liberal no tocante ao sexo. Mas na proporção em que as questões de linhagem e direitos sucessórios exigiram disciplinação, o sexo foi sendo encarado com progressivas suspeitas. Na Grécia e na Roma arcaicas a licença sexual chegou ao extremo das festas religiosas em homenagem aos deuses da sensualidade e da fecundidade. Por todo o Antigo Oriente o culto sexual dominou amplamente, aprimorando-se as cerimônias do sexo com requintes dionisíacos na China, no Japão, na Arábia, na Pérsia e assim por diante.  
  
Técnicas requintadas ainda subsistem atualmente em vários países, servindo para o incentivo do comércio turístico e pesando favoravelmente na balança de exportações. Os ritos da virilidade produziram em Esparta, a prática oficial e obrigatória do homossexualismo na educação dos adolescentes, com repercussões acentuadas em Atenas, na Pérsia e em Roma. Na época de Sócrates o problema era encarado com ambivalência, como verificamos no Banquete de Platão. Mas ainda nessa época os gregos chegaram a organizar, como relata Werner Laeger, um exército de andrógenos para conquistar Siracusa, partindo da idéia de que os amantes não se acovardavam quando juntos e queriam brilhar aos olhos uns doe outros. Episódio que mostra a plurivalência do sexo nas culturas clássicas.  
  
No Cristianismo o sexo caiu em desgraça. Nem mesmo os tópicos bíblicos altamente sensuais puderam salvá-lo. Os cristãos caíram no complexo de castração. O sexo transformou-se em pecado mortal e a Igreja instituiu o celibato obrigatório dos clérigos e restabeleceu a virgindade sagrada das vestais, do culto pagão da deusa Vesta. Em conflito com o próprio mandamento divino do crescei e multiplicai-vos, a geração tornou-se impura e as crianças não nasciam inocentes, mas maculadas pelo pecado original. O horror ao sexo provocou epidemias de crises místicas nos conventos e mosteiros, dando incremento às perversões sexuais e aos delírios de histeria. Os íncubos e súcubos, demônios pervertidos, atacavam os padres e as freiras nos dormitórios sagrados, levando-os a pecados horrendos e a penitências e cilícios que geravam explosões satânicas de masoquismo.**

**A asfixia das fontes biológicas da espécie custava tão caro que os clérigos tiveram a apelar à hipocrisia e à mentira. Bispos criaram taxas especiais para que os clérigos pudessem socorrer-se às ocultas, escapando aos delírios do sexo com a compra de autorizações eclesiásticas para pecar sem perigo para a pureza suposta das almas. E todas essas loucuras, que perduram ainda, repercutiram por todo o mundo em atrocidades de toda a espécie, perseguições e torturas, excomunhões e maldições, fogueiras assassinas, tudo ao canto das litanias piedosas, ao clamor diuturno das preces, no desespero e na angústia das famílias mutiladas, em nome do Cristo que salvara a mulher adúltera da lapidação dos hipócritas e transformara Madalena em santa, porque ela muito amara.**

**O tempo passou, é verdade, mas as almas esmagadas perderam-se na revolta impotente, marcadas a fogo pela descrença em Deus e nos homens. Não fazemos um libelo tardio, mas não se pode tratar dessas fases históricas com a indiferença dos cínicos. A lição do passado precisa gravar-se em nossas mentes de maneira indelével, com as cores trágicas da loucura, para não cairmos de novo nas armadilhas da arrogância e da ferocidade selvagem que continuam armadas em nós mesmos. Seria um crime de lesa-humanidade ocultar essa verdade áspera. E mais ainda, seria uma traição ao futuro passar de leve sobre um problema tão grave, tão carregado de consequências que ainda continuam a ameaçar-nos.**

**A herança tenebrosa corre ainda em nossas veias. A peçonha da serpente edênica envenena o nosso sangue, e o seu sibilar remoto ainda cicia aos nossos ouvidos, incitando-nos à loucura de novas tentativas de santidade e pureza extremas, como se pudéssemos sair do barro da carne para elevar-nos, num segundo, à condição angélica. A pretensão da santidade, formal, feita de atitudes fictícias, de fanatismo bronco, de orgulho satânico, ainda empolgam os que se julgam melhores do que os outros. As duras lições do passado nos mostram que só podemos nos aproximar do Cristianismo através da humildade consciente e da simplicidade espontânea. Basta um grãozinho de orgulho, de pretensão e sabereta ou santo, para perdermos o Cristo de vista e entrarmos na procissão dos anjos de asas de papel.  
  
O Espiritismo nos oferece a última oportunidade de voltarmos a Cristo e reencontrarmos o seu ensino e o seu exemplo. Em todas as religiões cristãs exalta-se a importância do exemplo de Cristo, mas a própria instituição igrejeira, herdada do judaísmo e do paganismo, opõe-se brutalmente a qualquer assimilação da naturalidade cristã pelos adeptos. A erva daninha da vaidade pessoal e de grupo asfixia com suas folhas de urtiga as sementes do Semeador. A suntuosidade das Federações e dos Centros Espíritas com instalações pomposas excitam a vaidade das pessoas simples que as integram com boas intenções, mas logo se embriagam com as posições que assumem, considerando-se autoridades doutrinárias e portanto capazes de ditar normas, estabelecer disciplina, fixar posições doutrinárias e exigir obediência e respeito.**

**Convencidos de possuir um conhecimento superior, muito acima da fatuidade da sabedoria igrejeira e da ignorância espiritual dos sábios materialistas, criaturas desprovidas de um mínimo de cultura geral julgam-se aptas a ensinar a Verdade e até mesmo de reformular a Doutrina com os dados supostos de suas precárias experiências. Não conseguem sequer assimilar os princípios espíritas, mas porque se tornaram figuras socialmente importantes nos quadros institucionais passam a falar grosso e a semear na seara o joio de suas especulações ilógicas. Nada mais desolador do que esse espetáculo de ignorância enfatuada, não raro dado por indivíduos de formação universitária mal assimilada, que se apoiam em seus títulos para sustentar o seu falso prestígio.**

**A última novidade que se espalha no meio espírita é a mais velha de todas: a da castidade para homens e mulheres, a fuga ao sexo, esse instrumento do Diabo que é também o instrumento da criação, do povoamento da Terra pelas criaturas de Deus. Esses anjos assexuados que surgem agora, em revoadas místicas, no meio espírita, não são jejunos apenas em questões genéticas, mas também e principalmente em Espiritismo. Nada conhecem da poderosa síntese histórica e espiritual que Kardec nos deixou. Devem ter saído ontem de alguma sacristia medieval escondida num mosteiro de frades analfabetos do deserto, que para servir a Deus andavam descalços e em trapos, guardavam a sua sagrada ignorância como as vestais a sua virgindade sagrada, e não tomavam banho para terem a glória de morrer em cheiro de santidade, ou seja, de suor e sujeira no corpo desnutrido coberto de chagas.  
  
No Espiritismo não há lugar para a volta à era fálica nem para o restabelecimento das castidades forçadas. Na sua natureza de síntese cultural, o Espiritismo coloca o problema sexual acima das antigas condições de ambivalência do sexo. O capítulo sobre a Lei de Reprodução, no Livro dos Espíritos é decisivo: a lei de reprodução é encarada como lei natural e humana, de ordem moral, correspondendo às exigências divinas da evolução dos seres, das raças e de toda a Humanidade. O celibato é condenado como fuga egoísta aos compromissos sociais, a menos que seja determinado por motivos graves. O sexo não é nem pode ser pecaminoso. Sua função é evidentemente necessária para o progresso dos espíritos.**

**O que se condena é o excesso, o abuso e o aviltamento do sexo. Lei natural, estabelecida por Deus para todas as formas de vida, o sexo é o meio de transmissão da vida na sucessão das gerações. Nos reinos da Natureza, o vegetal, o animal e o hominal, o sexo é a garantia da continuidade da vida e o fator das reencarnações. As superstições anti-sexuais revelam estreiteza mental, tendência ao misticismo igrejeiro do passado, ao beatismo ignorante, ao masoquismo lúbrico e à necrofilia, ou seja, apego mórbido à morte. Esse é um problema bem conhecido em Psicologia e suas consequências pertencem ao campo da Psiquiatria. Esse conjunto de elementos negativos produziu no passado religioso as mais estranhas manifestações de delírios pseudomísticos e desequilíbrios da afetividade.   
  
Incontáveis casos de loucura e pseudo-possessões demoníacas brotaram dos conventos e mosteiros medievais pela prática forçada e criminosa de abstinências sexuais que, não raro, acabavam em perversões. Os desvios da afetividade levam criaturas inocentes a imperceptíveis ligações amorosas com outras criaturas a mesma tipologia psicológica, chegando a extremos criminosos de perversão de crianças em internatos de rigor espartano, em cujo clima asfixiante as exigências biológicas fazem renascer as flores venenosas das práticas de Esparta.**

**Em contrapartida surgem também os casos de delírios senis em criaturas envelhecidas, que no declínio da vitalidade se tornam ridículas e perigosas, tentando reativar suas energias genéticas sem a compulsão das frustrações de toda uma vida em que esmagaram seus impulsos afetivos. Já sem forças para sustentar as lutas disciplinares da mocidade contra os impulsos naturais, essas vítimas da ilusão religiosa são condenadas e julgadas como seres depravados que só então revelam o que eram. É o duro preço pago pelos que não tiveram a coragem de escalar as encostas do Olimpo para roubar o fogo celeste de Zeus.  
  
O mesmo acontece no tocante às condenações rigorosas contra as pessoas apegadas a hábitos comuns na sociedade, mas que o puritanismo espírita reprime em nome do bom conceito que os adeptos devem sustentar no meio social, uma imagem forçada, artificial e quase sempre insustentável. Os espíritas não constituem uma comunidade à parte no meio social, não podem e não devem isolar-se ou distinguir-se por atitudes ou comportamento especiais. Jesus podia ter nascido príncipe, como o Buda, ou podia nascer numa família abastada que o encaminhasse para o sacerdócio e as honras do rabinato. Preferiu a humildade de uma família pobre de Nazaré, pequena cidade de uma província desprezada pela sua numerosa população de gentios, e a condição inferior de carpinteiro. (...)**

**18 - Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis - pág. 151**

**20. SEXO  
CONCEITO — Os lexicógrafos conceituam o sexo como sendo a "conformação particular do ser vivo que lhe permite uma função ou papel especial no ato da geração". Biologicamente, são os "caracteres estruturais e funcionais pêlos quais um ser vivo é classificado como macho ou fêmea..."  
A reprodução sexuada é condição inerente aos animais, e entre esses aos metazoários, sendo necessário particularizar como exceção alguns que são constituídos por organismos inferiores, cujos processos procriativos obedecem a leis especiais. Esse processo de reprodução entre os animais sexuados se dá, obedecendo à faculdade de elaboração de células próprias, tendo a Escola de Morgan, nas suas pesquisas, classificado e diferenciado as sexuais das somáticas, que são muito diferentes na constituição do organismo.  
Fundamental na espécie humana para o "milagre" procriativo, é dos mais importantes fatores constitutivos da personalidade, graças aos ingredientes estimulantes ou desarmonizantes do equilíbrio, de que se faz responsável.  
Considerando as consequências eugênicas, que o desbordar do abuso vem produzindo nas sucessivas gerações, pensam alguns estudiosos quanto à necessidade de ser aplicada a Eutanásia nos "degenerados", a fim de evitar-se um "crepúsculo genético", incorrendo, conseqüentemente, na realização de um hediondo "crepúsculo ético" de resultados imprevisíveis. Isto, porque o sexo tem sido examinado, apenas, de fora para dentro, sem que os mais honestos pesquisadores estejam preocupados em estudá-lo de dentro para fora, o que equivale dizer: do espírito para o corpo.  
Aferrados a crasso materialismo em que se fixam, não se interessam esses estudiosos pela observância das realidades espirituais, constitutivas da vida, no que incidem e reincidem, por viciação mental ou simples processo atávico, em relação aos cientistas do passado.  
O sexo, porém, queira-se ou não, nas sua funções importantes em relação à vida, procede do espírito, cujo comportamento numa existência insculpe na vindoura as condições emocionais e estruturais necessárias à evolução moral.  
DESDOBRAMENTO — A princípio, considerado instrumento de gozo puro e simples, através do qual ocorria a fecundação sem maiores cuidados, passou, nas Civilizações do pretérito, a campo de paixões exorbitantes, que, de certo modo, foram responsáveis pela queda de grandes Impérios, cujos governantes e povos, alçados à condição máxima de dominadores, permitiram-se resvalar pelas rampas do exagero encarregado de corromper os costumes e hábitos, amolentando caracteres e sentimentos, que culminaram na desagregação das sociedades, que chafurdaram, então, em fundos fossos de sofrimento e anarquia.  
Perseguido e odiado após a expansão da Igreja Romana, transformou-se em causa de desgraças irreparáveis, que por séculos sucessivos enlutaram e denegriram gerações.  
  
Pelas suas implicações na emotividade humana, a ignorância religiosa nele viu adversário soez que deveria ser destruído a qualquer preço, facultando sucessivas ondas de crimes contra a Humanidade, crimes esses que ainda hoje constituem clamorosos abusos de que o homem mesmo se fez vítima inerme.  
Cultivado, depois, passou pelo período do puritanismo, em que a moral experimentou conceituação aberrante e falsa, dando lugar a nefandos conúbios de resultados funestos.  
A Sigmund Freud, sem dúvida, o insigne médico vienense, deve-se a liberação do sexo, que vivia envolto em tabus e preconceitos, quando se propôs examiná-lo com vigorosa seriedade, tentando penetrar-lhe as nascentes, através do comportamento histérico e normal dos seus pacientes, tendo em vista a necessidade de elucidar as incógnitas de larga faixa dos neuróticos e psicóticos que lhe enxameavam a clínica, e desfilavam, desfigurados, padecendo sofrimentos ultrizes nos manicômios públicos.  
Lutando tenazmente contra a ignorância dos doutos e a estultície dos ignorantes, arrostando as consequências da impiedade e da má-fé da maioria aferrada ao dogmatismo chão e às superstições a que se vinculavam, teve o trabalho grandemente dificultado, vendo-se obrigado ao refúgio no materialismo, transferindo para a libido a responsabilidade por quase todos os problemas em torno da neurose humana. Graças a isso, passou a ver o sexo em tudo, pecando, por ocasião da elaboração das leis da Psicanálise, pelo excesso de tolerância a respeito do comportamento sexual, no que classificou inibições, frustrações, castrações e complexos do homem como sendo seus próprios problemas sexuais... Os cooperadores de Freud alargaram um pouco mais os horizontes da análise, sem, contudo, detectarem no espírito as nascentes das distonias emocionais das variadas psicopatias...  
Com a Era Tecnológica, ante as novas realidades sociais, graças à "civilização de consumo", o sexo abandonou o recato, a pudicícia, para ser trazido à praça da banalização com os agravantes do grosseiro desgaste do seu valor real, num decorrente barateamento, incidindo na vida da comunidade ao impacto dos veículos de comunicação com o poder da sua ciclópica penetração, de maneira destruidora, aniquilante...  
Elevado à condição de fator essencial em tudo, é agora razão de todos os valores, produzindo mais larga faixa de desajustados, enquanto se faz mais vulgar, mais mesquinho, mais brutalizado...  
Problemas de exigência psiquiátrica, distonias de realidade esquizóide, gritando urgência de terapêutica especializada, defecções morais solicitando disciplina, educação e reeducação constituem manchetes da leviandade, como se fossem esses os reais processos da vida e a reflexão como o equilíbrio passassem a expressões de anomalia carecente de execração...  
Transsexualismo e heterossexualidade expulsos dos porões sórdidos da personalidade humana doentia, deixaram as salas hospitalares e os pátios dos frenocômios para os desfiles das ruas, acolitados por desenfreada sensualidade, através de cujos processos mais aumentam as vagas do desequilíbrio.  
Incontestavelmente impressos nos painéis do psicos-soma os comprometimentos morais em que o ser se emaranhou, estes impõem a necessidade da limitação, como presídio de urgência, no homossexualismo, no hermafro-ditismo, na frigidez e noutros capítulos da Patologia Médica, nos casos dos atentados ao pudor, traduzindo todos eles o impositivo da Lei Divina que convoca os infratores ao imperioso resgate, de modo a que se reorganizem nesta ou naquela forma, masculina ou feminina, a fim de moralizar-se, corrigir-se e não se corromper, mergulhando em processos obsessivos e alucinatórios muito mais graves, que logo mais padecerão...  
SEXO E ESPIRITISMO — Ante quaisquer problemas de ordem sexual, merece considerar-se a importância da vida, das leis de reprodução, contribuindo para o fortalecimento das estruturas espirituais na construção da paz interior de cada um.  
Frustração, ansiedade, exacerbação, tormento, tendências inversas e aflições devem ser solucionados, do espírito em processo de reajuste ao corpo em reparação.  
Mediante a terapêutica da prece e do estudo, da aplicação dos passes e do tratamento desobsessivo, a par de assistência psicológica ou psiquiátrica correta, os que se encontram comprometidos com anomalias do corpo ou da emoção, recuperam a serenidade, reparam os tecidos ultra--sensíveis do perispírito, reestruturando as peças orgânicas para a manutenção do equilíbrio na conjuntura reencar-natória.  
A preservação da organização genésica na faculdade sublime das suas finalidades impõe-se como dever imediato para a lucidez do homem convocado ao erguimento do Novo Mundo de amor e felicidade a que se refere o Evangelho e o Espiritismo confirma, através do bem a espalhar-se hoje por toda parte, repetindo a moral do Cristo, insubstituível e sempre atual.  
ESTUDO E MEDITAÇÃO:  
"Que efeito teria sobre a sociedade humana a abolição do casamento?  
"Seria uma regressão à vida dos animais." "Qual das duas, a poligamia ou a monogamía, é mais conforme à lei da Natureza ?  
"A poligamia é lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há afeição real: há apenas sensualidade."**

**25 - RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS - FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (EMMANUEL) - página: 133**

**Sexo e amor. Questão 201. Ignorar o sexo em nossa edificação espiritual seria ignorar-nos. Urge, no entanto, situá-lo a serviço do amor, sem que o amor se lhe subordine. Imaginemo-los ambos, na esfera da personalidade, como o rio e o dique na largueza da terra. O rio fecunda. O dique controla. O rio espalha forças. O dique policia-lhes a expansão. No rio, encontramos a Natureza. No dique, surpreendemos a disciplina. Se a corrente ameaça a estabilidade de construções dignas, comparece o dique para canalizá-la proveitosamente, noutro nível. Contudo, se a corrente supera o dique, aparece a destruição, toda vez que a massa líquida se dilate em volume.**

**Igualmente, o sexo é a energia criativa, mas o amor necessita estar junto dele, a funcionar por leme seguro. Se a simpatia sexual prenuncia a dissolução de obras morais respeitáveis, é imprescindível que o amor lhe norteie os recursos para manifestações mais altas, porquanto, sempre que a atração genésica é mais poderosa que o amor, surgem crises de longo curso, retardando o progresso e o aperfeiçoamento da alma, quando não lhe embargam os passos na loucura ou na frustração, enfermidade ou no crime.**

**Tanto quanto o dique precisa erguer-se em defensiva constante, no governo das águas, deve guardar-se o amor em permanente vigilância, na frenação do impulso emotivo. Fiscaliza, assim, teus próprios desejos. Quase sempre, os que chegam ao além-túmulo sexualmente depravados, depois de longas perturbações renascem no mundo, tolerando moléstias insidiosas, quando não se corporificam em desesperadora condição inversiva, amargando pesadas provas como consequências dos excessos delituosos a que se renderam.**

**À maneira de doentes difíceis, no leito de contenção, padecem inibições obscuras ou envergam sinais morfológicos em desacordo com as tendências masculinas ou femininas em que ainda estagiam, no elevado tentame de obstar a própria queda em novos desmandos sentimentais. Ama, pois, e ama sempre, porque o amor é a essência da vida, mas não cogites de ser amado.**

**Ama por filhos do coração aqueles de quem, por enquanto, não podes partilhar a convivência mais íntima, aprendendo o puro amor fraterno que Jesus nos legou. Mas, se a inquietação sexual te vergasta as horas não te decidas a aceitar o conselho da irresponsabilidade que te inclina a partir levianamente "ao encontro de um homem" ou "ao encontro de uma mulher", muitas vezes em perigoso agravo de teus problemas.**

**Antes de tudo, procura Deus, na oração, segundo a fé que cultivas, e Deus que criou o sexo em nós, para engrandecimento da criação, na carne e no espírito, ensinar-nos-á como dirigi-lo.**

**29 - SINAL VERDE - FRANCISCO C. XAVIER (ANDRÉ LUIZ) - pág. 107**

**45.PERANTE O SEXO. Nunca escarneça do sexo, porque o sexo é manancial de criação divina, que não pode se responsabilizar pelos abusos daqueles que o deslustram. Psicologicamente, cada pessoa conserva, em matéria de sexo, problemática diferente. Em qualquer área do sexo, reflita antes de se comprometer, de vez que a palavra empenhada gera vínculos no espírito. Não tente padronizar as necessidades afetivas dos outros por suas necessidades afetivas, porquanto embora o amor seja luz uniforme e sublime em todos, o entendimento e posição do amor se graduam de mil modos na senda evolutiva.**

**Use a consciência, sempre que se decidir ao emprego de suas faculdades genésicas, imunizando-se contra as males da culpa. Em toda comunicação afetiva, a regra áurea: "não faça a outrem o que não deseja que outrem lhe faça". O trabalho digno que lhe assegure a própria subsistência é sólida garantia contra a prostituição. Não arme ciladas para ninguém, notadamente nos caminhos do afeto, porque você se precipitará dentro delas. Não queira a sua felicidade ao preço do alheio infortúnio, porque todo desequilíbrio da afeição desvairada será corrigido, à custa da afeição torturada, através da reencarnação.**

**Se alguém errou na experiência sexual, consulte o próprio íntimo e verifique se você não teria incorrido no mesmo erro se tivesse oportunidade. Não julgue os supostos desajustamentos ou as falhas do sexo e sim respeite as manifestações sexuais do próximo, tanto quanto você pede respeito para aquelas que lhe caracterizam a existência, considerando que a comunhão sexual é sempre assunto íntimo entre duas pessoas, e, vendo duas pessoas unidas, você nunca pode afirmar com certeza o que fazem; e, se a denúncia quanto à vida sexual de alguém é formulada por parceiro ou parceira desse alguém, é possível que o denunciante seja mais culpado quanto aos erros havidos, de vez que, para saber tanto acerca da pessoa apontada ao escárnio público, terá compartilhado das mesmas experiências.**

**Em todos os desafios e problemas do sexo, cultive a misericórdia para com os outros, recordando que, nos domínios do apoio pela compreensão, se hoje é o seu dia de dar, é possível que amanhã seja o seu dia de receber.**

**30 - VIDA E SEXO - FRANCISCO C. XAVIER (EMMANUEL) - pág. 9/25/105/109**

**1.EM TORNO DO SEXO: Ante os problemas do sexo, é forçoso lembrar que toda criatura traz os seus temas particulares com referência ao assunto. Atendendo à soma das qualidades adquiridas, na fieira das próprias reencarnações, o Espírito se revela, no Plano Físico, pelas tendências que registra nos recessos do ser, tipificando-se na condição de homem ou de mulher, conforme as tarefas que lhe cabe realizar. Além disso, a individualidade, muitas vezes, independentemente dos sinais morfológicos, encerra em si extensa problemática, em se tratando de vinculações e inclinações de caráter múltiplo.**

**Cada pessoa se distingue por determinadas peculiaridades no mundo emotivo. O sexo se define, desse modo, por atributo não apenas respeitável mas profundamente santo da Natureza, exigindo educação e controle. Através dele dimanam forças criativas, às quais devemos na Terra, o instituto da reencarnação, o templo do lar, as bênçãos da família, as alegrias revitalizadoras do afeto e o tesouro inapreciável dos estímulos espirituais.**

**Desarrozoado subtrair-lhe as manifestações aos seres humanos, a pretexto de elevação compulsória, de vez que as sugestões da erótica se entranham na estrutura da alma, ao mesmo tempo que seria absurdo deslocá-lo de sua posição venerável, a fim de arremá-lo ao campo da aventura menos digna, com a desculpa de se lhe garantir a libertação.**

**Sexo é espírito da vida, a serviço da felicidade e da harmonia do Universo. Conseguintemente, reclama responsabilidade e discernimento, onde e quando se expresse. Por isso mesmo, nossos irmãos e nossas irmãs precisam saber o que fazem com as energias genésicas, observando como, com quem e para que se utilizam de semelhantes recursos, entendendo-se que todos os compromissos na vida sexual estão igualmente subordinados à Lei de Causa e Efeito; e, segundo esse exato princípio, de tudo o que dermos a outrem, no mundo afetivo, outrem também nos dará.**

**5.ENERGIA SEXUAL - A energia sexual, como recurso da lei de atração, na perpetuidade do Universo, é inerente à própria vida, gerando cargas magnéticas em todos os seres, à face das potencialidades criativas de que se reveste. Nos seres primitivos, situados nos primeiros degraus da emoção e do raciocício, e, ainda, em todas as criaturas que se demoram voluntariamente no nível dos brutos, a descarga de semelhante energia se opera inconsideradamente. Isso, porém, lhes custa resultados angustiosos a lhes lastrearem longo tempo de fixação em existências menos felizes, nas quais a vida, muito a pouco a pouco, ensina a cada um que ninguém abusa de alguém sem carrear prejuízo a si mesmo.**

**À medida que a individualidade evolui, no entanto, passa a compreender que a energia sexual envolve o impositivo de discernimento e responsabilidade em sua aplicação, e que, por isso mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno, seja na criação de formas físicas, asseguradora da família, ou na criação de obras beneméritas da sensibilidade e da cultura para a reprodução e extensão do progresso e da experiência, da beleza e do amor, na evolução e burilamento da vida no Planeta.**

**Através da poligamia, o espírito assinala a si próprio longa marcha em existências e mais existências sucessivas de reparação e aprendizagem, em cujo transcurso adquire a necessária disciplina do seu mundo emotivo. Fatigado de experimentos dolorosos, nos quais recolhe o fruto amargo da delinquência ou do desespero que haja estabelecido nos outros, reconhece na monogamia o caminho certo de suas manifestações afetivas. Atento a isso, identifica na criatura que se lhe afina com os propósitos e aspirações o parceiro ou a parceira ideais para a comunhão sexual, suscetível de lhe granjear o preciso equilíbrio e capaz de lhe revitalizar as forças com que se põe no encalço do trabalho imprescindível à própria evolução.**

**Em nenhum caso, ser-nos-á licito subestimar a importância da energia sexual que, na essência, verte da Criação Divina para a constituição e sustentação de todas as criaturas. Com ela e por ela é que todas as civilizações da Terra se levantaram, legando ao homem preciosa herança na viagem para a sublimação definitiva, entendendo-se, porém, que criatura alguma, no plano da razão, se utilizará dela, nas relações com outra criatura, sem consequências felizes ou infelizes, construtivas ou destrutivas, conforme a orientação que se lhe dê.**

|  |  |
| --- | --- |
| **SEXO NOS ESPÍRITOS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- O Livro dos Espíritos - questões 200 a 202** | **02 - Sexo e evolução - pág. 34** |
| **03 - Macho fêmea- pág. 35** | **04 - Forças sexuais da alma - toda a obra** |
| **05 - Saúde e Espiritismo - pág. 277** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SEXO NOS ESPÍRITOS** **– COMPILAÇÃO**

**01- O Livro dos Espíritos -Allan Kardec - questões: 200 a 202**

**Perg. 200 - Os Espíritos têm sexo?  
- Não como o entendeis, porque os sexos dependem da constituição orgânica. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos.  
  
Perg. 201 - O Espírito que animou o corpo de um homem pode animar de uma mulher, numa nova existência, e vice-versa?  
Sim, pois são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres.**

**Perg. 202 - Quando somos Espíritos, preferimos encarnar num corpo de homem ou de mulher?  
- Isso pouco importa ao Espírito; depende das provas que ele tiver de sofrer.**

**Os Espíritos encarnam-se homens ou mulheres, porque não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, oferece-lhes provas e deveres especiais e novas ocasiões de adquirir experiências. Aquele que fosse sempre homem, só saberia o que sabem os homens.**

**02 - Sexo e evolução - Walter Barcelos- pág. 34**

**2 - O SEXO NA VIDA UNIVERSAL  
"O sexo, portanto, como qualidade positiva ou passiva dos princípios e dos seres, é manifestação cósmica em todos os círculos evolutivos."— André Luiz (25.13)   
2.1 — Espiritismo e a ignorância sexual. O Espiritismo veio na época predita por Jesus, a fim de recordar e reavivar todos os seus ensinamentos, que foram esquecidos, e esclarecer muitos outros pontos importantíssimos no campo do conhecimento espiritual, que a Humanidade tinha condições de receber.  
  
Dentre os vários assuntos esclarecidos pela nova doutrina, temos o tema sexo, sobre o qual os Espíritos nos oferecem um riquíssimo material para estudos, dissipando dúvidas, incertezas e preconceitos, clareando os caminhos ainda sombrios da afetividade humana.  
Diante do que o Espiritismo nos oferece na atualidade, no campo do esclarecimento sexual, a visão das criaturas humanas sobre a missão sagrada do sexo ainda é muito limitada e obscura, reinando profunda ignorância. Para a maioria dos homens, o conhecimento sobre sexo está restrito às suas manifestações primárias, onde surgem o desequilíbrio, a viciação e a devassidão moral.  
  
É o que nos fala o Espírito André Luiz: "Não podemos, dessa forma, limitar às loucuras humanas a função do sexo, pois seríamos tão insensatos quanto alguém que pretendesse estudar o sol apenas por uma réstia de luz filtrada pela fenda de um telhado." Na quase totalidade, conhecemos atualmente o sexo, tal como alguém que se gabasse de conhecer uma imensa floresta, por ter analisado tão-somente algumas humildes ervas encontradas em seus primeiros passos na mata virgem.**

**Não devemos restringir as funções sagradas do sexo às manifestações biofisiológicas e aos desequilíbrios comuns da afetividade humana. Para estudar e compreender sexo com Doutrina Espírita, é necessário deslocarmos nossa visão do campo estritamente fisiológico e projetá-la no campo ilimitado do Espírito imortal.  
  
2.2 — O Sexo na Vida Universal  
Sexo é fundamento da Vida Universal. Encontra-se nas origens da própria vida, a qual é emanada do Criador. É o que nos esclarece o Espírito André Luiz: "Criação, vida e sexo são temas que se identificam essencialmente entre si, perdendo-se em suas origens no seio da Sabedoria Divina." A energia sexual está intimamente ligada a todo princípio de vida, em todos os graus evolutivos, tanto no planeta Terra como em todos os recantos do Universo.  
  
O sexo, na essência, é energia divina. Força da vida, encontra-se na base de todos os processos de evolução dos seres. Elucida-nos o Espírito Emmanuel:"(...) Os estímulos genésicos (...) são ingredientes da vida e da evolução, criados pela mesma Providência Divina para a sustentação e a elevação de todos os seres"   
  
2.3 — Magnetismo, atração sexual e evolução  
A evolução de todos os seres está condicionada aos recursos do sexo, que se desenvolvem e se aperfeiçoam, no curso dos milênios, impulsionados pela Lei de Deus, que é a de progresso para todos os seres do Universo. É através dos recursos magnéticos do sexo que as criaturas humanas e todos os seres dos reinos inferiores se atraem uns aos outros, formando os casais e conseqüentemente as famílias, garantindo a preservação da vida no planeta e no Universo. Fala-nos o iluminado Espírito Emmanuel: "A energia sexual, como recurso da lei de atração, na perpetuidade do Universo, é inerente à própria vida, gerando cargas magnéticas em todos os seres, à face das poten-cialidades criativas de que se reveste."  
  
2.4 — Sexo: Energia Divina  
O sexo é energia da própria vida. Todos nós somos chamados a administrá-la em nós mesmos e somos responsáveis pelo que fazemos com ela. A energia sexual está tão ligada às profundezas da vida, que nos diz André Luiz: "Examinado como força atuante da vida, à face da criação incessante, o sexo, a rigor, palpitará em tudo, desde a comunhão dos princípios subatômicos à atração dos astros porque, então, expressará força de amor, gerada pelo amor infinito de Deus."   
  
A energia divina do sexo, expressando força de amor gerada pelo amor infinito de Deus, tanto existe na lei de atração entre os elementos químicos quanto no magnetismo planetário de atração, que dá harmonia aos mundos no espaço cósmico. Sentimos dificuldades de entender a grandeza do sexo na Vida Universal, em virtude de reduzirmos suas funções unicamente a determinados órgãos e sensações do corpo físico.  
  
Encontramo-nos ainda muito distanciados das belezas das leis divinas em nossa própria vida afetiva. Se as águas de um rio, em quase toda a sua extensão, são poluídas, colocando em risco a vida dos animais e do próprio homem, que dela se servem, não podemos dizer o mesmo com relação à sua nascente, cujas águas serão naturalmente claras e puras. Assim devemos ver também a energia sexual que, no seu estado de maior pureza, faz parte das forças que proporcionam o equilíbrio da vida universal.  
  
A grandeza chega a tal ponto que os Espíritos se referem também à energia sublimada de nosso Mestre e Senhor Jesus-Cristo, pelas palavras de André Luiz: "E a própria influência do Cristo, que se deixou crucificar em devotamento a nós outros, seus tutelados na Terra, para fecundar de luz a nossa mente, com vistas à divina ressurreição, não será, na essência, esse mesmo princípio, estampado no mais alto teor de sublimação?"   
  
O sexo na Terra não será sempre o que sentimos, vivemos e experimentamos, na ignorância de paixões e vícios, pois a Lei de Deus, que é de progresso para todos, nos favorecerá sempre para conquistarmos valores mais altos, de relacionamento afetivo, na construção de nossa verdadeira felicidade.  
  
3 - A SEDE REAL DO SEXO  
"Sexo é espírito e vida, a serviço da felicidade e da harmonia do Universo."— Emmanuel   
A energia sexual que, na essência, é energia divina, tendo como base a lei de atração, manifesta-se em todos os seres, garantindo a perpetuidade da vida no Universo, promovendo em toda parte a evolução, o progresso e a felicidade.  
3.1 — Definição de sexo  
A definição primária da palavra sexo, segundo o dicionário é: "Diferença física e constitutiva do homem e da mulher, do macho e da fêmea." Esta definição é baseada unicamente no aspecto físico, diferenciando a condição orgânica do masculino e do feminino.  
  
3.2 — Constituição da criatura humana  
Para a Doutrina Espírita, a criatura humana não é somente matéria, pois ela é formada de corpo físico, corpo espiritual e espírito. Destes três, o espírito é o comandante, o gerente absoluto, da organização psicossomática. Quem sobrevive após a morte e a destruição do corpo é o Espírito, com sua sensibilidade e os recursos morais, intelectuais, caráter e hábitos.  
  
Cada criatura humana é, na Terra, o que realmente o Espírito já acumulou em si mesmo, na fieira das reencarnações, sendo o corpo instrumento transitório para a romagem terrena. As qualidades do Espírito não são o produto do mecanismo do corpo físico, através de glândulas e hormônios. Como nos diz o Espírito André Luiz: "A personalidade não é obra da usina interna das glândulas, mas produto da química mental."  
  
3.3 — União Fisiológica  
Para entendermos melhor o assunto "sexo" com Doutrina Espírita, é necessário não limitarmos a sua função sagrada simplesmente à união fisiológica. Segundo André Luiz, "(...) na Terra é vulgar a fixação do magno assunto no equipamento genital do homem e da mulher. Contudo, é preciso não esquecer que mencionamos o sexo como força de amor nas bases da vida, totalizando a glória da Criação".   
  
O sexo, para a maioria esmagadora das criaturas humanas, está restrito à função dos órgãos genésicos. É muito natural esta visão, em virtude da profunda ignorância humana com relação ao Espírito. Sexo não é somente o prazer de minutos e a permuta de células sexuais.  
  
3.4 — O Espiritismo e os impulsos sexuais  
O Espiritismo, pelos seus ensinamentos libertadores, veio descortinar horizontes novos para a afetividade humana, elevando-a a níveis mais altos de relacionamento, na esfera do Espírito. O campo de participação do sexo na vida é imenso e profundo, mas somos ainda humildes aprendizes na escola do amor, a fim de percebermos os maravilhosos mundos novos das emoções santificadoras que a Lei de Deus nos facultará alcançar quando o desejarmos sinceramente.  
  
A infelicidade na área do comportamento sexual entre os cônjuges decorre do fato de a maioria deles teimar em permanecer nos impulsos primários, desinteressados de vivenciar os valores mais nobres do Espírito.  
  
3.5 — Sexo no corpo físico e no Espírito  
Os Espíritos trataram muito rapidamente do assunto sexo em "O Livro dos Espíritos", deixando para mais tarde a ampliação desses ensinamentos, os quais foram complementados ricamente, através das obras psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier e outros.  
  
Em "O Livro dos Espíritos" temos a interessante pergunta de na 200: "Têm sexo os Espíritos?"Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos." Se atentarmos bem para a resposta dos Espíritos Superiores, iremos observar que eles não responderam com um simples "não". Mas sim: "não como o entendeis". É, portanto, uma negação que traz também uma afirmação implícita, que poderia ser traduzida assim: "os Espíritos têm sexo, mas não como vocês o conceituam na Terra". Os Espíritos têm sexo, mas não de acordo com a concepção de sexo das criaturas humanas. O que precisamos saber é discernir entre o sexo enquanto na vida corpórea e o sexo na vida espiritual.  
  
Os Espíritos realmente não têm o sexo como o da organização física, pois no corpo espiritual não possuem o mecanismo de fecundação com possibilidades para a reprodução entre si. Os Espíritos, só Deus cria. Vejamos as palavras elucidativas do escritor J. Herculano Pires:"No sentido orgânico, biofisiológico, os Espíritos não têm sexo, pois não possuem corpo material e não se reproduzem." Recordemos também as palavras seguras do insigne Codificador, Allan Kardec: "Os sexos só existem no organismo. São necessários à reprodução dos seres materiais, mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual."   
  
Se os Espíritos não têm o sexo biofisiológico semelhante ao experimentado na Terra, o que será então o sexo nos Espíritos, quando libertos do corpo físico e em plena atividade no mundo espiritual?  
  
3.6 — A individualidade do Espírito após a morte  
Para compreendermos a questão do sexo nos Espíritos é preciso formarmos a convicção de que eles, após o fenômeno da desencarnação, conservam as suas características. O Espírito na vida espiritual não é um fantasma, uma sombra, um ser vazio. Ele leva consigo tudo que realizou, aprendeu e conquistou nas experiências da vida corpórea, seja no campo do intelecto ou do sentimento, e isso é o que vai caracterizá-lo no mundo espiritual.  
  
Em "O Livro dos Espíritos", temos a seguinte pergunta: "A alma, após a morte, conserva a sua individualidade? "Sim; jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?" O sexo nos Espíritos não é de ordem biofisiológica, mas sim de vida psíquica, como nos esclarece o Espírito André Luiz: "A sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa." Ainda o mesmo Espírito reafirma:"O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações (...)."   
  
O corpo não comanda a mente, e sim esta é que administra profundamente a organização do corpo espiritual e do corpo físico. A sexualidade da criatura humana, antes de tudo, nasce do arquivo mental. Os órgãos genitais masculinos e femininos são instrumentos do Espírito, através da ação mental. Perdendo o corpo físico, o Espírito nada perde de imediato, de sua sexualidade, de suas características, de sua maneira de ser.  
  
3.7 — Subconsciência: arquivo profundo da personalidade  
A mente é o equipamento sublime do Espírito, resultado de milênios incontáveis de evolução incessante, onde estão gravados, de maneira indelével, todos os recursos psicológicos de nossa personalidade: caráter, cultura, hábitos, aptidões, sensibilidade, desejos, virtudes, vícios, amor, paixões etc. Os recursos mentais variam de Espírito para Espírito, em função do livre-arbítrio de cada um no aproveitamento das experiências, na existência terrena.  
  
Tudo que praticamos: pensando, falando, sentindo e agindo, na fieira das reencarnações, é arquivado, na forma de reflexos nos escaninhos de nossa mente, na sua zona mais profunda, que é a sub-consciência, estruturando assim a nossa individualidade.  
A subconsciência, explica-nos o Espírito Emmanuel:  
  
"(...) é o acervo de experiências realizadas pelo ser em suas existências passadas. O Espírito, no labor incessante de suas múltiplas existências, vai ajuntando as séries de suas conquistas, de suas possibilidades, de seus trabalhos; no seu cérebro espiritual organiza-se, então, essa consciência profunda, em cujos domínios misteriosos se vão arquivando as recordações (...)".   
  
Se a mente é a sede real do sexo, pode-se entender daí como é o sexo nos Espíritos. Realmente, os Espíritos não podem reproduzir-se, mas conservam, no seu maravilhoso arquivo mental, todos os reflexos resultantes de suas atividades praticadas aqui na Terra, na sucessão das reencarnações, vivenciando as funções masculinas ou femininas que o corpo físico lhes ofereceu. É o que André Luiz nos reporta:  
  
"Na Esfera da Crosta, distinguem-se os homens e mulheres segundo sinais orgânicos, específicos. Entre nós, prepondera ainda o jogo das recordações da existência terrena, em trânsito, como nos achamos, para regiões mais altas."O mesmo afirmava também o Codificador, Allan Kardec, comentando o problema da influência da experência física na vida espiritual e vice-versa. A influência que se transfere para a vida espiritual que o Codificador analisa, são as mesmas recordações guardadas na mente, ditas por André Luiz:  
  
"Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Numa nova encarnação trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito."   
  
3.8 — Departamento das almas femininas e masculinas na cidade espiritual "Nosso Lar"   
Se o caráter dos sexos não continuasse em realidade na vida espiritual, como uma expressão particular e mais profunda de cada Espírito, não veríamos trechos nas obras de André Luiz, como estes: "As almas femininas não podem permanecer inativas aqui. É preciso aprender a ser mãe, esposa, missionária, irmã."   
  
"Eu não sabia explicar a grande atração pela visita ao departamento feminino das Câmaras de Retificação." "— Reservam-se estas câmaras — explicou o companheiro bondosamente — apenas a entidades de natureza masculina." O Espírito continua, além-túmulo, com suas tendências de homem ou de mulher, pois elas estão guardadas na MENTE. A atração entre os sexos continua no Plano Espiritual, pois permanece também o namoro, o noivado e o casamento nas sociedades espirituais. Vejamos a admiração do Espírito André Luiz em presenciando um casamento no Mundo Espiritual:  
  
"Não tinha, no mundo, a menor idéia de que pudéssemos cogitar de uniões matrimoniais, depois da morte do corpo. Quando assisti a festividades dessa natureza, em "Nosso Lar", confesso que minha surpresa raiou pela estupefação."   
  
3.9 — A identificação sexual do Espírito nas comunicações psicofônicas  
Notemos também que o escritor espiritual André Luiz nos adverte quanto à necessidade, quando no intercâmbio com os Espíritos, no trabalho de desobsessão, de deduzirmos qual o sexo que tal Espírito possui na Terra, pois este permanece com as mesmas características em sua estrutura psicológica, como vemos neste trecho:  
  
"Os médiuns esclarecedores, pelo que ouçam do manifestante necessitado, deduzam qual o sexo a que ele tenha pertencido, para que a conversação elucidativa se efetue na linha psicológica ideal (...)." A sexualidade continua profundamente viva em cada Espírito. A nossa personalidade, hoje, tanto no plano físico como no espiritual, é resultado das funções executadas nos milênios, através dos recursos abençoados do sexo, que a Providência Divina nos oferece para a nossa evolução. O sexo, portanto, está na base da formação das características de nossa individualidade.  
  
3.10 — Personalidade sexual: soma de milénios de experiências  
O mentor espiritual Emmanuel esclarece-nos:  
"(...) Toda a estrutura psicológica, em que se nos erguem os destinos, foi manipulada com os ingredientes do sexo, através de milhares de reencarnações".   
  
3.11 —A sexualidade nos órgãos genitais  
Os órgãos genitais não são os elementos básicos para definir a sexualidade das criaturas humanas, pois eles são instrumentos passivos, obedecendo ao comando mental. Não são eles que decretam a nossa sexualidade, mas sim a nossa estrutura psicológica. É o que nos explica André Luiz:  
  
"O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprime."  
Nossos desejos, sonhos, ideais, sensibilidade, hábitos, aptidões, impulsos afetivos, tendências e reações íntimas, tanto na feminilidade quanto na masculinidade, continuam conosco na vida espiritual, pois estão registrados na mente.  
  
3.12 — Homossexualidade: o sexo é mental  
Uma prova de que o sexo é mental está no problema da homossexualidade. Se o sexo não fosse mental, não haveria razão para a homossexualidade. O Espírito, voltando à Terra em um novo corpo físico em desacordo com as características marcantes guardadas na mente, é o que explica o fenômeno do homossexualismo. A morfologia do corpo não se superpõe aos poderes da mente, mas sujeita-se às suas ordens. André Luiz dilata o nosso conhecimento a respeito, dizendo:  
  
"(...) o sexo, analisado na essência, é a soma das qualidades femininas ou masculinas que caracterizam a mente, razão por que é imprescindível observá-lo, do ponto de vista espiritual, enquadrando-o na esfera das concessões divinas que nos cabe movimentar com respeito e rendimento na produção do bem". Na vida espiritual, cada Espírito será, em matéria de masculinidade ou de feminilidade, definido de conformidade com as qualidades que forem predominantes no seu campo mental.  
  
O Espírito, no curso das reencarnações, precisa habitar em corpo de homem ou de mulher, para a aquisição das experiências que lhe possibilitarão alcançar a perfeição. E o que "O Livro dos Espíritos" nos esclarece na pergunta: "Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou de uma mulher? "Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar."   
  
Não há problema para o Espírito encarnar em corpo de homem ou de mulher. O que o governa é a necessidade de experimentar as provas e obedecer à lei do progresso que o impulsiona a melhorar sempre. O mestre Allan Kardec também nos ensina: "É com o mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem, poderá renascer mulher e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições e sofrer-lhes as provas."   
  
O Espírito precisa passar pelas experiências dos dois sexos, porque o campo de aprendizado de cada um é diferente. Nenhum Espírito chegará ao porto da perfeição, sem antes ter acumulado em sua estrutura psíquica as qualidades de ambos os sexos.  
  
3.13 — Caráter psicológico predominante  
Esta alternância do Espírito, ora em corpo de homem, ora em corpo de mulher, não é automática e nem uniforme: varia de Espírito para Espírito. Na maioria dos casos, permanece o Espírito longo tempo nas experiências de homem ou de mulher, consolidando características bastante fortes, na sua estrutura mental. É o que nos explica ainda Allan Kardec:  
  
"(...) pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa". Na atualidade, diz-nos com outras palavras o Espírito André Luiz: "Considerando-se que o sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do ser, é natural que o Espírito acentuadamente feminino se demore séculos e séculos, nas linhas evolutivas da mulher e que o Espírito marcadamente masculino se detenha por longo tempo nas experiências do homem".   
  
A sexualidade em cada criatura humana será sempre a soma das experências adquiridas em corpo de homem e de mulher, embora uma delas seja o percentual maior no campo mental, determinando a condição de masculinidade ou feminilidade.  
  
3.14 — Evolução incessante da estrutura psicológica sexual  
Como somos chamados pela Lei de Deus ao aperfeiçoamento incessante, é natural que não vamos permanecer com a nossa vida mental estacionada e limitada indefinidamente em seu poder. A modificação das funções do Espírito na escola terrena, habitando em corpo de homem ou de mulher, faz com que a estrutura mental vá assimilando valores novos e transformando a sua personalidade, com o passar dos séculos.  
  
A posição mental de cada Espírito na feminilidade ou na masculinidade não é fixa, mas, transitória, porque evolui sempre. Como nos diz Emmanuel: "(...) Espíritos que aspiram a realizar tarefas específicas na elevação de grupamentos humanos, reencarnam "em vestimenta carnal oposta à estrutura psicológica pela qual transitoriamente se definem"."   
  
Com o revezamento das experiências, cada vez mais acentuadas, de homem ou de mulher, na rota dos milênios, o Espírito vai acumulando as qualidades dos dois sexos, fazendo que a entidade imortal enriquecida apresente características femininas e masculinas, não na organização física, mas na sua estrutura psicológica, manifestando virtudes de ambos os sexos, mas com predominância de uma delas.  
  
É o que aprendemos com Emmanuel: "(...) através de milênios e milênios, o Espírito passa por fileira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciada, em quase todas as criaturas".   
  
3.15 — A bissexualidade na estrutura psicológica do Espírito  
As ciências psicológicas da atualidade não conseguem determinar uma personalidade com normalidade integral, no sentido de feminilidade ou de masculinidade, em grande parte das criaturas humanas. O fenômeno da bissexualidade é a pessoa apresentar em sua personalidade, em seus hábitos, em suas aptidões e tendências, qualidades tanto femininas quanto masculinas. Quanto mais virtudes de ambos os sexos possuir o Espírito, maior será o seu grau de evolução na hierarquia espiritual.  
  
Desenvolve o nosso entendimento o Instrutor do Espírito André Luiz: "(...) na Crosta Planetária, os temas sexuais são levados em conta, na base dos sinais físicos que diferenciam o homem da mulher e vice-versa; no entanto, ponderou que isso não define a realidade integral, porquanto, regendo esses marcos, permanece um Espírito imortal, com idade às vezes multimilenária, encerrando consigo a soma de experências complexas, o que obriga a própria Ciência terrena a proclamar, presentemente, que masculinidade e feminilidade totais são inexistentes na personalidade humana, do ponto de vista psicológico.**

**Homens e mulheres, em espírito, apresentam certa percentagem mais ou menos elevada de características viris e feminis em cada indivíduo, o que não assegura possibilidades de comportamento íntimo normal para todos, segundo a conceituação de normalidade que a maioria dos homens estabeleceu para o meio social".   
  
3.16 — Aquisição de qualidades  
André Luiz nomeia as qualidades a serem adquiridas, tanto na masculinidade quanto na feminilidade: "Compreendemos, destarte, que na variação de nossas experiências adquirimos, gradativamente, qualidades divinas, como sejam a energia e a ternura, a fortaleza e a humildade, o poder e a delicadeza, a inteligência e o sentimento, a iniciativa e a intuição, a sabedoria e o amor, até lograrmos o supremo equilíbrio em Deus."   
  
Na sucessão ininterrupta das reencarnações, o Espírito é chamado pela Lei de Evolução a conquistar qualidades divinas, executando funções tanto na condição de feminilidade quanto de masculinidade. O Espírito não pode ficar estacionado numa única característica, pois ficará sempre deficiente e não se alçará a voos mais altos, na caminhada de ascensão para Deus.**

**Se o Espírito tem característica marcadamente feminina e não reencarnar em corpo de homem, para novas experiências, ficará impossibilitado de enriquecer de virtudes que somente em corpo de homem poderá o Espírito adquirir, e assim também no caso inverso.**

**Para o Espírito chegar à perfeição, é necessário que acumule qualidades que ambos os sexos oferecem, no campo da existência humana.  
  
3.17 — Perfeição do Espírito e os característicos sexuais  
À medida que o Espírito vai alcançando graus mais altos na hierarquia do aperfeiçoamento espiritual, vai ele perdendo as características acentuadas dos dois sexos, porque elas vão se fundindo para surgirem muito mais belas e superiores às qualidades humanas. É o que afirma André Luiz:  
  
"Quanto à perda dos característicos sexuais, estamos informados de que ocorrerá, espontaneamente, quando as almas humanas tiverem assimilado todas as experiências necessárias à própria sublimação, rumando após milênios de burilamento, para a situação angélica, em que o indivíduo deterá todas as qualidades nobres inerentes à masculinidade e à feminilidade, refletindo em si, nos degraus avançados da perfeição, a glória divina do Criador.**

**O Espírito, em chegando à perfeição, não apresentará, portanto, características masculinas ou femininas, como as conhecidas na Terra, mas, sim, a síntese gloriosa dessas virtudes desenvolvidas infinitamente, em plenitude de luz, sabedoria e amor.**

**03 - Macho fêmea - Francisco A. Gabilan - pág. 35**

**Cap. 6 — Os Sexos para os Espíritos  
Vejamos o primeiro passo. Já dissemos atrás que somente poderemos cuidar das chamadas anormalidades se antes conhecermos a sexualidade e os sexos em sua entendida normalidade. E, como a matéria é aqui analisada à luz do entendimento Espírita, será necessário buscar as informações necessárias nos livros básicos da Doutrina. E o mais básico de todos - de conceitos e teses que se constituirão em alicerce para todo o desenvolvimento da Doutrina nas obras subsequentes - é O Livro aos Espíritos. E onde buscaremos a resposta à pergunta padrão feita por todos nós e que também Kardec havia feito aos próprios Espíritos:  
  
- Têm sexos os Espíritos? A resposta é NÃO, mas de modo algum é uma negativa isolada e peremptória. Ninguém poderia dar-se por satisfeito somente com essa partícula negativa, pois que poderia induzir a erros. A Resposta exata é: - Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização.  
  
Lembremo-nos que no cap. 4, atrás, foi destacada a importância de que a referência aos sexos estava no plural. Pois então: a pergunta de Kardec foi feita no plural, obviamente referindo-se aos sinais distintivos morfológicos dos seres, ou seja, o que define que alguns sejam homens (sexo masculino) e outros mulheres (sexo feminino). Tivesse ele querido perguntar se os Espíritos tinham sexualidade distintiva, instinto sexual, potencialidade, e teria usado no singular - sexo -, e, dessa forma, generalizaria como todos nós fazemos, referindo-nos à sexualidade simplesmente como "sexo".  
  
E isto resta claro quando ele formula as duas questões seguintes (201 e 202), referindo-se a homem e a mulher em ambas: na primeira, perquirindo quanto à probabilidade de ter um ou o outro sexo em nova existência; na segunda, qual o sexo em que preferiria o Espírito reencarnar.  
  
Não foi por outra razão que os Espíritos responderam: não têm sexos, como o entendemos - aqui, no plano físico -, pois os sexos estão adequados a um organismo material complexo, o corpo físico, como um todo. Em uma palavra: os Espíritos não têm aparelhamento sexual, nem dele não necessitam, já que não têm mais corpo físico denso, mas... Daí, nós sairmos por aí afirmando que os Espíritos não em sexo, no sentido de sexualidade, de potencialidade, vai uma diferença muito grande.  
  
Quanto a sexos, para colocarmos a questão em seus devidos lugares, perguntamos: quem são os Espíritos? Não somos nós mesmos, quando desenfeixados do corpo físico, agora encarnados? Logo, os Espíritos não são um género à parte na Natureza -um tertius genus. E nós possuímos sexos: ora estamos animando um corpo feminino (com aparelhamento sexual e organismo de fêmea), ora animando um corpo masculino (como aparelhamento e organismo morfológico de macho).  
  
Pois é exatamente o que os Espíritos responderam a Kardec na questão 201 quando perquiridos: "Em nova existência, pode Expressão latina: Terceiro gênero, além dos dois existentes o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?" Resposta: "Decerto; SÃO OS MESMOS os Espíritos que animam os homens e as mulheres."   
  
Logo, é fácil deduzir que, podendo o Espírito ora animar-se como homem, ora como mulher - assumindo na matéria morfologia de macho ou de fêmea, masculina ou feminina, e assim agindo e atuando — em verdade ele não é assexuado, sem sexo (no singular: sem sexualidade); não tem o aparelhamento sexual (sexos), mas tem as duas potencialidades (é bipotencial), que pode desenvolver em conformidade com seus interesses e necessidades reencarnatórias, ou melhor, segundo "as provas por que haja de passar". Essa é a exata resposta que os Espíritos deram, na questão 202, quando perguntados por Kardec: "Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher"**

**— "Isso pouco importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar."  
Assim, encarnando ora revestidos em uma morfologia, ora em outra, os sexos são necessários para a reprodução dos seres orgânicos, logo para a reencarnação de Espíritos. Se é uma necessidade, é um imperativo das Leis Naturais, das Leis Divinas — que são eternas, imutáveis, irrevogáveis e perfeitas, como o próprio Criador. Daí a pergunta que já se fez e que é mister responder detalhadamente: por que a Criação gerou suas criaturas dependentes do sexo, que provoca tantos desequilíbrios? A resposta está na evolução do instinto sexual e dos sexos. Esse o segundo passo, uma história mais longa e não menos interessante, sobretudo importante.**

**04 - Forças sexuais da alma - toda a obra**

**ÊXTASE SEXUAL: CHAMAMENTO REENCARNATÓRIO, MATERNIDADE, CONSTRUÇÃO DA ALMA  
Pelos conceitos emitidos até o momento podemos aquilatar da importância da energética sexual nos respaldes da própria vida. Energia criativa, por excelência, tem tido por parte da ciência avaliações bastante superficiais. Entretanto, lembramos que Freud percebeu alguns de seus ângulos mais profundos, como, também, alguns de seus desvios; seus estudos atingiram exclusivamente a zona física, não conseguindo penetrar a grande fonte em que a vida se esteia.  
  
Apesar de tudo, mesmo com as avaliações psicológicas mais superficiais que são as mais comuns, ficamos diante de um imenso quadro ainda por ser equacionado e definido. As manifestações sexuais da zona física, ligadas à zona do psiquismo consciente, já nos fornece um manancial bastante expressivo de análises. Se tentarmos traduzir o êxtase sexual, manifestação magnética desenvolvida pelo encontro dos dois pólos (masculino e feminino), ficamos reduzidos na avaliação, devido aos ainda limitados campos perceptivos de nossa intelectualidade. Será que o êxtase sexual teria a finalidade de atender aos sentidos e assegurar a reprodução? Será que funcionaria como exclusivo mecanismo de conservação da espécie? Será que a descarga energética propiciada pelo êxtase sexual visaria, com exclusividade, um "bem-estar bioquímico"? Ou será que o êxtase sexual construiria algo mais além da finalidade evolutiva?  
  
Acreditamos que o êxtase sexual, esta grande reação da vida, além de atender a necessidade procriativa, seria um mecanismo de profundas trocas energéticas entre dois seres. As polaridades sexuais necessitam do intercâmbio para complemento mútuo. As forças sexuais da organização física encontram-se ora na posição masculina, ora na feminina, com finalidade de se juntarem pelo desenvolvimento evolutivo. Seriam pólos em constante atração um pelo outro, a fim de se construírem energetica-mente. Tudo se iria fazendo de modo que, pelas vivências reencarnatórias, tanto o setor masculino quanto o feminino fossem adquirindo independência pela ampliação das aptidões.  
  
O homem no início da sua evolução vive pelos sentidos materiais. A pouco e pouco, as fontes profundas do espírito vão-se deixando mostrar diante das forças sexuais em evidência. Quanto mais evoluídos os seres, mais conscientes do processo espiritual em atividade; isto é, quando o amor se desenvolve com profundidade espiritual, o vórtice do êxtase sexual permitiria uma construção específica, entre o homem e a mulher, onde as suas respectivas fontes seriam locupletadas e abastecidas. Quando o relacionamento entre o homem e a mulher representa apenas um encontro superficial e de simples descargas de energias, o resultado ficará na superfície, na zona física, sem atingir as forças profundas da alma, porque as suas finalidades foram superficiais e sem a construção espiritual que o amor sério e harmónico pode propiciar.**

**Compreender um mecanismo desse quilate e entender a sua finalidade não será somente consequência de intelectualidade e cultura, mas, possivelmente, o resultado de um processo maturativo alcançado por evolução. Em "A Grande Síntese", no capítulo As vias da evolução humana, informa-nos P. Ubaldi: "Os instintos inferiores, as paixões tempestuosas, são o antagonista na grande luta interior. As grandes renúncias — pobreza, castidade, obediência — são os decisivos embates dos quais a animalidade sai desfalecida, mas que, convém lembrar, só poderão ter valor quando se souber ao mesmo tempo reconstruir, substituindo aqueles instintos e paixões por mais altas qualidades: amores, domínios e paixões mais espirituais; de outro modo, o ser perder-se-á no vácuo de uma infrutífera asfixia. Se ao ser se impõe uma morte no nível animalidade, deveis oferecer-lhe um renascimento no nível espiritualidade. As paixões são grandes forças que não deveis tentar destruir, mas utilizá-las e elevá-las, porque na evolução tudo procede por continuidade."  
  
Pelo que hoje conhecemos do mecanismo das energias, das suas atrações e repulsões, das suas emissões e recepções, não podemos deixar de computar o imenso valor construtivo da dinâmica sexual. Claro que estamos a referir os casos harmônicos, ajustados, bem-intencionados e sem desequilíbrios de qualquer natureza, entre dois seres de sexos diferentes. Desse entrosamento grandioso, por ser, por excelência, benéfico e construtivo, haveria muito mais do que uma atração mútua com finalidade de abastecimento. As emissões de energias, que o êxtase sexual oferece, poderiam muito bem ser um campo atrativo para os espíritos necessitados de reencarnação. Não queremos dizer que os vórtices do êxtase sexual representem uma porta aberta ao mergulho espiritual nas armilas carnais, mas, sim, um campo específico de irradiações, como se fora um foco atrativo a convidar almas afins que estivessem em sintonia com os pais para, dentro de estruturas dinâmicas apropriadas, envolverem-se no complexo fenômeno da reencarnação.  
  
Quando o êxtase sexual não pudesse responder pelo processo reencarnatório, como sói acontecer em muitos casos pelo esgotamento procriativo feminino, ou lesões físicas que prejudiquem o processo, buscaria despertar nos cônjuges a abertura de outros campos mentais, de um amor mais purificado pelo degrau alcançado, onde a fraternidade teria lugar de destaque. E aqueles que, por motivos vários não tivessem o encontro sexual físico, mas apresentassem condições espirituais bem desenvolvidas na própria alma, conduziriam essas energias criativas para o bem, para as virtudes, para a educação dos filhos da vida e outros movimentos fraternos, a fim de drenarem os seus potenciais acumulados. As forças do bem desenvolvidas entre os seres representam benesses a enaltecer, continuamente, o amor autêntico que se encontra acima de qualquer exteriorização, porém sustentando os imperecíveis valores que dignificam a vida.  
  
André Luiz, no capítulo sobre sexo, em seu livro "No Mundo Maior", dá-nos a seguinte referência: "Convictos desta realidade universal, não podemos esquecer que nenhuma exteriorização do instinto sexual na Terra, qualquer que seja a sua forma de expressão, será destruída, senão transmudada no estado de sublimação. As manifestações dos próprios irracionais participam do mesmo impulso ascensional. Nos povos primitivos, a eclosão sexual primava pela posse absoluta. A personalidade integralmente ativa do homem dominava a personalidade totalmente passiva da mulher.  
  
"O trabalho paciente dos milênios transformou, todavia, essas relações. A mulher-mãe e o homem-pai deram acesso a novos sopros de renovação do espírito. Com bases nas experiências sexuais, a tribo converteu-se na família, a taba metamorfoseou-se no lar, a defesa armada cedeu ao direito, a floresta selvagem transformou-se na lavoura pacífica, a heterogeneidade dos impulsos nas imensas extensões de território abriu campo à comunhão dos ideais na pátria progressista, a barbárie ergueu-se em civilização, os processos rudes da atração transubstanciaram-se nos anseios artísticos que dignificam o ser, o grito elevou-se ao cântico; e, estimulada pela força criadora do sexo, a coletividade humana avança, vagarosamente embora, para o supremo alvo do divino amor. Da espontânea manifestação brutal dos sentidos menos elevados a alma transita para gloriosa iniciação.  
  
"Desejo, posse, simpatia, carinho, devotamento, renúncia, sacrifício, constituem aspectos dessa jornada sublimadora. Por vezes, a criatura demora-se anos, séculos, existências diversas de uma estação a outra. Raras individualidades conseguem manter-se no posto da simpatia, com o equilíbrio indispensável. Muito poucas atravessam a província da posse sem duelos cruéis com os monstros do egoísmo e do ciúme, aos quais se entregam desvairadamente. Reduzido número percorre os departamentos do carinho sem se algemar, por largo trecho, aos gnomos do exclusivismo. E, às vezes, só após milênios de provas cruciantes e purificadoras, consegue a alma alcançar o zênite luminoso do sacrifício para a suprema libertação, no rumo de novos ciclos de unificação com a Divindade.  
  
"O êxtase do santo foi, um dia, mero impulso, como o diamante lapidado — gota celeste eleita para refletir a claridade divina — viveu na aluvião, ignorado entre seixos brutos. Claro está que, assim como se submete o diamante ao disco do lapidário, para atingir o pedestal da beleza, assim também o instinto sexual, para coroar-se com as glórias do êxtase, há que dobrar-se aos imperativos da responsabilidade, as exigências da disciplina, aos ditames da renúncia."  
  
É pela difusão de energias criativas, onde o manancial sexual de profundidade encontra-se acoplado e fazendo parte de sua estrutura, que o ser tem oportunidade de manifestar o êxtase de doação e de entender o valor construtivo das realizações na esfera do espírito. Doar energias, de modo fraterno, positivo e sem preocupações da oferta, a possibilitar a abertura dos campos da vida numa recepção de vitalidade constante e renovações perenes. Quanto mais oferecermos um trabalho íntegro com doações de amor, nos campos positivos do bem, mais seremos reabastecidos por envolventes energias, tanto mais construtivas quanto mais efetivas forem as doações.  
  
Pela conceituação em pauta, podemos avaliar da importância das atitudes que o ser humano necessita desenvolver para sua construção espiritual. Devemos anotar, também, as respostas negativas em face dos desequilíbrios desenvolvidos. A vida é ordem e harmonia. Viver em desarmonia é semear a desordem e o caos, com as reações-respostas que as ações desencadearam. Enquanto estivermos no charco só veremos turvações e respiraremos os gases resultantes das decomposições; quanto mais buscarmos as fontes cristalinas, mais perceberemos a pureza e a beleza da luz, embora, na luta, o sacrifício possa construir o lírio com toda a sua sutileza, perfume e beleza, cujas raízes encontram-se implantadas na lama.**

**"O cativeiro nos tormentos do sexo não é problema que possa ser solucionado por literatos ou médicos a agir no campo exterior: é questão da alma, que demanda processo individual de cura, e sobre esta só o espírito resolverá no tribunal da própria consciência. É inegável que todo auxílio externo é valioso e respeitável, mas cumpre-nos reconhecer que os escravos das perturbações do campo sensorial só por si mesmos serão liberados, isto é, pela dilatação do entendimento, pela compreensão dos sofrimentos alheios e das dificuldades próprias, pela aplicação, enfim, do "amai-vos uns aos outros" assim na doutrinação, como no imo da alma, com as melhores energias do cérebro e com os melhores sentimentos do coração." (André Luiz.)  
  
Uma das grandes construções de que o ser pode participar é a do processo procriativo, pela oferta de um corpo ao espírito necessitado de experiências e realizações. Imaginemos a importância de nossa participação nesse grande movimento da vida e quanto teremos que responder quando agredimos o processo procriativo com a nossa desvairada interferência. O nosso livre-arbítrio, a interferir no processo procriativo, deverá ser sempre equilibrado e amparado pelos motivos ajustados e bem equacionados da ciência.  
  
É o caso de se perguntar: será preferível um espírito reencarnar num lar pobre com as habituais dificuldades de subsistência, absorvendo nos escolhos e tropeços pela vida forças e hábitos de lutas onde os pais participem com integralidade, ou ficar o espírito aturdido e acoplado à mãe que lhe fechou os canais, criando, nesta simbiose, neuroses e psicoses de variados matizes? Os espíritos quando vêm para a reencarnação, na maioria das vezes, muito antes do processo de gestação evidenciar-se, de há muito já estão em sintonia com o cadinho materno.  
  
Sabemos, e temos como certo, que a ciência com os seus métodos se vai aperfeiçoando e haverá, sem sombras de dúvidas, de futuro, uma sociedade mais bem arregimentada. Porém, nas fases transitórias, a fim de que a organização social alcance outros degraus éticos e de moral elevada, haverá distúrbios e desentendimentos, representando a procura do autêntico caminho. Nessas fases, a dor é a bandeira desfraldada a ser colhida por todo aquele que se encontre em dívidas presentes ou pregressas, na tonalidade que tenha a capacidade de suportar e relacionado ao grau de responsabilidade com o qual esteja comprometido.  
  
Com o abuso na aplicação dos anticoncepcionais, a maternidade recebe um forte golpe pelas restrições de mecanismos altamente valorosos para a evolução individual e coletiva. Sem contarmos o aborto delituoso, a constituir crime dos mais graves, com severas respostas espirituais para aqueles que fugiram às suas responsabilidades, o fechamento das portas reencarnatórias, pelo uso indevido dos contraceptivos, contribui para desorientação das energias desencadeadas pelo êxtase sexual.  
  
O contacto sexual, desenvolvendo energias imensas entre os cônjuges, de suas muitas finalidades teria o fim precípuo da atração do espírito reencarnante. Haveria, desse modo, o chamamento para aquele que, sintonizado com os pais, pudesse encontrar o "caminho" na nova mudança dimensional — motivo da realização evolutiva individual e do ciclo familiar. Se os canais destinados à maternidade são neutralizados e fechados, é claro que haverá distúrbios, principalmente no psiquismo de profundidade, isto é, na zona inconsciente ou espiritual, onde as energias emitidas por essas fontes não encontram correspondência em seu ciclo. Se o espírito encarnado emite energias para a sua própria matéria, esta também forneceria energias a serem aproveitadas pela zona espiritual após devida metabolização, isto é, após adaptações.**

**Havendo quebra desses mecanismos, por causas diversas (pílulas anticoncepcionais, aborto delituoso), é lógico que um dos fatores mais expressivos da vida entre em colapso, com as consequências daí advindas. As energias em desalinho encravam-se na tecitura espiritual do culpado, refletindo, de futuro, as desarmonias como processo compensatório. Somente a dor, com o chamamento de suas vibrações, teria a possibilidade de limpar os campos doentes do espírito desencadeados pelas infelizes atitudes dos que transgrediram a Grande Lei. A organização do corpo físico, ainda constituído exaustor ideal para o equilíbrio: daquele que se encontra, temporariamente, desarmonizado.  
  
Diante dessa assertiva, devemos compreender a importância e o necessário cuidado avaliativo do setor sexual, e da conduta que devemos manter diante da lógica de um entendimento mais correto possível. Com os nossos atos menos felizes, estribados em opiniões sem critérios e sem sedimento, não enganaremos senão a nós mesmos. As leis são justas e perfeitas. Os homens, ainda ignorantes das grandes finalidades da vida, encontram-se limitados e, apesar de suas avaliações superficiais, unilateralizadas e sem profundidade, desejam traçar rumos e ditar normas como inconcussas verdades a serem seguidas. Léon Denis, um dos grandes vexilários da Doutrina Espírita, afirmava que "o lar abençoado por uma prole é templo dos pais e altar dos filhos, escola em que a humanidade cresce, guindando o ser ao ápice da destinação para a qual evolute: a perfeição".  
  
O êxtase sexual não pode significar apenas um prazer para os sentidos na faixa da psique de superfície ou zona consciencial. É claro que representa um atrativo, uma necessidade e exigência do movimento glandular da arquitetura física. Os seus campos de influência terão que transcender a dimensão do nosso entendimento na matéria. Vórtices de tal quilate devem alcançar as zonas nobres e desconhecidas do psiquismo de profundidade, onde as delicadas e ainda incompreensíveis organizações da alma se dessedentam. Esses importantes vórtices energéticos, desencadeados pelo contacto sexual na zona material, devem atravessar todos os campos do psiquismo à procura de sua zona central, o inconsciente puro (capítulo I). E, nesses momentos inavaliáveis pelos sentidos, inenarráveis pelas emoções, fica o ser procurando o que há de mais nobre no universo onde vive e convive. Fica ansiando, em êxtase, pela Grande Energia, pela Inteligência Máxima, pelo próprio Deus a manifestar seus incalculáveis eflúvios pelas zonas profundas do psiquismo, na energia crística vibrante que carregamos no inconsciente puro.  
  
A utilização ou não do sexo na zona física deve obedecer a condições. Quem não estiver preparado, pela própria evolução, não poderá dispensar ou afugentar o mecanismo sexual da zona física. Quem ainda não tiver suplantado as fases sexuais, nas suas duas polaridades, não terá condições de afastar-se das necessárias realizações na romagem física. Entretanto, a castidade pode ser desenvolvida, pela construção das energias sexuais no bem, quando essas forças da alma estiverem mais maduras para um direcionamento mais bem adequado.  
  
O sexo é organização específica por onde os mecanismos de sublimação podem dar-se e, também, por onde o amor favorece os impulsos que buscam sempre o equilíbrio das emoções. Na ausência de responsabilidade, onde viceja o campo negativo da libertinagem, o amor é desequilíbrio, é animal e puramente selvagem. O sexo só evolui para o bem e a sua maior construção é quando se projeta além da mente de superfície e busca, no comando mais nobre das emoções, as vivências mais avançadas do espírito. Os que ainda vicejam nas paixões animais, elaborando vícios dos sentidos, encontrarão respostas na patologia sexual, tendo muito a lutar e a caminhar para equilíbrio de suas organizações que, por sua vez, é liberação. Somente na conduta do bem poderá o homem participar da harmonia que busca e anseia.  
  
É no relacionamento sexual equilibrado, sem a busca constante do orgasmo passageiro, cansativo e atordoante, que as almas se refazem, tornam-se autênticas em estado rítmicos de espiritualização. Pelo relacionamento harmônico o ser atenderia ao espírito reencarnante, como, também, à alma do cônjuge ou participante, sem reflexos de lesões no corpo físico e no perispírito. Ás forças sexuais bem dirigidas amparam as criações de ordem física, intelectual, sentimental e espiritual. As forças do sexo, desenvolvidas em todo o seu estuário — da parte física à zona espiritual —, pelas permutas harmônicas renovam os campos do espírito e oferecem lampejos e impulsos para as grandes construções humanas. Os que se encontram em fases involutivas, cortejando a sensualidade barata na vulgarização dos sentidos, destroem o seu potencial de forças criadoras, aumentando os campos de amoralidade.  
  
As grandes realizações estão sedimentadas na responsabilidade do amor-equilíbrio. As mais expressivas construções na vida artística e literária têm oferecido excelsos exemplos nesse sentido. Dante, sem a inspiração de sua Beatriz, possivelmente não teria elaborado a Divina Comédia. A força criativa do sexo é de tal ordem que pode ser também transferida, em casos específicos, aos campos do martírio e da renúncia com apagamento da personalidade. Nos atos de autêntico heroísmo, em muitas circunstâncias, poderá haver reflexos dessas energias profundas do psiquimo, que somente a integridade de seus eflúvios seria capaz de motivar.  
  
Na ausência de amor, nas baixezas da libertinagem encontram-se os móveis de destruição, inclusive a decadência da grei e dos povos. Os que se perderam através das forças sexuais desequilibrantes incorporarão, nas futuras reencarnações, energias destoantes diversas, onde a frigidez sexual, sem explicações científicas para determinados seres, representa uma resposta; existindo casos, pelas informações espirituais, em que o parceiro de outrora está quase sempre presente como cônjuge necessitado e exigente.  
  
Nos dias presentes, de evidentes reajustes cármicos, os reflexos destoantes na organização sexual, como reações-respostas da Lei, são gritantes. O número de homens e mulheres que estão demonstrando essas reações, na frigidez sexual sem causas orgânicas apreciáveis, é bem maior do que se possa aquilatar. O cônjuge, tanto masculino quanto feminino, não tendo condições de entendimento com a frigidez sexual do parceiro, inquieta-se e desorganiza-se em face dos sentidos, pelas vorazes forças instintivas sempre a solicitar o que não lhe pode ser dado. Em vista desses graves desajustes, somente o conhecimento da posição cármica, pela análise e devida avaliação, propiciará, para o casal em desajuste, um caminho adequado num processo terapêutico de equilíbrio.  
  
Quase sempre o abrir das comportas instintivas, sem medidas e mesmo cultivando distonias, constitui grave erro para aquele que devia preservar o património das suas forças criativas. Com seus desequilíbrios arrastam o parceiro, prejudicando e atingindo os componentes sexuais que se encontram relacionados com toda a estrutura de ligação com o casal. Por tudo, compreendemos a necessidade de utilização das vibrações sexuais (com ou sem utilização direta dos órgãos sexuais), com equilíbrio e disciplina, para que haja reservas energéticas imensamente benéficas ao metabolismo psíquico. É bem oportuna a referência de um amigo espiritual:   
  
"A castidade funciona como depósito de reservas energéticas, castidade que não pode ser considerada somente como a falta de exercício sexual, mas como método e disciplina. Castidade que não é ausência; castidade que é apenas equilíbrio. Porque, na permuta das emoções, as almas também se completam, os corpos se renovam; porque não somente o processo físico, mas também a dissociação energética que se interpenetra nos homens, nos seres, produz essa dissociação, o intercâmbio mantenedor da própria vida. Na atualidade espiritualista, na impossibilidade de convocar o homem a uma disciplina que seria a ideal, é mister convocá-lo aos exercícios mentais, para que, por intermédio deles, possa ele manter a linha direcional de sua mente, voltada para os deveres espirituais e complementada pela função equilibrada." Assim, situemos o sexo na arquitetura do psiquismo como um dos pilares criativos da vida.  
  
Por essa maneira de ver, avaliemos a importância do contingente dinâmico sexual no processo evolutivo dos seres. Podemos, também, aquilatar por que Freud percebeu essas forças, embora só as correlacionasse na zona mais periférica ou do corpo físico. Os seus estudos estavam afeitos à zona material e, como tal, não pôde dar o grande mergulho na essência do espírito e sentir as forças supersexuais que carregamos. Jung, que deu mais importância ao inconsciente no sentido de defini-lo em "proporções coletivas", ofereceu uma psicologia de maior profundidade, traduzindo essas forças sexuais na dualidade: animus x anima. Os estudos desse investigador teriam maior alcance e seriam mais bem compreendidos se na sua psicologia fosse incluído o mecanismo palingenético, mecanismo que proporcionaria a simplificação de muitos de seus conceitos.  
  
Gostaríamos de lembrar que as forças PSI-sexuais, em seus pontos mais centrais do psiquismo, em plena zona espiritual, sendo impessoais e de totalidade, não apresentam as múltiplas variações com que se refletem na periferia corpórea. E um dos fatores dessa diversificação de apresentação, que mais influência determina na exteriorização do próprio sexo (masculino ou feminino), seria o arcabouço psicológico de cada ser. Sabemos das inúmeras variações, que vão ao infinito, dos indivíduos, embora possamos arregimentá-los, segundo o seu desenvolvimento espiritual, em infranormais, normais e supranormais.**

**Se a estes tipos acrescentarmos fatores de introversão e extroversão, próprios do pensamento junguista e como os mais expressivos no biótipo psicológico, esbarraremos numa extensa variedade de apresentação sexual no corpo físico, mesmo obedecendo à influência direta da faixa PSI-sexual de sua própria necessidade. Consideremos, ainda, as etapas da vida (infância, adolescência, idade adulta e velhice), os fatores do meio ligados à alimentação, às influências barométricas, educação intelectual e sentimental, realmente, chegaremos à conclusão de um difícil enquadramento, onde cada indivíduo terá o seu próprio aspecto, por apresentar, também, sua própria condição evolutiva.  
  
A potencialidade bissexual que possuímos na intimidade da alma, quando em canalização normal, na periferia consciencial, traduz a sua tendência e grau na adequada e necessária faixa física. Entretanto, podemos computar variações de acordo com a idade do indivíduo, cuja personalidade pode modificar, em parte, as tendências internas sem que isto represente variações apreciáveis. É o caso de certas pessoas, em idade avançada, que apresentam rasgos emotivos com decisões mais apropriadas ao sexo oposto. Por isso, o homem velho pode apresentar-se mais delicado, sentimental e mais submisso; acontecendo o contrário com a mulher idosa que pode refletir um pouco dos ímpetos e arrogâncias do sexo masculino.  
  
Além dessas apresentações das energias sexuais, absolutamente normais, sofrendo pequenas variações de escoamento na zona consciente, existiriam outras oscilações também consideradas normais, onde o indivíduo revelará, pelas atitudes emocionais, acúmulo de tendências opostas reprimidas. Estas últimas variações são perfeitamente percebidas na escolha entre cônjuges em que, na maioria das vezes, a atração entre ambos está ligada a uma desconhecida imposição; é como se houvesse entre os dois sexos a necessidade de uma complementação emocional. Cremos que as ligações sexuais entre cônjuges seriam mais pulsões psíquicas de atração (simpatia, entendimento íntimo), como uma necessidade de complemento construtivo, onde outras faixas de vibrações da vida entrariam em jogo.  
  
Diante dessa conceituação, podemos dizer que a energética sexual na fonte interna ou espiritual seria unificada por uma totalização integral, na periferia a variação seria imensa nas suas personificações. O escoamento periférico dessas energias variariam em face da tela consciente de manifestação relacionada diretamente ao tipo psicológico. Qualquer que seja a posição individual evolutiva (infranormais, normais e supranormais), nos tipos introvertidos a drenagem dessas energias seria maior do que nos extrovertidos. Sabemos que o introvertido contém-se em face do objeto, solicita maior teor emocional, enquanto que o extrovertido logo se identifica com o objeto, não necessitando de maior carga emocional das correntes PSI-sexuais em deságüe. Esse mecanismo está bem compreendido na conhecida lei de dualidade ou dos contrários, onde haverá sempre necessidade de equilíbrio entre os pólos do manancial energético.**

**Os indivíduos em suas próprias apresentações estarão, quanto às energias sexuais, ora mais na profundidade, ora em plena periferia consciencial. Alguns não conseguem sentir o manancial interno como um deságüe natural de energias que busca a tela consciente; por isso, situam-se superficialmente, vivenciando as condições que os sentidos corpóreos solicitam. São indivíduos que vivem mais o sexo fisiológico, sem o cultivo emocional de complemento; vivem exclusivamente para os solicitantes instintos. Claro que, também, existem os casos intermediários em que o indivíduo já sente a necessidade de ampliar a faixa energética sexual para além de uma função física.  
  
Os que se encontram mais nos campos da profundidade espiritual, por terem suplantado as vivências periféricas, são os mais evoluídos, os que já sublimaram o sexo periferia. Diferem muito dos que vivem exclusivamente na periferia (a maioria da humanidade), ainda sem as condições evolutivas de sublimação e suplantação por maturação. Para os dois tipos humanos, os de profundidade e os de superfície, a força criativa da vida, envolvendo fortes conteúdos de sexualidade, manifesta-se na faixa evolutiva em que se encontra o indivíduo. Na força criativa sexual de profundidade estaria um Francisco de Assis esparzindo amor universal e, na periferia, um D. Juan no amor carnal egoísta.**

**Na profundidade espiritual estaria um Ghandi oferecendo-se em holocausto pela liberdade do homem; na periferia, um Napoleão marchando com seus soldados em busca da conquista egoísta de um império. Nas profundezas do inconsciente, como vivência, estaria Atenas no século de Péricles a fornecer os pensamentos mais expressivos da Filosofia, e na periferia consciencial estaria Esparta, com sua rígida disciplina, a buscar o desenvolvimento dos músculos e a demonstração da força física dos homens.  
  
05 - Saúde e Espiritismo - A.M.E. Brasil - pág. 277**

**Concepção Holística da Sexualidade na Perspectiva Espírita  
Alberto de Almeida \*\* Médico e terapeuta com especialização em Homeopatia, Programação Neurolinguistica, Terapia Regressiva a Vivências Passadas e Psicologia Transpessoal.   
Em O Livro dos Espíritos lê-se na pergunta 200: "Tem sexos os Espíritos?" Respondem os imortais: "Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos". A energia sexual é inerente ao ser espiritual, se estruturando com o passar do tempo na longa viagem evolutiva do princípio anímico. Desde "o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo ", o potencial sexual vem se desenvolvendo pelos reinos da Natureza Cósmica.  
  
Desse modo, está no Mineral desde a intimidade do átomo nas forças de interação atômica, até a força gravitacional sustentando os sistemas planetários na composição da harmonia das galáxias. No Vegetal, essa força se apresenta mais expressiva mediante a polarização sexual, quando o princípio germinativo é permutado através do vento, dos insetos etc.  
  
Avançando para o reino Animal, a sexualidade ganha novas dimensões, exteriorizando-se na sua feição instintual com os caracteres morfológicos e funcionais que consagram o macho e a fêmea. Já no Homem, a estruturação da energia criadora alcança nova amplitude ao se manifestar, de vez que ela deve estar conectada à razão, às emoções e à moral, a fim de atingir suas finalidades sublimes.  
  
Portanto, a energia sexual incorpora novos atributos à medida que jornadeia da atração-mineral para a sensibilidade-vegetal, e desta ao instinto-animal, a fim de desaguar no sentimento-hominal. No espírito encarnado, portanto, as forças sexuais se mostram bem complexas nas suas funções :  
  
a) A reprodução: através dela, o sexo assegura a perpetuação da espécie, a estruturação do corpo físico, a constituição da família, a viabilização da Lei da Reencarnação.  
  
b) A permuta de energias entre os parceiros da comunhão sexual, seja física ou espiritual.  
  
Pela troca energética entre o casal, a sexualidade assume manifestação mais refinada, pois que ela se exterioriza de forma sutil como alimento magnético de sustentação das almas que se enlaçam num relacionamento sexual baseado na confiança e na fidelidade, no amor e no discernimento. É nessa circunstância que se compreende a responsabilidade recíproca daqueles que assumem um compromisso afetivo, tendo em vista a presença do circuito de forças fluídicas que se estabelece, quer a comunhão afetiva alcance a dimensão física, quer se limite apenas à esfera psíquica, tal como sucede nas relações amorosas em que, por algum motivo, não há o sexo propriamente dito.  
  
Possível, portanto, se torna compreender a precariedade das relações estritamente genitais, posto que se assenta somente no corpo físico, deixando um grande vazio para as almas, a despeito de atingirem o orgasmo; sentem o prazer biológico, porém não experimentam o êxtase do amor, manifesto na complementação magnética plenifïcadora dos seres. Fácil também é perceber o desperdício dai energias de vida pela masturbação; os prejuízos da prostituição, dos encontros promíscuos, do sexo sem respeito.  
  
c) A canalização da energia criadora para obras beneméritas do conhecimento e da estesia, da assistência social e do amor, na ampliação e concretização do progresso da humanidade. Quando, por qualquer motivo, a energia sexual não dispõe da possibilidade de expressão pela via genitálica, ainda assim ela não se extingue, nem desaparece.  
  
Esse potencial criador pode ser bloqueado pela castração indevida e gerar distúrbios de diferentes matizes para o ser, todavia, se canalizado adequadamente, é fator de saúde integral, incrementando a evolução do Espírito. Por isso, a alma que vive em abstenção sexual pela castidade com equilíbrio pode e deve sublimar a sua energia procriadora para outras modalidades de expressão criativa, através da sua orientação para as ações no campo da cultura e da arte, da intelectualidade e do sentimento, da filantropia e da caridade, contribuindo para a expansão do bem, do belo e do bom na Terra.  
  
A energia sexual jamais poderá ser aniquilada, seja por imposição religiosa, seja por trauma psicológico, podendo, contudo, ser transmutada agenciando as grandes construções do Espírito na escalada da evolução sem fim. A Doutrina Espírita apresenta a sexualidade despida da conotação religiosa dogmática que consagrou o sexo pecaminoso, sujo, proibido e demoníaco; todavia também não legitima a postura da sociedade contemporânea que forjou o sexo objeto de consumo, libertino, vulgar.  
  
A perspectiva espiritista é da energia criadora, que necessita estar balizada pela razão e sentimento, pelo respeito e entendimento, pela fidelidade e amor, a fim de engendrar a plenitude e a paz. Um sexo para a vida, e não uma vida para o sexo. Emmanuel sintetiza com sabedoria o pensamento espírita: "Não proibição, mas educação. Não abstinência imposta, mas emprego digno com devido respeito aos outros e a si mesmo. Não indisciplina, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade.  
  
Fora disso é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência. Sem isso, será enganar-nos, lutar sem proveito, sofrer e recomeçar a obra de sublimação pessoal, tantas vezes quantas se fizerem precisas, pelos mecanismos da reencarnação, porque a aplicação do sexo, ante a luz do amor e da vida, é assunto pertinente à consciência de cada um". O Espiritismo resgata a visão crística da sexualidade bem definida no célebre encontro com uma mulher:  
"...disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na Lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?  
  
Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire a pedra....Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor. Então lhe disse Jesus: Nem eu tão pouco te condeno: vai, e não peques mais".  
Na atualidade a proposta espírita é a da compreensão amorosa e educativa do ser humano. Nem apedrejamento, nem conivência culposa; nem julgamento arbitrário, nem a omissão da indiferença.  
  
Só o amor desvelado por Jesus é suficientemente forte para controlar e direcionar o impulso sexual, na edificação da felicidade permanente. Cristo ao indagar, por três vezes, se Pedro O amava, nos permitiu refletir simbolicamente sobre o amadurecimento do nosso potencial afetivo-sexual. Didaticamente situaríamos em três níveis esse crescimento:  
  
a) o primeiro traduz um amor infantil, caracterizado pelo apego, desejo e posse; é a paixão egóica; o sexo é instintivo, egoísta, "para mim";  
  
b) o segundo revela um amor adulto, que experimenta o carinho, a solidarização; o ego está bem estruturado; o sexo é sentimento, partilha, "comigo";  
  
c) o terceiro descortina um amor sábio, expressando desapego, renúncia, sacrifício; há a transcendência do ego; o sexo é sublimação, doação, "a partir de mim." Daí precisarmos amar um pouco mais a cada dia, para lograrmos cristificar nossa sexualidade.  
  
LEMBRETE:**

**Os Espíritos, enquanto inteligentes, não têm sexo, da forma como se entende, uma vez que o sexo depende da constituição orgânica. Entre eles existe amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos, na afeição que conseguiram amealhar no transcorrer de outras existências. Os Espíritos, enquanto seres psíquicos, guardam em si uma tendência masculina ou feminina. No entanto, podem por vezes habitar o corpo de um homem ou o corpo de uma mulher; o fato de o Espírito nascer como homem ou como mulher, depende das provas que tenha de vencer, ou das expiações pelas quais tenha que passar.  
No decurso do seu processo evolutivo, o Espírito necessita realizar o maior número possível de experiências, para enriquecer-se e atingir o estado de angelitude. Ele precisa, pois, encarnar nas mais diversas posições sociais, intelectuais e morais. Necessita, por isso, passar pela vivência de ambas as polaridades sexuais, sendo levado, portanto, a algumas vezes encarnar como homem e outras como mulher.  
Como podem reencarnar-se tanto na polaridade masculina ou feminina, os Espíritos possuem órgãos genitais dos dois sexos em potencial. A ciência através da embriologia, afirma que da oitava semana de vida até a 12ª intraponde a ambos os sexos (o canal é um só), sendo denominada de GÔNADA INDIFERENCIADA ou PRIMORDIAL.  
Nunca nos esqueçamos que o SEXO é mental, então a mente é a sede real do sexo.**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **SEXUALIDADE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A educação Seg. o Espiritismo - pág. 263** | **02 - Cristo espera por ti - pág. 322** |
| **03 - Mãos de luz - pág. 123** | **04 - Pinga fogo com Chico Xavier - pág. 54** |
| **05 - Saúde e Espiritismo - pág. 74, 95, 281** | **06 - Sexo e evolução - pág. 43, 133** |
| **07 - Evolução em dois Mundos - pág. 135** | **08 - Técnica da mediunidade - pág. 88, 155** |
| **09 - Curso Din. de Espiritismo - pág. 139** | [**SEXUALIDADE À LUZ DA D.E.**](file:///C:\Documents%20and%20Settings\User\Desktop\COMUNIDADE\site\temas\sexualidade\sexualidade%20a%20luz%20da%20d%20e.htm) |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SEXUALIDADE** **– COMPILAÇÃO**

**05 - Saúde e Espiritismo - A.M.E. Brasil - pág. 74, 95, 28**

**A - Concepção Holistica da Sexualidade na Perspectiva Espírita (Dr. Alberto de Almeida - A.M.E.-RIO)**

**Em O Livro dos Espíritos lê-se na pergunta 200: "Tem sexos os Espíritos?" Respondem os imortais: "Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos".  
  
A energia sexual é inerente ao ser espiritual, se estruturando com o passar do tempo na longa viagem evolutiva do princípio anímico. Desde "o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo ", o potencial sexual vem se desenvolvendo pelos reinos da Natureza Cósmica.  
  
Desse modo, está no Mineral desde a intimidade do átomo nas forças de interação atômica, até a força gravitacional sustentando os sistemas planetários na composição da harmonia das galáxias. No Vegetal, essa força se apresenta mais expressiva mediante a polarização sexual, quando o princípio germinativo é permutado através do vento, dos insetos etc.  
  
Avançando para o reino Animal, a sexualidade ganha novas dimensões, exteriorizando-se na sua feição instintual com os caracteres morfológicos e funcionais que consagram o macho e a fêmea.  
  
Já no Homem, a estruturação da energia criadora alcança nova amplitude ao se manifestar, de vez que ela deve estar conectada à razão, às emoções e à moral, a fim de atingir suas finalidades sublimes.  
  
Portanto, a energia sexual incorpora novos atributos à medida que jornadeia da atração-mineral para a sensibilidade-vegetal, e desta ao instinto-animal, a fim de desaguar no sentimento-hominal.  
  
No espírito encarnado, portanto, as forças sexuais se mostram bem complexas nas suas funções :  
a) A reprodução: através dela, o sexo assegura a perpetuação da espécie, a estruturação do corpo físico, a constituição da família, a viabilização da Lei da Reencarnação.  
  
b) A permuta de energias entre os parceiros da comunhão sexual, seja física ou espiritual.  
  
Pela troca energética entre o casal, a sexualidade assume manifestação mais refinada, pois que ela se exterioriza de forma sutil como alimento magnético de sustentação das almas que se enlaçam num relacionamento sexual baseado na confiança e na fidelidade, no amor e no discernimento.  
  
É nessa circunstância que se compreende a responsabilidade recíproca daqueles que assumem um compromisso afetivo, tendo em vista a presença do circuito de forças fluídicas que se estabelece, quer a comunhão afetiva alcance a dimensão física, quer se limite apenas à esfera psíquica, tal como sucede nas relações amorosas em que, por algum motivo, não há o sexo propriamente dito.  
  
Possível, portanto, se torna compreender a precariedade das relações estritamente genitais, posto que se assenta somente no corpo físico, deixando um grande vazio para as almas, a despeito de atingirem o orgasmo; sentem o prazer biológico, porém não experimentam o êxtase do amor, manifesto na complementação magnética plenificadora dos seres.  
  
Fácil também é perceber o desperdício das energias de vida pela masturbação; os prejuízos da prostituição, dos encontros promíscuos, do sexo sem respeito.  
  
c) A canalização da energia criadora para obras beneméritas do conhecimento e da estesia, da assistência social e do amor, na ampliação e concretização do progresso da humanidade. Quando por qualquer motivo, a energia sexual não dispõe da possibilidade de expressão pela via genitálica, ainda assim ela não se extingue, nem desaparece.  
  
  
Esse potencial criador pode ser bloqueado pela castração indevida e gerar distúrbios de diferentes matizes para o ser, todavia, se canalizado adequadamente, é fator de saúde integral, incrementando a evolução do Espírito. Por isso, a almaque vive em abstenção sexual pela castidade com equilíbrio pode e deve sublimar a sua energia procriadora para outras modalidades de expressão criativa, através da sua orientação para as ações no campo da cultura e da arte, da intelectualidade e do sentimento, da filantropia e da caridade, contribuindo para a expansão do bem, do belo e do bom na Terra.  
  
A energia sexual jamais poderá ser aniquilada, seja por imposição religiosa, seja por trauma psicológico, podendo, contudo, ser transmutada agenciando as grandes construções do Espírito na escalada da evolução sem fim.  
  
A Doutrina Espírita apresenta a sexualidade despida da conotação religiosa dogmática que consagrou o sexo pecaminoso, sujo, proibido e demoníaco; todavia também não legitima a postura da sociedade contemporânea que forjou o sexo objeto de consumo, libertino, vulgar.  
  
A perspectiva espiritista é da energia criadora, que necessita estar balizada pela razão e sentimento, pelo respeito e entendimento, pela fidelidade e amor, a fim de engendrar a plenitude e a paz. Um sexo para a vida, e não uma vida para o sexo.  
Emmanuel sintetiza com sabedoria o pensamento espírita: -"Não proibição, mas educação. Não abstinência imposta, mas emprego digno com devido respeito aos outros e a si mesmo. Não indisciplina, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade.  
  
Fora disso é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência. Sem isso, será enganar-nos, lutar sem proveito, sofrer e recomeçar a obra de sublimação pessoal, tantas vezes quantas se fizerem precisas, pelos mecanismos da reencarnação, porque a aplicação do sexo, ante a luz do amor e da vida, é assunto pertinente à consciência de cada um".  
  
O Espiritismo resgata a visão crística da sexualidade bem definida no célebre encontro com uma mulher: -"...disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na Lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: -Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire a pedra.**

**...Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor. Então lhe disse Jesus: Nem eu tão pouco te condeno: vai, e não peques mais".  
Na atualidade a proposta espírita é a da compreensão amorosa e educativa do ser humano. Nem apedrejamento, nem conivência culposa; nem julgamento arbitrário, nem a omissão da indiferença.  
  
Só o amor desvelado por Jesus é suficientemente forte para controlar e direcionar o impulso sexual, na edificação da felicidade permanente. Cristo ao indagar, por três vezes, se Pedro O amava, nos permitiu refletir simbolicamente sobre o amadurecimento do nosso potencial afetivo-sexual. Didaticamente situaríamos em três níveis esse crescimento:  
  
a) o primeiro traduz um amor infantil, caracterizado pelo apego, desejo e posse; é a paixão egóica; o sexo é instintivo, egoísta, "para mim";  
  
b) o segundo revela um amor adulto, que experimenta o carinho, a solidarização; o ego está bem estruturado; o sexo é sentimento, partilha, "comigo";  
  
c) o terceiro descortina um amor sábio, expressando desapego, renúncia, sacrifício; há a transcendência do ego; o sexo é sublimação, doação, "a partir de mim."  
  
Daí precisarmos amar um pouco mais a cada dia, para lograrmos cristificar nossa sexualidade.**

**B - Estudo Sexualidade: Equilíbrio e Desvio  
Umberto Ferreira - Medico clínico geral com experiência na área de saúde mental. Professor de Fisiologia da Universidade Federal de Goiás e Mestre em Fisiologia. Presidente do Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado de Goiás, e trabalhador do Grupo Espírita Consolador. Presidente da Associação Médico Espírita do Estado de Goiás. Autor dos livros: Esclarecendo os Jovens; Vida Conjugal; Esclarecendo os Desencarnados; e Relacionamento entre Pais e Filhos.  
  
Embora as manifestações do instinto sexual se façam no corpo físico, o seu controle é atributo do espírito, através da mente. Eis o que nos fala André Luiz: "O instinto sexual vem das profundezas da vida, quando agrupamentos de mônadas celestes se reuniram magneticamente umas às outras para a obra multimilenária da evolução". A sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa.  
  
O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprime..." (Evolução em Dois Mundos, 1ª parte; cap. XVIII) A Doutrina Espírita nos ensina que o casamento, a "união de dois seres" representa "um progresso na marcha da Humanidade". (O Livro dos Espíritos- questão 695) Na poligamia, entendida como a união de uma pessoa com duas ou mais e, portanto, englobando a prostituição e o sexo livre, "não há afeição real, mas apenas sensualidade". E o casamento deve se fundamentar na "afeição dos seres que se unem". (O Livro dos Espíritos-questão 701)  
  
Emmanuel nos adverte que "relações sexuais, no entanto, envolvem responsabilidade". (Vida e Sexo, cap. 19) André Luiz nos ensina que "a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento..." (Evolução em Dois Mundos, cap. XVIII)  
  
Com base nesses ensinamentos, podemos concluir que a condição ideal para a prática equilibrada do sexo é numa união permanente (casamento) e responsável e que tenha como laço firme, a unir o casal, o sentimento. Para a prática equilibrada do sexo, é indispensável respeitar as leis biológicas e morais que regulam a vida.  
  
É, portanto, necessário respeitar a finalidade de cada órgão, determinada pela sabedoria do Criador, utilizando, nas relações sexuais, apenas aqueles órgãos que tem essa finalidade. Além disso, o sexo deve ser um complemento do amor, e não o objetivo maior de uma união. É necessário acrescentar que a prática do sexo, de maneira equilibrada, requer respeito e consideração, de tal forma que uma pessoa não use outra como objeto de seus desejos sexuais. Não vale, portanto, o entendimento de que entre quatro paredes tudo é válido.  
  
Allan Kardec escreveu: "Mudando de sexo, poderá, então, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerente ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres". (Revista Espírita, 1866) Emmanuel afirma: "Em circunstâncias numerosas, o pretérito pode estar vivo nos mecanismos mais profundos de nossas inclinações e tendências". E mais "Através da poligamia, o espírito assinala a si próprio longa marca em existências e mais existências sucessivas de reparação e aprendizagem, em cujo transcurso adquire a necessária disciplina do seu mundo emotivo". (Vida e Sexo)  
  
C - Orgasmo e Fatores Psicofisiológicos que o Influenciam  
  
O relacionamento conjugal é influenciado por diversos fatores, entre eles os de natureza sexual. Verdadeiras crises surgem na vida a dois por falta de um ajustamento sexual adequado e isto acontece frequentemente por desconhecimento dos fatores psicofisiológicos que influenciam o orgasmo.  
  
Visando conhecer melhor o comportamento dos brasileiros relativamente à sua sexualidade, particularmente o orgasmo, orientamos uma pesquisa na comunidade goianiense, que resultou na dissertação de mestrado da professora Maria Elisa Borges e que foi apresentada na Universidade Federal de Goiás (Estudo Descritivo do Orgasmo na Comunidade Goianense).  
  
Da referida pesquisa, extraímos alguns dados para fundamentar nosso estudo. Com relação ao sexo masculino, o estudo revelou que 1,67% nunca conseguiu atingir o orgasmo, 3.35% apresenta dificuldade de ereção e 14,53% tem ejaculação precoce, 4.49% teve queda no desempenho sexual devido ao uso abusivo de bebida alcoólica e 11,73% devido a situação financeira difícil. A vasectomia levou a melhora no desempenho sexual em 6,70% e a piora em 1,12% dos homens. O uso de preservativos foi responsável por queda no desempenho sexual, ou dificuldade de se atingir o orgasmo em 11,17% dos homens.  
  
Com relação ao sexo feminino, o estudo revelou que 8,26% das mulheres que mantém relacionamento a dois nunca sentiu orgasmo e 23,52% raramente consegue sentir; 26,27% alega que só consegue atingir o orgasmo quando apaixonada pelo parceiro; 15,04% refere queda no desempenho sexual após o parceiro deixar de ser carinhoso; 9,30% relata dificuldade atingir o orgasmo depois que o parceiro interrompeu o diálogo. Quanto à menopausa, 3,39% relata queda no desempenho sexual após este evento, enquanto que 4,02% alega que o seu desempenho sexual melhorou depois desta fase. Agressão física foi responsável por dificuldade de se atingir o orgasmo cm 8,26% das mulheres e agressão moral, em 16,10%. Por outro lado, violência sexual foi responsável pela impossibilidade do se chegar ao orgasmo em 2,97% das mulheres pesquisadas.**

**A laqueadura de trompas foi responsabilizada por melhora no desempenho sexual em 7,20% das mulheres e por piora em 2,33%. Queda no desempenho sexual foi atribuída pelas mulheres que participaram da pesquisa a infidelidade do parceiro em 13,77%, abuso de bebida alcoólica em 10,59%, situação financeira ruim em 9,74%, excesso de trabalho em 13,13%. Um dado significativo da pesquisa é o de que 20,76% das mulheres alega simular o orgasmo para evitar conflitos na vida conjugal. Os dados deste estudo não apresentam diferenças significativas em relação aos da bibliografia nacional e internacional; ao contrário, em muitos itens coincidem totalmente, o que mostra que o comportamento do homem e da mulher residentes em Goiás não é diferente do restante do Brasil e dos outros países.  
  
O estudo não mostrou diferença estatisticamente significativa entre católicos, evangélicos e espíritas, com relação à influência dos fatores pesquisados. Esses dados são do interesse do Movimento Espírita porque são causadores de muitos conflitos conjugais, com reflexo na família como um todo. Essas pessoas, frequentemente, buscam as casas espíritas na esperança de encontrar explicações e solução para tais problemas. E é ideal que o Espiritismo lhes proporcione os esclarecimentos adequados, o consolo e os ajude a harmonizar o lar.**

**Por outro lado, com estudos, palestras, seminários e outros recursos podem as casas espíritas proporcionar aos frequentadores e pessoas em geral conhecimento mais detalhado sobre a sexualidade e os diversos fatores de ordem fisiológica e psicológica que interferem no desempenho sexual, com os objetivos de manter a harmonia no lar e prevenir os conflitos que, muitas vezes, levam à separação dos casais, com prejuízos para eles mesmos e para os filhos.  
  
Chamamos a atenção para o fato de 20% das mulheres terem que fingir que sentem orgasmo, para evitar problemas com o marido ou parceiro. São duzentas mulheres em mil que têm vida conjugal. É um número muito alto. E é um sacrifício muito grande durante um tempo tão longo. Com mais esclarecimentos sobre os aspectos fisiológicos e psicológicos da sexualidade da mulher e com uma melhor educação sexual, tais sacrifícios poderiam ser evitados e medidas adequadas poderiam ser adotadas visando ao ajustamento sexual.  
  
Se a prática equilibrada do sexo começa com a disciplina mental, os desvios resultam da rendição da mente às manifestações do instinto sem que a pessoa atente para as leis biológicas e morais, adquirindo condicionamento e viciações, dos quais têm dificuldade de se libertar. E isso é tanto mais sério, quanto menos adiantados os Espíritos e quanto mais dominados pela matéria, que lhes aguça os apetites inferiores. Tal situação é agravada pelo egoísmo que facilita as ações do homem em franco desrespeito ao semelhante, usando-o como objeto de seus desejos inferiores.  
  
Também contribui para esse comportamento contrário às leis divinas o atraso moral de muitos Espíritos, no campo do sentimento, que os torna insensíveis ao sofrimento do semelhante, especialmente da mulher. Outros agravantes são as influências que essas pessoas sofrem de espíritos atrasados, igualmente dominados pelos desejos inferiores, que os induzem a tais comportamentos, explorando as suas tendências inferiores, com o propósito de torná-los insaciáveis em seus desejos.**

**06 - Sexo e evolução - Walter Barcelos - pág. 43, 133**

**12. SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA  
"MOCIDADE É AMOR. ENTRETANTO, SE O AMOR NÃO SE EQUILIBRA NA SUBLIMAÇÃO DA ALMA, CEDO SE TRANSFORMA EM PAIXÃO INFELIZ". EMMANUEL**

**A adolescência é o período que se estende desde a puberdade - 12-13 anos, até atingir o estado adulto pleno - 22-25 anos. É variável entre os pesquisadores da personalidade juvenil, em virtude das diferenças na idade emocional e mental nos adolescentes. Período da existência que se caracteriza por transformações acentuadas de comportamento, acompanhando as mutações físicas, apresenta, muitas vezes, dificuldades de relacionamento com os pais e problemas complexos no caráter e no sentimento, desafiando orientadores e psicólogos.  
  
12.1 — Sexualidade e reencarnação. Impulsos sexuais na infância  
Somente com a chave da reencarnação é possível explicar os problemas intrincados da personalidade humana, principalmente nas fases da infância e da adolescência. Na infância, o Espírito reencamado encontra-se na situação de hipnose terapêutica — sono profundo, do qual vai acordando, gradativamente, com o passar dos dias e dos anos. Este sono é tão profundo para fins de renovação que, mesmo na fase da adolescência, ele se repercute, pois o Espírito ainda não se revelou com todas as suas características, no processo da existência humana.  
  
Todo Espírito reencarnado, a partir dos primeiros dias de vida, vai readquirindo, gradativamente, sua personalidade real — um enorme acervo de emoções, instintos e paixões, que construiu por si mesmo nas existências passadas. Explica-nos o lúcido Espírito Emmanuel: "Toda criatura consciente traz consigo, devidamente estratificada, a herança incomensurável das experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da Natureza."   
  
A nossa sexualidade, hoje, é o resultado de milênios de experiências vivenciadas — não somente na condição humana, mas também nas fases da vida animal, incorporadas, século a século, como patrimônio imperecível, na zona instintiva do ser. Não se pode observar e analisar uma criança ou um adolescente tão-somente pelas suas experiências na atual reencarnação, pois, as influências recebidas agora são apenas pequena fração que vai somar-se ao grande celeiro de recursos do Espírito, acumulados em milênios. As influências dos pais e educadores, hoje, são importantes, na medida em que trabalham por recuperar, reeducar e iluminar o campo do caráter e do sentimento da criança e do jovem.  
  
A criança, ao nascer, já traz em si uma riqueza imensa de emoções, impulsos sexuais e paixões, muitas vezes em situações infelizes, que irão emergir, ao longo dos anos, de acordo com o desenvolvimento do organismo físico. É o que nos fala Emmanuel:"(...) surpreenderemos na criança todo o equipamento dos impulsos sexuais prontos à manifestação, quando a puberdade lhe assegure mais amplo controle do carro físico".   
  
12.2 — Os problemas psicológicos do adolescente  
O Espírito, ao sair da fase infantil e penetrar na adolescência, passa a apresentar mudanças bruscas e imprevisíveis no seu comportamento, em virtude do fardo de estímulos sexuais que já carrega em si mesmo, como herança de si próprio, oriunda de séculos de experiência. Na fase da adolescência, o organismo passa a dar melhores condições para a manifestação mais profunda da alma. Começa a funcionar com mais intensidade o instinto sexual. A libido, de que fala a Psicanálise, não é nada mais do que a carga dos impulsos sexuais arquivados no Espírito imortal.  
  
Como o maior percentual de Espíritos da Terra se acha ainda imperfeito, é lógico que, ao renascer na vida física, cada ser é obrigado a manifestar as qualidades e imperfeições que traz em si mesmo. O autor de "Vida e Sexo" esclarece: "(...) é impelido naturalmente a carregar o fardo dos estímulos sexuais, muita vez destrambelhados, que lhe enxameiam no sentimento, reclamando educação e sublimação".   
  
Os problemas psicológicos de solução difícil nos jovens adolescentes são o resultado das transgressões morais e dos abusos sexuais de vidas passadas, que naturalmente surgem no hoje, requisitando reeducação, a fim de aprender a dirigir suas próprias emoções e desejos.  
  
12.3 — Epífise —glândula da vida mental  
As recordações profundas da alma que são arquivadas no mundo mental têm o comando de uma glândula muito importante no corpo espiritual — a epífise, ou glândula pineal. A ciência terrena pouco sabe ainda acerca das funções desta glândula. A epífise é um pequeno corpo glandular, situado na parte central do cérebro. Acredita-se que sua função seja a de frear a ação dos órgãos reprodutores na fase infantil, perdendo tal função, com a normalização da atividade sexual na criatura adulta.  
  
Para a Doutrina Espírita, a epífise tem funções importantíssimas, ainda desconhecidas pela própria Ciência humana. A glândula do corpo físico é dirigida pela correspondente do corpo espiritual. O organismo físico é uma cópia imperfeita do corpo espiritual. Ensinamentos maravilhosos recebemos do Espírito André Luiz, nesta dissertação sobre a epífise: "É a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre. (...) Ela preside aos fenômenos nervosos de emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo."   
  
A epífise, como centro importante do corpo espiritual, é ligada à mente, através de forças eletro-magnéticas e funciona como válvula de escapamento do celeiro de emoções, instintos e paixões, registrados ordenadamente no arquivo sublime da sub-consciência. A retomada plena da sexualidade dá-se mais ou menos, aos quatorze anos, apresentando sintomas íntimos os mais variados por parte de cada jovem. O autor de "Missionários da Luz" descreve as funções da epífise:  
  
"Aos quatorze anos, aproximadamente, de posição estacionária, quanto às suas atribuições essenciais, recomeça a funcionar no homem reencarnado. O que representava controle é fonte criadora e válvula de escapamento. A glândula pineal reajusta-se ao concerto orgânico e reabre seus mundos maravilhosos de sensações e impressões na esfera emocional. Entrega-se a criatura à recapitulação da sexualidade, examina o inventário de suas paixões vividas noutra época, que reaparecem sob fortes impulsos. (...)   
  
Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta." Cada jovem adolescente é um Espírito reencarnado que não propriamente inicia, mas recomeça sua vida sexual, no ponto em que deixou suas experiências de vidas passadas. O despertar sexual do adolescente é a recapitulação, através de impulsos, desejos e emoções fortes, das paixões vividas nas encarnações passadas.  
  
A epífise controla o mundo emocional, e sua influência na vida sexual da criatura humana é poderosíssima, porque cada Espírito herda de si mesmo e cada um somente dá aquilo que já construiu de bom ou de mal, de nobre ou inferior, de vício ou de virtude, ou o que armazenou em si mesmo, na forma de reflexos condicionados.  
  
12.4 — Desregramentos emocionais e o desgaste da epífise  
Em virtude de nosso infeliz comportamento afetivo em vidas pretéritas, causamos sérios prejuízos a nós mesmos, desregulando a usina maravilhosa do controle das emoções, criando problemas graves e sofrimentos para a encarnação futura. Somos filhos de nossas próprias obras. Ao médico espiritual André Luiz esclarece um Instrutor:  
  
"Lamentavelmente divorciados da lei do uso, abraçamos os desregramentos emocionais, e daí, meu caro amigo, a nossa multimi-lenária viciação das energias geradoras, carregados de compromissos morais, com todos aqueles a quem ferimos com os nossos desvarios e irreflexões."   
  
Os desatinos do sentimento praticados nas vidas anteriores, surgem, hoje, em nosso psiquismo, na forma de desequilíbrios, enfermidades e inibições. Toda vez que prejudicamos alguém, realmente estamos ferindo a nós mesmos. Abusos, leviandade e falsidade na vida afetiva e sexual deixam marcas profundas na estrutura sensível da alma, danificando e desregulando o funcionamento do importante centro de controle que é a epífise.  
  
As funções dessa glândula no crescimento mental do homem são relevantes, cujos recursos devem ser preservados por nós, como nos diz um dos Instrutores do médico espiritual:"— Segregando 'unidades-forças' — continuou —, pode ser comparada a poderosa usina, que deve ser aproveitada e controlada, no serviço de iluminação, refinamento e benefício da personalidade e não relaxada em gasto excessivo do suprimento psíquico, nas emoções de baixa classe."  
  
12.5 — Secreções elétricas da epífise e a prática dos esportes pela juventude. A beleza física e os desregramentos emocionais  
Os cientistas e estudiosos materialistas de todo o mundo, percebendo os efeitos danosos para o organismo, em virtude do saturamento das forças nervosas, e no intuito de preservar, na estrutura fisiológica, a juventude, a plástica e a eugenia, recomendaram, acertadamente, a prática dos esportes como medida de saúde, principalmente para os jovens:  
  
"(...) Contra os perigos possíveis, na excessiva acumulação de forças nervosas, como são chamadas as secreções elétricas da epífise, aconselharam aos moços de todos os países o uso do remo, da bola, do salto, da barra, das corridas a pé. Desse modo, preservavam-se os valores orgânicos, legítimos e normais, para as funções da hereditariedade."   
  
A ciência terrena, ainda incapaz de ver a alma no corpo, permanece com as medidas que procuram atender da melhor maneira possível ao organismo humano, garantindo a saúde física, o equilíbrio psíquico, o porte atlético e a beleza da forma, com indiferença quase que completa pelos valores morais para a personalidade juvenil.  
  
Estagia a juventude nos respeitáveis, organizados e belos estabelecimentos de ensino do mundo, no desenvolvimento da cultura, da inteligência nos diversos ramos do conhecimento humano, acrescidos das atividades desportivas, mas lamentavelmente distanciada de um trabalho de orientação no campo do caráter e do sentimento. A medida para resguardar a saúde da juventude ainda é insuficiente:  
  
"(...) A medida, embora satisfaça em parte, é, contudo, incompleta e defeituosa. Incontestavelmente, a ginástica e o exercício controlados são fatores valiosos de saúde; a competição esportiva honesta é fundamento precioso de socialização; no entanto, podem circunscrever-se a meras providências, em benefício dos ossos e, por vezes, degeneram-se em elástico das paixões menos dignas."   
O brilhantismo da inteligência, o cérebro enobrecido pela cultura, o corpo esculturado pelos exercícios e competições esportivas não são suficientes para dar equilíbrio, alegria e paz reais à alma da juventude.**

**A medida é incompleta e defeituosa, porque atende ao corpo, mas não dá equilíbrio à personalidade espiritual. É o que nos fala o mentor espiritual Telésforo, nas palavras do Espírito André Luiz:"(.-.) à medida que se suprimem sofrimentos do corpo, multiplicam-se aflições da alma (...). Atendido, porém, o corpo revelará as necessidades da alma (...)".  
  
Intensificam-se no mundo as atividades respeitáveis dos esportes, promovendo junto aos jovens a saúde, o vigor físico, a alegria, a confraternização cultural, mas ao mesmo tempo proliferam também os desmandos do prazer sexual irresponsável, levando a mocidade aos desregramentos das emoções, dos vícios do álcool e dos tóxicos, com prejuízos enormes para a família e a sociedade, retardando o progresso espiritual da Humanidade. (...)  
  
07 - Evolução em dois Mundos - André Luiz - pág. 135**

**XVIII - Sexo e corpo espiritual  
HERMAFRODITISMO E UNISSEXUALIDADE — Examinando o instinto sexual em sua complexidade nas linhas multiformes da vida, convém lembrar que, por milênios e milênios, o princípio inteligente se demorou no hermafroditismo das plantas, como, por exemplo, nos fanerógamos, em cujas flores os estames e pistilos articulam, respectivamente, elementos masculinos e femininos.  
  
Nas plantas criptogâmicas celulares e vasculares ensaiara longamente a reprodução sexuada, na formação de gamelos (anterozóides e oosfera) que muito se aproximam aos dos animais e cuja fecundação se efetua por meios análogos aos que observamos nestes últimos seres.  
  
Depois de muitas metamorfoses que não cabem num estudo sintético quanto o nosso, caminhou o elemento espiritual, na reprodução monogônica, entre as vastas províncias dos protozoários e metazoários, com a divisão e gemação entre os primeiros, correspondendo à cisão ou estrobilação entre os segundos. Longo tempo foi gasto na evolução do instinto sexual em vários tipos de animais inferiores, alternando-se-lhe os estágios de hermafroditismo com os de unissexualidade para que se lhe aperfeiçoassem as características na direção dos vertebrados.  
  
HERMAFRODITISMO POTENCIAL — Gradativamente, aparecem novos fatores de diferenciação, guardando-se, no entanto, os distintivos essenciais, como podemos identificar, ainda agora, no sapo macho adulto um hermafrodita potencial, apesar dos sinais masculinos com que se apresenta, sabendo-se que carrega na região do seu testículo, positivamente acrescido, um ovário elementar aderente, o conhecido corpo de Bidder. Se extirparmos o testículo, o ovário atrofiado começa a funcionar, por atuação da hipófise, conforme experimentos comprovados, convertendo-se num ovário adulto.  
  
Ocorrência inversa é verificável em cinco a dez por cento de galinhas adultas, isto é, nos indivíduos psiquicamente dispostos, das quais, se retirarmos o ovário esquerdo, também consíderavelmente desenvolvido, o ovário direito, rudimentar, transubstancia-se num testículo que se vitaliza e cresce, na sua parte medular, até então inibida pelos estrogênios do ovário esquerdo. Nesse fenômeno, aumenta-se-lhes a crista, cantam tipicamente à maneira do galo e adotam-lhe a conduta sexual masculina.  
  
Registamos esses fatos para demonstrar que entre todos os vertebrados e muito particularmente no homem, herdeiro das mais complicadas experiências psíquicas, nos domínios da reencamacão, apenas os caracteres morfológicos dos implementos sexuais estão submetidos aos princípios da genética. Isso porque não é só a figuração das glândulas sexuais que se mostra bi-potencial até certo ponto, pois todo o cosmo orgânico é suscetível de reagir aos hormônios do mesmo sexo ou do sexo contrário, segundo as disposições psíquicas da personalidade.  
  
AÇÃO DOS HORMÔNIOS — Atingindo inequívoco progresso em seus estímulos, o corpo espiritual, desde a protoforma psicossômica nos animais superiores até o homem, conforme a posição da mente a que serve, determina mais ampla riqueza hormonal. As glândulas sexuais que então mobiliza são mais complexas. Exercem a própria ação pelos hormônios que segregam, arrojando-os no sangue, hormônios esses, femininos ou masculinos, que possuem por arcabouço da constituição química, em que se expressam, o núcleo ciclo-pentano-peridrofenantreno, filiando-se ao grupo dos esteróis.  
  
Os hormônios estrogênicos, oriundos do ovário, mantêm os caracteres femininos secundários, e os androgênicos, segregados pelo testículo, sustentam os caracteres masculinos da mesma ordem. Produzem ações estimulantes e inibitórias, todavia, como atendem necessariamente a impulsos e determinações da mente, por intermédio do corpo espiritual, incentivam o desenvolvimento ou a maneira de proceder da espécie, mas não os origina. Por isso, nenhum deles possui ação monopolizadora no mundo orgânico, não obstante patentearem essa ou aquela influência de modo mais amplo.  
  
Ainda em razão do mesmo princípio que lhes vige na formação, pelo qual obedecem às vibrações incessantes do campo mental, os hormônios não se armazenam: transformam-se rapidamente ou sofrem apressada expulsão nos movimentos excretórios. Entendendo-se os recursos da reprodução como engrenagens e mecanismos de que o Espírito em evolução se vale para a plasmagem das formas físicas, sem que os homens lhe comprovem, de modo absoluto, as qualidades mais íntimas, é fácil reconhecer que as glândulas sexuais e seus hormônios exibem efeitos relativamente específicos.   
  
Inegavelmente, o ovário e os hormônios femininos se responsabilizam pelos distintivos sexuais femininos, mas podem desenvolver alguns deles no macho, prevalecendo as mesmas diretrizes para o testículo e os hormônios que lhe correspondem.  
  
Isso é claramente demonstrável nos experimentos de castração, enxertos e injeções hormonais, porquanto, apesar de a ação sexual específica do testículo e do ovário apresentar-se como fato indiscutível, a gônada, refletindo os estados da mente, herdeira direta de experiências inumeráveis, eventualmente produz certa quantidade de hormônios heterossexuais e, da mesma sorte, ainda que os hormônios sexuais se afirmem com atividade específica intensa, em determinados acontecimentos realizam essa ou aquela ação em órgãos do sexo oposto. Esses são os efeitos heterossexuais ou bissexuais das glândulas ou dos hormônios.  
  
ORIGEM DO INSTINTO SEXUAL — Todas as nossas referências a semelhantes peças do trabalho biológico, nos reinos da Natureza, objetivam simplesmente demonstrar que, além da trama de recursos somáticos, a alma guarda a sua individualidade sexual intrínseca, a definir-se na feminilidade ou na masculinidade, conforme os característicos acentuadamcnte passivos ou claramente ativos que lhe sejam próprios.  
  
A sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa. E o instinto sexual, por isso mesmo, traduzindo amor em expansão no tempo, vem das profundezas, para nós ainda inabordáveis, da vida, quando agrupamentos de mônadas celestes se reuniram magneticamente umas às outras para a obra multi-milenária da evolução, ao modo de núcleos e eletrões na tessitura dos átomos, ou dos sóis e dos mundos nos sistemas macro cósmicos da Imensidade.  
  
Por ele, as criaturas transitam de caminho a caminho, nos domínios da experimentação multifária, adquirindo as qualidades de que necessitam; com ele, vestem-se da forma física, em condições anômalas, atendendo a sentenças regeneradoras na lei de causa e efeito ou cumprindo instruções especiais com fins de trabalho justo.  
  
O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprime, não obstante reconhecermos que a maioria das consciências encarnadas permanecem seguramente ajustadas à sinergia mente-corpo, em marcha para mais vasta complexidade de conhecimento e emoção.  
  
EVOLUÇÃO DO AMOR — Entretanto, importa reconhecer que à medida que se nos dilata o afastamento da animalidade quase absoluta, para a integração com a Humanidade, o amor assume dimensões mais elevadas, tanto para os que se verticalizam na virtude como para os que se horizontalizam na inteligência.  
  
Nos primeiros, cujos sentimentos se alteiam para as Esferas Superiores, o amor se ilumina e purifica, mas ainda é instinto sexual nos mais nobres aspectos, imanizando-se às forças com que se afina em radiante ascensão para Deus. Nos segundos, cujas emoções se complicam, o amor se requinta, transubstanciando-se o instinto sexual em constante exigência de satisfação imoderada do "eu".  
  
De conformidade com a Psicanálise, que vê na atividade sexual a procura incessante de prazer, concordamos em que uns, na própria sublimação, demandam o prazer da Criação, identificando-se com a Origem Divina do Universo, enquanto que outros se fixam no encalço do prazer desenfreado e egoístico da auto-adoracão. Os primeiros aprendem a amar com Deus. Os segundos aspiram a ser amados a qualquer preço.  
  
A energia natural do sexo, inerente à própria vida em si, gera cargas magnéticas em todos os seres, pela função criadora de que se reveste, cargas que se caracterizam com potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma, como que a lhe obliterar os mecanismos outros de ação, qual se estivéssemos diante de usina reclamando controle adequado.  
  
Ao nível dos brutos ou daqueles que lhes renteiam a condição, a descarga de semelhante energia se efetua, indiscriminadamente, através de contatos, quase sempre desregrados e infelizes, que lhes carreiam, em consequência, a exaustão e o sofrimento como processos educativos.'  
  
POLIGAMIA E MONOGAMIA — O instinto sexual, então, a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos. Entretanto, quanto mais se integra a alma no plano da responsabilidade moral para com a vida, mais apreende o impositivo da disciplina própria, a fim de estabelecer, com o dom de amar que lhe é intrínseco, novos programas de trabalho que lhe facultem acesso aos planos superiores.  
  
O instinto sexual nessa fase da evolução não encontra alegria completa senão em contato com outro ser que demonstre plena afinidade, porquanto a liberação da energia, que lhe é peculiar, do ponto de vista do governo emotivo, solicita compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas.  
  
Em semelhante eminência, a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual que vertem, constantes, da Criação Divina.  
  
ALIMENTO ESPIRITUAL — Há, por isso, consórcios de infinita gradação no Plano Terrestre e no Plano Espiritual, nos quais os elementos sutis de comunhão prevalecem acima das linhas morfológicas do vaso físico, por se ajustarem ao sistema psíquico, antes que as engrenagens da carne, em circuitos substanciais de energia.  
  
Contudo, até que o Espírito consiga purificar as próprias impressões, além da ganga sensória!, em que habitualmente se desregra no narcisismo obcecante, valendo-se de outros seres para satisfazer a volúpia de hipertrofiar-se psiquicamente no prazer de si mesmo, numerosas reencarnações instrutivas e reparadoras se lhe debitam no livro da vida, porque não cogita exclusivamente do próprio prazer sem lesar os outros, e toda vez que lesa alguém abre nova conta resgatável em tempo certo.  
  
Isso ocorre porque o instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituinte das forças espirituais, pelo qual as criaturas encarnadas ou desencarnadas se alimentam mutuamente, na permuta de raios psíquico-magnéticos que lhes são necessários ao progresso.  
  
Os espíritos santificados, em cuja natureza superevolvida o instinto sexual se diviniza, estão relativamente unidos aos Espíritos Glorificados, em que descobrem as representações de Deus que procuram, recolhendo de semelhantes entidades as cargas magnéticas sublimadas, por eles próprios liberadas no êxtase espiritual.  
  
De outro lado, as almas primitivas comumente lhe gastam a força em excessos que lhes impõem duras lições. Entre os espíritos santificados e as almas primitivas, milhões de criaturas conscientes, viajando da rude animalidade para a Humanidade enobrecida, em muitas ocasiões se arrojam a experiências menos dignas, privando a companheira ou rompendo a comunhão sexual que lhes alentava a euforia, e, se as forças sexuais não se encontram suficientemente controladas por valores morais nas vítimas, surgem, frequentemente, longos processos de desespero ou de delinquência.  
  
ENFERMIDADES DO INSTINTO SEXUAL — As cargas magnéticas do instinto, acumuladas e desbordantes na personalidade, à falta de sólido socorro íntimo para que se canalizem na direção do bem, obliteram as faculdades, ainda vacilantes, do discernimento e, à maneira do esfaimado, alheio ao bom senso, a criatura lesada em seu equilíbrio sexual costuma entregar-se à rebelião e à loucura em síndromes espirituais de ciúme ou despeito. À face das torturas genésicas a que se vê relegada, gera aflitivas contas cármicas a lhe vergastarem a alma no espaço e a lhe retardarem o progresso no tempo.  
  
Daí nascem as psiconeuroses, os colapsos nervosos decorrentes do trauma nas sinergias do corpo espiritual, as fobias numerosas, a "histeria de conversão", a "histeria de angústia", os "desvios da libido", a neurose obsessiva, as psicoses e as fixações mentais diversas que originam na ciência de hoje as indagações e os conceitos da psicologia de profundidade, na esfera da Psicanálise, que identifica as enfermidades ou desajustes do instinto sexual sem oferecer-lhes medicação adequada, porque apenas o conhecimento superior, gravado na própria alma, pode opor barreiras à extensão do conflito existente, traçando caminhos novos à energia criadora do sexo, quando em perigoso desequilíbrio.  
  
Desse modo, por semelhantes ruturas dos sistemas psicossomáticos, harmonizados em permutas de cargas magnéticas afins, no terreno da sexualidade física ou exclusivamente psíquica, é que múltiplos sofrimentos são contraídos por nós todos, no decurso dos séculos, porquanto, se forjamos inquietações e problemas nos outros, com o instinto sexual, é justo venhamos a solucioná-los em ocasião adequada, recebendo por filhos e associados de destino, entre as fronteiras domésticas, todos aqueles que constituímos credores do nosso amor e da nossa renúncia, atravessando, muitas vezes, padecimentos inomináveis para assegurar-lhes o refazimento preciso.  
  
Compreendamos, pois, que o sexo reside na mente, a expressar-se no corpo espiritual, e consequentemente no corpo físico, por santuário criativo de nosso amor perante a vida, e, em razão disso, ninguém escarnecerá dele, desarmonizando-lhe as forças, sem escarnecer e desarmonizar a si mesmo.**

**09 - Curso Dinâmico de Espiritismo - J. Herculano Pires - pág. 139**

**XIX — AMOR, SEXUALIDADE E CASAMENTO   
No Espiritismo o problema do amor implica a relação direta do homem com Deus. Criador e criatura se religam no desenvolvimento humano da lei de adoração. Quanto mais o homem desenvolve as suas potencialidades existenciais, o seu potencial ôntico, mais ele se aproxima de Deus, mais o sente e mais o compreende. Nunca houve nem poderia haver um rompimento total e definitivo entre Criador e criatura. No próprio dogma da queda a expulsão do homem da face de Deus é apenas temporária. Por isso o Espirismo é Religião, mas não é Igreja.**

**A diferença entre Igreja e Religião é a mesma que existe entre alma e corpo. O homem perde o corpo na morte, mas não perde a alma. A Religião anunciada por Jesus não possui corpo, é alma pura, que sobrevive por si mesma. No diálogo com a Mulher Samaritana Jesus desprezou o Templo de Jerusalém e o Templo do Monte Gerasin, referindo-se apenas à Religião Livre do Futuro. Porque a relação religiosa é puramente espiritual. A Religião não depende de formalismos, sacramentos, instituições e órgãos.**

**É subjetiva e se define como o Amor a Deus. Essa relação direta exclui naturalmente todas as formas de discriminação, pois seu objetivo é a unidade. Quando uma criatura se liga a Deus, liga-se ao mesmo tempo a todas as criaturas e a todo o Universo, integra-se na realidade absoluta. Tudo o mais são coisas humanas, pertence à diáspora, ou seja, ao tempo do exílio, em que o homem se afastou de Deus. Esta simplificação da Religião só ocorre na máxima complexidade, que é o mergulho do homem em sua essência, proveniente de Deus e que é o próprio Deus em nós. Exemplifiquemos humanamente esta questão.**

**Conta-se que um sábio indiano mandou três filhos estudar na Inglaterra. Quando voltaram diplomados perguntou ao primeiro: "O que é Deus"? O rapaz fez uma longa e confusa digressão a respeito. O segundo vacilou em sua explicação e disse que precisava estudar mais o assunto. O terceiro calou-se e seus olhos se encheram de estranha névoa luminosa. O pai disse aos três; por ordem das perguntas: Você, meu filho, procurou Deus nas teologias e não conseguiu achá-lo; você, meu segundo filho, está tateando no escuro como um cego; e você, meu filho, que não me respondeu, encontrou Deus e nele mergulhou de tal maneira que não pode traduzi-lo em palavras. Você não perdeu tempo com as coisas exteriores e por isso foi o único que realmente aprendeu o que é Deus".  
  
A contradição máxima complexidade e máxima simplicidade não é contradição, mas fusão. A complexidade infinita das coisas e dos seres no Universo aturde o homem que busca Deus, mas ao encontrá-lo o homem percebe de pronto que toda a complexidade se funde na Existência Única de Deus. É como o marinheiro que navegou por muitos mares, surpreso com as variedades e as diferenciações formais de todos eles, mas ao terminar a sua navegação constata que todos os mares não são mais do que o Grande Mar.  
  
A religião em Espírito e Verdade é esse Mar Total em que todos mares e todas as águas se reúnem numa coisa só. Todas as religiões nasceram da mediunidade, que é o fundamento de todas as religiões, que por sua vez se fundem na Religião em essência que é a Religião do Espírito ou o Espiritismo. Nela não se precisa de coisas específicas, pois todas as coisas se fundem numa só — o Amor a Deus.  
  
Um jovem e uma jovem se amam e o amor que os atrai é o Amor de Deus nas criaturas. A bênção do amor já os ligou e eles não necessitam de palavras, ritos ou sacramentos para se unirem, pois unidos já estão. Se não houver amor entre eles, não estão unidos e de nada valera a união formal por meios sacramentais. É por isso que no Espiritismo não há sacramentos nem formalismo algum, pois tudo depende, em todas as circunstâncias, da essência única — e única verdadeira — que é o Amor.  
  
Mas o Espiritismo reconhece a necessidade humana de disciplinação social, e por isso recomenda apenas o casamento civil. Ainda por isso o Espiritismo reconhece a necessidade do divórcio, pois no plano ilusório da matéria as criaturas se confundem e misturam sexualidade e desejo com o Amor. Jesus, respondendo aos judeus por que motivo Moisés permitia o divórcio, disse-lhes: "Por causa da dureza dos corações, mas no princípio não foi assim". Kardec explica que, no princípio da humanidade o amor era espontâneo, livre de injunções estranhas, e então não era necessário o divórcio.**

**O Espirismo não faz casamentos nem divórcios, nem as anulações de casamento que a Igreja faz, pois esses problemas pertencem às leis humanas. Da mesma maneira o Espiritismo não faz batizados — pois o batismo é do espírito — nem recomenda defuntos ou distribui bênçãos, pois todas essas coisas não são feitas pelos homens e sim por Deus. Todos os sacramentos e formalismos são substituídos no Espiritismo pela prece, que serve em todas as ocasiões da vida e da morte, pois é um momento de ligação do homem com Deus, o diálogo com o Outro, como queria Kierkegaard. Toda intervenção humana interesseira e venal é substituída pela serena confiança nas bênçãos gratuitas do Céu. Nesse ato humano de louvor ou de súplica, desprovido de aparatos exteriores, a presença da Divindade é o cumprimento da promessa de Jesus, sem nenhuma evocação formal.**

**A solidariedade espiritual se revela no esforço de transcendência vertical das criaturas, conscientes da lei da sublimação. Não há fórmulas orais nem gestos, nem signos ou mitos na tranquila vibração das consciências na intimidade de todos e de cada um. A prece espontânea brota das profundezas do ser com a naturalidade de uma flor que desabrocha. Não é um ato da vontade, mas um aflorar do espírito. Não é uma ficha arrancada do arquivo da memória, mas um impulso do coração. As raízes latinas: prex, precis, determinaram no tempo, através de séculos e milênios, a forma leve e suave da palavra portuguesa prece, que soa nos lábios como um bater secreto de asas minúsculas.**

**Prefere-se prece à oração, porque a primeira condiz e se harmoniza com o ato interior e invisível com que a alma se lança na transcendência. Há um mistério sutil nessa escolha intuitiva desse par de sílabas poéticas que repercutem nos corações como o perpassar de uma brisa entre pétalas. Não tentamos fazer poesia nem divagar, mas descobrir através de imagens e palavras, o imponderável do instante da prece.  
  
Os que não se contentam com esse sopro do espírito, esse pneuma grego, esse frêmito inaudível, captado mais pela alma do que pelos ouvidos, preferindo orações extensas e grandíloquas, estão ainda imantados aos formalismos sacramentais. Nada revela mais claramente a natureza intimista da religião espiritual do que essa preferência espírita pela prece. Livrar a criatura do peso da matéria, para que ela possa elevar-se a Deus no silêncio de si mesmo é a finalidade da prece.  
  
Do problema da prece temos de passar à questão sexual, o que não seria recomendável ainda há pouco tempo. O tabu sexual fechava todas as passagens a atrevimentos dessa espécie. As marcas da era fálica haviam aterrorizado o Cristianismo Primitivo, que teve de lutar tenazmente contra a depravação romana e do paganismo em geral. As epístolas de Paulo nos mostram o desespero do Apóstolo ante o comportamento animal dos conversos em certas igrejas, particularmente na de Corinto. Isso impediu o Apóstolo, já assustado com a corrupção grega e romana no próprio Judaísmo, a tomar uma atitude radical no tocante ao sexo.**

**O falso conceito judeu da pureza (mais racial e religioso do que moral), provocava os seus brios de antigo Doutor da Lei contra o perigo da época. Das reações de Paulo e do puritanismo hipócrita dos fariseus teria de nascer uma era antifálica e anti-sensual, volta para o extremo oposto da castidade forçada e do celibato sacrificial. Foi tão violenta essa reação que nem mesmo os exemplos de mentalidade aberta do Cristo puderam atenuá-la. Não somente o sexo, como instrumento de perdição, mas a própria sexualidade foram condenadas sumariamente. Por pouco a prática judaica da circuncisão, que alguns apóstolos mais afoitos, como Pedro, exigiam dos conversos pagãos, não se transformou na castração árabe dos haréns.**

**É significativo o fato de Paulo, depois da circuncisão que praticou recusar-se a continuar circuncidado e até mesmo a batizar com água.  
Houve também, como teria de haver, reações contrárias a essa posição extremada, com liberalidades também extremada, que mais tarde resultariam no episódio dos Libertinos do Século XX, católicos e protestantes rejeitados pelas idéias renascentistas, precursores da fase atual de libertinagem que abalaram o mundo. A pornografia assustadora de hoje, que fomenta a indústria as perversões sexuais em revistas, jornais, cartazes, cinema e televisão, é por sua vez um novo eclodir da sensualidade sem freios, desvirtuando o sentido natural da sexualidade. São esses os balanços de um barco de loucos atirado à fúria de tempestades marítimas, à semelhança do Barco dos Mortos de Traven.**

**A contra-reação da moral vitoriana inglesa nada mais fez do que preparar a sua própria explosão, na fase atual do homossexualismo europeu desenfreado, que parece vingar a prisão de Oscar Wild em Reading. A sexualidade afrontada encontrou em Marcuse o seu defensor filosófico, mas em termos exagerados. Desde o século passado o Espiritismo colocou nos fundamentos de toda a realidade terrena a questão do princípio vital, elemento mantenedor de toda a vida planetária.**

**A sexualidade, que não é o sexo, mas a potência sexual geradora e mantenedora de vida, é a carga de energia vital do planeta, distribuída nos indivíduos de todas as espécies. Na era fálica essa força era cultuada mas não havia libertinagem nem pornografia nesse culto, pois não se considerava o sexo como pecado, mas como instrumento sagrado de reprodução da espécie. Na Suméria os casais se uniam nos altares dos templos, na presença de sacerdotes que os abençoavam para a fecundação. Esse senso da dignidade do sexo perdeu-se nas civilizações teocráticas, esmagado sob as condenações do gozo, que impediam a alma de alcançar a salvação.   
  
Marcuse tem razão ao defender a teoria das civilizações suicidas, que condenam o sexo e a ele se entregam na exclusiva busca do prazer, desenvolvendo a indústria aviltante do gozo sexual, que reduz o sexo a instrumento de loucura e perversão. A colocação espírita desse problema é clara e precisa como vemos no capítulo sobre a Lei de Reprodução, do O Livro dos Espíritos:  
— "As leis e costumes humanos que objetivam ou têm por efeito obstar a reprodução são contrários à lei natural?: Tudo o que entrava a marcha da Natureza é contraria à lei geral".  
  
Todas as espécies devem reproduzir-se, mesmo as que parecem daninhas. O equilíbrio mesológico se faz segundo as leis biomesológicas de cada área específica: o campo, o cerrado, a floresta, as águas, as cidades e assim por diante. Há espécies daninhas que são sobrevivências de formas em extinção ou mutação, para adaptações a condições novas que estão surgindo.(..)**

|  |
| --- |
| **SINTONIA (AFINIDADE)** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - Caridade do Verbo - pág. 97** | **02 - Celeiro de bênçãos - pág. 98** |
| **03 - Depois da Morte - pág. 116** | **04 - Dicionário da Alma - pág. 16** |
| **05 - Enigmas da psicometria - pág. 84** | **06 - Estudando a mediunidade - pág. 29/59** |
| **07- Fenômenos de transporte - pág. 28/74** | **08 - Joana D'Arc - pág. 78** |
| **09 - Lampadário Espírita - pág. 115** | **10 - Libertação - pág. 73/84** |
| **11 - Memórias de uma loucura - pág. 41/103** | **12 - Morte-Renascimento-evolução - pág.110** |
| **13 - O Espírito da Verdade - pág. 61** | **14 - O exilado - pág. 46** |
| **15 - O martírio dos suicidas - pág. 145** | **16 - O pensamento de Emmanuel - pág. 231** |
| **17 - Otimismo - pág. 183** | **18 - Roteiro - pág. 111/119** |
| **19 - Seara dos Médiuns - pág. 125/171** | **20 - Seareiros de volta - pág. 28/167** |
| **21 - Tambores de Angola - pág. 35/123** | **22 - Técnica da Mediunidade - pág. 25/26** |
| **23 - Universo e Vida - pág. 91** | **24 - Voltei - pág. 16/77/111** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA

**SINTONIA(AFINIDADE) - COMPILAÇÃO**

**03 – DEPOIS DA MORTE – LÉON DENIS , pág. 115/116**

**As almas desprendidas das influências terrenas se constituem em grupos simpáticos, cujos membros se amam, se compreendem, vivem em perfeita igualdade, em completa felicidade (aqueles que conseguiram dominar as suas paixões).**

**04 – DICIONÁRIO DA ALMA – FRANCISCO C. XAVIER (ESP. DIVERSOS).**

**AFINIDADE: A afinidade é “uma faixa de união” em que nos integramos uns com os outros.**

**06 – ESTUDANDO A MEDIUNIDADE – MARTINS PERALVA – cap. 39 , pág. 201**

**AFINIDADE ELETIVA: Explica Bozzano, com irresistível lógica, que o médium entrará em relação com os fatos ligados àquele (possuidor) cujo fluido se evidenciar mais ativo em relação com o sensitivo. A esse aspecto do fenômeno psicométrico, Bozzano denominou de “afinidade eletiva”.**

**SINTONIA NO TEMPO: É o processo pelo qual a mente humana, ligando-se ao pretérito distante, provoca a emersão das profundezas subconsciênciais, de expressões variegadas e multiformes que ali jazem adormecidas. ( cap. 38, pág. 197)**

**09 – LAMPADÁRIO ESPÍRITA – DIVALDO P. FRANCO (JOANA DE ANGELIS), pág. 115**

**27. Em permanente sintonia. Muitos gostariam que o programa de ascensão fosse de fácil vencimento. Alguns cristãos da fé renovada supõem que elevação é tarefa de um dia e para tanto se empolgam na elaboração de roteiros precipitados, como se o triunfo fosse resultante de um só golpe. Diversos arregimentam cartazes de exaltação, na vã expectativa de concluírem rapidamente a tarefa que demanda estabilidade e harmonia, equilíbrio e sensatez.  
  
Não faltam aqueles que aderem às correntes da fé, como se estivessem fugindo aos compromissos redentores, na ansiedade de receberem graças e dons, que se encontram distantes de merecer. Debandam, a cada instante, corações que se emurcheceram pelo desencanto, deixando as fileiras da luz, porque não conseguiram santificação de improviso nem libertação das mazelas a golpe de bruscas ferramentas.  
  
Persevera tu. Cristifica-te na senda iluminativa de instante a instante. Jesus galgou o acume do Tabor para orar demoradamente por uma noite inteira, a fim de resplandecer alvinitente na madrugada de ouro diante dos vultos venerandos da raça na qual se apresentou na carne! Depois desceu aos homens para atender ao tumulto dos sofredores, nas valas redentoras da escola física.  
Diária e constantemente os Espíritos Excelsos descem esperando que os homens subam até eles. Essa mesma lição eloqüente no-la deu o Senhor, subindo para se encontrar com os Seus tutelados, depois descendo a ensinar silenciosamente a execução do verbo amar na prática da solidariedade.  
  
Estevão, antes de cantar a melodia rutilante da Boa Nova, meditou, enquanto a enfermidade o minava, na enxerga humílima da Casa do Caminho, para se tornar depois o herói do verbo santo.  
Paulo, antes de entoar a sinfonia clarificadora do Evangelho, fez um exame acurado de si mesmo em três longos anos de meditação no deserto, para sacudir, mais tarde, com verbo flamívomo, os alicerces do velho mundo e tornar-se arauto da Verdade.  
Francisco de Assis mergulhou em oração continuada enquanto lapidava as imperfeições, para se fazer o “cantor de Deus” e do amor na Terra vencida pelas aflições.  
  
E Allan Kardec, o Mensageiro do Consolador, acurou meditações e laborou infatigável até o momento de fazer rutilar as gemas preciosas da Doutrina Espírita, que depositou na cabeça da Humanidade como coroa de jóias coruscantes e invulgares. Galga, servidor do Cristo, a montanha das dificuldades ou das pelejas e ora demoradamente no planalto da fé, até que os corifeus da verdade te clarifiquem a alma, impulsionando-te à descida para a luta de todos os dias, em sintonia permanente com Deus.  
  
Transpõe os óbices para ouvir e desce aos abismos para ensinar. No alto, comungas com Deus; embaixo, dá-te em comunhão com os homens. Para manter a perfeita sintonia com o Pai, Jesus desceu das regiões luminescentes da Vida Transcendente, para traçar uma rota salpicada de estrelas, por onde deveria deambular a Humanidade dos séculos futuros.  
  
No entanto, não encontrou quem O amasse. O ósculo que recebeu foi insidioso e de traição, as mãos dos que lhe receberam ternura estrugiram-lhe na face, fechadas, pela grosseria do soldado que O esbordoou, e o triunfo que a Terra Lhe deu foi situá-lo acima do solo, na cruz do flagício, que, todavia, se transformou desde então em luminosa seta apontando a estrada da redenção para os que aspiram à plenitude da paz.**

**16 - O pensamento de Emmanuel - Martins Peralva - pág. 231**

**SINTONIA**  
**É assim que Deus confia à nossa consfluências contrárias que se exercem sobre nós. ALLAN KARDEC**

**Nosso êxito ou fracasso dependem da persistência ou da fé que nos consagramos mentalmente aos objetivos que nos propomos alcançar. EMMANUEL  
  
Em todas as respostas que os Espíritos deram a Alln Kardec, o eminente codificador da Doutrina Espirita no plano terreno, observa-se profunda sabedoria e raro equilíbrio, razão pela qual dizemos nós que o Espintismo é a religião do bom-senso e da lógica, em todos os ângulos do seu contexto filosófico-científico-religioso.  
  
No que se refere ao problema da influencia que os desencarnados, evoluídos ou involuídos, exercem sobre nós, bem assim no tocante à maior ou meno receptividade que lhes oferecemos, há apreciações realmente interessantes. O assunto é objeto de substancioso estudo no capítulo "Da intervenção dos Espíritos", que nos propomos comentar em concordância com o sábio pensamento de Emmanuel.  
  
Sigamos, pois, com Kardec, com os Espíritos que lhe ditaram os maravilhosos ensinos da Filosofia Consoladora e com o antigo senador romano, que os complementa: com o primeiro, a lucidez dos temas propostos às Sublimes Entidades; com estas, a sabedoria das respostas, na forma sensata com que se revelam; e com Emm-nuel, pela profunda beleza com que reveste as lições.  
  
Uma das perguntas do mestre lionês: Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal? A resposta foi afirmativa, eis que os Espíritos menos felizes somente podem impor suas vontades às mentes que se afinam com eles, uma vez que o problema da sintonia vige em todos os fenômenos de que participa a mente humana.  
  
Espíritos incorretos não podem levar o homem digno a se tornar um trânsfuga da sociedade, a não ser que tal homem possua, em si mesmo, imanifestos, os germes do desacerto e das tendências inferiores, prontos a desabrocharem tão logo surjam condições propícias.  
  
Entidades desequilibradas, por mais insistentes que sejam, tendem, a afastar-se daqueles que se negam atender suas estranhas vontades. Se resistimos, com firmeza e constância, evidentemente fogem eles para outros sítios mentais, onde lhes seja possível dar expansão aos seus propósitos. Materializarem, enfim, seus infelizes desígnios.  
  
Indaga o insigne Codificador como pode o homem neutralizar a influência de Espíritos desumanos, tendo obtido a resposta de que a prática do bem e a fé em Deus repelem a influência dos Espíritos inferiores. Frustram-lhes o império que pretendam exercer sobre a mente encarnada.  
  
Continuemos na linha de nossas considerações doutrinárias, com base na orientação dos Bons Espíritos, certos, ou pelo menos muito esperançosos de que a obra de esclarecimento se cumpre mediante a focalização, em larga escala, com singeleza e objetividade, de temas adequados.  
  
O homem cansou de complicações. Exauriu-se nas complexidades da vida moderna, repleta de exigências, em sua maioria descabidas. Busca, na meditação e no trabalho nobre, o remédio para suas angústias. Encontra na literatura espírita, mediúnica ou não, o clima de paz que lhe dará alegria e paz interiores. Espíritos benfazejos procuram inspirar-nos para o Bem. Espíritos inferiorizados buscam induzir-nos ao Mal.  
  
Esta a alternativa do problema, para todos nós, almas encarnadas para o aprendizado, a reabilitação, o progresso, no dia-a-dia de nossas lutas. Os primeiros, cumprem missão renovadora, junto à humanidade, em todas as suas "peças-homens", instilando na alma de todos nós, através de gotas luminosas, princípios que engrandecem e elevam. São os Missionários do Amor.  
  
Os segundos, influenciam em sentido contrário. Na indução para o mal, não cumprem missão, eis que, assim no-lo dizem as Entidades Codificadoras, "a nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal". São os instrumentos da sombra.  
  
Quando uma entidade infeliz aproxima-se de uma inteligência encarnada, a fim de conduzi-la, pela intuição, à prática do mal, fá-lo por conta própria. Usa seu livre-arbítrio. Assume, naquele instante, a responsabilidade pelas consequências que advirão, de maneira inevitável, porque assim o prescreve a Lei Maior.  
  
Focaliza Kardec, também, atento à mediania da condição humana, o problema relacionado com certos estados emocionais, próprios da criatura em luta no plano físico, que favorecem a "comunhão de espírito a espírito" : angústias indefiníveis, depressões morais ou psicológicas, ansiedades, etc., ou em sentido inverso; íntima satisfação, incontidas alegrias, aparentemente injustificáveis, inexplicável bem-estar, etc. Por que isso? — indaga-se.  
  
Eis a resposta, plenamente aceita pelo bom-senso: É quase sempre efeito das comunicações em que inconscientemente entrais com os Espíritos, ou da que com eles tivestes durante o sono. Todos nós somos médiuns, entendida esta afirmativa no sentido de que oferecemos, por efeito de sintonia magnética, receptividade às sugestões da Espiritualidade, sugestões que se tornam de mais fácil realização segundo nossas disposições mentais.  
  
Há, entre nós e o plano espiritual, um clima de constante e indefectível reciprocidade vibratória. Espíritos agressivos, maldosos, cruéis influem mais preponderantemente sobre os encarnados do mesmo teor moral. Criaturas tranquilas, bondosas, sensíveis, sintonizam-se com Espíritos da mesma ordem, absorvendo-lhes as inspirações generosas e puras. Tudo está em nós, seja no bom, seja no mau sentido.  
  
Nossa mente é fulcro energético, criando forças que se associam, no plano espiritual, com energias semelhantes. Emmanuel enriquece esta referência com as seguintes palavras: De qualquer modo, porém, é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de espírito a espírito. O sono é um estado de emancipação, parcial, da alma, ocasião em que se aguçam as nossas percepções.  
  
Nossos encontros, enquanto dormimos, no mundo subjetivo, com Espíritos de todos os graus evolutivos, explicam certas disposições psicológicas ao despertarmos. Ventilaram, ainda, os codificadores do plano mais nobre, o problema do aproveitamento, pelos Espíritos, de nossas disposições, com vistas à veiculação de idéias extraterrenas, de boa ou má procedência. Falaram sobre a possibilidade de eles criarem circunstâncias que favoreçam a aceitação de idéias que nos desejam transmitir.  
  
No plano físico, segundo as contingências humanas, como no espiritual, aproveitam os Espíritos menos esclarecidos nossas disposições íntimas: tristezas, angústias, situações de cólera, estados mórbidos, inclusive os de fundo patológico. Por tudo isto é que, em quaisquer atitudes desacertadas que tomemos, prejudiciais a nós e aos nossos semelhantes, há sempre o benéfico princípio, irreversível princípio da responsabilidade —, benéfico porque é por esse princípio que se efetivam o nosso progresso, a nossa futura iluminação e, conseqüentemente, a nossa felicidade.  
  
Um bom Espírito deseja, muita vez (e isto ocorre com bastante frequência, não tenhamos dúvida), ajudar um encarnado que sofre dor física ou moral, às voltas com problemas desta ou daquela natureza, de maior ou menor dimensão. Que faz ele, uma vez que, atuando no mundo imponderável, não pode materializar o que deseja?  
  
Resposta: Vai em busca de um coração generoso, sensível às intuições benevolentes, e, em forma de pensamento, sugere-lhe vá ao encontro do necessitado levar-lhe a palavra do reconforto, a ajuda financeira, ou qualquer outra modalidade de amparo, em visita aparentemente casual.  
  
Os Espíritos de Luz precisam, portanto, contar com os encarnados de boa-vontade, para que a luz da Misericórdia Divina brilhe, com mais frequência, nos sombrios campos de nosso orbe. Da Espiritualidade Superior, representativa da Bondade de Deus, procedem, sempre, as iniciativas sublimadas.  
  
A nós outros, encarnados, compete a concretização do Bem, no plano da ponderabilidade, junto aos nossos companheiros de aprendizado. Daí procede a necessidade de renovação idealística, de estudo de bondade operante e de fé ativa, se pretendemos conservar o contato com os Espíritos da Grande LUZ — aconselha-nos Emmanuel.  
  
De um modo geral, ressalvando, embora, a iniciativa pessoal, a nosso ver bem reduzida, de algumas criaturas devotadas ao socorro do próximo, é dos Planos Espirituais Elevados, onde opera, soberana, a Mente Divina, que vêm as idéias sublimadas. Sejamos, pois, fiéis e maleáveis executores dessas idéias generosas e santificantes, que, no silêncio das noites ou em momentâneas meditações, durante o dia, afloram em nós, concitando-nos ao "AMOR QUE COBRE A MULTIDÃO DOS PECADOS".**

**18 – ROTEIRO – FRANCISCO C. XAVIER (EMMANUEL ), pág. 111, 119**

**26. AFINIDADE. O homem permanece envolto em largo oceano de pensamentos, nutrindo-se de substância mental, em grande proporção. Toda criatura absorve, sem perceber, a influência alheia nos recursos imponderáveis que lhe equilibram a existência.  
Em forma de impulsos e estímulos, a alma recolhe, nos pensamentos que atrai, as forças de sustentação que lhe garantem as tarefas no lugar em que se coloca. O homem poderá estender muito longe o raio de suas próprias realizações, na ordem material do mundo, mas, sem a energia mental na base de suas manifestações, efetivamente nada conseguirá.  
  
Sem os raios vivos e diferenciados dessa força os valores evolutivos dormiriam latentes, em todas às direções. A mente, em qualquer plano, emite e recebe, dá e recolhe, renovando-se constantemente para o alto destino que lhe compete atingir. Estamos assimilando correntes mentais, de maneira permanente. De modo imperceptível, “ingerimos pensamentos”, a cada instante, projetando, em torno de nossa individualidade, as forças que acalentamos em nós mesmos.  
  
Por isso, quem não se habilite a conhecimentos mais altos, quem não exercite a vontade para sobrepor-se às circunstâncias de ordem inferior, padecerá, invariavelmente, a imposição do meio em que se localiza. Somos afetados pelas vibrações de paisagens, pessoas e coisas que nos cercam. Se nos confiamos às impressões alheias de enfermidade e amargura, apressadamente se nos altera o “tônus mental”, inclinando-nos à franca receptividade de moléstias indefiníveis.  
  
Se nos devotamos ao convívio com pessoas operosas e dinâmicas, encontramos valioso sustentáculo aos nossos propósitos de trabalho e realização. Princípios idênticos regem as nossas relações uns com os outros, encarnados e desencarnados. Conversações alimentam conversações. Pensamentos ampliam pensamentos. Demoramo-nos com quem se afina conosco. Falamos sempre ou sempre agimos pelo grupo de espíritos a que nos ligamos. Nossa inspiração está filiada ao conjunto dos que sentem como nós, tanto quanto a fonte está comandada pela nascente.  
  
Somos obsidiados por amigos desencarnados ou não e auxiliados por benfeitores, em qualquer plano da vida, de conformidade com a nossa condição mental. Daí, o imperativo de nossa constante renovação para o bem infinito. Trabalhar incessantemente é dever. Servir é elevar-se. Aprender é conquistar novos horizontes.  
  
Amar é engrandecer-se. Trabalhando e servindo, aprendendo e amando, a nossa vida íntima se ilumina e se aperfeiçoa, entrando gradativamente em contato com os grandes gênios da imortalidade gloriosa.**

**28.SINTONIA. As bases de todos os serviços de intercâmbio, entre os desencarnados e encarnados, repousam na mente, não obstante as possibilidades de fenômenos naturais, no campo da matéria densa, levados a efeito por entidades menos evoluídas ou extremamente consagradas à caridade sacrificial.  
  
De qualquer modo, porém, é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de espírito a espírito.  
Daí procede a necessidade de renovação idealística, de estudo, de bondade operante e de fé ativa, se pretendemos conservar o contato com os Espíritos da Grande Luz.  
  
Simbolizemos nossa mente como sendo uma pedra inicialmente burilada. Tanto quanto a do animal, pode demorar-se, por muitos séculos, na ociosidade ou na sombra, sob a crosta dificilmente permeável de hábitos nocivos ou de impulsos degradantes, mas se a expomos ao sol da experiência, aceitando os atritos, as lições, os dilaceramentos e as dificuldades do caminho por golpes abençoados do buril da vida, esforçando-nos por aperfeiçoar o conhecimento e melhorar o coração, tanto quanto a pedra burilada reflete a luz, certamente nos habilitamos a receber a influência dos grandes gênios da sabedoria e do amor, gloriosos expoentes da imortalidade vitoriosa, convertendo-nos em valiosos instrumentos da obra assistencial do Céu, em favor do reerguimento de nossos irmãos menos favorecidos e para a elevação de nós mesmos à regiões mais altas.  
  
A fim de atingirmos tão alto objetivo é indispensável traçar um roteiro para a nossa organização mental, no Infinito Bem, e segui-lo sem recuar. Precisamos compreender – repetimos – que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual. Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas idéias, aspirações, invocações e apelos.  
  
Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros. Nosso êxito ou fracasso dependem da persistência ou da fé com que nos consagramos mentalmente aos objetivos que nos propomos alcançar. Semelhante lei de reciprocidade impera em todos os acontecimentos da vida. Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos, com os quais nos colocamos em sintonia.  
  
Nos mais simples quadros da natureza, vemos manifestado o princípio da correspondência. Um fruto apodrecido ao abandono estabelece no chão um foco infeccioso que tende a crescer, incorporando elementos corruptores. Exponhamos a pequena lâmina de cristal, limpa e bem cuidada, à luz do dia, e refletirá infinitas cintilações do Sol.  
  
Andorinhas seguem a beleza da primavera. Corujas acompanham as trevas da noite. O mato inculto asila serpentes. A terra cultivada produz o bom grão. Na mediunidade, essas leis se expressam, ativas. Mentes enfermiças e perturbadas assimilam as correntes desordenadas do desequilíbrio, enquanto que a boa-vontade e a boa intenção acumulam os valores do bem. Ninguém está só.  
  
Cada alma recebe de acordo com aquilo que se dá. Cada alma vive no clima espiritual que elegeu, procurando o tipo de experiência em que situa a própria felicidade. Estejamos, assim, convictos de que os nossos companheiros na Terra ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, mesmo porque, segundo o antigo ensinamento evangélico, “teremos nosso tesouro onde colocarmos o coração”.**

**19 - Seara dos Médiuns - Emmanuel - pág. 125/171**

**FAIXAS - Reunião pública de 27-5-60 Questão n.° 285  
Comunicação espiritual não é privilégio da organização mediúnica. O pensamento é idioma universal e, compreendendo--se que o cérebro ativo é um centro de ondas em movimento constante, estamos sempre em correspondência com o objeto que nos prende a atenção.  
  
Todo Espírito, na condição evolutiva em que nos encontramos, é governado essencialmente por três fatores específicos, ou, mais propriamente, a experiência, o estímulo e a inspiração. A experiência é o conjunto de nossos próprios pensamentos. O estímulo é a circunstância que nos impele a pensar. A inspiração é a equipe dos pensamentos alheios que aceitamos ou procuramos.  
  
Tanto quanto te vês compelido, diariamente, a entrar na faixa das necessidades do corpo físico, pensando, por exemplo, na alimentação e na higiene, és convidado incessantemente a entrar na faixa das requisições espirituais que te cercam. Um livro, uma página, uma sentença, uma palestra, uma visita, uma notícia, uma distração ou qualquer pequenino acontecimento que te parece sem importância, pode representar silenciosa tomada de ligação para determinado tipo de Interesse ou de assunto.  
  
Geralmente, toda criatura que ainda não traçou caminho de sublimação moral a si mesma assemelha-se ao viajante entregue, no mar, ao sabor das ondas.  
  
Receberás, portanto, variados apelos, nascidos do campo mental de todas as inteligências encarnadas e desencarnadas que se afinam contigo, tentando influenciar-te, através das ondas inúmeras em que se revela a gama infinita dos pensamentos da Humanidade, mas, se buscas o Cristo, não ignoras em que altura lhe brilha a faixa.  
  
Com a bússola do Evangelho, sabemos perfeitamente onde se localizam o bem e o mal, razão por que, dispondo todos nós do leme da vontade, o problema de sintonia corre por nossa conta.**  
**Sintonia mediúnica  
Reunião pública de 22-8-60 Questão n.° 215  
Para cooperar na mediunidade, a serviço do bem, não deves esperar que os instrutores desencarnados te impulsionem as peças orgânicas, como se fosses um fardo movido a guindaste.  
  
No reino da alma, o trabalhador, conquanto precise de inspiração, não pode considerar-se mola inerte. Indiscutivelmente, o mecanismo espontâneo é nota destacada e importante, à feição de novidade para a convicção; contudo, as edificações do sentimento e da idéia exigem a vigilância da consciência.  
  
Por isso mesmo, em qualquer condição da força medianímica, podes colaborar com as Inteligências superiores, domiciliadas na Vida Maior, em favor do progresso humano.  
  
Se tens dificuldade para compreender-nos a assertiva, repara os campos de ação da própria Terra, em que o serviço dinamiza a responsabilidade nos mais diversos graus. No levantamento do prédio vulgar, o pedreiro comum, embora consciente de sua tarefa, trabalha com o espírito dirigente do mestre-de-obras; este trabalha com o espírito do arquiteto que planejou o edifício e o arquiteto trabalha com o espírito do urbanista que institui o gabarito da via pública.  
  
Na escola, o professor de determinada disciplina, embora consciente de sua função, age com o espírito do diretor imediato; o diretor age com o espírito do técnico de ensino e o técnico de ensino age com o espírito das autoridades que presidem os serviços da educação.  
  
Medita no assunto e perceberás que é muito difícil te movimentes sozinho, nesse ou naquele rumo da vida. Em toda parte, pensas e fazes algo sob a influência de alguém.  
  
E, entendendo que todos nos encontramos consideravelmente distantes do bem verdadeiro, não percas tempo perguntando se o bom pensamento te pertence à cabeça. Recorda, acima de tudo, que o bem puro verte essencialmente de Deus e que os mensageiros de Deus tomar-te-ão sob a tutela do amor, se te dispões a servir.  
  
23 – UNIVERSO E VIDA – HERNANI T. SANT’ANA – cap. 5 – pág. 87 a 91**

**Sintonia. (...) A associação de interesses (sintonia/afinidade) é regra de conduta que a divina lei de amor impõe naturalmente em toda a parte.**

**(...) cada um de nós conviverá sempre em toda parte e a todo o tempo, com aqueles com quem se afina, efetuando permanentemente, com os seus semelhantes, as trocas energéticas que, em face da lei, asseguram a manutenção de todas as vidas.**

**(...) Qualquer mudança de sintonia, ou diferenciação de níveis de troca energética vital, sempre decorrerá necessariamente de alteração do potencial íntimo de cada espírito e da natureza de seus pensamentos e emoções.   
As forças que no jungem uns aos outros são, por isso mesmo, as que emitimos de nós e alimentamos em nosso próprio âmago.**

**SINTONIA ESPIRITUAL: Sintonia significa, em definição mais ampla, entendimento, harmonia, compreensão, ressonância ou equivalência. (...) é portanto, um fenômeno de harmonia psíquica, funcionando, naturalmente, à base de vibrações. (cap. 4, pág. 27)**

**14. PROBLEMAS DE SINTONIA  
Na sua feição de aparelhagem eletromagnética, de extrema e delicada complexidade, o ser humano apresenta a singularidade de não poder jamais desligar-se ou ser desligado. Mesmo nas piores condições de monoideísmo, ou despido da roupagem perispirítica, após os dolorosos eventos da segunda morte da forma, e até nas mais ingratas condições de letargia mental, o espírito humano continua ativo e sintonizado com as noures a que se afina.  
  
Sendo o pensamento contínuo uma conquista definitiva da alma, não pode esta, ainda que o queira, desligar-se do circuito através do qual se ajusta às forças vivas e conscientes do Universo. Entretanto, cada qual emitirá e receberá sensações na faixa de frequência que lhe é própria, e da mesma qualidade que lhe marca o teor dos interesses.  
  
Embora ondas de todos os comprimentos cruzem constantemente o ar que respiramos, nenhum aparelho receptor de frequência modulada consegue captar as emissões de ondas curtas para as quais não foi programado. Contudo, uma vez que esteja funcionando, captará compulsoriamente os sons da frequência com que estiver sintonizado.  
  
Em razão disso, cada um de nós conviverá sempre, em toda parte e a todo tempo, com aqueles com quem se afina, efetuando permanentemente, com os seus semelhantes, as trocas energéticas que, em face da lei, asseguram a manutenção de todas as vidas.  
Atendendo às disposições da afinidade, esse imperativo substancia igualmente o primado da justiça iniludível que preside a todos os destinos, na imensa esteira da evolução. Qualquer mudança de sintonia, ou diferenciação de níveis de troca energética vital, sempre decorrerá necessariamente de alteração do potencial íntimo de cada espírito e da natureza de seus pensamentos e emoções.  
  
As forças que nos jungem uns aos outros são, por isso mesmo, as que emitimos de nós e alimentamos em nosso próprio âmago. Os compromissos que disso decorrem são mais do que evidentes, pois ninguém deixará, em momento algum, de integrar e engrossar alguma corrente de forças, atuante e dirigida para determinado objetivo. Cada qual de nós está, portanto, trabalhando sem cessar, de momento a momento, seja para o bem ou para o mal, na construção do amor ou do ódio, da alegria ou da desventura, da felicidade ou do desequilíbrio.  
  
Claro que o problema da responsabilidade é sempre proporcional ao nível de consciência de cada um. Em sua grande maioria, os espíritos terráqueos não são, na atualidade, deliberadamente maus, embora estejam muito longe de ser conscientemente bons. Vogam, por isso, alternada e desordenadamente, entre os impulsos superiores e os inferiores, experimentando, na angústia de sua indefinição, todas as gamas de sensações de uma experiência multifária, que ainda se processa ao sabor dos improvisos, entre crises de animalidade e anseios de integração com o Céu. Fazendo e desfazendo, construindo e demolindo, plantando rosais e espinheiros, a alma humana comum é qual folha batida por todos os ventos e arrastada por todas as correntezas.  
  
Quando, porém, um coração já ascendeu a planos mais altos e já se acostumou ao pão divino de ideais elevados e de sensações sublimadas, não sintonizará, sem terríveis padecimentos interiores, as faixas de emoções mais deprimentes da experiência humana. Independentemente das responsabilidades que assuma e dos males que semeie, e que terá de colher, essa consciência amargurada sentirá vibrar, nos seus mais tristes acentos, a nostalgia do paraíso perdido. E como ninguém atraiçoa impunemente a lei, nem a si mesmo, esse espírito infeliz corre ainda o risco enorme de, pelo seu maior poder de percepção e de sintonia, cair vitimado por processos demoníacos de hipnose obsessiva, sob o guante impiedoso do poder das Trevas.  
  
É assim que se criam, frequentemente, doridos e complicados processos de resgate e recuperação de Espíritos substancialmente nobres, que se deixaram voluntariamente imergir em densos lagos de lama. Essa a razão da advertência do Divino Mestre, que há dois mil anos repercute no mundo: "Aquele que comete pecado faz-se escravo do pecado." Nem é por diverso motivo que o Cristo nos convida, compassivo, há vinte séculos, a sermos "filhos da Luz".  
  
15. O PODER DAS TREVAS  
Espantam-se alguns companheiros de aprendizado com as demonstrações de força do chamado Poder das Trevas, capaz de organizar verdadeiros impérios, em zonas umbralinas e nas regiões subcrostais, de onde consegue atuar organizada e maleficamente sobre pessoas e instituições na Crosta da Terra. O espanto, porém, é descabido, não só por motivos de boa lógica, mas, igualmente, por motivos de ordem técnica.  
  
Por mais intelectualizados que possam ser os gênios do mal, e por mais sofisticados que sejam os seus recursos tecnológicos, não podem eles, nunca puderam e jamais poderão afrontar a sabedoria e o Poder do Cristo e de seus grandes mensageiros, que controlam, com absoluta segurança, todos os fenômenos ocorrentes no planeta e no sistema de que este é parte. Tudo o que as Inteligências rebeladas podem fazer é rigorosamente condicionado aos limites de justiça e tolerância que o Governo da Vida estabelece, no interesse do sumo bem.  
  
É fora de dúvida que os "Dragões" e seus agentes possuem ciência e tecnologia muito superiores às dos homens encarnados, e, sempre que podem, as utilizam. Entretanto, os Poderes Celestes sabem mais e podem mais do que eles. A Treva pode organizar, e organiza, infernos de vasta e aterrorizadora expressão; contudo, sempre que semelhantes quistos ameaçam a estabilidade planetária, a intervenção superior lhes promove a desintegração.  
  
Os "demônios", que se arrogam os títulos de "juizes", e que há muitíssimo tempo utilizam, em larga escala, processos e instrumentais de desintegração que nem a mais moderna ficção científica dos encarnados ainda sequer imagina, realmente conhecem muito mais do que os homens sobre a estrutura e a dinâmica dos átomos e das partículas elementares. Eles sabem consideravelmente mais do que os cientistas e pesquisadores terrenos, acerca de muito mais coisas do que massa, carga, spin, número bariônico, estranheza e vida média de lambdas, sigmas, csis, ômegas, etc., e conseguem verdadeiros "milagres" tecnológicos, a partir de seus conhecimentos práticos avançados sobre ressonâncias e recorrências, usando com mestria léptons, mésons e bárions, além de outras partículas, como o gráviton, que o engenho humano experimentalmente desconhece.  
  
Apesar disso, os operadores celestes não somente varrem, com frequência, o lixo de saturação que infecta demasiado perigosamente certas regiões do Espaço, aniquilando-o através de interações de partículas com antipartículas atômicas, como se valem de outros recursos, infinitamente mais poderosos, rápidos e decisivos, para além de todas as forças eletromagnéticas e físico-químicas ao alcance das Trevas.  
  
Também a capacidade de destruição do homem encarnado permanece sob o rigoroso controle do Poder Celeste. A energia produzida pelas reações nucleares, que os belicistas da Crosta já conseguem utilizar, não vai além de um centésimo da massa total dos reagentes. Eles sabem que o encontro de um pósitron com um elétron de carga negativa resulta na total destruição de ambos, pela transformação de suas massas em dois fótons de altíssima energia. Entretanto, não conseguem pósitrons naturais para essas reações e não são capazes ainda de produzi-los senão à custa de um dispêndio energético praticamente insuportável.  
  
Assim, as Trevas podem realmente assustar-nos e ferir-nos, sempre que nossos erros voluntários nos colocam ao alcance de sua maldade. Basta, porém, que nossa opacidade refuta um único raio do Amor Divino, para que nenhuma força maligna possa exercer sobre nós qualquer poder.** (...)  
  
**24 – VOLTEI – FRANCISCO C. XAVIER – CAP. 11, pág. 197**

**SINTONIA ESPIRITUAL: (...)..através de semelhante processo, era mesmo possível comunicar-se com o círculo físico, quando o intermediário terreno possa conservar a mente na onde de ligação mental durante o tempo indispensável. (...) a entidade desencarnada é suscetível de manter intenso intercâmbio pelos recursos do pensamento e (..), por intermédio dessa comunhão íntima, encarcera-se o criminoso nas sombras das próprias obras, tanto quanto o apóstolo do bem vive com os resultados felizes de sua sementeira sublime de renúncia e salvação.   
PARA RACIOCINARMOS (REFLEXÃO)**

PENSAMENTO, SINTONIA E ENERGIAS

**CARLOS AUGUSTO PARCHEN – CENTRO ESPÍRITA LUZ ETERNA (CELE)**

**O ser humano é um complexo, que pode ser avaliado sobre diferentes visões: científica, religiosa, filosófica, holística, etc... Cada visão tem suas particularidades e abordagens, que enfatizam as “cores” da sua proposta ou linha de pensamento. No entanto, um ponto de convergência começa a se consolidar como aceito pela maioria das visões: o componente energético do ser humano, e as suas interfaces com a natureza e com os outros seres da criação.  
  
Com o desenvolvimento científico e os avanços tecnológicos, cada vez mais se estuda, diagnóstica e teoriza sobre energias no complexo humano, como o pensamento emite energias, como se sintoniza e absorve energias do ambiente, etc..  
  
O espiritismo Kardecista enfatiza a questão energética do ser humano, colocando o componente energético e suas relações como tão ou mais importantes que o componente material (físico, orgânico). A base dos sistemas de auto-ajuda está na mentalização positiva, ou seja, na geração de energias positivas ao redor da pessoa. A natureza é um imenso oceano de vibrações e energias, onde os seres transitam, influenciando e sendo influenciado por essa torrente energética e vibratória.  
  
A física quântica, com suas teorias complexas e revolucionárias, traz à luz da discussão científica, o componente não material nos fenômenos da natureza, o elemento “organizador” da estrutura material e de seus fenômenos. As colocações que fizemos até agora, visam chamar nossa atenção para a questão energética e sua influência e relações em nossa vida. Vamos abordar a questão específica dos nossos pensamentos e de nossa sintonia energética e vibratória.  
  
O ser humano absorve energias das mais diversas, de forma automática, e as metaboliza em sua estrutura energética, que o espiritismo denomina de perispírito. Essa absorção e metabolização, faz parte normal do funcionamento do complexo humano de maneira automática, ou seja, é um processo inconsciente ou transparente, numa linguagem mais moderna, que ocorre independente da percepção ou decisão voluntária da pessoa.  
  
Essas energias absorvidas são constituídas das energias e vibrações do ambiente em que estamos inseridos, e se constituem de elementos presentes na natureza (como o Fluído Cósmico Universal, radiações eletromagnéticas, etc..), de fluidos (emissões energéticas de processos orgânicos ou perisperituais de outros seres da criação) e de vibrações e pensamentos advindo de outros seres humanos ou espíritos.  
  
A metabolização no nosso complexo, transforma essas energias absorvidas em componentes específicos da nossa “circulação” energética, distribuindo estes em todo o nosso organismo físico e perispiritual, servindo como verdadeiro “alimento” para o complexo humano.  
  
Por ser um processo automático, a absorção de energias pelo nosso organismo está ajustado, naturalmente e automaticamente, ao padrão energético e vibratório específico do indivíduo, ou seja, ao nível vibratório correspondente ao seu estado mental e espiritual do momento.  
  
Isto significa dizer que as energias absorvidas pelo indivíduo são do mesmo padrão vibratório em que ele se encontra no momento, ou seja, nosso complexo energético tem uma espécie de “filtro”, que deixa passar apenas as energias com as quais afinamos e sintonizamos.   
  
Evidentemente, um estado de desequilíbrio no nosso campo mental e espiritual promove imediatamente um reajuste no nosso sistema energético, o que nos leva também a sintonia com determinado tipo de energia, que passará a ser “filtrada” para o nosso sistema energético, incorporando-se, pela metabolização ao sistema perispiritual e físico.  
  
O equilíbrio ou o desequilíbrio no campo mental e espiritual do indivíduo determina, portanto, que “qualidade” ou “tipo” de energia será absorvido por ele. Se estamos equilibrados, harmonizados, vibrando no bem , nosso “filtro” promove a absorção de boas energias, correspondentes ao nosso “patamar vibratório”, bloqueando a absorção de padrões energéticos “ruins”.  
  
Se estamos desequilibrados, desarmonizados, invigilantes com nossos pensamentos, nosso patamar vibratório se ajusta com energias “ruins”, e nosso filtro bloqueia a absorção das energias boas e promove a assimilação de energias desequilibradas. É fácil deduzir que se absorvemos um determinado padrão energético, com uma certa “qualidade”, seja ela positiva “boa” ou negativa “ruim”, a metabolização dessas energias produz componentes energéticos de qualidade similar, que se distribuem pelo nosso organismo físico e perispiritual, afetando-o com a qualidade inerente ao tipo e qualidade da energia absorvida.  
  
Também podem inferir que o padrão vibratório/energético absorvido, uma vez metabolizado em nosso complexo perispíritico, reforça o estado vibratório (patamar) que permitiu sua absorção, ou seja, reforçamos o estado de equilíbrio ou desequilíbrio em que nos encontramos. Por isso é necessário a vigilância constante sobre nossa sintonia mental/espiritual, para que não nos deixemos levar pelos pensamentos inadequados, pelas vibrações negativas, pelos sentimentos menos dignos, pelas emoções descontroladas, pois isso permitirá que inciemos um processo de absorção de energias negativas, que por sua vez reforçam nosso estado de desequilíbrio, o que pode, em persistindo esta situação, colocar-nos em contato com seres desequilibrados, causar-nos doenças e desequilíbrios físicos, psíquicos e espirituais.  
  
Em contrapartida, a vigilância para que nosso pensamento, nossa sintonia permaneça sempre elevada, voltada a prática do bem, do amor e da caridade, permite que, constantemente, fiquemos sintonizados e absorvendo as energias equilibradas, o que reforça nosso equilíbrio e bem estar físico, psíquico e espiritual, trazendo a sensação agradável de estar em sintonia com energias elevadas. Esse é o retorno, a recompensa imediata de quem pratica o amor e a caridade. Traz o prazer em se praticar o bem.**

**LEMBRETE:**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **ENERGIAS =>** | **ATRAI MAUS =>** | **TRAZ DOENÇA E =>** | **ABRE A PORTAS DO** |
| **RUINS** | **ESPÍRITOS** | **DESEQUILÍBRIO** | **MAL E DO ÓDIO** |

**Ao entender este mecanismo, podemos afirmar que é muito importante que busquemos, com um esforço constante, com muita consciência, uma mentalização positiva para o nosso foco mental, para os nossos pensamentos, em todas as etapas e momentos de nossa vida, em casa, no trabalho, no lazer, no trânsito..., de modo a garantir a sintonia com um patamar energético mais elevado, com a conseqüente absorção e metabolização de energias benéficas e reforçadoras de nosso comportamento no caminho do bem.  
  
De outra forma, deve ser evitado que nosso foco mental vague em paragens menos dignas. Temos que zelar para que nosso pensamento não seja direcionado para as coisas negativas e destruidoras. Não devemos focar a negatividade, os problemas, as inconformidades, nem sintonizar com a desgraça, pois nesse caso nos comportaremos como urubus, que voam alto apenas para focalizar a carniça para dela se alimentar.  
  
Pensamento no bem, pensamento calmo, pensamento positivo, pensamento criador, foco no amor e na caridade. Esse é o caminho da mentalização, da sintonia e da absorção das boas energias. Lembremo-nos que as palavras expressam pensamentos. Que saiam de nossas bocas as boas palavras e de nosso coração as boas atitudes.  
  
Devemos sempre ter em mente que a energização que nos envolverá, depende, em cada instante, apenas de nossa atitude mental, e que na aplicação prática de nossa vida, a ligação com o alto se faz na aplicação das boas virtudes, com o exercício constante do bem, seja em que atividade estivermos.  
Nosso bem estar depende de nós mesmos.**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **SOBRENATURAL** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - cap. XIII, 18 XIV, 2** | **02 - Caminhos da Divulg.Espírita - pág. 61** |
| **03 - Guia do Espiritismo - pág. 269** | **04 - Médiuns e mediunidades - pág. 88** |
| **05 - O Livro dos Médiuns - pág. cap. II** | **06 - O que é Espiritismo - pág. 74** |
| **07 - O ser e a serenidade - pág. 71** | **08 - Revista Espírita 1861 pág. 411, 1862 pág. 318** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SOBRENATURAL** **– COMPILAÇÃO**

**01- A Gênese - Allan Kardec- cap. XIII, 18 XIV, 2**

**CAPITULO XIII - CARACTERES DOS MILAGRES  
Os milagres no sentido teológico.-O Espiritismo não faz milagres. - Deus faz milagres?- O sobrenatural e as religiões.  
OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO  
1.- Em sua acepção etimológica, a palavra milagre (de mirari, admirar) significa: admirável, coisa extraordinária, surpreendente. A Academia define esta palavra: Um ato de poder divino contrário às leis conhecidas da Natureza.  
  
Em sua acepção usual, esta palavra perdeu, como tantas outras, o seu significado primitivo. De geral que era, ela se restringe a uma ordem particular de fatos. No pensamento das massas, um milagre implica a ideia de um fato sobrenatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da Natureza, pelas quais Deus manifesta o seu poder. Tal é, com efeito, a acepção vulgar, tornada o sentido próprio, e não é senão por comparação e por metáfora que ele é aplicado às circunstâncias comuns da vida.  
  
Um dos caracteres do milagre, propriamente dito, é o de ser inexplicável, por isso mesmo que se cumpre fora das leis naturais; e é de tal modo a idéia que se lhe liga que, se um fato miraculoso vem a encontrar a sua explicação, diz-se que não é mais um milagre, por supreendente que seja. O que faz, para a Igreja, o mérito dos milagres é precisamente a sua origem sobrenatural, e a impossibilidade de explicá-los; ela está tão bem fixada sobre este ponto que toda assimilação dos milagres aos fenómenos da Natureza é taxada de heresia, de atentado contra a fé: que ela excomungou, e mesmo queimou, pessoas que não quiseram crer em certos milagres.  
  
Um outro caráter do milagre é o de ser insólito, isolado e excepcional; do momento que um fenômeno se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é que ele está submetido a uma lei, e, desde então, que essa lei seja conhecida ou não, isso não pode ser um milagre.  
  
2. - Todos os dias a ciência faz milagres aos olhos dos ignorantes. Que um homem verdadeiramente morto seja chamado à vida por uma intervenção divina, e aí está um verdadeiro milagre, porque esse é um fato contrário às leis da Natureza. Mas se esse homem não tem senão as aparências da morte, e se há nele ainda um resto de vitalidade latente, e que a ciência, ou uma ação magnética, venha a reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas é um fenômeno natural, mas aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso.   
  
Que no meio de certos camponeses um físico lance um papagaio elétrico e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será certamente olhado como armado de um poder diabólico; mas Josué, detendo o movimento do Sol, ou antes da Terra, em admitindo o fato, eis o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de um tão grande poder para operar tal prodígio.  
  
Os séculos de ignorância foram fecundos em milagres, porque tudo cuja causa era desconhecida passava por sobrenatural. À medida que a ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso foi restringido; mas como não havia explorado todo o campo da Natureza, restava ainda uma parte bastante grande ao maravilhoso.  
  
3.-O maravilhoso, expulso do domínio da materialidade pela ciência, entrincheirou-se no da espiritualidade, que foi o seu último refúgio. O Espiritismo, em demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, força incessantemente agindo concorrentemente com a força material, fez de novo entrar os fenômenos que dela ressaltam no círculo dos efeitos naturais, porque, como os outros, estão submetidos a leis. Se o foi expulso da espiritualidade, não tem mais razão de ser, e é então somente que se poderá dizer que passou o tempo dos milagres.  
  
O ESPIRITISMO NÁO FAZ MILAGRES  
4. - O Espiritismo vem, pois, ao seu turno, fazer o que cada ciência fez em seu advento: revelar novas leis, e explicar, por consequência, os fenômenos que são da alçada dessas leis. Esses fenômenos, é verdade, se prendem à existência dos Espíritos e à sua intervenção no mundo material; ora, aí está, diz-se, o que é o sobrenatural. Mas então seria necessário provar que os Espíritos, e as suas manifestações, são contrários às leis da Natureza; que isso não é, e não pode aí estar uma dessas leis.  
  
O Espírito não é outro senão a alma que sobrevive ao corpo; é o ser principal uma vez que não morre, ao passo que o corpo não é senão um acessório que se destrói. Sua existência é, pois, tudo tão natural depois como durante a encarnação; ela está submetida às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo está submetido às que regem o princípio material; mas como estes dois princípios têm uma afinidade necessária, que reagem incessantemente um sobre o outro, que, de sua ação simultânea, resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão naturais uma quanto a outra, e que a primeira não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.  
  
5.-Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio de seu corpo fluídico ou perispírito; ocorre o mesmo fora da encarnação. Ele faz, como Espírito e na medida de suas capacidades, o que fazia como homem; como ele não tem mais seu corpo carnal por instrumento, somente se serve dos órgãos materiais de um encarnado, que se torna o que se chama médium. Ele faz como aquele que, não podendo ele mesmo escrever, toma emprestada a mão de um secretário; ou que, não sabendo uma língua, serve-se de um intérprete. Um secretário, um intérprete são os médiuns de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.  
  
6. - O meio no qual agem os Espíritos, e os meios de execução não sendo os mesmos que no estado de encarnação, os efeitos são diferentes. Estes efeitos não parecem sobrenaturais senão porque são produzidos com a ajuda de agentes que não são os dos que nos servimos; mas desde o instante em que esses agentes estão na Natureza, e que os fatos das manifestações se cumprem em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural nem de maravilhoso. Antes de se conhecer as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de certas pessoas; desde que a causa foi conhecida, o maravilhoso desapareceu. Ocorre o mesmo com os fenômenos espíritas, que não saem mais da ordem das leis naturais que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que foram a fonte de uma multidão de crenças supersticiosas.  
  
7. - Todavia, dir-se-á, admitis que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; isso não é uma derrogação da lei da gravidade? -Sim, da lei conhecida; mas se conhecem todas as leis? Antes que se tivesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina, levando vários homens, poderia vencer a força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico?**

**Aquele que propusesse, há um século, transmitir um despacho a quinhentas léguas, e receber sua resposta em alguns minutos, teria passado por um louco; se o fizesse, crer-se-ia que tinha o diabo às suas ordens, porque, então, só o diabo era capaz de andar tão depressa; entretanto, hoje, a coisa é não somente reconhecida possível, mas parece naturalíssima. Por que, pois, um fluido desconhecido não teria a propriedade, em circunstâncias dadas, de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Foi, com efeito, o que ocorreu no caso do qual se trata. (O Livro dos Médiuns, cap. IV.)  
  
8.-Os fenômenos espíritas, estando na Natureza, produziram-se em todos os tempos; mas precisamente porque o seu estudo não podia ser feito pelos meios materiais de que dispõe a ciência vulgar, eles permaneceram por muito mais tempo que outros no domínio do sobrenatural, de onde o Espiritismo fê-los sair hoje. O sobrenatural, baseado sobre aparências inexplicadas, deixa um livre curso à imaginação, que, errando no desconhecido, dá nascimento, então, às crenças supersticiosas. Uma explicação racional, fundada sobre as leis da Natureza, reconduzindo o homem sobre o terreno da realidade, põe um ponto de parada aos desvios da imaginação, e destrói as superstições.**

**Longe de estender o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até nos seus últimos limites e lhe tira o seu último refugio. Se ele faz crer na possibilidade de certos fatos, impede de crer em muitos outros, porque demonstra, no círculo da espiritualidade, como a ciência no círculo da materialidade, o que é possível e o que não o é. Contudo, como ele não tem a pretensão de ter a última palavra sobre todas as coisas, mesmo sobre aquelas que são da sua competência, não se põe como regulador absoluto do possível, e leva em conta conhecimentos que reserva para o futuro.  
  
9. - Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma, ou Espírito, seja, durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas suas manifestações que a alma revela a sua existência, a sua sobrevivência e a sua individualidade; ela é julgada por seus efeitos; a causa sendo natural, o efeito o é igualmente. São esses efeitos que fazem o objeto especial de pesquisas e de estudos do Espiritismo, a fim de chegar ao conhecimento, tão completo quanto seja possível, da natureza e dos atributos da alma, assim como as leis que regem o princípio espiritual.  
  
10.-Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente, e, por consequência, o da alma individual e sobrevivente, toda a Natureza está na matéria tangível; todos os fenômenos que se ligam à espiritualidade são, a seus olhos, sobrenaturais, e, por consequência, quiméricos; não admitindo a causa, não podem admitir o efeito; e quando os efeitos são patentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação, e recusam aprofundá-los; Daí, entre eles, uma opinião preconcebida que os torna impróprios para julgar sadiamente o Espiritismo, porque partem do principio da negação de tudo o que não e material.  
  
11.-Do fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são a consequência da existência da alma, não se segue que ele aceita todos os efeitos qualificados de maravilhosos, e entenda justificá-los e acreditá-los; que seja o campeão de todos os sonhadores, de todas as utopias e de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas; seria necessário conhecê-lo bem pouco para pensar assim. Seus adversários crêem opor-lhe argumento sem réplica, quando, depois de terem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os calvinistas de Cévennes ou os religiosos de Loudun, chegaram a descobrir fatos patentes de fraude que ninguém contesta; mas essas histórias são o Evangelho do Espiritismo?**

**Seus partidários negam que o charlatanismo haja explorado certos fatos em seu proveito; que a imaginação os haja criado; que o fanatismo os tenha exagerado muito? Ele não é solidário com as extravagâncias que se podem cometer em seu nome, como a verdadeira ciência não o é quanto aos abusos da ignorância, nem a verdadeira religião quanto aos excessos do fanatismo. Muitos críticos não julgam o Espiritismo senão pelos contos de fadas e as lendas populares, que dele são as ficções; outro tanto valeria julgar a história pelos romances históricos ou as tragédias.  
  
12.-Os fenômenos espíritas são, o mais frequentemente, espontâneos e se produzem sem nenhuma idéia preconcebida nas pessoas que neles menos pensam; em certas circunstâncias, eles podem ser provocados por agentes designados sob o nome de médiuns; no primeiro caso, o médium é inconsciente, do que se produz por seu intermédio; no segundo age com conhecimento de causa: daí a distinção de médiuns conscientes e de médiuns inconscientes. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram, frequentemente, entre os incrédulos mais obstinados, que fazem assim o Espiritismo sem o saber e sem querer. Os fenômenos espontâneos têm, por isso mesmo, uma importância capital, porque não se pode suspeitar da boa-fé daqueles que os obtêm. Ocorre aqui como no sonambulismo que, entre certos indivíduos, é natural e involuntário, e entre outros, provocados pela ação magnética.  
  
Mas que esses fenômenos sejam ou não o resultado de um ato da vontade, a causa primeira é exatamente a mesma e em nada se afasta das leis naturais. Os médiuns, portanto, não produzem absolutamente nada de sobrenatural; por consequência, eles não fazem nenhum milagre; mesmo as curas instantâneas não são mais miraculosas do que os outros efeitos, porque são devidas à ação de um agente fluídico fazendo o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais por terem sido desconhecidas até este dia. O epíteto de taumaturgos, dado a certos médiuns pela crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, portanto, é inteiramente impróprio. A qualificação de milagre, dada, por comparação, a certas espécies de fenômenos, não pode senão induzir em erro sobre o seu verdadeiro caráter.  
  
13.-A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não tornam estes mais miraculosos que todos os outros fenômenos que são devidos a agentes invisíveis, porque estes seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja açào é incessante sobre o mundo material, quanto sobre o mundo moral.  
  
O Espiritismo, em nos esclarecendo sobre esta força, nos dá a chave de uma multidão de coisas inexplicadas, e inexplicáveis, por todo outro meio, e que puderam, nos tempos recuados, passar por prodígios; ele revela, do mesmo modo que o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, para melhor dizer, conheciam-se os efeitos, porque se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância desta lei que engendrou a superstição. Conhecida a lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais.   
  
Eis porque os Espíritas não fazem mais milagre em fazendo girar uma mesa, ou os mortos escreverem, do que o médico em fazendo reviver um moribundo, ou o físico em fazendo cair o raio. Aquele que pretendesse, com a ajuda desta ciência, fazer milagres, seria ou um ignorante da coisa, ou um fazedor de tolos.  
  
14.- Uma vez que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas maravilhosas, fora dele há milagres na acepção usual da palavra?  
Dizemos primeiro que, entre os fatos reputados miraculosos que se passaram antes do advento do Espiritismo, e que se passam ainda em nossos dias, a maioria, senão todos, encontram a sua explicação nas leis novas que ele veio revelar; estes fatos entram, pois, embora sob um outro nome, na ordem dos fenômenos espíritas, e, como tais, nada têm de sobrenatural.**

**Bem entendido que não se trata aqui senão dos fatos autênticos, e não daqueles que, sob o nome de milagres, são o produto de uma indigna charlatanice, tendo em vista explorar a credulidade; não mais que certos fatos legendários que puderam ter, em sua origem, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou ao absurdo. É sobre estes fatos que o Espiritismo vem lançar a luz, dando os meios de fazer a parte do erro e da verdade.  
  
DEUS FAZ MILAGRES?   
15. - Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, sem dúvida ele os pode fazer; e os faz? Em outros termos: derroga as leis que estabeleceu? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade e subordiná-los à fraqueza do seu entendimento; entretanto, temos como critério de nosso julgamento, com respeito às coisas divinas, os atributos do próprio Deus. Ao soberano poder aliar-se a soberana sabedoria, de onde é preciso concluir que ele nada faz de inútil.  
  
Por que, pois, faria milagres? Para atestar o seu poder, diz-se; mas o poder de Deus não se manifesta, de maneira bem mais impressionante, pelo conjunto grandioso das obras da criação, pela sabedoria previdente que preside às suas partes mais ínfimas como as maiores, e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequenas e pueris derrogações que todos os prestigitadores sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desarranjasse o relógio que construísse, obra-prima da ciência, a fim de mostrar que desfaz o que fez? Seu saber, ao contrário, não ressalta mais da regularidade e da precisão do movimento?  
  
A questão dos milagres, propriamente ditos, não é, pois, da alçada do Espiritismo; mas, apoiando-se sobre este raciocício: que Deus nada faz de inútil, emite esta opinião que: Os milagres, não sendo necessários à glorificação de Deus, nada, no Universo, se desvia das leis gerais. Deus não faz milagres, porque sendo as suas leis perfeitas, não tem necessidade de derrogá-las. Se há fatos que não compreendemos, é porque nos faltam ainda os conhecimentos necessários.  
  
16. - Admitindo que Deus pudesse, por razões que não podemos apreciar, derrogar acidentalmente as leis que estabeleceu, estas leis não seriam mais imutáveis; mas ao menos é racional pensar que só ele tem esse poder; não se poderia admitir, sem negar-lhe a onipotência, que seja dado ao Espírito do mal desfazer a obra de Deus, em fazendo, de sua parte, prodígios para seduzir mesmo os eleitos, o que implicaria a idéia de um poder igual ao seu; é, todavia, o que se ensina. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais, que são a obra divina, sem a permissão de Deus, ele é mais poderoso do que Deus: Deus, pois, não possui a onipotência; se Deus lhe delega esse poder, como se pretende, para induzir mais facilmente os homens ao mal, Deus não é mais a soberana bondade. Num e no outro caso, é a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.  
  
A Igreja também distingue os bons milagres, que vêm de Deus, dos maus milagres que vêm de Satanás; mas, como diferenciá-los? Que um milagre seja satânico ou divino, isso não seria menos uma derrogação às leis que emanam só de Deus; se um indivíduo é curado, supostamente por milagre, que isso seja pelo fato de Deus ou de Satanás, ele não é menos curado. É necessário ter uma idéia bem pobre da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas possam ser aceitas em nossos dias.  
  
Estando reconhecida a possibilidade de certos fatos, reputados milagrosos, disto é necessário concluir que, qualquer que seja a fonte que se lhes atribua, são efeitos naturais dos quais Espíritos ou encarnados podem usar, como de tudo, como de sua própria inteligência e de seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, segundo a sua bondade ou a sua perversidade. Um ser perverso, aproveitando o seu saber, pode, pois, fazer coisas que passam por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas quando esses efeitos tem, por resultado, um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhes uma origem diabólica.  
  
17.-Mas, diz-se, a religião se apoia sobre fatos que não são nem explicados e nem explicáveis. Inexplicados, talvez; inexplicáveis, é uma outra questão. Sabe-se as descobertas e os conhecimentos gue o futuro nos reserva? Sem falar do milagre da Criação, o maior de todos sem contradita, e que hoje entrou no domínio da lei universal, não se vê já, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, se reproduzirem os êxtases, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos de tempos imemoriais, considerados outrora como maravilhosos, e demonstrados, hoje, pertencerem à ordem das coisas naturais, segundo a lei constitutiva dos seres?**

**Os livros sagrados estão cheios de fatos deste gênero, qualificados de sobrenaturais; mas como são encontrados análogos, e mais maravilhosos ainda, em todas as religiões pagãs da antiguidade, se a verdade de uma religião dependesse do número e da natureza destes fatos, não se saberia muito aquela que devesse prevalecer.  
  
O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES   
18.-Pretender que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que seja a chave da abóbada do edifício cristão, e sustentar uma tese perigosa; fazendo-se repousar as bases do cristianismo sobre a base única do maravilhoso, é dar-lhe um apoio frágil do qual as pedras se destacam a cada dia. Esta tese, de que eminentes teólogos se fizeram defensores, conduz direto a esta conclusão de que, num tempo dado, não haverá mais religião possível, nem mesmo a religião cristã, se o que é considerado sobrenatural for demonstrado natural; porque será em vão amontoar argumentos, não se chegará provado que ele não o é; ora, a prova de que um fato não é uma exceção, nas leis naturais, é quando ele pode ser explicado por estas mesmas leis, e que, podendo se reproduzir por intermédio de um indivíduo qualquer, cessa de ser o privilégio dos santos.**

**Não é o sobrenatural que é necessário às religiões, mas bem o princípio espiritual, que se confunde erradamente com o maravilhoso, e sem o qual não há religião possível. O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto de vista mais elevado; dá-lhe uma base mais sólida do que os milagres, são as leis imutáveis de Deus, que regem o princípio espiritual, como o princípio material; esta base desafia o tempo e a ciência, porque o tempo e a ciência virão sancioná-la.  
  
Deus não é menos digno de nossa admiração, de nosso reconhecimento, de nosso respeito, por não ter derrogado as suas leis, grandes sobretudo por sua imutabilidade. Elas não têm necessidade do sobrenatural para render a Deus o culto que lhe é devido; não é a Natureza bastante imponente, por si mesma, e falta-lhe acrescentar para provar o poder supremo? A religião encontrará tanto menos incrédulos quando for, em todos os pontos, sancionada pela razão. O cristianismo nada tem a perder com essa sanção; ao contrário, não pode, com isso, senão ganhar. Se alguma coisa pôde prejudicá-lo, na opinião de certas pessoas, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.  
  
19. — Tomando-se a palavra milagre em sua acepção etimológica, no sentido de coisa admirável, teremos, sem cessar, milagres aos nossos olhos; nós os aspiramos no ar e os pisamos sob os nossos passos, porque tudo é milagre na Natureza. Quer se dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito, uma idéia do poder de Deus? É necessário mostrar-lhes a sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser as suas necessidades, segundo o meio onde está chamado a viver; é necessário mostrar-lhes a ação de Deus no rebento da erva, na flor que desabrocha, no Sol que a tudo vivifica; é necessário mostrar-lhes a sua bondade na sua solicitude por todas as criaturas, tão ínfimas que sejam, a sua previdência na razão de ser de cada coisa, da qual nenhuma é inútil, do bem que sai sempre do mal aparente e momentâneo.**

**Fazei-os compreender, sobretudo, que o mal real é a obra do homem, e não a de Deus; não procureis amedrontá-los pelo quadro das chamas eternas, nas quais acabam por não acreditar e que lhes fazem duvidar da bondade de Deus; mas encorajai-os pela certeza de poderem se resgatar um dia e reparar o mal que puderam fazer; mostrai-lhes as descobertas da ciência como a revelação das leis divinas, e não como a obra de Satanás; ensinai-os, enfim, a lerem no livro da Natureza, sem cessar aberto diante deles; neste livro inesgotável onde a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas em cada página; então compreenderão que um Ser tão grande, se ocupando de tudo, velando por tudo, prevendo tudo, deve ser soberanamente poderoso.**

**O lavrador ve-lo-á em traçando seus sulcos, e o infortunado o abençoará em suas aflições, porque a si mesmos dirão: Se sou infeliz, foi por minha falta. Então, os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos sobretudo, bem melhor do que se cressem em pedras que suam o sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e vertem lágrimas.**

**03 - Guia do Espiritismo -Angelo de Micheli - pág. 269**

**Conclusão  
Gostaria de acrescentar um conselho: o de ser pacientes e prudentes. Apenas através de um treinamento sistemático e gradual será possível obter resultados que compensem as expectativas. Nesta obra expus algumas dentre as principais manifestações possíveis que possam vir a produzir-se através de indivíduos médiuns ou não. Experiências com o mundo "sobrenatural" ou simplesmente paranormal tornam-se possíveis a todos, desde que nos iitenhamos às regras do jogo. . . fazer demais quer dizer cair no risco de esbarrar em energias ainda hoje ignoradas.**

**Os fenômenos descritos constituem material sobre o qual os autorizados e ilustres estudiosos refletiram e formularam diferentes hipóteses de trabalho. Limitei-me a apresentar as interpretações mais conhecidas ou confiáveis, deixando espaço para teorias das quais apenas se imagina a existência. O mundo dos fenômenos paranormais é vasto e talvez ilimitado. Seguramente envolve mesmo nossa vida atual, para fundir numa imagem temporânea o indivíduo, sua realidade e a sua resistência no absoluto. Quer seja o mundo dos "espíritos" que pretenda comunicar-se conosco, quer seja nossa situação de ser vivo que exige uma alternativa à tempóraneidade da existência, nina alternativa de ordem espiritual e eterna é algo difícil de se estabelecer com certeza.  
  
Enquanto podemos conhecer a medida da superfície do nosso satélite, ainda estamos distantes do conhecimento de nossa pessoa, das nossas capacidades e das nossas possibilidades. Os medos infantis dos primeiros anos de vida reemergem na necessidade do sobrenatural, da resposta a perguntas que não somos! capazes de dar, na necessidade de acreditar ou de não querer, acreditar. Os fantasmas de antigamente, removidos pela pesquisa científica, se reapresentam com uma imagem diversa, mas nem por isso menos importante. O grande problema da sobrevivência à morte continua a se embalar no fundo do nosso EU, sufocado pelo positivismo ou acolhido pelo desejo de querer crer. portanto de querer sobreviver.  
  
A fenomenologia paranormal, de que tratei nestas páginas, permanece um ponto de encontro entre dimensões diversas; mas o mistério permanece. A ciência não dispõe de provas pró ou contra a sobrevivência da alma, mesmo se as hipóteses espirituais não têm o conforto daquelas provas demonstrativas que lhe garantem a autenticidade. Podemos apenas ser testemunha de fatos, de acontecimentos e experiências, e a única possibilidade que temos é classificá-los, na esperança de poder, um dia vasculhar as profundezas dos mecanismos que os determinam. Negar tudo porque não é explicável segundo os parâmetro da nossa ciência e inútil; aceitar tudo indistintamente seria uma tolice.**

**É indispensável continuar essa pesquisa com empenho procurando ajudar aqueles que têm a capacidade de expressar determinadas fenomenologias, e estabelecer um diálogo e um contato entre pesquisadores e indivíduos. Contato este despojado de dúvidas e perplexidades, que seja a expressão de uma colaboracão no interesse da ciência e de todos.  
  
Nada deve nos surpreender ou nos espantar. As conclusões que se deverão atingir, ainda que hoje possam parecer abstinações talvez constituam uma visão diferente, porém mais real do que aquela que nós consideramos verdade. Nada deve ser recusado sem justificativa lógica, e qualquer caminho possível do sdeve ser trilhado, se se pretende chegar a conclusões construtivas.  
  
"... A infinitude daquilo que ignoramos nos pareceria certamente inverossímil se nos fosse revelada bruscamente em sua integridade..." Assim escreveu Robert Tocquet, estudioso desses fenômenos, na conclusão do seu livro Além do humano, Edições Dellavalle. Esta afirmação encerra um profundo significado, que justifica o lento progresso destas ciências, e que objetiva um resultado seguro no tempo.  
  
A meta que poderemos atingir com o estudo destes fenômenos, recentemente desempoeirados do pó dos anos, e talvez com excessiva facilidade levados ao nível das massas, é difícil de prever. Talvez das respostas que possamos ter às grandes interrogações, surjam outras perguntas que exigirão suas respostas. É oportuno perguntar-se se tudo isso é útil ao homem, se o desejo de pesquisar a telepatia ou a precognição não favorece o surgimento de novas dificuldades para a própria humanidade, de novos perigos.**

**Podemos pensar numa guerra que se desenrola no campo psíquico, onde, à destruição biológica, se contrapõe um condicionamento passivo da humanidade. Mas, em antítese a essas nocivas aplicações, poderemos chegar ao conhecimento daqueles valores que definimos como espirituais, à certeza daquela existência que supera a condição física e se transfere para o exterior, e que definimos comumente como " espírito".  
  
Hoje a hipótese "espírita" parece perder seu antigo significado. A visão científica tende a responder em termos "de laboratório", excluindo todo valor "sobrenatural". O espiritismo, como doutrina de lei moral, está enterrado no século passado, mas até quando? Talvez ressurja mesmo das suas cinzas, com um significado mais completo e autêntico do que aquele que poderia nos dar um instrumento de laboratório, apresentando-se como ponto de autêntica fusão do ser temporâneo "homem" com uma relação absoluta "infinita", relação com uma dimensão desconhecida, esperamos que ainda por pouco tempo.  
  
Ao espiritismo de salão ou de fenômenos físicos contrapõe-se, não para desqualificá-lo mas para reavaliá-lo, uma visão nova que nos chega daquela realidade diversa, que convencionalmente chamamos "outra margem". Quando se fizer luz sobre esses fenômenos maravilhosos, estarei entre os primeiros a me alegrar, pronto para reavaliar minhas opiniões; mas, até lá, prefiro sonhar. Talvez o corpo limite realmente nossa consciência, não lhe permitindo expremir-se como aquilo que realmente é e,apenas em ocasiões especiais, nas quais pode-se manifestar com absoluta liberdade, permite a realização de experiências que atualmente definimos como paranormais e que, ao contrário, poderiam constituir, como talvez tenham sido no passado, uma realidade hoje esquecida, por diferentes exigências.**

**Na redescoberta dessa capacidades, no estudo desses fenômenos e num emprego positivo deles, convido todos a colaborar, superando as posições que ainda nos dividem no interesse da ciência, da humanidade e, sobretudo, daquela bandeira pela qual todos lutamos: a VERDADE.  
  
06 - O que é Espiritismo - Allan Kardec - pág. 74**

**O maravilhoso e o sobrenatural  
F. — O Espiritismo tende, evidentemente, a fazer reviver as crenças fundadas no maravilhoso e no sobrenatural; ora, no século positivo em que vivemos, isto me parece difícil, porque é exigir que se acredite nas superstições e nos erros populares, já condenados pela razão.  
A. K. — Uma idéia só é supersticiosa quando falsa; mas cessa de o ser desde que passe a ser uma verdade reconhecida. A questão está em saber se os Espíritos se manifestam, ou não; ora, isso não pode ser tachado de superstição, antes de ficar provado que não existem espíritos. Direis: a minha razão não aceita essas comunicações; porém, os que crêem e que não são nenhuns mentecaptos invocam também as suas razões e, além disso, os fatos; para que lado se deve pender? O grande juiz, nesta questão, é o futuro — como tem sido em todas as questões científicas e industriais classificadas como absurdas e impossíveis em sua origem.  
  
Pretendeis julgar a priori segundo a vossa opinião; nós só o fazemos depois de, por muito tempo, ter visto e observado. Acresce que o Espiritismo esclarecido, como o é hoje, procura, ao contrário, destruir as idéias supersticiosas, mostrando o que há de real ou de falso nas crenças populares, denunciando o que nelas existe de absurdo, fruto da ignorância e dos preconceitos.  
  
Vou mais longe e digo que é precisamente o positivismo do nosso século que faz com que adotemos o Espiritismo, e que este deve, em parte, àquele a rapidez da sua propagação, antes que, como alguns pretendem, a uma recrudescência do amor ao maravilhoso e ao sobrenatural. O sobrenatural desaparece à luz do facho da Ciência, da Filosofia e da Razão, como os deuses do paganismo ante o brilho do Cristianismo. Sobrenatural é tudo o que está fora das leis da Natureza. O positivismo nada admite que escape à ação dessas leis; mas, porventura, ele as conhece a todas?  
  
Em todos os tempos foram reputados sobrenaturais os fenômenos cuja causa não era conhecida; pois bem: o Espiritismo vem revelar uma nova lei, segundo a qual a conversação com o Espírito de um morto é um fato tão natural, como o que se dá por intermédio da eletricidade, entre dois indivíduos separados por uma distância de cem léguas; o mesmo acontece com os outros fenômenos espíritas.  
  
O Espiritismo repudia, nos limites do que lhe pertence, todo efeito maravilhoso, isto é, fora das leis da Natureza; ele não faz milagres nem prodígios, antes explica, em virtude de uma dessas leis, certos efeitos, demonstrando, assim, a sua possibilidade. Ele amplia, igualmente, o domínio da Ciência, e é nisto que ele próprio se torna uma ciência; como, porém, a descoberta dessa nova lei traz consequências morais, o código das consequências faz dele, ao mesmo tempo, uma doutrina filosófica.  
  
Deste último ponto de vista, ele corresponde às aspirações do homem, no que se refere ao seu futuro; e como a sua teoria do futuro repousa sobre bases positivas e racionais, ela agrada ao espírito positivo do nosso século. É o que compreendereis, quando vos derdes ao trabalho de estudá-lo.**

|  |  |
| --- | --- |
| **SÓCRATES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A alma é imortal - pág. 28** | **02 - A caminho da luz - pág. 93** |
| **03 - A educação segundo o Espiritismo - pág. 89** | **04 - Após a tempestade - 27** |
| **05 - Catecismo Espírita - pág. 73 35ª lição** | **06 - Dimensões da verdade - pág. 29** |
| **07 - Doenças da alma - pág. 11** | **08 - Enfoques científicos na D.E. - pág. 142** |
| **09 - Enigmas da psicometria - pág. 80** | **10 - Jesus, o verbo do pai - pág. 6, 22** |
| **11 - Kardec, Jesus e a filosofia Espírita - pág. 30, 67** | **12 - Morte, renascimento, evolução - pág. 136** |
| **13 - O Centro Espírita - pág. 60** | **14 - O desconhecido e os problemas psíquicos - pág. 21, 87** |
| **15 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Intr. iv** | **16 - O Exilado - pág. 13, 197, 220** |
| **17 - O que é a morte - pág. 57** | **18 - O ser e a serenidade - 14, 98** |
| **19 - Oferenda- pág. 24** | **20 - Parapsicologia hoje e amanhã- pág.184, 190** |
| **21 - Redescoberta do Cristianismo - pág. 20** | **22 - Religião - pág. 198** |
| **23 - Revista Espírita 1859, 1860 - pág. 21, 22** | **24 - Vida e Atos dos Apóstolos - 155** |
| **25 - Enciclopédia Barsa - vol. 13 - pág. 22** | **26 - Os grandes pensadores - toda a obra** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SÓCRATES – COMPILAÇÃO**

**02 - A CAMINHO DA LUZ - EMMANUEL - PÁG. 93**

**É por isso que, de todas as grandes figuras daqueles tempos longínquos, somos compelidos a destacar a grandiosa figura de Sócrates, na Atenas antiga. Superior a Anaxágoras, seu mestre, como também imperfeitamente interpretado pelos seus três discípulos mais famosos, o grande filósofo está aureolado pelas mais divinas claridades espirituais, no curso de todos os séculos planetários. Sua existência, em algumas circunstâncias, aproxima-se da exemplificação do próprio Cristo. Sua palavra confunde todos os espíritos mesquinhos da época e faz desabrochar florações novas de sentimento e cultura na alma sedenta da mocidade.**

**Nas praças públicas, ensina à infância e à juventude o formoso ideal da fraternidade e da prática do bem, lançando as sementes generosas da solidariedade dos pósteros. Mas Atenas, como cérebro do mundo de então, apesar do seu vasto progresso, não consegue suportar a lição avançada do grande mensageiro de Jesus. Sócrates é acusado de perverter os jovens atenienses, instilando-lhes o veneno da liberdade nos corações.  
  
Preso e humilhado, seu espírito generoso não se acovarda diante das provas rudes que lhe extravasam do cálice de amarguras. Consciente da missão que trazia, recusa fugir do próprio cárcere, cujas portas se lhe abrem às ocultas pela generosidade de alguns juizes. Os enviados do plano invisível cercam-lhe o coração magnânimo e esclarecido, nas horas mais ásperas e agudas da provação; e quando a esposa, Xantipa, assoma às grades da prisão para comunicar-lhe a nefanda condenação à morte pela cicuta, ei-la exclamando no auge da angústia e desesperação:  
  
— "Sócrates, Sócrates, os juizes te condenaram à morte..."— "Que tem isso? — responde resignadamente o filósofo — eles também estão condenados pela Natureza."— "Mas essa condenação é injusta..." — soluça ainda a desolada esposa. E ele a esclarece com um olhar de paciência e de carinho:— "E quererias que ela fosse justa?" Senhor do seu valoroso e resignado heroísmo, Sócrates abandona a Terra, alçando-se de novo aos páramos constelados, onde o aguardava a bênção de Jesus.  
  
A - OS DISCÍPULOS  
O grande filósofo que ensinara à Grécia as mais belas virtudes, como precursor dos princípios cristãos, deixou vários discípulos, dos quais se destacaram Antístenes, Xenofonte e Platão. Falaremos, apenas, deste último, para esclarecer que nenhum deles soube assimilar perfeitamente a estrutura moral do mestre inesquecível. A História louva os discursos de Platão, mas nem sempre compreendeu que ele misturou a filosofia pura do mestre com a ganga das paixões terrestres, enveredando algumas vezes por complicados caminhos políticos.**

**Não soube, como também muitos dos seus companheiros, conservar-se ao nível de alta superioridade espiritual, chegando mesmo a justificar o direito tirânico dos senhores sobre os escravos, sem uma visão ampla da fraternidade humana e da família universal. Contudo, não deixou de cultivar alguns dos princípios cristãos legados pelo grande mentor, antecipando-se ao apostolado do Evangelho, antes de entregar a sua tarefa doutrinária a Aristóteles, que ia também trabalhar pelo advento do Cristianismo.  
  
B - PROVAÇÃO COLETIVA DA GRÉCIA  
A condenação de Sócrates foi uma dessas causas transcendentes de dolorosas e amargas provações coletivas, para todos os espíritos que participaram dela, na medida justa das responsabilidades pessoais entre si. E é em razão disso que, mais tarde, vemos o povo nobre e culto de Atenas fornecendo escravos valorosos e sábios aos espíritos agressivos e enérgicos de Roma. Eles iam nas galeras suntuosas, humilhados e oprimidos, sem embargo das suas elevadas noções da vida, do amor, da liberdade e da justiça.  
  
- E' verdade que iam instaurar um novo período de progresso espiritual para as coletividades romanas, com os seus luminosos ensinamentos, mas o processo evolutivo poderia ladear outros caminhos, longe do morticínio e da escravidão. Todavia, sobre a fronte de muitos gregos ilustres, pairava o sanguinolento labéu daquela injusta condenação, labéu ignominioso que a Grécia deveria lavar com as lágrimas dolorosas da compunção e do cativeiro.**

**15 - O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO - ALLAN KARDEC - INTRODUÇÃO IV**

**IV. SÓCRATES E PLATÃO, PRECURSORES DA DOUTRINA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO  
  
Da suposição de que Jesus devia conhecer a seita dos Essênios, seria errado concluir que Ele bebeu nessa seita a sua Doutrina, e que, se tivesse vivido em outro meio, professaria outros princípios. As grandes idéias não aparecem nunca de súbito. As que têm a verdade por base contam sempre com precursores, que lhes preparam parcialmente o caminho. Depois, quando o tempo é chegado, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, com eles formando um corpo de doutrina. Dessa maneira, não tendo surgido bruscamente, a doutrina encontra, ao aparecer, espíritos inteiramente preparados para a aceitar. Assim aconteceu com as idéias cristãs, que foram pressentidas muitos séculos antes de Jesus e dos Essênios, e das quais foram Sócrates e Platão os principais precursores.  
  
Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou pelo menos nada deixou escrito. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças tradicionais e colocado a verdadeira virtude acima da hipocrisia e da ilusão dos formalismos, ou seja, por haver combatido os preconceitos religiosos. Assim como Jesus foi acusado pelos Fariseus de corromper o povo com seus ensinos, ele também foi acusado pelos Fariseus do seu tempo — pois que os têm havido em todas as épocas — de corromper a juventude, ao proclamar: A - o dogma da unicidade de Deus, B - da imortalidade da alma e C - da existência da vida futura. Da mesma maneira porque hoje não conhecemos a Doutrina de Jesus senão pelos escritos dos seus discípulos, também não conhecemos a de Sócrates, senão pelos escritos do seu discípulo Platão. Consideramos útil resumir aqui os seus pontos principais, para demonstrar sua concordância com os princípios do Cristianismo.  
  
Aos que encararem este paralelo como uma profanação, pretendendo não ser possível haver semelhanças entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, responderemos que a doutrina de Sócrates não era pagã, pois tinha por finalidade combater o paganismo, e que a doutrina de Jesus, mais completa e mais depurada que a de Sócrates, nada tem que perder na comparação. A grandeza da missão divina do Cristo não poderá ser diminuída. Além disso, trata-se de fatos históricos, que não podem ser escondidos. O homem atingiu um ponto em que a luz sai por si mesma de debaixo do alqueire e o encontra maduro para a enfrentar.**

**Tanto pior para os que temem abrir os olhos. E chegado o tempo de encarar as coisas do alto e com amplitude, e não mais do ponto de vista mesquinho e estreito dos interesses de seitas e de castas. Estas citações provarão, além disso, que, se Sócrates e Platão pressentiram as idéias cristãs, encontram-se igualmente na sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.  
  
RESUMO DA DOUTRINA DE SÓCRATES E PLATÃO  
  
I — O homem é uma alma encarnada. Antes de sua encarnação, ela existia junto aos modelos primordiais, às idéias do verdadeiro, do bem e do belo. 'Separou-se deles ao encarnar-se, e, lembrando seu passado, sente-se mais ou menos atormentada pelo desejo de a eles voltar. Não se pode enunciar mais claramente a distinção e a independência dos dois princípios, o inteligente e o material. Além disso, temos aí a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela conserva, da existência de outro mundo, ao qual aspira; de sua sobrevivência à morte do corpo; de sua saída do mundo espiritual, para encarnar-se; e da sua volta a esse mundo, após a morte. E, enfim, o germe da doutrina dos anjos decaídos.  
  
II — A alma se perturba e confunde, quando se serve do corpo para considerar algum objeto; sente vertigens, como se estivesse ébria, porque se liga a coisas que são, por sua natureza, sujeitas a transformações. Em vez disso, quando contempla sua própria essência, ela se volta para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo da mesma natureza, permanece nessa contemplação tanto tempo quanto possível. Cessam, então, as suas perturbações, e esse estado da alma é o que chamamos de sabedoria. Assim, o homem que considera as coisas de baixo, terra-a-terra, do ponto de vista material, vive iludido. Para apreciá-las com justeza, é necessário vê-las do alto, ou seja, do ponto de vista espiritual. O verdadeiro sábio deve, portanto, de algum modo, isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do espírito. E isso o que ensina o Espiritismo.   
  
III — Enquanto tivermos o nosso corpo, e a nossa alma encontrar-se mergulhada nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos: a verdade. De fato, o corpo nos oferece mil obstáculos, pela necessidade que temos de cuidar dele; além disso, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, é impossível sermos sábios por um instante. Mas, se nada se pode conhecer puramente, enquanto a alma está unida ao corpo, uma destas coisas se impõe: ou que jamais se conheça a verdade, ou que se conheça após a morte. Livres da loucura do corpo, então conversaremos, é de esperar, com homens igualmente livres, e conheceremos por nós mesmos a essência das coisas. Eis porque os verdadeiros filósofos se preparam para morrer, e a morte não lhes parece de maneira alguma temível. Temos aí o princípio das faculdades da alma, obscurecidas pela mediação dos órgãos corporais, e da expansão dessas faculdades depois da morte. Mas trata-se, aqui, das almas evoluídas, já depuradas; não acontece o mesmo com as almas impuras.  
  
IV — A alma impura, nesse estado, encontra-se pesada, e é novamente arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Ela erra, então, segundo se diz, ao redor dos monumentos e dos túmulos, junto dos quais foram vistos às vezes fantasmas tenebrosos, como devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo, sem estarem inteiramente puras, e que conservam alguma coisa da forma material, o que permite aos nossos olhos percebê-las. Essas não são as almas dos bons, mas as dos maus, que são forçadas a errar nesses lugares, onde carregam as penas de sua vida passada, e onde continuam a errar, até que os apetites inerentes à sua forma material as devolvam a um corpo. Então, elas retomam, sem dúvida, os mesmos costumes que, durante a vida anterior, eram de sua predileção.  
  
Não somente o princípio da reencarnação está aqui claramente expresso, mas também o estado das almas que ainda estão sob o domínio da matéria é descrito tal como o Espiritismo o demonstra, nas evocações. E há mais, pois, afirma-se que a reencarnação é uma consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas estão livres dela. O Espiritismo não diz outra coisa, apenas acrescenta que a alma que tomou boas resoluções na erraticidade, e que tem conhecimentos adquiridos, trará menos defeitos ao renascer, mais virtudes e mais idéias intuitivas do que na existência precedente, e que, assim, cada existência marca para ela um progresso intelectual e moral.   
  
V — Após a nossa morte, o gênio (daimon, démorí) que nos havia sido designado durante a vida, nos leva a um lugar onde se reúnem todos os que devem ser conduzidos ao Hades, para o julgamento. As almas, depois de permanecerem no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida, por numerosos e longos períodos. Esta é a doutrina dos Anjos Guardiães ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, após intervalos mais ou menos longos de erraticidade.  
  
VI — Os demônios preenchem o espaço que separa o céu da terra; são o laço que liga o Grande Todo consigo mesmo. A divindade não entra jamais em comunicação direta com os homens, mas é por meio dos demônios que os deuses se relacionam e conversam com eles, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono. A palavra daimon, da qual se originou demônio, não era tomada no mau sentido pela antiguidade, como entre os modernos. Não se aplicava essa palavra exclusivamente aos seres malfazejos, mas aos Espíritos em geral, entre os quais se distinguiam os Espíritos superiores, chamados deuses, e os Espíritos menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens. O Espiritismo ensina também que os Espíritos povoam o espaço; que Deus não se comunica com os homens senão por intermédio dos Espíritos puros, encarregados de nos transmitir a sua vontade; que os Espíritos se comunicam conosco durante o estado de vigília e durante o sono. Substituí a palavra demônio pela palavra Espírito, e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra anjo, e tereis a doutrina cristã.  
  
VII — A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendem Sócrates e Platão) é a de ter o maior cuidado com a alma, menos em vista desta vida, que é apenas um instante, do que em vista da eternidade. Se a alma é imortal, não é sábio viver com vistas à eternidade? O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.  
  
VIII — Se a alma é imaterial, ela deve passar, após esta vida, para um mundo igualmente invisível e imaterial, da mesma maneira que o corpo, ao se decompor, retorna à matéria. Importa somente distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se nutre, como Deus, da ciência e de pensamentos, da alma mais ou menos manchada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se ao divino, retendo-a nos lugares de sua passagem pela terra.  
  
Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Eles insistem sobre as diferenças de situação que resultam para ela, de sua maior ou menor pureza. Isso que eles diziam por intuição, o Espiritismo o prova, pelos numerosos exemplos que nos põe diante dos olhos.   
  
IX — Se a morte fosse a dissolução total do homem, isso seria de grande vantagem para os maus, que, após a morte estariam livres, ao mesmo tempo, de seus corpos, de suas almas e de seus vícios. Aquele que adornou sua alma, não com enfeites estranhos, mas com os que lhe são próprios, somente poderá esperar com tranquilidade a hora de sua partida para o outro mundo.  
Em outros termos, quer dizer que o materialismo, que proclama-o nada após a morte, seria a negação de toda responsabilidade moral ulterior, e por conseguinte um estímulo ao mal; que o malvado tem tudo a ganhar com o nada; que o homem que se livrou dos seus vícios e se enriqueceu de virtudes é o único que pode esperar tranquilamente o despertar na outra vida. O Espiritismo nos mostra, pelos exemplos que diariamente nos põe ante os olhos, quanto é penosa para o malvado a passagem de uma para a outra vida, a entrada na vida futura.   
  
X — O corpo conserva os vestígios bem marcados dos cuidados que se teve com ele ou dos acidentes que sofreu. Acontece o mesmo com a alma. Quando ela se despoja do corpo, conserva os traços evidentes de seu caráter, de seus sentimentos, e as marcas que cada um dos seus atos lhe deixou. Assim, a maior desgraça que pode acontecer a um homem, é a de ir para o outro mundo com uma alma carregada de culpas. Tu vês, Calicles, que nem tu, nem Pólus, nem Górgias, poderíeis provar que se deve seguir outra vida que nos seja mais útil, quando formos para lá. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que mais vale sofrer que cometer uma injustiça, e que antes de tudo devemos aplicar-nos, não a parecer, mas a ser um homem de bem. (Conversações de Sócrates com os discípulos na prisão.)  
Aqui se encontra outro ponto capital, hoje confirmado pela experiência, segundo o qual a alma não purificada conserva as idéias, as tendências, o caráter e as paixões que tinha na terra. Esta máxima: Mais vale sofrer do que cometer uma injustiça, não é inteiramente cristã? Ê o mesmo pensamento que Jesus exprime por esta figura: "Se alguém te bater numa face, oferece-lhe a outra." (Cap. XII, Mateus, V: 38-42 e n°s 7 e 8.)  
  
XI — De duas, uma: ou a morte é a destruição absoluta, ou é a passagem da alma para outro lugar. Se tudo deve extinguir-se, a morte é como uma dessas raras noites que passamos sem sonhar e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Mas se a morte é apenas uma mudança, a passagem para um lugar em que os mortos devem reunir-se, que felicidade a de ali reencontrar os nossos conhecidos! Meu maior prazer seria o de examinar de perto os habitantes dessa morada, e dentre eles distinguir, como aqui, os que são sábios dos que crêem sê-lo e não o São. Mas já é tempo de partirmos, eu para morrer e vós para viver. (Sócrates a seus julgadores.)  
Segundo Sócrates, os homens que viveram na terra encontram-se depois da morte e se reconhecem. O Espiritismo no-los mostra continuando suas relações, de tal maneira que a morte não é uma interrupção, nem uma cessação da vida, sem solução de continuidade, mas uma transformação.  
  
Sócrates e Platão, se tivessem conhecido os ensinamentos que o Cristo daria quinhentos anos mais tarde, e os que o Espiritismo hoje nos dá, não teriam falado de outra maneira. Nisso, nada há que nos deva surpreender, se considerarmos que as grandes verdades são eternas, e que os Espíritos adiantados devem tê-las conhecido antes de vir para a terra, para onde as trouxeram. Se considerarmos ainda que Sócrates, Platão, e os grandes filósofos do seu tempo, podiam estar, mais tarde, entre aqueles que secundaram o Cristo na sua divina missão, sendo escolhidos precisamente porque estavam mais aptos do que outros a compreenderem os seus sublimes ensinos. E que eles podem, por fim, participar hoje da grande plêiade de Espíritos encarregados de vir ensinar aos homens as mesmas verdades.  
  
XII — Não se deve nunca retribuir a injustiça com a injustiça, nem fazer mal a ninguém, qualquer que seja o mal que nos tenham feito. Poucas pessoas, entretanto, admitem esse princípio, e as que não concordam com ele só podem desprezar-se umas às outras. Não é este o princípio da caridade, que nos ensina a não retribuir o mal com o mal e a perdoar aos inimigos?  
  
XIII — É pelos frutos que se conhece a árvore. É necessário qualificar cada ação, segundo o que ela produz: chamá-la má, quando a sua consequência é má, e boa, quando produz o bem.  
Esta máxima: "E pelos frutos que se conhece a árvore", encontra-se textualmente repetida, muitas vezes, no Evangelho.  
  
XIV — Á riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza, não ama nem a ele nem ao que possui, mas a uma coisa que é ainda mais estranha do que aquilo que ele possui.   
  
XV — As mais belas preces e os mais belos sacrifícios agradam menos à Divindade, do que uma alma virtuosa que se esforça por assemelhar-se a ela. Seria grave que os deuses se interessassem mais pelas nossas oferendas do que pelas nossas almas. Dessa maneira, os maiores culpados poderiam conquistar os seus favores. Mas não, pois só são verdadeiramente sábios e justos os que, por  
suas palavras e seus atos, resgatam o que devem aos deuses e aos homens.   
  
XVI — Chamo de homem vicioso ao amante vulgar, que ama mais ao corpo que à alma. O amor está por toda a natureza, e incita-nos a exercer a nossa inteligência: encontramo-lo até mesmo no movimento dos astros. É o amor que adorna a natureza com suas ricas alfombras; ele se enfeita e fixa a sua morada onde encontra flores e perfumes. É ainda o amor que traz a paz aos homens, a calmaria ao mar, o silencio aos ventos e o sossego à dor.  
O amor, que deve unir os homens por um sentimento de fraternidade, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como lei da natureza. Sócrates, tendo dito que "o amor não é um deus nem um mortal, mas um grande demônio", ou seja, um grande Espírito que preside ao amor universal, esta afirmação lhe foi, sobretudo, imputada como crime.  
  
XVII — A virtude não pode ser ensinada; ela vem por um dom de Deus aos que a possuem. É quase a Doutrina cristã sobre a graça. Mas se a virtude é um dom de Deus, é um favor, pode perguntar-se por que ela não é concedida a todos. De outro lado, se ela é um dom, não há mérito da parte daquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito. Ele ensina que aquele que a possui, a adquiriu pelos seus esforços nas vidas sucessivas, ao se livrar pouco a pouco das suas imperfeições. A graça é a força que Deus concede a todo homem de boa vontade, para se livrar do mal e fazer o bem.  
  
XVIII — Há uma disposição natural, em cada um de nós, para nos apercebermos bem menos dos nossos defeitos, do que dos defeitos alheios.  
O Evangelho diz: "Vês a aresta no olho do teu irmão, e não vês a trave no teu?" (Cap. X, Mateus, VII: 3-5 n<?s 9 e 10.)  
  
XIX — Se os médicos fracassam na maior parte das doenças, é porque tratam do corpo sem a alma, e porque, se o todo não se encontra em bom estado, é impossível que a parte esteja bem. O Espiritismo oferece a chave das relações entre a alma e o corpo, e prova que existe incessante reação de um sobre o outro. Ele abre, assim, novo caminho à ciência: mostrando-lhe a verdadeira causa de certas afecções, dá-lhe os meios de combatê-las. Quando ela levar em conta a ação do elemento espiritual na economia orgânica, fracassará menos.  
  
XX — Todos os homens, desde a infância, fazem mais mal do que bem.  
Estas palavras de Sócrates tocam a grave questão da predominância do mal sobre a terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e do destino da terra, onde se encontra apenas uma pequena fração da Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá solução, que é desenvolvida logo adiante, nos capítulos II, III e V.**

**XXI — A sabedoria está em não pensares que sabes aquilo que não sabes.  
Isto vai endereçado àqueles que criticam as coisas de que, frequentemente, nada sabem. Platão completa este pensamento de Sócrates, ao dizer: "Tentemos primeiro torná-los, se possível, mais honestos nas palavras; se não o conseguirmos, não nos ocupemos mais deles e não busquemos mais do que a verdade. Tratemos de nos instruir, mas não nos aborreçamos." É assim que devem agir os espíritas, com relação aos seus contraditores de boa ou de má fé. Se Platão revivesse hoje, encontraria as coisas mais ou menos como no seu tempo, e poderia usar a mesma linguagem. Sócrates também encontraria quem zombasse de sua crença nos Espíritos e o tratasse de louco, assim como ao seu discípulo Platão.  
Por haver professado esses princípios, Sócrates foi primeiro ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tanto é certo que as grandes verdades novas, levantando contra elas os interesses e os preconceitos que ferem, não podem ser estabelecidas sem lutas e sem mártires.**  
 **25 - ENCICLOPÉDIA BARSA - VOL. 13 - PAG. 22**

**SOCRATES (470-399 A.C.): Filósofo grego, nascido e morto em Atenas. Era filho de Sofronisco, amigo de Aristides, e Fenarete, uma parteira. A tradição que afirma ter sido Sócrates, escultor apareceu no séc. III, provavelmente devido a uma falsa interpretação de Platão. O escritor ateniense lon de Quios menciona-o como discípulo de Arquelau, sucessor de Anaxágoras. Xenofonte, em seu livro Memorabilia ("Fatos Memoráveis", IV, 7), concorda com Platão quanto ao conhecimento do filósofo sobre Geometria e Astronomia. Isso também se infere da peça burlesca de Aristófanes, Nuvens, cujo tema principal é Sócrates. Tais fatos são suficientes para provar sua extraordinária popularidade.  
  
Casou-se, já tardiamente, com Xantipa, mulher de gênio irascível, de quem teve três filhos. Possuía resistência física fora do comum. Quase nunca se afastou de Atenas, fazendo-o apenas quando soldado do exército ateniense. Os autores antigos são unânimes em reconhecer seu caráter reto e incorruptível. Era, diz Xenofonte, o mais equilibrado e modesto dos homens. Sagaz e agudo, atribuía essas virtudes a um daimon ("oráculo interior ou demônio"), que o levava a desprezar todos os outros oráculos da Grécia. Quando, certa vez, tomou parte da Assembleia dos 500, opôs-se com tenacidade a toda e qualquer forma de injustiça.**

**Conta-se que o oráculo de Delfos, com excepcional bom-senso, declarou-o o mais sábio dos gregos, ao que Sócrates, com sua proverbial reserva, respondeu: "Só sei que nada sei." Para ele não existia Filosofia, enquanto o espírito não se voltasse reflexivamente sobre si mesmo: Gnóthi se aiitón ("Conhece-te a ti mesmo"). Antes dele, as reflexões dos primeiros filósofos, como Tales, Heráclito, Parmênides, Pitágoras, Demócrito e outros, se voltaram sobre os problemas do ser, do movimento e da substância primordial do mundo, a physis, procurando dar-lhes uma explicação racional.**

**Isso é muito bom, dizia Sócrates, mas há matéria infinitamente mais digna da meditação filosófica — o homem, a quem sempre procurava entender, como, de resto, a tudo que fosse humano. Se alguém se referia à justiça, indagava irônico: Tó ti? "Que é isso?" É verdade que, muitas vezes, suas respostas não foram satisfatórias, mas seu método e suas intenções constituíram o início da reação helênica contra o iluminismo relativista dos sofistas, que haviam levado à falência o pensamento filosófico.  
  
Naquela época dois problemas interessavam particularmente aos jovens atenienses: o moral e o político. Os sofistas, destruindo a primitiva fé nos deuses do Olimpo, solaparam as bases da moralidade, que se apoiava, sobretudo, no respeito que os gregos tinham por suas inúmeras divindades. Um individualismo desintegrador enfraquecia, então, a democracia ateniense, o que tornou a cidade fácil presa dos espartanos, severa e autocraticamente educados. Como achar um fundamento para a moral individual e qual a melhor forma de governo ? — perguntavam a Sócrates.**

**Uma resposta insólita a essas duas perguntas determinou sua condenação à morte. Os conservadores o honrariam, se tentasse restaurar a velha fé politeísta, levando a juventude emancipada que o seguia aos templos e bosques sagrados. Se fosse possível, indagava Sócrates, edificar um sistema moral absolutamente alheio às doutrinas religiosas, servindo assim tanto aos ateus como aos crentes, poderiam os deuses nascer e morrer sem prejuízo da conduta humana ? Para tanto, julgou apenas necessário alicerçar a conduta moral na plena consciência responsável. Se se pudesse ensinar aos homens a ver clara e inteligentemente os resultados e a natureza última de seus atos, talvez isso bastasse para fazê-los trilhar o reto caminho.**

**Esse método indutivo, que permitia a Sócrates praticar na mente de seus discípulos um verdadeiro parto de idéias, recebeu o nome de maiêutica. Quanto ao problema político, ele considerava uma baixa superstição acreditar-se que a melhor sabedoria dependesse da maior quantidade de pessoas. Em virtude dessas ideias, o filósofo propôs a aristocracia como a melhor forma de governo. Sua carreira, porém, foi bruscamente interrompida pela sentença que o condenou à morte. Atenas já não mais suportava a moral e a ironia socráticas, como também não podia tolerar sua crescente influência sobre a juventude grega.**

**Nunca escondera o filósofo sua simpatia pelo monoteísmo; politicamente, entretanto, jamais defendera idéias ortodoxas. Anytus, seu principal acusador, assessorado por Meletus, acusou-o de ridicularizar os deuses do Estado e de corromper a juventude. Sócrates defendeu-se apenas por obrigação. Usou, como sempre, de um tom irônico e desdenhoso ao enfrentar seus juizes, indispondo-os. Contados os votos, havia 280 contra ele e 220 a favor. Em obediência à lei ateniense, foi consultado sobre que pena mereceria e proporia para si.**

**No mesmo tom, respondeu que, tendo durante toda a vida prestado serviço a seus concidadãos, achava que a única medida a ser tomada contra ele seria a de sustentá-lo, por conta do Estado, no Pritaneu. Ao ser instado posteriormente pelos amigos, concordou em propor uma multa de 30 minas. Conhecida a sentença, foi, como já previra, condenado à morte. Não se mostrou comovido, embora falasse longamente aos juizes, para dizer-lhes do bem que encerrava a morte.**

**A sentença só foi executada bastante tempo depois. Durante esse tempo, Sócrates recusou vários planos de fuga, preparados por Críton e outros amigos. Não lhe parecia correto infringir a lei. Enquanto preso, o tema predileto das discussões do filósofo era o da imortalidade da alma. Suas últimas palavras foram para recomendar a Críton que sacrificasse um galo a Esculápio. Queria oferecer ao deus, a quem se atribuía a cura da fadiga e dos males da vida, a oferenda costumeira.**

**26 - OS GRANDES PENSADORES - VIDA E OBRA - toda a obra**

**A "questão socrática"  
Outros depoimentos antigos importantes sobre Sócrates são o de Aristóteles (384-322 a.C.) — discípulo de Platão — e os provenientes de biógrafos da fase helenística, como Diógenes Laércio (século III d.C). Todavia, a interpretação aristotélica de Sócrates — que o apresenta como iniciador do trabalho de definição de conceitos (relativos ao campo moral) — é vista com reservas pelos historiadores, pois Aristóteles sempre "aristoteliza" o pensamento de seus antecessores, tornando-os momentos preparatórios de suas próprias concepções filosóficas. Por outro lado, as biografias que sobre os pensadores mais antigos da Grécia foram produzidas no período helenístico não apresentam grande exigência crítica. Numa fase marcada pela sombra da perda de liberdade política, o importante para os gregos era descrever a vida daqueles que haviam vivido nos momentos da perdida grandeza política, sem se importar tanto com o rigor das informações e misturando dados históricos com relatos fantasiosos.  
  
As fontes mais seguras para a reconstituição da vida e do pensamento de Sócrates continuam sendo, assim, os depoimentos de seus contemporâneos. Do confronto entre os testemunhos deixados por Platão, Xenofonte e Aristófanes é que sobretudo os historiadores têm procurado recompor a verdadeira fisionomia do Sócrates-homem e do Sócrates-filósofo. Se Aristófanes teria focalizado Sócrates na fase anterior a seu magistério filosófico e se, além disso, misturou-lhe os traços com os de cosmólogos jônicos e os dos sofistas, então de Xenofonte e de Platão é que devem ser recolhidas as principais informações referentes ao Sócrates que marcou tão profundamente não apenas a cultura grega como também toda a herança ocidental. Xenofonte, porém, segundo a maioria dos historiadores, espírito bastante simplório, não teria tido condições para apreender toda a dimensão dos ensinamentos socráticos. Essa seria a razão de, frequentemente, trazer as idéias éticas de Sócrates para o nível de simples lugares-comuns, empobrecendo-as e deturpando-as.  
  
O contrário exatamente é o que se pode dizer de Platão: ninguém mais bem-dotado para acompanhar o mestre em todas as suas sutilezas e em todos os seus vôos, por mais altos que se alçassem. Aqui o perigo é oposto: Platão pode ter atribuído a Sócrates mais do que ele disse ou quis dizer. E, na medida em que o torna personagem-chave de quase os Diálogos que escreveu, não apenas reportou situações e debates vividos por Sócrates, como — considerando-se continuador da linha de pensamento inaugurada pelo mestre — utilizou-o, a partir de certo momento da evolução de sua própria filosofia, como porta-voz de suas doutrinas. A resolução da "questão socrática" transforma-se assim, em grande parte, na questão da delimitação de fronteiras entre o pensamento de Sócrates e o de Platão, dentro dos próprios Diálogos platônicos.  
  
Confrontando-se o socratismo de Platão com o dos chamados "socráticos menores" ( megáricos, cínicos, cirenaicos), pode-se, até certo ponto, tentar uma aproximação do Sócrates histórico. Este, de qualquer forma, desde a Antiguidade, perdeu o caráter estrito de indivíduo concreto, condenado à morte em 399 a.C., para se transformar em ideal humano ou motivo de escândalo — um elemento definitivamente integrante da consciência ética do Ocidente. Na medida mesma em que só se tem de Sócrates reflexo produzidos na consciência e na obra de discípulos ou à que ele teria escolhido a comunicação direta e viva se difícil reconstruir com fidelidade sua vida e seu pensamento. Diante das incertezas inevitáveis, alguns historiadores modernos chegaram a levantar a hipótese da inexistência do Sócrates histórico — pelo menos com as características que foram apontadas pelos relatos dos antigos. Sócrates, chegou-se a afirmar, seria uma criação literária, a serviço do nascionalismo ateniense.**

**Se essa tese não prevalece entre os historiadores, por outro lado é inegável que a recuperação de Sócrates como "fato" histórico defronta-se com a dificuldade da escassez de dados indisputáveis: a objetividade histórica de Sócrates se dilui na teia de depoimentos diversos e às vezes discrepantes. Porém não foi justamente isso o que - segundo A Apologia platônica - ele quis ser: alguém que apontava não para a ciência das coisas e sim para a consciência do próprio homem? A ciência sobre Sócrates - a resolução da "questão socrática", a reconstituição do Sócrates histórico - não poderiaassim ser socraticamente reformulada? A escassez de dados objetivos indiscutíveis a seu respeito não o transforma, fundamentalmente, num apelo à consciência do homem que dele se aproxima - como contemporâneo ou como estudioso, em qualquer época, de seu pensamento. Ele, reiteradamente teria afirmado não possuir ciência alguma, não teria também delcaro ter aceito a missão de ajudar os homens a se voltarem para o conhecimento de si mesmo, para o desbravamento da própria subjetividade tentando a conquista da própria alma? Pois essa consciência e essa subjetividade é que estão desde logo comprometidas com Sócrates, quando se pretende recuperar sua fisionomia autêntica. Tentar decifrá-lo é já decifrar-se um pouco, buscar conhecê-lo é inevitavelmente uma ocasião para reagir ao desafio de seu enigma. Sócrates remete seu decifrador à própria consciência, oferecendo-lhe uma ocasião para se conhecer a si mesmo.**

**O homem e o oráculo  
  
Nascido em Atenas em 470 ou 469 a.C., na época em que findava a guerra entre gregos e os persas (guerras médicas) e quando a vitória da Grécia marcaria o início da fase áurea da democracia ateniense, Sócrates era filho de um escultor, Sofronisco, e de uma parteira, Fenareta. Teria seguido, durante algum tempo, a profissão paterna e é provável que tivesse recebido a educação dos jovens atenienses de seu tempo, aprendendo música, ginástica e gramática. Além disso beneficiou-se da própria atmosfera cultural da época, das mais brilhantes da cultura grega. Era o famoso "século de Péricles", idade de ouro da civilização ateniense. Através de sua frota, Atenas domina os mares e chega a criar uma verdadeira talassocracia. Graças à proteção de Péricles, artistas como os escultores Fídias e Ictino embelezam a cidade com suas obras magistrais, enquanto pensadores de outras regiões do mundo helênico, como Anaxágoras de Clazômena e Protágoras de Abdera, trazem para Atenas os frutos da investigação filosófica e científica que, desde o século VI a.C, vinha se desenvolvendo nas colônias gregas da Ásia Menor e nas cidades da magna Grécia (sul da Itália e Sicília).**

**É o momento também dos grandes autores trágicos: Esquilo morreu quando Sócrates tinha cerca de catorze anos, Sófocles e Eurípedes eram aproximadamente mais velhos dez anos que o filho de Fenareta. Centro do mundo grego, "Hélade da Hélade", Atenas é, no tempo de Sócrates, um ponto de convergência cultural e um laboratório de experiências políticas, onde se firmara, pela primeira vez na história dos povos, a tentativa de um governo democrático, exercido diretamente por todos os que usufruíam dos direitos de cidadania. Nessa democracia, a função pública dos oradores torna-se fundamental e, conseqüentemente, a palavra torna-se não apenas um instrumento de ascensão política, como também um problema a preocupar retóricos e pensadores. Preparar o indivíduo para a vida pública, conferir-lhe capacitação ou virtude (aretê) política, representa, basicamente, adestrá-lo na arte da persuasão através da palavra.  
  
Atendendo a esses requisitos da ação política da Atenas democrática, para aí acorrem os sofistas, professores de eloquência que, bem remunerados, se disputam a ensinar aos jovens atenienses o uso correto e hábil da palavra. Eles próprios, designando-se "sábios" (sofistas), traziam uma mensagem contrária às pretensões dos tradicionais "amigos da sabedoria" (filósofos). Não se preocupavam com tentar desvendar o segredo dos astros ou da origem do universo, como os cosmologistas jônicos, voltando seu interesse para o plano humano, dos valores morais e políticos. Negando a possibilidade de se desvendar a natureza (physis) das coisas, fundamentam todo o conhecimento na convenção (nomos), a partir das impressões sensíveis. Donde resulta que nenhuma afirmativa poderia pretender validade absoluta, só valendo relativamente às experiências e às circunstâncias em que tem origem. "O homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são", afirma Protágoras de Abdera, exprimindo o relativismo da sofística.  
  
Outro grande representante dessa corrente, Górgias de Leontinos (c.487-380 a.C.), justificando o valor da retórica, mostra que as noções propostas pelos filósofos como capazes de resolver os problemas do mundo físico eram turvas e cheias de ambiguidades: seria pelo menos tão difícil falar sobre o ser quanto sobre o não-ser. Lidando apenas com suas sensações, o homem não teria acesso às coisas e jamais teria a garantia de estar transmitindo a outrem, com fidelidade, aquilo que ele percebe. Resta-lhe um plano em comum com os demais: o das palavras, convenções que resumem múltiplas sensações. A linguagem é o que compete ao homem investigar, desenvolver, aprimorar, para atender a seus interesses e necessidades. Desvinculadas da physis, não mais expressão da "alma das coisas", as palavras se dessacralizam. Mas, com isso, os valores humanos que elas exprimem perdem o peso do absoluto e da universalidade: tornam-se convencionais, circunstanciais, relativos.  
  
A moral tradicional e as normas de conduta política pareciam estar ameaçadas pela vaga de racionalização trazida pelos sofistas. Mas, na verdade, não é com eles que tem início a humanização relativizadora dos valores. Eles apenas exprimem o clima cultural do Atenas daquele tempo: a relativização dos valores e a laicização das questões morais aparecem na própria evolução da tragédia grega, de Esquilo a Eurípides, passando por Sófocles. O "homem medida de todas as coisas" era mais do que a expressão do relativismo de Protágoras de Abdera: manifestava uma situação geral do momento histórico vivido pela Grécia, e particularmente por Atenas, como resultado da progressiva valorização da "medida humana", iniciada alguns séculos antes. O próprio regime democrático — fruto daquela valorização — permitia ao cidadão ateniense a experiência diária de que é o homem que faz ou altera as leis, como resultado do confronto e do acordo entre interesses e pontos de vista diferentes.  
  
Embora confundido — como por Aristófanes — com os sofistas, Sócrates desenvolverá, junto aos atenienses, uma atividade sob vários aspectos oposta à dos mestres de eloquência e da arte de persuasão. Essa atividade ele mesmo considera, como relata Platão na Apologia, a sagrada missão que lhe fora confiada pelo deus de Delfos. Até esse momento, ele havia acompanhado, como pretendem alguns biógrafos, os ensinamentos de sofistas como Hípias (século V a.C.) e Pródicos (c.465-399 a.C.). Havia também se encantado provisoriamente — como narra o Fédon de Platão— com a doutrina de Anaxágoras, que afirmava que todas as coisas do universo se tinham organizado devido à ação inicial da Inteligência ou do Espírito (Naus). Teria ainda recebido a influência de duas mulheres, a cortesã Aspásia de Mileto e a sacerdotisa Diotima de Mantínéia (a quem Sócrates, no Banquete de Platão, atribui a concepção de amor que apresenta).  
  
Em 432 a.C. explode o conflito entre Atenas e a outra cidade que com ela disputava a hegemonia do mundo grego: Esparta. Sócrates toma parte na guerra do Peloponeso e destaca-se pela bravura e pelas demonstrações de resistência física. Durante o cerco de Potidéia, salva a vida de Alcibíades (c.450-404 a.C.), que se tornará político e militar famoso e discutido, além de dedicar a Sócrates — como Platão o faz declarar no Banquete— um exaltado afeto. No mesmo diálogo, Alcibíades revela outro traço da personalidade de Sócrates que o tornava invulgar: certa vez, em Potidéia, ele teria permanecido, durante 24 horas, imóvel e absorto em seus pensamentos, diante da estupefação dos soldados.  
  
Mais tarde (424 a.C.), Sócrates teria participado novamente de campanha militar, desta vez em Délio, quando os atenienses foram derrotados pelos tebanos. Teve então a oportunidade de salvar a vida de Xenofonte. Mas também em tempos de paz sua coragem foi demonstrada. Em 406 a.C., enfrentou a ira da multidão que exigia a condenação sumária dos generais tidos como responsáveis pelo desastre de Arginusas — quando a tempestade impediu que fossem recolhidos no mar, como estabelecia a lei, os corpos dos que pereceram no combate. Apesar das ameaças, Sócrates, sorteado para dirigir a assembléia escolhida para julgar os generais, fez prevalecer a lei, impondo que houvesse tantos julgamentos quantos eram os acusados. Noutra ocasião, quando o regime democrático foi provisoriamente interrompido pelo governo dos Trinta Tiranos, Sócrates arrostou a fúria desses oligarcas, ao recusar-se a participar da tentativa de sequestro dos bens de Leon de Salamina, o que considerava injusto. Diante de qualquer forma de governo e de qualquer autoridade constituída, Sócrates prestava primeiro obediência aos ditames de sua própria consciência.  
  
Mas o fato que teria marcado, de forma decisiva, o resto de sua existência foi, segundo ele mesmo afirma na Apologia, a declaração, pelo oráculo de Delfos a seu amigo Querefonte, de que ele era o mais sábio dos homens. Logo ele, sem nenhuma especialização, ele que estava ciente de sua ignorância? Logo ele, numa cidade repleta de artistas, oradores, políticos, artesãos? Sócrates parece ter meditado bastante tempo, buscando o significado das palavras da pitonisa. Afinal conclui que sua sabedoria só poderia ser aquela de saber que nada sabia, essa consciência da ignorância sobre coisas que era sinal e começo da autoconsciência. E viu nas palavras oraculares a indicação de uma missão a cumprir. "Desde então", conta em seu julgamento, "de acordo com a vontade do deus, não deixei de examinar os meus concidadãos e os estrangeiros que considero sábios e, se me parecerem que não o são, vou em auxílio do deus revelando-lhes sua ignorância."  
  
O renascer na própria alma  
  
A atividade filosófica de Sócrates tinha em sua origem — a crer no depoimento da Apologia platônica — uma dimensão religiosa. Se, em nome da indicação contida na afirmativa do oráculo, Sócrates desenvolveu uma insistente investigação sobre o significado de palavras, certamente não visava, como interpretará Aristóteles, à definição de conceitos. Tanto que os Diálogos de Platão, considerados transcrições aproximadas de conversações efetivamente entabuladas por Sócrates (os primeiros Diálogos, justamente designados "socráticos"), terminam sempre sem que se chegue a uma conclusão a respeito do tema debatido. É que, para Sócrates, a meta seria não o assunto em discussão, mas a própria alma do interlocutor, que, por meio do debate, seria levada a tomar consciência de sua real situação, depois que se reconhecesse povoada de conceitos mal formulados e obscuros.  
  
A implacável racionalização contida na dialogação socrática — com a qual, segundo o filósofo alemão Nietzsche (1844-1900), Sócrates teria amortecido a primitiva força criadora do gênio grego — significava, ao que parece, fidelidade e submissão ao oráculo. Em Sócrates a razão seria tão mais forte e exigente quanto não teria apenas em si mesmo o motivo de sua autoconfiança. A sabedoria oracular — que já havia marcado o pensamento e a linguagem de Heráclito de Éfeso (540-480 a.C.) — parece constituir para Sócrates o absoluto em que se apoia a razão. Ao tentar decifrá-lo, a razão não se contrai, antes se expande, e, porque o absoluto é sua meta e seu ponto de referência, ela pode e deve traçar um itinerário que não conhece limites.  
  
No cumprimento da missão de que se sente encarregado, Sócrates dialoga. Geralmente o interlocutor, tido como autoridade em algum ramo de conhecimento ou de atividade, decepciona-o. Apenas nos artífices encontra alguma consciência daquilo que fazem. Mas esses revelam um conhecimento restrito a suas especializações e embaraçam-se quando levados a opinar sobre outros assuntos, embora de geral interesse para os homens. Isso parece confirmar a Sócrates o sentido da superioridade que lhe fora atribuída pelo oráculo: o reencontro consigo mesmo só pode partir da consciência da própria ignorância. Mas essa ignorância, que é um atributo de Sócrates, não é geralmente assumida pelas outras pessoas, que se julgam na posse de "verdades". Torna-se necessário, portanto, levá-las, de saída, a despojar-se dessas pseudoverdades — única forma de torná-las aptas a caminharem em direção ao conhecimento de si mesmas.**

**A demolição das falsas idéias que fundamentam a falsa imagem que as pessoas têm delas próprias é o que pretende a ironia: momento do diálogo em que Sócrates, reafirmando nada saber, força o interlocutor a expor suas opiniões, para, com habilidade, emaranhá-lo na teia obscura de suas próprias afirmativas e acabar reconhecendo a ignorância a respeito do que antes julgava ter certeza. A ironia socrática tem, assim, a função de propiciar uma catarse: um purificação da alma por via da expulsão das idéias turvas, das ilusões e dos equívocos que distanciavam a alma de si mesma. Orientado por seu "demônio" (daimorí), espécie de voz interior que às vezes lhe freava as iniciativas e impedia-o de dialogar com determinadas pessoas, Sócrates escolhia aqueles com os quais a conversa poderia assumir caráter de reconstrução, após o exorcismo propiciado pela ironia. Nessa outra fase do método socrático, o interlocutor — transformado em discípulo — é levado, progressivamente, pela habilidade das questões propostas, a tentar elaborar ele mesmo suas próprias idéias.**

**Não mais a repetição automática de fórmulas consagradas ou chavões herdados, embora ocos de sentido. Agora, de início timidamente, o interlocutor-discípulo é conduzido ao risco de tentar ser ele mesmo, de ele mesmo conceber ideias. E de ser ele mesmo sua própria alma. Sócrates — dando um exemplo que a pedagogia moderna frequentemente tenta reviver — reserva-se nessa fase, chamada maiêutica ou parturição das idéias, um papel semelhante ao de sua mãe, Fenareta. Ela ajudava as mulheres a darem à luz seus filhos; Sócrates, que se dizia ele mesmo estéril — pois só sabia que nada sabia —, procurava auxiliar as pessoas noutra forma de concepção, a das ideias próprias: forma de se ir ao encontro de si mesmo — como prescrevia a inscrição do templo de Delfos — e de fazer de si mesmo seu próprio ponto de partida. Em algumas afirmativas que lhe são atribuídas, Sócrates compara-se aos médicos: como estes, ele submetia, quando necessário, o interlocutor-paciente à purgação da ironia, condição preliminar para a recuperação da saúde da alma, que seria o conhecimento de si mesma. E, na verdade, o sentido da filosofia — que ele identificava com sua sagrada missão — era o de conduzir o indivíduo a pensar como quem se cura: pensando palavras como quem pensa feridas.  
  
Na escolha de seus interlocutores, Sócrates não levava em conta fatores de natureza social e econômica. Seu daimon guiava-o no processo seletivo, fazendo-o perceber, com um agudo senso de oportunidade pedagógica, quais as pessoas que ainda não dispunham de condições psicológicas para ser submetidas ao "tratamento" da ironia e da maiêutica. Imbuído de espírito missionário, Sócrates, ao contrário dos sofistas, não cobrava por seu trabalho: considerava-se a serviço do deus. Assim, enquanto a atividade pedagógica dos sofistas tinha como consequência política facilitar a ascensão na vida pública daqueles que dispunham de recursos suficientes para pagar suas caras lições — e que, portanto, já detinham em suas mãos o poder econômico —, a de Sócrates, exercida em nome do espírito religioso, abria-se a qualquer um que manifestasse situação psicológica favorável à realização do processo de autoconheci-mento. Essa forma de seleção dos interlocutores-educandos tornava democratizadora a pedagogia socrática.  
  
Mas, para aquela democracia, que recusava o direito de cidadania às mulheres, aos estrangeiros e aos escravos — portanto, à maioria da população de Atenas —, o Sócrates pedagogo e médico de almas constituía uma denúncia de suas limitações e, conseqüentemente, um perigo. No diálogo Ménon, Platão descreve Sócrates realizando a maiêutica com um escravo e levando-o a conceber noções sobre intrincada questão matemática (relativa aos "irracionais"). Mesmo que não se trate, no caso, do relato de um fato efetivamente ocorrido, ou se teria sido outro o conteúdo da conversação entre Sócrates e o escravo, não importa: a situação descrita por Platão é certamente representativa do menosprezo de Sócrates pelos preconceitos sociais da própria democracia ateniense.**

**Demonstrar publicamente que um escravo era capaz, se bem conduzido pelo processo educativo, de ter acesso às mais importantes e difíceis questões científicas era sem dúvida provar que ele era pelo menos igual, em sua alma, a qualquer cidadão. Era invalidar as distâncias sociais e políticas entre os indivíduos e mostrar que, de direito, todos eram intrinsecamente semelhantes. Porque sua missão era levar todos os homens a buscar o verdadeiro bem — pelo cuidado da própria alma —, Sócrates contrariava os interesses daquela minoria que detinha o poder na democracia ateniense. Assim, quando em 399 a.C. a democracia condena-o à morte, ela não apenas o pune: ela se defende.  
  
O que É ser bom?  
  
Para os primeiros filósofos gregos, o homem seria explicado pelo mesmo substrato ou pela mesma natureza (physis) que justificaria a existência de todos os seres. Se tudo era constituído ou proviria de água, ou de fogo, ou de átomos, também o homem teria na água, no fogo ou nos átomos as "raízes" de sua realidade física, psíquica e moral. Como transparece claramente no pitagorismo, a ética se inseria na cosmologia. Justamente a grande revolução filosófica instaurada pelos sofistas consistiu na desvinculação do homem em relação à physis universal. Certamente sob a influência das escolas médicas — que verificavam a peculiaridade de determinadas reações orgânicas do homem —, os sofistas passam a atribuir autonomia à natureza humana. Mas o humanismo que formulam apresenta-se vinculado ao ceticismo, à indiferença religiosa e ao relativismo epistemológico. Refletindo outros fundamentos, o humanismo socrático — centralizado no preceito "conhece-te a ti mesmo" — caminha num sentido aparentemente semelhante, mas, na verdade, profundamente diverso.  
  
A tradição ética na cultura grega parte de Homero e Hesíodo. As epopéias homéricas (séculos X-VIII a.C.) formulam uma ética aristocrática que fazia da virtude (areie) um atributo inerente à nobreza e manifestado por meio da conduta cortesã e do heroísmo guerreiro. Justamente porque identificada a atributos da nobreza, a areie homérica era usada para designar não apenas a excelência humana, como também a superioridade de seres não-humanos — como a força dos deuses e a rapidez dos cavalos nobres. Originariamente, portanto, a palavra areíê não tem o sentido preciso de "virtude". Ainda não atenuada por seu uso posterior puramente ético, estava de início ligada às noções de função, de realização e de capacitação, denotando a excelência de tudo o que é útil para algum ato ou fim. Com Hesíodo (século VIII a.C.) é que a areie passa a assumir significado mais estritamente moral: deixa de ser atributo natural de bem-nascidos para se transformar numa conquista, resultado do esforço e do trabalho enobrecedor de qualquer homem.**

**Por isso mesmo é que com Hesíodo já se propõe a questão do ensino da areie, que será retomada pelos sofistas e por Sócrates. Antes dos sofistas, o tema da areie e de seu ensino, desde Hesíodo, estivera inserido na temática de poetas, como Teognis, Simônides e Píndaro, que desenvolveram a chamada poesia parenética, de exortação moral. Os sofistas é que transpõem para a prosa uma questão de que tradicionalmente se ocupara a poesia — e isso é sinal de que neles essa problemática recebia sua definitiva racionalização. Sócrates reage ao relativismo sofístico. Ao que tudo indica, alicerçado em pressupostos religiosos órfico-pitagóricos, não concebe o conhecimento humano como apenas a sucessão de impressões sensíveis — fugazes e intransferíveis — ou a criacão, a partir delas, dos sinais convencionais que constituiriam a linguagem. Se as palavras são geralmente um terreno instável e uma expressão de opinião relativa e insegura, é porque, segundo ele, não estariam acompanhadas da consciência de seu significado.**

**Mas esse significado, por sua vez, deveria emanar da própria alma do indivíduo, que constitui uma unidade subjacente às mutáveis impressões dos sentidos. Na verdade, Sócrates criou uma nova concepção de alma (psique), que passou a dominar a tradição ocidental. Antes, como em Homero, a psique era o "duplo" que podia se desprender provisoriamente durante o sono ou definitivamente, com a morte, mas que nada tinha a ver com a vida mental ou as "faculdades" da pessoa. Nos órficos, era o princípio superior, que se reencarnava sucessivamente, atravessando o processo purificador que a reconduziria às estrelas e a reintegraria na harmonia universal; mas, enquanto ligada ao corpo, só se manifestava em situações excepcionais — sonhos, visões, transes. Nos pensadores jônicos do século VI a.C., si psique era apenas uma parte do todo: porção do pneuma (ar) infinito que habitava o corpo, vivificando-o provisoriamente até escapar, como último alento, na hora da morte — como em Anaxímenes de Mileto; ou porção de fogo a aquecer e animar o corpo até que afinal retornasse à unidade do Fogo-Razão, o Logos universal "eternamente vivo, que se acende com medida e se apaga com medida" — como em Heráclito de Éfeso.**

**É a partir de Sócrates — ou pelo menos é na literatura referente a ele e que se seguiu à sua morte — que surge a concepção de alma como sede da consciência normal e do caráter, a alma que no cotidiano de cada um é aquela realidade interior que se manifesta mediante palavras e ações, podendo ter conhecimento ou ignorância, bondade ou maldade. E que, por isso, deveria ser o objeto principal da preocupação e dos cuidados do homem. Essa concepção de alma torna compreensível a tese socrática de que virtude é conhecimento e que, por conseguinte, ninguém erra deliberadamente. Só que aquele conhecimento nada teria a ver com as opiniões flutuantes e geralmente infundadas. O conhecimento que Sócrates identifica à areie é a episteme (ciência), não a doxa (opinião). E essa episteme — que não pode ser ensinada — não constitui uma ciência sobre coisas ou informações voltadas para a obtenção de prestígio ou de riquezas: é o conhecimento de si mesmo, a autoconsciência despertada e mantida em permanente vigília. Bom é, assim, o homem autoconstruído a partir de seu própio centro e que age de acordo com as exigências de sua alma-consciência: seu oráculo interior finalmente decifrado.**

**CRONOLOGIA:**

**480 a.C — A perda das Termópilas abre a Grécia central à invasão. A frota grega esmaga a persa em Salamina. Nascimento de Eurípides.**

**479 a.C. — Vitória dos gregos sobre os persas em Plateia, em terra, e em Micala, no mar. Término da segunda guerra médica e início da  
hegemonia de Atenas.**

**477 a.C. — Formação da confederação de Delos, que se transformará, pouco a pouco, em império anteniense.**

**470 ou 469 a.C. — Nascimento de Sócrates.**

**461 a.C.(?) — Anaxágoras de Clazômena fixa-se em Atenas.**

**460 a.C. — Nascimento de Tucídides.**

**456 a.C. — Morte de Esquilo.**

**449-429 a.C. — Governo de Péricles.  
  
432-429 a.C. — Sócrates participa da companha e do cerco de Potidéia.**

**431 a.C. — Começo da guerra do Peloponeso entre Esparta e Atenas.**

**428 a.C. — Nasce Platão.**

**424 a.C. — Sócrates participa da batalha de Délio.**

**423 a.C. — São apresentados simultaneamente, em concurso, As Nuvens  
  
421 a.C. — Paz de Nícias: fim do primeiro período da guerra.**

**415-413 a.C. — A guerra recomeça entre Atenas e Esparta.**

**406 a.C. — Questão dos Arginusas e pritania de Sócrates.**

**404 a.C. — Assédio e capitulação de Atenas. Assassínio de Alcibíades.**

**404-403 a.C. — Governo dos Trinta.**

**403 a.C. — Restauração da democracia.**

**399 a.C. — Processo e morte de Sócrates.**

|  |  |
| --- | --- |
| **SOFRIMENTO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação na Bíblia - pág. 44** | **02 - Ave cristo - pág. 129** |
| **03 - Caminho, verdade e vida - pág. 67, 293** | **04 - Chão de flores - pág. 47, 135** |
| **05 - Convites da vida - pág. 26** | **06 - Coragem - pág. 18** |
| **07 - Emmanuel - pág. 39** | **08 - Expiação - toda a obra** |
| **09 - Falando à Terra - pág. 158** | **10 - Florações Evangélicas - pág. 117** |
| **11 - Justiça Divina - pág. 115** | **12 - Lampadário Espírita - pág. 143, 199** |
| **13 - Messe de amor - pág. 47,13** | **14 - O Espírito da Verdade - pág. 63, 155,159** |
| **15 - O grande enigma - pág. 111** | **16 - O Livro dos Espiritos - q. 133a, 255,727,933,970** |
| **17 - O que é a morte - pág. 168** | **18 - Os funerais da santa sé - pág. 69, 146** |
| **19 - Pérolas do Além - pág. 220** | **20 - Rumo Certo - pág. 56** |
| **21 - Rumos libertadores - pág. 69,142** | **22 - Segue-me - pág. 75** |
| **23 - Vinhas de luz - pág. 173** | **24 - Vozes do grande além - pág. 104** |
| **25 - Nascer e renascer - pág. 63** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SOFRIMENTO** **– COMPILAÇÃO**

**01- A reencarnação na Bíblia - Herminio C. Miranda - pág. 44**

**O REAJUSTE  
Se o erro não for resgatado em uma existência, é claro que o será em outra, não no inferno por uma condenação eterna, igualmente inadmissível da parte de Deus, nem na penitenciária provisória do purgatório, mas numa oportunidade subsequente, aqui mesmo, onde e quando for possível reunir as condições exigidas para o exercício do ajuste perante a lei desrespeitada.  
  
Cada um responde inapelavelmente, pois, pelos seus erros, cuja responsabilidade é intransferível. Seria muito cômodo, mas desastroso para o equilíbrio ético do universo, que cada um pudesse cometer à vontade seus crimes e deixá-los para serem resgatados, na dor, pelos seus descendentes.  
  
Pode-se argumentar aqui: "sim, mas para estes há o inferno, onde o sofrimento é eterno". Novamente errado. Em primeiro lugar, porque isto se choca frontalmente com a doutrina do amor e do perdão que Jesus ensinou repetidamente. Se ao homem ele recomendou que perdoasse setenta vezes sete, como admitir que Deus não perdoe uma só vez, por mais grave que seja a ofensa ? Por outro lado, o perdão divino não nos põe a salvo da responsabilidade pelo crime cometido.**

**O perdão é realmente divino, como diz o provérbio, mas a lei exige de cada um o resgate, o reparo, e a consciência nos impele à aceitação, ainda que relutante, dos sofrimentos decorrentes e que, muitas vezes, ficaram como opção final e única aberta à nossa libertação e pacificação. A bondade de Deus está não apenas em conceder invariavelmente o perdão, mas também em proporcionar as oportunidades de ajuste.**

**Resta, ainda, outro aspecto importante e nem sempre lembrado: por que cobrar com a "punição eterna" o pecado que, afinal de contas, seria resgatado por netos e bisnetos? E mais ainda: se o criminoso tem o seu crime cobrado aos seus descendentes, infere-se que está redimido e, portanto, poderia ser encaminhado ao céu . ..Veja, pois, o leitor a que escalada de incongruências nos leva uma premissa falsa, uma única, ou seja, a de que nossos descendentes podem pagar pelos nossos erros.  
  
NASCER DE NOVO  
Resta, portanto, a alternativa válida de que quando o ajuste não pode ser realizado numa vida, ele se transfere para nova existência na carne daquele mesmo ser espiritual que errou e não de outro. É este, pois, o sentido da afirmativa de que a "iniquidade dos pais" é cobrada pela lei divina "na terceira ou na quarta geração". Ou seja, aquele que cometeu o erro irá nascer de novo — em outro corpo físico, em outra época, com outro nome, em outra existência, portanto — a fim de resgatar as suas culpas.**

**Só raramente tal renascimento ou reencarnacão ocorre logo na segunda geração. Seria necessário, para isto, que o indivíduo morresse ainda relativamente jovem e se reencarnasse imediamente, ainda como filho ou filha do cônjuge sobrevivente. Exemplifiquemos para maior clareza. João e Maria são casados. Suponhamos que João morra ainda jovem em consequência de um acidente. Maria, viúva, casa-se pouco depois com Pedro e começa a ter filhos com o novo esposo. Entre esses poderá renascer o "falecido" João, agora como filho daquela que foi sua própria esposa, ou seja, na segunda geração, segundo a linguagem bíblica.**

**O mais comum, porém, é que tais renascimentos ocorram, como diz o Decálogo, na terceira ou na quarta geração ou, mesmo, muito mais tarde e não necessariamente no mesmo grupo familiar. Depreende-se, pois, que quem escreveu o texto do Primeiro Mandamento tinha plena consciência do mecanismo das vidas sucessivas, ou seja, sabia que o Espírito costuma renascer três ou quatro gerações adiante, a fim de resgatar seus erros ou dar prosseguimento às suas tarefas.**

**A severa linguagem da época atribuía ao próprio Deus um propósito punitivo, o que é falso, mas ensinava também que a oportunidade do reajuste ocorreria nas gerações ou renascimentos seguintes, quando aqueles mesmos espíritos voltariam animando a personalidade de netos e bisnetos. Não há dúvida, pois, de que o Decálogo consagra logo no seu Primeiro Mandamento estes três princípios fundamentais: a responsabilidades pessoal de cada um, o resgaste pela expiação e a reencarnação.**

**06 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 18**

**3. CULTIVANDO PACIÊNCIA  
Cultivando paciência: Se você foi vítima de preterição em serviço, reconhecerá que isso aconteceu, em favor da sua elevação de nível; se perdeu o emprego, ante a perseguição de alguém que lhe cobiçou o lugar, creia que alcançará outro muito melhor; se um companheiro lhe atravessou o caminho atrapalhando-lhe um negócio, transações mais lucrativas apareceráo, amanhã em seu benefício.**

**Se determinada criatura lhe tomou a residência, manejando processos inconfessáveis, em futuro próximo, terá você moradia muito mais confortável; se um amigo lhe prejudica os interesses, subtraindo-lhe oportunidade de progresso e ajustamento econômico, guarde a certeza de que outras portas se lhe descerrarão mais amplas aos anseios de paz e prosperidade.**

**Se pessoas queridas lhe menosprezam a confiança, outras afeições muito mais sólidas e mais estimáveis surgirão a caminho, garantindo-lhe a segurança e a felicidade.**

**Mas nunca pretiras, não persigas, não atrapalhes, não desconsideres, não menosprezes e nem prejudiques a ninguém, porque sofrer é muito diferente de fazer e a dívida é sempre uma carga dolorosa para quem a contrai.  
Albino Teixeira**

**07 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 39**

**A NECESSIDADE DA EXPERIÊNCIA :  
Em vossos dias, a luta a cada momento recrudesce sobre a face do mundo; inúmeras causas a determinam e Deus permite que ela seja intensificada, em benefício de todos os seus filhos. Todas as classes são obrigadas a grandes trabalhos, mormente aos trabalhos intelectuais, porquanto procuram, com afinco, a solução da crise generalizada em todos os países.  
  
Ponderando a grande soma dos males atuais, buscam elas remédios para as suas preocupações, espantadas com a situação econômica dos povos, cuja precariedade recai sobre a vida das individualidades, multiplicando as suas angústias na luta pelo pão cotidiano.  
  
O quadro material que existe na Terra não foi formado pela vontade do Altíssimo; ele é o reflexo da mente humana, desvairada pela ambição e pelo egoísmo. O Céu admite apenas que o mundo sofra as consequências de tão perniciosos elementos, porque a experiência é necessária como chave bendita que descerra as portas da compreensão. Cada um, pois, medite no quinhão de responsa-bilidades que lhe toca e não evite o trabalho que eleva para as Alturas.  
  
O MOMENTO DAS GRANDES LUTAS  
Há quem despreze a luta, mergulhando em nociva impassibilidade, ante os combates que se travam no seio de todas as coletividades humanas; a indiferença anula na alma as suas possibilidades de progresso e oblitera os seus germens de perfeição, constituindo um dos piores estados psíquicos, porque, roubando à individualidade o entusiasmo do ideal pela vida, a obriga ao estacionamento e à esterilidade, prejudiciais em todos os aspectos à sua carreira evolutiva.  
  
Semelhante situação não se pode, todavia, eternizar, pois para todos os espíritos, talhados todos para o supremo aperfeiçoamento, raia, cedo ou tarde, o instante da compreensão que os impele a contemplar os altos cimos... A alma estacionária, até então refratária às pugnas do progresso, sente em si a necessidade de experiências que lhe facultarão o meio de alcançar as culminâncias vislumbradas. .. Atira-se aí à luta com devoção e coragem. Vezes inúmeras fracassa em seus bons propósitos, porém, é nesse turbilhão de incessantes combates que ela evoluciona para a perfeição infinita, desenvolvendo as suas possibilidades, aprimorando os seus poderes, enobrecendo-se, enfim.  
  
OS PLANOS DO UNIVERSO SÃO INFINITOS  
Para os desencarnados da minha esfera, o primeiro dia do Espírito é tão obscuro como o primeiro dia do homem o é para a Humanidade. Somente sabemos que todos nós, indistintamente, possuímos germens de santidade e de virtude, que podemos desenvolver ao infinito.  
  
Podendo conhecer a causa de alguns dos fenômenos do vosso mundo de formas, não conhecemos o mundo causal dos efeitos que nos cercam, os quais constituem para vós outros, encarnados, matéria imponderável em sua substância.  
  
Se para o vosso olhar existem seres invisíveis, também para o nosso eles existem, em modalidade de vida que ainda estudamos nos seus primórdios, porquanto os planos da evolução se caracterizam pela sua multiplicidade dentro do Infinito.  
  
Aqui reconhecemos quão sublime é a lei de liberdade das consciências e dessa emancipação provém a necessidade da luta e do aprendizado.  
  
O PROGRESSO ISOLADO DOS SERES  
A Ciência, a Arte, a Cultura, a Virtude, a Inteligência não constituem patrimônios eventuais do homem, conforme podeis observar; semelhantes atributos só se revelam, na Terra, nos organismos dos gênios, os quais representam a súmula de extraordinários esforços individuais, em existências numerosas de sacrifício, abnegação e trabalho constantes.**

**Todos os seres, portanto, laboram insuladamente, na aquisição dessas prerrogativas, de acordo com as suas vocações naturais, dentro das lutas planetárias. Paulatinamente, vencem imperfeições, aparam arestas, aniquilam defeitos em suas almas, norteando-as para o progresso, último objetivo de todas as nossas cogitações comuns.  
  
O FUTURO É A PERFEIÇÃO  
Integrada no conhecimento de suas próprias necessidades de aprimoramento, a alma jamais abandona a luta. Volta às existências preparatórias do seu futuro glorioso. Reúne-se aos seres que lhe são afins, desenvolvendo a sua atividade perseverante e incansável nos carreiros da evolução.  
  
Em existências obscuras, ao sopro das adversidades, amontoa os seus tesouros imortais, simbolizados nas lições que aprende, devotadamente, nos sofrimentos que lhe apuram a sensibilidade. Cada etapa alcançada é um ciclo de dores vencidas e de perfeições conquistadas.  
  
O QUE SIGNIFICAM AS REENCARNAÇÕES  
Cada encarnação é como se fora um atalho nas estradas da ascensão. Por esse motivo, o ser humano deve amar a sua existência de lutas e de amarguras temporárias, porquanto ela significa uma bênção divina, quase um perdão de Deus.  
  
A golpes de vontade persistente e firme, o Espírito alcança elevados pontos na sua escalada, nos quais não mais estacionará no caminho escabroso, mas sentirá cada vez mais a necessidade de evolução e de experiência, que o ajudarão a realizar em si as perfeições divinas.  
  
  
11 - Justiça Divina - Emmanuel - pág. 115**

**Por nós mesmos - Reunião pública de 11-8-61 19 Parte, cap. VII, § 18  
Quando a morte do corpo terrestre nos conduz à sociedade dos Espíritos, muitas vezes somos cercados pelo amor puro, a mergulhar-nos em divino clarão.  
  
Antigos afetos, que o tempo não nos riscou da memória, ressurgem, de improviso, envolvendo-nos na melodia da ventura ideal; amigos, a quem supúnhamos haver servido com algum pequenino gesto beneficente, repontam do dia novo, descerrando-nos os braços; sorrisos espontâneos, por flores de carinho, desabrocham em semblantes nimbados de esplendor.  
  
Quase sempre, contudo, ai de nós!... Reconhece-mo-nos no festival da alegria perfeita, à feição de lodo movente, injuriando o carro solar. Quanto mais a bondade fulgura em torno, mais nos oprime o peso da frustração.  
  
Temos o peito, qual violino de barro, que não consegue responder ao arco de estrelas que nos tange as cordas desafinadas, e, do coração, semelhante a címbalo morto, apenas arrancamos lágrimas de profundo arrependimento para chorar.  
  
Lamentamos então as lutas recusadas e as oportunidades perdidas! Deploramos a passada rebeldia, ante os apelos do bem que nos teriam conquistado merecimento, e a fuga deliberada aos testemunhos de humildade que nos haveriam propiciado renovação.  
  
Sentimo-nos amparados por indizíveis exaltações dei claridade e ternura; no entanto, por dentro, carregam os ainda remorso e necessidade.  
  
É assim que nos excluímos, por nós mesmos, da assembléia gloriosa, suplicando o retorno às arenas do mundo, até que a reencarnação nos purifique, nas aquisições de experiência e valor.  
  
Alma que choras na teia física, louva o tronco de sofrimento a que te encontras temporariamente agrilhoada na Terra!  
Abençoa os espinhos que te laceram. Abençoa o pranto que te lava os escaninhos do ser.  
  
Executa com paciência o trabalho que a vida te pede, porque, um dia, os companheiros amados que te precederam na vanguarda de luz estarão contigo, em preces de triunfo, a desatarem-te as últimas algemas, de modo a que lhes partilhes os cânticos de vitória, na grande libertação.**

**12 - Lampadário Espírita - Joanna de Ângelis - pág. 143, 199**

**34. BEM E MAL SOFRER  
Afasta a nuvem cinzenta do pessimismo e da queixa, enquanto a dor se demora contigo, concedendo ao sol da esperança a oportunidade de fulgir ante os teus olhos acostumados às sombras das recriminações. Enquanto não te disponhas ao combate contra a autopiedade e a autoflagelação por morbidez, ninguém poderá fazer nada por ti.**

**Observa o vôo ligeiro da ave colorida, o desabrochar de uma flor, a vitória da germinação de uma semente, o canto de delicado filete dágua na frincha da rocha, o triunfo da árvore, o milagre do pão, o deslumbramento do nascente, o ritmo da vida nos insetos, nos animais, em toda parte, e encontrarás as mãos divinas agindo, produzindo, zelando . . .  
  
A inteligência e o «dom» do raciocínio não te foram concedidos através das múltiplas etapas da evolução para que somente reclames, amaldiçoes, azorragues . . . Não lances invectivas contra isto ou aquilo, antes faze algo para corrigir seja o que for que não esteja certo. Se o dever que reclamas nos outros se corporificasse em teus atos, outros possivelmente aprenderiam contigo otimismo e ação, produzindo para melhorar todas as coisas que podem e devem ser melhoradas.  
  
Quando te entregas ao desânimo e o espalhas, conspiras contra a ordem natural, o equilíbrio e o progresso da vida. E' pernicioso mal sofrer, malbaratando a oportunidade de aproveitar bem a lição do sofrimento. Procuras sofismar quanto ao bem e ao mal, tentando fugir à responsabilidade.  
  
O bem é tudo quanto estimula a vida, produz para a vida, respeita e dignifica a vida. O mal é toda ação mental, física ou moral que atinge a vida perturbando-a, ferindo-a, matando-a. Se cultivas os cogumelos do pessimismo, respiras, evidentemente, em clima de sombras morais e umidade psíquica asfixiante.  
  
Inadvertidamente enfermas e por irresponsabilidade laboras e colaboras no mal. Tens nos olhos duas estrelas engastadas no céu da face. Põe-nos a derramar a claridade da visão feliz pela senda por onde segues, apesar de estares sofrendo. Utiliza as mãos no algo produzir, embora sob acúleos de dores .   
  
Ouve em derredor! Há mutilados esperando tuas mãos e teus pés, cegos do corpo e cegos da razão, necessitados dos teus olhos e da claridade do teu discernimento, mais sofredores do que tu próprio. Acalma o vozerio agitado da tua mente alvoroçada pela revolta, ou desperta-a, adormentada que se encontre nos tecidos da comodidade, da preguiça ou do cansaço de sofrer, e escutarás, sim, mil vozes, algumas tão debilitadas pela fraqueza que será mister um grande esforço para identificá-las, chorando e rogando socorro baixinho às fortunas que possuis no corpo e no espírito e teimas por desperdiçar, ignorando-as.  
  
Não te revoltes no crisol das dores, mesmo que sejam dores reais. A dor chega para que o espírito triunfe sobre ela, ao invés de ser por ela esmagado. Mas se tuas legítimas aflições forem muito grandes e esmagadoras, evoca Jesus, quando na via dolorosa, esmagado sob a cruz, e no entanto aconselhando e advertindo as «mulheres piedosas de Jerusalém», ou cravejado, logo depois, no madeiro de infâmia, convocando dois estranhos e desafortunados salteadores, neles semeando as esperanças do Reino de Deus, instantes antes do «momento extremo», e refaze as tuas forças, reconsidera a situação, recompõe os «joelhos desconjuntados» e avança, confiante, cantando a certeza de que, após a partida libertadora, uma madrugada sublime te alcançará, fazendo-te ditoso por fim, vitorioso com o bem.  
  
49 - Sofrendo, mas confiante -  
Respondendo à indagação do Codificador do Espiritismo sobre «onde está escrita a lei de Deus», os Embaixadores dos Céus foram taxativos: — «Na consciência.» Considerando a legitimidade de tão incisiva quanto concisa resposta, tranquiliza-te de referência às aflições que te dilaceram a esperança e ralam os teus sentimentos.  
  
Insiste trabalhando no bem, mesmo que observes o tumulto da turbamulta em maldição contra todos e tudo, qual se se encontrasse imantada por forças poderosas do aniquilamento. Encontram-se, sim, manipulados esses espíritos desenfreados por outros espíritos do mesmo jaez que se desnudaram da carne e com os quais mantêm comércio de íntima identificação psíquica, comprazendo-se, enlouquecidos.  
  
Despertarão depois do chamado de Deus, através da própria consciência. Talvez não os vejas modificados, nem os observes melhorados, mas isto pouco importa. Basta que despertem; e tal despertamento será inevitável. Rememorando tuas lutas, desfilam pela mente em agonia, ardendo em febre de sofrimento íntimo, os ingratos, os traidores, os caluniadores, os perversos, os perseguidores que agora, de longe, esqueceram do quanto lhes deste, do carinho com que os honraste sem que o merecessem e experimentas uma angústia tão grande que te faz temer pelo próprio equilíbrio, pela razão. Aguarda um pouco mais.  
  
A nuvem plúmbea que obscurece o sol do teu discernimento, enquanto sofres, passará. Suporta um pouco mais. Não planeies para o futuro, nem penses como viverás os dias que virão, a sós, em abandono, sorvendo fel sob chuva de sarcasmo e zombaria dos que ficaram ao teu lado, embora longe de ti.  
  
Vive o agora, atravessa o hoje fazendo o melhor cada dia. A eternidade é a vitória do tempo sobre o próprio tempo... O universo resulta do «milagre» do substrato do átomo... O espaço é cabedal da molécula...Toda a vida física na Terra teve início no gelatinoso protoplasma ...  
  
No entanto, graças ao segundo-a-segundo, manifestam a glória da Criação. O ingrato é um doente que enlouqueceu ao fugir do teu aconchego. O traidor que procura esquecer, está enganado, enganando-se cada vez mais. O caluniador queixa-se, queimando-se no ácido da infâmia que espalha.  
  
O perverso jornadeia em soledade incomparável sob tormentos atrozes. O perseguidor está fugindo de si próprio, enquanto se esconde avinagrando o próximo. Infelizes, estão procurando esquecer. Mas lembrarão; a memória os trairá quando a consciência fizer que releiam as leis de Deus nela insculpidas de maneira inamovível.  
  
Apiada-te, desde agora, pois que perlustras a senda espinhosa que conduz à plena paz; e eles?... Como puderam aqueles ingratos, traidores, caluniadores, perversos e perseguidores anular na mente o que viram, o que receberam, o que tiveram, o que experimentaram ao convívio com o Mestre Divino nos cenários incomparáveis da Galiléia romântica e nobre ou na áspera Judeia fria e severa ?!... No entanto, não foram os estranhos, os que apenas foram informados sobre o Rabi, que traçaram as linhas do martírio do Justo...  
  
Os falsos representantes do povo que armaram as ciladas e engendraram a crucificação conheciam-no, sabiam a verdade. Todavia... Jesus, porém, sabia com mais segurança que neles estavam escritas as leis do Pai e que, cada um, a seu turno, retornaria à senda para recuperar o tempo perdido, libertando-se da crueldade que os malsinava. Conforta-te, ante a lembrança e evocação d'Ele e esquece-os. Romperam os laços contigo e, mesmo sofrendo, estás livre deles, os trânsfugas, para rumares na direção da Grande Luz.**

**16 - O Livro dos Espiritos - Allan Kardec - questões. 133a, 255, 727, 933 ,970**

**Perg. 133 - Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem, têm necessidade da encarnação?  
- Todos são criados simples e ignorantes e se instruem por meio das lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a alguns, sem penas e sem trabalhos, e por conseguinte sem mérito.**

**Perg. 133a - Mas, então, de que serve aos Espíritos seguirem o caminho do bem, se isso não os isenta das penas da vida corporal?  
- Chegam mais depressa ao alvo. Além disso, as penas da vida são frequentemente a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeito ele for, menos tormentos sofrerá. Aquele que não for invejoso, nem ciumento, nem avarento ou ambicioso, não passará pelos tormentos que se originam desses defeitos.**

**Perg. 255 - Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é o seu sofrimento?  
- Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente que os sofrimentos físicos.**

**Perg. 727 - Se não devemos criar para nós sofrimentos voluntários que não são de nenhuma utilidade para os outros, devemos no entanto preservar-nos dos que prevemos ou dos que nos ameaçam?  
- O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Fustigai o vosso Espírito e não o vosso corpo, mortificai vosso orgulho, sufocai o vosso egoísmo, que se assemelha a uma serpente a vos devorar o coração, e fareis mais pelo vosso adiantamento do que por meio de rigores que não mais pertencem a este século.**

**Perg. 933 - Se é homem, em geral, o artífice e dos seus sofrimentos materiais, sê-lo-á também dos sofrimentos morais?  
- Mais ainda, pois os sofrimentos materiais são às vezes independentes da vontade, enquanto o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, enfim, constituem torturas da alma. Inveja e ciúme! Felizes os que não conhecem esses dois vermes vorazes. Com a inveja e o ciúme não há calma, não há repouso possível. Para aquele que sofre desses males, os objetos da sua cobiça, do seu ódio e do seu despeito se erguem diante dele como fantasmas que não o deixam em paz e o perseguem até no sono. O invejoso e o ciumento vivem num estado de febre contínua. É essa uma situação desejável? Não compreendeis que, com essas paixões, o homem cria para si mesmo suplícios voluntários e que a Terra se transforma para ele num verdadeiro inferno?**

**Perg. 970 - Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?  
- São tão variados quanto as causas que os produzem, e proporcionais ao grau de inferioridade, com os gozos são proporcionais ao grau de superioridade. Podemos resumí-los assim: cobiçar tudo o que lhes falta para serem felizes: mas não poder obtê-lo; ver a felicidade e não poder atingí-la, ciúme, raiva, desespero, decorrentes de tudo o que os impede de ser felizes; remorsos e uma ansiedade moral indefinível. Desejam todos os gozos e não podem satisfazê-los. É isso o que os tortura.**

**23 - Vinhas de luz - Emmanuel - pág. 173**

**80. COMO SOFRES?  
  
"Mas, se padece como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus nesta parte." — Pedro. (I PEDRO, 4:16.)  
Não basta sofrer simplesmente para ascender à glória espiritual. Indispensável é saber sofrer, extraindo as bênçãos de luz que a dor oferece ao coração sequioso de paz.  
Muita gente padece, mas quantas criaturas se complicam, angustiadamente, por não saberem aproveitar as provas retificadoras e santificantes?**

**Vemos os que recebem a calúnia, transmitindo-a aos vizinhos; os que são atormentados por acusações, saltam; e os que pretendem eliminar enfermidades reparadoras, com as desesperação. Quantos corações se transformam em poços envenenados de ódio e amargura, porque pequenos sofrimentos lhes invadiram o círculo pessoal? Não são poucos os que batem à porta da desilusão, da descrença, da desconfiança ou da revolta injustificáveis, em razão de alguns caprichos desatentidos.**

**Seria útil sofrer com a volúpia de estender o sofrimento aos outros? não será agravar a dívida o ato de agressão ao credor, somente porque resolveu ele chamar-nos a contas?**

**Raros homens aprendem a encontrar o proveito das tribulações. A maioria menespreza a oportunidade de edificação e, sobretudo, agrava os próprios débitos, confundindo o próximo e precipitando companheiros em zonas perturbadas do caminho evolutivo.**

**Todas as criaturas sofrem no cadinho das experiências necessárias, mas bem poucos espíritos sabem padecer como cristãos, glorificando a Deus.**

**25 - NASCER E RENASCER - EMMANUEL - PÁG. 63**

**ACEITEMOS A DOR: Aceitemos realmente a dor na condição de apoio celeste com que a Divina Providência nos enriquece o caminho. Toda a natureza para ajudar a experiência do homem, alimentando-o e amparando-o, padece constantes dilacerações. Para transformar-se em sementeira proveitosa, morre o grão esquecido no solo.**

**Para converter-se a espiga em farinha, humilha-se, asfixiada, sob a mó que a tritura. Para dar-se em pão abençoado à mesa, submete-se a farinha à elevada tensão do forno. Para servir no levantamento do edifício, sofre a pedra a pressão do martelo. Para oferecer-se em beleza e brilho, obedece o seixo bruto ao buril que o aprimora.**

**Para responder às necessidades do conforto, desce o tronco aos insultos da lâmina. Para contribuir no progresso, encontra o metal as injúrias do fogo. A responsabilidade na oficina do caráter, é luz que engrandece todo espírito que lhe atende as obrigações. Não lamentes a dificuldade e nem amaldiçoes o sofrimento que porventura te busquem. Não temas a dor, na escola da vida, e recolhe, em silêncio, as bênçãos de que se faz emissária. Não te enganes com as aparências.**

**Quando te vejas no usufruto dessa ou daquela promoção, atento às circunstâncias do mundo, às imposições dos que te cercam ou às convenções em que a existência se te condiciona, escolhe a senda da abnegação, em auxílio aos outros, porque o Senhor nos ensinou, em espírito e verdade, que somente a preço do esforço máximo pela vitória do bem com o esquecimento de todo egoísmo, é que escalaremos o monte da paz com a nossa própria renovação.**

|  |
| --- |
| **O SONAMBULISMO** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - A alma é imortal - pág. 40/48** | **02 - A crise da morte - pág. 143** |
| **03 - A evolução anímica - pág. 167** | **04 - A Gênese - pág. 22** |
| **05 - Animismo ou Espiritismo - pág. 62** | **06 - Antologia do perispírito - pág. 323/678** |
| **07 - As potências ocultas do homem - pág. 51/82** | **08 - Depois da Morte - pág. 46/145** |
| **09 - Deus na natureza - pág. 247** | **10 - Estudando a mediunidade - pág. 83** |
| **11 - Fenômenos de transporte - pág. 121/124** | **12 - Hipnotismo e mediunidade - pág. 69** |
| **13 - Mecanismos da mediunidade - pág. 11** | **14 - Nos domínios da mediunidade - pág. 69, 87** |
| **15 - O Livro dos Espíritos - XVI, Q. 425/455** | **16 - O Livro dos Médiuns - Questões: 45/172** |
| **17 - O que é a morte - pág. 90** | **18 - O que é o Espiritismo - pág. 85** |
| **19 - Obras Póstumas - pág. 93** | **20 - Religião dos Espíritos - pág. 141** |
| **21 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 187** | **22 - Roma e o Evangelho - pág. 311** |
| **23 - Sobrevivência e comum. dos Espíritos - pág. 196** | **24 - Xenoglossia - pág. 57** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**O SONAMBULISMO - COMPILAÇÃO**

**01 - A alma é imortal - Gabriel Delanne - pág. 40/48**

**CAPITULO II ESTUDO DA ALMA PELO MAGNETISMO  
  
Acabamos de ver, no capítulo precedente, que a idéia de uma certa corporeidade, inseparável da alma, constituiu crença quase geral da antiguidade e a de uma multidão de pensadores até à nossa época. Ë' evidente que essa concepção resulta da dificuldade que experimentamos em imaginar uma entidade puramente espiritual. Os nossos sentidos só nos dão a conhecer a matéria e mister se torna nos utilizemos da vista interior, para sentirmos que há em nós algo mais do que esse princípio. O pensamento, por si só, nos faz admitir, dada a sua carência de caracteres físicos, a existência de alguma coisa que difere do que cai sob a apreciação dos sentidos.  
  
Mas, a idéia de um corpo fluidico também resulta das aparições. É manifesto que, quando se vê a alma de uma pessoa morta, forçoso é se lhe reconheça uma certa objetividade, sem o que ela se conservaria invisível. Ora, esse fenômeno se há produzido em todos os tempos e nas histórias religiosas e profanas formigam exemplos dessas manifestações do além.  
  
Não ignoramos que a critica contemporânea fez tábua rasa desses fatos, atribuindo-os em bloco a ilusões, a alucinações, ou à credulidade supersticiosa dos nossos avós. Strauss, Taine, Littré, Renan, etc., sistematicamente passam em silêncio todos os casos que poderíamos reivindicar. Semelhante processo não se justifica, porquanto, nos dias atuais, dado nos é comprovar as mesmas aparições e por métodos que permitem submetê-las a uma fiscalização severa. Assim sendo, assiste-nos o direito de concordar em que esses sábios se enganaram e que merecem atenção as narrativas de antanho.  
  
Aliás, é fato positivo que não são novos os fenômenos do Espiritismo. Produziram-se em todos os tempos. Sempre houve casas mal-assombradas e aparições . Concebe-se, pois, que a idéia de que a alma não é puramente imaterial, haja podido manter-se, a despeito do ensino em contrário das filosofias e das religiões.  
  
Era, porém, muito vaga, muito indeterminada a noção de um envoltório da alma. Esse corpo fluídico formar-se-ia subitamente, no instante da morte terrena? Seria para sempre, ou por tempo determinado, que a alma se revestia dessa substância sutil? Ou, então, essa aparência vaporosa seria devida apenas a uma ação momentânea, transitória, da alma sobre a atmosfera, ação destinada a cessar com a causa que a produzira? Eram questões essas que permaneceriam insolúveis, enquanto não se pudessem observar à vontade as aparições.  
  
A vidente de Prévorst  
O magnetismo foi o primeiro a fornecer meio de penetrar-se no domínio inacessível do amanhã da morte. O sonambulismo, descoberto por de Puységur, constituiu o instrumento de investigação do mundo novo que se apresentava. Submetidos a esse estado nervoso, puderam os sonâmbulos pôr-se em comunicação com as almas desencarnadas e descrevê-las minuciosamente, de modo a deixar convencidos, os assistentes, de que, na realidade, conversavam com os Espíritos.  
  
O Dr. Kerner, tão reputado pelo seu saber, quanto pela sua perfeita honestidade, escreveu a biografia da Sr.a Hauffe, mais conhecida sob a designação de: A vidente de Prévorst. Não precisava ela adormecer, para ver os Espíritos. Sua natureza delicada e refinada pela enfermidade lhe facultava perceber formas que se conservavam invisíveis às outras pessoas presentes. Teve a sua primeira visão na cozinha do castelo de Lowenstein. Era um fantasma de mulher, que ela tornou a ver alguns anos depois.  
  
Dizia, porém só quando a interrogavam com insistência, nunca espontaneamente, ter sempre junto de si, como o tiveram Sócrates, Platão e outros, um anjo ou daimon, que a advertia dos perigos a serem evitados não só por ela, como também por outras pessoas. Era o Espírito de sua avó, a Sr.a Schmidt Gall. Apresentava-se revestida, como, aliás, todos os Espíritos femininos que lhe apareciam, de uma túnica branca com cinto e um grande véu igualmente branco.  
  
Declarava que, após a morte, a alma conserva um espírito nérvico, que é a sua forma. Era esse envoltório que ela possuía a faculdade de ver, sem estar adormecida e multo melhor a claridade do Sol ou da Lua, do que na obscuridade."As almas, dizia, não produzem sombra. Têm forma acinzentada. Suas vestes são as que usavam na Terra, mas também acinzentadas, quais elas próprias.**

**As melhores trazem apenas grandes túnicas brancas e parecem voejar, enquanto que as más caminham penosamente. São brilhantes os seus olhos. Elas podem, além de falar, produzir sons, tais como suspiros, ruge-ruge de seda ou papel, pancadas nas paredes e nos móveis, ruídos de areia, de seixos, ou de sapatos a roçar o solo. Sendo também capazes de mover os mais pesados objetos e de abrir e fechar as portas."  
  
04 – A GÊNESE – ALLAN KARDEC, CAP. XIV, pág. 245**

**22. O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual; é por ele que o Espírito encarnado está em contínua relação com os Espíritos; é por ele enfim que se realizam no homem fenômenos especiais que não têm sua causa originária na matéria tangível, e que, por esta razão, parecem ser sobrenaturais.  
  
É nas propriedades e na irradiação do fluido perispiritual que se deve procurar a causa da VISTA DUPLA, ou VISTA ESPIRITUAL, a que também se pode chamar VISTA PSÍQUICA; muitas pessoas são dela dotadas, freqüentemente sem o saber, assim como da vista sonambúlica.  
  
O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito; é por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais, que escapam aos sentidos carnais. Pelos órgãos do corpo, a vista, o ouvido, e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido esperitual, ou psíquico, elas são generalizadas; o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser, o que está na esfera de irradiação de seu fluido perispiritual.  
  
Esses fenômenos, no homem, são a manifestação da vida espiritual; é a alma que age fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido psíquico, ele não vê pelos olhos do corpo; se bem que freqüentemente, por hábito, ele os dirige para o ponto sobre o qual se dirige sua atenção; ele vê, pelos olhos da alma, e a prova está em que vê tudo igualmente com os olhos fechados, e além do alcance do raio visual; ele lê o pensamento figurado no raio fluídico.  
  
23. Embora, durante a vida, o Espírito seja fixado ao corpo pelo Perispírito, não é tão escravo, que não possa alongar sua corrente e se transportar ao longe, seja sobre a Terra, seja sobre qualquer ponto do espaço. O Espírito está preso ao corpo, contra sua vontade, pois que sua vida normal é a liberdade, ao passo que a vida corporal é a do servidor preso à gleba.  
  
O Espírito sente-se, pois, feliz, de deixar seu corpo, assim como o pássaro deixa sua gaiola; serve-se de todas as ocasiões em que sua presença não seja necessária à sua vida de relação. É o fenômeno designado sob o nome de emancipação da alma; sempre se realiza durante o sono; todas as vezes em que o corpo repousa e que os sentidos estão na inatividade, o Espírito se livra.  
  
Nesses momentos, o Espírito vive a vida espiritual, ao passo que o corpo vive a vida vegetativa: em parte, ele se encontra no estado em que se encontrará após a morte; percorre o espaço, entretém-se com seus amigos e outros Espíritos livres, ou encarnados como ele próprio.  
  
O liame fluídico que o retém ao corpo não é definitivamente rompido senão com a morte; a separação completa não se realiza senão pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito, embora possa estar a alguma distância, ali é instantaneamente trazido de volta, desde que sua presença seja necessária; então, retoma o curso de sua vida de relação.  
  
Algumas vezes, ao acordar, conserva de suas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos exata, o que constitui o sonho; em todo o caso, traz intuições que lhe sugerem idéias e pensamentos novos, e justificam o provérbio: A noite é boa conselheira.  
Assim se explicam igualmente certos fenômenos característicos, do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc.. e que nada mais são senão manifestações da vida espiritual.**

**05 - Animismo ou Espiritismo - Ernesto Bozzano - pág. 62**

**Meyers confirma assim o exposto: -"Foi-me narrado o incidente pessoal a que diz respeito a imagem de uma "velha carda", narrativa donde ressalta que a referida imagem gravada no pedaço de sabão é que conferia ao objeto todo o seu significado. Miss Summers pensara em levá-lo de presente a Stead, antes que a mão deste último escrevesse tal pormenor e provavelmente o pensou no instante exato em que Stead o escreveu."  
  
No caso, o incidente de identificação, tentada para provar a Stead que não se tratava de uma mistificação da sua subconsciência, mas de uma conversação real com a personalidade espiritual de Miss Summers, parece apropriado ao objetivado fim, porquanto o presente prometido a título de prova consistia numa coisa efetivamente excepcional, de modo a não se poder explicar o fato com a hipótese habitual das "coincidências fortuitas" . Manifesto, com efeito, se faz que a imagem de uma antiga carda gravada num pedaço de sabão não é decerto um objeto que se costume dar de presente.  
  
Observo ao demais que, no incidente com que me ocupo — como noutros ocorridos com a mesma sensitiva — esta teria aparentemente entrado em relação mediúnica com Stead, durante o estado de vigília, o que, porém, não significa que o incidente se haja desenvolvido exatamente assim. Não significa, antes de tudo, porque, em nenhuma das experiências em questão havia testemunhas que pudessem afirmar que a sensitiva, no momento, não se achasse adormecida; depois, porque, ainda quando existissem tais testemunhas, não teriam grande valor, visto que uma pessoa pode muito bem passar e permanecer algum tempo em condições de sonambulismo vígil, sem que os presentes se apercebam do fato e sem que a própria pessoa o perceba.**

**Tudo isto é teoricamente importante e voltarei ao tema quando tiver ensejo de aludir a um caso recente do mesmo gênero, em que o paciente, a distância e inconsciente, se achava, na aparência, em estado de vigília, caso continuamente citado pelos opositores, para demonstrarem que os médiuns tiram tudo o que queiram das subconsciências de outros e chegam desse modo a mistificar o próximo, como se personificassem entidades de defuntos (caso Soal-Gordon Davis).  
  
Repito, pois, mais uma vez, que o ensinamento teórico a extrair-se do episódio exposto e que será amplamente corroborado pelos que se seguirão, consiste na prova manifesta e indubitável de que, nas comunicações mediúnicas entre vivos, se trata de verdadeiras e legítimas conversações entre duas personalidades integrais subconscientes, transmitidas à personalidade consciente do médium, por meio da escrita automática. Do mesmo passo, evidente também resulta que os médiuns nada tiram, nem selecionam e que, por conseguinte, a hipótese tão cara aos opositores é destituída de qualquer fundamento experimental.  
  
Cumpre se tenha muito em vista o ensinamento acima apontado, pois que, do fato positivamente averiguado de que as comunicações mediúnicas entre vivos são verdadeiras conversações entre duas personalidades integrais subconscientes, decorre que essas comunicações se transformam em provas resolutivas de identificação pessoal dos vivos que se comunicam e, por sua vez, corroboram, com igual eficácia, as manifestações análogas por meio das quais se obtêm as provas de identificação pessoal dos defuntos.   
  
Entretanto, se, ao contrário, se fantasiar, com os opositores, que, nas comunicações mediúnicas entre vivos, os médiuns tiram das subconsciências dos mesmos vivos todas as informações que fornecem sobre a existência privada deles, dever-se-ia, em tal caso, argumentar no mesmo sentido com relação a grande parte das comunicações mediúnicas com os defuntos, considerando-as um noticiário de fatos tomados pêlos médiuns às subconsciências de terceiros, o que tornaria teoricamente mais difícil a demonstração rigorosamente científica das provas de identificação espirítica.**

**Assinalado esse ponto, apresso-me a acrescentar que a hipótese em apreço tem que ser eliminada, não apenas em face dos processos científicos da análise comparada e da convergência das provas, mas, igualmente, em face da consideração de que com ela não se explicaria a característica fundamental das comunicações entre vivos, característica que é a da conversação que se desenvolve entre o médium e a personalidade subconsciente do vivo distante daquele, conversação que assume aspectos sempre novos e imprevistos, que nada de comum apresentam com as lembranças latentes nas subconsciências de terceiros.**

**Porquanto as informações fornecidas, os manifestados estados de ânimo, as características morais, as idiossincrasias pessoais brotam das perguntas que o automatista dirige à personalidade do vivo que se comunica. Assim sendo, só resta concluir formulando uma proposição tão simples, que parece ingênua, e é que, quando uma hipótese se revela impotente para explicar a características maior de uma dada classe de manifestações, isso significa que ela é inaplicável às mesmas manifestações.  
  
08 – DEPOIS DA MORTE – LÉON DENIS, pág. 46**

**A ciência dos sacerdotes do Egito ultrapassava em bastantes pontos a ciência atual. Conheciam o Magnetismo, o Sonambulismo, curavam pelo sono provocado e praticavam largamente a sugestão. É o que eles chamavam – Magia. O alvo mais elevado a que um iniciado podia aspirar era a conquista desses poderes, cujo emblema era a coroa dos magos.**

**Os dias e as noites são como as nossas vidas terrestres e espirituais, e o sono parece tão inexplicável quanto a morte. O sono e a morte transportam-nos, alternadamente, para meios distintos e para condições diferentes, o que não impede à nossa identidade de manter-se e persistir através desses estados variados.  
  
No sono magnético, o Espírito, desprendido do corpo, recorda-se de coisas que esquecerá ao volver à carne, cujo encadeamento, não obstante, ele tornará a apanhar, recobrando a lucidez. Esse estado de sono provocado desenvolve nos sonâmbulos aptidões especiais que, em vigília, desaparecem, abafadas, aniquiladas pelo invólucro corpóreo.  
  
Nessas diversas condições, o ser físico parece possuir dois estados de consciência, duas fases alternadas de existências que se encadeiam e se envolvem uma na outra. O esquecimento, como espessa cortina, separa o sono do estado de vigília, assim como divide cada vida terrestre das existências anteriores e da vida dos céus.**

**Se as impressões que a alma sente durante o decurso da vida atual, no estado de desprendimento completo, seja pelo sono natural ou pelo sono provocado, não podem ser transmitidas ao cérebro, deve-se compreender que as recordações de uma vida anterior sê-lo-iam mais dificilmente ainda. O cérebro não pode receber e armazenar senão as impressões comunicadas pela alma em estado de cativeiro na matéria. A memória só saberiam reproduzir o que ele tem registrado.**

**O Magnetismo, repelido pelas corporações sábias, começa sob outro nome a atrair-lhes a atenção. Os resultados seriam, porém, muito mais fecundos se, ao invés de operarem sobre histéricos, experimentassem sobre indivíduos sãos e válidos. O sono magnético desenvolve, nos passivos lúcidos, faculdades novas, um poder incalculável de percepção. O mais notável fenômeno é a visão a grande distância, sem o auxílio dos olhos. Um sonâmbulo pode orientar-se durante a noite, ler e escrever com os olhos fechados, entregar-se aos mais delicados e complicados trabalhos. Outros vêem no interior do corpo humano, discernem seus males e causas, lêem o pensamento no cérebro, penetram, sem o concurso dos sentidos, nos mais recônditos domínios, e até no vestíbulo do outro mundo.**

**10 - Estudando a mediunidade - Martins Peralva - pág. 83**

**XIV - Desenvolvimento mediúnico  
O capítulo «Sonambulismo torturado», que nos forneceu ensejo ao estudo do vampirismo, é rico em observações relativas aos variados processos de resgates, os quais se expressam no mundo à maneira de complexos distúrbios mediúnicos.  
Fixemos o gráfico-base da análise do assunto:**

|  |  |
| --- | --- |
| **Protagonistas** | **Devedores diretos Devedores indiretos (cúmplices)** |
| **Processos de Auxílio** | **Magnéticos Verbais (doutrinação fraterna) Vibracionais (prece e concentração)** |
| **Benefícios dispensados pelo amparo dos Centros** | **O perseguidor sentirá a necessidade de perdoar, para melhorar-se.**  **O devedor direto será compelido a fortalecer-se e, perdoando, recuperar-se.**  **O devedor indireto sentirá a necessidade da meditação, da calma, da paciência e da cooperação, para reajustando-se ter paz e felicidade.** |

**As personagens são dois encarnados: uma jovem senhora e o seu esposo, e o desencarnado, pai adotivo da moça, no passado foi por ela envenenado a mando do atual marido. Três almas comprometidas com a Lei, em redentora provação. Três corações entrelaçados por vínculos sombrios, pedindo compreensão, amor e tolerância.  
  
A moça, como devedora direta, porque autora do envenenamento do próprio benfeitor. O atual esposo, como devedor indireto, inspirador do extermínio, a fim de apossar-se da fortuna material. E o desencarnado, ainda desajustado, incapaz de compreender os benefícios que o perdão sincero lhe proporcionaria, além de abrir-lhe a rota para o crescimento espiritual, na direção da Luz.  
  
Trata-se, sem dúvida, de complexo drama, onde o cúmplice de ontem recebe hoje, na condição de esposa, a noiva do passado, por ele convertida em criminosa vulgar, a fim de ajudá-la a reajustar-se, curando a desarmonia que a sua ambição lhe gerou na mente invigilante.  
  
A Lei — esta Lei cujo mecanismo ainda ignoramos quase que totalmente — incumbiu-se de promover o reencontro das três almas necessitadas de carinho. Certa vez ouvimos um confrade afirmar que nós, os espíritas, somos os «milionários da felicidade». Quanta verdade nesta afirmativa!  
  
Efetivamente somos «milionários da felicidade» porque o nosso Espírito se enriquece, incessantemente, de novos conhecimentos que a Espiritualidade bondosamente nos revela, através da psicografia ostensiva e da pena inspirada dos escritores-sensitivos. O Espiritismo nos ensina que a maioria dos lares terrestres se constitui de casamentos provacionais.  
  
Antigos desafetos que se reúnem, respirando no mesmo teto, para a dissipação do rancor. Almas que, interpretando defeituosamente as legítimas noções do Amor, se acumpliciaram no pretérito. Diminuto o número de casais reunidos por superiores afinidades. Vejamos como o Assistente Áulus descreve o reencontro, na atual reencarnação, das personagens daquele drama selado com o sangue do pai adotivo da irmã que, na atualidade, se encontra a braços com a mediunidade torturada :  
  
«Decerto nosso companheiro na atualidade não se sente feliz. Recapitulando a antiga fome de sensações, abeirou-se da mulher que desposou, procurando instintivamente a sócia de aventura passional do pretérito, mas encontrou a irmã doente que o obriga a meditar e a sofrer.»  
  
Têm razão os benfeitores espirituais quando asseguram que «os templos espíritas vivem repletos de dramas comoventes, que se prendem ao passado remoto e próximo» . E por viverem repletos de tais dramas é que se impõe a todos, imprescindivelmente, a necessidade do estudo metódico e sério, a fim de que, casos que reclamam, simplesmente, amorosa ajuda a vítimas e verdugos, não sejam lastimàvelmente confundidos com «mediunidade a desenvolver».  
  
O caso em tela é um desses. Uma casa espírita menos avisada iniciaria logo, com prejuízos para a irmã doente, o seu prematuro desenvolvimento mediúnico. Um grupo consciente, como o visitado pelos irmãos André Luiz e Hilário, cuidaria, antes de tudo, de curá-la e ao perseguidor.  
  
E' uma médium em aflitivo processo de reajustamento. E' provável se demore ainda alguns anos na condição de doente necessitada de carinho e de amor.» E, completando o informe, com valiosa advertência dirigentes: «Desse modo, por enquanto é um instrumento para a criação de paciência e boa vontade no grupo de trabalhadores que visitamos, mas sem qualquer perspectiva de produção imediata, no campo do auxílio, de vez que se revela extremamente necessitada de concurso fraterno.»   
  
Deduz-se, assim, que toda pessoa que procura os centros espíritas, assinalada por complicados distúrbios mediúnicos, não deve ser levada de imediato, sistematicamente, à mesa do desenvolvimento.Antes de tudo a ajuda fraterna, com o esforço pelo reajustamento.  
Depois, sim, servir ao Bem, com a mente harmonizada e o coração guardando, como sublime tesouro, aquela paz e aquele anseio de auxiliar o próximo.  
  
Um pormenor que não pode deixar de ser mencionado é o das consequências advindas do aborto provocado por aquela irmã, quando a vítima do passado, o próprio pai adotivo assassinado, tentou o renascimento. Tivesse ela assumido a responsabilidade maternal ao primeiro tentame, e não teria passado por tão cruéis sofrimentos.  
  
E' por isso que proclamamos, alto e bom som: somos, efetivamente, «milionários da felicidade». Jamais alguém conceituou os Espíritas com tamanha exatidão. «Milionários da felicidade»! Nenhuma mulher espírita terá coragem de promover um aborto. E, se o fizer, pobrezinha dela! A Doutrina Espírita preceitua que o aborto é um crime horripilante, tão condenável quanto o em que se elimina a existência de um adulto.  
  
Conhecesse aquela irmã o Espiritismo e tê-lo-ia evitado, fugindo-lhe, assim, às desastrosas consequências. A misericórdia divina, entretanto, se compadece infinitamente de todos nós. Via de regra, é através de acerbas provações que o Espírito humano, redimindo-se, reparando os erros, destruindo sinais de ódio e de sangue, inicia, esperançoso, a sublime caminhada para o Monte da Sublimação.  
Acolhidos, inicialmente, em um núcleo cristão, o verdugo, a vítima e o cúmplice serão beneficiados.  
  
Através de passes magnéticos, da doutrinação verbal amorosa e das vibrações dos componentes do grupo, receberão os três as claridades prenunciadoras da reconciliação, quando, então, o verdugo reingressará «nas correntes da vida física», reencarnando na condição de filhinho querido daqueles que, ontem, enceguecidos pela avareza, lhe cortaram impiedosamente o fio da existência ...  
  
Com a palavra, mais uma vez, o Assistente Áulus:«Noite a noite, de reunião em reunião, na intimidade da prece e dos apontamentos edificantes, o trio de almas renovar-se-á pouco a pouco.» O perseguidor sentirá a necessidade de perdoar, único caminho para alcançar a indispensável melhoria...  
  
A vítima, devedora direta, sentirá a necessidade de fortalecer-se e, perdoando, recuperar-se a fim de, com Jesus, oferecer mais adiante a sua mediunidade aos serviços assistenciais... E o esposo, devedor indireto, autor intelectual do crime, será compelido à meditação, à calma e à paciência, a fim de que, acertando as suas contas, tenha paz e felicidade. ..**  
  
**18– O QUE É O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC, Falsas explicações dos fenômenos, pág. 85**

**V,-Não será admissível, segundo querem alguns que o médium se ache em estado de crise e goze certa lucidez, que lhe dá a percepção sonambúlica – espécie de dupla vista -, que aliás nos pode explicar a ampliação momentânea de suas faculdades intelectuais? Por que, dizem, as comunicações obtidas pelos médiuns não vão além do alcance das que nos dão os sonâmbulos?  
  
A K.-É ainda esse um desses sistemas que não resistem a um exame aprofundado. O médium nem se acha em crise nem dorme, mas está perfeitamente acordado, agindo e pensando como os outros, sem nada apresentar de extraordinário. Certos efeitos particulares deram lugar a essa suposição; porém, quem se não limitar a julgar as coisas, por uma só face, reconhecerá sem dificuldade que o médium é dotado de uma faculdade particular, que não permite confundi-lo como o sonâmbulo, sendo a independência do seu pensamento demonstrada por fatos da maior evidência.  
  
Abstraindo das comunicações escritas, qual o sonâmbulo que fez alguma vez sair um pensamento de um corpo inerte? Qual deles pôde produzir aparições visíveis e, mesmo, tangíveis? Qual fez que um corpo pesado se mantivesse suspenso no ar, sem ponto de apoio?  
Será por efeito sonambúlico que certo médium desenhou, um dia, em minha casa e na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma jovem, morta havia dezoito meses e a quem ele não conhecera, retrato reconhecido pelo próprio pai da jovem, presente então à sessão?**

**Será por efeito do mesmo gênero que uma mesa responde com precisão às questões propostas, mesmo feitas mentalmente? Certamente, se admitirmos que o médium se ache em estado magnético, parece-me difícil crer que a mesa seja sonâmbula.  
Dizem, ainda, que os médiuns só falam com clareza daquilo que é conhecido. Como explicar o fato seguinte e cem outros da mesma espécie? – Um dos meus amigos, muito bom médium escrevente, perguntou a um Espírito se uma pessoa que ele tinha perdido de vista, havia quinze anos, era ainda deste mundo.  
  
-“Sim, ainda vive, foi-lhe respondido; mora em Paris, rua tal, número tal.” Ele foi e encontrou a pessoa no lugar indicado. Seria isso uma ilusão? Seu pensamento poderia sugerir-lhe tal resposta, quando, por causa da idade da pessoa por quem ele perguntava, havia toda a probabilidade de ela não existir mais?  
  
Se, em certos casos, vemos respostas combinarem com o pensamento de quem pergunta, será racional concluirmos que isso seja uma lei geral? Nisso como em todas as coisas, são sempre perigosos os juízos precipitados, porque eles podem ser desmentidos pelos fatos que ainda se não observaram.**

**19– OBRAS PÓSTUMAS (ALLAN KARDEC) – PAG. 91**

**Bem compreendemos nós o modo de transmissão do pensamento, mas somos impotentes para compreender, pelas leis da simpatia harmônica, o sistema pelo qual o homem forma em si mesmo tal ou qual pensamento, tal ou qual imagem, e esta solicitação de objetos exteriores. Isto decorre das propriedades do organismo, e a psicologia, descobrindo nesta faculdade rememorativa ou criadora, segundo o desejo do homem, alguma coisa de antagônico com as propriedades do organismo, fá-la depender de um ser substancial diferente da matéria.  
  
“Começamos, pois, a descobrir no fenômeno do pensamento certas lacunas entre a capacidade das leis fisiológicas do organismo e o resultado obtido. O gérmen do fenômeno, se assim se pode dizer, é fisiológico; mas a sua extensão verdadeiramente prodigiosa não o é; e aqui urge admitir que o homem goza de uma faculdade estranha a qualquer dos dois elementos materiais de que, até o presente, o temos considerado composto.**

**O observador de boa fé reconhecerá, portanto, no caso, uma terceira parte constitutiva do homem, parte que começa a revelar-se, sob o ponto de vista da psicologia magnética, por caracteres novos e semelhantes aos que os filósofos dão à alma. A existência desta, porém, acha-se mais bem demonstrada pelo estudo de outras faculdades do sonambulismo magnético Assim pois a vista a distância, quando completa e claramente insulada da transmissão do pensamento, jamais poderá ser explicada pela extensão do simpático orgânico.**

**20 – RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – FRANCISCO C. XAVIER (EMMANUEL), Sonâmbulos, pág. 141**

**Reunião pública de 14.8.59 – Questão nº. 425 – Sonâmbulos sublimes, temo-los no mundo honorificados no Cristianismo, por terem testemunhado, valorosos, a evidência do Plano Espiritual. E muitos dos mais eminentes sofrem os efeitos de suas atividades psíquicas na própria constituição fisiológica, tolerando, muitas vezes, os tremendos embates das forças superiores, que glorificam a luz, com as forças inferiores que se enquistam nas trevas.**

**Paulo de Tarso, o apóstolo intrépido, após o comentário de suas próprias visões, fora do corpo denso, exclama na segunda carta aos coríntios: - “E para que me não exaltasse pelas excelências recebidas, foi-me concedido um espinho na carne...”. Antão, o venerado eremita do vilarejo de Coma, no Egito, intensivamente assaltado por Espíritos obsessores, e em estado cataléptico, é tido como morto, despertando, porém, entre aqueles que lhe velavam o suposto cadáver.  
  
Francisco de Assis, o herói da humildade, ouve, prostrado de febre, em Spoleto, as vozes que lhe recomendam retorno à terra natal, para o cumprimento de sua missão divina. Antônio de Pádua, o admirável franciscano, por várias vezes entra em sono letárgico, afastando-se do corpo para misteres santificantes.  
  
Teresa de Ávila, a insigne doutora da literatura religiosa na Espanha, permanece em regime de parada cardíaca, por quatro dias consecutivos, acordando subitamente, entre círios acesos, quando já se lhe preparava conveniente sepulcro, no convento da Encarnação  
  
Medianeiros excelsos foram todos eles, pelas revelações que trouxeram do Plano Divino ao acanhado círculo humano. Entretanto, fora do hagiológio conhecido, encontramos uma infinidade de sonâmbulos outros, em todas as épocas. Sonâmbulos de inteligência enobrecida e sonâmbulos enfermos na atividade mental. Sabe-se que Maomé recebia mensagens do Além, no intervalo de convulsões epileptóides.   
  
Dante, apesar do monoideísmo político, registra impressões hauridas por ele mesmo, fora dos sentidos normais. Através de profundas crises letárgicas, Auguste Comte escreve a sua Filosofia Positiva. Frederica Hauff, na Alemanha, em princípios do século XIX, doente e acamada, entra em contato com a Esfera Espiritual.  
  
Guy de Maupassant, em França, vê-se obsidiado pelas entidades desencarnadas que lhe inspiram os contos notáveis, habitualmente grafados por ele em transe. Van Gogh, torturado pinta, sob influências estranhas, padecendo acessos de loucura. E além desses sensitivos, categorizados nas classes a que nos reportamos, surpreendemos atualmente os sonâmbulos do sarcasmo, que se valem de assunto tão grave, qual seja o sonambulismo magnético, para motivo de hilaridade, em diversões públicas, com evidente desrespeito à dignidade humana.  
  
Todavia, igualmente hoje, com a benção do Cristo, vemos a Ciência estudando a hipnose para aplicá-la no vasto mundo patológico em que lhe cabe operar, e a Doutrina Espírita a reviver o Evangelho, disciplinando e amparando os fenômenos da alma, no campo complexo da mediunidade, de modo a orientar a consciência dos homens no caminho da Nova Luz.**

**22 – ROMA E O EVANGELHO – D. JOSÉ ª Y PELLICER (CÍRCULO CRISTIANO ESPÍRITA DE LÉRIDA**), 2ª. Pág. 311

**O negociante, que apenas fez estudos primários, e que nunca soube o latim, adquire a posse dessa língua, e tonteia o seu médico, a quem só nela falará. Por essa teoria extática do Sr. Gasparin, conclui-se que as idéias enunciadas pelos extáticos, e de que não tinham eles conhecimento no estado normal, não são mais que reminiscências.  
  
Como o Sr. Gasparin, eu admito a reminiscência, que não é senão a volta da alma ao pensamento de uma coisa, ou de uma idéia esquecida, apesar de gravada na memória. Essa volta, entretanto, só se opera a favor de algum trabalho intelectual que nos conduza à recordação de coisas ou idéias esquecidas.  
  
Eu sou médium, e o médium, segundo as idéias correntes, é um sonâmbulo acordado. Ora, todo sonâmbulo é extático, em maior ou menor grau; logo, sou extático. Pois bem; eu, que sou extático, tomo um lápis, e, colocando-o sobre o papel e concentrando-me, digo à força oculta que dirige a minha mão e a leva a escrever, inconscientemente, que me faça escrever alguma coisa sobre a criação, se lhe for possível. Apenas tenho pronunciado estas palavras, é a minha mão arrastada sem interrupção, e escreve sobre a criação coisas verdadeiras ou falsas, que me surpreendem.  
  
Terminada a sessão e desejando verificar se essas idéias sobre a criação eram reminiscências, procurei ver se elas se haviam gravado na minha memória por alguma leitura ou por tê-las ouvido de alguém. Nesse intuito, comecei a reler os livros religiosos e filosóficos que podiam tratar da questão, porém, nada encontrei neles que se parecesse como o que escrevi. Consultei as bibliotecas públicas, e nada descobri, aí, semelhante ao que a minha mão me tinha dado a conhecer sobre a criação.**

|  |  |
| --- | --- |
| **SONHOS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Agonia das religiões - pág. 52** | **02 - A alma é imortal - pág. 80** |
| **03 - A crise da morte - pág. 119** | **04 - A gênese - cap. XIV, 22 - XV, 3** |
| **05 - A levitação - pág. 94** | **06 - A mediunidade e a lei - pág. 20** |
| **07 - A vida além do véu - pág. 203** | **08 - Alquimia da mente - pág. 111** |
| **09 - Análise das coisas- pág. 93, 109** | **10 - Conduta Espírita - pág. 107** |
| **11 - Cromoterapia - pág. 201** | **12 - Devassando o invisível - pág. 128** |
| **13 - Espiritismo e vida eterna- pág. 23, 31** | **14 - Estamos no além - pág. 141** |
| **15 - Grilhões partidos - pág. 129** | **16 - Mecanismos da mediunidade - pág. 151** |
| **17 - Mediunidade - pág. 66, 185** | **18 - Missionários da luz - pág. 80** |
| **19 - No invisível - pág. 156** | **20 - No mundo maior - pág. 13, 24** |
| **21 - O consolador - pág. 43** | **22 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. XXi, 8** |
| **23 - O Livro dos Espíritos- q. 343, 400** | **24 - O pensamento de Emmanuel - pág. 145** |
| **25 - O que é o Espiritismo - pág. 204** | **26 - Obras Póstumas - pág. 53** |
| **27 - Os mensageiros - pág. 199** | **28 - Palingênese, a grande lei - pág. 87** |
| **29 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 18** | **30 - Saúde e Espiritismo - pág. 86** |
| **31 - Estudando a Mediunidade - pág. 98** | **32– O PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR – LÉON DENIS, pág. 85** |
| **33 - A mediunidade e a lei - pág. 20** | **34 - Temas da vida e da morte - pág. 24** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SONHOS** **– COMPILAÇÃO**

**04 - A gênese - Allan Kardec - cap. XIV, 22 - XV, 3**

**VISÃO ESPIRITUAL OU PSÍQUICA, DUPLA VISTA; SONAMBULISMO; SONHOS**

**22. O perispírito é o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual: é por ele que o Espírito encarnado está em contínua relação com os Espíritos; é por ele, enfim, que se cumprem, no homem, fenômenos especiais que não têm a sua causa primeira na matéria tangível, e que, por esta razão, parecem sobrenaturais. É nas propriedades e na irradiação do fluido perispiritual que se deve procurar a causa da dupla vista, ou visão espiritual, que se pode também chamar visão psíquica, da qual muitas pessoas estão dotadas, frequentemente com o seu desconhecimento, assim como da visão sonambúlica.  
  
O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito; é por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais que escapam aos seus sentidos carnais. Pelos órgãos do corpo, a vista, o ouvido e as diversas sensações estão localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou psíquico, elas estão generalizadas; o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser o que está na esfera de irradiação de seu fluido perispiritual.  
  
Estes fenômenos são, no homem, a manifestação da vida espiritual; é a alma que age fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido psíquico, ele não vê pelos olhos do corpo, se bem que, frequentemente, por hábito, os dirija para o ponto sobre o qual leva a sua atenção; vê pelos olhos da alma, e a prova disto é que vê tudo tão bem com os olhos fechados, e além do alcance de seu raio visual; ele lê o pensamento representado figuradamente no raio fluídico.  
  
23.- Embora, durante a vida, o Espírito esteja preso ao corpo pelo perispírito, ele não é de tal modo escravo que não possa alongar o seu laço e se transportar ao longe, seja na Terra, seja sobre qualquer ponto do espaço. O Espírito não está senão com pesar ligado ao seu corpo, porque a sua vida normal é a liberdade, ao passo que a vida corpórea é a do servo preso à gleba.  
  
O Espírito é, pois, feliz por deixar o seu corpo, como o pássaro deixa a sua gaiola; ele agarra todas as ocasiões para dele se libertar, e se aproveita, por isto, de todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. É o fenômeno designado sob ò nome de emancipação da alma; sempre ocorre no sono; todas as vezes que o corpo repousa, e que os sentidos estão em inatividade, o Espírito se desliga. (O Livro dos Espíritos, cap.VIII).  
  
Nestes momentos, o Espírito vive da vida espiritual, ao passo que o corpo não vive senão da vida vegetativa; ele está em parte no estado que estará depois da morte; percorre o espaço, conversa com os seus amigos e outros Espíritos livres, ou encarnados como ele.  
O laço fluídico que o retém ao corpo não está definitivamente rompido senão na morte; a separação completa não ocorre senão pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Tanto que o corpo viva, a qualquer distância que esteja, o Espírito para ele é instantaneamente chamado, desde que a sua presença seja necessária; ele, então, retoma o curso de sua vida exterior de relação.**

**Por vezes, ao despertar, conserva uma lembrança de suas peregrinações, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui o sonho; dele traz, em todos os casos, intuiçoes que lhe sugerem idéias e pensamentos novos, e justificam o provérbio: A noite traz conselho.  
Assim se explicam igualmente certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc. e que não são outras do que as manifestações da vida espiritual.  
  
24. - Uma vez que a visão espiritual não se efetua pelos olhos do corpo, é que a percepção das coisas não ocorre pela luz comum: com efeito, a luz material está feita para o mundo material; para o mundo espiritual existe uma luz especial cuja natureza nos é desconhecida, mas que, sem dúvida, é uma das propriedades do fluido etéreo impressionando as percepções visuais da alma.**

**Há, pois, a luz material e a luz espiritual. A primeira tem focos circunscritos nos corpos luminosos; a segunda tem seu foco por toda a parte: e a razão pela qual não há obstáculos para a visão espiritual; ela não se detém nem pela distância, nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. O mundo espiritual é, pois, iluminado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.  
  
25. - A alma, envolvida pelo seu perispírito, carrega assim nela seu princípio luminoso; penetrando a matéria, em virtude de sua essência etérea, não há corpos opacos para a sua visão. Entretanto, a visão espiritual não tem nem a mesma extensão, nem a mesma penetração em todos os Espíritos; só os puros Espíritos a possuem em todo o seu poder; nos Espíritos inferiores, ela é enfraquecida pela grosseria relativa do perispírito, que se interpõe como uma espécie de névoa.  
  
Ela se manifesta em diferentes graus nos Espíritos encarnados pelo fenômeno da segunda vista, seja no sonambulismo natural ou magnético, seja no estado de vigília. Segundo o grau de poder da fapuldade, diz-se que a lucidez é mais ou menos grande. E com a ajuda desta faculdade que certas pessoas vêem o interior do organismo e descrevem a causa das doenças.  
  
26. - A visão espiritual dá, pois, percepções especiais que, não tendo por sede os órgãos materiais, se operam em condições diferentes da visão corpórea. Por esta razão, não se podem esperar efeitos idênticos e experimentar pelos mesmos procedimentos. Cumprindo-se fora do organismo, ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. E necessário estudá-la em seus efeitos e em suas causas, e não por assimilação com a visão comum, que ela não está destinada a suprir, salvo casos excepcionais e que não se poderiam tomar por regra.  
  
27.-A visão espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita entre os Espíritos encarnados, e, por consequência, sujeita a aberrações. Tendo a sua sede na própria alma, o estado da alma deve influir sobre as percepções que ela dá. Segundo o grau de seu desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode dar, seja no sono, seja no estado de vigília: le a percepção de certos fatos materiais reais, como o conhecimento de acontecimentos que se passam ao longe, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma doença, e os remédios convenientes; 2- a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos; 3e imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento.**

**Estas criações estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as cria. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas e preocupadas de certas crenças religiosas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tal como as sejam figuradas: às vezes, é toda uma epopéia; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos viam o inferno e o paraíso. Se, ao despertar, ou ao sair do êxtase, essas pessoas conservam uma lembrança precisa de suas visões, elas as tomam por realidades e confirmações de suas crenças, ao passo que isso não é senão um produto de seus próprios pensamentos. Há, pois, uma escolha muito rigorosa a fazer nas visões extáticas, antes de aceitá-las. O remédio para a demasiada credulidade, sob este aspecto, é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.**

**28. - Os sonhos propriamente ditos apresentam as três naturezas de visões descritas acima. É às duas primeiras que pertencem os sonhos de previsões, pressentimentos e advertências; é na terceira, quer dizer, nas criações fluídicas do pensamento que se pode encontrar a causa de certas imagens fantásticas, que nada têm de real com relação à vida material, mas que têm, para o Espírito, uma realidade por vezes tal que o corpo lhe sofre o contra-golpe, e que se tem visto os cabelos embranquecerem sob a impressão de um sonho. Estas criações podem ser provocadas: pelas crenças exaltadas; por lembranças retrospectivas; pelos gostos, os desejos, as paixões, o medo, os remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou um embaraço nas funções do organismo; enfim, por outros Espíritos, com um fim benevolente ou malévolo, segundo a sua natureza.  
  
  
10 - Conduta Espírita - André Luiz - pág. 107**

**30. PERANTE OS SONHOS  
Encarar com naturalidade os sonhos que possam surgir durante o descanso físico, sem preocupar-se aflitivamente com quaisquer fatos ou idéias que se reportem a eles. Há mais sonhos na vigília que no sono natural. Extrair sempre os objetivos edificantes desse ou daquele painel entrevisto em sonho. Em tudo há sempre uma lição.**

**Repudiar as interpretações supersticiosas que pretendam correlacionar os sonhos com jogos de azar e acontecimentos mundanos, gastando preciosos recursos e oportunidade da existência em preocupação viciosa e fútil. Objetivos elevados, tempo aproveitado.**

**Acautelar-se quanto às comunicações inter vivos, no sonho vulgar, pois, conquanto o fenômeno seja real, a sua autenticidade é bastante rara. O Espírito encarnado é tanto mais livre no corpo denso, quanto mais escravo se mostre aos deveres que a vida lhe preceitua.**

**Não se prender demasiadamente aos sonhos de que recorde ou às narrativas oníricas de que se faça ouvinte, para não descer ao terreno baldio da extravagância. A lógica e o bom senso devem presidir a todo raciocínio.**

**Preparar um sono tranquilo pela consciência pacificada nas boas obras, acendendo a luz da oração, antes de entregar-se ao repouso normal. A inércia do corpo não é calma para o Espírito aprisionado à tensão.**

**Admitir os diversos tipos de sonhos, sabendo, porém, que a grande maioria deles se originam de reflexos psicológicos ou de transformações relativas ao próprio campo orgânico. O Espírito encarnado e o corpo que o serve respiram em regime de reciprocidade no reino das vibrações. "E rejeita as questões loucas..." - Paulo ( II Timóteo, 2:23)**

**19 - No invisível - Léon Denis - pág. 156**

**Parte 2, cap. 13 pág. 156. – (...) O sonho ordinário, puramente cerebral é simples repercussão de nossas disposições físicas ou de nossas preocupações morais. É também o reflexo das impressões físicas e imagens arquivadas no cérebro durante a vigília. (...)  
Por último vêm os sonhos profundos, ou sonhos etéreos, o Espírito se subtrai à vida física, desprendendo-se da matéria, percorre a superfície da Terra e a imensidade, onde procura os seres amados, seus parentes, seus amigos, seus guias espirituais. Vai, não raro, ao encontro das almas humanas, como ele desprendidas da carne durante o sono, com as quais se estabelece uma permuta de pensamentos e desígnios.  
  
Dessas práticas conserva o Espírito impressões que raramente afetam o cérebro físico, em virtude de sua impotência vibratória. Essas impressões se gravam, todavia, na consciência, que lhes guarda os vestígios, sob a forma de intuições, de pressentimentos, e influem, mais do que se poderiam supor, na direção da nossa vida, inspirando os nossos atos e resoluções (...).**

**21 - O consolador - Emmanuel - pág. 43**

**Perg. 49 - Como devemos conceituar o sonho?  
- Na maioria das vezes, o sonho constitui atividade reflexa das situações psicológicas do homem no mecanismo das lutas de cada dia, quando as forças orgânicas dormitam em repouso indispensável. Em determinadas circunstâncias, contudo, como nos fenômenos premonitórios, ou nos de sonambulismo, em que a alma encarnada alcança elevada porcentagem de desprendimento parcial, o sonho representa a liberdade relativa do espírito prisioneiro da Terra, quando, então, se poderá verificara comunicação "inter vivos", e, quanto possível, as visões proféticas, fatos esses sempre organizados pelos mentores espirituais de elevada hierarquia, obedecendo a fins superiores, e quando o encarnado em temporária liberdade pode receber a palavra e a influência diretas de seus amigos e orientadores do plano invisível.**

**22 - O Evangelho S.o Espiritismo - Allan Kardec - cap. XXi, 8**

**INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS - OS FALSOS PROFETAS  
LUÍS Bordeaux, 1861  
  
8. Se alguém vos disser: "O Cristo está ali", não o procureis, ao contrário, ponde-vos em guarda, porque são numerosos os profetas. Então não vedes quando as folhas da figueira começam a embranquecer; não vedes os numerosos rebentos ansiando pela época da floração; e o Cristo não vos disse: "Conhece-se árvore pelos seus frutos?" Se, pois, os frutos são amargos, considerais a árvore má; mas se são doces e saudáveis dizeis: "Nada tão puro poderia sair de um tronco mau."  
  
É assim, meus irmãos, que deveis julgar: são as obras que devem ser examinadas. Se os que se dizem revestidos do poder divino revelam todos os sinais de semelhante missão, ou seja, se eles possuem, no mais alto grau, as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia todos os corações, e se, confirmando as palavras, lhes juntam os atos, então poderemos dizer: Estes são realmente os enviados de Deus.  
  
Mas desconfiai das palavras melífluas, desconfiai dos escribas e dos fariseus, que pregam nas praças públicas, vestidos de longas vestes. Desconfiai dos que pretendem estar na posse exclusiva e única da verdade! Não, não, o Cristo não está lá, porque aqueles que ele envia, para propagar a sua santa doutrina e regenerar o seu povo, são sempre, a seu próprio exemplo, mansos e humildes de coração, de tudo o mais; os que devem, por seus exemplos e seus conselhos, salvar a Humanidade, que corre para a perdição e se desvia por caminhos tortuosos, serão, antes de mais nada, inteiramente modestos e humildes.**

**Todo aquele que revela um átomo de orgulho, fugi dele como de uma lepra contagiosa, que corrompe tudo o que toca. Lembrai-vos de que cada criatura traz na fronte, mas sobretudo nos atos, a marca de sua grandeza ou de sua decadência. Avançai, pois, meus queridos filhos, marchai sem vacilações sem segundas intenções, na bendita caminhada que empreendei! Avançai, avançai sempre, sem nenhum temor, e afastai corajosamente tudo o que poderia dificultar a vossa marcha para o objetivo eterno. Viajores, não estareis mais do que um breve tempo nas trevas e dores da prova, se vossos corações se deixarem levar por esta doutrina, que vem revelar-vos as leis eternas, satisfazendo toda aspirações da vossa alma diante do infinito!  
  
Sim, desde já podereis corporificar esses silfos alígeros, perpassam nos vossos sonhos, e que, tão efêmeros, só podiam do vosso espírito, sem nada dizerem ao vosso coração. Agora, amigos, a morte desapareceu, cedendo lugar ao anjo radioso conheceis, o anjo do reencontro e da reunião. Agora, vós que cumpristes a tarefa que o Criador vos deu, nada mais tendes temer da sua justiça, porque ele é pai e perdoa sempre aos filhos desgarrados, que clamam por misericórdia. Continuai, portanto, avançai sem cessar! Que a vossa divisa seja a do progresso constante em todas as coisas, até chegardes ao termo feliz em que vos esperam, afinal, todos aqueles que vos precederam.  
  
CARACTERES DO VERDADEIRO PROFETA  
ERASTO, Paris, 1862|  
9. Desconfiai dos falsos profetas! Esta recomendação em todos tempos, mas sobretudo nos momentos de transição que, como neste, se elabora uma transformação da Humanidade Porque nesses momentos uma multidão de ambiciosos e farsantes arvoram em reformadores e messias. Ê contra esses impostores se deve estar em guarda, e o dever de todo homem honesto é desmascará-los.   
  
Perguntareis, sem dúvida, como se pode conhece-los e eis aqui os seus sinais: Não se confia o comando de um exército senão a um general hábil e capaz de o dirigir. Acreditais que Deus seja menos prudente que os homens? Ficai certos de que Ele só confia missões importantes aos que sabe que são capazes de cumpri-las, porque as grandes missões são pesados fardos, que esmagariam os carregadores demasiado fracos. Como em todas as coisas, também nisto o mestre deve saber mais do que o aluno. Par fazer avançar a Humanidade, moral e intelectualmente, são necessários homens superiores em inteligência e moralidade!**

**Eis porque são sempre espíritos já bastante avançados, que fizeram suas provas em outras existências, os que se encarnam para essas missões; pois se não forem superiores ao meio em que devem agir, nada poderão fazer. Assim sendo, concluireis que o verdadeiro missionário de Deus deve tu que o é pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela sua grandeza pelos resultados e pela influência moralizadora de suas obras. Tirai ainda esta outra consequência: se ele estiver, pelo seu caráter, pelas suas idéias, pela sua inteligência, abaixo do papel que se arroga, ou do personagem cujo nome utiliza, não passa de um farsante de baixa classe, que não sabe sequer imitar o seu modelo.  
  
Outra consideração a fazer é a de que a maior parte dos verdadeiros missionários de Deus ignoram que o sejam. Realizam aquilo para que foram chamados, graças ao poder do seu próprio gênio, secundados pelo poder oculto que os inspira e os dirige, à sua revelia, e sem que o tivessem premeditado. Numa palavra: os verdadeiros profetas se revelam pelos seus atos e são descobertos pelos outros, enquanto os falsos profetas se apresentam por si mesmos como enviados de Deus. Os primeiros são humildes modestos; os segundos, orgulhosos e cheios de si, falam com arrogância, no todos os mentirosos, parecem sempre receosos de não serem aceitos.  
  
Já se viram desses impostores apresentarem-se como apóstolos do Cristo, outros como o próprio Cristo, e, para vergonha da Humanidade, encontraram pessoas bastante crédulas para aceitarem as suas imposturas. Em observação bem simples, entretanto, bastaria para abrir os olhos aos cegos: se o Cristo reencarnasse na Terra, o faria com todo o seu poder e Iodas as suas virtudes, a menos que se admita, o que seria absurdo, ele houvesse degenerado. Ora, da mesma maneira que se tirarmos a isto um dos seus atributos, já não teremos Deus, se tirarmos uma só das virtudes do Cristo, não mais o teremos. Esses que se apresentam como o Cristo revelam todas as suas virtudes?**

**Eis a questão. Observai-os, sondai-lhes os pensamentos e os atos, e verificareis que lhes faltam sobretudo as qualidades distintivas do Cristo: a humildade e a caridade, enquanto lhes sobram as que Ele não tinha: a cupidez e o orgulho. Notai ainda que neste momento existem, em diversos países, muitos pretensos Cristos, como há também numerosos e pretensos Elias, supostos São João ou São Pedro, e que necessariamente não podem ser todos verdadeiros. Podeis estar certos de que são exploradores da credulidade, que acham cômodo viver às expensas daqueles que lhes dão ouvidos. Desconfiai, portanto, dos falsos profetas, sobretudo numa época de renovação, porque muitos impostores se apresentarão como enviados de Deus. São os que buscam uma vaidosa satisfação sobre a terra, mas podeis estar certos de que uma terrível justiça os espera!  
  
Lembrete:  
Devemos estar com atenção redobrada quando ao dormirmos chegam na calada da noite, se desdobrando entre as trevas, aqueles espíritos inferiores por não aceitar a sua condição simplória, não querem que também evoluamos, então, procuram se confundir com os nossos guias espirituais denotando suas asquerosas artimanhas, usando todo o seu talento (sempre para o mal, que ótimo aproveitamento seria se fosse para o bem), misturando demoniacamente meias verdades com coisas esdruxulas tentando contaminar nossas mentes, inserindo coisas indescritíveis para que desviemos de nossos caminhos. Procuremos conversar todas as noites com nosso Guia e reconhecê-lo, pois, ele só nos dará boas condutas, ótimos pensamentos, etc.. Aquele que só tem boa conduta, pratica o bem, ora sempre e ajuda os seus semelhantes em boas obras, os espíritos inferiores não encontram guarida, então, vão se embora. Sempre ao dormir devemos orar agradecendo ao nosso Pai tudo aquilo que temos (bom ou mau pois, é a nossa cruz) e solicitar ao nosso Guia Espiritual (Anjo da Guarda) que queremos dormir para o bem e desejamos fazer cursos ( reuniões de esclarecimentos, de orientação e reconforto, etc...).**

**23 - O Livro dos Espíritos -Allan Kardec - questões. 343, 400**

**Perg. 343 - Os Espíritos amigos, que nos seguem durante a vida são, por vezes, os que vemos em sonho, que nos testemunham a sua afeição e que se nos apresentam com feições desconhecidas?  
- Muito frequentemente o são; eles vêm visitar-vos, como ides ver um prisioneiro nas grades.**

**Perg. 400 - O Espírito encarnado permanece voluntariamente no envoltório corporal?  
- É como perguntar se o prisioneiro está satisfeito sob as chaves. O Espírito encarnado aspira incenssantemente à libertação, e quanto mais grosseiro é o envoltório, mais deseja ver-se desembaraçado.**

**Perg. 401 - Durante o sono, a alma repousa como o corpo?  
- Não, o Espírito jamais fica inativo. Durante o sono, os liames que o unem ao corpo se afrouxam e o corpo não necessita do Espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.**

**Perg. 402 - Como podemos avaliar a liberdade do Espírito durante o sono?  
- Pelos sonhos. Sabei que, quando o corpo repousa, o Espírito dispõe de mais faculdades que no estado de vigília. Tem a lembrança do passado e, às vezes, a previsão do futuro; adquire mais poder e pode entrar em comunicação com os outros Espíritos, seja deste mundo, seja de outro. Frequentemente dizes: "Tive um sonho bizarro, um sonho horrível, mas que não tem nenhuma verossimilhança". Enganas-te. É quase sempre uma lembrança de lugares e de coisas que viste ou que verás numa outra existência ou em outra ocasião. O corpo estando adormecido, o Espírito trata de quebrar as suas cadeias para investigar no passado ou no futuro. (...)  
O sonho é a lembrança do que o vosso Espírito viu durante o sono; mas observai que nem sempre sonhais, porque nem sempre vos lembrais daquilo que vistes, ou de tudo o que vistes. Isso porque não tendes a vossa alma em todo o seu desenvolvimento; frequentemente não vos resta mais do que a lembrança da perturbação que acompanha a vossa partida e a vossa volta,a que se junta a lembrança do que fizeste ou do que vos preocupa no estado de vigília. Sem isto, como explicaríeis esses sonhos absurdos, a que estão sujeitos tanto os mais sábios quanto os mais simples? Os maus Espíritos também se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilâmes.**

**Perg. 404 - Que pensar da significação atribuída aos sonhos?  
- Os sonhos não são verdadeiros, como entendem os ledores da sorte, pelo que é absurdo admitir que sonhar com uma coisa anuncia outra. Eles são verdadeiros no sentido de apresentarem imagens reais para o Espírito, mas que, frequentemente, não têm relação com o que se passa na vida corpórea. Muitas vezes, ainda, como já dissemos, são uma recordação. (...)**

**Perg. 405 - Frequentemente se vêem em sonhos coisas que parecem pressentimentos e que não se cumprem; de onde vêm elas? - Podem cumprir-se para o Espírito, se não se cumprem para o corpo. Quer dizer que o Espírito vê aquilo que deseja, porque vai procurá-lo. Não se deve esquecer que, durante o sono, a alma está sempre mais ou menos sob a influência da matéria e, por conseguinte, não se afasta jamais completamente das idéias. Disso resulta que as preocupações da vigília podem dar, àquilo que se vê, a aparência do que se deseja ou do que se teme. A isso é que realmente se pode chamar um efeito da imaginação. Quando se está fortemente preocupado com uma idéia, liga-se a ela tudo o que se vê.**

**Perg. 406 - Quando vemos em sonho pessoas vivas, que conhecemos perfeitamente, praticarem atos em que absolutamente não pensam, não é isso um efeito de pura imaginação? - Em que absolutamente não pensam? Como o sabes? Seus Espíritos podem visitar o teu, como o teu pode visitar os delas, e nem sempre sabes o que pensam. Além disso, frequentemente aplicais a pessoas que conheceis, e segundo os vossos desejos, aquilo que se passou ou se passa em outras existências.**

**24 - O pensamento de Emmanuel - Martins peralva - pág. 145**

**22 - SONO E SONHOS  
P. — Acontece com frequência verem-se em sonho coisas que parecem um pressentimento, que, afinal, não se confirma. A que se deve atribuir isto?  
R. — Pode suceder que tais pressentimentos venham a confirmar-se apenas para o Espirito. Quer dizer que este viu aquilo que desejava, foi ao seu encontro. É preciso não esquecer que, durante o sono, a alma está mais ou menos sob a influência da matéria e que, por conseguinte, nunca se liberta completamente de suas idéias terrenas, donde resulta que as preocupações do estado de vigília podem dar ao que se vê a aparência do que se deseja ou do que se teme.  
Item 405  
  
Em determinadas circunstâncias, contudo, como nos fenômenos premonitórios, ou nos de sonambulismo, em que a alma encarnada alcança elevada percentagem de desprendimento parcial, o sono representa a liberdade relativa do Espírito prisioneiro da Terra, quando, então, se poderá verificar a comunicação "íntervivos"...  
EMMANUEL  
  
Durante o sono, emancipa-se o Espírito, parcialmente, do corpo, e ingressa no mundo espiritual, para uma vivência autêntica, real, de duração mais ou menos longa. É nesse estado que ocorrem os sonhos, para os quais oferece o Espiritismo interessantes e sensatas explicações. No livro "Estudando a Mediunidade", há um estudo mais circunscrito do assunto, cabendo-nos, agora, desenvolvê-lo um pouco mais, em função dos legítimos interesses da alma.  
  
Reuniões maravilhosas se realizam na Espiritualidade, enquanto dormimos, com o objetivo do esclarecimento, da orientação, do reconforto.Tais reuniões constituem a demonstração cabal do interesse constante de Jesus, através de seus Mensageiros, pela nossa melhoria, pelo nosso progresso. Com base nos ensinos da Codificação e dos Instrutores Espirituais, podemos nós, os encarnados, conhecer um pouco das características dessas admiráveis assembléias.  
  
Algumas destinam-se a determinados grupos de criaturas ainda no corpo físico, que, prevalecendo-se da bênção do repouso orgânico, deslocam-se, tão logo adormecem, para locais já do seu conhecimento, verdadeiros tabernáculos espirituais, geralmente acompanhadas de amigos generosos. Pela intercessão desses Benfeitores, podem comparecer criaturas não integrantes de tais grupos.  
  
Outras, não comparecem: desviam-se, tão logo adormecem, para outros ambientes, qual se verifica na Terra, onde o indivíduo pode modificar, por vontade própria ou por indução de terceiros, o roteiro planejado ao sair de casa. No entanto, no estado de vigília, ao despertar, devido à reduzida potencialidade do aparelho cerebral, conserva, apenas, a essência dos ensinos, sem os pormenores. Os efeitos dessas reuniões, benéficos e salutares, presididas por Sábios Instrutores, fazem-se notados no ou nos dias seguintes.  
  
Labores diuturnos são reiniciados em clima de esperanças e bom ânimo. Idéias se renovam, com o acréscimo de novos valores educativos. Alívio e repouso dão sentido diferente à existência. Contrariamente, almas ainda apegadas às expressões grosseiras da vida participam de reuniões de nível inferior, em zonas próximas à crosta terrena, com entidades do mesmo tipo vibratório.  
  
Extravasam-se, então, em vários rumos, durante o sono, certos impulsos e tendências, sentimentos e propósitos, levando o Espírito parcialmente desprendido a determinado comportamento que, em estado normal, isto é, na vigília, não teria coragem de adotar. Com o relaxamento das defesas próprias, de ordem moral, de sentido ético, exteriorizam-se sentimentos diversos, contidos na vida física pela responsabilidade social ou religiosa, pelas ocupações de rotina e por deveres outros, inerentes ao mundo contingente.  
  
Verdade é que o livre-arbítrio humano funciona, igualmente, durante o sono, encaminhando-se o Espírito para os lugares de sua preferência. A este respeito, dizem os Instrutores Espirituais que todos somos "chamados" a cooperar na obra divina — no caso, renovando-nos, individualmente, para que os reflexos atinjam as comunidades — contudo, a condição de "escolhidos" depende, em princípio, de nós próprios.**

**Devotamento ao bem, persistência na melhoria dos sentimentos, fidelidade aos princípios superiores e operosidade no campo de trabalho que a Misericórdia Divina nos reservou, na gleba terrestre, eis os fatores que nos levarão a viver, durante o sono, com a dignidade compatível com o que temos aprendido na abençoada escola do Espiritismo.  
  
"A ordem é atestado de elevação", ensina Emmanuel — e, dentro de tal formulação, a disciplina espiritual permite que encarnados aplicados e assíduos adquiram, nas assembléias do Espaço, o direito de consulta construtiva, em torno de temas fundamentais ao progresso humano.  
  
Já com alunos transitórios, levados mais pela intercessão caridosa, que afinam pelo diapasão comum da pura curiosidade, o problema é diferente: desfrutam, apenas, da concessão da frequência. A Espiritualidade Superior esmera-se no aproveitamento do tempo, que não pode, nem deve sofrer prejuízos. Muitas atitudes nossas, felizes ou infelizes, aqui no plano físico, resultam do que por nós foi observado nas assembléias espirituais superiores, ou nas promovidas por entidades inferiorizadas.  
  
Segundo os princípios do livre-arbítrio, e ante a compreensão de que cada mente escolherá situações e equacionará problemas de acordo com a própria preferência, durante o sono terá o homem aqueles sonhos que representam e traduzem a sua vivência mento-psíquica na atualidade, ressalvando-se, é bem de ver, em nome da boa doutrina, os casos de revivescência de cenas e quadros plasmados na tela perispirital em existências pretéritas.**

**25 - O que é o Espiritismo - Allan Kardec - pág. 204**

**Perg. 136 - Qual o estado da alma durante o sono? - No sono é só o corpo que repousa, mas o Espírito não dorme. As observações práticas provam que, nessas condições, o Espírito goza de toda a liberdade e da plenitude das suas faculdades; aproveita-se do repouso do corpo, dos momentos em que este lhe dispensa a presença, para agir separadamente e ir aonde quer. Durante a vida, qualquer que seja a distância a que se transporte, o Espírito fica sempre preso ao corpo por um cordão fluídico, que serve para chamá-lo, quando a sua presença se torna necessária. Só a morte rompe esse laço.**

**Perg. 137 - Qual a causa dos sonhos? - Os sonhos são o resultado da liberdade do Espírito durante o sono; às vezes, são a recordação dos lugares e das pessoas que o Espírito viu ou visitou nesse estado.**

**Perg. 138 - Donde vêm os pressentimentos? - São recordações vagas e intuitivas do que o Espírito aprendeu em seus momentos de liberdade e algumas vezes avisos ocultos dados por Espíritos benévolos.**

**26 - Obras Póstumas - Allan Kardec - pág. 53**

**O sono faculta aos Espíritos encarnados o meio de se estarem sempre em comunicação com o mundo espiritual é o que leva os Espíritos superiores a consentir sem grande repulsa em se encarnarem entre vós. Deus quis que durante o seu contato com o vício, pudessem ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de que aqueles, que vêm instruir os outros, não sucumbam também. O sono é uma porta que Deus lhes abriu para se comunicarem com os amigos do céu, é o recreio depois do trabalho enquanto esperam a grande libertação final, que deve restituí-los ao seu verdadeiro ambiente.  
  
O sonho é a recordação do que vosso Espírito viu durante o sono, mas notai que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de quanto vistes. Essa recordação não está na vossa alma em todo o seu desenvolvimento; muitas vezes é apenas uma lembrança da perturbação que experimenta à partida ou do que vos preocupa no estado de vigília; a não ser assim, como explicaria os sonhos absurdos que todos têm tantos os homens mais sábios, como os mais simples? Os maus Espíritos servem-se também dos sonhos para atormentarem as almas fracas e pusilânimes.  
  
A incoerência de certos sonhos explica-se pela recordação imperfeita e incompleta dos fatos e cenas, que foram presentes em sonho, da mesma forma que seria incoerente uma narração em que se trocassem frases, visto não darem os fragmentos uma significação racional.**

**27 - Os mensageiros - Francisco C. Xavier - pág. 199**

**38. Atividade Plena. No salão acolhedor de Dona Isabel, permanecíamos em plena atividade. Lá fora, começara o aguaceiro forte, mas tínhamos a nítida impressão de grande distância da chuva torrencial. Logo às primeiras horas da madrugada, o movimento intensificou-se. Muita gente ia e vinha.  
  
-Numerosos irmãos – explicou o orientador – encontram-se neste pouso de trabalho espiritual, na esfera a que os encarnados chamariam sonho. Não é fácil transmitir mensagens de teor instrutivo, nessa tarefa, utilizando lugares comuns, contaminados de matéria mental menos digna. Nas oficinas edificantes, porém, onde conseguimos acumular maiores quantidades de forças positivas de espiritualidade superior, é possível prestar grandes benefícios aos que se encontram encarnados no planeta.  
  
Acentuei minhas observações, verificando que muitas das pessoas recém-chegadas pareciam convalescentes, titubeantes... Algumas se mantinham de pé, sob o amparo de braços carinhosos. Eram os amigos encarnados a se valerem do desprendimento parcial, pelo sono físico, que se reuniam a nós, aproveitando o auxílio de entidades generosas e dedicadas.  
  
Reconhecia, entretanto, que a maior parte não entendia, com precisão, o que se lhes desejava dizer. Muitos pareciam doentes, incompreensivos. Sorriam infantilmente, revelando boa vontade na recepção dos conselhos, mas grande incapacidade de retenção. Eu estudava os quadros ambientes, com justa estranheza. Sempre cuidadoso, Aniceto veio ao encontro de nossa perplexidade.  
  
-Os Espíritos encarnados – disse -, tão logo se realize a consolidação dos laços físicos, ficam submetidos a imperiosas leis dominantes na Crosta. Entre eles e nós existe um espesso véu. É a muralha das vibrações. Sem a obliteração temporária da memória, não se renovaria a oportunidade.**

**Se o nosso campo lhes fora francamente aberto, olvidariam as obrigações imediatas, estimariam o parasitismo, prejudicando a própria evolução. Eis porque raramente estão lúcidos ao nosso lado. Na maioria dos casos, junto de nós, permanecem vacilantes, enfraquecidos...**

**31 – ESTUDANDO A MEDIUNIDADE – MARTINS PERALVA, pág. 98**

**Sonho Comum: são aqueles em que o nosso Espírito, desligando-se parcialmente do corpo, se vê envolvido e dominado pela onda de imagens e pensamentos, seus e do mundo exterior, uma vez que vivemos num misterioso turbilhão das mais desencontradas idéias. (cap. 17. pág. 98)  
  
Sonho Espírita: Nos sonhos Espíritas a alma, desprendida do corpo, exerce atividade real e afetiva, facultando meios de encontrarmo-nos com parentes, amigos, instrutores e, também com os nossos inimigos, desta e de outras vidas. (cap. 17. pág. 99)  
Sonho reflexivo: Por reflexivo, categorizamos os sonhos em que a alma, abandonando o corpo físico, registra as impressões e imagens arquivadas no subconsciente e plasmadas na organização perispiritual.**

**32– O PROBLEMA DO SER, DO DESTINO E DA DOR – LÉON DENIS, pág. 85**

**Sonho Premonitório: (...) São os sonhos premonitórios, complexo de imagens e visões que se referem a acontecimentos futuros e cuja exatidão é ulteriormente verificada. Parecem indicar que a alma tem o poder de penetrar o futuro ou que este lhe é revelado por inteligências superiores. (cap. 5, pág. 85)**

**Segundo os antigos, existem duas espécies de sonhos: o sonho propriamente dito, em grego “onar”, é de origem física, e o sonho “repar”, de origem psíquica. Encontra-se esta distinção em Homero, que representa a tradição popular, assim como em Hipócrates, que é representante da tradição científica. Muitos ocultista modernos adotam definições análogas. Em tese geral, segundo eles dizem, o sonho propriamente dito seria um sonho produzido mecanicamente pelo organismo, e o sonho psíquico um produto da clarividência adivinhadora; ilusório um verídico outro.   
  
É, porém, às vezes, muito difícil estabelecer uma limitação nítida a distinta entre essas duas classes de fenômenos. O sonho vulgar parece devido a vibração cerebral automática, que continua a produzir-se no sono, quando a alma está ausente. Estes sonhos são, muitas vezes absurdos; mas este mesmo absurdo é uma prova de que a alma está fora do corpo físico e deixou de regular-lhe as funções. Com menos facilidade nos lembramos do sonho psíquico, porque não impressiona o cérebro físico, mas somente o corpo psíquico, veículo da alma, que esta exteriorizada no sono.**

**33 - A MEDIUNIDADE E A LEI - CARLOS IMBASSAHY - PÁG. 20**

**Ponto interessante é o que se refere aos sonhos. Tratando de um, declara o jurista, que esse "encontra explicação mais razoável na doutrina da Igreja do que na teoria espírita". E acrescenta: - "Se o promotor A. empregasse o seu tempo em leituras sadias, já teria de há muito aprendido com Monsenhor Alberto Farges (Les Phénomênes Mystiques, pág. 386), que a doutrina da Igreja admite, tanto os sonhos sobrenaturais como os naturais, porquanto "há sonhos de tal modo bem seguidos, circunstanciados e palpáveis, que eles parecem uma advertência do céu. Deles existem alguns que se dirigem para o futuro, e que parecem verificados, com precisão, pelos acontecimentos". Não há necessidade, assim, de recorrer às teorias extravagantes de Allan Kardec para explicar aquilo que a doutrina católica do governo direto do mundo e dos homens pela Providência Divina justifica de maneira bem mais coerente, racional e lógica. Porque hão de os Espíritos falar-nos em sonhos se eles não podem vir a nós sem permissão de Deus? Porque atribuimos à intervenção de um Espírito certo aviso generoso que, sem autorização de Deus, não nos poderia ser dado, segundo confessa o próprio Allan Kardec?"**

**Há uma série de interrogações que passaram, provavelmente, despercebidas ao digno escritor: -Como é que se vai saber quando determinado sonho é espírita ou uma advertência do Céu? - Porque seria mais coerente, racional e lógico que o sonho não fôsse de natureza espírita? Como estremar os sonhos? Porque os de natureza espírita não seriam advertências do Ceú? Porque os de advertência do Céu não seriam de natureza espírita? Porque os Espíritos que nos falam em sonho não têm a permissão de Deus? Como se sabe quando há ou não há essa permissão? Quem dela é o intérprete, e a que título? Como poderá haver sonhos, sem permissão divina?**

**Deixemos o interrogatório e vamos aos fatos. Os sonhos, ou muitos deles se enquadram na categoria dos fatos supranormais. Alguns têm como causadores, no plano invisível, os Espíritos dos mortos. Se o Espírito é um vulto da Igreja, o caso não muda de aspecto. A forma, o processo, o escopo, a finalidade é a mesma, quer se trate de santo ou defunto não santificado. Os sonhos de caráter supranormal se enquadram nos fenômenos psíquicos.**

**Muitos há onde é evidente a intervenção do morto, visto que é ele que aparece ao adormecido, e aconselha, e prescreve, e cura. Não atinamos, porém, com a razão de se aceitar tal fenômeno como uma advertência do Céu, e tal outro, nas mesmíssimas circunstâncias, e com os mesmíssimos resultados, como um crime. Não percebemos também os limites que separam a ação celestial da criminosa, em matéria de sonhos.**

**Quando a Metapsíquica ventila o assunto, engloba certos sonhos na categoria dos fatos supranormais. A Ciência ainda não desvendou o processo que faça descobrir a gênese divina do sonho. Falta-lhe a medida que os devotos aplicam no caso. Difícil nos é perceber onde está o dedo de Deus e onde se escondem as artes do Malévolo.**

**Mas vamos supor, com a brilhante plêiade dos defensores das coisas santas e das coisas da lei, que havia, ali, no sonho relatado, uma advertência do Céu, e não, provavelmente, a do demônio, que deve ser recebida pelos espiritistas. Vamos crer que o Céu se meteu especialmente, e de caso pensado, naquele sonho, deixando os outros às costas de Satanás.**

**Ora, o que é certo é que qualquer que seja o sonho, e qualquer que seja a sua origem, divina, humana ou demoníaca, se ele estabelece processo de cura, este será ensinado, transmitido, apresentado, aplicado pelo sonhador. É o vivo que terá que ditar o medicamento,ou transmitir a receita, ou veicular o recado, ou aplicar o passe, ou fazer a reza, ou dizer, enfim, o que sonhou. Mas isto é o que a lei veda, tratando-se de cura, pelo menos com os aspectos que ela estabelece. Ela não indaga se é morto o curador ou se o aviso surgiu das mansões celestiais. Aviso do Céu, do defunto, ou do diabo, não pode ele ser traduzido em récipe, não deve produzir efeitos curativos. Fora do médico é como fora da Igreja, não há salvação. Tal é a lei; tal é o princípio.**

**NOTA: Este é o princípio de todo Católico Apostólico Romano, mas, nós Espíritas, seguimos Jesus: "Fora da Caridade não há salvação".**

**Veríamos, portanto, com os previdentes rigores do Código e as advertências oportunas do jurista, impossibilitada a veneranda, respeitável e santa mãe do Dr. A., de socorrer o filho. Há pior, ainda. Se os snhos se amiudassem e as curas também, teríamos que vê-la, não só proibida de curar o caro rebento, como ainda nas mãos da polícia. E qualquer outra em suas condições, por mais fortes e veementes que fôssem à violência dos esbirros, às humilhações do processo, à penalidade do ergástulo.**

**34 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. DE MIRANDA - PÁG. 23**

**VIDA, SONO E SONHO  
Já se disse, e com muita propriedade, que o sono é uma forma de morte. Assim, diariamente, o homem, ao deitar-se, realiza, mesmo que inconscientemente, um treino para esse fenômeno biológico terminal. À semelhança da morte, em que o Espírito só se liberta com facilidade do corpo mediante conquistas anteriores de desapego e renúncia, reflexões e desinteresse pelas paixões mais vigorosas, no sono há uma ocorrência equivalente, pois que o ser espiritual possui maior ou menor movimentação conforme as suas fixações e conquistas.  
  
O Espírito sempe está em ação até onde podemos concebê-la. A inatividade não se encontra presente nas Leis da Vida. Mesmo nos momentos de repouso, o Espírito se movimenta atraído por aquilo que mais lhe diz respeito. O sono é, portanto, uma necessidade para o refazimento orgânico, o restabelecimento de energias do corpo, o reequilíbrio das funções que o acionam.  
  
Assim que o corpo adormece, e, às vezes, mesmo antes do sono total, afrouxam-se os liames que atam o Espírito à matéria, e ele se desprende, parcialmente, rumando para os lugares e pessoas aos quais se vincula. Graças a essa movimentação, quando retoma ao domicílio carnal traz as impressões e lembranças que imprime no cérebro, constituindo-lhe o complexo capítulo dos sonhos. Detendo-nos apenas nos fenômenos oníricos de ordem espiritual, estes preservam uma correlação entre o estado de evolução do ser e os acontecimentos de que participa.  
  
Num valhacouto de vadios, os que ali se encontram comprazem-se nos mesmos gostos que os reúnem. O mesmo ocorre num recinto reservado à cultura ou às artes, à fé ou ao trabalho. Há leis de afinidades que respondem pelas aglutinações sócio-morais-intelectuais, reunindo os seres conforme os padrões e valores nos quais se demoram. Parcialmente liberto pelo sono, o Espírito segue na direção dos ambientes que lhe são agradáveis durante a lucidez física ou onde gostaria de estar, caso lhe permitissem as possibilidades normais.  
  
Em tal circunstância, pode viajar com os seres amados, que reencontra além da cortina carnal, participando dos seus estudos e realizações, aprendendo lições que lhe ficarão em gérmen, penetrando, inclusive, nos registros do passado como do futuro. Disso decorre a aquisição de informes que desconhecia, como pode prever fatos porvindouros, dando margem às retrocognições e precognições, do agrado dos modernos pesquisadores das ciências paranormais. Ao mesmo tempo, defronta conhecidos nos mesmos redutos para onde vai ou se deixa conduzir, estabelecendo admiráveis fenômenos de comunicação entre vivos na esfera física.  
  
Nem sempre, porém, as viagens em corpo espiritual, durante o sono, levam aos ambientes de felicidade e progresso, onde se cultiva o bem, o bom e o belo. Mais facilmente, em razão do hábito dos pensamentos ultrajantes, fesceninos e brutais, os Espíritos que se comprazem com semelhante paisagem moral arrebatam o encarnado e levam-no aos redutos do crime e da perversão, onde se lhes ampliam as percepções negativas. Inspiram-se, ali, naquelas regiões de vandalismo e promiscuidade psíquica, e depois trazem para o comportamento diário as aberrações que buscam.  
  
Crimes vergonhosos e programas vis são concertados nesses ambientes espirituais que pululam nas cercanias da Terra. Urdem-se ali obsessões e vinditas em clima de perversidade sob o comando de mentes implacáveis, que ditam as normas de ação, para que se cumpram os planos nefastos. Quando o Espírito ainda mantém resistências, que o resguardam da vulgaridade e da aberração, retorna desses antros de réprobos e padecem pesadelos horripilantes. Todavia, se já chafurda nos mesmos ignóbeis comércios de insensatez e loucura, volve ao corpo aturdido, embora fixado no que lhe cumpre executar, como autômato que foi — vítima de hipnose profunda.**

**Esta, porém, não lhe é imposta, pois que foi buscada espontaneamente. O inverso também se dá amiúde, quando o homem aspira aos ideais de enobrecimento da Humanidade, tomando-se instrumento dos promotores da evolução no mundo. Às suas horas de sono são aproveitadas para engrandecimento dos ideais, amadurecimento das aspirações, enriquecimento dos planos do bem. E pelo fato de ter mais aguçadas as faculdades da alma, encontra ímpares satisfações nesses colóquios e visitas, graças aos quais se encoraja e felicita, podendo levar os labores adiante com alta dose de valor, que aos demais surpreende.**

**Conforme ocorre no fenômeno da morte, no qual a consciência passa por um torpor, perturbação que é variável, de acordo com as conquistas de cada um, a lucidez durante o sono, nas experiências oníricas, está a depender da densidade vibratória das emoções com que se pauta a vida, no cotídiano. Desse modo, um programa bem organizado para antes de dormir constituirá emulação para o Espírito, no ato do desprendimento, transferir-se a regiões felizes e contactar Entidades nobres, conquistando os tesouros da paz, da aprendizagem, da ação relevante, enquanto o corpo repousa.  
  
De bom alvitre, também, que o homem se disponha a cooperar com os Benfeitores da Humanidade nas suas obras fomentadoras do progresso, participando dos seus empenhos com tal ardor que, em retornando ao corpo, permaneça telementalizado por eles, dando curso ao empreendimento na esfera carnal. Diante de realizações enobrecedoras, na Terra, pode o Espírito prosseguir, ao desprender-se pelo sono, sob a tutela dos seus Guias Espirituais, corrigindo enganos e adquirindo mais amplos recursos e entendimento para promover esse trabalho que não deve ser interrompido.  
  
Santa Teresa de Ávila, em desdobramento pelo sono, peregrinou por uma cidade espiritual de sofrimentos, trazendo dali as impressões fortes que foram tomadas como sendo de uma parte do Inferno da teologia católica. Jacob sonhou com o pai, Dante Alighieri, que lhe mostrou o lugar onde guardara os treze cantos do "Céu", que se encontravam desaparecidos. Voltaire concebeu, enquanto dormia e sonhava, todo um canto de La Henriade.**

**Tartini compôs, dormindo e sonhando, a sua "Sinfonia ao Diabo". Os sonhos narrados na Bíblia se enquadram perfeitamente nessas viagens ao plano espiritual, quando o ser se desprende e registra os fatos que narra posteriormente. O capítulo do sono natural na vida do homem é de muita importância, e está a exigir mais acurado estudo e meditação, a fim de ser aproveitado integralmente em favor do êxito na vilegiatura carnal.**

**Como um terço da vida física é dedicado ao sono, imenso patrimônio logrará quem converta esse tempo ou parte dele no investimento do progresso, em favor da libertação que lhe credenciará, para uma existência plena, um futuro ditoso. Se alguém diz como e o que sonha, é fácil explicar-lhe como vive nas suas horas diárias. Dorme-se, portanto, como se vive, sendo-lhe os sonhos o retrato emocional da sua vida moral e espiritual.**

|  |  |
| --- | --- |
| **SUBLIMAÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Chão de flores - pág. 107** | **02 - Encontro de paz - pág. 97,24** |
| **03 - Falando à Terra - pág. 212** | **04 - Repositório de Sabedoria - pág. 235** |
| **05 - Sexo e evolução - pág. 273** | **06 - Sublimação - toda a obra** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SUBLIMAÇÃO** **– COMPILAÇÃO**

**05 - Sexo e evolução - Walter Barcelos - pág. 273**

**21. ABSTINÊNCIA SEXUAL E APERFEIÇOAMENTO  
"Indubitavelmente, os que consigam abster-se da comunhão afetiva, embora possuindo em ordem todos os recursos instrumentais para se aterem ao conforto de uma existência a dois, com o fim de se fazerem mais úteis ao próximo, decerto que traçam a si mesmos escaladas mais rápidas aos cimos do aperfeiçoamento."  
— Emmanuel (17.23)  
  
O sexo é criação divina em todas as pessoas e em todos os seres, para que tudo participe e coopere no processo maravilhoso e profundo da Vida e da EVOLUÇÃO. Deus não criaria alguma coisa, para que Ele mesmo, depois, proibisse a sua utilização. O sexo foi criado para manifestar-se no corpo e no Espírito, dentro da Lei de Evolução, o que indica estar num processo constante de aperfeiçoamento, dentro das experiências nos séculos. A sexualidade, portanto, que se manifesta no Espírito imortal, visa ao seu engrandecimento para a Eternidade.  
  
21.1 — Causas básicas da abstinência sexual e celibato  
A abstinência sexual e a vida celibatária não são requisitos absolutos para todos os Espíritos, mas somente para uma determinada fração de criaturas, atendendo suas necessidades particulares de serviço, resgate e burilamento. São duas as causas básicas que provocam a abstenção sexual e a vida de solidão afetiva na experiência humana. O Espírito Emmanuel esclarece-as:  
  
"Abstinência, em matéria de sexo e celibato, na vida de relação pressupõe experiências da criatura em duas faixas essenciais — a daqueles Espíritos que escolhem semelhantes posições voluntariamente para burilamento ou serviço, no curso de determinada reencarnação, e daqueles outros que se vêem forçados a adotá-las, por força de inibições diversas.**

**Uma parte de Espíritos escolhe a vida celibatária, a fim de terem condições e tempo suficiente para o cumprimento integral de determinada tarefa em auxilio à Humanidade, outros para educar melhor os seus sentimentos e outros, ainda, não alcançam a união matrimonial, na Terra, em virtude de inibições psicológicas e físicas nascidas da consciência culpada, torturada por erros e crimes da afeição mal dirigida, em vidas pretéritas.  
  
21.2 — Pessoas celibatárias sofrem incompreensões. Celibato: período para educação dos próprios impulsos  
As criaturas com vida celibatária na Terra muito dificilmente são compreendidas e normalmente sofrem críticas e acusações, por parte de familiares e amigos, de possuírem indiferença, frieza, preguiça, irresponsabilidade ou de serem afeitos à vida fácil, porque não se casaram, fugindo das obrigações sagradas do matrimônio. São acusações que não retraíam a realidade espiritual destas criaturas, na maioria dos casos. Não podemos taxar as pessoas que vivem solidão afetiva, sejam homens ou mulheres, servindo a uma ordem religiosa qualquer ou participando da vida em sociedade, como criaturas sem necessidades afetivas, assexuais e sem anseios do coração.**

**Salvo as exceções de causa já mencionadas, são portadoras de equipamentos genésicos perfeitos, anseios afetivos intensos, que obedecem a um programa elevado de serviço e burilamento, quando almas superiores; ou a um processo expiatório, quando menos elevadas, tolhidas por inibições diversas.  
  
Tais Espíritos devem passar por estas experiências de caráter transitório, ou seja, não eterna, pois nenhum Espírito está destinado a uma vida solitária, indefinidamente, através das reencarnações. Ninguém foi criado para viver só. Em futuras reencarnações, estes mesmos Espíritos retomarão a experiência da união conjugal, a qual por certo saberão muito honrar, valorizar, executando os seus sagrados deveres.  
  
Emmanuel no livro "Vida e Sexo", observa: "Abstinência e celibato, seja por decisão súbita do homem ou da mulher, interessados em educação dos próprios impulsos, no curso da reencarnação, ou seja por deliberação assumida, antes do renascimento na esfera física, em obediência a fins específicos, não contam indiferença e nem anestesia do sentimento."  
  
21.3 — Canalização das energias sexuais para objetivos espirituais  
Uma pequena parte dos Espíritos em vida celibatária, seja em atividades nas diversas ordens religiosas do mundo ou fora dela, em outras realizações nobres, são almas já com respeitáveis conquistas evolutivas de sabedoria e amor, que buscam aproveitar o máximo de suas vidas no serviço à Humanidade. Estes fazem de suas existências um serviço constante de amor e abnegação, embora não deixem também de sofrer duras e difíceis carências para testar e ratificar seus valores espirituais. Suas energias sexuais não estão paralisadas, pois, sendo elas energias da própria vida, estão sendo aplicadas em manifestações elevadas de ordem espiritual, no exercício da fé, da caridade, da assistência fraternal, da instrução, da arte, da educação e da ciência.  
  
O Espírito Emmanuel explica a canalização das energias sexuais: "Agindo assim, por amor, doando o corpo a seviço dos semelhantes e, por esse modo, amparando os irmãos da Humanidade, através de variadas maneiras, convertem a existência, sem ligações sexuais, em caminho de acesso à sublimação, ambientando-se em climas diferentes de criatividade, porquanto a energia sexual neles não estancou o próprio fluxo; essa energia simplesmente se canaliza para outros objetívos — os de natureza espiritual."   
  
21.4 — Vida de sacerdote: lutas e sofrimentos  
Para aquilatarmos um pouco das grandes lutas experimentadas pelo Espírito em vida celibatária, vejamos alguns detalhes da vida religiosa do Padre Damiano, personagem do livro "Renúncia", o qual é o próprio autor espiritual, Emmanuel, e que soube aproveitar muito bem essa experiência, em mais de uma vez, para a sublimação das energias sexuais dentro da disciplina, do amor e da abnegação:  
  
"Que fora a sua vida de sacerdote senão aquele rigoroso programa esboçado pela jovem Alcíone? Recordava os tempos difíceis, as horas de tentações mais ásperas, os sacrifícios longos, as dores que pareciam sem termo. (...)"   
Ninguém conseguirá valores espirituais respeitáveis sem esforço, persistência, desprendimento e humildade.  
  
21.5 — Celibato voluntário sem aproveitamento espiritual  
Entre os Espíritos que se encontram em vida celibatária servindo às diversas ordens religiosas do mundo, somente uma minoria é que já educou e sublimou realmente os seus impulsos sexuais, pois a maioria tem, nesta experiência difícil de silêncio afetivo, uma grande oportunidade a fim de educar suas emoções e desejos para a vida espiritual superior.  
  
Os hábitos exteriores da convivência regulada, da disciplina planejada, do regime afetivo e da vida de ascetismo não determinam, por si só, as conquistas dos valores espirituais. Pode-se viver em pleno egoísmo e muito distante das virtudes cristãs. É o que vemos na pergunta de "O Livro dos Espíritos", na Questão 698: "O celibato voluntário representa um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus?  
  
"Não, e os que assim vivem por egoísmo, desagradam a Deus e enganam o mundo." Vida monástica, por si só, não é sinônimo de evolução espiritual. Podemos passar uma vida toda com disciplinas rígidas e não aproveitá-las para o aprimoramento dos sentimentos.  
Num regime de abstenção sexual, sem desenvolver os valores do coração, através do serviço de amor desinteressado aos semelhantes, a alma continuará estacionária e sem sublimação das energias sexuais. O Espírito Emmanuel aprofunda esta análise sobre celibato e aperfeiçoamento espiritual:  
  
"A criatura que abraça encargos dessa ordem está procurando ou aceitando para si mesma aguilhões regeneradores ou educativos, de vez que ordenações e providências de caráter externo não transfiguram milagrosa-mente o mundo íntimo. As realizações da fé, por  
isso mesmo, se concretizam à base de porfiadas lutas da alma, de si para consigo."   
  
21.6 — Causas mais comuns do celibato: inibições irreversíveis e processos de inversão  
A esmagadora maioria dos Espíritos em vida celibatária, nas ordens religiosas ou fora dela, são criaturas menos elevadas em grandes lutas expiatórias para educar seus impulsos genésicos, que em vidas passadas foram muito mal aplicados. Agora voltam em abstinência sexual, não simplesmente por uma aceitação voluntária, mas, sim, impulsionados por duas forças poderosas de contenção sexual: inibições irreversíveis e processos de inversão, que são os complexos psicológicos profundos e o fenôasmeno da homossexualidade, seja no homem ou na mulher. As causas espirituais são básicas na maioria das experiências celibatárias, como nos diz Emmanuel:  
  
"(...) encontramos aqueles outros, os que já renasceram no corpo físico induzidos ou obrigados à abstinência sexual, atendendo a inibições irreversíveis ou a processos de inversão pelos quais sanam erros do pretérito ou se recolhem a pesadas disciplinas que lhes facilitem a desincumbência de compromissos determinados, em assuntos do Espírito".   
  
Podemos considerar os Espíritos, nestes casos acima, como submetidos ao regime de abstinência sexual involuntária, pois uma força mais poderosa do que a própria vontade ou aptidão, determinou este tipo de experiência para disciplinar e educar as suas energias desordenadas e muitas vezes confusas.  
  
21.7 — Eunucos que se castraram pelo Reino dos Céus  
O Evangelho nos fala dos "eunucos que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos Céus". Os eunucos serão, em nosso entendimento, aqueles que, com abstinência sexual e vida celibatária, entregaram a vida a benefício da Humanidade ou de si mesmos, em duas situações:**

**1ª) a dos Espíritos Superiores que vêm com missão definida em atividades religiosas para impulsionar as criaturas humanas ao progresso espiritual e que aceitaram voluntariamente, vivendo num clima de amor, renúncia e humildade a bem dos semelhantes;**

**2ª) a daqueles Espíritos que se encontram com necessidades expiatórias e aceitaram involuntariamente, ou seja, sem a aprovação de um desejo íntimo. Trazem ainda muitos problemas morais por resolverem, através de um trabalho árduo e penoso de reeducação dos sentimentos, em busca do Amor Universal.  
  
Os Espíritos do segundo caso não superaram ainda dificuldades e defeitos do sentimento e se encontram protegidos por uma determinada disciplina externa, à feição de um braseiro encoberto por pequena camada de cinzas, mas que, ao leve sopro das tentações e testes, voltam à tona das emoções e dos hábitos menos felizes, trazendo angústias, frustrações e desencanto. (..)**

**JORNADA DE SUBLIMAÇÃO DA ENERGIA SEXUAL  
Para ampliarmos melhor a nossa compreensão quanto à evolução do instinto sexual,como faculdade criadora que devemos desenvolver na direção do Amor Universal, vejamos uma escala de evolução do instinto sexual inscrita no livro "No Mundo Maior", pelo espírito André Luiz: "Da espontânea manifestação brutal dos sentidos menos elevados a alma transita para gloriosa iniciação. Desejo, posse, simpatia, carinho, devotamento, renúncia, sacrifício constituem aspectos dessa jornada sublimadora".**

**Esta gradação de valores da afeição caberá a cada Espírito conquistar gradualmente, nas reencarnações sucessivas, com o esforço individual no amor, no trabalho e na educação, em direção à Luz Divina. O período de permanência de uma fase para outra superior é diferente para cada Espírito, pois o aproveitamento espiritual fica por conta do livre-arbítrio de cada um. Podem-se passar muitos séculos numa fase, sem avançar quase nada em valores do Espírito: André Luiz anota o tempo de transparência dessas fases: "Por vezes, a criatura demora-se anos, séculos, existências diversas de uma estação a outra".  
  
  
LEMBRETE:**

**1° - Sublimação é um dos processos da psicanálise de Freud. Consiste num mecanismo inconsciente que desvia a energia do impulso sexual chamado líbido para manifestações de natureza não sexual. Essas novas formas mascaram o instinto grosseiro em representações nobres, altruístas e socialmente úteis e, portanto, aceitas pela sociedade. Estão nesta linha as vocações, os impulsos, os ideais religiosos, artísticos, filosóficos, e mesmo científicos. Equivale figurativamente a uma purificação. A pessoa julga-se movida por um ideal nobre. No entanto, está apenas metamorfoseando, ou sublimando, algum apetite instintivo de ordem inferior em outro de natureza superior.  
No caso em tela da luta de classes, a sublimação se processaria, segundo nossa tese, pelo desvio do instinto de agressão e de luta manifesto pela sua natureza material sócio-econômica para uma exteriorização de ordem sócio-espiritual. Mas, no sentido da progressiva purificação e espiritualização, e não como mascaramento de impulsos instintivos de ordem primária (tese freudiana) (...) A Codificação Espírita também indica (..) essa sublimação dos instintos em escala ascendente até o amor: "Em sua origem, o homem só tem instintos, quando mais avançado e (ainda) corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei do amor(...) extingue as misérias sociais. Ney Lobo**

**2° - (...) O caminho do equilíbrio é representado pela senda estreita de um mecanismo psicodinâmico denominado sublimação. É um processo extremamente difícil, pois implica processos dolorosos de renúncia, de repressão equilibrada e de investimento da energia libidinal em objetivos mais elevados. Sublimação difere em gênero, número e grau de repressão, racionalização, intelectualização, identificação, deslocamento, projeção, formação reativa, isolamento, etc... Pessoas puritanas, rígidas, formalísticas tendem a ser intolerantes, susceptíveis, rancorosas, ciumentas e invejosas, enfim, neurótica, bloqueando o próprio desenvolvimento espiritual.** Leopoldo Balduino

**3° - A definição concisa de sublimação, segundo o Dicionário de Filosofias e Ciências Culturais, Editora Maltese é: Chama-se sublimação ao desvio das energias sexuais para fins não sexuais. Desta forma, as manifestações estéticas do homem são sublimações das energias da libido, desviadas para fins não sexuais. Esta conceituação está de acordo com os esclarecimentos dos Espíritos porque a energia sexual é a energia da própria vida e não existe somente para ser aplicada nas relações sexuais de caráter fisiológico (...)**

**Sendo patrimônio do Espírito imortal, ela não está anulada e extinta nem mesmo nas criaturas em vida celibatária severa, pois esta energia manifesta-se no corpo físico mas não está limitada às expressões simplesmente fisiológicas (...) O caminho da sublimação das energias sexuais é o caminho do amor, da caridade, do trabalho pelo progresso da Humanidade, materializado em nossos hábitos enobrecidos e ações edificantes (...) Walter Barcelos**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **SUICÍDIO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A crise da morte - pág. 101, 105** | **02 - Ação e reação - pág. 93, 171** |
| **03 -Alerta - pág. 41, 86** | **04 - Após as tempestades - pág. 78, 84** |
| **05 - Crônicas de um e de outro- pág. 39** | **06 - Da alma humana - pág. 61** |
| **07 - Depoimentos vivos - pág. 49, 127, 171** | **08 - Depois da morte - pág.232** |
| **09 - Do país da luz - vol. I, pág. 221** | **10 - Dramas da obsessão - pág. 18, 28** |
| **11 - E a vida continua - pág. 125** | **12 - Entre o céu e a terra - pág. 211** |
| **13 - Falando à Terra - pág.157, 236** | **14 - Memórias da Loucura - pág.41** |
| **15 - Mensagens de além-túmulo - pág. 85** | **16 - Missionários da luz- pág. 142** |
| **17 - Nas pegadas do mestre - pág. 109** | **18 - No mundo maior - pág. 180** |
| **19 - Nosso Lar - pág. 21** | **20 - O céu e o inferno - 2ª. parte cap. V** |
| **21 - O consolador - pág. 96, 149** | **22 - O Evangelho Seg. o Espiritismo - cap. V** |
| **23 - O pensamento de Emmanuel - pág. 213** | **24 - O que é o Espiritismo - pág. 111** |
| **25 - Religião dos Espíritos - pág. 119** | **26 - Voltas que a vida dá - pág. 13** |
| **27 - Temas da vida e da morte - pág. 97, 101** | **28- Temas de hoje problemas de sempre** |
| **29 - Escrínio de Luz - pág. 157** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**SUICÍDIO – COMPILAÇÃO**

**01 - AÇÃO E REAÇÃO- ANDRÉ LUIZ - PÁG. 93**

**(...) Nessa altura, Hilário perguntou, inquieto:  
— Não teremos, nesse postulado, a consagração do determinismo de ordem absoluta? Se trazemos hoje, no campo mental, tudo aquilo que nos sucederá amanhã...Sânzio, contudo, esclareceu, complacente:— Sim, nas esferas primárias da evolução, o determinismo pode ser considerado irresistível. É o mineral obedecendo a leis invariáveis de coesão e o vegetal respondendo, fiel, aos princípios organogênicos, mas, na consciência humana, a razão e a vontade, o conhecimento e o discernimento entram em função nas forças do destino, conferindo ao Espírito as responsabilidades naturais que deve possuir sobre si mesmo. Por isso, embora nos reconheçamos subordinados aos efeitos de nossas próprias ações, não podemos ignorar que o comportamento de cada um de nós, dentro desse determinismo relativo, decorrente de nossa própria conduta, pode significar liberação abreviada ou cativeiro maior, agravo ou melhoria em nossa condição de almas endividadas perante a Lei.— Mas, ainda mesmo nas piores posições expiatórias — inquiri —, goza a consciência dos direitos inerentes ao livre arbítrio?— Como não? — falou o Ministro, generoso — imaginemos um delinquente monstruoso, segregado na penitenciária. Acusado de vários crimes, permanece privado de toda e qualquer liberdade na enxovia comum. Ainda assim, na hipótese de aproveitar o tempo no cárcere, para servir espontaneamente à ordem e ao bem-estar das autoridades e dos companheiros, acatando com humildade e respeito as disposições da lei que o corrige, atitude essa que resulta de seu livre arbítrio para ajudar ou desajudar a si mesmo, a breve tempo esse prisioneiro começa por atrair a simpatia daqueles que o cercam, avançando com segurança para a recuperação de si mesmo.  
  
O raciocínio era claro, mas, não desejando perder o fio da lição simples e preciosa, indaguei:— Venerável benfeitor, para nossa edificação, poderemos recolher mais amplas anotações sobre a melhor maneira de colaborar com a Lei Divina em nosso próprio favor? Dispomos de algum meio para escapar à justiça? Sânzio sorriu e observou:— Da justiça ninguém fugirá, mesmo porque a nossa consciência, em acordando para a santidade da vida, aspira a resgatar dignamente todos os débitos de que se onerou perante a Bondade de Deus; entretanto, o Amor Infinito do Pai Celeste brilha em todos os processos de reajuste. Assim é que, se claudicamos nessa ou naquela experiência indispensável à conquista da luz que o Supremo Senhor nos reserva, é necessário nos adaptemos à justa recapitulação das experiências frustradas, utilizando os patrimônios do tempo. Figuremos um homem acovardado diante da luta, perpetrando o suicídio aos quarenta anos de idade no corpo físico. Esse homem penetra no mundo espiritual sofrendo as consequências imediatas do gesto infeliz, gastando tempo mais ou menos longo, segundo as atenuantes e agravantes de sua deserção, para recompor as células do veículo perispirítico, e, logo que oportuno, quando torna a merecer o prêmio de um corpo carnal na Esfera Humana, dentre as provas que repetirá, naturalmente se inclui a extrema tentação ao suicídio na idade precisa em que abandonou a posição de trabalho que lhe cabia, porque as imagens destrutivas, que arquivou em sua mente, se desdobrarão, diante dele, através do fenômeno a que podemos chamar «circunstâncias reflexas», dando azo a recônditos desequilíbrios emocionais que o situarão, logicamente, em contacto com as forças desequilibradas que se lhe ajustam ao temporário modo de ser. Se esse homem não houver amealhado recursos educativos e renovadores em si mesmo, pela prática da fraternidade e do estudo, de modo a superar a crise inevitável, muito dificilmente escapará ao suicídio, de novo, porque as tentações, não obstante reforçadas por fora de nós, começam em nós e alimentam-se de nós mesmos.  
  
O esclarecimento era valioso e, por essa razão, interroguei com a curiosidade respeitosa do aluno interessado em aprender:— E como pode a criatura habilitar-se devidamente para resgatar o preço da sua libertação?Sânzio não se deu por surpreendido e replicou, de pronto:— Como qualquer devedor que, de fato, se empenhe na solução dos seus compromissos. Decerto que o homem, sumamente endividado, precisa aceitar restrições no seu conforto para sanar seus débitos com as suas próprias economias. Em razão disso, não pode viver à farta, mas sim com abstinência e suor, de modo a liberar-se tão depressa quanto possível. O grande orientador fez uma pausa de momento, como para refletir, e continuou:— Voltemos ao símbolo da planta. Imaginemos que uma semente de laranjeira caiu em terreno pobre e seco. Segundo as leis que regem as atividades agrícolas, germinará ela sob constringentes obstáculos, transformando-se num arbusto mirrado, com lamentável produção no tempo devido. Mas, se o lavrador lhe acode às necessidades e exigências, desde o início da luta, oferecendo-lhe adubo, água e defesa, tanto quanto ajudando-a com a poda salutar no momento oportuno, a laranjeira atenderá, brilhantemente, ao próprio destino... Semelhantes cuidados, no entanto, devem ser postos em ação, na hora justa, isto é, quando na Terra a alma, e tanto quanto possível deve começar essa restauração nos melhores tempos da jornada física...Hilário, que acompanhava a exposição, fascinado quanto eu mesmo pela lógica daquelas palavras sábias e simples, interrogou:  
— E quando a criatura não pode contar, na infância ou na mocidade, com preceptores afeiçoados ao bem, capazes de funcionar como lavradores diligentes, junto daqueles que recomeçam a luta humana?  
  
— Sem dúvida — ponderou o Ministro —, a meninice e a juventude são as épocas mais adequadas à construção da fortaleza moral com que a alma encarnada deve tecer gradativamente a coroa da vitória que lhe cabe atingir. Entretanto, é imperioso entender que, no Espírito consciente, a vontade simboliza o lavrador a que nos reportamos, e o adubo, a irrigação e a poda constituem o serviço incessante a que deve consagrar-se nossa vontade, na recomposição de nossos próprios destinos. Em vista disso, todo minuto da vida é importante para renovar e redimir, aprimorar e purificar. Compreendamos que a tempestade, como símbolo de crise, surgirá para todos, em determinado momento, contudo, quem puder dispor de abrigo certo, superar-lhe-á os perigos com desassombro e valor. A explicação alcançava-nos a mente, qual réstia de Sol penetrando um cubículo escuro. Meu colega, no entanto, voltou a considerar:— Ação por ação, temos igualmente muito trabalho, depois da morte do corpo denso. Assim como perpetramos faltas na carne para sofrer-lhes, muitas vezes, as consequências aqui, é natural que por nossas ações deploráveis, aqui, venhamos a padecer na carne?— Perfeitamente — confirmou Sânzio, bondoso —; nossas manifestações contrárias à Lei Divina, que é, invariavelmente, o Bem de Todos, são corrigidas em qualquer parte. Há, por isso, expiações no Céu e na Terra. (...)**

**03 - ALERTA - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 41, 86**

**10. GÊNESES DE SUICÍDIOS: A tristeza que agasalhas, levando-te à mortificação interior, de que não te consegues libertar, é fator destrutivo nos alicerces da tua personalidade. A mágoa, que conservas como ácido que te corrói os tecidos do sentimento, constitui morbo que em breve terminará por vencer as tuas resistências. A rebeldia sistemática, a que te agrilhoas, transformará as tuas aspirações duramente acalentadas em resíduos de infelicidade e tormento infindável. Defrontas os problemas que se manifestam no teu dia-a-dia entre a irritação e o desespero, estabelecendo matrizes de aflições que te conduzirão ao auto-aniquilamento. Suicida não é somente aquele que, acionado pelo desconcerto da emotividade se arroja no despenhadeiro da auto-destruição física. Esta melancolia que te busca os painéis da mente, tecendo as malhas da depressão, é sinal de alarme que não podes desconsiderar. Essa aflição que se agiganta, dominando-te o equipamento nervoso, convida-te a uma mudança de atitude, que não deves postergar. Isto que te consome, desaparecendo e ressurgindo em roupagens de configuração nova, é desafio que deves enfrentar com estoicismo, para saires da desarmonia. Mil pequenas injunções contra a tua saúde emocional e mental, que deves rechaçar antes que sejas colhido pelo infortúnio da desencarnação injustificável e precipitada. Sejam quais forem os fatores afugentes ou depressivos que te cheguem, invitando-te ao cultivo do pessimismo ou da irritabilidade, não devem encontrar guarida nos teus painéis mentais. Dor e saudade aferem a força do valor moral de cada um de nós. Enfermidade e desencarnação constituem fenômeno natural no processo biológico em que te encontras situado. Problemas e dificuldades representam prova com que crescemos na direção da vida. Desse modo, realiza a assepsia mental pela pre­servação do otimismo e da irrestrita confiança em Deus. Quando a vida te parecer sem objetivo e estiveres a ponto de cair, renova os teus conceitos e ora, buscando a divina inspiração, haurindo, então, a força que te propiciará sair do ocaso emocional e transformará os teus problemas em ação de benemerência para os teus irmãos, descobrindo, por fim, que a linguagem** **universal do bem é a terapia preventiva e curadora para o suicídio e a loucura.**  
**28. SUICIDAS TAMBÉM: Os vapores da ira cultivada perturbam o equilíbrio da emoção. Os tóxicos da angústia vitalizada envenenam os centros da harmonia psíquica. As viciações mentais ou físicas mantidas interferem no metabolismo físio-psicológico. A insatisfação demorada desarticula o ritmo da máquina orgânica. A rebeldia sistemática dá gênese a enfermidades complexas. A ociosidade responde por inúmeros distúrbios psíquicos. A ansiedade contínua leva às alienações. O ciúme envilece o caráter e desconcerta a vida. A avareza tisna o discernimento e perturba a organização fisiológica. Quantos cultivam estes e outros semelhantes vírus perigosos adoecem, avançando, insensatamente, para o autocídio total. O suicídio, que decorre do gesto alucinado, levando a vítima a perder os contornos da realidade, choca e produz comoção geral. O suicídio lento, desgastante e fatal, porém, passa despercebido. Pululam, na atualidade, em todos os níveis sociais e econômicos, as vítimas da auto-destruição, por equívocos morais, excessos físicos e leviandades espirituais. Fumantes inveterados, toxicómanos irresponsáveis, alcoólatras sistemáticos, sexólatras atônitos padecendo de estranhas e rudes obsessões, já se encontram a largo trecho da estrada do suicídio infeliz. Há outras formas de anulamento da vida física, a que se entregam inumeráveis vítimas inermes.  
  
No entanto, há tanta beleza e amor convidando à vida! Acautela-te, nas atitudes e comportamentos sadios, preservando a dádiva do corpo com que a Vida te honra, no processo inevitável da evolução. Ora e medita, anulando as constrições negativas de que sejas objeto. Ama e serve indistintamente, arrebentando as algemas morais e emocionais que desejem reter os teus movimentos nobres. E em qualquer situação, segue Jesus, sustentado na fé imortalista, guardando a certeza de que tudo quanto te aconteça ocorre sempre para o teu bem, se te souberes conduzir na difícil circunstância. Por fim, tem em mente que a madrugada colore a treva; suavemente, enquanto a sombra campeia, e que a ressurreição ditosa chegará somente após a passagem pelo túmulo, onde todos despertam para a realidade insofismável da vida.**

**04 - APÓS A TEMPESTADE - SUICÍDIO - PÁG.84 - JOANNA DE ÂNGELIS**

**Ato de extrema rebeldia, reação do orgulho desmedido, vingança de alto porte que busca destruir-se ante a impossibilidade de a outrem aniquilar, o suicídio revela o estágio de brutalidade moral em que se demora a criatura humana ... Por um minuto apenas, a revolta atira o ser no dédalo do desvario, conseguindo um tentame de desdita que se alonga por decênios lúridos de amarguras e infortúnios indescritíveis.**

**Por uma interpretação precipitada, o amor-próprio ferido arroja o homem que se deseja livrar de um problema no poço sem fundo de mais inditosas conjunturas, que somente a peso de demorados remorsos e agonias consegue vencer. .. Sob a constrição de injustificável ciúme, a criatura desforça-se da vida, naufragando em águas encrespadas que a afogam sem a acalmar, de cuja asfixia incessante e tormentosa não logra liberar-se ...**

**Em nome da dignidade atirada por terra se arroja a pessoa geniosa na covarde fuga pela estrada-sem-fim da cavilosa ilusão, em que carpe, inconsolável, o choro do arrependimento tardio ... Evitando a enfermidade de alongada presença que conduzirá à morte, o impaciente antecipa o momento da libertação e através desse gesto se escraviza por tempo infindável ao desespero e à dor que o afligiam, agravados pela soma dos novos infortúnios infligidos à existência que lhe não compete exterminar. ..**

**Temendo o sofrimento o suicida impõe-se maior soma de aflições, no pressuposto de que o ato de cobardia encetado seria sancionado pelo apagar da consciência e pelo sono do nada ...... No fundo de todas as razões predisponentes para o autocídio, excetuando-se as profundas neuroses e psicoses de perseguição, as maníaco-depressivas - que procedem de antigas fugas espetaculares à vida e que o espírito traz nos refolhos do ser como predisposições à repetição da falência moral - se encontra o orgulho tentando, pela violência, solucionar questões que somente a ação contínua no bem e a sistemática confiança em Deus podem regularizar com a indispensável eficiência.**

**Condicionado para os triunfos de fora, não se arma o homem para as conquistas interiores, mediante cujas realizações se imunizaria para as dificuldades naturais da luta com que se encontra comprometido em prol da própria ascensão. Mudam-se as circunstâncias, alteram-se os componentes, variam as condições por piores que se apresentem, mediante o concurso do tempo. À desdita sobrepõe-se a ventura, ao desaire a alegria, ao infortúnio resignado a esperança, quando se sabe converter os espinhos e pedrouços da estrada em flores e bênçãos.**

**O homem está fadado à ventura e à plenitude espiritual. Não sendo autor da vida, não obstante se faça o usufrutuário nem sempre responsável, é-lhe vedada a permissão de aniquilá-la. Rompe-lhe, pelo impulso irrefletido, a manifestação física, jamais, porém, destrói as engrenagens profundas que lhe acionam a exteriorização orgânica. Toda investida negativa se converte em sobrecarga que deve conduzir o infrator do código de equilíbrio, que vige em todo lugar.**

**Alguns que se dizem religiosos mas, desassisados, costumam asseverar, irrefletidos, que preferem adiar o resgate, mesmo que sejam constrangidos ulteriormente a imposições mais graves ... Incapazes, no entanto, de suportarem o mínimo, se atribuem possibilidades de, após a falência, arcarem com responsabilidades e encargos maiores. Presunção vã e justificativa enganosa para desertarem do dever!**

**A si mesmos iludem os que debandam dos compromissos para com a vida. Não morrerão. Ninguém se destrói ante a morte. Províncias de infortúnio, regiões de sombras enxameiam em ambos os lados da vida. Da mesma forma prosseguem além da morte os estados de consciência ultrajada, de mente rebelada, de coração vencido ... Em considerando a problemática das graves quão inprevisíveis desgraças decorrentes do suicídio, convém examinemos, também, a larga faixa dos autocidas indiretos, daqueles que precipitam a hora da desencarnação, mediante os processos mais variados.**

**São, também, suicidas, os sexólatras inveterados, os viciados deste ou daquele teor, os que ingerem altas cargas de tensão, os que se envenenam com o ódio e se desgastam com as paixões deletérias, os glutões e ociosos, os que cultivam o pessimismo e as enfermidades imaginárias ...**

**A vida é um poema de amor e beleza esperando por nós. Uma gota d'água transparente, uma nervura de folha, uma partícula de adubo, uma pétala perfumada, uma semente fértil, um raio de sol, o piscar de uma estrela, são desafios à imaginação, à inteligência, à contemplação, à meditação, ao amor!. ..**

**Há, sem dúvida, agravantes e atenuantes, no exame do suicídio ... Todavia, seja qual for o motivo, a circunstância para o crime de retirada da vida, tal não consegue outro resultado senão o de atirar o delituoso ao encontro da vida estuante, em circunstância análoga àquela da qual pensou evadir-se, com os problemas que não esperava defrontar ... Expungem, sim, na Erraticidade, em inenarráveis condições, os gravames da decisão funesta, e, na Terra, quando retomam, em cruentas expiações, os que defraudam a sagrada concessão divina, que é o corpo plasmado para a glória e a elevação do espírito.**

**Espera pelo amanhã, quando o teu dia se te apresente sombrio e apavorante. Aguarda um pouco mais, quando tudo te empurrar ao desespero. A Divindade possui soluções que desconheces para todos os enigmas e recursos que te escapam, a fim de elucidar e dirimir equívocos e dificuldades.**

**Ama a vida e vive com amor - embora constrangido muitas vezes à incompreensão, sob um clima de martírio e sobre um solo de cardos ... Recupera hoje o desperdício de ontem sem pensares, jamais, na atitude simplista do suicídio, que é a mais complexa e infeliz de todas as coisas que podem ocorrer no homem.**

**Se te parecerem insuportáveis as dores, lembra-te de Jesus, na suprema humilhação da Cruz, todavia confiando em Deus, e de Maria, Sua Mãe, em total angústia, fitando o filho traído, aparentemente abandonado, de alma também trespassada pela dor sem nome, por meio de cuja confiança integral se converteu em exemplo insuperável de resignação e paciência, na sua inquestionável fé em Deus, tornando-se a Mãe Santíssima da Humanidade toda.**

**08 - DEPOIS DA MORTE - LÉON DENIS - PÁG. 232**

**(...)A situação dos suicidas tem analogia com a dos criminosos; muitas vezes, é ainda pior. O suicídio é uma covardia, um crime cujas consequências são terríveis. Segundo a expressão de um Espírito, o suicida não foge ao sofrimento senão para encontrar a tortura. Cada um de nós tem deveres, uma missão a cumprir na Terra, provas a suportar para nosso próprio bem e elevação. Procurar subtrair-se, libertar-se dos males terrestres antes do tempo marcado é violar a lei natural, e cada atentado contra essa lei traz para o culpado uma violenta reação. O suicídio não põe termo aos sofrimentos físicos nem morais. O Espírito fica ligado a esse corpo carnal que esperava destruir; experimenta, lentamente, todas as fases de sua decomposição; as sensações dolorosas multiplicam-se, em vez de diminuírem. Longe de abreviar sua prova, ele a prolonga indefinidamente; seu mal-estar, sua perturbação persistem por muito tempo depois da destruição do invólucro carnal. Deverá enfrentar novamente as provas às quais supunha poder escapar com a morte e que foram geradas pelo seu passado. Terá de suportá-las em piores condições, refazer, passo a passo, o caminho semeado de obstáculos, e para isso sofrerá uma encarnação mais penosa ainda que aquela à qual pretendeu fugir. São espantosas as torturas dos que acabam de ser supliciados, e as descrições que delas nos fazem certos assassinos célebres podem comover os corações mais duros, mostrando à justiça humana os tristes efeitos da pena de morte. A maioria desses infelizes acha-se entregue a uma excitação aguda, a sensações atrozes que os tornam furiosos. O horror de seus crimes, a visão de suas vítimas, que parecem persegui-los e trespassá-los como uma espada, alucinações e sonhos horrendos, tal é a sorte que os aguarda.  
  
Muitos, buscando um derivativo a seus males, lançam-se aos encarnados de tendências semelhantes e os impelem ao crime. Outros, devorados pelo fogo inextinguível dos remorsos, procuram, sem tréguas, um refúgio que não podem encontrar. Sob seus passos, ao seu redor, por toda parte, eles julgam ver cadáveres, figuras ameaçadoras e lagos de sangue. Os Espíritos maus sobre os quais recai o peso acabrunhador de suas faltas não podem prever o futuro; nada sabem das leis superiores. Os fluidos que os envolvem privam-nos de toda relação com os Espíritos elevados que queiram arrancá-los à sua inércia, às suas inclinações, pois isso lhes é difícil por causa de sua natureza grosseira, quase material, e do limitado campo de suas percepções; resulta daí uma ignorância completa da própria sorte e uma tendência para acreditarem que são eternos os seus sofrimentos. Alguns, imbuídos ainda de prejuízos católicos, supõem e dizem viver no inferno. Devorados pela inveja e pelo ódio, muitos, a fim de se distraírem de suas aflições, procuram os homens fracos e inclinados ao mal. Apegam-se a eles e insuflam-lhes funestas aspirações. Destes excessos, porém, advêm-lhes, pouco a pouco, novos sofrimentos. A reação do mal causado prende-os numa rede de fluidos mais sombrios. As trevas se fazem mais completas; um círculo estreito forma-se e à sua frente levanta-se o dilema da reencarnação penosa, dolorosa. Mais calmos são aqueles a quem o arrependimento tocou e que, resignados, vêem chegar o tempo das provas ou estão resolvidos a satisfazer a eterna justiça. O remorso, como uma pálida claridade, esclarece vagamente sua alma, permite que os bons Espíritos falem ao seu entendimento, animando-os e aconselhando-os.**

**19 - NOSSO LAR - ANDRÉ LUIZ - PÁG. 21**

**ÍTEM 2 - Clarêncio: "Suicida! Suicida! Criminoso! Infame!" - gritos assim, cercavam-me de todos os lados. Onde os sicários de coração empedernido? Por vezes, enxergava-os de relance, escorregadios na treva espessa e, quando meu desespero atingia o auge, atacava-os, mobilizando extremas energias. Em vão, porém, esmurrava o ar nos paroxismos da cólera. Gargalhadas sarcásticas feriam-me os ouvidos, enquanto os vultos negros desapareciam na sombra. Para quem apelar? Torturava-me a fome, a sede me escaldava. Comezinhos fenômenos da experiência material patenteavam-se-me aos olhos. Crescera-me a barba, a roupa começava a romper-se com os esforços da resistência, na região desconhecida. A circunstância mais dolorosa, no entanto, não é o terrível abandono a que me sentia votado, mas o assédio incessante de forças perversas que me assomavam nos caminhos ermos e obscuros. Irritavam-me, aniquilavam-me a possibilidade de concatenar idéias. Desejava ponderar maduramente a situação, esquadrinhar razões e estabelecer novas diretrizes ao pensamento, mas aquelas vozes, aqueles lamentos misturados de acusações nominais, desnorteavam-me irremediavelmente. -Que buscas, infeliz! Aonde vais, suicida? Tais objurgatórias, incessantemente repetidas, perturbavam-me o coração. Infeliz, sim; mas, suicida? - nunca! Essas increpações, a meu ver, não eram procedentes. Eu havia deixado o corpo físico a contragosto.   
  
Recordava meu porfiado duelo com a morte. Ainda julgava ouvir os últimos pareceres médicos, enunciados na Casa de Saúde; lembrava a assistência desvelada que tivera, os curativos dolorosos que experimentara nos dias longos que se seguiram à delicada operação dos intestinos. Sentia, no curso dessas reminiscências, o contacto do termômetro, o pique desagradável da agulha de injeções e, por fim, a última cena que precedera o grande sono: minha esposa ainda jovem e os três filhos contemplando-me, no terror da eterna separação. Depois... o despertar na paisagem úmida e escura e a grande caminhada que parecia sem-fim. Por que a pecha de suicídio, quando fora compelido a abandonar a casa, a família e o doce convívio dos meus? O homem mais forte conhecerá limites à resistência emocional. Firme e resoluto a princípio, comecei por entregar-me a longos períodos de desânimo, e, longe de prosseguir na fortaleza moral, por ignorar o próprio fim, senti que as lágrimas longamente represadas visitavam-me com mais frequência, extravasando do coração. A quem recorrer? Por maior que fosse a cultura intelectual trazida do mundo, não poderia alterar, agora, a realidade da vida. Meus conhecimentos, ante o infinito, semelhavam-se a pequenas bolhas de sabão levadas ao vento impetuoso que transforma as paisagens. Eu era alguma coisa que o tufão da verdade carreava para muito longe.   
  
Entretanto, a situação não modificava a outra realidade do meu ser essencial. Perguntando a mim mesmo se não enlouquecera, encontrava a consciência vigilante, esclarecendo-me que continuava a ser eu mesmo, com o sentimento e a cultura colhidos na experiência material. Persistiam as necessidades fisiológicas, sem modificação. Castigava-me a fome todas as fibras, e, nada obstante, o abatimento progressivo não me fazia cair definitivamente em absoluta exaustão. De quando em quando, deparavam-se-me verduras que me pareciam agrestes, em torno de humildes filetes dágua a que me atirava sequioso. Devorava as folhas desconhecidas, colava os lábios à nascente turva, enquanto mo permitiam as forças irresistíveis, a Impelirem-me para a frente. Muita vez suguei a lama da estrada, recordei o antigo pão de cada dia, vertendo copioso pranto. Não raro, era imprescindível ocultar-me das enormes manadas de seres animalescos, que passavam em bando, quais feras Insaciáveis. Eram quadros de estarrecer! Acentuava se o desalento. Foi quando comecei a recordar que deveria existir um Autor da Vida, fosse onde fosse. Essa idéia confortou-me. Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico. Médico extremamente arraigado ao negativismo da minha geração, impunha-se-me atitude renovadora. Tornava-se imprescindível confessar a falência do amor-próprio, a que me consagrara orgulhoso.   
  
E, quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lodo da Terra, sem forças para reerguer-me, pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternais, em tão amargurosa emergência. Quanto tempo durou a rogativa? Quantas horas consagrei à súplica, de mãos-postas, imitando a criança aflita? Apenas sei que a chuva das lágrimas me lavou o rosto; que todos os meus sentimentos se concentraram na prece dolorosa. Estaria, então, completamente esquecido? Não era, igualmente, filho de Deus, embora não cogitasse de conhecer-lhe a atividade sublime quando engolfado nas vaidades da experiência humana? Por que não me perdoaria o Eterno Pai, quando providenciava ninho às aves inconscientes e protegia, bondoso, a flor tenra dos campos agrestes? Ah! é preciso haver sofrido muito, para entender todas as misteriosas belezas da oração; é necessário haver conhecido o remorso, a humilhação, a extrema desventura, para tomar com eficácia o sublime elixir de esperança. Foi nesse instante que as neblinas espessas se dissiparam e alguém surgiu, emissário dos Céus. Um velhinho simpático me sorriu paternalmente. Inclinou-se, fixou nos meus os grandes olhos lúcidos, e falou:  
  
- Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara. Amargurado pranto banhava-me a alma toda. Emocionado, quis traduzir meu júbilo, comentar a consolação que me chegava, mas, reunindo todas as forças que me restavam, pude apenas inquirir:- Quem sois, generoso emissário de Deus? O inesperado benfeitor sorriu bondoso e respondeu:- Chama-me Clarêncio, sou apenas teu irmão. E, percebendo o meu esgotamento, acrescentou:- Agora, permanece calmo e silencioso. É preciso descansar para reaver energias.  
Em seguida, chamou dois companheiros que guardavam atitude de servos desvelados e ordenou:- Prestemos ao nosso amigo os socorros de emergência. Alvo lençol foi estendido ali mesmo, à guisa de maca improvisada, aprestando-se ambos os cooperadores a transportarem-me, generosamente. Quando me alçavam, cuidadosos, Clarêncio meditou um instante e esclareceu, como quem recorda inadiável obrigação:- Vamos sem demora. Preciso atingir "Nosso Lar" com a presteza possível. (..)**

**20 - O CÉU E O INFERNO - ALLAN KARDEC - 2ª. PARTE - CAP. V - PÁG. 295**

**O SUICIDA DA SAMARITANA: A 7 de abril de 1858, pelas 7 horas da noite, um homem de cerca de 50 anos e decentemente trajado apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, de Paris, e mandou que lhe preparassem um banho. Decorridas cerca de 2 horas, o criado de serviço, admirado pelo silêncio do freguês, resolveu entrar no seu gabinete, a fim de verificar o que ocorria. Deparou-se-lhe então um quadro horroroso: o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. E como a identidade do suicida não pôde ser averiguada, foi o cadáver removido para o necrotério.  
1. — Evocação. (Resposta do guia do médium.) — Esperai, ele aí está.  
2. — Onde vos achais hoje? — R. Não sei... .dizei-mo.  
3. — Estais numa reunião de pessoas que estudam o Espiritismo e que são benévolas para convosco. — R. Dizei-me se vivo, pois este ambiente me sufoca. Sua alma, posto que separada do corpo, está ainda completamente imersa no que poderia chamar-se o turbilhão da matéria corporal; vivazes lhe são as idéias terrenas, a ponto de se acreditar encarnado.   
4. — Quem vos impeliu a vir aqui? — R. Sinto-me aliviado.  
5. — Qual o motivo que vos arrastou ao suicídio? — B. Morto? Eu? Não... que habito o meu corpo... Não sabeis como sofro!... Sufoco-me... Oxalá que mão compassiva me aniquilasse de vez!  
6. — Por que não deixastes indícios que pudessem tornar-vos reconhecível? — R. Estou abandonado; fugi ao sofrimento para entregar-me à tortura.  
7. — Tendes ainda os mesmos motivos para ficar incógnito? — R. Sim; não revolvais com ferro candente a ferida que sangra.  
8. — Podereis dar-nos o vosso nome, idade, profissão e domicílio? — R. Absolutamente não.  
9. — Tínheis família, mulher, filhos? — R. Era um desprezado, ninguém me amava.  
10. — E que fizestes para ser assim repudiado? — R. Quantos o são como eu!... Um homem pode viver abandonado no seio da família, quando ninguém o preza.  
11. — No momento de vos suicidardes não experimentastes qualquer hesitação? — R. Ansiava pela morte... Esperava repousar.  
12. — Como é que a idéia do futuro não vos fez renunciar a um tal projeto? — R. Não acreditava nele, absolutamente. Era um desiludido. O futuro é a esperança.  
13. — Que reflexões vos ocorreram ao sentirdes a extinção da vida? — R. Não refleti, senti... Mas a vida não se me extinguiu... minha alma está ligada ao corpo... Sinto os vermes a corroerem-me.  
14. — Que sensação experimentastes no momento decisivo da morte? — R. Pois ela se completou?  
15. — Foi doloroso o momento em que a vida se vos extinguiu? — R. Menos doloroso que depois. Só o corpo sofreu.  
16. — (Ao Espírito S. Luís.) — Que quer dizer o Espírito afirmando que o momento da morte foi menos doloroso que depois? — R. O Espírito descarregou o fardo que o oprimia; ele ressentia a volúpia da dor.  
17. — Tal estado sobrevêm sempre ao suicídio? — R. Sim. O Espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo dessa vida. A morte natural é a libertação da vida: o suicídio a rompe por completo.  
18. — Dar-se-á o mesmo nas mortes acidentais, embora involuntárias, mas que abreviam a existência? — R. Não. Que entendeis por suicídio? O Espírito só responde pelos seus atos.  
Esta dúvida da morte é muito comum nas pessoas recentemente desencarnadas, e principalmente naquelas que, durante a vida, não elevam a alma acima da matéria. É um fenômeno que parece singular à primeira vista, mas que se explica naturalmente. Se a um indivíduo, pela primeira vez sonambulizado, perguntarmos se dorme, ele responderá quase sempre que não, e essa resposta é lógica: o interlocutor é que faz mal a pergunta, servindo-se de um termo impróprio. Na linguagem comum, a idéia do sono prende-se à suspensão de todas as faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa, que vê e sente, que tem consciência da sua liberdade, não se crê adormecido, e de fato não dorme, na acepção vulgar do vocábulo. Eis a razão por que responde não, até que se familiariza com essa maneira de apreender o fato. O mesmo acontece com o homem que acaba de desencarnar; para ele a morte era o aniquilamento do ser, e, tal como o sonâmbulo, ele vê, sente e fala, e assim não se considera morto, e isto afirmando até que adquira a intuição do seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos dolorosa, uma vez que nunca é completa e dá ao Espírito uma tal ou qual ansie-dade. No exemplo supra ela constitui verdadeiro suplício pela sensação dos vermes que corroem o corpo, sem falarmos da sua duração, que deverá equivaler ao tempo de vida abreviada. Este estado é comum nos suicidas, posto que nem sempre se apresente em idênticas condições, variando de duração e intensidade conforme as circunstâncias atenuantes ou agravantes da falta. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não é privativa dos suicidas: sobrevêm igualmente aos que viveram mais da matéria que do espírito. Em tese, não há falta isenta de penalidades, mas também não há regra absoluta e uniforme nos meios de punição.  
  
O PAI E O CONSCRITO: No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, gozando de estima geral por parte dos seus vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de o eximir de tal serviço, ocorreu-lhe a idéia de suicidar-se a fim de o isentar do mesmo, como filho único de mulher viúva. Um ano mais tarde, foi evocado na Sociedade de Paris a pedido de pessoa que o conhecera, desejosa de certificar-se da sua sorte no mundo espiritual.  
(A S. Luís.) — Podereis dizer-nos se é possível evocar o Espírito a que vimos de nos referir? — R. Sim, e ele ganhará com isso, porque ficará mais aliviado.  
1. — Evocação. — R. Oh! obrigado! Sofro muito, mas... é justo. Contudo, ele me perdoará.  
O Espírito escreve com grande dificuldade; os caracteres são irregulares e mal formados; depois da palavra mas, ele pára, e, procurando em vão escrever, apenas consegue fazer alguns traços indecifráveis e pontos. É evidente que foi a palavra Deus que ele não conseguiu escrever.  
2. — Tende a bondade de preencher a lacuna com a palavra que deixastes de escrever. — R. Sou indigno de escrevê-la.  
3. — Dissestes que sofreis; compreendeis que fizestes muito mal em vos suicidar; mas o motivo que vos acarretou esse ato não provocou qualquer indulgência? — R. A punição será menos longa, mas nem por isso a ação deixa de ser má.  
4. — Podereis descrever-nos essa punição? — R. Sofro duplamente, na alma e no corpo; e sofro neste último, conquanto o não possua, como sofre o operado a falta de um membro amputado.  
5. — A realização do vosso suicídio teve por causa unicamente a isenção do vosso filho, ou concorreram para ele outras razões? — R. Fui completamente inspirado pelo amor paterno, porém, mal inspirado. Em atenção a isso, a minha pena será abreviada.  
6. — Podeis precisar a duração dos vossos padecimentos? — R. Não lhes entrevejo o termo, mas tenho certeza de que ele existe, o que é um alívio para mim.  
7. — Há pouco não vos foi possível escrever a palavra Deus, e no entanto temos visto Espíritos muito sofredores fazê-lo: será isso uma consequência da vossa punição? — R. Poderei fazê-lo com grandes esforços de arrependimento.  
8. — Pois então fazei esses esforços para escrevê-lo, porque estamos certos de que sereis aliviado. (O Espírito acabou por traçar esta frase com caracteres grossos, irregulares e trêmulos: — Deus é muito bom.)  
9. — Estamos satisfeitos pela boa-vontade com que correspondestes à nossa evocação, e vamos pedir a Deus para que estenda sobre vós a sua misericórdia. — R. Sim, obrigado.  
10. — (A S. Luís.) — Podereis ministrar-nos a vossa apreciação sobre esse suicídio? — R. Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras.  
  
OBSERVAÇÕES — À primeira vista, como ato de abnegação, este suicídio poder-se-ia considerar desculpável. Efetivamente assim é, mas não de modo absoluto. A esse homem faltou a confiança em Deus, como disse" o Espírito S. Luís. A sua ação talvez impediu a realização dos destinos do filho; ao demais, ele não tinha a certeza de que aquele sucumbiria na guerra e a carreira militar talvez lhe fornecesse ocasião de adiantar-se. A intenção era boa, e isso lhe atenua o mal provocado e merece indulgência; mas o mal é sempre o mal, e se o não fora, poder-se-ia, escudado no raciocínio, desculpar todos os crimes e até matar a pretexto de prestar serviços. A mãe que mata o filho, crente de o enviar ao céu, seria menos culpada por tê-lo feito com boa intenção? Aí está um sistema que chegaria a justificar todos os crimes cometidos pelo cego fanatismo das guerras religiosas.  
  
Em regra, o homem não tem o direito de dispor da vida, por isso que esta lhe foi dada visando deveres a cumprir na Terra, razão bastante para que não a abrevie voluntariamente, sob pretexto algum. Mas, ao homem — visto que tem o seu livre-arbítrio — ninguém impede a infração dessa lei. Sujeita-se, porém, às suas consequências. O suicídio mais severamente punido é o resultante do desespero que visa a redenção das misérias terrenas, misérias que são ao mesmo tempo expiações e provações. Furtar-se a elas é recuar ante a tarefa aceita e, às vezes, ante a missão que se devera cumprir. O suicídio não consiste somente no ato voluntário que produz a morte instantânea, mas em tudo quanto se faça conscientemente para apressar a extinção das forças vitais. Não se pode tachar de suicida aquele que dedicadamente se expõe à morte para salvar o seu semelhante: primeiro, porque no caso não há intenção de se privar da vida, e, segundo, porque não há perigo do qual a Providência nos não possa subtrair, quando a hora não seja chegada. A morte em tais contingências é sacrifício meritório, como ato de abnegação em proveito de outrem.**

**22- O EVANGELHO SEGUNDO O ESPÍRITISMO - ALLAN KARDEC - CAPÍTULO V - O SUICÍDIO E A LOUCURA - PÁG. 74**

**O SUICÍDIO E A LOUCURA: 14. A calma e a resignação adquiridas na maneira de encarar a vida terrena, e a fé no futuro, dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo da loucura e do suicídio. Com efeito, a maior parte dos casos de loucura são provocados pelas vicissitudes que o homem não tem forças de suportar. Se, portanto, graças à maneira por que o Espiritismo o faz encarar as coisas mundanas, ele recebe com indiferença, e até mesmo com alegria, os reveses e as decepções que em outras circunstâncias o levariam ao desespero; é evidente que essa força, que o eleva acima dos acontecimentos, preserva a sua razão dos abalos que o poderiam perturbar.  
  
15. O mesmo se dá com o suicídio. Se excetuarmos os que se verificam por força da embriaguez e da loucura, e que podemos chamar de inconscientes, é certo que, sejam quais forem os motivos particulares, a causa geral é sempre o descontentamento. Ora, aquele que está certo de ser infeliz apenas um dia, e de se encontrar melhor nos dias seguintes, facilmente adquire paciência. Ele só se desespera se não vê um termo para os seus sofrimentos. E o que é a vida humana, em relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas aquele que não crê na eternidade, que pensa tudo acabar com a vida, que se deixa abater pelo desgosto e pelo infortúnio, só vê na morte o fim dos seus pesares. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar as suas misérias pelo suicídio.  
  
16. A incredulidade, a simples dúvida quanto ao futuro, as idéias materialistas, em uma palavra, são os maiores incentivadores ao suicídio: elas produzem a frouxidão moral. Quando vemos, pois, homens de ciência, que se apoiam na autoridade do seu saber, esforçarem-se para provar aos seus ouvintes ou aos seus leitores que eles nada têm a esperar depois da morte, não os vemos tentando convencê-los de que, se são infelizes, o melhor que podem fazer é se matarem? Que poderiam dizer para afastá-los dessa idéia? Que compensação poderão oferecer-lhes? Que esperanças poderão propor-lhes? Nada, além do nada! De onde é forçoso concluir que, se o nada é o único remédio heróico, a única perspectiva possível, mais vale atirar-se logo a ele, do que deixar para mais tarde, aumentando assim o sofrimento.  
  
A propagação das idéias materialistas é, portanto, o veneno que inocula em muitos a idéia do suicídio, e os que se fazem seus apóstolos assumem uma terrível responsabilidade. Com o Espiritismo, a dúvida não sendo mais permitida, modifica-se a visão da vida. O crente sabe que a vida se prolonga indefinidamente para além do cúmulo, mas em condições inteiramente novas. Daí, a paciência e ta resignação, que muito naturalmente afastam a idéia do suicídio. Daí, numa palavra, a coragem moral.  
  
17. O Espiritismo tem ainda, a esse respeito, outro resultado igualmente positivo, e talvez mais decisivo. Ele nos mostra os próprios suicidas revelando a sua situação infeliz, e prova que ninguém pode violar impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem abreviar a sua vida. Entre os suicidas, o sofrimento temporário, em lugar do eterno, nem por isso é menos terrível, e sua natureza dá o que pensar a quem quer que seja tentado a deixar este mundo antes ordem de Deus. O espírita tem, portanto, para opor à idéia do suicídio, muitas razões: a certeza de uma vida futura, na qual ele sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e mais resignado tiver sido na Terra; a certeza de que, abreviando sua vida, chega a um resultado inteiramente contrário ao que esperava; que foge de mal para cair noutro ainda pior, mais demorado e mais terrível; que se engana ao pensar que, ao se matar, irá mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo à reunião, no outro mundo, com as pessoas de sua afeição, que lá espera encontrar. De tudo isso resulta que o suicídio, só lhe oferecendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso o número de suicídios que o Espiritismo impede é considerável, e podemos concluir que, quando todos forem espíritas, não haverá mais suicídios conscientes. Comparando, pois, os resultados das doutrinas materialista e espírita, sob o ponto de vista do suicídio, vemos que a lógica de uma conduz a ele, enquanto a lógica de outra o evita, o que é confirmado pela experiência.**

**24 - O QUE É O ESPIRITISMO - ALLAN KARDEC - CAP. LOUCURA, SUICÍDIO E OBSESSÃO - PÁG. 111**

**Loucura, suicídio e obsessão: V. — Certas pessoas consideram as idéias espíritas como capazes de perturbar as faculdades mentais, pelo que acham prudente deter-lhes a propagação.  
A. K. — Deveis conhecer o provérbio: "Quem quer matar o cão — diz que o cão está danado."  
Não é, portanto, estranhável que os inimigos do Espiritismo procurem agarrar-se a todos os pretextos; como este lhes pareceu próprio para despertar temores e suscetibilidades, empregam-no logo, conquanto não resista ao mais ligeiro exame. Ouvi, pois, a respeito dessa loucura, o raciocínio de um louco. Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura; as ciências, as artes, a religião mesmo, fornecem o seu contingente. A loucura provém de um certo estado patológico do cérebro, instrumento do pensamento; estando o instrumento desorganizado, o pensamento fica alterado. A loucura é, pois, um efeito consecutivo, cuja causa primária é uma predisposição orgânica, que torna o cérebro mais ou menos acessível a certas impressões; e isto é tão real que encontrareis pessoas que pensam excessivamente e não ficam loucas, ao passo que outras enlouquecem sob o influxo da menor excitação. Existindo uma predisposição para a loucura, toma esta o caráter de preocupação principal, que então se torna idéia fixa; esta poderá ser a dos Espíritos, num indivíduo que deles se tenha ocupado, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso se tivesse tornado um louco espírita, se o Espiritismo fosse a sua preocupação dominante.  
  
É certo que um jornal disse que se contavam, só em uma localidade da América, de cujo nome não me recordo, 4.000 casos de loucura espírita; mas é também sabido que os nossos adversários têm a idéia fixa de se crerem os únicos dotados de razão; é uma esquisitice como outra qualquer. Para eles, nós somos todos dignos de um hospital de doidos, e, por consequência, os 4.000 espíritas da localidade em questão eram considerados como loucos. Dessa espécie, os Estados Unidos contam centenas de milhares, e todos os países do mundo um número ainda muito maior. Esse gracejo de mau gosto começa a não ter valor, desde que tal moléstia vai invadindo as classes mais elevadas da sociedade. Falam muito do caso de Vitor Hennequin, mas se esquecem que, antes de se ocupar com os Espíritos, já ele havia dado provas de excentricidade nas suas idéias; se as mesas girantes não tivessem então aparecido (as quais, segundo um trocadilho bem espirituoso dos nossos adversários, lhe fizeram girar a cabeça), sua loucura teria seguido outro rumo. Eu digo, pois, que o Espiritismo não tem privilégio algum, nesse sentido; mas vou ainda além: afirmo que, bem compreendido, ele é um preservativo contra a loucura e o suicídio.  
  
Entre as causas mais numerosas de excitação cerebral, devemos contar as decepções, os desastres, as afeições contrariadas, as quais são também as mais frequentes causas do suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado, que as tribulações não são para eles senão os incidentes desagradáveis de uma viagem. Aquilo que em outro qualquer produziria violenta comoção, afeta-o mediocremente. Ele sabe que os dissabores da vida são provas que servirão para o seu adiantamento, se as sofrer sem murmurar, porque sua recompensa será proporcional à coragem com que as houver suportado. Suas convicções dão-lhe, pois, uma resignação que o preserva do desespero e, por consequência, de uma causa incessante de loucura e de suicídio. Ele sabe, além disso, pelo espetáculo que lhe dão as comunicações com os Espíritos, a sorte deplorável dos que abreviam voluntariamente os seus dias, e este quadro é bem de molde a fazê-lo refletir; também é considerável o número dos que por esse meio têm sido detidos nesse funesto declive. É um dos grandes resultados do Espiritismo.  
  
Em o número das causas de loucura, devemos também colocar o medo, principalmente do diabo, que já tem desarranjado mais de um cérebro. Sabe-se o número de vítimas que se tem feito, ferindo as imaginações fracas com esse painel que, por detalhes horrorosos, capricham em tornar mais assustador. O diabo, dizem, só causa medo às crianças, é um freio para corrigi-las; sim, como o papão e o lobisomem, que as contêm por algum tempo, tornando-se elas piores que antes, quando lhes perdem o medo; mas, em troca desse pequeno resultado, não contam as epilepsias que têm sua origem nesse abalo de cérebros tão delicados. Não confundamos a loucura patológica com a obsessão; esta não provém de lesão alguma cerebral, mas da subjugação que Espíritos malévolos exercem sobre certos indivíduos, e que, muitas vezes, têm as aparências da loucura propriamente dita. Esta afecção, muito frequentemente, é independente de qualquer crença no Espiritismo e existiu em todos os tempos. Neste caso, a medicação comum é impotente e mesmo prejudicial. Fazendo conhecer esta nova causa de perturbação orgânica, o Espiritismo nos oferece, ao mesmo tempo, o único meio de vencê-la, agindo não sobre o enfermo mas sobre o Espírito obsessor. O Espiritismo é o remédio e não a causa do mal.**

**25 - RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS - EMMANUEL - PÁG. 119**

**Suicídio - Reunião pública de 3-7-59 Questão n°. 957: No suicídio intencional, sem as atenuantes da moléstia ou da ignorância, há que considerar não somente o problema da infração ante as Leis Divinas, mas também o ato de violência que a criatura comete contra si mesma, através da premeditação mais profunda, com remorso mais amplo. Atormentada de dor, a consciência desperta no nível de sombra a que se precipitou, suportando compulsoriamente as companhias que elegeu para si própria, pelo tempo indispensável à justa renovação. Contudo, os resultados não se circunscrevem aos fenômenos de sofrimento íntimo, porque surgem os desequilíbrios consequentes nas sinergias do corpo espiritual, com impositivos de reajuste em existências próximas. É assim que após determinado tempo de reeducação, nos círculos de trabalho fronteiriços da Terra, os suicidas são habitualmente reinternados no plano carnal, em regime de hospitalização na cela física, que lhes reflete as penas e angústias na forma de enfermidades e inibições. Ser-nos-á fácil, desse modo, identificá-los, no berço em que repontam, entremostrando a expiação a que se acolhem.   
  
Os que se envenenaram, conforme os tóxicos de que se valeram, renascem trazendo as afecções valvulares, os achaques do aparelho digestivo, as doenças do sangue e as disfunções endocrínicas, tanto quanto outros males de etiologia obscura; os que incendiaram a própria carne amargam as agruras da ictiose ou do pênfigo; os que se asfixiaram, seja no leito das águas ou nas correntes de gás, exibem os processos mórbidos das vias respiratórias, como no caso do enfisema ou dos cistos pulmonares; os que se enforcaram carreiam consigo os dolorosos distúrbios do sistema nervoso, como sejam as neoplasias diversas e a paralisia cerebral infantil; os que estilhaçaram o crânio ou deitaram a própria cabeça sob rodas destruidoras, experimentam desarmonias da mesma espécie, notadamente as que se relacionam com o cretinismo, e os que se atiraram de grande altura reaparecem portando os padecimentos da distrofia muscular progressiva ou da osteíte difusa.**

**Segundo o tipo de suicídio, direto ou indireto, surgem as distonias orgânicas derivadas, que correspondem a diversas calamidades congênitas, inclusive a mutilação e o câncer, a surdez e a mudez, a cegueira e a loucura, a representarem terapêutica providencial na cura da alma. Junto de semelhantes quadros de provação regenerativa, funciona a ciência médica por missionária da redenção, conseguindo ajudar e melhorar os enfermos de conformidade com os créditos morais que atingiram ou segundo o merecimento de que disponham. Guarda, pois, a existência como dom inefável, porque teu corpo é sempre instrumento divino, para que nele aprendas a crescer para a luz e a viver para o amor, ante a glória de Deus.**

**27 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. DE MIRANDA - PÁG. 97, 101**

**SUICÍDIO - SOLUÇÃO INSOLVÁVEL  
O suicídio é remanescente do primitivismo humano, que permanece arrebanhando as vítimas indefensas, que lhe tombam nas urdiduras intrincadas. Decorrência da revolta espiritual do ser ante as circunstâncias, os acontecimentos e estados da alma que lhe parecem adversos, é a solução enganosa a que se deixam conduzir todos aqueles que preservam os seus conflitos e os fixam na área mental da insatisfação e do desespero sistemático.**

**A ingorância propositada ou a reação consciente aos Estatutos divinos, que pessoa alguma, na chamada civilização hodierna, pode ingorar, produzem a indeferença pelos valores sublimes da vida, liberando o homem da responsabilidade e do dever de lutar, obstanto-lhe a perseverança nos objetivos relevantes a que se deve entregar.**

**Os "instintos agressivos", não disciplinados, explodem-lhe, em rebelião indômita, em face do menor desgosto real ou imaginário, diante de qualquer insucesso natural em todos os empreendimentos, fazendo que seja estabelecida uma neurose depressiva de culpa ou de transferência, acusando-se e autopunindo-se ou responsabilizando os outros, a sociedade, assim se arrojando no poço sem fundo da autodestruição, que apenas atinge o corpo.**

**Os comportamentos materialistas, em modernas escolas da psicologia, pretendem relacionar o suicídio com baixas cargas da serotonina no cérebro, facilitando a compreensão do episódio autocida graças a um neurotransmissor de natureza química. Sem dúvida, nessas dezenas de substâncias químicas que atuam como neurotransmissores no controle da atividade cerebral, respondendo pela área da emoção, defrontamos as causas de muitas ocorrências psíquicas, emocionais e físicas. Contudo, são, por sua vez, efeito de outros fatores mais profundos, aqueles que procedem do Espírito que comanda a câmara cerebral, exteriorizando-se na mente e na fisiologia desses microinstrumentos que constituem a sede física ao pensamento e de outras igualmente importantes funções da vida humana.  
  
É possível que os distúrbios serotônicos respondam pelo ato alucinado, muito embora não deixam de ser o resultado de agentes psicológicos mais sutis e graves, como a angústia, a insegurança, os conturbadores fenômenos psicossociais e econômicos, as enfermidades crucificadoras, o sentimento de desamparo e de perda, todos com sede na alma imatura e ingrata, fraca de recursos morais para sobrepô-los às contingências transitórias desses propelentes ao ato extremo. O espetáculo trágico, todavia, assume gravidade e constrangimento maiores, quando crianças, que ainda não dispõem do discernimento, optam pela aberrante decisão.  
  
Amadurecidas precipitadamente, em razão dos lares desajustados e das famílias desorganizadas; atiradas à agressividade e aos jogos fortes que a atual sociedade lhes brinda, extirpando-lhes a infância não vivida, sobrecarregam-se de angústias e frustrações que as desgastam, retirando-lhes da paisagem mental a esperança e o amor. Vazias, desprotegidas do afeto que alimenta os centros vitais de energia e beleza, vêem-se sem rumo, fugindo, desditosas, pela porta mentirosa do suicídio.  
  
Ademais, grande número delas, suicidas do passado, renascem com as impressões do gesto anterior, e porque desarmadas, na sua quase totalidade, de equilíbrio, vendo, ouvindo e participando dos dramas em que se enleiam os adultos que as não respeitam, antes considerando-as pesados ônus que devem pagar, repetem o ato infeliz, tombando nas refregas de dor, que posteriormente as trarão de volta em expiações muito laceradoras. Uma análise mais íntima do fenômeno autodestruidor leva também a sutis ou violentas obsessões que o amor enlouquecido e o ódio devastador fomentam, além da cortina carnal. O suicídio é terrível mal que aumenta na Humanidade e que deve ser combatido por todos os homens.  
  
Essa rigidez mental que resolve pela solução trágica é doença complexa. Conscientizar as criaturas a respeito das consequências do ato, no além-túmulo, das dores que maceram os familiares e do ultraje às Leis Divinas, é método salutar para diminuir a incidência dessa solução insolvável. Dialogar com bondade e paciência com as pessoas que têm propensão para o suicídio; sugerir-lhes dar-se um pouco mais de tempo, enquanto o problema altera a sua configuração; evitar oferecer bases ilusórias para esperanças fugazes que o tempo desmancha; estimular a valorização pessoal; acender uma luz no túnel do seu desespero, entre outros recursos, constituem terapia preventiva, que se fortalecerá no exercício da oração, das leituras otimistas, espirituais, nos passos e no uso da água fluidificada.**

**Aquele que tenta o suicídio e não o vê consumado, é candidato natura à recidiva, que culmina tão logo se lhe apresenta o móvel desencadeador do desejo... O suicídio é o mais grosseiro vestígio da fragilidade humana, que ata o homem ao primarismo de que se deve libertar. O homem é, na verdade, a mais alta realização do pensamento divino, na Terra, caminhando para a glória total, mediante as lutas e os sacríficios do dia-a-dia.**

**SUICÍDIO SEM DOR  
A cegueira propiciada pelo materialismo, no momento da defecção da matéria, ora identificada como "energia condensada", tem levado alguns teóricos das filosofias pessimistas a proporem o suicídio como solução para os dissabores, insucessos e sofrimentos defrontados. Fórmula de efeitos contrários, apresenta-se simplista, como se fora constituída de elementos mágicos propiciadores para a equação final e definitiva de todos os acontecimentos da vida.**

**Sonho que se converte em pesadelo inominável, reaparece, na atualidade, sob emulações alucinadas, fascinando os desencorajados na luta e os fracos de resistência morais para os enfrentamentos inevitáveis. Selecionam e propõem, esses investigadores da ilusão, quais as mais eficazes técnicas para o autocídio sem dor, induzindo as criaturas desnorteadas para o mergulho da consciência no grande sono, com o consequente aniquilamento do ser.**

**Tal comportamento, pelo insólito de que se reveste, demonstra a utopia em que foi transformada a vida e a ausência de finalidade a que foi reduzida. Tomando o efeito pela causa, pensa-se em suprimir aquele sem alcançar esta, mais complicando a linha das consequências, por falta da cessação dos fatores que as desencadeiam. Malabaristas do imediatismo, esses pensadores acreditam que a morte do corpo significa o fim da existência, desprezando, na sua rebeldia contumaz e ociosidade emocional contínua, todos os fatos probantes de que o ser real e primitivo é o Espírito, sendo o corpo a indumentária que o reveste temporariamente e de que se serve para um fim útil.**

**Se se detivessem a auscultar a Natureza, diminuindo o tresvario que se permitem, constatariam que o caos e o nada jamais fizeram parte do Cosmo, e que a ordem é a geratriz de todos os fenômenos, causa de todas as ocorrências. Como efeito, nada ou pessoa alguma foge desse equilíbrio, sendo a fraude e a burla desconhecidas nos soberanos códigos da Criação. Nada deve justificar o autocídio, porquanto a sucessão das ocorrências muda a cada instante o quadro em que se vive.  
  
O que ora é desgraça, logo cede lugar à esperança; o que se apresenta como dissabor, de imediato se converte em bonança; o que se manifesta como desdita, a seguir se modifica para alegria; o que hoje é dor insuportável, amanhã é dor aceitável... Passam as horas e alteram-se as circunstâncias, gerando novos acontecimentos que mudam a paisagem emocional, física, social, econômica e moral do homem. Lutar por vencer as vicissitudes é inevitável, desde que a própria injunção biológica é uma constante faina, em que nascimento, morte, transformação e ressurgimento se dão por automatismos na maquinaria fisiológica, ensinando à consciência a técnica do esforço para a preservação da vida.  
  
O pretenso suicida, que consumou a trágica fuga da responsabilidade, jamais se libera, como é natural, dos resultados nefários do seu gesto, sempre tresloucado, por ferir, na agressão furiosa, o mecanismo do instinto de conservação da vida, que governa a existência animal e o possui como fator para sua preservação. Orgulhoso ou pusilânime, irresponsável ou vão, o suicida não se evade de si mesmo, da sua consciência; torna-se, aliás, o seu próprio algoz cujas penas o gesto lhe impõe e que resgatará em injunções mil vezes mais afugentes do que na forma em que ora se apresentam.  
  
A burla que se permite, através de supostos meios indolores para sofrer a desencarnação, hiberna-o por algum tempo, em espírito, até o momento em que desperta mais vilipendiado e agônico, vivo, estuante de vitalidade, padecendo as camarteladas que a superlativa imprudência provocou. É óbvio que ninguém ludibria a Consciência Cósmica, que se expressa na harmonia do Universo e vige, pulsante, na consciência humana individual.  
  
Necessário que o homem assuma as responsabilidades da vida e instrua-se nas leis que lhe regem a existência, aprimorando-se e reunindo valores de que possa dispor nos momentos-desafio, a fim de superá-los e reorganizar-se para os futuros cometimentos até o instante em que se lhe encerre o ciclo biológico. Estará, então, liberado da matéria, mas mantido na vida... Nas aparentes mortes sem dor, provocadas pelos que desejam fugir ou esquecer, o sofrimento moral tem início quando se elabora o programa da evasão e jamais se pode prever quando terminará.**

**A consciência humana é industrutível, portanto, o suicídio de qualquer espécie é arrematada loucura, um salto no desconhecido abismo da imprevisível desesperação.**

**28- Temas de hoje problemas de sempre - Richard Simonetti**

**Enganosa solução**

**Camilo Castelo Branco foi, talvez, o maior escritor de Portugal, pelo menos o mais versátil. Escrevia sobre qualquer assunto.**

**Nascido em 1825, teve vida intensa, sempre voltada para as letras. Publicou dezenas de ensaios, biografias, romances e críticas, imprimindo sempre, em suas narrativas, a marca da genialidade.**

**Jamais poderia supor que um dia escreveria sobre um dos mais trágicos e lamentáveis problemas humanos: o suicídio. Fá-Io-ia, não à maneira de um observador terrestre que reagisse aos conflitos íntimos e a fraqueza de caráter que levam o indivíduo a atentar contra a própria vida e, sim, como Espírito desencarnado que oferecesse suas próprias experiências.**

**Camilo foi um suicida. Acometido por um mal nos olhos que o levou à cegueira, julgando-se incapaz de resistir a semelhante provação, matou-se com um tiro no ouvido, aos 65 anos.**

**Alguns decênios mais tarde, seu Espírito encontrou em Yvonne Pereira, dedicada médium espírita, a intérprete de suas impressões para que ele oferecesse aos homens a visão dantesca dos sofrimentos que aguarda. É um tema digno da pena do grande Camilo. Poucos como ele, poderiam descrever, com riqueza de detalhes e de forma envolvente, o que é a tragédia do suicida, que começa quando ele reconhece, penosamente surpreendido, que seu desejo de fuga não se concretizou. A vida continua, com sofrimentos mil vezes acentuados.**

**Julgando-se a princípio apenas ferido com o tiro que desfechara contra si mesmo, o Espírito do escritor experimenta dores lancinantes. Parece-lhe estar num leito de hospital, curioso nosocômio onde ninguém lhe dispensa cuidados. Clama por socorro, deseja ver os familiares, mas ninguém lhe dá atenção. A dor o alucina; em seus ouvidos vibra, inextinguível, o som do tiro a torturar-lhe os tímpanos. Às suas narinas chega o odor fétido de carne em decomposição. Parece-lhe vir do próprio leito. Após angústias extremas, levanta-se cambaleante, tateia em volta e percebe, horrorizado, dentre as negras trevas que o envolvem, que se encontra num cemitério ... Sua cama era apenas um túmulo; a carne em decomposição, o seu próprio cadáver. Foge, apavorado ... Perambula pelas ruas e é atraído para o lar, mas ninguém lhe dá atenção ... Gargalhadas estridentes, de pessoas que parecem rir de sua situação, o acompanham, aumentando seu desespero ... E por mais que vagueie, irresistível força o reconduz ao cemitério ...**

**Depois é envolvido por uma legião de Espíritos de suicidas, e vão todos parar em terrível região do Umbral, denominada "O Vale dos Suicidas". Camilo procura na Terra um lugar semelhante, que permita aos homens terem uma idéia do que é o vale. Mas não o encontra. Lembra-se do vale dos leprosos, na antiga Jerusalém, onde eram segregados do convívio social os infelizes portadores de lepra, considerados imundos por seus contemporâneos ... E diz:**

**"O vale dos leprosos, lugar repulsivo da antiga Jerusalém de tantas emocionantes tradições, e que no orbe terráqueo evoca o último grau da abjeção e do sofrimento humano, seria consolador estágio de repouso comparado ao local que tento descrever. Pelo menos, ali existiria solidariedade entre os renegados! Os de sexo diferente chegam mesmo a amar-se! Adotavam-se em boas amizades, irmanando-se no seio da dor para suavizá-la. Criavam a sua sociedade, divertiam-se, prestavam-se favores, dormiam e sonhavam que eram felizes!**

**Mas no presídio de que vos desejo dar contas nada disso era possível, porque as lágrimas que se choravam ali eram ardentes demais para se permitirem outras atenções, que não fossem as derivadas da sua própria intensidade!**

**No vale dos leprosos havia a magnitude compensadora do Sol para retemperar os corações! Existia o ar fresco das madrugadas com seus orvalhos regenera dores! Poderia o precito ali detido contemplar uma faixa do céu azul... Seguir, com o olhar enternecido, bandos de andorinhas ou de pombos que passassem em revoada! ... Ele sonharia - quem sabe? lenido de amarguras, ao poético clarear do plenilúnio, enamorando-se das cintilações suaves das estrelas que, lá no inatingível, acenariam para sua desdita, sugerindo-lhe consolações no insulamento a que o forçavam as férreas leis da época! ... E, depois, a primavera fecunda voltava, rejuvenescia as plantas para embalsamar com seus perfumes cariciosos as correntes de ar, que as brisas diariamente tonificavam com outros tantos bálsamos que traziam no seio amoráve1... E tudo isso era como dádivas celestiais para reconciliá-lo com Deus, fornecendo-lhe tréguas na desgraça!**

**Mas na caverna onde padeci o martírio que me surpreeendeu além do túmulo, nada disso havia!**

**Aqui, era a dor que nada consola, a desgraça que nenhum favor ameniza, a tragédia que idéia alguma tranqüilizadora vem orvalhar de esperança! Não há céu, não há luz, não há sol, não há perfume, não há tréguas!**

**O que há é o choro convulso e inconsolável dos condenados, que nunca se harmonizam! O assombroso "ranger de dentes" da advertência prudente e sábia do Mestre de Nazaré!   
  
A blasfêmia acintosa do réprobo a se acusar a cada novo rebate da mente flagelada pelas recordações penosas! A loucura inalterável de consciências contundidas pelo vergastar infame dos remorsos! O que há é a raiva envenenada daquele que já não pode chorar, porque ficou exausto sob o excesso das lágrimas! O que há é o desaponto, a surpresa aterradora daquele que se sente vivo a despeito de se haver arrojado na Morte! É a revolta, a praga, o insulto, o ulular de corações que o percutir monstruoso da expiação transformou em feras! O que há é a consciência conflagrada, a Alma ofendida pela imprudência das ações cometidas, a mente revolucionada, as faculdades espirituais envolvidas nas trevas oriundas' de si mesma!. .. "**

**Camilo fala depois do tratamento que recebeu numa instituição socorrista do Plano Espiritual e de generosos benfeitores que o orientaram e ajudaram, preparando-o para novas experiências na Terra, quando enfrentará, em regime de débito agravado, a expiação da cegueira, da qual tentou fugir.**

**Toda a descrição de Camilo Castelo Branco, registrada no livro "Memórias de um Suicida", publicado pela Federação Espírita Brasileira, encontra plena confirmação nos princípios da Doutrina Espírita, segundo os quais o suicídio provoca violento trauma perispiritual. Expulso violentamente do corpo que destruiu, o suicida atinge a Espiritualidade empolgado pelas sensações angustiantes da morte física, em terríveis padecimentos. Por uma questão de sintonia psíquica, associa-se a companheiros de infortúnio, para longo confinamento nas regiões umbralinas. Vales como o descrito funcionam, segundo a narrativa, como "câmaras de descompressão", onde os suicidas esperam que o tempo esgote os desequilíbrios mais acentuados que provocaram em si mesmos ... Depois são socorridos por piedosos samaritanos do Além, preparando-se para regressar à Terra, no reencontro com as situações de que pretenderam fugir.**

**O Espiritismo nos oferece aquela substância de conhecimento que impõe a responsabilidade de viver, e viver bem, conscientes de que colhemos hoje o mal que semeamos ontem, e que, se desejamos um futuro de bênçãos, é preciso que semeemos melhor, sem destruir o arado - o corpo físico que Deus nos oferece por empréstimo - pois, se o fizermos, o campo de nosso destino ficará repleto de espinhos. Então, lembrando a advertência de Jesus, registrada por Camilo, haverá para nós "choro e ranger de dentes".**

**29 - Escrínio de Luz - Emmanuel - Suicidas - pág. 157**

**Não condenes as vítimas da loucura e do sofrimento que se retiram do mundo pelas portas do suicídio.**

**Ninguém lhes viu talvez a luta insana. E não sabes até que ponto sorveram o veneno da angústia na taça de fel! .**

**Faze silêncio, diante dos que cairam no paroxismo da desesperação e da dor. Na batalha do mundo, quantos despem o manto da carne, roídos no âmago da alma pelas chagas de aflitivas desilusões!... Quantos procuram fugir ao nevoeiro do vale, arrojando-se às trevas do despenhadeiro cruel!. ..**

**E, pedindo a paz do Senhor para os que descem à sombra da rendição antes do triunfo, ora também pelos que armam as garras da treva contra si próprios no pelourinho da maldade e da calúnia: Pelos que perturbam o caminho alheio, aniquilando a própria existência.**

**Pelos que rendem culto à perversidade, consumindo-se na ilusão de que destroem o próximo; Pelos que se afogam no charco da viciação; Pelos que se entregam à inércia e pelos que perseguem e chicoteiam os semelhantes, cavando para si mesmos o túmulo de lodo em que hão-de perecerl Saibamos utilizar as dificuldades na sublimação de nosso futuro.**

**A Terra é um santuário de regeneração e de esperança para quantos lhe abraçam as lições com ânimo forte, conscientes da misericórdia em que se fundamenta a Divina Justiça. Dores, aflições, provas e desencantos representam o material educativo do templo em que nos asilamos, à procura de fortaleza moral e de créditos imprescindívels à continuidade de nossa viagem para Deus.**

**Não te confies ao cansaço ou ao desalento, na solução dos problemas que te afligem a marcha. Renova-te na fé viva e no trabalho constante, inspirando-te na excelsitude do Sol que te acompanha, cada manhã, prometendo-te, cada noite, o esplendor de um outro dia, que raiará sempre mais belo.**

**Caminha para diante, regozija-te com o sofrimento que te ajusta as contas e abençoa os obstáculos que te fazem mais experiente e mais nobrel ... E unido à tarefa que o Senhor te confiou, qualquer que ela seja, aprendendo e servindo, amando e lutando na construção do Bem Infinito, encontrarás, mesmo na Terra, o manancial da Vida Abundante que te alimentará o coração na conquista da Vida Imperecível.**

|  |  |
| --- | --- |
| **TEMPO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A alma é imortal - pág. 215** | **02 - A crise da morte - pág. 155** |
| **03 - A Gênese - cap. VI,1** | **04 - A luz da oração - pág. 70** |
| **05 - A pluralidade dos M. Habitados - pág.223** | **06 - A vida além do véu - pág. 87** |
| **07 - Ação e reação - pág. 48** | **08 - Amizade - pág. 28** |
| **09 - Ave Cristo - pág. 176** | **10 - Caminho Verdade e vida- pág. 17** |
| **11 - Cartas e crônicas - pág. 51** | **12 - Conduta Espirita - pág. 131** |
| **13 - Da alma Humana - pág. 28** | **14 - Dinheiro - pág. 78, 109** |
| **15 - Emmanuel - pág. 170** | **16 - Escrínio de luz - pág. 52** |
| **17 - Estude e viva - pág. 24, 128** | **18 - Falando à Terra - pág. 165** |
| **19 - Fonte viva - pág. 33** | **20 - Há dois mil anos - pág. 12** |
| **21 - Jesus no lar - pág. 99** | **22 - Justiça Divina - pág. 170, 191** |
| **23 - Na seara do Mestre - pág. 11** | **24 - O céu e o inferno - pág. 341** |
| **25 - O Espírito e o tempo - toda a obra** | **26 - O Livro dos Espíritos - q. 89, 240, 1005** |
| **27 - Obreiros da vida eterna - pág. 171** | **28 - Palavras de vida eterna - pág. 306** |
| **29 - Pontos e Contos - cap. 42, 47** | **30 - Religião dos Espiritos - pág. 253** |
| **31 - Universo e vida - pág. 72** | **32 - Vozes do grande além - pág. 30, 78, 119** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**TEMPO** **– COMPILAÇÃO**

**01- A alma é imortal - Gabriel Delanne - pág. 215**

**O tempo  
Aos mesmos resultados chegamos, quando queremos avaliar o tempo. Os períodos cósmicos nos esmagam com um formidável amontoado de séculos. Ouçamos mais uma vez o nosso instrutor espiritual. "O tempo, como o espaço, é uma palavra que se define a si mesma. Mais exata idéia dele se faz, estabelecendo-se a relação que guarda com o todo infinito.  
  
"O tempo é a sucessão das coisas. Está ligado à eternidade, do mesmo modo por que essas coisas se acham ligadas ao infinito. Suponhamo-nos na origem do nosso mundo, naquela época primitiva em que a Terra ainda não se balouçava sob a impulsão divina. Numa palavra: no começo da gênese.  
  
"Aí, o tempo ainda não saiu do misterioso berço da Natureza e ninguém pode dizer em que época de séculos está, pois que o balancim dos séculos ainda não foi posto em movimento. "Mas, silêncio! a primeira hora de uma Terra isolada soa no relógio eterno, o planeta se move no espaço e, desde então, há tarde e manhã. Fora da Terra, a eternidade permanece impassível e imovel, se bem o tempo avance para muitos outros mundos. Na Terra, o tempo a substitui e, durante uma série determinada de gerações, contar-se-ão os anos e os séculos.  
  
"Transportemo-nos agora ao último dia deste mundo, à hora em que, curvado sob o peso da vetustez, a Terra se apagará do livro da vida, para ai não mais reaparecer. Nesse ponto, a sucessão dos eventos se detém, interrompem-se os movimentos terrestres que mediam o tempo e este finda com eles.  
  
"Quantos mundos na vasta amplidão, tantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, só a eternidade substitui essas efêmeras sucessões e enche, serenamente, da sua luz imóvel, a imensidade dos céus. Imensidade sem limites e eternidade sem limites, tais as duas grandes propriedades da natureza universal.  
  
"Agem concordes, cada uma na sua senda, para adquirirem esta dupla noção do infinito: extensão e duração, assim o olhar do observador, quando atravessa, sem nunca ter de parar, as incomensuráveis distancias do espaço, como o do geólogo, que remonta até muito além dos limites das idades, ou que desce às profundezas da eternidade onde eles um dia se perderão."  
  
Também estes ensinamentos a Ciência os confirma. Malgrado à dificuldade do problema, os físicos, os geólogos hão tentado avaliar os inumeráveis períodos de séculos decorridos desde a formação da nossa Terra e as mais fracas avaliações mostram quão infantis eram os seis mil anos da Bíblia.  
  
Segundo Sir Charles Lyell, que empregou os métodos usados em Geologia — métodos que consistem em avaliar-se a idade de um terreno pela espessura da câmara sedimentada e a rapidez provável da sua erosão —, ao cabo de numerosas observações feitas em todos os pontos do globo, mais de trezentos milhões de anos transcorreram depois da solidificação das camadas superficiais do nosso esferóide.  
  
As experiências do professor Bischoff sobre o resfriamento do basalto, diz Tyndall, parecem provar que, para se resfriar de 2.000 graus a 200 graus centígrados, precisou o nosso globo de 350 milhões de anos. Quanto à extensão do tempo que levou a condensação por que teve de passar a nebulosa primitiva para chegar a constituir o nosso sistema planetário, essa escapa inteiramente à nossa imaginação e às nossas conjeturas. A história do homem não passa de imperceptível ondulação na superfície do imenso oceano do tempo.**

**03 - A Gênese - Allan Kardec - cap. VI,1**

**CAPITULO VI URANOGRAFIA GERAL  
O espaço e o tempo. -  
  
1. - Várias definições do espaço foram dadas; a principal é esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos. De onde certos sofistas deduziram que aí onde não há corpos não haveria espaço; foi sobre o que os doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço era, necessariamente, finito, alegando que corpos, limitados em certo número, não poderiam formar uma sequência infinita; e que lá, onde os corpos se detém, o espaço se detém também.**

**Tem-se, ainda, definido o espaço: o lugar onde se movem os mundos, o vazio no qual atua a matéria, etc. Deixemos nos tratados, onde repousam, todas essas definições, que não definem nada. O espaço é um desses termos que representam uma idéia primitiva e axiomática, evidente por si mesma, e que as diversas definições, que dela se pode dar, não servem senão para obscurecer. Todos sabemos, o que é o espaço e não quero senão estabelecer a sua infinidade, a fim de que os nossos estudos ulteriores não tenham nenhuma barreira a opor-se às investigações de nosso objetivo.  
  
Ora, digo que o espaço é infinito, pela razão de que é impossível supor-lhe algum limite, e que, malgrado a dificuldade que temos em conceber o infinito, todavia, nos é mais fácil ir eternamente no espaço, em pensamento, do que nos deter num lugar qualquer, depois do qual não encontraremos nenhuma extensão a percorrer.  
  
Para figurarmos o infinito do espaço, enquanto o façamos com as nossas faculdades limitadas, suponhamos que, partindo da Terra, perdido no meio do Infinito, junto de um ponto qualquer do Universo, e isso com a velocidade prodigiosa da centelha elétrica, que transpõe milhares de léguas a cada segundo, apenas deixamos este globo, tendo percorrido milhões de léguas, encontramo-nos em um lugar de onde, a Terra, não nos aparece mais senão sob o aspecto de uma pálida estrela.**

**Um instante depois, em seguindo sempre a mesma direção, chegamos perto das estrelas longínquas que distinguis, com dificuldade, da vossa estação terrestre; e, dali, não somente a Terra está perdida para os vossos olhares, nas profundezas do céu, mas, ainda, mesmo o vosso Sol, em seu esplendor, está eclipsado pela extensão que nos separa dele.**

**Animados, sempre, com a mesma velocidade da luz, transporemos sistemas de mundos a cada passo que avancemos na extensão, ilhas de luz etérea, caminhos estelares, paragens suntuosas, onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão que semeou as plantas nas pradarias terrestres.  
  
Ora, faz apenas alguns minutos que caminhamos, e já centenas de milhões e de milhões de léguas nos separam da Terra, milhares de mundos passaram sob os nossos olhares, e, todavia, escutai! Não avançamos, em realidade, um único passo no Universo.  
  
Se continuarmos, durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e, incessantemente, com a mesma velocidade da luz, não teremos avançado mais! e isso de qualquer lado que formos, e para qualquer ponto que nos dirijamos, desde esse grão invisível que deixamos e que se chama a Terra.  
  
Eis o que é o espaço!  
  
2. -O tempo, como o espaço, é uma palavra definida por si mesma; dele se faz uma idéia, mais justa, estabelecida na sua relação com o todo infinito. O tempo é a sucessão das coisas; está ligado à eternidade, do mesmo modo que essas coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamos a origem do nosso mundo, nessa época primitiva em que a Terra não oscilava, ainda, sob o divino impulso; em uma palavra, no começo da Gênese. Aí o tempo não havia, ainda, saído do misterioso berço da Natureza; e ninguém pode dizer a que época de séculos estávamos, uma vez que o pêndulo dos séculos não estava, ainda, em movimento.  
  
Mas silêncio! a primeira hora de uma Terra isolada soa ao timbre eterno, o planeta se move no espaço, e, desde então, há entardecer e manhã. Além da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo caminhe para muitos outros mundos. Sobre a Terra, o tempo a supre, e, durante uma sequência determinada de gerações, contar-se-áo os anos e os séculos.  
  
Transportemo-nos, agora, ao último dia desse mundo, na hora em que, curvada sob o peso da sua velhice, a Terra se apagará do livro da vida para não mais reaparecer. Aqui a sucessão dos acontecimentos se detêm; os movimentos terrestres que mediam o tempo se interrompem, e o tempo acaba, com eles.  
  
Esta simples exposição das coisas naturais que dão nascimento ao tempo o sustentam e o deixam estender, basta para mostrar que, visto sob o ponto de vista que devemos nos colocar, para os nossos estudos, o tempo é uma gota d'água que cai da nuvem no mar, e cuja queda é medida.  
  
Tantos mundos na vasta extensão, quantos os tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, só a eternidade supre essas sucessões efêmeras, e enche, mansamente, com a sua luz imóvel, a imensidade dos céus. Imensidade sem fronteiras e eternidade sem limites, tais são as duas propriedades da natureza universal.  
  
O olhar do observador que atravessa, sem jamais encontrar parada, as distâncias incomensuráveis do espaço, e do geólogo que remonta mais além dos limites das idades, ou que descem às profundezas da eternidade largamente aberta, onde se perderão, um dia, agem de acordo, cada um em sua senda, para adquirir esta dupla noção do infinito: a extensão e duração.  
  
Ora, conservando essa ordem de idéias, ser-nos-á fácil conceber que o tempo, não sendo senão o produto das coisas transitórias, e dependendo, unicamente, das coisas que o medem, se, tomando os séculos terrestres por unidades, nós os amontoamos milhares sobre milhares, para deles formar um número colossal, esse número não representaria senão um ponto da eternidade: do mesmo modo que as milhares de léguasjuntando com as milhares de léguas, não são senão um ponto na extensão.  
  
Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão grande quanto o equador terrestre, e nos supor envelhecidos desse número de séculos, sem que, na realidade, nossa alma conte um dia a mais; e, acrescentando a esse número indefinível de séculos, uma série longa, como daqui ao Sol, de números semelhantes, ou mais consideráveis ainda, imaginando viver durante a sucessão prodigiosa de períodos seculares, representados pela adição de tais números, quando chegássemos ao tempo, o amontoado incompreensível de séculos que pesasse sobre as nossas cabeças seria como se nada fosse: permaneceria sempre, diante de nós, a eternidade toda inteira.  
  
O tempo não é senão uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de nenhuma medida do ponto do vista da duração; para ela, não há nem começo e nem fim: é presente para ela. Se os séculos dos séculos são menos do que um segundo em relação à eternidade, o que é a duração da vida humana?  
  
  
05 - A pluralidade dos M. Habitados - Camille Flammarion - pág.223**

**(...) Pode-se afirmar que todo homem, qualquer que seja, que pretenda seriamente definir a humanidade de uma outra terra, caracterizar suas condições de existência, fazer conhecer seu estado físico, intelectual ou moral, explicar SIM a natureza e sua maneira de ser; pode-se afirmar, dizíamos, que todo homem que emite tais pretensões está no erro mais vão. Tanto quanto proclamamos com a certeza de uma convicção inabalável a verdade da pluralidade dos Mundos, igualmente repudiamos o título de colonizador de planetas. E sustentamos que, no estado atual de nossos conhecimentos, é impossível encontrar a solução do problema.  
  
Nosso estudo fisiológico mostrou o quanto as produções da Natureza cá embaixo estão em correlação com o estado da Terra, o quanto os diversos seres que habitam o mundo estão em harmonia com os meios em que vivem, e exemplos não deixaram de estabelecer a incontestável verdade desta proposição. Aqui seria o lugar de acrescentar que produções desta natureza podem variar e variam, segunde degraus de uma escala incomensurável. A começar de mínimos detalhes de nosso organismo, não há um só que tenha sua razão de ser e sua utilidade na economia viva, e até os apêndices que parecem os mais insignificantes, tudo tem seu papel no organismo individual.**

**Alterai um elemento na física terrestre, subtraí uma força à sua mecânica, fazei em nosso mundo uma modificação qualquer em sua natureza íntima, e eis o que resultará: as condições de habitabilidade uma vez modificadas, a habitação atual dará lugar a uma outra. Atenuai sucessivamente a intensidade da luz solar até torná-la igual, por exemplo, à que é na superfície de Urano ou de Netuno, e logo em seguida nossos olhos perderão a acuidade de ver sem ofuscamento os objetos expostos à nossa iluminação atual. Aumentai, ao contrário, esta intensidade, e não veremos mais claramente em plena luz do dia.**

**Fazei com que o som não se propague mais no ar, e nossas gerações futuras não possuirão senão surdos-mudos, falando a linguagem dos sinais. Somos carnívoros e herbívoros ao mesmo tempo: imaginai uma transformação lenta e progressiva em nosso regime alimentar, e uma transformação correlativa se operará em nosso mecanismo orgânico.  
  
O mundo caminha por oscilações, e seus elementos variam entre dois limites extremos em torno de uma posição média, é a lei da vida; ela é reconhecida em tudo, desde a revolução do pólo terrestre em torno do pólo da eclíptica, em 25.765 anos, até os períodos diurnos e horários da agulha imantada. Se a vida em cada globo depende da soma dos elementos especiais em cada mundo, ela varia como este mundo, entre esses limites extremos, além dos quais ela se extinguiria, e entre os quais ela sofre modificações graduais.   
  
Se a vida é inerente à própria essência da matéria, ela é suscetível de uma diversidade ainda maior que no caso precedente; pois ela aparece inevitavelmente, quaisquer que sejam as condições acidentais que sofram certos mundos ou certas regiões nos mundos. Seja como for, as modificações causadas nas condições de vida reagem sobre o organismo dos indivíduos e sobre a geração das espécies.   
  
O raciocínio que sustentamos agora relativamente a essas modificações e à sua influência sobre nós mesmos pode ser continuado e aplicado a todos os nossos órgãos, a todos os nossos sentidos, a todos os nossos membros, a todas as partes internas e externas de nosso corpo; pode-se assegurar que estes órgãos existem tais ou quais, em nós, porque preenchem tais ou quais papéis, e inferir que são completamente outros em outros mundos, onde as mesmas funções não podem ser preenchidas, e mesmo que não existem, onde não têm nenhum papel a desempenhar.**

**É o modo pelo qual procede a Natureza, alhures, tal como aqui; é o modo que ela seguiria, se as condições terrestres viessem a sofrer uma alteração que não fosse violenta o suficiente para destruir a habitação da Terra; é o modo que seguiu outrora para a sucessão das espécies na superfície de nosso globo durante seus períodos primitivos; e é provavelmente o modo que segue atualmente para a manutenção da vida na Terra e nos outros mundos.  
  
Para raciocinar sobre a criação na superfície dos planetas, e para emitir alguns julgamentos sobre as formas de que a vida lá pode se revestir, seria necessário pelo menos ter um princípio absoluto como base. Com o auxílio deste princípio absoluto, poder-se-ia, dentro de certos limites, comparar e concluir. Mas que temos de absoluto, em toda a extensão de nossos conhecimentos? Diremos melhor: o que há de absoluto na física?—Nada! O Universo tem como dimensão o espaço: o que é o espaço?**

**— O indefinido; ou melhor, para evitar qualquer sofisma, o espaço é um infinito. Ora, em termos absolutos, não há menos espaço daqui até Roma que daqui até Sírius, pois a distância daqui até Sírius não é parte maior do infinito que a distância daqui até Roma; se, tomando a Terra como ponto de partida, viajamos durante cem mil anos com a velocidade da luz rumo a um ponto qualquer do céu, chegando ao termo, não teríamos avançado, na verdade, um só passo no espaço. . .Sob um outro aspecto, o do tempo, consideremos a extensão absoluta da sucessão das coisas; esta extensão é a duração eterna.**

**Ora, cem bilhões de séculos e um segundo são dois termos equivalentes na duração eterna. O absoluto não existe na física, tudo é relativo. Se, por um fenômeno qualquer, a Terra toda, com sua população, se reduzisse progressivamente ao tamanho de uma bola de bilhar; se todos os elementos que caracterizam o corpo, o peso, a densidade, a força orgânica, o movimento, a intensidade da luz e das cores, o calórico etc., se atenuassem na mesma proporção; se o sistema do mundo sofresse uma modificação proporcional a esta diminuição do globo terrestre; em uma só palavra, se todos os objetos que nossos sentidos percebem sofressem esta diminuição mantendo entre eles as mesmas relações, ser-nos-ia impossível perceber esta imensa transformação.**

**Seria um mundo dos liliiputianos; as altas cadeias do Himalaia e nossas montanhas dos Alpes seriam reduzidas ao tamanho de grãos de cinza; nossos bosques, nossos parques, nossas casas, nossos apartamentos seriam menos que tudo o que conhecemos atualmente, e nós estaríamos do tamanho dos animais que chamamos de microscópicos; a Terra inteira poderia caber na mão de um homem do nosso tamanho atual; tudo seria transformado; e definitivamente, nada teria mudado para nós; nosso tamanho seria sempre de seis pés (nosso metro continuaria a ser a décima milionésima parte de um quarto do meridiano terrestre), nossas cidades e nossos campos, nossos portos e nossos navios conservariam as mesmas relações entre si, os objetos se apresentariam a nossos olhos sob o mesmo ângulo em que se apresentam atualmente, e todas as proporções continuariam as mesmas, e por mais maravilhosa que fosse, a metamorfose passaria desapercebida.  
  
Se se considera estas idéias muito ousadas, responderemos que, por um lado, são uma verdade matemática, e por outro desfrutam de uma notoriedade muito antiga em filosofia. Seria irrazoável, em nossa opinião, afirmar que elas sejam a expressão de realidades existindo em qualquer lugar do espaço: não é provável que a natureza tenha gerado esse mundos do tamanho de átomos; mas por vezes é útil apresentar exemplos exagerados para combater opiniões fundamentalmente errôneas. Muitos escritores, e dos mais renomados não contentes em formular simplesmente estas idéias, consideraram-nas como representando um estado de coisas vigente na criação.**

**Citaremos aqui Jean Bernouilli e Leibniz; o que o primeiro escrevia ao segundo numa dissertação sob o infinitamente pequeno e o infinitamente grande na vida. "Imaginai que um grãozinho de pimenta, no qual se percebe, por meio do microscópio, milhões de anímálculos tenha suas partes proporcionais em tudo às partes de nosso mundo, quer dizer seu Sol, suas estrelas fixas, seus planetas com os satélites, sua Terra, com suas montanhas, seus campos, suas florestas, seus rochedos, seus rios, seus lagos, seus mares e seus diversos animais; julgais que os habitantes desse grãozinho de pimenta, esses piperícolas, que perceberiam todos os objetos sob o mesmo ângulo visual, e, em consequência, com o mesmo tamanho que vemos os nossos não conseguiriam imaginar que fora de seu grão não existe nada, pelo mesmo direito com que pensamos que nosso mundo encerra todas as coisas?**

**Pois que razão, ou que experiência teriam eles que os persuadiria do contrário, e que fizesse conhecer a esses pequeninos animais que existe outro mundo incomparavelmente maior que o deles, com habitantes incomparavelmente maiores que os deles? Ora, creio que possa existir na natureza animais que sejam em tamanho, também superiores a nós e a nossos animais ordinários, como nós e nossos animais somos superior aos animálculos. Vou ainda mais longe, e digo que podem existir animais incomparavelmente maiores que estes; e coloco outros tantos degraus subindo quantos encontrei ao descer, pois não vejo por que nós e nossos animais deveríamos instituir o degrau mais elevado."**

**— "Quanto a mim", respondia-lhe Leibniz, "não receio asseverar que haja no Universo animais que estejam, em tamanho, tanto acima dos nossos quanto os nossos estão acima dos animálculos que se descobrem só com o auxílio de um microscópio; pois a natureza não conhece ponto final. Reciprocamente pode acontecer, e mesmo deve acontecer, que haja nos pequenos grãos de poeira, nos menores átomos, mundos que não sejam Inferiores ao nosso em beleza e em variedade."  
  
Estas assertivas podem parecer singulares; o positivismo de nosso século nos manteve em guarda contra elas. Poucos filósofos as aceitam hoje em dia; todavia, em princípio, elas são cientificamente admissíveis, pois as deduções a que elas nos levam repousam sobre fatos incontestáveis de micrografia e de análise.  
  
Digamos mais, afirmemos tudo, e não receemos colocar como princípio a relatividade essencial das coisas. Por que não dizê-lo? A ciência humana toda, do alfa ao ômega de nossos conhecimentos, é apenas o estudo das relações. Não há um só ponto absoluto no edifício de nossas ciências, por mais maravilhoso que isto possa parecer.**

**A mente humana procura conhecer relações; eis tudo o que pode ousar; cada um de seus conceitos se encontra no meio de uma linha que se perde no alto e embaixo, no infinitamente grande e no Infinitamente pequeno: é na medida do infinito que reside toda a ciência, e é a comparação das coisas a uma unidade arbitrária tomada como base que resulta o valor de nossos conhecimentos. A física do Universo, sob a correlação de forças que sem cessar transformam sua ação através da substância, não poderia nos fornecer um só elemento em repouso que pudéssemos tomar como ponto de partida absoluto em nossas pesquisas sobre a natureza. (...)**

**10 - Caminho Verdade e vida - Emmanuel - pág. 17**

**1. O TEMPO  
"Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz." - Paulo (Romanos, 14:6)  
A maioria dos homens não percebe ainda os valores infinitos do tempo. Existem efetivamente os que abusam dessa concessão divina. Julgam que a riqueza dos benefícios lhes é devida por Deus. Seria justo, entretanto, interrogá-los quanto ao motivo de semelhante presunção.**

**Constituindo a Criação Universal patrimônio comum, é razoável que todos gozem as possibilidades da vida; contudo, de modo geral, a criatura não medita na harmonia das circunstâncias que se ajustam na Terra, em favor de seu aperfeiçoamento espiritual. É lógico que todo homem conte com o tempo mas, se esse tempo estiver sem luz, sem equilíbrio, sem saúde, sem trabalho?**

**Não obstante a oportunidade da indagação, importa considerar que muito raros são aqueles que valorizam o dia, multiplicando-se em toda a parte as fileiras dos que procuram aniquilá-lo de qualquer forma. A velha expressão popular "matar o tempo" reflete a inconsciência vulgar, nesse sentido.**

**Nos mais obscuros recantos da Terra, há criaturas exterminando possibilidades sagradas. No entanto, um dia de paz, harmonia e iluminação, é muito importante para o concurso humano, na execução das leis divinas. Os interesses imediatistas do mundo clamam que o "tempo é dinheiro", para, em seguida, recomeçarem todas as obras incompletas na esteira das reencarnações...**

**Os homens, por isso mesmo, fazem e desfazem, constroem e destroem, aprendem levianamente e recapitulam com dificuldade, na conquista da experiência. Em quase todos os setores de evolução terrestre, vemos o abuso da oportunidade complicando os caminhos da vida; entretanto, desde muitos séculos, o apóstolo nos afirma que o tempo deve ser do Senhor.**

**11 - Cartas e crônicas - Irmão X - pág. 51**

**11 - Serviço e tempo  
A senhora Juvercina Trajano era um prodígio de minudências. Aos quase sessenta de idade, reafirmava a sua condição de missionária do Cristo, no amparo à infância, com particularidades preciosas de informação. Espírita fervorosa, sabia-se reencarnada para o desempenho de grande tarefa. Cabia-lhe socorrer crianças desprotegidas. Antevia a obra imensa. Mentalizava-se rodeada de pequeninos a lhe rogarem ternura. Enternecia-se ao narrar as próprias recordações da sua vida de Espírito, antes do berço, pois Dona Juvercina chegava a lembrar-se do tempo em que se via, no Plano Espiritual, preparando a existência física em que se reconhecia habilitada ao grande empreendimento.**

**Revia-se em companhia de vários benfeitores desencarnados, visitando instituição assistencial de zonas inferiores e anotando dezenas de Espíritos, positivamente desorientados e infelizes, aos quais prestaria auxílio eficiente, depois de reinstalada na Terra. E a senhora Trajano explicava, vezes e vezes, para os amigos admirados:— Torno a ver o sítio escuro e esquisito, como se fosse agora... Um vale extenso, repleto de almas agoniadas, necessitando retomar a experiência do mundo, à feição de alunos aguardando ansiosamente os benefícios da escola. Creiam que ouço ainda a voz do instrutor paternal que me dizia ser o Irmão Ambrósio, a falar-me confiantemente:   
  
— «Sim, minha irmã, você renascerá na Terra com a missão de patrocinar crianças em abandono, será benfeitora maternal dos filhinhos da expiação e do sofrimento.. . Deste recanto de aprendizado, partirão oitenta Espíritos transviados, mas sequiosos de esclarecimento e de amor, ao encontro de seus braços... Você organizará para eles um lar regenerador. Não lhe faltarão recursos para situá-los no ambiente preciso. Volte à Terra e trabalhe. . .**

**Compreenda que para assegurar os alicerces de sua obra, você carregará a responsabilidade sobre o reajuste de oitenta irmãos nossos, desorientados e enfermos que tomarão, depois de você, o corpo carnal para o esforço restaurativo. . . Seguirão eles, a pouco e pouco, sob nossa vigilância, na direção de seu carinho!...»  
  
A senhora Trajano alinhava reminiscências, entre entusiasmada e comovida. E, realmente, desde os trinta e dois de idade, iniciara, com êxito, a construção de um lar para os rebentos do infortúnio. O empreendimento, lançado por ela em terreno fértil, encontrara a melhor acolhida. Corações nobres haviam chegado, colocando-lhe nas mãos os recursos imprescindíveis. Facilidades, ofertas, dinheiro e cooperação.  
  
Em cinco anos, erguera-se o vasto domicílio, simples sem penúria e confortável sem excesso. Juvercina, todavia, se fizera exigente e, por isso, conquanto a casa se patenteasse digna e pronta, prosseguia descobrindo detalhes que considerava de especial importância. Nunca se sentia com bastante conforto para albergar as dezenas de crianças desventuradas que lhe batiam às portas. Depois do edifício acabado, quis aumentá-lo.**

**Efetuados numerosos acréscimos, reclamou mais terras. Compradas as terras, decidiu a formação de pomares. Multiplicaram-se campanhas, projetos, apelos e doações. Mas não ficou nisso. Resolveu modificar, por várias vezes, o sistema de água, a iluminação, a estrutura das paredes, os tetos e os pisos. Deliberou experimentar sementeiras diferentes, em hortas e jardins, reformando-as, insatisfeita. Quando tudo fazia prever a inauguração, solicitou varandas e pérgulas, além de galpões e caprichosas calçadas.**

**Se a obra não se alterava por dentro, surgiam as novidades de fora. E vinte e seis anos passaram na expectativa... Todo esse tempo se desdobrara em pormenores e pormenores, quando, na reunião mediúnica semanal de que era ela companheira solícita, compareceu, por um dos médiuns psicofônicos, o Irmão Ambrósio em pessoa. Partilhando a surpresa dos circunstantes, Dona Juvercina chorou, empolgada. Aquela voz... Conhecia aquela voz...  
  
O mensageiro exortou-a ao cumprimento da promessa e explanou, com elegância e beleza, sobre as necessidades da infância, no estágio da reencarnação terrestre. Juvertina escutou e escutou, mas, percebendo que a palavra do instrutor continha para ela expressiva inflexão de advertência, indagou, respeitosa, quando o comunicante se dispunha a despedir-se:  
  
— Irmão Ambrósio, não estarei sendo leal a mim mesma? O irmão admite que me mantenho fiel às obrigações que abracei? O interlocutor fixou inesquecível gesto de brandura e respondeu com a bondade de um pai que aconselha uma filha:— Sim, minha irmã, você tem sido muito exata no programa traçado, tem trabalhado e sofrido pela obra, mas não se esqueça do tempo... As horas são empréstimos preciosos!...  
  
E acrescentou sob o espanto geral:— Trinta Espíritos necessitados de recondução e assistência, dos oitenta que você se comprometeu a socorrer e reeducar, são agora delinquentes de novo... Dois são obsidiados perigosos na via pública, seis estão fichados por doentes mentais em penitenciárias e os restantes vinte e dois se encontram, internados em diversas cadeias.  
  
12 - Conduta Espirita - André Luiz - pág. 131**

**38. PERANTE O TEMPO  
Em nenhuma condição, malbaratar o tempo com polêmicas e conversações estéreis, ocupações fantasistas e demasiado divertimento. Desperdiçar tempo é esbanjar patrimônio divino.**

**Auto disciplinar-se em todos os cometimentos a que se proponha, revestindo-se do necessário discernimento. "Fazer muito" nem sempre traduz "fazer bem".**

**Fugir de chorar o passado, esforçando-se por reparar toda ação menos correta. O passado é a raiz do presente, mas o presente é a raiz do futuro.**

**Afastar aflições descabidas com referência ao porvir, executando honestamente os deveres que o mundo lhe designa no minuto que passa. O "amanhã" germinará das sementes do "hoje".**

**Quanto possível, plasmar as resoluções do bem no momento em que surjam, de vez que, posteriormente, o campo da experiência pode modificar-se inteiramente. Ajuda menos, quem tarde serve.**

**Ainda que assoberbado de realizações e tarefas, jamais descurar o bem que posa fazer em favor dos outros. Quando procuramos o bem, o próprio bem nos ensina a encontrar o "tempo de auxiliar".**

**"Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso tempo sempre está pronto." - Jesus (João, 7:6)**

**15 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 170**

**Pergunta: O espaço e o tempo serão apenas formas viciosas do intelecto, ou terão uma expressão objetiva no esquema da realidade pura? E, neste último caso, quais serão as relações fundamentais entre espaço e tempo?**

**Resposta: No esquema das realidades eternas e absolutas, tempo e espaço não têm expressões objetivas; se são propriamente formas viciosas do vosso intelecto, elas são precisas ao homem como expressões de controle dos fenômenos da sua existência. As figuras, em cada plano de aperfeiçoamento da vida, são correspondentes à organização através da qual o Espírito se manifesta.**

**17 - Estude e viva - Emmanuel e André Luiz - pág. 24, 128**

**Hoje e nós  
Tempo e nós, vida e alma. Nós e hoje, alma e vida. Tempo, capital inesgotável ao nosso dispor. Hoje, cheque em branco que podemos emitir, sacando recursos, conforme a nossa vontade.  
  
Comparemos a Providência Divina a estabelecimento bancário, operando com reservas ilimitadas, em todos os domínios do mundo. Pela Bolsa de Causa e Efeito, cada criatura retém depósito particular, com especificação de débitos e haveres, nitidamente diversos, mas, pela Carteira do Tempo, todas as concessões são iguais para todos.  
  
Para sábios e ignorantes, felizes ou menos felizes, a hora se constitui do valor matemático e invariável de sessenta minutos. Hoje é a partícula de crédito que possuis, em condomínio perfeito com todos aqueles que conheces e desconheces, que estimas ou desestimas, dom que te cabe, a fim de angariares novos dons.  
  
Aproveita, assim, o agora em renovação e promoção. Renovação é progresso, promoção é serviço. Não te prendas ao passado por aquilo que o passado te apresenta de cadeias e sombras e nem te transtornes pelo futuro por aquilo que o futuro encerre de fantasia ou de incerteza.  
  
Pelas forças do espírito, estamos enredados aos pensamentos do pretérito, à feição do corpo físico que permanece saturado de agentes da hereditariedade. Conquanto vinculados aos nossos ancestrais, nenhum de nós é chamado à Terra para reproduzir a existência deles, e, por muito devamos às idéias dos instrutores que nos estenderam auxílio, estamos convocados a expressar as nossas.  
  
Respeitemos quantos nos ajudaram e dignifiquemos os pioneiros do bem que nos prepararam caminho; no entanto, sejamos nós próprios.  
  
Espíritos eternos, saibamos construir a nossa felicidade pelo atendimento às leis de amor e justiça. Esquecer o mal e fazer o bem, estudar e realizar, trabalhar e servir, renovar e aperfeiçoar sempre e infatigavelmente. Para isso, refutamos: o ontem ter-nos-á trazido a luz da experiência e o amanhã decerto que nos sugere luminosa esperança. A melhor oportunidade, entretanto, não se chama ontem nem amanhã. Chama-se hoje. Hoje é o dia.  
  
Em tudo  
Em tudo o aprendiz do Evangelho encontra ensejo de empregar a orientação da fraternidade pura.   
Escolhendo métodos para estudo.  
Mantendo persistência no serviço em favor do próximo.  
Elegendo a serenidade por norma de cada dia.  
  
Burilando ideais sadios na ação de interesse geral.  
Aplicando teoria e prática do bem nas tarefas mais simples.  
Anotando por si mesmo a verificação das próprias deficiências.  
  
Exprimindo gratidão operante.  
Sustentando intenções nobres constantemente.  
Defendendo a valorização efetíva das qualidades respeitáveis dos companheiros que o cercam.  
  
Apresentando a doação espontânea de concurso pessoal a benefício dos outros.  
Portanto, jamais percamos a visão central da meta superior a que nos dirigimos.  
Com Jesus, estamos empenhados em trabalho ideal de equipe, no esforço máximo de construtividade pela eficiência da alma no culto do amor vivo e pela criação da felicidade para todas as criaturas.**  
  
**Na hora da crítica  
Salientamos a necessidade de moderação e equilíbrio, ante os momentos menos felizes dos outros; no entanto, há ocasiões em que as baterias da crítica estão assestadas contra nós.  
  
Junto de amigos quanto de opositores, ouvimos objurgatórias e reprimendas e, não raro, tombamos mentalmente em revolta ou depressão.  
  
Azedume e abatimento, porém, nada efetuam de construtivo. Em qualquer dificuldade, irritação ou desânimo apenas obscurecem situações ou complicam problemas.  
  
Atingidos por acusação e censura, convém estabelecer minucioso auto-exame. Articulemos o intervalo preciso, em nossas atividades, a fim de orar e refletir, vasculhando o imo da própria alma. Analisemos, sem a mínima compaixão por nós mesmos, todos os acontecimentos que nos ditam a orientação e a conduta, sopesando fatos e desígnios que motivaram as advertências em lide, com rigorosa sinceridade.**

**Se o foro íntimo nos aponta falhas de nosso lado, tenhamos suficiente coragem a fim de repará-las, seja solicitando desculpas aos ofendidos ou diligenciando meios de sanar os prejuízos de que sejamos causadores. Entanto, se nos identificamos atentos ao dever que a vida nos atribui, se intenção e comportamento nos deixam seguros, quanto ao caminho exato que estamos trilhando em proveito geral e não em exclusivo proveito próprio, saibamos acomodar-nos à paz e à conformidade.**

**E, embora reclamação e tumulto nos cerquem, prossigamos adiante, na execução do trabalho que nos compete, sem desespero e sem mágoa, convencidos de que, acima do conforto de sermos imediatamente compreendidos, vige a tranquilidade da consciência, no cumprimento de nossas obrigações .  
  
Três conclusões  
O tempo concedido ao Espírito para uma reencarnação, por mais longo, é sempre curto, comparado ao serviço que somos chamados a realizar. Importante, assim, o aproveitamento das horas. Meditemos no gasto excessivo de forças em que nos empenhamos levianamente no trato com assuntos da repartição de outrem.  
  
Quantos milhares de minutos e de frases esbanjamos por década, sem a mínima utilidade, ventilando temas e questões que não nos dizem respeito ? Para conjurar essa perda inútil, refutamos em três conclusões de interesse fundamental.  
  
O que os outros pensam — Aquilo que os outros pensam é idéia deles. Não podemos usufruir-Ihes a cabeça para imprimir-lhes as interpretações que são capazes diante da vida. Um indígena e um físico contemplam a luz, mantendo conceitos absolutamente antagônicos entre si.  
  
Acontece o mesmo na vida moral. Precisamos nutrir o cérebro de pensamentos limpos, mas não está em nosso poder exigir que os semelhantes pensem como nós.  
  
O que os outros falam — A palavra dos amigos e adversários, dos conhecidos e desconhecidos, é criação verbal que lhes pertence.  
Expressam-se como podem e comentam as ocorrências do dia-a-dia com os sentimentos dignos ou menos dignos de que são portadores.  
  
Efetivamente, é dever nosso cultivar a conversação criteriosa; contudo, não dispomos de meios para interferir na manifestação pessoal dos entes que nos cercam, por mais caros nos sejam. O que os outros fazem — A atividade dos nossos irmãos é fruto de escolha e resolução que lhes cabe.  
  
Sabemos que a Sabedoria Divina não nos criou para cópias uns dos outros. Cada consciência é domínio à parte.  
As criaturas que nos rodeiam decerto que agem com excelentes intenções, nessa ou naquela esfera de trabalho, e, se ainda não conseguem compreender o mérito da sinceridade e do serviço ao próximo, isso é problema que lhes compete e não a nós.  
  
Fácil deduzir que não podemos fugir da ação nobilitante, a benefício de nós mesmos, mas não nos compete impor nas decisões alheias, que o próprio Criador deixa livres.  
  
A vista disso, cooperemos com os outros e recebamos dos outros o auxílio de que carecemos, acatando a todos, mas sem perder tempo com o que possam pensar, falar e fazer. Em suma, respeito para os outros e obrigação para nós.**

**19 - Fonte viva - Emmanuel - pág. 33**

**10 - CERTAMENTE  
"Certamente cedo venho." — (APOCALIPSE, 22:20.)  
Quase sempre, enquanto a criatura humana respira na carne jovem, a atitude que lhe caracteriza o coração para com a vida é a de uma criança que desconhece o valor do tempo.  
  
Dias e noites são curtos para a internação em alegrias e aventuras fantasiosas. Engodos mil da ilusão efêmera lhe obscurecem o olhar e as horas se esvaem num turbilhão de anseios inúteis. Raras pessoas escapam de semelhante perda.  
  
Geralmente, contudo, quando a maturidade aparece e a alma já possui relativo grau de educação, o homem reajusta, apressado, a conceituação do dia. A semana é reduzida para o que lhe cabe fazer.  
  
Compreende que os mesmos serviços, na posição em que se encontra, se repetem a determinados meses do ano, perfeitamente recapitulados, qual ocorre às estações de frio e calor, floração e frutescência para a Natureza.  
  
Agita-se, inquieta-se, desdobra-se, no afã de multiplicar as suas forças para enriquecer os minutos ou ampliá-los, favorecendo as próprias energias. E, comumente, ao termo da romagem, a morte do corpo surpreende-o nos ângulos da expectativa ou do entretenimento, sem que lhe seja dado recuperar os anos perdidos.  
  
Não te embrenhes, assim, na selva humana, despreocupado de tua habilitação à luz espiritual, ante o caminho eterno. No penúltimo versículo do Novo Testamento, que é a Carta do Amor Divino para a Humanidade, determinou o Senhor fosse gravada pelo apóstolo a sua promessa solene: — "Certamente, cedo venho." Vale-te, pois, do tempo e não te faças tardio na preparação.**

**21 - Jesus no lar - Néio Lúcio - pág. 99**

**22 - O talismã divino**  
**Entabularam os familiares interessante palestra, acerca das faculdades sublimes de que o Mestre dava testemunho amplo, curando loucos e cegos, quando Isabel, a zelosa genitora de João e Tiago, indagou, sem preâmbulos:  
  
— Senhor, terás contigo algum talismã de cuja virtude possamos desfrutar? algum objeto mágico que nos possa favorecer? Jesus pousou na matrona os olhos penetrantes e falou, risonho:  
  
— Realmente, conheço um talismã de maravilhoso poder. Usando-lhe os milagrosos recursos,** **é possível iniciar a aquisição de todos os dons de Nosso Pai. Oferece a descoberta dos tesouros do amor que resplandecem ao redor de nós, sem que lhes vejamos, de pronto, a grandeza.**

**Descortina o entendimento, onde a desarmonia castiga os corações. Abre a porta às revelações da arte e da ciência. Estende possibilidades de luminosa comunhão com as fontes divinas da vida. Convida à bênção da meditação nas coisas sagradas. Reata relações de companheiros em discordância.**

**Descerra passagens de luz aos espíritos que se demoram nas sombras. Permite abençoadas sementeiras de alegria. Reveste-se de mil oportunidades de paz com todos. Indica vasta rede de trilhos para o trabalho salutar. Revela mil modos de enriquecer a vida que vivemos.**

**Facilita o acesso da alma ao pensamento dos grandes mestres. Dá comunicações com os mananciais celestes da intuição.— Que mais? — disse o Senhor, imprimindo ênfase à pergunta.  
  
E após sorrir, complacente, continuou:— Sem esse divino talismã, é impossível começar qualquer obra de luz e paz na Terra. Os olhos dos ouvintes permutavam expressões de assombro, quando a esposa de Zebedeu inquiriu, espantada:  
  
— Mestre, onde poderemos adquirir semelhante bênção? Dize-nos. Precisamos desse acumulador de felicidade. O Cristo, então, acrescentou, bem-humorado: — Esse bendito talismã, Isabel, é propriedade comum a todos. É «a hora que estamos atravessando»...   
  
Cada minuto de nossa alma permanece revestido de prodigioso poder oculto, quando sabemos usá-lo no Infinito Bem, porque toda grandeza e toda decadência, toda vitoria e toda ruína são iniciadas com a colaboração do dia.  
  
E diante da perplexidade de todos, rematou: -O tempo é o divino talismã que devemos aproveitar.**  
  
**22 - Justiça Divina - Emmanuel - pág. 170, 191**

**Corações venerados  
Reunião pública de 10-11-61 1ª Parte, cap. XI, item 12  
Ã medida que os anos terrestres te alongam a experiência, registras, com mais intensidade, na câmara da memória, a presença dos que partiram.  
  
Ah! os mortos que te guiaram ao bom caminho!... São eles as vozes do passado que te chegam, puras, ao coração. Lembram-te o berço perdido, junto às maternas canções que te embalavam para o repouso, os ensinamentos do lar que te guardavam a meninice, o carinho dos irmãos que beijavas na alegria transparente da infância, o sorriso dos mais velhos que te abençoavam em oração !...   
  
Falam-te dos passos cambaleantes da idade tenra, das primeiras garatujas que traçaste na escola, dos afetos da juventude, dos laços inolvidáveis dos quais te despediste, chorando, na hora extrema!...  
  
Não te rendas, contudo, ao desespero, se o frio da ausência parece constituir a única resposta da vida aos anseios que te fluem da inquietação.  
  
Deixa que a prece te converta o espinheiral da saudade em jardim de esperança, porque, todos eles, os corações venerados que te precederam no portal da grande sombra, aguardam-te jubilosos, no imenso país da luz.  
  
Entretanto, para que lhes partilhes o banquete de paz e amor, é necessário perlustres a senda de trabalho e abnegação que te abriram aos pés.  
  
Abraça-lhes o exemplo de sacrifício com que te iluminaram o entendimento e pede-lhes para que te inspirem a caminhada. Não temas, sobretudo, o avanço das horas.  
  
O tempo que traz o inverno cinzento e triste é o mesmo que acende os lumes e ostenta as flores da primavera. A existência, no plano físico, é comparável à travessia de grande mar. O corpo é a embarcação.  
  
A morte é o porto de acesso a lides renovadoras. Tudo o que fazes segue à frente de ti, esperando-te, além, na estação de destino. Vive, assim, a realizar o melhor que puderes, de vez que, se te consagras ao bem, em verdade não fugirás à passagem da noite, mas todos aqueles que, um dia, te conduziram ao bem ser-te-ão novas luzes no instante do alvorecer.**  
  
**Diante do tempo - Reunião pública de 15-12-61 19 Parte, cap. V, item 5  
Contempla o mundo a que voltaste, através da reencarnação, para resgatar o passado e construir o futuro. Sol que brilha, nuvem que passa, vento que ondula, terra expectante, árvore erguida, fonte que corre, fruto que alimenta e flor que perfuma utilizam a riqueza das horas para servir.  
  
Aproveita, igualmente, os minutos, para fazeres o melhor. Perdeste nobres aspirações em desenganos esmagadores; no entanto, as esperanças renascem no coração dilacerado, à maneira de rosas sobre ruínas.  
  
Perdeste créditos valiosos na insolvência passageira que te aflige o caminho; todavia, o trabalho dar-te-á recursos multiplicados para conquistas novas.  
  
Perdeste felizes ocasiões de prosperidade e alegria, à vista da calúnia com que te ferem, mas, no culto da tolerância, removerás a maledicência, demandando níveis mais altos.  
  
Perdeste familiares queridos que te largaram à solidão; no entanto, recuperá-los-ás tão logo consigas sazonar os frutos do entendimento, na esfera da própria alma.  
  
Perdeste afetos sublimes na fronteira da morte; todavia, reaverás todos eles, um dia, quando te sentires de espírito libertado, nos planos da Grande Luz.  
  
Perdeste dons preciosos, na enfermidade que te flagela, mas o próprio corpo físico é santuário que se refaz. Observa, contudo, o que fazes do tempo e vale-te dele para instalar bondade e compreensão, discernimento e equilíbrio, em ti mesmo, porque o dia que deixas passar, vazio e inútil, é, realmente, um tesouro perdido que não mais voltará.**

|  |  |
| --- | --- |
| **TENTAÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Chão de flores - pág. 55, 83** | **02 - Chico e Emmanuel - pág. 123** |
| **03 - Convites da vida - pág. 194** | **04 - Espírito e vida - pág. 105** |
| **05 - Falando à Terra - pág. 31** | **06 - Jesus, o verbo do Pai - pág. 66** |
| **07 - Lampadário Espírito - pág. 227** | **08 - Luz acima - pág. 79** |
| **09 - O Livro dos Espíritos - q. 261, 712, 971a** | **10 - Os funerais da santa sé- pág. 149** |
| **11 - Pedaços do Cotidiano - pág. 55** | **12 - Religião dos Espíritos - pág. 19, 191** |
| **13 - Rumo certo - pág. 55, 79** | **14 - Rumos libertadores - pág. 106** |
| **15 - Sexo e evolução - pág. 159** | **16 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**TENTAÇÃO** **– COMPILAÇÃO**

**07 - Lampadário Espírito - Joanna de Ângelis - pág. 227**

**56. TENTAÇÕES  
Alma cansada de lutar e sofrer, carregada e batida pelos ventos tempestuosos da paixão, pára na estrada por onde caminhas aflita, arrima-te, abraçando a árvore da fé, e examina os ouropéis mentirosos que voluteiam em derredor: a sede do ouro doou-te o espinho cruel da ambição desequilibrada;**

**A ânsia de guardar beleza enclausurou-te na estreita cela do receio sem-termo; o desejo da carne amarrou-te à desarmonia da mente, crucificando-te em madeiro inglório de aflição e dor; a tormenta do orgulho agasalhou em teu coração serpentes venenosas que te espreitam sem cessar;  
  
a loucura do poder arrojou-te ao despenhadeiro do crime, iludindo-te com a imagem de altura fictícia; a insanidade dos prazeres, que o comodismo concede, custou-te o preço da saúde e da paz; a incessante busca da glória efémera, no palco terreno, expôs-te aos dardos da maldade ultriz que ora te ferem e magoam.  
  
No parque onde brincam a mentira agradável, o ódio sorrateiro, a injúria delicada, a maledicência pertinaz, a hipocrisia sorridente, a vaidade brilhante, também choram a honradez ultrajada, a dignidade ferida, o caráter desrespeitado, o sacrifício humilhado, o dever combatido pêlos atores da comédia da ilusão.  
  
A alegria ruidosa sacrifica a harmonia das cordas vocais. A bondade muito apregoada, anula-se. Para manutenção da elegância física é necessário o sacrifício de delicados órgãos vitais. A juventude disfarçada num semblante cansado é água pura à tona e estagnada ao fundo, produzindo envenenamento .  
  
Só no exemplo do Cordeiro de Deus podes manter a inquebrantável harmonia interna que brilhará em ti, refletida. Ao invés de sucumbires às tentações que espalham espinhos pela senda, retira do madeiro, onde Ele agonizou, a coroa dos testemunhos, põe-na em tua fronte e, embora sofrendo, poderás ser feliz e, carregado de dores, penetrarás no Reino da Alegria Imperecível. Não temas!**

**09 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões. 261, 712, 971a**

**Perg. 261 - O Espírito, nas provas que deve sofrer para chegar à perfeição, terá de experimentar todos os gêneros de tentações? Deverá passar por todas as circunstâncias que possam provocar-lhe o orgulho, o ciúme, a avareza, a sensualidade, etc.? - Certamente não, pois sabeis que há os que tomam, desde o princípio, um caminho que os afasta de muitas provas. Mas aquele que se deixa levar pelo mau caminho corre todos os perigos do mesmo. Um Espírito pode pedir a riqueza e esta lhe ser dada; então, segundo o seu caráter, poderá tornar-se avarento ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda entregar-se a todos os prazeres da sensualidade. Mas isso não quer dizer que ele devia cair forçosamente em todas essas tendências.**

**Perg. 712 - Com que fim Deus fez atrativos os gozos dos bens materiais? - Para instigar o homem ao cumprimento da sua missão e também para o provar na tentação.**

**Perg. 971a - Então a morte não nos livra da tentação? - Não; mas a ação dos maus Espíritos é muito menor sobre outros Espíritos do que sobre os homens, pois aqueles não estão sujeitos às paixões materiais.**

**12 - Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 19, 191**

**Tentação e remédio - Reunião pública de 12-1-59 Questão n° 712  
Qual acontece com a árvore, a equilibrar-se sobre as próprias raízes, guardamos o coração na tela do presente, respirando o influxo do passado. Ë' assim que o problema da tentação, antes que nascido de objetos ou paisagens exteriores, surge fundamentalmente de nós — na trama de sombra em que se nos enovelam os pensamentos...  
  
Acresce, ainda, que essas mesmas ondas de força experimentam a atuação dos amigos desenfaixados da carne que deixamos a distância da esfera física, motivo por que, muitas vezes, os debuxos mentais que nos incomodam levemente, de início, no campo dessa ou daquela idéia infeliz, gradualmente se fazem quadros enormes e inquietantes em que se nos aprisionam os sentimentos, que passam, muita vez, ao domínio da obsessão manifesta.  
  
Todavia, é preciso lembrar que a vida è permanente renovação propelindo-nos a entender que o cultivo da bondade incessante é o recurso eficaz contra o assédio de toda influência perniciosa.  
  
É o trabalho, por essa forma, o antídoto adequado, capaz de anular toda enquistação tóxica do mundo íntimo, impulsionando-nos o espírito a novos tipos de sugestão, nos quais venhamos a assimilar o socorro dos Emissários da Luz, cujos braços de amor nos arrebatam ao nevoeiro dos próprios enganos.  
  
Assim, pois, se aspiras à vitória sobre o visco da treva que nos arrasta para os despenhadeiros da loucura ou do crime, ergue no serviço à felicidade dos semelhantes o altar dos teus interesses de cada dia, porquanto, ainda mesmo o delinquente confesso, em se decidindo a ser o apoio do bem na Terra, transforma-se, pouco a pouco, em mensageiro do Céu.**

**Diante das tentações - Reunião pública de 2-10-59 Questão n° 893  
Tentado à permanência nas trevas, embora de pés sangrando, dirige-te para a luz. Enquanto não atravesse o suor e o cansaço da plantação, lavrador algum amealha a colheita. Até que atinjamos, um dia, o clima do reino angélico, seremos almas humanas, peregrinos da evolução nas trilhas da eternidade.  
  
Aqui e ali, ouviremos cânticos de exaltação à virtude e, louvando-a, falaremos por nossa vez, acentuando-lhe os elogios. Entretanto, manda a sinceridade nos vejamos por dentro, e, por dentro de nós, ruge o passado, gritando injúrias contra as nossas mais belas aspirações.  
  
Toma, porém, o facho que o Cristo te coloca nas mãos e clareia a intimidade da consciência, parlamentando contigo mesmo. Hora a hora, esclareçamos a nós próprios, tanto quanto nos lançamos no ensino aos outros. Reparando os caídos em plena viciação, inventaria as próprias fraquezas e perceberás que, provavelmente, respirarias agora numa enxerga de lodo, não fosse a migalha do conhecimento que te enriquece.  
  
Diante dos que se desvairam na crítica, observa a facilidade com que te entregas aos julgamentos irrefletidos e pondera que serias igualmente compelido ao braseiro da crueldade, não fosse algum ligeiro dístico da prudência que consegues mentalizar. À frente daqueles que se envileceram na carruagem do ouro ou da influência política, recorda quantas vezes a vaidade te procura, por dia, nos recessos do coração, e reconhecerás que também forçarias as portas da fortuna e do poder, caso não fosse o leve fio de responsabilidade que te frena os impulsos.  
  
Analisando os que sofrem na tela da obsessão, pensa nos reiterados enganos a que te arrojas e compreenderás que ainda hoje chorarias nas angústias do manicômio, não fosse a pequenina faixa de serviço no bem a que te afeiçoas. Perante os companheiros atolados no crime, anota a agressividade que ainda trazes contigo e concluirás que talvez estivesses na penitenciária, amargando aflitiva sentença, não fosse o raiúnculo de oração que acendes na própria alma.  
  
E as lutas que te marcam a rota assinalam também o campo de serviço em que ainda estagias junto aos desencarnados da nossa esfera de ação. Situemo-nos no lugar dos que erram e nosso raciocínio descansará no abrigo do entendimento. Nenhum lidador vinculado à Terra se encontra integralmente livre das tendências inferiores.  
  
Todos nós, ante a sublimidade do Cristo, somos almas em libertação gradativa, buscando a vitória sobre nós mesmos. E se a estrada para semelhante triunfo se chama «caridade constante para com os outros», o primeiro passo de cada dia chama-se «compaixão».**  
  
**15 - Sexo e evolução - Walter Barcelos - pág. 159**

**14. SEXO E EDUCAÇÃO:**

**14.1 - UNIÕES SEXUAIS INFELIZES:**

**Deus criou simples e ignorantes todos os Espíritos, orientando-os e educando-os, através das vidas sucessivas, para a meta final: a perfeição. A Humanidade ainda é constituída, na sua maioria, de Espíritos imperfeitos, muito distantes dos cimos da evolução espiritual. O relacionamento entre os sexos, em quase sua totalidade, encontra-se bastante primitivo, perturbador, acidentado, desequilibrado e infeliz.**

**Não fomos criados por Deus para permanecermos indefinidamente, pelos milênios afora, nestas situações espirituais bastante enfermiças: dos desejos insatisfeitos, das emoções primitivistas e grosseiras, das afeições desajustadas, das uniões infelizes e do relacionamento amoroso hipócrita.  
  
Nosso Senhor Jesus-Cristo veio à Terra com a finalidade de nos ensinar a Verdade e o Amor, para superarmos definitivamente tais contingências perturbadoras, que atormentam a maioria das almas humanas. Na vida sexual é que se encontra grande parte de nossas velhas imperfeições, que têm acarretado as experiências mais torturantes, dentro da Lei de Causa e Efeito, solicitando de todos nós o aperfeiçoamento necessário. O sábio Espírito Emmanuel declara:  
  
"O sexo se define, desse modo, por atributo não apenas respeitável mas profundamente santo da Natureza, exigindo educação e controle." Que nós precisamos educar nossa sexualidade, disto não resta a menor dúvida.  
  
14.2 — A educação sexual nas ciências médicas e psicológicas e na Doutrina Espírita  
Existe a educação sexual nas ciências médicas e psicológicas do mundo, buscando orientar as criaturas para uma vida sexual plena, efetiva e feliz, vencendo timidez, inibições e complexos diversos, e existe também a educação sexual segundo o Evangelho de Jesus e da Doutrina Espírita. Ambas têm orientações diferentes e às vezes contrárias.**

**A primeira vê somente o corpo e o prazer imediatista; a segunda vê muito mais além, na esfera do Espírito, da personalidade eterna, da reencamação e do destino. A educação sexual do mundo se restringe quase que unicamente ao estudo da união sexual fisiológica, visando a alcançar o máximo de prazer e os valores psicoterapêuticos que ela pode proporcionar.  
  
A Doutrina Espírita não condena, nem despreza a orientação científica, e temos que a respeitar e valorizar no que ela tem de nobre, útil e construtivo para as criaturas humanas, mas, pelos esclarecimentos amplos e profundos que o Espiritismo nos oferece, percebemos que os pesquisadores, cientistas e escritores estão estudando, pesquisando e ensinando dentro de um campo limitado e diminuto sobre a sexualidade. Sexo não é somente união sexual de corpos!  
  
14.3 — As dificuldades na educação sexual. A satisfação dos instintos e o prazer do coração  
A maioria dos problemas de afeição e relacionamento entre um homem e uma mulher não se encontra somente na união dos sexos corpóreos. O ato sexual é um acontecimento nobre dentro da Natureza, e todos os Espíritos da Terra, há milénios incontáveis, através das reencarnações, evoluem para a sua finalidade providencial. As dificuldades de ajustamento entre o homem e a mulher são muito mais de ORDEM MORAL do que propriamente física. (...)**

**LEMBRETE:**

**1° - As tentações a que somos submetidos constituem (...) uma espécie de exame ou sistema de aferição de nosso adiantamento. Rodolfo Caligaris**

**2° - Essa influência, sob a qual o Espírito se acha a todo instante, constitui a tentação a que ele pode ceder ou resistir, uma vez que é sempre livre de escutar ou não as boas inspirações, de as seguir ou não, de aceitar ou repelir as más (...). Roustaing**

**3° - Tentação é a força viciada que exteriorizamos, atraindo a escura influência que nos inclina aos desfiladeiros do mal, porque toda sintonia com a ignorância, ou com a perversidade, começa invariavelmente da perversidade ou da ignorância que acalentamos conosco. Francisco C. Xavier**

**4° - Tentação - posição pessoal de cativeiro interior a vícios instintivos que ainda não conseguimos superar por nós mesmos.Waldo Vieira**

**5° - Em assunto de sexo fala-se muito em tentações, afirmando-se que são elas as responsáveis pelos desastres morais de homens e mulheres que sucumbem aos atrativos ditos irresistíveis. Acusam as tentações de não dar paz a ninguém. Dizem que é preciso afastar ou eliminá-las do seio da sociedade. Com o Evangelho, porém, aprendemos a conhecer as causas profundas das tentações, para melhor lutar contra elas. O apóstolo Tiago, no Capítulo 1, v. 14; de sua epístola, esclarece perfeitamente as raízes das tentações: "Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência". A tentação não é um agente externo das sombras, atraindo-nos para a prática do mal e, sim, as nossas próprias más tendências (concupiscência), gritanto alto no íntimo de nós mesmos, impulsionando-nos à recapitulação dos maus hábitos, viciações e perversões, sempre que estivermos invigilantes, displicentes, inconsequentes e possessivos. Ninguém é tentado, se não traz a tentação dentro de si mesmo (...). Walter Barcelos**

**Edivaldo Fontana**

|  |
| --- |
| **TRABALHO** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - Coragem - pág. 63/111** | **02 - Curso Dinâmico de Espiritismo - pág. 146** |
| **03 - Depois da Morte - pág. 302** | **04 - Deus na Natureza - pág. 289** |
| **05 - Estude e viva - pág. 24** | **06- Estudos Espíritas - pág.91, cap. 11** |
| **07 - Há dois mil anos - pág. 32** | **08 - Lampadário Espírita - pág. 151/159** |
| **09 - Luz acima - pág. 79/115/139** | **10 - Manual e Dic Básico do Espiritismo - pág. 103** |
| **11 - Nas pegadas do Mestre - pág. 20/111** | **12 - Nosso Lar - pág. 80/136/143/146** |
| **13 - O Consolador - pág. 135** | **14 - O grande enima - pág. 51** |
| **15 - O Livro dos Espíritos - Questões: 674/685** | **16 - O Livro dos Médiuns - Questão: 291** |
| **17 - Os Mensageiros - pág. 19/163/204** | **18 - Pérolas do Além - pág. 201/227** |
| **19 - Repositório de sabedoria - pág. 255** | **20 - Renovar-se e viver - pág. 31** |
| **21 - Renúncia - pág. 20/72** | **22 - Roteiro - pág. 75** |
| **23 - Seareiros de volta - pág. 102** | **24 - Segue-me - pág. 57** |
| **25 - Sinal Verde - pág. 44/48** | **26 - Síntese de O Novo Testamento - pág. 232/235** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**TRABALHO - COMPILAÇÃO**

**01 - CORAGEM – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER, pág. 63**

**Trabalho sempre. 19. Trabalho será sempre o prodígio da vida, criando reconforto e progresso, alegria e renovação. Se a dificuldade te visita, elege nele o apoio em que te escores e surpreenderás, para logo, a precisa libertação. Quando a névoa da tristeza te envolva em melancolia, procura nele o clima a que te acolhas e observa-te-às, sob novo clarão de encorajamento e esperança.  
  
Ante a mágoa que te busque, à vista de ofensas com que absolutamente não contavas, utiliza-o por remédio salutar e obterás, em tempo breve, a bênção da compreensão e a tranqüilidade do esquecimento. Debaixo da preterição que te fira, refugia-te nele e recuperarás sem demora o lugar a que o mérito te designa.  
  
À frente de injúrias que te amarfanhem o coração, insiste nele e, com a bênção das horas, olvidarás escárnio e perseguição, colocando-te no rumo certo da verdadeira felicidade. Perante a dor dos próprios erros cometidos, persevera com ele no cotidiano e, a breve espaço, granjearás certo da verdadeira felicidade.  
  
Nos momentos claros da senda, trabalha e entesourarás mais luz no caminho. Nos instantes escuros, trabalha e dissolverás qualquer sombra, desvelando a estrada que o Senhor te deu a trilhar. Tudo o que o homem possui de útil e belo, grande e sublime se deve ao trabalho, com que se lhe engrandece a presença no mundo.  
  
Haja, pois, o que houver, ampliem-se obstáculos, agigantem-se problemas, intensifiquem-se lutas ou se agravem provações, trabalha sempre no bem de todos, porque, trabalhando na Seara do Bem, podes conservar a certeza de que Deus te sustentará. (Emmanuel)**

**Para libertar-nos. 35. A preguiça conserva a cabeça desocupada e as mãos ociosas.  
A cabeça desocupada e as mãos ociosas encontram a desordem.  
A desordem cai no tempo sem disciplina. O tempo sem disciplina vai para a invigilância.  
A invigilância patrocina a conversação sem proveito.  
A conversação sem proveito entretece as sombras da cegueira de espírito.  
  
A cegueira de espírito promove o desequilíbrio. O desequilíbrio atrai o orgulho.  
O orgulho alimenta a vaidade. A vaidade agrava a preguiça.  
Como é fácil de perceber, a preguiça é suscetível de desencadear todos os males, qual a treva que é capaz de induzir a todos os erros. Compreendamos, assim, que obsessão, loucura, pessimismo, delinqüência ou enfermidade podem aparecer por autênticas fecundações da ociosidade, intoxicando a mente e arruinando a vida. E reconheçamos, de igual modo, que o primeiro passo para libertar-nos da inércia será sempre: trabalhar.**

**03 – DEPOIS DA MORTE – LÉO DENIS, pág. 302**

**III – Trabalho, sobriedade, continência.  
O trabalho é uma lei para as humanidades planetárias, assim como para as sociedades do espaço. Desde o ser mais rudimentar até os Espíritos angélicos que velam pelos destinos dos mundos, cada um executa sua obra, sua parte, no grande concerto universal. Penoso e grosseiro para os seres inferiores, o trabalho suaviza-se à medida que o Espírito se purifica. Torna-se uma fonte de gozos para o Espírito adiantado, insensível às atrações materiais, exclusivamente ocupado com estudos elevados.  
  
É pelo trabalho que o homem doma as forças cegas da Natureza e preserva-se da miséria; é por ele que as civilizações se formam, que o bem-estar e a Ciência se difundem. O trabalho é a honra, é a dignidade do ser humano. O ocioso que se aproveita, sem nada produzir, do trabalho dos outros não passa de um parasita. Quando o homem está ocupado em sua tarefa, as paixões aquietam-se. A ociosidade, pelo contrário, instiga-as, abrindo-lhes um vasto campo de ação. O trabalho é também um grande consolador, é um preservativo salutar contra as nossas aflições, contra as nossas tristezas.  
  
Acalma as angústias do nosso espírito e fecunda a nossa inteligência. Não há dor moral, decepções ou reveses que não encontrem nele um alívio; não há vicissitudes que resistam à sua ação prolongada. O trabalho é sempre um refúgio seguro na prova, um verdadeiro amigo na tribulação. Não produz o desgosto da vida. Mas quão digna de piedade é a situação daquele a quem as enfermidades condenam à imobilidade, à inação! E quando esse ser experimenta a grandeza, a santidade do trabalho, quando, acima do seu interesse próprio, vê o interesse geral, o bem de todos e nisso também quer cooperar, eis então uma das mais cruéis provas que podem estar reservadas ao ser vivente.  
  
Tal é, no espaço, a situação do Espírito que faltou aos seus deveres e desperdiçou a sua vida. Compreendendo muito tarde a nobreza do trabalho e vileza da ociosidade, sofre por não poder então realizar o que sua alma concebe e deseja.  
O trabalho é a comunhão dos seres. Por ele nos aproximamos uns dos outros, aprendemos a auxiliarmo-nos, a unirmo-nos; daí à fraternidade só há um passo. A antiguidade romana havia desonrado o trabalho, fazendo dele uma condição de escravatura. Disso resultou sua esterilidade moral, sua corrupção, suas insípidas doutrinas.  
  
A época atual tem uma concepção da vida muito diferente. Encontra-se já satisfação no trabalho fecundo e regenerador. A filosofia dos Espíritos reforça ainda mais essa concepção, indicando-nos na lei do trabalho o germe de todos os progressos, de todos os aperfeiçoamentos, mostrando-nos que a ação dessa lei estende-se à universalidade dos seres e dos mundos. Eis por que estávamos autorizados a dizer: Despertai, ó vós todos que deixais dormitar as vossas faculdades e as vossas forças latentes! Levantai-vos e mão à obra! Trabalhai, fecundai a terra, fazei ecoar ns oficinas o ruído cadenciado dos martelos e os silvos do vapor.  
  
Agitai-vos na colméia imensa. Vossa tarefa é grande e santa. Vosso trabalho é a vida, é a glória, é a paz da Humanidade. Obreiros do pensamento, perscrutai os grandes problemas, estudai a Natureza, propagai a Ciência, espalhai por toda a parte tudo o que consola, anima e fortifica. Que de uma extremidade a outra do mundo, unidos na obra gigantesca, cada um de nós se esforce a fim de contribuir para enriquecer o domínio material, intelectual e moral da Humanidade!**

**06 - ESTUDOS ESPÍRITAS - JOANNA DE ÂNGELIS, CAP. 11, PÁG. 91**

**CONCEITO — Genericamente o vocábulo trabalho pode definido como: "Ocupação em alguma obra ou ministério; exercício material ou intelectual para fazer ou conseguir alguma cousa." O trabalho, porém, é lei da Natureza mediante a qual o homem forja o próprio progresso desenvolvendo as possibilidades do meio ambiente em que se situa, ampliando os recursos de preservação da vida, por meio das suas necessidades imediatas na comunidade social onde vive. Desde as imperiosas necessidades de comer e beber, defender-se dos excessos climatéricos até os processos de garantia e preservação da espécie, pela reprodução, o homem vê-se coagido à obediência à lei do trabalho.  
  
O trabalho, no entanto, não se restringe apenas ao esforço de ordem material, física, mas, também, intelectual pelo labor desenvolvido, objetivando as manifestações da Cultura, do Conhecimento, da Arte, da Ciência. Muito diferente da força aplicada pelo animal, o trabalho no homem objetiva a transformação para melhor das condições e do meio onde se encontra situado, desdobrando a capacidade criativa, de modo a atingir as altas expressões da beleza e da imortalidade, libertando-se, paulatinamente, das formas grosseiras e primárias em que transita para atingir a plenitude da perfeição.  
  
O movimento e o esforço a que são conduzidos os animais e que por generalização passam a ser denominados trabalho, constituem atividade de repetição motivada pelo instinto de "conservação da vida", sem as resultantes realizações criadoras, que facultam o aprimoramento, o progresso, a beleza inerentes ao ser humano. Enquanto os animais agem para prover a subsistência imediata o homem labora criando, desenvolvendo as funções da inteligência que o agigantam, conseguindo meios e recursos novos para aplicação na faina de fazê-lo progredir.  
  
A princípio, o homem, à semelhança do próprio animal, procurava apenas prover as necessidades imediatas, produzindo um fenômeno eminentemente predatório, numa vida nômade, em que se utilizava das reservas animais e vegetais para a caça, a pesca e colheita de frutos silvestres, seguindo adiante, após a destruição das fontes naturais de manutenção. No período da pedra lascada sentiu-se impelido a ampliar os braços e as pernas para atingir as metas da aquisição de recursos, recorrendo a instrumentos rudes, passando mais tarde à agricultura para, da terra, em regime de sociedade, extrair os bens que lhe facultassem a preservação da vida, prosseguindo, imediatamente, a criação de rebanhos que domesticou, capazes de propiciar-lhe relativa abundância.**

**Pelo resultante do armazenamento dos excedentes da colheita e do abate animal, deixando de ser precárias as condições, assaz primitivas, em que vivia. Com a utilização dos instrumentos mais aprimorados para a caça, a pesca, a agricultura, a criação de rebanhos, as atividades tornaram-se rendosas, facultando a troca de mercadorias como primeiro passo para o comércio e posteriormente para a indústria, de modo a fomentar recursos sempre novos e cada vez mais complexos, pelos quais libertava-se paulatinamente das dificuldades iniciais para levantar a base do equilíbrio social, pela previsão e recursos de previdência segura, ante os períodos cíclicos de calamidades que sofria com frequência: secas, guerras, enfermidades.  
  
No passado, porém, o trabalho se apresentava para as classes nobres como uma desonra, sendo reservado apenas aos "braços escravos", que se encarregavam de todas as tarefas, de modo a que os dominadores se permitissem a ociosidade brilhante, podendo-se valorizar os recursos dos homens pelo número de escravos e servos de que podiam dispor. Mesmo a cultura da inteligência era transmitida, não raro, por homens ferreteados pela escravidão, e o desenvolvimento das artes, das atividades domésticas encontrava-se em posição subalterna de servilismo desprezado, conquanto indispensável.  
  
O trabalho, porém, apresenta-se ao homem como meio de elevação e como expiação de que tem necessidade para resgatar o abuso das forças, quando entregues à ociosidade ou ao crime, na sucessão das existências pelas quais evolute. Não fora o trabalho e o homem permaneceria na infância primitiva, sendo por Deus muitas vezes facultado ao fraco de forças físicas os inapreciáveis recursos da inteligência, mediante a qual granjeia progresso e respeito, adquirindo independência econômica, valor social e consideração, contribuindo poderosamente para o progresso de todos.  
  
Com o irrompimento da técnica, que multiplicou os meios para a atividade do homem, na sociedade, veio inevitavelmente a divisão social do próprio trabalho, criando as classes, hoje, como ontem, empenhadas em lutas terrificantes e crescentes. A lei do trabalho, porém, impõe-se a todos e ninguém fugirá dela impunemente, deixando de ser surpreendido mais adiante. A homem algum é permitido usufruir os benefícios do trabalho de outrem sem a justa retribuição e toda exploração imposta pelo usuário representa cárcere e algema para si mesmo, na sucessão das existências inevitáveis a que se encontra impelido a utilizar.  
  
Do trabalho mecânico, rotineiro, primitivo, puro e simples, à automação, houve um progresso gigante que ora permite ao homem o abandono das tarefas rudimentares, entregues a máquinas e instrumentos que ele mesmo aperfeiçoou, concedendo-lhe tempo para a genialidade criativa e a multiplicação de atividades em níveis cada vez mais elevados. Sendo o trabalho uma lei natural, o repouso é a consequente conquista a que o homem faz jus para refazer as forças e continuar em ritmo de produtividade.  
  
O repouso se lhe impõe como prêmio ao esforço despendido, sendo-lhe facultado o indispensável sustento nos dias da velhice, quando diminuem o poder criativo, as forças e a agilidade na execução das tarefas ligadas à subsistência, teorias econômicas do trabalho e justiça social — Duas são as teorias econômicas do trabalho na estrutura da sociedade: o trabalho-valor que se consubstancia nas teorias de Adam Smith, Jean-Baptiste Say e David Ricardo, que pugnavam pela assertiva de que "o trabalho cria o valor econômico" e a outra, a do trabalho-produção, expressa através dos expoentes da denominada Escola Marginalista, que consideram o trabalho como um dos "fatores da produção, cujo valor é medido pelo valor do produto que cria", considerando-se primacialmente a sua utilidade aplicada ao mercado de consumo.  
  
Com a Revolução Industrial e o advento da máquina que modificaram toda a estrutura do trabalho realizado pelo homem, a tese do trabalho-valor sobrepôs-se e foi adotada por Karl Marx, objetivando o trabalhador, nas suas necessidades de reposição do desgaste físico (ou mental), consequência direta e imediata da atividade exercida, sendo, assim, o trabalho, inexaurível fonte de todo o progresso humano.  
  
Com o desenvolvimento das Ciências Sociais e o advento das Entidades Previdenciárias e Assistenciais, o homem passou a beneficiar-se de uma regulamentação legal sobre o tempo de trabalho, horário, remuneração extraordinária e a indispensável aposentadoria, observados os requisitos essenciais, assistência médico-odontológica, pensão para a família, quando ocorre o óbito, invalidez remunerada em estrutura de justiça.  
  
As lutas entre patrão e empregado começaram a ser examinadas com maior equidade, resolvendo-se em Casas de Justiça os graves problemas a que se viam constrangidos os menos afortunados pelos valores aquisitivos, que, em face da permanente conjuntura econômica a que se vêem a braços os diversos países, eis que com a moeda ganha sempre se adquire menos utilidades, comprimindo-os até o desespero, fomentando a anarquia e o desajustamento comunitário.  
  
Dividido o tempo entre trabalho e lazer, ação e espairecimento, ampliam-se as possibilidades da existência do homem que, então, frui a decorrência do progresso na saúde, nas manifestações artísticas, na cultura, no prazer, dispondo de tempo para as atividades espirituais, igualmente valiosas, senão indispensáveis para a sua paz interior.  
  
Mediante o trabalho-remunerado o homem modifica o meio, transforma o habitat, cria condições de conforto. Através do trabalho-abnegação, do qual não decorre troca nem permuta de remuneração, ele se modifica a si mesmo, crescendo no sentido moral e espiritual. Por um processo ele se desenvolve na horizontal e se melhora exteriormente; pelo outro, ascende no sentido vertical da vida e se transforma de dentro para fora.  
  
Utilizando-se do primeiro recurso conquista simpatia e respeito, gratidão e amizade. Através da autodoação consegue superar-se, revelando-se instrumento da Misericórdia Divina na construção da felicidade de todos.  
Trabalho e Jesus — Fazendo-se carpinteiro e dedicando-se à profissão na elevada companhia de José, o Mestre laborava ativamente, ensinando com o exemplo o respeito ao trabalho, como dever primeiro para a manutenção e preservação da vida, mediante a atividade honrada. Em todo o seu ministério de amor a abnegação tem relevante papel, verdadeiro trabalho de autodoação até o sacrifício da própria vida, sem paralelo em toda a História.  
  
Seus discípulos, a posteriori, fizeram do trabalho expressão de dignificação, tornando-se "escravos do Senhor" e servos de todos, oferecendo o labor das próprias mãos para a subsistência orgânica, enquanto se "afadigavam" na sementeira da luz. Seu exemplo e Suas lições erguem os escravos que jazem no potro da miséria e dá-lhes suprema coragem no exercício do próprio trabalho através do qual encontram energias para superar as fracas forças, tornando-se fortes e inatingíveis.  
  
Infundem coragem, estimulando o trabalho-serviço fraternal, de modo a manter a comunidade unida em todos os transes.  
Ensinam esperança, utilizando o trabalho-redenção, por cujo meio o espírito libra acima das próprias limitações e se liberta das malhas da ociosidade e do mal. Agora, quando as luzes do Consolador se acendem na Terra da atualidade, encontrando o homem em pleno labor regulamentado por leis de justiça e previdência, eis que soam no seu espírito as clarinadas do trabalho mantenedor do progresso geral de todos, utilizando-se dos valores da fé para a construção do Mundo Melhor em que o amor dirima as dúvidas, em torno da vida imortal, e a caridade substitua em toda a plenitude a filantropia, à semelhança do que ocorre nos Mundos Felizes onde o trabalho, em vez de ser impositivo, é conquista do homem livre que sabe agir no bem infatigável, servindo sempre e sem cessar.  
  
ESTUDO E MEDITAÇÃO:  
"A necessidade do trabalho é lei da Natureza "O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos."  
(O Livro dos Espíritos, Allari Kardec, questão 674.)**  
**12 – O CONSOLADOR – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER, (EMMANUEL), pág. 135**

**Trabalho. Perg. 225 – Como entender a salvação da alma e como consegui-la?  
-Dentro das claridades espirituais que o Consolador vem espalhando nos bastidores religiosos e filosóficos do mundo, temos de traduzir o conceito de salvação por iluminação de si mesma, a caminho das mais elevadas aquisições e realizações no Infinito.  
  
-Considerando esse aspecto real do problema de “salvação da alma”, somos compelidos a reconhecer que, se a Providência Divina movimentou todos os recursos indispensáveis ao progresso material do homem físico na Terra, o Evangelho de Jesus é a dádiva suprema do Céu para a redenção do homem espiritual, em marcha para o amor e sabedoria universais. Jesus é o Modelo Supremo.  
  
-O Evangelho é o roteiro para a ascensão de todos os Espíritos em luta, o aprendizado na Terra para os planos superiores do Ilimitado. De sua aplicação decorre a luz do espírito.  
  
-No turbilhão das tarefas de cada dia, lembrai a afirmativa do Senhor: -“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Se vos cercam as tentações de autoridade e poder, de fortuna e inteligência, recordai ainda as suas palavras: -“Ninguém pode ir ao Pai senão por mim”. E se vos sentis tocados pelo sopro frio da adversidade e da dor, se estais sobrecarregados de trabalhos no mundo, buscai ouvi-Lo sempre no imo d’alma: -”Quem deseje encontrar o Reino de Deus tome a sua cruz e siga os meus passos”.**

**20 – RENÚNCIA – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (EMMANUEL), pág. 20, 72**

**Alcione notou-lhe o surto de alegria, transbordante e, ponderando-lhe as observações, palavra por palavra, obtemperou: -Antes da minha, precisarás ouvir a voz do Cristo, e se Ele com sua infinita bondade permitir minha volta à Terra, jamais olvidemos que vamos lá regressar, não para auferir gozos prematuros, mas para sofrer juntos no caminho redentor, até podermos desferir o vôo supremo de felicidade e união, em demanda de esferas mais altas.**

**Na obra de Deus, a paz sem trabalho é ociosidade com usurpação. Não afastes os olhos do quadro de sacrifícios que nos compete fazer a favor de nós mesmos ! Agradeço a preciosidade dos seus ensinamentos; no entanto, há considerar que Madalena descende de fidalgos, enquanto que eu sou muito pobre.  
  
-Pobre? – tornou o educador, sorridente e otimista – convém manter acima da classificação comum, de pobres e ricos, a tábua de valores reais, que define os homens como trabalhadores ou ociosos. Há indigentes no seio de tesouros inapreciáveis e pessoas há de reduzidos recursos financeiros, singularmente ricas de esperanças e de ideal. Por isso, meu filho, o perigo está em que o homem seja ocioso. Quem trabalha deve esperar sempre o melhor; mas quem perde o tempo, alcançará a miséria.  
  
Os ensinamentos do bondoso velho caíam na alma do rapaz como um bálsamo. Atentando no efeito benéfico dos seus conceitos, Jaques continuou:  
  
-O trabalhador possui o tesouro da paz de cada dia, o ocioso encontra em cada noite o padecimento da insatisfação; um vive na claridade da esperança, outro na tormenta da ambição. Uma casa sem lacaios é um refúgio de repouso espiritual, nestes tempos de devassidão. Muitas vezes o homem que dispõe de muitos servos paga-lhes por supostos serviços, mas o que recebe, em verdade é calúnia e ingratidão.**

**25 – SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO – MÍNIMUS, pág. 232**

**18. Paulo vive do seu trabalho. De Atenas seguiu Paulo para Corinto, onde se encontrou com um judeu por nome Áquila, recém-chegado da Itália com a sua mulher Priscila, porquanto Cláudio decretou que todos os judeus saíssem de Roma. Como eram do mesmo ofício, passaram a morar e a trabalhar juntos, na fabricação de tendas. Aos sábados, Paulo discutia na sinagoga e, dessa forma, apesar de muitas lutas, conseguiu converter e batizar o próprio chefe da sinagoga.**

**Diante das dificuldades eu se lhe apresentavam na sinagoga, passou ele a anunciar o Evangelho na casa de um gentio que morava em prédio contíguo à sinagoga. Assim, trabalhando para o seu sustento, Paulo passou em Corinto dezoito meses, todos eles dedicados à obra de evangelização.**

|  |  |
| --- | --- |
| **TRANSE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação na bíblia - pág. 13** | **02 - Antologia do perispírito - ref. 743** |
| **03 - Correlações espírito matéria- pág. 21** | **04 - Da alma humana - pág. 131** |
| **05 - Desenvolvimento mediúnico - pág. 22,25** | **06 - Doenças da alma - pág. 47** |
| **07 - Espírito, perispírito e alma - pág. 112** | **08 - Guia do Espiritismo - pág. 53** |
| **09 - Hipnotismo e mediunidade - pág. 164** | **10 - Hipóteses em parapsicologia - pág.166** |
| **11 - No invisível - pág. 349** | **12 - No limiar do etéreo - pág. 157** |
| **13 - O trabalho dos mortos - pág. 53** | **14 - Parapsicologia hoje e amanhã - pág. 126** |
| **15 - Recordações da mediunidade - pág. 130** | **16 - Ressurreição e vida - pág. 201, 291** |
| **17 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 32, 45** | **18 - Saúde e Espiritismo - pág. 122** |
| **19 - Xenoglossia - pág. 44** | **20 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**TRANSE** **– COMPILAÇÃO**

**01- A reencarnação na bíblia - Hermínio C.Miranda - pág. 13**

**O PROFETA  
Não é, porém, para assustar o leitor e nem para impressioná-lo que estamos aqui a projetar imagens de um conflito nuclear. Propositadamente deixamos no texto duas palavras-chave: apocalíptica e profético. Tomemos essas chaves, abramos as portas e penetremos no vestíbulo de uma especulação.  
  
Suponhamos que algum profeta antigo, vidente, sensitivo ou médium — chame-o como quiser — tivesse tido a visão antecipada da "hora final" há cerca de dois mil anos. Como iria ele relatar o que viu ? Nada sabe ele de energia nuclear. Não pode, sequer, imaginar que estranhos aparelhos metálicos mais pesados do que o ar sejam capazes de voar a incrível velocidade, com enorme estrondo e melhor do que pássaros e gafanhotos. Desconhece explosivos poderosos, radiações mortíferas, radares vigilantes e computadores obedientes.  
  
E, no entanto, o profeta precisa contar tudo o que viu, pois assim lhe ordenaram. Para que haveriam de mostrar-lhe o que está para acontecer senão para que ele informasse aos homens dos trágicos acontecimentos que os aguardam ? Por isso, ao retornar de seu "arrebatamento em espírito ao céu" — isto que hoje se chama transe — o profeta está bem consciente de que tem de descrever, o melhor que puder, suas enigmáticas visões. Para ele próprio, elas são incompreensíveis e até absurdas, mas ele sabe, sem saber por que, que, para alguém, em algum tempo, em algum lugar, suas visões seriam claras como a água da fonte.**

**Era preciso, pois, traduzir todas aquelas imagens puramente visuais em símbolos gráficos. Não há palavras apropriadas para descrevê-las e, mais sério ainda, o profeta nem mesmo sabe o que se passou ante seus aturdidos olhos — sabe apenas que, um dia, aquilo seria uma trágica e implacável realidade. Então, ele sentou-se pensativo, desenrolou o pergaminho diante de si, tomou do estilete, mergulhou-o no tinteiro de pedra e começou assim:  
  
— Eu, João, vosso irmão e companheiro nas tribulações, na realeza e na paciência por Jesus, estava na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. Num domingo, fui arrebatado em espírito, e ouvi, por trás de mim, voz forte como trombeta, que dizia: "O que vês, escreve-o num livro e manda-o às sete igrejas . . ."  
  
Por que remeter o mesmo relato a sete igrejas diferentes ? Era para que se multiplicassem por sete as chances de sobrevivência do texto que precisava vencer a inexorável passagem dos séculos. Bastava que dois deles, apenas, fossem preservados e um poderia servir para conferir o outro. Em último caso, bastaria um só. O importante era que a mensagem resistisse ao tempo para que, na época certa, produzisse o resultado para o qual estava sendo elaborada.  
  
Assim nasceu o Apocalipse ou Revelação, com as misteriosas visões de João, o Discípulo Amado, o Apóstolo, o Vidente de Patmos, o Profeta do Apocalipse Abrimos este estudo com a exata "tradução" em linguagem moderna do mesmíssimo texto escrito por Joao em Patmos, ao findar-se o primeiro século da era cristã. Vamos reler, para confrontar, o relato de João tal como se encontra no Capítulo 9, versículos 1 a 12--Tocou o quinto anjo a sua trombeta. Vi, então na estrela que caíra do céu sobre a terra.**

**Deu-se a ela a chave do poço do Abismo. Abriu o poço do Abismo e subiu do poço uma fumarada como a de um forno grande e o sol e o ar se escureceram com a fumarada do poço. Da fumarada saíram gafanhotos sobre a terra e lhes foi dado o poder que têm os escorpiões da terra E lhes foi dito que não causassem dano à erva da terra nem a nada verde e nem a nenhuma árvore, mas somente aos homens que não trouxessem na fronte o sinal de Deus.**

**Foi-lhes dado não o poder para matá-los mas para atormentá-los durante cinco meses. O tormento era semelhante ao da picada do escorpião em alguém. E naqueles dias os homens buscarão a morte e não a encontrarão, desejarão morrer e a morte fugirá deles. A aparência desses gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; sobre suas cabeças traziam coroas que pareciam de ouro; seus rostos eram como rostos humanos; tinham cabelos de mulheres e seus dentes eram como os do leão; tinham couraças como couraças de ferro e o ruído de suas asas era como o estrondo de carros de muitos cavalos que correm em combate; e tinham caudas parecidas com a dos escorpiões com aguilhões em suas caudas e o poder de causar danos aos homens durante cinco meses. Tem sobre si, como rei, ao Anjo do Abismo, chamado em hebraico Abadon e em grego Apolion. O primeiro. Ai!, já passou. Veja que atrás vêm contudo outros dois.**

**05 - Desenvolvimento mediúnico - Paulo Alves de Godoy - pág. 22,25, Vol. II, pág. 165**

**5 — O TRANSE MEDIÚNICO  
No processo de cura, o que se realiza é a reeducação da onda mental do paciente. O hipnotizador desencadeia o processo induzindo fatores reequilibrantes; mas é a onda do hipnotizado que, refazendo-se, recompondo-se com valores estimulantes, reestabelece o equilíbrio da região afetada que, após a cura, volta a apresentar-se sadia e harmônica.  
  
Após a cura, "... se o paciente prossegue submisso ao hipnotizador, sustentando-se entre eles o intercâmbio seguro, dentro de algum tempo ambos se encontrarão em circuito mediúnico perfeito".  
  
A onda mental do magnetizado "... devidamente ajustada ao cérebro em que se apoia. . . passará a refletir a onda mental a que livremente se submete, absorvendo-lhe as inclinações e os desígnios." E aí, segundo o grau de passividade, que poderá atingir até o do sonambulismo " . . .sob a indução do hipnotizador. . . " o passivo "... verá e ouvirá de acordo com a orientação particular a que se sujeita.**

**Mas o transe poderá ser alcançado mesmo sem a presença do hipnotizador, desde que o sujet prossiga "... interessado no progresso de suas conquistas espirituais. . . ". Basta que se consagre às lembranças dos fenômenos vividos, para que isto sirva de estímulo à produção do reflexo condicionado específico e caia em hipnose, letargia, catalepsia ou sonambulismo, nos quais entrará "... em contato com entidades encarnadas ou desencarnadas de sua condição. . . ", uma vez que o intercâmbio é feito em regime de sintonia. Um hotentote nada teria a dizer a um sábio, nem este poderia oferecer-lhe algo acima dos interesses mentais daquele. ([2], Cap. 1)  
  
Além disso, poderia ".. provocar, por si mesmo, certa categoria de fenômenos físicos, mediante a aplicação de energia acumulada, com o que se explicam as ocorrências do faquirismo oriental, nas quais a própria vontade do operador, parcial ou integralmente separado do corpo somático, exerce determinada ação sobre as células físicas ou extrafísicas estabelecendo acontecimentos inabituais para o mundo rotineiro dos cinco sentidos.**

**08 - Guia do Espiritismo - Angelo de Micheli - pág. 53  
  
O TRANSE  
Este termo tem suas raízes no latim transire (passar). Na realidade, quer ressaltar a passagem entre duas ou mais diferentes condições psíquicas. O termo "transe" vem da língua inglesa e pode ser traduzido como o conceito de "Êxtase". Ele indica a condição de transe: aquele estado especial no qual se encontram os indivíduos dotados de capacidade para realizar manifestações paranormais.**

**Podem existir na pessoa características comuns ao sono hipnótico ou ao sonambúlico, uma vez que se observa um distanciamento progressivo do mundo das sensações. Pode-se falar, maij que de "transe", de condições que levam o indivíduo ao estado de "transe".  
O entrar em "transe" de um médium não é simples como ligar um interruptor: é uma relação ou contato com uma dimensão diferente ou, de qualquer maneira, com uma visão diferem ir da realidade. São necessários diversos elementos para facilitar ofenômeno que se deseja produzir.  
  
Poderíamos fazer muitas observações a respeito dos hábito que um médium tem para alcançar a condição que o leva ao fenômeno, muitas vezes para ele um ritual indispensável. Entre o estado hipnótico e a condição sonambúlica existem as diferenças que examinaremos juntos. O sono hipnótico deve ser obtido por um hipnotizador (no passado esta função era entregue aos magnetizadores, como no caso da famosíssima vidente de Prévost). Poder-se-ia objetar que o estado de sono hipnótico pode ser auto-induzido mas, no caso da auto-hipnose, é necessário um processo de autocondicionamento e uma técnica especial.  
  
O exame objetivo dos fatos nos demonstra como o estado de transe é realizado rapidamente por parte do médium e é, na maior parte dos casos, auto-induzido pelo próprio médium. Quando se estabelece uma relação hipnótica com um indivíduo, a relação torna-se progressiva, cada vez mais profunda, até a exclusão quase total do EU. Este processo se produz progressivamente e sem dificuldade, sobretudo sem dor ou sofrimento por parte da pessoa hipnotizada.  
  
Isso é muito diferente do que acontece no transe, onde o produzir-se e o aprofundar-se (sobretudo na fase inicial) daquela condição especial que foge aos controles e às indagações da ciência comportam uma sensação de sofrimento da pessoa, sobretudo quando a condição de "transe" é profunda, na qual se notam melhor as capacidades e as possibilidades paranormais. Muitas vezes é acompanhada de gemidos, lamentos e eventualmente por movimentos bruscos e desconexos da pessoa que, em certos casos, deve ser ajudada para impedir danos à sua integridade física.  
  
No estado de transe intervém no indivíduo uma modificação, às vezes parcial, mas na maioria das vezes completa, da personalidade que resulta diferente da original, personalidade que pode alternar-se e modificar-se no decorrer de experiências ulteriores. O aspecto deste processo de substituição comporta, por vazes, um crescimento das capacidades do indivíduo, como no caso de personalidades em condições de comunicar mensagens cujo conteúdo se desloca no eixo do tempo, como no caso de ihformações referentes ao passado (conhecido ou não) ou ao futuro, que devem ser consideradas como precognição ou comuções de caráter clarividente.  
  
Consideremos o estado de transe sob o aspecto dos diferentes processos fisiológicos que o acompanham e constituem um lado interessante e que merece observação científica. Podem criar-se modificações nos batimentos cardíacos, uma intensificação de movimentos voluntários e involuntários na respiração. Às vezes podem ocorrer o oposto, isto é, o enfraquecimento da batida cardíaco do ritmo respiratório. Podem verificar-se processos de anestesia parcial ou completa.  
  
Por vezes intervêm fatos que não se enquadram nos fenômenos ordinários, como no caso de D. D. Home, que caiu com o rosto sobre as brasas da lareira e ali ficou durante muito tempo; uma vez levantado e completamente desperto, não apresentava nenhuma queimadura ou abrasão.  
  
Se tais manifestações, que habitualmente acompanham o estado de transe, não podem ser classificadas, é apenas porque não têm uma norma definida, mas representam eventos colaterais à condição de "transe", que a caracterizam e a diferenciam das formas de hipnose. No "transe" existe, em geral, a completa exclusão dos reflexos.  
  
O estudo dos processos fisicopsicológicos foi motivo de interesse de estudiosos famosos: Lombroso, Richet, James e muitos outros, que o leitor encontrará em obras disponíveis em livrarias especializadas. No "transe", como também no estado hipnótico, existem diferentes gradações de profundidade. É impossível fazer uma classificação da profundidade do "transe" uma vez que se trata de uma condição mutável.  
  
As manifestações mais leves são aquelas nas quais se mantém um estado de consciência integral ou parcial e as únicas manifestações externas são o olhar fixo, um alheamento do ambiente, como se ocorresse uma desatenção profunda. As manifestações de transe, completas e totais, são aquelas nas quais intervém uma modificação absoluta do estado de consciência, de modo a produzir alterações da voz, da personalidade e, às vezes, também uma mudança da fisionomia do indivíduo, e é exatamente nesta condição que se produzem os fenômenos mais interessantes (sob o aspecto científico e físico), tais como a desmaterialização de objetos e todos os casos dos fenômenos que entram sob o nome de telecinese e outros.  
  
Do mesmo modo que no sono hipnótico, no "transe" mediúnico intervém um gradativo aprofundamento deste último, sem que tenha havido o estímulo indutor, como ocorre na hipnose. Por quais razões intervenha este processo automático de aprofundamento e quais são as causas que regulam e estabelecem a mecânica do estado de "transe", não se sabe até hoje. Podemos apenas apresentar hipóteses. Uma delas é a que identifica o estado de transe com o hipnótico. Poderia ser considerada válida, sobretudo no caso de condições especiais de transe.**

**Afirma-se que, sendo conhecidas as analogias, no que se refere aos primeiros graus de profundidade do "transe", o indivíduo, convencido de que existem nele condições capazes de produzir os fenómenos que deseja obter, consegue estabelecer o início da auto-hipnose. De fato, quando examinamos um estado leve de transe, como no caso da escrita automática, não existe uma grande diferença entre o estado de sono hipnótico parcial e o de "transe". A única diferença perceptível é que, em um caso, o indivíduo é submetido à vontade do hipnotizador, no outro tudo é ocasionado por sua própria vontade.  
  
É interessante citar uma experiência realizada há algumas décadas. O célebre estudioso de fenômenos paranormais, Dr. James, conseguiu hipnotizar a famosa médium Piper, que estava em estado de transe, convencendo-a a obedecer a vontade do hipnotizador.  
Esta experiência depõe a favor do fato de que o estado de "transe" é uma condição diferente da hipnótica, porque fica demonstrada a possibilidade de hipnotizar um indivíduo em "transe". Esta consideração me permite afirmar que os dois estados são diferentes um do outro.  
  
Como no estado hipnótico, no "transe" intervém a mesma característica fundamental, isto é, estabelece-se um processo de opressão e de exclusão da psique vigilante do médium. Os fenômenos próprios do "transe", embora tendo aspectos que se aproximam da hipnose, têm classificações diferentes sobretudo se considerados em função das causas que os determinam.  
  
A sugestão do ambiente, o silêncio, a pouca luminosidade, o desejo de poder assistir a efeitos excepcionais, a espera e, às vezes, o próprio ritual que cada médium deseja, constituem a chave que permite ao próprio EU produzir o estado mediúnico. Houve, sobretudo no passado, médiuns que tinham necessidade de cantos propiciatórios, de músicas que tornassem o ambiente mais relaxante.  
  
Como no estado hipnótico é necessária a relação que se estabelece entre o indivíduo hipnotizado e o hipnotizador, assim também, o estado mediúnico necessita de uma relação entre mais pessoas, que reúna todos os membros da corrente ou do grupo. Na verdade, isto justifica o fato de que, em determinadas experiências mediúnicas, seja necessário que se afaste uma pessoa do grupo.  
  
Uma situação semelhante é criada quando chega a comunicação de que um dos componentes da "corrente" deve sair do grupo (talvez por não estar em sintonia com os outros — ou por não responder ao relacionamento que o grupo estabeleceu). O comportamento dos participantes é, às vezes, condicionado por uma fórmula ritual que o médium diz para poder entrar em "transe". O médium procura respeitar aquelas determinadas condições, que ele considera essenciais. (..)**

**11 - No invisível - Léon Denis - pág. 349**

**(...) Uma eficaz proteção oculta, vínhamos dizendo, é a condição essencial de bom êxito no domínio da experimentação. Nenhum grupo a poderia dispensar. Os fatos o demonstram, e todos os médiuns que têm publicado suas impressões e memórias o atestam. A Sra. d'Spérance dedica seu livro, "No País das Sombras", a seu guia espiritual, Hummur Stafford, "cuja mão diretora, posto que invisível, e cujos sábios conselhos foram seu amparo e conforto na travessia da vida".  
  
A Sra. Piper, enfraquecida e adoentada pelo contacto de Espíritos inferiores, deveu seu restabelecimento e a boa direção de seus trabalhos à enérgica e vigorosa intervenção dos Espíritos Imperator, Doctor e Rector. Graças a eles, de confusas que eram, as experiências dentro em pouco se tornaram claras, convincentes.   
  
Poder-se-iam multiplicar esses exemplos. Allan Kardec constituiu a doutrina espírita com o auxílio de revelações emanadas de Espíritos superiores. Em nosso próprio grupo, graças à influência de Espíritos elevados, foi que obtivemos os magníficos fenômenos relatados páginas atrás. É verdade que só ao cabo de longo período í de expectação e de perseverantes ensaios é que nos foi prestado esse concurso. Nessa ordem de fatos obtém-se o que se soube merecer por uma paciência posta por muito tempo à prova e por um desinteresse absoluto.**

**Na experimentação achamo-nos em presença de Inteligências estranhas, de Vontades que muitas vezes sobrepujam a nossa e pouco se inquietam com as nossas exigências e caprichos. Elas perscrutam o nosso foro íntimo, e é preciso saber captar-lhes a confiança e o amparo, mediante intenções puras e generosos propósitos. Essa proteção que pairava sobre o noso grupo e persistiu por todo o tempo em que nos conservamos unidos de coração e em pensamento, eu a tinha encontrado sempre em meu tirocínio de conferencista, e sinto-me feliz em o poder testemunhar aqui, agradecendo-a, de ânimo sincero e comovido, a esses nobres amigos do Espaço, cuja assistência me tem sido tão preciosa nos momentos arriscados.  
  
Mais de uma vez, na ocasião de comparecer perante um público descrente, quase hostil, e de ter que explanar, diante de salas repletas, assuntos assaz controvertidos, encontrei-me nas mais desfavoráveis condições físicas. E de cada vez também, a meu instante apelo, vinham os meus guias invisíveis restituir-me as forças indispensáveis ao desempenho de minha tarefa. Vê-se quão necessária é nas sessões a proteção de um guia sério, valoroso, esclarecido. Quando o guia é inapto, as dificuldades se multiplicam e são numerosas as mistificações.**

**Os Espíritos levianos se imiscuem com os Espíritos de nossa família, cujas manifestações perturbam. Intrusos, de uma imprudência revoltante, se insinuam às vezes nas reuniões. O professor Falcomer, em sua "Phéno-ménographie", refere um caso em que "a manifestações piedosas sucedeu uma linguagem ímpia ditada por pancadas da mesa, e dirigida a três senhoras e uma mocinha. Era a linguagem de um ser impudente e abjeto, e é impossível transcrevê-la". A mãe do professor e os outros assistentes ficaram seriamente aborrecidos.  
  
A ação de Espíritos malignos e de baixa classe não lança unicamente o ridículo e o descrédito sobre a nossa causa, dela afastando as pessoas escrupulosas e bem educadas; impele ainda os médiuns à fraude e, com o tempo, vem a corromper-lhes o senso e a dignidade. Começam os assistentes rindo e divertindo-se com as respostas cínicas ou extravagantes desses Espíritos; mas, por isso mesmo, os atraem; e esses incômodos visitantes, a quem assim se abre a porta, voltam, agarram-se aos que lhes dão acesso e tornam-se não raro temíveis obsessores. . '  
  
O Espiritismo, por uns considerado perigoso, por outros vulgar e pueril, quase só é conhecido pelo povo sob seus aspectos inferiores. São os fenômenos mais materiais que atraem de preferência a atenção e provocam apreciações desfavoráveis. Esse estado de coisas é devido aos teoristas e vulgarizadores que, vendo no Espiritismo uma ciência puramente experimental, descuram ou repelem por sistema, algumas vezes com desdém, os meios de cultivo e elevação mental indispensáveis para se produzirem manifestações verdadeiramente imponentes entre o estado físico vibratório dos experimentadores e o dos Espíritos suscetíveis de produzir fenómenos de grande alcance, e nada se faz no sentido de atenuar essas diferenças.**

**Daí a penúria de altas manifestações comparadas à abundância dos fenômenos vulgares. O resultado é que inúmeros críticos, só conhecendo da questão a sua face terra-a-terra, constantemente nos acusam de edificar sobre fatos mesquinhos uma doutrina demasiado ampla. Mais familiarizados com o aspecto transcendental do Espiritismo, reconheceriam que nada exageramos; ao contrário, nos temos conservado abaixo da verdade.  
  
Quaisquer que sejam as relutâncias dos teóricos positivistas e "antimísticos", forçoso será ter em conta as indicações dos homens competentes, sem o que viria a fazer-se do Espiritismo mísera ciência, cheia de obscuri-dades e perigosa para os investigadores. O amor da ciência não basta, disse o professor Falcomer; é indispensável a ciência do amor. Nos fenômenos não temos que nos haver unicamente com elementos físicos, mas com agentes espirituais, com entidades morais, que, como nós, pensam, amam, sofrem. Nas profundezas invisíveis, a imensa hierarquia das almas se desdobra, das mais obscuras às mais radiosas. De nós depende atrair umas e afastar as outras.  
  
O único meio consiste em criarmos em nós, por nossos pensamentos e atos, um foco irradiador de luz e de pureza. Toda comunhão é obra do pensamento. O pensamento é a própria essência da vida espiritual. É força que vibra com intensidade crescente, à medida que a alma se eleva, do ser inferior ao Espírito puro e do Espírito puro até Deus.  
  
As vibrações do pensamento se propagam através do espaço e sobre nós atraem pensamentos e vibrações similares. Se compreendêssemos a natureza e a extensão dessa força, não alimentaríamos senão altos e nobres pensamentos. Mas o homem se ignora ainda, como ignora as imensas capacidades desse pensamento criador e fecundo que nele dormita e com o qual poderia renovar o mundo. Em nossa fraqueza e inconsciência, atraímos na maior parte das vezes Espíritos maus, cujas sugestões nos perturbam.**

**É assim que a comunicação espiritual, em consequência de nossa inferioridade, se obscurece e desvirtua; fluidos corrompidos se espalham pela Terra, e a luta entre o bem e o mal se empenha no mundo oculto como no mundo material. Na atração dos pensamentos e das almas consiste integralmente a lei das manifestações psíquicas. Tudo é afinidade e analogia no Invisível. Investigadores que sondais o segredo das trevas, elevai bem alto, pois, os pensamentos, a fim de atrairdes os gênios inspiradores, as forças do bem e do belo.**

**Elevai-os, não somente nas horas de estudo e experiências, mas frequentemente, a todas as horas do dia, como um exercício regenerador e salutar. Não esqueçais que são esses pensamentos que vão lentamente eterizando e purificando o nosso ser, engrandecendo as nossas faculdades e tornando-nos aptos a experimentar as mais delicadas sensações, fonte de nossas felicidades futuras.  
  
O problema da mediunidade tem permanecido obscuro e incompreendido para a maioria dos psicologistas e teólogos de nossa época. O passado possuía a esse respeito mais lúcidas noções, e mesmo na Idade Média alguns homens herdeiros da sabedoria antiga, apreciaram com justeza essa questão. No século XII, Maimônides, o douto rabino judeu de Córdova, discípulo de Averrhoes, inspirando se nas doutrinas da Cabala, resumia nestes termos a lei da mediunidade:**

**"O Espírito paira sobre a Humanidade, até encontrar o lugar de sua morada. Nem toda natureza lhe é propícia; sua luz só pousa e permanece no homem prudente, são e esclarecido. Quem quer que aspire às honras do sublime comércio deve consagrar-se a aperfeiçoar sua natureza, por dentro como por fora.**

**Amigo da solidão, leva consigo os livros sagrados, ali prolonga suas vigílias e meditações, sacia sua alma de ciência e de virtudes. Suas refeições são reguladas; sua comida e bebida, escolhidas, a fim de que em seu corpo sadio e em sua carne convenientemente renovada haja um sangue generoso. Então está tudo pronto: o forte, o precavido, o sábio será profeta ou vidente, desde que o Espírito o encontre em seu caminho." (...)**

**LEMBRETE:  
  
1° - (..) o estado de transe não significa a supressão, mas interiorização da consciência. Mesmo nos estágios mais profundos, "algo" não se extingue e permanece vigilante, à maneira de sistema secundário, mas ainda ativo. Jayme Cervino**

**2° - O transe pode ser definido em termos psicológicos e neurofisiologicos. No primeiro caso "é um estado de baixa tensão psíquica, estreitamento do campo de consciência e acesso ao subconsciente", no segundo, a "inibição do córtex cerebral com liberação das estruturas subcorticais que passam a reger a atividade nervosa superior. (...) o transe não se confunde como o sono. No primeiro caso a inibição atinge apenas o córtex cerebral, no segundo se difunde à maior parte do encéfalo (...) Jayme Cervino**

**3° - O estado de transe é esse grau de sono magnético que permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal, e à alma tornar a viver por instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre (...) Léon Denis**

**4 ° - O transe é um estado de inconsciência, em que caem certas pessoas anormais. Pode comparar-se à imersão num sono profundo, com breves intervalos de vigília consciente. É, todavia, mais do que o sono, porque é um estado muito mais profundo de inconsciência; a personalidade se retira para mais longe do que no sono e o corpo fica mais insensível. Arthur J. Findlay**

**5° - É o estado particular em que se acham os "médiuns de incorporação" em seus acessos de possessão, estado sem analogia com outro qualquer dos casos nervosos patológicos que conhecemos (...) Paul Gibier**

**Edivaldo Fontana**

|  |
| --- |
| **TRANSFIGURAÇÃO** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - A alma é imortal - pág. 255/264** | **02 - A Gênese - cap. XIV, 35** |
| **03 - A vida além do véu - pág. 147** | **04 - Estudos sobre mediunidade - pág. 152** |
| **05 - Hipnotismo e mediunidade - pág. 197** | **06 - Médium quem é quem não é - pág. 78** |
| **07 - Mediunidade - pág. 89** | **08 - Nas pegadas do Mestre - pág. 217** |
| **09 - O Consolador - pág. 180** | **10 - O Livro dos Médiuns - Questões: 122/124** |
| **11 - Obras Póstumas - pág. 50** | **12 - Os milagres de Jesus - XIV** |
| **13 - Parábolas e Ensinos de Jesus - pág. 216** | **14 - Personagens do Espiritismo - 208** |
| **15 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 49/174/189** | **16 - Sintese de O Novo Testamento - pág. 125** |
| **17 - Vida de Jesus - pág. 250** | **18 - Vida e obra de Bezerra de Menezes - pág. 72** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**TRANSFIGURAÇÃO - COMPILAÇÃO**

**02 – A GÊNESE – ALLAN KARDEC, Capítulo XIV**

**35. Aparições; transfigurações. O perispírito é invisível para nós em seu estado normal; porém, como é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, lhe fazer receber, por um ato de sua vontade, uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições, as quais, como também outros fenômenos, não estão fora das leis da natureza.  
  
Este fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor, o qual é invisível quando é muito rarefeito e torna-se visível quando é condensado. Segundo o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é algumas vezes vaga e vaporosa; outras vezes é mais nitidamente definida; e outras, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível; pode mesmo chegar à tangibilidade real, ao ponto em que se pode duvidar da natureza do ser que temos diante de nós.  
  
As aparições vaporosas são freqüentes, e sucede muitas vezes que indivíduos assim se apresentam às pessoas a quem têm afeição. As aparições tangíveis são muito raras, embora haja delas numerosos exemplos, perfeitamente autênticos. Se o Espírito deseja fazer-se conhecido, dará a seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha enquanto vivia.**

**CAPÍTULO XV, TRANSFIGURAÇÃO – 43. Seis dias depois, tendo Jesus tomado a Pedro, Tiago e João consigo, os levou a sós com ele sobre uma alta montanha a um lugar afastado, e ali transfigurou-se diante deles. E enquanto fazia a sua oração, seu rosto parecia ser inteiramente outro; suas vestes tornaram-se brilhantes de luz, e brancas como a neve, de modo tal que não há sobre a terra, alvejante que os possa assim tornar brancos. – E viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.  
  
Então, disse Pedro a Jesus: Mestre, estamos bem aqui; façamos três tendas: uma para vós, uma para Moisés, e uma para Elias:-pois nem sabia o que dizia, de tão maravilhado que estava. Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e dessa nuvem saiu uma voz que assim dizia: Este é o meu filho bem amado; escutai-o . Logo, olhando de todos os lados, não viram mais ninguém senão a Jesus, que permanecera com eles.  
  
Quando desciam da montanha, ele lhes ordenou que a ninguém falassem do que haviam visto, até que o Filho do homem ressuscitasse de entre os mortos. –E conservaram secretas essas coisas, perguntando uns aos outros o que queria ele dizer com aquelas palavras: Até que o Filho do Homem ressuscitasse de entre os mortos (S. Marcos, cap. IX, vers. De 1 a 9).  
  
44. É ainda nas propriedades do fluido perispirital que se podem encontrar as razões dês fenômeno. A transfiguração, explicada no cap. XIV, nº. 39, é um fato bastante comum que, por conseqüência da irradiação fluídica pode modificar a aparência de um indivíduo; porém a pureza do perispírito de Jesus podia permitir a seu Espírito, dar-lhe um brilho excepcional. Quanto à aparição de Moisés e Elias, ela entra inteiramente no caso de todos os fenômenos do mesmo gênero.  
  
De todas as faculdades que se revelaram em Jesus, não há nenhuma que esteja fora das condições da humanidade, e que não seja encontrada no comum dos homens, pois elas estão na natureza; mas pela superioridade de sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, elas atingiam nele proporções acima das do vulgo. Ela nos representaria, à parte do seu envoltório carnal, o estado dos Espíritos puros.**

**09 – O CONSOLADOR – EMMANUEL, pág. 180**

**310. A transfiguração do Senhor é também um símbolo para a Humanidade?  
-Todas as expressões do Evangelho possuem uma significação divina e, no Tabor, contemplamos a grande lição de que o homem deve viver a sua existência, no mundo, sabendo que pertence ao Céu, por sua sagrada origem, sendo indispensável, desse modo, que se desmaterialize, a todos os instantes, para que se desenvolva em amor e sabedoria, na sagrada exteriorização da virtude celeste, cujos germens lhe dormitam no coração.**

**10 – O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC, Cap. VII,**

**Questão 122. Transfiguração, que consiste na modificação do aspecto de um corpo vivo. Eis, a respeito, um caso cuja perfeita autenticidade podemos garantir, ocorrido entre os anos de a858 e 1859, nas cercanias de Saint-Étienne:  
-Uma jovem de uns quinze anos gozava da estranha faculdade de se transfigurar, ou seja, de tomas em dados momentos todas as aparências de algumas pessoas mortas. A ilusão era tão completa que se acreditava estar na presença da pessoa, tamanha a semelhança dos traços do rosto, do olhar, da tonalidade da voz e até mesmo das expressões usuais na linguagem. Esse fenômeno repetiu-se centenas de vezes, sem qualquer interferência da vontade da jovem. Muitas vezes tomou a aparência de seu irmão falecido alguns anos antes, reproduzindo-lhe não somente o semblante, mas também o porte e a corpulência.  
  
Um médico local que, muitas vezes, presenciara esses estranhos fenômenos, querendo assegurar-se de que não era vítima de ilusão, fez interessante experiência. Colhemos as informações dele mesmo, do pai da moça e de muitas outras testemunhas oculares, bastante honradas e dignas de fé. Teve ele a idéia de pesar a jovem no seu estado normal e durante a transfiguração, quando ela tomava a aparência do irmão que morrera aos vinte anos e era muito maior e mais forte do que ela. Pois bem: verificou-se que na transfiguração o peso da moça era quase o dobro.  
  
A experiência foi conclusiva, sendo impossível atribuir a aparência a uma simples ilusão de ótica. Tentemos explicar esse fato, que sempre foi chamado de milagre mas que chamamos simplesmente de fenômeno.**

**Questão 123. A transfiguração pode ocorrer, em certos casos, por uma simples contração muscular que dá à fisionomia expressão muito diferente, a ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Observamô-la freqüentemente com alguns sonâmbulos. Mas, nesses casos, a transformação não é radical. Uma mulher poderá aparecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre mulher e seu peso não aumentará nem diminuirá. No caso de que tratamos é evidente que há algo mais. A teoria do perispírito vai nos por no caminho.  
  
Admite-se, em princípio, que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências. Que, por uma modificação das disposições moleculares, pode lhe dar a visibilidade, a tangibilidade e em conseqüência a opacidade. Que o perispírito de uma pessoa viva, fora do corpo pode passar pelas mesmas transformações e que essa mudança de estado se realiza por meio da combinação dos fluidos.  
  
Imaginemos, então, o perispírito de uma pessoa viva, não fora do corpo, mas irradiando ao redor do corpo de maneira a envolvê-lo como uma espécie de vapor. Nesse estado ele pode sofrer as mesmas modificações de quanto separado. Se perder a transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível, velar-se como se estivesse mergulhado num nevoeiro. Poderá mesmo mudar de aspecto, ficar brilhante, de acordo com a vontade ou o poder do Espírito. Outro Espírito, combinando o seu fluido com esse, pode substituir a aparência dessa pessoa, de maneira que o corpo real desapareça, coberto por um envoltório físico exterior cuja aparência poderá variar como o Espírito quiser.  
  
Essa parece ser a verdadeira causa do fenômenos estranho – e raro, convém dizer, - da transfiguração. Quanto à diferença de peso, explica-se da mesma maneira que a dos corpos inertes. O peso próprio do corpo não varia, porque a sua quantidade de matéria não aumenta, mas o corpo sofre a influência de um agente exterior que pode aumentar-lhe ou diminuir-lhe o peso relativo, segundo explicamos nos números e seguintes. É provável, portanto, que a transfiguração na forma de uma criança diminua o peso de maneira proporcional.**

**Questão 124. Concebe-se que o corpo possa tomar uma aparência maior que a sua ou das mesmas dimensões, mas como poderia tornar-se menor, do tamanho de uma criança, como acabamos de dizer? Nesse caso, o corpo real não deveria ultrapassar os limites do corpo aparente? Por isso não dizemos que o fato se tenha verificado, mas quisemos apenas mostrar, referindo-nos à teoria do peso específico, que o peso aparente poderia também diminuir.  
  
Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos nem negamos a sua possibilidade. No caso de ocorrer, o fato de não se poder explicá-lo satisfatoriamente, não o informaria. É preciso não esquecer que estamos no começo desta ciência e que ela ainda está longe de haver dito a sua última palavra sobre este ponto, como sobre muitos outros. Aliás, as partes excedentes do corpo poderiam perfeitamente ser tornadas invisíveis. A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta naturalmente das explicações precedentes e das que se referem ao fenômeno de transportes.**

**11 – OBRAS PÓSTUMAS– ALLAN KARDEC, Transfiguração, invisibilidade, pág. 57 - 1998**

**22. O perispírito do homem tem as mesmas propriedades que o do Espírito. Como já dissemos, não fica encerrado no corpo, irradia-se e forma em torno dele uma atmosfera fluídica. Ora pode acontecer em outros casos e em circunstâncias especiais que ele sofresse uma transformação análoga à que foi descrita.  
  
Nesse caso, a forma material do corpo pode apagar-se sob aquela camada fluídica, se assim nos é permitido dizer, a revestir momentaneamente uma aparência mui diferente da real, a de uma outra pessoa, ou a do Espírito, que combina os seus fluidos com o indivíduo, ou mesmo dar a uma fisionomia feia um belo e radiante aspecto.  
  
Tal é fenômeno designado pelo nome de transfiguração, fenômeno assaz freqüente que se produz principalmente quando determinadas circunstâncias provocam uma expansão mais abundante de fluido.  
A transfiguração pode processar-se em condições diversas, segundo o grau de pureza do perispírito sempre correspondente ao da elevação moral do Espírito. Ela pode não passar de uma ligeira modificação da fisionomia, ou chegar ao ponto de dar ao perispírito uma aparência luminosa e esplendorosa.  
  
A forma material pode, por conseguinte, desaparecer sob o fluido perispiritual, sem que precise mudar de aspecto, podendo simplesmente envolver o corpo, inerte ou vivo, e torná-lo invisível a um ou a muitos, como se fosse uma camada de vapor. Não nos servimos destas comparações como se houvesse entre os dois termos uma analogia absoluta, antes nos apressamos em declarar que ela existe.  
  
N.A.- O fenômeno de transfiguração aparece nos Evangelhos e nas escrituras sagradas de quase todas as religiões. A explicação espírita foi julgada anticientífica por fazê-lo depender do fluido, conceito que se considerava superado pela Ciência moderna. Atualmente o conceito de fluido voltou a impor-se no campo científico. Já existe mesmo uma ciência chamada Fluídica, embora referem-se apenas ao campo dos fluidos materiais utilizados como combustível. Na Física nuclear o fluido é substituído pelo conceito de campo de forças, de elétrons livres e assim por diante.**

|  |  |
| --- | --- |
| **TRANSMIGRAÇÕES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - cap. XI, 35** | **02 - O Livro dos Espíritos - questão 189** |
| **03 - Revista Espírita - 1862 - pág. 219** | **04 - Roteiro - pág. 52** |
| **05 - A caminho da luz- pág. pág. 168** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**TRANSMIGRAÇÕES** **– COMPILAÇÃO**

|  |
| --- |
| **TRANSMIGRAÇÕES, EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DE ESPÍRITOS** |

**01 – A GÊNESE – ALLAN KARDEC, EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS, pág. 195**

**35. Nos intervalos de suas existências corpóreas os Espíritos estão no estado de ERRATICIDADE, e compõem a população espiritual ambiente do globo. Para os mortos e os que nascem, essas duas populações se inclinam incessantemente uma para a outra; há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo no mundo espiritual, e imigrações do mundo espiritual no mundo corpóreo: é o estado normal.**

**36. Em certas épocas, reguladas pela sabedoria divina, essas imigrações e essas migrações se operam em massa mais ou menos consideráveis, em conseqüência das grandes revoluções que fazem partir, ao mesmo tempo, quantidades inumeráveis, as quais são logo substituídas por quantidades equivalentes de encarnações. É necessário, portanto, considerar os flagelos e os cataclismas como ocasiões de chegadas e de partidas coletivas, de meios providenciais para renovar a população corpórea do globo, de retemperá-la com a introdução de novos elementos espirituais mais depurados.   
  
Se, nessas catástrofes, há destruição de um grande número de corpos, não há senão envoltórios despedaçados, mas nenhum Espírito perece: não fazem senão mudar de meio; em lugar de partir isoladamente, partem em número, eis toda a diferença, porque partir, por uma causa ou por outra, não deixam de partir fatalmente cedo ou tarde.**

**As renovações rápidas e quase instantâneas que se operam no elemento espiritual da população, em conseqüência e flagelos destruidores, aceleram o progresso social; sem as emigrações e as imigrações que vêm, de tempos a tempos, dar-lhe um violento impulso, ele caminharia com uma extrema lentidão.**

**É notável que todas as grandes calamidades, que dizimam as populações, são sempre seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual e moral e, por conseqüência, no estado social das nações nas quais se cumprem. É que têm por objetivo operar um remanejamento na população normal e ativa do globo.**

**37. Essa transfusão que se opera entre a população encarnada e a população desencarnada de um mesmo globo se opera, igualmente, entre os mundos, seja individualmente nas condições normais, seja por massas em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro. Disso resulta a introdução, na população de um globo, de elementos inteiramente novos, novas raças de Espíritos vêm se misturar às raças existentes, constituindo novas raças de homens.**

**Ora, como os Espíritos nunca perdem o que adquiriram, levam com eles a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; imprimem, conseqüentemente, o seu caráter à raça corpórea que vêm animar. Eles não têm necessidade, para isso, que seus novos corpos sejam criados especialmente para o seu uso; uma vez que a espécie corpórea existe, encontra-se toda pronta pra recebê-los. São, pois, simplesmente novos habitantes; em chegando sobre a Terra, de início, fazem parte de sua população espiritual, depois se encarnam como os outros.**

**RAÇA ADÂMICA.   
38. Segundo o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, querendo-se, uma dessas colônias de Espíritos, vindo de uma outra esfera, que deram nascimento à raça simbolizada na pessoa de Adão, e, por esta razão, chamada adâmica. Quando ela chegou, a Terra estava povoada desde tempos imemoriais, como a América, quando chegaram os Europeus.**

**A raça adâmica, mais avançada do que aquelas que a precederam sobre a Terra, era, como efeito, mais inteligente; foi ela que levou todas as outras ao progresso. A Gênese no-la mostra, desde seus princípios, industriosa, apta para as artes e para as ciências, sem passar pela infância intelectual, o que não é o próprio das raças primitivas, mas o que concorda com a opinião de que se compunha de Espíritos que já progrediram.**

**Tudo prova que ela não era antiga sobre a Terra, e nada se opõe a que não esteja aqui senão há alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas e, ao contrário, tenderia a confirmá-las.**

**39. A doutrina que fez todo o gênero humano proceder de uma única individualidade, há seis mil anos, não é mais admissível no estado atual dos conhecimentos. As principais considerações que a contradizem, tiradas da ordem física e da ordem moral, se resumem nos seguintes pontos:**

**Do ponto de vista psicológico, certas raças apresentam tipos particulares de característicos, que não permitem assinalar-lhes uma origem comum.   
  
Há diferenças que, evidentemente, não são do clima, uma vez que os brancos que se reproduzem no país dos negros não se tornam negros, e reciprocamente. O ardor do Sol tosta e amorena a epiderme, mas nunca transformou um branco em negro, achatou o nariz, mudou a forma dos traços da fisionomia, nem tornou encarapinhados e lanudos os cabelos longos e macios. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido particular, subcutâneo, que se liga à espécie.**

**40. Adão e seus descendentes são representados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, uma vez que, desde a segunda geração, edificam as suas casas, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências foram rápidos e constantemente sustentados.   
  
Não se conceberia, pois, que essa estirpe tivesse, por descendentes, povos numerosos tão atrasados, de uma inteligência tão rudimentar, que costeiam, ainda em nossos dias, a animalidade; que perdessem todo o traço e até a menor lembrança tradicional do que faziam seus pais. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral, atesta, com não menos evidência, uma diferença de origem.**

**02 – O LIVRO DOS ESPÍRITOS – ALLAN KARDEC, pág. 116**

**III-ENCARNAÇÃO NOS DIFERENTES MUNDOS: Perg. 172. Nossas diferentes existências corpóreas se passam todas na Terra? – Não, mas nos diferentes mundos. As deste globo não são as primeiras nem as últimas porém as mais materiais e distantes da perfeição.**

**Perg. 173. A cada nova existência corpórea a alma passa de um mundo a outro, ou pode viver muitas vidas num mesmo globo? – Pode reviver muitas vezes num mesmo globo, se não estiver bastante adiantada para passar a um mundo superior.**

**Perg. 173a . Podemos então reaparecer muitas vezes na Terra? - Certamente.**

**Perg. 173b. Podemos voltar a ela, depois de ter vivido em outros mundos? – Seguramente; podeis ter já vivido noutros mundos, bem como na Terra.**

**Perg. 174.  É uma necessidade reviver na Terra? – Não. Mas se não progredirdes, podeis ir para outro mundo que não seja melhor, e que pode mesmo ser pior.**

**Perg. 175. Há vantagem em voltar a viver na Terra? – Nenhuma vantagem particular, a não ser que se venha em missão, pois então se progride, como em qualquer outro mundo.**

**Perg. 175 a . Não seria melhor continuar como Espírito? –Não, não! Ficar-se-ia estacionário, e o que se quer é avançar para Deus.**

**Perg. 176. Os Espíritos, depois de se haverem encarnado em outros mundos, podem encarnar-se neste, sem jamais terem passado por aqui? – Sim, como vós em outros globos. Todos os mundos são solidários: o que não se faz num, pode fazer-se noutro.**

**Perg. 176 a . Assim, existem homens que estão na Terra pela primeira vez? – Há muitos, e em diversos graus.**

**Perg. 176b. Pode-se reconhecer, por um sinal qualquer, quando um Espírito se encontra pela primeira na Terra? –Isso não teria nenhuma utilidade.**

**Perg. 177. Para chegar à perfeição e à felicidade suprema, que é o objetivo final de todos os homens, o Espírito deve passar pela série de todos os mundos que existem no Universo? – Não, porque há muitos mundos que se encontram no mesmo grau, e onde os Espíritos nada aprenderiam de novo.**

**Perg. 177 a . Como então explicar a pluralidade de suas existências num mesmo globo? – Eles podem ali se encontrar, de cada vez, em posições bastante diferentes, que serão outras tantas ocasiões de adquirir experiência.**

**Perg. 178. Os Espíritos podem renascer corporalmente num mundo relativamente inferior aquele em que já viveram? – Sim, quando têm uma missão a cumprir, para ajudar o progresso; e então aceitam com alegria as tribulações dessa existência, porque lhes fornecem um meio de se adiantarem.**

**Perg. 178 a. Isso não pode também ocorrer como expiação, e Deus não pode enviar os Espíritos rebeldes a mundos inferiores? – Os Espíritos podem permanecer estacionários, mas nunca retrogradam; sua punição, pois, é a de não avançar e ter de recomeçar as existências mal empregadas, no meio que convém a sua natureza.**

**Perg. 178b. Quais são os que devem recomeçar a mesma existência? –Os que faliram em sua missão ou em suas provas.**

**Perg. 179. Os seres que habitam cada mundo estão todos no mesmo grau de perfeição? – Não. É como na Terra: há os mais e menos adiantados.**

**Perg. 180. Ao passar deste mundo para outro, o Espírito conserva a inteligência que tinha aqui? –Sem dúvida, pois a inteligência nunca se perde. Mas ele pode não dispor dos mesmos meios para manifestá-la. Isso depende da sua superioridade e do estado do corpo que adquirir.**

**Perg. 181. Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos? – Sem dúvida que têm corpos, porque é necessário que o Espírito se revista de matéria para agir sobre ela; mas esse envoltório é mais ou menos material, segundo o grau de pureza a que chegaram os Espíritos, e é isso que determina as diferenças entre os mundos que temos de percorrer. Porque há muitas moradas na casa de nosso Pai, e muitos graus, portanto, alguns o sabem, e têm consciência disso na Terra, mas outros nada sabem.**

**Perg. 182. Podemos conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos? – Nós, Espíritos, não podemos responder senão na medida do vosso grau de evolução. Quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em condições de compreende-las, e elas os perturbariam.**

**À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste aproxima-se igualmente da natureza espírita. A matéria se torna menos densa, ele já não se arrasta penosamente pelo solo, suas necessidades físicas são menos grosseiras, os seres vivos não têm mais necessidade de se destruírem para se alimentar. O Espírito é mais livre, e tem, para as coisas distanciadas, percepções que desconhecemos: vê pelos olhos do corpo aquilo que só vemos pelo pensamento.**

**A purificação dos Espíritos reflete-se na perfeição moral dos seres em que estão encarnados. As paixões animais se enfraquecem, o egoísmo dá lugar ao sentimento fraternal. É assim que, nos mundos superiores ao nosso, as guerras são desconhecidas, os ódios e as discórdias não têm motivo, porque ninguém pensa em prejudicar o seu semelhante. A intuição do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos fazem que a morte não lhes cause nenhuma apreensão: eles a recebem sem medo e como uma simples transformação.**

**A duração da vida, nos diferentes mundos, parece proporcional ao seu grau de superioridade física e moral, e isso é perfeitamente racional. Quanto menos material é o corpo, menos sujeito está às vicissitudes que o desorganizam; quanto mais puro é o Espírito, menos sujeito às paixões que o enfraquecem. Este é ainda um auxílio da Providência, que deseja assim abreviar os sofrimentos.**

**Perg. 183. Passando de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância? – A infância é por toda parte uma transição necessária, mas não é sempre tão ingênua como entre vós.**

**Perg. 184. O Espírito pode escolher o novo mundo em que vai habitar? – Nem sempre; mas pode pedir e obter o que deseja, se o merecer. Porque os mundos só são acessíveis aos Espíritos de acordo com o grau de sua elevação.**

**Perg. 184 a . Se o Espírito nada pede, o que determina o mundo onde irá reencarnar-se? – O seu grau de evolução.**

**Perg. 185. O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo, em cada globo? – Não; os mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a Terra mesma sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre, quando os homens se fizerem bons.**

**Assim, as raças que atualmente povoam a Terra desaparecerão um dia e serão substituídas por seres mais e mais perfeitos. Essas raças transformadas sucederão à atual, como esta sucedeu a outras que eram mais grosseiras.**

**Perg. 186. Há mundos em que o Espírito, cessando de viver num corpo material, só tem por envoltório o perispírito? – Sim, e esse envoltório torna-se de tal maneira etéreo que para vós é como se não existisse; eis então o estado dos Espíritos puros.**

**Perg. 186 a. Parece resultar daí que não existe uma demarcação precisa entre o estado das últimas encarnações e a do Espírito puro? – Essa demarcação não existe. A diferença se dilui pouco a pouco e se torna insensível, como a noite se dilui ante as primeiras claridades do dia.**

**Perg. 187. A substância do perispírito é a mesma em todos os globos? – Não; é mais eterizada em uns do que em outros. Ao passar de um para outro mundo, o Espírito se reveste da matéria própria de cada um, com mais rapidez que o  relâmpago.**

**Perg. 188. Os Espíritos puros habitam mundos especiais, ou encontram-se no espaço universal, sem estar ligados especialmente a um globo? – Os Espíritos puros habitam determinados mundos, mas não estão confinados a eles como os homens à Terra; eles podem, melhor que os outros, estar em toda a parte.**

**IV – TRANSMIGRAÇÃO PROGRESSIVA:   
Perg. 189. Desde o princípio da sua formação o Espírito goza da plenitude de suas faculdades? –Não; porque o Espírito, como o homem, tem também a sua infância. Em sua origem, os Espíritos não têm mais do que uma existência instintiva, possuindo apenas a consciência de si mesmos e de seus atos. Só pouco a pouco a inteligência se desenvolve.**

**Perg. 190. Qual é o estado da alma em sua primeira encarnação? – O estado da infância na vida corpórea. Sua inteligência apenas desabrocha: ela ensaia para a vida.**

**Perg. 191. As almas dos nossos selvagens estão no estado de infância? – Infância relativa pois são almas já desenvolvidas. Dotada de paixões.**

**Perg. 191 a . As paixões, então, indicam desenvolvimento? – Desenvolvimento, sim, mas não perfeição. São um sinal de atividade e de consciência própria, enquanto na alma primitiva a inteligência e a vida estão em estado de germe.**

**A vida dos Espíritos, no seu conjunto, segue as mesmas fases da vida corpórea; passa gradativamente do estado de embrião ao de infância, para chegar, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição com as diferenças de que nesta não existe o declínio nem a decrepitude da vida corpórea; que a sua vida, que teve um começo, não terá fim; que lhe é necessário, do nosso ponto de vista, um tempo imenso para passar da infância espírita a um desenvolvimento completo, e o seu progresso realizar-se, não sobre uma esfera apenas, mas através de diversos mundos.**

**A vida do Espírito constitui-se, assim, de uma série de existências corporais sendo cada qual uma oportunidade de progresso, como cada existência corporal se compõe de uma série de dias, nos quais o homem adquire mais experiência e instrução. Mas, da mesma maneira que na vida humana há dias infrutíferos, na do Espírito há existência corpórea sem proveito, porque ele não soube conduzi-las.**

**Perg. 192. Por uma conduta perfeita podemos vencer já nesta vida todos os graus e tornar-nos Espírito puro, sem passar pelos intermediários? –Não, pois o que o homem julga perfeito está longe da perfeição; há qualidades que ele desconhece nem pode compreender. Pode ser tão perfeito quando a sua natureza terrena o permita, mas esta não é a perfeição absoluta. Da mesma maneira que uma criança, por mais precoce que seja, deve passar pela juventude, antes de chegar à maturidade, e um doente deve passar pela convalescença, antes de recuperar-se a saúde. Além disso, o Espírito deve adiantar-se em conhecimento e moralidade, e se ele não progrediu senão num sentido, é necessário que o faça no outro, para chegar ao alto da escala. Entretanto, quanto mais o homem se adianta na vida presente, menos longas e penosas serão as provas seguintes.**

**Perg. 192 a O homem pode assegurar-se nesta vida uma existência futura menos cheia de amarguras? – Sim, sem dúvida, pode abreviar o caminho e reduzir as dificuldades. Somente o desleixado fica sempre no mesmo ponto.**

**Perg. 193. Pode um homem descer em suas novas existências, abaixo do que já havia atingido? – Em sua posição social, sim; como Espírito, não.**

**Perg. 194. A alma de um homem de bem pode animar, noutra encarnação, o corpo de um celerado? – Não, pois ela não pode degenerar.**

**Perg. 194 a . A alma de um homem perverso pode transformar-se na de um de bem? –Sim, se ela se arrepender, e então será uma recompensa.**

**A marcha dos Espíritos é progressiva e jamais retrógrada. Eles se elevam gradualmente na hierarquia e não descem do plano atingido. Nas suas diferentes existências corporais podem descer como homens, mas não como Espíritos. Assim, a alma de um poderoso da Terra pode mais tarde animar um humilde artesão, e vice-versa. Porque as posições entre os homens são freqüentemente determinadas pelo inverso da elevação dos sentimentos morais. Herodes era rei, e Jesus carpinteiro.**

**Perg. 195.  A possibilidade de melhorar numa outra existência não pode levar certas pessoas a permanecerem no mau caminho, com o pensamento de que poderão corrigir-se mais tarde? – Aquele que assim pensa não acredita em nada, e a idéia de um castigo eterno não o coibirá mais, porque a sua razão a repele e essa idéia conduz à incredulidade. Se apenas houvessem empregado os meios racionais para orientar os homens, não existiriam tantos céticos.**

**Um Espírito imperfeito pode pensar como dizes, em sua vida corporal, mas uma vez liberto da matéria pensará de outra maneira, porque logo perceberá que calculou mal, e é então que trará, numa nova existência, um sentimento diverso. É assim que se efetiva o progresso. E eis porque tendes na Terra uns homens mais adiantados que outros. Uns já têm uma experiência que os outros ainda não tiveram, mas que adquirirão pouco a pouco. Deles depende impulsionar o próprio progresso ou retardá-lo indefinidamente.**

**O homem que se encontra numa posição má deseja muda-la o mais rapidamente possível. Aquele que se persuadiu de que as tribulações desta vida são a conseqüência de suas próprias imperfeições procurará assegurar-se uma nova existência menos penosa. E este pensamento o desviará mais da senda do mal, que o pensamento do fogo eterno, no qual não acredita.**

**Perg. 196. Só podendo os Espíritos melhorar-se pelo sofrimento e as tribulações da existência corporal, segue-se que a vida material seria uma espécie de crivo ou de depurador, pelo qual devem passar os seres do mundo espírita, para chegarem à perfeição? – Sim, é bem isso. Eles melhoram por meio dessas provas, evitando o mal e praticando o bem. Mas somente depois de muitas encarnações ou depurações sucessivas é que atingem, num tempo mais ou menos longo, e segundo os seus esforços, o alvo para o qual se dirigem.**

**Perg. 196 a . É o corpo que influi sobe o Espírito, para o melhorar, ou o Espírito que influi sobre o corpo? – Teu Espírito é tudo; teu corpo é uma veste que apodrece; eis tudo.**

**04 – ROTEIRO – EMMANUEL – 11. A FÉ RELIGIOSA – pág. 51**

**Em todos os tempos, o homem sonha com a pátria celestial. As idéias de céu e inferno jazem no pensamento de todos os povos. Os indígenas da América admitem o paraíso de caça abundante e danças permanentes, com reservas inesgotáveis de fumo. Os esquimós localizavam o éden nas cavernas adornadas. As tribo maori, que cultivam a guerra, por estado natural de felicidade, esperam que o céu lhes seja uma rinha eterna, em que se digladiem indefinidamente. Entre os hindus, as noções de responsabilidade e justiça estão fortemente associadas à idéia da sobrevivência. De conformidade com a crença por eles esposada, nas eras mais remotas, os desencarnados eram submetidos às apreciações do Juiz dos Mortos.**

**Os bons seriam destinados ao paraíso, a fim de se deliciarem, ante os coros celestes, e os maus desceriam para os despenhadeiros do império de Varuna, o deus das águas, onde se instalariam em câmaras infernais, algemados uns aos outros, por laços vivos de serpentes. Situados, porém, na sementeira da verdade, sempre admitiram que, do palácio celeste ou do abismo tormentoso, as almas regressariam à esfera carnal, de modo a se adiantarem na ciência da perfeição.**

**Os assírios-caldeus supunham que os mortos viviam sonolentos em regiões subterrâneas, sob amplo domínio das sombras. Na Grécia, a partir dos mistérios de Orfeu, as concepções de justiça póstuma alcançaram grau mais alto. No Hades terrificante de Homero, os Espíritos são julgados por Minos, filho de Zeus. Os gauleses aceitavam a doutrina da TRANSMIGRAÇÃO das almas e eram depositários de avançadas revelações da Espiritualidade Superior.**

**Os hebreus localizavam os desencarnados no “scheol”, que Job classifica como sendo “terra de miséria e trevas, onde habitam o pavor e a morte”. Com Virgílio, encontramos princípios mais seguros no que se refere às leis de retribuição. Na entrada do Orço, há divindades infernais para os trabalhos punitivos, quais a Guerra, o Luto, as Doenças, a Velhice, o Medo, a Fome, os Monstros, os Centauros e as Harpias, as Fúrias e a Hidra de Lerna, simbolizando os terríveis suplícios mentais das almas que se fazem presas da ilusão, durante a vida física.**

**Entre esses deuses do abismo, ergue-se o velho ulmeiro, em cujos galhos se dependuram os sonhos, aí principiando a senda que desemboca no Aqueronte, enlameado e iodoso, com largos redemoinhos de água fervente. Os egípcios atravessavam a existência, consagrando-se aos estudos da morte, inspirados pelo ideal da justiça e da felicidade, além-túmulo.**

**Mais recentemente, Maomet estabelece novas linhas à vida espiritual, situando o Céu em sete andares e o inferno em sete subdivisões. Os eleitos respiram em deliciosos jardins, com regatos de água cristalina, leite e mel, e os condenados vivem no território do suplício, onde corre ventania cruel, alimentando estranho fogo que tudo consome, e Dante, o vidente florentino, apresenta quadros expressivos do inferno, do Purgatório e do Céu.**

**As realidades da sobrevivência acompanham a alma humana desde o berço. Intuitivamente, sabe o homem que a vida não se encontra circunscrita às estreitas atividades da Terra. O corpo é uma casa temporária a que se recolhe nossa alma em aprendizado. Por isso mesmo, quando atingido pelas farpas da desilusão e do cansaço, o espírito humano recorda instintivamente algo intangível que se lhe afigura ao pensamento angustiado como sendo o paraíso perdido.**

**Desajustado na Terra, pede ao Além a mensagem de reconforto e harmonia. Semelhante momento, porém, é profundamente expressivo no destino de cada alma, porque, se o coração que pede é portador da boa-vontade, a resposta da vida superior não se faz esperar e um novo caminho se desdobra à frente da alma opressa e fatigada que se volta para o Além, cheia de amor, sofrimento e esperança.**

**05 – A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL – TRANSMIGRAÇÃO DE POVOS -  pág. 168**

**É então que inúmeros mensageiros de Jesus, sob a sua orientação, iniciam largo trabalho de associação dos Espíritos, de acordo com as tendências e afinidades, a fim de formarem as nações do futuro, com a sua personalidade coletiva. A cada uma dessas nacionalidades seria cometida determinada missão no concerto dos povos futuros, segundo as determinações sábias do Cristo, erguendo-se as bases de um mundo novo, depois de tantos e tão continuados desastres da fraqueza humana.**

**Constroem-se os alicerces dos grandes países como a Inglaterra, que, em 1258, organiza os Estatutos de Oxford, limitando os poderes de Henrique II, e em 1265 erige a Câmara dos Lordes. A Itália prepara-se para sua missão de latinidade. A Alemanha se organiza. A Península Ibérica é imensa oficina de trabalho e a França ensaia os passos definitivos para a sabedoria e para a beleza.**

**A atuação do mundo espiritual proporciona à história humana a perfeita caracterização da alma coletiva dos povos. Como os indivíduos, as coletividades também voltam ao mundo pelo caminho da reencarnação. É assim que vamos encontrar antigos fenícios na Espanha e em Portugal, entregando-se de novo às suas predileções pelo mar. Na antiga Lutércia, que se transformou na famosa Paris do Ocidente, vamos achar a alma ateniense nas suas elevadas indagações filosóficas e científicas, abrindo caminhos claros ao direito dos homens e dos povos.**

**Andemos mais um pouco e acharemos na Prússia o espírito belicoso de Esparta, cuja educação defeituosa e transviada construiu o espírito detestável do pangermanismo na Alemanha da atualidade. Atravessamos a Mancha e deparar-se-nos-á na Grã Bretanha a edilidade romana, com a sua educação e a sua prudência, retomando de novo as rédeas perdidas do Império Romano, para beneficiar as almas que aguardaram, por tantos séculos, a sua proteção e o seu auxílio.**

**FIM DA IDADE MEDIEVAL: Do plano invisível e em todos os tempos, os Espíritos abnegados a acompanharam a Humanidade em seus dias de martírio e glorificação, lutando sempre pela paz e pelo bem de todas as criaturas.**

**Referindo-nos, de escantilhão, à nobre figura de Joana D’Arc, que cumpriu elevada missão adstrita aos princípios de justiça e de fraternidade na Terra, e às guerras dolorosas que assinalaram o fim da idade medieval, registramos aqui, que, com as conquistas tenebrosas de Gêngis Khan e de Tamerlão e com a queda de Constantinopla, em 1453, que ficou para sempre em poder dos turcos, verificava-se o término da época medieval. Uma nova era despontava para a Humanidade terrestre, com a assistência contínua do Cristo, cujos olhos misericordiosos acompanham a evolução dos homens, lá dos arcanos do Infinito.**

**LEMBRETE:**

**NUNCA NOS ESQUEÇAMOS QUE A "EMIGRAÇÃO" E "IMIGRAÇÃO" DE ESPÍRITOS NO PLANETA TERRA, É CONTÍNUA E DIÁRIA, POIS, SOMOS + OU - 24 BILHÕES DE ESPÍRITOS (encarnados e desencarnados), ACONTECENDO ENTÃO, A SAÍDA DO PLANETA TERRA (DEVIDO A ASCENÇÃO) E ENTRADA NO PLANETA TERRA (DEVIDO A EXPIAÇÃO OU MISSÃO).**

**A PRÓXIMA TRANSMIGRAÇÃO PREVISTA (DE + OU - 16 BILHÕES) SERÁ COM E DEVIDA A ASCENDÊNCIA DO PLANETA TERRA DE MUNDO DE EXPIAÇÃO E PROVAS PARA MUNDO DE REGENERAÇÃO, COINCIDINDO COM O INÍCIO REAL DO III MILÊNIO - A ERA DO ESPÍRITO, QUANDO SERÁ RETIRADO O ELEMENTO "CARÁTER INCITADOR DA VIOLÊNCIA" E SE DARÁ A VINDA DE ESPÍRITOS MAIS ELEVADOS PARA EXEMPLIFICAÇÃO.**

**EDIVALDO FONTANA**

|  |
| --- |
| **UMBRAL** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - A mansão Renoir - pág. 168** | **02 - A vida além do véu - pág. 124** |
| **03 - Ação e Reação - pág. 63/256** | **04 - Bíblia - Lucas 16 v 23; atos 2v 27** |
| **05 - Caminhos da Divulgação Espírita - pág. 49** | **06 - Desenvolvimento mediúnico - pág. 67** |
| **07 - História do Espiritismo - pág. 476** | **08 - Inquisição - época das trevas - pág. 90/112** |
| **09 - Libertação - pág. 92** | **10 - No Mundo Maior - pág. 219** |
| **11 - Nosso Lar - pág. 69/152/242** | **12 - O Livro dos Espíritos - Questões: 537/1017** |
| **13 - Pérolas do além - pág. 230** | **14 - Seareiros de volta - pág. 161** |
| **15 - Universo e vida - pág. 74** | **16 - Veladores da luz - pág. 52** |
| **17 - Voltei - pág. 75** | **18 - A sombra da luz -** |
| **19 - INSTITUTO DE CONFRATERNIZAÇÃO UNIVERSAL -** | **20 - Ação e reação - pág. 127** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**UMBRAL – COMPILAÇÃO**

**ALGUNS AUTORES DENOMINAM ESTA REGIÃO COMO: ABISMO, GEENA, INFERNO, REGIÃO INFERIOR E ZONA PURGATORIAL.**

**03 – AÇÃO E REAÇÃO – FRANCISCO C. XAVIER (ANDRÉ LUIZ ) – pág. 63/256**

**(...) Cães enormes que podíamos divisar cá fora, na faixa de claridade bruxuleante, ganiam de estranho modo, sentindo-nos a presença. De súbito, um companheiro de alto porte e rude aspecto apareceu e saudou-nos da diminuta cancela, que nos separava do limiar, abrindo-nos passagem. Silas no-lo apresentou, alegremente, era Orzil, um dos guardas da Mansão, em serviço nas sombras. A breve instantes, achávamos na intimidade de pouso tépido. Aos ralhos do guardião, dois dos seis grandes cães acomodaram-se junto de nós, deitando-se-nos aos pés. Orzil era de constituição agigantada, figurando-se-nos um urso em forma humana.  
  
No espelho dos olhos límpidos mostrava sinceridade e devotamento. Tive a nítida idéia que éramos defrontados por um penitenciário, a caminho de segura regeneração. Na sala estreita e simples, alinhavam-se alguns bancos e, acima deles, destacava-se um nicho ovalado, em cujo bojo havia uma cruz tosca, alumiada por uma candeia estruturada em forma de concha.  
  
Afastou-se Orzil para sossegar os grande animais menos domesticados, no interior da choupana, e, enquanto isso, o Assistente informou-nos: - É um amigo de cultura ainda escassa que se comprometeu em delitos lamentáveis no mundo. Sofreu muito sob o império de antigos adversários, mas presentemente, após longo estágio na Mansão, vem prestando valioso concurso nesta vasta região em que o desespero se refugia. É ajudado, ajudando. E, servindo com desinteresse e devoção fraternal, não somente se reeduca, como também suavizará o campo da nova existência que o aguarda na esfera carnal, pelas simpatias que vem atraindo em seu favor.  
  
-Vive só? – perguntei, mal sopitando a curiosidade. –Dedica-se a meditações e estudos de natureza pessoal – comentou Silas, paciente -, mas, como acontece a muitos outros auxiliares, tem consigo algumas celas ocupadas por entidades em tratamento, prestes a serem recebidas em nossa instituição. Neste ponto do entendimento, Orzil voltou até nós e os Assistente interpelou-o, com bondade: -Como passamos de serviço? –Muito trabalho, chefe – respondeu ele, humilde. – A tempestade de ontem trouxe imensa devastação. Creio ter havido muito sofrimento nos pântanos.  
  
Percebendo que se referia aos precipícios abismais em que se debatiam milhares de almas infelizes e conturbadas, Hilário perguntou: - E não será possível atingir semelhantes lugares para aliviar a quem padece? Nosso novo amigo esboçou dolorosa carantonha de tristeza e resignação, ajuntando: - Impossível.  
  
Como quem se punha em socorro do companheiro, Silas aduziu: - Os que se agitam nestas furnas jazem, de modo geral, quase sempre extremamente revoltados e, na insânia a que se entregam, fazem-se verdadeiros demônios de insensatez. É necessário se disponham à conformação clara e pacífica para que, ainda mesmo semi-inconscientes, consigam acolher com proveito o auxílio que se lhes estende aos corações. (...)   
(..) Situado entre a Terra e o Céu, dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermiça. (...)**

**07 - História do Espiritismo - Arthur Conan Doyle -pág. 476**

**Capítulo XXV - O Depois-da-Morte Visto pelos Espiritas  
LEVA o Espírita uma grande vantagem sobre os das velhas dispensações. Quando entra em comunicação com inteligências do Outro Lado e que já viveram em corpos terrenos, naturalmente as interroga, curioso, sobre suas atuais condições, bem como sobre os efeitos de suas ações terrenas sobre a sua sorte posterior. As respostas a estas últimas perguntas, de um modo geral, justificam os pontos de vista sustentados em muitas religiões, e mostram que o caminho da virtude também é a estrada para a felicidade final. Entretanto um sistema definido é apresentado à nossa consideração, o qual elucida a vacuidade das velhas cosmogonias.**

**Esse sistema apareceu em vários livros que descrevem a experiência dos que viveram a nova vida. Devemos lembrar que tais livros não são produzidos por escritores profissionais. Deste lado está o chamado escritor "automático", que recebe a inspiração; do outro lado, a inteligência que o transmite. Mas nem foi dotado pela Natureza com a menor capacidade literária, nem jamais fez a experiência de reunir narrativas. Também devemos ter em mente que o que quer que venha é resultado de um processo complicado, que em muitos casos deve ser incómodo para o compositor.**

**Se pudéssemos imaginar um escritor terreno que tivesse de usar uma ligação interurbana em vez da pena, poderíamos estabelecer uma grosseira analogia com as dificuldades do operador. E ainda, a despeito dessas grandes inconveniências, em muitos casos as narrativas são claras, dramáticas, intensamente interessantes. Raramente deixam de o ser, desde que o caminho que descrevem hoje é o que teremos que palmilhar amanhã.  
  
Tem-se dito que essas narrativas variam enormemente e são contraditórias. O autor não achou tal. Num longo período de leitura, no qual examinou muitos volumes de supostas experiências póstumas, e também num grande número de mensagens obtidas particularmente em famílias e sem público, ele ficou chocado com a sua concordância geral. Aqui e ali aparece alguma história contendo erros claros e, ocasionalmente há lapsos no sensacionalismo; mas em geral as descrições são elevadas, razoáveis e concordantes, entre si, mesmo quando diferem nas minúcias.**

**As descrições de nossas próprias vidas naturalmente seriam diferentes nos detalhes e um crítico de Marte que recebesse histórias de um camponês hindu, de um caçador esquimó ou de um professor de Oxford bem poderia recusar-se a crer que tão divergentes experiências se encontrassem no mesmo planeta. Essa dificuldade não existe no Outro Lado; e não há, tanto quanto o saibamos, tão extremos contrastes na mesma esfera de vida — na verdade deve dizer-se que a característica da vida presente é a mistura de tipos diversos e dos graus de experiência, enquanto que a da outra vida é a subdivisão e a separação dos elementos humanos.**

**O céu é diverso do inferno. Neste mundo e atualmente o homem devia fazer — e por vezes o consegue por algum tempo — o céu. Mas há longos períodos que são muito intoleráveis imitações do inferno, enquanto purgatório deve ser o nome dado à condição normal.No Outro Lado as condições devem ser, esquematicamente, divididas em três. Há os que se acham presos à Terra e que trocaram os seus corpos mortais por corpos etéricos, mas que são mantidos na superfície deste mundo, ou próximos dela, pela grosseria de sua natureza ou pela intensidade de seu interesse mundano.**

**Tão áspera deve ser a contextura de sua forma extra-terrena, que devem ser reconhecidos mesmo por aqueles que não possuem o dom especial da clarividência. Nessa infeliz classe errante está a explicação de todos aqueles fantasmas, espectros e aparições, as casas assombradas que têm chamado a atenção da humanidade em todas as épocas. Essa gente, até onde podemos compreender a sua situação, ainda não começou a sua vida espiritual, nem boa, nem má. Somente quando se rompem os fortes laços da Terra é que se inicia uma vida nova.  
  
Os que realmente começaram aquela existência encontram-se naquela faixa da vida que corresponde à sua própria condição espiritual. E' o castigo do cruel, do egoísta, do fanático, do frívolo, que se encontram em companhia de seu semelhante e em mundos de luz que, variando do nevoeiro à escuridão, tipifica o seu próprio desenvolvimento espiritual. Esse ambiente, entretanto, não é permanente.**

**Os que não fizeram um esforço ascensional, entretanto, ficarão aí indefinidamente, enquanto outros que dão ouvidos ao ensino de Espíritos auxiliadores, mesmo de baixos círculos da Terra, cedo aprendem a lutar para subir a zonas mais brilhantes. Em comunicações dadas na própria família do autor, ele aprendeu o que era ter contacto com esses seres das trevas exteriores e teve a satisfação de receber os seus agradecimentos por uma visão mais clara de sua situação, as suas causas e os meios de cura.  
  
Tais Espíritos pareceriam uma ameaça constante à humanidade porque se a aura protetora do indivíduo fosse de certo modo defeituosa, aqueles poderiam tornar-se parasitas, estabelecendo-se nela e influenciando as ações de seu hospedeiro. E' possível que a ciência do futuro possa verificar que muitos casos de inexplicável mania, de insensata violência, de súbita inclinação para hábitos viciosos tenham essa causa, o que oferece um argumento contra a pena capital, de vez que o resultado deve ser dar mais forças para o mal do criminoso.**

**Deve admitir-se que o assunto ainda é obscuro, que é complicado pela existência de pensamentos-forma e de formas de memória, e que, em todo caso, todos os Espíritos presos à Terra não são necessariamente maus. Parece, por exemplo, que os monges devotos de qualquer venerável Glastonbury deveriam estar presos às suas ruínas assombradas pela simples força de sua devoção.  
  
Se o nosso conhecimento das exalas condições dos que estão presos à Terra é defeituoso, maior ainda é o dos Círculos de punição. Há uma história de certo modo sensacional em "Gone West", de Mr. Ward; há outra, mais temperada e crível na "Vida Além do Véu", do Rev. Vale Owen; e há muitas corroborações nas visões de Swedenborg. no "Espiritismo", do Juiz Edmonds e em outros volumes. Nossa falta de informações de primeira mão é devida ao fato de que não somos Hamlets e que não temos contacto direto com os que vivem nessas esferas inferiores.**

**Delas temos notícias indiretamente, através dos mais altos Espíritos que nelas realizam trabalhos missionários, trabalhos que parecem ser realizados com tamanhas dificuldades e perigos quanto os que rodeariam o homem que tentasse evangelizar as mais selvagens raças da Terra. Lemos histórias da descida de Espíritos elevados às mais baixas esferas, de seus combates com as forças do mal, de grandes príncipes do mal que são formidáveis em seus próprios reinos e de toda uma imensa cloaca de almas nas quais os esgotos psíquicos do mundo são derramados incessantemente.**

**Entretanto tudo isto deve ser considerado antes do ponto de vista do remédio do que do castigo. Essas esferas são as salas de espera — hospitais para almas doentes — onde a experiência punitiva é intentada para trazer o sofredor à saúde e à felicidade. Nossa informação é mais completa quando nos voltamos para regiões mais felizes, nas quais parece que a beleza e a felicidade são graduadas conforme o desenvolvimento espiritual dos seus habitantes. A coisa se torna mais clara se substituirmos a bondade e o altruísmo pela expressão "desenvolvimento espiritual", pois nessa direção se encontra todo o crescimento da alma.**

**Por certo que é um assunto muito diverso do intelecto, embora a união das qualidades intelectuais com as espirituais naturalmente produzam efeitos mais perfeitos. As condições de vida no além normal — e seria um reflexo da justiça e da misericórdia da Inteligência Central se o além normal não fosse também o feliz além — são descritos como extraordinariamente felizes. O ar, as vistas, as casas, o ambiente, as ocupações, tudo tem sido descrito com tantos detalhes e geralmente com o comentário de que as palavras não são capazes de lhes pintar a gloriosa realidade.**

**Pode ser que haja algo de parábola e de analogia nessas descrições, mas o autor se inclina a lhes dar inteiro valor e acredita que a "Summer-land", como Davis a chamou, é tão real e objetiva aos seus habitantes quanto o nosso mundo para nós. Fácil é levantar uma objeção: "Por que, então, não a vemos?" Mas devemos imaginar que uma vida etérica se exprime em termos etéricos e que, exatamente como nós, com cinco sentidos materiais, nos afinamos com o mundo material, eles com seus corpos etéricos, se afinam com as vistas e os sons do mundo etérico.**

**Aliás o vocábulo "éter" só é usado por conveniência, para exprimir algo muito mais sutil que a nossa atmosfera. Absolutamente não temos prova de que o éter dos físicos seja também o meio no mundo espiritual. Pode haver outras essências finas, muito mais delicadas que o éter, como é o éter em comparação com o ar. O céu espiritual, pois, pareceria uma sublimada e etérica reprodução da Terra e da vida terrena, em condições melhores e mais elevadas. "Embaixo — como em cima, dizia Paracelso, e fez soar a nota fundamental do universo, quando o proclamou.**

**O corpo leva, consigo, suas qualidades espirituais e intelectuais, imutáveis pela transição de uma sala da grande mansão universal para a vizinha. E' inalterado na forma, salvo que o jovem e o velho tendem para uma expressão normal de completa maturidade. Garantindo que assim é, devemos admitir a racionalidade da dedução de que tudo o mais deve ser do mesmo modo e que as ocupações e o sistema geral de vida deve ser tal que permita oportunidades para os talentos especiais do indivíduo. O artista sem arte e o músico sem música seriam figuras trágicas e o que se aplica a tipos extremos deve estender-se a toda a humanidade.**

**Há, de fato, uma sociedade muito complexa, na qual cada um encontra o trabalho a que mais se adapta e que lhe causa maior satisfação. Por vezes há uma escolha. Assim, em "O Caso de Lester Coltman", escreve o estudante morto: "Algum tempo depois que eu tinha passado, tinha dúvidas sobre qual seria o meu trabalho: se música ou se ciência. Depois de muito pensar determinei que a música deveria ser um passatempo e minha maior atividade deveria dirigir-se para a ciência em todos os aspectos".  
  
Depois de uma tal declaração naturalmente a gente deseja detalhes de como um trabalho científico era feito e em que condições. Lester Coltman é claro em todos os pontos. "O laboratório sob a minha direção é inicialmente ligado ao estudo dos vapores e fluidos que formam a barreira que, penso, por meio de profundo estudo e experiência, somos capazes de atravessar. O resultado dessa pesquisa, pensamos nós, provará o "Abre-te Sésamo" da porta de comunicação entre a Terra e essas esferas." (...)**  
  
**10 - No Mundo Maior - André Luiz - pág. 219**   
  
**17. NO LIMIAR DAS CAVERNAS  
Reunidos agora, Calderaro e eu, à comissão de trabalho socorrista que operaria nas cavernas de sofrimento, fui surpreendido pela expressão da Irmã Cipriana, que chefiava as atividades dessa natureza. Constituía-se a turma de reduzido número de companheiros: sete ao todo. Avistando-me ao lado do Assistente, perguntou Cipriana com singeleza, feitas as saudações usuais: - Pretende o irmão André seguir em nossa companhia?  
  
O abnegado amigo respondeu que o próprio Instrutor Eusébio lembrara a conveniência de minha visita aos abismos purgatoriais; esclareceu que eu me achava interessado em obter informes da vida nas esferas inferiores, para os relatar aos companheiros encarnados, auxiliando-os na preparação necessária à ciência de bem viver. A diretora ouviu, bondosa, e objetou: - Sim, a sugestão de Eusébio é valiosa, em se tratando de observações preliminares no Baixo Umbral. Como responsável, porém, pelos serviços diretos da expedição, não posso admiti-lo, por enquanto, em todas as particularidades.  
  
Fixou em mim o olhar lúcido e meigo, como a lastimar a impossibilidade, e acrescentou:- Nosso estimado André não tem o curso de assistência aos sofredores nas sombras espessas. Afagou-me de leve, com a destra carinhosa, e acrescentou: - Se nos é indispensável obter difíceis realizações preparatórias, a fim de colhermos o benefício das Grandes Luzes, é-nos imprescindível a iniciação, para ministrarmos esse mesmo benefício nas "grandes trevas". Ante o meu indisfarçável desapontamento, a veneranda benfeitora continuou:  
  
- No entanto, convenhamos que o nosso irmão não se encontra, junto de nós, sem problemas substanciais a resolver. Cada situação a que somos conduzidos é portadora de ocultos ensinamentos para nosso bem. Os desígnios superiores jamais nos propõem questões de que não necessitemos, na arena das circunstâncias. Se Eusébio foi levado a sugerir esta oportunidade, é que André Luiz tem nestes sítios urgente serviço a prestar. Considerando, porém, as responsabilidades que me cabem, não posso autorizar que nos siga em todos os passos: contudo, convido o Irmão Calderaro a permanecer, em companhia do prestimoso aprendiz, no limiar das cavernas, sem descerem conosco; mesmo aí, estudioso que é, ele encontrará inesgotável material de observação, sem necessidade de enfrentar situações embaraçosas, para as quais ainda não se aprestou convenientemente...  
  
Em face da solução apresentada, alegria geral voltou a confortar-nos. Agradeci, contente. Calderaro também se manifestou reconhecido. E, no júbilo dos trabalhadores que se regozijam com o ensejo de incessantemente aprender para o bem, seguimos na direção de zona medonhamente sombria. Ah! já divisara tremendos precipícios, onde entidades culposas se interpelavam umas às outras em deploráveis atitudes; vira chover faíscas chamejantes do firmamento sobre os vales da revolta; descobrira inúmeras entidades senhoreadas por estranhas alucinações de câmaras retificadoras; mas ali...  
  
Estaríamos acaso alcançando a "selva escura", a que se referira Alighieri, no poema imortal? Laceravam-me o coração as vozes lamentosas dispersas a se evolarem para o céu de fumo! Não, não eram lamentações apenas; à proporção que nos adiantávamos, descendo, modificava-se a gritaria; ouvíamos também gargalhadas, imprecações. Estacamos em enorme planície pantanosa, onde numerosos grupos de entidades humanas desencarnadas se perdiam de vista, em assombrosa desordem, à maneira de milhares de loucos, separados uns dos outros, ou aos magotes, segundo a espécie de desequilíbrio que lhes era peculiar.  
  
Não me era possível calcular a extensão da várzea imensa, e ainda que houvesse marcos topográficos, para tal apreciação, o nevoeiro era demasiado denso para que se pudessem computar distâncias. Percorremos alguns quilômetros em plano horizontal, e, quando o terreno se inclinou, de novo, abrindo outras perspectivas abismais, Irmã Cipriana e os colegas prazenteiramente se despediram de nós, deixando-nos, ao Assistente e a mim, com o aviso de que voltariam a buscar-nos dentro de seis horas. Abraçando-me, a diretora disse, gentil:  
  
- Desejo-te, meu amigo, feliz êxito nos estudos. Certo, ao voltarmos, receberemos tuas confortadoras impressões. Sorri, encantado, a tão generosa demonstração de apreço. Logo após, Calderaro e eu nos achamos a sós na atra vastidão povoada de habitantes estranhos. As conversações em torno eram inúmeras e complexas. Pareceu-me que aquele "povo desencarnado" não se dava conta da própria situação, pelo que me foi possível ajuizar de início. Enquanto densas turbas de almas torturadas se debatiam em substância viscosa, no solo, onde andávamos, assembléias de Espíritos dementes enxameavam não longe, em intermináveis contendas por interesses mesquinhos.  
  
A paisagem era francamente impressionante pelos , característicos infernais que nos circundavam. Notando a displicência de muitos daqueles irmãos infelizes, não sopitei as lucubrações que me surgiam. Os grupos de infortunados agiam, ali, desconhecendo os padecimentos uns dos outros. Certos grupos volitavam a pequena altura, como bandos de corvos negrejantes, mais escuros que a própria sombra a envolver -nos, ao passo que vastos cardumes de desventurados jaziam chumbados ao solo, quais aves desditosas, de asas partidas... Como explicar tudo isso? Iniciei meu interrogatório, dirigindo-me ao instrutor: - Será que estes míseros precitos nos vêem?  
  
- Alguns sim, mas não nos ligam maior importância: estão muito preocupados consigo mesmos; abrigaram no coração sentimentos rasteiros, e tardarão em se libertarem deles. - Toda esta gente permanece, porém, desamparada, entregue a si mesma? - Não - respondeu Calderaro, paciente -; funcionam, por aqui, inúmeros postos de socorro e variadas escolas, em que muita gente pratica a abnegação. Os padecenteal e as personalidades torturadas são atendidas, de acordo! com as possibilidades de aproveitamento que demonstram. Estampou complacente expressão no rosto e considerou:  
  
- As regiões inferiores jamais estarão sem enfermeiros e sem mestres, porque uma das maiores alegrias dos céus é a de esvaziar os infernos. Vendo bandos de seres a se locomoverem no ar, quase a nos rentear, recordei que em nossa colônia as faculdades de volitação não eram comumente exercidas para não melindrarmos aqueles que as não possuíam desenvolvidas; mas... e ali? Criaturas de baixas condições se moviam nos ares, embora a poucos metros do solo. Calderaro, porém, explicou:  
  
- Não te surpreendas. A volitação depende, fundamentalmente, da força mental armazenada pela inteligência; importa, contudo, considerar que os vôos altíssimos da alma só se fazem possíveis quando à intelectualidade elevada se alia o amor sublime. Há Espíritos perversos com vigorosa capacidade volitiva, apesar de circunscritos a baixas incursões. São donos de imenso poder de raciocínio e manejam certas forças da Natureza, mas sem característicos de sublimação no sentimento, o que lhes impede grandes ascensões. No que se refere, entretanto, às entidades admitidas à nossa colônia espiritual, ainda em grande número incapacitadas de usar tal vantagem, o fenômeno é natural.**

**É mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivermos com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigarmos pessoas sumamente intelectuais sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quase impraticável. Neste capítulo da volitação, portanto, impende observar os ascendentes naturais, levando em conta, com a própria Natureza, que os corvos voam baixo, procurando detritos, enquanto as andorinhas se libram alto, buscando a primavera.  
  
Feito o reparo, perguntei, lembrando-me das injunções terrenas: Mas... e as necessidades de subsistência? O instrutor não se fez rogado e informou:- Nada lhes falta quanto às exigências essenciais de socorro e de manutenção, como ocorre num nosocômio da esfera carnal. O Assistente fez breve pausa e prosseguiu:- Referindo-nos ao manicômio, esclareço agora que minha intenção, ao visitar um hospício em tua companhia, foi justamente o de preparar-te para a excursão que ora efetuamos. Temos aqui, nestas assembléias de incompreensão e dor, infindas fileiras de loucos que voluntariamente se arredaram das realidades da vida. Fixaram a mente nas zonas mais baixas do ser, e, olvidando o sagrado patrimônio da razão, cometeram faltas graves, contraindo pesados débitos.  
  
Já viste, em nossa organização espiritual de vida coletiva, irmãos sofredores convenientemente amparados; alguns ainda sofrem estranhas perturbações alucinatórias, outros são guardados à maneira de múmias perispiríticas em letargia profunda, aguardando-se-lhes o despertar; outros povoam vastas enfermarias para se reerguerem espiritualmente pouco a pouco... Aqui, no entanto, se congregam verdadeiras tribos de criminosos e delinquentes, atraídos uns aos outros, consoante a natureza de faltas que os identificam. Muitos são inteligentes e, intelectualmente falando, esclarecidos, mas, sem réstia de amor que lhes exalce o coração, erram de obstáculo a obstáculo, de pesadelo a pesadelo...**

**O choque da desencarnação para eles, ainda impermeáveis ao auxílio santificante, pela dureza que lhes assinala os sentimentos, parece galvanizá-los na posição mental em que se encontravam no momento do trânsito entre as duas esferas, e, dessa forma, não é fácil de logo arrancá-los do desequilíbrio a que imprevidentes se precipitaram. Retardam-se, às vezes, anos a fio, obstinando-se nos erros a que se habituaram, e, vigorando impulsos inferiores pela incessante permuta de energias uns com os outros, passam, em geral, a viver, não só a perturbação própria, mas também o desequilíbrio dos demais companheiros de infortúnio.  
  
Ante o pandemônio que observávamos, o orientador continuou:- O Érebo da concepção antiga, a crepitar em eternas chamas de vingança divina, é perigosa ilusão; entretanto, os lugares purgatoriais dos desejos e das ações criminosas, aguardando as almas enodoadas pelos desvarios, constituem realidades lógicas, nas zonas espirituais do mundo. Aqui, os avarentos, os homicidas, os cúpidos e os viciados de todos os matizes se agregam em deplorável situação de cegueira íntima. Formam cordões compactos, inclinando-se mais e mais para os despenhadeiros. Cada qual possui romance horrível, de angustiosos lances.**

**Prisioneiros de si mesmos, cerram o entendimento às revelações da vida e restringem os horizontes mentais, movimentando-se em seu próprio interior, em ação exclusiva, nos impulsos primários, a cultivar o pretérito que deveriam expungir. Em melhorando, são assistidos por ativas e abnegadas congregações de socorro que aqui funcionam. Autoridades mais graduadas de nossa esfera, atendendo a imperativos superiores, improvisam tribunais com funções educativas, cujas sentenças, ressumando amor e sabedoria,-culminam sempre em determinações de trabalho regenerador, através da reencarnação na Crosta Terrestre, ou de tarefas laboriosas no seio da Natureza, quando há suficiente compreensão e arrependimento nos interessados que feriram a Lei, ofendendo a si mesmos.(...)**  
**11 – NOSSO LAR – FRANCISCO C. XAVIER – (ANDRÉ LUIZ) - cap. 121, pág. 72**

**(...) O plano está repleto de desencarnados e de formas-pensamentos dos encarnados, porque, em verdade, todo espírito, esteja onde estiver, é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender. Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um imã poderoso. (...)   
  
(...) funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.  
  
O Umbral (...) começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. (...)**

**17 – VOLTEI – FRANCISCO C. XAVIER (IRMÃO JACOB) – cap. 7, pág. 75**

**Registrando o temor que se apossara de mim, o Irmão Andrade, em voz baixa, explicou-me que os planos habitados pela mente encarnada emitiam, de permeio com as criações dos Espíritos inferiores desencarnados, formas perturbadas, quando não horripilantes, de vez que a maioria das criaturas terrestres, na carne ou desenfaixadas do corpo, denunciavam-se, no íntimo, através de comportamento quase irracional. Salientou que a esfera próxima do homem comum, em razão disso, é povoada por verdadeira aluvião de seres estranhos, caprichosos e muitas vezes ferozes.**

**Chegou mesmo a dizer que inúmeros sábios da espiritualidade superior classificam semelhante região de “império dos dragões do mal”. Rememorei a leitura da páginas mediúnicas vindas ao meu conhecimento antes da morte e o companheiro dedicado confirmou-as, declarando que a zona em que viajávamos constituía realmente o umbral vastíssimo, entre a residência dos irmãos encarnados e os círculos vizinhos.**

**18 – À SOMBRA DA LUZ – ALCEU COSTA FILHO (entrevista ao Portal do Espírito ( www.espirito.com.br)**

**A-Várias linhas espirituais falam sobre um lugar de trevas, para onde criaturas que desencarnam em situação de muita dor, ódio, suicídio, etc.. acabam indo. Como e quando surgiu a palavra Umbral no espiritismo?  
  
Amplamente usada por André Luiz através da psicografia de Chico Xavier, hoje faz parte da linguagem espírita para definir zonas de dor e sofrimento. Definida nos dicionários (Aurélio) como: “Limiar da estrada”, este sempre existiu como conseqüência natural da mente humana. Na obra Nosso Lar encontramos, nas palavras de Lísias:”O Umbral começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram atravessar as portas dos deveres sagrados a fim de cumpri-los, demorando no vale da indecisão ou no pântano de erros numerosos”.  
  
B-Via de regra, até quanto tempo uma alma pode passar no Umbral? Em que circunstâncias a alma pode ser resgatada e ir para uma dimensão mais elevada?  
-O tempo que sua consciência determinar. (pode ser alguns minutos como séculos).  
-A partir de seu despertar para as verdades eternas. Um espelho sujo não pode refletir a luz.  
  
C-O Umbral também possui vários planos de existência?  
-No Livro dos Espíritos, as questões 101 a 106 e seguintes, tratam bem do assunto, explicando-nos as diferentes categorias de espíritos. Portanto, os agrupamentos são determinados pelas afinidades vibratórias formando núcleos pela concentração de tendências e desejos gerais. Compreendemos que cada criatura vive daquilo que cultiva em qualquer dos planos de vida.  
  
D-No livro Memórias de um Suicida nós temos um relato no mínimo tétrico dessa região e dos espíritos que ali habitam. Alguns videntes dizem que quem ali se encontra, muitas vezes não consegue enxergar espíritos consoladores, de tão densos que são os seus corpos etéricos. O senhor poderia nos falar um pouco sobre isso?  
  
Allan Kardec, no Livro dos Espíritos, capítulo Ensino Teórico das Sensações dos Espíritos, questão 257, cita: “Não possuindo órgãos sensitivos, eles podem, livremente, tornar ativas ou nulas suas percepções”. Uma só coisa são obrigados a ouvir: os conselhos dos Espíritos bons. A vista, essa é sempre ativa; mas eles podem fazer-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, porém não dos que lhes são superiores.  
  
E-Muitos dizem que o Umbral é o pensamento global dos sofredores plasmado no éter próximo à crosta terrestre. Isso é verdade?  
Manoel Philomeno de Miranda, através da mediunidade de Divaldo, em Nas Fronteiras da Loucura, assim o descreve: “Composta de elementos que me escapavam, eram e são, no entanto, vitalizadas pelas sucessivas ondas mentais dos habitantes do planeta, que de alguma forma sofrem-lhe a condensação perniciosa”.  
  
F-Existem espíritos além de qualquer possibilidade de resgate? É possível um espírito, de tão maligno, ter sua centelha divina extinta para sempre ou então reencarnar no corpo de um animal?  
  
-Seria negar a justiça divina. Todos nós, por momentos ou séculos, atravessamos estas regiões. Todos fomos criados com o objetivo de evolução, e sermos condenados a penas eternas ou retroagirmos por castigo, é negar os princípios de amor e perdão pregados pelo Cristo. Na questão 194 do Livro dos Espíritos encontramos: “A alma não pode regredir, afirmar ao contrário seria negar a Lei do Progresso.”.  
  
G-Como se dá a reencarnação de espíritos que não conseguem sair do Umbral?  
-A questão 330 do Livro dos Espíritos nos responde: “A reencarnação é então uma necessidade, assim como a morte é uma necessidade da vida corporal”. Ainda no Livro dos Espíritos, questão 1006, encontramos o ensinamento de São Luís de que “ninguém é totalmente mau”. E em João, cap. 1 a 12: “Em verdade vos digo, ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo”.**

**Cedo ou tarde todos despertamos para a luz. Deus oferece a todos oportunidades iguais, facultando a cada um o que melhor lhe aprouver, enquanto assim o deseja, dentro do céus ou do inferno que construiu para si. Somos escravos de nossas culpas, mas também construtores de nosso amanhã. Existe uma hierarquia entre os habitantes desse plano, dentro das conquistas de cada um, de conformidade com os ideais que alimentam.**

**19 - INSTITUTO DE CONFRATERNIZAÇÃO UNIVERSAL - MARTHA GALEGO THOMAZ - EDIÇÕES FEESP**

**UMBRAL  
O que é Umbral? Onde fica?  
É urna pergunta bastante formulada, e muitos desejam conhecer o significado.  
Umbral, conforme o dicionário Aurélio: "Soleira da porta, limiar, entrada." Trata-se, portanto, de uma outra região; no espaço essa região é contaminada pelas vibrações viciadas de um grupo de criaturas que reúne, segundo os seus sentimentos, ansiedades e ambições.  
  
Se visitarmos alguns lugares, na Terra, como certas dependências de uma penitenciária ou algumas reuniões com alcoólatras e criaturas inferiores, ou, ainda, enfermarias de um manicômio, vamos encontrar um clima espiritualmente irrespirável, pois a emanação de pensamentos e sentimentos indignos forma à volta dessas criaturas as vibrações que lhes são próprias.  
  
Assim como existem essas percepções negativas no Plano encarnadas essas visível, vamos encontrar, também, entre os de mesmas condições, de sentimentos, formando verdadeiros aglomerados de seres viciados, ignorantes, e, à medida que esse número cresce, o ambiente vai se contaminando cada vez mais. Felizmente, como os vícios e os erros são diferentes, esses grupos estão separados; para manter essa separação, a fim de que não se desencadeiem males maiores sobre a Humanidade encarnada, os trabalhadores do Bem procuram manter, além das Casas Transitórias, verdadeiros postos de socorro, para que sejam atendidos todos aqueles que, através de uma lembrança de amizade ou da recordação de uma prece, tornam-se vulneráveis ao atendimento socorrista.  
  
No primeiro plano, essas aglomerações são em grande número, exigindo sempre uma vigilância maior dos trabalhadores do Bem, para proteger os que, por meio do desdobramento do sono, vão ao encontro das pessoas queridas, ou, então, proteger os companheiros que, de esferas adjacentes, são chamados à Terra, para orientar os que buscam ajuda.  
  
Temos tido a oportunidade de entrar em contato com um grupo desses socorristas que são chamados de "Escafandristas do Além", isto porque se revestem de uma vestimenta que mais parece um escafandro, para mergulhar nas regiões de atmosfera densa, em busca de alguém que, no meio de um mar de vibrações enegrecidas pelo ódio, volta-se para o Mestre Jesus, pedindo socorro.  
  
Alguns socorridos, ainda impossibilitados de respirar em regiões mais altas, são levados às Casas Espíritas, para que, entrando em contato com médiuns e orientadores de boa vontade, possam ser encaminhados às Escolas de reajuste mental, situadas logo acima da Casa escolhida, pois toda Casa Espírita, antes de ser inaugurada na Terra, tem o seu duplo entre as primeiras camadas da Crosta, para tornar esse atendimento possível.  
  
À medida que conhecermos maiores alturas, vamos notando que esses agrupamentos inferiores vão rareando, porque recebem maiores socorros das Colónias Espirituais.  
  
Até a terceira camada, onde estão situadas Colônias como o "Nosso Lar", no Rio de Janeiro, o "Porto da Paz", em Recife, e o INSTITUTO DE CONFRATERNIZAÇÃO, em São Paulo, ainda encontramos criaturas errantes, buscando abrigo.  
  
Segundo as descrições de André Luiz, "Nosso Lar", além dos muros, possui cercas que permitem aos vigilantes selecionar pedintes, porém, aqui em São Paulo, as nossas Casas possuem barreiras vibratórias invisíveis aos olhos dos errantes, as quais impedem a penetração daquele que vier imbuído de pensamentos negativos.  
  
Para atravessar essa barreira é preciso que a criatura tenha desenvolvido a lealdade e a humildade, que tornam possível a absorção dos ensinamentos cristãos.  
  
Contam-nos os Instrutores da Vida Maior que, do quarto plano em diante, não existem mais desacertos, egoísmo ou ambição, isto porque os Anjos Guardiães mantêm à sua volta um clima esplendoroso, em que o amor é companheiro dueto de todos os corações. À medida que nos aperfeiçoarmos, nos iremos aproximando deles, adquirindo, assim, condições de socorrermos, também, os que sofrem, e diminuindo, assim, os umbrais da vida.**

**20 - EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS – FRANCISCO C. XAVIER (ANDRÉ LUIZ), p. 1, cap. 16, pág. 127**

**ZONA PURGATORIAL -**  
**(...) Segundo critério idêntico, se a habilidade de um homem para manobrar determinado idioma pode cessar numa das subdivisões do núcleo da fala, no córtex, persistindo a habilidade para lidar com idiomas outros, assim também o núcleo da visão profunda, no centro coronário, pode sofrer disfunção específica pela qual um Espírito desencarnado contemplará tão-somente, por tempo equivalente à conturbação em que se encontre, os quadros terríficos que lhe digam respeito às culpas contraídas, sem capacidade para observar paisagens de outra espécie; escutará exclusivamente vozes acusadoras que lhe testemunhem os compromissos inconfessáveis, sem possibilidade de ouvir quaisquer outros valores sônicos.**

**Tanto quanto poderá recordar apenas acontecimentos que se lhe refiram aos padecimentos morais, com absoluto olvido de fatos outros, até mesmo daqueles que se relacionem com a sua personalidade, motivo pelo qual se fazem tão raros os processos de perfeita identificação individual, na generalidade das comunicações mediúnicas, com entidades dementadas ou sofredoras, comumente estacionárias no monoideísmo que as isola em tipos exclusivos de recordação ou emoção, de vez que, nessas condições, o pensamento contínuo que lhes flui da mente, em circuito viciado sobre si mesmo, age coagulando ou materializando pesadelos fantásticos, em conexão com as lembranças que albergam.  
  
E esses pesadelos não são realmente meras criações abstratas, porquanto, em fluxo constante, as imagens repetidas, formadas pelas partículas vivas de matéria mental, se articulam em quadros que obedecem também à vitalidade mais ou menos longa do pensamento, justapondo-se às criaturas desencarnadas que lhes dão a forma e que, congregando criações do mesmo teor, de outros Espíritos afins, estabelecem, por associações espontâneas, os painéis apavorantes em que a consciência culpada expia, por tempo justo, as consequências dos crimes a que se empenhou, prejudicando a harmonia das Leis Divinas e conturbando, concomitantemente, a si mesma.  
  
ZONAS PURGATORIAIS — Obliterados os núcleos energéticos da alma, capazes de conduzi-la às sensações de euforia e elevação, entendimento e beleza, precipita-se a mente, pelo excesso da taxa de remorso nos fulcros da memória, na dor do arrependimento a que se encarcera por automatismo, conforme os princípios de responsabilidade a se lhe delinearem no ser, plasmando com os seus próprios pensamentos as telas temporárias, mas por vezes de longuíssima duração, em que contempla, incessantemente, por reflexão mecânica, o fruto amargo de suas próprias obras, até que esgote os resíduos das culpas esposadas ou receba caridosa intervenção dos agentes do amor divino, que, habitualmente, lhe oferecem o preparo adequado para a reencarnacão necessária, pela qual retornará ao aprendizado prático das lições em que faliu.  
  
É dessa forma que os suicidas, com agravantes à frente do Plano Espiritual, como também os delinquentes de variada categoria, padecem por largo tempo a influência constante das aflitivas criações mentais deles mesmos, a elas aprisionados, pela fixação monoidéica de certos núcleos do corpo espiritual, em detrimento de outros que se mantêm malbaratados e oclusos.  
  
E porque o pensamento é força criativa e aglutinante na criatura consciente em plena Criação, as imagens plasmadas pelo mal, à custa da energia inestancável que lhe constitui atributo inalienável e imanente, servem para a formação das paisagens regenerativas em que a alma alucinada pelos próprios remorsos é detida em sua marcha, ilhando-se nas consequências dos próprios delitos, em lugares que, retendo a associação de centenas e milhares de transviados, se transformam em verdadeiros continentes de angústia, filtros de aflição e de dor, em que a loucura ou a crueldade, juguladas pelo sofrimento que geram para si mesmas, se rendem lentamente ao raciocínio equilibrado, para a readmissão indispensável ao trabalho remissor. Pedro Leopoldo, 23-3-58.**  
  
**LEMBRETE:**

**1° - (...) imenso território da névoa que desempenha as funções de alfândega da Espiritualidade (...) Waldo Vieira**

**2° - (...) situado entre a Terra e o Céu, é dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermiça (...) André Luiz**

**3° - O Umbral (...) começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos (...) Néio Lúcio**

**4° - (...) funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena. André Luiz**

**5° - (...) O plano está repleto de desencarnados e de formas-pensamentos dos encarnados, em verdade, todo espírito, esteja onde estiver é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender. Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um imã poderoso. (..) André Luiz**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **USURA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Ação e reação - pág. 116** | **02 - Calma - pág. 58** |
| **03 - Do país da luz - vol. iv pág. 102** | **04 - O Espírito da Verdade - pág. 187, 196** |
| **05 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. XIII,14** | **06 - Obreiros da vida eterna - pág. 237** |
| **07 - Pérolas do além - pág. 230** | **08 - Pontos e contos - pág. 169** |
| **09 - Seareiros de volta - pág. 25** | **10 - Voltas que a vida dá - pág. 3** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**USURA** **– COMPILAÇÃO**

**01- Ação e reação - André Luiz - pág. 116**

**A história de Silas  
Na noite imediata, acompanhando o Assistente, eu e Hilário achamo-nos de novo na residência de Luís. Os irmãos de Antônio Olimpio receberam-nos de bom grado. Em larga copa da fazenda, reunia-se a família a dois agregados, em repasto ligeiro. Marcava o relógio vinte e uma horas. A fisionomia do dono da casa era quase a mesma da véspera, não obstante a diferença que a máscara física lhe impunha.  
  
Enquanto Adélia acariciava as crianças, entontecidas de sono, o marido comentava o noticiário radiofônico, destacando tópicos alarmantes que assinalara nos setores da economia. E, falando para os amigos assombrados, salientou as dificuldades públicas, relacionou misérias imaginárias, criticou os políticos e os administradores e referiu-se às pragas do café e da mandioca, detendo-se, particularmente, sobre as epizootias. Por fim, não satisfeito em enunciar as calamidades da Terra, falou, inconsequente, quanto à suposta ira do Céu, afirmando crer que o fim do mundo estava próximo e clamando contra o egoísmo dos ricos, que agravava o infortúnio dos pobres.  
  
Silenciosos todos, ouvíamos-lhe a palavra, quando Leonel, mais confiado, dirigiu-se ao Assistente, observando :— Estão vendo? Este homem — e apontou Luís, cujo verbo dominava a pequenina assembléia familiar — é o derrotismo em pessoa. Enxerga tudo em termos de cinza e lama, ajuíza com firmeza sobre os desastres sociais e conhece as zonas mais tristes da indigência coletiva; entretanto, não sabe desfazer-se de um só centavo dos milhões que retém, a favor dos que sofrem nudez e fome...E, depois de um sorriso irônico:  
  
— Acreditam, acaso, possa ele continuar merecendo a felicidade da permanência num corpo carnal? Silas contemplou as personagens da cena doméstica, mostrando imensa piedade no semblante amigo, e considerou :— Leonel, todas as suas observações apresentam lógica e verdade, à primeira vista. Superficialmente, Luís é um exemplar consumado de pessimismo e de usura. Todavia, no fundo, ele é um doente necessitado de compaixão. Há moléstias da atoa que arruinam a mente por tempo indeterminado.**

**Quem seria ele, amparado por influências outras? Espiritualmente abafado entre as visões da fortuna terrestre com que lhe assediamos o pensamento, o infeliz perdeu o contacto com os livros nobres e com as nobres companhias. Tem a socorrê-lo apenas a religião domingueira dos crentes que se julgam exonerados de qualquer obrigação para com a fé, contanto que participem do ofício de adoração a Deus, no fim de cada semana. Quem poderia prever-lhe as mudanças benéficas, desde que pudesse receber outro tipo de assistência?  
  
Clarindo e Leonel registrararam-lhe as ponderações como se se vissem apunhalados no âmago, tal a expressão de revolta que lhes assomou ao olhar coruscante. — No entanto, ele e o pai são nossos devedores... Roubaram-nos, assassinaram-nos...exclamou Leonel com a inflexão da criança voluntariosa e inteligente se vê contrariada em seus caprichos.— E que desejam vocês que eles façam? - acrescentou o Assistente, sem se perturbar.— Hão de pagar!... Pagar! bramiu Clarindo, cerrando os punhos. Silas sorriu e obtemperou:  
  
— Sim, pagar é o verbo próprio...Contudo, como pode o devedor resgatar-se, quando o credor lhe subtrai todas as possibilidades de solver os débitos? Que a nós mesmos cabe sanar os males de que somos autores, não padece qualquer dúvida... Entretanto, se nos compete retificar hoje uma estrada que ontem desorganizamos, como proceder se nos decepam agora as mãos? O próprio Cristo aconselhou: — «Ajudai aos vossos inimigos..»**

**Muitas vezes, penso que semelhante afirmativa, corretamente interpretada, quer assim dizer: ajudai aos vossos inimigos para que possam pagar as dívidas em que se emaranharam, restaurando o equilíbrio da vida, no qual tanto eles quanto vós sereis beneficiados pela paz. Via-se que o Assistente, com a simpatia conquistada na véspera e com a argumentação límpida, lograra inequívoca superioridade moral sobre o ânimo dos obsessores de sentimento enrijecido. Ainda assim, Leonel perguntou a medo:— Que considerações são essas? será você algum padre disfarçado? intentará, porventura, a nossa modificação ?  
  
— Engana-se, meu amigo — informou o Assistente—; se algo procuro, em nossa comunhão fraterna, é a minha própria renovação.E talvez porque longa pausa se fez sentir em nosso grupo, Silas continuou:— Pela sedução do dinheiro, também caí na última passagem pela Terra. A paixão da posse governava-me todos os ideais... A fascinação pelo ouro tomou-me o ser de tal modo que, apesar de ter recebido o título de médico numa universidade venerável, fugi ao exercício da profissão para vigiar os movimentos de meu velho pai, a fim de que nem ele mesmo viesse a dispor, com largueza, dos bens de nossa casa.**

**O apego às nossas propriedades e aos nossos haveres transformou-me num réprobo do paraíso familiar, convertendo-me, ainda, num verdugo intratável, naturalmente odiado por todos os que viviam em subalternidade no vasto círculo de minha temporária dominação... Para amontoar moedas e multiplicar lucros fáceis, comecei pela crueldade e acabei nas malhas do crime... Abominei a amizade, desprezei os fracos e os pobres e, no temor de perder a fortuna cuja posse total ambicionava, não hesitei adotar a delinquência como sócia infernal de meu terrível caminho...  
  
Ante as palavras do Assistente, enorme surpresa me tomara de improviso. Estaria Silas reportando-se à verdade crua ou se utilizava naquela hora de recursos extremos, incriminando indevidamente a si próprio, para regenerar os carrascos que nos ouviam? De qualquer modo, eu e Hilário havíamos prometido não lhe comprometer a tarefa e, por isso, tacitamente, nos limitávamos a escutá-lo com atenção. Sentindo, decerto, que Leonel e Clarindo se mostravam um tanto comovidos, dando ensejo à assimilação de pensamentos novos, Silas convidou-nos a todos à retirada do ambiente.  
  
Pretendia dizer-nos algo de sua experiência — falou ele —, mas preferia conversar conosco alte o altar abençoado da noite, a fim de que a sua memória pudesse evocar tranquilamente os fatos que buscaria relatar. Lá fora, as constelações resplendiam, como lares pendentes da Criação, e o vento perfumado corria, célere, como quem se propunha transportar-nos a oração ou a palavra para a Glória do Céu. Incapaz de penetrar o verdadeiro sentido da inesperada atitude que o Assistente vinha de assumir, notei-o efetivamente emocionado, qual se fixaste os olhos da alma em painéis distantes.  
  
Clarindo e Leonel, naturalmente dominados pela simpatia a se lhe irradiar do semblante, observavam-no, submissos. E Silas começou em voz pausada: — Tanto quanto posso abranger com a minha memória presente, lembro-me de que, em minha última viagem pelos domínios da carne, desde a meninice, me entreguei à paixão pelo dinheiro, o que hoje me confere a certeza de que, por muitas e muitas vezes, fui usurário terrível entre os homens da Terra. Hoje sei, por informações de instrutores abnegados, que a principio de outras ocasiões, renasci na derradeira existência, Num lar bafejado por grande fortuna, a fim de sofreria tentação do ouro farto e vencê-la, a golpes de vontade firme, na lavoura incessante do amor fraterno, caindo, porém, lamentavelmente, por minha infelicidade.   
  
Era eu o filho único de um homem probo que herdara dos avoengos consideráveis bens. Meu pai era um advogado correto que, por excesso de conforto, não se dedicava aos misteres da profissão, mas, profundamente estudioso, vivia rodeado de livros raros, entre obrigações sociais, que, de alguma sorte, lhe subtraíam a personalidade às logitações da fé. Minha mãe, porém, era católica romana, de pensamento fervoroso e digno, e, embora sem crescer conosco a qualquer disputa na esfera devocional tentava incutir-nos o dever da beneficência.**

**Recordo-me, com tardio arrependimento, dos reiterados convites que nos dirigia, bondosa, para que lhe palmilhássemos as tarefas de caridade, convites esses que meu pai e eu recusávamos, sem discrepância, encastelados em nossa irreverência enfatuada e risonha. (...)**

**03 - Do país da luz - Fernando de Lacerda - vol. iv pág. 102**

**XVIII - ANTÔNIO VIEIRA  
Vou hoje tratar da riqueza. Mal vai ao meu propósito assunto em que tanto contrarie o homem: mas de sempre foi meu dever estar em contradição com o homem que em contradição queira estar com a verdade. Vários são os inimigos que em si próprio o homem cria e mantém na Terra. Há o inimigo carne, que, sendo filho da sua própria carne, o homem perde pela sem razão das suas exigências, pelo desarrazoado de seus apetites, pelo exagero dos seus gozos, pelos prazeres da sua malícia, pelos regalos da sua luxúria, pelas fraquezas da sua continência, pelas fragilidades dos seus raciocínios, pelas teimosias dos seus quereres, pelas manifestações da sua animalidade.**

**Esse inimigo cria o homem em si, em si acalenta e faz medrar e porque o cria e sustenta, por ele tem a dor, porque é a dor alimento de que ele se nutre e fruto que ele produz. E' tanto mais temível inimigo, quanto mais disfarçado se apresenta ao incauto que em si próprio o alimenta; porque no seu disfarce se lhe apresenta como gozo no amor, necessidade na satisfação, virtude no exemplo e pureza na hipocrisia. A carne o faz sofrer, se tem dor, e na mesma dor o faz blasfemar. Tem o homem outro inimigo na vaidade. E' a vaidade um fumo vão que o embriaga, fazendo-o crer que por si reuniram as fadas para o fadarem com perfeições que a mais nada vaidade cega-lhe o entendimento, desvaira-lhe o juízo, mascara-lhe a verdade, corrompe-lhe o afeto, destrói-lhe a bondade. E' a vaidade que lhe sugestiona a perdição.  
  
Aninha-se a vaidade no coração humano fazendo daí corte onde vive com a sua interminável corte de áias e pajens. Essas áias e esse pajens em serviço da vaidade se chamam cegueira, fatuidade, egoísmo, perversidade, descaroabilidade, ambição, exagero, altiveza, petulância, orgulho, injustiça, inveja. De todos se utiliza a vaidade domina, é cego, quando não vê a verdade nem os que lha pregam; é fátuo, quando se supõe modelo de perfeições só para ele forjadas na forja do Criador; egoísta, quando crê que tudo a ele é devido pela superioridade inata na sua pessoa inconfundível; perverso em negar aos outros as qualidades que a sua cegueira lhe não deixa enxergar; descaroável no seu tratamento àqueles em quem desdenha méritos e virtudes que não quer reconhecer.**

**Ambicioso, quando, para alimentar a vaidade que serve, tudo acha mesquinho e parco, tudo vê desluzido e pobre e tudo quer e almeja como insofrida incontinência; ridículo, quando, desconhecendo o barro frágil em que o seu pedestal assenta, repta os outros a quem ligeiro sopro basta para o derrubar; exagerado, quando se pretende impor, manifestando virtudes que não possui, poder que não tem; altivo, quando se pavoneia perante os seus iguais, empertigado em prosápias que imagina possuir, despedindo do olhar raios de Jove com que anseia fulminar aqueles míseros mortais de diversa argila a que a sua semi-divindade foi moldada; petulante, quando a si arroga direitos de menosprezar as qualidades e méritos alheios que a sua ignorância lhe não deixa apreciar e que a sua inconsciência lhe faz malbaratar em arremedos de inópia desdenhosa;  
  
Orgulhoso, quando, na crença do seu exagerado valor, pretende impôr-se como coisa em que Deus pôs o diadema de todas as perfeições, o condão de todas as virtudes, a força de todos os poderes, o uso de todos os direitos, a súmula de toda a superioridade terrena; injusto, quando nega aos outros o que em si só crê existir; quando malsina, ofende, desdenha, amesquinha e despreza qualidades, virtudes, saberes, luzes, ações, bondades e direitos que todos os outros seus irmãos possuem e em regular uso humano revelam no bem comum e na equidade da justiça; invejoso, quando vê, reconhece ou aprecia coisa de que outrem tenha propriedade e que em si não possa fazer recair em privança daquele que legitimamente a mantém; blasfemo, quando na sua vaidade nega a fonte de todo o seu poder, a origem de toda a sua vida, a existência da sua própria individualidade, só para sentir em si prazer de negar coisa que lhe seja superior, onde a sua ambição não chega, que o seu orgulho não atinge, que o seu poder não domina, que a sua ignorância não aprecia, que a sua pequenez não concebe, que a sua insciência não admite.  
  
Esses dois inimigos do homem, um está na carne, outro está no espírito; e, como anel que os dois prende e confunde, um terceiro inimigo a si próprio inventou, que, não estando nele, é mais poderoso, mais insofrido e mais para temer de que aqueles que em si alimenta: — é o inimigo que daqueles é serventuário e senhor, que àqueles dá manutenção e força: — a riqueza. Só a riqueza dá à carne o conforto, o prazer, a nediez, a sensualidade, a tentação; só a riqueza dá à vaidade alimento para manter-se, trono para ser adulada, roupagem para se entrajar, aprumo para se impor. Sem a riqueza, nem as carnes são regaladas, nem a vaidade é turibulada.  
  
Dá a riqueza ao homem as armas que ele não possui; empresta talento que Deus lhe não deu, qualidades que a Virtude lhe negou, benemerências que a Bondade lhe não ofereceu, belezas que a Perfeição lhe não doou; encobre-lhe defeitos que a Imperfeição lhe assinalou, mascara-lhe vícios que o Desregramento lhe deu; dissimula fraquezas que a Baixeza lhe imprimiu. A riqueza fá-lo aspirar a deleites que a moral condena, cometer atos que a justiça reprova, desejar coisas que a razão repele.  
  
A riqueza dá-lhe pasto a todos os vícios, vício em todas as virtudes. Desconhece a riqueza a Humildade, despreza a Piedade e humilha a Caridade. E, sendo a riqueza assim ninho de todas as perversidades, gérmen de toda a perdição, origem de todos os males, pode na riqueza haver salvação ? Disse o Mestre que ninguém pode servir a dois senhores, e que se não pode servir a Deus e à riqueza. Igualou assim, na sua ação sobre o homem, Deus e Riqueza. Os dois pôs em antagonismo. Não pode servir o homem a Deus e à Riqueza? E porquê? Porque em Deus está a salvação e a Perdição na Riqueza; e não se pode amar a salvação servindo a perdição.  
  
E não haverá salvação na Riqueza? Disse o Mestre que mais fácil é fazer passar um calabre pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino dos Céus. Mas, se é assim, pode um rico entrar nos Céus. E qual será o caminho que o rico aos Céus pode conduzir? E' a própria riqueza. Nela tem a perdição e nela tem a salvação. Pode a riqueza inspirar ao mal, como inspirar ao bem. Já conhecemos nós como é ela o instrumento da Perdição, vamos ver agora como pode ser o instrumento da Salvação.  
  
E' a riqueza como Jano: em ter duas caras. Jano podia olhar para o passado e para o futuro; a riqueza pode olhar para o mal e para o bem. Era Jano o deus da paz, o regente da abundância; pode a riqueza ser a deusa da felicidade, a regente da caridade. E' a riqueza como certa ordem de remédios que produzem o mal e produzem o bem. Aplicados em conta, são veículo da saúde; aplicados em demasia, conduzem ao sofrimento e à morte. Parece à razão simples que, se remédio é para curar, devia curar sempre; e, se em pequena dose leva o bem, mor bem devia levar em mor porção. Pois a razão simples que assim vir ilude-se e não é razão, porque à própria razão se deve afigurar que tudo no mundo tem quantidade própria e uso apropriado.  
  
Assim a riqueza, a que se não dê o uso para que a riqueza é, constitui um mal que faz sofrer e mata. Faz sofrer o que a possui, porque lhe é cuidado constante, faz sofrer os que lhe estão próximo porque é grão sofrimento viver junto ao avaro e ao que da usura faz gozo e do ouro coração. Que de sofrimentos a riqueza faz, em vez de dores que podia desfazer! Eu disse matar? E muito bem o disse. Começa a riqueza por matar, no coração do homem, a abnegação, o altruísmo, a piedade e vai até transformar-se em pólvoras e em pelouros que matem os homens nas hecatombes guerreiras.**

**E' como remédio em demasia que isso faz. E' quando a ambição a olha com olhos de esfomeado e com pensares de egoísta, que faz do coração um cofre com escrituração mercantil, onde escritura os proventos, os lucros de cada operação; onde há o memorando que regista os momentos próprios da intervenção gananciosa e as fontes de que há-de correr o metal luzente para aferrolhar e para aumentar o pecúlio. E' o remédio tomado em alta dose, que embriaga o doente, fazendo-o sonhar gozos e cometer crimes, rapacidades e maldades para conseguir esses gozos sonhados, que nunca chegam, porque são sonhos, e são sonhos, porque nunca se realizam.  
  
Tome-se agora o medicamento em dose apropriada e esse medicamento dará saúde ao corpo, gozo ao espírito, porque constitui gozo e saúde a quem dele souber usar em continência e a ele quiser dar apropriada aplicação. Ao corpo dará o que a própria manutenção haja mister para viver ; ao espírito proporcionará os deleites com que o espírito se recreie. Fará que o espírito aprecie os gozos da arte, os gozos da natureza e os gozos da bondade. A arte é o gênio humano, porque é a manifestação sublimada do engenho humano, a natureza é o gênio divino, porque é a manifestação sublimada do gênio de Deus; e a bondade é o gênio divino e humano , porque reúne em si a magnanimidade e a piedade de Deus e a perfeição do espírito do homem, que o faz aproximar de Deus e assemelhar-se-lhe.**

**Pois; a estas três coisas superiores a riqueza, bem aplicada, pode fazer conhecer, amar, e servir. Sem ela se podem conhecer e amar também, mas não servir; e servi-las é aumentá-las, é dar-lhes da riqueza riqueza, que a arte faça mais bela, a natureza faça mais majestosa, a bondade mais divina.  
  
Para que a riqueza salve, é mister que, como água boa ela seja, que pela irrigação leve à terra a humidade que a fertilize, à planta a seiva que a avivente, ao animal o refrigério que lhe extinga a sede. E' preciso que ela mova o aluvião do mineiro, o arado do lavrador, a pena do escritor. Sem ela, o mineiro estará parado, a pena parada e, parado tudo, só uma coisa trabalha: a fome, a fome que faz a crime, que faz a dor. Assim, a riqueza pode, com o extinguir a fome, extinguir o mal e, então, é remédio que cura.  
  
E' a riqueza quem burila a pedra tosca e bruta, fazendo que dela saiam como da mágica varinha de uma fada, as maravilhas arrendadas das fábricas sagradas, que parecem trabalhadas pelos anjos para serviço do Senhor; quem afaga a mesma pedra, fazendo dela brote a estátua que ao homem se assemelha, e o homem se assemelha ao Criador; quem faz que, com ínfimos pelos e pobres tintas, se imite a natureza, por modo de maravilha, que às vezes faz com que se não saibabem que é mais maravilha, se a natureza imitada, se a natureza que imita. (...)  
  
04 - O Espírito da Verdade - Espíritos Diversos - pág. 187, 196**

**HISTÓRIA DE UM PÃO - Cap. XIII — Item 15  
Quando Barsabás, o tirano, demandou o reino da morte, buscou debalde reintegrar-se no grande palácio que lhe servira de residência.  
A viúva, alegando infinita mágoa, desfizera-se da moradia, vendendo-lhe os adornos. Viu ele, então, baixelas e candelabros, telas e jarrões, tapetes e perfumes, jóias e relíquias, sob o martelo do leiloeiro, enquanto os filhos querelavam no tribunal, disputando a melhor parte da herança.  
  
Ninguém lhe lembrava o nome, desde que não fosse para reclamar o ouro e a prata que doara a mordomos distintos. E porque na memória de semelhantes amigos ele não passava, agora, de sombra, tentou o interesse afetivo de companheiros outros da infância...  
Todavia, entre estes encontrou simplesmente a recordação dos próprios atos de malquerença e de usura.  
  
Barsabás entregou-se às lágrimas, de tal modo, que a sombra lhe embargou, por fim, a visão, arrojando-o nas trevas... Vagueou por muito tempo no nevoeiro, entre vozes acusadoras, até que um dia aprendeu a pedir na oração, e, como se a rogativa lhe servisse de bússola, embora caminhasse às escuras, eis que, de súbito, se lhe extingue a cegueira e ele vê, diante de seus passos, um santuário sublime, faiscante de luzes.  
  
Milhões de estrelas e pétalas fulgurantes povoavam-no em todas as direções. de Louvor, nas faixas inferiores do firmamento. Não obstante deslumbrado, chorou, impulsivo, ante o ministro espiritual que velava no pórtico. Após ouvi-lo, generoso, o funcionário angélico falou, sereno: — Barsabás, cada fragmento luminoso que contemplas é uma prece de gratidão que subiu da Terra... — Ai de mim — soluçou o desventurado — eu jamais fiz o bem...  
  
— Em verdade — prosseguiu o informante — trazes contigo, em grandes sinais, o pranto e o sangue dos doentes e das viúvas, dos velhinhos e órfãos indefesos que despojaste, nos teus dias de invigilância e de crueldade; entretanto, tens aqui, em teu crédito, uma oração de louvor. .. E apontou-lhe acanhada estrela que brilhava à feição de pequeno disco solar. — Há trinta e dois anos — disse, ainda, o instrutor  
  
— Deste um pão a uma criança e essa criança te agradeceu, em prece ao Senhor da Vida. Chorando de alegria e consultando velhas lembranças, Barsabás perguntou: — Jonakim, o enjeitado? — Sim, ele mesmo — confirmou o missionário divino. — Segue a claridade do pão que deste, um dia, por amor, e livrar-te-ás, em definitivo, do sofrimento nas trevas. E Barsabás acompanhou o tênue raio do tênue fulgor que se desprendia daquela gota estelar, mas, ao invés de elevar-se às Alturas, encontrou-se numa carpintaria humilde da própria Terra.  
  
Um homem calejado aí refletia, manobrando a enxó em pesado lenho... Era Jonakim, aos quarenta de idade. Como se estivessem os dois identificados no doce fio de luz, Barsabás abraçou-se a ele, qual viajante abatido, de volta ao calor do lar. Decorrido um ano, JonaKim, o carpinteiro, ostentava, sorridente, nos braços, mais um filhinho, cujos louros cabelos emolduravam belos olhos azuis. Com a bênção de um pão dado a um menino triste, por espírito de amor puro, conquistara Barsabás, nas Leis Eternas, o prêmio de renascer para redimir-se.**

**Irmão X**

**05 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - cap. XIII,14**

**Cáritas - Lyon, 1861 - 14. Há muitas maneiras de fazer a caridade, que tantos de vós confundem com a esmola. Não obstante, há grande diferença entre elas. A esmola, meus amigos, algumas vezes é útil, porqu alivia os pobres. Mas é quase sempre humilhante, tanto para o que dá, quanto para o que a dá quanto para o que a recebe. A caridade, pelo contrário, liga o benfeitor e o beneficiário, e além disso se disfarça de tantas maneiras!   
  
A caridade pode ser praticada mesmo entre colegas e amigos sendo indulgentes uns para com os outros, perdoando-se mutuamente suas fraquezas, cuidando de não ferir o amor-próprio de ninguém. Para vós, espíritas, na vossa maneira de agir em relação aos não pensam convosco, induzindo os menos esclarecidos a crer, sem os chocar, sem afrontar as suas convicções, mas levando-os amigavelmente às reuniões, onde eles poderão ouvir-nos, e onde saberemos encontrar a brecha que nos permitirá penetrar nos seus corações. Eis uma das formas da caridade.  
  
Escutai agora o que é a caridade para com os pobres, esses deserdados do mundo, mas recompensados por Deus, quando sabe aceitar as suas misérias sem murmurações, o que depende de vós. Vou-me fazer compreender por um exemplo. Vejo, muitas vezes, na semana, uma reunião de damas de todas as idades. Para nós, como sabeis, são todas irmãs. Trabalham rápidas, bem rápidas. Os dedos são ágeis.**

**Vede também como os rostos estão radiantes e como os seus corações batem em uníssono! qual o seu objetivo? É que elas vêem aproximar-se o inverno, será rude para as famílias pobres. As formigas não puderam acumular durante o verão os grãos necessários à provisão, e a maior parte de seus utensílios está empenhada. As pobres mães se inquietam e choram, pensando nos filhinhos que, neste inverno, sofrerão frio e fome! Mas tende paciência, pobres mulheres! Deus inspirou outras, mais afortunadas que vós.**

**Elas se reuniram e confeccionam roupinhas. Depois, num destes dias, quando a neve tiver coberta a terra, e murmurardes, dizendo: "Deus não é justo!", pois é a expressão comum dos vossos períodos de sofrimento, então ver aparecer um dos enviados dessas boas trabalhadoras, que se constituíram em operárias dos pobres. Sim, era para vós que elas trabalhavam assim, e vossos murmúrios se transformarão em bênção porque, no coração dos infelizes, o amor segue de bem perto ódio.**

**Como todas essas trabalhadoras necessitam de encorajamento vejo as comunicações dos Bons Espíritos lhes chegarem de todas as partes. Os homens que participam desta sociedade oferecem também o seu concurso, fazendo uma dessas leituras que tanto agradam. E nós, para recompensar o zelo de todos e de cada um em particular prometemos a essas obreiras laboriosas uma boa clientela, as pagará em moeda sonante de bênçãos, a única moeda que circula no céu, assegurando-lhes ainda, sem medo de nos arriscarmos, que essa moeda não lhes faltará.  
  
UM ESPIRITO PROTETOR Lyon, 1861  
15. Meus caros amigos, cada dia ouço dizerem entre vós: Sou pobre, não posso fazer a caridade." E cada dia, vejo que faltais com a indulgência para com os vossos semelhantes. Não lhes perdoais coisa alguma, e vos arvorais em juizes demasiado severos, vos perguntar se gostaríeis que fizessem o mesmo a vosso respeito. A indulgência não é também caridade?**

**Vós, que não podeis fazer mais do que a caridade-indulgência, fazei pelo menos essa, fazei-a com grandeza. Pelo que respeita à caridade material, quero contar-vos uma história do outro mundo.  
  
Dois homens acabavam de morrer. Deus havia dito: "Enquanto esses dois homens viverem, serão postas as suas boas ações num saco para cada um, e quando morrerem, serão pesados esses sacos." Quando ambos chegaram à sua última hora, Deus mandou que lhe ssem os dois sacos. Um estava cheio, volumoso, estufado, e retinia o metal dentro dele. O outro era tão pequeno e fino, que se viam através do pano as poucas moedas que continha.**

**Cada um homens reconheceu o que lhe pertencia: "Eis o meu — disse o primeiro — eu,o conheço; fui rico e distribuí bastante!" O outro :: "Eis o meu. Fui sempre pobre, ah! não tinha quase nada para distribuir." Mas, ó surpresa: postos na balança, o maior tôrnou-se leve, e o pequeno se fez pesado, tanto que elevou muito o outro prato da balança.**

**Então, Deus disse ao rico: "Deste muito, é verdade, mas o fizeste por ostentação, e para ver o teu nome figurando em todos os templos do orgulho. Além disso, ao dar, não se privaste de nada. Passa à esquerda e fica satisfeito, por te ser contada a esmola como alguma coisa." Depois, disse ao pobre:**

**"Deste pouco, meu amigo, mas cada uma das moedas que está na balança representou uma privação para ti. Se não distribuiste a esmola, fizeste a caridade, e o melhor é que fizeste naturalmente, sem te preocupares de que a levassem a tua conta. Foste indulgente; não julgaste o teu semelhante; pelo contrário, encontraste desculpa para todas as suas ações. Passa à direita, e vai receber a sua recompensa.**

**07 - Pérolas do além - Emmanuel - pág. 230**

**Usurário: O usurário não padece apenas a infelicidade de sequestrar os bens devidos ao Bem de Todos, mas igualmente o infortúnio de erguer para si mesmo a cova adornada em que se lhe estiolarão as mais nobres faculdades do espírito.**

**08 - Pontos e contos - Irmão X - pág. 169**

**32 - A LIÇÃO DE ARITOGOGO  
Examinávamos a paisagem das ambições humanas, quando um amigo considerou:— Que o homem atenda aos conselhos da prudência, armazenando em bom tempo, como a formiga, para os dias de necessidade e inverno forte, é compreensível e razoável. A vigilância não exclui a previdência, quando é possível amealhar com o bem; mas, explorar o quadro das misérias alheias, embebedar-se na preocupação de ganhar, escravizar-se ao dinheiro, é criar um inferno de padecimentos intraduzíveis.  
  
— Quantos precipícios cavados pelo egoísmo conquistador?! — disse outro — é lastimável observar as angústias semeadas nos caminhos humanos. As guerras não constituem senão o desdobramento das ambições desmedidas. E dizer-se que toda essa marcha de loucuras demanda as zonas da morte! quão incompreensível a nossa cegueira, nos círculos carnais! quantos pesadelos desnecessários e quanta ilusão para se desfazer na sepultura!...  
  
Um dos companheiros presentes sorriu e acrescentou:— Nesse capítulo, recebi inolvidável lição, há mais de trezentos anos, por intermédio de um chefe indígena em nosso país. — Como assim? — perguntei, sumamente in­teressado.— Em princípios do século XVII — esclareceu o interlocutor —, participava dos serviços de uma embarcação francesa, em transporte de pau-brasil. Periodicamente, dávamos à costa, onde fizéramos agradável camaradagem com os silvícolas, e, naquela época, envergando a qualidade de português do Alentejo, não tive dificuldades para aprender alguns rudimentos da língua aborígene, ao contato dos nossos.**

**Em razão disso, o chefe da tribo litorânea, que respondia pelo nome de Aritogogo, dedicava-me especial atenção. Na sexta viagem denosso barco, o velho bronzeado chamou-me em particular, ministrando-me uma das mais belas lições de filosofia que já recebi em toda a minha vida. Observando-nos a afoiteza em carregar o navio com a madeira preciosa, perguntou-me ele, na linguagem que lhe era familiar:  
  
— Escute, meu amigo, não há lenha em sua terra? É preciso enfrentar o abismo das águas para alimentar o fogo no lar distante?— Não, Aritogogo — respondi, esboçando um sorriso de pretensa superioridade —, a madeira não se destina a fogão. O pau-brasil fornece tinta para a indústria da Europa.— Mas, para que tanta tinta? — tornou ele, assombrado.— Para tingir a roupa dos brancos — expliquei.  
  
— Ah! ah! vêm buscar a lenha para repartir com o povo — exclamou o cacique —, assim como nós buscamos remédio para os que adoecem e comida para os que têm fome!...— Não, não — esclareci —; somos empregados de um industrial. Toda a carga pertence a um só homem. Trata-se de poderoso negociante de tintas, em França.  
  
Aritogogo arregalou os olhos, espantado, e indagou:— Que deseja esse homem com tantos paus e tanta tinta?— Fazer fortuna - respondi -, alcançar muito dinheiro, ter muitas casas e muitos servidores... O Chefe índio sacudiu a cabeça e tornou a perguntar: -Mas esse homem nunca morrerá? Ri-me francamente da interrogação ingênua e observei:— Morrerá, por certo.  
  
— Então? — disse o índio — se ele vai morrer, como nós todos, deve ser tolo em procurar tanto peso para o coração. Tentei corrigir-lhe a concepção, obtemperando:— Esse homem, Aritogogo, está preparando o futuro da família. Naturalmente pretende legar aos filhos uma grande herança, cercá-los de fortuna sólida... Foi aí que o cacique mostrou um gesto singular de desânimo, e falou em tom grave:  
  
— Ah! meu branco, meu branco, vocês estão procurando enganar a Deus. As tribos pacíficas, quando começam a cogitar desse assunto, esbarram nas guerras em que se destroem umas às outras. O único ser, que pode legar uma herança legítima aos nossos filhos, é o dono invisível da Terra e do Céu. O sol, a chuva, o ar, o chão, as pedras, as árvores, os rios são a propriedade de Deus que, por ela, nos ensina as suas leis. Retirar os nossos filhos do trabalho natural é pretender enganar o Eterno. Como podem os brancos pensar nisso?  
  
— Nesse momento, porém — continuou o amigo espiritual —, o comandante chamou-me ao posto e despedi-me de Aritogogo, para não mais tornar a vê-lo naquela recuada existência. O companheiro espraiou o olhar pelo céu azul, como a procurar a imagem distante do cacique filósofo e concluiu:  
  
-Desde então, modifiquei minha idéia de ganho, compreendendo onde estão o supérfluo e o necessário, a previdência e o desperdício, a sobriedade e a avareza, a reserva justa e a ambição criminosa. A lição deAritogogo incorporou-se ao meu espírito para sempre. Com ela aprendi que dominar o dinheiro e aproveitá-lo a bem de todos, socorrendo necessidades e distribuindo bom ânimo, é obra do homem espiritualizado.**

**Mas, deixar-se dominar pelo ouro, na preocupação de ganho transitório, não reparando meios para atingir os fins, açambarcando direitos de outrem e valendo-se de todas as situações para rechear os cofres e multiplicar os lucros, tão-somente para manter a superioridade convencional, em prejuízo da consciência, é obra do homem vulgar, escravizado aos gênios perversos da tirania  
  
  
09 - Seareiros de volta - Espíritos Diversos - pág. 25**

**AS BARREIRAS DA MORTE- ABEL GOMES  
Nossa igualdade perante a vida aparece com a nossa igualdade de criação espiritual. Maturidade e esforço próprio são os únicos fatores que fazem diferença. Ante a Lei Divina estamos constrangidos a determinadas obrigações para com a conquista de direitos, evidentemente comuns a todos.  
  
Na Humanidade, somos grande família e tão-somente alguns homens é que estabelecem fronteiras por agentes de separação e discórdia. As verdadeiras e mais sufocantes fronteiras de um povo são os seus filhos incompreensivos. Deus não traçou raias na Crosta Terrestre.  
  
Nas demarcações entre dois países, as areias das praias nunca se discriminam. As vagas do mar são móveis e idênticas onde quer que se formem. O solo prossegue por vales e montes, sem nenhuma descontinuidade. Os rios fazem contrabandos inocentes com recursos da terra e da sementeira de ambas as margens das regiões que interligam.**

**As raízes dos vegetais, sob as pedras de um muro, não mostram alterações. As árvores dão frutos sem saber que espécie de criatura os devora. Comunicam-se os pássaros sem qualquer noção de limite. Os peixes não marcam as águas em que nasceram. Os ventos, de pólo a pólo do Globo, compõem as mesmas árias.**

**De modo análogo, as ondas hertzianas transformam-se em sons no rádio, desconhecendo balizas. As ondas luminosas alinham imagens na televisão, transcendendo divisórias geográficas. Ainda hoje, anotamos a ansiedade com que o homem demanda quebrar as segregações linguísticas, difundindo o Esperanto por língua internacional.  
  
A cada instante somos defrontados por múltiplas iniciativas de troca, entre valores culturais e artísticos, de nação a nação. Justo perceber que dia virá em que todos os marcos separatistas desaparecerão; contudo, até lá, cumpre-nos derruir as fronteiras morais existentes entre nós, preparando caminho para o congraçamento integral da Humanidade futura.  
  
À vista disso, reconheçamos a oportunidade de se desfazerem as barreiras da morte que igualmente, existirem só no cérebro humano.  
Esfumemos os sonhos ilusórios, acerca do mundo espiritual, para que a grande transição não venha a condensá-los em pesadelos de dor.  
  
Quando o homem desencarna não regride desastrosamente e tampouco avança, de chofre, nas trilhas da evolução; continua a ser o que era, o que viveu, o que fez. Permanecerá, como Espírito, onde já vivia como encarnado: em plano inferior, se articulava o mal; ou em esfera superior, se edificava o bem. Portanto, desde agora, trabalhai servindo, para que vos transformeis amanhã em cidadãos livres da Pátria Espiritual.**

**10 - Voltas que a vida dá - Espíritos Diversos - pág. 3**

**VOLTAS QUE A VIDA DÁ  
Meu amigo Ricardo Teixeira de Melo, homem prudente e habilidoso, conseguiu à custa de enorme economia juntar fortuna regular.  
Esforçara-se durante muito tempo no trabalho árduo e a riqueza, coroando-lhe os esforços, o ajudara a estabelecer-se com rendosa indústria manufatureira.  
  
Entretanto, apesar de estar financeiramente bem, Ricardo não modificou sua maneira de ser. Habituara-se à poupança e ao controle excessivo dos mil réis sem dar-se conta de que já podia usufruir de maior conforto e menos preocupação com a manutenção de sua família.  
  
E assim, ele vigiava o horário dos empregados, na fábrica, calculando o custo dos minutos perdidos nos atrasos comuns durante o serviço. Em casa, não permitia o menor deslise no orçamento magro, jamais propiciando aos familiares o conforto e as vezes as coisas mais necessárias. Quando a esposa, aborrecida, aludia à sua vantajosa situação financeira, ele dizia:  
  
— Você que pensa! Eu é que sei dos compromissos e responsabilidades! Não. Não posso gastar de maneira alguma. E a mulher tristemente remendava ao máximo as roupas da família e fazia tremenda ginástica para não sair do magro orçamento doméstico. Desta forma, os bens de Ricardo duplicavam sempre, sem que ele mudasse o padrão de vida a que desde jovem se habituara.**

**Ao contrário, com o correr dos anos, foi ficando pior. Não tirava férias para melhor poder vigiar o negócio, era sempre o primeiro a chegar e o último a sair. Não tinha por isso tempo para dedicar-se ao aconchego familiar. -Mal parava em casa. Desenvolvia enorme atividade no sentido de exercer o controle de tudo e assim a neurastenia tornou-se inevitável, e com ela o desequilíbrio orgânico. Mas, era inútil a insistência da família. Ricardo não descansava.  
  
Certa madrugada, foi chamado às pressas. Irrompera violento incêndio em sua fábrica. Ninguém descobriu a causa do sinistro, entretanto, toda a indústria foi destruída. Sobrou, diante dos olhos esbugalhados e febris de Ricardo um amontoado de ruínas fumegantes. Nada pôde ser salvo, nem uma peça. E, como por medida econômica Ricardo não fizera o devido seguro contra incêndio, ficou positivamente na miséria.  
  
Em virtude do choque emocional, foi acometido de séria enfermidade, guardando leito por algum tempo. Quando melhorou, ficou com o braço direito imobilizado e inútil. Incapaz de recomeçar a vida por questões psíquicas, além do defeito físico, Ricardo, sem recursos outros para viver, ficou na dependência dos filhos que viviam de modesto salário. Todavia, habituados ao pensamento de que o pai gastava pouco e porque ele nunca lhes dera dinheiro para as menores coisas, obrigando-os ao trabalho se precisassem de algo, não se sentiam na obrigação de serem pródigos para com ele.  
  
Mas, ainda assim, enquanto os dois rapazes eram solteiros e residiam com os pais, as coisas se arranjaram regularmente, mas depois que se casaram e saíram de casa formando o seu próprio lar, a situação tornou-se calamitosa. Ricardo e a esposa, recebiam pequena mesada que mal dava para a modesta refeição e com seu precário estado de saúde Ricardo precisava de medicamentos cada vez mais caros. Seu corpo envelhecido requisitava maior necessidade de agasalho.  
  
E, se alguma vez engolindo a revolta interior ele se dirigia aos filhos solicitando aumento da magra pensão, ouvia invariavelmente: — Por agora é só o que posso dar. Tenho família a sustentar. O senhor não sabe minhas responsabilidades e os meus compromissos! Quando lhe morreu a companheira, nenhum dos dois abriu-lhe as portas do lar. Alegando necessidade de tratamento especializado e para melhor atendimento médico, internaram-no em um asilo de velhos.  
  
Foi amargurado e triste que Ricardo retornou ao plano espiritual, depois de algum tempo de perturbação. Trazia um amontoado de queixas contra os familiares o que muito prejudicou seu pronto equilíbrio. Foi por isso visitado por amoroso instrutor, desejoso de ajudá-lo. Diante do carinho e da atenção que foi objeto, Ricardo não conteve as lágrimas e com voz triste tornou:— Ai! meu amigo. Como é bom encontrar almas generosas no caminho! Infelizmente eu não tive essa sorte. Deus me deu por família criaturas sem coração que jamais se compadeceram da minha dor.  
  
O mentor amigo, colocando, calmo, a mão sobre o braço do enfermo perguntou:— Mas... que fizeste para sanar o mal?— O que podia fazer? Velho, cansado, só e doente?— A essa altura pouco, realmente. Entretanto, tiveste inúmeras oportunidades, como pai, de construir o amor e a generosidade no coração dos teus filhos. A criança é uma plantinha tenra que cresce em torno da estaca que lhe serve de apoio, se esta for firme e justa, ela crescerá perfeita, na devida posição.**

**Porém, se for mal colocada, frouxa e indiferente, a planta proliferará irregularmente, será fraca e mirrada. Tiveste durante o início da vida ocasião de ensinares os teus a serem generosos e bons e perdeste a oportunidade, valorizando apenas a posse efêmera do dinheiro que infelizmente não te ofereceu felicidade nem segurança; não encontravas tempo para tecer os laços duradouros da estima e da compreensão.  
  
Chamado à responsabilidade, Ricardo baixou a cabeça confuso. O Mentor prosseguiu:— Aceita as consequências dos teus atos com serenidade e paciência. Se nada plantaste naqueles corações, se nada deste, como querias de lá tirar ou ter direito a alguma coisa? Valoriza a experiência e nunca é demais recordarmos os ensinamentos do Cristo quando nos advertiu: "Não vos afadigueis pela posse do ouro, que a traça corrói e a ferrugem consome, mas ajunteis tesouros no céu e sereis felizes".  
  
E, colocando a mão fraternalmente sobre seus ombros curvados terminou perguntando:— E queres maior riqueza e maior tesouro do que o amor de pai envolvendo e penetrando um coração de filho?  
Marcos Vinícius**

**LEMBRETE:**

USURA

**1° - Juro de capital;**

**2° - Contrato de empréstimo com a cláusula em que o devedor se obriga ao pagamento de juros;**

**3° - Juro excessivo, exorbitante, onzena;**

**4° - Lucro exagerado;**

**5° - Ambição, mesquinhez, mesquinharia, avareza;**

**6° - Desgate que sofrem os materiais por efeito do uso ou de atrito.  
Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **VAIDADE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Caminho, verdade e vida - pág. 217** | **02 - Cartilha da natureza - pág. 151** |
| **03 - Depoimentos vivos - pág. 60** | **04 - Diálogo com as sombras - pág. 191** |
| **05 - Do país da luz - vol, IV, pág. 99** | **06 - Florações evangélicas - pág. 38** |
| **07 - Minha doce Casa Espírita - pág. 25** | **08 - Na Seara do Mestre - pág. 101** |
| **09 - Novas mensagens - pág. 39** | **10 - O exilado - pág. 153, 205** |
| **11 - O ser e a serenidade - pág. 118** | **12 - Os mensageiros - pág. 18,232** |
| **13 - Parnaso além túmulo - pág. 246** | **14 - Pérolas do além - pág. 231** |
| **15 - Segue-me - pág. 123** | **16 - Senzala - pág. 231** |
| **17 - Vinha de luz - pág. 41** | **18 - Vozes do grande além - pág. 232** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**VAIDADE** **– COMPILAÇÃO**

**01- Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 217**

**101 - TUDO EM DEUS  
"Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma." — Jesus. (JOÃO, 5:30)  
  
Constitui ótimo exercício contra a vaidade pessoal a meditação nos fatores transcendentes que regem os mínimos fenômenos da vida.  
O homem nada pode sem Deus.  
  
Todos temos visto personalidades que surgem dominadoras no palco terrestre, afirmando-se poderosas sem o amparo do Altíssimo; entretanto, a única realização que conseguem efetivamente é a dilatação ilusória pelo sopro do mundo, esvaziando-se aos primeiros contactos com as verdades divinas.**

**Quando aparecem, temíveis, esses gigantes de vento espalham ruínas materiais e aflições de espírito; todavia, o mesmo mundo que lhes confere pedestal projeta-os no abismo do desprezo comum; a mesma multidão que os assopra incumbe-se de repô-los no lugar que lhes compete.  
  
Os discípulos sinceros não ignoram que todas as suas possibilidades procedem do Pai amigo e sábio, que as oportunidades de edificação na Terra, com a excelência das paisagens, recursos de cada dia e bênçãos dos seres amados, vieram de Deus que os convida, pelo espírito de serviço, a ministérios mais santos.**

**Agirão, desse modo, amando sempre, aproveitando para o bem e esclarecendo para a verdade, retificando caminhos e acendendo novas luzes, porque seus corações reconhecem que nada poderão fazer de si próprios e honrarão o Pai, entrando em santa cooperação nas suas obras.**

**05 - Do país da luz - Fernando Lacerda - vol, IV, pág. 99**

**XVIII - ANTÔNIO VIEIRA.  
Vou hoje tratar da riqueza. Mal vai ao meu propósito assunto em que tanto contrarie o homem: mas de sempre foi meu dever estar em contradição com o homem que em contradição queira estar com a verdade. Vários são os inimigos que em si próprio o homem cria e mantém na Terra.**

**Há o inimigo carne, que, sendo filho da sua própria carne, o homem perde pela sem razão das suas exigências, pelo desarrazoado de seus apetites, pelo exagero dos seus gozos, pelos prazeres da sua malícia, pelos regalos da sua luxúria, pelas fraquezas da sua continência, pelas fragilidades dos seus raciocínios, pelas teimosias dos seus quereres, pelas manifestações da sua animalidade. Esse inimigo cria o homem em si, em si acalenta e faz medrar e porque o cria e sustenta, por ele tem a dor, porque é a dor alimento de que ele se nutre e fruto que ele produz.**

**E' tanto mais temível inimigo, quanto mais disfarçado se apresenta ao incauto que em si próprio o alimenta; porque no seu disfarce se lhe apresenta como gozo no amor, necessidade na satisfação, virtude no exemplo e pureza na hipocrisia. A carne o faz sofrer, se tem dor, e na mesma dor o faz blasfemar.  
  
Tem o homem outro inimigo na vaidade. E' a vaidade um fumo vão que o embriaga, fazendo-o crer que por si reuniram as fadas para o fadarem com perfeições que a mais nada foram dadas. A vaidade cega-lhe o entendimento, desvaira-lhe o juízo, mascara-lhe a verdade, corrompe-lhe o afeto, destrói-lhe a bondade. E' a vaidade um demônio que lhe sugestiona a perdição.  
  
Aninha-se a vaidade no coração humano, fazendo daí corte onde vive com a sua interminável corte de aias e pajens. Essas aias e esses pajens em serviço da vaidade se chamam cegueira, fatuidade, egoísmo, perversidade, descaroabilidade, ambição, exagero, altiveza, petulância, orgulho, injustiça, inveja. De todos se utiliza a vaidade no momento próprio, de todos é ela escrava simulando ser senhora.**

**O homem, a quem a vaidade domina, é cego, quando não vê a verdade nem os que lha pregam; é fátuo, quando se supõe modelo de perfeições só para ele forjadas na forja do Criador; egoísta, quando crê que tudo a ele é devido pela superioridade inata na sua pessoa inconfundível; perverso em negar aos outros as qualidades que a sua cegueira lhe não deixa enxergar.**

**Descaroável no seu tratamento àqueles em quem desdenha méritos e virtudes que não quer reconhecer; ambicioso, quando, para alimentar a vaidade que serve, tudo acha mesquinho e parco, tudo vê desluzido e pobre e tudo quer e almeja com insofrida incontinência; ridículo, quando, desconhecendo o barro frágil em que o seu pedestal assenta, repta os outros a quem ligeiro sopro basta para o derrubar; exagerado, quando se pretende impor, manifestando virtudes que não possui, poder que não tem.**

**Altivo, quando se pavoneia perante os seus iguais, empertigado em prosápias que imagina possuir, despedindo do olhar raios de Jove com que anseia fulminar aqueles míseros mortais de diversa argila a que a sua semi-divindade foi moldada; petulante, quando a si arroga direitos de menosprezar as qualidades e méritos alheios que a sua ignorância lhe não deixa apreciar e que a sua inconsciência lhe faz malbaratar em arremedos de inópia desdenhosa; orgulhoso, quando, na crença do seu exagerado valor, pretende impôr-se como coisa em que Deus pôs o diadema de todas as perfeições.**

**O condão de todas as virtudes, a força de todos os poderes, o uso de todos os direitos, a súmula de toda a superioridade terrena; injusto, quando nega aos outros o que em si só crê existir; quando malsina, ofende, desdenha, amesquinha e despreza qualidades, virtudes, saberes, luzes, ações, bondades e direitos que todos os outros seus irmãos possuem e em regular uso humano revelam no bem comum e na equidade da justiça; invejoso, quando vê, reconhece ou aprecia coisa de que outrem tenha propriedade e que em si não possa fazer recair em privança daquele que legitimamente a mantém.**

**Blasfemo, quando na sua vaidade nega a fonte de todo o seu poder, a origem de toda a sua vida, a existência da sua própria individualidade, só para sentir em si prazer de negar coisa que lhe seja superior, onde a sua ambição não chega, que o seu orgulho não atinge, que o seu poder não domina, que a sua ignorância não aprecia, que a sua pequenez não concebe, que a sua insciência não admite.  
  
Esses dois inimigos do homem, um está na carne, outro está no espírito; e, como anel que os dois prende e confunde, um terceiro inimigo a si próprio inventou, que, não estando nele, é mais poderoso, mais insofrido e mais para temer de que aqueles que em si alimenta: — é o inimigo que daqueles é serventuário e senhor, que àqueles dá manutenção e força: — a riqueza.  
  
Só a riqueza dá à carne o conforto, o prazer, a nediez, a sensualidade, a tentação; só a riqueza dá à vaidade alimento para manter-se, trono para ser adulada, roupagem para se entrajar, aprumo para se impor. Sem a riqueza, nem as carnes são regaladas, nem a vaidade é turibulada. Dá a riqueza ao homem as armas que ele não possui; empresta talento que Deus lhe não deu, qualidades que a Virtude lhe negou, benemerências que a Bondade lhe não ofereceu, belezas que a Perfeição lhe não doou; encobre-lhe defeitos que a Imperfeição lhe assinalou, mascara-lhe vícios que o Desregramento lhe deu; dissimula fraquezas que a Baixeza lhe imprimiu.  
  
A riqueza fá-lo aspirar a deleites que a moral condena, cometer atos que a justiça reprova, desejar coisas que a razão repele. A riqueza dá-lhe pasto a todos os vícios, vício em todas as virtudes. Desconhece a riqueza a Humildade, despreza a Piedade e humilha a Caridade. E, sendo a riqueza assim ninho de todas as perversidades, gérmen de toda a perdição, origem de todos os males, pode na riqueza haver salvação?  
  
Disse o Mestre que ninguém pode servir a dois senhores, e que se não pode servir a Deus e à riqueza. Igualou assim, na sua ação sobre o homem, Deus e Riqueza. Os dois pôs em antagonismo. Não pode servir o homem a Deus e à Riqueza? E porquê? Porque em Deus está a salvação e a Perdição na Riqueza; e não se pode amar a salvação servindo a perdição.  
  
E não haverá salvação na Riqueza? Disse o Mestre que mais fácil é fazer passar um calabre pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino dos Céus. Mas, se é assim, pode um rico entrar nos Céus. E qual será o caminho que o rico aos Céus pode conduzir? E' a própria riqueza. Nela tem a perdição e nela tem a salvação. Pode a riqueza inspirar ao mal, como inspirar ao bem. Já conhecemos nós como é ela o instrumento da Perdição, vamos ver agora como pode ser o instrumento da Salvação.  
  
E' a riqueza como Jano: em ter duas caras. Jano podia olhar para o passado e para o futuro; a riqueza pode olhar para o mal e para o bem. Era Jano o deus da paz, o regente da abundância; pode a riqueza ser a deusa da felicidade, a regente da caridade. E' a riqueza como certa ordem de remédios que produzem o mal e produzem o bem. Aplicados em conta, são veículos da saúde; aplicados em demasia, conduzem ao sofrimento e à morte. (...)**

**08 - Na Seara do Mestre - Vinícius - pág. 101**

**Vaidade  
Vantías vanitatum, et omnia vanitas, ECLESIASTES  
Este mundo, como planeta de categoria inferior, é um grande palco de vaidades onde se entrechocam as vítimas daquele mal. Dizemos — vítimas — porque realmente o são todos os que se deixam enredar nas malhas urdidas pelas múltiplas modalidades em que o orgulho se desdobra.  
  
A vaidade sempre produz resultado oposto àquele a que suas vítimas aspiram, confirmando destarte a sábia assertiva do Mestre: Os que se exaltam serão humilhados. Se meditássemos na razão por que Jesus, no Sermão do Monte, primeiro contacto que teve com o povo, iniciou aquela prédica dizendo — bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus —, ficaríamos sabendo que a soberba, sob seus vários aspectos, constitui a pedra de tropeço que embarga nossos passos na conquista dos bens imperecíveis consubstanciados no reino de Deus.  
  
Geralmente se costuma glosar em todos os tons a vaidade da mulher. E que diremos da do homem? A vaidade da mulher está na periferia, é inócua, quase inocente. Seus efeitos recaem sobre ela própria, não afeta terceiros; demais, o tempo mesmo se incumbe de corrigi-la, mostrando-lhe a ingenuidade de sua presunção.**

**E a do chamado sexo forte? Realmente, ao menos nesse particular a denominação assenta-lhe perfeitamente. A vaidade do homem é profunda, radica-se nos refolhos recônditos do seu coração. E' cruel, é feroz e sinistra em seus malefícios, cujos efeitos, por vezes, separam amigos, destroem povos e arruinam nações. A vaidade do homem tem feito correr rios de sangue e torrentes de lágrimas, estendendo o negro véu da orfandade sobre milhares de seres que mal haviam iniciado a existência.  
  
Para comprovarmos o asserto, temos o testemunho da história do passado e a do presente. Que fizeram os tiranos ditadores de ontem e de hoje? Que fator, senão a vaidade, preponderou no ânimo dos Napoleões, dos Júlios Césares, dos Hitlers e dos Mussolinis, levando-os a desencadearem conflagrações, cada um na sua época, tripudiando sobre a vida humana, direito, a liberdade e a justiça? Diante, pois, dos flagelos e das hecatombes deflagradas pela vaidade masculina, que representam o "baton", o "rouge", o esmalte, as "permanentes"? Coisas infantis, íngenuidades!  
  
Cumpre ainda assinalarmos aqui que os edificantes exemplos de humildade registados nos Evangelhos não tiveram nos homens os seus protagonistas, mas nas mulheres. Haja vista a atitude de Maria de Nazaré, já quando recebeu a investidura de Mãe do Cristo de Deus, já no que respeita à compostura em que se manteve, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos que se relacionavam com seu Filho, da manjedoura à cruz.**

**A figura quase apagada em que Maria se conservou é o pedestal de glória em que refulge seu adamantino Espírito, justificando assim a justeza e a propriedade da sentença do Senhor: Os que se humilham serão exaltados.  
  
Dizem que as guerras também contribuem para a obra da evolução. E' certo que Deus sabe tirar das próprias loucuras, que os homens cometem, os meios de corrigi-los e aperfeiçoá-los; todavia, não é menos certo que Deus não precisa nem necessita de tais insânias para realizar seus desígnios.**

**A guerra, portanto, sendo uma calamidade, uma infração monstruosa das leis humana e divina, nada pode apresentar que a justifique. Como fruto do atraso moral, da cegueira espiritual e da vaidade dos homens, está condenada e proscrita pela consciência cristã revivida e proclamada pela Terceira Revelação.  
  
13 - Parnaso além túmulo - Espíritos Diversos - pág. 246**

**TUDO VAIDADE**

**Na Terra a morte é o trágico resumo  
De vanglórias, de orgulhos e de raças;  
Tudo no mundo passa, como passas,  
Entre as aluviões de cinza e fumo.**

**Todo o sonho carnal vaga sem rumo,  
Só o diamante do espírito sem jaças  
Fica indene de todas as desgraças,  
De que a morte voraz faz seu consumo.**

**Nesse mundo de lutas fraticidas,  
A vida se alimenta de outras vidas,  
Num contínuo combate pavoroso;**

**Só a Morte abre a porta das mudanças  
E concretiza as puras esperanças  
Nos países seráficos do gozo!**

**15 - Segue-me - Emmanuel - pág. 123**

**PÁGINA DO NATAL  
"Luz para alumiar as nações". (Lucas, 2:32)  
Há claridades nos incêndios destruidores que consomem vidas e bens. Resplendor sinistro transparece nos bombardeios que trazem a morte. Reflexos radiosos surgem do lança-chamas. Relâmpagos estranhos assinalam a movimentação das armas de fogo.**

**No Evangelho, porém, é diferente. Comentando o Natal assevera Lucas que o Cristo é a Luz para alumiar as nações. Não chegou impondo normas ao pensamento religioso.   
  
Não interpelou governantes e governados sobre processos políticos. Não disputou com os filósofos quanto às origens do homem. Não concorreu com os cientistas na demonstração de aspectos parciais e transitórios da vida. FEZ LUZ NO ESPÍRITO ETERNO.**

**Embora tivesse o ministério endereçado aos povos do mundo, não marcou a sua presença com expressões coletivas de poder, quais exército e sacerdócio, armamentos e tribunais.**

**Trouxe claridade para todos, projetando-a de Si mesmo. Revelou a grandeza do serviço à coletividade por intermédio da consagração pessoal ao Bem Infinito.**

**Nas reminiscências do Natal do Senhor, meu amigo, medita no próprio roteiro. Tens suficiente luz para marcha? Que espécie de claridade acendes no caminho?**

**Foge ao brilho fatal dos curtos-circuitos da cólera, não te contentes com a lanterninha da vaidade que imita o pirilampo em vôo baixo dentro da noite, apaga a labareda do ciúme e da discórdia que atira corações aos precipícios do crime e do sofrimento.**

**Se procuras o Mestre Divino e a experiência cristã lembra-te de que, na Terra, há clarões que ameaçam, perturbam, confundem e anunciam arrasamento...**

**Estarás realmente cooperando com o Cristo, na extinção das trevas, acendendo em ti mesmo aquela sublime luz para alumiar!**

**17 - Vinha de luz - Emmanuel - pág. 41**

**15. NÃO ENTENDEM  
"Querendo ser doutores da lei, e não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam". - Paulo (I Timóteo, 1:7)  
Em todos os lugares surgem multidões que abusam da palavra. Avivam-se discussões destrutivas, na esfera da ciência, da política, da filosofia, da religião. Todavia, não somente nesses setores da atividade intelectual se manifestam semelhantes desequilíbrios.**

**A sociedade comum, em quase todo o mundo, é campo de batalha, nesse particular, em vista da condenável influência dos que se impõem por doutores em informações descabidas. Pretensiosas autoridades nos pareceres gratuitos, espalham a perturbação geral, adiam realizações edificantes, destroem grande parte dos germens do bem, envenenam fontes de generosidade e fé e, sobretudo, alterando as correntes do progresso, convertem os santuários domésticos em trincheiras da hostilidade cordial.**

**São esses envenenadores inconscientes que difundem no solo da vida, e quem determina isto ou aquilo está consolidando a semeadura.**

**Muitos espíritos nobres são cultivadores das árvores da verdade, do bem e da luz; entretanto, em toda parte movimentam-se também os semeadores do escalracho da ignorância, dos cardos da calúnia, dos espinhos da maledicência.**

**Através deles opera-se a perturbação e o estacionamento. Abusam do verbo, mas pagam a leviandade a dobrado preço, porquanto, embora desejem ser doutores da lei e por mais intentem confundir-lhe os parágrafos e ainda que dilatem a própria insensatez por muito tempo, mais se aproximam dos resultados de suas ações, no círculo das quais, essa mesma lei lhes impõe as realidades da vida eterna, através da desilusão, do sofrimento e da morte.**

**18 - Vozes do grande além - Espíritos diversos - pág. 232**

**56. PALAVRAS DE ALERTA.**

**Atingiram a fase terminal da nossa reunião de 12 de julho de 1956, quando, trazido por nossos benfeitores, compareceu em nosso recinto o Espírito J.C. que foi festejado e discutido médium de materializações nos arraiais espíritas do Brasil. Usando o canal psicofônico, J.C. recentemente desencarnado, evidenciava grande tortura íntima, ofertando-nos grave advertência que, sinceramente, nos impele a demorada meditação.**

**Sou um médium desencarnado, pedindo ajuda para os médiuns que ainda se encontram no corpo físico...um companheiro que baixou, ferido à retaguarda, rogando socorro para aqueles soldados que ainda perseveram na frente. Isso, porque a frente vive superlotada de inimigos ferozes...inimigos que são a vaidade e o orgulho, a ignorância e a fragilidade moral, a inconformação e o egoísmo, a rebeldia e a ambição desregrada, a se ocultarem na cidadela de nossa alma, e que, muitas vezes, são reforçados em seu poder de assalto por nossos próprios amigos, porquanto, a pretexto de afetividade e devoção carinhosa, muitos deles nos comprometem o trabalho e, quase sempre, levianos e infantis, nos conduzem à ruína da sagrada esperança com que renascemos na experiência terrestre.  
  
Sou o companheiro J. C., que muitos de vós conhecestes. A jornada foi curta, mas acidentada e difícil. E, trazendo comigo os sinais da imensa luta, a se exprimirem por remorsos e lágrimas, apelo para vós outros, a fim de que haja em nós todos, médiuns, doutrinadores, tarefeiros e beneficiários da Causa Espírita, uma noção mais avançada de nossas responsabilidades, diante do Cristo, nosso Mestre e Senhor.  
  
Comecei retamente a empreitada, mas era demasiadamente moço e sem qualquer instrução que me acordasse a visão íntima para as consequências que me adviriam do cumprimento feliz ou infeliz das minhas obrigações. Meus recursos medianímicos eram realmente os da materialização e, com eles, denodados benfeitores das esferas mais elevadas tutelavam-me a existência; entretanto, fugi ao estudo, injustificavelmente entediado das lições alusivas aos meus deveres e minha culpa foi agravada por todos aqueles amigos que, na sede inveterada de fenômenos, me alentavam a ignorância, como se eu não tivesse o compromisso de acender uma luz no coração para que a romagem fosse menos árdua e o caminho menos espinhoso.  
  
Com semelhante leviandade, surgiram as exigências — exigências altamente remuneradas, não pelo dinheiro fácil, mas pela notoriedade social, pelas relações prestigiosas e por todas as situações que nos estimulam a vaidade — quais se fôssemos donos das riquezas que nos bafejam o espírito, ainda imperfeito, em nome de Nosso Pai.  
  
Em vista disso, mais cedo que eu poderia esperar, multidões da sombra, interessadas no descrédito de nossas atividades, cercaram-me o roteiro. E, por mais me alertassem os Instrutores que jamais nos abandonam, as grossas filas de quantos me acenavam com a falsa estimação de meu concurso apagavam-me os gritos da consciência, transferindo-me, assim, à condição de joguete dos encarnados e dos desencarnados, menos apto ao convívio das revelações de nossa Doutrina Consoladora, com o que lhes aceitava, sem relutância, as sugestões magnéticas, agindo ao sabor de caprichos inferiores e delinquentes.  
  
Cabe-me afirmar, com todo o amargor da realidade, que, distraído de mim mesmo, apático e semi-inconsciente, prejudiquei o elevado programa de nossos orientadores; contudo, os atenuantes de minha falta revelaram-se aqui, em meu favor, e a Providência Divina amparou o servo que caiu, desastrado, e que somente não desceu mais intensamente ao bojo das sombras, porque, com a bênção de Jesus, me despedi do mundo em extrema pobreza material, deixando a família em proveitosas dificuldades.  
  
Comecei bem, repito, mas a inexperiência incensada fez-me olvidar o estudo edificante, o trabalho espontâneo de socorro aos doentes, a proteção fraterna aos necessitados e desvalidos e, segregado numa elite de criaturas que me desconheciam a gravidade da tarefa, entreguei-me, sem qualquer defensiva, ao domínio das forças que me precipitaram no nevoeiro.  
  
Com o auxílio do Senhor, porém, antes que a delinquência mais responsável me estigmatizasse o espírito, a mão piedosa da morte física me separou do corpo que eu não soube aproveitar. É por isso que, em vos visitando, qual soldado em tratamento, rogo para que os médiuns encontrem junto de vossos corações não apenas o testemunho das realidades espirituais, tantas vezes doloroso de dar-se e difícil de ser obtido, pelas deficiências e fraquezas de que somos portadores, mas também a partilha do estudo nobre, da fraternidade viva, do trabalho respeitável e da reta consciência...  
  
Que eles sejam recebidos tais quais são...Nem anjos, nem demônios. Nem cobaias, nem criaturas milagreiras. Guardemo-los por irmãos nossos, carregando consigo as marcas da Humanidade, solicitando redenção e sacrifício, abnegação e sofrimento. A árvore para produzir com eficiência deve receber adubo no trato de solo em que o Senhor a fez nascer.  
  
O rio para espalhar os benefícios de que é mensageiro, em nome da Natureza Divina, pode ser retificado e auxiliado em seu curso, mas não pode afastar-se do leito básico. Oxalá possam os médiuns aprender que mais vale ser instrumento das consolações do espírito, na intimidade de um lar, ao aconchego de uma só família, que erigir-se em cartaz da imprensa, submetido a experimentações que, em muitas circunstâncias, acabam em frustração e bancarrota moral.  
  
Saibam todos que mais vale socorrer a chaga de um doente, relegado ao desprezo público, que produzir fenômenos de espetaculares efeitos, cuja fulguração, quase sempre, cega aqueles que os recebem sem o preparo devido. Ah! meus amigos, o Espiritismo é o tesouro de luz de que somos, todos nós, quando entre os homens, carregadores responsáveis, para que a Humanidade se redima! ...  
  
Lembremo-nos de semelhante verdade, para que todos nós, na doutrinação e na mediunidade, na beneficência e no estudo, estejamos de atalaia contra os desastres do espírito, mantendo-nos no serviço constante da humildade e do amor, de modo a vencermos, enfim, a escabrosa viagem para os montes da Luz.  
  
LEMBRETE:**

**1° - A palavra vaidade possui duas significações: a-qualidade do que é vão, instável, de pouca duração; b-desejo exagerado de atrair a admiração ou as homenagens dos outros. Rodolfo Caligaris**

**2° - A vaidade na excursão difícil, a que nos afeiçoamos com as nossas tarefas, é o rochedo oculto, junto ao qual a embarcação de nossa fé mal conduzida esbarra com os piratas da sombra, que nos assaltam o empreendimento, buscando estender o nevoeiro do descrédito ao ideal que esposamos, valendo-se, para isso, de nosso próprio desmanzelo. Francisco C. Xavier**

**3° - A vaidade é um verdugo sutil. Irmão X**

**Edivaldo Fontana**

|  |
| --- |
| **VAMPIRISMO** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - A vingança do judeu - pág. 9** | **02 - Correlações espírito - matéria - pág. 25** |
| **03 - Da alma humana - pág. 231** | **04 - Depoimentos vivos - pág. 17** |
| **05 - Evolução em dois mundos - pág. 111** | **06 - Falando à Terra - pág. 99** |
| **07 - Fenômenos de Transportes - pág. 70** | **08 - Grilhões partidos - pág. 132** |
| **09 - História do Espiritismo - pág. 475** | **10 - Ide e pregai - pág. 57** |
| **11 - Libertação - pág. 62/115** | **12 - Mediunidade - pág. 118/244** |
| **13 - Missionários da Luz - pág. 35/135** | **14 - Nosso Lar - pág. 168** |
| **15 - Os Mensageiros - pág. 209** | **16 - Pérolas do Além - pág. 231** |
| **17 - Poetas redivivos - pág. 65** | **18 - Saúde e Espiritismo - pág. 172,176** |
| **19 - Sexo e Destino - pág. 52/148** | **20 - Vampirismo - toda a obra** |
| **21 - Voltei - pág. 170** | **22 - Vozes do grande além - pág. 45,122,137** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**VAMPIRISMO - COMPILAÇÃO**

**05 – EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS – FRANCISCO C. XAVIER (ANDRÉ LUIZ) pág. 111 a 118.**

**XV. Vampirismo espiritual. Parasitismo nos reinos inferiores – Comentando as ocorrências da obsessão e do vampirismo no veículo fisiopsicossomático, é importante lembrar os fenômenos do parasitismo nos reinos inferiores da Natureza.  
Sem nos reportarmos às simbioses fisiológicas, em que o microorganismo se albergam no trato intestinal dos seus hospedadores, apropriando-se-lhes dos sucos nutritivos, mas gerando substâncias úteis à existência dos anfitriões, encontraremos a associação parasitária, no domínio dos animais, à maneira de uma sociedade, na qual uma das partes, quase sempre após insinuar-se com astúcia, criou para si mesma vantagens especiais, com manifesto prejuízo para a outra, que passa, em seguida à condição de vítima.  
  
Em semelhante desequilíbrio, as vítimas se acomodam, por tempo indeterminado, à pressão externa dos verdugos; contudo, em outras eventualidades, sofrem-lhes a intromissão direta na intimidade dos próprios tecidos, em ocupação impertinente que, às vezes, se degenera em conflito destruidor e, na maioria dos casos, se transforma num acordo de tolerância, por necessidade de adaptação, perdurando até à morte dos hospedeiros espoliados, chegando mesmo a originar os remanescentes das agregações imensamente demoradas no tempo, interferindo nos princípios da hereditariedade, como raízes do conquistador, a se entranharem nas células que lhes padecem a invasão nos componentes protoplasmáticos, para além da geração em que o consórcio parasitário começa.  
  
Em razão disso, apreciando a situação dos parasitas, perante os hospedadores, temo-los por ectoparasitas, quando limitam a própria ação às zonas de superfície, e endoparasitas, quando se alojam nas reentrâncias do corpo a que se impõem. Não será lícito esquecer, porém que toda simbiose exploradora de longo curso, principalmente a que se verifica no campo interno, resulta de adaptação progressiva entre o hospedador e o parasita, os quais, não obstante reagindo um sobre o outro, lentamente concordam na sociedade em que persistem, sem que o hospedador considere os riscos e perdas a que se expõe, comprometendo não apenas vida, mas a existência da própria espécie.  
  
Transformações dos parasitas – Temos, assim, na larga escala dos acontecimentos dessa ordem, os parasitas temporários, quais as sanguessugas e quase todos os insetos hematófagos, que apenas transitoriamente visitam os hospedadores; os ocasionais ou os pseudoparasitas, que sistematicamente não são parasitas, mas que vampirizam outros animais, quando as situações do ambiente a isso os conduzam; os permanentes de desenvolvimento direto, que dispõem de um hospedador exclusivo e a cuja existência se encontram ajustados por laços indissolúveis, quase todos heteroxênicos, que se fazem adultos, em ciclo biológico determinado, contando com um ou mais hospedeiros intermediários, quando se encontram em período larval, para atingirem a forma completa no hospedeiro definitivo; os hiperparasitas, que são os parasitas de outros parasitas.  
  
Concluindo-se que o parasitismo, entre os animais, não decorre de uma condição natural, mas sim de uma autêntica adaptação deles a modo particular de comportamento, é justo admitir se inclinem para novos característicos na espécie.  
Obsessão e vampirismo – Em processos diferentes, mas atendendo aos mesmos princípios de simbiose prejudicial, encontramos os circuitos de obsessão e de vampirismo entre encarnados e desencarnados, desde as eras recuadas em que o espírito humano, iluminado pela razão, foi chamado pelos princípios da Lei Divina a renunciar ao egoísmo e à crueldade, à ignorância e ao crime.  
  
Rebelando-se, no entanto, em grande maioria, contra as sagradas convocações, e livres para escolher o próprio caminho, as criaturas humanas desencarnadas, em alto número, começaram a oprimir os companheiros da retaguarda, disputando afeições e riquezas que ficavam na carne, ou tentando empreitada de vingança e delinqüência, quando sofriam o processo liberatório da desencarnação em circunstâncias delituosas.  
  
As vítimas de homicídio, e violência, brutalidade manifesta ou perseguição disfarçada, fora do vaso físico, entram na faixa mental dos ofensores, conhecendo-lhes a enormidade das faltas ocultas, e, ao invés do perdão, com que se exonerariam da cadeia das trevas, empenham-se em vinditas atrozes, retribuindo golpe a golpe e mal por mal.  
  
Outros desencarnados, exigindo que Deus lhes providencie solução aos caprichos pueris e proclamando-se inabilitados para o resgate do preço devido à evolução que lhes é necessária, tornam-se madraços e gozadores, e, alegando a suposta impossibilidade de Sabedoria Divina dirimir os padecimentos dos homens, pelos próprios homens criados, fogem acovardados e preguiçosos, aos deveres e serviços que lhes competem.  
“Infecções fluídicas” – Muitos acometem os adversários que ainda se entrosam no corpo terrestre, empolgando-lhes a imaginação com formas mentais monstruosas, operando perturbações que podemos classificar como “infecções fluídicas” e que determinam o colapso cerebral com arrasadora loucura.  
  
E ainda muitos outros, imobilizados nas paixões egoísticas desse ou daquele teor, descansam em pesado monodeísmo, ao pé encarnados, de cuja presença não se sentem capazes de afastar-se.  
Alguns, como os ectoparasitas temporários, procedem à semelhança dos mosquitos e dos ácaros, absorvendo as emanações vitais dos encarnados que com eles se harmonizam, aqui e ali; mas outros muitos, quais endoparasitas conscientes, após se inteirarem dos pontos vulneráveis de suas vítimas, segregam sobre elas determinados produtos, filiados ao quimismo do Espírito, e que podemos nomear como simpatinas e aglutininas mentais, produtos esses que, sub-repticiamente, lhes modificam a essência dos próprios pensamentos a verterem, contínuos, dos fulcros energéticos do tálamo, no diencéfalo.  
  
Estabelecida essa operação de ajuste, que os desencarnados e encarnados, comprometidos em aviltamento mútuo, realizam em franco automatismo, à maneira dos animais em absoluto primitivismo nas linhas da Natureza, os verdugos comumente senhoreiam os neurônios do hipotálamo, acentuando a própria dominação sobre o feixe amielínico que o liga ao córtex frontal, controlando as estações sensíveis do centro coronário que aí se fixam para o governo das excitações, e produzem nas suas vítimas, quando contrariados em seus desígnios, inibições de funções viscerais diversas, mediante influência mecânica sobre o simpático e o parassimpático.  
Tais manobras, em processos intrincados de vampirismo, prestigiam o regime de medo ou de guerra nervosa nas criaturas de que se vingam, alterando-lhes a tela psíquica ou impondo prejuízos constantes aos tecidos somáticos.  
  
PARASITAS OVÓIDES - Inúmeros infelizes, obstinados na idéia de fazerem justiça pelas próprias mãos ou confiados a vicioso apego, quando desafivelados do carro físico, envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto da calculada atenção e, auto-hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porquanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ovóides, vinculados ás próprias vítimas que, de modo geral, lhes aceitam, mecanicamente, a influenciação, à face dos pensamentos de remorso ou arrependimento tardio, ódio voraz ou egoísmo exigente que alimentam no próprio cérebro, através de ondas mentais incessantes.  
  
Nessas condições, o obsessor ou parasita espiritual pode ser comparado, de certo modo, à Sacculina carcini, que, provida de órgãos perfeitamente diferenciados na fase da vida livre, enraíza-se, depois, nos tecidos do crustáceo hospedador, perdendo as características morfológicas primitivas, para converter-se em massa celular parasitária.  
No tocante à criatura humana, o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita simbiose mórbida, absorvendo-lhe as forças psíquicas, situação essa que, em muitos casos, se prolonga para além da morte física do hospedeiro, conforme a natureza e a extensão dos compromissos morais entre o credor e devedor.  
  
PARASITISMO E REENCARNAÇÃO – Nas ocorrências dessa ordem, quando a decomposição da vestimenta carnal não basta para consumar o resgate preciso, vítima e verdugo se equiparam na mesma gama de sentimentos e pensamentos, caindo, além-túmulo, em dolorosos painéis infernais, até que a Misericórdia Divina, por seus agentes atenuantes e agravantes, promove a reencarnação daquele Espírito que, em primeiro lugar, mereça tal recurso.  
  
TERAPÊUTICA DO PARASITISMO DA ALMA – Importa, no entanto, observar que todos os sofrimentos e corrigendas a que nos referimos estão conjugados para as consciências encarnadas ou não, dentro da lei de ação e reação, que a cada um confere hoje o equilíbrio ou o desequilíbrio, por suas obras de ontem, reconhecendo-se também que assim como existem medidas terapêuticas contra o parasitismo no mundo orgânico, qualquer criatura encontra, na aplicação viva do bem, eficiente remédio contra o parasitismo da alma.  
  
Não bastará, porém, a palavra que ajude e a oração que ilumina.  
O hospedeiro de influências inquietantes que, por suas aflições na existência carnal, pode avaliar da qualidade e extensão das próprias dívidas, precisará do próprio exemplo, no serviço do amor puro aos semelhantes, com educação e sublimação de si mesmo, porque só o exemplo é suficientemente forte para renovar e reajustar.  
  
A ação do bem genuíno, com a quebra voluntária de nossos sentimentos inferiores, produz vigorosos fatores de transformação sobre aqueles que nos observam, notadamente naqueles que se nos agregam à existência, influenciando-nos a atmosfera espiritual, de vez que as nossas demonstrações de fraternidade inspiram nos outros pensamentos edificantes e amigos que, em circuitos sucessivos ou contínuas ondulações de energia renovadora, modificam nos desafetos mais acirrados qualquer disposição hostil a nosso respeito.  
  
Ninguém necessita, portanto, aguardar reencarnações futuras, entretecidas de dor e lágrimas, em ligações expiatórias, para diligenciar a paz com os inimigos trazidos do pretérito, porque, pelo devotamento ao próximo e pela humildade realmente praticada e sentida, é possível valorizar nossa frase e santificar nossa prece, atraindo simpatias valiosas, com intervenções providenciais, em nosso favor.**

**18 - Saúde e Espiritismo - A.M.E. Brasil - pág. 172**

**SIMBIOSES  
Assim, após a morte, as almas amedrontadas perante o desconhecido são atraídas pelos que lhe choram a perda, permanecendo jungidas a elas, em processo simbiótico. Surgiram, desse modo, desde tempos imemoriais, as simbioses, "processos de mediunismo consciente ou inconsciente, através dos quais os chamados 'mortos' traumatizados ou ignorantes se aglutinam em grande parte, ao habitat dos chamados Vivos', partilhando-lhes a exis­tência, a absorver-lhes parcialmente a vitalidade....".   
  
A simbiose é processo comum nos reinos inferiores e na vida humana. Ocorre também do ponto de vista espiritual e, nesse processo, o encarnado entrega-se inconscientemente ao desencarnado que passa a lhe controlar a existência, sofrendo-lhe temporariamente o domínio e, em troca, de certa forma, fica protegido contra o assalto de influências ocultas ainda mais deprimentes.   
  
A simbiose pode ser útil, exploradora, e outras ainda mais prejudiciais em que a expoliação atinge alto grau de vampirismo. Um fato comum é a permanência dos parentes desencarnados nas residências terrestres. Alexandre dirigiu-se, com André Luiz, à casa de Ester, localizada em uma rua modesta. Antes mesmo da penetração deles no ambiente doméstico, perceberam uma grande movimentação de entidades de condição inferior, com entradas e saídas constantes.  
  
Penetraram a casa sem que os Espíritos menos evoluídos se dessem conta, em virtude do baixo padrão vibratório que lhes caracterizava as percepções. A família, constituída da viúva, três filhos e um casal de velhos, permanecia à mesa de refeições, no almoço muito simples. Um fato marcante, até então inédito para André Luiz, estampou-se a ambos: "seis entidades, envolvidas em círculos escuros", alimentavam-se também, pelo sistema de absorção. Diante do espanto do nosso caro médico desencarnado, Alexandre explicou:  
  
"Meu amigo, os quadros de viciação mental, ignorância e sofrimento, nos lares sem equilíbrio religioso, são muito grandes. Onde não existe organização espiritual, não há defesas da paz de espírito. Isto é intuitivo para todos os que estimem o reto pensamento. Os que desencarnam em condições de excessivo apego aos que deixaram na Crosta, neles encontrando as mesmas algemas, quase sempre se mantêm ligados à casa, às situações domésticas e aos fluidos vitais da família. Alimentam-se com a parentela e dormem nos mesmos aposentos onde se desligaram do corpo físico".   
  
Ao ver a satisfação das entidades que absorviam gostosamente as emanações dos pratos fumegantes, André quis saber se estavam se alimentando de fato. Alexandre replicou que, efetivamente, aquelas entidades, viciadas nas sensações fisiológicas, estavam encontrando nas substâncias cozidas e desintegradas pelo fogo, absorvidas ali, o mesmo sabor que apreciavam quando estavam no corpo. Segundo lembra, isso não é de se admirar uma vez que o homem terrestre recebe mais de 70% da alimentação comum através dos princípios atmosféricos que ele capta pelas vias respiratórias.  
  
Quanto à argumentação de André Luiz de que era muito desagradável tomar refeições na companhia de estranhos assim de condição inferior, Alexandre pondera que não se trata de desconhecidos, mas de familiares diversos, e que, ainda que fossem estranhas, aquelas almas estariam ali obedecendo às tendências do conjunto, uma vez que cada Espírito tem as companhias que prefere. Em seguida, o instrutor ressaltou que "a mesa familiar é sempre um receptáculo de influenciações de natureza invisível". Por esse motivo, os que tecem comentários maledicentes à mesa atrairão caluniadores invisíveis, os que buscam a ironia receberão como resposta a presença de entidades galhofeiras e sarcásticas.  
  
E Alexandre deu o diagnóstico completo no caso do lar de Ester: "É o vampirismo recíproco". Há também os casos de simbioses no plano sexual. Desde longa data, há relatos de íncubos (espíritos masculinos) e súcubus (espíritos femininos), que mantêm relações sexuais com os encarnados. Na obra de André Luiz há referência nos livros E a vida continua e Missionários da Luz. (...)**

**20 –VAMPIRISMO – JOSÉ HERCULANO PIRES (toda a obra)**

**(..) No caso do parasitismo e do vampirismo todo rigor é pouco, pois os erros e os enganos de interpretação podem levar os trabalhos de cura a descaminhos perigosos. Se não encararmos o parasitismo e o vampirismo em termos rigorosamente doutrinários, no devido respeito ao método Kardeciano, estaremos sujeitos a ser enganados por espíritos mistificadores que passarão a nos vampirizar.  
  
Porque o vampirismo é um fenômeno típico das relações interpessoais. Na vida material como na vida espiritual o vampirismo é um processo comum e universal do relacionamento afetivo e mental das criaturas. É vampiro o sacerdote que fanatiza um crente e o submete às suas exigências para explorá-lo com a promessa do Céu, como é vampiro o demagogo político que fascina os adeptos de suas idéias e os leva ao sacrifício inútil e brutal da revolta e do terrorismo. É vampiro o espírita ou o médium que fascina os ingênuos com a falsificação de poderes que não possui, revelando-lhes supostas reencarnações deslumbrantes e conduzindo-os ao delírio das suas ambições de grandeza.  
É vampiro o negocista esperto que suga as economias de seus clientes com falsas promessas para um futuro improvável. (....)**

**21 - Libertação - ANDRÉ LUIZ - pág. 41, 84, 144**

**(...) A vampirização era incessante. As energias usuais do corpo pareciam transportadas às "formas ovóides", que se alimentavam delas, automaticamente, num movimento indefinível de sucção. Lastimei a impossibilidade de consulta imediata ao Instrutor, porquanto Gúbio, naturalmente, se estivesse livre, nos forneceria esclarecimentos amplos, mas concluí que a infortunada senhora devia ter sido colhida através do sistema nervoso central, de vez que os propósitos sinistros dos perseguidores se faziam patentes quanto à vagarosa destruição das fibras e células nervosas. Margarida demonstrava-se exausta e amargurada.  
  
Dominadas as vias do equilíbrio no cerebelo e envolvidos os nervos ópticos pela influência dos hipnotizadores, seus olhos espantados davam idéia dos fenômenos alucinatórios que lhe acometiam a mente, deixando perceber o baixo teor das visões e audições interiores a que se via submetida. Interrompi, no entanto, as observações acuradas, a fim de verificar a atitude psicológica do nosso orientador, que se arriscara à aventura para socorrer aquela senhora doente a quem amava por filha muito querida ao coração.  
  
Esforçava-se Gúbio por não trair a imensa piedade que o senhoreava, diante da enferma conduzida para a morte. Dentro de minha condição de humanidade, reconheci que, se a doente me fosse assim tão cara, não teria vacilado um momento. Movimentaria passes de libertação, ao longo do bulbo, retirar-lhe-ia aquela carga pesada e inútil de mentes enfermiças e, em seguida, lutaria contra os perseguidores, um a um. Nosso Instrutor, porém, assim não procedeu.  
  
Fixou a paisagem aflitiva com inequívoca tristeza, mas, logo após, demorou o olhar bondoso em Saldanha, como a pedir-lhe impressões mais profundas. Secretamente tocado pelo impulso positivo do nosso dirigente, o chefe da tortura se sentiu na obrigação de prestar-lhe informações espontâneas. - Estamos em serviço mais ativo, há dez dias precisamente - elucidou, resoluto. - A presa foi colhida em cheio e, felizmente, não contamos com qualquer resistência. Se vieram colaborar conosco, saibam que, segundo acredito, não temos maior trabalho a fazer. Mais alguns dias e a solução não se fará esperar.  
  
A meu ver, Gúbio conhecia todas as particularidades do assunto, mas, no propósito evidente de captar simpatia, interrogou:- E o marido?- Ora - esclareceu Saldanha com escarninho sorriso -, o infeliz não tem a menor noção de vida moral. Não é mau homem; todavia, no casamento foi apenas transferido de "gozador da vida" a "homem sério". A paternidade constituir-lhe-ia um trambolho e filhinhos, se os recebesse, não passariam para ele de curiosos brinquedos. Hoje, conduzirá a esposa à igreja. E, reforçando a inflexão sarcástica, acentuou:- Vão à missa, na esperança de melhoras.  
  
Mal acabara a informação, tristonho e simpático cavalheiro, em cuja expressão carinhosa identifiquei, de pronto, o esposo da vítima, entrou no aposento, com ela permutando palavras amorosas e confortantes. Amparou-a, prestimoso, e ajudou-a a vestir-se com esmero. Decorridos alguns minutos, notei, apalermado, que os cônjuges, acompanhados por extensa súcia de perseguidores, tomavam um táxi na direção dum templo católico. Seguimo-los sem detença. O veículo, a meu ver, transformara-se como que num carro de festa carnavalesca. Entidades diversas aboletavam-se dentro e em torno dele, desde os páralamas até o teto luzente. Minha curiosidade era enorme. Descendo à porta de elegante santuário, observei estranho espetáculo.**

**A turba de desencarnados, em posição de desequilíbrio, era talvez cinco vezes maior que a assembléia de crentes em carne e osso. Compreendi, logo, que em maior parte ali se achavam com o propósito deliberado de perturbar e iludir. Saldanha encontrava-se excessivamente preocupado com as vítimas, para dispensar-nos maior alenção e, intencionalmente, Gúbio afastou-se um tanto, em nossa companhia, a fim de confiar-nos alguns esclarecimentos. Penetramos o templo onde se comprimiam nada menos de sete a oito centenas de pessoas. A algazarra dos desencarnados ignorantes e perturbadores era de ensurdecer. A atmosfera pesava. A respiração fizera-se-me difícil pela condensação dos fluidos semicarnais ali reinantes; lodavia, ao fixar os altares, confortante surpresa aliviou-me o coração.**

**Dos adornos e objetos do culto emanava doce luz que se espraiava pelos cimos da nave visitada de sol; fazia-se perceptível a nítida linha divisória entre as energias da parte Inferior do recinto e as do plano superior. Dividiam-se os fluidos, à maneira de água cristalina e azeite Impuro, num grande recipiente. Contemplando a formosa claridade dos nichos, perguntei ao nosso Instrutor:- Que vemos? não reza o segundo mandamento, trazido por Moisés, que o homem não deve fazer Imagens de escultura para representar a Paternidade Celeste?- Sim - concordou o orientador -, e determina o Testamento que ninguém se deve curvar diante delas. (...)**

**22 - Vozes do grande além - Espíritos Diversos - pág. 45,122,137**

**35 - PALESTRA EDUCATIVA  
Na noite de 16 de fevereiro de 1956, fomos felicitados com a visita do nosso amigo espiritual P. Comanducci, que foi médium extremamente devotado à causa do bem, cuja palavra passou a enfeixar a palestra educativa, aqui expressa. Se há entidades desencarnadas que obsidiam as criaturas humanas, temos criaturas humanas que vampirizam as entidades desencarnadas. Isso é extremamente sabido.  
  
Morando hoje, porém, no mundo dos Espíritos, em verdade não sei onde é maior a percentagem daquelas mentes que se consagram a semelhantes explorações. Se da Terra para o além-túmulo, se do além-túmulo para a Terra... Daí a necessidade do mais amplo cuidado nas instituições espíritas-cristãs, em nossas lutas no intercâmbio.  
  
Temos por diretriz clara e simples a Codificação do Missionário excelso que no século passado se entregou de alma e corpo à exumação dos princípios evangélicos, para trazer-nos, em nome do Cristo, a edificação de nossa fé. Ainda assim, somos largamente tentados a favorecer a movimentação descendente do serviço que devemos à Humanidade, de vez que o menor esforço é uma espécie de «tiririca» no campo doutrinário em que fomos situados para aprender e servir.  
  
Em plena fase de nossa iniciação no conhecimento espírita, habitualmente tomamos contacto com amigos desencarnados, detentores de conhecimento menos elevado que o nosso, a se nos ajustarem ao modo de ser e de viver, através dos fios da afetividade nem sempre bem conduzida, e, de imediato, somos induzidos aos problemas do favor. Dificuldades morais cristalizam-se, obscuras, porque, se há desencarnados com vocação da sanguessuga, há muitos companheiros na carne com a inquietação da «chupeta».  
  
E ao invés do trabalho de recuperação de nossos próprios destinos, muitas vezes somos vítimas das próprias distrações, criando desajustes que, hoje aparentemente inofensivos, nos aguardam, amanhã, à feição de grandes desequilíbrios. É necessário intensificar em nossas casas de ação um vasto trabalho de estudo e discernimento, para que a embarcação de nosso ideal não permaneça à matroca sobre as águas traiçoeiras da preguiça e da mistificação.  
  
Não encontramos nos livros do Codificador qualquer conselho a determinados tipos de requisições ao mundo espiritual. Não vemos Allan Kardec organizando reuniões ou círculos de prece para atender a comezinhas questões da luta humana, questões essas que exprimem lições indispensáveis à consolidação de nossa fé operosa e construtiva. Não encontramos no Evangelho, fonte máter do Espiritismo, em suas linhas essenciais, qualquer atitude do Cristo que assegure imunidades à magia da delinquência.  
  
Decerto, observamos o Senhor cercado por doentes que reclamavam alívio... Vemo-lo, seguido de mães sofredoras, de crianças sem lar, de velhos sem esperança, de mutilados sem rumo, suplicando luz e coragem, amparo e esclarecimento, de modo a superarem mazelas e fraquezas, e reparamo-lo distribuindo o remédio, o socorro moral, a consolação e a bênção, a frase compassiva e o socorro de amor...**

**Entretanto, nunca vimos o Excelso Benfeitor, junto de romanos influentes, cogitar de propinas materiais a benefício dos aprendizes da Boa-Nova, não observamos a fé procurando impetrar o apoio celeste para matrimônios de força, para diminuir querelas na justiça humana, nem para a solução de quaisquer assuntos de natureza inferior, que, atinentes à experiência carnal, servem simplesmente como recursos de aprendizado, no campo de provas em que somos naturalmente localizados na Terra, para a consumação de nosso resgate ou para a elevação de nossas experiências.  
  
Eis a razão pela qual, na posição de médium desencarnado que agora somos, podemos assegurar-vos que qualquer displicência da nossa parte, no assunto em lide, gera problemas muito difíceis para a nossa vida no Além, porquanto, se determinadas soluções reclamam amor, exigem também fortaleza de ânimo, para atingirem o desejável remate, com a dignidade precisa. Não podemos escorraçar os que rogam obséquios do Além, em muitas ocasiões com vistas à criminalidade, mas não será lícito contemporizar com o intuito perverso que, muitas vezes, lhes dita os impulsos.  
  
Indiscutivelmente, não podemos abraçar a tolerância com o mal, mas não será justo fugir à paciência, em benefício das vítimas dele, para que o espinheiro das trevas seja extirpado da região de serviço em que o Senhor nos localiza. Muitos daqueles que hoje indagam pela possibilidade de cooperação inferior, amanhã podem solicitar o concurso genuíno do Céu.  
  
Daí a nossa condição de hífens da caridade entre desencarnados menos esclarecidos e amigos humanos menos avisados, e, daí, o imperativo de muita serenidade, com o Evangelho do Senhor a reger-nos a existência, para que não venhamos a escorregar no desfiladeiro da sombra. É necessário estender mãos abertas e fraternais aos infelizes que se fazem vítimas da ignorância e da má-fé, contudo é indispensável que nosso coração não se imante aos propósitos menos dignos de que são portadores, a fim de que estejamos, no Espiritismo e na Mediunidade, atentos aos nobres deveres que nos prendem aos compromissos assumidos.  
  
Na vida espiritual, encontrei muitos obstáculos que até hoje ainda não consegui de todo liquidar, em razão de minha imprevidência no trato com os interesses da alma. É por isso que, ao nos comunicarmos convosco, nesta noite, solicitamos a todos os companheiros, presentes e ausentes, cautela contra o menor esforço, o terrível escalracho que nos ameaça a esfera de manifestações. Ê por esse motivo que vos pedimos estudo e boa-vontade. Não nos reportamos, no entanto, simplesmente ao ato de ler.  
  
Leitura só por si, na alimentação da alma, equivale a simples ingestão de alimentos na sustentação do corpo. Imprescindíveis se fazem a meditação e a aplicação do conhecimento superior para o acrisolamento do espírito, tanto quanto são necessárias a digestão e a assimilação dos valores ingeridos para a saúde e a robustez do veículo carnal de que nos utilizamos na Terra.  
  
A alma necessita incorporar a si mesma os recursos que lhe são administrados pela Providência Divina, através das divinas instruções que fluem do Evangelho, que se derrama da Codificação Kardequiana e que vertem das mensagens de elevado teor, para que esteja realmente em dia com as obrigações que lhe cabem no mundo.  
  
Procuremos, assim, a nossa posição de aprendizes fiéis ao Cristo e de trabalhadores leais da nossa Causa, porque, segundo as facilidades do intercâmbio, estabelecidas em nossos templos de caridade e de fé, ou faremos do Espiritismo um oráculo tendencioso e tumultuário, para a satisfação de baixos caprichos humanos, ou convertê-lo-emos no grande santuário de nossa ascensão para a Divina Imortalidade, através da sublimação de nossa vida.  
P. Comanducci  
  
LEMBRETE:**

**1° - Vampirismo: Ação pela qual Espíritos involuídos, arraigados às paixões inferiores, se imantam à organização psicofísica dos encarnados (e desencarnados), sugando-lhes a substância vital. Martins Peralva**

**2° - Constitui (...) inquietante fenômeno de parasitose mental (...) No vampirismo, devemos considerar igualmente os fatores externos e internos, compreendendo, porém, que, na esfera da alma, os primeiros dependem dos segundos, porquanto não há influenciação exterior deprimente para a criatura, quando a própria criatura não se deprime. (...) Toda forma de vampirismo está vinculada à mente deficitária, ociosa ou inerte, que se rende, desajustada, às sugestões inferiores que a exploram sem defensiva. Francisco C. Xavier**

**3° - Toda forma de vampirismo está vinculada à mente deficitária, ociosa ou inerte, que se rende, desajustada, às sugestões inferiores que a exploram sem defensiva. Dias da Cruz**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **VIBRAÇÕES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A crise da morte - pág. 57, 131** | **02 - A força do pensamento - pág. 24** |
| **03 - A tragédia de Santa Maria - pág. 169** | **04 - A vida além do véu - pág. 60,169** |
| **05 - As aves feridas na Terra voam - pág. 18** | **06 - Ave Cristo - pág. 19,73** |
| **07 - Chico e Emmanuel - pág. 25** | **08 - Cromoterapia - pág. 42** |
| **09 - Desenvolvimento mediúnico - pág. 21** | **10 - Devassando o invisível - pág. 125** |
| **11 - Estudando a mediunidade - pág. 29** | **12 - Falando à Terra - pág. 212** |
| **13 - Fonte viva - pág. 187** | **14 - Grilhões partidos - pág. 96** |
| **15 - Hipnotismo e mediunidade - pág. 248** | **16 - Libertação - pág. 40** |
| **17 - Mãos de luz - pág. 59** | **18 - Mecanismos da mediunidade - pág. 43** |
| **19 - Missionários da luz - pág. 12** | **20 - Nosso Lar - pág. 231** |
| **21 - O exilado - pág. 17** | **22 - Os mensageiros - pág. 239** |
| **23 - Passes e curas espíritas - pág. 55,137** | **24 - Reencarnação e vida - pág. 57** |
| **25 - Universo e vida - pág. 88, 98** | **26 - Voltei - pág. 48, 67** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**VIBRAÇÕES** **– COMPILAÇÃO**

**11 - Estudando a mediunidade - Martins Peralva - pág. 29**

**IV - Vibrações compensadas  
  
Apresentamos, pois, o terceiro gráfico, mediante o qual tentaremos apreciar o problema da «sintonia», da «ressonância», ou das «vibrações compensadas». Sintonia significa, em definição mais ampla, entendimento, harmonia, compreensão, ressonância ou equivalência .  
  
Quando dizemos que «Fulano sintoniza com Beltrano», referimo-nos, sem dúvida, ao perfeito entendimento entre ambos existente. Sintonia é, portanto, um fenômeno de harmonia psíquica, funcionando, naturalmente, à base de vibrações. Duas pessoas sintonizadas estarão, evidentemente, com as mentes perfeitamente entrosadas, havendo, entre elas, uma ponte magnética a vinculá-las, imantando-as profundamente. Estarão respirando na mesma faixa, intimamente associadas.**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Sintonia,**  **Ressonância,**  **Vibrações**  **Compensadas** | **Sábios** | **Ideais superiores** | **Ciência**  **Filosofia**  **Religião, etc...** |
| **Assuntos transcendentes** |
|  |
| **Índios** | **Objetivos vulgares** | **caça, pesca, lutas,**  **presentes, etc...** |
|  |
| **Assuntos triviais** |
|  |  |
| **Árvores** |  | **Permuta dos princípios**  **germinativos, quando**  **colocadas entre**  **companheiras da**  **mesma espécie** |
| **Maior vitalidade**  **Melhor produção** |
|  |

**Pelo exame desse gráfico, notaremos que tudo dentro do Universo, por conseguinte dentro do nosso orbe, funciona e movimenta-se na base da sintonia, ou seja, da mútua compreensão.  
  
Exemplifiquemos: o sábio, de modo geral, não se detém, indefinidamente, para trocar idéias sobre assuntos transcendentes com o homem rude do campo, nada familiarizado com questões científicas ou artísticas, que demandam longos estudos.  
  
Seria rematada tolice afirmar-se que o astrônomo, o físico, o jurisconsulto, o matemático, o biologista ou o cientista consagrado a problemas atômicos possam encontrar, no índio ou no homem inculto, elemento ideal para as suas tertúlias. Os seus companheiros de palestras serão, sem dúvida, outros sábios.  
  
A seu turno, o silvícola das margens de Kuluene preferirá, sem dúvida, entender-se e confabular com os companheiros de taba que lhe falam da pesca ou da caça, das próximas incursões ao acampamento inimigo ou de espelhos, facões e ornamentos que as expedições civilizadoras possam levar-lhe aos domínios.  
  
O assunto foi aclarado pelo instrutor Álbério, no capítulo «Estudando a Mediunidade». Neste capítulo, procuramos, apenas, torná-lo ainda mais compreensível ao entendimento geral, extraindo, por fim, as conclusões de ordem moral cabíveis, considerando a finalidade sobretudo evangélica do presente trabalho.  
  
Esclarece, o referido instrutor, que as próprias árvores não prescindem do fator sintonia. Serão dotadas de maior vitalidade e produzirão mais, se colocadas ao lado de companheiras da mesma espécie. Exemplo: Plantando-se laranjas entre abacaxis ou jaboticabas, as laranjeiras produzirão menos do que se a plantação fosse só de sementes de laranja, formando um laranjal.  
  
«A permuta dos princípios germinativos» assegura--Ihes robustez e verdor, garantindo-lhes, consequentemente, frutificação mais abundante. Como notamos, o problema da sintonia não está ausente das próprias relações no reino vegetal.  
  
Uma árvore precisa de outra ao lado, da mesma espécie, para que ambas, reciprocamente alimentadas, se cubram de folhas viçosas e flores mais belas e, dentro da função que lhes é própria, embelezem a Natureza, enriqueçam e nutram o homem.  
  
Acentuando tal fato, o irmão Álbério, prelecionando magistralmente, recorre, com sabedoria, à mecânica celeste, para demonstrar que idênticos princípios magnéticos regem também as relações do mundo cósmico, sem dúvida não apenas na órbita planetária terrestre, mas noutros planos, mais ou menos evolvidos. Vamos dar a palavra ao esclarecido mentor:  
  
«Cada planeta revoluciona na órbita que lhe é assinalada pelas leis do equilíbrio, sem ultrapassar as linhas de gravitação que lhe dizem respeito.> Demonstrado, assim, de forma irretorquível, que em tudo funcionam e operam, invariavelmente, o fator «sintonia» e o elemento «ressonância», recordemos, ainda com o instrutor Álbério, o aspecto de maior relevância, consubstanciado na interdependência entre as almas, encarnadas ou desencarnadas, no tocante ao problema evolutivo.  
  
Há grupos de Espíritos, ou consciências, evolutindo simultaneamente. Alimentam-se reciprocamente. Nutrem-se mutuamente. Fortalecem-se uns aos outros, em verdadeira «compensação vibratória». Às vezes, tais Espíritos se vêem privados da indescritível felicidade de prosseguirem, juntos, a mesma marcha, por desídia de alguns.  
  
E' que os preguiçosos vão ficando para trás, à maneira de alunos pouco aplicados, que perdem de vista, por culpa própria, os estudiosos. Não podem acompanhar aqueles que, em virtude de notas distintas e merecidas, nos exames finais, são naturalmente transferidos para cursos mais adiantados. Bem sabemos que a Terra é o Grande Educandário.**

**E' bem verdade que, quando há muito amor no coração dos que progrediram mais rapidamente, embora recebessem as mesmas aulas e estivessem submetidos à mesma disciplina, o espírito de abnegação e renúncia fá-los retroceder, em tarefas sacrificiais, a fim de estenderem as mãos, plenas de luz, às almas queridas que, invigilantes, se perderam nos escuros labirintos da indolência.  
  
Esperar, todavia, comodamente, tal amparo, ao preço de tremendos sacrifícios dos mensageiros do bem, seria reprovável conduta. A Doutrina Espírita, exaltando o esforço próprio, dignifica a pessoa humana. Converte-a num ser responsável e consciente que, esclarecendo-se, deseja e procura movimentar, sob a égide santa e abençoada do Senhor da Vida, as próprias energias, os próprios recursos evolutivos latentes no íntimo de todo ser humano.  
  
Em virtude de impositivos superiores, a que não conseguem fugir, muitos instrutores espirituais se vêem compelidos a abandonar, temporariamente ou em definitivo, os seus tutelados, especialmente os que imprimiram à própria vida, nos labores renovativos, o selo da irresponsabilidade e da má vontade, em lastimável desapreço aos talentos que Jesus lhes confiara.  
  
Os médiuns, portanto, que desejam, sinceramente, enriquecer o coração com os tesouros da fé, a fim de ampliarem os recursos de servir ao Mestre na Seara do Bem, não podem nem devem perder de vista o fator «auto-aperfeiçoamento». Não devem perder de vista os estudos doutrinários, base do seu esclarecimento.  
  
Não podem, de forma alguma, deixar de nutrir-se com o alimento evangélico, tornando-se humildes e bons, devotados e convictos, a fim de que os modestos encargos mediúnicos de hoje sejam, amanhã, transformados em sublimes e redentoras tarefas, sob o augusto patrocínio do Divino Mestre, que nos afirmou ser «o pão da vida» e a «luz do mundo».  
  
Abnegação e perseverança, no trabalho mediúnico, mantêm o servidor em condições de sintonizar, de modo permanente, com os Espíritos Superiores, permutando, assim, com as forças do Bem as divinas vibrações do amor e da sabedoria.  
  
Estabelecida, pois, esta comunhão do medianeiro com os prepostos do Senhor, a prática mediúnica se constituirá, com reais benefícios para o médium e o agrupamento onde serve, legítima sementeira de fraternidade e socorro.**

**13 - Fonte viva - Emmanuel - pág. 187**

**80. CORAÇÕES CEVADOS  
"Cevastes os vossos corações, como num dia de matança". (Tiago, 5:5)**

**Pela prosperidade e aperfeiçoamento do mundo, trabalha o Sol, que é suprema expressão da Divindade Vital no firmamento terrestre. Colabora o verme na intimidade do solo, preparando ninho adequado as sementes. Contribui a aragem, permutando o pólen das flores.**

**Esforça-se a água, incessantemente, entretendo a vida física e purificando-a. Coopera o animal, ajudando as realizações humanas, suando e morrendo para que haja vida normal no domínio da inteligência superior.**

**Indefectível lei do trabalho rege o Universo. O movimento e a ordem, na constância dos benefícios, constituem-lhe as características essenciais. Há porém, milhões de pessoas que se sentem exoneradas da glória de servir.**

**Para semelhantes criaturas, em cujo cérebro a razão dorme embotada e vazia, trabalho significa degredo e humilhação, inferno e sofrimento. Perseguem as facilidades delituosas, com o mesmo instinto de novidade da mosca em busca de detritos.**

**Conseguida a solução de ordem inferior que buscavam, circunscrevem as horas e as possibilidades ao desenfreado apego de si mesmas, imitando o poço de águas estagnadas que se envena facilmente.**

**No fundo, são "corações cevados", de acordo com a feliz expressão do apóstolo. Criam teias densas de ódio e egoísmo, indiferença e vaidade, orgulho e indolência sobre si próprios, e gravitam para baixo. Descendo, descendo, pelas pesadas vibrações a que se acolhem rolam vagorosamente para o seio das vidas inferiores, onde é natural que encontrem a exigência de muitos, que se aproveitam deles, à maneira do homem comum que se vale dos animais gordos para a matança.**

**25 - Universo e vida - Espírito Áureo - pág. 88, 98**

**12. VIRTUDE E CONHECIMENTO  
É certo que os valiosíssimos estudos de Fraunhofer e de Fresnel, a respeito da difração das ondas eletromagnéticas, jamais visaram a expolações filosóficas, tampouco o cálculo das "curvas de vibração" através da "espiral de Cornu". Todavia, nada nos impede anotar, a respeito, uma ou outra particularidade, para dela extrairmos certos conceitos que nos interessam mais de perto.**

**Vejamos, por exemplo, o fato, aparentemente sem maiores implicações de que, no próprio centro de sombra que algum pequeno objeto circular projeta sobre um anteparo, sempre se observa a existência dum minúsculo ponto iluminado.  
  
O fenômeno desperta nos físicos terrenos um interesse meramente técnico, ligado aos processos naturais da difração da luz; nós, porém, vemos nele pálida imagem do que se verifica no reino das vibrações de natureza mais sutil, atingindo vastos setores da vida espiritual.  
  
A Luz Divina também se "difrata", ao encontrar a resistência duma mente que provisoriamente se lhe mostre refratária; mas, ainda assim, revela-se presente e ativa no próprio núcleo da sombra que tal ser projeta de si mesmo.  
  
Essa verdade exemplifica por que jamais é vã qualquer emissão de luz espiritual sobre quem quer que seja, por mais empedernido no mal e aparentemente infenso ao bem esse alguém seja. O Amor é Luz Divina que não se perde jamais.  
  
É claro que, em qualquer plano, os fenômenos têm a sua hierarquia. Quando se observa a difração de raios X, pelos átomos duma rede cristalina, percebe-se complexa superposição de efeitos de interação, que conduzem a espalhamento, e de efeitos de interferência provocados por trens de ondas.  
  
Tudo isso, e muito mais, se observa, por igual, noutro nível, na física transcendente, a lembrar-nos de que a Lei da Vida é fundamentalmente a mesma em toda parte.  
  
Consideremos agora este outro assunto, dentro da mesma ordem de idéias: — na técnica das práticas magnetistas, são comumente usados passes transversais e passes longitudinais, conforme o caso e o que se pretende, porque, dentre outras razões, as ondas transversais e as longitudinais diferem umas das outras pela relação entre a sua direção de propagação e a do movimento das partículas do meio em que se movem. Numa onda transversal, as duas direções são perpendiculares, enquanto numa onda longitudinal elas são coincidentes.**

**As ondas transversais podem ser polarizadas; nunca, porém, as longitudinais. Já as ondas que se propagam na água não são transversais, nem longitudinais, o que explica a facilidade com que aquela pode ser "fluidificada", isto é, magnetizada, pois num meio líquido podem propagar-se ondas de pressão de grande intensidade e muito velozes.  
  
Não fosse o despreparo moral em que a nossa Humanidade ainda se compraz, os Poderes de Cima já teriam desvelado, através de seus missionários, inumeráveis conhecimentos e recursos novos de técnica científica, capazes de outorgar maiores poderes de ação ao homem terrestre.**

**Enquanto, porém, as criaturas da Crosta, e de suas adjacências, não assimilarem, na prática, a Lei do Amor, os recursos ao seu dispor continuarão sendo basicamente apenas aqueles suscetíveis de agir sobre as formas físicas, e não sobre as estruturas mais profundas do espírito imortal.  
  
18. FLUIDO MAGNÉTICO  
No processo da encarnação, ou reencarnação, a mente espiritual, envolta no seu soma perispírito reduzido, i.e., miniaturizado atrai magneticamente as substâncias celulares do ovo materno, ao qual se ajusta desde a sua formação, revestindo-se com ele para, de imediato, começar a imprimir-lhe as suas próprias características individuais, que vão sendo absorvidas pelo novo organismo carnal, à medida que este se desenvolve e se desdobra segundo as leis genésicas naturais.**

**Intimamente ligada, desse modo, a cada célula física, que se forma segundo o molde da célula perispiritual preexistente a que se acopla, a mente espiritual assume, de maneira mais ou menos consciente, em cada caso, mas sempre rigorosamente efetiva, o comando da nova personalidade humana, que assim se constitui de Espírito, perispírito e corpo material.  
  
Importa aqui considerar que as características modulares que a mente imprime às células físicas que se formam são por ela transmitidas e fixadas através de uma força determinada, que é a energia mental, veiculada pelas ondas eletromagnéticas do pensamento. Quando o molde perispirítico preexiste exteriorizado, as vibrações mentais, atingindo-o em primeiro lugar, encontram maiores recursos para a ele ajustarem as novas células físicas.**

**Noutros casos, as vibrações mentais, atuando sobre moldes perispiríticos amorfoidizados por ovoidização, valem-se do processo fisiológico natural de desenvolvimento genético para reconstituir a tessitura da organização perispiritual, ao mesmo tempo que imprimem às novas células deste, e às do soma físico, as características de sua individualidade.  
  
Assim, as ondas eletromagnéticas do pensamento, carregadas das ídeo-emoções do Espírito, constituem o que se denomina fluido magnético, que é plasma fluídico vivo, de elevado poder de ação.  
  
Daí em diante, e pela vida toda, refletem-se na mente espiritual todos os fenômenos da experiência humana do ser, cuja quimios-síntese final nela também se realiza. Justo é que nela se refutam e se imprimam tais resultados, por ser ela mesmo quem comanda o ser, ou, melhor dizendo, por ser ela o próprio ser, que do mais se vale como de instrumentos indispensáveis à sua ação e manifestação, porém não mais do que instrumentos.  
  
É das vibrações da mente espiritual que dependem a harmonia ou a desarmonia orgânicas da personalidade e, portanto, a saúde ou a doença do perispírito e do corpo material.  
  
De acordo com o princípio da repercussão, as células corporais respondem automaticamente às induções hipnóticas espontâneas que lhes são desfechadas pela mente, revigorando-se com elas ou sofrendo-lhes a agressão. Raios mentais desagregadores, de culpabilidade ou remorso, formam zonas mórbidas no cosmo orgânico, impondo distonia às células, que adoecem, provocando a eclosão de males que podem ir desde a toxiquemia até o câncer.  
  
Tanto ou mais do que os prejuízos causados pelos excessos e acidentes físicos, muitas vezes de caráter transitório, as ondas mentais tumultuarias, se insistentemente repetidas, podem provocar lesões de longo curso, a repercutírem, no tempo, até por várias reencarnações recuperadoras.  
  
Além disso, na recapitulaçãO natural e inderrogável das experiências do Espírito, quando se trata de ônus cármicos em aberto eclodem, com frequência, em determinadas faixas de idade e em certas circunstâncias engendrada pelos mecanismos da expiação forças desarmônicas que afligem a mente, desafiando-lhe a capacidade de autocontrole e auto-superação, sob pena de engolfar-se ela em caos de intensidade e duração imprevisíveis.  
  
Não podemos, tampouco esquecer os problemas de sintonia, decorrentes da lei universal das afinidades, que obriga os semelhantes a conviverem uns com os outros e a se influenciarem mutuamente. Como a onda mental opera em regime de circuito, incorpora inelutavelmente todos os Princípios ativos que absorvem sejam de que natureza forem.**

**Assim, tanto acontecem, entre as almas, maravilhosas fecundações de ldeais e sentimentos nobres, como terríveis contágios mentais, algumas vezes até de natureza epidêmica, responsáveis por graves manifestações da patologia mento-física.  
  
Tudo depende, por conseguinte do modo como cada Espírito se conduz, no uso do fluido magnético que maneja. Com ele, pode-se prejudlcar os outros, criar distúrbios e zonas de necrose, soezes encantamentos e fascinações escravizantes.**

**Mas pode também manipular medicações balsâmicas, produzir prodígios de amor fecundo e estabelecer, através da prece e do trabalho benemerente, uma sublime ligação com o Céu.**

**LEMBRETE:**

**1° - (...) As vibrações de amor fraternal, quais as que o Cristo nos legou, são as verdadeiras energias dissolventes da vingança, da perseguição, da indisciplina, da vaidade e do egoísmo que atormentam a experiência humana (...). André Luiz**

**2° - Os encarnados (...) ignoram ainda como auxiliar-nos (os desencarnados), harmonicamente, através das emissões mentais (vibrações) (...) André Luiz**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **VINGANÇA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A vingança do judeu - toda a obra** | **02 - Catecismo Espírita - pág. 98** |
| **03 - Da alma humana- pág. 231** | **04 - Depois da morte - pág. 280** |
| **05 - Deus aguarda - pág. 66** | **06 - Encontro marcado - pág. 31** |
| **07 - Evocando os Espíritos - pág. 185** | **08 - Justiça Divina - pág. 157** |
| **09 - Luz da esperança - pág. 42** | **10 - O amor venceu - pág. 52, 110** |
| **11 - O Espírito da Verdade - pág. 165** | **12 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. XII,9** |
| **13 - O martírio dos suicidas - pág. 174** | **14 - O sermão da montanha- pág. 89** |
| **15 - Pedaços do cotidiano - pág. 52** | **16 - Reencarnação e vida - pág. 56,115** |
| **17 - Tambores de Angola - pág. 42** | **18 - Veladores da luz - pág. 47** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**VINGANÇA** **– COMPILAÇÃO**

**04 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 280**

**XLVIlI — DOÇURA, PACIÊNCIA, BONDADE  
Se o orgulho é o germe de uma multidão de vícios, a caridade produz muitas virtudes. Desta derivam a paciência, a doçura, a prudência. Ao homem caridoso é fácil ser paciente e afável, perdoar as ofensas que lhe fazem. A misericórdia é companheira da bondade. Para uma alma elevada, o ódio e a vingança são desconhecidos. Paira acima dos mesquinhos rancores, é do alto que observa as coisas.**

**Compreende que os agravos humanos são provenientes da ignorância e por isso não se considera ultrajada nem guarda ressentimentos. Sabe que perdoando, esquecendo as afrontas do próximo aniquila todo germe de inimizade, afasta todo motivo de discórdia futura, tanto na Terra como no espaço.  
  
A caridade, a mansuetude e o perdão das injúrias tornam-nos invulneráveis, insensíveis às vilanias e às perfídias: promovem nosso desprendimento progressivo das vaidades terrestres e habituam-nos a elevar nossas vistas para as coisas que não possam ser atingidas pela decepção.  
  
Perdoar é o dever da alma que aspira à felicidade. Quantas vezes nós mesmos temos necessidade desse perdão? Quantas vezes não o temos pedido? Perdoemos a fim de sermos perdoados, porque não poderíamos obter aquilo que recusamos aos outros. Se desejamos vingar-nos, que Isso se faça com boas ações. Desarmamos o nosso Inimigo desde que lhe retribuímos o mal com o bem. Seu ódio transformar-se-á em espanto e o espanto, em admiração.**

**Despertando-lhe a consciência obscurecida, tal lição pode produzir-lhe uma impressão profunda. Por esse modo, talvez tenhamos, pelo esclarecimento, arrancado uma alma à perversidade. O único mal que devemos salientar e combater é o que se projeta sobre a sociedade. Quando esse se apresenta sob a forma de hipocrisia, simulação ou embuste, devemos desmascará-lo, porque outras pessoas poderiam sofrê-lo; mas será bom guardarmos silêncio quanto ao mal que atinge nossos únicos interesses ou nosso amor-próprio.  
  
A vingança, sob todas as suas formas, o duelo, a guerra, são vestígios da selvageria, herança de um mundo bárbaro e atrasado. Aquele que entreviu o encadeamento grandioso das leis superiores, do princípio de justiça cujos efeitos se repercutem através das idades, esse poderá pensar em vingar-se?  
  
Vingar-se é cometer duas faltas, dois crimes de uma só vez; é tornar-se tão culpado quanto o ofensor. Quando nos atingirem o ultraje ou a injustiça, imponhamos silêncio à nossa dignidade ofendida, pensemos nesses a quem, num passado obscuro, nós mesmos lesamos, afrontamos, espoliamos, e suportemos então a injúria presente como uma reparação. Não percamos de vista o alvo da existência que tais acidentes poderiam fazer-nos olvidar.**

**Não abandonemos a estrada firme e reta; não deixemos que a paixão nos faça escorregar pelos declives perigosos que poderiam conduzir-nos à bestialidade; encaminhemo-nos com ânimo robustecido. A vingança é uma loucura que nos faria perder o fruto de muitos progressos, recuar pelo caminho percorrido.**

**Algum dia, quando houvermos deixado a Terra, talvez abençoemos esses que foram inflexíveis e intolerantes para conosco, que nos despojaram e nos cumularam de desgostos; abençoá-los-emos porque das suas iniqüidades surgiu nossa felicidade espiritual. Acreditavam fazer o mal e, entretanto, facilitaram, nosso adiantamento, nossa elevação, fornecendo-nos a ocasião de sofrer sem murmurar, de perdoar e de esquecer.  
  
A paciência é a qualidade que nos ensina a suportar com calma todas as impertinências. Consiste em extinguirmos toda sensação, tornando-nos indiferentes, inertes para as coisas mundanas, procurando nos horizontes futuros as consolações que nos levam a considerar fúteis e secundárias todas as tribulações da vida material.  
  
A paciência conduz à benevolência. Como se fossem espelhos, as almas reenviam-nos o reflexo dos sentimentos que nos inspiram. A simpatia produz o amor; a sobranceria origina a rispidez.  
  
Aprendamos a repreender com doçura e, quando for necessário, aprendamos a discutir sem excitação, a julgar todas as coisas com benevolência e moderação. Prefiramos os colóquios úteis, as questões sérias, elevadas; fujamos às dissertações frívolas e bem assim de tudo o que apaixona e exalta.  
  
Acautelemo-nos da cólera, que é o despertar de todos os instintos selvagens amortecidos pelo progresso e pela civilização, ou, mesmo, uma reminiscência de nossas vidas obscuras. Em todos os homens ainda subsiste uma parte de animalidade que deve ser por nós dominada à força de energia, se não quisermos ser submetidos, assenhoreados por ela. Quando nos encolerizamos, esses instintos adormecidos despertam e o homem torna-se fera. Então, desaparece toda a dignidade, todo o raciocínio, todo o respeito a si próprio.**

**A cólera cega-nos, faz-nos perder a consciência dos atos e, em seus furores, pode Induzir-nos ao crime. Está no caráter do homem prudente o possuir-se sempre a si mesmo, e a cólera é um indício de pouca sociabilidade e muito atraso. Aquele que for suscetível de exaltar-se, deverá velar com cuidado as suas impressões, abafar em si o sentimento de personalidade, evitar fazer ou resolver qualquer coisa quando estiver sob o império dessa terrível paixão.  
  
Esforcemo-nos por adquirir a bondade, qualidade inefável, auréola da velhice, a bondade, doce foco onde se reaquecem todas as criaturas e cuja posse vale essa homenagem de sentimentos oferecida pêlos humildes e pêlos pequenos aos seus guias e protetores.  
A indulgência, a simpatia e a bondade apaziguam os homens, congregando-os, dispondo-os a atender confiantes aos bons conselhos; no entanto, a severidade dissuade-os e afugenta.**

**A bondade permite-nos uma espécie de autoridade moral sobre as almas, oferece-nos mais probabilidade de comovê-las, de reconduzi-las ao bom caminho. Façamos, pois, dessa virtude um archote com o auxílio do qual levaremos luz às inteligências mais obscuras, tarefa delicada, mas que se tornará fácil com um sentimento profundo de solidariedade, com um pouco de amor por nossos irmãos.**

**08 - Justiça Divina - Emmanuel - pág. 157**

**FALIBILIDADE - Reunião pública de 23.10.61 - 1ª parte, cap. IX, ítem 12**

**Ante as devastações do mal, apóia o trabalho que objetiva o retorno do bem. Até que o espírito se integre no Infinito Amor e na Sabedoria Suprema, em círculos de manifestação que, por agora, nos escapam ao raciocínio, a falibilidade é compreensível, no campo de cada um, tanto quanto o erro é natural no aprendiz em experiência na escola.**

**A educação não forma autômatos. A Ordem Universal não cria fantoches. Onde haja desastre, auxilia a restauração. Mobiliza as forças de que dispõe, sanando os desequilíbrios, ao invés de consumir ação e verbo, atitude e tempo, grafando a veneno o labéu da censura.**

**Anotaste lances calamitosos nos delitos que o tribunal terrestre não é capaz de prever ou desagravar. Viste homens e mulheres, cercados de apreço público, aniquilarem existências preciosas, derramando o sangue de corações queridos em forma de lágrimas; surpreendeste cidadãos abastados e aparentemente felizes, que humilharam os próprios pais, reduzindo-os à extrema pobreza, ao preço de documentos espúrios.**

**Assinalaste pessoas açucaradas e sorridentes que induziram outras ao suicídio e à criminalidade, sem que ninguém as detivesse; identificaste os que abusaram do poder e do ouro, erguendo tronos sociais para si próprios, à custa do pranto que fizeram correr, muitas vezes com o aplauso dos melhores amigos, e conheceste carrascos de olhos doces e palavras corretas que escamotearam a felicidade dos semelhantes, abrindo as portas do hospício ou da penitenciária para muitos daqueles que lhes confiaram os tesouros da convivência, sem que o mundo os incomodasse.  
  
Apesar disso, não necessitas enlamear-lhes o nome ou incendiar-lhes a senda. Todos eles voltarão ao quadro escuro das faltas cometidas, através de continuadas reencarnações, em dificuldades amargas, nos redutos da prova, a fim de lavarem a consciência. Se a maldade enodoa essa ou aquela situação, faze o melhor que possas para que a bondade venha a surgir.  
  
Segue entre os homens, abençoando e ajudando, ensinando e servindo... Todas as vítimas das trevas serão trazidas à luz e todos os caídos serão levantados, ainda que, para isso, a esponja do sofrimento tenha de ser manejada pelos braços da vida, em milênios de luta. Isso porque as Leis Divinas são de justiça e misericórdia e a Providência Inefável jamais decreta o abandono do pecador.  
  
12 - O Evangelho S.o Espiritismo - Allan Kardec - cap. XII,9**

**INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS - A VINGANÇA - JULES OLIVIER Paris, 1862  
9. A vingança é um dos últimos resíduos dos costumes bárbaros, que tendem a desaparecer dentre os homens. Ela é, com o duelo, um dos derradeiros vestígios daqueles costumes selvagens em que se debatia a Humanidade, no começo da era cristã. Por isso, a vingança é um índice seguro do atraso dos homens que a ela se entregam, e dos Espíritos que ainda podem inspirá-la.**

**Portanto, meus amigos, esse sentimento jamais deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e se afirme espírita. Vingar-se é ainda, vós o sabeis, de tal maneira contrário a este preceito do Cristo: "Perdoai aos vossos inimigos", que aquele que se recusa a perdoar não somente não é espírita, como também não é cristão.  
  
A vingança é um sentimento tanto mais funesto, quanto a falsidade e a vileza são suas companheiras assíduas. Com efeito, aquele que se entrega a essa paixão cega e fatal quase nunca se vinga às claras. Quando é o mais forte, precipita-se como uma fera sobre o que considera seu inimigo, pois basta vê-lo para que se inflamem a sua paixão, a sua cólera e o seu ódio.**

**No mais das vezes, porém, assume uma atitude hipócrita, dissimulando no mais profundo do seu coração os maus sentimentos que o animam. Toma, então, caminhos escusos, seguindo o inimigo na sombra, sem que este desconfie, e aguarda o momento propício para feri-lo sem perigo. Ocultando-se, vigia-o sem cessar, prepara-lhe ciladas odiosas, e quando surge a ocasião, derrama-lhe o veneno na taça.  
  
Se o seu ódio não chega a esses extremos, ataca-o na sua honra e nas suas afeições. Não recua diante da calúnia, e suas pérfidas insinuações, habilmente espalhadas em todas as direções, vão crescendo pelo caminho. Dessa maneira, quando o perseguido aparece nos meios atingidos pelo seu sopro envenenado, admira-se de encontrar semblantes frios onde outrora havia rostos amigos e bondosos; fica estupefato, quando as mãos que procuravam a sua agora se recusam a apertá-la; enfim, sente-se aniquilado, quando os amigos mais caros e os parentes o evitam e se esquivam dele.**

**Ah! o covarde que se vinga dessa forma é cem vezes mais criminoso que aquele que vai direto ao inimigo e o insulta face a face! Para trás, portanto, com esses costumes selvagens! Para trás com esses hábitos de outros tempos! Todo espírita que pretendesse ter, ainda hoje, o direito de vingar-se, seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tomou por divisa o lema: Fora da caridade não há salvação. Mas não, não me deterei em semelhante idéia, de que um membro da grande família espírita possa jamais ceder ao impulso da vingança, mas, pelo contrário, ao do perdão.**

**14 - O sermão da montanha - Rodolfo Caligaris - pág. 89**

**NÃO RESISTAIS AO QUE VOS FIZER MAL  
A ocupação da Palestina, naquele tempo, ensejava constantes motivos de irritação para os judeus.  
É que ali, como em todas as regiões que havia conquistado, a soldadesca romana impunha aos vencidos uma dependência odiosa e intolerável, tantas as humilhações e os vexames por que os faziam passar.  
  
Era comum, por exemplo, um oficial romano dirigir-se de um ponto a outro da Judéia ou da Galiléia e, nessas viagens, obrigar os camponeses judeus que trabalhavam no campo a interromperem seus afazeres para carregar-lhe pesados fardos.  
  
Da mesma sorte, quem saísse de casa com um destino qualquer, nunca poderia ter a certeza de que chegaria ao local desejado, pois, se lhe acontecesse encontrar pelo caminho algum representante das autoridades dominantes, poderia ser obrigado a retroceder ou a mudar completamente de direção, para prestar qualquer serviço que lhe fosse exigido.  
  
Tentasse alguém reagir contra essas arbitrariedades e conheceria logo o preço de sua ousadia: o sarcasmo e crueldades inomináveis.  
É de calcular-se, portanto, a amargura com que os judeus tinham de curvar-se em homenagem às bandeiras romanas, sempre que as viam passar conduzidas pelas tropas de César, e com que ardor aguardavam o dia em que pudessem sacudir o jugo do opressor.  
  
Achava-se Jesus ensinando ao povo, nas cercanias de uma cidade que era sede de uma guarnição romana, quando a vista de uma companhia de soldados fez que seus ouvintes evocassem a lembrança do infortúnio que pesava sobre o povo israelita. O Mestre relanceou o olhar pelos que o circundavam e, em suas faces, viu estampado, de forma indisfarçável, o anseio de vingança que se aninhava em cada coração.  
  
Percebendo que todos o fitavam ansiosamente, esperando fosse ele Aquele que houvesse de lhes dar o poder, a fim de esmagarem seus dominadores, contristou-se, pois bem diferente era a sua missão, e, retomando a palavra, disse-lhes com brandura: "Tendes ouvido o que foi dito: olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao que vos fizer mal. Se alguém te ferir na face direita, oferece-lhe também a outra; ao que quer demandar contigo em juízo, para tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; e se qualquer te obrigar a caminhar com ele mil passos, vai com ele ainda mais outros dois mil,''(Mateus, 5:38-41.)  
  
Expressando-se dessa maneira, é claro que Jesus não estava a endossar as violências com que a tirania militar da época acostumara-se a supliciar os subjugados. Longe disso.  
  
O que ele quis ensinar nessa oportunidade, como aliás o fez durante toda a sua vida terrestre, foi que, malgrado a regra estatuída por Moisés — "olho por olho e dente por dente", a Lei do Amor que viera revelar proibia terminantemente as desforras, as vinditas, não sendo lícito a ninguém vingar-se a si mesmo.  
  
Unicamente a Deus pertence punir, assim os indivíduos como as nações que transgridam os mandamentos de Sua lei. Melhor do que nós, sabe Ele como obrigar os que erram a corrigir o erro cometido contra os semelhantes. A oportunidade e a importância desses princípios estabelecidos pelo Mestre incomparável ressaltam ainda hoje. Fosse permitido a cada qual fazer justiça por suas próprias mãos, agindo ao sabor de sua vontade pessoal, e a vida em sociedade seria muito difícil, tais os desmandos e excessos que se verificariam.  
  
Talvez se indague: pessoalmente, teve o Cristo ocasião de exemplificar tão sublime ensinamento? Sim! Foi oprimido e não teve uma expressão de revolta; cuspiram-lhe na face e não revidou o ultraje; teve as costas lanhadas, sem malquerer os que o feriam, e, através dos séculos, chega até nós, da cruz do Calvário, a oração que proferiu por aqueles que lhe davam a morte: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!".   
  
LEMBRETE:**

**1° - A vingança é um dos últimos remanescentes dos costumes bárbaros que tendem a desaparecer dentre os homens (...) constitui indício certo do estado de atraso dos homens que a ela se dão e dos Espíritos que ainda as inspirem. (...) Allan Kardec**

**2° - A vingança, qualquer que seja a forma de que se revista, revela baixeza e vilania, constituindo, sempre, prova de inferioridade moral de quem a exerce. Rodolfo Caligaris**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **VIOLÊNCIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A agonia das religiões - pág. 115** | **02 - A educação da nova era - pág. 38** |
| **03 - A mansão Renoir - pág. 262** | **04 - Alerta - pág. 81** |
| **05 - Antologia do perispírito - ref. 294** | **06 - Após a tempestade - pág. 40** |
| **07 - Chico e Emmanuel - pág. 21** | **08 - Coragem - pág. 52** |
| **09 - Inquisição, A época das trevas - toda a obra** | **10 - Lázaro redivivo - pág. 204** |
| **11 - O consolador - pág. 95** | **12 - O Evangelho S.o Espiritismo - pág. cap. IX** |
| **13 - O Livro dos Espíritos - q. 161** | **14 - Pérolas do além - pág. 236** |
| **15 - Quando voltar a primavera - pág. 84** | **16 - Respositório de sabedoria - pág. 284** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**VIOLÊNCIA** **– COMPILAÇÃO**

**01- A agonia das religiões - J. Herculano Pires - pág. 115**

**CAPÍTULO - XIV O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA  
Chamamos Civilização do Espírito aquela em que os poderes espirituais regerão a vida social. Para isso é necessário que a sociedade seja constituida por seres morais, criaturas formadas nos princípios da moral-consciencial. Essa moral corresponde ao que Hubert considera as exigências da consciência. Não se trata, pois, de um conceito de moral metafísica, de uma formulação utópica de sonhadores.**

**Mesmo que o fosse, a definição da utopia por Karl Mannheim nos socorreria quanto à sua validade. Se as utopias são, como quer Mannheim, percepções antecipadas de realidades futuras — possibilidade provada pelas pesquisas parapsicológicas — nem assim estaríamos tratando de hipóteses vazias. Mas quando aludimos à consciência estamos pisando na terra e não olhando para o céu. A consciência é um dado positivo, uma realidade antropológica e social que ninguém se atreveria a contestar. Ela rege a nossa vida, o nosso comportamento nas relações humanas e por isso se projeta de maneira inegável no plano do sensível.  
  
Sabemos que a consciência varia de graus no tocante à sua estrutura e à sua coerência. E sabemos também quais os perigos concretos de uma consciência imatura, ainda não suficientemente definida, e portanto frouxa ou incoerente, contraditória, que pode produzir catástrofes no âmbito da sua influência ou do seu domínio. As variações da moral entre os grupos humanos e as próprias civilizações decorrem mais da posição da consciência dominante na sociedade do que dos fatores mesológicos e suas consequências econômicas. No plano religioso a consciência é um fator determinante da realidade religiosa. A consciência judaica de Saulo de Tarso fez dele um perseguidor sanguinário dos cristãos primitivos, o lapidador cruel de Estevão.**

**Mas, ao ajustar a sua consciência aos princípios cristãos, ele se transformou no Apóstolo dos Gentios e no maior propagador do Cristianismo. As exigências da consciência são sempre as mesmas em todos os homens. As variações de graus e de coerência decorrem do processo de maturação e das condições de meio e educação. A consciência amadurece na proporção em que as experiências vão revelando ao espírito o seu anseio latente de transcendência. A vontade de potência, de Nietzshe, é o primeiro impulso que leva o homem, ainda na selva, a querer sobrepujar os outros, elevar-se acima das condições gerais do meio.**

**Esse impulso se prolongará no processo evolutivo. O homem se envaidece com a sua capacidade de subjugar os outros, de mandar, de impor medo, respeito, submissão aos demais. Sua consciência se abre no plano individual, fechada nos limites de si mesma. É o reconhecimento do seu poder que naturalmente o embriaga e o levará a excessos perigosos. Mas na proporção em que os liames do clã se desenvolvem, o parentesco, a simpatia e as afinidades se revelam, a embriaguez do poder vai sendo atenuada, contida pela percepção dos limites inevitáveis. Depois, o esgotamento progressivo das forças físicas e o perigo das doenças, das competições com iguais ou mais fortes, e por fim a certeza da morte irão abatendo a sua arrogância.**

**Nas reencarnações sucessivas essas experiências se renovam, mas o impulso de transcendência se acentua, levando-o, a procurar outros meios de superação: o poder social, a hipocrisia, a estratégia das posses materiais e das posições de mando. Só lentamente, ao longo do tempo, sujeito às reações que o enredam em situações difíceis, muitas vezes torturantes, sua consciência começa a abrir-se para o respeito dos outros.. A interação social, na recíproca das obrigações e das necessidades, na transformação dos instintos em sentimentos, irá pouco a pouco despertando-o para novas dimensões conscienciais.  
  
A violência do homem civilizado tem as suas raízes profundas e vigorosas na selva. O homo brutalis tem as suas leis: subjugar, humilhar, torturar, matar. O seu valor está sempre acima do valor dos outros. A sua crença é a única válida. O seu modo de ver o mundo e os homens é o único certo. O seu deus é o único verdadeiro. Só o que é bom para ele é bom para a comunidade. Os que se opõem aos seus desígnios devem ser eliminados pelo bem de todos. A violência é o seu método de ação, justificado pelo seu valor pessoal, pela sua capacidade única de julgar. Tece ele mesmo a trama de fogo do seu futuro nas encarnações dolorosas que terá de enfrentar. As religiões da violência fizeram de Deus uma divindade implacável e os livros básicos de suas revelações estão cheios de homicídios e genocídios em nome de Deus.  
  
Não obstante, misturam-se às ordenações violentas estranhos preceitos de amor e bondade. São as lições de consciências desenvolvidas lutando para despertar as que, endurecidas no apego a si mesmas, asfixiam os germes do altruísmo nas garras do egoísmo. É um espetáculo dantesco o de uma alma vigorosa dotada de intelecto capaz de entender as suas próprias contradições, mas empenhada em negar a sua condição humana, rebaixando-se aos brutos ao invés de buscar a elevação moral a que se destina. Nos momentos de transição, como este que estamos vivendo, a violência desencadeada exige a oposição vigorosa e sacrificial dos que já atingiram o desenvolvimento consciencial da civilização.**

**A cumplicidade com as práticas de violência, por parte de consciências esclarecidas, retarda a evolução coletiva e rebaixa o cúmplice a posições indignas. O mesmo acontece no tocante à aceitação de princípios errôneos por conveniência. O espírito se coloca então em luta consigo mesmo, negando o seu próprio desenvolvimento consciencial e ateando em si mesmo a fogueira dos remorsos futuros. A Civilização do Espírito se torna, assim, o resultado de um parto doloroso. Mas, como todos os partos, tem de ser feito.E se acaso for possível o aborto, a civilização se fechará sobre si mesma e todos os responsáveis mergulharão com ela nas trevas da miséria moral.   
  
As fases de transição, na evolução dos mundos, são também fases de julgamento individual das criaturas que os habitam. Daí o mito do Juízo Final, em que todos serão julgados. Mas não haverá um Tribunal Divino nas nuvens, porque esse tribunal está naturalmente instalado na consciência de cada indivíduo. A presença do julgador é onímoda e fatal, porque cada qual será juiz implacável e inevitável de si-mesmo. A agonia das religiões é a agonia de um mundo. Por isso a Terra inteira participa dessa mesma agonia. A queda dos deuses mitológicos do mundo clássico foi também a queda dos grandes impérios.**

**Em vão César procurou desligar-se de Júpiter e aceitar o Deus Único. A conversão do Império foi a sua própria morte. A Idade Média procurou restabelecer o reino da violência em nome de Jesus. Durou um milênio, pois a integração dos bárbaros na ordem cristã exigia uma reelaboração demorada e um reajuste penoso das contradições culturais. O Renascimento marcou o advento do que parecia ser, na verdade, uma civilização cristã. Mas os resíduos da violência continuaram a fermentar nas novas estruturas sócio-culturais. A prova histórica de que a carga de violência era enorme está hoje aos nossos olhos, na explosão de violências em toâos os níveis do mundo contemporâneo.**

**Nossa esperança é a de que essa explosão seja a catarse final. O homo brutalis vai desaparecer. Mas para isso é necessário o despertar de novas dimensões na consciência atual. Não será sustentando e justificando as estruturas religiosas envelhecidas, submissas às ordenações do passado bíblico, que facilitaremos o advento da nova era. Muito menos pela negação da própria essência, do homem, através de ideologias materialistas. A busca da intimidade pessoal com Deus, em termos fantasiosos, ou a negação de Deus em nome de uma razão ilógica são formas contraditórias de asfixia da consciência. A rejeição do Evangelho ou a manutenção de sua interpretação sectária equivalem igualmente à negação dos valores espirituais do homem.**

**A estrutura moral da consciência está delineada de maneira indelével nas páginas do ensino moral de Jesus. Temos de aprofundar o seu estudo e procurar aplicá-lo em nossa vivência social. A civilização Cristã vai sair agora do tubo de ensaio, concretizar-se na forma real de uma Civilização do Espírito, em que os princípios espirituais se encarnarão nas normas de conduta, nas formas de comportamento do Novo Homem. O problema das relações humanas, colocado em forma de etiqueta nas velhas civilizações nobiliárquicas do Oriente e do Ocidente, formalizado ao extremo nos tempos feudais, e convertido em protocolo de conveniências no mundo moderno e contemporâneo, terá de voltar ao ponto de partida dos ensinos e dos exemplos de Jesus.**

**A regra áurea do amor prevalecerá num mundo regido pela moral consciencial. Porque a primeira exigência da consciência humana é a do amor ao próximo, desprezada e amesquinhada nas sociedades mercenárias a ponto de levar-nos ao seu contrário o ódio, essa cegueira do espírito, que gera e sustenta a violência no mundo. O pragmatismo das sociedades contemporâneas coisificou o homem, o que vale dizer que o nadificou no plano moral. Pior do que a nadifirarfín teoria de Sartre, é essa nadificação em vida que reduz a criatura humana a objeto de uso. O homem retorna a condição dos instrumentos vocais de Cícero, um instrumento vocais de Cícero, um instrumento que fala.**

**Pode ser incluído entre os úteis ou amanuais de Heidegger, objetos manuseáveis. O public-relations de hoje é o fâmulo medieval aprimorado pela técnica, domesticado para sorrir e curvar-se em todas as ocasiões, pois o que importa é sempre o lucro, o que vale é a relação social em termos de vantagens, sempre que possível, pecuniárias. Esse aviltamento total do homem abriu as comportas da violência represada debilmente pelas barreiras artificiais da civilização. Como estamos vendo no panorama mundial da atualidade, com exemplos gritantes diariamente divulgados pelos meios de comunicação, a besta-fera das selvas arrombou as jaulas convencionais e tripudia sobre a fragilidade humana.  
  
Contra essa realidade exasperante de nada valem os sermões, as pregações, as ladainhas e outras preces labiais. O mesmo indivíduo que se ajoelha diante das imagens, nos templos suntuosos, volta ao seu posto de mando para ordenar torturas canibalescas. Está certo que Deus o aprova, pois age em defesa da civilização cristã, aviltando aqueles pelos quais o Cristo morreu, segundo lembrou Stanley Jones. No começo do século, Léon Tolstoi já advertia que estamos numa era de nova antropofagia, então requintada pelas técnicas modernas. Hoje, na era tecnológica, os instrumentos de opressão, tortura e aniquilamento do homem atingiram a máxima perfeição diabólica. Tudo isso porque? Porque a deformação da mente e o aviltamento da conciência desumanizou o homem.  
  
Seria loucura responsabilizar unicamente as religiões por essa calamidade. Mas seria hipocrisia querer isentá-las de culpa. Elas se apegaram à matéria em nome do espírito e asfixiaram este em suas estruturas pragmáticas. Cabe-lhes pelo menos metade da culpa, pois que se fizeram mestras e orientadoras da civilização, participando ativamente dos maiores desmandos através dos séculos, quando não os dirigia. Estatizando-se ou não, todas elas trocaram o mandato divino pelos poderes de César. E se não se aniquilaram mutuamente, não foi por piedade, mas porque jogaram habilmente a sua sorte sobre a túnica do crucificado e os dados romanos favoreceram a todas.**

**Apesar dessa voracidade mundana, almas valentes como a de Lutero, humildes e piedosas como a de Francisco de Assis, irredutíveis como a de John Huss, límpidas como a de Maria D'Ageada sacrificaram-se para tentar salvá-la e insuflar-lhes a seiva cristã de seus novos exemplos. Os mártires da fé não foram apenas perseguidos e esmagados pelos ímpios. Dentro de suas próprias confissões religiosas, nos calabouços medievais que refletiam o Inferno na Terra, e até mesmo no mundo moderno, apesar dos trágicos exemplos históricos, em nações profundamente marcadas pelo fogo do fanatismo religioso, milhares de mártires continuaram sofrendo as ameaças e os castigos do Deus bíblico implacável, através de seus estranhos e temíveis capatazes.**

**Ainda não surgiu, infelizmente, o gênio da Psicologia que deverá, mais cedo ou mais tarde, realizar a análise assombrosa dos complexos sem nome de misticismo, sadismo e barbárie que Freud apenas aflorou em suas pesquisas da libido. Será um balanço apocalíptico da escatologia das religiões da violência. Não proponho estes problemas em tom de acusação, mas de análise. Os maiores mártires, na verdade, foram os próprios carrascos, que aviltaram primeiro a si-mesmos, condenando-se perante o tribunal da consciência, cujas auto-sentenças brotam como labaredas das próprias entranhas do criminoso, digno de piedade e perdão como todas as criaturas humanas.**

**Minha intenção é apenas a de prevenir, sacudir e acordar os que continuam errando, na vaidosa ilusão de uma investidura divina contrária aos princípios funda­mentais do Evangelho. A imortalidade do ser é a sua própria e irreversível condenação, ante as leis de Deus inscritas em sua consciência. A vantagem do Espiritismo, entre todas as doutrinas filosóficas do nosso tempo, é a de colocar os problemas do homem, mesmo no campo religioso, em termos de razão e naturalidade, eliminando os resíduos do sobrenatural que pesaram esmagadoramente sobre o passado, sem cair no ceticismo e no agnosticismo. Essa posição suis generis do Espiritismo permite-lhe preparar o homem atual para uma existência normal e digna no futuro, desde que os espíritas, tão sobrecarregados de heranças religiosas deformantes, não venham a cair nas mesmas e nefastas ilusões da investidura divina e da institucionalização hierárquica das religiões da violência.**

**Não escrevi este ensaio com fins proselitistas, pois uma doutrina aberta, sem finalidades salvacionistas, fundada em métodos científicos de observação e pesquisa, como o próprio Kadec afirmou, não é uma caçadora de adeptos. O que lhe interessa não é combater as religiões ou tirar de suas fileiras os que nelas se sentem bem, mas apenas oferecer aos homens de bom-senso uma visão realista e por isso mais ampla e mais profunda do homem e do seu destino no espaço e no tempo. Só essa compreensão racional e superior do Universo, em que o homem aparece integrado nas leis naturais, poderá modificar a mentalidade confusa e contraditória do nosso tempo e preparar-nos para a Era Cósmica, na qual a Terra só poderá entrar com a Civilização do Espírito.**

**Nessa civilização, que será a única digna dessa classificação, a única civilização autêntica, os homens estarão investidos do único mandato realmente divino (considerando-se o divino como uma categoria superior à do humano) que decorre das exigências de sua consciência moral. René Hubert interpreta a Educação, no seu Traité de Pedagogie Generale, como um processo que tem por finalidade estabelecer na Terra a solidariedade de consciências, da qual resultará uma estrutura política e social que ele chama de República dos Espíritos. É essa República, em que a rés não se limita às coisas materiais, mas se estende sobretudo às consciências, proclamando o primado do espírito no planeta, que o Espiritismo pretende atingir pelo trabalho e a compreensão dos homens. Porque a tarefa é nossa e não de entidades mitológicas de qualquer espécie.  
  
Se insisto na tônica do Cristianismo não é por menosprezo às demais correntes de pensamento religioso, mas porque a experiência histórica, apesar de todos os pesares já anteriormente referidos, prova que somente ele mostrou-se capaz de reformular o mundo em sua globalidade. As energias espirituais e a orientacão racional do ensino moral do Cristo, encerrado no complexo de mitos dos Evangelhos já estão, segundo entendo, os elementos que podem e realmente já estão balizando o futuro da humanidade terrena. O importante é chegarmos a esse futuro pelos meios adequados, com o mínimo de conflitos criminosos e o máximo de compreensão racional dos nossos objetivos. Como observou Gandhi em suas memórias, os meios que nos podem levar à verdade e à dignidade só podem ser verdadeiros e dignos. Esses meios não precisam da justificação dos fins, pois justificam-se por si mesmos.**

**02 - A educação da nova era - Dora Incontri- pág. 38**

**IV - A CRIANÇA HOJE  
Se educar já é em si mesma uma tarefa intrincada, educar no momento atual é problema multiplicado por mil. Primeiro, pelas forças contrárias da massaficação, comentadas no capítulo anterior. Segundo, pelas modificações que a condição infantil vem sofrendo nas últimas décadas. Décadas atrás, as meninas de 14 anos andavam às voltas com bonecas e os meninos empinavam papagaio.**

**A pureza das crianças era um fato. Seu horizonte não ultrapassava os tranquilos livros didáticos e os brinquedos inocentes. Por isso também, para educá-las, bastava um olhar enviezado dos pais. Viviam num mundo à parte dos adultos e o chinelo e o Papai Noel exerciam sobre elas, grande poder de coerção.**

**Mas aquele mundo infantil de quietude e sonho desmoronou sob o impacto da era da eletrônica. Hoje, ser criança não significa absolutamente ser um anjo de candura, distante da maldade dos homens. A televisão e a internet invadiram os lares e as crianças despertam cedo para a realidade. São logo arrancadas do seu universo de fantasia, estimuladas pela violência e pelos apelos precoces do sexo.**

**Os meios de comunicação mudaram a infância. E se por um lado, chocaram-na contra a rudeza de um mundo conturbado, deram-lhe maior perspicácia e agudeza de espírito. As informações que uma criança tem hoje, nossos avós demoravam uma vida toda para adquirir. E e esse grau de conhecimentos a torna mais curiosa e aberta a outras conquistas. O período de inocência e tranquilidade infantil está tendendo a diminuir sempre mais. Cada vez mais cedo e com maior intensidade, as inquietações da adolescência brotam, acrescidas pelos múltiplos e desencontrados apelos das revistas pornográficas, da mídia eletrônica, das drogas, do consumismo, do mau gosto e da vulgaridade.**

**Seria possível e mesmo desejável uma volta aos padrões antigos? A verdade é que não podemos barrar a avalanche da evolução. Diziam os Espíritos a Kardec que, em mundos mais adiantados, o período de infância é bem mais curto que o terrestre; às vezes até ausente. Não estaremos caminhando para isso? Porém, se a oposição ao progresso é loucura, lavarmos as mãos diante dele é irresponsabilidade. É nosso dever controlá-lo, direcioná-lo e moldá-lo conscientemente. E na questão da infância, há muito o que fazer nesse sentido.**

**Seria desejável - e essa é uma meta a ser atingida a longo prazo - que as crianças só recebessem do mundo que as cerca, mensagens boas e construtivas. Ao invés, hoje, elas são bombardeadas dia e noite pela violência e pela sensualidade desenfreada. Só pode caber aos pais, a tarefa de amortizar essa deseducação constante por que a infância passa.**

**Não se pense, porém, que isso seja de fácil execução. Não basta dar meia dúzia de sermões bem feitos para se educar uma criança. Há que se acompanhá-la a cada passo, em casa, na escola, no lazer, observando seu comportamento, estando sempre a par do que acontece à volta e dentro dela. Não retirá-la do mundo, mas estar com ela nesse mundo, explicando e solidificando princípios, muitas vezes não encontráveis lá fora.**

**As crianças devem conhecer pouco a pouco a realidade como ela é, mas entendê-la sob o prisma de uma Educação equilibrada, que lhes dará inclusive instrumentos para modificá-la. Mas para estar com a criança no mundo e orientá-la pelos tropeços da realidade, é preciso que os pais, em primeiro lugar, conheçam muito bem esse mundo. A falta de informação é fatal em nossos dias. Quem vive alienado, estagnado e desatualizado, enclausurado em seus afazeres diários, nunca poderá permanecer à testa da Educação dos próprios filhos.**

**Mais tempo, menos tempo, perderão completamente o respeito das crianças, que são bastante espertas para verem que os pais são uns bobalhões. Mesmo havendo conhecimento de causa por parte dos pais, para que uma Educação de equilíbrio e uma orientação firme na percepção das coisas possam se efetivar, é indispensável uma palavra-chave no relacionamento familiar: diálogo. Sem isso, só pode haver imposição cega ou indiferença culposa.**

**04 - Alerta - Joanna de Ângelis - pág. 81**

**26. VIOLÊNCIA E JESUS  
Diante da agressividade que te vigia, impiedosa, exerce o equilíbrio, guardando serenidade. Em todos os trâmites da vida, Jesus é o modelo e guia em quem encontramos a diretriz de segurança. Acicatado pela impiedade farisaica, Ele preconizou o amor indistinto. Perseguido pela malta irresponsável, Ele recomendou o perdão.  
  
Instado a aceitar a justiça arbitrária, Ele propôs a resignação e a humildade. Antes, porém, em todos os Seus passos, vemos Sua vida assinalada pela total abnegação, com que estabeleceu, na Terra, o primado do Espírito Imortal. Quando a fome angustiava a multidão, Ele transformou peixes e pães em abundante repasto para todos.  
  
Quando defrontou a mulher equivocada, que lhe foi trazida para lapidação, Ele ensinou misericórdia. Insulado, na soledade, buscou Deus. Abandonado pelos comensais do seu afeto, volveu a demonstrar fidelidade ao amor. Traído por um amigo, distendeu a Sua magnanimidade como lição de complacência. Nunca receitou a violência.  
  
A violência, nos quadros do Cristianismo, não vige, em página alguma. Quando hoje, a Terra em aturdimento estertora sob os guantes da agressividade e da violência, que se transformam em lobos ferozes, apavorando os homens, Jesus prossegue o modelo. Não te deixes engalfinhar na luta da arbitrária justiça pelas próprias mãos. Toda violência oculta um ser enfermo, que extrapola da sua dor para a agressão infeliz.  
  
Somente o amor em plenitude e a paz em profundidade podem constituir antídotos eficazes para minimizar a força hiante que avassala o mundo e expulsar este adversário, que se disfarça: o egoísmo! Nenhuma medida existe, a curto prazo, para deter a onda desencadeada pela invigilância desde há muito.  
  
A tarefa que te cumpre realizar é a da educação das gerações moças pelo exemplo de total dignificação humana sob as bênçãos do Senhor. Nenhuma pena capital pode erradicar a paixão ultriz que vige no homem. A tomada de atitude arbitrária mais açula a insânia do pervertido, enquanto que a solidariedade, destruindo o caldo de cultura criminógena, que fecunda, que enlouquece, é o recurso para diminuir e neutralizar a ação do mal que se espraia pelo mundo.  
  
Quem tem Jesus no coração não tomba nas ciladas da impiedade, pois "somente lobos caem nas armadilhas para lobos". Não te deixes atemorizar pela onda de desespero, armando-te de violência para revidar golpe por golpe. O cristão se arma de paz e de amor para atender à luta que vem sendo desencadeada, concitando à misericórdia e ao perdão, em qualquer conjuntura anárquica e perturbadora da atualidade.  
  
Sê tu quem ama, quem confia e quem realiza a resistência pacífica, a fim de mudar a paisagem da Terra e plantar no coração humano o Triunfador Invencível da Cruz. A violência é sempre sem Jesus. Jesus nunca em clima de violência.  
  
08 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 52**

**15 - PARA RENOVAR-NOS  
Não espere viver sem problemas, de vez que problemas são ingredientes de evolução, necessários ao caminho de todos. Ante os próprios erros, não descambe para o desculpismo e sim enfrente as consequências deles, a fim de retificar-se, como quem aproveita pedras para construção mais sólida.**

**Não perca tempo e serenidade, perante as prováveis decepções da estrada, porquanto aqueles que supõem decepcionar-nos estão decepcionando a si mesmos. Reflita sempre antes de agir, a fim de que seus atos sejam conscientizados.**

**Não exija perfeição nos outros e nem mesmo em você, mas procure melhorar-se quanto possível. Simplifique seus hábitos. Experimente humildade e silêncio, toda vez que a violência ou a irritação apareçam em sua área.**

**Comunique seus obstáculos apenas aos corações amigos que se mostrem capazes de auxiliar em seu benefício com discrição e bondade.**

**Diante dos próprios conflitos, não tente beber ou dopar-se, buscando fugir da própria mente, porque de toda ausência indébita você voltará aos estragos ou necessidades que haja criado no mundo íntimo, a fim de saná-los.**

**Lembre-se de que você é um espírito eterno e se você dispõe da paz na consciência estará sempre inatingível a qualquer injúria ou perturbação.**

**André Luiz.**

**11 - O consolador - Emmanuel - pág. 95**

**Perg. 150 - É possível que os espiritista venham a sofrer perturbações depois da morte?  
- A morte não apresenta perturbações à consciência reta e ao coração amante da verdade e do amor dos que viveram na Terra tão somente para o cultivo da prática do bem, nas suas variadas formas e dentro das mais diversas crenças. Que o espiritista cristão não considere o seu título de aprendiz de Jesus como um simples rótulo, ponderando a exortação evangélica - "muito se pedirá de quem muito recebeu", preparando-se nos conhecimentos e nas obras do bem, dentro das experiências do mundo para a sua vida futura, quando a noite do túmulo houver descerrado aos seus olhos espirituais a visão da verdade, em marcha para as realizações da vida imortal.**

**Perg.- A morte violenta proporciona aos desencarnados sensações diversas da chamada "morte natural"?  
- A desencarnação por acidentes, os casos fulminantes de desprendimento proporcionam sensações muito dolorosas à alma desencarnada, em vista da situação de surpresa ante os acontecimentos supremos e irremediáveis. Quase sempre, em tais circunstâncias, a criatura não se encontra devidamente preparada e o imprevisto da situação lhe traz emoções amargas e terríveis. Entretanto, essas surpresas tristes não se verificam para as almas, no caso das enfermidades dolorosas e prolongadas, em que o coração e o raciocínio se tocam das luzes das meditações sadias, observando as ilusões e os prejuízos do excessivo apego à Terra, sendo justo considerarmos a utilidade e a necessidade das dores físicas, nesse particular, porquanto somente com o seu concurso precioso pode o homem alijar o fardo de suas impressões nocivas do mundo, para penetrar tranquilamente os umbrais da vida do Infinito.**

**12 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - cap. IX**

**INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS  
1 - Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a Terra. (Mateus, V: 4)  
2 - Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. (Mateus, V:9)  
3 - Ouvistes que foi dito aos antigos. Não matarás, e quem matar será réu no juízo. Pois eu vos digo que todo o que se ira contra o seu irmão será réu no juízo; e o que disser a seu irmão: "racca", será réu no conselho; e o que disse: és louco, merecerá a condenação do fogo do inferno (Mateus, V:21-22).**

**4 - Por estas máximas, Jesus estabeleceu como lei a doçura, a moderação, a mansuetude, a afabilidade e a paciência. E, por consequência, condenou a violência, a cólera, e até mesmo toda expressão descortês para com os semelhantes. RACCA era entre os hebreus uma expressão de desprezo, que significava HOMEM RELES, e era pronunciada cuspindo-se de lado. E Jesus vai ainda mais longe, pois ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: És louco.**

**É evidente que nesta, como em qualquer circunstância, a intenção agrava ou atenua a falta. Mas por que uma simples palavra pode ter tamanha gravidade, para merecer tão severa reprovação? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei de amor e caridade, que deve regular as relações entre os homens, mantendo a união e a concórdia. É um atentado à benevolência recíproca e à fraternidade, entretendo o ódio e a animosidade. Enfim, proque depois da humildade perante Deus, a caridade para com o próximo é a primeira lei de todo cristão.**

**A CÓLERA - Um espirito protetor - Bordeaux, 1863  
9. O orgulho vos leva a vos julgardes mais do que sois, a não aceitar uma comparação que vos possa rebaixar, e a vos considerardes, ao contrário, de tal maneira acima de vossos irmãos, seja na finura de espírito, seja no tocante à posição social, seja linda em relação às vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e vos fere. E o que acontece, então? Entregai-vos à cólera.  
  
Procurai a origem desses acessos de demência passageira, que vos assemelham aos brutos, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; procurai-a, e encontrareis quase sempre por base o orgulho ferido. Não é acaso o orgulho ferido por uma contradita, que vos faz repelir as observações justas e rejeitar, encolerizados, os mais lábios conselhos?**

**Até mesmo a impaciência, causada pelas contrariedades, em geral pueris, decorre da importância atribuída à personalidade, perante a qual julgais que todos devem curvar-se.  
  
No seu frenesi, o homem colérico se volta contra tudo, à própria natureza bruta, aos objetos inanimados, que espedaça, por não lhe obedecerem. Ah! se nesses momentos ele pudesse ver-se a sangue-frio, teria horror de si mesmo ou se reconheceria ridículo!**

**Que julgue por isso a impressão que deve causar aos outros. Ao menos pelo respeito a si mesmo, deveria esforçar-se, pois, para vencer essa tendência que o torna digno de piedade.  
  
Se pudesse pensar que a cólera nada resolve, que lhe altera a saúde, compromete a sua própria vida, veria que é ele mesmo a sua primeira vítima. Mas ainda há outra consideração que o deveria deter: o pensamento de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não sentirá remorsos por fazer sofrer as criaturas que mais ama? E que mágoa mortal não sentiria se, num acesso de arrebatamento, cometesse um ato de que teria de recriminar-se por toda a vida!  
  
Em suma: a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede que se faça muito bem, e pode levar a fazer muito mal. Isto deve ser suficiente para incitar os esforços por dominá-la. O espírita, aliás, é incitado por outro motivo: o de que ela é contrária à caridade e à humildade cristãs.**

**HAHNEMANN - PARIS, 1863  
10. Segundo a idéia muito falsa de que não se pode reformar a própria natureza, o homem se julga dispensado de fazer esf para se corrigir dos defeitos em que se compraz voluntariamente ou que para isso exigiriam muita perseverança. É assim, por exemplo que o homem inclinado à cólera se desculpa quase sempre o seu temperamento. Em vez de se considerar culpado, atribu falta ao seu organismo, acusando assim a Deus pelos seus próprios defeitos. É ainda uma consequência do orgulho, que se encontra mesclado a todas as suas imperfeições.  
  
Não há dúvida que existem temperamentos que se prestam melhor aos atos de violência, como existem músculos mais flexíveis que melhor se prestam a exercícios físicos. Não penseis, porém, que seja essa a causa fundamental da cólera, e acreditai que Espírito pacífico, mesmo num corpo bilioso, será sempre pacífico, enquanto um Espírito violento, num corpo linfático, não seria mais dócil. Nesse caso, a violência apenas tomaria outro caráter. Não dispondo de um organismo apropriado à sua manifestação, a cólera seria concentrada, enquanto no caso contrário seria expansiva.  
  
O corpo não dá impulsos de cólera a quem não os tem, como não dá outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. Sem isso, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem que é deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito nada tem com isso, mas pode modificar o que se relaciona com o Espírito, quando dispõe de uma vontade firme.'' A experiência não vos prova, espíritas, até aonde pode ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que se operam aos vossos olhos? Dizei, pois, que o homem só permanece vicioso porque o quer, mas que aquele que deseja corrigir-se sempre o pode fazer. De outra maneira, a lei do progresso não existiria para o homem.**

|  |  |
| --- | --- |
| **VIRTUDES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - cap. XV, 11** | **02 - Agenda cristã - pág. 85, 95,107** |
| **03 - Amizade - pág. 80** | **04 - Boa nova - pág. 133** |
| **05 - Caminho verdade e vida - pág. 63, 155** | **06 - Contos desta e doutras vidas - pág. 43** |
| **07 - Coragem - pág. 151** | **08 - Cromoterapia - pág. 26** |
| **09 - Depois da morte - pág. 33** | **10 - Dinheiro - pág. 35** |
| **11 - Espírito e vida - pág. 44, 71** | **12 - Estude e viva - pág. 166** |
| **13 - Justiça divina - pág. 23** | **14 - Lampadário espírita - pág. 207, 228** |
| **15 - Na era do espírito - pág. 98** | **16 - Nas pegadas do Mestre - pág. 18, 141** |
| **17 - No mundo maior - pág. 59,222** | **18 - O consolador - pág. 150** |
| **19 - O espírito da verdade - pág. 46, 48, 61, 101** | **20 - O Evangelho S.o Espiritismo - pág. 154, 265** |
| **21 - O grande enigma - pág. 231** | **22 - O Livro dos Espíritos - q. 893, 918** |
| **23 - O mestre na educação - pág. 94** | **24 - Oferenda - pág. 93** |
| **25 - Os funerais da santa sé - pág. 72, 155** | **26 - Os mensageiros - 86** |
| **27 - Palavras de vida eterna - pág. 260** | **28- Rumo certo - pág. 23, 79** |
| **29 - Seareiros de volta - pág. 94** | **30 - Universo e vida - pág. 87** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**VIRTUDES** **– COMPILAÇÃO**

**01- A Gênese - Allan Kardec - cap. XV, 11**

**CURAS - PERDA DE SANGUE.  
10. - Então, uma mulher, enferma com uma perda de sangue há doze anos, - que muito sofrera nas mãos de vários médicos, e que, tendo gasto todos os seu bens, com ele não recebera nenhum alivio, mas se achava cada vez pior, - tendo ouvido falar de Jesus, veio na multidão por trás, e tocou as suas vestes; porque ela dizia: Se eu puder tocar somente as suas vestes, estarei curada. - No mesmo instante, a fonte do sangue que ela perdia secou, e sentiu em seu corpo que estava curada dessa doença.  
  
No mesmo instante Jesus, conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra, retornou para o meio da multidão e disse: Quem tocou as minhas vestes? - Seus discípulos lhe disseram: Vedes que a multidão vos comprime de todos os lados, e perguntais quem vos tocou? - E ele olhava tudo ao seu redor para ver aquela que o tocara.  
  
Mas essa mulher, que sabia o que se passara com ela, tomada de medo e de pavor, veio se lançar aos seus pés, e lhe declarou toda a verdade. - E Jesus lhe disse: Minha filha, a vossa fé vos salvou; ide em paz, e sede curada de vossa doença. (São Marcos, cap. V, v. de 25 a 34).  
  
11.- Estas palavras: "Conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra, são significativas; elas exprimem o movimento fluídico que se operou de Jesus para a mulher enferma; ambos sentiram a ação que acabara de se produzir. É notável que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; ele não fez nem magnetização e nem imposição das mãos. A irradiação fluídica normal bastou para operar a cura.  
  
Mas por que essa irradiação se dirigiu para essa mulher, antes que para os outros, uma vez que Jesus não pensava nela, e que estava cercado pela multidão?  
  
A razão disso é bem simples. O fluido, sendo dado como matéria terapêutica, deve atingir a desordem orgânica para repará-la; pode ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, a confiança, em uma palavra, a fé do enfermo. Com relação à corrente fluídica, o primeiro fato tem o efeito de uma bomba premente e o segundo de uma bomba aspirante. Algumas vezes, a simultaneidade dos dois efeitos é necessária, outras vezes, um só basta; foi o segundo que ocorreu nesta circunstância.  
  
Jesus tinha, pois, razão em dizer: "A vossa fé vos salvou."Compreende-se aqui que a fé não é a virtude mística, tal como certas pessoas a entendem, mas uma verdadeira força atrativa, ao passo que aquele que não a tem opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia, que paralisa a ação. Segundo isto, compreende-se que dois enfermos atingidos pelo mesmo mal, estando em presença de um curador, um pode ser curado e o outro não. Está aí um dos princípios mais importantes da mediunidade curadora e que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes. (Cap. XIV, n5 31,32,33).  
  
CEGO DE BETSAIDA.  
12. - Tendo chegado a Betsaida, levaram-lhe um cego que lhe pedia para tocá-lo.  
E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da povoação; colocou-lhe saliva sobre os olhos, e lhe tendo imposto as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa.-Esse homem, olhando, lhe disse: Vejo andar homens que parecem árvores. -Jesus lhe colocou ainda uma vez mais as mãos sobre os olhos, e ele começou a ver melhor; e, enfim, foi de tal modo curado, que via distintamente todas as coisas.  
  
Em seguida, ele o mandou para a sua casa, e lhe disse: Ide para a vossa casa; e se entrardes na povoação, não digais a ninguém o que vos ocorreu. (São Marcos, cap. VIII, v. de 22 a 26).  
  
13.- Aqui, o efeito magnético está evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e em consequência de uma ação firme e reiterada, embora mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação deste homem foi bem aquela que sentem os cegos em recobrando a luz; por um efeito de óptica, os objetos parecem de um tamanho desmesurado.  
  
PARALÍTICO.  
14. - Jesus, tendo subido num barco, tornou a atravessar o lago e veio para a cidade (Cafarnaum). - E como se lhe apresentassem um paralítico, deitado sobre um leito, Jesus, vendo a sua fé, disse a esse paralítico: Meu filho, tende confiança, os vossos pecados estão perdoados.  
  
Imediatamente, alguns dos escribas disseram para si mesmos: Este homem blasfema. - Mas Jesus, tendo conhecido o que pensavam, lhes disse: Por que tendes maus pensamentos em vossos corações? - Porque o que é mais fácil dizer: Os vossos pecados estão perdoados, ou dizer: Levantai-vos e andai? - Ora, a fim de que saibais que o Filho do homem tem sobre a Terra o poder de perdoar os pecados: Levantai-vos, disse então ao paralítico; carregai o vosso leito, e com ele ide para a vossa casa.  
  
O paralítico se levantou imediatamente e se foi para a sua casa. - E o povo, vendo o milagre, se encheu de medo e rendeu glória a Deus por ter dado um tal poder aos homens. (São Mateus, cap. IX, v. de 1 a 8).**

**04 - Boa nova - Humberto de Campos - pág. 133**

**20 - MARIA DE MAGDALA  
Maria de Magdala ouvira as pregações do Evangelho do Reino, não longe da Vila principesca onde vivia entregue a prazeres, em companhia de patrícios romanos, e tomara-se de admiração profunda pelo Messias. Que novo amor era aquele apregoado aos pescadores singelos por lábios tão divinos? Até ali, caminhara ela sobre as rosas rubras do desejo, embriagando-se com o vinho de condenáveis alegrias. No entanto, seu coração estava sequioso e em desalento.**

**Jovem e formosa, emancipara-se dos preconceitos férreos de sua raça; sua beleza lhe escravizara aos caprichos de mulher os mais ardentes admiradores; mas seu espírito tinha fome de amor. O profeta nazareno havia plantado em sua alma novos pensamentos. Depois que lhe ouvira a palavra, observou que as facilidades da vida lhe traziam agora um tédio mortal ao espírito sensível. As músicas voluptuosas não encontravam eco em seu íntimo, os enfeites romanos de sua habitação se tornaram áridos e tristes. Maria chorou longamente, embora não compreendesse ainda o que pleiteava o profeta desconhecido.**

**Entretanto, seu convite amoroso parecia ressoar-lhe nas fibras mais sensíveis de mulher. Jesus chamava os homens para uma vida nova. Decorrida uma noite de grandes meditações e antes do famoso banquete em Naim, onde ela ungiria publicamente os pés de Jesus com os bálsamos perfumados de seu afeto, notou-se que uma barca tranquila conduzia a pecadora a Cafarnaum. Dispusera-se a procurar o Messias, após muitas hesitações. Como a receberia o Senhor, na residência de Simão? Seus conterrâneos nunca lhe haviam perdoado o abandono do lar e a vida de aventuras.**

**Para todos, era ela a mulher perdida que teria de encontrar a lapidação na praça pública. Sua consciência, porém, lhe pedia que fosse. Jesus tratava a multidão com especial carinho. Jamais lhe observara qualquer expressão de desprezo para com as numerosas mulheres de vida equívoca que o cercavam. Além disso, sentia-se seduzida pela sua generosidade. Se possível, desejaria trabalhar na execução de suas idéias puras e redentoras. Propunha-se a amar, como Jesus amava, sentir com os seus sentimentos sublimes. Se necessário, saberia renunciar a tudo. Que lhe valiam as jóias, as flores raras, os banquetes suntuosos, se, ao fim de tudo isso, conservava a sua sede de amor?!...  
  
Envolvida por esses pensamentos profundos, Maria de Magdala penetrou o umbral da humilde residência de Simão Pedro, onde Jesus parecia esperá-la, tal a bondade com que a recebeu num grande sorriso. A recém-chegada sentou-se com indefinível emoção a estrangular-lhe o peito.  
  
Vencendo, porém, as suas mais fortes impressões, assim falou, em voz súplice, feitas as primeiras saudações:  
— Senhor, ouvi a vossa palavra consoladora e venho ao vosso encontro!... Tendes a clarividência do céu e podeis adivinhar como tenho vivido! Sou uma filha do pe­cado. Todos me condenam. Entretanto, Mestre, observai como tenho sede do verdadeiro amor!... Minha existência, como todos os prazeres, tem sido estéril e amargurada. ..  
  
As primeiras lágrimas lhe borbulharam dos olhos, enquanto Jesus a contemplava, com bondade infinita. Ela, porém, continuou:— Ouvi o vosso amoroso convite ao Evangelho! Desejava ser das vossas ovelhas; mas, será que Deus me aceitaria? O Profeta nazareno fitou-a, enternecido, sondando as profundezas de seu pensamento, e respondeu, bondoso: — Maria, levanta os olhos para o céu e regozija-te no caminho, porque escutaste a Boa Nova do Reino e Deus te abençoa as alegrias! Acaso, poderias pensar que alguém no mundo estivesse condenado ao pecado eterno? Onde, então, o amor de Nosso Pai?**

**Nunca viste a primavera dar flores sobre uma casa em ruínas? As ruínas são as criaturas humanas; porém, as flores são as esperanças em Deus. Sobre todas as falências e desventuras próprias do homem, as bênçãos paternais de Deus descem e chamam. Sentes hoje esse novo Sol a iluminar-te o destino! Caminha agora, sob a sua luz, porque o amor cobre a multidão dos pecados. A pecadora de Magdala escutava o Mestre, bebendo-lhe as palavras. Homem algum havia falado assim à sua alma incompreendida. Os mais levianos lhe pervertiam as boas inclinações, os aparentemente virtuosos a desprezavam sem piedade.**

**Engolfada em pensamentos confortadores e ouvindo as referências de Jesus ao amor, Maria acentuou, levemente:— No entanto, Senhor, tenho amado e tenho sede de amor!...— Sim — redarguiu Jesus —, tua sede é real. O mundo viciou todas as fontes de redenção e é imprescindível compreenda que em suas sendas a virtude tem de marchar por uma porta muito estreita. Geralmente, um homem deseja ser bom como os outros, ou honesto como os demais, olvidando que o caminho onde todos passam é de fácil acesso e de marcha sem edificações. A virtude no mundo foi transformada na porta larga da conveniência própria.**

**Há os que amam os que lhes pertencem ao círculo pessoal, os que são sinceros com os seus amigos, os que defendem seus familiares, os que adoram os deuses do favor. O que verdadeiramente ama, porém, conhece a renúncia suprema a todos os bens do mundo e vive feliz, na sua senda de trabalhos para o difícil acesso às luzes da redenção. O amor sincero não exige satisfações passageiras, que se extinguem no mundo com a primeira ilusão; trabalha sempre, sem amargura e sem ambição, com os júbilos do sacrifício. Só o amor que renuncia sabe caminhar para a vida suprema!...  
  
Maria o escutava, embevecida. Ansiosa por compreender inteiramente aqueles ensinos novos, interrogou atenciosamente:— Só o amor pelo sacrifício poderá saciar a sede do coração? Jesus teve um gesto afirmativo e continuou:— Somente o sacrifício contém o divino mistério da vida. Viver bem é saber imolar-se. Acreditas que o mundo pudesse manter o equilíbrio próprio tão-só com os caprichos antagônicos e por vezes criminosos dos que se elevam à galeria dos triunfadores? Toda luz humana vem do coração experiente e brando dos que foram sacrificados. Um guerreiro coberto de louros ergue os seus gritos de vitória sobre os cadáveres que juncam o chão; mas, apenas os que tombaram fazem bastante silêncio, para que se ouça no mundo a mensagem de Deus.**

**O primeiro pode fazer a experiência para um dia; os segundos constróem a estrada definitiva na eternidade. Na tua condição de mulher, já pensaste no que seria o mundo sem as mães exterminadas no silêncio e no sacrifício? Não são elas as cultivadoras do jardim da vida, onde os homens travam a batalha?!... Muitas vezes, o campo enflorescido se cobre de lama e sangue; entretanto, na sua tarefa silenciosa, os corações maternais não desesperam e reedificam o jardim da vida, imitando a Providência Divina, que espalha sobre um cemitério os lírios perfumados de seu amor!...  
  
Maria de Magdala, ouvindo aquelas advertências, começou a chorar, a sentir no íntimo o deserto da mulher sem filhos. Por fim, exclamou:— Desgraçada de mim, Senhor, que não poderei ser mãe!...Então, atraindo-a brandamente a si, o Mestre acrescentou:— E qual das mães será maior aos olhos de Deus? A que se devotou somente aos filhos de sua carne, ou a que se consagrou, pelo espírito, aos filhos das outras mães?  
  
Aquela interrogação pareceu despertá-la para meditações mais profundas. Maria sentiu-se amparada por uma energia interior diferente, que até então desconhecera. A palavra de Jesus lhe honrava o espírito; convidava-a a ser mãe de seus irmãos em humanidade, aquinhoando-os com os bens supremos das mais elevadas virtudes da vida. Experimentando radiosa felicidade em seu mundo íntimo, contemplou o Messias com os olhos nevoados de lágrimas e, no êxtase de sua imensa alegria, murmurou comovidamente:  
  
— Senhor, doravante renunciarei a todos os prazeres transitórios do mundo, para adquirir o amor celestial que me ensinastes!... Acolherei como filhas as minhas irmãs no sofrimento, procurarei os infortunados para aliviar-lhes as feridas do coração, estarei com os aleijados e leprosos...Nesse instante, Simão Pedro passou pelo aposento, demandando o interior, e a observou com certa estranheza. A convertida de Magdala lhe sentiu o olhar glacial, quase denotando desprezo, e, já receosa de um dia perder a convivência do Mestre, perguntou com interesse:  
  
— Senhor, quando partirdes deste mundo, como ficaremos? Jesus compreendeu o motivo e o alcance de sua pa­lavra e esclareceu:  
— Certamente que partirei, mas estaremos eternamente reunidos em espírito. Quanto ao futuro, com o infinito de suas perspectivas, é necessário que cada um tome sua cruz, em busca da porta estreita da redenção, colocando acima de tudo a fidelidade a Deus e, em segundo lugar, a perfeita confiança em si mesmo.  
  
Observando que Maria, ainda opressa pelo olhar estranho de Simão Pedro, se preparava a regressar, o Mestre lhe sorriu com bondade e disse:— Vai, Maria!... Sacrifica-te e ama sempre. Longo é o caminho, difícil a jornada, estreita a porta; mas, a fé remove os obstáculos... Nada temas: é preciso crer somente! Mais tarde, depois de sua gloriosa visão do Cristo ressuscitado, Maria de Magdala voltou de Jerusalém para a Galiléia, seguindo os passos dos companheiros queridos. A mensagem da ressurreição espalhara uma alegria infinita.  
  
Após algum tempo, quando os apóstolos e seguidores do Messias procuravam reviver o passado junto ao Tiberíades, os discípulos diretos do Senhor abandonaram a região, a serviço da Boa Nova. Ao disporem-se os dois últimos companheiros a partir em definitivo para Jerusalém, Maria de Magdala, temendo a solidão da saudade, rogou fervorosamente lhe permitissem acompanhá-los à cidade dos profetas; ambos, no entanto, se negaram a anuir aos seus desejos. Temiam-lhe o pretérito de pecadora, não confiavam em seu coração de mulher. Maria compreendeu, mas lembrou-se do Mestre e resignou-se.  
  
Humilde e sozinha, resistiu a todas as propostas condenáveis que a solicitavam para uma nova queda de sentimentos. Sem recursos para viver, trabalhou pela própria manutenção, em Magdala e Dalmanuta. Foi forte nas horas mais ásperas, alegre nos sofrimentos mais escabrosos, fiel a Deus nos instantes escuros e pungentes. De vez em quando, ia às sinagogas, desejosa de cultivar a lição de Jesus; mas as aldeias da Galiléia estavam novamente subjugadas pela intransigência do judaísmo. Ela compreendeu que palmilhava agora o caminho estreito, onde ia só, com a sua confiança em Jesus.**

**Por vezes, chorava de saudade, quando passeava no silêncio da praia, recordando a presença do Messias. As aves do lago, ao crepúsculo, vinham pousar, como outrora, nas alcaparreiras mais próximas; o horizonte oferecia, como sempre, o seu banquete de luz. Ela contemplava as ondas mansas e lhes confiava suas meditações.  
  
Certo dia, um grupo de leprosos veio a Dalmanuta. Procediam da Iduméia aqueles infelizes, cansados e tristes, em supremo abandono. Perguntavam por Jesus Nazareno, mas todas as portas se lhes fechavam. Maria foi ter com eles e, sentindo-se isolada, com amplo direito de empregar a sua liberdade, reuniu-os sob as árvores da praia e lhes transmitiu as palavras de Jesus, enchendo-lhes os corações das claridades do Evangelho.**

**As autoridades locais, entretanto, ordenaram a expulsão imediata dos enfermos. A grande convertida percebeu tamanha alegria no semblante dos infortunados, em face de suas fraternas revelações a respeito das promessas do Senhor, que se pôs em marcha para Jerusalém, na companhia deles. (...)   
  
05 - Caminho verdade e vida - Emmanuel - pág. 63, 155**

**24 O TESOURO ENFERRUJADO  
"O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram." — (TIAGO, 5:3.)  
Os sentimentos do homem, nas suas próprias ideias apaixonadas, se dirigidos para o bem, produziriam sempre, em consequência, os mais substanciosos frutos para a obra de Deus. Em quase toda parte, porém, desenvolvem-se ao contrário, impedindo a concretização dos propósitos divinos, com respeito à redenção das criaturas.  
  
De modo geral, vemos o amor interpretado tão-somente à conta de emoção transitória dos sentidos materiais, a beneficência produzindo perturbação entre dezenas de pessoas para atender a três ou quatro doentes, a fé organizando guerras sectárias, o zelo sagrado da existência criando egoísmo fulminante. Aqui, o perdão fala de dificuldades para expressar-se; ali, a humildade pede a admiração dos outros.  
  
Todos os sentimentos que nos foram conferidos por Deus são sagrados. Constituem o ouro e a prata de nossa herança, mas como assevera o apóstolo, deixamos que as dádivas se enferrujassem, no transcurso do tempo. Faz-se necessário trabalhemos, afanosamente, por eliminar a "ferrugem" que nos atacou os tesouros do espírito. Para isso, é indispensável compreenda­mos no Evangelho a história da renúncia perfeita e do perdão sem obstáculos, a fim de que estejamos caminhando, verdadeiramente, ao encontro do Cristo.  
  
70 - PODERES OCULTOS  
"E onde quer que ele entrava, fosse nas cidades, nas aldeias ou nos campos, depunham os enfermos nas praças e lhe rogavam que os deixas­se tocar ao menos na orla de seu vestido; e todos os que nele tocavam, saravam." — (Marcos, 6:56.)  
  
Não raro, surgem nas fileiras espiritualistas estudiosos afoitos a procurarem, de qualquer modo, a aquisição de poderes ocultos que lhes confira posição de evidência. Comumente, em tais circunstâncias, enchem-se das afirmativas de grande alcance.  
  
O anseio de melhorar-se, o desejo de equilíbrio, a intenção de manter a paz, constituem belos propósitos; no entanto, é recomendável que o aprendiz não se entregue a preocupações de notoriedade, devendo palmilhar o terreno dessas cogitações com a cautela possível. Ainda aqui, o Mestre Divino oferece a melhor exemplificação.  
  
Ninguém reuniu sobre a Terra tão elevadas expressões de recursos desconhecidos quanto Jesus. Aos doentes, bastava tocar-lhe as vestiduras para que se curassem de enfermidades dolorosas; suas mãos devolviam o movimento aos paralíticos, a visão aos cegos.   
  
Entretanto, no dia do Calvário, vemos o Mestre ferido e ultrajado, sem recorrer aos poderes que lhe constituíam apanágio divino, em benefício da própria situação. Havendo cumprido a lei sublime do amor, no serviço do Pai, entregou-se à sua vontade, em se tratando dos interesses de si mesmo. A lição do Senhor é bastante significativa.  
  
É compreensível que o discípulo estude e se enriqueça de energias espirituais, recordando-se, porém, de que, antes do nosso, permanece o bem dos outros e que esse bem, distribuído no caminho da vida, é a voz que falará por nós a Deus e aos homens, hoje ou amanhã.**

**07 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 151**

**49. O QUE IMPORTA  
Não importa: que a ventania da incompreensão nos zurza o caminho; que a ignorância nos apedreje; que a injúria nos aponte ao descrédito; que a maledicência nos receba a jorros de lama; que a intriga nos envolva em sombra; que a perseguição nos golpeie; que a crítica arme inquisições para condenar-nos.**

**Que os obstáculos se multipliquem, complicando-nos a jornada; que a mudança de outrem nos relegue ao abandono; ou que as trevas conspirem incessantemente no objetivo de perder-nos.**

**Importa nos agasalhemos na paciência; que nos apliquemos à desculpa incondicional; que nos resguardemos na humildade, observando que só temos e conseguimos aquilo que a Divina Providência nos empreste ou nos permita realizar; que nos cabe responder ao mal com o bem, sejam como sejam as circunstâncias; e que devemos aceitar a verdade de que cada coração permanece no lugar em que se coloca e que, por isso mesmo, devemos acima de tudoa, conservar a consciência tranquila.**

**Trabalhar sempre e abençoar a todos, procurando reconhecer que todos somos de Deus e todos estamos em Deus, cujas leis nos julgarão a todos, amanhã e sempre, segundo as nossas próprias obras.  
Emmanuel**

**09 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 33**

**(..) "Há, porém, um mistério maior ainda. Para atingir a perfeição, cumpre conquistar a ciência da Unidade, que está acima de todos os conhecimentos; é preciso elevar-se ao Ser divino, que está acima da alma e da inteligência. Esse Ser divino está também em cada um de nós: "Trazes em ti próprio um amigo sublime que não conheces, pois Deus reside no interior de todo homem, porém poucos sabem achá-lo. Aquele que faz o sacrifício de seus desejos e de suas obras ao Ser de que procedem os princípios de todas as coisas, obtém por tal sacrifício a perfeição, porque, quem acha em si mesmo sua felicidade, sua alegria, e também sua luz, é um com Deus.**

**Ora, fica sabendo, a alma que encontrou Deus está livre do renascimento e da morte, da velhice e da dor, e bebe a água da imortalidade." Krishna falava na sua missão e da sua própria natureza em termos sobre os quais convém meditar. Dirigindo-se aos seus discípulos, dizia:  
  
"Tanto eu como vós temos tido vários nascimentos. Os meus só de mim são conhecidos, porém vós nem memo os vossos conheceis. Posto que, por minha natureza, eu não esteja sujeito a nascer e a morrer, todas as vezes que no mundo declina a virtude, e que o vício e a injustiça a superam, torno-me então visível; assim me mostro, de idade em idade, para salvação do justo, para castigo do mau, e para restabelecimento da verdade.  
  
"Revelei-vos os grandes segredos. Não os digais senão àqueles que os podem compreender. Sois os meus eleitos: vedes o alvo, a multidão só descortina uma ponta do caminho." Por essas palavras a doutrina secreta estava fundada. Apesar das alterações sucessivas que teve de suportar, ela ficará sendo a fonte da vida em que, na sombra e no silêncio, se inspiram todos os grandes pensadores da antiguidade.  
  
A moral de Krishna também era muito pura: "Os males com que afligimos o próximo perseguem-nos, assim como a sombra segue o corpo. — As obras inspiradas pelo amor dos nossos semelhantes são as que mais pesarão na balança celeste. — Se convives com os bons, teus exemplos serão inúteis; não receeis habitar entre os maus para os reconduzir ao bem. — O homem virtuoso é semelhante a uma árvore gigantesca, cuja sombra benéfica permite frescura e vida às plantas que a cercam."  
  
Sua linguagem elevava-se ao sublime quando falava da abnegação e do sacrifício:"O homem de bem deve cair aos golpes dos maus como o sândalo que, ao ser abatido, perfuma o machado que o fere." Quando os sofistas pediam que explicasse a natureza de Deus, respondia-lhes: "Só o infinito e o espaço podem compreender o infinito. Somente Deus pode compreender a Deus." Dizia ainda:  
  
"Nada do que existe pode perecer, porque tudo está contido em Deus. Visto isso, não é alvitre sábio chorarem-se os vivos ou os mortos, pois nunca todos nós cessaremos de subsistir além da vida presente." Sobre a comunicação dos Espíritos:  
  
"Muito tempo antes de se despojarem de seu envoltório mortal, as almas que só praticaram o bem adquirem a faculdade de conversar com as almas que as precederam na vida espiritual." É isto o que, ainda em nossos dias, afirmam os brâmanes pela doutrina dos Pitris, mesmo porque, em todos os tempos, a evocação dos mortos tem sido uma das formas da sua liturgia. (...)**

**12 - Estude e viva - Emmanuel e André Luiz - pág. 166**

**Emergência  
Perfeitamente discerníveis as situações em que resvalamos, imprevidentemente, para o domínio da perturbação e da sombra.  
  
Enumeremos algumas delas com as quais renteamos claramente, com o perigo da obsessão:cabeça desocupada; mãos improdutivas; palavra irreverente; conversa inútil; queixa constante; opinião desrespeitosa; tempo indisciplinado; atitude insincera; observação pessimista; gesto impaciente; conduta agressiva; comportamento descaridoso; apego demasiado; decisão facciosa; comodismo exagerado.  
  
Sempre que nós, os lidadores encarnados e desencarnados com serviço na renovação espiritual, nos reconhecermos em semelhantes fronteiras do processo obsessivo, proclamemos o estado de emergência no mundo íntimo e defendamo-nos contra o desequilíbrio, recorrendo à profilaxia da prece.  
  
Imagens  
Egoísmo, gás mortífero, tende sempre a ocupar todo o espaço que se lhe oferece. Intoxica e faz sofrer. Lisonja, beberagem da invigilância, adapta-se ao recipiente da intenção que a conserva. Embriaga e cria a frustração.  
  
Sinceridade, aço moral, demonstra forma determinada e resistência própria. Útil às construções duradouras.  
Construções materiais — tatuagens efêmeras na crosta ciclópica do Planeta.  
Construções espirituais — duradouros aperfeiçoamentos na estrutura íntima do Espírito.   
  
Da semente brota a haste da planta. Do ovo nasce o corpo do animal. Da consciência desabrocha a diretriz do destino. Bem, calor da Vida. Há bons e maus condutores de calor. A condutibilidade do bem, entre os homens, demonstra o valor de cada um.**

**Virtudes aparentes: metais comuns no homem, que se alteram ante a ventania das ilusões terrenas.  
Virtudes reais: metias preciosos no Espírito, que não se corrompem ante as lufadas das tentações humanas, sustentando a vida eterna.**

**13 - Justiça divina - Emmanuel - pág. 23**

**VIRTUDE SOLITÁRIA - Reunião pública de 30-1-61 1ª Parte, cap. III, item 8  
Há quem deseje tranquilidade ideal na Terra, com a pretensão de fugir ao erro. Casa branca no aclive da serra, com o vale rente. Fontes claras, correndo perto, e jardim florido. Clima doce e perfume da natureza. Nenhum aborrecimento. Nenhum cuidado. Falta alguma.  
  
Problema algum. Solidão saborosa em que o morador consiga estirar-se, inerte, em poltronas e redes. No entanto, é no trato da luta que as forças se enrijam e as qualidades se aperfeiçoam. Considerando-se que o mal é a experiência inferior nos quadros da experiência mais nobre, é no serviço do amparo mútuo e da tolerância recíproca que havemos de transformá-lo em bem duradouro, como se tomássemos as nossas próprias sombras de ontem para conver­tê-las na luz de hoje.  
  
Livres, estamos interligados perante a Lei, para fazer o melhor, e, escravizados aos compromissos expiatórios, estaremos acorrentados uns aos outros no instituto da reencarnação, segundo a Lei, para anular o pior que já foi feito por nós mesmos nas existências passadas.  
  
Ninguém progride sem alguém. Abençoemos, assim, as provações que nos abençoam. Trabalho é ascensão. Dor é burilamento. Toda adversidade avisa, todo sofrimento instrui, todo pranto lava, toda dificuldade esclarece e toda crise seleciona. Virtude solitária é pão na vitrine. Competência no palanque é usura da alma. Todos somos alunos na escola da vida. E ninguém consegue aprender sem dar a lição.**

**14 - Lampadário espírita - Joanna de Ângelis - pág. 207, 228**

**51 - Vivência evangélica**  
**A problemática da vivência evangélica dia-a-dia se nos afigura de profunda magnitude, exigindo de todos nós os mais acendrados esforços para materializar, através dos atos, as legítimas aspirações do nosso mundo mental. Sitiados por complexa maquinaria promotora do desequilibrio de multíplices facetas, não raro encontramos refúgio para o culto da sobriedade e da harmonia.  
  
Por isso mesmo, quando desatentos das nossas responsabilidades, somos arrastados pelo rio caudaloso do desassossego para despertarmos logo após em idêntica paisagem à daqueles que não firmaram compromisso com as realidades espirituais. Assim considerando, é de bom alvitre recordarmos vez que outra as lamentosas advertências de Jesus, perfeitamente cabíveis em nosso comportamento:  
  
«Mas ai de vós que sois ricos, porque já recebestes a vossa consolação! «Ai de vós os que agora estais fartos, porque tereis fome! «Ai de vós os que agora rides, porque haveis de lamentar e chorar! «Ai de vós quando todos vos louvarem, porque assim vossos pais trataram os falsos profetas.» A árvore altaneira atinge a cumeada da montanha após vencidas mil tormentas.  
  
O rio alcança o oceano depois de longo e difícil curso. O sol beneficia a Terra, vencidas diversas atmosferas. O homem sensato lobriga a paz, ultrapassadas com perícia amorosa as inúmeras barreiras, mediante incessante luta. Repontam seduções fáceis e fascínios às miríades pelo caminho ao teu alcance...Diante das vacuidades atraentes que logo se desvanecem, vigia e persevera na sã conduta.  
  
Na corrida louca da posse e do triunfo ilusório, recobra alento e trabalha o íntimo com a vigilância. Verbalmente convocado ao tumulto ou à desordem no lugar onde fulgem as jóias enganosas da sagacidade que triunfa, silencia a cobiça e medita. Ante o êxito sobre as bases da ignorância ou do crime, envolve o coração atormentado nos tecidos da prece, e asserena-te.  
  
Estás informado do amanhã que a todos indubitavelmente nos alcançará; já experimentaste mais de uma vez o sabor dulcíssimo da felicidade legítima — aquela que não se faz acompanhar da inquietação nem do receio de perdê-la. Meditaste em torno de outras vidas que te embelezaram as horas juvenis, oferecendo rotas à tua madureza. Persevera, ainda e agora, insiste na vivência evangélica .  
  
Trabalhando na gleba redentora, vês os que passam ociosos, invejados. Recolhes-te, então, ao exame das próprias dores e sofres, como se fosses desditoso... Pouco te importem as dificuldades de agora.  
  
Não te deixes seduzir pelos tecidos luzidios que cobrem corpos inclinados para baixo... Prossegue fiel, sem lamentos, e transforma a cruz das tuas provações em duas asas sublimes, para, terminada a tarefa na noite aflitiva, poderes desferir glorioso vôo em ressurreição luminosa.**

**18 - O consolador - Emmanuel - pág. 150**

**VIRTUDE  
Perg. 253 — A virtude é concessão de Deus, ou é aquisição da criatura?  
— A dor, a luta e a experiência constituem uma oportunidade sagrada concedida por Deus às suas criaturas, em todos os tempos; todavia, a virtude é sempre sublime e imorredoura aquisição do espírito nas estradas da vida, incorporada eternamente aos seus valores, conquistados pelo trabalho no esforço próprio.  
  
Perg. 254 — Que é a paciência e como adquiri-la?  
— A verdadeira paciência é sempre uma exteriorização da alma que realizou muito amor em si mesma, para dá-lo a outrem, na exemplificação.  
Esse amor é a expressão fraternal que considera todas as criaturas como irmãs, em quaisquer circunstâncias, sem desdenhar a energia para esclarecer a incompreensão, quando isso se torne indispensável.  
  
É com a iluminação espiritual do nosso íntimo que adquirimos esses valores sagrados da tolerância esclarecida. E, para que nos edifiquemos nessa claridade divina, faz-se mister educar a vontade, curando enfermidades psíquicas seculares que nos acompanham através das vidas sucessivas, quais sejam as de abandonar­mos o esforço próprio, de adotarmos a indiferença e de nos queixarmos das forças exteriores, quando o mal reside em nós mesmos.  
  
Para levarmos a efeito uma edificação tão sublime, necessitamos começar pela disciplina de nós mesmos e pela continência dos nossos impulsos, considerando a liberdade do mundo interior, de onde o homem deve dominar as correntes da sua vida.  
O adágio popular considera que "o hábito faz a segunda natureza" e nós devemos aprender que a disciplina antecede a espontaneidade, dentro da qual pode a alma atingir, mais facilmente, o desiderato da sua redenção.  
  
Perg. 255 — Devemos nós, os espiritistas, praticar so­mente a caridade espiritual, ou também a material?  
— A divisa fundamental da codificação kardequiana, formulada no "fora da caridade não há salvação", é bastante expressiva para que nos percamos em minuciosas considerações.  
Todo serviço da caridade desinteressada é um reforço divino na obra da fraternidade humana e da redenção universal.  
  
20 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - pág. 154, 222**

**A VIRTUDE - FRANÇOIS-NICOLAS-MADELEINE Paris, 1863  
8. A virtude, no seu grau mais elevado, abrange o conjunto, de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, trabalhador, sóbrio, modesto, são as qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, são quase sempre acompanhadas de pequenas falhas morais, que as deslustram e enfraquecem.**

**Aquele, que faz alarde de sua virtude não é virtuoso, pois lhe falta a principal qualidade: a modéstia, e sobra-lhe o vício mais oposto: o orgulho. A virtude realmente digna desse nome não gosta de exibir-se. Temos de adivinhá-la, mas ela se esconde na sombra, foge à admiração das multidões. São Vicente de Paulo era virtuoso. O digno Cura d'Ars era virtuoso. E assim muitos outros, poucos conhecidos mundo, mas conhecidos de Deus.**

**Todos esses homens de bem ignoravam que eram virtuosos. Deixavam-se levar pela corrente das suas santas inspirações, e praticavam o bem com absoluto desinteresse e completo esquecimento de si mesmos. É para essa virtude, assim compreendida e praticada, que vos convido, meus filhos. Para essa virtude realmente cristã e verdeiramente espírita, que eu vos convido a consagrar-vos. Mas afastai de vossos corações o sentimento do orgulho, da vaidade, do amor próprio, que deslustram sempre as mais belas qualidades.**

**Não imiteis esse homem que se apresenta como modelo e se gaba das próprias qualidades, para todos os ouvidos tolerantes. Essa virtude de ostentação esconde, quase sempre, uma infinidade de pequenas torpezas odiosas fraquezas. O homem que se exalta a si mesmo, que eleva estátuas à sua rópria virtude, em princípio aniquila, por essa única razão, todos méritos que efetivamente podia ter.   
  
E que direi daquele cujo valor se reduz a parecer o que não é? Compreendo perfeitamente que aquele que faz o bem sente uma satisfação íntima, no fundo coração. Mas desde o momento em que essa satisfação se exteoriza, para provocar elogios, degenera em amor-próprio.  
  
Ó vós todos, a quem a fé espírita reanimou com os seus raios, que sabeis quanto o homem se encontra longe da perfeição, jamais vos entregueis a essa estultícia! A virtude é uma graça, que desejo para todos os espíritas sinceros, mas com esta advertência: Mais vale menos virtudes na modéstia, do que muitas no orgulho. Foi pelo orgulho que as Humanidades se perderam sucessivamente. E' pela humildade que elas um dia deverão redimir-se.**

**22 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões. 893, 918**

**Perg. 893 - Qual a mais meritória de todas as virtudes?  
- Todas as virtudes têm o seu mérito, porque todas são indícios de progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que há resitência voluntária ao arrastamento das más tendências; mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem segunda intenção. A mais meritória é aquela que se baseia na caridade mais desinteressada.**

**Perg. 894 - Há pessoas que fazem o bem por um impulso espontâneo, sem que tenham de lutar com nenhum sentimento contrário. Têm elas o mesmo mérito daquelas que têm de lutar contra a sua própria natureza e conseguem superá-la?  
- Os que não têm de lutar é porque já realizaram o progresso: lutaram anteriormente e venceram; é por isso que os bons sentimentos não lhes custam nenhum esforço e suas ações lhes parecem tão fáceis: o bem tornou-se para eles um hábito. Deve-se honrá-los como a velhos guerreiros que conquistaram suas posições. Como estais ainda longe da perfeição, esses exemplos vos espantam pelo contraste e os admirais tanto mais porque são raros. Mas sabei que, nos mundos mais avançados que o vosso, isso que entre vós é exceção se torna regra. O sentimento do bem se encontra por toda a parte e de maneira espontânea, porque são mundos habitados somente por bons Espíritos e uma única intenção má seria neles uma exceção monstruosa.**

**30 - Universo e vida - Espírito Áureo - pág. 87**

**12. VIRTUDE E CONHECIMENTO  
É certo que os valiosíssimos estudosdeFraunhofer e de Fresnel, a respeito da difração da ondas eletromagnéticas, jamais visaram a expolações filosóficas, tampouco o cálculo das "curvas de vibração" através da "espiral de Cornu". Todavia,nada nos impede anotar, a respeito, uma ou outra particularidade, para dela extrairmos certos conceitos que nos interessam mais de perto. Vejamos, por exemplo, o fato, aparentemente sem maiores implicações, de que, no próprio centro de sombra que algum pequeno objeto circular projeta sobre um anteparo, sempre se observa a existência dum minúsculo ponto iluminado.  
  
O fenômeno desperta nos físicos terrenos um interesse meramente técnico, ligado aos processos naturais da difração da luz; nós, porém, vemos nele pálida imagem do que se verifica no reino das vibrações de natureza mais sutil, atingindo vastos setores da vida espiritual. A Luz Divina também se "difrata", ao encontrar a resistência duma mente que provisoriamente se lhe mostre refratária; mas, ainda assim, revela-se presente e ativa no próprio núcleo da sombra que tal ser projeta de si mesmo.  
  
Essa verdade exemplifica por que jamais é vã qualquer emissão de luz espiritual sobre quem quer que seja, por mais empedernido no mal e aparentemente infenso ao bem esse alguém seja. O Amor é Luz Divina que não se perde jamais. É claro que, em qualquer plano, os fenômenos têm a sua hierarquia. Quando se observa a difração de raios X, pelos átomos duma rede cristalina, percebe-se complexa superposição de efeitos de interação, que conduzem a espalhamento, e de efeitos de interferência provocados por trens de ondas.  
  
Tudo isso, e muito mais, se observa, por igual, noutro nível, na física transcendente, a lembrar-nos de que a Lei da Vida é fundamentalmente a mesma em toda parte. Consideremos agora este outro assunto, dentro da mesma ordem de idéias: — na técnica das práticas magnetistas, são comumente usados passes transversais e passes longitudinais, conforme o caso e o que se pretende, porque, dentre outras razões, as ondas transversais e as longitudinais diferem umas das outras pela relação entre a sua direção de propagação e a do movimento das partículas do meio em que se movem.**

**Numa onda transversal, as duas direções são perpendiculares, enquanto numa onda longitudinal elas são coincidentes. As ondas transversais podem ser polarizadas; nunca, porém, as longitudinais. Já as ondas que se propagam na água não são transversais, nem longitudinais, o que explica a facilidade com que aquela pode ser "fluidificada", isto é, magnetizada, pois num meio líquido podem propagar-se ondas de pressão de grande intensidade e muito velozes.  
  
Não fosse o despreparo moral em que a nossa Humanidade ainda se compraz, os Poderes de Cima já teriam desvelado, através de seus missionários, inumeráveis conhecimentos e recursos novos de técnica científica, capazes de outorgar maiores poderes de ação ao homem terrestre. Enquanto, porém, as criaturas da Crosta, e de suas adjacências, não assimilarem, na prática, a Lei do Amor, os recursos ao seu dispor continuarão sendo basicamente apenas aqueles suscetíveis de agir sobre as formas físicas, e não sobre as estruturas mais profundas do espírito imortal.**

|  |  |
| --- | --- |
| **VISÕES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A crise da morte - pág. 63, 88, 93** | **02 - A vida além do véu - pág. 144. 203** |
| **03 - Análise das coisas - pág. 108** | **04 - Após a tempestade - pág. 48** |
| **05 - Auto desobsessão - pág. 36** | **06 - Caminho, verdade e vida - pág. 271** |
| **07 - De Franciscos p/você - pág. 129, 171** | **08 - Evolução em dois mundos - pág. 70** |
| **09 - Hipnotismo e Espiritismo - pág. 11** | **10 - Joana D'Arc - pág. 233** |
| **11 - Magnetismo espiritual - pág. 185, 279** | **12 - Mãos de luz - pág. 233** |
| **13 - Mediunidade - pág. 185** | **14 - No invisível - pág. 165** |
| **15 - O Livro dos Espíritos - q. 246, 429** | **16 - O Livro dos médiuns - cap. vi** |
| **17 - O porquê da vida - pág. 82** | **18 - Obras póstumas - pág. 47** |
| **19 - Os mensageiros - pág. 84** | **20 - Revista Espírita - 1858 pág. 129** |
| **21 - Revista Espírita - 1860 pág. 86** | **22 - Vida e Atos dos apóstolos - pág. 89, 140** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**VISÕES** **– COMPILAÇÃO**

**03 - ANÁLISE DAS COISAS - PAUL GIBIER - pág. 108**

**(...) Não quero insistir nestas coisas mais do que convém, como também não me esforçarei por acumular provas em seu apoio. Estas provas estão feitas para grande número de sábios ou de conhecedores; e já que o dia de amanhã há de fornecer tantas e tantas provas, não aumentarei este Ensaio com páginas que, desde agora, considero supérfluas. Todavia, no caso que, em nome de não sei que ciência monopolizada e fácil de assustar-se, venham objetar-me serem estes dados anticientíficos, farei notar que Laplace, sendo o mais positivo dos sábios da sua época, parece haver entrevisto a possibilidade da previsão do futuro, como se pode julgar por este extrato da sua Théorie analitique des Próbabilités:**

**"Uma inteligência, escreve ele na sua Introdução, que por um instante dado conhecesse todas as forças animadoras da Natureza e a situação respectiva dos seres que a compõem, se também fosse bastante vasta para submeter esses dados à análise, abarcaria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do Universo e os do mais leve átomo: nada lhe seria incerto, e o juturo, como o passado, estariam presentes aos seus olhos."  
  
Analisemos o pensamento de Laplace. Se bem penetrarmos o sentido do que precede, veremos que este grande e profundo astrônomo e matemático, que repelia a "hipótese" de um Deus pessoal, concebia o Universo exatamente como todos os grandes panteístas; e de modo algum combatia a idéia da presença da Inteligência inefável, nem tampouco a da Energia (anima mundi), no conjunto das coisas. Ele sabia que, uma vez produzida uma vibração, se podia não só admitir que as causas dela existem desde todo o tempo no passado, mas, também, que tal vibração estava inscrita para sempre no futuro, onde a inteligência, de que ele fala, poderia prevê-la por passadas e meio do conhecimento exato das vibrações presentes, cuja consequência forçada ela será no futuro.**

**E, conforme escreveu um sábio matemático moderno, que já tive ocasião de citar, "esta conclusão não é aplicável somente às vibrações luminosas que nascem na superfície dos corpos, ou à fraquíssima profundidade, mas também às vibrações de toda espécie, que se produzem na sua massa: aquelas, por exemplo, que os nossos mais secretos pensamentos imprimem às moléculas de que o cérebro se compõe: iodos estes movimentos o universo inteiro os sente e conserva."   
  
Haverá necessidade de acrescentar que, desde o momento em que uma inteligência se desliga bastante da matéria onde está provisoriamente encarcerada, a ponto de receber a impressão das vibrações transmitidas pelo éter, será lícito conceber que lhe seja possível perceber, de modo mais ou menos claro, as modificações impressas neste "fluido" universal pelos acontecimentos externos, inclusive os pensamentos, os quais, em outros, dão mo­vimento "às moléculas de que se compõe nosso cérebro"? Assim, ficam explicadas a "sugestão mental", a transmissão de pensamento e a violência, tanto quanto a audição a distância.  
  
Penso não ser inútil insistir no fato de ser mesmo o menor grau de hipnose um começo de desdobramento, que, a princípio, é de alguma sorte todo interno. O espírito e a energia anímica concentram-se no interior e abandonam a periferia, em certa medida, pelo monos. Por isso, vemos o primeiro estado ou de hipnomagnetismo assinalar-se por anestesia da pele e das mucosas. Foi assim que pude, em senhoras muito nervosas atacadas de náuseas incoercíveis, fazer exames prolongados e dos mais complexos, introduzir um instrumento até debaixo das cordas vocais, sem provocar nenhum reflexo, desde que as referidas senhoras estivessem hipnomagnetizadas.  
  
E logo nos primeiros momentos do pseudo-sono, em alguns indivíduos, produz-se a abmaterialização, e então se efetua também, por concomitância, a expansão externa do sensorium verdadeiro, do sentido único. Recentemente, em New York, numa primeira sessão de hipnose, pude obter de um moço, cujas pálpebras estavam fechadas sobre os globos oculares fixos, por contração dos músculos motores dos olhos, para cima e para dentro, como sempre, pude obter que ele me dissesse a cor de dois objetos, duas folhas de papel colocadas na parte superior da sua cabeça. Uma dessas folhas era branca, a outra azul.  
  
O indivíduo estava de costas para a minha secretária, de cuja gaveta eu tirava esses obietos sem fazê-los passar por diante do seu rosto. Na segunda sessão, coloquei meu relógio igualmente sobre a parte superior da sua cabeça: depois de alguns segundos de hesitação, disse-me ele a hora exata. Conhecendo a faculdade que têm os hipnotizados de possuir, em geral, a noção do tempo, eu tinha recuado o ponteiro de vinte minutos. Ao fim de alguns dias, esse moço lia do mesmo modo que a senhora, cuja observação já citei antes.  
  
Estas experiências começam a revelar-nos fatos mais importantes: provam, pelo menos, que a sensação é independente do sentido especial por meio do qual ela é normalmente transmitida: "o nihil in intellectu quod non prius fuerit in sensu", de Zenon (de Citium) e de Aristóteles, já pode ser discutido sobre outras bases. Embora tenha resolvido não dar neste trabalho lugar preponderante às minhas experiências, vou citar, entretanto, uma que fiz em Paris, em abril de 1887, e que repeti muitas vezes, uma delas diante de uns quarenta amigos, homens cépticos, em reunião especial de um grêmio ao qual pertenço; esse grêmio compõe-se de médicos, engenheiros, literatos e diversos homens de ciência, em cuja presença, alguns dias antes, o Sr. Yves Guyot, hoje ministro das obras públicas, havia feito uma conferência sobre a supressão dos direitos de barreira.  
  
Eis em que consistiu essa experiência, cuja narrativa foi publicada em um jornal provinciano, ao qual foi dirigida por um dos assistentes: "O indivíduo (sujet) era uma moça de seus vinte anos, de origem judaica. Desde que adormeceu, e num estado intermediário de abmaterialização, que não era letargia, nem sonambulismo, nem ainda o êxtase falante, porém antes o que os magnetizadores de profissão denominam sonambulismo lúcido, coloquei um rolo de algodão sobre cada um de seus olhos, mais uma toalha espessa e larga ou um pano atado por detrás da nuca.**

**À primeira vez que tentei a experiência de que vou falar, fiquei muito admirado do êxito: devo dizer que, então, eu ainda não tinha a experiência que me deram, depois, séries de observações e, devo acrescentá-lo também, estudos sérios e contínuos sobre a questão.  
Tomei, à minha biblioteca, o primeiro livro que me caiu nas mãos, abri-o ao acaso, por sobre a cabeça da moça, sem olhar, com a capa voltada para cima, enquanto segurava o texto impresso a dois centímetros mais ou menos dos cabelos da hipnomagnetizada. Ordenei-lhe ler a primeira linha da página que estava à sua esquerda e, após um momento de demora, disse ela: "Ah! sim, estou vendo; esperai". Depois, continuou: "A identidade conduz ainda à unidade, porque se a alma..."**

**Deteve-se e disse ainda: "Não posso mais, basta; isto me fatiga. Acedi ao seu desejo, sem insistir; virei o livro, que era de filosofia, e a primeira linha, exceto duas palavras, tinha perfeitamente sido vista e lida pelo Invisível abmaterializado da adormecida. Fazendo traçar sobre o pavimento, por terceiro, uma palavra qualquer, com um pedaço de giz, conduzida de um aposento vizinho, com os olhos tapados, a mesma moça lia, sem jamais se enganar, a palavra escrita, contanto que tivesse os pés sobre ela; e acrescentava sempre alguma reflexão perfeitamente justa, por exemplo:**

**"Como está mal escrito... está às avessas" e voltava-se; ou ainda: "Olhai! é o nome de fulano, com um risco por baixo!" Quando era conduzida — com os olhos tapados e chumaçados, como acima referi — por sobre a palavra escrita no chão, era andando de costas, e conservava a cabeça erguida em posição um pouco forçada, que permitia aos assistentes verificarem a impossibilidade em que estaria, mesmo acordada, de ver sob a venda.  
  
Muitos outros fatos deste género poderia narrar, mas devemos saber limitar-nos à tarefa que nos impusemos. Quis somente demonstrar que o sensus internum podia, em momento e condições dadas, entrar diretamente em relação com o mundo exterior, sem se servir dos canais a que está sujeito em tempo de vida ordinária. Isto já nos não permitirá admitir a existência da inteligência independente da matéria que lhe serve às manifestações do estado comaterial? (...)**

**06 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 271**

**128. - DÁDIVAS ESPIRITUAIS  
"E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem ressuscite dentre os mortos".- (Mateus, 17:9)**

**Se o homem necessita de grande prudência nos atos da vida comum, maior vigilância se exige da criatura, no trato com a esfera espiritual. É o próprio Mestre Divino quem no-lo exemplifica. Tendo conduzido Tiago, Pedro e João às maravilhosas revelações do Tabor onde se transfigurou ao olhar dos companheiros, junto de gloriosos emissários do plano superior, recomenda solícito:**

**"A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja ressuscitado dos mortos". O Mestre não determinou a mentira, entretanto, aconselhou se guardasse a verdade para ocasião oportuna.**

**Cada situação reclama certa cota de conhecimento. Sabia Jesus que a narrativa prematura da sublime visão poderia despertar incompreensões e sarcasmos nas conversações vulgares e ociosas.**

**Não esqueçamos que todos nós estamos marchando para Deus, salientando-se, porém, que os caminhos não são os mesmos para todos.**

**Se guardas contigo preciosa experiência espiritual, indubitavelmente poderás usá-la, todos os dias, utilizando-a em doses apropriadas a fim de auxiliares a cada um dos que te cercam, na posição particularizada em que se encontram; mas não barateies o que a esfera mais alta te concedeu, entregando a dádiva às incompreensões criminosas, porque tudo o que se conquista do Céu é realização intransferível.**

**12 - Mãos de luz - Barbara Ann Brennan - pág. 233**

**Capítulo 19 - ALTA PERCEPÇÃO AUDITIVA E COMUNICAÇÃO COM OS MESTRES ESPIRITUAIS**  
  
**A informação que recebi auditivamente foi, a princípio, de ordem geral, mas depois, com a prática, tornou-se específica. Eu ouvia, por exemplo, palavras de amor e confiança endereçadas à pessoa que tinha vindo à procura de tratamento. Mais tarde, a informação se especificava a ponto de nomear pessoas, as doenças que o paciente tivera ou, em alguns casos, uma dieta, vitaminas, remédios ou drogas que poderiam beneficiá-lo. Muitas pessoas decidiram seguir essas instruções verbais e ficaram boas.  
  
A melhor maneira que conheço de intensificar a Alta Percepção Auditiva consiste em ficar sentado à espera de orientação. Pegue lápis e papel, sente-se numa posição de meditação confortável, concentre-se e eleve a consciência. Formule uma pergunta em sua mente o mais claramente possível. Em seguida, focalize o desejo de conhecer a verdade acerca da pergunta, seja qual for a resposta. Feito isso, escreva a pergunta no papel. Deixe a caneta e o papel ao alcance da mão. Focalize e silencie a mente.**

**Espere que lhe chegue uma resposta. Depois de algum tempo em silêncio, começará a recebê-la, em forma de imagens, sentimentos, conceitos gerais, palavras ou até de cheiros. Escreva a resposta, seja ela qual for. Você talvez ache que o que está escrevendo não tem importância, mas continue escrevendo. A forma pela qual sobrevêm a informação pode variar. Não se preocupe com isso e escreva. A escrita acabará orientando a informação de modo que ela se transforme em sons. Concentre-se em ouvir diretamente as palavras que lhe chegam. Pratique, pratique, pratique.**

**Escreva tudo o que ouvir. Não deixe nada de fora. Depois que acabar de escrever, ponha o papel de lado, pelo menos por quatro horas. Volvido esse tempo, leia o que escreveu. Você o achará interessante. Tenha sempre um caderno de apontamentos para esse fim. Depois de ter feito isso todas as manhãs, ao nascer do sol, durante três meses, a informação verbal me chegava tão depressa que eu mal tinha tempo de pô-la por escrito. A voz me sugeriu que eu comprasse uma máquina de escrever. Logo depois, porém, eu já não conseguia escrever à máquina com rapidez suficiente.**

**A voz sugeriu que eu comprasse um gravador. Comprei-o. A princípio, foi-me difícil passar da escrita para o enunciado das palavras em voz alta. O som da minha voz interferia com a quietude que eu, a esse tempo, conseguira impor à minha mente. Com a prática, tornei-me clara outra vez. O passo seguinte foi fazer o mesmo para outra pessoa, e, em seguida, diante de um grupo. Isso era particularmente embaraçoso, porque a canalização verbal trabalha de modo que o canalizador só pode ouvir as primeiras palavras do que vai dizer. Faz-se mister muita fé para saltar no começo de uma sentença e permitir que flua o resto desconhecido.  
  
A experiência de obter acesso à informação por via verbal leva, inevitavelmente, à pergunta: "Quem está falando?" Sem dúvida alguma ouço uma voz. Mas trata-se de uma voz inventada por mim, ou ela tem outra origem? Qual é a melhor maneira de descobri-lo? Pergunte à voz. Eu perguntei. E ela me respondeu: "Meu nome é Heyoan, seu guia espiritual." Que quer dizer Heyoan? "O vento sussurrando a verdade através dos séculos." De onde vem ele? "Do Quênia."  
  
É verdade que já tive visões de espíritos e anjos antes disso, mas eu as classificara de visões. Agora elas falavam comigo. Logo pude sentir-lhes o toque e, às vezes, quando as via na sala, sentia uma fragrância maravilhosa. Seria uma metáfora ou a realidade? Toda a minha realidade pessoal me chega através dos sentidos, e agora que eles se dilataram, existe para mim uma realidade maior, mais ampla. Outras pessoas que têm as percepções dos sentidos dilatadas experimentam-na também. Para mim, isso é real. Você só poderá decidir com a sua experiência.  
  
Receber informações de um guia não é o mesmo que solicitar informações a uma pesssoa mais sábia e mais adiantada do que você. A informação que lhe chega está além da sua compreensão, mas, se você permitir que ela continue a chegar, acabará por compreendê-la. A canalização de um guia pode proporcionar informações que vão além da mente linear e toca as pessoas muito profundamente; alcançam a alma, ultrapassando as limitações humanas. De ordinário, no início de uma leitura, o meu guia Heyoan fala, o que quer dizer que estou conseguindo um acesso direto passivo. Depois, a certa altura da sessão, Heyoan sugere que o paciente faça perguntas para esclarecer as coisas.**

**Tenho para mim que essa é a melhor sequência, porque os guias, de hábito, sabem mais do que nós localizar os problemas. Passam diretamente por baixo da defesa do indivíduo e chegam ao âmago da questão. Por conseguinte, quando Heyoan principia uma leitura, não perdemos tempo indo à informação mais profunda, que está esperando para ajudar-nos.  
  
Também faço perguntas a Heyoan durante as leituras. Costumo fazê-las em silêncio. Peço um quadro da situação ou de qualquer parte do corpo, ou solicito a descrição de determinado problema. Posso até fazer perguntas como esta: "Isso é câncer?" Por via de regra, recebo respostas muito específicas, mas as coisas nem sempre são fáceis assim, sobretudo se eu, preocupada com a natureza da resposta, bloquear a informação que está chegando. Preciso, então, reconcentrar-me para prosseguir. Agora é a sua vez de tentá-lo.  
  
Exercícios para Receber Orientação Espiritual  
Sente-se numa postura de meditação, com as costas retas, mas com um pequeno oco na parte mais estreita das costas. Sente-se numa cadeira, utilizando o espaldar para descansar ou, se prefere a posição do ioga, sente-se numa almofada colocada no chão e cruze as pernas. Certifique-se de que a posição assumida é confortável para você.  
  
1. Se for do tipo cinestésico, feche os olhos e acompanhe simplesmente a respiração, à medida que ela flui para dentro e para fora do corpo. De vez em quando, pode querer repetir um lembrete para si mesmo: "Seguindo a respiração até o centro." Com o olho da mente, acompanhe a respiração pelo interior do corpo e por todo o trajeto até o seu centro. Seus sentidos podem acentuar-se, e você talvez queira seguir o fluxo de energia através do corpo.  
  
2. Se for do tipo visual, imagine um tubo dourado subindo e descendo pela espinha, onde está a principal corrente de força da aura. Visualize uma bola aurialva acima da cabeça. Enquanto respira tranquilamente, a bola desce devagar pelo tubo e, entrando na parte central do corpo, chega ao plexo solar. A seguir, contemple o crescimento da bola de ouro, qual um sol, no interior do plexo solar.  
  
Você pode querer que o crescimento da bola de ouro no plexo solar continue. Deixe-a, primeiro, encher-lhe o corpo de luz dourada. Depois, deixe-a encher-lhe o campo áurico de luz dourada. Deixe-a expandir-se até encher a sala em que você está. Se estiver meditando num círculo de pessoas, veja as suas bolas de ouro dilatarem-se, criando um anel de ouro, que enche a sala.**

**Deixe o anel expandir-se, ficar maior do que a sala, do tamanho do prédio em que você está, da área que circunda o prédio, da cidade, do estado, do país, do continente, da terra, e além. Faça-o devagar. Movimente a consciência para expandir a bola áurea de luz para fora, rumo à lua e às estrelas. Encha o universo de luz dourada brilhante. Veja-se como parte desse universo, identificando com ele e, portanto, identificado com Deus.  
  
Agora, mantenha a luz igualmente brilhante e traga-a de volta, passo a passo, exatamente como a levou para fora. Encha o seu ser de toda essa luz e conhecimento do universo. Faça-o manso, manso, passo a passo, de volta ao ponto de partida Sinta a carga tremenda que o seu campo áurico tem agora. Você também trouxe de volta ao seu campo o conhecimento de que se identifica com o Criador.  
  
3. Se for do tipo auditivo, pode querer simplesmente usar um mantra para meditar. Pode querer usar um nome sagrado à guisa de mantra, como Om, SatNam, Jesus ou "Fique quieto e conheça que sou Deus". Ou pode querer fazer soar uma nota. Há dias em que preciso fazer um esforço maior para concentrar-me, de sorte que uso uma combinação das meditações acima a fim de livrar a mente da sua tagarelice. Em outros dias a única coisa de que preciso é um mantra.  
  
Para outras meditações e práticas destinadas a fazê-lo entrar nesse estado tranquilo de auto-aceitação e aumentar a sua sensibilidade, recomendo com empenho os exercícios constantes do livro Voluntary Controls, de Jack Schwarz, que contém toda uma série de exercícios desse tipo, ajustados à mente ocidental, e muito eficazes. Agora que se acha concentrado e aquietou a mente, você está pronto para sentar-se e receber orientação espiritual. (...)**

**14 - No invisível - Léon Denis - pág. 165**

**XIV - VISÃO E AUDIÇÃO PSÍQUICAS NO ESTADO DE VIGÍLIA  
A visão e audição psíquicas em estado de vigília estão ligadas aos fenômenos de exteriorização, neste sentido: necessitam de um começo de desprendimento no percipiente. Não se trata mais de fatos fisiológicos ou de manifestações do ser vivo, a distância, e sim de uma das formas de mediunidade.**

**Na visão espírita, a alma do sensitivo já se acha parcialmente exteriorizada, isto é, fora do organismo material. Sua faculdade própria de visão se vem acrescentar ao sentido físico da vista. Às vezes a substituição deste pelo sentido psíquico é completa. Demonstra-o o fato de, em certos casos, o médium ver com os olhos fechados. Fui muitas vezes testemunha desse fenômeno.  
  
Convém ter o cuidado de distinguir a clarividência da visão mediúnica. Acontece que sonâmbulos muito lúcidos, no que se refere aos seres e às coisas deste mundo, são inteiramente cegos a respeito de tudo o que concerne ao mundo dos Espíritos. Prende-se isso à natureza das irradiações fluídicas de seu invólucro exteriorizado e ao modo peculiar de adestramento a que os submete o magnetizador.**

**É o que distingue o estado de simples lucidez do de mediunidade. Neste último caso, já não é o magnetismo humano que intervém. O vidente se acha sob a influência do Espírito que sobre ele opera, visando produzir determinada manifestação. Provocando o estado de semi-desprendimento, faculta ao sensitivo a visão espiritual. O sentido psíquico, como vimos, é muito mais sutil que o sentido físico; pode distinguir formas, radiações, combinações da matéria que a vista normal não seria capaz de perceber.**

**Para tornar mais distinta sua aparição, o Espírito muitas vezes recorre a um começo de materialização. Objetiva-se mediante as forças hauridas nos assistentes. Nessas condições, sua forma fluídica penetra no campo visual do médium e pode mesmo, em certos casos, impressionar a placa fotográfica. Os videntes descrevem os Espíritos com particularidades que são outros tantos elementos de comprovação. Depois vem a fotografia confirmar, ao mesmo tempo, a fidelidade da descrição e a identidade dos Espíritos que se manifestam. Estes são muitas vezes desconhecidos dos médiuns.  
  
No grupo de estudos psíquicos de Tours, de 1897 a 1900, possuíamos três médiuns videntes, auditivos e de incorporação. Antes de adormecerem, feita a obscuridade, eles divisavam, ao pé de cada um dos dos assistentes, Espíritos de parentes ou de amigos que conheciam, ou que descreviam minuciosamente quando os conheciam pela primeira vez. Nesse caso, a descrição era tal que, conforme a atitude ou o vestuário conheciam facilmente a personalidade do manifestante. Além disso, os médiuns ouviam e e transmitiam a linguagem dos Espíritos e os desejos que estes formulavam.  
  
A impressão produzida nos videntes variava de modo muito sensível, conforme o desenvolvimento das faculdades mediúnicas ou o adiantamento dos Espíritos. Onde uns só distinguiam um ponto brilhante, uma chama, outro via uma forma radiosa. O mesmo acontecia com a audição, que variava de intensidade e precisão conforme os sensitivos. Quando um não percebia mais que um vago som, uma simples vibração, outro escutava uma harmonia doce e penetrante que o comovia até às lágrimas.  
  
O estado de adiantamento do Espírito, como o sabemos, se revela, à primeira vista, no Espaço, pelo brilho ou obscuridade do seu invólucro. Em nossas experiências, já os videntes reconheciam o grau de elevação pela intensidade de suas irradiações. Muitas vezes fizemos este reparo: médium acordado, com os olhos abertos, percebia um certo número de Espíritos de todas as ordens. Fechados os olhos, distinguia somente alguns deles, os mais adiantados, aqueles cujas irradiações sutis — a exemplo dos raios X em relação as placas fotográficas — podiam, através das pálpebras cerradas, influenciar o sentido visual.   
  
A História está cheia de fenômenos de visão e de aparição. Na Judéia, a sombra de Samuel exorta Saul. No mundo latino, aparecem fantasmas a Numa, Brutus e** **Pompeu. Os anais do Cristianismo são ricos em fatos desse gênero. Na Idade Média os mais notáveis fenômenos de visão e audição conhecidos são os de Joana d'Arc. A essa virgem incomparável, o mais portentoso dos médiuns que já produziu o Ocidente, é que se deverá sempre recorrer, toda vez que se quiser citar brilhantes provas da intervenção do mundo invisível em nossa História.  
  
A vida inteira da heroína está cheia de aparições e vozes, sempre idênticas, e que jamais são desmentidas. Nos vales de Domrémy, nos campos de batalha, em presença de seus arguidores de Poitiers e dos juízes de Ruão, por toda parte a assistem e inspiram os Espíritos. Suas "vozes" ressoam-lhe aos ouvidos, marcando sua tarefa cotidiana e imprimindo à sua vida uma direção precisa e um glorioso objetivo. Elas anunciam acontecimentos que, sem exceção, se realizam.**

**Em seu doloroso encarceramento, essas vozes a encorajam e consolam: "Leva tudo com paciência; não te inquietes com o teu martírio; chegarás por fim ao reino do paraíso". E os juizes, a quem ela comunica esses colóquios, aparecem desassossegados com semelhante predição, cujo sentido compreendem. A todas as perguntas pérfidas, insidiosas, que lhe dirigem, as vozes ditam a resposta, e, se esta se fez esperar, ela o declara: "Louvar-me-ei em meu conselho."  
  
Quando as vozes se calam, abandonada a si mesma, ela não é mais que uma mulher; fraqueja, se retrata, se submete. Durante a noite, porém, a voz se faz novamente ouvir. E ela o repete aos seus juízes: "A voz me disse que era pecado abjurar; o que eu fiz está bem feito." (...)**

**15 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões: 246, 429**

**Perg. 246 - Os Espíritos precisam de luz para ver?  
- Vêem pela luz própria, sem necessidade de luz exterior; para eles não há trevas, a não ser aquelas em que podem encontrar-se por expiação.  
Perg. 248 - O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós?  
- Mais distintamente, porque a sua vista penetra o que a vossa não pode penetrar; nada aobscurece.  
Perg. 249a - A Faculdade de ouvir, como a de ver, está em todo o seu ser?  
- Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte do seu ser. Quando ele se reveste de corpo material, elas se manifestam pelos meios orgânicos, mas, no estado de liberdade, não estão mais localizadas.  
Perg. 429 - Como o sonâmbulo pode ver através dos corpos opacos?  
- Não há corpos opacos, senão para os vossos órgãos grosseiros. Já dissemos que, para o Espírito, a matéria não oferece obstáculos, pois ele a atravessa livremente. Com frequência ele vos diz que vê pela testa, pelo joelho, etc.. porque vós, inteiramente imersos na matéria, não compreendeis que ele possa ver sem o auxílio dos órgãos, e ele mesmo, pela vossa insistência, julga necessitar desses órgãos. Mas, se o deixásseis livre, compreenderíeis que vê por todas as partes do corpo, ou, para melhor dizer, é fora do corpo que ele vê.**

**16 - O Livro dos médiuns - Allan Kardec - cap. vi**

**2ª PARTE — CAPÍTULO VI - MANIFESTAÇÕES VISUAIS  
  
100. De todas as manifestações espíritas, as mais interessantes são sem dúvida aquelas pelas quais os Espíritos podem se tornar visíveis. Pela explicação desse fenômeno veremos que ele, como os outros, nada tem de sobrenatural. Damos inicialmente as respostas dos Espíritos a respeito do assunto.  
  
1. Os Espíritos podem se tornar visíveis?  
— Sim, sobretudo durante o sono. Entretanto, certas pessoas o vêem no estado de vigília, mas isso é mais raro.  
Nota — Enquanto o corpo repousa, o Espírito se desprende dos laços materiais, fica mais livre e pode mais facilmente ver os outros Espíritos e entrar em comunicação com eles. O sonho é uma recordação desse estado, Quando não nos lembramos de nada, dizemos que não sonhamos, mas a alma não deixou de ver e de gozar da sua liberdade. Tratamos aqui mais particularmente das aparições no estado de vigília. — Sobre o estado do Espírito durante o sono, ver n.° 409 de O Livro dos Espíritos.  
  
2. Os Espíritos, que se manifestam pela visão, pertencem a uma determinada categoria?  
— Não; podem pertencer a todas as categorias, das mais elevadas às mais inferiores.  
  
3. É permitido a todos os Espíritos se manifestarem visivelmente?  
— Todos o podem, mas nem sempre tem a permissão nem o desejo de fazê-lo.  
  
4. Com que fim os Espíritos se manifestam visivelmente?  
— Isso depende; segundo sua natureza, o fim pode ser bom ou mau.  
  
5. Como pode ser permitido, quando o fim é mau?  
- É então para por à prova aqueles que os vêem. A intenção do Espírito pode ser má, mas o resultado pode ser bom.  
  
6. Qual o objetivo dos Espíritos que se fazem ver com má intenção?  
- Assustar e muitas vezes vingar-se.   
6a. Qual o objetivo dos Espíritos que aparecem com boa intenção?  
- Consolar os que lamentam a sua partida; provar-lhes que continuam a existir e estão perto deles; dar conselhos e, algumas vezes, pedir assistência para si mesmos.  
  
7. Que inconveniente haveria em ser permanente e geral a possibilidade de ver os Espíritos? Não seria essa uma forma de tirar a dúvida aos Incrédulos?  
- Estando o homem constantemente cercado de Espíritos, o fato de vê-los sem cessar o perturbaria, constrangendo-o nas suas atividades, e lhe tiraria a iniciativa na maioria dos casos, enquanto que, julgando-se só, pode agir com mais liberdade. Quanto aos incrédulos, dispõem de muitos meios para se convencerem, caso queiram aproveitá-los e se não estiverem cegos pelo orgulho. Sabes de pessoas que viram e nem por isso acreditam, pois dizem que se trata de ilusões. Não te inquietes por essa gente, de que Deus se encarrega.  
  
Nota — Haveria tanto inconveniente em estarmos sempre na presença dos Espíritos, como em vermos o ar que nos cerca ou as miríades de mimais microscópicos que pululam ao nosso redor. Do que devemos concluir que o que Deus faz é bem feito e que Ele sabe melhor do que nós o que nos convém.  
  
8 . Se a visão dos Espíritos tem inconvenientes, por que é permitida em muitos casos?  
- Para dar uma prova de que nem tudo morre com o corpo e de que a alma conserva a sua individualidade após a morte. Essa visão passageira é suficiente para dar a prova e atestar a presença dos amigos ao vosso lado, não tendo os inconvenientes da visão incessante.  
  
9. Nos mundos mais adiantados que o nosso a visão dos Espíritos é mais frequente?  
— Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, mais facilmente entra em relação com os Espíritos. Ê a grosseria do vosso corpo torna difícil e mais rara a percepção dos seres etéreos.  
  
10. É racional assustar-se com a aparição de um Espírito?  
— Aquele que refletir a respeito há de compreender que um Espírito, seja qual for, é menos perigoso que um vivo. Os Espíritos, aliás, estão por toda parte e não tens a necessidade de vê-los para saber que podem ficar ao teu lado. O Espírito que desejar prejudicar alguém pode fazê-lo ser visto, e até com mais segurança. Ele não é perigoso por ser Espírito, mas pela influência que pode exercer no pensamento do homem, desviando-o é do bem e impelindo-o ao mal.  
  
Nota — As pessoas que têm medo da solidão, e do escuro, raramente compreendem a causa do seu pavor. Elas não saberiam dizer do que têm medo, mas certamente deviam recear-se mais de encontrar homens do que Espíritos, porque um malfeitor é mais perigoso em vida do que após a morte. Uma senhora de nosso conhecimento teve uma noite, em seu quarto, uma aparição tão bem definida que acreditou estar na presença de alguém e sua primeira sensação foi de pavor. Certificando-se de que ali não havia nenhuma pessoa, disse a si mesma: Parece que se trata apenas de um Espírito; posso dormir tranquila. (...)**

**17 - O porquê da vida - Léon Denis - pág. 82**

**Carta de um Espírito bem-aventurado a seu amigo, da Terra, sobre a primeira visão do Senhor  
Querido amigo.  
Das mil coisas a respeito das quais desejara falar-te, apenas me ocuparei por esta vez de uma única, que te interessará mais do que todas as outras. Para isso foi mister licença especial, pois os Espíritos nada podem fazer sem permissão. ( Por toda parte e em todos os degraus da escala da Criatura, há somente uma vontade diretriz. O mundo dos Espíritos, sociedade muito semelhante à nossa em certos pontos, está submetido a leis que não permitem a ninguém desviar-se do plano da harmonia geral).  
  
Vivem exclusivamente na vontade do Pai Celestial, que transmite suas ordens a milhões de seres como se fossem um só, e responde instantaneamente a uma infinidade de matérias, aos milhões inumeráveis de criaturas que se dirigem a Ele. Como te farei compreender o modo pelo qual cheguei a ver o Senhor? Oh! foi muito diferente daqueles que vós os mortais podeis imaginar.  
  
Depois de muitas aparições, instruções, explicações e gozos, quo me foram concedidos por graça do Senhor, atravessei uma região bem-aventurada ou éden, em companhia de outros Espíritos que já se haviam elevado pouco mais ou menos ao mesmo grau de perfeição que eu.  
  
Ao lado uns dos outros, em doce e agradável harmonia, formando como que uma leve nuvenzinha, gozávamos o mesmo sentimento de atração, a mesma propensão para um alvo elevadíssimo e passeávamos por aquele sítio encantador. Ligávamo-nos cada vez mais uns aos outros, e, à medida que nos adiantávamos, nos sentíamos mais íntimos, mais livres, mais alegres, mais aptos para gozar, e dizíamos: Oh! como é bom e misericordioso Aquele que nos criou! Aleluia ao Criador! O Amor é que nos criou! Aleluia ao Amor!  
  
Animados por tais sentimentos, seguimos nosso vôo e paramos ao pé de uma fonte. Ali, sentimos que alguém anunciava a sua presença como que pelo roçar de uma leve brisa: era um ser angélico e nele havia alguma coisa imponente que atraiu nossa atenção. Uma luz deslumbrante, até certo ponto semelhante à dos Espíritos bem-aventurados, nos inundou. Este é também dos nossos, pensamos simultaneamente e como por intuição. Então desapareceu a luz e no mesmo instante nos pareceu que estávamos privados de alguma coisa.  
  
Que ser tão belo, dissemos, que donaire majestoso e ao mesmo tempo que graça tão infantil! Que doçura e que majestade! Enquanto assim falávamos, uma forma graciosa, emergindo de deliciosa ramagem, apareceu-nos de repente e dirigiu-nos afetuosa saudação.  
Nenhuma semelhança havia entre a precedente aparição e o recém-vindo, pois este tinha alguma coisa de superiormente elevado e, ao mesmo tempo, inexplicável.  
  
— Sede bem-vindos, irmãos! — disse ele, e então respondemos: — Bem-vindo sejas tu, bendito do Senhor! O céu se reflete em tua face e dos teus olhos se irradia o amor de Deus.— Quem sois? — perguntou o desconhecido.— Somos alegres adoradores do Amor todo-poderoso — respondemos. — Quem é o Amor todo-poderoso? — redarguiu ele com sua inimitável graça. — Não conheces então o Amor todo-poderoso? — lhe repliquei eu por todos. — Conheço-o, em verdade — disse o desconhecido com voz cada vez mais melíflua.  
  
— Ah! se dignos fôssemos de vê-lo, de ouvir sua voz! Mas não nos consideramos bastante purificados para contemplar diretamente a mais santa pureza! A estas palavras, ouvimos atrás de nós soar uma voz que nos disse: "Estais purificados e lavados de toda a mácula. Estais declarados justos por Jesus-Cristo e pelo espírito de Deus vivo!" Uma felicidade inexplicável se apossou de nós e no mesmo instante desejamos volver para o sítio donde vinha aquela voz, a fim de adorarmos de joelhos o nosso invisível interlocutor.  
  
Que sucedeu! Cada um de nós ouviu instantaneamente um nome que nunca ouvíramos pronunciar, e cada um compreendeu e reconheceu que era seu nome que fora designado pela voz do desconhecido. Espontaneamente, com a velocidade do raio, todos, como um só, nos voltamos para o adorável interlocutor, e, então, ele assim nos falou com indizível graça: "Encontrastes o que procuráveis. Quem me vê, vê o Amor todo-poderoso. Conheço os meus e os meus me conhecem. Dou as minhas ovelhas a vida eterna e elas não perecerão na eternidade. Ninguém poderá arrancá-las das minhas mãos e das mãos de meu Pai, pois Ele e eu somos um."  
  
Como explicar-te, por palavras, a doce, suprema felicidade de que nos sentimos possuídos quando ele, que a cada momento se fazia mais luminoso, mais gracioso e mais sublime, estendeu-nos seus braços e pronunciou estas palavras, que soarão eternamente para nós, sem que haja poder algum capaz de apagá-las de nossos ouvidos e de nossos corações: "Vinde, eleitos de meu Pai; tomai posse do reino que vos foi designado desde o princípio dos séculos." Depois abraçou-nos simultaneamente e desapareceu.  
  
Ficamos silenciosos e sentimo-nos estreitamente unidos por toda a eternidade, fundimo-nos suavemente na verdadeira felicidade. O Ser Infinito veio unificar-se conosco e, ao mesmo tempo, tornou-se nosso todo, nosso céu, nossa vida em sua mais real expressão. Mil novas vidas pareciam animar-nos. Nossa existência anterior desvaneceu-se; estávamos como que nascendo para uma vida nova, prelibando a imortalidade, isto é, havia em nós uma superabundância a voz.**

**Ah! se eu pudesse comunicar-te, mesmo que fosse somente diminuta, parte da nossa entusiástica adoração!Deus existe! Nós existimos! Por si, só Ele é tudo! Seu ser é vida e amor! O que vê, vive e ama, é inundado dos eflúvios da imortalidade e do amor que são emitidos de sua divina face. Vimos- te, ó todo-poderoso Amor! Tu te manifestaste aos nossos olhos sob a forma humana, tu, Deus dos deuses, e, entretanto, não foste Homem nem Deus, tu Homem-Deus! Só te revelaste como amor, e te mostraste todo-poderoso somente como amor! Tu nos sustentas por tua onipotência para impedir que a força de teu amor, embora suavizado, nos absorva!  
  
És tu a quem glorificam os céus, tu, oceano de bem-aventurança e onipotência, tu, que encarnado entre os homens vieste regenerá-los e que, derramando teu sangue, suspenso da cruz, te revelaste humano? Oh! sim, és tu! glória de todos os seres! Ser, diante de quem se inclinam todas as naturezas que desaparecem à tua vista para serem chamadas a viver em ti! Da tua irradiação desperta-se a vida em todos os mundos, do teu peito desprende-se o amor!**

**Tudo isto, querido amigo, é apenas uma pequeníssima migalha, caída da farta messe das inefáveis felicidades com que me alimentei então. Aproveita essas minhas comunicações e bem depressa outras te serão dadas. Ama e serás amado, pois só o amor pode fazer a felicidade. Oh ! Querido amigo, é pelo amor somente que me posso aproximar de ti, comunicar contigo e mais depressa conduzir-te ao manancial da vida. Deus e o Céu vivem no amor, como vivem na face e no coração de Jesus-Cristo. Segundo a vossa cronologia terrestre, escrevo esta a 13 de novembro de 1798. Makariosenagape. (...)  
  
18 - Obras póstumas - Allan Kardec - pág. 47**

**MANIFESTAÇÕES DE ESPÍRITOS - CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DE MANIFESTAÇÕES DE ESPÍRITOS  
1. As Almas ou Espíritos dos homens, que viveramna terra, constituem o mundo invisível no espaço que nos cerca. Resulta daí que, desde que há Espíritos e que, se estes têm o poder de se manifestar, deveriam tê-lo em todo tempo. Ultimamente porém as manifestações de Espíritos têm adquirido enorme desenvolvimento e maior autenticidade, sem dúvida por querer a Providência curar a chaga da incredulidade e do materialismo por evidentes provas, permitindo aos que deixaram a terra virem comprovar a sua existência e revelar-nos as condições felizes ou penosas em que vivem.**

**2. O mundo visível, sendo envolvido pelo invisível, com a qual vive em perpétuo contato, age incessantemente sobre ele e recebe dele a reação. Esta reciprocidade é origem uma multidão de fenômenos, considerados sobrenaturais, se lhes ignorar a causa. A ação e a reação de um mundo sobre outro é uma da leis, uma das forças da natureza, necessárias à harmonia universal, como por exemplo a lei de atração. Se aquela força deixasse de obrar, perturbar-se-ia a ordem universal, como em um maquinismo, de que se tirasse uma roda. Não têm portanto, o caráter de sobrenatural os fenômenos produzido por semelhante força ou lei da natureza, julgados tais por não se lhes conhecer a causa, como acontece com certos efeito da luz, da eletricidade, etc.  
  
3. Todas as religiões têm por base a existência de Deu e por objetivo o futuro do homem depois da morte. Esse futuro, que é de interesse capital, está necessariamente ligado à existência do mundo invisível; e é por isso que em todos os tempos a humanidade tem feito do conhecimento desse mundo o principal objeto dos seus estudos e preocupações. A sua atenção era naturalmente arrastada para todo o fenômeno indicativo daquele mundo, e nenhum há tão positivo como o das manifestações dos Espíritos, pelas quais os seus habitantes nos revelam a sua existência. É por isso que os fenômenos se tornaram a base da maior parte dos dogmas das religiões.  
  
4 Havendo o homem tido em todos os tempos a intuição de um poder superior, foi induzido a atribuir a açao direta dessa potência os fenômenos cuja causa lhe era desconhecida, considerando-os prodígios e efeitos supernaturais. Essa tendência é pelos incrédulos considerada obra do amor do homem pelo maravilhoso, mas não lhe procuram os motivos. Se dessem a esse trabalho, reconheceriam que o amor do maravilhoso procede da intuição mal definida de uma ordem de coisas extracorporais. . . . .  
  
Com o progresso da ciência e o conhecimento das leis da Natureza. aqueles fenômenos têm, pouco a pouco, passado ao domínio do maravilhoso ao dos efeitos naturais; e por isso o que se supunha outrora sobrenatural não o é mais atualmente, nem mais o será de ora em diante.   
  
Os fenômenos dependentes da manifestação dos Espíritos forneceram, pela sua própria natureza, um contingente aos fatos considerados maravilhosos; devia porém chegar o tempo em que fosse conhecida a lei, que os rege, e eles entrassem como quaisquer outros na ordem dos fatos naturais. Esse tempo chegou e o Espiritismo fazendo conhecer aquela lei, trouxe a chave da maior parte das passagens das " Escrituras sagradas", que aludiam a ela e os fatos reputados.**

**5. O caráter de um fato miraculoso é ser insólito e excepcional; é ser uma derrogação das leis da natureza. Desde que um fenômeno se reproduza em identidade de condições, é porque obedece a uma lei e portanto não é miraculoso. Essa lei pode ser ignorada, mas nem por isso deixa de existir, competindo ao tempo torná-la conhecida. O movimento do sol, ou antes da terra, parado por ordem do Josué, seria um verídico milagre, por ser uma manifesta derrogação da lei, que rege o movimento dos astros; se porém o mesmo fato se reproduzisse, em dadas condições, e porque obedeceria a uma lei e deixaria de ser um milagre. (...)**

**II - MANIFESTAÇÕES VISUAIS:  
16. Por sua natureza, e no estado normal, o perispírito é invisível e por este lado se confunde com uma multidão de fluídos, que sabemos existir, conquanto não possamos vê-los; entretanto pode, como certos fluídos, sofrer modificações que o tornem perceptível à vista quer seja por uma espécie de condensação, quer por uma alteração na composição molecular. Pode até adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível, sem deixar a propriedade de voltar instantaneamente ao seu primitivo estado etéreo e invisível.**

**É comparável esse fenômeno ao do vapor, que passa de invisível, tornando-se líquido ou sólido e vice-versa. Esses diferentes estados do perispírito são dependentes da vontade do Espírito e não de causa física exterior, como acontece com o vapor. Quando o Espírito se mostra, é porque colocou o perispírito no estado necessário para tornar-se visível.**

**A vontade só nem sempre basta, e é preciso, para que o perispírito passe por aquela modificação, um concurso das circunstâncias independentes dele; é mister além disso, que o Espírito tenha a permissão de se tornar visível, o que nem sempre lhe é concedido, ou não o é senão em especiais circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.**

**Outra propriedade do perispírito, que procede de sua natureza etérea, é a penetrabilidade; a matéria não lhe opõe obstáculos e ele a atravessa, como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não há fechaduras para os Espíritos, que visitam os prisioneiros reclusos em um cárcere, com a mesma facilidade com que se aproximam de quem está no campo a céu aberto.**

**17. As manifestações visuais mais comuns dão-se durante o sono, em sonhos, são as visões. As aparições propriamente ditas dão-se no estado de vigília, quando se está no pleno uso da liberdade e das faculdades. Realizam-se geralmente sob a forma vaporosa e diáfana, na maior parte das vezes vaga e indecisa, não passando de uma nuvem esbranquiçada, cujos contornos se desenham lentamente.**

**Noutros casos, as formas são bem acentuadas, distinguindo-se os mínimos traços do rosto, de modo a se poder fazer, com a maior precisão, uma perfeita descrição. Os gestos e o aspecto são semelhantes aos do Espírito, quando encarnado.**

**18. Podendo tomar todas as aparências, o Espírito apresenta-se sob a que melhor pode torná-lo conhecido se esse for o seu desejo; e tanto que, apesar do Espírito não conservar as enfermidades corpóreas, apresenta-se aleijado, coxo, ferido, com cicatrizes, se tanto for necessário para provar a sua identidade. O mesmo quanto ao traje; o daqueles, que já nada conservam das misérias da terra, compõe-se, ordinariamente, de uma túnica de longas pregas flutuantes e cabeleira ondulante e graciosa.**

**Muitas vezes os Espíritos se apresentam com os predicados característicos de sua elevação com uma auréola e asas, que nos fazem considerá-los como anjos de aspecto luminoso e resplandecente, ao passo que outros se apresentam com os característicos das suas ocupações terrestres: assim o guerreiro poderá aparecer com a sua armadura, o sábio com os seus livros, o assassino com um punhal, etc...**

**Os Espíritos superiores apresentam figura bela, nobre e serena, os mais inferiores alguma coisa de feroz e bestial, e algumas vezes ainda apresentam os sinais dos crimes que cometeram e dos castigos que sofreram. Para eles é castigo o acreditar que aquela aparência é a realidade, isto é, que são o que mostram.**

**19. O Espírito, que quer ou pode aparecer, reveste algumas vezes forma ainda mais clara; toma as aparências de um corpo sólido, a ponto de produzir perfeita ilusão, fazendo crer que é um ser corpóreo. Em alguns casos e em dadas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, isto é, podemos tocar-lhes, apalpá-los, sentir a mesma resistência e o mesmo calor, como se fora um corpo vivo, o que não o priva de desfazer-se com a rapidez do relâmpago.**

**Pode pois acontecer estarmos em presença de um Espírito, conversarmos com ele e ficarmos na ilusão de que estamos tratando com um homem. (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **VONTADE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A alma é imortal - pág. 290** | **02 - A crise da morte - pág. 34** |
| **03 - A vida além do véu - pág. 52, 99** | **04 - Análise das coisas - pág. 53, 99** |
| **05 - Cartilha da natureza - pág. 47** | **06 - Ciência e espiritismo - pág. 74** |
| **07 - Da alma humana - pág. 93** | **08 - Depois da morte - pág. 207** |
| **09 - Deus na natureza - pág. 248** | **10 - Fonte viva - pág. 23, 95** |
| **11 - Katie king - pág. 124** | **12 - Libertação - pág. 29** |
| **13 - Livro da esperança - pág. 168** | **14 - Magnetismo espiritual - pág. 31** |
| **15 - Mecanismos da mediunidade - pág. 88, 161** | **16 - Nas pegadas do Mestre - pág. 15** |
| **17 - O Livro dos Espíritos - q. 33** | **18 - O mestre na educação - pág. 38** |
| **19 - O que é a morte - pág. 81** | **20 - O ser e a serenidade - pág. 59** |
| **21 - Obsessão desobsessão - pág. 104** | **22 - Otimismo - pág. 45** |
| **23 - Pão nosso - pág. 81** | **24 - Pérolas do além - pág. 77, 238** |
| **25 - Roteiro - pág. 27, 111** | **26 - Rumo certo - pág. 95** |
| **27 - Rumos libertadores - pág. 80** | **28 - Saúde e Espiritismo - pág. 147, 260** |
| **29 - Seara dos médiuns - pág. 205** | **30 - Segue-me - pág. 195** |
| **31 - Universo e vida - pág. 56** | **32 - Vozes do grande além - pág. 27, 188** |
| **33 - Trevo de idéias - pág. 14** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**VONTADE** **– COMPILAÇÃO**

**01- A alma é imortal - Gabriel Delanne - pág. 290**

**A vontade  
A palavra vontade dá lugar às vezes a mal-entendidos, decorrentes, sem dúvida, de não se ter bastante cuidado em distinguir a intenção ou o desejo de fazer uma coisa do poder de a executar. Quando um indivíduo paralítico das pernas quer caminhar, é-lhe impossível mover os músculos da locomoção. Ele realmente quer, mas, em virtude de uma ação mórbida, sua vontade não se executa. Por outro lado, na linguagem médica, diz-se, a propósito de uma paralisia histérica, que a vontade está paralisada, para significar que não há, em realidade, da parte do doente, intenção ou desejo de mover os membros do corpo.  
  
As dificuldades, porém, não se limitam ao emprego dessa palavra em dois sentidos opostos; as opiniões igualmente divergem, quando se lhe quer conhecer a natureza. Os materialistas, que fazem da sensação a base do espírito humano e que não admitem para a alma uma existência independente; que consideram as faculdades da alma simples produtos da atividade do cérebro, apenas vêem na vontade o termo final da luta de dois ou muitos estados opostos de consciência. Para essa escola, a vontade é uma resultante de atos físicos mais ou menos complexos. Carece de existência própria.  
  
Nós, que sabemos ser a alma uma realidade com o poder de manifestar-se independente de toda matéria organizada, sustentamos que a vontade é uma faculdade do espírito; que ela existe positivamente como potência; que sua ação se revela claramente na esfera do corpo e que pode mesmo projetar a distância sua energia, como os fatos o vão demonstrar.  
  
Ação da vontade sobre o corpo  
É manifesta, para toda gente, a influência da vontade sobre os músculos: queremos levantar um braço, ele executa o movimento, constituindo esse ato um exemplo trivial da ação da alma sobre o corpo. Há, porém, casos notáveis em que o seu poder se exerce sobre partes do organismo que pareciam excluídas da sua dominação.  
  
Não é impossível que a vontade atue por ação direta sobre o coração e os músculos lisos da vida orgânica. Aqui está um exemplo. Um distinto membro da Sociedade Real de Londres, o Sr. Fox, conseguia, por voluntário esforço, aumentar de dez a vinte por minuto os batimentos do seu pulso. Também o Sr. Hack Tuke fez a mesma experiência: pelo espaço de dois minutos mais ou menos, as pulsações, que a princípio eram regulares, se elevaram de 63 a 82.  
  
Pelo exercício, desenvolve-se o poder da vontade. Sabe-se, por narrativas autênticas, que os faquires podem, voluntariamente, pôr-se em estado cataléptico, fazer-se enterrar num subterrâneo e voltar à vida ao cabo de alguns meses de sepultamento. Este fato não é desconhecido na Europa. Poderíamos citar muitos casos de letargia voluntária, devidas ao coronel Townsend. O que se segue foi testemunhado por três doutores, os Srs. Chayne, Baynard e Skrine.  
  
"O pulso, diz o Dr. Chayne, era bem acentuado, conquanto fraco e filiforme; o coração batia normalmente. O coronel deitou-se de costas e permaneceu calmo por alguns instantes. Notei que seu pulso enfraquecia gradativamente, até que, por fim, malgrado à mais minuciosa atenção, deixei de percebê-lo. O doutor Baynard, por seu lado, não conseguia perceber o menor movimento do peito e o Sr. Skrine não logrou notar a mais ligeira mancha produzida sobre o espelho reluzente por ele mantido diante da boca do coronel.**

**Cada um de nós, a seu turno, lhe examinou o pulso, o coração e a respiração. Porém, apesar das mais severas e rigorosas pesquisas, não nos foi possível descobrir o mais ligeiro sinal de vida." Iam os três retirar-se, convencidos de que o paciente morrera, quando um ligeiro movimento do corpo os tranquilizou. Pouco a pouco o coronel voltou à vida. Durara meia hora a letargia. Esse poder da alma sobre o corpo pode chegar até a vencer a enfermidade. Muitas vezes, uma vontade enérgica consegue restabelecer a saúde, com exclusão dos efeitos da imaginação ou da atenção. Damos aqui o relato da cura de uma enfermidade grave a raiva:  
  
O Sr. Cross foi gravemente mordido por um gato, que, no mesmo dia, morreu hidrófobo. A princípio, ele pouca atenção deu a essa circunstância, que, sem dúvida, em nada lhe perturbou a imaginação ou o sistema nervoso. Três meses, no entanto, depois do acidente, sentiu, certa manhã, forte dor no braço, ao mesmo tempo que grande sede. Pediu um copo dágua. "No momento, porém, diz ele, em que eu ia levar o copo aos lábios, senti na garganta violento espasmo. Logo se me apoderou do espírito a terrível convicção de que me achava atacado de hidrofobia, em consequência da mordedura do gato.**

**É indescritível a angústia que experimentei durante uma hora. Era-me quase intolerável a idéia de tão terrível morte. Senti uma dor que começou na mão e ganhou o cotovelo, depois a espádua, ameaçando estender-se mais. Percebi que seria inútil qualquer assistência humana e acreditei que só me restava morrer. "Afinal, pus-me a refletir sobre a minha situação. Pensei comigo mesmo que tanto eu podia morrer, como não morrer; que, se houvesse de morrer, teria a sorte que outros tinham tido e outros ainda terão e que me cumpria afrontar a morte como homem; que se, por outro lado, me restasse alguma possibilidade de conservar a vida, um único era, para mim, o meio de o conseguir: firmar as minhas resoluções, enfrentar o mal e exercer esforços enérgicos sobre o meu espírito.   
  
Conseguintemente, compreendendo que precisava de exercício ao mesmo tempo intelectual e físico, tomei do meu fuzil e saí a caçar, sem embargo da dor que continuava a sentir no braço. "Em resumo, não encontrei caça, mas caminhei durante toda a tarde, fazendo, a cada passo que dava, um rigoroso esforço de espírito contra a moléstia. Retornando a casa, achava-me realmente melhor. Ao jantar, pude comer e beber água, como de ordinário. No dia seguinte de manhã, a dor recuara para o cotovelo; no dia imediato, retrocedera para o pulso e no terceiro dia desaparecera.**

**Falei do caso ao Dr. Kinglake. Disse-me que, na sua opinião, eu sofrera, indubitavelmente, um ataque de hidrofobia, que me poderia ter sido fatal, se eu não houvera reagido energicamente contra ele, por vigoroso esforço do espírito." O espírito precisa, às vezes, de um suplemento de força, para agir eficazmente sobre o corpo. No hipnotismo, podem considerar-se as injunções imperativas do operador como o estimulante necessário. Lembraremos, de memória, as experiências do Sr. Focachon e dos Srs. Bourru e Burot.  
  
O farmacêutico de Charmes aplica na espádua de seu paciente alguns selos do correio e passa-lhes por cima, a fim de segurá-los, umas tiras de diaquilão e uma compressa, sugerindo-lhe, ao mesmo tempo, que lhe aplicara um vesicatório. O paciente fica sob vigilância. Depois de vinte horas, retiraram o peso, que se conservara intacto. No lugar, a pele, espessada e macerada, apresentava uma cor azul-amarelado, estando a região cercada de uma zona de intensa vermelhidão, com intumescimento. Esse estado verificaram-no os Srs. Liégeois, Bernhelm, Liébault, Beaunis. Pouco mais tarde sobreveio a supuração.  
  
Tão grave perturbação orgânica fora causada pela vontade, atuando como elemento material sobre os tecidos do corpo. Na Salpétrière, o Sr. Charcot e seus alunos ocasionaram queimaduras por sugestão. Finalmente, os Srs. Bourru e Burot conseguiram produzir, à vontade, estigmas no corpo de um paciente. À hora que os operadores determinavam, o corpo do paciente sangrava nos lugares que eram tocados por um estllete sem ponta. Letras traçadas na carne se desenhavam em relevo, de um vermelho vivo, sobre o fundo pálido da pele.   
  
Prova isto à evidência que a vontade de um operador pode mudar a matéria do corpo de um paciente, em sentido favorável ou nefasto ao indivíduo, conforme a direção que se lhe imprima. Poderíamos também citar o caso do célebre Edward Irwing que se curou, pela ação da vontade, de um ataque de cólera, durante a epidemia de 1832. O poder da vontade se exerce Igualmente sobre as sensações. Jacinto Langlols, distinto artista, íntimo de Talma, narrou ao Dr. Brierre de Bolsmont que esse grande ator lhe referira que, quando estava em cena, tinha o poder, pela força da sua vontade, de fazer desaparecessem as vestes do seu numeroso e brilhante auditório e de substituir essas personagens vivas por outros tantos esqueletos.**

**Logo que a sua imaginação enchera assim a sala daqueles singulares espectadores, a emoção que em consequência experimentava lhe imprimia tal força ao jogo cênico, que muitas vezes os mais empolgantes efeitos se produziam. Não é único este fato: Goethe também conseguia ter visões voluntárias e sabe-se que Newton podia obter para si, à vontade, a imagem do Sol. O Dr. Wigan faz menção de uma família, cada um de cujos membros possuía a faculdade de ver mentalmente, sempre que o queria, a Imagem de um objeto e de fazer deste, de memória, um desenho mais ou menos exato.  
  
Esse poder da vontade, que se exerce sobre o corpo com tanto Império, quando a pessoa sabe servlr-se dele, também tem ação determinada sobre outros organismos. Vamos mostrá-lo experimentalmente.  
  
Ação da vontade a distância  
A influência da vontade de um hipnotizador sobre o seu paciente é fato que hoje dispensa qualquer demonstração. A sugestão, cujas formas são tão variadas, tornou incontestável a ação que, sobre o espírito de um paciente sensível, exerce uma ordem formulada de modo imperativo. Essa ordem se grava no espírito do paciente e pode fazê-lo executar todos os movimentos, dar-lhe todas as alucinações dos sentidos, como lhe pode perturbar as faculdades intelectuais e, até, aniquilá-las completamente, por certo tempo.   
  
Os tratados sobre hipnotismo estão cheios de exemplos desse gênero de ações voluntárias. O que queremos mostrar aqui é o que foi com muita frequência contestado: a ação da vontade, a distância. Os antigos magnetlzadores lhe haviam revelado a existência e os modernos experimentadores, sem embargo da repugnância que manifestam, terão que se resignar a confessá-la. É, aliás, o que fazem os mais sinceros. Aqui estão dois fatos, buscados em fontes de confiança, que mostram, sem contestação possível, a influência da vontade a exercer-se fora dos limites do organismo.  
  
No seu célebre relatório à Academia, refere assim o Dr. Husson o primeiro deles: "A Comissão se reuniu no gabinete de Bourdais, a 6 de outubro, ao meio-dia, hora em que chegou o Sr. Cazot (o paciente). O Sr. Foissac, o magnetizador, fora convidado a comparecer às 12h30m. Ele se conservou no salão, sem que Cazot o soubesse e sem nenhuma comunicação conosco. Foi-lhe dito, no entanto, por uma porta oculta, que Cazot se achava sentado num canapé, distante dez pés de uma porta fechada, e que a Comissão desejava que ele, magnetizador, adormecesse o paciente e o despertasse àquela distancia, permanecendo no salão e Cazot no gabinete.  
  
"As 12h37m, estando Cazot atento à conversação que entabuláramos, ou a examinar os quadros que adornam o gabinete, o Sr. Foissac, colocado no compartimento ao lado, começa a magnetizá-lo. Notamos que ao cabo de quatro minutos Cazot pisca ligeiramente os olhos, inquieto, e que, afinal, decorridos nove minutos adormece..."O resultado é positivo, com exclusão de toda suspeita, dado que se produziu diante de Investigadores pouco crédulos e de toda a competência exigida para se pronunciarem com conhecimento de causa. Cedamos agora a palavra ao Sr. Pierre Janet, cujos trabalhos sobre o hipnotismo têm autoridade no mundo sábio.   
  
"Pode-se adormecer o paciente sem o tocar, por uma ordem não expressa, mas apenas pensada diante dele. Numa nova série de experiências, cuja narrativa ainda não está publicada, após longa educação do paciente, cheguei eu próprio a repetir à vontade esse curioso fenômeno. Oito vezes de seguida, tentei adormecer a Sr\* B..., de minha casa, tomando todas as precauções possíveis para que ninguém fosse prevenido da minha intenção e variando de cada vez a hora da experiência. De todas as vezes, a Srª B... adormeceu de sono hipnótico, alguns minutos depois de haver eu começado a pensar nisso.**

**A verificação do fato havia naturalmente de provocar nova suposição. Pois que a sugestão mental podia adormecer a Srª B..., achando-se ela em estado de vigília, a mesma sugestão deveria fazê-la passar de uma fase do sono a outra. "Era fácil verificá-lo, desde que a Srª B... estivesse em sonambulismo letárgico. Enquanto eu lhe fazia sempre as sugestões mentais, sem a tocar, sem lhe soprar nos olhos, sem exercer sobre ela qualquer ação física, pus-me apenas a pensar: "Quero que durma." Ao cabo de alguns instantes, entrava ela em letargia sonambúlica. Repito a mesma ordem mental, ela suspira e ei-la em letargia cataléptica.**

**De cada vez que formulo esse pensamento, transpõe ela um novo estado. O pensamento do magnetizador pode, pois, por uma influência inexplicável, mas que é aqui imediatamente verificável, fazer que o paciente percorra as diferentes fases, num sentido ou noutro."Sabe-se com quanto cuidado os Srs. Ochorowicz, Myers, Richet, De Dusart, Dr. Moutin, Boirac, Paul Joire, etc., realizaram essas experiências. É portanto certo que a sugestão pode ser exercida a distância.   
  
O Sr. Janet reconhece aqui a ação da vontade sem contacto material com o paciente; entretanto, para se escusar de tão grande audácia aos olhos dos seus doutos correligionários, apressa-se a dizer que o fato é inexplicável. Mas, porque, se faz favor? Sabemos que o ser humano possui uma força nervosa que pode exteriorizar-se e nem as experiências de Crookes sobre as forças psíquicas, nem as do Sr. de Rochas foram, que nos conste, demonstradas falsas. Por outro lado, não é certo também que a telegrafia sem fio deixou de ser um mito e constitui um fato experimentalmente demonstrado?**

**Assim, entre o Sr. Janet e o paciente que "recebeu uma educação bastante prolongada", um laço fluídico se criou, que transmite ao segundo a vontade do primeiro, sem dúvida do mesmo modo por que os raios luminosos do fotofono de Graham Bell transportavam as ondas magnéticas que, provavelmente, são mais materiais do que as do pensamento. É, em verdade, curioso observar como os experimentadores filiados a uma certa escola se exasperam diante dos fatos. Quando são suficientemente honestos para reconhecê-los reais e têm a coragem de proclamá-los tais, como o Sr. P. Janet, imediatamente se tomam de escrúpulos e procuram desculpar-se da grande ousadia que tiveram de pôr um pé no terreno vedado.**

**Nós, muito felizmente, não padecemos da mesma timidez; podemos interpretar livremente os fenômenos e dar-lhes todo o valor que comportam. É que, malgrado a todas as negações, estamos absolutamente certos de que a alma tem existência independente, apoiando-se a nossa crença em vinte anos de investigações severas, cujos resultados hão merecido a sanção dos mais incontestados mestres em todos os ramos da ciência. Podemos, pois, proclamar desassombradamente a verdade de tais resultados, sem temor de que o futuro nos desminta.  
  
Que é feito dos anátemas, zombeteiros ou solenes, lançados, vai para cinquenta anos, pelos cépticos e pelos pseudo-sábios? Foram juntar-se, no país do esquecimento, a todas as hipóteses malnascidas, às teorias cambaleantes, cujo passageiro êxito elas a deveram unicamente aos nomes de seus inventores e que se acham hoje completamente olvidadas. O Espiritismo, qual vigorosa árvore, precisou desse húmus para se desenvolver e, segundo uma palavra célebre, ele se eleva "alto e forte sobre as ruínas do materialismo agonizante".  
  
A ação da vontade sobre os fluidos  
Eis-nos agora armados de todos os conhecimentos necessários a explicar como os Espíritos se apresentam revestidos de túnicas, de amplas roupagens, ou, mesmo, de suas roupas costumeiras. Precisávamos demonstrar o poder da vontade fora do corpo. Fizemo-lo. Sabemos que os fluidos são formas rarefeitas da matéria, temos pois, ao nosso alcance, todos os documentos necessários. Aqui está, agora, a teoria espirita relativa a esse gênero de fenômenos. O Espírito haure, da matéria cósmica ou fluido universal, os elementos de que necessita para formar, à sua vontade, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra.**

**Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe dá certas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce, quando necessário, como um ato instintivo, sem dele se aperceber. Os objetos que o Espirito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade ou a uma necessidade. Pode fazê-los e desfazê-los a seu bel-prazer. Em certos casos, tais objetos assumem, aos olhos de pessoas vivas, todas as aparências da realidade, isto é, tornam-se momenta­neamente visíveis e, mesmo, tangíveis. Há formação, porém, não criação, porquanto do nada o Espírito nada pode tirar.  
  
Nos exemplos que aduzimos, a criação das vestes é atribuível a uma ação inconsciente, mas real, do Espírito, que materializou suficientemente aqueles objetos, para os tornar visíveis. A ação é a mesma que nos casos de materialização. É de notar-se, nas experiências de Crookes, que Katie Klng se mostra envolta em panos que podem ser tocados, mas que desaparecem com ela, finda a manifestação.  
  
Poder-se-á admitir que o Espírito crie inconscientemente imagens fluídicas, ou, por outra, que seu pensamento, atuando sobre os fluidos, possa, a seu mau grado, dar-lhes existência real? Sabemos, de fonte pura, que, voluntariamente, um objeto ou uma criatura podem ser representados mentalmente, de modo bastante real, para que um médium vidente chegue a descrever essa idéia. Fomos testemunha várias vezes desse fenômeno e daqui a pouco veremos que experiências feitas com pacientes hipnóticos estabelecem a objetividade dessas formações mentais.**

**E involuntariamente, será possível? Os estados do sonho como que indicam de que maneira a ação se executa. Quando temos um sonho lúcido, habitualmente nos achamos nele vestidos de um modo qualquer, o que provém da circunstância de estar a idéia de vestes associada sempre, de forma inteira, à imagem da nossa pessoa. Se pensamos numa reunião de gala ou numa festa à noite, vemo-nos em trajes de cerimônia, como nos vemos em trajes caseiros se pensamos no nosso domicílio.**

**Essa imagem, se se exteriorizasse bastante, pareceria vestida. Podemos, pois, imaginar que nos casos de desdobramentos, que são objetivações inconscientes, a imagem das vestes acompanha sempre o Espirito e experimenta, como ele, um começo de materialização. O mesmo se dá com os objetos usuais de que costumamos servir-nos: logo que neles pensamos, temos a sua representação mental, que se pode projetar fluldicamente no espaço. £ o que se passa no sonho, com a diferença de que tais produtos da imaginação, em geral, pouco duram. Há caso, no entanto, em que essas representações mentais persistem por certo tempo e se objetivam.(...)**

**08 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 207**

**XXXII - A VONTADE E OS FLUÍDOS  
Os ensinos que dos Espíritos recebemos a respeito de suas condições depois da morte fazem-nos melhor compreender as regras segundo as quais se transforma e progride o perispírito ou corpo fluídico. Assim, como já em outra parte indicamos, a mesma força que leva o ser, em sua evolução através dos séculos, a criar, para as suas necessidades e tendências, os órgãos precisos ao seu desenvolvimento; por uma ação análoga e paralela, também o incita a aperfeiçoar suas faculdades, a criar para si novos meios de manifestar-se, apropriados a seu estado fluídico, intelectual e moral.  
  
O invólucro fluídico do ser depura-se, ilumina-se ou obscurece-se, segundo a natureza elevada ou grosseira dos pensamentos em si refletidos. Qualquer ato, qualquer pensamento repercute e grava-se no perispírito. Daí as consequências inevitáveis para a situação da própria alma, embora esta seja sempre senhora de modificar o seu estado pela ação contínua que exerce sobre seu invólucro.  
  
A vontade é a faculdade soberana da alma, a força espiritual por excelência, e pode mesmo dizer-se que é a essência da sua personalidade. Seu poder sobre os fluidos é acrescido com a elevação do Espírito. No meio terrestre, seus efeitos sobre a matéria são limitados, porque o homem se ignora e não sabe utilizar-se das forças que estão em si; porém, nos mundos mais adiantados, o ser humano, que já tem aprendido a querer, impera sobre a natureza inteira, dirige facilmente os fluidos, produz fenômenos, metamorfoses que vão até ao prodígio.**

**No espaço e nesses mundos, a matéria apresenta-se sob estados fluídicos de que apenas podemos ter uma idéia vaga. Assim como na Terra certas combinações químicas se produzem unicamente sob a influência da luz, assim também, nesses meios, os fluidos não se unem nem se ligam senão por um ato da vontade dos seres superiores. Entretanto, a ação da vontade sobre a matéria entrou no domínio da experiência científica, graças ao estudo dos fenômenos magnéticos, feito por numerosos fisiologistas sob as denominações de hipnotismo e de sugestão mental.**

**Já se têm visto experimentadores, por um ato direto da vontade, fazerem aparecer chagas e estigmas sobre o corpo de certos indivíduos, fazerem daí correr sangue ou humores e, em seguida, operarem o curativo por uma volição contrária. Assim, a vontade humana destrói e repara a bel-prazer os tecidos vivos; pode também modificar as substâncias materiais a ponto de comunicar-lhes propriedades novas, provocando a ebriedade com água simples, etc.**

**Atua mesmo sobre os fluidos e cria objetos, corpos, que os hipnotizados vêem, sentem, tocam, e que, para eles, têm uma existência positiva e obedecem a todas as leis da óptica. É isso o que resulta das pesquisas e dos trabalhos dos Drs. Charcot, Dumontpellier, Liébault, Bernheim, dos professores Liégeois, Delbceuf, etc., cujas demonstrações podem ser lidas em todas as revistas médicas. Ora, se a vontade exerce tal influência sobre a matéria bruta e sobre os fluidos rudimentares, tanto melhor se compreenderá seu império sobre o perispírito e os progressos ou as desordens que nele determina, segundo a natureza de sua ação, tanto no curso da vida como após a desencarnação.  
  
Todo ato da vontade, já o dissemos, reveste uma forma, uma aparência fluídica, que se grava no invólucro perispirítico. Torna-se evidente que, se esses atos fossem inspirados por paixões materiais, sua forma seria material e grosseira. As moléculas perispirituais, impregnadas, saturadas dessas formas, dessas imagens, materializam-se a seu contacto, espessam-se cada vez mais, aproximam-se, condensam-se.**

**Desde que as mesmas causas se reproduzam, os mesmos efeitos acumulam-se, a condensação acelera-se, os sentidos enfraquecem-se e atrofiam-se, as vibrações diminuem de força e reduzem-se. Por ocasião da morte acha-se o Espírito envolvido por fluidos opacos e pesados que não mais deixam passar as impressões do mundo exterior e tornam-se para a alma uma prisão e um túmulo. Esse é o castigo preparado pelo próprio Espírito; essa situação é obra sua e somente cessa quando aspirações mais elevadas, o arrependimento, a vontade de melhorar, vêm romper a cadeia material que o enjaula.**

**Efetivamente, se as paixões baixas e materiais perturbam, obscurecem o organismo fluídico, os pensamentos generosos, em um sentido oposto, as ações nobres apu­ram e dilatam as moléculas perispiríticas. Sabemos que as propriedades da matéria aumentam com seu grau de pureza. As experiências de William Crookes demonstraram que a rarefação dos átomos produz o estado radiante. A matéria, sob este aspecto sutil, inflama-se, torna-se luminosa, imponderável.**

**O mesmo sucede com a substância perispiritual, pois esta é ainda matéria, porém em grau mais quintessenciado. Rarefazendo-se, ganha sutileza e sensibilidade; seu poder de irradiação e sua energia aumentam proporcionalmente e permitem-lhe que escape às atrações terrestres. O Espírito adquire, então, sentidos novos, com cujo auxílio poderá penetrar em meios mais puros, comunicar-se com seres mais etéreos.**

**Essas faculdades, esses sentidos, que franqueiam o acesso das regiões felizes, podem ser conquistados e desenvolvidos por qualquer alma humana, visto todas possuírem os seus germes imperecíveis. As nossas vidas sucessivas, cheias de trabalhos e de esforços, têm por alvo fazer desabrochar em nós essas faculdades. Já neste mundo as vemos despontar em certos indivíduos que, por seu intermédio, entram em relações com o mundo oculto.**

**Os médiuns em geral estão neste caso. Sem dúvida, o seu número aumentará com o progresso moral e a difusão da verdade. Pode-se prever que, um dia, a grande maioria dos entes humanos será apta a receber diretamente os ensinos desses seres invisíveis cuja existência ainda ontem negava. Essa evolução paralela entre a matéria e o Espírito, pela qual o ser conquista seus órgãos, suas faculdades; pela qual se constrói a si mesmo e se aperfeiçoa sem cessar, mostra-nos ainda a solidariedade que liga as forças universais, o mundo das almas e o mundo dos corpos.**

**Mostra-nos principalmente riquezas, inesgotáveis recursos que o ser pode criar por um uso metódico e perseverante da vontade, pois esta é a força suprema, é a própria alma exercendo seu império sobre as potências inferiores. Para regular o nosso adiantamento, preparar o nosso futuro, fortificarmo-nos ou nos rebaixarmos, é bastante fazer uso da vontade. Não há acaso nem fatalidade, mas, sim, forças e leis. Utilizar, governar umas, observar outras, eis o segredo de toda a grandeza e elevação. Os resultados produzidos entre nós pela vontade perturbam a imaginação dos mundanos e provocam a admiração dos sábios.**

**Tudo isso é, entretanto, pouca coisa ao lado dos efeitos obtidos nesses meios superiores em que, por determinação do Espírito, todas as forças se combinam e entram em ação. E se, nessa ordem de idéias, elevássemos ainda mais o nosso pensamento, não chegaríamos, por analogia, a entrever como a vontade divina, atuando sobre a matéria cósmica, pode formar sóis, traçar as órbitas do mundo, criar os universos?  
  
Sim, tudo pode a vontade exercida no sentido do bem e de acordo com as leis naturais. Muito também pode para o mal. Nossos maus pensamentos, nossos desejos impuros, nossos atos culpáveis, corrompem, por neles se refletirem os fluidos que nos rodeiam, e o contacto destes produz mal-estar e impressões desagradáveis nas pessoas que de nós se aproximam, pois todo organismo sofre a influência dos fluidos ambientes.**

**Do mesmo modo, sentimentos de ordem elevada, pensamentos de amor, exortações calorosas vão penetrar os seres que nos cercam, sustentá-los e vivificá-los. Assim se explica o império exercido sobre as multidões pelos grandes missionários e pelas almas eminentes. Embora os maus também assim possam exercer a sua influência funesta, podemos sempre conjurar esta última por volições em sentido inverso e através de resistência enérgica da nossa vontade. (...)**

**10 - Fonte viva - pág. Emmanuel - 23, 95**

**5 - CONSEGUES IR?  
  
"Vinde a mim..." teus, 11:28.)— Jesus. (MATEUS, 11:28)  
O crente escuta o apelo do Mestre, anotando abençoadas consolações. O doutrinador repete-o para comunicar vibrações de conforto espiritual aos ouvintes.  
  
Todos ouvem as palavras do Cristo, as quais insistem para que a mente inquieta e o coração atormentado lhe procurem o regaço refrigerante...  
  
Contudo, se é fácil ouvir e repetir o "vinde a mim" do Senhor, quão difícil é "ir para Ele"! Aqui, as palavras do Mestre se derramam por vitalizante bálsamo, entretanto, os laços da conveniência imediatista são demasiado fortes; além, assinala-se o convite divino, entre promessas de renovação para a jornada redentora, todavia, o cárcere do desânimo isola o espírito, através de grades resistentes; acolá, o chamamento do Alto ameniza as penas da alma desiludida, mas é quase impraticável a libertação dos impedimentos constituídos por pessoas e coisas, situações e interesses individuais, aparentemente inadiáveis.  
  
Jesus, o nosso Salvador, estende-nos os braços amoráveis e compassivos. Com ele, a vida enriquecer-se-á de valores imperecíveis e à sombra dos seus ensinamentos celestes seguiremos, pelo trabalho santificante, na direção da Pátria Universal...  
  
Todos os crentes registram-lhe o apelo consolador, mas raros se revelam suficientemente valoro­sos na fé para lhe buscarem a companhia.  
  
Em suma, é muito doce escutar o "vinde a mim" ...Entretanto, para falar com verdade, já consegues ir?**

**40 - ANTE O OBJETIVO  
"Para ver se de algum modo posso chegar à ressurreição." — Paulo.(FlLIPENSES, 3:11.)  
Alcançaremos o alvo que mantemos em mira: O avarento sonha com tesouros amoedados e chega ao cofre forte. O malfeitor comumente ocupa largo tempo, planificando a ação perturbadora, e comete o delito.  
  
O político hábil anseia por autoridade e atinge alto posto no domínio terrestre. A mulher desprevenida, que concentra as idéias no desperdício das emoções, penetra o campo das aventuras inquietantes. E cada meta a que nos propomos tem o preço respectivo.  
  
O usurário, para amealhar o dinheiro, quase sempre perde a paz. O delinquente, para efetuar a falta que delineia, avilta o nome. O oportunista, para conseguir o lugar de mando, muitas vezes desfigura o caráter.  
  
A mulher desajuizada, para alcançar fantasiosos prazeres, abdica, habitualmente, o direito de ser feliz. Se impostos tão pesados são exigidos na Terra aos que perseguem resultados puramente inferiores, que tributos pagará o espírito que se candidata à glória na vida eterna?  
  
O Mestre na cruz é a resposta para todos os que procuram a sublimidade da ressurreição. Contemplando esse alvo, soube Paulo buscá-lo, através de incompreensões, açoites, aflições e pedradas, servindo constantemente, em nome do Senhor.  
  
Se desejas, por tua vez, chegar ao mesmo destino, centraliza as aspirações no objetivo santificante e segue, com valoroso esforço, na conquista do eterno prêmio.**

**15 - Mecanismos da mediunidade - André Luiz - pág. 88, 161**

**Corrente mental humana - No homem a corrente mental assume feição mais elevada e complexa.  
No cérebro humano, gabinete da alma erguida a estágios mais nobres na senda evolutiva, ela não se exprime tão-só à maneira de impulso necessário à sustentação dos circuitos orgânicos, com base na nutrição e reprodução. É pensamento contínuo, fluxo energético incessante, revestido de poder criador inimaginável.  
  
Nasce das profundezas da mente, em circunstâncias por agora inacessíveis ao nosso conhecimento, porque, em verdade, a criatura, pensando, cria sobre a Criação ou Pensamento Concreto do Criador. E, após nascida, ei-la - a corrente mental -que se espraia sobre o cosmo celular em que se manifesta, mantendo a fábrica admirável das unidades orgânicas, através da inervação visceral e da inervação somática a se constituírem pelo arco reflexo espinhal, bem como pelos centros e vias de coordenação superiores.  
  
E, assim, percorre o arco reflexo visceral, vibrando:  
1) nas fibras aferentes, cuja tessitura celular permanece nos gânglios das raízes dorsais e dos nervos cranianos correspondentes;  
2) nas fibras conectoras mielínicas que se originam na coluna intermédio-lateral;  
3) nas fibras motoras originadas nos neurônios ganglionares e que terminam nos efetores ou fibras pós-ganglionares.  
  
Acima do nível espinhal, vibra, ainda:  
1) na integração pontobulbar em que se hierarquizam reflexos importantes, como sejam os da pressão arterial;  
2) no conjunto talâmico e hipotalâmico, em que se mecanizam os reflexos do Espírito;  
3) na composição cortical.  
  
A corrente mental, segundo anotamos, vitaliza, particularmente, todos os centros da alma e, conseqüentemente, todos os núcleos endócrinos e junturas plexiformes da usina física, em cuja urdidura dispõe o Espírito de recursos para os serviços da emissão e recepção, ou exteriorização dos próprios pensamentos e assimilação dos pensamentos alheios.  
  
Campo da aura - Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares.  
  
Evidenciam-se essas irradiações, de maneira condensada, até um ponto determinado de saturação, contendo as essências e imagens que lhe configuram os desejos no mundo íntimo, em processo espontâneo de auto-exteriorízação, ponto esse do qual a sua onda mental se alonga adiante, atuando sobre todos os que com ela se afinem e recolhendo naturalmente a atuação de todos os que se lhe revelem simpáticos.**

**E, desse modo, estende a própria influência que, à feição do campo proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor, tornando-se cada vez menor, mas a espraiar-se no Universo infinito.**

**23 - Pão nosso - Emmanuel - pág. 81**

**35 - O CRISTO OPERANTE  
"Porque aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, esse operou também em mim com eficácia para com os gentios." — Paulo. (GALATAS, 2:8.)  
A vaidade humana sempre guardou a pretensão de manter o Cristo nos círculos do sectarismo religioso, mas Jesus prossegue operando em toda parte onde medre o princípio do bem.  
  
Dentro de todas as linhas de evolução terrestre, entre santuários e academias, movimentam-se os adventícios inquietos, os falsos crentes e os fanáticos infelizes que acendem a fogueira da opinião e sustentam-na. Entre eles, todavia, surgem os homens da fé viva, que se convertem nos sagrados veículos do Cristo operante.  
  
Simão Pedro centralizou todos os trabalhos do Evangelho nascente, reajustando aspirações do povo escolhido. Paulo de Tarso foi poderoso imã para a renovação da gentilidade. Através de ambos expressava-se o mesmo Mestre, com um só objetivo — o aperfeiçoamento do homem para o Reino Divino.  
  
É tempo de reconhecer-se a luz dessas eternas verdades. Jesus permanece trabalhando e sua bondade infinita se revela em todos os setores em que o amor esteja erguido à conta de supremo ideal.  
  
Ninguém se prenda ao domínio das queixas injustas, encarando os discípulos sinceros e devotados por detentores de privilégios divinos. Cada aprendiz se esforce por criar no coração a atmosfera propícia às manifestações do Senhor e de seus emissários. Trabalha, estuda, serve e ajuda sempre, em busca das esferas superiores, e sentirás o Cristo operante ao teu lado, nas relações de cada dia.**

**33 - TREVO DE IDÉIAS - EMMANUEL - PÁG. 14**

**VONTADE E DESTINO**

**Tudo está matematicamente dosado nas formações da natureza, entretanto, as leis divinas estabelecem que a vontade consciente da criatura tome os ingredientes do mundo, com a possibilidade constante de tudo alterar, modificar, fazer e refazer, construir e reconstruir nas trilhas da existência.**

**Nitroglicerina e matéria silicosa constituem a dinamite, capaz de efetuar depredações e arrasamentos, mas, se o homem lhe controla as explosões, nela encontra valioso auxiliar de serviço.**

**Ferro e carbono, habilmente conjugados, compõem o aço comum que tanto satisfaz na prática belicista, como atende na base da indústria ou na garantia da construção.**

**Lama e detrito criam o charco, no entanto, se alguém lhe aplica drenagem conveniente, ei-lo que se converte em celeiro de pão. A laranjeira rústica estende pomos azedos, contudo, se recebe enxertia adequada, esparze larga cópia de frutos suculentos.**

**Assim também o destino. Culpa e resgate somam dificuldade e dor, mas se empregarmos fé viva em nossa capacidade de realizar o melhor, aceitando o sofrimento por recurso de correção e aprimoramento, ainda mesmo na sombra do extremo infortúnio, podemos traçar o caminho da paz e acender a chama da elevação.**

|  |
| --- |
| **XENOGLOSSIA** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - Allan Kardec - vol. 2 pág. 86** | **02 - Ciência e Espiritismo - pág. 131** |
| **03 - Diálogo com as sombras - pág. 214** | **04 - Estudando a Mediunidade - pág. 198** |
| **05 - Estudos Espíritas - pág. 74** | **06 - Guia do Espiritismo - pág. 177** |
| **07 - Hipnotismo e Espiritismo - pág. 94/111** | **08 - Metapsíquica humana - pág. 112** |
| **09 - O exilado - pág. 124** | **10 - Os fenômenos Espíritas - pág. 106** |
| **11 - Parábolas e Ensino de Jesus - pág. 268** | **12 - Para psicologia experimental - pág. 32** |
| **13 - Reencarnações no Brasil - pág. 10** | **14 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 189** |
| **15 - Saúde e Espiritismo - pág. 184** | **16 - Síntese de O Novo Testamento - pág. 214/233** |
| **17 - Vida e atos dos Apóstolos - pág. 15/146** | **18 - Xenoglossia - toda a obra** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**XENOGLOSSIA - COMPILAÇÃO**

**04 - Estudando a Mediunidade - Martins Peralva - pág. 198**

**xxxvm - Mediunidade poliglota  
Xenoglossia — ou mediunidade poliglota — é a faculdade pela qual o médium se expressa, oral ou graficamente, por meio de idioma que não conhece na atual encarnação. Há uma interessante monografia de Ernesto Bozzano, por sinal o mais completo estudo que conhecemos sobre o assunto, a qual serviu, subsidiariamente, para os nossos apontamentos.  
  
O presente capítulo deve, pois, ser considerado como o resultado das observações que extraímos do livro «Nos Domínios da Mediunidade» e das valiosíssimas anotações de Bozzano, em sua obra «Xenoglossia».  
A mediunidade poliglota pode ser classificada da seguinte maneira:  
a) — Falante (pela incorporação ou na materialização) ;  
b) — Audiente;  
c) — Escrevente (psicografia ou tiptologia);  
d) — Voz direta;  
e) — Escrita direta (mãos visíveis ou invisíveis).  
  
Xenoglossia falante é a em que o médium, incorporado, fala em qualquer idioma, seja inglês ou francês, latim ou hebraico, sem conhecer essas línguas. Pode, também, ouvir os Espíritos em outros idiomas, psicografar mensagens e, ainda, possibilitar sejam grafados caracteres estranhos, em lousas e paredes.  
  
Prescindimos de mencionar inúmeros casos, verificados em cada uma dessas modalidades, por não ser este o escopo fundamental deste livro. Todavia, podemos afirmar que não são apenas os tratados e monografias que registram tais fenómenos. O Velho e o Novo Testamento são ricos em comunicações xenoglóssicas.  
  
A mediunidade poliglota tem a sua causa no recolhimento de valores intelectuais do passado, os quais repousam na subconsciência do sensitivo ou médium. Ela decorre, primordialmente, de um simples fenômeno de sintonia no tempo. Que é «sintonia no Tempo»? E' o processo pelo qual a mente humana, ligando-se ao pretérito distante, provoca a emersão, das profundezas subconscienciais, de expressões variegadas e multiformes que ali jazem adormecidas.  
  
A subconsciência é o «porão da individualidade». Lá se encontram «guardados» todos os valores intelectuais e conquistas morais acumulados em várias reencarnações, como fruto natural de sucessivas experiências evolutivas. Só pode ser médium poliglota aquele que já conheceu, noutros tempos, o idioma pelo qual se expresse durante o transe.  
  
A criatura que, noutras encarnações, não conheceu o latim, não pode, mediunizada, expressar-se por ele. E' o que se depreende, por sinal com muita lógica, da explicação do Assistente Àulus: «Quando um médium analfabeto se põe a escrever sob o controle de um amigo domiciliado em nosso plano, isso não quer dizer que o mensageiro espiritual haja removido milagrosamente as pedras da ignorância.**

**Mostra simplesmente que o psicógrafo traz consigo, de outras encarnações, a arte da escrita já conquistada e retida no arquivo da memória, cujos centros o companheiro desencarnado consegue manobrar". Não basta, por conseguinte, ser médium para receber comunicações em outras línguas. É preciso tê-las conhecido no passado ou conhecê-las no presente. A leitura da excelente monografia de Bozzano e do livro ora apreciado, elucida exuberantemente o assunto, e confirma, sem dúvida, essa conclusão.**  
**05 – ESTUDOS ESPÍRITAS – DIVALDO P. FRANCO (JOANNA DE ÂNGELIS), pág. 74**

**A memória da aprendizagem e dos fatos não se perde nunca, pois que esta não é patrimônio das células cerebrais, que as traduzem, estando incorporada ao perispírito, que a fixa, acumulando as experiências das múltiplas existências, mediante as quais o Espírito evolui, nas diversas faixas que se lhe fazem necessárias.  
  
Crianças houve que foram capazes de se expressar corretamente em diversos idiomas, desde os dois anos de idade, sem os terem aprendido. Incontáveis crianças também revelaram pendor musical, compondo e interpretando peças clássicas antes que pudessem segurar um violino, ou dispor de mobilidade para uma oitava no teclado de um piano.Escultores deslumbraram seus mestres em plena idade infantil.  
  
Assim também, matemáticos, astrônomos, físicos modernos evocam da última reencarnação quanto aprenderam e agora retornam a ampliar, ainda mais, as suas aquisições para serem aplicadas a serviço da Humanidade. No passado, Jean Baratier, que desencarnou com a idade de dezenove anos, vítima de “cansaço cerebral”, falava corretamente diversos idiomas. Aos nove anos escreve um dicionário, com larga complexidade etimológica.  
  
William Hamilton com apenas três anos estudou o hebraico. Mais tarde, aos doze anos, conhecia 12 idiomas que falava corretamente.  
Outros – como no caso de Jaques Criston, que conseguia discutir utilizando-se do latim, grego, árabe, hebraico, sobre as mais diversas questões, com tranqüilidade – fizeram célebres. Henri de Hennecke, com dois anos, expressava-se em três línguas...  
  
Volumosa é a literatura sobre o assunto, não somente na xenoglossia, como em diversos ramos do Conhecimento. As evocações das vidas passadas independem da idade em que podem ocorrer. Naturalmente que na primeira infância são mais repetidas as lembranças da reencarnação anterior, pela facilidade com que o espírito, não totalmente interpenetrado pelas células físicas, conserva a memória das ocorrências guardadas.  
  
No presente, as experiências de regressão da memória, pela hipnologia, vêm trazendo larga e valiosa contribuição ao estudo da reencarnação, pelas largas possibilidades de comprovação de que se podem dispor, ampliando grandemente o campo das observações e provas.**

**06 - Guia do Espiritismo -Angelo de Micheli - pág. 177**

**Este termo representa o uso mediúnico de uma língua estrangeira (do grego: xênos = estrangeiro e glossa - língua). Trata-se de um fenômeno paranormal que ocorre nas sessões mediúnicas. A condição essencial é que o médium esteja em estado de transe. O médium escreve ou fala utilizando uma língua estrangeira, que ele não conhece e, por vezes, que os demais participantes também não conhecem. Este fenômeno é fácil de explicar: o médium está em condição de "possessão", ou seja, a Entidade toma posse do corpo físico do médium e se comunica através das suar cordas vocais (às vezes modificando-lhe a voz).**

**E eis como se manifesta o fenômeno da possessão: a personalidade do médium é completamente excluída sendo substituida por aquela da Entidade. Saliento que o fenômeno pode ser produzido também através da "voz direta" e da "escrita automática". Às vezes, mês nestas formas de manifestação o conteúdo das mensagens é língua desconhecida do médium. Muito raramente Entidades materializadas se comunicarar em língua estrangeira; poderia citar o fantasma de Nepenth que constitui um caso histórico interessantíssimo.  
  
As manifestações de xenoglossia em nível consciente são raríssímas, ainda que, em alguns casos, seja possível encontrar sinais delas. Tudor Polé, em sua obra The Silent Road (A estrada silenciosa) relata um estranho caso. Neste fenômeno mediúnico parece não haver limites para as possibilidades; de fato, parece que todas as línguas, até mesmo as mortas há séculos, podem ser consideradas. Numerosíssimas manifestações acontecem em dialetos locais e em formas extintas há séculos. Mas, é preciso ser cautelosos; de fato, as linguagens hoje extintas foram reconstruídas apenas parcialmente.  
  
Sons e formas obtidos através de mediunidade forneceram testemunhos autênticos de altíssimo interesse científico e parapsicológico. O fenômeno não é novo; em escritos do princípio do século XVI leêm-se referências a línguas desconhecidas, definidas como a "linguagem dos anjos", porque o fenômeno é imediatamente atribuído a uma origem mística. Existem línguas das quais não se conhece nem a origem nem a real procedência; apenas o médium, em alguns casos, sempre em estado de transe, forneceu a tradução da mensagem. É o caso do médium americano Albert Lê Baron, cujas mensagens eram incompreensíveis para os participantes mas, em seguida, a Entidade fornecia sua tradução.  
  
Uma experiência interessantíssima foi realizada por um médium, sob o controle do estudioso Tallmadge: o médium escrevia o Antigo Testamento em hieróglifos, afirmando que aquela constituía a redação autêntica da época. Um fenômeno semelhante foi negado durante longo tempo pela ciência. No início do século passado foi reconhecido como autêntico, mas não explicável à luz das hipóteses científicas. Ainda hoje este fenômeno constitui um obstáculo para aqueles que querem derrubar as doutrinas do espiritismo.  
  
Esta manifestação representa um dos fenômenos mais excepcionais e desconcertantes que aparecem e autenticam as doutrinas espíritas. O caso mais clamoroso, do qual as crônicas se ocuparam, é aquele da Entidade conhecida como "Lady Nona". Durante uns cinco anos, em Londres, um modesto grupo de experimentadores reunia-se sob o controle científico do Dr. Frederick. A médium que produzia esses fenômenos era Rosemary, por meio da qual a Entidade de Lady Nona, no decorrer dos cinco anos de sessões, forneceu explicações sobre a escrita Egípcia, sobre a dicção fonética do antigo idioma dos faraós, em Uso cerca de 1400 a.C.  
  
A origem desta maravilhosa experiência deve-se ao acaso. O Dr. Wood, apaixonado pelos fenômenos psíquicos, estava à procura de uma "boa" médium escrevente para tentar algumas Experiências. Propôs a uma amiga, uma professora, experimentar sua mediunidade latente e, eventualmente, colaborar com ele nas experiências. Esta jovem professora, de maneiras gentis, simples alegre, espantou-se com esta proposta. Essas "tolices" nunca haviam despertado nela nem mesmo a menor curiosidade, mas sob a insistência do Dr. Wood, consentiu na experiência.  
  
O êxito das primeiras sessões foi superior a todas as expectativas, trazendo à luz na novata surpreendentes capacidades mediúnicas. Depois de algumas experiências, a entidade-guia da jovem, que denominou-se Tibério, informou ao Dr. Wood que sua assistência deveria ser intensa e constante, uma vez que fora destinada à médium uma tarefa de especial importância. , Foram dois anos de preparação e treinamento, durante os quais a mediunidade de Rosemary se aperfeiçoou ainda mais, feriando na médium não apenas a possibilidade de uma ótima escrita automática, mas permitindo-lhe ouvir e falar com as Entidades presentes, mantendo-se em estado de transe. .**

**A essa altura manifestou outra Entidade: Lady Nona, que substituiu o espírito de Tibério. Desta troca de guarda pode-se dizer que data o início do caso de xenoglossia que mais interessou aos estudiosos. Com Lady Nona iniciou-se uma sequência de sessões que, durante anos, constituíram o mais interessante fenômeno que a história do espiritismo registra na área de xenoglossia. Os relatórios dessas memoráveis sessões estão reunidos em um grupo de mais de trinta volumosos livros, datilografados, fáceis de encontrar e acessíveis a qualquer pessoa.  
  
Convém examinar esta manifestação que representa uma melhores fontes para o estudo da xenoglossia. Em 1956 foi publicada a segunda edição do livro de Frederick H. Wood, This Egyptian Miracle (Este milagre egípcio), que se seguiu a duas publicações anteriores do mesmo autor: After thirty Centuries (Depois de trinta séculos) e Ancient Egypt speaks (Fala o antigo Egito). A obra, publicada em 1956, nasceu da colaboração entre o Dr. Wood e o egiptólogo, professor A. J. Howard Hulme; o conteúdo constitui material de estudo para egiptólogos e peritos em egiptologia ou no estudo dos hieróglifos.  
  
O livro reúne as mensagens transmitidas em língua egípcia arcaica, transcritas em sua edição fonética e traduzidas em língua inglesa. Pelos estudos realizados verificou-se a autenticidade do conteúdo, estabelecendo que a fonética utilizada pode ser datada de 2400 a 1536 a.C., período definido como Médio Império. Cerca de vinte anos depois desta produção, Pasquale Brazzini retoma seu estudo na revista Luce ed Ombra (Luz e sombra), no número 3, maio/junho de 1956.  
  
O nome da médium Rosemary é um pseudônimo adotado pela interessada para encobrir sua própria identidade. A mediunidade desta jovem exprimia-se não apenas sob a forma de escrita, falante, vidente e clarividente, em um estado de constante semitranse; a médium também era capaz de produzir experiências de desdobramento e outras manifestações paranormais que extrapolam desta investigação. O nome da entidade-guia da médium era Muriel, que afirmou ser sua única tarefa preparar a médium para interessantes experiências e assim aconteceu. Em outubro de 1848 Muriel entregou a médium a uma nova entidade que se fazia chamar "Nona".  
  
Nona era uma senhora nobre egípcia que, durante as primeiras sessões, por meio da escrita automática, comunicou o próprio nome e que, somente mais tarde, falou através da boca da médium, com voz cordial e agradável. Através destas conversas, soube-se que seu verdadeiro nome era TELIKA VENTIU, princesa que vivera no antigo Egito, filha de nobre babilônio, dada como esposa ao faraó. Seu fim foi trágico porque, contrária à religião do Estado, seguindo o monoteísmo que encontrava no Egito a primeira exaltação, foi afogada pelos sacerdotes seus inimigos, que simularam um acidente. Afogou-se no Nilo com uma escrava devotada.  
  
A primeira consideração que surge espontânea diante de tal narrativa é simples: poderia ser uma personalidade particular da médium. Tenho motivos válidos para sustentar que não existe nenhuma correlação entre as duas personalidades, embora Lady Nona tivesse, com o Dr. Wood e com a própria médium, interessantes provas de interdependência da médium. No conteúdo das suas mensagens destacam-se usos, costumes e notícias detalhados n respeito da vida que ela levava no Egito. Forneceu informações sobre os templos, a religião e os ritos que constituíam objeto de vida do seu tempo. Falou a respeito dos instrumentos musicais da época, das formas para a preparação de uma múmia mas, sobretudo, pôde-se obter informações sobre a personalidade e sobre as iniciativas do faraó.  
  
É possível afirmar com certeza que nem a médium nem o Dr. Wood tinham conhecimentos de tais informações, por não dispor de nenhum conhecimento prévio em matéria de egiptologia. As informações obtidas por via mediúnica demonstrara ser autênticas, depois de estudos e confrontos efetuados no museu londrino (British Museum). Com base em tais relevações foi possível estabelecer que a egípcia Telika deve ter sido Amenotep III (1406-1370 a.C.).  
  
Querer examinar detalhadamente este caso de xenoglossia exigiria volumes que outros já publicaram: procurarei limitar-me a destacar a fase inicial de estudo que se seguiu à publicação de alguns artigos de Wood, na revista The Two Worlds (Os dois mundos).  
(...)**

**16 - Síntese de O Novo Testamento - Mínimus - pág. 214/233**

**LÍNGUAS DE FOGO. O DISCURSO DE PEDRO  
  
Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar, quando de repente veio do céu um ruído, como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa e lhes apareceram umas como línguas de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito-Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem (XENOGLOSSIA).**

**Homens de todas as nações, que habitavam Jerusalém, ajuntaram-se ali e ficavam maravilhados, porque cada um ouvia falar na sua própria língua. E como não encontravam explicação para o fenômeno, muitos procuravam ridicularizá-los, dizendo: - Estão cheios de mosto, estão alcoolizados.**

**Pedro, porém, levantando a voz lhes disse: - Estes homens não estão embriagados, como supondes, mas agora se cumpre o que dissera o profeta Joel: -E acontecerá nos últimos dias, diz o Eterno, que derramarei o meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões, vossos velhos terão sonhos; sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias, e profetizarão.**

**Mostrarei prodígios em cima, no céu; e sinais, em baixo na terra; sangue, fogo e vapor de fumo. O sol se converterá em trevas; e a lua, em sangue, antes que chegue o grande e glorioso dia do Eterno. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Eterno será salvo.**

**Após falar longo tempo aos israelitas e de responder-lhes às perguntas, Pedro e seus companheiros batizaram inúmeras pessoas, sendo admitidos naquele dia quase três mil adeptos.**

**OS VENDEDORES DE IMAGENS  
Voltando a Éfeso, Paulo batizou em nome de Jesus cerca de doze discípulos, que só havia recebido o batismo de arrependimento, o batismo de João. Impondo-lhe as mãos, veio sobre eles o Espirito-Santo e eles falavam em diversas línguas e profetizavam. Durante 3 meses compareceu Paulo à sinagoga, pregando ousadamente, mas, como alguns incrédulos e endurecidos falavam mal do Caminho, passou ele a discutir diariamente na escola de Tirano, pelo espaço de dois anos.**

**Tais milagres Deus fazia pelas mãos de Paulo que muitos levavam lenços e aventais do apóstolo e, com tais objetos, as enfermidades os deixavam e deles saíam os Espíritos malignos. Exorcistas, filhos de um dos principais da sinagoga, tentaram expelir Espíritos malignos que se apossaram de algumas criaturas, invocando o nome do Jesus pregado por Paulo; mas um Espírito maligno lhes disse:   
  
— Conheço a Jesus, e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois? — E assim falando, o homem, sobre o qual atuava o Espírito maligno, apoderou-se de dois dos pretensos doutrinadores e os dominou na luta, de tal modo que, nus e feridos, fugiram daquela casa.  
  
Este fato se tornou conhecido de todos os judeus e gregos residentes em Éfeso, ocasionou inúmeras conversões e fez que vários mágicos queimassem os seus livros em público. Por essa ocasião traçou Paulo os seus planos futuros, entre os quais se encontrava a sua viagem a Roma, mas, antes de qualquer deliberação, enviou Timóteo e Erasto à Macedônia.  
  
Novamente os interesses materiais prejudicados ocasionaram lutas contra os evangelizadores: — Prejudicados com a diminuição das vendas das imagens da deusa Diana, fonte de lucros que receavam perder, os que viviam desse comércio se reuniram e acusaram os discípulos por afirmarem que não eram deuses os que são feitos por mãos humanas, e que, dessa forma, desconsideravam a grandeza do templo de Diana, a quem todo o mundo adorava.**

**Alguns discípulos foram arrebatados e grandes seriam os seus sofrimentos se não fosse a intervenção conciliadora do escrivão da cidade, que aconselhou aos efésios o recurso aos tribunais, visto que, assim, como pretendiam fazer, poderiam ser acusados como responsáveis pela sedição daquele dia.  
  
18 – XENOGLOSSIA – ERNESTO BOZZANO (TODA A OBRA)**

**Introdução: O termo “xenoglossia”( mediunidade poliglota) foi o professor Richet quem o propôs, com o intuito de distinguir, de modo preciso, a mediunidade poliglota propriamente dita, pela qual os médiuns falam ou escrevem em línguas que eles ignoram totalmente e, às vezes, ignoradas de todos os presentes, dos casos afins, mas radicalmente diversos, de “glossolalia”, nos quais os pacientes sonambúlicos falam ou escrevem em pseudo-línguas inexistentes, elaboradas nos recessos de suas subconsciências, pseudo-línguas que não raro se revelam orgânicas, pelo serem conformes às regras gramaticais.  
  
Do ponto de vista teórico, a “mediunidade poliglota” se mostra uma das mais importantes manifestações da fenomenologia metapsíquica, pois, por ela, se eliminam de um só golpe todas as hipóteses de que disponha quem queira tentar explicá-las, sem se afastar dos poderes supra-normais inerentes à subconsciência humana, porquanto a interpretação dos fatos, no sentido espiritualista, se impõe aqui de forma racionalmente inevitável.  
  
Quer isto dizer que, graças aos fenômenos de “xenoglossia”, se deve considerar provado que, nas experiências mediúnicas, intervém entidades espirituais extrínsecas ao médium e aos presentes. Não ignoro que os propugnadores, a todo custo da origem subconsciente de toda a fenomenologia metapsíquica, não chegando a explicar as manifestações em apreço, por meio das hipóteses de que dispõem, formularam timidamente uma outra, que se denomina “memória ancestral”, segundo a qual os médiuns seriam aptos a conversar numa língua inteiramente desconhecida deles, desde que algum de seus antepassados houvesse pertencido ao povo cuja língua elas falam.  
  
Nesse caso fora de presumir-se que as condições mediúnicas fazem brotar, das estratificações de uma hipotética memória ancestral subconsciente, o conhecimento pleno do idioma falado pelo ascendente do médium.  
Na xenoglossia já houve casos com o “automatismo falante”, casos com o “automatismo escrevente”, casos por meio da “voz direta” e casos por meio da “escrita direta”.  
  
Categoria I – Casos de xenoglossia obtidos com o “automatismo falante” e a mediunidade audiente.  
Estas duas modalidades de características extrínsecas dos fenômenos que examinamos, conquanto notavelmente diversas entre si, resultam afins, porquanto derivam ambas de um fenômeno mais ou menos avançado de “possessão mediúnica” e algumas vezes se desenvolvem entrecruzadas. Daí decorre que não podem separar-se, ao serem classificadas.  
  
Categoria II – Casos de xenoglossia obtidos com o “automatismo escrevente” (psicografia)  
Do ponto de vista científico, os casos que formam esta categoria são os melhores, por isso que o texto escrito em língua que o médium ignorava fica, como documento irrefragável, à disposição dos estudiosos, ao passo que, com os médiuns pelos quais falam entidades extrínsecas, quase sempre ocorre termos que fiar do perspicaz discernimento dos experimentadores, a menos que entre estes haja quem tome o encargo de registrar diligentemente as palavras que o médium profere.  
  
Como se há visto, na precedente categoria citamos diversos casos em que essa regra de indagação foi observada. Pelo diz respeito a esta outra, previno que, embora seja mais rica em episódios, se apresentará, como a primeira, muito reduzida quanto ao número dos casos apreciados, devido ainda à forma anedótica em que eles, na sua maioria, são relatados.  
  
Categoria III – Casos de “xenoglossia” por meio da “voz direta”:  
No que concerne à presente categoria, faz-se necessária uma observação de ordem geral muito interessante: a de que, nas experiências de “voz direta”, o de “xenoglossia” é fenômeno mais ou menos freqüente, tão freqüente que quase não há bons “médiuns” dessa natureza, que não tenham oferecido e não continuem a oferecer notáveis exemplos do aludido fenômeno.  
  
Daí o dever inferir-se que as comunicações mediúnicas por meio da “voz direta” se prestam de modo muito especial à exteriorização das conversações poliglotas, o que, presumivelmente, se deve atribuir à circunstância de permitir, essa forma de mediunidade, que a entidade comunicante se mantenha bastante independente do psiquismo do “médium”, para ficar em condições de exprimir-se numa língua que este último ignora.**

**Ora, isto, as mais das vezes, não seria possível com a “psicografia”, porquanto esta se produz mediante a transmissão telepática do pensamento da entidade comunicante ao “médium”, que o traduz subconscientemente na sua língua, salvos os casos em que aquela entidade consegue influenciar mais ou menos diretamente, no “médium”, os centros cerebrais da linguagem falada ou escrita (possessão mediúnica).**

|  |  |
| --- | --- |
| **XIFÓPAGOS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Contos e Apólogos - pág. 51** | **02 - Gestação sublime intercâmbio - pág. 183** |
| **03 - O livro dos Espíritos - questão 212** | **04 - Perispírito e suas modelações - toda a obra** |
| **05 - Revista cristã de Espiritismo - ano 3, n° 13** | **06 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**XIFÓPAGOS** **– COMPILAÇÃO**

**03 - O livro dos Espíritos - Allan Kardec - questão 212**

**Perg. 212 - Nas crianças cujos corpos nascem ligados, e que têm certos órgãos comuns, há dois Espíritos, ou seja, duas almas? - Sim, mas a sua semelhança faz que muitas vezes não vos pareçam mais do que uma.**

**05 - Revista cristã de Espiritismo - ano 3, n° 13**

**A ciência como um todo, mas especialmente a medicina, tem surpreendido a humanidade quase semanalmente com descobertas e experiências capazes de causar perplexidade e, não raro, temor pelas possíveis consequências éticas. Dentre as mais recentes, poderíamos cítar a clonagem, o uso da engenharia genética em humanos, cirurgias realizadas por robôs, operações intrauterinas, técnicas de transplantes cacla vez mais ousadas etc.  
  
No início de novembro do ano passado, o mundo tomou conhecimento da polêmica envolvendo uma cirurgia realizada na Inglaterra, visando a separação de duas meninas xifópagas. O que mais fomentou a discussão é que tal intervenção decretaria necessariamente (como de fato causou) a morte de uma delas, caracterizando a eutanásia para muitas opiniões. A família, proveniente da ilha de Malta e católica praticante, opunha-se, mas a direção do hospital recorreu a justiça e consumou a cirurgia.  
  
Antes de adentrarmos na análise das nuanças deste caso em particular, é conveniente nos situarmos em relação à gênese do fenômeno. Na bibliografia espírita, encontramos referências aos xifópagos em duas obras: Gestação, sublime intercâmbio, do médico Ricardo Di Bernardi, e Perispírito e suas Modelações, publicação bem recente de Luiz Gonzaga Pinheiro. Em uma, temos a respeitada opinião de um profissional da área e, em outra, relatos obtidos a partir de desdobramentos mediúnicos. Faremos as citações quando forem oportunas, paraïlustrar ou acrescentar algo mais aos nossos comentários.  
  
O QUE DIZ A MEDICINA?  
Do ponto de vista médico, os casos de siameses compõem o interessante capítulo da embriologia chamado "teratologia". Nela se estudam as anormalidades anatômicas acusadas em um único indivíduo ou em duplos, sendo que entre estes, conforme as partes do corpo ligadas, existem várias classificações e sub-classificações. Teríamos na classificação principal os "monstros de eixos corporais paralelos" (teratópagos), os em forma de "Y", "Y" invertidos e os parasitários.  
  
Nos primeiros, teríamos os toracópagos (ligados pelo tórax), os esternópagos (ligados pelo osso esterno), os cefalotoracópagos (ligados pela cabeça e tórax), os metópagos (ligados pela face) e os pigópagos (ligados pelo dorso). Naqueles em forma de "Y", há uma bifurcação a partir de certo ponto do eixo do corpo, isto é, duas cabeças e dois troncos para um par de pernas. Nos "Y" invertidos, há uma cabeça e tronco e pares de membros duplos.  
  
No grupo dos parasitários (classificação interessante do ponto de vista espiritual), um dos indivíduos é atrofiado e parasita o outro, que, em geral, é bem desenvolvido e proporcionado. Às vezes, nos pigômelos, do segundo só há o par de pernas suplementares. Aqui também se enquadra o parasita interno na forma de tumores benignos, às vezes atingindo o tamanho da cabeça de uma criança e contendo órgãos mais ou menos completos, como ossos, fígado, cérebro etc., além dos "quistos dermóides", surgíveis em qualquer tecido do corpo, especialmente ovários. São pêlos; unha, músculos, etc.   
  
Em muitos destes casos, os siameses, que sempre são do mesmo sexo, desenvolvem-se até a idade adulta e alguns se casam e têm filhos, como Mirtle Corbum, a chamada "mulher dupla", no Texas em 1915. Embora a fonte informe que possuía quatro pares de pernas, a fotografia parece indicar a existência de somente dois, bem como dois aparelhos genitais completos. Ela teve cinco filhos, três num sistema e dois no outro. Violeta e Daisy Milton também casaram, com um único marido.  
  
O caso das xifópagas separadas na Inglaterra, segundo o que apuramos, seria classificada como em forma de "Y", quase atravessadas, porém com forte componente parasitário, visto que possuíam um só par de pulmões e um único coração, pertencentes, na realidade, a uma delas apenas. A sobrecarga cardio-respiratória em pouco tempo levaria as duas ao óbito. Daí a argumentação dos médicos para se fazer a cirurgia, mesmo contrariando a vontade da família.**

**LEMBRETE:**

**É O PODEROSO VÍNCULO NOCIVO ENTRE DUAS MENTES EM DESALINHO QUE FAZ COM QUE, AO INVÉS DE OCORRER A SEPARAÇÃO NORMAL QUE DARIA ORIGEM A DOIS GÊMEOS IDÊNTICOS, SIMPLESMENTE SE MANTENHAM OS DOIS EMBRIÕES UNIDOS.  
EDIVALDO  
  
ÓDIOS, OBSESSÃO E EXPIAÇÃO  
Do ponto de vista espiritual, entendemos se tratar provavelmente de dois espíritos ligados por ódio extremo, talvez de muitas reencarnações, e que renascem nestas condições não por livre escolha ou punição divina, mas por uma espécie de determinismo originado na própria lei de causa e efeito. Alternando-se as posições como algoz e vítima e, também, de plano (físico e espiritual); impelidos por irresistível atração de ódio e desejo de vingança, buscam-se sempre e acabam se reencontrando por vezes em circunstâncias dramáticas, que os obrigam a partilhar até do mesmo sangue vital e do ar que respiram.  
  
Com o sofrimento decorrente das limitações físicas e as dores morais do convívio forçado e da exposição à curiosidade pública, um pouco das energias deletérias acumuladas em seus perispíritos serão drenadas. A convivência ensejará que os dois seres, durante a trajetória (seja ela mais longa ou muito curta), estabeleçam laços de parceria e apoio, despertando sentimentos de amizade, de respeito e início de reconciliação pelo perdão, ainda que manifestos.  
  
Na erraticidade, terão que lutar contra o assédio mórbido que ainda tentará enredá-los nas mesmas tramas nefastas do passado, revivendo as tristes cenas de paixões incontroladas e de perseguição cruel. Dependerão de seus esforços, apoiados pelos espíritos familiares, simpáticos e socorristas, para que resistam às tentações de retrocesso e sigam o caminho da regeneração e do amor.  
  
O Dr. Ricardo Di Bernardi entende que se a permuta de energias desequilibradas for muito intensa e em nível intelectual, ocorre uma profunda desarmonização dos centros de força perispiritual coronário de ambos. Tal fusão energética pode atuar como modelador de uma única cabeça para dois troncos (Y). Quando o desequilíbrio se prende mais aos sentimentos, haveria o envolvimento dos centros de força cardíaco e gástrico e apareceria, então, os xifópagos de "Y" invertido ou letra Lambda.  
  
Deduziríamos que, nos casos parasitóides, poderíamos estar diante de processos de vampirismo, onde a força magnética maléfica de um prevalece, impõe-se, invade e se implanta de tal forma no perispíto da vítima que o inibe, provocando atrofia física parcial. Nos casos de quistos e similares, pode se tratar de espíritos culpados, cujos perispíritos se encomram profundamente ligados por graves e seculares desequilíbrios que fazem tentativas de reencarnação, drenando, assim, mesmo que frustradas inicialmente, quantidade expressiva de energias, extremamente negativas, além de poder estar servindo de expiação ou prova para a mãe.  
  
De qualquer forma, é o poderoso vínculo nocivo entre duas mentes em desalinho que faz com que, na hora da divisão do zigoto, em vez de ocorrer a separação normal que daria origem a dois gêmeos idênticos, simplesmente se mantenham os dois embriões unidos. O confrade Luiz Gonzaga Pinheiro, baseado nas informações de sua equipe de trabalho, em mais de uma vez afirma que casos de vampirismo e ódios intensos impõem, por vezes, o renascimento de corpos ligados, com possibilidade de o mesmo ser atenuado para gêmeos univitelinos.**

**Num deles, uma mulher grávida de antigo inimigo cometeu suicídio. Em outro, inimigos por três séculos e quatro encarnações, xifópagos em "Y" invertido, desencarnaram aos quatro anos de idade e ainda mantinham no plano espiritual a mesma aparência tal qual um enxerto em vegetais: um amputado pelas pernas e acoplado no tronco do outro.**

**O médium observa no perispírito do que não possui pernas a sombra destas, informa se tratar do corpo mental e que haveria, futuramente, uma cirurgia de separação de perispírito, a remodelagem do atrofiado e uma reencarnação como gêmeos univitelinos.   
  
O CASO DAS MENINAS MALTESAS   
Analisaremos agora mais detidamente o caso particular das meninas maltesas, não quanto às causas espirituais, mas com relação aos problemas éticos envolvidos e suas consequências. Os médicos cometeram eutanásia e deveriam ter sido impedidos pela justiça. E esta pode prevalecer sobre o direito de escolha dos pais? E os espíritos, que não puderam opinar, como ficam? O que foi constrangido a desencarnar terá diminuído seus débitos ou poderá aumentá-los, devido à revolta?  
  
Porém, antes de examinarmos o caso das meninas de Malta, vale acrescentar que, segundo o pediatra Percy Sandoval Ribera, de Joinville (SC), responsável pela equipe médica que faria a separação dos irmãos Lucas e Gabriel em 20 de fevereiro deste ano, a estimativa mundial para a ocorrência de nascimento de gêmeos com um ou mais órgãos ligados é de um para 14 milhões.  
  
Quanto às suas pausas, há muitas dúvidas científicas a respeito. Para a obstetra Ailena Franck, professora de histologia e embriologia da Faculdade Evangélica de Curitiba, a explicação mais aceita é a de que ocorra uma divisão tardia do ovo durante o início da multiplicação celular. Outros são da opinião de que o problema resida nos genes 130 e 150 que seriam defeituosos.  
  
A incidência maior é na África, mas não por razões raciais, visto que, nos Estados Unidos, com elevado percentual de negros na população, são estatisticamente poucos os casos. O termo "siameses" surgiu com os gêmeos Chang e Eng, nascidos em 1811 no Sião, Tailândia. Falou-se até que indicavam o próximo final do mundo. Vendidos a um circo, casaram com mulheres diferentes e tiveram 22 filhos, morrendo aos 62 anos de idade.  
  
No Paraná, tivemos alguns casos recentes. Há cinco anos, houve um caso em forma de "Y" (com duas cabeças) e as crianças morreram logo após o parto, em Curitiba. Estavam ligadas pelos pulmões, fígado e coração. Num dos outros dois casos desse período, em Umuarama, a ligação era pelo tórax e abdome e os gêmeos também não sobreviveram ao primeiro dia.  
  
POR QUE TANTA POLÊMICA:  
Quanto ao caso das meninas maltesas, no qual a cirurgia de separação culminou com a morte de uma delas (fato dado como inevitável antes mesmo de ser realizada), temos a análise especialíssima dos fatores éticos. Não se pode fechar questão num raciocínio maniqueísta de que tal ou qual parte envolvida está totalmente certa ou não. Vejamos.  
  
A família, católica praticante, foi contra a cirurgia, por entender que, na verdade, estaria se cometendo eutanásia, mas perdeu o direito de decisão porque os médicos recorreram à Justiça. Podemos traçar um paralelo deste caso com a legislação brasileira quanto à doação de órgãos. A lei em vigor determina que quem decide sobre a doação é o próprio paciente (quando em vida, naturalmente), devendo constar em sua carteira de identidade a condição de doador ou não. Na prática, porém, a última palavra tem sido da família.   
  
Agora já há um projeto para alterar a lei, atribuindo o direito de decisão à família, situação vigente de fato. Outra situação é com relação à transfusão de sangue, não permitida pelos seguidores de certo segmento religioso. Houve casos em que a palavra dos médicos prevaleceu, em outros não.  
  
Entendemos que cada caso é um caso, mesmo pentro de aparente igualdade de Circunstâncias. Mas quem pode julgar: A justiça, como no caso em foco? Mas as leis humanas podem se sobrepor às divinas? Por outro lado, até onde a religião, com suas diversas e nem sempre corretas maneiras de interpretação, pode se impor acima da razão e da ciência?  
  
Por juramento, os médicos estão obrigados a salvar vidas. Pode-se argumentar que, no caso, é preferível salvar uma, ainda que com graves limitações futuras caso sobreviva, do que perder ambas. Em O Livro dos Espíritos, questão 359, esclarecem-nos os autores que, em caso de risco de vida à futura mãe, é preferível sacrificar a do feto,"do ser que ainda não existe para preservar a da que já existe". Na realidade, vida já existe desde a concepção, mas se completa no nascimento, pois o novo ser está ainda em formação.   
  
Talvez caiba aqui o raciocínio de que, sob risco de se perder as duas vidas, envidem-se os esforços para ficar pelo menos com uma. Outro ponto a favor dos médicos no cumprimento de seu dever está na comparação com o caso do soldado que mata na guerra. Na questão 749 da obra citada, os espíritos respondem que o homem não é culpado quando constrangido pela força. E na 748, explicam que o mesmo se dá em qualquer caso de legítima defesa. Portanto, a nosso ver, os médicos estão isentos de culpa, visto que foram movidos pelo sentimento de dever profissional e mesmo humanitário.  
  
FORMA DE REAJUSTE?  
Independente da anormalidade, as crianças não dispunham da capacidade de exercício do livre-arbítrio devido à idade e não puderam opinar. Os outros decidiram por elas: uma vive, a outra morre. Mas quem pode adentrar às causas espirituais que enlaçaram dramaticamente corpos, vidas e destinos desses dois espíritos? Não teríam ímpedido talvez este sacrifício? Por que exatamente a vida de uma ficou tão a mercê da outra? Os poucos dias ou semanas que ambas permaneceriam ligadas não seriam a execução de uma decisão prévia e voluntária, cuidadosamente planejada para oferecer oportunidade de reajuste e colocar fim às querelas seculares?  
  
O que representa tal intervalo de tempo de sofrimento físico diante da imortalidade do espírito? Ah, mas elas não têm consciência disso, pode-se alegar. Enquanto dentro dos vasos carnais talvez não, mas uma vez libertas pelo sono e, depois, pelo desencarne, têm-na totalmente. Como dissemos, as enfermidades em geral provêm do espírito, da mente em desequilíbrio e culpada, refletidas no perispírito. Para a completa liberação, precisam ser drenadas para a periferia da individualidade, o corpo físico.  
  
A priori, portanto, não se pode julgar se, neste caso, os médicos e os juizes estão certos e a família errada ou vice-versa. O assunto dividiu a própria classe médica inglesa. O que fica de lição é que o homem não pode mais se privar de considerar a si mesmo como um ser composto de corpo, perispírito e alma. Enquanto insistir em ver só o lado somático, estará correndo grave risco de cometer equívocos de toda ordem. A vida espiritual, antes e depois da passagem terrena, tem que ser considerada, alargando-se a visão do nosso papel aqui na Terra.  
  
As comunidades médicas, científicas e religiosas precisam debater, mas juntas, cada uma respeitando e procurando aceitar o que for justo na posição dos outros. Quanto à posição espírita, colocar-se-á ao lado da razão que ilumina e do sentimento que eleva, sem fanatismos ou pieguices. Lembremo-nos que, aos olhos de Deus, nada escapa, nenhum pensamento, nenhuma intenção. Ele indica a estrada, mas é o homem que deve aprender a caminhar.**